



**ANA LUÍSA REGO
MELRO**

GERAÇÕES DE ECRÃ EM MEIO RURAL

Estudo dos novos *media* no quotidiano rural português
de três gerações



**ANA LUÍSA REGO
MELRO**

GERAÇÕES DE ECRÃ EM MEIO RURAL
Estudo dos novos *media* no quotidiano rural português
de três gerações

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Lúcia de Jesus Oliveira Loureiro da Silva, Professora Auxiliar com Agregação do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Fruto do apoio incondicional da minha família, é-lhe inteiramente dedicada.

o júri

presidente

Prof.^a Doutora **Maria Ana Dias Monteiro Santos**
Professora Catedrática da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor **Moisés Adão Lemos Martins**
Professor Catedrático do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho

Prof. Doutor **Armando Manuel Barreiros Malheiro da Silva**
Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Prof.^a Doutora **Maria Cristina Mendes da Ponte**
Professora Auxiliar com Agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Prof.^a Doutora **Lídia de Jesus Oliveira Loureiro da Silva**
Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro (**Orientadora**)

Prof. Doutor **Gustavo Alberto Guerreiro Seabra Leitão Cardoso**
Professor Auxiliar com Agregação do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Prof.^a Doutora **Elisabete Maria Melo Figueiredo**
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Os trabalhos de investigação desta natureza pautam-se por serem caminhos bastante solitários, por vezes, longos e até um pouco sinuosos. O objetivo final do alcance do conhecimento reduz alguns destes sentimentos, mas também a presença das pessoas certas em determinados momentos.

Primeiro e mais importante foi a presença ao longo de todo o processo da investigação da orientadora, Professora Doutora Lúcia Oliveira da Silva. Sem a sua determinação, capacidade crítica, sem os seus incentivo e desafio permanentes, certamente não teríamos chegado aqui. Fomos uma verdadeira equipa e isso é demonstrado no trabalho que aqui se apresenta.

À Professora Doutora Cristina Ponte, pelos excelentes e pertinentes contributos aquando da defesa do projeto de tese e, mais tarde, na construção do inquérito por questionário.

À *Associação Desportiva Os Limianos* pela cedência das instalações e disponibilidade constante.

Aos participantes nos *focus groups* e aos respondentes dos diários, pela paciência e também pela disponibilidade para participar.

A todas as escolas contactadas para distribuição dos inquéritos por questionário, por acederem ao nosso pedido e pela forma célere como conduziram todo o processo.

A todos os respondentes do inquérito por questionário, também sem eles não seria possível desenvolver uma parte importante do trabalho aqui apresentado.

Aos alunos da turma de Cibercultura, do 3º ano da licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação (Universidade de Aveiro), do ano letivo de 2011/2012, pelo contributo que deram na inserção dos dados, análise e sugestões de melhoramento do inquérito.

Aos Professores Doutores Fernanda Ribeiro, Fernando Ramos, Maria João Antunes e Elisabete Figueiredo pelas sugestões e críticas ao inquérito por questionário.

Ao Professor Doutor Francisco Severo de Almeida pela leitura atenta e questões apontadas aquando da defesa no *Summer Doctoral Consortium*. E também à Professora Doutora Brasilina Passarelli pelos pertinentes comentários.

Aos Professores Doutores Fernando Ramos e Armando Malheiro pela disponibilidade em responder a todas as dúvidas e pelas sugestões.

Por fim, mas igualmente importante, agradeço a todos os meus colegas de doutoramento, foi também a vossa persistência e análise crítica que me permitiram chegar ao fim.

Foi também com todos os contributos que se fez a investigação agora apresentada.

palavras-chave

Gerações de ecrã; meio rural; novos *media*; contextos laboral/escolar, de lazer, familiar; redefinição de tempos e espaços; capital social.

resumo

Desde finais da década de 50, com o aparecimento e progressiva disseminação da televisão pelas casas portuguesas (atualmente, numa parte significativa delas, existe em mais do que um compartimento); passando pelo computador, na década de 70; e, finalmente, a forma como, na década de 90, se iniciou o processo de distribuição do telemóvel, há toda uma história associada sobre a qual é importante refletir.

No meio rural português, qual foi o caminho traçado pelos seus residentes até à “domesticação” (Berker, Hartmann, Punie, & Ward, 2005; Silverstone, Hirsch, & Morley, 1992) de cada um dos *media* – televisão, computador e telemóvel? Da utilização quase exclusiva em espaços públicos até à sua integração no espaço doméstico e nas dinâmicas familiares e sociais, houve um percurso percorrido quer pelos *media*, que vão sofrendo alterações constantes, quer pelos indivíduos que se vão adaptando a essas alterações, mas também exigindo que os primeiros se vão moldando às suas necessidades e exigências, fazendo, por isso, que nunca percam o epíteto de “novo”.

A existência dos meios digitais tem ainda outras particularidades associadas: a sua presença diária e transversal em todos os contextos nos quais os indivíduos estão habitualmente inseridos – familiar, laboral/escolar e de lazer -, a ocorrência em todas as gerações familiares e, conseqüentemente, de um modo generalizado, em todas as idades. Os avós, os pais (e, ao mesmo tempo, filhos) e os filhos (e, ao mesmo tempo, netos) fazem uma utilização mais ou menos frequente, mas que não é inexistente, originando, por isso, a designação de *gerações de ecrã*.

Interessa, pois, fazer o estudo dos usos e apropriações dos novos *media* pelas diferentes gerações, para uma análise intergeracional, mas, mais ainda, compreender as implicações que esses usos têm no meio rural, por ser fortemente considerado como uma zona em desvantagem quanto à proliferação dos *media* e das tecnologias de informação e comunicação, quando comparada com a urbana.

Apresenta-se uma análise e reflexão sobre o modo como os novos *media* penetraram no quotidiano de três gerações familiares (avós, pais e filhos) e na forma como estas, residentes no meio rural português, transformaram a apropriação dos *media* num ato contínuo. Esta análise e reflexão fundamentam-se no levantamento bibliográfico sobre a problemática e os dados empíricos obtidos através da aplicação de uma metodologia triangular: *focus groups*, diários e inquéritos por questionário.

keywords

Screen generations; rural area; new media; labour/scholar, leisure and familial, contexts; time and space redefinition; social capital.

abstract

With the advent and progressive dissemination of television within the Portuguese homes since the late 50s (for a significant percentage nowadays they are present in more than one room); going forward to the 70s to the arrival of the computer and; finally, in the 90s with the beginning of the mobile phone proliferation, there is a whole story that urges to be reflected upon.

Amongst Portuguese rural areas, what was the path outlined by its residents in order to “domesticate” (Berker *et al.*, 2005; Silverstone *et al.*, 1992) each one of the media – television, computer and mobile phone? Starting with the nearly exclusive use in public spaces, up to its total integration in the domestic space and in social and familial dynamics, this progress was experienced either by media, that kept suffering constant evolutions, and by individuals that, not only adapted to cope with those evolutions but also molded them to their needs, keeping the epithet of the “new” always alive.

The existence of digital media comes with yet another associated set of specificities, its everyday and transversal presence in all contexts that individuals are usually included – familial, labor/scholar and leisure, the occurrence in all familial generations and, subsequently, in a general way, at all ages. Grandparents, parents (and simultaneously, children) and children (and simultaneously, grandchildren) make a more or less frequent use, but it is not, in any case, inexistent, conceding them the designation of *screen generations*.

Therefore, it is important to study the new media uses and appropriations by different generations, in order to get an intergenerational analysis, but, even more, in order to understand the implications that those uses have in rural areas, as they are often considered as deprived regions when compared to the urban ones to what new media and information and communication technologies proliferation is concerning.

This document presents an analysis and reflection about the way new media has penetrated the daily routines of three familial generations (grandparents, parents and children) and how they, as residents of the Portuguese rural areas, have transformed that appropriation in a continuous act. This analysis and reflection are based on bibliographic research about the subject studied and on empirical data obtained through the application of a triangular methodology: focus groups, diaries and surveys.

mots-clés

Génération de l'écran; milieu rural; nouveaux media; contextes travail/école, loisir, famille; redéfinition des temps et des espaces; capital social.

résumé

Depuis la fin des années 50, avec l'avènement de la télévision et sa propagation progressive dans les foyers portugais (actuellement il en existe une dans plus d'une chambre); à travers l'ordinateur dans les années 70; et enfin la manière comment, dans les années 90, la diffusion du mobile a été déclenchée, il y a toute une histoire associée sur laquelle il faut réfléchir.

Dans le milieu rural portugais, quel a été le chemin fait par les résidents, jusqu'à la «domestication» (Berker *et al.*, 2005; Silverstone *et al.*, 1992) de chacun des media – télévision, ordinateur, mobile? Dès l'usage presque exclusif dans les espaces publics jusqu'à son intégration dans l'espace privé et dans les dynamiques familiales et sociales, un parcours a été fait, soit par les media éprouvant des changements continuels, soit par les individus qui s'adaptent, eux aussi, à ces changements, en même temps qu'ils exigent que les premiers s'ajustent à leurs besoins et leurs exigences, en les faisant mériter le titre de «nouveau».

L'existence des moyens digitaux apporte aussi d'autres particularités y associées: leur présence quotidienne et transversale à tous les contextes dans lesquels les individus sont habituellement insérés – famille, travail/école, loisir–, leur montée parmi toutes les générations familiales et, par conséquent, d'une manière générale, parmi tous les âges. Les grands-parents, les parents (et en même temps enfants) et les enfants (et en même temps petits-enfants) font un usage plus ou moins fréquent, mais pas inexistant, ce qui entraîne donc la désignation de générations de l'écran.

Il est donc important d'étudier l'utilisation et l'appropriation des nouveaux médias par les différentes générations, pour une analyse intergénérationnelle, mais surtout, de comprendre les implications que ces utilisations ont dans les zones rurales, en s'agissant d'un milieu fortement considéré en situation désavantageuse en ce qui concerne la prolifération des médias et des technologies de l'information et de la communication, par rapport aux zones urbaines.

On présente une analyse et une réflexion sur la façon comment les nouveaux média se sont infiltrés dans le quotidien de trois générations de la famille (grands-parents, parents et enfants) et comment celles-ci, résidentes dans les milieux ruraux portugais, ont transformé l'adaptation des médias dans un acte continu. Cette analyse et cette réflexion sont basées sur la recherche bibliographique concernant la matière, et les données empiriques ont été obtenus par l'application d'une méthodologie triangulaire: des groupes de discussion, des agendas et des enquêtes par questionnaire.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
Motivações para o estudo	3
Explicação da problemática	5
Contributos teóricos	8
Objetivos	11
Questões de partida	12
Hipóteses	12
Estrutura do documento.....	13
CAPÍTULO I. MEIO RURAL PORTUGUÊS.....	17
1.1. Breve Caracterização do Meio Rural Português ao Longo de Três Décadas (1950, 1970 e 1990)	19
1.1.1. Definição do rural com recurso a valores estatísticos	20
1.1.2. Definição de rural: estado da arte	28
1.1.2.1. Geografia e território.....	38
1.1.2.2. População e movimentos migratórios	41
1.1.2.3. Escolarização e atividades económicas	49
1.2. Caracterização Socio-Histórica da Família	55
1.2.1. Definição de família e das ligações entre os seus membros	55
1.2.2. Perspetivas clássicas e contemporâneas.....	60
1.2.3. As mudanças na família e suas características imutáveis	62
1.3. Caracterização Socio-Histórica do Trabalho e da Escola	66
1.3.1. Trabalho	67
1.3.2. Escola	70
1.4. Caracterização Socio-Histórica do Lazer	74
1.4.1. Definição de lazer	75
1.4.2. Lazer: breve evolução socio-histórica.....	77
Síntese.....	79
CAPÍTULO II. NOVOS MEDIA-ECRÃS.....	83
2.1. Evolução da Integração dos Novos <i>Media</i> -Ecrãs em Portugal	85
2.1.1. Televisão.....	95
2.1.2. Computador-Internet.....	103
2.1.3. Telemóvel.....	106
2.2. Utilização de <i>Media</i> -Ecrãs por Três Gerações.....	110
2.2.1. A <i>ecrãcultura</i>	116
2.3. Os Conceitos de Capital Social e <i>Habitus</i>	122
2.3.1. Capital social e a utilização de novos <i>media</i>	124
2.3.2. <i>Habitus</i> e a utilização de novos <i>media</i>	129

2.4. Competências Infocomunicacionais para a Utilização dos <i>Media</i>	133
Síntese	145
CAPÍTULO III. GERAÇÕES.....	149
3.1. Contributo de Mannheim, Mead e Eisenstadt na Definição do Conceito de Geração	151
3.2. Inter e Multigeracionalidade.....	157
3.3. Conceito de Gerações (1950, 1970 e 1990).....	161
Síntese	173
CAPÍTULO IV. CONTEXTOS DE UTILIZAÇÃO DOS NOVOS <i>MEDIA</i>.....	175
4.1. Os Novos <i>Media</i> no Quotidiano Rural – Televisão, Computador e Telemóvel... ..	177
4.1.1. ... Na família.....	191
4.1.2. ... No trabalho/na escola.....	194
4.1.2.1. Utilização dos novos <i>media</i> no local de trabalho pelas empresas.....	198
4.1.2.2. Utilização dos novos <i>media</i> no local de trabalho pelos colaboradores.....	200
4.1.2.3. Utilização dos novos <i>media</i> na escola pelos professores.....	203
4.1.2.4. Utilização dos novos <i>media</i> na escola pelos alunos	209
4.1.3. ... No lazer	213
4.2. Redefinição de Tempos e Espaços através da Utilização dos Novos <i>Media</i>	218
4.3. Redefinição dos Terceiros Lugares através da Utilização dos Novos <i>Media</i>	236
4.4. Redefinição das Relações Sociais através da Utilização dos Novos <i>Media</i>	240
Síntese	247
CAPÍTULO V. PROCESSO METODOLÓGICO	251
5.1. Descrição de Procedimentos	253
5.1.1. Da população	255
5.1.2. Da amostra.....	258
5.1.3. Das questões de investigação	260
5.1.4. Dos objetivos.....	263
5.1.5. Das hipóteses de investigação	264
5.1.6. Do modelo de análise e mapa conceptual	268
5.1.7. Dos métodos e técnicas.....	271
5.2. <i>Focus Groups</i>	274
5.2.1. Amostra	276
5.2.2. Construção, contexto de aplicação e recolha de dados	281
5.2.3. Dimensões de análise dos <i>focus groups</i>	283
5.2.4. Dificuldades sentidas na realização dos <i>focus groups</i>	284
5.3. Diários	287
5.3.1. Amostra	287
5.3.2. Construção, contexto de aplicação e recolha de dados	288

5.3.3. Dimensões de análise dos diários	290
5.3.4. Dificuldades sentidas na aplicação dos diários	290
5.4. Inquéritos por Questionário	293
5.4.1. Amostra.....	293
5.4.2. Construção, contexto de aplicação e recolha de dados	299
5.4.3. Dimensões de análise do inquérito por questionário.....	301
5.4.4. Dificuldades sentidas na aplicação dos inquéritos por questionário	304
5.5. Gerações de Ecrã em Meio Rural Principais Resultados Obtidos	306
5.5.1. <i>Focus Groups</i>	306
5.5.2. Diários	319
5.5.3. Inquéritos por questionário	328
5.5.4. Análise das hipóteses de investigação.....	357
Síntese	381
CONCLUSÕES	385
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	401
GLOSSÁRIO	431
Ecrã.....	433
Escola	434
Família	435
Gerações	436
Lazer	437
<i>Medía</i> (Utilização de)	438
Relações Sociais	439
Rural	439
Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)	440
Trabalho.....	441
ANEXOS¹	443
ANEXO I. Dados sobre o Meio Rural Português (Continente e Ilhas)	444
ANEXO II. Distribuição da Amostra dos Inquéritos por Questionário	552
ANEXO III. Carta ao Presidente da <i>Associação Desportiva Os Limianos</i>	555
ANEXO IV. Consentimentos Informados Adultos e Menores	557
ANEXO V. Carta aos Presidentes de Agrupamentos de Escolas/Escolas Não Agrupadas	560
ANEXO VI. Carta aos Docentes de Turma	562
ANEXO VII. Instruções para Distribuição dos Inquéritos por Questionário.....	564
ANEXO VIII. Carta aos Encarregados de Educação.....	566

¹ Os anexos podem ser consultados no formato digital da tese de doutoramento.

ANEXO IX. Certificado de Colaboração	568
ANEXO X. Guiões dos <i>Focus Groups</i>	570
ANEXO XI. Diários	577
ANEXO XII. Inquéritos por Questionário	593
ANEXO XIII. Comunicações e Publicações Submetidas no Âmbito do Doutoramento	610
ANEXO XIV. Transcrições <i>Focus Groups</i>	632
ANEXO XV. Resultados SPSS	704

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Costumam aceder a Comunidades Virtuais/Redes Sociais (em %)	8
Gráfico 2. Acedem a redes sociais (%)	8
Gráfico 3. Contributo dos saldos natural e migratório para a variação populacional anual (%)	44
Gráfico 4. População de nacionalidade portuguesa que já residiu no estrangeiro.....	45
Gráfico 5. Taxa real de escolarização em Portugal	49
Gráfico 6. Taxa de emprego por ramo de atividade e sexo, 2011	50
Gráfico 7. População com ensino superior por área de estudo e sexo, 2011	52
Gráfico 8. População empregada: total e por sector de atividade económica - Portugal.....	53
Gráfico 9. Pirâmide etária da população em Portugal – 1950-2005.....	57
Gráfico 10. Processos findos de adoção - Portugal.....	59
Gráfico 11. População empregada: total e por setor de atividade económica (indivíduos – milhares)	68
Gráfico 12. Evolução do Consumo de TV em relação à 5 anos atrás, por categoria etária (%) ...	169
Gráfico 13. Utilizam/Não utilizam computador (%)	169
Gráfico 14. Utilizadores de Internet, por idade (%)	170
Gráfico 15. Tem telemóvel? --- por escalão etário (%)	170
Gráfico 16. Relação alunos/computador e relação alunos/computador com ligação à Internet, em escolas dos ensinos básicos e secundário regular, no Continente (2001/02 e 2004/05 – 2009/2010)	210
Gráfico 17. Acedem a redes sociais, em Portugal (%)	216
Gráfico 18. Perfil de um dia médio de ocupação do tempo pelos portugueses	220
Gráfico 19. Ocupação escolhida para o tempo disponível (%).....	221
Gráfico 20. Duração da utilização dos <i>media</i> , durante a semana (duração média em horas).....	320
Gráfico 21. Duração da utilização dos <i>media</i> , durante o fim de semana (duração média em horas)	322
Gráfico 22. Local de utilização dos <i>media</i> (número de vezes)	323
Gráfico 23. Distribuição da utilização dos <i>media</i> por geração (número de vezes).....	323
Gráfico 24. Com quem são utilizados os <i>media</i> ? (Número de vezes).....	324
Gráfico 25. Com quem são utilizados os <i>media</i> ao fim de semana? (Número de vezes)	325
Gráfico 26. Finalidade da utilização dos <i>media</i> (número de vezes)	326
Gráfico 27. Período do dia de utilização dos <i>media</i> , durante a semana (número de vezes)	327
Gráfico 28. Período do dia de utilização dos <i>media</i> , durante o fim de semana (número de vezes)	327
Gráfico 29. Ano em que adquiriu ou ofereceram o primeiro <i>medium</i> (%).....	334
Gráfico 30. Penetração do serviço de televisão por subscrição	335
Gráfico 31. Frequência de utilização dos novos <i>media</i> (%).....	337
Gráfico 32. Média de horas por dia de utilização dos <i>media</i> (%)	337

Gráfico 33. Quem ajuda a resolver problemas com os novos <i>media</i> , Filhos (%)	348
Gráfico 34. Quem ajuda a resolver problemas com os novos <i>media</i> , Pais (%).....	349
Gráfico 35. Quem ajuda a resolver problemas com os novos <i>media</i> , Avós (%).....	349
Gráfico 36. Tempo que os Filhos despenderiam com os novos <i>media</i> se residissem no meio urbano (%)	351
Gráfico 37. Tempo que os Pais despenderiam com os novos <i>media</i> se residissem no meio urbano (%)	351
Gráfico 38. Tempo que os Avós despenderiam com os novos <i>media</i> se residissem no meio urbano (%)	352
Gráfico 39. Perfil de audiência de TV generalista, por género e escalão etário, em Portugal, 2012 (%)	372
Gráfico 40. Utilização de computador por género, escalão etário, escolaridade e condição perante o trabalho, em Portugal, 2012 (%)	373
Gráfico 41. Utilização de internet por género, escalão etário, escolaridade e condição perante o trabalho, em Portugal, 2012 (%)	374
Gráfico 42. Utilização de telemóvel por género, escalão etário e escolaridade, em Portugal, 2010 (%)	374

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Taxa bruta de mortalidade e de natalidade, em Portugal (%)	42
Tabela 2. Esperança de vida à nascença: total e por sexo	43
Tabela 3. Índice de envelhecimento, segundo os Censos (%).....	43
Tabela 4. Emigrantes: total e por tipo (1960-2000).....	45
Tabela 5. Crescimento da população urbana, semi-urbana e rural, 1911 a 1981 (números índices e evolução percentual)	46
Tabela 6. Taxas de crescimento médias anuais da PU, PSU e PR (%) – 1911 a 1981	47
Tabela 7. População residente com 15 e mais anos, segundo os Censos, com o ensino superior completo: total e por sexo - Portugal	51
Tabela 8. Casamentos e divórcios em Portugal, entre 1960 e 2011	58
Tabela 9. Atividades de ócio	76
Tabela 10. Evolução dos serviços de telecomunicações em Portugal	87
Tabela 11. Integração em Portugal dos <i>media</i> em estudo e alguns indicadores	95
Tabela 12. Síntese das principais datas da integração da televisão no contexto português (canais de sinal aberto)	100
Tabela 13. Práticas recetivas: televisionamento (%)*	102
Tabela 14. Utilização da internet em Portugal, 2000-2012	106
Tabela 15. Comparação entre Literacia e Acesso às TIC	139
Tabela 16. Indicadores da sociedade de informação nas famílias, em 2010 (%)	140
Tabela 17. Forças que afetam os contextos laborais a vários níveis	197
Tabela 18. Utilização de computador e acesso à internet nas empresas, em Portugal, %	200
Tabela 19. Categorização de diferentes tipos de suporte no local de trabalho	201
Tabela 20. Taxa de abandono precoce de educação e formação em Portugal, por sexo e região NUTS II (2011)	206
Tabela 21. Sumário da divisão digital	212
Tabela 22. Organização do espaço real e do ciberespaço	226
Tabela 23. Esquema de classificação de atividades de acordo com os requisitos de tempo e espaço	229
Tabela 24. Públicos e Privados diversos	237
Tabela 25. Semelhanças de interações face a face e das mediadas por computador	243
Tabela 26. Diferenças entre interações mútuas e interações reativas	244
Tabela 27. Estudo das hipóteses de investigação	267
Tabela 28. Modelo de análise	269
Tabela 29. Caracterização sociodemográfica da geração de 1950.....	279
Tabela 30. Caracterização sociodemográfica da geração de 1970.....	279
Tabela 31. Caracterização sociodemográfica da geração de 1990.....	280
Tabela 32. Caracterização sociodemográfica do grupo multigeracional	280
Tabela 33. Caracterização sociodemográfica dos respondentes dos diários	288

Tabela 34. Distribuição dos inquéritos por questionário	295
Tabela 35. Caracterização sociodemográfica dos inquiridos.....	296
Tabela 36. Análise das questões do inquérito por questionário	303
Tabela 37. Codificação dos <i>focus groups</i>	308
Tabela 38. Análise dos <i>focus groups</i> com recurso ao NVivo 8.....	316
Tabela 39. Relações entre categorias, <i>software</i> NVivo 8	318
Tabela 40. <i>Media</i> que os inquiridos possuem, por número de vezes assinalados (%)	329
Tabela 41. Local e período do dia de utilização dos <i>media</i> (%)	330
Tabela 42. A que distância de casa tem cinema e biblioteca	331
Tabela 43. A que distância de casa tem cinema, por concelho de residência	332
Tabela 44. A que distância de casa tem biblioteca, por concelho de residência.....	333
Tabela 45. Frequência e média de horas de utilização dos novos <i>media</i> , por década de nascimento (%).....	339
Tabela 46. Competências infocomunicacionais, por geração.....	344
Tabela 47. O que permite a residência em meio rural, por geração	353
Tabela 48. Relações de conflito entre as gerações	355
Tabela 49. Conflitos entre quem	356
Tabela 50. Sumário dos casos para a frequência de utilização dos <i>media</i>	358
Tabela 51. Sumário dos casos para o número médio de horas diárias de utilização dos <i>media</i> ..	358
Tabela 52. Teste <i>One-way ANOVA</i> à frequência de utilização dos <i>media</i>	359
Tabela 53. Teste <i>Games-Howell</i> à frequência de utilização dos <i>media</i>	360
Tabela 54. Teste <i>One-way ANOVA</i> ao número médio de horas diárias de utilização dos <i>media</i> .	361
Tabela 55. Teste <i>Games-Howell</i> à frequência de utilização dos <i>media</i>	361
Tabela 56. Utilização dos novos <i>media</i> -ecrãs nos diferentes contextos, pelas diferentes gerações	364
Tabela 57. Teste do <i>Qui-quadrado</i> para Acesso aos <i>media</i> e Situação socioprofissional.....	367
Tabela 58. Teste do <i>Qui-quadrado</i> para Acesso aos <i>media</i> e Escolaridade.....	368
Tabela 59. Teste do <i>Qui-quadrado</i> para Acesso aos <i>media</i> e Sexo	369
Tabela 60. Teste do <i>Qui-quadrado</i> para Acesso aos <i>media</i> e Escalões etários	370
Tabela 61. Teste do <i>Qui-quadrado</i> para as Gerações e a Alteração das relações de sociabilidade	375
Tabela 62. Teste do <i>Qui-quadrado</i> para as Gerações e a Alteração das relações de sociabilidade entre familiares	376
Tabela 63. Teste do <i>Qui-quadrado</i> para as Gerações e a Diluição de fronteiras entre tempos e espaços	378

ÍNDICE DE CARTOGRAMAS

Cartograma 1. População residente (N.º) por Municípios 2010	21
Cartograma 2. Densidade populacional (Nº/Km2) por Municípios – 2011	21
Cartograma 3. Densidade populacional, por regiões NUTS III, 2008 (habitantes por Km²).....	22
Cartograma 4. Percentagem de jovens (dos 0 aos 14 anos), 2011	23
Cartograma 5. Percentagem de idosos (com 65 ou mais anos), 2011	23
Cartograma 6. Taxa de variação dos alojamentos 2001-2011	24
Cartograma 7. Variação da taxa de analfabetismo, entre 2001 e 2011	25
Cartograma 8. Proporção da população que completou pelo menos o ensino secundário, variação 2001-2011	26
Cartograma 9. Proporção da população que completou o ensino superior, variação 2001-2011 ..	26
Cartograma 10. Ramo de atividade económica de especialização regional, 2011	27
Cartograma 11. Alojamentos de residência secundária, variação 2001-2011	34
Cartograma 12. Dinâmicas socioeconómicas do meio rural e competitividade da agricultura	36
Cartograma 13. Mapa de Portugal	39
Cartograma 14. Percentagem da população que sai da região, 2011	48
Cartograma 15. Dimensão média da família por município, em 2011	64
Cartograma 16. Mapa do Arquipélago dos Açores	256
Cartograma 17. Mapa do Arquipélago da Madeira	256
Cartograma 18. Divisão territorial para fins estatísticos (NUTS II, III e Municípios)	257
Cartograma 19. Norte de Portugal Continental	259
Cartograma 20. Vila de Ponte de Lima	259
Cartograma 21. Distribuição da amostra dos inquéritos por questionário em Portugal Continental, por município de aplicação do instrumento.....	294
Cartograma 22. Distribuição da amostra dos inquéritos por questionário nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, por município de aplicação do instrumento	294

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. A Lição 7 de Salazar: “Deus, Pátria, Família: a Trilogia da Educação Nacional”	29
Figura 2. Proposta de estrutura de desenho centrado no utilizador	90
Figura 3. WeOnTV no modo TV	99
Figura 4. Processo de definição social de uma nova tecnologia de comunicação (ou <i>medium</i>) ..	112
Figura 5. Evolução humana.....	113
Figura 6. Teatro de sombras	117
Figura 7. Caixa ótica.....	117
Figura 8. Câmara obscura.....	118
Figura 9. Projeção de imagens através de reflexo.....	118
Figura 10. Projeção de imagens para parede	118
Figura 11. Modelo de formação identitária geracional	130
Figura 12. Espiral das competências infocomunicacionais.....	135
Figura 13. Set de Competências Mediáticas.....	136
Figura 14. Modelo de literacia integrado para a web 2.0	137
Figura 15. Círculos da utilização da tecnologia	178
Figura 16. Evolução do local de trabalho, de 1900 a 2020.....	202
Figura 17. Os ComP permitem... ..	205
Figura 18. Domínios presentes nos novos processos de ensino-aprendizagem	208
Figura 19. Modos de comportamento temporal	219
Figura 20. O conceito de espaço	224
Figura 21. Mapa de redução do mundo	227
Figura 22. Aplicação do esquema de classificação: exemplos de atividades estacionárias	229
Figura 23. Organograma do Tempo.....	232
Figura 24. Mapa conceptual	270
Figura 25. Vista aérea da vila de Ponte de Lima	277
Figura 26. Folha de rosto dos diários	289
Figura 27. Primeira página dos diários.....	289
Figura 28. Perfis de utilização do telemóvel e eixos de análise.....	342
Figura 29. Principais contributos teóricos presentes na tese <i>Gerações de ecrã em meio rural</i>	389
Figura 30. Cronograma das atividades previstas a desenvolver - 2011/2013.....	397
Figura 31. Cronograma das atividades desenvolvidas - 2011/2013.....	397
Figura 32. Organograma das atividades desenvolvidas no doutoramento.....	398

LISTA DE SIGLAS

a. C. – antes de Cristo

ADSL – Asymmetric Digital Subscriber Line

ANACOM – Autoridade Nacional de Comunicações

ARPANET – Advanced Research Projects Agency

ARTV – Assembleia da República Televisão

CEE – Comunidade Económica Europeia

CERN – European Organization for Nuclear Research

DGE – Direção Geral de Educação

DGIDC – Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular

GPS – Global Positioning System

INE – Instituto Nacional de Estatística

iTV – Interactive Television (Televisão Interativa)

ME – Ministério da Educação

NCP – Network Control Protocol

Net – Internet

NUTS – Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas

PC – Personal Computer (Computador pessoal)

PDA – Personal Digital Assistant

PEI – Projeto das Escolas Isoladas

PR – População rural

PSU – População semi-urbana

PT – População total

PU – População urbana

RDIS – Rede Digital com Integração de Serviços

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

SMS – Short Message Service (Serviço de Mensagens Curtas)

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais)

TCP/IP – Transmission Control Protocol/Internet Protocol

TDT – Televisão Digital Terrestre

TE – Tecnologias Educativas

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

TIPAU – Tipologia de Áreas Urbanas

TL – Tecnologias Laborais

TM – Telemóvel

TMN – Telecomunicações Móveis Nacionais

TV - Televisão

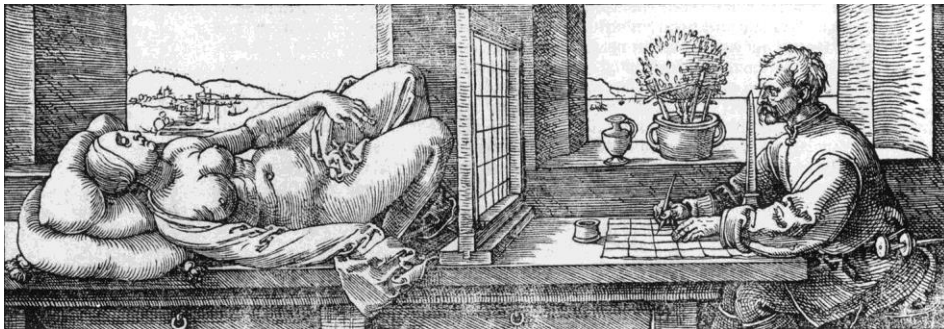
TVI – Televisão Independente

UE – União Europeia

Wi-Fi – Wireless Fidelity

WWW – World Wide Web

INTRODUÇÃO



Draughtsman Making a Perspective Drawing of a Reclining Woman, Albrecht Dürer, por volta de 1600
Fonte: <http://www.metmuseum.org/>, consultado a 20 de maio de 2013

Conta-se que uma lagarta disse, ao olhar para uma borboleta: «Que horror, a mim é que ninguém me apanhará nestes preparos».

(McLuhan, 2008 [1964], p. 48)

Em meio século passámos do ecrã-espectáculo ao ecrã-comunicação, do ecrã-único ao tudo-ecrã.

(Lipovetsky, 2010, p. 10)

Motivações para o estudo

A forma como, atualmente, tudo muda a um ritmo elevado origina alterações e força a adaptações nas mais variadas formas de fazer, saber e até do sentir. Já quase nenhuma das práticas do século XX e talvez até do início do século XXI persiste inalterada até hoje, esta foi a principal motivação para a escolha da investigação. Pretende-se explorar as mudanças ocorridas ao longo dos anos e encontrar alguns pontos comuns entre o que acontece atualmente e como, a mesma atividade, ocorria de forma diferente no passado, sobretudo, através da integração dos novos *media*.

A utilização do conceito “novos *media*” não é pacífica, poder-se-á considerar a televisão, o computador e até o telemóvel como dispositivos já algo antigos, que devem perder a rotulação de novo tendo em consideração a altura do seu surgimento. No entanto, como refere Kenski (2003) “A ampliação das possibilidades de comunicação e de informação, por meio de equipamentos como o telefone, a televisão e o computador, altera a nossa forma de viver e de aprender na atualidade” (Kenski, 2003, p. 48) e isso está constantemente a acontecer. Para além disso, diz Poster (1999), o novo é como o velho, no sentido de antigo, porque encerra em si diferentes potencialidades de liberdade e dominação (Poster, 1999, p. 13). Bolter e Grusin (2000) utilizam mesmo o conceito de *Remediation* para definir uma reapropriação do velho pelo novo, ou seja, um processo em que os “digital media remediate their predecessors” (Bolter & Grusin, 2000, p. 45), uma vez que vão, muitas vezes, reutilizar as suas funcionalidades, características e até conteúdos. Por exemplo, quase a cada dia surgem atualizações que se podem aplicar aos três *media*, assim como a cada ano se encontram novas formas de se utilizar cada um dos deles, como a *iTV*, os *tablets* e os *smartphones*.

Como se assistia televisão na década de 50, 70 e 90? Que importância tem, hoje, este *media* no seio familiar? Que construções mentais e sociais fazem da internet e do computador os indivíduos nascidos na geração de 50? Para que servem estes *media* nas gerações de 70 ou 90? Que papel tem o telemóvel na vida dos filhos, pais e avós? Que diferenças existem nas formas de brincar e trabalhar nas três gerações? Será que todas sabem como se fazia e se fazem estas práticas? Estas foram algumas das questões que foram motivando a escolha da temática e para as quais, através da investigação desenvolvida, se tentou encontrar resposta.

O meio rural aparece como privilegiado neste estudo. Uma vez que a maioria das investigações portuguesas dá relevância à recolha de dados empíricos em meio urbano,

foi dessa perspetiva que se considerou que seria mais pertinente abordar a utilização dos novos *media* de forma diferente, ou seja, tentar compreender se as utilizações no meio rural português eram intensivas, ou se as mudanças tecnológicas e aquela integração dos *media* passava um pouco despercebida aos residentes em meio rural e, em caso afirmativo, perceber o porquê. Uma vez que, como afirma Figueiredo (2011), “Assim como o rural se vai reconfigurando, parece ser chegada a altura de reestruturar as abordagens, os conceitos, as análises, as políticas e as intervenções.” (Figueiredo, 2011, p. 24). Desta forma, pretende-se obter a resposta a algumas questões: será o meio rural desfavorecido em termos tecnológicos? Terão os seus residentes desconhecimento relativamente às alterações dos novos *media* e às que estes trazem consigo nas várias áreas? Como será a utilização dos *media*, pelas três gerações, residentes em meio rural, por exemplo, em número de horas diárias? Que importância lhes atribuem?

Estão em causa três gerações – os indivíduos nascidos na década de 1950, 1970 e 1990, ou avós, pais e filhos – e o objetivo foi enquadrar o surgimento ou a massificação dos *media* em Portugal nos anos em que tal aconteceu. A televisão teve as primeiras emissões em 1956; o computador assistiu a uma distribuição maior em Portugal, na década de 80, mas há já conhecimento do surgimento de alguns modelos na década de 70; por fim, o telemóvel começou a ser utilizado na década de 90, primeiro alguns modelos exclusivamente para os automóveis, mas rapidamente qualquer pessoa sentiu necessidade de adquirir o seu (sobretudo a seguir à disseminação dos *paggers* e à estratégia de comercialização do tarifário pré-pago). Desta forma, mais do que resistir, condenar ou aceitar a integração dos *media* na sociedade (UNESCO, 1982, p. 1), é importante reconhecer o seu impacto e fazê-lo de forma imparcial, para que se consiga um estudo liberto de constrangimentos morais.

Mas, para além da motivação de estudar as gerações que assistiram ao surgimento dos *media*, nunca retirando o foco da interação que ocorre entre estes e os indivíduos e/ou as gerações, outras motivações houve para o estudo das três gerações, como o facto de se estudarem e, de certa forma, compararem grupos de pessoas que estão em fases diferentes da vida em termos de ocupação profissional (escola, trabalho, reforma), social e familiar e porque desempenham papéis familiares diferentes (avós, pais e filhos), mas que se relacionam.

Um outro conceito importante é o de ecrã, e é importante porque se reconhece, e daí também a motivação para o seu estudo, a intrusão cada vez maior no quotidiano dos indivíduos, já não são apenas os novos *media* que os indivíduos apropriam, mas também

os ecrãs, eles fazem algo novo, dão novos poderes, criam novas consequências, mudam mentalidades, transformam instituições, libertam e prendem (Silverstone, 1999, p. 10). Emerge uma cultura de ecrã (Chambat & Ehrenberg, 1988), na qual os indivíduos a aceitam como se de uma segunda cultura se tratasse, com todas as mudanças que isso acarreta, sendo integrados como uma segunda pele, uma vez que são sensitivos, ubíquos e transparentes.

O estudo debruça a sua atenção sobre a análise da utilização dos três novos *media*, a forma como se foram integrando na sociedade portuguesa, mais particularmente, na rural, como os indivíduos os foram domesticando em todos os contextos e como já quase não conseguem estar muito tempo afastados de qualquer um deles. Com todas estas variáveis de estudo, outras há que vão ganhando pertinência e que não poderão ser olvidadas de tão relacionadas que estão com os tópicos principais, como a domesticação dos novos *media*, as relações sociais, a redefinição de tempos e espaços, os contextos de utilização dos *media*, e com estes, a redefinição das dinâmicas dos terceiros lugares, das relações intergeracionais, do capital social, entre outras.

Explicação da problemática

A utilização dos *media* no quotidiano de qualquer pessoa acontece sem que se reflita sobre isso, não sendo um ato intuitivo porque ainda carece de formas de ultrapassar alguns problemas ou dúvidas que vão surgindo, é algo que se faz com relativa naturalidade, pegar no telemóvel quando se vai sair de casa, ligar o computador quando se chega ao trabalho (dependendo das profissões) e ligar a televisão à hora das refeições ou assim que se entra em casa. Todos estes atos, uns mais outros menos, assumem uma frequência diária, deslocalizada e intemporal – de duração ilimitada. Como dizem Pereira e Silva (2009), “nas vivências diárias dos jovens, há três meios fundamentais – TV, telemóvel e Internet – que, por sua vez, se desdobram em múltiplas funções ao nível da aprendizagem, sociabilidade e lazer.” (Pereira & Silva, 2009, p. 566), e acrescenta-se que não são apenas os jovens que fazem um uso constante desses três meios, mas sim a geração dos seus pais e a dos avós. Da mesma forma, convém igualmente sublinhar que, aliado à internet surge o computador, o que remete para a pertinência do estudo em termos dos *media* sobre os quais se pretende debruçar – televisão, computador e telemóvel.

São muitas as implicações dos *novos media* aos mais variados níveis sociais, nomeadamente, a nível macro: político (por exemplo, *e-governance*, cidadania ativa nas decisões políticas); económico (por exemplo, novas formas de comunicação e reestruturação empresarial) e cultural (por exemplo, *e-museus*), mas também a nível micro, como a crescente necessidade de reorganização familiar, laboral, escolar e de lazer em torno dos *media*. É à volta deste último tópico que se estrutura a investigação *Gerações de ecrã em meio rural*.

Como se referiu, a proliferação dos novos *media* deu-se, em Portugal, sobretudo a partir de final dos anos 50, com a televisão. Nessa altura, a rádio perdeu a sua importância em termos de ocupação dos tempos livres, acesso a informação/notícias ou simplesmente como companhia (“música de fundo”) para que a televisão assumisse essas funções e se passasse ao momento dos ecrãs, excetuando situações em que não é possível ter uma televisão por perto (a conduzir, por exemplo). De facto, desde essa altura, os *media* a que se tem tido acesso têm um ecrã/monitor associado: computador, telemóvel, leitor de música e vídeo (*mp3/mp4*), máquinas fotográficas e de vídeo, *tablets*, leitores de livros eletrónicos (*e-book readers*), entre outros, cumprindo o objetivo de passar a mensagem através de imagem e não apenas som, mas, igualmente, de permitir o aumento do grau de interatividade por parte do utilizador (exemplo dos ecrãs táteis).

Em Portugal, se a década de 50 foi a época da televisão, os anos 80 foram os dos computadores e os 90 o tempo dos telemóveis, pelo menos em termos de utilização massiva. Hoje, são tecnologias das quais não nos conseguimos desligar, consideradas mesmo como extensões do homem, como refere Marshall McLuhan (2008 [1964], p. 82). Para o mesmo autor, o “meio é a mensagem”, e, a partir daqui é possível compreender a natureza e as características de todos os *media* criados e modificados e a sua influência na mensagem, ou seja, ao reconhecer a mudança percebe-se qual é a mensagem, isto é, os efeitos do novo *medium* (Federman, 2004, p. 2), a forma como as práticas mudaram ao mudarem os *media*, bem como a forma como se percecionam.

Quer o nascimento dos indivíduos tenha ocorrido na altura do surgimento da televisão, do computador ou do telemóvel, todos eles representam um papel diferente nas suas atividades quotidianas, percecionados como imprescindíveis nessas atividades, na medida em que são considerados como necessários para manter contacto com os pares ou familiares, como forma de entretenimento, para trabalhar ou estudar, etc. As mais variadas tarefas e atividades que permitem desempenhar, a forma como permitem ter um contacto em tempo real com quem está mais afastado, a facilidade com que se

consegue interagir com algo que está a ocorrer a quilómetros de distância, fazer parte de muito, ainda que se esteja afastado de tudo, são mais-valias que as gerações já aceitaram e reconheceram e, por isso, se poderá considerar como sendo um fenómeno multigeracional e não apenas exclusivo de uma geração em particular.

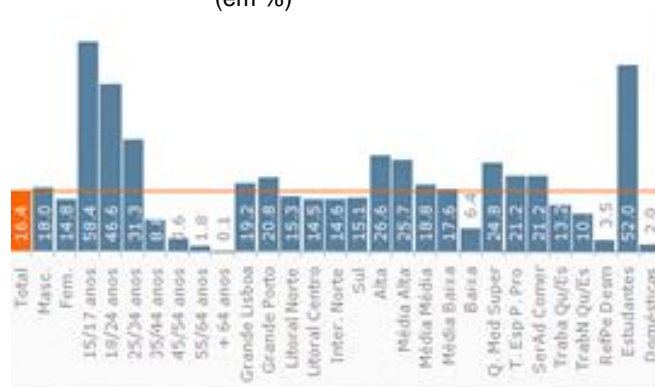
Poder utilizar os *media* em qualquer altura, em qualquer lugar é a mais-valia que surge associada igualmente às relações que se estabelecem atualmente (familiares, laborais ou de amizade), ou seja, a capacidades de, em qualquer altura do dia, poder estar conectado a qualquer pessoa, em qualquer sítio. E apenas é exigido porque é possível, e porque se sente essa necessidade, de ter conhecimento de tudo independentemente da hora, quer esteja a acontecer mesmo à porta de casa, ou num país longínquo. A par disto torna-se, igualmente, necessário estar presente para várias tarefas a qualquer hora e em qualquer lugar, não sendo possível, com a mesma simplicidade como o era há uns anos atrás, definir fronteiras entre o que é estabelecido como tempo e lugar de trabalho e, por oposição, tempo e lugar de lazer ou familiar, assistindo-se, por isso, a uma continuidade espaço-temporal dos mais variados contextos (de lazer, laboral/escolar e familiar), o que obriga, não apenas a uma reestruturação e reorganização desses mesmos tempos e lugares, mas, igualmente, das relações estabelecidas entre os indivíduos.

Se se alteram práticas e se esbatem fronteiras espaço-temporais, então isso desencadeia uma alteração em termos de relações sociais. O virtual permite a ausência física num contacto estabelecido a distância, aumenta a facilidade de troca de mensagens e de informação realizada em tempo real com um afastamento significativo entre os intervenientes, como comprova o sistema *Connector* (Almeida *et al.*, 2011), que através da georreferenciação de dados (pessoas, conteúdo e atividades) permite as inter-relações com membros da rede social. No entanto, o principal objetivo é recolher informação de pessoas que se encontram fisicamente próximas e com interesses comuns e partilhá-la entre essas mesmas pessoas, de modo a que possam através do virtual procurar e encontrar o físico.

Assim, coloca-se a questão, fará o desenvolvimento de cada vez mais redes sociais com que se prefiram os contactos virtuais em detrimento dos presenciais? O facto de se usufruir da rede de contactos à distância de um clique, ou de um telefonema ou mensagem de texto implicará a ausência da vida presencial? No estudo coordenado por De Smedt e Geeroms (2006), *Mediappro – The Appropriation of New Media by Youth*, os jovens portugueses inquiridos afirmam que nada substitui uma conversa presencial e

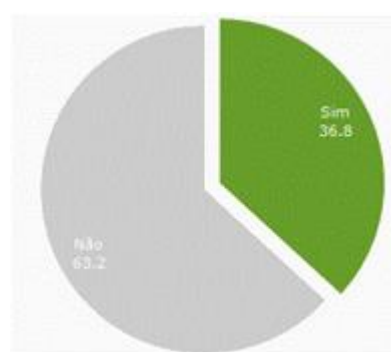
que, se lhes derem a escolher entre ficar em casa ligado à internet e sair com os amigos, optam pela segunda possibilidade. No entanto, o estudo Bareme Internet 2009 contabiliza 1.4 milhões de indivíduos a preferir a utilização dessas mesmas redes, correspondendo a 16,4% (Marktest, 2009a). Diferença significativa encontrada no relatório *Os Portugueses e as Redes Sociais* (Marktest, 2011) no qual eram apontados 3 milhões de indivíduos que acedem regularmente a comunidades virtuais/redes sociais, o que corresponde a 36,8%, em Portugal (este último estudo composto por uma amostra de 800 indivíduos, com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos).

Gráfico 1. Costumam aceder a Comunidades Virtuais/Redes Sociais (em %)



Fonte: Marktest (2009b)

Gráfico 2. Acedem a redes sociais (%)



Fonte: Marktest (2011)

São, quase diariamente, propostos novos modos de organização política, económica, cultural, social, educativa, laboral e de lazer devido à integração dos novos *media* na sociedade e à sua profunda disseminação por todos estes setores, o que provoca que tanto cidadãos, empresas ou associações, como órgãos governamentais sejam chamados a contribuir para o enriquecimento da sociedade da informação, uma vez que todos fazem parte duma sociedade organizada em rede (Teixeira, Pereira, Dias, & Nunes, 2006, p. 127).

Contributos teóricos

Acompanhando o pensamento de Castells (2007 [1996], pp. 87-94; Castells, Fernández-Ardèvol, Qiu, & Sey, 2007, pp. xv-xxi), este estudo segue a linha do novo

paradigma da tecnologia da informação e da comunicação. De acordo com as características que o autor atribui a este novo modelo, a informação é a que mais o define, o indivíduo deve estar informado para que possa agir sobre as tecnologias e não apenas o contrário. Aliás, é importante, mesmo para o que se pretende analisar nesta reflexão, que os indivíduos se sintam capazes de agir sobre a tecnologia, que detenham as competências essenciais para saber trabalhar com ela, mas também para a aproveitar da melhor forma.

Castells (2007 [1996]; 2007) defende que se entra numa era em que todas as pessoas são diretamente influenciadas pelas tecnologias, pelos dispositivos que, diariamente, lhes são oferecidos. A sua existência torna-os indispensáveis, quer para trabalhar, jogar ou estudar, e, muitas vezes, tais atividades são realizadas em rede, numa forma não mais rígida, mas flexível, em qualquer lugar, em qualquer momento (Castells, 2007 [1996], pp. 605-615). A Sociedade em Rede possibilita, desta forma, a existência de um tempo atemporal, ou seja, um corte na sequência da ação social, o que obriga a uma reorientação das práticas temporais e espaciais (Castells, 2007 [1996], p. 600); e à existência de um espaço de fluxos, onde o espaço ganha uma redefinição conduzida pelas novas interações entre os atores sociais (Castells, 2007 [1996], pp. 549-555; Castells *et al.*, 2007, pp. 219-228).

Castells (2007 [1996]; 2007) designou esta transformação espacial e temporal de espaço de fluxos e tempo atemporal. O primeiro compreende a forma como as práticas sociais partilhadas com os demais, por meio de uma organização material, é realizada através de fluxos, sendo estes as práticas rotineiras e repetitivas, que ocorrem através da interação das posições ocupadas pelos atores sociais nas diversas estruturas da sociedade (económica, política e simbólica) (Castells, 2007 [1996], pp. 535-536). No que diz respeito ao tempo atemporal, é a forma como o paradigma informacional e a sociedade em rede obrigam a um corte na sequência temporal dos contextos e dos seus fenómenos. Esse corte pode ter dois efeitos: a eliminação da ocorrência do fenómeno ou a sua descontinuidade (Castells, 2007 [1996], p. 597; Castells *et al.*, 2007, pp. 219-220).

Nesta questão das temporalidades, verifica-se a redução de tempos e a compressão de espaços devido à utilização dos novos *media*, quer de um modo geral, mas também particular, e ainda Castells (2007) aborda este aspeto, se o trabalho entra nas casas e nas redes de amizade, situação proporcionada pelo estado de permanente conectividade, então, também é muito provável que o contrário aconteça, ou seja, que durante o período de trabalho e no seu espaço específico, as relações de amizade e a

família consigam penetrar (Castells *et al.*, 2007, p. 104). Os utilizadores de novos *media* experimentam, assim, uma nova noção de espaço e tempo, proporcionada, sobretudo, pelos ecrãs, uma vez que são eles que os transportam para outros mundos, “a temporalidad de las pantallas plantea una lógica propia, que a la vez se expande hacia otros espacios sociales.” (Murolo, 2011, p. 40).

Para além disso, a convergência é o que permite aos indivíduos ir para outros lugares sem sair do mesmo sítio, serem transferidos temporal e espacialmente sem, efetivamente, saírem do lugar onde estão, e, ao contrário do que assumem outros autores (Pinto, 2005, p. 263), Jenkins (2008 [2006]) considera mesmo que essa convergência leva ao convívio, à efetivação do social, em vez do individualismo (Jenkins, 2008 [2006], p. 55), de uma forma natural (Turkle, 1997, p. 38), uma vez que os ecrãs não são mais objetos estranhos, mas sim uma extensão de nós próprios (McLuhan, 2008 [1964], p. 103). Em termos mais gerais, isso implica a convergência dos vários *media* num só, o que, ao mesmo tempo, pode querer significar a convergência em termos do contexto de trabalho, familiar e de lazer, o que levará à readaptação dos indivíduos.

Esta readaptação promove a existência de *habitus* (Bourdieu, 2003 [1984]), ou seja, de atitudes mais ou menos duráveis que ocorrem na vida dos indivíduos, uma vez que a integração e a domesticação dos *media* (Morley & Silverstone, 1990) começam a fazer parte de estruturas da sociedade de modo mais regular. De acordo com Ulrich Beck (2011 [1992]), vive-se, atualmente, numa Sociedade de Risco, sendo que este é considerado como inerente às sociedades modernas, fugindo ao controlo dos indivíduos. É o que Martins (2002) designa de “Trágico na Modernidade” (Martins, 2002). A tecnologia pode ser considerada como um dos fatores que promovem esse risco, pela utilização perigosa da internet, por exemplo, pela forma como diferentes grupos de ativistas tentam afetar negativamente determinados grupos políticos ou franjas económicas da sociedade, ou mesmo, a um nível mais micro, pelo modo como, por vezes inconscientemente, alguns indivíduos utilizam os novos *media* de maneira negligente, prejudicando-se a si e aos outros.

Assim, compreende-se que para uma utilização satisfatória dos novos *media* concorrem diversos fatores individuais e sociais, como o capital cultural, político, económico, intelectual e social. Aliás, o capital social (Putnam, 2000) é talvez, e considerando a importância que as redes sociais têm adquirindo, dos mais pertinentes de obter, não só porque permitem ter um grupo alargado de conhecidos, que podem auxiliar nas mais diversas situações, mas porque para as relações intergeracionais, em situação

de dificuldade no uso e entendimento dos novos *media*, podem ser um forte contributo a uma utilização frequente, tornando-a mais eficaz e eficiente.

Com alguns dos contributos teóricos aqui apresentados, mas, igualmente, com o recurso a outros que permitam obter um corpo teórico bem fundamentado e sólido, espera-se garantir uma reflexão aprofundada e pertinentemente elaborada.

Objetivos

O presente trabalho engloba diferentes conceitos que é importante definir para o seu desenvolvimento: o meio rural, os novos *media* e as gerações. Estes conceitos não se encerram em si mesmos, antes se articulam uns com os outros e com outros, maneira a partir da qual é possível apresentar um estudo mais completo e abrangente. Os objetivos gerais aqui expostos são reflexo disso mesmo. Assim, o que se pretende com a investigação *Gerações de ecrã em meio rural* é o seguinte:

- O₁: Analisar a utilização dos novos *media*-ecrãs pelos residentes em meio rural.
- O₂: Compreender a perceção que os indivíduos do meio rural têm da utilização de ecrãs.
- O₃: Compreender de que forma a utilização dos novos *media*-ecrãs é realizada nas três gerações – nascidos nas décadas de 1950, 1970 e 1990.
- O₄: Conhecer as práticas de utilização dos novos *media*-ecrãs em contextos diferenciados – laboral/escolar, de lazer, familiar.
- O₅: Compreender o papel dos novos *media* enquanto elemento promotor de relações de cooperação e/ou conflito intergeracional.
- O₆: Analisar a forma como se processam as relações sociais no presente, considerando a frequente utilização dos novos *media*.

Do ponto de vista metodológico, a maneira como se tentará atingir estes objetivos é através da utilização de metodologias mistas, qualitativas e quantitativas, nomeadamente, realização de *focus groups*, preenchimento de diários e aplicação de inquéritos por questionário. Todas as técnicas irão ocorrer com indivíduos residentes no meio rural, a amostra dos *focus groups* e dos diários foi possível controlar em termos de faixas etárias, todos os participantes pertenciam às gerações em estudo – 50, 70 e 90, os

inquéritos por questionário foram aplicados em escolas, a partir das quais se pretendia chegar aos alunos, seus pais e avós.

Questões de partida

No seguimento dos objetivos foi importante elaborar questões de partida, às quais o propósito máximo é dar resposta no final da investigação, no entanto, pretendia-se que facilitassem a compreensão dos objetivos, e que permitissem a sua operacionalização. As questões de partida da investigação são as seguintes:

Q₁: Quais as dinâmicas de utilização dos novos media-ecrãs em três gerações distintas, em meio rural?

Q₂: Considerando o tipo de utilização dos novos media, poderão as diferentes gerações ser consideradas como gerações de ecrã?

Q₃: Tendo em consideração a maior quantidade de media a que é possível recorrer, como se processam hoje as relações sociais?

Para responder a estas questões, e dado o seu carácter inovador, é importante que haja conhecimento de práticas de utilização dos *media* em três gerações, no meio rural, a nível bastante abrangente e global, logo os métodos de recolha e tratamento de informação serão mais quantitativos, não obstante, reveste-se de igual importância a complementaridade com as perspetivas qualitativas, por forma a obter testemunhos pessoais que permitam a compreensão mais aprofundada de várias temáticas.

Hipóteses

Partindo dos objetivos e das questões colocadas, constituíram-se as hipóteses de trabalho, as quais se pretende confirmar ou refutar no final da investigação. As hipóteses foram o fio condutor da investigação, ou seja, foi através delas que se traçou o caminho a seguir e se delinearam estratégias de investigação. São as seguintes:

H₁: A forma como as diferentes gerações, do meio rural, utilizam os novos *media* nas variadas atividades do quotidiano tende a assumir uma dimensão (frequência/número médio de horas diárias) semelhante.

H₂: A utilização de ecrãs, em meio rural, pelas diferentes gerações é realizada nos vários contextos sociais (lazer, familiar e laboral/escolar).

H₃: O acesso aos novos *media* (ecrãs) depende de variáveis como: situação socioprofissional, escolaridade e sexo, mais do que da idade e da localização geográfica (rural/urbano).

H₄: Com a quantidade de meios tecnológicos disponíveis, as relações de sociabilidade sofrem alterações, atribuindo-se maior importância às relações estabelecidas virtualmente em detrimento das presenciais.

H₅: Considerando o tipo de tarefas que os *media* permitem realizar, assiste-se ao diluir das fronteiras estabelecidas dos diferentes tempos e espaços – laboral/escolar, de lazer e familiar – e à sua frequente continuidade.

Estrutura do documento

A tese de doutoramento está estruturada em cinco capítulos e o objetivo principal foi tentar organizar o documento por tópicos concretos: a caracterização do meio rural, a utilização de novos *media*-ecrãs, a definição do conceito de gerações, os contextos de utilização dos novos *media* e o processo metodológico. Os quatro primeiros capítulos pretendem apresentar o enquadramento teórico das temáticas em estudo. Assim, no **primeiro capítulo** será realizada uma contextualização do meio rural português nas três décadas em estudo (1950, 1970 e 1990), as transformações ocorridas ao longo desses anos, o que motivou essas transformações, como se adaptaram os portugueses ao novo rural e a forma como é hoje considerado o rural por diversos autores, como por exemplo, Elisabete Figueiredo (2011), Álvaro Domingues (2012), José Portela (1997) entre muitos outros (Castela & Garcia, 2005; Ferrão, 2000; Tilt, Kearney, & Bradley, 2007) que, com frequência, encontram no rural motivos para estudo e investigação.

Este capítulo encontra-se dividido em quatro subcapítulos, o primeiro dedicado exclusivamente à definição do conceito de rural, recorrendo a informação estatística, mas

também teórica, nomeadamente, alguns dos autores referidos anteriormente. Os três seguintes fazem uma descrição socio-histórica dos contextos que se irão depois aprofundar no capítulo quarto, o familiar, o laboral e escolar e o de lazer. É objetivo nestes subcapítulos definir os contextos, mas, sobretudo, fazer uma viagem social e histórica por todos eles ao longo das décadas de 1950, 1970 e 1990, evidenciando o meio rural.

O **segundo capítulo** dará atenção à análise histórica dos *media* no Portugal rural, a integração da televisão, do computador, da internet e do telemóvel no País e, sempre que possível, no meio rural. Este capítulo inclui quatro subcapítulos, nos quais, para além do referido anteriormente, se abordará a questão do surgimento de uma *ecrãcultura*, os conceitos de capital social e de *habitus* na utilização dos novos *media* e as competências infocomunicacionais necessárias para a sua utilização plena e consciente. Pierre Bourdieu (2003 [1984], 2010 [1979], 1999) foi o autor que mais contribuiu para a construção dos conceitos de capital social e *habitus*, sobretudo considerando que, para além do capital económico e do capital cultural, são importantes as redes sociais no decurso de uma vida, redes reconhecidas pelos elementos integradores, mas igualmente por quem os observa. A pertinência dessas redes está, sobretudo, relacionada com o carácter simbólico que possuem, só através da identificação dos seus membros com a sua rede social é possível que ela seja constituída. Ora, as redes sociais, nas três décadas em estudo, vão sofrendo mutações, senão revejam-se os **Gráficos 1 e 2** apresentados nesta introdução, que demonstram a importância crescente que as redes sociais virtuais vão assumindo na vida dos indivíduos.

O conceito de *habitus* está relacionado com as disposições de sentir, pensar e agir, ou seja, com um princípio gerador e orientador de práticas e, ao mesmo tempo, o sistema de classificação dessas mesmas práticas. Neste contexto, entender o conceito de *habitus* é entender o que orienta os indivíduos residentes em meio rural, e nascidos nas décadas de 50, 70 e 90 na utilização dos *media*, as práticas que são criadas em torno da televisão, do computador e do telemóvel e o que motiva essas práticas.

No **terceiro capítulo** será apresentado o conceito de gerações, aceção no plural utilizada no contexto específico desta tese, para a qual se pensou ser importante ir beber às suas raízes através de Karl Mannheim (1990 [1952]), Shmuel Eisenstadt (1976 [1956]) e Margaret Mead (1970) por forma a ser possível encontrar o caminho que se pretendia percorrer, ou seja, a investigação da utilização dos novos *media* por três gerações, os indivíduos nascidos nas décadas de 1950, 1970 e 1990. Só assim, e também

considerando que todos os indivíduos são utilizadores frequentes dos *media* em estudo – televisão, computador e telemóvel –, é possível a alteração do conceito para o que aqui se pretende, demonstrar que são *gerações de ecrã* e não apenas uma geração. Este capítulo está dividido em três subcapítulos, um onde se abordam os contributos dos autores mencionados; o segundo dedicado aos conceitos de inter e a multigeracionalidade, uma vez que, para efeitos deste estudo, não fará sentido pensar que a utilização dos *media* é feita, exclusivamente, de forma isolada. Regra geral, e sobretudo em alguns casos específicos, as preferências recaem sobre a sua utilização em conjunto, seja com a família, amigos ou colegas de trabalho, com o objetivo último de passar algum tempo de lazer ou de realizar algum trabalho. E um terceiro subcapítulo com enfoque no conceito de gerações.

No **quarto capítulo** serão abordados os três contextos essenciais, dentro do meio rural, de utilização dos novos *media*: a família, o trabalho/a escola e o lazer. Só através da sua análise é possível compreender como os indivíduos residentes em meio rural se foram apropriando das mudanças. Apenas uma análise transversal a esses três contextos dará uma perspetiva global do que foi o meio rural ao longo dessas três décadas. Para além disso, será abordada a configuração híbrida que o meio rural tem assumido, nomeadamente, na sua conjugação com as práticas do meio urbano (Cimadevilla, 2010), para tal é também bastante pertinente compreender conceitos como literacia digital ou informacional (Gui & Argentin, 2011; Silva, 2008); nativos e imigrantes digitais (Jones, Ramanau, Cross, & Healing, 2010; Prensky, 2001a, 2001b, 2009); visitantes e residentes digitais (White & Cornu, 2011); fosso ou divisão digital (van Deursen & van Dijk, 2011; Warschauer, 2002); conceitos que continuam a ser amplamente tratados por diversos autores e que será conveniente debater.

Este capítulo encontra-se dividido em quatro subcapítulos, um no qual se fará a análise dos *media* nos diferentes contextos e os seguintes que se concentrarão na compreensão do que foram as principais redefinições no quotidiano dos indivíduos: a experiência do tempo e do espaço, os terceiros lugares, ou seja, aqueles caracterizados por Ray Oldenberg (1999) como estando a cair em desuso: bares, cafés, centros comerciais, entre outros, pela facilidade com que se interage com amigos, familiares e colegas de trabalho através dos *media*, sobretudo o computador (internet) e o telemóvel. Por último, será abordada a questão da redefinição das relações sociais.

O **quinto capítulo** será dedicado à metodologia, nomeadamente, serão aprofundadas as questões das quais se partiu para o desenvolvimento da investigação,

os objetivos, as hipóteses de trabalho, o modelo de análise em todas as suas vertentes e as técnicas de recolha e tratamento de dados, bem como a justificação da sua utilização e os passos dados para a sua realização. Serão ainda apresentados os dados recolhidos nas três técnicas aplicadas – *focus groups*, diários e inquéritos por questionário.

A temática da utilização dos novos *media* em meio rural tem sido alvo de interesse por parte de inúmeros grupos de investigação, um pouco por todo o mundo (Escola Superior de Gestão, Instituto Superior de Castelo Branco; Singapore Internet Research Centre, Nanyang Technological University; Microsoft Research Lab India Private Limited, Bangalo; University of California at Berkeley), originando um elevado número de projetos desenvolvidos nas mais variadas áreas, desde a Antropologia (Luger & Maynard, 2007), às Ciências da Educação (Mitchell, Hunter, & Mockler, 2010), da Informação (Kuriyan, Ray, & Toyama, 2008) e até da Comunicação (Feist, Parker, Howard, & Hugo, 2010), passando pela Sociologia (Thomas & Parayil, 2008), Geografia (Dooris, Sotireli, & Van Hoof, 2008), Psicologia (Stern & Wellman, 2010), entre outras. De facto, a (não) utilização de tecnologias em meio rural tem despertado o interesse de muitos investigadores, uma vez que é considerada uma área com algumas dificuldades em termos de acesso por parte dos residentes, mas também um meio ao qual as políticas de desenvolvimento nacionais atribuem pouca atenção às idiossincrasias locais, facilitando a aquisição das tecnologias, mas não intervindo no desenvolvimento das literacias digitais e/ou informacionais.

O trabalho termina com algumas conclusões que se foram retirando ao longo da pesquisa realizada e que se considera importante mencionar. Esta será uma investigação que se pretende tenha algumas repercussões na forma como o meio académico tem investigado a questão das gerações, bem como da apropriação que é feita dos *media* no meio rural.

CAPÍTULO I.

MEIO RURAL PORTUGUÊS

É preciso olhar a árvore no contexto da floresta que lhe condiciona a sua evolução, mas é igualmente necessário que a visão da floresta não nos impeça de atentar nas particularidades de cada árvore.
(Estanque, 2002, p. 23)

O carácter simultaneamente íntimo e difuso, onnipresente e movediço das dunas da nossa existência pós-moderna faz com que nos seja impossível saber quem somos sem saber onde estamos.
(Santos, 1987, p. 6)

Destaques

-
- O rural é plural, há diferentes tipos de rural que apresentam diferentes características.
 - A população do meio rural diminuiu e foi envelhecendo ao longo do passado século XX.
 - A geografia rural é caracterizada por casas abandonadas ou dedicadas a negócios familiares de turismo rural; o território deixou de ser agrícola na sua maioria.
 - As representações sociais da família, do lazer e do trabalho/da escola sofreram alterações ao longo das décadas em estudo (1950, 1970 e 1990).
 - *Rurbanidade, desruralização, neoruralização* são alguns dos conceitos associados ao rural contemporâneo.
-

1.1. BREVE CARACTERIZAÇÃO DO MEIO RURAL PORTUGUÊS AO LONGO DE TRÊS DÉCADAS (1950, 1970 E 1990)

Definir conceitos que têm já vastas contribuições em termos de reflexão teórica, das mais variadas áreas científicas (Geografia e Planeamento, Demografia, Sociologia, Psicologia, Antropologia, Biologia, entre muitas outras), traduz-se numa tarefa bastante complicada, sobretudo porque, eventualmente, algum aspeto poderá ficar por explorar. Ainda que exista a consciência desse risco, a importância dos conceitos de rural e de ruralidade é de tal ordem para o desenvolvimento do trabalho que não seria possível contornar a sua definição.

Assim, e usufruindo da contribuição de Ferrão e Lopes (2004), o conceito de rural é utilizado, no âmbito da investigação, como uma categoria identificativa e descritiva de uma área específica, na qual ocorrem práticas e modos de fazer também eles específicos, sendo classificados com determinadas representações sociais, quer pelos seus residentes, quer pelos visitantes. O termo de ruralidade será apropriado na sua conceção holística, utilizado como um conceito que procura descrever as características e os processos de desenvolvimento de áreas classificadas como rurais (Ferrão & Lopes, 2004, p. 53).

De acordo com os mesmos autores, aquela forma de apropriação holística será baseada numa visão multidimensional e territorializada, considerando sete dimensões:

- (1) environment and landscape (endowment in natural resources, rural amenities);*
 - (2) settlement pattern and the demographic dynamics (population density, age structure, migration patterns);*
 - (3) quality of life (access to collective facilities and infra-structures, mobility);*
 - (4) human capital (values, attitudes, skills, capabilities) and social capital (identity, sense of belonging, networks);*
 - (5) economic profile (economic externalities, entrepreneurship, multi-functionality, long-term competitiveness);*
 - (6) institutions (collective actors, governance, policies);*
 - (7) territorial integration into broader spaces (rural–urban interdependency, local–global interplay).*
- (Ferrão & Lopes, 2004, p. 53).

Tendo em consideração a visão anterior, esta secção de caracterização do meio rural português encontra-se dividida no que se julgam ser as principais áreas de

compreensão do rural: a população e os movimentos migratórios (rural-urbano); geografia e território; escolarização e atividades económicas. Principais no sentido de serem essas as que contribuem para a sua melhor classificação, caracterização e compreensão social, económica e territorial.

1.1.1. Definição do rural com recurso a valores estatísticos

Na tentativa de unificar o conceito de rural, o primeiro passo foi a procura de uma definição estatística que tornasse mais coerente o estudo e a amostra. Inicialmente, foi realizada uma análise europeia da definição de rural através das estatísticas do Eurostat que assumem, como critério de classificação das regiões urbanas ou rurais, uma tipologia de células urbanas e rurais de 1 Km². As células urbanas têm que cumprir duas condições: 1) densidade populacional de pelo menos 300 habitantes por Km² e 2) no mínimo 5.000 habitantes em células contíguas acima do limiar de densidade. Assim, as regiões são consideradas “predominantemente rurais se a população rural é superior a 50%.” (UE, 2011, p. 179).

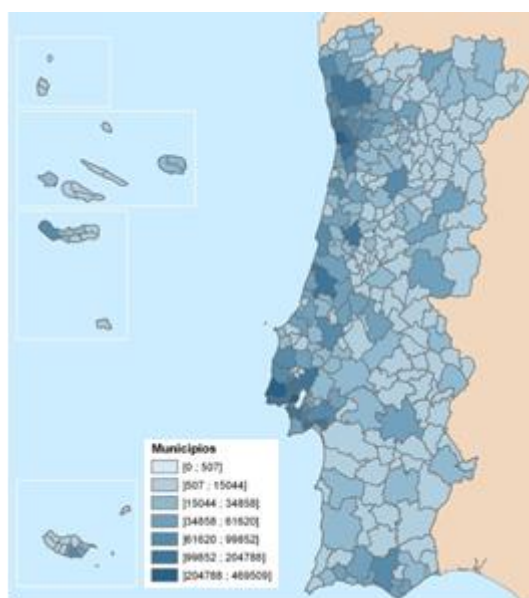
Posteriormente, em termos nacionais, recorreu-se ao Instituto Nacional de Estatística (INE), e à classificação de subsecções estatísticas e nova Tipologia de Áreas Urbanas (TIPAU), de 2009, que definem o

- *Espaço Urbano como uma subsecção estatística que contempla um dos seguintes requisitos: 1) tipificada como "solo urbano", de acordo com os critérios de planeamento dos Planos Municipais de Ordenamento do Território; 2) integra uma secção com densidade populacional superior a 500 habitantes por Km²; 3) integra um lugar com população residente igual ou superior a 5.000 habitantes.*
- *Espaço Semi-urbano como Subsecção estatística tipificada como "solo não urbano", de acordo com os critérios de planeamento dos Planos Municipais de Ordenamento do Território, que não foi incluída previamente na categoria de espaço urbano, e contempla, pelo menos um dos seguintes requisitos: 1) integra uma secção com densidade populacional superior a 100 habitantes por Km² e inferior ou igual a 500 habitantes por Km²; 2) integra um lugar com população residente igual ou superior a 2.000 habitantes e inferior a 5.000 habitantes.*
- *Espaço de Ocupação Predominantemente Rural como a subsecção estatística tipificada como "solo não urbano", de acordo com os critérios de planeamento assumidos nos Planos Municipais de Ordenamento do Território, que contempla o conjunto dos seguintes requisitos: 1) não foi incluída previamente na categoria de espaço urbano ou semiurbano; 2) tem densidade populacional igual ou*

inferior a 100 habitantes por Km²; 3) não integra um lugar com população residente igual ou superior a 2.000 habitantes.²

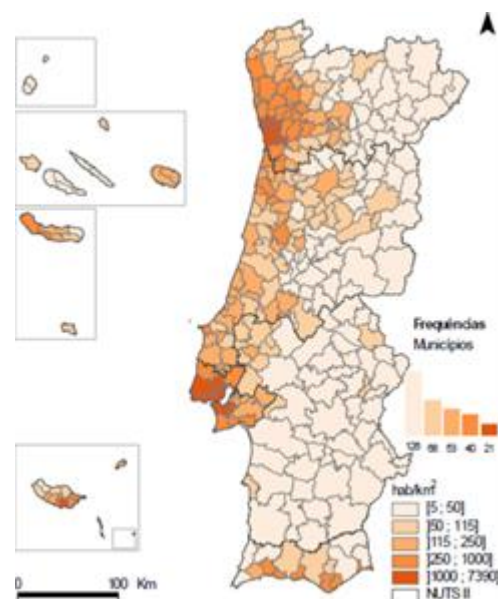
De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), o meio rural é, então, definido em oposição ao meio urbano e semi-urbano. Através dos **Cartogramas 1 e 2** é possível verificar que as zonas consideradas rurais situam-se, maioritariamente, no Alentejo, no Centro, no Algarve e na Região Autónoma dos Açores. No entanto, várias freguesias do Norte e da Região Autónoma da Madeira também se incluem nessa categoria. Aliás, a distribuição da população pelo território nacional não se faz de forma uniforme. Em 2010, dos 308 municípios nacionais, 114 exibiam densidades populacionais superiores à média nacional, ocupando apenas um quinto da superfície nacional, sendo as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto as que exibem maior concentração de população (INE, 2011a, p. 42).

Cartograma 1. População residente (N.º) por Municípios 2010



Fonte: www.ine.pt

Cartograma 2. Densidade populacional (Nº/Km2) por Municípios – 2011



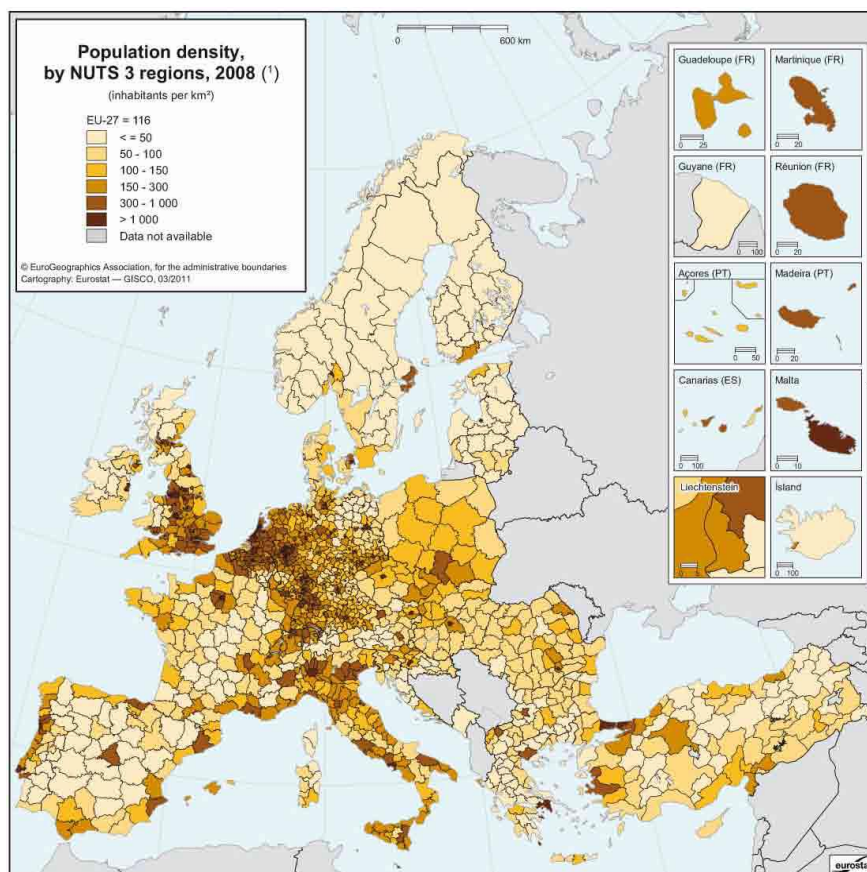
Fonte: INE (2011b, p. 9)

Estabelecendo uma comparação em termos europeus, se, em 2011, o País apresentava uma população total de 10.562.178 (INE, 2012b, p. 18), não deixava de ser dos países da União Europeia com menor valor populacional, à frente apenas da República Checa e da Hungria (na Europa a 27, valores de 2010) (INE, 2011c, p. 9).

² <http://www.ine.pt/xportal/ine/portal/portlets/html/conteudos/listaContentPage.jsp?BOUI=6251013&xlang=PT>, consultado a 15 de novembro de 2012.

Aliás, verificam-se diferenças significativas, com o centro da Europa bem mais povoado que os países periféricos, não obstante Portugal apresentar valores de densidade populacional mais elevados nas regiões costeiras (**Cartograma 3**).

Cartograma 3. Densidade populacional, por regiões NUTS III³, 2008 (habitantes por Km²)



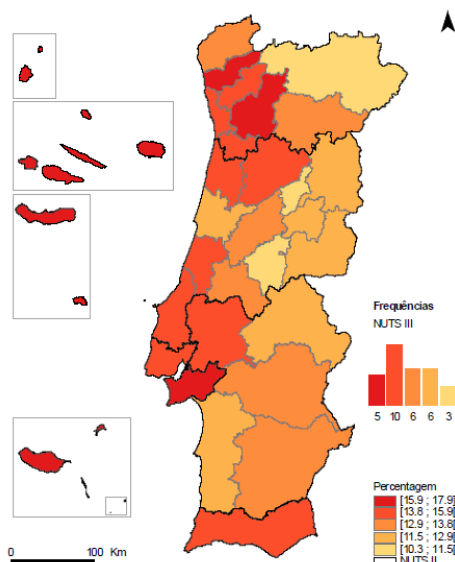
Fonte: UE (2011, p. 21)

No sentido de complementar as propostas de definição estatística do rural, Whitaker (1982) propôs que fossem acrescentados determinados indicadores para além da densidade populacional e da população residente, foram eles, o número de residentes por habitação, a percentagem de empregos concentrados em poucas indústrias, a

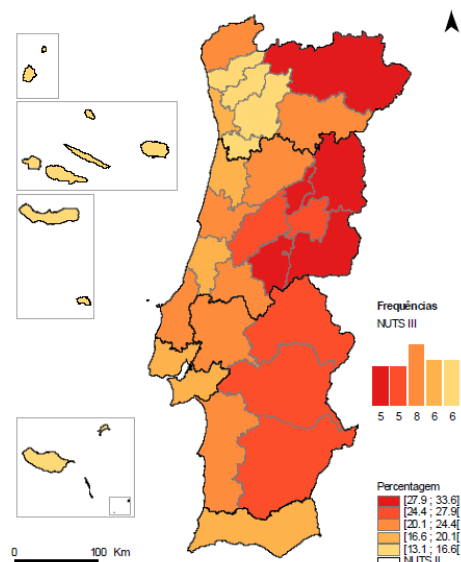
³ Nomenclatura estatística comum das unidades territoriais, de modo a permitir a recolha, organização e difusão de estatísticas regionais harmonizadas na Comunidade Europeia. A nomenclatura NUTS subdivide cada Estado-Membro em unidades territoriais de nível NUTS I (em Portugal, corresponde a Portugal Continental, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira), cada uma das quais é subdividida em unidades territoriais de nível NUTSII (em Portugal, corresponde a Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve), sendo estas, por sua vez, subdivididas em unidades territoriais de nível NUTS III (em Portugal, corresponde a Alto Trás-os-Montes, Ave, Cávado, Douro, Entre Douro e Vouga, Grande Porto, Minho-Lima, Tâmega, Baixo Mondego, Baixo Vouga, Beira Interior Norte, Beira Interior Sul, Cova da Beira, Dão-Lafões, Médio Tejo, Oeste, Pinhal Interior Norte, Pinhal Interior Sul, Pinhal Litoral, Serra da Estrela, Grande Lisboa, Península de Setúbal, Alentejo Central, Alentejo Litoral, Alto Alentejo, Baixo Alentejo, Lezíria do Tejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores, e Região Autónoma da Madeira) (<http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/3879>, consultado em 15 de novembro de 2012).

percentagem de residentes que trabalham em atividades relacionadas com a agricultura ou as pescas, a flutuação mensal do emprego e a percentagem de habitações com mais de quarenta anos. Alguns destes indicadores são igualmente partilhados por Figueiredo e Ferrão (2007), que referem que “quando falamos em rural [...] há dimensões que logo nos assaltam, como o envelhecimento da população, as baixas taxas de actividade económica, os elevados níveis de analfabetismo, assim como a escolaridade reduzida.” (Figueiredo & Ferrão, 2007, p. 4). Analisados alguns destes indicadores, conseguem verificar-se as diferenças entre os municípios rurais e urbanos.

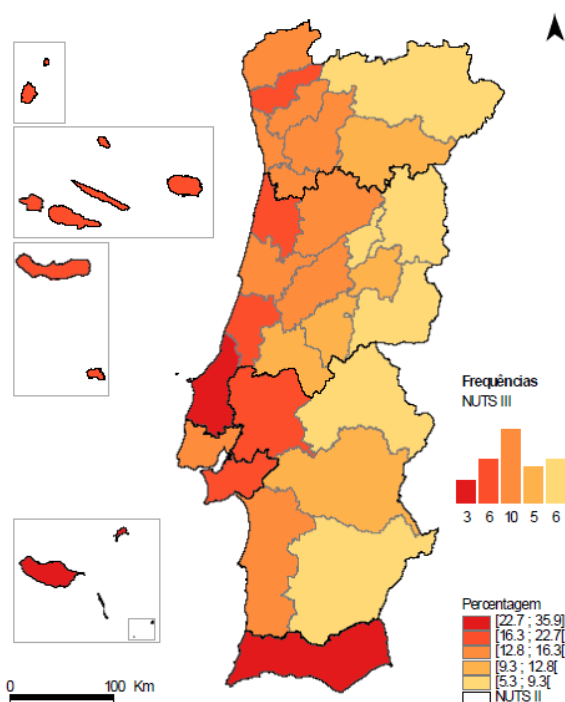
Cartograma 4. Percentagem de jovens
(dos 0 aos 14 anos), 2011



Cartograma 5. Percentagem de idosos
(com 65 ou mais anos), 2011

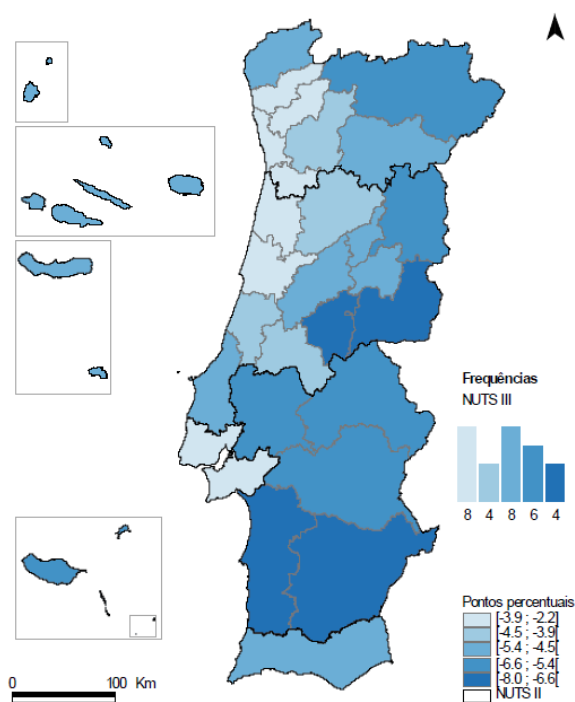


De acordo com o INE, em Portugal, sobretudo entre 2001 e 2011, verificou-se uma diminuição da população jovem, de 16% para 15%, respetivamente. Tendo aumentado a população idosa (com 65 ou mais anos) de 16% em 2001 para 19% em 2011.

Cartograma 6. Taxa de variação dos alojamentos 2001-2011

Já no que diz respeito aos alojamentos, entre 2001 e 2011, a variação foi positiva, com forte incidência nos municípios da região do Algarve. Em 2011, o número de edifícios destinados à habitação é de 3.544.389 e o número de alojamentos é de 5.878.756. Face ao recenseamento de 2001, observou-se um aumento de 12,2% e 16,3%, respetivamente. Para esta realidade poderão ter contribuído as medidas de incentivo ao crédito, sobretudo, a partir da década de 80, que aumentou, igualmente, a vontade de compra de casa própria. Por exemplo, em 1991, o número de proprietários ou co-proprietários era de 1.978.087, valor que em 2011 aumentou para 2.931.931 (INE, 2011b, p. 40).

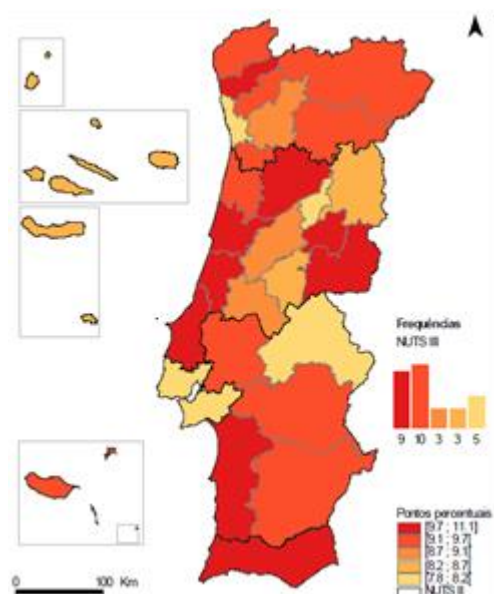
Cartograma 7. Variação da taxa de analfabetismo⁴, entre 2001 e 2011



Relativamente ao indicador da taxa de analfabetismo da população, a proporção de jovens entre os 18-24 anos, que já abandonou o sistema de ensino e que possui o 9º ano de escolaridade é de cerca de 22%, o que corresponde a 179.881 indivíduos. Em 2001, a mesma população, nas condições mencionadas correspondia a 33,4%.

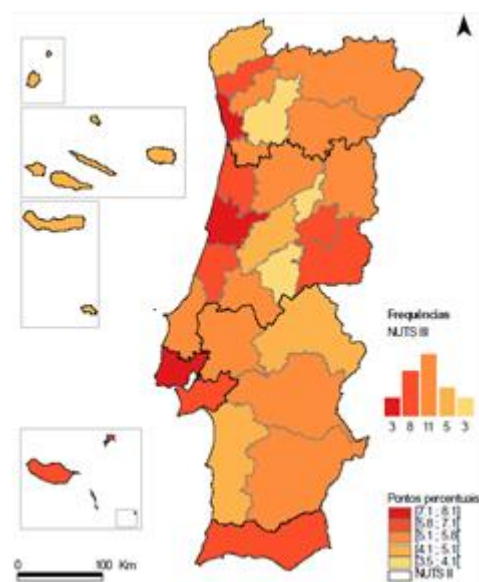
⁴ Inclui-se aqui a população com 10 ou mais anos que não sabe ler nem escrever.

Cartograma 8. Proporção da população que completou pelo menos o ensino secundário, variação 2001-2011



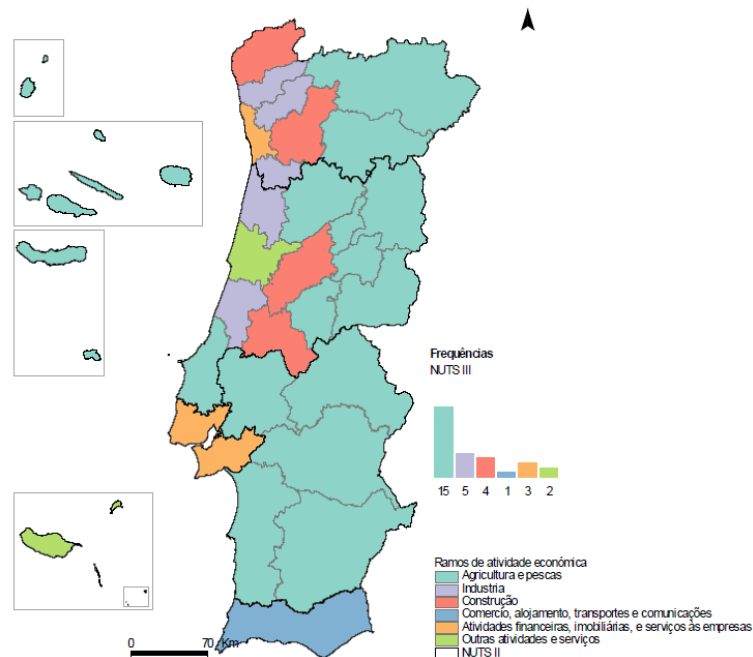
Fonte: INE (2012b, p. 45)

Cartograma 9. Proporção da população que completou o ensino superior, variação 2001-2011



Fonte: INE (2012b, p. 46)

Evolução positiva sofreram também os indicadores relativos à conclusão do ensino secundário e do ensino superior. Em 2011, cerca de 2.743.194 indivíduos com 18 e mais anos possuía pelo menos o ensino secundário completo, o que representa cerca de 32% da população dessa faixa etária. Em 2001, esse valor era de 23%. No que diz respeito ao ensino superior, a população com 23 ou mais anos, que possui ensino superior completo passou de 674.094 indivíduos para 1.220.215, em 2001 e 2011, respetivamente.

Cartograma 10. Ramo de atividade económica de especialização regional, 2011

O ramo de atividade económica predominante no território português continua a ser a agricultura, silvicultura, caça e pescas. Excetuando a região do Algarve e de quase toda a zona costeira do País, cujos ramos de atividade variam entre a construção, o comércio, os serviços e a indústria, praticamente toda a região interior se dedica a atividades relacionadas com a agricultura e as pescas.

A análise destes indicadores revestiu-se de grande importância não apenas para compreender a organização social, regional e económica do País, mas, igualmente, para a definição da amostra do estudo. Aliás, apesar de ter sido realizada, primeiramente, uma análise territorial em termos de NUTS II, verificou-se que esta abordagem não fazia diferenciações que, para o presente trabalho, permitiam identificar a distribuição entre urbano e rural a nível micro, ou seja, em termos mais concretos e específicos dos municípios, aspeto importante para a definição da amostra para os inquéritos por questionário, mas também para a realização dos *focus groups*. Assim, como será possível analisar com mais detalhe no **Capítulo V** (Processo metodológico), a nível macro, foi dada ênfase à análise por NUTS I quando foi realizada a seleção da amostra nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, e por NUTS II quando se pretendia selecionar a amostra de Portugal Continental. E, a nível micro, nas duas anteriores seleções em termos de NUTS (I e II), elaborou-se uma análise minuciosa dos municípios.

1.1.2. Definição de rural: estado da arte

O rural é definido estatisticamente em oposição ao urbano. Mas será que assim é em termos teóricos? Como refletem sobre o rural quem se dedica ao seu estudo? O rural, com todas as suas características, dinâmicas e mudanças ao longo do século passado, foi adquirindo contornos que não é possível sintetizar em apenas uma forma de o analisar. Aliás, como refere Elisabete Figueiredo (2011), “não há rural, mas *rurais*” (Figueiredo, 2011, p. 14), o que remete qualquer análise do rural que se pretenda realizar para a pluralidade dos seus contornos.

O meio rural, como se entendia no século XIX e início do século XX, tem sofrido várias transformações. Nos anos 50 o território português era marcadamente rural, mais de $\frac{3}{4}$ da população residia no meio rural, aí exercia a sua atividade e a própria economia nacional precisava dos seus frutos (Portela, 1997, p. 1). O rural do Estado Novo (1933-1974) era caracterizado por ter a agricultura como profissão e estilo de vida; com uma marcada desconfiança face ao progresso técnico-social e a tudo o que era externo; no qual predominavam as ações rotineiras, baseadas, sobretudo, no calendário das estações do ano (primavera, verão, outono e inverno) – que definiam quando era altura de semear, tratar e colher os produtos agrícolas.

A organização económica primordial no Estado Novo era a familiar, aliás, a família e as relações de vizinhança eram os guardiões das tradições locais e os homens adultos aqueles a quem mulheres e crianças deveriam guardar respeito absoluto. Sobressaem as relações de entreajuda entre os vizinhos e familiares, quer para atividades agrícolas, quer para a manutenção das memórias e tradições; o rural era ainda o local onde se acreditava em superstições e crendices, e onde os cultos pagãos e a vida religiosa eram cumpridos ferverosamente (Domingues, 2012, pp. 136-137).

A **Figura 1** ilustra bem as características apresentadas. Trata-se de um exemplo de uma série de sete cartazes editados para comemorar os dez anos de governação de Salazar e ensinar aos jovens os princípios do regime.

Figura 1. A Lição 7 de Salazar: “Deus, Pátria, Família: a Trilogia da Educação Nacional”



Fonte:

http://www.oliveirasalazar.org/download/documentos/A%20li%C3%A7%C3%A3o%20de%20Salazar_4D121BE9-3394-4D43-AB1F-A81584CE2799.pdf, consultado a 19 de novembro de 2012

A **Figura 1** traduz a imagem que o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) queria transmitir do País e, mais concretamente, do meio rural. A esposa tratava da casa e dos filhos, enquanto o marido estava a trabalhar na agricultura. Ao fim do dia, o homem volta a casa, e vê-se a saudação ao chefe de família. Em todo este ambiente sobressai a importância da Igreja, da família nuclear, da educação (o filho com a farda da Mocidade Portuguesa), da perpetuação dos costumes com as brincadeiras da filha em volta das casinhas de bonecas e dos tachos. Com esta imagem e outras semelhantes, a pretensão era transmitir uma imagem da felicidade vivenciada no meio rural e na vida no campo (Domingues, 2012, p. 19), traçando os contornos do que era essa mesma vida. Aliás, como refere Ferrão (2000),

Historicamente, o mundo rural destaca-se por se organizar em torno de uma tetralogia de aspectos bem conhecida:

- uma função principal: a produção de alimentos;
- uma actividade económica dominante: a agricultura;
- um grupo social de referência: a família camponesa [...];
- um tipo de paisagem que reflecte a conquista de equilíbrios entre as características naturais e o tipo de actividades humanas desenvolvidas. (Ferrão, 2000, p. 46).

Nos anos 60 assiste-se a um forte período de emigração. O meio rural vê a sua população decrescer, à semelhança do que acontece por todo o País, a procura de novas oportunidades por parte dos portugueses fá-los rumar aos outros países europeus (sobretudo, França, Luxemburgo, Bélgica e Suíça), e aqui inicia o que viria a ser o rural

dos tempos futuros, um local que se procura em tempos de férias, cujos residentes permanentes são as pessoas mais velhas. A par desta situação, e como consequência dela, a superfície rural cultivada também diminui, quem fica perde as forças para poder trabalhar a terra e os jovens preferem procurar trabalho nas cidades (Portela, 1997, pp. 3-4).

No início da década de 70, mais propriamente em 1974, o acontecimento político do 25 de Abril origina mudanças sociais, culturais, económicas, entre outras, que fazem sentir a vontade de voltar a Portugal. Para além disso, houve também um forte movimento dos retornados, que se veem forçados a regressar das ex-colónias. A democratização do sistema político iniciou um ciclo em que foi possível melhorar os sistemas de educação, as redes de transportes, a saúde pública, a segurança social. No entanto, estes movimentos populacionais não se deram para as áreas mais rurais, mas sim para as cidades, onde existiam as oportunidades de emprego (CEE, 1988, p. 23; Portela, 1997). Igualmente, a perda de predominância, no meio rural, da agricultura a partir do final do século XX, originou uma diminuição das pessoas que se dedicam ao cultivo da terra; provocando um processo de migração da população residente para as zonas urbanas, deixando as rurais envelhecidas e, conseqüentemente, desertificadas. Associado a este processo de mudança da atividade principal, verificou-se uma alteração também nas práticas, os procedimentos tornam-se mecânicos e modernos; emergindo novas atividades a montante e a jusante da agricultura, mas igualmente completamente desconectadas desta (CEE, 1988, pp. 5-6).

Nas palavras de Fidalgo (1999), a partir dos anos 80, o rural é transformado num local que se procura para viver tranquilamente, com qualidade de vida e sossego, sem receios relativamente à violência e usufruindo do ar puro, ou seja, razões de ordem social e natural (Fidalgo, 1999, p. 2). Afirmam Figueiredo e Ferrão (2007), que esta tendência de consideração do rural se mantém atualmente, uma vez que “as áreas rurais continuam a ser percebidas como idílicas, como lugares dominados por uma maior estabilidade e segurança nas relações sociais, assim como por uma maior superioridade moral” (Figueiredo & Ferrão, 2007, p. 3). O rural pode, agora, dedicar-se a outras atividades complementares (exemplo do turismo rural), deixando de ser a agricultura a única fonte de ocupação das terras e dos seus residentes.

José Madureira Pinto (1981) sistematiza as características do espaço social rural português, nas décadas de 70/80, considerando a formação das sociedades capitalistas. Esta sistematização é realizada tendo em conta as especificidades, funções e

transformações daquele espaço. O autor constrói uma tabela onde separa dois indicadores principais: as “funções externas no espaço social rural”, que subdivide em a) fornecimento de bens alimentares e de matérias-primas; b) reserva/fornecimento de força de trabalho aos setores produtivos não agrícolas; c) reservas de espaço físico; e d) funções político-ideológicas de conservação da ordem social. E a “especificidade do espaço social rural”, analisando a 1) dependência em relação aos processos naturais e estreita ligação ao espaço local de grande parte dos agentes sociais que nele habitam; 2) persistência do grupo doméstico enquanto unidade de produção, consumo e residência; e 3) importância das relações de interconhecimento na configuração dos principais processos sociais locais (Pinto, 1981, p. 329).

Segundo o autor (1981), e para mencionar apenas alguns dos traços do espaço social rural, a terra aumenta a sua produtividade com a integração de capital técnico (novos conhecimentos e procedimentos); o que talvez tenha contribuído para a dessacralização da agricultura; a mudança dá-se também na visão racional que é adotada (contrariamente à visão camponesa); o que permite olhar de maneira diferente a escola e a escolarização. Outros fatores já mencionados são também evidenciados por Madureira Pinto, a saber: êxodos agrícolas intensos, migrações pendulares, perda de significado das solidariedades de vizinhança e do grupo familiar alargado, difusão de padrões culturais urbanos (*mass media*), entre outros (Pinto, 1981, p. 329).

Na década de 1990 as principais mudanças em termos espaciais foram influenciadas, sobretudo, pela continuidade das evoluções tecnológicas, bem como pela sua utilização por parte dos indivíduos. Utilizando a explicação de Baptista (2011) para descrever o rural que começou a aparecer a partir do final do século passado e que ainda hoje se mantém, pode dizer-se que

As pequenas vilas e aldeias são ainda um rural familiar e de nascimento, onde a população continua a envelhecer e a declinar, mas onde também se verificam novas dinâmicas, hábitos e atitudes. Cresceu a mobilidade quotidiana, tanto para trabalhar como para outros actos individuais e familiares. São numerosos, e com consequências na vida local, os que pelo verão, pelas festas ou mesmo nos fins-de-semana, vêm das cidades onde vivem e trabalham, aos locais onde nasceram. (Baptista, 2011, p. 52).

Figueiredo (2011) concorda mesmo que “uma boa parte dos territórios rurais atravessa hoje processos mais ou menos profundos de redefinição, de reestruturação, de reconfiguração e, até, de reinvenção e recriação” (Figueiredo, 2011, pp. 13-14). É um território onde emergem os serviços, recebe cada vez mais residentes do meio urbano, e

prepara-se para os receber, aliás, conforme referido pelo escritor Julio Llamazares, em crónica no jornal espanhol El País, “El turismo rural, como su nombre indica, es una invención urbana, una forma de llamar al veraneo del interior sin que parezca algo para pobres.” (Llamazares, 2005). Mas estes processos de redefinição não se fazem sem a existência constante de assimetrias, houve evoluções consideráveis em termos económicos, ambientais e sociais, mas permanecem os registos de perdas demográficas e, sobretudo, apesar de todas as tentativas, uma diminuição da vitalidade económica, denotando as empresas um fraco nível de competitividade, coesão e sustentabilidade (CE, 2008, p. 1).

Por via dos cinco “érre’s” (reestruturação, redefinição, recriação, reconfiguração e reinvenção) surge, então, uma necessidade de encontrar uma compreensão para o que é hoje o rural. Figueiredo (2011) considera que, devido às metamorfoses que o rural vai sofrendo, este encontra-se perante uma “*esquizofrenia funcional*”, uma vez que há novas funções que se procuram no rural (tanto os residentes no meio urbano, como os autóctones) e que o próprio meio impõe (na medida em que a agricultura é uma atividade em decrescendo) (Figueiredo, 2011, p. 16).

Domingues (2012) considera mesmo que estamos perante um rural que está a atravessar um processo de “desruralização”, motivado pelo despovoamento, envelhecimento, abandono da produção agrícola, da criação de gado e dos campos. E, incluindo o rural culturas, “visões do mundo, imaginários e as gentes e a geografia, o território e as paisagens desses imaginários” (Domingues, 2012, p. 121), a “desruralização” ocorre também com o desaparecimento de saberes, estilos de vida, costumes, ofícios e práticas culturais. O rural, na opinião do autor, é, hoje, uma miragem, um local de residência para quem vive de pensões e poupanças, destino confiado apenas para passar férias (Domingues, 2012, p. 23 e 69).

Cimadevilla (2010) distancia-se das teorias dicotómicas iniciadas por Comte, Saint-Simon, Weber e Marx (*cit. in* Santos, 1987), dando um contributo no sentido do *continuum* rural-urbano. Enquanto aqueles autores utilizavam as dicotomias agricultura/indústria – para evidenciar a vertente espacial – e rural/urbano – que evidenciava o carácter temporal dos diferentes meios, no qual o rural pertencia ao passado, enquanto o urbano seria o futuro – para explicar a forma de produção económica e a vivência social, respetivamente (Santos, 1987, p. 7); Cimadevilla (2010) tenta afastar-se destas dicotomias afirmando que

[...] postular la interpenetración de contrários en la dicotomía urbano-rural, supone simplemente afirmar que la predominancia de un polo sobre el otro no inhibe el processo contrario. Por esa razón, reconocidos los procesos de penetración de lo urbano sobre lo rural, incluso como hegemónicos, también se requiere observar sus procesos opuestos (Cimadevilla, 2010, pp. 81-82).

Assim, não está em causa uma posição hegemónica de um pólo sobre o outro, mas sim uma interpenetração e coexistência dos contrários (Cimadevilla, 2010, p. 83), a dicotomia rural-urbano é, por isso, desvalorizada, no sentido em que não há uma verdadeira oposição de territórios, mas antes um *continuum* que se vai afirmando através da geografia, mas também dos residentes, das suas rotinas cognitivas e sociais.

Aquele *continuum* é evidenciado através do aumento da procura do rural por parte daqueles que trabalham e vivem os seus dias em zonas urbanas, uma vez que poderá ocorrer que tentem levar algumas das comodidades que se encontram apenas nos grandes centros para as pequenas localidades, numa tentativa de melhorar as condições de vida. Em determinadas situações ocorridas no meio urbano, pode considerar-se utilizar conhecimentos que são tipicamente conhecidos como originários das regiões mais tradicionais e rurais, como explica Cimadevilla (2010) “[...] sino que es el caso de los actores y situaciones que en ambientes citadinos recurren a la emergencia de los saberes, valores, prácticas y dispositivos que por asociación típica fueron y son considerados rurales.” (Cimadevilla, 2010, p. 82). A esta união o autor atribui a designação de rurbanidade, ou seja, a coexistência do rural e do urbano em cada um dos meios, mas, em vez de completamente isolados, as características de ambos (rural e urbano) são evidenciadas de forma conjunta e agregada (Cimadevilla, 2010, p. 83).

O carácter híbrido assumido por aquela rurbanização é igualmente tratado por Cloke (2011), que considera que não se pode assumir, logo à partida, a hegemonia do meio urbano, como tendo estendido as suas características ao meio rural, mas sim, e mais até, do meio rural perante o urbano. O autor afirma que grande parte do que é hoje território urbano foi, em tempos, rural, dedicado à agricultura, logo, apropriado por este (Cloke, 2011, pp. 567-568).

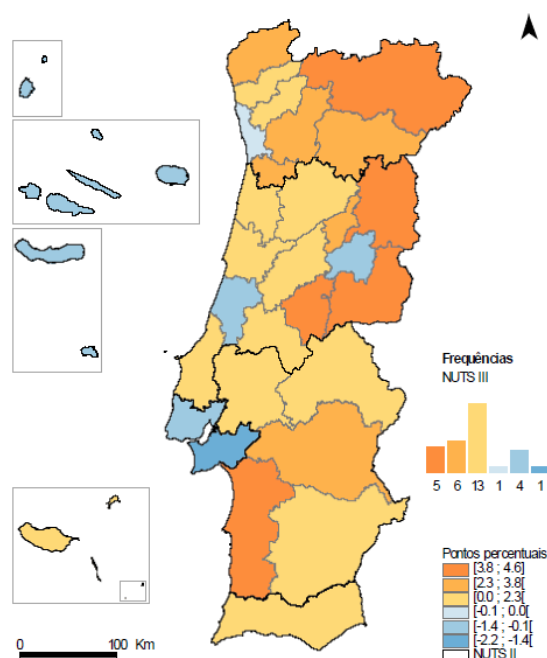
A procura cada vez mais frequente de locais semelhantes aos rurais, mas próximos dos urbanos, é uma evidência da hegemonia do rural sobre o urbano, defendida por Cloke (2011), com o surgimento do que Fidalgo (1999) designa de “urbanizações tipo aldeia”. Ao mesmo tempo que aldeias do interior assistem à sua desertificação e abandono, as periferias das metrópoles transformam-se em aldeamentos residenciais e/ou turísticos (Fidalgo, 1999, p. 90). Com este novo paradigma mudam os

relacionamentos entre os meios rural e urbano, se no início do século XX era fácil encontrar fronteiras, agora há movimentos pendulares que dificultam essa definição:

[...] os movimentos casa-trabalho; os movimentos em direcção à cidade para a satisfação de um conjunto de bens e serviços; os movimentos em direcção aos espaços rurais para o usufruto das amenidades naturais; as redes de articulação e de intercâmbio entre as empresas localizadas nos espaços rurais e nos espaços urbanos. (Marques, 2003, pp. 510-511).

Esta tendência pendular pode mesmo verificar-se através da existência cada vez maior dos alojamentos de residência secundária (**Cartograma 11**).

Cartograma 11. Alojamentos de residência secundária, variação 2001-2011



Fonte: INE (2012b, p. 71)

Em 2011, eram 1.133.300 as residências secundárias (19,3% do total de alojamentos do País). Verificou-se um crescimento de 22,6% face a 2002. As regiões onde a existência de residência secundária é mais elevada são, precisamente, as zonas mais rurais do território (Alto de Trás-os-Montes, Minho Lima, Beira Interior Norte e Sul e Pinhal Interior Sul), situando-se acima dos 32%.

Conclui-se, no entanto, que apesar de terem aumentado as residências secundárias nos meios rurais, esse dado nem por isso é significativo da existência de maior população residente, de acordo com Elisabete Figueiredo “As pessoas não vivem

em muitas das áreas rurais exatamente porque falta lá tudo (escolas, centros de saúde, equipamentos e serviços que foram sendo desmantelados)”⁵, o que motiva esse despovoamento e abandono. De facto, quem vive no meio rural compreende que estes são meios onde a produção perde primazia face ao consumo, destinam-se “essencialmente a ser preservados e não dinamizados” (Figueiredo & Ferrão, 2007, p. 4). No entanto, talvez seja precisamente isso que se procura quando a escolha da localização da residência secundária recai sobre os meios rurais.

Na questão da produção/consumo é, ainda, oportuno analisar com mais detalhe as assimetrias entre o rural e o urbano. Grimes (2000) considera que de entre as condições que incentivam o investimento a procurar as áreas urbanas (e não as rurais) estão a existência de economias de escala⁶, o acesso a um elevado conjunto de especialidades laborais e a serviços de transporte e a infraestruturas de informação e telecomunicação (Grimes, 2000, p. 14). Aliás, o aumento do custo da ligação à internet à medida que há um afastamento dos meios urbanos, por exemplo, o acesso mais rápido e o acesso a indústrias mais inovadoras, estão altamente relacionados com o rendimento, o acesso ao ensino e à saúde (Teixeira *et al.*, 2006, p. 129).

Posto isto, impõe-se a dinamização dos meios rurais, mas não uma dinamização com origem nas cidades, antes uma que opere de dentro para fora, partindo da valorização do já existente, para criar novas mais-valias, pois como referem Figueiredo e Ferrão (2007), “as iniciativas devem ser criadas a partir do conhecimento e avaliação dos territórios e não conduzidas a partir de fora, quer se trate de vontades e decisões políticas, quer se trate de orientações e necessidades sociais, económicas e tecnológicas.” (Figueiredo & Ferrão, 2007, p. 11). Por exemplo, num mundo a que se atribui cada vez mais valor às marcas (*brands*), pode-se valorizar as identidades e raízes profundas sedimentadas ao longo de gerações do meio rural, uma vez que são essas que o caracterizam de forma original e impossível de encontrar em ambientes recriados, como os aldeamentos da periferia urbana (Fidalgo, 1999, p. 96).

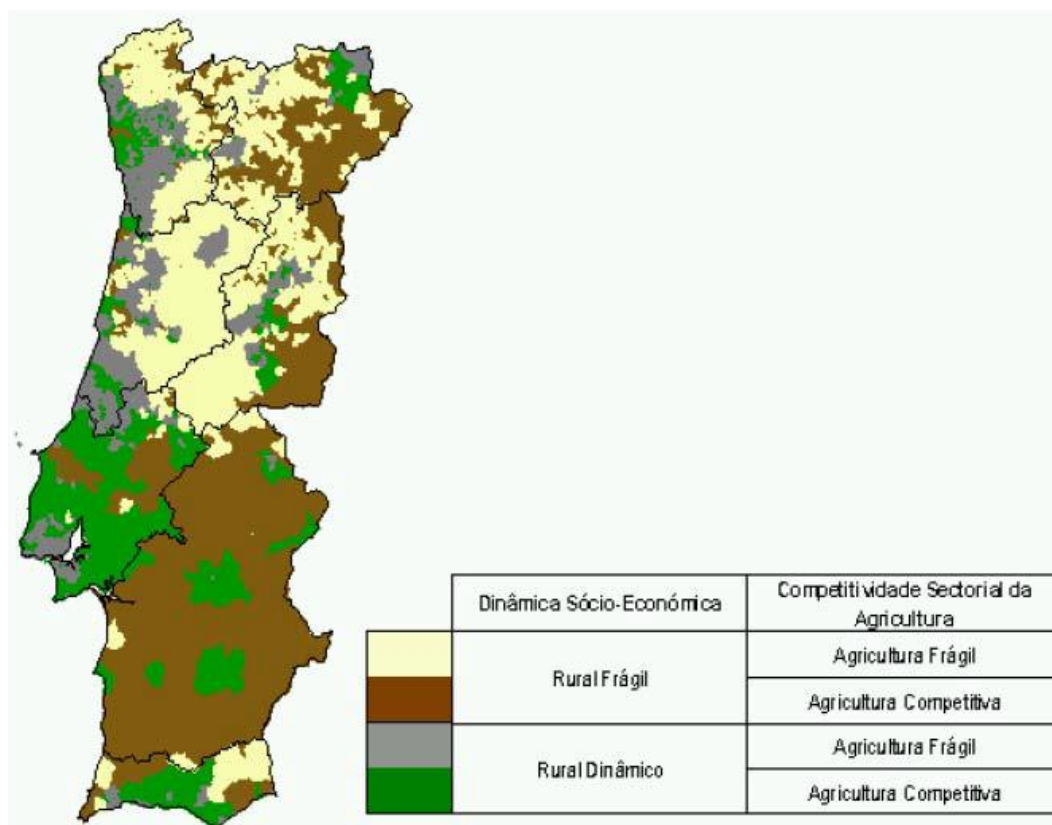
A forma como o rural vivencia a sua competitividade agrícola e as dinâmicas socioeconómicas é analisada num projeto desenvolvido por Baptista (2003). Os autores do projeto elaboraram quatro grandes categorias de rural em Portugal (**Cartograma 12**):

⁵ Programa Sociedade Civil do dia 25 de outubro de 2012, com o tema “Viver no Mundo Rural”, no canal RTP2, disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p23283/c96822>, consultado a 03 de novembro de 2012.

⁶ Entende-se por economias de escala a situação em que o preço de custo por unidade para produzir um determinado bem diminui à medida que o número de peças produzidas aumenta.

- **rural dinâmico/agricultura competitiva** (cor verde), que corresponde às freguesias com elevados níveis de competitividade agrícola e de dinâmica socioeconómica;
- **rural dinâmico/agricultura frágil** (cor cinzenta), que são as freguesias com elevado nível de dinâmica socioeconómica;
- **rural frágil/agricultura competitiva** (cor castanha), correspondendo às freguesias com elevado nível de competitividade agrícola;
- **rural frágil/agricultura frágil** (cor amarela), são as freguesias com baixos níveis de competitividade agrícola e de dinâmica socioeconómica, embora frequentemente com potencialidades no domínio das amenidades rurais e do lazer.

Cartograma 12. Dinâmicas socioeconómicas do meio rural e competitividade da agricultura



Fonte: Baptista (2003, pp. 13-14)

Pertinente refletir que é nas zonas onde as dinâmicas socioeconómicas e a competitividade da agricultura são mais baixas que os autores do estudo verificaram as atividades de lazer como tendo um forte interesse para o desenvolvimento. Esta ideia vai

de encontro ao que Marques (2003) define como a terceira fase na relação entre rural e urbano. Diz a autora que

Numa primeira fase, quando as sociedades eram predominantemente rurais, os campos alimentavam as necessidades de consumo alimentar das áreas urbanas. Eram economias sustentadas na produção agrícola. Depois da revolução industrial, as economias passaram a estar sustentadas nos espaços urbanos e os espaços rurais passaram a depender das economias urbanas. Hoje em dia estamos a entrar numa terceira fase, pois os fluxos entre o urbano e o rural têm vindo progressivamente a aumentar. (Marques, 2003, p. 508).

Tendo em consideração as características das zonas rurais já mencionadas – o afastamento e isolamento dos territórios, das pessoas, das dinâmicas locais face aos centros de crescimento económico, de conhecimento e de decisão; as frágeis dinâmicas económicas e sociais; a escassa ou inexistente articulação entre processos de inovação; a população escassa e envelhecida; e os baixos níveis de escolarização dos seus residentes (Figueiredo & Ferrão, 2007, pp. 10-11) – é, então, pertinente pensar em estratégias que diminuam este fosso entre o meio rural e o urbano (na medida em que estas características se estabelecem frequentemente em comparação com a urbanidade do País). Caso contrário, se se continuarem a verificar as mesmas disparidades, as zonas rurais, sobretudo as mais interiores (igualmente mais afetadas pelo fosso urbano-rural), correm vários riscos, como o bloqueio da participação dos atores rurais na sociedade do conhecimento e, conseqüentemente, a menorização da população rural, remetendo-a para uma situação de subalternização e exclusão (Figueiredo & Ferrão, 2007, p. 13).

Essas estratégias de desenvolvimento do rural já faziam igualmente parte das reflexões da Comunidade Económica Europeia (CEE), como a reestruturação da atividade agrícola e a diversificação da economia, através da criação de novas funções e oportunidades (como o turismo rural) para os seus residentes, mas também novas ou renovadas formas de fazer e de executar os processos (CEE, 1988, p. 5). A globalização assume, aqui, uma importância que não pode ser esquecida, no entanto, não no sentido de mundializar ou homogeneizar os mundos rurais, mas antes no sentido de

[...] ser capaz de tirar partido da flexibilidade de comunicação proporcionada pela redes e serviços telemáticos para estabelecer trocas económicas e culturais com outros povos e, simultaneamente, ter a oportunidade de dar a reconhecer à escala global os fenómenos e especificidades locais. Neste contexto, o desafio está no desenvolvimento da capacidade de articular as culturas locais e globais no âmbito dos fluxos comunicacionais interculturais. (Silva & Abreu, 2003, p. 60).

Neste sentido de, longe da homogeneização, compreender as procuras e consumos da população rural e, posteriormente, sugerir desenhos e aplicações de estratégias de desenvolvimento mais eficazes, surgiu o projeto *RURAL MATTERS - Significados do Rural em Portugal: Entre as representações sociais, os consumos e as estratégias de desenvolvimento*⁷, coordenado por Elisabete Figueiredo, docente da Universidade de Aveiro, que decorre entre 2012 e 2014. Ainda não é possível apresentar resultados do projeto, no entanto, na medida em que vai incidir sobre as representações sociais criadas sobre o rural e a sua articulação com as motivações e materializações dos consumos do rural e com as suas estratégias de desenvolvimento, considera-se que será mais um precioso contributo para a reflexão sobre o futuro do meio rural português.

Para Covas e Covas (2012), entra-se, agora, numa 2ª ruralidade, associada à sociedade de risco de Beck (2011 [1992]). De acordo com os autores (Covas & Covas, 2012), “os problemas estruturais do mundo rural [...] agravam o impacto dos riscos globais e este círculo vicioso gera, ele próprio, uma “exportação de risco” do mundo rural para o mundo urbano.” (Covas & Covas, 2012, p. 98).

Da análise do estado da arte sobre o meio rural português sobressaíram três indicadores principais, nos quais é subdividido este subcapítulo: a população e os movimentos migratórios; o território e a geografia e as atividades económicas e escolarização. Não é objetivo que se considerem em separado, nem seria possível tendo em conta as inter-relações que têm uns com os outros, como aliás já houve oportunidade de analisar, no entanto, considera-se oportuno elaborar uma distinção um pouco mais detalhada para melhor compreensão dos fenómenos.

1.1.2.1. Geografia e território

Antes de dar início a qualquer caracterização de Portugal em termos da sua população e atividades económicas, considera-se pertinente explicar como se encontra o País organizado e como foram ocorrendo as mudanças territoriais.

Portugal Continental está organizado em várias divisões: são 18 distritos (Viana do Castelo, Vila Real, Bragança, Braga, Porto, Aveiro, Viseu, Guarda, Coimbra, Castelo Branco, Leiria, Santarém, Portalegre, Lisboa, Setúbal, Évora, Beja e Faro), subdivididos

⁷ <http://ruralmatters.web.ua.pt/>, consultado a 03 de novembro de 2012.

em 311 concelhos, por sua vez, divididos em freguesias. Portugal tem ainda mais duas unidades territoriais, a Região Autónoma dos Açores, com nove ilhas (Flores, Corvo, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Faial, Pico, S. Miguel, Santa Maria e Ilhéu das Formigas) e a Região Autónoma da Madeira, com quatro ilhas (Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens).

Após a entrada na Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, e como já referido anteriormente, Portugal alterou a forma como define o território, assim, passou a dividir-se através de novas unidades administrativas designadas por NUT (nomenclatura das unidades territoriais para fins estatísticos), com os níveis hierárquicos NUT I, NUT II e NUT III. O **Cartograma 13** representa a divisão do País em distritos e ilhas.

Cartograma 13. Mapa de Portugal



Fonte: www.google.com/images, consultado a 22 de novembro de 2012

Como foi possível compreender no subcapítulo anterior (População e movimentos migratórios), ao longo dos anos, Portugal sofreu mudanças consideráveis em termos populacionais, com os nascimentos e as mortes que foram ocorrendo, mas também com

os diferentes movimentos migratórios. Isso originou mudanças ao nível do território, o seu povoamento, bem como a dedicação a diferentes atividades que alteram a geografia do País.

Nos anos 50, e como foi já possível analisar, Portugal era um País rural, a sua atividade económica era a agricultura, os seus residentes alimentavam-se dos produtos que cultivavam na terra, todo o território tinha características marcadamente rurais. Não havia, para além de Lisboa e Porto, grandes cidades, com características de metrópole, mas sim vilas grandes e “os centros urbanos eram áreas minúsculas num espaço tomado e gerido pela população agrícola.” (Portela, 1997, p. 1).

Nos anos 60, porém, aquelas características de ruralidade, sobretudo, as que dizem respeito à dedicação do território à agricultura, começam a sentir os efeitos da urbanização. E, na primeira metade dos anos 70, a superfície semeada anualmente no Continente já baixara 23% e, na década de 80 esta quebra é bem mais evidente, de cerca de 45% (Baptista, 1996, p. 53). No entanto, este decréscimo de zona cultivada, não implica que se assista a um desaparecimento do território rural, aliás, as áreas rurais representam cerca de “85% do território nacional e 32% da população do Continente, 99,6 % do território e 93 % da população da Região Autónoma dos Açores e 81,4 % do território e 34,4 % da população da Região Autónoma da Madeira” (CE, 2008, p. 1), constituindo igualmente uma reserva riquíssima de recursos naturais, ambientais e culturais⁸.

Depreende-se, então, que o conceito de rural, mais do que limites geográficos, é uma forma de vida, contemplando uma panóplia de características económicas, sociais e culturais. Nas palavras de Fidalgo (1999) “As aldeias não eram somente um local de residência e de trabalho, mas uma maneira de nascer, viver e morrer, solidificada ao longo de séculos, incompatível com os tempos modernos.” (Fidalgo, 1999, p. 93).

A CEE considerava mesmo que com a existência de pequenos negócios, indústrias, comércio e serviços, viver no meio rural passou a ser uma opção cada vez mais contemplada, aliás funciona mesmo como uma zona de equilíbrio ecológico e um espaço privilegiado para o relaxamento e lazer (CEE, 1988, p. 15). Uma vez que é possível ter acesso a água canalizada, saneamento básico, eletricidade, telefone, telemóvel, carro e computador, a vida nos campos urbanizou-se, assistindo-se, na opinião de Fidalgo (1999), a uma uniformização de modos de vida e de valores entre as cidades e as serras (Fidalgo, 1999, p. 92), mudam-se modos de fazer, mas também de pensar, as ideologias

⁸ Associação dos Jovens Agricultores de Portugal: <http://www.ajap.pt/>, consultado a 22 de novembro de 2012.

rígidas do passado dão lugar a novas formas de ver o mundo e o rural, bem como de o vivenciar.

1.1.2.2. População e movimentos migratórios

Ao longo das três décadas sobre as quais se faz o estudo (1950, 1970 e 1990) foram várias as alterações em termos de população do território nacional, quer em termos de emigração, imigração e movimentos migratórios, mas também em relação à taxa de natalidade, mortalidade e de envelhecimento.

A partir de 1950 (com maior incidência na década de 60), assiste-se ao aumento do êxodo rural e, ao mesmo tempo, da emigração da população portuguesa para outros países da Europa (França, Luxemburgo, Bélgica e Suíça). Aliás, em 1960, o número de emigrantes ascendia aos 32.318, sendo mais de 20.000 os residentes no Continente, e mais de 9.000 os residentes no Norte do País⁹. O que motivou estes movimentos migratórios foi, sobretudo, a procura de melhores condições de trabalho. Em termos políticos, Portugal vivia num Estado ditatorial, no qual a maior parte da população tinha condições de vida precárias.

Iniciando a análise pelos valores mais globais da população portuguesa ao longo das últimas décadas, apresentam-se as tabelas com os indicadores das taxas de natalidade e de mortalidade, esperança de vida à nascença, indicadores de envelhecimento e percentagem de jovens e de idosos. Será realizada uma sucinta análise a cada uma das tabelas, no entanto, de referir que na maior parte dos indicadores não foi possível encontrar valores para a década de 50, pelo que se considera a de 60 como representativa daquela.

A taxa bruta de natalidade/mortalidade é o valor que permite calcular o número de crianças que nascem/morrem anualmente por cada mil habitantes, numa determinada área. As duas taxas têm sofrido decréscimos relativamente constantes ao longo dos anos, tendo atingido as taxas mais baixas em 2011. Esta situação é mais visível para a taxa bruta de natalidade (**Tabela 1**) cujo valor mais elevado foi precisamente em 1960 (e, depreende-se daqui que, em 1950, tenha sido de cerca de 28%/29%), tendo diminuído, mais ou menos, 4 valores percentuais em todos os inícios de década. As condições de

⁹ <http://www.pordata.pt/>, consultado a 20 de novembro de 2012.

vida dos casais (elevadas taxas de desemprego, casamento tardio, aumento do número de divórcios, entre outras), mas também um conhecimento mais aprofundado de métodos contraceptivos, a pressão que a vida profissional foi impondo ao longo dos anos, podem justificar estes valores da taxa de natalidade.

No que diz respeito à taxa bruta de mortalidade (**Tabela 1**), pode afirmar-se que não sofreu mudanças tão acentuadas, situando-se, regra geral, entre os 9% e os 10%. Este valor é fortemente afetado pela longevidade da população, perdendo a sensibilidade para acompanhamento demográfico. Aliás, em Portugal, o índice do envelhecimento, a esperança média de vida e o número de indivíduos com 65 anos ou mais têm tido valores cada vez mais elevados, o que poderá provocar uma estabilidade desta taxa.

Tabela 1. Taxa bruta de mortalidade e de natalidade, em Portugal (%)

Anos	Taxa bruta de mortalidade	Taxa bruta de natalidade
1960	10,7	24,1
1970	10,7	20,8
1980	9,7	16,2
1990	10,3	11,7
2000	10,3	11,7
2011	9,7	9,2

Fonte: www.pordata.pt, consultado a 20 de novembro de 2012

A esperança média de vida (**Tabela 2**) é definida como o número médio de anos que um indivíduo pode esperar viver desde o momento em que nasce, se ao longo da sua vida se mantiverem as condições de mortalidade observadas no ano em que nasceu. Este indicador tem sofrido constantes aumentos ao longo dos anos; em 1960, situava-se nos 60 (homens) e nos 66 (mulheres) anos e a partir daí tem crescido quatro anos por década. Mais uma vez, poder-se-á depreender deste valor que, em 1950, a esperança média de vida apresentava uma idade mais baixa, a rondar os 56/57 anos.

Para o aumento da esperança média de vida contribuem fatores como a melhoria da assistência médica, acesso a medicamentos, melhores condições hospitalares, aumento da investigação na área da saúde (desenvolvimentos científicos); melhoria na alimentação; melhoria das condições de higiene, sanitárias e de habitação; melhoria das condições de trabalho; alargamento dos sistemas de protecção social, entre outros.

Tabela 2. Esperança de vida à nascença: total e por sexo

Anos	Total	Sexo	
		Masculino	Feminino
1960	X	60,7	66,4
1970	67,1	64,0	70,3
1980	71,1	67,8	74,8
1990	74,1	70,6	77,5
2000	76,4	72,9	79,9
2010	79,5	76,4	82,3

Fonte: www.pordata.pt, consultado a 20 de novembro de 2012

O índice de envelhecimento (**Tabela 3**) dá a conhecer a relação entre a população idosa e a população jovem, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos. Os valores do índice de envelhecimento ao longo dos anos mostram que a população com 65 ou mais anos tem sofrido aumentos quase exponenciais, sobretudo entre 1991 e 2001, mas também, se bem que de modo menos drástico, entre 2001 e 2011.

Tabela 3. Índice de envelhecimento, segundo os Censos (%)

Anos	Índice de envelhecimento
1970	34,0
1981	44,9
1991	68,1
2001	102,2
2011	127,8

Fonte: www.pordata.pt, consultado a 20 de novembro de 2012

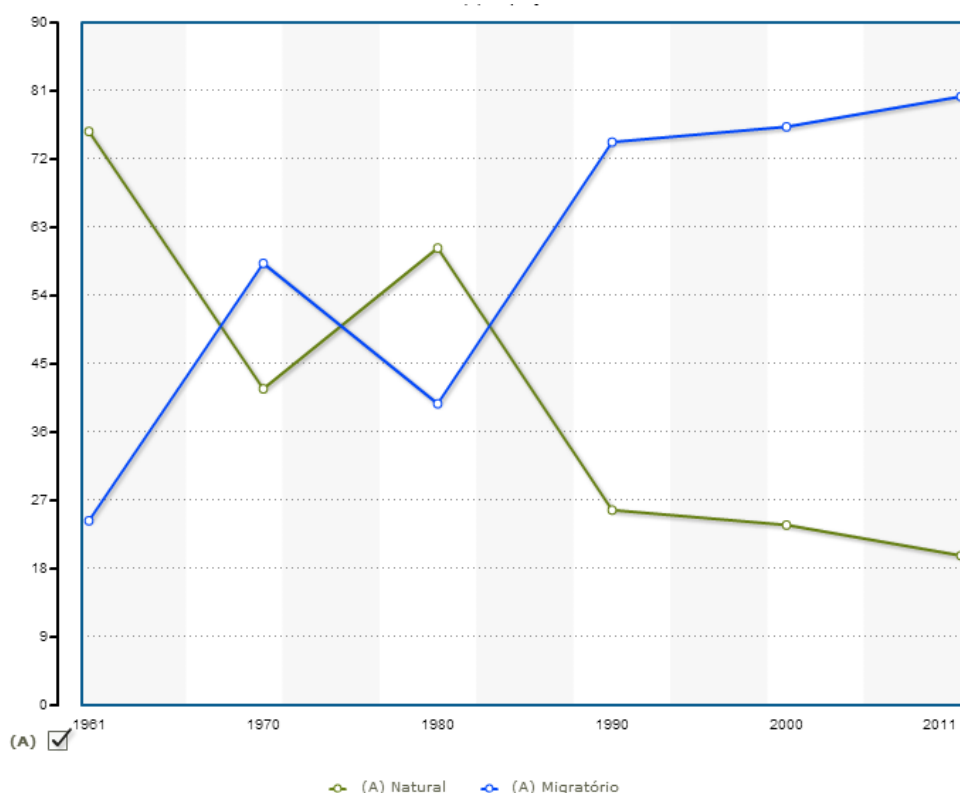
Os **Cartogramas 4 e 5** permitem comprovar o que se afirmou relativamente ao índice de envelhecimento, para 2011. Para além da população idosa ser mais elevada que a população jovem, as diferenças em termos de território são também evidentes, com as zonas do litoral mais povoadas com jovens, e as zonas do interior (rurais) a serem habitadas mais por idosos.

O êxodo rural e movimentos (e/i)migratórios poderão, igualmente, ajudar a analisar a estrutura da população portuguesa ao longo de meados do século XX, início do século XXI. Pretende-se, assim, conhecer de que forma a quantidade de população que entra e sai do País, e que realiza os movimentos pendulares rural-urbano, ou que reside em cada um dos meios (rural e urbano) se tem comportado ao longo dos anos.

Por saldo natural, entende-se a diferença entre os nados vivos (taxa bruta de natalidade) e os nados mortos (taxa bruta de mortalidade), em determinado período. O saldo migratório é a diferença entre a imigração e a emigração numa determinada região durante o ano. No **Gráfico 3**, verifica-se que os saldos natural e migratório sofreram bastantes oscilações entre 1960 e 1990, mas atingiram um pico nesse último ano, mantendo-se até 2011 quase inalterados (mas com tendência a seguir a continuidade da linha, no sentido de aumentar no caso do saldo migratório, e de diminuir no caso do saldo natural).

A linha do saldo migratório indica que o número de emigrantes tem aumentado visivelmente, e que tem sido maior do que o número de imigrantes. A linha do saldo natural indica que o número de nados mortos está bastante próximo do número de nados vivos.

Gráfico 3. Contributo dos saldos natural e migratório para a variação populacional anual (%)



Fonte: www.pordata.pt, consultado a 20 de novembro de 2012

A tradição de emigração não é recente, como refere Portela (1997), já desde antes de 1986 se verificava uma tendência no povo português para emigrar, sobretudo para

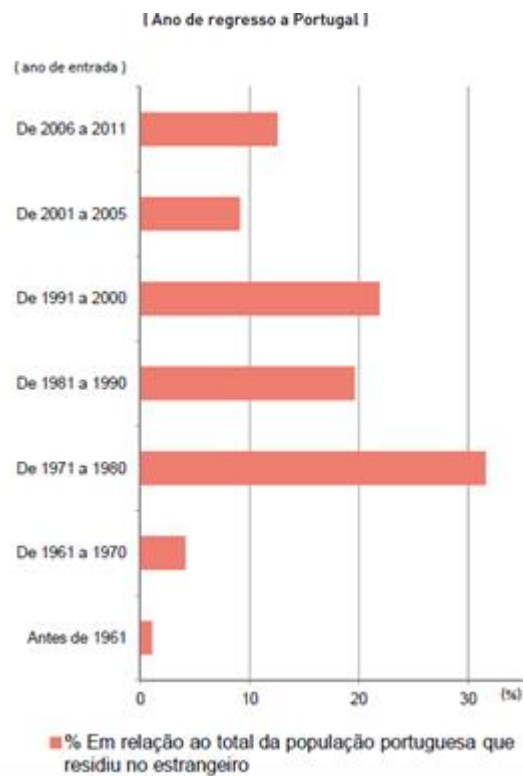
outros países da Europa (Portela, 1997, p. 2) mas, a partir dos anos 80 assiste-se à conjugação de fortes movimentos emigratórios e imigratórios, sobretudo imigrantes vindos de países africanos e do Brasil (Portela, 1997, p. 5). A tendência das saídas de cidadãos portugueses para outros países pode ser verificada através do **Tabela 4** e do **Gráfico 4**.

Tabela 4. Emigrantes: total e por tipo (1960-2000)

Anos	Emigrantes		
	Total	Emigrante permanente	Emigrante temporário
1960	32.318	x	X
1970	66.360	x	x
1980	25.207	18.071	7.136
1992	39.322	22.324	16.998
2000	21.333	4.692	16.641

Fonte: <http://www.pordata.pt/>, consultado a 20 de novembro de 2012

Gráfico 4. População de nacionalidade portuguesa que já residiu no estrangeiro



Fonte: INE (2012b, p. 30)

As maiores comunidades imigrantes residentes em Portugal são a brasileira (cerca de 28%), a cabo-verdiana (aproximadamente 10%), comunidade ucraniana (com 9%), e a comunidade angolana (com cerca de 7%). É também importante referir que o número de residentes chineses aumentou de 2.176 em 2001 para 11.458 em 2011 (INE, 2012b, p. 29).

Mas não foi só para outros países da Europa que os portugueses procuraram sair. Os fortes movimentos dos meios rurais para os urbanos (êxodo rural) são uma forte evidência da procura de mudança, de outras condições de vida. A **Tabela 5** mostra o crescimento das populações urbana, semi-urbana e rural, entre 1911 e 1981.

Tabela 5. Crescimento da população urbana, semi-urbana e rural, 1911 a 1981 (números índices e evolução percentual)

	1911		1940		1960		1981	
	N.I.	%	N.I.	%	N.I.	%	N.I.	%
Pop. rural	100	76.4	121.1	71.4	128.3	65.7	122.9	56.9
Pop. semi-urbana	100	9.2	158.7	11.2	188.4	11.6	239.8	13.3
Pop. urbana	100	15.6	164.3	19.8	216.5	22.7	313.9	29.7
Pop. total	100	100	129.6	100	149.1	100	165.0	100

Nota: Em 1911 e 1940, por deficiência da fonte, o total não coincide com a soma das parcelas.

Fonte: INE, Recenseamentos da População.

Concentrado a atenção nos valores das décadas em estudo (ou aproximadas), verifica-se que, em 1960, a população rural era de 65,7%, percentagem que diminui para 56,9% na década de 80. Já a população urbana assistiu também a um crescimento de 22,7%, em 1960, que se manteve na década de 80, com 29,7%. De facto, entre os anos 60 e 70, o fenómeno do movimento da população rural para os centros industrializados foi bastante difundido, o que originou o rápido crescimento desses centros (CEE, 1988, p. 23).

Na **Tabela 6**, podem confirmar-se estes valores. Enquanto a taxa de crescimento da população rural é de 0,3% entre 1940 e 1960, a população urbana apresenta uma taxa de crescimento de 1,4% na mesma altura. E, entre 1960 e 1981, as taxas de crescimento da população rural chegam a ser negativas (-0,2%), enquanto as do meio urbano são de 1,8%. No entanto, a percentagem de população rural, em 1981, continuava a representar mais de metade da população portuguesa (57%) e a urbana era de 30% (Peixoto, 1987, p. 107).

Tabela 6. Taxas de crescimento médias anuais da PU, PSU e PR (%) – 1911 a 1981

	1911-40	40-60	60-81	40-50	50-60	60-70	70-81	1911-81
PR	0.7	0.3	-0.2					0.3
PSU	1.6	0.9	1.2					1.3
PU	1.7	1.4	1.8	0.9	1.8	1.4	2.2	1.7
PT	0.9	0.7	0.5	1.0	0.4	-0.3	1.2	0.7

Fonte: INE, Recenseamentos da População. Dados de 1950: INE, Anuário Estatístico de 1971

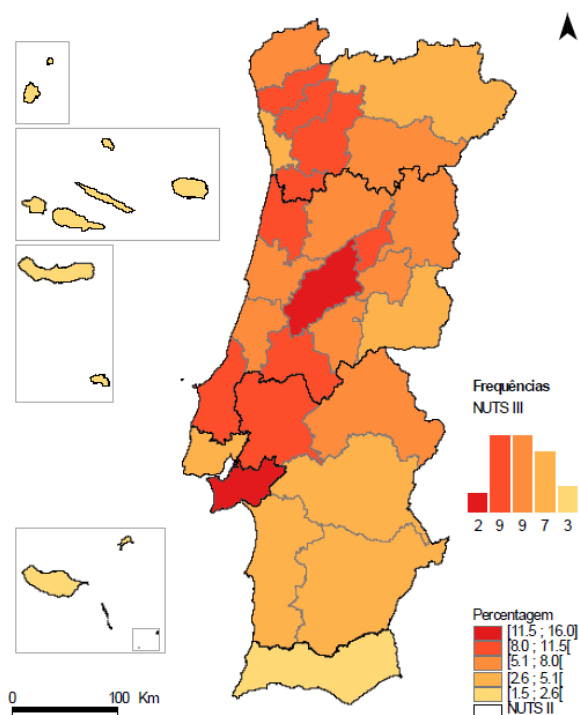
O carácter constante que estes valores assumem, pode permitir concluir que, após 1981, ainda que com algumas alterações, as regiões rurais (sobretudo as mais periféricas) continuaram a ver a sua população residente decrescer e a optar por residir nos meios urbanos, onde têm acesso a bens e serviços de forma mais facilitada. É o que o relatório da CEE (1988), *The Future of Rural Society*, confirma, “[...] although emigration from the areas themselves has stopped, intra-regional migratory movements towards small urban centres have, at the same time, led to the constitution of subpoles of economic activity, while fewer and fewer people are living in the countryside proper.” (CEE, 1988, p. 6). Ou seja, os residentes do meio rural procuram melhores acessos a trabalho, educação, saúde, e outro tipo de serviços, e, por essa razão, procuram as cidades para viver, o que origina o despovoamento e a falta de vontade de investir nas zonas rurais.

Não obstante, na década de 90, início do século XXI, começa a assistir-se em Portugal ao movimento inverso. Conscientes dos benefícios de residir no meio rural (qualidade de vida, ambiente menos poluído, rendas mais baratas, locais mais sossegados até para constituir família, acesso facilitado aos grandes centros através da rede de transportes melhorada), as populações dos grandes centros procuram o campo para viver, é o início das movimentações da urbe para o meio rural. Este fenómeno motivou a diversificação das economias rurais e a criação de emprego através de iniciativas empreendedoras, fenómeno que se manteve na primeira década do século XXI e que se prevê assim se mantenha ao longo de todo o século, sobretudo porque mais investimento de fundos comunitários tem sido desviado dos meios urbanos para a promoção do rural (CEE, 1988, p. 23), o que motiva, por sua vez, os movimentos pendulares cidade-campo, como se pode verificar no **Cartograma 14**.

São os residentes da Grande Lisboa, Península de Setúbal, Grande Porto, e Baixo Mondego que mais realizam os movimentos pendulares. Só na Grande Lisboa entram,

diariamente, 197.328 pessoas, regra geral, para trabalhar ou estudar; e saem 53.729. No Grande Porto entram todos os dias cerca de 90.276 pessoas pelos mesmos motivos. No que diz respeito à Península de Setúbal, o movimento é inverso, saem 124.448 pessoas que procuram, sobretudo, a Grande Lisboa.

Cartograma 14. Percentagem da população que sai da região, 2011



Considerando os dados dos movimentos pendulares, Covas e Covas (2012) são da opinião que “o neo-rural *rurbanus* é um homem itinerante, pendular, “experimentando” momentos especiais, mas, também, cada vez mais dedicado, experimentado e conhecedor dos segredos do mundo natural-rural, cujas fronteiras deseja alargar.” (Covas & Covas, 2012, p. 122).

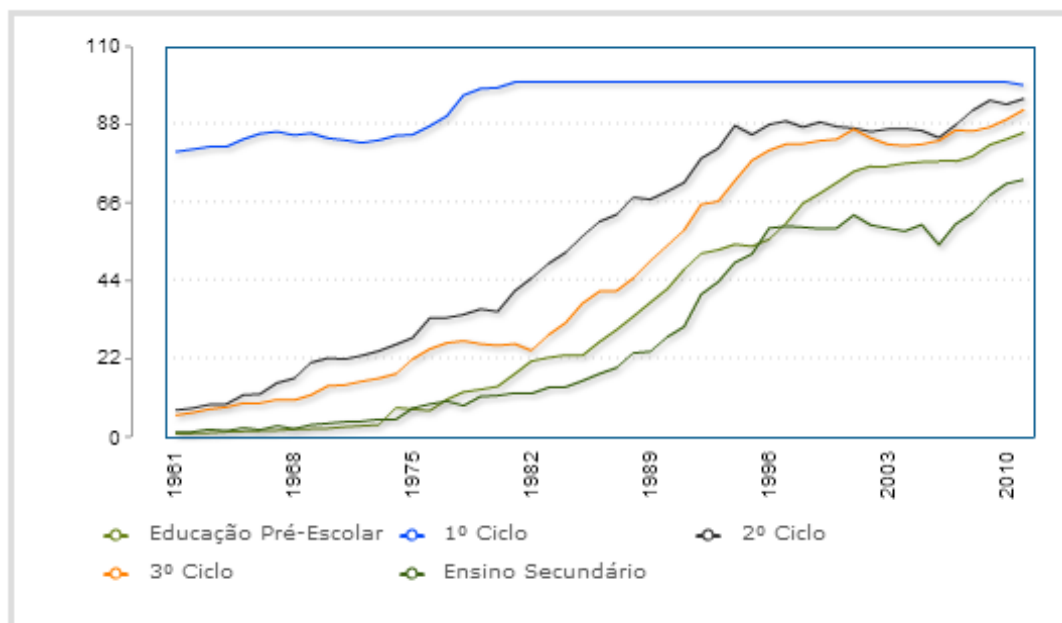
Será, de seguida, feita uma abordagem aos indicadores de escolarização e das atividades económicas de Portugal.

1.1.2.3. Escolarização e atividades económicas

Já foi possível fazer um retrato do número de pessoas que concluíram os estudos secundário e superior, em Portugal, em 2011 (**Cartogramas 8 e 9**). No entanto, para uma análise mais detalhada ao longo dos anos, bem como para se compreender de que forma se justifica a mudança verificada no País em termos de principais atividades económicas, prossegue-se agora para a caracterização em termos de escolarização da população ao longo das décadas de 1950, 1970 e 1990.

O **Gráfico 5** permite visualizar a evolução da escolarização dos cidadãos portugueses entre 1961 e 2010. Verifica-se que o 1º ciclo do ensino básico (entre a 1ª e a 4ª classes) tem mantido valores constantes ao longo dos anos, ao contrário de todos os outros níveis de ensino (excetuando-se o superior), que tiveram um aumento acentuado, atingindo um pico no final da década de 90.

Gráfico 5. Taxa real de escolarização em Portugal

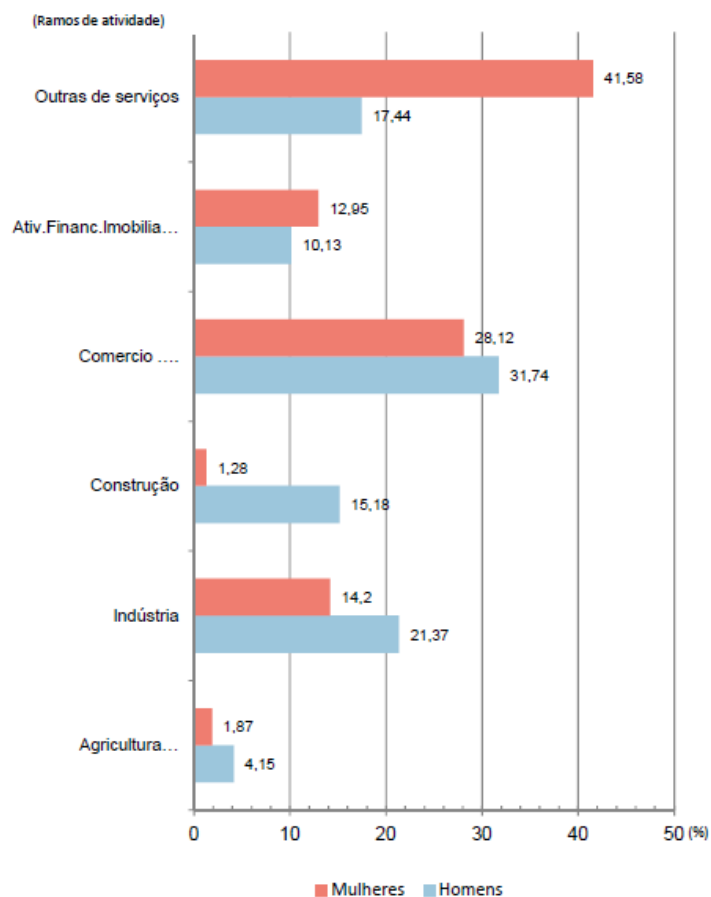


Fonte: <http://www.pordata.pt/>, consultado a 22 de novembro de 2012

A escola, que nas décadas de 50/70 era considerada um luxo, acessível maioritariamente a homens e das classes mais altas da sociedade, iniciou a sua massificação a partir de meados da década de 70, para o que contribuíram a necessidade de adaptação do Portugal agrícola a um Portugal de serviços (**Gráfico 6**),

mas também os aumentos legislados da escolaridade obrigatória, desde 1986 que era o 9º ano (3º ciclo) (Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro), mas, a partir de 2009 consagrou-se a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade e da escolaridade obrigatória para as crianças e jovens que se encontram em idade escolar até ao 12º ano (ensino secundário) (Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto).

Gráfico 6. Taxa de emprego por ramo de atividade e sexo, 2011



Fonte: INE (2012b, p. 52)

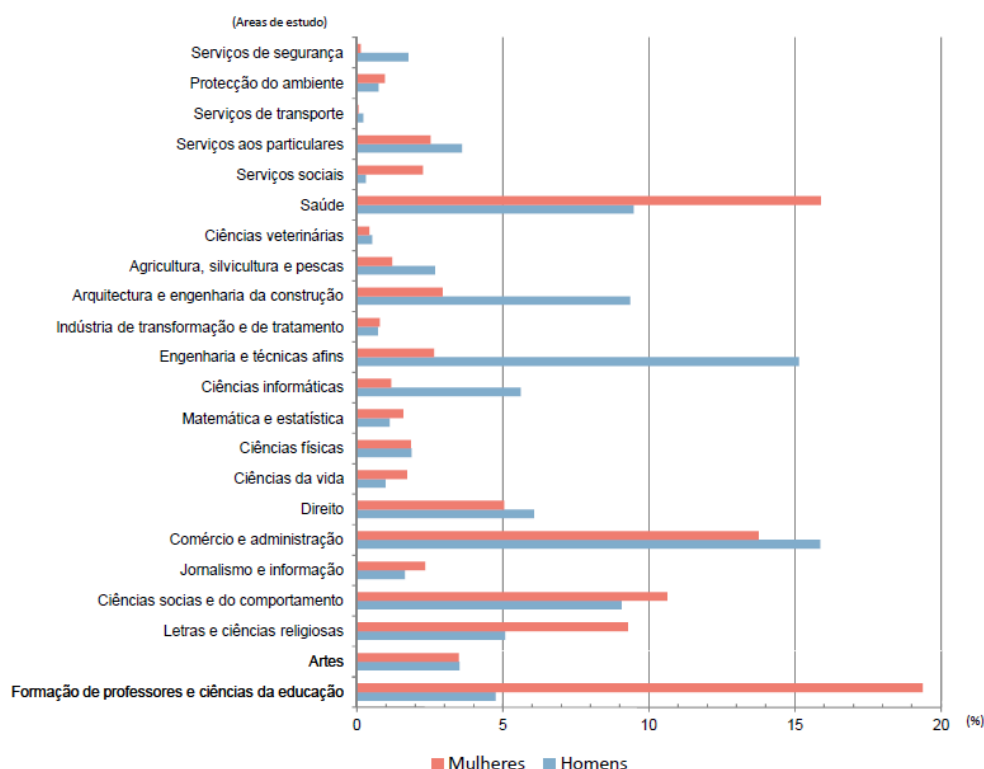
Como se referiu, Portugal é, atualmente, um País cuja principal ocupação profissional dos seus residentes é o comércio e os serviços, o que tem implicações também na forma como são selecionadas as áreas no ensino superior, uma vez que este é um nível de ensino cada vez mais frequentado e concluído pela população portuguesa, tendo aumentado de 49.065 indivíduos em 1961, para 49.375 em 1971, 284.075 em 1991, e 1.244.742, em 2011, como se pode confirmar pela **Tabela 7**.

Tabela 7. População residente com 15 e mais anos, segundo os Censos, com o ensino superior completo: total e por sexo - Portugal

Anos	Sexo		
	Total	Masculino	Feminino
1960	49.065	38.345	10.720
1970	49.375	34.710	14.665
1981	155.284	100.515	54.769
1991	284.075	149.896	134.179
2001	657.712	276.928	380.784
2011	1.244.742	490.405	754.337

Fonte: <http://www.pordata.pt/>, consultado a 22 de novembro de 2012

A par com a tendência do aumento do número de população que terminou os estudos superiores e da mudança nas áreas profissionais dos portugueses, as escolhas dos cursos superiores espelham estas recentes realidades: cursos como saúde, engenharias, ciências da educação são as três áreas dominantes das escolhas. Enquanto a agricultura, silvicultura e pescas apresentam valores bastante reduzidos.

Gráfico 7. População com ensino superior por área de estudo e sexo, 2011

Fonte: INE (2012b, p. 47)

Os grandes polos universitários situam-se em cidades de também maior dimensão: Porto e Lisboa, Coimbra, Aveiro, Braga, entre outros. Significa isso que, em termos de crescimento empresarial e de escolha de profissão, quem efetuou a mudança por motivos de frequência universitária, salvo algumas exceções, dificilmente volta à terra de origem. Este facto tem mais impacto quando a terra que se deixa para trás pertence ao mundo rural. Assim,

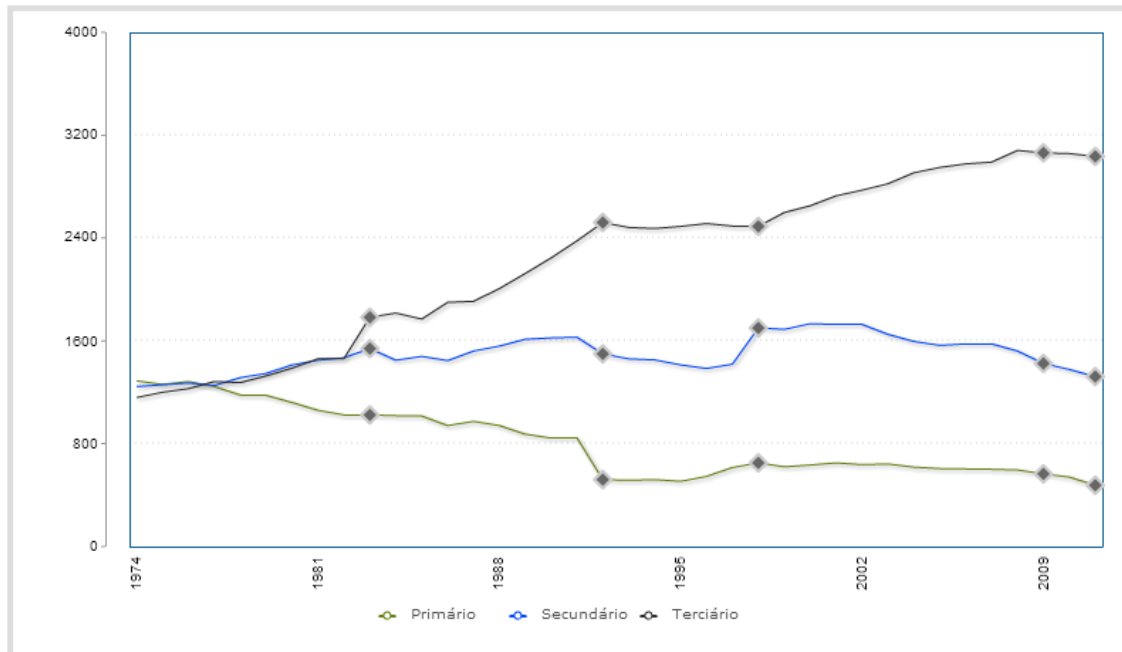
Se nós formos ver onde é que está localizada a agricultura empresarial, competitiva, aquela que nos permite competir com os países do norte e do centro europeu, nós vemos que essa agricultura está localizada nas margens das cidades, está à volta de Évora, está à volta de Beja, está à volta de Lisboa, Norte de Lisboa, está à volta das cidades. Claro que no mundo rural mais remoto ou mais periférico também existe agricultura, mas essa agricultura é mais tradicional, de mais pequena dimensão, mais vocacionada para os produtos designados de qualidade. Ela também existe, mas o seu futuro talvez não seja tão promissor.¹⁰ (Elisabete Figueiredo).

Ou seja, de facto, os campos não foram totalmente abandonados, ainda persiste quem queira cultivar a terra, aliás, está a voltar a vontade de residir no rural e de apostar

¹⁰ Programa Sociedade Civil do dia 25 de outubro de 2012, com o tema “Viver no Mundo Rural”, no canal RTP2, disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p23283/c96822>, consultado a 03 de novembro de 2012.

numa atividade agrícola, mas não com os mesmos contornos que apresentam nas zonas mais próximas das cidades.

Gráfico 8. População empregada: total e por sector de atividade económica - Portugal



Fonte: <http://www.pordata.pt/>, consultado a 22 de novembro de 2012

A indústria portuguesa é pouco representativa, o que tem interferência quer nas licenciaturas frequentadas, quer no ordenamento do território e mesmo nas atividades profissionais desenvolvidas. Assim, em termos de licenciaturas, pode ver-se pelo **Gráfico 7** que têm um número bastante reduzido de conclusões; em termos de território, as grandes empresas deslocam-se para as zonas rurais; e, em relação às atividades profissionais, multiplicam-se pequenas empresas de origem local que, de acordo com Boaventura de Sousa Santos (1987) originam “a ruralização da indústria; o uso extensivo do espaço; a desconcentração da produção”, e a emergência de fenómenos como a ruralização e da peri-urbanização (Santos, 1987, p. 8).

É importante que as políticas locais e nacionais se dediquem ao desenvolvimento regional e rural, através de programas específicos, como a criação de Associações de Desenvolvimento Local, mas sem se desvirtuarem as áreas rurais isso já se verifica mais complicado. Como diz Portela (1997),

Em pouco mais de uma década, o agricultor apostado em sobreviver teve de passar a vestir o fato curto e apertado do burocrata. Teve de se tornar tele-ouvinte atento e bem informado, leitor de

regulamentos, apresentador de projectos (estes têm de ser tidos como viáveis), gestor de pilhas de papéis e impressos, especialista em relações públicas (lidar com o INGA, o IFADAP, a banca é preciso), e um recebedor de subsídios. (Portela, 1997, p. 19).

O agricultor deixou de ser apenas um cultivador da terra e tratador de animais, da mesma forma que a terra deixou de ter também esses como únicos propósitos. “As aldeias não mais terão a sua base económica na agricultura, mas sim no teletrabalho. Daí que os novos aldeões não sejam agricultores, que também poderão ser, mas sobretudo pessoas que desenvolvem o seu trabalho numa economia global assente nas comunicações em rede.” (Fidalgo, 1999, p. 96).

Aliás, as telecomunicações são um aspeto central nas transformações que têm vindo a ocorrer. São uma ligação fundamental entre os meios rurais e os grandes centros de atividade económica e cultural (CEE, 1988, p. 11). Com o acesso a vias de transporte (auto-estradas e Itinerários Principais), o meio rural não só passa a ser um local que se procura para o lazer, mas também para o desempenho de uma atividade profissional quer no próprio meio, quer a distância, nas cidades.

1.2. CARACTERIZAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA DA FAMÍLIA

Uma investigação que tem como pressuposto o estudo da utilização de novos *media* por três gerações residentes em meio rural necessita caracterizar diferentes âmbitos, como o meio rural (já descrito anteriormente), a família (da qual será a ocupação neste espaço), o trabalho e a escola e o lazer. Quando se pretende perceber que usos se fazem dos *media*, essa análise deverá ser realizada nas diferentes dimensões (família, trabalho/escola e lazer) mas, para além disso, quando se estudam as gerações, a família tem grande importância.

Estudar a família encerra em si diferentes vertentes, algumas das quais, pelo facto de não terem influência na investigação, não serão abordadas, mas muitas outras serão tratadas. Assim, este subcapítulo procurará dar a conhecer uma definição de família, as perspetivas clássicas e contemporâneas da noção de família, as mudanças nas formas familiares que ocorreram ao longo das três décadas em estudo (1950, 1970 e 1990) e a caracterização das famílias no meio rural.

1.2.1. Definição de família e das ligações entre os seus membros

A forma como a família é vivenciada e analisada foi sofrendo alterações, mais ou menos profundas, ao longo dos anos. No entanto, a família “continua a ser um termo polissémico e cobre um leque de conteúdos que diferem consoante as circunstâncias do discurso e dos países.” (Burguière, Klapisch-Zuber, Segalen, & Zonabend, 1999 [1986], p. 33). Assim, alguns autores (Bengtson, 2001; Goodman, 1983; Mitchell, 2006; Singly, 2011) que se dedicaram ao estudo da família concordam que, apesar de a família encerrar em si diversas formas há aspetos incluídos na sua definição que demonstram ser muito semelhantes.

Dimensões como a ligação entre os membros, a partilha de uma história comum entre esses mesmos membros, a interação e a intergeracionalidade, a participação e a partilha são apenas algumas que se devem ter em consideração quando se estuda a família e tudo o que envolve o conceito. Para Erickson e Hogan (1972), associado ao conceito de família surge o de comportamento e efeito, ou seja, de acordo com os

autores, os comportamentos de um membro dentro da família afetam todos os outros membros (Erickson & Hogan, 1972) e, na mesma linha de pensamento, Napier e Whitaker (1978) consideram que a família é mesmo mais do que a soma das suas partes (os indivíduos que a integram) (Napier & Whitaker, 1978).

A família, é por isso, “an intricate phenomenon, involving family boundaries, rules, decisions making, independence, control, roles, and communication, among other components.” (Goodman, 1983, p. 409). É ainda, e na opinião de Bengtson (2001) um processo, no qual interagem todos os seus membros; os comportamentos devem, por isso, ser entendidos no seu conjunto, quase como um efeito de ação-reação; servindo não apenas como unidade estrutural, mas mais como um conjunto de indivíduos que se apoiam mutuamente e às necessidades de cada um (Bengtson, 2001, p. 3), o que implica ainda que seja analisada como “a criação de um quadro de vida onde cada um possa desenvolver-se ao mesmo tempo em que participa de uma obra comum”. (Singly, 2011, p. 9).

O facto de a família ser considerada como um processo, espaço de interações constantes entre os seus membros, implica que a família é uma construção social e é ainda um espaço privilegiado de construção social da realidade (Saraceno, 1997, p. 12), onde ocorre a socialização primária, na infância (Luckmann & Berger, 2010 [1966], p. 138). É, por isso, “a microsocial group within a macrosocial context, a collection of individuals with a shared history who interact within everchanging social contexts across ever-increasing time and space.” (Bengtson & Allen, 1993, p. 470).

Ao longo dos anos ocorreram grandes transformações na sociedade portuguesa que influenciaram fortemente a forma de entender e vivenciar a família. Muitas dessas mudanças resultaram em oportunidades, mas, igualmente, no aumento das necessidades de relacionamento em mais de duas gerações, aliás, se se verificar a pirâmide etária portuguesa ao longo dos anos, pode compreender-se, que muitas dessas oportunidades decorrem do aumento da esperança média de vida, que influencia o inter-relacionamento entre avós e netos, por exemplo (Bengtson, 2001, p. 5).

Gráfico 9. Pirâmide etária da população em Portugal – 1950-2005

Fonte:

http://www.projectos.te.pt/projectos_te/escolar_10_ano/geografia/transparencias/transp_02.pdf,
consultado a 22 de novembro de 2012

Para além do aumento da esperança média de vida, da possibilidade das gerações terem mais momentos de interação, outros fatores contribuíram para que a família da sociedade portuguesa visse a sua estrutura alterada. O casamento civil, o divórcio, a adoção, a união de facto e o casamento homossexual são fenómenos sociais que contribuíram decisivamente para a forma como os membros de determinadas famílias interagem entre si, como se consideram e como vão vivenciar as famílias do futuro.

Analisando cada um destes fenómenos, o casamento, na sociedade portuguesa, divide-se em duas formas essenciais, o casamento civil e o casamento religioso. Este trabalho considera o casamento civil, pelo que qualquer referência feita a casamento deve sempre entender-se como sendo ao civil e não ao religioso. Posto isto, o casamento tem um longo passado, consta de alguns documentos dos séculos XII e XIII que já no início da monarquia eram frequentes duas formas de casamento: os celebrados pela Igreja e os de pública fama, ou seja, as uniões que derivavam de serem em público consideradas como tal (Gama, 1881, p. 129), análogas às designadas uniões de facto da atualidade.

Apesar da existência de algumas formas de casamento, a legislação do casamento civil foi realizada apenas na 1ª República, em 1910, na mesma altura que o divórcio (Torres, 1996, p. 31). Desde então, têm sido várias as perspetivas das famílias em

relação a essas duas formas, algo que pode ser melhor compreendido através de estatísticas. A **Tabela 8** apresenta os números de casamentos e divórcios desde 1960 até 2011.

Tabela 8. Casamentos e divórcios em Portugal, entre 1960 e 2011

Anos	Casamentos	Divórcios
1960	69.457	749
1970	81.461	509
1980	72.164	5.843
1990	71.654	9.216
2000	63.752	19.104
2011	36.035	26.751

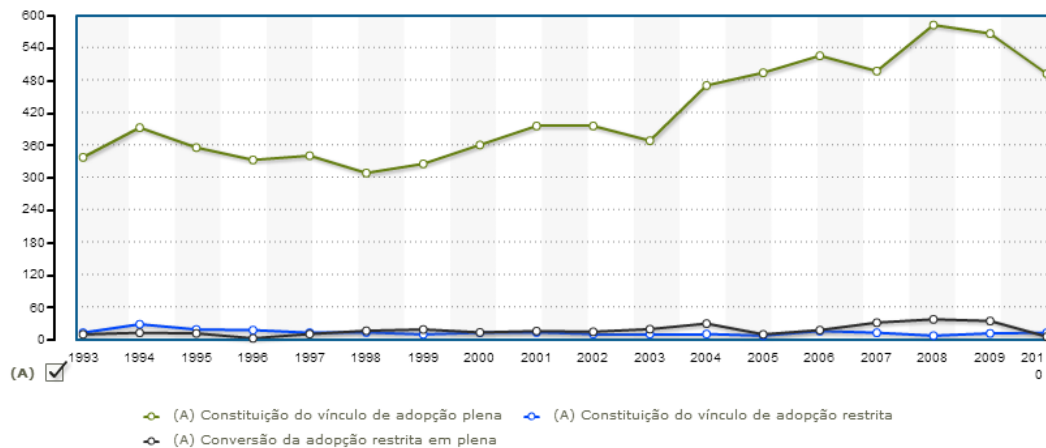
Fonte: www.pordata.pt, consultado a 22 de novembro de 2012

No casamento, “o amor conjugal passou, de pretexto fundamental [...] a alimento sem o qual este deixa de sobreviver de forma satisfatória” (Torres, 2001, p. 3), deixando de existir, em Portugal (pelo menos de forma aceitável e visível) situações de casamento por compra ou por troca da mulher por um dote. Relativamente aos números da **Tabela 8**, verifica-se que, ao longo dos anos, o número de casamentos tem diminuído, talvez proporcionado pela legislação que protege as pessoas que vivem em comunhão de habitação, mesa e leito (união de facto) há mais de dois anos (Lei n.º 135/99, de 28 de agosto). Em situação oposta encontra-se o divórcio, cujos valores não param de aumentar desde 1960, que pode ser justificado também pela simplificação do divórcio por mútuo consentimento, em 2007. Em relação ao casamento, há ainda a mencionar o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo (Lei n.º 9/2010, de 31 de Maio), que passou a ser possível, em Portugal, a partir de 2010, tendo registado valores de cerca de 580 uniões celebradas até ao final de 2011.

Considerando agora o alargamento da família (casal) através dos filhos, o Código Civil português regulamentou, em 1966, a adoção (Decreto-Lei n.º 47344/66, de 25 de Novembro) e, mais tarde, de uma forma mais assumida, na reforma de 1977 (Decreto-Lei n.º 496/77, de 25 de Novembro). Considera-se que estas alterações produziram efeitos também na maneira de perceber os filhos, a procriação e a impossibilidade de o fazer. Estão contempladas na legislação portuguesa três tipos de adoção: a plena, a restrita e a internacional. Na primeira, a criança adotada perde qualquer ligação com a família de sangue; na adoção restrita, a criança mantém os direitos e deveres em relação à sua família biológica (apelidos, herança, entre outros); e, na adoção internacional a opção de

adotar passa por ser uma criança de outro país¹¹. No **Gráfico 10** pode verificar-se a evolução do número de adoções realizadas em Portugal, tendo em consideração a adoção plena e a restrita, bem como a conversão do primeiro tipo no segundo.

Gráfico 10. Processos findos de adoção - Portugal



Fonte: <http://www.pordata.pt/>, consultado a 22 de novembro de 2012

Verifica-se que o número de processos de adoção plenos é significativamente mais elevado do que o das outras duas modalidades em análise. Para além disso, a partir de 2003 houve um aumento significativo do número de processos finalizados de adoção plena. Este indicador poderá estar relacionado com as pressões do mercado de trabalho que as mulheres sentem e pela decisão de ter filhos cada vez mais tarde, o que torna a gravidez mais complicada para a mulher.

Pode, então, concluir-se, após a análise de algumas das transformações ao nível da família, que esta está num processo de contínuo desenvolvimento, quer legislativo, quer social. A família vai sofrendo mudanças em alguns aspetos da sua organização, mas que não implicam o risco da sua existência, estando, eventualmente, em processo ainda mais aprofundado de mudança formas de organização da família como a patriarcal ou a nuclear. Aliás, o exemplo da integração/domesticação dos novos *media* no espaço familiar e entre os membros da família (quer para comunicarem entre si, quer para partilharem o mesmo espaço em casa) obriga a uma adaptação e reestruturação para que continue a funcionar (Goodman, 1983, p. 414).

¹¹ https://www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/Dossiers/DOS_1+++planear+uma+crianca.htm?passo=4, consultado a 22 de novembro de 2012.

1.2.2. Perspetivas clássicas e contemporâneas

De entre as perspetivas existentes em relação ao que foi e ao que é a família, as alterações que sofreu ao longo dos anos e quais as funções que lhe são atribuídas, podem distinguir-se duas principais: a que marcou um período clássico e a que se poderá considerar contemporânea. Pelo menos, assim será realizada a distinção durante a análise que se fará neste ponto.

Ariès (1962, 1973), Durkheim (1963), Goode (1970), Lévi-Strauss (1967), Parsons e Bales (1956), e apenas para citar alguns, são autores que se dedicaram ao estudo da família ou de fenómenos relacionados com essa instituição (como a infância, no caso de Phillipe Ariès, ou as culturas indígenas em Claude Lévi-Strauss).

Associado às mudanças que ocorreram na família e à forma como os seus membros vivenciam o núcleo familiar, está a importância atribuída à escola e ao trabalho. Foi possível no subcapítulo anterior referir as mudanças ocorridas em termos de escolarização e das atividades profissionais, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, sobretudo, a partir da Revolução Industrial (meados do século XVIII, início do século XIX), foi necessário que também as mulheres contribuíssem para a economia familiar, o que originou a deslocação da família para o exterior do espaço casa, para as fábricas e escritórios (Adams, 2010, p. 500).

No início do século XIX, a família assumia características patriarcais, as regras do pai e do marido era dominantes, e assumia mesmo o caráter de representante da família perante a sociedade. São famílias “estáveis, permanentes, monogâmicas, residencialmente imóveis e felizes.” No entanto, apenas eram estáveis porque o divórcio não era legalmente permitido, mas os maridos iam muitas vezes trabalhar para longe, e não eram felizes, uma vez que essa não era a prioridade quando se decidia manter um casamento (Adams, 2010, p. 500).

Lévi-Strauss (1986) considera que, já desde o século V a. C., se poderia considerar a existência da modalidade de família conjugal, sendo mesmo a mais difundida a nível mundial (Lévi-Strauss, 1986, p. 14). E Durkheim (1975) afirma que a família conjugal atingiu o seu auge na família nuclear conjugal (Durkheim, 1975). No entanto, várias hipóteses têm sido levantadas no que diz respeito às mutações que a organização familiar sofreu, desde a mudança das famílias extensas (dão primazia à instituição) em nucleares (dão primazia à emoção); passando pela hipótese que refere que a moderna família nuclear enquanto instituição está em crise (sobretudo devido às elevadas taxas de

divórcio, também discutidas anteriormente); até ao surgimento de teorias que defendem uma grande heterogeneidade de formas familiares e, finalmente, à hipótese do aumento da importância dos laços multigeracionais (motivado pelo aumento da esperança média de vida) (Bengtson, 2001, pp. 1-2).

Para Ariès (1962), a família nuclear era o centro da vida familiar, mas, ao mesmo tempo, o individualismo começava a ser fomentado na Europa e nos Estados Unidos, altura em que os membros das famílias passam cada vez mais tempo fechados nos seus quartos. De facto, diz o autor (1962), “The progress of the concept of the family followed the progress of private life, of domesticity. For a long time the conditions of everyday life did not allow the essential withdrawal by the household from the outside world.” (Ariès, 1962, p. 375).

Em meados do século XX, assiste-se a uma procura constante de emprego, e uma vez que a integração das mulheres no mercado de trabalho era algo já bastante natural, andar de cidade em cidade à procura de emprego para o “chefe de família” já não era simples, era preciso agora considerar a escolha da mulher, a família deixou de estar concentrada no marido/pai, para se concentrar na atividade profissional da esposa/mãe (quando existia) e na escola do(s) filho(s) (Adams, 2010, p. 501).

Entre o fim do século XIX e os anos 1960, Singly (2011) considera que se vive a família da primeira modernidade, caracterizada por no centro dos interesses da família se situarem as relações de intimidade e a sua qualidade, e a preservação do espaço privado, verificando-se uma separação efetiva entre o que é do foro público e do privado, separação que regula as relações intrafamiliares (Singly, 2011, pp. 12, 21-22).

Não obstante, até 1970 predominaram as teorias sobre a família baseadas no patriarcado, modernização e funcionalismo evolucionário (as mulheres servem para procriar e educar os seus filhos) e, a partir do final do século XX, as teorias passam a incluir assuntos como: tecnologia, globalismo e transição demográfica (Adams, 2010, p. 501).

A possibilidade de adoção, as diferenças verificadas nos divórcios e nos casamentos, bem como a integração dos novos *media* dentro do espaço doméstico e familiar, entre os diversos membros da família, tem originado mudanças que parecem não ver o seu fim, aliás, Adams (2010) concorda que os telemóveis, a televisão e os computadores afetaram a vida íntima familiar de várias formas, uma delas está relacionada com o facto de ter sido possível transferir o local de trabalho para o espaço casa (Adams, 2010, pp. 501-502). Gray (2002) considera mesmo que

Family structures have always evolved, but now they are changing faster than ever before as a result of the interactions between science, technology, and medical practices. Families are becoming cyborgian; their very forms are mediated or determined by technoscience. (Gray, 2002, p. 143).

Terminando com Engrácia Leandro (2001), considera-se que a família sempre apresentou várias formas, variedades de organização, funções e processos para se reinventar, “Algumas têm perdurado e resistido às transformações e mutações sociais, económicas e culturais. Outras sofreram transformações significativas e outras ainda desapareceram, decerto, na memória do tempo.” (Leandro, 2001, p. 58).

1.2.3. As mudanças na família e suas características imutáveis

Apesar de, ao longo dos séculos, terem ocorrido mudanças significativas nas formas familiares por uma variedade de fatores (demográficos, sociais, tecnológicos, políticos, económicos, entre outros), a sua estrutura consegue manter algumas das características imutáveis durante muitos anos. Por exemplo, Adams (2010), apoiando-se em outros teóricos, elabora um quadro com nove tipos de unidades familiares,

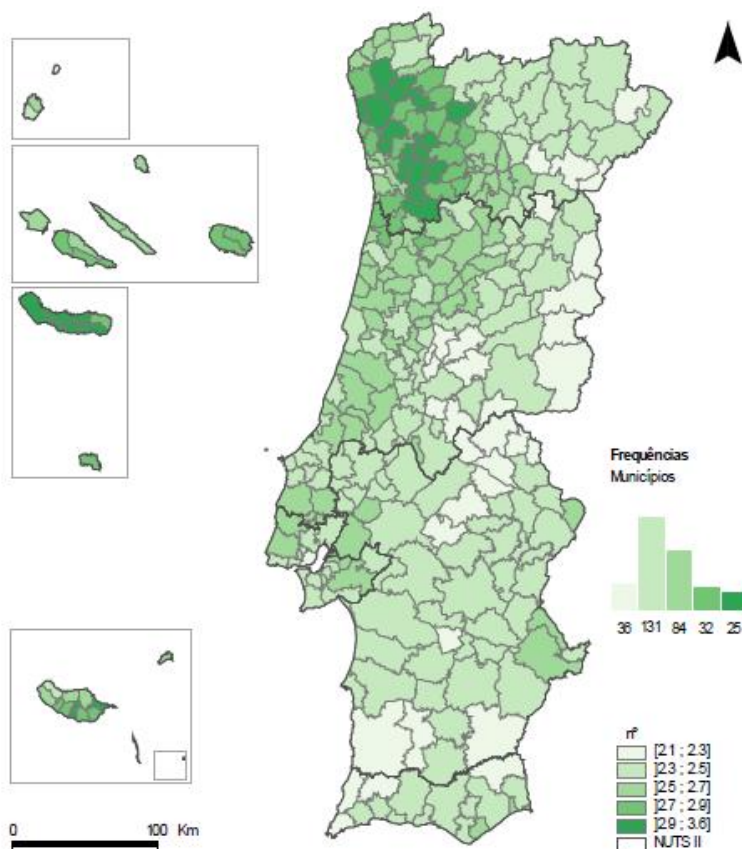
1) the small nuclear or conjugal family; 2) the vertically extended or stem family; 3) the horizontally extended family; 4) the polygynous compound, with or without horizontal and vertical extensions; 5) the single person household; 6) the single-parent household; 7) the same-sex relationship, with or without children; 8) the cohabiting household, as a pre-marriage or a non-marriage; 9) the voluntarily childless couple. (Adams, 2010, p. 503).

Não obstante a forma concisa como o autor apresentou estes tipos de famílias, saltam à vista algumas lacunas nesta análise. A primeira tem que ver com a inter-relação que poderá existir entre os diferentes tipos apresentados, ou seja, se, por exemplo, um casal que vive em união de facto (família do tipo 8) e que decide não ter filhos (família do tipo 9) não se insere em nenhuma das modalidades anteriores ou, pelo contrário, contribui para criar uma nova modalidade? Para além disso, faltou ainda a Adams (2010) mencionar as famílias recompostas, que nascem de um ou dos dois indivíduos do casal que se divorciam e decidem iniciar nova família, com pelo menos um filho de uma das relações anteriores (Leandro, 2001, p. 274).

Tendo, por isso, em consideração que a família é um conjunto intrincado de relações de vários elementos entre si, mas que, ao mesmo tempo, se relaciona com

outras instituições sociais, como o trabalho, a escola, a cultura, a religião, entre outros, será talvez mais correto afirmar, como faz Mitchell (2006), que as transições familiares são flexíveis ou “elásticas” em resposta à criação de soluções que os seus membros vão apresentando conforme as condições ecológicas das suas vidas vão mudando (Mitchell, 2006, p. 334). Ainda de acordo com o mesmo autor, as condições que se alteram são de vários tipos: públicas ou privadas, demográficas e culturais (Mitchell, 2006, p. 334).

Neste sentido, como refere Singly (2011), uma das grandes mudanças que ocorreu nos últimos anos foi a passagem de uma sociedade «holista» para uma sociedade «individualista», ou seja, em vez de os indivíduos se definirem a partir dos vínculos que têm dentro de uma família, definem-se pela sua individualidade, antes de serem membros de uma família, são indivíduos (Singly, 2011, p. 11). Este aspeto foi trazido através das mudanças históricas que ocorreram na sociedade, e cujos mesmos indivíduos incentivam por fazerem parte dessa sociedade (Singly, 2011, p. 15), uma dessas mudanças foi mesmo a redução do número de filhos por casal (cerca de 1,3 filhos por mulher, com tendência para diminuir até 2015 (UNFPA, 2011, p. 119)). Esta situação pode ainda confirmar-se pela dimensão média das famílias por município, em 2011 (**Cartograma 15**). No fundo, os grandes motores da mudança são os indivíduos que, por se encontrarem inseridos numa rede de inter-relações sociais, promovem a mudança não apenas deles próprios, mas de tudo o que os envolve, a família é apenas mais um dos núcleos que também sofre mutações.

Cartograma 15. Dimensão média da família por município, em 2011

Fonte: INE (2011b, p. 27)

Pode verificar-se no cartograma que os municípios do litoral do País e os arquipélagos dos Açores e da Madeira são os que detêm as famílias de maior dimensão, como refere Elisabete Figueiredo “somos um país a tombar no mar”¹². O interior, o rural fica, mais uma vez, em clara desvantagem, o que não é de surpreender tendo em consideração a tendência para o seu despovoamento. Alcoutim, Penamacor, Pampilhosa da Serra, Vila Velha de Rodão e Idanha-a-Nova são os 5 municípios com valores mais baixos, inferior a 2,2 pessoas por família.

Mitchell (2006) considera que, sobretudo entre os anos 50 e 70, começou a aumentar o número de indivíduos que sai de casa por outras razões que não o casamento ou a decisão de ter filhos (Mitchell, 2006, p. 328), algo que era prática até essa altura. Aliás, isto acontece mais até nos residentes do meio rural, devido à procura de trabalho nas cidades ou à saída para frequência da universidade. No entanto, o

¹² Programa Sociedade Civil do dia 25 de outubro de 2012, com o tema “Viver no Mundo Rural”, no canal RTP2, disponível em <http://www.rtp.pt/programa/tv/p23283/c96822>, consultado a 03 de novembro de 2012.

mesmo autor menciona que a partir dos anos 90, 2000, são frequentes as relações intergeracionais dentro do mesmo espaço casa, com os membros mais jovens da família a coabitar com os pais até mais tarde, bem como os avós a terem que recorrer à ajuda dos filhos e dos netos, sobretudo devido à crise económica (Mitchell, 2006, p. 328), o autor designa mesmo estas novas exigências de relação intergeracional como “co-survivorship between generations” (Mitchell, 2006, p. 336).

Aquelas relações intergeracionais são campos ricos de interação, onde os mais jovens podem dar a conhecer os progressos ocorridos na educação e os adultos a modernização dos locais de trabalho, onde a agricultura não é exceção, mas continua a ser atribuído aos idosos uma sabedoria e memória da tradição nacional que não se encontra facilmente e que, por isso, são respeitadas (Burguière *et al.*, 1999 [1986], p. 64).

Para finalizar, podem considerar-se como características mutáveis da família a sua forma de organização, os estilos de comunicação (sobretudo, através da integração dos novos *media* no meio familiar e das relações intergeracionais), as suas normas, regras, atitudes, valores, espaço, tempo de uso e instrumentos, até mesmo alguns tipos de unidades familiares alteraram ao longo dos anos e, acredita-se, irão continuar a sofrer a influência do que ocorre na sociedade, o que motiva a sua mudança. No entanto, alguns modelos familiares permanecem inalterados, como o que define a família nuclear conjugal, o facto de ser um espaço de construção da identidade social do indivíduo.

1.3. CARACTERIZAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA DO TRABALHO E DA ESCOLA

Nesta secção serão abordados dois grandes sistemas da sociedade: o trabalho e a escola. O trabalho faz parte de toda a organização da vida individual, ou porque a sua existência é em excesso, ou porque não existe de todo, ou porque o trabalho que se faz não é prazeroso, ou porque se faz com bastante gosto e não se gostaria de ver o fim. A ausência de trabalho, como no tempo de lazer, em períodos de reforma, em situação de desemprego, é um fator que permite atribuir-lhe também grande importância, é o seu contrário, que, por vezes, indicia o valor, ou a falta dele, atribuída ao trabalho. Na sociedade, tudo existe à volta do trabalho. A escola é a atividade das crianças e dos adolescentes, ou algo extra que se optou por fazer. No entanto, implica trabalho, dedicação, tempo ocupado.

Na investigação, trabalho e escola andam lado a lado, precisamente porque se estudam os adultos e as suas atividades laborais e as crianças e as suas atividades escolares. De resto, se se verificarem as rotinas realizadas por adultos e crianças ao longo de um dia útil (semana, sem ser feriado) – acordar cedo, ir para o trabalho/escola, ficar lá o dia todo a realizar tarefas que exigem o cálculo, a leitura e a escrita, em algumas circunstâncias, trazer *trabalhos de casa* (ou dedicar-se a tarefas domésticas) (Sarmiento, 2000, pp. 44-45) – percebe-se que é difícil distinguir o que é trabalho para uma criança ou jovem do que é estudar.

Ao longo dos séculos, o trabalho e a escola sofreram alterações profundas, uma vez que seria necessário adaptarem-se às necessidades do indivíduo, quer porque procurava mais conhecimento, quer porque precisava de reorganizar a sua vida. As mudanças mais recentes nestes dois campos estão relacionadas com a evolução tecnológica, o trabalhador é, agora, global (Dyer-Witheford, 2010, p. 489), a executar tarefas numa era da informação, onde a sua forma de organização é através de redes de contactos, definidos por e para cada indivíduo, e se assiste à dessocialização do trabalho e ao aumento da sua flexibilização (Castells, 1999, p. 8), é a era da “imaterialidade nas atividades de trabalho humano” (Almeida, 2012, p. 10).

Na escola, ocorreram semelhantes mudanças, a partir da década de 80, sobretudo com o projeto MINERVA (entre 1985 e 1994), são integrados na escola e incluídos nas

matérias os primeiros computadores, que deveriam incentivar ao estudo e à aprendizagem. Mais recentemente, conceitos como *e-learning*¹³, *b-learning*¹⁴ e *m-learning*¹⁵ são usuais para definir formas de estudar com o recurso aos novos *media*. Da mesma forma que no trabalho, também na escola a integração das tecnologias deve permitir um ensino mais individualizado, que acompanha a evolução do aluno.

De seguida, far-se-á uma análise à evolução do trabalho e da escola ao longo dos tempos, bem como uma caracterização.

1.3.1. Trabalho

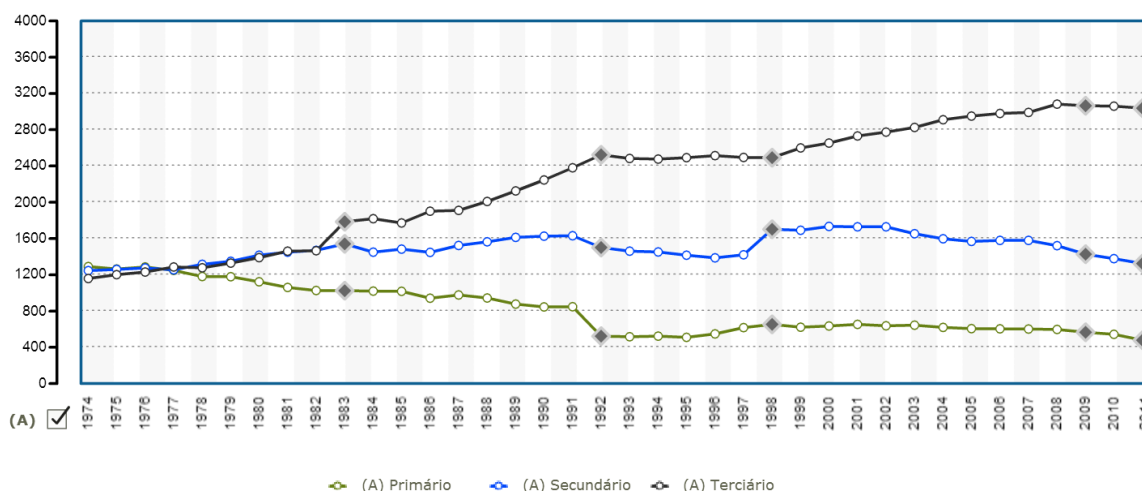
O trabalho é dividido, em 1940, por Clark (1940), em três grandes grupos de atividades económicas, é com este autor que surgem, pela primeira vez, os conceitos de setor primário, secundário e terciário. No primário inclui a agricultura e as indústrias extrativas, do secundário constam as indústrias manufatureiras e do terciário constam o comércio e as indústrias dos serviços (Clark, 1940). Mais tarde, Fisher (1945) apresenta uma nova distinção: a produção primária, inclui o trabalho agrícola e mineiro; a produção secundária, compreende as indústrias de transformação; e, a produção terciária, na qual seriam incluídas todas as atividades de serviços (transportes, comércio, lazer, instrução/educação, criação artística e filosofia) (Fisher, 1945).

Esta divisão das atividades económicas ainda hoje se mantém, estando agricultura, produção animal, caça, silvicultura e pesca incluídas no setor primário; a indústria, construção, energia e água no setor secundário; e, os serviços no terciário. E traduzem-se, em Portugal, nos seguintes valores estatísticos:

¹³ Ensino eletrónico, cujas principais características são o facto de ser não presencial e de ser suportado por tecnologia.

¹⁴ *Blended learning*, no qual há já possibilidade de assistir a algumas aulas presenciais, mas o foco é ainda o ensino a distância.

¹⁵ *Mobile learning*, designado como o ensino com recurso a tecnologias móveis (*smartphones*, *tablets* e outros).

Gráfico 11. População empregada: total e por setor de atividade económica (indivíduos – milhares)

Fonte: <http://www.pordata.pt/>, consultado a 13 de novembro de 2012

No **Gráfico 11** fica evidente que o setor primário, que na década de 70 ocupava um lugar semelhante dos outros dois, deixando antever que viria até de um período em que era a principal atividade económica, vai perdendo primazia, e era em 2011 o que menos pessoas empregava. O setor dos serviços, ou terciário, é o que mais indivíduos emprega já desde a década de 80. Passou-se, claramente, de uma sociedade agrícola, para uma sociedade de serviços.

Mas já durante a Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX), ocorreram mudanças profundas na forma de trabalhar, que obrigou os indivíduos a uma adaptação. As atividades industriais foram transferidas para as cidades, o que contribuiu para o decréscimo acentuado da produção rural de bens não agrícolas, e para a instituição de um novo foco de produção: as cidades e os seus residentes. Neste sentido, os habitantes do meio rural procuraram novas oportunidades de trabalho, que apenas encontravam nos meios urbanos, o que modificou o tecido social quer das cidades, quer dos campos (Barros, 1990, p. 46).

A década de 70 foi a que mais marcou Portugal em termos de mudanças no mercado de trabalho, sobretudo através do esforço de modernização do País após o 25 de abril de 1974 e a adesão à CEE, em 1986 (Estanque, 2002, p. 6). Aumentou o fosso

[...] entre o litoral e o interior, entre espaços rurais e urbanos, entre sectores produtivos, entre diferentes gerações, entre a agricultura e a indústria, entre sectores sociais em declínio e novos sectores em processo de ascensão social. As lógicas tradicionalistas de uma sociedade semi-rural entraram em choque com os novos hábitos de consumo e estilos de vida modernos. (Estanque, 2002, p. 25).

A adesão à CEE tinha, aliás, considerado um conjunto de ações que promovessem a inovação tecnológica no sector empresarial (Estanque, 2002, p. 9) e a aproximação entre a indústria e a investigação. Ações que trouxeram importantes transformações para o trabalho e que se intensificaram a partir do final do século XX e o albar do século XXI. Aumentaram o que designavam de trocas globais, fomentadas pelo processo de globalização. Trocam-se produtos, bens, serviços e pessoas.

Durante a década de 90, conceitos como flexibilidade, universalidade (Almeida, 2012, p. 19), digitalização, *networking* (Castells, 1999) e *global worker* (Dyer-Witheford, 2010) tornam-se vulgares e as exigências para as empresas e para os indivíduos são cada vez maiores e mais complexas. Aumentam também as relações entre países, potenciadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação (Almeida, 2012, p. 11), e a disponibilidade do trabalhador se deslocar deve ser total, o posto de trabalho fixo deixa de ser uma forma de realizar tarefas.

O rural altera também a sua organização laboral. De agrícola transformou-se num espaço de organização pluriativa, multifuncional e integrada. Aí são implantadas algumas indústrias (industrialização difusa), que contribuem para a disseminação de novos modos de relação indústria/agricultura, mas também é facilitado agora aos seus residentes que trabalhem na urbe a partir do meio rural. Crescem os serviços e as atividades de valorização dos espaços rurais e dos espaços natureza, sobretudo através do turismo, constituindo-se novas redes de contacto entre o campo e a cidade (Barros, 1990, pp. 46-47).

Se, no passado, as tecnologias eram vistas como uma ameaça aos postos de trabalho; na atualidade, são percecionadas como auxiliaadoras da realização de algumas tarefas mais complexas, bem como facilitadoras da comunicação (Estanque, 2002, p. 2), o trabalho em rede é o elemento diferenciador da era digital (Almeida, 2012, p. 17). Como refere Castells (1999), relativamente às redes de trabalho,

A network is simply a set of interconnected nodes. It may have a hierarchy, but it has no centre. Relationships between nodes are asymmetrical, but they are all necessary for the functioning of the network – for the circulation of money, information, technology, images, goods, services, or people throughout the network. (Castells, 1999, p. 6).

Na era digital ou da informação, o trabalho coletivo é designado por Dyer-Witheford (2010) como ‘global worker’, que se caracteriza por ser internacionalizado ao nível mundial, pelo aumento e complexificação da divisão do trabalho, pela inclusão das mulheres no mercado de trabalho (o que não sucedia a uma escala global), pela conexão

a sistemas de comunicação digitalizados e pela precariedade (Dyer-Witheford, 2010, p. 490). A (re)organização do trabalho passa também por uma gradual individualização dos objetivos e das práticas laborais (Almeida, 2012, p. 18).

Os novos sistemas de comunicação, a diversificação das atividades e a nova organização do mercado de trabalho permitem, como se referiu, uma relação mais estreita entre cidade e campo que, nas palavras de Barros (1990) se pode caracterizar na seguinte tipologia:

- *viver no campo e trabalhar na cidade*
- *viver na cidade e trabalhar no campo, seja na agricultura (situação frequente na Andaluzia, por exemplo) seja na indústria*
- *viver e trabalhar na cidade e usar o campo para efeitos de tempos livres*
- *viver e trabalhar na cidade e manter relações regulares com familiares que vivem no campo e inversamente*
- *viver e trabalhar no campo em articulação com a cidade, nomeadamente através das redes de comunicação à distância* (Barros, 1990, p. 48).

As transformações no mercado de trabalho aqui mencionadas são sentidas um pouco por todos os países, em todas as atividades económicas, o aumento da “tecnologização” do trabalho é uma evidência que se verifica através da consulta constante do *email* (correio eletrónico), de páginas de internet e até das redes sociais virtuais, como o *Facebook* (Burston, Dyer-Witheford, & Hearn, 2010, p. 215). Podem, assim, sintetizar-se as alterações no mundo do trabalho e na vida dos trabalhadores, desde o início do século XXI nas seguintes: “(1) a elevada competitividade mundial por via da globalização das pessoas e dos mercados; (2) a utilização massificada de dispositivos eletrónicos nas organizações de trabalho e nos tempos de lazer; e (3) os movimentos migratórios e fluxos de empresas, de organizações e de trabalhadores a uma escala mundial.” (Almeida, 2012, p. 5).

1.3.2. Escola

Tal como o trabalho, também a escola sempre existiu em todas as sociedades. Se não a escola, no sentido formal e oficial do termo, pelo menos modos de aprendizagem, de ensino e a importância atribuída à aquisição de conhecimentos para o desempenho de um ofício.

Em Portugal, o sistema de ensino atravessou momentos conturbados. Não obstante, pode falar-se da origem do ensino superior desde o século XIII, de caráter predominantemente religioso. Em 1759 surge o que viria, atualmente, a designar-se de Ministério da Educação e Ciência, era, na altura, a Diretoria Geral dos Estudos. E em 1772 abrem-se várias Escolas Menores no País e nos domínios ultramarinos, sendo o número de professores, nesse ano, de 837 (ME, 2003, pp. 16-17).

Nos primeiros anos da República, e porque as taxas de analfabetismo da população eram elevadas (cerca de 70%), inicia-se uma grande fase de reformas do sistema de ensino português. Em 1911 é a vez da reforma do ensino primário, sobretudo pelas mãos de João de Barros e João de Deus, aliás, até aos anos 30 a “cartilha maternal” é o método mais utilizado para ensinar a ler, da autoria de João de Deus. Ainda neste ano, criam-se as Universidades de Lisboa e do Porto (ME, 2003, pp. 8-19).

A partir de 1926 esta evolução vive um retrocesso, o regime político ditatorial assume o poder com o golpe militar, é criada a “escola nacionalista” e, em 1936, surgem a Mocidade Portuguesa e a Obra das Mães pela Educação Nacional, cuja principal pretensão era passar ensinamentos morais e políticos aos seus alunos. Entre as principais alterações introduzidas constam as seguintes:

Os programas são reduzidos à aprendizagem escolar de base, proíbe-se a coeducação, reduz-se o ensino primário, extinguindo-se o complementar e as escolas normais superiores, e criam-se nas regiões rurais os “postos de ensino”, cujos “mestres” - os regentes escolares - em muitos casos sabiam apenas ler e escrever, sendo-lhes, no entanto, exigida uma comprovada idoneidade moral e política. O combate ao analfabetismo deixa de ser considerado uma prioridade, já que a ignorância da leitura e da escrita evita, na perspectiva vigente, a contaminação de doutrinas consideradas perniciosas e desestabilizadoras. (ME, 2003, p. 20).

A partir de então, pode verificar-se a existência de três fases principais: entre 1950 e 1960; entre 1960 e 74; e, por último, entre 1974 e 1997. Na primeira fase é lançado o Plano de Educação Popular para combate ao analfabetismo; a escolaridade obrigatória passa, em 1956, a ser de quatro anos, mas apenas para os alunos do sexo masculino e os adultos. Aliás, apenas no final desta primeira fase (1960) as mulheres veem o seu direito de estudar ser garantido (ME, 2003, p. 21).

As principais medidas da segunda fase passaram por, em 1966, se reformar A Mocidade Portuguesa, aumentando-se para seis anos a escolaridade obrigatória. Em 1967 é criado o ensino preparatório. Em 1975, o ensino secundário é constituído pelos 7º, 8º e 9º anos de escolaridade e os alunos do ensino técnico profissional e do ensino

médio têm, agora, a possibilidade de ingressar no ensino superior, desde que sejam maiores de 25 anos e possuam 5 anos de experiência profissional (ME, 2003, pp. 21-23), o equivalente hoje ao ingresso através dos Maiores de 23.

A partir da adesão de Portugal à CEE, e como já houve oportunidade de mencionar várias vezes neste capítulo, grandes transformações, muitas delas impostas como condição da própria adesão, ocorreram. Mais uma vez, é nesta altura que o ensino básico é reconhecido como universal, obrigatório e gratuito e passa a ter a duração de nove anos, compreendendo três ciclos sequenciais (da 1ª à 4ª classe – 1º ciclo; do 5º ao 6º ano – 2º ciclo; e do 7º ao 9º ano – 3º ciclo). É ainda em 1986 que se elabora o documento que ainda serve de base à definição das principais linhas de orientação do sistema educativo, a Lei de Bases do Sistema Educativo (ME, 2003, pp. 25-26).

Desde 2005, novas reformas têm sido realizadas no ensino que têm alterado a forma como é experimentado e como os alunos têm depois contacto com a sociedade, como o Plano Tecnológico, através da distribuição de computadores portáteis a partir do 1º ciclo de estudos, o alargamento da escolaridade obrigatória para o 12º ano (ensino secundário) e uma atribuição de maior importância ao ensino profissional.

Após esta breve, mas explicativa, análise histórica do sistema de ensino português, resta dizer que não se deram de forma igualitária pelo território português as mudanças. Mais uma vez, no meio rural, tudo chegou mais tardiamente, o ensino só mais tarde se tornou acessível às crianças, que deviam primeiro cuidar da terra e dos animais e só depois brincar ou aprender. Como refere Portela (1997), “Houve tempos em que um princípio reinante no meio rural, imposto pela miséria e escassez de recursos, se traduzia na expressão “fugirás da escola para trabalhar a terra”” (Portela, 1997, p. 9), mas até neste aspeto as mudanças foram expressivas, atualmente, se as há, estas situações são apenas exceções, os pais querem tirar os filhos da terra e a escola é a porta de saída, “não querem ver os herdeiros a empobrecer, mesmo alegremente. Aspiram a um trabalho não-agrícola. Um que não seja sujo, que seja socialmente prestigiado e mais compensador.” (Portela, 1997, p. 9).

Mas as atuais reformas do sistema de ensino contemplam também uma reorganização dos seus estabelecimentos, as escolas. Com a desertificação do meio rural, várias escolas são encerradas, o baixo número de crianças justifica que as escolas sejam transformadas em agrupamentos e transferidas para as cidades, bem como as

próprias crianças e jovens. Em 2012 tinham encerrado cerca de 3.720 escolas, a grande maioria nas zonas rurais do interior¹⁶.

Neste sentido, são criados vários projetos que contribuam para minimizar os efeitos da ruralidade e do isolamento. Um deles é o Projeto das Escolas Isoladas (PEI)¹⁷, que pretende contribuir para diminuir o afastamento das crianças das escolas rurais (que ainda se mantenham). Os objetivos centrais do projeto são “proporcionar condições de socialização das crianças, ao mesmo tempo que se proporcionam condições para animação cultural da vida nas comunidades” (Correia, 1999, p. 47), tendo sido implementado em 40 concelhos através do Instituto das Comunidades Educativas.

E se os efeitos da inserção da tecnologia na sala de aula e, de outra vertente, o encerramento das escolas são sentidos pelos alunos, também o são pelos professores, que tiveram que incluir nos seus currículos escolares o computador, os quadros interativos e a utilização de livros digitais. E desde 1982, com a declaração de Grünwald que está contemplada esta mudança, ao referir que

Os educadores responsáveis decerto não ignorarão esses desenvolvimentos, antes trabalharão em conjunto com os seus alunos para melhor os compreender e retirar algum ensinamento dos seus efeitos, como o rápido desenvolvimento de uma comunicação recíproca e a consequente individualização do acesso à informação. (UNESCO, 1982, p. 1).

¹⁶ http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=569789, consultado a 24 de novembro de 2012.

¹⁷ http://iceweb.org/index.php?option=com_content&view=article&id=8&Itemid=62, consultado a 24 de outubro de 2012.

1.4. CARACTERIZAÇÃO SOCIO-HISTÓRICA DO LAZER

O lazer está profundamente relacionado com o trabalho e a escola. É porque existe a noção de que o tempo deve ser devidamente separado entre trabalho e não trabalho, que o indivíduo, inserido numa sociedade, compreende como deve ocupar esse tempo livre com atividades de lazer, e qual a distinção para com as atividades laborais/escolares. Para além disso, à escola, à família e ao trabalho são atribuídas importantes funções de delimitadores do tempo livre e, conseqüentemente, do lazer. No caso da escola, não só ela prepara a criança para um bom aproveitamento do tempo livre dentro da escola, como fora, enquanto crianças e no futuro, enquanto adultos (Puig & Trilla, 2004, p. 122). Para além disso, é a família que define quando a criança deve terminar as atividades escolares e dedicar-se às de lazer.

Delimitar o lazer no tempo e no espaço é complicado, ora porque se encontra demasiado intrincado em todas as outras atividades (Pereira & Neto, 1999, p. 86), ora porque o tempo que deveria ser livre está, nas sociedades atuais, ocupado com outras novas tarefas. Como referem Puig e Trilla (2004),

Às atividades de descanso, em especial, às horas de sono, temos de acrescentar todos os períodos perdidos em deslocamentos ou outras ocupações relacionadas com o trabalho, que não estão incluídas na jornada diária. Outra parte importante de tempo de não-trabalho dedica-se à família. Ocupação que pode ser satisfatória, mas que nem por isso deixa de estar pré-determinada e, portanto, não pode ser considerada como tempo livre. (Puig & Trilla, 2004, p. 44).

Assim, a principal função do lazer deveria ser “satisfazer as necessidades culturais através da elaboração de estratégias de democratização cultural e animação sociocultural.” (Puig & Trilla, 2004, p. 39), o que nem sempre acontece, uma vez que nem todos os indivíduos têm acesso igual a todos os espaços de lazer, uns residem afastados dos centros onde esses espaços existem, outros não têm condições socioeconómicas para os frequentar; a educação também condiciona as práticas de lazer, bem como os padrões culturais e as possibilidades que a comunidade oferece (Ferraz & Pereira, 2009, p. 258).

Mais especificamente, parte-se daqui para uma definição mais aprofundada de lazer e do que implica.

1.4.1. Definição de lazer

A palavra lazer provém do latim *licere*, que significa “tempo de que se dispõe livremente para repouso ou distração”¹⁸. A premissa livre está implícita em todas as definições encontradas da definição de lazer. E, embora vários autores (Aquino & Martins, 2007; Puig & Trilla, 2004) empreguem ora este conceito, ora o de ócio, a liberdade de escolha na decisão das atividades a realizar com o tempo livre está sempre implicada na forma como se vivencia o lazer.

Assim, o lazer é entendido como uma decisão tomada pelo indivíduo, após o cumprimento de todas as tarefas e atividades que lhe foram impostas, logo, a primeira condição para a existência de lazer (ou de ócio) é a existência de tempo livre. Após esta condição, realizar atividades de lazer, significa que o indivíduo as faz com bastante autonomia, com o objetivo de obter prazer. Para além disso, quando se passa tempo de lazer significa que se optou pela realização de determinada atividade, o lazer implica sempre uma atividade. Tempo, atitude e atividade são as três componentes principais do lazer (Puig & Trilla, 2004, p. 43), mas aliadas a estas, surgem a autonomia, a liberdade, a escolha e o prazer.

Lazer é, então, o oposto do trabalho, ou o tempo do não-trabalho. Aliás, “O debate sobre a conceptualização do tempo livre partiu da dicotomia trabalho *versus* tempo livre, sendo este entendido como tempo residual, aquele que resta após o tempo laboral.” (Pereira & Neto, 1999, pp. 89-90). Então, o lazer é não-trabalho, não é remunerado, não é necessário para a sobrevivência e não é expectável socialmente que exista (Kelly, 2009 [1972], p. 439), é uma forma de quebrar a rotina diária, repor energias, fugir da monotonia do trabalho e, em alguns casos, é a oportunidade de quebrar regras (Pereira & Neto, 1999, pp. 87, 89-90). Gini (2003), no entanto, considera que o facto de se estar num tempo de não trabalho, a fazer nada, ocioso, parado, sem qualquer tarefa para realizar não são os únicos pré-requisitos do lazer. Este é, antes de mais, “um estado de espírito, uma orientação psicológica, uma condição da alma e do espírito” (Gini, 2003, p. 23).

Kelly (2009 [1972]) apresenta quatro tipos de lazer:

- a) o lazer puro, escolhido independente;
- b) o lazer coordenado, determinado e independente;
- c) o lazer complementar, escolhido e dependente;

¹⁸ <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=lazer>, consultado a 23 de novembro de 2012.

d) o não lazer, determinado e dependente (Kelly, 2009 [1972], pp. 444-448).

Estes quatro tipos distinguem-se pela forma como o indivíduo vivencia o lazer em termos de escolha livre ou não e a sua (in)dependência em relação ao trabalho: no primeiro, o lazer foi escolhido com total autonomia, sendo, por isso, independente de todas as outras atividades, incluindo as laborais; o lazer coordenado é determinado e imposto, mas independente do trabalho; o terceiro tipo foi escolhido com total autonomia pelo indivíduo, mas é dependente das suas obrigações para com o trabalho; o último tipo de lazer é totalmente determinado e dependente (Kelly, 2009 [1972], pp. 444-448). Com base no que tem vindo a ser abordado nesta secção, considera-se que a única forma de lazer é a primeira (o lazer puro), todas as outras são ocupação do tempo, sem liberdade de escolha e/ou sem autonomia, que podem ser comer, dormir, atividades familiares, ou outras que não trabalho.

Puig e Trilla (2004) estabelecem mesmo as atividades que podem ser consideradas de ócio, e que se apropriou para o presente trabalho, por se julgar ser bastante conciso das práticas de lazer ao longo dos séculos.

Tabela 9. Atividades de ócio

Componente	Atividades	Práticas
Física	Corporais	Passeios, excursões, desporto
Manual	Práticas	Bricolagem, jardinagem, trabalhos manuais
Participativa, criativa ou passiva	Culturais	Televisão, rádio, cinema, leitura, teatro, música, conferências
Social ou coletiva	Interpessoais	Encontros em cafés, praças ou clubes, festas de amigos, vida familiar

Fonte: Adaptado de Puig e Trilla (2004, p. 47)

Na **Tabela 9** estão concentradas as principais atividades de ócio, que se enquadram em quatro componentes essenciais: física, por implicar a realização de atividades corporais; manual, porque requer a realização de práticas concretas; participativa, porque obriga a que haja a participação individual (ainda que passiva) em alguma atividade concreta; e, social, porque requer que se participe em encontros com outras pessoas.

Apesar da designação desta secção, considera-se que a definição de lazer, por ser tão abrangente e por encerrar em si tantas componentes, não se faz sem alguma divergência entre perspetivas e autores. Para se compreender esta questão e a

dificuldade de encontrar uma definição única, o termo lazer é ainda, atualmente, associado a palavras como entretenimento, turismo, divertimento e recreação (Aquino & Martins, 2007, p. 484), que não deixam de ser formas de praticar o lazer, mas que não são lazer em si.

1.4.2. Lazer: breve evolução socio-histórica

O ócio tem as suas origens na Grécia de Aristóteles (384 a. C.) é, por isso, uma forma bastante antiga de aproveitar o tempo. São de Aristóteles as frases “We work in order to have leisure” e “we are unleisurely in order to achieve leisure” (Gini, 2003, p. 9), e pode retirar-se delas o sentido de ser necessário trabalhar para se aproveitar o tempo de lazer mas, mais do que isso, é porque se desempenha um trabalho que se requer um tempo diferente, um tempo afastado de atividades rotineiras, que permita pensar e fazer diferente. A contemplação era o principal objetivo do ócio no tempo de Aristóteles, que considerava que era através do tempo livre que se conseguia pensar, escrever poesia e música. E também em Roma, no tempo de Séneca (primeiros anos da vida cristã), o lazer ganha grande importância, sendo um tempo de descanso e recreação da mente para que depois se pudesse voltar ao trabalho (Puig & Trilla, 2004, p. 23).

Aproximadamente, entre os séculos V e XV (Idade Média) e fins do século XIII e meados do século XVII (Renascimento), o sol e a Igreja controlavam os períodos de lazer e de trabalho dos agricultores e dos artesãos, o primeiro através da delimitação do dia e da noite; e a segunda pela definição dos dias festivos e de pausa do trabalho. Entre 1789 e 1799, durante a Revolução Francesa, esta forma de organização do lazer e do trabalho alteram. É possível, a partir desta altura, a negociação do horário de trabalho e a Igreja deixa de controlar todos os feriados e dias festivos (Puig & Trilla, 2004, pp. 24-26).

Mais recentemente, nas sociedades pré-industriais, o lazer (e o ócio) relacionava-se com as atividades de culto, tradicionais e as festas (Aquino & Martins, 2007, p. 485). O lazer autónomo e livre que se mencionou anteriormente não tinha, nestas sociedades, visibilidade. Aliás, o lazer, mesmo mais tarde, no período industrial, surge associado ao trabalho e à produção, e afastado da ludicidade de que hoje é composto (Aquino & Martins, 2007, p. 485).

Apenas durante a Revolução Industrial o ócio e o lazer adquirem verdadeiro significado, quando os operários lutam por melhores condições laborais, inclusivamente, pela possibilidade de terem tempo livre, ao qual se podem dedicar sem qualquer imposição da fábrica e da produção (Aquino & Martins, 2007, p. 485). Até então, as mulheres, que se dedicavam exclusivamente à casa e à família, não tinham tempo livre; e os homens viviam para o trabalho.

Com os sindicatos, iniciou a luta. Os trabalhadores precisavam de repor energias e dedicar mais tempo à família e aos filhos. Como foi possível verificar, a visão utilitarista da família deu lugar a uma visão romântica, o amor passa a ter um lugar privilegiado dentro do seio familiar, alterando a relação com o trabalho, consequentemente, com o tempo livre e, por sua vez, com o lazer (Pereira & Neto, 1999, p. 87).

Na atualidade, as grandes alterações em termos de dinâmicas urbanas, o desenvolvimento da tecnologia, mais uma vez, as exigências do mercado de trabalho, faz aumentar a indisponibilidade para ter tempo livre, logo altera as práticas de lazer. O meio rural ainda é um espaço onde se consegue vivenciar o tempo livre de maneira saudável, a rua ainda pode ser contemplada nas brincadeiras das crianças e jovens, o que aumenta as possibilidades de sociabilidade com os pares; o tempo despendido em viagens não é tão elevado como para os residentes do meio urbano (Ferraz & Pereira, 2009, p. 258) e o contacto com a natureza, logo a diversidade de práticas de lazer, é maior.

Não foi objetivo apresentar aqui uma extensa explanação acerca do desenvolvimento das práticas de lazer na sociedade ao longo dos tempos. Pretendeu-se, sim, demonstrar que o ócio e o lazer sempre fizeram parte da realidade dos seres humanos, apesar de, como se referiu, com contornos bastante diferenciados da forma como se explora na atualidade. O acesso a novos artefactos, as mudanças na família, no trabalho e nos meios rural e urbano potenciam a existência desses diferentes contornos.

SÍNTESE

O meio rural não é estático. Na verdade, esta era uma afirmação que quase não necessitava ser feita, não fosse o rural frequentemente associado a velhas tradições, antigas formas de fazer e pouco relacionado com dinamismo, modernidade e inovação. No entanto, o rural dos anos 50 é totalmente diferente do rural de 1970, de 1990 e, muito mais ainda, de 2012. O rural dos anos 50 é caracterizado como sendo um apenas, o de 1990 é analisado na sua forma plural (Figueiredo, 2011); o rural de meados do século XX não conhecia o empreendedorismo e a inovação (com a aceção tecnológica que hoje lhes é atribuída), apesar das cidades começarem a ter acesso às primeiras televisões; o rural de 1950 é original e não uma cópia do urbano, como o é o de 1990 e anos seguintes (Domingues, 2012).

Para a presente investigação, a definição de rural utilizada, sobretudo para auxiliar na construção da amostra, foi a estatística do INE, segundo a qual para se considerar uma região como rural a sua população residente deve ser igual ou inferior a 2.000 habitantes e densidade populacional igual ou inferior a 100 habitantes por Km². Através da análise feita no capítulo pode concluir-se que Portugal tem um território com características estatísticas maioritariamente rurais, uma vez que da sua população total de 10.562.178 habitantes, a maior parte é residente do litoral.

Desta forma, e apesar da sua atividade económica predominante ainda ser a agricultura, a população já é bastante envelhecida, com os jovens a procurar diferentes oportunidades de trabalho nas cidades. Algo que dificulta o cultivo das terras, uma vez que os seus residentes já não têm forças para o fazer, e também o desenvolvimento das regiões rurais, procurando-se isso mais através do turismo.

Assim, se o rural da década de 50 era baseado numa economia agrícola, com uma grande importância para todo o País, uma vez que o fornecia de produtos alimentares; se se relacionava muito com superstições, credices, crenças religiosas e tradições, era também um rural associado à felicidade de viver no campo. Já no rural dos anos 60, os fortes movimentos emigratórios, em busca de melhores oportunidades laborais, transformaram-no no rural dos tempos de férias.

Na década de 70, os acontecimentos políticos do 25 de abril de 1974, possibilitaram o regresso dos retornados das ex-colónias, mas também, o melhoramento dos sistemas de educação, saúde e transportes, mas tudo isso ocorreu para e nas cidades, ficando,

mais uma vez, o rural destinado ao envelhecimento e à desertificação. Mas esse rural assiste a uma reviravolta quando, nos anos 80, começa a ser percecionado como idílico, como um local de elevada superioridade moral, muito procurado, por isso, pelos veraneantes que anseiam por momentos de descanso, longe da azáfama diária citadina.

A partir da década de 90 nem o meio rural consegue afastar-se da evolução tecnológica, os procedimentos modernizam-se e vive-se uma forte necessidade de reestruturação. Uma mudança que se vive ainda atualmente, e que foi fortemente potenciada pelos movimentos pendulares dos residentes no meio urbano para passar momentos de lazer e de férias no rural. Por esta razão, são várias as perspetivas teóricas defendidas, que vão desde a proposta de uma rurbanidade (Cimadevilla, 2010; Cloke, 2011); à 2ª ruralidade (Covas & Covas, 2012) associada à sociedade de risco, passando pela desruralização (Domingues, 2012).

De facto, houve acontecimentos de vária ordem (políticos, económicos, religiosos, educativos e culturais) que potenciaram a mudança, não apenas, do meio rural, mas igualmente das suas instituições, como a família, a escola, o trabalho e o lazer. Cristóvão, Medeiros e Melides (2011) afirmam mesmo que

[...] os campos são diversos e, na verdade, existem vários rurais, com diferenças entre norte e sul, montanhas e vales, pequena e grande agricultura, áreas de menor ou maior densidade populacional, e distintas articulações com os (também diversos) espaços urbanos. (Cristóvão et al., 2011, p. 177).

Neste capítulo foi realizada uma análise a essas principais instituições. A família, apesar de manter alguma das suas características imutáveis, assume um caráter também bastante dinâmico, adapta-se aos tempos, vão surgindo novas formas de constituir família. E não é diferente no meio rural, local onde já chegam as novas tecnologias. A família é um espaço privilegiado de interações, mas as mudanças ocorridas no seu seio conduziram ao surgimento de uma sociedade individualista, algo que teve repercussões na forma de se viver em família. Atualmente esta instituição é caracterizada por manter os seus filhos até mais tarde, com os estudos a prolongarem-se por mais tempo, os casamentos a ocorrerem cada vez mais tarde e, consequentemente, a procriação.

Mas as novas tecnologias promovem também a mudança no trabalho, se a fase agrícola correspondeu a uma “sociedade de bens de base”, a fase industrial foi uma “sociedade de bens tangíveis” e a fase pós-industrial uma “sociedade de bens intangíveis” (Almeida, 2012, p. 29). O trabalho *tecnologiza-se, enreda-se* e torna-se global, mas isso acontece também na escola, onde as tecnologias entram, sem que os alunos ofereçam resistência à sua utilização, fomenta-se o seu uso no espaço de sala de

aula com computadores a serem distribuídos e internet de banda larga e quadros interativos a serem instalados. Ao mesmo tempo, deslocalizam-se os espaços escolares, com a construção de agrupamentos nos centros urbanos e o desmantelamento das escolas dos meios rurais.

Por último, o lazer, apesar da sua difícil aceitação na sociedade, hoje é considerado quase como um bem essencial, necessário para que se reponham as energias de um trabalho desgastante e ubíquo, tem, por isso, uma forte carga psicológica (Gini, 2003). Com as características móveis dos novos *media*, o trabalho está em toda a parte, mesmo nos tempos de lazer que, a ser assim, não podem, então, designar-se de lazer. Puig e Trilla (2004) concordam que “Não é possível o ócio, se não tiver ficado claro e disponível um espaço de tempo livre de qualquer tipo de obrigação.” (Puig & Trilla, 2004, p. 125).

Família, escola, trabalho e lazer estão amplamente relacionados, quer nos meios urbanos, quer nos rurais, que, por estes verificarem a existência de tantas mudanças, Domingues (2012) considera que “o actual contexto de mudança acelerada está a desmultiplicar até ao infinito as representações sobre a ruralidade: a pós-, a neo-, a des-ruralização.” (Domingues, 2012, p. 317).

Resumidamente, e em jeito de caracterização do que foi o meio rural nas diferentes décadas (1950, 1970 e 1990), pode dizer-se que o rural dos anos 50 era um rural residente e laboral; o dos anos 70 era de migração e o dos anos 90 é um rural familiar e afetivo. O rural do século XXI está a começar a ser um rural dos pequenos negócios, dos tempos livres e pendular.

CAPÍTULO II.

NOVOS *MEDIA*-ECRÃS

Destaques

- A integração dos novos *media* em Portugal foi realizada gradualmente: a criação de uma televisão portuguesa ocorreu nos finais da década de 1950; os primeiros computadores construíram-se em meados da década de 80; e, finalmente, os telemóveis, cujas primeiras operadoras portuguesas datam do início dos anos 90.
 - A utilização dos novos *media* pelas três gerações em estudo (avós, pais e filhos, nascidos nas ou próximos das décadas de 1950, 1970 e 1990) é estudada de forma desigual, com a geração intermédia a ficar um pouco à margem dos interesses de investigação.
 - Essa utilização é ainda realizada com algumas discrepâncias entre as gerações, não sendo, porém, ausente em nenhuma delas.
 - Vive-se um momento de cultura do ecrã, onde uma parte significativa dos dispositivos do quotidiano surge associada a ecrãs e onde as relações dos indivíduos com aqueles são dérmicas, de toque e de sensualidade.
 - Capital social e *habitus* são dois conceitos utilizados para a interpretação do uso dos *media*. O primeiro bastante potenciado pela importância das relações sociais para a resolução de problemas; o segundo pela cultura mediática que produz novas rotinas.
 - Ainda que sejam exigidas aos utilizadores de novos *media*, nem todos os indivíduos possuem as competências infocomunicacionais necessárias a uma utilização satisfatória dos artefactos, sendo, por vezes, necessário recorrer a ajuda intergeracional.
-

2.1. EVOLUÇÃO DA INTEGRAÇÃO DOS NOVOS *MEDIA*-ECRÃS EM PORTUGAL

A integração dos novos *media* em Portugal foi acontecendo gradualmente. Em 1856 surgiu o telégrafo, que ligava o Terreiro do Paço às Cortes e o Palácio das Necessidades a Sintra¹⁹. Datam de 1877 as primeiras experiências realizadas com o telefone, com o objetivo de ligarem Lisboa a Carcavelos e os observatórios da Escola Politécnica e da Tapada da Ajuda (Santos, 1999, p. 1). E foi no início do século XX que se estabeleceram os primeiros contactos Morse via rádio²⁰. Estes foram dos primeiros *media* que permitiam a comunicação entre pessoas e, desde então, ainda que um pouco lentamente, foram evoluindo e até foi surgindo a necessidade de se integrar mais e melhores tecnologias de comunicação e informação em Portugal, aliás, esta é vista como uma evolução natural, como refere Santos (1999),

Ao fonógrafo sucedeu o gira-discos e, mais recentemente, o leitor de discos compactos. A rádio, ouvida outrora em onda média, transmite-se em frequência modulada e, proximamente, em DAB (Digital Audio Broadcasting). O velho televisor a preto e branco desapareceu da nossa memória e, qualquer dia, o aparelho a cores é substituído por um equipamento de alta definição ou écran plano. O computador saltou do 286, 386 ou 486 para o Pentium, no espaço de pouco mais de meia dúzia de anos.(Santos, 1999, p. 6).

Não obstante, a explosão da tecnologia em Portugal, à semelhança do resto do mundo, não foi linear, uma vez que a investigação e desenvolvimento à sua volta é um processo que pode durar décadas até à sua utilização massiva. Pensando no início da década de 50, a lembrança que pode surgir associada aos *media* é a da rádio e do telefone fixo, aliás, foram essas mesmas tecnologias que permitiram e incentivaram o desenvolvimento da televisão, em finais da década de 50 em Portugal, e do telemóvel já na década de 90 (Williams, 1989 [1966], p. 101).

Foi nos anos 70 que surgiram os primeiros computadores em Portugal, primeiro apenas disponível em meio empresarial e universitário; para no início da década de 80 começarem a chegar a alguns lares, com um tamanho mais pequeno e preço mais acessível.

¹⁹ [http://www.infopedia.pt/\\$telegrafo-em-portugal](http://www.infopedia.pt/$telegrafo-em-portugal), consultado a 04 de fevereiro de 2013.

²⁰ <http://telefonos.sapo.pt/>, consultado a 04 de fevereiro de 2013.

A década de 90 é profícua em desenvolvimento e disseminação de tecnologia. As televisões transformam-se, bem como os computadores, e tornam-se mais frequentes: a percentagem de alojamentos com televisor sobe de 91,3% em 1991 (Vieira, 2001, p. 55) para perto dos 97% em 1999²¹. Surgem também os computadores portáteis, em 1990, apenas 5% das casas portuguesas tem computador, percentagem que aumenta para os 31,4% em 1999²² “e a partir desta data é a explosão dos PC em casa.” (Roberto, 2010, p. 43).

As relações familiares, de trabalho e em contexto de lazer assumem diferenças visíveis. Inicialmente (1957), o acesso à televisão era realizado em espaços públicos (cafés, espaços de associações abertos ao público, como os escuteiros, entre outros), apenas alguns meses mais tarde (1958) a televisão passou para a esfera privada familiar (sendo que, em 2009, existia em 99,9% dos lares portugueses (Cardoso & Espanha, 2009, p. 3)), à volta da qual todos os elementos da família se reuniam para assistir aos programas disponíveis. Na década de 80, o computador introduziu novos hábitos no local de trabalho (e, mais recentemente, na escola), tarefas desenvolvidas unicamente de forma manual, ganharam uma maior eficiência com a ajuda desta tecnologia. Nos anos 90, o telemóvel foi o terceiro ecrã que veio alterar algumas das rotinas implementadas, eliminando as barreiras espaço-temporais. Todos estes dispositivos ganharam uma presença no quotidiano dos indivíduos tão próxima e tão indispensável que faz com que estejam sempre com eles, assumindo quase uma relação de segunda pele.

A **Tabela 10** dá informação acerca da integração de alguns *media* em Portugal ou das evoluções ocorridas entre anos.

²¹ <http://www.pordata.pt/>, consultado a 04 de fevereiro de 2013.

²² <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~109c.aspx>, consultado a 04 de fevereiro de 2013.

Tabela 10. Evolução dos serviços de telecomunicações em Portugal

1874		telégrafo
1876		telefone
1920		rádio
		telex
1930		televisão
1960		televisão a cores
		telefone móvel
		alta fidelidade
		telecópia
1975		dados
		chamada de pessoas
		teletexto
		videotexto
		videoconferência
		televisão em estereofonia
1990		teleimpressão de jornais
1993		correio electrónico
		Internet

Fonte: Santos (1999, p. 5)

Relativamente ao estudo concreto do uso dos *media* no meio rural, notícias com títulos como “Uma das escolas mais avançadas do mundo é portuguesa”²³, “Escola portuguesa entre as mais inovadoras do mundo”²⁴ e “Escolas da Lousã entre as mais inovadoras do mundo”²⁵ dificilmente se associam ao rural, mas ganham especial destaque por se encontrarem nesse meio. E este destaque é relativo a um âmbito específico: o escolar. Mas também no espaço familiar Portela (1997) demonstra a importância que vão ganhando os *media* no meio rural, sobretudo para as crianças, diz o autor “em casa é a evasão frente à televisão, sempre que a deixam” (Portela, 1997, p. 6). Aliás, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), cerca de 58% de inquiridos do Norte de Portugal, e 48,8% do Alentejo (as regiões mais rurais), em 2012, utilizavam a internet, contrastando com 71,9% na grande Lisboa (INE, 2012d). Como refere Portela (1997), “o Mundo Rural passa a ser mais mundo, porque este é progressivamente mais pequeno, cada vez mais facilmente entra portas adentro e, concomitantemente, ganham dimensão as aspirações socio-culturais dos seus residentes” (Portela, 1997, p. 7).

Ora, para que o desenvolvimento tecnológico seja favorecido nas regiões do interior de Portugal é necessário que haja uma apetência para a sua utilização, quer em práticas de consumo, como de produção (trabalho ou escola). Que as regiões desenvolvam igualmente a sua capacidade de iniciativa e empreendedora, mas isso, nos dias de hoje, só poderá ser realizado se auxiliada pelas tecnologias e pela educação para a sua

²³ <http://visao.sapo.pt/uma-das-escolas-mais-avancadas-do-mundo-e-portuguesa=f547669>, consultado a 04 de fevereiro de 2013.

²⁴ <http://boasnoticias.clix.pt/noticia.php?noticia= 8491>, consultado a 04 de fevereiro de 2013.

²⁵ <http://boasnoticias.clix.pt/noticia.php?noticia= 8291>, consultado a 04 de fevereiro de 2013.

utilização. Assim, concorda-se com Castells, que refere que “technology per se does not solve social problems” (Castells, 1999, p. 3).

Tendo em consideração o nível de acesso, “a televisão [...] [e acrescentava-se, o computador e a internet] está disponível para os recém-nascidos logo nas maternidades e mesmo as famílias mais carentes de tudo o resto não as dispensam” (Portela, 1997, p. 7), não obstante, a info-exclusão é evidente em outros aspetos, ou seja,

[...] what is happening is that regions and firms that concentrate the most advanced production and management systems are increasingly attracting talent from around the world, while leaving aside a significant fraction of their own population whose educational level and cultural/technical skills do not fit the requirements of the new production system (Castells, 1999, p. 3).

A diferença de utilização da tecnologia entre áreas rurais e urbanas é analisada por alguns autores (Grimes, 2000; Whitacre, 2010) como ocorrendo devido ao número reduzido de utilizadores, o que diminui, conseqüentemente, o interesse dos investidores nessas áreas (Grimes, 2000, p. 14). Whitacre (2010) confirma esta desvantagem e considera que ela ocorre do lado da oferta e da procura, ou seja, as empresas que investem em infraestruturas não têm interesse em fazê-lo em regiões pouco povoadas, uma vez que isso não se traduz no lucro desejado. Como nas áreas rurais há também pouca indústria e centros empresariais e de decisão, de educação e ensino, a probabilidade de se utilizar a internet, por exemplo, é muito reduzida, logo, os residentes do meio rural não utilizam a internet, porque não existe, mas esta não existência acontece porque nunca foi dada a oportunidade de ser utilizada (Whitacre, 2010, p. 1284). Claro está que nem sempre isto acontece desta maneira, por vezes, há acesso à internet e a outros novos *media*, mas a qualidade das ligações é inferior à das zonas mais habitadas. Figueiredo e Ferrão (2007) consideram que esta dicotomia rural-urbano tem sido evidente em vários outros âmbitos, para além do tecnológico, mas que, no fundo, contribuem para a sua acentuação. Alguns dos setores são as assimetrias no desenvolvimento de características urbano-industriais e a divisão digital devido às diferenças de acesso e utilização das TIC (Figueiredo & Ferrão, 2007, pp. 6-7).

Não obstante, considera-se que, quer se trate do meio rural ou urbano, ainda que persistam algumas diferenças evidentes em termos de condições de acesso, nos meios mais desfavorecidos, os seus residentes têm acesso aos novos *media* e utilizam-nos nos variados contextos sociais, esta é aliás, a maior das características dos novos *media* da atualidade, são ubíquos e penetrantes, mesmo intrusivos, nas palavras de Mark Deuze (2012), “they cannot be switched off.” (Deuze, 2012, p. xi). O quotidiano dos indivíduos,

ainda que utilizando artefactos tecnológicos diferenciados e com intensidade diferente, tem sido alterado, quer no trabalho, na vida familiar ou no lazer.

No final do século XX eram cada vez mais os equipamentos que rodeavam as pessoas: televisão, rádio, vídeo, telefone, fax e computador; situação que foi sendo alterada na viragem para o século XXI e que, ainda hoje, quase não é possível saber o que mais vai ser criado e colocado à disposição dos indivíduos para ter acesso a informação, para partilhar conhecimentos, para interagir com outras pessoas, etc. Se, no passado, os meios privilegiados para essas atividades eram a televisão e a rádio, hoje há um sem fim de dispositivos onde é possível recolher e partilhar informação, as principais características são – e têm que ser, de forma a satisfazer os utilizadores - rapidez, fiabilidade e versatilidade. As conversas à volta da mesa ganharam novos contornos, agora é possível incluir alguém que não está presente, é a comunicação virtual, que permite falar para longe e falar com outro tempo (Santos, 1999, p. 5).

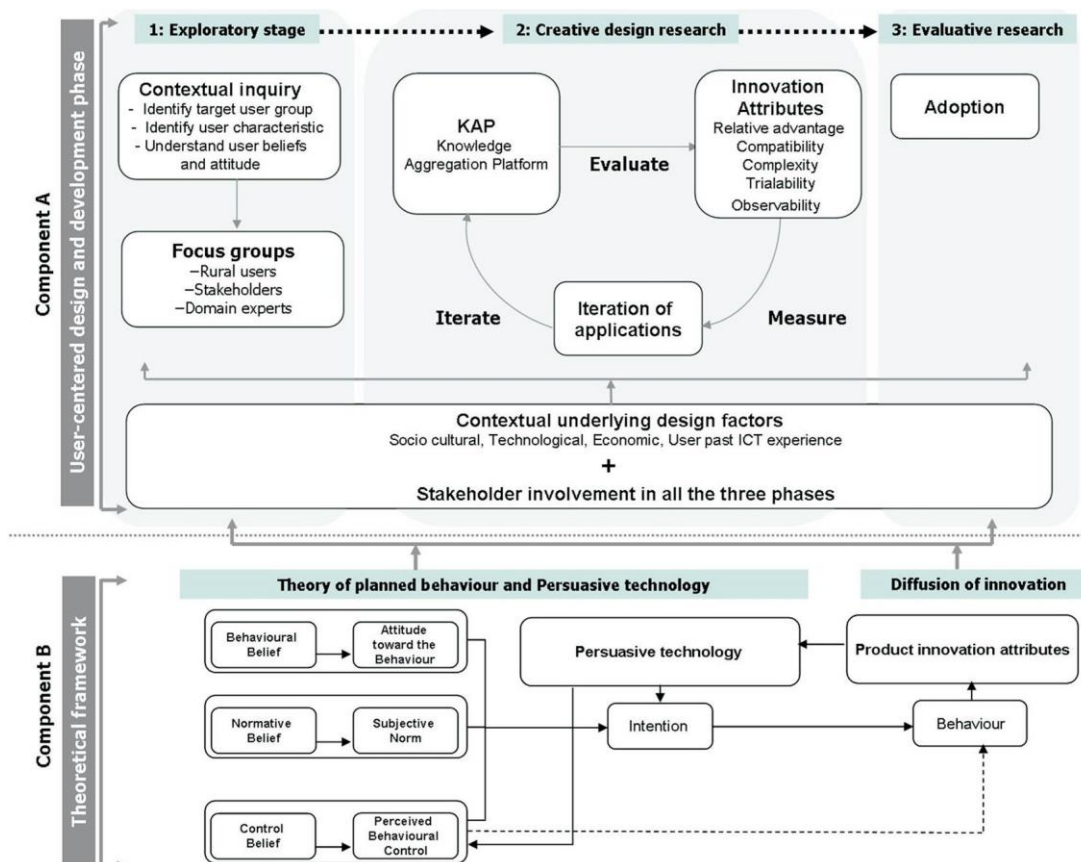
Nesta presença ubíqua dos novos *media*, há uma discussão que ainda se vai mantendo na parafernália de artefactos que vão surgindo: os novos dispositivos vieram suprir necessidades sentidas pelos utilizadores ou foi o aparecimento de tecnologias e das suas aplicações que criou necessidades que antes não se sabiam existir? De acordo com Arregui, San Juan e Otón (1999), a ubiquidade dos novos *media* e dos ecrãs surgiu a partir do momento em que se sentiu necessidade da sua utilização, através de tarefas que exigiam a sua criação, foram sendo colocadas à disposição dos utilizadores novas ferramentas tecnológicas (Arregui *et al.*, 1999, p. 1). No entanto, aparte a rapidez e flexibilidade exigida nas novas competências para o século XXI, nada impedia que não houvesse uma mudança tão disruptiva de práticas.

E será que o indivíduo sentia necessidade de estar virtualmente conectado 24 horas diárias nos sete dias da semana? De onde emergiu esta vontade de procurar no virtual o que é possível encontrar no mundo físico? De acordo com Murolo (2011), “El capitalismo nos sabe enseñar que la creación de necesidades es su especialidad y estamos atados a ello porque la sociedad se apropia de estos objetos de consumo endiosados y generaliza su pertinencia.” (Murolo, 2011, p. 38). Conclui-se, por isso, que não é fácil responder às questões colocadas sem uma investigação pormenorizada sobre o assunto, no entanto, não querendo deixar estas perguntas em aberto, apresenta-se uma proposta da estrutura da definição e desenvolvimento de novas plataformas, centrados no utilizador.

A proposta é de Vikram Parmar (2009), e pode ser explorada na **Figura 2**. O que o autor propõe é um quadro teórico-prático do surgimento de novas ferramentas tecnológicas, com foco no meio rural. Através da análise da figura, percebe-se que, numa primeira fase (que o autor designa de componente A), tenta-se aferir da disponibilidade dos utilizadores para o uso de determinado dispositivo, através de, sobretudo, metodologias qualitativas. Esta fase termina com a adoção da tecnologia e de testes de usabilidade realizados. Passa-se, depois, para a segunda fase (componente B), na qual, teoricamente, se explica o que ocorreu na etapa anterior e se conclui da adoção ou não da tecnologia (Parmar, 2009, p. 91).

Este desenvolvimento de tecnologia é analisado pela teoria do determinismo tecnológico como sendo autónomo da sociedade e, conseqüentemente, do indivíduo. No entanto, esse desenvolvimento influencia e transforma a sociedade (Mackay & Gillespie, 1992, p. 686). Aliás, como é possível verificar através da **Figura 2**, a explicação facultada pelo determinismo tecnológico não é satisfatória, uma vez que o desenvolvimento tecnológico não consegue seguir sempre um caminho pré-determinado, sem reveses.

Figura 2. Proposta de estrutura de desenho centrado no utilizador



Fonte: Parmar (2009, p. 91)

À partida, todas as tecnologias passam por esta fase de desenvolvimento e integração na sociedade, mas nem sempre terá sido assim, pelo menos, talvez não conscientemente, por exemplo, no caso do telefone, da rádio ou da televisão, é certo que foram realizados testes e emissões experimentais, no entanto, não eram realizados com este grau de detalhe, nem com os mesmos objetivos: verificar como reagiam os utilizadores à nova tecnologia e que caminhos se poderiam percorrer para uma mais rápida adoção. Mas daqui se depreende que talvez sejam os dispositivos os primeiros a surgir e, através deles, as necessidades dos utilizadores.

Como afirma McLuhan (2008 [1964]), “Qualquer tecnologia gera novas pressões e necessidades na sociedade que a engendrou. As novas necessidades e as novas respostas tecnológicas emergem da nossa adopção de tecnologias já existentes, num processo interminável.” (McLuhan, 2008 [1964], p. 190). Este processo ocorre também porque nem sempre as tecnologias desenvolvidas se difundem pela sociedade como os criadores pretendiam, sendo, por isso, consideradas como um falhanço, aliás, quer o próprio artefacto em si, quer a produção de conteúdo com apoio desse artefacto se pretende o mais difundido possível, porque como referem Jenkins, Ford e Green (2013) “if it doesn’t spread, it’s dead” (2013, p. 1).

Para McLuhan (2008 [1964]) esta relação de receção, adoção e integração das tecnologias, ao ponto de se tornarem intrusivas e ubíquas na vida dos indivíduos, assumem uma relação de serventia, mas não numa lógica de serem elas a servirem os propósitos dos indivíduos, mas sim estes a corresponderem às expectativas dos *media*, o autor considera mesmo que é produzida “uma narcísica consciência subliminar e um entorpecimento em relação a essas imagens de nós próprios” (McLuhan, 2008 [1964], p. 60). No entanto, para que um novo *medium* seja inserido num grupo ou sociedade, diz McLuhan (2008 [1964]), é necessário que ocorra uma “cirurgia social massiva” (McLuhan, 2008 [1964], p. 77), o que, atualmente, não acontece, essa cirurgia social massiva aplica-se para que os grupos se adaptem ao monótono, tal é a velocidade a que surgem novas tecnologias, ferramentas e aplicações.

Ainda continuando com McLuhan, mas agora analisando a sua perspetiva acerca das diferenças entre os *media*, para que se perceba também qual o papel na sociedade portuguesa e como foi realizada a sua integração, há uma distinção clara que o autor estabelece, entre os meios quentes e os meios frios. Os primeiros são assim designados por se encontrarem impregnados de informação e nos quais os indivíduos sabem que podem encontrar uma grande quantidade de informação, em formatos de alta definição.

Nos meios frios o utilizador terá que contribuir com as suas capacidades e conhecimentos, uma vez que os meios não os possuem por si só. Exemplos de meios quentes são a rádio, e de meios frios são o telefone (McLuhan, 2008 [1964], p. 35).

Em Portugal, a integração dos novos *media*, pode dizer-se, atravessou três momentos essenciais, e todos eles com o aparecimento e a existência de meios quentes e frios simultaneamente. O primeiro grande momento decorreu durante o período da ditadura, entre 1933 e 1974. Nesta altura, os conteúdos transmitidos pelos *media* portugueses tinham um apertado controlo ideológico por parte do Estado. Os jornais não eram profissionalizados, tinham uma estrutura empresarial e financeira bastante débil; as rádios pertenciam, na sua maioria, ao Estado e à Igreja Católica e, quando assim não era, tinham que apresentar contas a essas duas instituições e/ou servir os seus interesses; a televisão iniciou as suas emissões regulares em 1957 (apesar de várias tentativas terem sido feitas desde 1953), mas, tal como a rádio, sob domínio total do Estado e com pouca abrangência em termos de território nacional (Cardoso, Costa, Conceição, & Gomes, 2005, p. 75).

Um segundo período teve início com a revolução de abril de 1974. Com esta revolução consagrou-se a liberdade de expressão, no entanto, procedeu-se à nacionalização dos principais meios de comunicação social (Cardoso *et al.*, 2005, p. 75), ou seja, o Estado era o principal detentor dos *media* portugueses, o que, ainda que sem censura, continuava a constituir um certo controlo sobre a informação veiculada.

O terceiro, e último, período foi o da adesão de Portugal à CEE, em 1986. Este foi um período crucial para a definição do que seriam os *media* em Portugal, e para o que contribui o clima de confiança económica que se viveu. Modernizaram-se as estruturas existentes e deram-se condições para a criação de novas. A imprensa escrita foi privatizada; as estruturas de rádio reorganizaram-se; e surgiram novos e privados projetos televisivos, a SIC em 1992 e a TVI em 1993 (Cardoso *et al.*, 2005, p. 76).

Como foi possível verificar, o contexto político do País foi dos principais motores da integração dos *media* ou da sua reestruturação. Desta forma, o Estado assumiu sempre um papel preponderante no que à introdução de tecnologia nos principais setores de atividade dizia respeito, e continua a assumir. Na educação, por exemplo, em 1965, surgiu o projeto telescola, era através da televisão que os alunos de meios mais isolados (sobretudo os do interior rural) tinham acesso à sala de aula e aos conteúdos escolares.

Mas foi, sobretudo, a partir do final da década de 90, e relacionado com a forte disseminação dos computadores e da internet em Portugal nessa altura, que o Governo

deu mais atenção ao setor das tecnologias. Em 1997 foi lançado o *Livro Verde da Sociedade da Informação em Portugal*. Este documento tinha como principais linhas orientadoras melhorar a eficiência da administração pública, através da agilização de procedimentos; tornar os documentos públicos cada vez mais digitais e, consequentemente, de mais fácil acesso; promover a criação de bibliotecas digitais; equipar as escolas com mais e melhores ferramentas tecnológicas; tornar as empresas mais competitivas através do favorecimento da sua presença *online*; legislar a produção e disseminação de conteúdos *online*; entre outras (Gil & Amaro, 2011, p. 62).

Iniciativas do plano tecnológico que favoreçam a utilização dos novos *media* por idosos ou com necessidades especiais, por exemplo, *Iniciativa Nacional para os Cidadãos com Necessidades Especiais na Sociedade da Informação* (1999); *Ligar Portugal – Plano de Ação Nacional para a Sociedade da Informação* (2005-2010); *Plano de Ação Nacional para o Crescimento e Emprego* (2005-2008); *Estratégia Nacional para um Desenvolvimento Sustentável* (2006-2015); *Plano de Ação Nacional para a Inclusão de Cidadãos com Necessidades Especiais* (agosto de 2006); *Plano de Ação Nacional para a Inclusão* (2006-2008); Resolução 96/99: *e-Acessibilidade de websites do setor da Administração Pública Central e Local*; Resolução 110/2003: *Programa Nacional para a participação de Cidadãos com Necessidades Educativas Especiais na Sociedade da Informação*; Resolução 120/2006: *Plano de Ação Nacional para a Inclusão de cidadãos com deficiências*; Resolução 9/2007: *Plano de Ação Nacional para a Acessibilidade*; Resolução 155/2007: *Linhas de orientação para a e-Acessibilidade nos websites da Administração Pública* (Gil & Amaro, 2011, p. 62).

Entretanto, em 2005, foi lançado o *Plano Tecnológico*, com três eixos principais – Conhecimento, Tecnologia e Inovação – e sendo os destinatários os Cidadãos, as Empresas, a Administração Pública e a Investigação e Ensino²⁶. No âmbito do Plano Tecnológico, o Governo português criou a *Agenda Digital 2015*, em 2010²⁷, cuja reformulação, até 2020, foi realizada no ano de 2013. As áreas de intervenção da Agenda Digital 2015 eram, mais uma vez, as empresas, os cidadãos, a saúde, a educação e o setor da energia. Em 2013 estes âmbitos de análise objetivaram-se nos seguintes: “acesso à banda larga e ao mercado digital; investimento em Investigação e Desenvolvimento (I&D) e Inovação; melhorar a literacia, qualificação e inclusão digitais;

²⁶ <http://www.planotecnologico.pt/default.aspx?idLang=1&site=planotecnologico>, consultado a 07 de fevereiro de 2013.

²⁷ http://www.unic.pt/images/stories/noticias/PWP_AgendaDigital2015.pdf, consultado a 07 de fevereiro de 2013.

combate à fraude e à evasão fiscais, contributivas e prestacionais; resposta aos desafios sociais; empreendedorismo e internacionalização do setor das TIC.”²⁸.

Importante mencionar é também o *Plano Tecnológico das Escolas*²⁹. Desde 2007 que o Governo tem alguns projetos em curso para promover o desenvolvimento tecnológico nas escolas e dos alunos, docentes e não-docentes. Os projetos mais conhecidos, e com maior visibilidade pública, foram o *e-escola*, *e-professor* e *e-oportunidades*; o *e-escolinha*; *competências tic*; entre outros. O principal objetivo dos dois primeiros era o acesso de professores e alunos dos ensinos básico e secundário a computadores portáteis e a internet de banda larga.

A **Tabela 11** apresenta uma síntese do surgimento dos primeiros *media* em Portugal, considerando os que se encontram em análise nesta investigação (televisão, computador, internet e telemóvel), identificam-se os anos da sua introdução no País, que pode não ter sido o ano em que estiveram disponíveis ao utilizador comum, mas antes eram utilizados em grandes empresas e universidades, como o caso do computador, da internet e dos telemóveis. Apresentam-se, ainda, o número ou percentagem de utilizadores à data do seu surgimento (ou aproximada), bem como no último ano disponível nas estatísticas oficiais; o tipo de equipamentos necessários à sua concreta utilização; o custo dos equipamentos, atualmente, em valores aproximados; a língua de que é necessário ter alguns conhecimentos para uma utilização efetiva e completa e outras habilidades exigidas à sua utilização.

²⁸ <http://www.ei.gov.pt/iniciativas/detalhes.php?id=29>, consultado a 07 de fevereiro de 2013.

²⁹ <http://www.pte.gov.pt/pte/PT/Projectos/index.htm>, consultado a 07 de fevereiro de 2013.

Tabela 11. Integração em Portugal dos *media* em estudo e alguns indicadores

	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel*
Introdução	1957	1970	1990	1989
Quantidade de utilizadores	1959: 3.1256 recetores ³⁰ 2011: 4.015.832 aparelhos de TV ³¹ (TV por subscrição, 2012: 76,6% ³²)	1990: 5% dos agregados domésticos ³³ 2012: 66,1% dos agregados domésticos ³⁴	1997: 88.670 assinantes 2011: 2.212.412 assinantes ³⁵	1990: 6.584 assinantes 2011: 20.003.783 assinantes ³⁶
Equipamento	Televisão e aparelho TDT ou box (caro)	Computador (fixo e portátil) não muito caro	Ligação fixa e portátil (cara)	Telemóvel (não muito caro)
Custo (valores aproximados)	100€ (TV) + 25€ (aparelho TDT) + 30€/mês (box)	300€ (PC portátil) + 100€ (<i>software</i>)	10€/mês	Mensalidade de 10 € em média, com acesso a voz, texto e internet grátis
Língua	Português	Inglês	Inglês	Português
Habilidade exigida	Nenhuma habilidade especial	Escrita, leitura, inglês, cálculo, pesquisa, ...	Escrita, leitura, inglês, cálculo, pesquisa, competências sociais, ...	Escrita simplificada, leitura, pesquisa, competências sociais, ...

* Não estão contabilizados os utilizadores de telemóvel pré-pago, que poderá aumentar substancialmente o indicador.

Fonte: Adaptado de Warschauer (2006 [2003], p. 92)

Nas secções seguintes serão explorados, ainda que sucintamente, os novos *media* apresentados na tabela anterior, sobretudo, a introdução em Portugal e os diferentes contextos que atravessaram, bem como as atividades que foram servindo.

2.1.1. Televisão³⁷

A integração da televisão no contexto português ocorreu de forma bastante lenta. Foi logo no início da década de 50, mais propriamente, em 1953, que se deram os primeiros passos efetivos (já nos anos 20 um grupo de engenheiros radioamadores tinha pensado na possibilidade de criação da televisão) para a concretização de um projeto televisivo. No ano em que se faziam as primeiras experiências com a televisão a cores,

³⁰ Crónica em imagens 1950-1960 (J. Vieira, 2000, p. 214).

³¹ Anuário Estatístico de Portugal 2011 (INE, 2012a, p. 289).

³² <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~19fc.aspx>, consultado a 06 de fevereiro de 2013.

³³ Anos 1990-1999. As novas tecnologias (Roberto, 2010, p. 43).

³⁴ <http://www.pordata.pt/>, consultado a 06 de fevereiro de 2013.

³⁵ <http://www.pordata.pt/>, consultado a 05 de fevereiro de 2013.

³⁶ <http://www.pordata.pt/>, consultado a 05 de fevereiro de 2013.

³⁷ Grande parte das informações constantes deste subcapítulo foram retiradas do sítio RTP – 50 Anos de história, disponível em <http://ww2.rtp.pt/50anos/>, consultado a 18 de fevereiro de 2013.

nos EUA (dezembro de 1953) (Williams, 1989 [1966], p. 75), o Grupo de Estudos de Televisão, criado pelo Gabinete de Estudos e Ensaios da Emissora Nacional de Radiodifusão, fazia os primeiros estudos no sentido de verificar a possibilidade de instalação de uma rede distribuidora de sinal TV.

Em dezembro de 1955, e após a elaboração de variados estudos que indicavam a necessidade de criar rapidamente um serviço de televisão, foi publicado no Diário do Governo, de outubro de 1955, o Decreto-Lei n.º 40.341 que decretava o início da sociedade anónima RTP – Radiotelevisão Portuguesa. No entanto, apenas em dezembro de 1956, um ano depois, se iniciaram as primeiras emissões experimentais, que se tornaram regulares a partir de março de 1957.

Foi nas instalações da Feira Popular de Lisboa que decorreram as primeiras emissões de televisão, promovidas pela RTP, designadas de ensaios pela própria empresa. Esses ensaios decorreram de 4 a 30 de Setembro de 1956, definidos como “um grande espectáculo de rua, nas suas primeiras noites. A imagem à distância, distribuída por aquela quase inestética torre no parque de Palhavã, animou os visores dos muitos aparelhos espalhados por Lisboa e arredores.”³⁸. A forma como as emissões experimentais foram sendo cada vez mais concorridas pelos espectadores diários, contribuiu para que se alimentasse a ideia de necessidade de um estúdio televisivo, o que acabou por acontecer, no mesmo ano, em dezembro, com os estúdios do Lumiar. Para além disso, as emissões de ensaio continuaram a existir durante 25 dias de dezembro de 1956 e, na realidade, nunca pararam, apenas passaram à próxima fase.

A prova de fogo destas emissões experimentais foi a visita da Rainha Isabel II a Portugal, que teve transmissão televisiva. Em fevereiro de 1957 realizava-se a primeira reportagem, que culminou com a próxima fase da televisão em Portugal: a 7 de março de 1957 colocou no ar as suas emissões regulares.

Outras datas houve com grande importância para a integração da televisão no contexto português. Passados alguns anos foi criado um segundo canal pertencente à mesma empresa, a RTP2. Foi em 25 de dezembro de 1968. O início das emissões regulares deste novo canal permitiam uma oferta mais abrangente de conteúdos televisivos aos espectadores, ainda hoje este canal de televisão é caracterizado por disponibilizar uma grelha de programas mais vocacionada para a arte e cultura. A RTP criou ainda mais dois canais, específicos para as emissões dos Arquipélagos, a RTP

³⁸ <http://213.58.135.110/50anos/50Anos/Livro/DecadaDe50/AsPrimeirasImagens/Pag3>, consultado a 18 de fevereiro de 2013.

Madeira, que teve as suas primeiras emissões em agosto de 1972 e a RTP Açores, cujas emissões iniciaram em agosto de 1975.

José Portela (1997) caracteriza o panorama televisivo português, entre as décadas de 50 e 70 da seguinte forma:

A TV, uma novidade tímida no final dos anos 50, ajuda à abertura do país ao mundo e os portugueses também começam a conhecer melhor o país. Entretanto, já após meados dos anos 70, as suas redes e malhas tornam-se muito mais extensas e finas, e a publicidade mostra-se crescentemente insinuante. (Portela, 1997, p. 5).

O serviço de televisão público encontrou a concorrência do privado a partir de outubro de 1992, através do início das emissões do canal SIC e, mais tarde, abriu-se uma autêntica guerra das audiências com o surgimento de outro canal privado, desta feita, a TVI, a partir de fevereiro de 1993.

O contexto televisivo português sofreu uma nova transformação através da entrada em cena da televisão por cabo. Foi no ano de 1992 que os portugueses tiveram pela primeira vez acesso a canais de televisão por subscrição, ou seja, para além dos três canais existentes na altura (RTP1, RTP2 e SIC), poderiam aceder ainda ao que se fazia em televisão em outros países e mesmo a canais temáticos, de filmes, séries, notícias, documentários, música, entre muitos outros. Atualmente, mesmo os quatro canais nacionais criaram já novos serviços televisivos que disponibilizam apenas por subscrição, são exemplo, a RTP Internacional, RTP Memória, RTP Informação, SIC Notícias, SIC Radical, SIC Mulher, SIC Internacional, SIC K, TVI 24, TVI Ficção, TVI Internacional e + TVI.

Em 2008 teve início um novo período de mudança, foi o lançamento da Televisão Digital Terrestre, que viria substituir integralmente o sinal analógico de televisão em Portugal, em abril de 2012. Uma vez que o sinal de transmissão de televisão iria mudar, seria necessária uma adaptação dos portugueses a esta nova forma televisiva, isto é, os quatro canais a que se tinha acesso em sinal aberto passaram a estar disponíveis, a partir de 2011 em algumas partes do País, e em 2012 em todo o território nacional, apenas em algumas televisões com características específicas, ou com a adaptação à televisão de um decodificador, isto se o objetivo não é pagar uma subscrição, porque nesse caso, todos os canais estão disponíveis. A última fase da instalação da TDT decorreu em abril de 2012, altura em que se desligou o sinal analógico de transmissão televisiva em Portugal, no entanto, algumas regiões do interior rural do País estão ainda

sem qualquer acesso a televisão³⁹, ou porque os seus residentes não conseguiram ainda adquirir o descodificador, ou porque o sinal digital ainda não atingiu essas zonas.

Finalmente, e numa lógica de continuidade de disponibilização de canais em sinal aberto, deu início às suas emissões, em dezembro de 2012, a ARTV (Assembleia da República) ou o Canal Parlamento, com emissões regulares a partir de janeiro de 2013.

Com o surgimento de novas potencialidades, novos formatos e até emergentes formas de se assistir televisão, são inúmeras as oportunidades. Por exemplo, o mercado da WebTV⁴⁰ é algo que ainda está em franco crescimento, apesar de já ter uma dimensão considerável. De acordo com a página de informação sobre os canais de WebTV⁴¹ existentes em Portugal, verifica-se que, canais generalistas são três; mas o número aumenta quando se passa para a análise dos canais locais ou regionais, quase cada região ou distrito tem já o seu próprio canal de televisão na internet, disponibilizados aqui são cerca de 50 e temáticos cerca de 20. É um mercado que está em franco crescimento, por ser facilmente acessível, mais barato, uma vez que não requer grande produção nem conteúdos para todo o dia. Por exemplo, ainda na semana de 25 de fevereiro de 2013 surgiu a notícia do lançamento do canal da Universidade do Porto. Aliás, as Universidades, por, à partida, possuírem as licenciaturas em Comunicação Social, estúdios de gravação e equipamentos, são fortes grupos de criação de uma televisão própria.

Um exemplo daquele tipo de dispositivo é a WeOnTV, desenvolvida no Sapo Labs, da Universidade de Aveiro. É um serviço de integração de redes sociais, ferramentas de comunicação em tempo real e promoção de conteúdos televisivos; uma aplicação que permite a comunicação entre amigos à volta de um canal. Para o efeito, dispõem de dois modos: televisão e conversação (*chat*). No primeiro modo, a ênfase é totalmente atribuída à televisão e aos conteúdos por ela veiculados, no entanto, é possível estar atento a qualquer intervenção de alguém que escreva uma mensagem. No segundo modo a ênfase é colocada na comunicação, reduzindo inclusivamente a área da TV e aumentando a do *chat*. A **Figura 3** é uma imagem da WeOnTV, selecionado o modo TV.

³⁹

<http://www.noticiasdacovilha.pt/pt/artigos/show/scripts/core.htm?p=artigos&f=show&lang=pt&pag=5&area=1&idseccao=5&idartigo=1689>, consultado a 18 de fevereiro de 2013.

⁴⁰ Transmissão de sinais televisivos pela internet. É costume a confusão com a IPTV, que caracteriza pela transmissão de conteúdos através de redes especificamente para conteúdo multimédia, mais reduzido, logo, com melhor qualidade.

⁴¹ <http://www.portalwebtv.info/portalwebtv.html>, consultado a 26 de fevereiro de 2013.

Figura 3. WeOnTV no modo TV



Fonte: <http://www.ciberescritas.com/?p=6430>, consultado a 26 de fevereiro de 2013

Outro formato que veio alterar a forma de ver televisão foi a designada *iTV* ou televisão interativa. O objetivo é, como o próprio nome indica, permitir que o utilizador tenha um papel mais ativo, interativo com o canal ou o programa a que está a assistir, assim, alguns programas permitem ações muito específicas, como o envio de comentários no momento, conversação com os outros utilizadores; mas outras têm ações mais genéricas como a possibilidade de se gravar um programa, voltar atrás, assistir a programas de há sete dias atrás, entre outras. Aliás, estas interações mais genéricas são, muitas vezes, disponibilizadas pelo serviço ou pacote de televisão que o utilizador adquiriu e não tanto com o programa em si. A televisão interativa potenciou ainda o surgimento de outro tipo de serviços, como o *T-commerce* ou o comércio televisivo, por exemplo, através do aluguer de filmes.

A **Tabela 12** apresenta a informação anterior de forma sintética, com o objetivo de se visualizar mais concretamente os caminhos percorridos pela televisão em Portugal.

Tabela 12. Síntese das principais datas da integração da televisão no contexto português (canais de sinal aberto)

Etapas	Período
Primeiros estudos de implementação da televisão em Portugal	Década de 20
Primeira instalação de transmissores de televisão em Portugal	Dezembro de 1953
Criada a RTP – Radiotelevisão Portuguesa, SARL	Dezembro de 1955
RTP – emissões experimentais	Dezembro de 1956
RTP – emissões regulares	Março de 1957
RTP2 – emissões regulares	Dezembro de 1968
RTP Madeira – primeiras emissões	Agosto de 1972
RTP Açores – primeiras emissões	Agosto de 1975
SIC – Sociedade Independente de Comunicação	Outubro de 1992
Televisão por cabo	1992
TVI – Televisão Independente	Fevereiro de 1993
Televisão Digital Terrestre – emissões experimentais	Outubro de 2008
Televisão Digital Terrestre – emissões regulares	Maio de 2011
ARTV ou Canal Parlamento – emissões regulares	Janeiro de 2013

Fonte: Elaboração da autora

Com tudo o que já foi referido relativamente à integração da televisão no contexto português, considera-se que é possível adaptar a visão de Umberto Eco (1993) às etapas percorridas por esse *media*. Assim, entre a década de 1950 e o final da década de 1970, viveu-se, em Portugal, a fase da *paleotelevisão*, definida pelos decisores políticos como sendo universal, para todos os espectadores, mas na qual apenas se tinha acesso a informação controlada por esses mesmos decisores, “de forma a que o povo apreendesse só coisas inocentes, mesmo à custa de mentiras” (Eco, 1993, p. 135).

Numa segunda fase, entrava-se na época da *neotelevisão*, é a altura da entrada em cena das empresas privadas, caracterizando-se por ser uma televisão mais egocêntrica, em constante procura dos números das audiências e do seu aumento. O foco já não é tanto o espectador, mas mais a “relação” criada com ele e os seus próprios conteúdos, aliás, são várias vezes notícia os programas mais vistos pelos portugueses (Eco, 1993, p. 135). Na opinião de Loureiro (2008), esta fase da *neotelevisão* não consegue responder à maneira célere como tudo ocorre na sociedade, bem como ao surgimento da designada *Generation Me* (Twenge, 2006) (posteriormente abordada no **Capítulo III**), onde o indivíduo assume um papel de principal decisor de conteúdos (Loureiro, 2008, p. 321). Aliás, Moura (2009) concorda mesmo que, comparativamente com o telemóvel, a televisão sofreu uma personalização, onde cada indivíduo tem a sua em casa, fazendo

um uso exclusivo do controlo remoto e decide ver o que mais gosta na programação (Moura, 2009, p. 64).

Em meados da década de 1980, início da década de 1990, a televisão era já, então, um meio omnipresente quer nos lares portugueses (Conde, 1996, p. 131), nas conversas e mesmo nos tempos diários dos indivíduos. Algo que pode ser verificado pelos inquéritos estudados por Idalina Conde (1996), aplicados, sobretudo, nas regiões metropolitanas do Porto e Lisboa, visíveis na **Tabela 13**. Quase todos os inquiridos, de todas as faixas etárias, em alguma altura do dia ligam a televisão para terem companhia, assistirem a um programa, como uma forma de automatismo, entre outras razões.

A percentagem de aparelhos de televisão em casa foi aumentando ao longo dos anos, sendo, atualmente, o *medium* mais detido pelos portugueses, como se referiu, está em 99,9% dos lares (Cardoso & Espanha, 2012). Estes valores e a forma como foi sendo apropriada conduzem a que se fale da domesticação da televisão. Morley e Silverstone (1990) consideram que a televisão deixou de ser, no seio familiar, apenas um meio que transmite programas, dizem os autores que

[...] its screen has become the site of a whole range of entertainment and informational services, under varying degrees of viewer control and increasingly subject to viewer choice. If, for most of its history, television's sole function was to show programmes distributed from a central point for mass consumption, the development of video and cable is bringing this period in the history of television to a close, as the television set becomes the potential pivot of a video/entertainment/computer facility for the home. (Morley & Silverstone, 1990, p. 31).

Tabela 13. Práticas recetivas: televisonamento (%)*

<i>Frequência:</i>		Inquérito Práticas (1985-1988) **											
		Região M. de Lisboa (1988)	Região M. do Porto (1986)	Variação (reg/nab)									
				máximo	mínimo								
pelo menos 1h/dia		85	89	94(Alg/u)	61 (Bl/r)								
						Estudo Procura (1991)							
<i>idade</i>		Inq. Lisboa (1994)	Inq. Juventude (1988)	<i>idade</i>	1984				1990				
					país	13/24	25/34	país	13/17	18/24	25/34		
regularmente		83	89		64	68	67	76	91	77	78		
15-20 anos		72	-	D	16	16	19	11	7	14	15		
60 e + anos		94	-	QD									
ocasionalmente		7	6		4	5	4	5	2	6	4		
15-20 anos		12	-	2/3V									
60 e + anos		2	-		8	8	6	3	-	2	2		
raramente		8	5'	+R	8	3	4	5	-	1	1		
nunca		1	-	N									
<i>Duração (em média)</i>				<i>total geral</i>	1991								
					até 1h	2h	3h	4h	5h e +				
					26	23	20	13	17				
					16	20	23	16	25				
					28	22	17	17	16				
a ver televisão		3h 6	1h 50'	<i>idade</i>	29	24	18	12	17				
restantes tempos livres		2h 17	2h 10	13-17									
				18-24									
				25-34									
<i>Comportamentos"</i>		frequentem	algumas vezes	rarament.	nunca								
		68	17	9	6								
		40	28	18	13								
		34	29	19	17								
		49	37	9	4								
		37	47	12	3								
		2	5	9	82								
		20	13	10	56								
		49	26	9	15								
		14	38	29	18								
<i>Uso do vídeo (filmes)</i>		regularmente	ocasional.	rarament.	nunca								
		41	14	15	29								

Legenda:

* valores arredondados

** valores geralmente em linha

D – Diariamente; QD – Quase diariamente; 2/3 V – 2/3 vezes por semana; +R – Mais raramente; N – Nunca

i Raramente/nunca

ii Comportamentos (face ao televisor). Sintetizam-se assim as expressões usadas no Inquérito Lisboa: Rotina - «Ligar a TV sem saber qual a programação»; Acompanhamento - «Ligar a TV e ir fazer outra coisa»; Automatismo - «Chegar a casa e ligar logo a TV»; Zapping - «Alternar/mudar o canal de TV»; Prolongamento - «Comentar programas que viu na TV»; Interatividade - «Participar telefonicamente nos programas em que isso é pedido»; Intimização - «Ver TV na cama»; Comensalidade - «Ver TV às refeições»; Sociabilidade - «Ver TV quando se tem visitas em casa».

Fonte: Conde (1996, p. 132)

Goodman (1983) não só concorda com o ponto de vista dos autores anteriores, mas acrescenta ainda outras funções à televisão, a de educador e agente formador de valores e comportamentos, bode expiatório, mediador, lembrete para a realização de outras atividades, fomentador das relações familiares, como forma de castigar ou beneficiar alguém (normalmente, os filhos), entre outras funções. Para além disso, Goodman (1983) considera ainda que a forma como a televisão é apropriada é bastante variada, talvez dependendo da situação socioprofissional, da idade, do local de residência, da escolaridade, entre outros fatores, dos seus utilizadores (Goodman, 1983, pp. 405-406).

A televisão faz parte da cultura de cada país, a forma como se assiste, os horários dos programas, os horários em que mais se vê televisão, trouxe, inclusive, uma revolução aos modos de comunicar, aceder à informação e observar o que rodeia os indivíduos. Mas é mais do que isso, os bastidores do que é, atualmente, a televisão são autênticas indústrias, quase comparáveis às do cinema, com empresas de comunicação e produção, novas profissões e profissionais, suscitando o interesse e a procura de novos formatos, onde alguns grupos, sobretudo pela exposição que permitem, a procuram para seu próprio escape ideológico, mas também para alimentar as classes sociais a que pertencem pela divulgação de bens e produtos específicos (Herrero & Serrano, 2006, p. 136).

2.1.2. Computador-Internet

As histórias do computador e da internet em Portugal são um pouco mais curtas do que a da televisão. Aliás, é mais importante perceber o surgimento dos computadores e da internet no mundo do que, propriamente, em Portugal que apenas foi seguindo os passos e acompanhando o que lhe chegava. Um motivo para isso seja talvez o facto de o País já não se encontrar no domínio de um Estado ditador, logo, estava mais disponível para a receção e utilização de tecnologias.

A criação de computadores pode ser considerada como tendo três etapas, dependendo do que se considera como um computador. Essas três etapas estão relacionadas com a utilização que se faz do artefacto, em última instância, serve para fazer cálculos, ou todas as suas ações se baseiam em cálculos com números binários.

Assim, os ábacos, que datam de 1500 a.C. e as máquinas calculadoras desenvolvidas primeiramente por Pascal, em 1642 são já uma aproximação ao que viria a ser um computador e são as duas primeiras fases desse dispositivo.

Durante a Segunda Guerra Mundial, mais propriamente em 1937, o professor Howard Aiken projetou, com o apoio da Marinha dos Estados Unidos e da Universidade de Harvard, o primeiro computador que viria a transformar-se, mais tarde, no que, atualmente, se utiliza no quotidiano, surgia, então, o *Harvard Mark I*. Mas, por volta de 1943, outro dispositivo semelhante estava também a ser desenvolvido pelos engenheiros Presper Eckert e John Mauchly, pertencentes ao Exército dos Estados Unidos, era o *Electronic Numeric Integrator And Calculator* (ENIAC). Os objetivos destes aparelhos eram, sobretudo, a elaboração de cálculos durante a guerra e/ou para uso universitário.

O uso doméstico do computador, e a terceira fase, teve início no final da década de 1970, sempre de modo distinto dependendo dos países. E foi-se tornando comum a partir da década de 1980. Nesta altura, passa-se de uma utilização meramente industrial e académica para outra já mais privada, logo, os dispositivos tornaram-se mais pequenos, acessíveis e mais baratos, a sua produção começa a tornar-se em massa, sobretudo, a partir dos anos 90. Aliás, em Portugal, apesar de já em finais da década de 80 ser possível ao utilizador comum adquirir computadores, foi apenas na década seguinte que o seu uso se tornou mais vulgar pelas famílias, com dispositivos como o *Commodore PET*, o *Texas Instruments TI*, o *IBM-PC*, o *ZX Spectrum*, entre outros. Também nesta altura, finais da década de 80, início da de 90, se deu início à utilização de computadores para outras finalidades que não apenas a laboral. Jogar e programar assumem uma importância muito grande. Mas, também em Portugal se desenvolveram computadores, o primeiro designado de *Topix XT 8086*, em 1985, por Neves Rosa e Fernando Ferreira. E, em 1987, é lançado o *City Desk 286*, da fabricante Solbi, detida por Maia Nogueira.

Atualmente, os computadores são cada vez mais pequenos, mais baratos e podem ser encontrados em qualquer loja de eletrónica. Para além disso, são vários os dispositivos que assumem as características dos computadores, como os *tablets* e os *smartphones*, com leitura e escrita de documentos, funções de cálculo, agenda, pesquisa, possibilidade de consulta de *email*, tudo em dispositivos mais pequenos, mas sem a mesma capacidade de armazenamento e processamento da informação.

Talvez porque cada universidade, sobretudo nos Estados Unidos e no Reino Unido, tivesse um computador, foi surgindo a necessidade de se ligarem os aparelhos, experimentar conexões a distância. Assim, surgiu o que viria a ser a internet, em 1969,

iniciativa da ARPA (*Advanced Research Projects Agency*), uma agência norte-americana financiada pelo governo. Inicialmente, tal como os computadores, a ARPANET tinha como objetivo ligar os departamentos de pesquisa e entidades militares, mas logo no início da década de 70, computadores de outras instituições e universidades passaram a integrar a rede. No final desta década, e uma vez que o protocolo de comunicação utilizado até então, *Network Control Protocol* (NCP), começou a ser inadequado, foi criada uma nova linguagem que permitia a comunicação entre computadores, o TCP/IP (*Transmission Control Protocol/Internet Protocol*) (Capobianco, 2010, p. 175).

Vários anos mais tarde, já na década de 1990, surgia a *World Wide Web* (WWW) ou, simplesmente, Web, desenvolvida pelo CERN, a Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear. Inicialmente, era um projeto de hipertexto, combinado num conjunto de documentos que várias pessoas podiam trabalhar ao mesmo tempo. Em 1991 a WWW seria disponibilizada a nível mundial.

Em Portugal, é possível aceder à internet de um modo restrito também a partir do final do século XX. A tecnologia de comunicação de dados era a ADSL (*Asymmetric Digital Subscriber Line*), baseada em comunicações de banda estreita, conhecidas como RDIS (Rede Digital com Integração de Serviços), que utilizava a rede do telefone para estabelecer a ligação de internet, mas que rapidamente evoluiu para a banda larga, que permite comunicações mais rápidas, bem como transmissão de ficheiros maiores. Outro tipo de ligações que também se utilizam frequentemente e que vêm ganhando uma importância crescente são as redes Wi-Fi, cujo objetivo é a transmissão de dados através de redes sem fios. Em resumo, são três os tipos de sistemas de conexão que se podem utilizar em Portugal, rede de telefone fixo (*dial-up*), banda larga (cabos ou fibras óticas) e tecnologia sem fios (*wireless*) (Capobianco, 2010, p. 176).

A utilização da internet foi crescendo ao longo dos anos, bem como as suas potencialidades, atualmente, não apenas é possível ter acesso a internet nos computadores, mas em todos os dispositivos domésticos, inclusive na televisão e no frigorífico. Aliás, a construção de casas inteligentes é cada vez mais uma realidade próxima, que irá permitir ter acesso a tudo o que se passa no interior e no exterior da casa através do telemóvel ligado à internet.

Mas não foi apenas no espaço doméstico que os computadores e a internet vieram revolucionar as atividades, também no trabalho, substituindo a maioria das tarefas que teriam que ser realizadas manualmente, e no lazer, promovendo a realização de jogos em rede ou o acesso a redes sociais de amizades. A internet ganhou uma importância tal

que o número de utilizadores tem crescido quase na mesma proporção que cresceu a população portuguesa na última década, como se pode ver na **Tabela 14**.

Tabela 14. Utilização da internet em Portugal, 2000-2012

Ano	Utilizadores	População	% utilização por população
2000	2.500.000	10.318.084	24,2 %
2004	3.600.000	10.463.170	34,4 %
2006	6.090.000	10.501.051	58,0 %
2007	7.782.760	10.539.564	73,8 %
2010	5.168.800	10.735.765	48,1 %
2012	5.950.449	10.781.459	55,2%

Fonte: <http://www.internetworldstats.com/stats7>, consultado a 13 de fevereiro de 2013.

O computador é um suporte para muitas tarefas que não apenas domésticas ou laborais, é um terminal de uma rede global, através do qual se pode aceder a vários *media*, mas também permite o acesso e gestão da música, de jogos, bases de dados, entre outros (Pinto, 2005, p. 262). Como caracterizam Herreno e Serrano (2006), a internet e o computador a ela associado constituem ferramentas muito ricas, pela interação com outras pessoas que permitem, o acesso a documentos e a informação variada, mas também a criação de alguma informação. Podem, por isso, ser consideradas como ferramentas de igualdade, oferecendo uma pluralidade de propostas, mas também como uma forma de dominação (Herrero & Serrano, 2006, p. 142).

2.1.3. Telemóvel

Relativamente ao telemóvel, o último dos dispositivos estudados na investigação, o seu surgimento em Portugal, foi também muito tardio, isso se não se considerar o seu parente mais próximo que é o telefone fixo. Este surgiu, no mundo, em 1876, inventado por Alexander Graham Bell, com o objetivo de ajudar os surdos a ouvir (Herrero & Serrano, 2006, p. 145). Mais tarde, em 1956, a companhia com o mesmo nome do inventor, *Bell Telephone Company*, desenvolveu um telefone já mais avançado, permitindo a transmissão de som e imagem simultaneamente, era o designado “telefone visual” e, no mesmo ano, é inaugurado o serviço telefónico transatlântico (Williams, 1989 [1966], p. 91).

Mas, voltando, ao telemóvel, “Antes de 1991, Portugal vivia sem este tipo de dispositivo. Decorridos apenas 16 anos, o seu uso tornou-se banal e, nos dias que correm, é difícil encontrar alguém que não possua pelo menos um telemóvel.” (Cardoso, Gomes, Espanha, & Araújo, 2007, p. 19). Na verdade, foi a partir de 1989 que se pôde ter acesso a telemóveis no País, ainda que, à semelhança dos computadores, fossem grandes, caros, com pacotes de chamadas também elas caras e pouco acessíveis, dificilmente se encontravam à venda.

A TMN seria a primeira empresa de telecomunicações portuguesa. Pertencia à Portugal Telecom, que também detém um pacote de televisão e de internet, aliás, esta empresa, bem como algumas outras que se iniciaram em mercados distintos, como o retalho e a alimentação, viram na oferta de convergência tecnológica um nicho de mercado onde seria proveitoso apostar, e, de facto, são conceitos em crescimento que quase todos os anos trazem novidades. Assim, se a TMN, em 1991, oferecia chamadas de voz, atualmente, num mesmo pacote é possível ter chamadas móveis e fixas, televisão e internet.

No mesmo ano surgia a Telecel, concorrência direta à TMN que obrigava a baixar o preço das chamadas. Em 2001, a Telecel mudaria o seu nome para Vodafone. Também a Vodafone oferece os vários serviços de telefone fixo e móvel, televisão e internet. A redução dos preços quer das chamadas, assim como a sua flexibilização (através de aquisição de serviços pré-pagos), e a redução do preço dos dispositivos móveis fez aumentar exponencialmente a aquisição dos aparelhos, de tal forma que algumas pessoas têm três, um para cada uma das principais redes a operar em Portugal (a última seria a Optimus).

Em 1998, entra no mercado a operadora móvel Optimus, mais um forte concorrente em todos os serviços, privilegiando do facto de grande parte da convergência tecnológica estar já em curso. Mais uma vez, a concorrência originou uma baixa de preços dos serviços e dos próprios aparelhos, o que fez aumentar o número de utilizadores. De acordo com a Pordata, em 1998, o número de assinantes do serviço móvel era de 4.582.960, uma diferença de quase três mil assinantes para 1997 (1.506.958). Mas, em 2011, esse valor sobe para os 20.003.783⁴². Ainda assim, nestes dados é difícil contabilizar o número de cartões pré-pagos, bem como o número de telemóveis adquiridos.

⁴² <http://www.pordata.pt/>, consultado a 26 de fevereiro de 2013.

Outros estudos demonstram a forma como varia a venda de telemóveis em Portugal, por exemplo, em 2010, foram vendidos 6,1 milhões de telemóveis, representando um crescimento de 9% face ao ano anterior⁴³. No entanto, esta tendência inverte-se a partir de 2011/2012, altura em que cresce a utilização e, consequentemente, a aquisição de outros modelos de telemóveis, os *smartphones* (ou telefones inteligentes), com mais funcionalidades e com uma facilidade maior de sincronizar informação com outros dispositivos do quotidiano, como o computador. Assim, no terceiro trimestre de 2012 foram vendidos 1,13 milhões de telemóveis, que representava já uma quebra de 18% face ao período homólogo do ano anterior. No entanto, de *smartphones* venderam-se 451 mil unidades, com um crescimento face ao terceiro trimestre de 2011 de 21%⁴⁴. Percebe-se, por isso, que a evolução do telefone fixo deu-se para o telemóvel e deste para o *smartphone*.

A forte expansão dos telemóveis (em 20 anos, o número de utilizadores cresceu 19.991.213, mais do que o valor da população portuguesa que estava nos 10.562.178, em 2011) foi conduzindo a uma alteração de experiências, de tal forma “que se torna por vezes difícil recordar como era organizado o nosso quotidiano antes do aparecimento dos telemóveis.” (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007, pp. 19-20). Esta mudança ocorreu não apenas nas práticas, por exemplo, a necessidade sentida de estar sempre contactável e de poder contactar a qualquer hora qualquer pessoa, que permite uma gestão diferente da vida social, familiar (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007, p. 27) e laboral; mas também originou mudanças em termos da estimulação de sentidos, como a visão (ecrã), a audição (sinais sonoros para chamadas, lembretes e até porque permitem ouvir música) e o tato (primeiro, com as teclas, mas cada vez mais com o toque no próprio ecrã, construindo-se uma relação dérmica com a superfície e, quase consequentemente, com a informação), mas também, ainda que indiretamente, o olfato e o paladar, alterando a forma como decorrem as interações com as pessoas e com os objetos (Dias, 2007, p. 86).

Para além disso, a forma como o indivíduo se vivencia ou experiencia a si próprio também mudou, agora tem consigo “um corpo intercomunicante” (Silva, 2005), não tanto pela progressiva miniaturização dos equipamentos (que na altura ocorreu e que agora sofre o processo contrário), mas pelo que a autora também sugere, como a “naturalização dos equipamentos como sinais de *“maquilhagem”* do corpo. Eu sou eu e

⁴³ <http://www.publico.pt/economia/noticia/em-2010-foram-vendidos-em-portugal-61-milhoes-de-telemoveis> 1485159, consultado a 26 de fevereiro de 2013.

⁴⁴ <http://exameinformatica.sapo.pt/noticias/mercados/2012/12/12/ha-8-trimestres-que-as-vendas-de-telemoveis-nao-param-de-cair>, consultado a 26 de fevereiro de 2013.

os meus acessórios de vestuário, de gestão do tempo e de gestão da comunicação.” (Silva, 2005, p. 1966). Também Moura (2009) mais tarde retomou esta ideia, ao referir os processos de personalização e “costumização” dos telemóveis: seleciona-se o toque, as capas, o papel de fundo, e adapta-se o dispositivo até à indumentária usada. Diz a autora, “Hoje, o telemóvel surge como algo integrado ao corpo e vai de encontro à personalidade do utilizador.” (Moura, 2009, p. 64). Aliás, o seu uso tornou-se de tal modo intensivo que algumas operadoras criaram tarifários que se caracterizam pelos utilizadores não pagarem entre si, fenómeno que Teixeira-Botelho (2011) designou de *Geração Extreme*.

De facto, talvez pela forma como rapidamente se entrosou na vida dos indivíduos, nos diferentes contextos, vários autores (Cardoso, Araújo, Gomes, & Espanha, 2007; Dias, 2007; Ganito, 2007b), consideraram pertinente o seu estudo, também pelas potencialidades que transporta consigo, por ser portátil, pessoal, multifuncional e que permite a interação (Silva, 2005, pp. 1964-1965), pelas mudanças que tem vindo a sofrer, convertendo-se cada vez mais num aparelho multimédia, por poder ser uma ferramenta de trabalho e aprendizagem e lazer (Moura, 2009, p. 64). Mas, o que traz de realmente inédito é a confluência “entre inovação tecnológica e procura social de algo capaz de ser utilizado, em movimento, em várias tarefas mundanas do dia-a-dia.” (Cardoso, 2009b, p. 89), que permite gerar a vida privada e pública sem que seja necessário estar numa ou noutra para que tal aconteça.

2.2. UTILIZAÇÃO DE *MEDIA*-ECRÃS POR TRÊS GERAÇÕES

O estudo realizado tem como objetivo central compreender a utilização de novos *media* (televisão, computador-internet e telemóvel) por três gerações, residentes no meio rural português. As três gerações assumem um carácter de grande importância em toda a investigação, não só porque um estudo comparativo deste tipo não tinha ainda sido realizado em Portugal, mas também porque nas investigações existentes se privilegia o estudo das gerações mais novas (Jones *et al.*, 2010; Manovich, 2002; Michael & Zhou, 2011; Tapscott, 2009) ou das mais velhas (Facchini & Rampazi, 2009; Feist *et al.*, 2010; Salovaara, Lehmuskallio, Hedman, Valkonen, & Näsänen, 2010), ficando a geração intermédia um pouco desfalcada em termos de conhecimento das suas práticas tecnológicas. No entanto, considera-se que os novos *media* são parte importante na definição das três gerações, ora porque se confrontam para a sua utilização, ora porque é importante, por causa das questões de segurança e privacidade, que todos saibam do que se trata, ou mesmo porque poderão ser um poderoso instrumento de relacionamento intergeracional. Como refere Aroldi (2011)

[...] media have a part in defining the formative experiences of a generation, not only because they are so deeply embedded in the everyday practices as to become a “natural” element of its social landscape and its common sense, but also because historical events and occurrences, as well as cultural values and their symbolic forms, are often mediated by them. (Aroldi, 2011, p. 58).

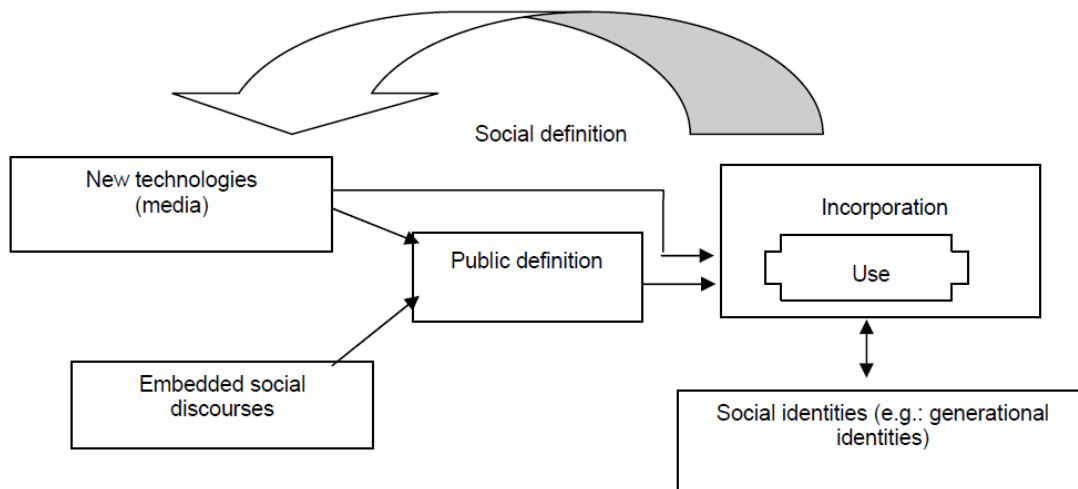
Os novos *media*, em qualquer década ou geração, são, então, parte importante da formação das gerações. Em Portugal, como foi possível verificar no subcapítulo anterior, a televisão foi, e ainda é, central para os indivíduos nascidos na década de 1950; o computador para os da década de 1970 e o telemóvel e a internet para os jovens pertencentes à geração de 1990. Aroldi e Colombo (2007) consideram mesmo que essa relação entre os *media* e as gerações é pautada por características muito próprias, na medida em que a tecnologia e os seus produtos são parte importante das semânticas geracionais, atribuindo diferentes significados a determinadas expressões e mesmo artefactos; também nas diferentes gerações é possível encontrar distintas dietas mediáticas, como já referido, a identificação com determinada tecnologia está relacionada com a proximidade que foi sendo construída, não apenas através das relações estabelecidas ao longo dos anos, mas muito porque se assistiu ao seu nascimento; e, finalmente, apesar de todas as diferenças que se poderão encontrar, há semelhanças

importantes na forma como se estabelece o contacto com os *media*, bem como são realizadas as trocas de experiências, por exemplo, todos os indivíduos têm um ritual partilhado, que, apesar disso, contribui para a construção de diferentes perceções e atribuições com significados diferentes; mas, também a forma como se criam representações de si próprios e do outro, porque partilham objetos, espaços e programas, no fundo, apesar do passado ter sido diferente, sentem a existência de um presente comum (Aroldi & Colombo, 2007, p. 38).

Na questão da utilização dos novos *media* pelas diferentes gerações e na forma como elas os experienciam e vivenciam, e uma vez que a questão do nascimento “com” os *media* é algo que vem assumindo uma importância crescente, entender de que forma se integram na socialização ou como esta vem sofrendo mutações para os assimilar, é também premente. Aliás, não apenas os *media* estão presentes na socialização primária, como se tornam parte integrante da sua vida ao longo dos anos, nos vários contextos (Aroldi & Colombo, 2007, p. 39), ou seja, os primeiros impõem-se ao indivíduo, mas, posteriormente, é este que depois se impõe (e até contribui para as suas mutações) na existência dos *media*. No entanto, a outra visão é a da (não) integração de determinados artefactos e ferramentas numa fase mais avançada da vida, durante a socialização secundária, na qual aquela familiaridade com os *media* já não é tão elevada, mas constituem antes um desafio, que tem que ser aceite se não se quer ficar em atraso perante a evolução dos instrumentos de que se dispõe (Aroldi & Colombo, 2007, p. 39).

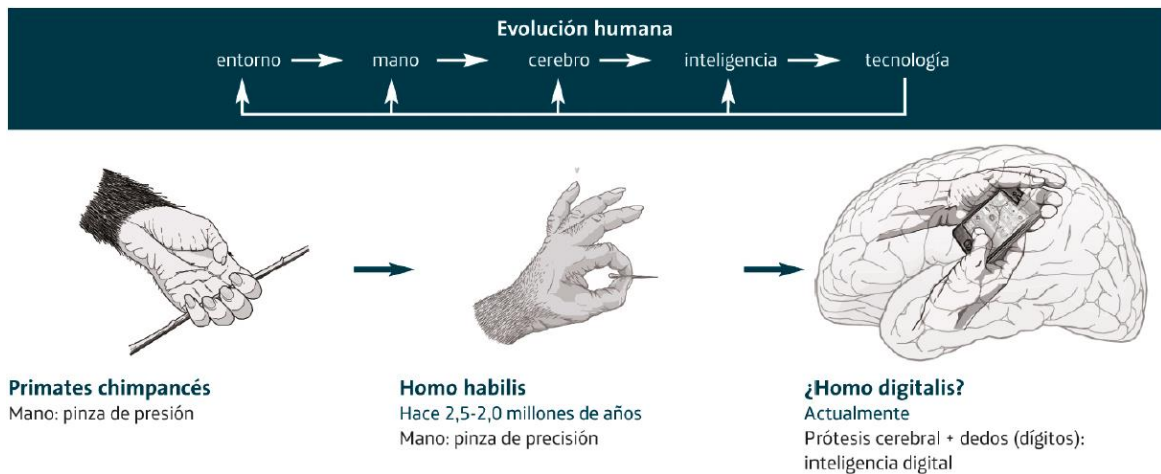
Mas, então, como se incorpora uma nova tecnologia (quando se refere, por exemplo, à geração de 1950)? Que caminho é percorrido até se chegar ao patamar do uso frequente e inconsciente? Aroldi e Colombo (2007) propõem o processo de definição social de uma nova tecnologia. Os autores sugerem uma forma de como é realizada a aproximação das gerações aos *media*, considerando de um lado a tecnologia propriamente dita, pertencente a determinada geração (aqui com o significado, atribuído pelos autores, da época em que surgiu a tecnologia) e, do outro, a representação e uso dessa tecnologia por determinadas gerações (Aroldi & Colombo, 2007, p. 40).

Figura 4. Processo de definição social de uma nova tecnologia de comunicação (ou *medium*)



Fonte: Aroldi e Colombo (2007, p. 40)

Para os autores, a incorporação ocorre em determinadas identidades sociais, como por exemplo, as geracionais; mas também se reflete nas tecnologias e nos discursos sociais, o que, de um modo global, se traduz numa nova definição social, uma vez que tem parte importante do processo de socialização, modificando até as suas estruturas e o seu valor simbólico (Aroldi & Colombo, 2007, p. 40). Aliás, um pouco nesta linha da incorporação dos novos *media* no processo de socialização, Sáez Vacas (2011) propõe um modelo da evolução humana ao longo dos tempos, tendo em consideração o “sistema-inteligência”. Para o autor, a evolução faz-se atravessando determinadas ferramentas: o ambiente, a mão, o cérebro, a inteligência e, por último, a tecnologia, que, por sua vez, usufrui de todas as ferramentas anteriores. Passa-se, assim, do estado primata, ao *Homo habilis*, encontrando-se, atualmente, o indivíduo no estado *Homo digitalis* (Sáez Vacas, 2011, p. 8).

Figura 5. Evolução humana

Fonte: Sáez Vacas (2011, p. 8)

Na mesma linha de pensamento de Sáez Vacas (2011), Ilharco (2007), na teoria que formula, considera que o indivíduo foi aprendendo, naturalmente, a saber-estar no mundo, o que, conseqüentemente, o prepara para saber-como utilizar as tecnologias que vai encontrando, sejam elas telemóveis, computadores, televisões, automóveis ou outros. Assim, o utilizador vai compreendendo os *media*, e ao compreender o telemóvel, por exemplo, sabe também o que significa e como se fazem telefonemas móveis. Aliás, refere o autor, que todos estes artefactos são coisas tidas antes de serem coisas cognoscíveis (Ilharco, 2007, p. 62).

Ainda para Ilharco (2007), e seguindo o pensamento de Heidegger (1977), nesta natural apreensão e apropriação dos novos *media*, os indivíduos mostram-se como fazendo parte de um processo ordeiro eficiente, o designado *Ge-stell* (ou “*Enframing*”) (Heidegger, 1977, p. 19). Com o número crescente de tecnologia a integrar-se no quotidiano dos indivíduos, surge o *Ge-stell*, “emoldura-se o emuldorado”, como um quadro dentro de outro quadro (Ilharco, 2007, p. 66). A moldura mais abrangente da vida dos utilizadores surge re-emoldurada nos artefactos, com a internet a ocupar uma importância crescente.

A utilização dos novos *media* pelas gerações, no entanto, não é realizada de igual forma, apesar de todas as gerações os utilizarem, dando mais relevância ao telemóvel ou ao computador ou à televisão, mas a tecnologia não se assume como ausente no quotidiano dos indivíduos. Esta utilização é experienciada, então, de forma diferenciada, não apenas de acordo com a idade ou década de nascimento, mas também devido a outras variáveis, como a classe social de pertença, o sexo e, sobretudo, pelas

circunstâncias de acesso ((in)existência de centros de acesso à internet, bibliotecas, videotecas, entre outros).

Num estudo realizado por Livingstone e Helsper (2007) com crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 9 e os 19 anos, residentes no Reino Unido, o que as autoras concluíram através de um inquérito nacional, foi que é mais provável encontrar não-utilizadores no grupo dos mais velhos e no dos mais novos, ou seja, nos grupos pertencentes a idades limite (9-10 anos ou 18-19 anos), e, para além disso, essa não-utilização é ainda mais frequente em famílias mais pobres. Finalmente, e a juntar às diferenças de acesso à internet devido à idade e ao estatuto socioeconómico das famílias, surge o sexo. As investigadoras descobriram que os rapazes conseguem aceder mais facilmente e em mais locais à internet do que as raparigas (Livingstone & Helsper, 2007, p. 6) e, eventualmente, esta facilidade de acesso reflete-se também na utilização do computador e não apenas da internet.

As autoras dividiram os não-utilizadores em três categorias: os desistentes voluntários, os que escolhem não utilizar e os utilizadores marginais. Os indivíduos da faixa etária 12-15 anos facilmente se incluem em todas estas categorias, no entanto, os que têm entre 16-17 anos de idade são mais os que escolhem deixar de utilizar. Os mais velhos (18-19 anos) a maioria são desistentes involuntários, muitas vezes porque perderam o acesso em casa (Livingstone & Helsper, 2007, p. 7).

Apesar da investigação não ter sido realizada com adultos, outros inquéritos de âmbito nacional foram analisados que privilegiavam este grupo, nomeadamente, o Ofcom⁴⁵ e o OxIS⁴⁶. De acordo com o primeiro, as principais razões enunciadas pelos adultos para a não utilização da internet está relacionada com a falta de interesse para o fazer e os custos que lhe estão associados. O segundo inquérito acrescentou a estes motivos a falta de competências e algum medo para a utilização de tecnologias (Livingstone & Helsper, 2007, p. 8).

No que diz respeito à utilização de outros *media*, que não apenas a internet, Livingstone e Helsper (2007) propõem duas formas de analisar esse uso, uma considerando a quantidade de utilização (não-utilizadores, utilizadores ocasionais, semanais e diários) e a outra baseada no alcance da utilização (gama de oportunidades aproveitadas). As autoras concluíram que estas duas variáveis estão fortemente

⁴⁵ <http://www.ofcom.org.uk/>, consultado a 01 de março de 2013.

⁴⁶ <http://microsites.oii.ox.ac.uk/oxis/>, consultado a 01 de março de 2013.

relacionadas, o que conduz a que proponham a teoria da inclusão contínua em oposição ao amplamente discutido fosso ou divisão binária (Livingstone & Helsper, 2007, p. 9).

Outros motivos para a utilização dos *media* pelas crianças e jovens entre os 9 e os 19 anos, são as diferenças de desenvolvimento, por exemplo, os jovens mais velhos tendem a afastar-se da televisão, bem como do tempo passado *online*, talvez porque, sugerem as autoras, dão mais preferência aos contactos presenciais. No entanto, a utilização do telemóvel, eventualmente para agilizar a marcação de encontros com os pares, aumenta conforme a idade. Mas há outros motivos como o aproveitar das oportunidades, as atividades para as quais se usam os *media*, o nível de conhecimentos, entre outros (Livingstone & Helsper, 2007, pp. 10-12). A variável “nível de conhecimentos” ou “à vontade” com a tecnologia” é, aliás, analisada por Crumlish e Malone (2009), que se afastam da perspetiva de *continuum* que Livingstone & Helsper (2007) pretendem desenvolver. Para os primeiros autores, o à vontade com as tecnologias é fortemente geracional, afirmam

These folks have grown up with technology and expect it to help facilitate and mediate all their interactions with friends, colleagues, teachers, and coworkers. They move seamlessly from computer to their mobile device or phone and back, and they want the tools to move with them. They work with technology, they play in technology, they breathe this technology, and it is virtually invisible to them. (Crumlish & Malone, 2009, p. 7).

Em Portugal, a investigação *Portugal Móvel* (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007) dá conta de informação que vai também no sentido de divisão digital entre indivíduos de diferentes idades e níveis de instrução. Aliás, a relação entre idade e posse de telemóvel é, segundo os autores, negativa. Os escalões etários que mais adquirem e utilizam o telemóvel são os que estão entre os 25-44 anos e 45-64 anos (66% no total), ficando os indivíduos com idades iguais ou superiores a 65 anos com a menor percentagem (45% do total), dados de 2006 (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007, pp. 24-25). Dados de 2010, embora não contrariem totalmente esta informação, indicam que as faixas etárias que mais possuem o telemóvel são as que estão entre os 15-24 anos (98,5%) e, a já referida anteriormente, dos 25-34 anos (97,5%). Porém, os indivíduos que têm 65 ou mais anos continuam a deter a menor percentagem (59%), embora esta tenha aumentado de 2006 para 2010 (Cardoso, Espanha, Mendonça, Lima, Paisana, 2012, p. 14).

Retomando Sáez Vacas (2011), com os objetivos de se concluir um pouco estas ideias e de se fazer a ponte para o subcapítulo seguinte, que abordará a questão da utilização dos ecrãs, verifica-se que, como já houve oportunidade de se referir, não há

uma ausência total de artefactos tecnológicos no quotidiano dos indivíduos de todas as gerações, ainda que a preferência de utilização recaia sobre o computador-internet, o telemóvel ou a televisão. Ou seja, os ecrãs e, atualmente, cada vez mais os ecrãs táteis são, por isso, pervasivos. Assim, se, segundo o autor, o *Homo digitalis* se caracteriza pela utilização de uma prótese cerebral, sendo essa prótese o teclado, o rato e os ecrãs de todos os dispositivos com que o indivíduo contacta, essa prótese tem sofrido uma mutação, uma vez que o teclado e o rato são substituídos pelo ecrã e pelo toque, pelo incremento da sensibilidade. Pode assumir-se, então, o surgimento do *Homo digitalis sensitu*, para quem as sensações transmitidas pelo contacto com os dispositivos e a proximidade que se cria inconscientemente com esses dispositivos são cada vez mais importantes.

2.2.1. A *ecrãcultura*

A atenção dada aos *media* não pode ser realizada, no contexto da presente investigação, separada dos ecrãs, estes são o suporte privilegiado de contacto com os primeiros, e através dos quais o acesso à informação veiculada é feito (Pinto, 2005, p. 262). Exemplos de novos *media* acoplados a ecrãs são os três em estudo (televisão, computador e telemóvel), mas também, os *tablets*, *e-book readers*, leitores multimédia (música e/ou áudio), máquinas fotográficas e de filmar, GPS⁴⁷, telefones fixos, relógios, painéis públicos de publicidade digital, aliás, se o objetivo for mesmo perceber o que pode ser considerado como ecrã, a lista não para de aumentar.

A definição de ecrã pode mesmo ser bastante ambígua. Por exemplo, famosos nas sociedades arcaicas orientais, os teatros de sombras eram uma forma de narrativas com imagens em movimento a duas dimensões, projetadas de forma contínua sobre um ecrã. Foi provavelmente das primeiras vezes que se utilizou uma tela para visualizar imagens e se viu a utilidade que teria para o teatro. A **Figura 6** passa esta imagem: uma tela é um ecrã.

⁴⁷ Sistema de navegação por satélite.

Figura 6. Teatro de sombras

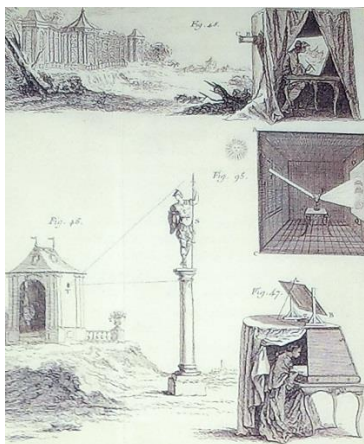
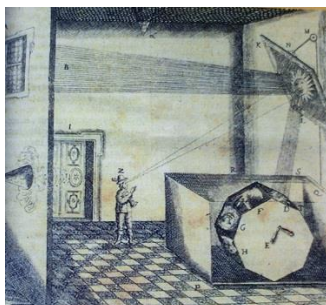
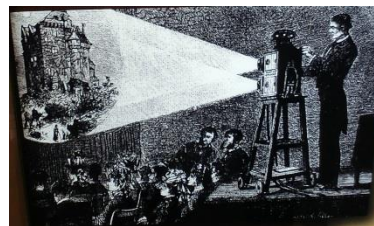
Fonte: Museu de Imagem em Movimento

Datam do século XVIII as caixas óticas que serviam para espreitar “vistas”, gravuras de cidades ou de paisagens coloridas à mão. São designadas de “Admirável Mundo Novo”, por causa das imagens fantásticas a que davam acesso. Uma caixa é um ecrã.

Figura 7. Caixa ótica

Fonte: Museu de Imagem em Movimento

Mas há ainda outros exemplos, como uma câmara obscura onde era possível ver imagens (**Figura 8**); a utilização de um espelho e de luz para projetar imagens para uma tela (**Figura 9**), aqui a tela e o próprio espelho são ecrãs; ou a parede utilizada para projeção de imagens é também um ecrã (**Figura 10**).

Figura 8. Câmara obscura**Figura 9.** Projeção de imagens através de reflexo**Figura 10.** Projeção de imagens para parede

Fonte: Museu de Imagem em Movimento

Lev Manovich (1995), por exemplo, na lógica da definição do que poderá ser considerado ecrã, atribui características ecrânicas ao monitor de um computador, mas a algo mais inédito como uma pintura ou uma peça de teatro, assim, o ecrã é a moldura que separa dois espaços diferentes que coexistem de algum modo (Manovich, 1995, p. 1). Esta será a definição de ecrã utilizada, sendo que no caso da investigação em curso, ecrã surge sempre associado a um artefacto tecnológico (televisão, computador ou telemóvel). Para Manovich (1995), este ecrã não é neutro, antes ocupa uma posição agressiva, “It functions to filter, to screen out, to take over, rendering nonexistent whatever is outside the frame.” (Manovich, 1995, p. 2). Assim, e complementando esta ideia com a noção de ecrã de Nelson Zagalo (2010), aquele é a fronteira entre o dispositivo e o indivíduo que recebe o conteúdo transmitido (Zagalo, 2010, p. 35).

Numa lógica de análise das diferenças entre os ecrãs aqui em estudo, a perspetiva de Levinson (1998 [1997]) é um ponto de partida. Quando o autor aborda a questão dos ecrãs do século XX alerta para as diferenças de natureza deles, nomeadamente, entre o da televisão e do computador e, neste contexto, apresenta a necessidade de realizar uma taxonomia dos ecrãs (Levinson, 1998 [1997], pp. 199-211).

Apesar da rádio, da fotocópia, da edição electrónica e do fax, o século XX pode, na verdade, caracterizar-se como o século do ecrã. Foi assim desde o princípio. [...] Sabemos que a nossa cultura, tanto produziu coisas para o ecrã, como foi substancialmente moldada por elas. Também sabemos que os ecrãs não são monolíticos na sua importância cultural e que diferentes tipos de coisas vão para diferentes tipos de ecrãs e implicam diferentes tipos de processos cognitivos e emocionais. A nossa pergunta, então, é que tipos de coisas aparecem em que tipo de ecrãs – especialmente ecrãs de

computadores – e para que efeito. Para encontrar uma resposta, para começar a construir uma taxonomia dos ecrãs [...] (Levinson, 1998 [1997], p. 199).

Passaram 15 anos da reflexão e análise de Levinson e é pertinente refletir sobre a natureza dos ecrãs, nomeadamente, ecrã de televisão, de computador e de telemóvel e da diferença de natureza entre eles. Apesar de ainda se verificarem diferenças ontológicas entre si, verifica-se um progressivo processo de diluição das respetivas especificidades, com a convergência das funcionalidades e dos conteúdos. A televisão torna-se interativa e o seu consumo personalizável e cada vez mais individual, o computador e os dispositivos móveis permitem o acesso à televisão. Usa-se o computador para fazer chamadas telefónicas e de videochamadas, etc. O ecrã como característica unificadora acaba por ser o lado visível de um processo de convergência em curso, que a curto ou médio prazo se fará sentir de forma mais sistemática nas lógicas de consumo e de sociabilidade dos utilizadores.

A perspetiva de Murolo (2010) vai neste sentido de unificação dos ecrãs na convergência dos *media*. Mas mais do que isso, para o autor, o indivíduo está perante ecrãs novos, novos porque há uma ligação com a imagem e com linguagens, que permitem uma construção de sentido. Novas linguagens como a fotografia, a animação, o desenho, o audiovisual e o multimédia, que convergem nos ecrãs. Muitas vezes, esta confluência de linguagens com os ecrãs é um pouco conflituosa, na medida em que se tenta incorporar novos sentidos nos velhos suportes, quando os novos suportes (ou novos ecrãs) já exigem uma identidade específica (Murolo, 2010, p. 2).

Para Murolo (2010), as ferramentas virtuais são também um ecrã (por exemplo, o autor considera que o *YouTube*⁴⁸ é um ecrã), no entanto, no âmbito da presente investigação, esse é apenas um dos muitos meios disponíveis de passar uma mensagem, uma plataforma virtual. O ecrã é sim o que permite que essa mensagem seja transmitida para o indivíduo, ou seja, o monitor do computador, da televisão ou do telemóvel, é algo mais físico e sensível e não tanto virtual. Diz Murolo (2010) que os novos ecrãs são, por isso, os das tecnologias e os das plataformas. Os primeiros referindo-se ao *hardware*, enquanto os segundos referem-se a espaços de conceptualização, de narração do audiovisual para posterior circulação e descodificação (Murolo, 2010, pp. 3-4).

Estes ecrãs são onnipresentes, incluem-se (às vezes, imiscuem-se) nas práticas sociais dos indivíduos “de modo habitual, confuso y contradictorio.” (Murolo, 2011, p. 41)

⁴⁸ Página de internet que permite aos seus utilizadores carregar e partilhar vídeos *online*.

e, talvez por essa razão, e voltando agora à questão do *Homo digitalis sensitu*, criam uma nova percepção sensorial, uma cosmovisão de ações possibilitadas pelo desenvolvimento tecnológico, como a proximidade física cada vez mais facultada pelos artefactos (Murolo, 2011, p. 42). Os novos *media* e os ecrãs a eles associados são invisíveis, e definem a vida dos indivíduos através dessa invisibilidade, sobretudo, quando deixam de pensar na sua presença e assumem uma onnipresença, excetuando-se quando surge algum problema que é necessário resolver e aí voltam a ser visíveis (Deuze, 2012, p. 111).

Adriana de Souza e Silva (2006) debruçou o seu estudo sobre a utilização das interfaces sociais (designadas de ecrãs no âmbito deste estudo) na intermediação das relações entre dois ou mais indivíduos, ou seja, no contexto das relações sociais estabelecidas *online*. Para a autora, aquelas interfaces redefinem quer a comunicação, quer o espaço onde essas relações ocorrem (Silva, 2006, pp. 261-262). Nesta perspetiva não estão apenas em causa os ecrãs, mas, e sobretudo, os espaços, a convergência de espaços, que é algo que surge associado à utilização que se faz dos ecrãs (este tópico, da redefinição de tempos e espaços, será mais aprofundadamente abordado no **Capítulo IV**), esta convergência e o surgimento de um novo espaço é designado pela autora como um espaço híbrido, onde o físico e o digital confluem, mas, mais do que isso, são espaços móveis, transportados pelos utilizadores de dispositivos portáteis, desde que conectados à internet e, conseqüentemente, a outros utilizadores (Silva, 2006, p. 262).

Os ecrãs são, por isso, e cada vez mais um *medium*, uma forma ou um modo que se entrosa na realidade, no mundo, sendo este designado por Introna e Ilharco (2006) como um “screened world” (Introna & Ilharco, 2006, p. 58). O ecrã, para estes autores, não é tanto o que representa em si mesmo, mas mais o que transmite ao indivíduo, a mensagem que passa, o conteúdo que surge representado no ecrã, seja texto, imagens, cores, gráficos, entre outros (Introna & Ilharco, 2006, p. 62), assim, a relação do utilizador com os ecrãs está bastante focada no conteúdo e no contexto e não tanto no artefacto físico. Por essa razão, as expectativas colocadas nos ecrãs são muito contextuais, relacionadas com o seu lugar em determinado contexto, por exemplo, quando no cinema espera-se que transmitam vídeo e imagem; no computador, e com o *email* aberto espera-se que transmitam as mensagens em caixa. Os ecrãs capturam a atenção do indivíduo e seguram-na nos vários contextos sociais (trabalho, lazer, familiar), mas tornam, igualmente, evidente o lugar do indivíduo no mundo e mostram-lhe a forma de estar nesse mundo. Olha-se para os ecrãs, mas encontra-se o modo de estar no mundo (Introna & Ilharco, 2006, pp. 65-66).

Desta forma, é possível debater-se se esta é a sociedade do espetáculo ou da simulação, mas não é possível não concluir de imediato que esta é uma sociedade de ecrãs (Manovich, 1995, p. 1). Lipovetsky (2010) considera que esta sociedade é uma *ecranosfera*, vivendo um estado *ecrânico* generalizado, com ecrãs em qualquer lugar e tempo, seja nas lojas, aeroportos, restaurantes, bares, metro, carros e aviões, de várias dimensões, texturas (liso, grande, miniatura, móvel, tátil, gráfico, vídeo) e com diferentes potencialidades (informativos, de vigilância, lúdicos, de ambiente), impondo-se uma *ecranocracia* em que tudo é ecrã (Lipovetsky, 2010, pp. 10 e 21-22), numa nova *ecrãcultura*, onde a transparência é uma exigência para essa disseminação, envolvimento e imersão (Zagalo, 2010, p. 51). Mas é também exigida uma sensualidade que promova uma relação de quase intimidade entre os ecrãs e os seus utilizadores, verificada com a propagação de cada vez mais ecrãs táteis em todo o lado e em todos os artefactos tecnológicos.

2.3. OS CONCEITOS DE CAPITAL SOCIAL E *HABITUS*

A influência de que se desfruta na sociedade é um capital que convém salvaguardar para que se não dissipe.

(Tolstoi, 1973, p. 21)

Capital Social e *Habitus* são dois conceitos com génese nas Ciências Sociais, que têm já uma aplicação em diferentes contextos de estudo, seja na área da Economia (Bourdieu, 2000; Schiff, 1999), Ciência Política (Morales & Giugni, 2011; Rocha & Silveira, 2009), Antropologia (Soares, 2009; Virtanen, 2007), Sociologia (Correia, 2007; Medeiros, 2011) e, cada vez com mais ênfase, nos estudos das Ciências da Comunicação e Informação (Brandão, 2011; Recuero, 2005).

Os conceitos têm, por isso, sido analisados e apropriados dependendo do contexto de investigação em que se inserem, no caso concreto da investigação desenvolvida, apesar de não se pretender ficar muito afastado das suas aplicações de génese, é objetivo, no entanto, que sejam analisados considerando a forma como as diferentes gerações utilizam os novos *media*, como os integram no quotidiano (quando tal acontece), a que relações intergeracionais (cooperação e/ou conflito) dão lugar, ou seja, pretendem-se compreender os *habitus* criados e desenvolvidos em torno dos *media*, mas, igualmente, a importância das redes sociais para a sua utilização.

Começando pelo conceito de capital social, um autor que deverá ser mencionado, por ter sido o primeiro a elaborar uma análise sistemática na contemporaneidade do conceito, é Pierre Bourdieu (1986), definindo-o como “the aggregate of the actual or potential resources which are linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition” (Bourdieu, 1986, p. 243). Para Bourdieu (1986) são importantes as variáveis “recursos”, “posse”, “rede durável”, “relações institucionalizadas”, “reciprocidade” e “reconhecimento”, ou seja, para que um indivíduo detenha capital social é necessário que as relações que estabelece ou os grupos dos quais faz parte lhe transmitam esse sentimento de pertença, providenciem determinados recursos, seja uma rede forte e se prolongue no tempo, mas tudo isso deve ser recíproco, não deve existir apenas de um dos lados da rede, o indivíduo também deverá saber quando tem que dar parte do que tem.

Putnam (2000) faz a distinção entre o que é capital físico e humano, para que se entenda o social, assim, se o primeiro está relacionado com os objetos e o segundo com

as propriedades relativas ao indivíduo; “social capital refers to connections among individuals – social networks and the norms of reciprocity and trustworthiness that arise from them.” (Putnam, 2000, p. 19). Retira-se desta definição que estão em causa as relações entre pessoas, a reciprocidade dessas relações e a confiança nas pessoas e, conseqüentemente, nas relações que se criaram. Verifica-se que Putnam (2000) foi fortemente influenciado por Bourdieu (1986).

Jussara Borges (2011), já numa lógica de integração do conceito de capital social no estudo das competências infocomunicacionais para a participação política e a utilização da internet, utiliza a definição de Rogério da Costa (2005), que já inclui a possibilidade de ter acesso aos contactos e às redes sociais que estão mais afastadas, diz o autor que é a “a *capacidade de interação dos indivíduos*, seu potencial para interagir com os que estão à sua volta, com seus parentes, amigos, colegas de trabalho, mas também com os que estão distantes e que podem ser acessados remotamente.” (Costa, 2005, p. 239). Nesta definição não estão tão em causa a reciprocidade, a confiança, os recursos, a durabilidade das relações, mas sim, a questão da interação, que agora pode ser efetivada quer presencialmente, com os que estão perto, como a distância, com os que se encontram mais afastados, e isso sim é de sublinhar pelo autor.

No âmbito rural, e uma vez que esse é um dos tópicos mais importantes da investigação, a interação assume contornos um pouco diferenciados, a densidade populacional é menor e o acesso a tecnologia de topo e que permita boas condições de comunicação (sobretudo nas regiões mais isoladas) é também mais reduzido. Como afirmam Gilbert, Karahalios e Sandvig (2010), o capital social nas zonas rurais é algo que ainda não foi possível verificar nas urbanas. Nas primeiras, o capital social é rico em laços fortes, enquanto nas segundas é abundante em laços fracos, mas pouco redundantes em termos de informação (Gilbert *et al.*, 2010, p. 1371).

Analisando agora, sucintamente, o conceito de *habitus*, mais uma vez, foi amplamente analisado por Pierre Bourdieu desde a década de 60, no entanto, existia já no pensamento de Aristóteles e na escolástica medieval (Wacquant, 2007, p. 64). Também neste conceito estão incluídas variáveis como reciprocidade, troca, mas numa lógica um pouco mais filosófica. O *habitus* une o exterior com o que são as realidades individuais, sendo, por isso, definido como “*princípio gerador de práticas objectivamente classificáveis e sistema de classificação dessas práticas*” (Bourdieu, 2010 [1979], p. 270).

O mundo social representado e os estilos de vida nascem a partir desta concepção de *habitus*, aliás, este está no seu centro, são os sistemas de esquemas individuais que,

após classificação elaborada com base nas disposições estruturadas (o social) e estruturantes (a consciência), que se adquiriram através das experiências práticas, se orientam para determinadas condutas do quotidiano (Setton, 2002, p. 63). Nesta definição de *habitus*, na presente investigação, consideram-se as práticas e rotinas relativas aos novos *media*, bem como as disposições estruturadas e estruturantes e as classificações construídas em torno dos artefactos que acompanham os indivíduos nas suas experiências.

Após estas breves definições e explicações dos conceitos de capital social e *habitus*, interessa agora aprofundá-los, bem como integrá-los no que aqui se encontra em reflexão: a utilização dos novos *media*, por três gerações de indivíduos residentes no meio rural português. Seguidamente, far-se-á essa abordagem.

2.3.1. Capital social e a utilização de novos *media*

Foram vários os autores que se interessaram pelo estudo do capital social (Almeida, 2011; Bourdieu, 1986; Lin, 1999; Portes, 2000) e, mais especificamente, pela utilização do capital social quando é feito recurso aos novos *media* (Ellison, Steinfield, & Lampe, 2011; Hampton, Lee, & Her, 2011; Stern & Adams, 2010). Este facto talvez se deva à importância que o capital social detém nas sociedades e às diferentes formas que vem assumindo ao longo dos tempos, tendo sofrido alterações profundas com o uso quotidiano da tecnologia e de ferramentas de interação social virtual.

Foi já possível explorar algumas das definições de capital social, mas para se perceber a influência crescente que os novos *media* têm tido neste conceito, julga-se ser importante analisá-lo um pouco mais. Para Venkatanathan e os restantes investigadores (2012), bem como para Warschauer (2006 [2003]), a variável principal na definição do conceito é a relação estabelecida entre os indivíduos e os grupos. Os recursos, o apoio e os laços sociais são igualmente mencionados pelos primeiros autores (Venkatanathan *et al.*, 2012, p. 326), e os benefícios e as redes e estruturas sociais por Warschauer (2006 [2003], p. 208). Warschauer estabelece, ainda, uma diferença entre benefícios adquiridos por meio de dois tipos de capital social: o aglutinado, construído pelos vínculos mais fortes das redes de familiares, amigos íntimos, grupos de igreja ou organizações étnicas fraternais, caracterizadas por serem mais densas e fechadas que o capital social

transposto, formado pelos vínculos com pessoas de outros grupos ou círculos sociais. Apesar do primeiro tipo ser considerado como o que providencia a estabilidade emocional necessária aos indivíduos, o segundo é essencial para aumentar as fontes de informação e apoio, importantes para o desenvolvimento económico e social (Warschauer, 2006 [2003], p. 210).

Lin (1999) apresenta, igualmente, uma definição de capital social e, segundo o autor, há três ingredientes essenciais na sua proposta: (mais uma vez) os recursos incorporados na estrutura social; a acessibilidade a estes recursos; e a utilização desses recursos para determinadas ações (Lin, 1999, p. 35).

E, complementando um pouco as definições apresentadas, Reimer (2004) defende que o capital social está organizado em quatro tipos de relações sociais, são elas, de mercado, a burocrática, associativa e comunitária, com as suas próprias regras, instituições, mecanismos organizativos e de controlo e normas (Reimer, 2004, p. 1), que servem propósitos como organização das relações para o cumprimento de tarefas, legitimação das ações individuais e grupais e distribuição de recursos (Reimer, 2004, p. 6). Reimer atribui, assim, uma componente mais economicista ao capital social, algo que, apesar de implícito, tinha sido retirado um pouco do foco dos demais autores. Diz Reimer (2004) “As capital, it is a part of a production process that reinvests in future production.” (Reimer, 2004, p. 4).

Apresentando agora uma breve definição de cada um dos quatro tipos de relações sociais (de mercado, burocrática, associativa e comunitária), pode dizer-se que, as relações de mercado são baseadas na importância da informação, sobre a venda, compra e troca de produtos e serviços, como por exemplo, informação correta e adequada de preços, mas também as capacidades que os indivíduos podem demonstrar deter, como fortes competências de negociação ou de mobilidade. As relações burocráticas estão concentradas na divisão do trabalho e na forma como a autoridade se encontra estruturada em princípios e regras, para que se mantenham boas relações burocráticas é, por isso, importante que os objetivos sejam formulados e que as estruturas organizacionais se estabeleçam para que esses objetivos sejam cumpridos (Reimer, 2004, pp. 6-7).

O terceiro tipo de relações sociais são as associativas, que se baseiam em interesses partilhados pelos indivíduos. Exemplos destas relações são os clubes, grupos de ação social, salas de conversação na internet e grupos de atividades de tempos livres (*hobbies*). Neste tipo de agregados é mais provável que surja a partilha de interesses,

logo, o grau de comprometimento para com a associação (e os seus associados) é maior e a contribuição para o cumprimento dos objetivos é também considerável. Por último, as relações comunitárias possuem também esta vertente de partilha bastante identificada, mas onde os níveis de confiança e lealdade são mais elevados, porque, apesar de serem relações que demoram mais tempo do que todas as outras a estabelecer-se, são consideradas como mais resistentes ao tempo e às mudanças (Reimer, 2004, pp. 8-10).

À semelhança dos capitais físico e financeiro, o capital social é transformado, como o primeiro e acumulado à medida que vai sendo utilizado, como o segundo. Assim, o capital social pode ser considerado um processo, no qual o poder para promover a mudança pode ser adquirido, dependendo do contexto social (Bruegel, 2005, p. 5). Para a compreensão desse processo é, ainda, necessário entender os conceitos de vínculo/ligação (*"bonding"*) e de ponte (*"bridging"*), amplamente relacionados com as questões de transformação e acumulação. Assim, o capital social vinculativo são pequenos conjuntos de laços sociais onde todos os indivíduos se conhecem uns aos outros; o capital social de ponte está relacionado com as relações adquiridas com o tempo, fora do território habitual (Stern & Adams, 2010, p. 1393). Estas relações sociais externas oferecem oportunidades mais abrangentes para aceder a novos recursos e informação (como exemplo é o capital social transposto). Enquanto as relações sociais vinculativas têm uma componente mais forte de ligação emocional (exemplo é o tipo de capital social aglutinado) (Venkatanathan *et al.*, 2012, p. 326).

Para além destas dimensões de vínculo (*"bonding"*) e de ponte (*"bridging"*) do capital social, Neves (2012) identifica ainda as componentes de ligação (*"linking"*), envolvimento cívico (*"civic engagement"*), recursos (*"resources"*) e confiança e reciprocidade (*"trust and reciprocity"*). A dimensão de ligação é a capacidade de mobilizar recursos, ideias e informação a partir das instituições para a comunidade. A componente de envolvimento cívico é as relações, conexões entre as pessoas na vida comunitária, a vontade e a forma como as pessoas e os grupos se envolvem nos assuntos públicos. Os recursos dividem-se em recursos pessoais e recursos sociais. Os pessoais dividem-se, ainda, em bens materiais (computadores, carros, casas) e bens simbólicos (a fama ou o bom nome). Os recursos sociais são adquiridos à medida que o indivíduo vai realizando mais e diferentes relações sociais. Por último, a confiança e a reciprocidade. A primeira restringe a incerteza e o risco, importante para alimentar uma relação social forte e coesa. A reciprocidade é importante para se ter a perceção de igualdade na relação social (Neves, 2012, pp. 86-94).

Relativamente à utilização dos novos *media* e a importância que o capital social adquire nas relações sociais estabelecidas com recurso a ferramentas tecnológicas, começa-se esta análise pela utilização do computador e da internet. Stern e Adams (2010), numa investigação realizada para entender os usos que os residentes do meio rural fazem da internet para a criação ou aumento do capital social, retomam os conceitos de “*bridging*” e “*bonding*”. Dizem os autores que a internet é um forte instrumento para promoção dos grupos locais e comunitários, que poderiam nunca vir a existir se não fosse este recurso (“*bonding social capital*”), mas, igualmente, a internet providencia formas de se estabelecerem novas relações, através, sobretudo, da diminuição das barreiras espaço-temporais. Inicialmente, dizem os autores, a internet pode até transmitir uma ideia de anonimato, o que não se traduz em relações de confiança tão necessárias à criação de capital social, no entanto, facilmente, através da criação de perfis em redes sociais, de páginas *web*, *blogs* para partilha de informação, o indivíduo ou grupo dá-se a conhecer e tem a possibilidade de conhecer outras pessoas ou grupos, o que permite um grande envolvimento de todas as partes. Para além disso, a internet elimina barreiras físicas, como indivíduos que tenham algum tipo de incapacidade ou se encontrem doentes, podem sempre participar de reuniões ou encontros que se agendem (Stern & Adams, 2010). Quem diz a internet diz o computador, o telemóvel e a televisão porque permitem ter acesso a informação e tornar as pessoas mais próximas.

Assim, mais do que a presença física, é importante promover a confiança, uma vez que antes de qualquer tipo de cooperação, há a necessidade de se conhecer o outro, saber os objetivos da associação ou grupo (Rubio & Lozano, 2008, p. 1). Um acontecimento exemplificativo deste tipo de confiança e da forma como grupos se podem criar e reunir através da internet, para organizar reuniões e manifestações presenciais, foi a Primavera Árabe. Foram uma série de protestos que decorreram, maioritariamente, no Médio Oriente e no Norte de África, durante 2010 e 2012, cujo principal objetivo era depor os líderes repressivos (alguns ditadores) e que censuravam a internet nos países daquelas regiões. Redes sociais, como o *Facebook*⁴⁹, *Twitter*⁵⁰ e *YouTube*⁵¹, serviram para organizar as formas de protestos, que depois se viveram nas ruas. Aliás, estas manifestações e a forma como foram geradas e organizadas suscitaram um forte interesse por parte da comunidade científica (Scott, 2012; Skinner, 2011; Storck, 2011), pelo seu carácter inovador e pela celeridade com que ocorreram.

⁴⁹ <https://www.facebook.com/>, consultado a 04 de março de 2013.

⁵⁰ <https://twitter.com/>, consultado a 04 de março de 2013.

⁵¹ <http://www.youtube.com/>, consultado a 04 de março de 2013.

Conclui-se que, apesar da importância dos contactos virtuais que, inclusivamente, vêm crescendo, como se verificou também em manifestações ocorridas em Portugal contra a austeridade, os encontros presenciais são importantes para aumentar a confiança nos grupos criados e demonstrar o poder do grupo. Warschauer (2006 [2003]) concorda mesmo que nada substitui os encontros face a face, que providenciam, inclusivamente, uma forma mais rica de comunicação. O autor considera que “Na medida em que a comunicação on-line *suplanta* em vez de *suplementar* a interação face a face, ela pode enfraquecer o capital social.” (Warschauer, 2006 [2003], p. 215). Para além disso, Warschauer estabelece a distinção das iniciativas com recurso às TIC, com o objetivo de fomentar o capital social, em três níveis diferentes, mas sobrepostos, são eles: o micronível (relações com amigos, parentes, vizinhos e colegas), de maior proximidade e companheirismo entre os indivíduos; o macronível (relações entre instituições governamentais e indivíduos), de transparência e confiança entre cidadãos e Governo; e, o mesonível (associações de voluntários e políticas), situado entre os dois primeiros níveis, é através dos grupos deste nível que os indivíduos podem defender coletivamente objetivos, causas e interesses comuns (Warschauer, 2006 [2003], p. 217), no fundo, são as relações comunitárias, burocráticas e associativas, respetivamente, discutidas em Reimer (2004) e o *bonding social capital*, *civic engagement* e *linking social capital*, respetivamente, abordadas em Neves (2012).

O telemóvel é outro instrumento que funciona, de acordo com alguns autores (Dias, 2007), a par com o computador e a internet, para a criação de capital social, ou então para a sua manutenção. A frequência das interações e o contacto permanente, seja através de chamadas telefónicas, troca de mensagens escritas (SMS) e de mensagens em redes sociais (recorrendo a internet também) aumenta o capital social, mas este apenas se mantém ao mesmo nível quando ocorrem encontros presenciais, caso contrário vai enfraquecendo, podendo mesmo deixar de existir (Dias, 2007, p. 81). Aliás, Putnam (2000) considera mesmo que a comunicação mediada por artefactos tecnológicos é bastante útil para partilha de informação, recolha e debate de opiniões, mas a construção de confiança é mais difícil no ciberespaço (Putnam, 2000, p. 176). Desta forma, o autor estabelece a distinção entre o que é a comunidade, a comunhão e a comunicação, que, apesar de etimologicamente relacionados, são conceitos que é importante distinguir quando o objetivo é estudar o capital social. Enquanto a comunicação é vista como o pré-requisito fundamental para as conexões sociais e emocionais, aliás, através do recurso às telecomunicações, em geral, e à internet, em particular, a capacidade de comunicação dos indivíduos é melhorada. Para além disso, o

efeito de rede, através das (tele)comunicações aumenta os sentimentos de comunhão e de pertença à comunidade (Putnam, 2000, p. 171).

A noção de capital social tem, por isso, fatores positivos e negativos. Por um lado, conseguem verificar-se as consequências positivas da sociabilidade, bem como a atribuição cada vez mais frequente de importância a bens não monetários (Portes, 2000, p. 134); por outro lado, conclui-se que a igualdade de oportunidade é provável que seja um ideal inalcançável, nas palavras de Loury (1977), na medida em que quem possui mais contactos sociais e os contactos certos terá mais probabilidades de usufruir de mais e melhores benefícios (Loury, 1977, p. 176). De qualquer modo, na definição de capital social, como se de uma troca se tratasse, é importante assumir a existência de três dimensões obrigatórias: os possuidores de capital social; as fontes do capital social; e, os recursos propriamente ditos (Portes, 2000, p. 137).

2.3.2. *Habitus* e a utilização de novos *media*

Na presente investigação, e uma vez que o objetivo é compreender as rotinas diárias em contextos diferenciados (de lazer, laboral, escolar e familiar) com recurso aos novos *media*, considera-se pertinente perceber o conceito de *habitus*, relacionando-se com a utilização de tecnologia.

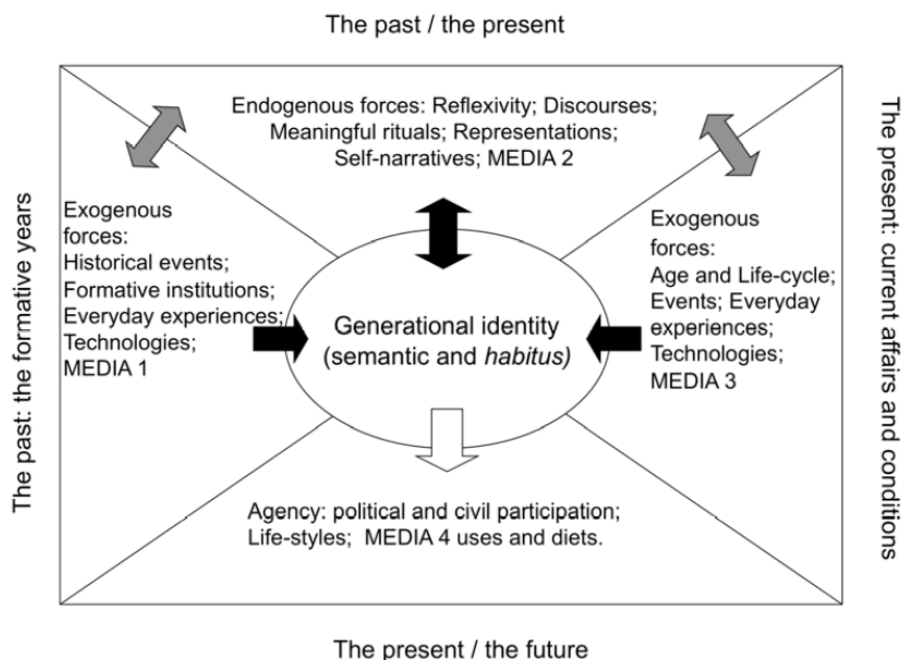
Habitus é definido como “disposições duráveis ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados” (Wacquant, 2007, p. 65), assim, estão em relação o indivíduo e a sociedade, no meio da qual se encontra o *habitus*, como fortemente mediador, facilitando a integração dos fatores exógenos ao indivíduo e a exteriorização dos seus fatores endógenos (Wacquant, 2007, pp. 65-66). Neste sentido, Wacquant (2007) considera que o *habitus* fornece princípios de *sociation*⁵² e de *individuação*⁵³, o primeiro porque as categorias que o indivíduo cria são comuns a todos os que pertencem a um mesmo grupo (*habitus* masculino, *habitus* nacional, etc.); no entanto, como cada pessoa segue o seu próprio curso, com as suas experiências, alguns esquemas mentais e sociais são individuais, daí o princípio de individuação (Wacquant, 2007, pp. 67-68).

⁵² Conceito proposto por Georg Simmel (1983), relacionado com a identificação de regularidades e padrões específicos. Traduzido, por vezes, como *sociação* ou *sociabilidade*.

⁵³ Conceito proposto por Carl Jung (1987), definido como o processo de evolução do Homem, que decorre desde a infância até à idade adulta, que lhe permite a criação de características diferenciadoras dos demais.

Neste sentido, é pertinente realçar o estudo de Aroldi (2011) como um contributo importante para a análise do conceito de *habitus*, relacionando-o com a utilização dos novos *media* e da construção da identidade geracional. Para o autor, geração é um processo, algo dinâmico, em constante mudança, e não estático, apesar de possuir algumas características de maior imutabilidade, transmitidas de geração em geração (Aroldi, 2011, p. 55) (algumas das quais será possível analisar no **Capítulo III**). Este ponto de partida é essencial para a proposta de modelo de formação identitária geracional que o autor elabora, tendo como base o *habitus* (ou a semântica), como pode ser observado na **Figura 11**.

Figura 11. Modelo de formação identitária geracional



Fonte: Aroldi (2011, p. 56)

Aroldi (2011) separa a identidade geracional em quatro campos distintos: um onde, na construção da identidade geracional, intervêm forças exógenas, como os eventos históricos, experiências quotidianas e a tecnologia, aliás, este campo providencia grande parte dos recursos necessários à construção do *habitus*, padrões cognitivos, padrões de comportamento, gostos, expectativas, entre outros (notícias, factos, emoções, rituais, marcas, músicas, etc.). Este nível ocorre em dois momentos, no passado e no presente, sendo, por isso, um ato contínuo e quase inconsciente. No caso do presente,

especificamente, os novos *media* têm um contributo essencial para a construção de novas sensações (Aroldi, 2011, pp. 56-58).

As forças endógenas têm também um papel importante nessa construção identitária, fatores como a reflexividade, a autoconsciência e a identificação e contraste geracional. Novamente, os *media* contribuem para a construção de práticas discursivas e para as próprias representações sociais. E, finalmente, o quarto campo é composto pela agência social, ou seja, é aqui que as questões políticas são geridas e os estilos de vida seguidos. Compreende-se, assim, qual a importância dos novos *media* neste campo, são eles os responsáveis pela forma como as gerações atuam, quase prevendo estes comportamentos e providenciando diariamente novos produtos, alterando práticas e consumos (Aroldi, 2011, pp. 58-59).

Os novos *media* são, então, parte essencial na construção de uma identidade geracional, mas também individual, contribuem para a consolidação dos *habitus* e até para o surgimento de alguns recentes. *Habitus* relacionados com a tecnologia podem ser percecionados no estudo realizado por Reeves e Nass (1998), nessa investigação os autores pretendiam compreender porque falam as pessoas com a tecnologia como se falassem com outras pessoas. Chegaram à conclusão que os indivíduos respondem natural e socialmente aos *media*, apesar de saberem que essa não é uma atitude razoável; esta resposta natural não é característica de determinada idade, nível de conhecimento ou conveniência, nos grupos investigados (crianças, alunos universitários, empresários e peritos da tecnologia) todas as pessoas respondiam automaticamente aos *media*; quando os indivíduos tratam os *media* como objetos, essas reações têm que ser muito pensadas, o que não acontece quando as pessoas estão cansadas ou atentas a outra coisa (Reeves & Nass, 1998, pp. 7-8).

Um aspeto essencial na questão do *habitus* e da utilização dos novos *media* é o estabelecimento das interações e das relações sociais. Houve uma profunda alteração de práticas e rotinas, das disposições duráveis na forma como as interações sociais decorriam, maioritariamente presenciais, obrigatoriamente perto, atualmente, é possível estar a distância e de forma ausente/virtual e, mesmo assim, conversar-se com quem se quer, desde que as duas ou mais partes tenham em sua posse tecnologia que lhes permita essa conversa. Um facilitador das interações sociais a distância é a internet, como já foi possível abordar, mas, de igual modo o telemóvel. Para Cardoso e outros investigadores (2007), o telemóvel originou uma nova forma de gestão das relações com amigos e familiares, “podemos afirmar com certeza que o telemóvel assume, pelo menos,

um papel de facilitador da comunicação no seio da vida privada” (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007, p. 31), esta gestão verifica-se na vida privada, mas também nas relações laborais e até escolares, promovendo novos *habitus*.

Neste sentido, as regras que Paul Grice (1975) sugere como sendo necessárias para uma gestão adequada e educada das conversas entre pessoas (quantidade: contribuir com o imprescindível na interação; qualidade: a verdade das afirmações; relevância: o que se diz deve contribuir de alguma forma para a interação; e clareza: as mensagens não devem ser obscuras nem ambíguas (Grice, 1975, p. 47)), perpassa o presencial e aplica-se também ao virtual, sobretudo, porque, na realidade, as pessoas se encontram ausentes e alguns modos de conversa (por exemplo, as SMS e as salas de conversação *online*) podem induzir em erro.

O papel dos *media* na gestão das relações sociais, na elaboração de uma identidade geracional e no surgimento de novos *habitus*, poderá ser perspectivado numa leitura construtivista (Cole, 2003 [1996]; Vygotski, 2007 [1934]), uma vez que os artefactos são agora mediadores da maior parte das atividades humanas. As mudanças tecnológicas supõem mudanças no *habitus* e, por sua vez, as tecnologias e os seus usos são modificadas pelas mudanças nesse mesmo *habitus* e, conseqüentemente, nos indivíduos.

2.4. COMPETÊNCIAS INFOCOMUNICACIONAIS PARA A UTILIZAÇÃO DOS *MEDIA*

Cada época possui os seus media e necessita e serve-se de literacias diferentes.

(Cardoso, 2009b, p. 7)

A disseminação de novos *media* em Portugal, se a referência for feita desde o surgimento da televisão, ocorreu em massa a partir de finais da década de 1950, foi nesta altura que se deram as primeiras emissões a preto e branco. A partir daí, e consequência das alterações em termos de estilos de vida que ocorreram (os indivíduos permanecem mais em casa e utilizam os *media* por mais horas), surgiram também preocupações em relação à utilização da própria tecnologia. Como poderão os indivíduos aproveitar todas as funcionalidades prometidas pelos *media* sem que tal diminua as suas capacidades individuais? Ou seja, que novas literacias têm que ser desenvolvidas no século XXI para que os indivíduos potenciem em seu favor, e da comunidade, os *media* que abrem novos horizontes infocomunicacionais?

Deve começar-se esta análise pelo conceito inicial, ou seja, o que se entende por competência? A resposta é dada por Ferrés e Piscitelli (2012), que referem que “Competence is understood as a combination of the knowledge, skills and attitudes deemed essential for performing a task within a specific context.” (Ferrés & Piscitelli, 2012, p. 76). Estão, então, em causa três variáveis essenciais: conhecimento, capacidade e atitude, significando que para se considerar que um indivíduo tem competência para o desenvolvimento de determinada tarefa, ou utilização de determinado *medium*, é necessário que tenha conhecimentos para o fazer, ou saiba onde os procurar; tenha capacidade para o desempenho da tarefa, no sentido das habilidades específicas; e a atitude certa, ou seja, que a disposição seja a da vontade para e não a da resistência. Feita esta breve referência, é agora altura de aprofundar o que são as competências infocomunicacionais.

As literacias exigidas para a utilização dos novos *media* são hoje multivariadas e complexas, associadas a fatores sociais, tecnológicos, económicos, entre outros. Aliás, considerando esta multiplicidade de dimensões, o próprio conceito deixou de se utilizar no singular, e assumiu um contorno plural uma vez que são também várias as

competências a que a elas estão associadas. Exemplo da “literacia informacional (conceito introduzido por Paul Zurkowski em 1974), a literacia digital (conceito introduzido por Paul Gilster em 1997) ou a literacia mediática.” (Lopes, 2012, p. 5).

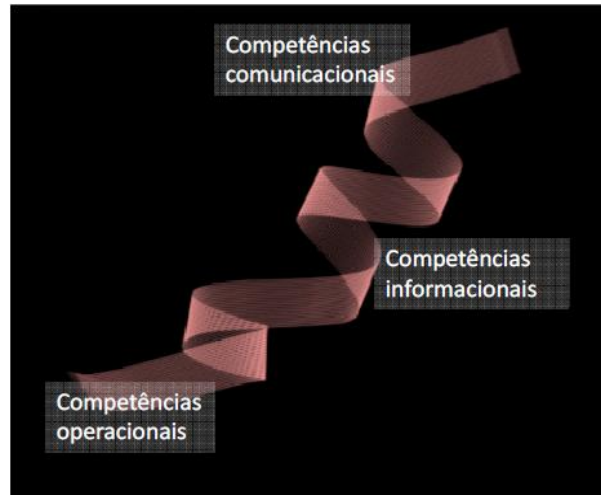
Muito importante também nos conceitos de literacias e de competências são os fatores endógenos aos indivíduos. Como se referiu, não é suficiente ter os meios, é pertinente ter motivação para a utilização desses meios, perseverança e resistir aos desafios encontrados (atitude). De facto, para que se inicie a utilização dos novos *media*, sobretudo em determinadas idades (a geração dos avós, por exemplo), deve existir algum fator motivacional, como a reforma ou a mudança de residência (Salovaara *et al.*, 2010), caso contrário essas experiências nunca ocorrem. Para Furtado (2007), há, por essa razão, uma tríade associada às literacias digitais: a motivação, o acesso físico e as competências, sem as quais (constituindo um ponto de partida) não será possível avançar para uma utilização satisfatória dos meios tecnológicos (Furtado, 2007, p. 103). O fator motivacional foi, inclusive, mencionado por Borges (2011) como sendo um elemento essencial para o desenvolvimento e a promoção de competências em ambientes digitais (Borges, 2011, p. 136).

Foram vários os autores que contribuíram para a reflexão dos conceitos de literacias e competências para a utilização das tecnologias de informação e comunicação. Steyaert (2002) considera que o processo de desenvolvimento das competências digitais ocorre em três fases, sendo o primeiro nível o mais básico, o das competências instrumentais, seguido das estruturais e estratégicas (Steyaert, 2002, pp. 205-207). Van Dijk (2005) concorda com estas três fases, no entanto designa o primeiro nível como o das competências operacionais, onde se pretende que se trabalhe com o *hardware* e o *software*. Este autor separa ainda as competências informacionais das estratégicas (van Dijk, 2005, p. 73), estando estas últimas bastante próximas do conceito de *digital wisdom* proposto por Marc Prensky (2009) quando se referia à forma como os indivíduos utilizavam as tecnologias ao seu serviço e de forma inteligente.

Borges e Oliveira (2011) no seu estudo sobre a forma como “as pessoas combinam aspectos cognitivos e habilidades técnicas para usar as plataformas digitais para produzir valor” (Borges & Oliveira, 2011, p. 307) concluíram que essa combinação se verifica em três competências: as comunicacionais (relacionadas com o poder de argumentação e de negociação e articulação); as informacionais (habilidade para procurar, produzir e disseminar informação); e as operacionais (habilidade para trabalhar com o *hardware* e o

software disponível) (Borges & Oliveira, 2011, p. 307). Esta articulação de competências pode ser visualizada na **Figura 12**, elaborada pelas autoras:

Figura 12. Espiral das competências infocomunicacionais



Fonte: Borges e Oliveira (2011, p. 308)

Também Rojas e a sua equipa de investigadores do projeto de Austin|Portugal consideram que se deve ter em consideração fatores como as tecno-disposições (as apetências dos indivíduos para a utilização da tecnologia), o tecno-capital (um tipo de capital cultural que engloba o conhecimento necessário, as habilidades e as disposições para utilizar as tecnologias), criando e fazendo uso, posteriormente, de tecno-competências que se vão adquirindo (as capacidades requeridas e conhecimentos sobre as TIC) (Rojas *et al.*, 2012, pp. 229-230) na utilização dos *media*, estando todas estas “tecno-habilidades” naturalmente integradas.

Borges (2011) defende a existência de quatro dimensões de competência: o saber (conhecimentos), o saber-fazer (habilidades), o saber-agir (atitudes) e o saber-ser (ética e responsabilidade), as primeiras retiradas do trabalho de Miranda (2006) e a última acrescentada pela autora (Borges, 2011, pp. 139-140). Aliás, para Jussara Borges o termo *digital literacy*, em inglês e, competência digital, em português, não é corretamente traduzido, preferindo dizer “competências em ambientes digitais” (Borges, 2011, p. 141) e, quando estas surgem associadas à procura e recolha de informação e/ou ao estabelecimento de relações sociais, será mais correto designar-se “competências infocomunicacionais em ambientes digitais” (Borges, 2011, p. 145).

Lopes (2012) considera que no campo da utilização dos novos *media* há duas competências fundamentais, as individuais e os fatores externos ou sociais. As primeiras reportam aos planos técnico e crítico-cognitivo e as segundas aos planos comunicativo e participativo (Lopes, 2012, pp. 8-9), além disso, desde a forte disseminação de redes sociais (atualmente são utilizadas em grande escala cerca de 50) que esta componente social é tida como uma competência bastante pertinente, onde estão à prova capacidades dos indivíduos comunicarem virtualmente, sobretudo, através da escrita. Ainda no domínio comunicacional é necessário ter em consideração competências como interação, argumentação, partilha, colaboração, participação e, até, a seleção das redes e comunidades das quais o indivíduo pretende fazer parte (Borges, 2011, pp. 164-165).

A proposta de Petrella (2012) das competências de literacia mediática é um pouco mais abrangente mas, ao mesmo tempo, engloba vertentes que se encontram bastante relacionadas entre si, chegando a ser até um pouco repetitivas. O autor considera que são oito as competências que o indivíduo deve deter: expressão criativa, experimentação, exploração, aproximação multicultural, colaboração e criação de redes, reflexividade, pensamento crítico e responsabilidade cívica e participação social (Petrella, 2012, p. 218), como expostas na **Figura 13**.

Figura 13. Set de Competências Mediáticas



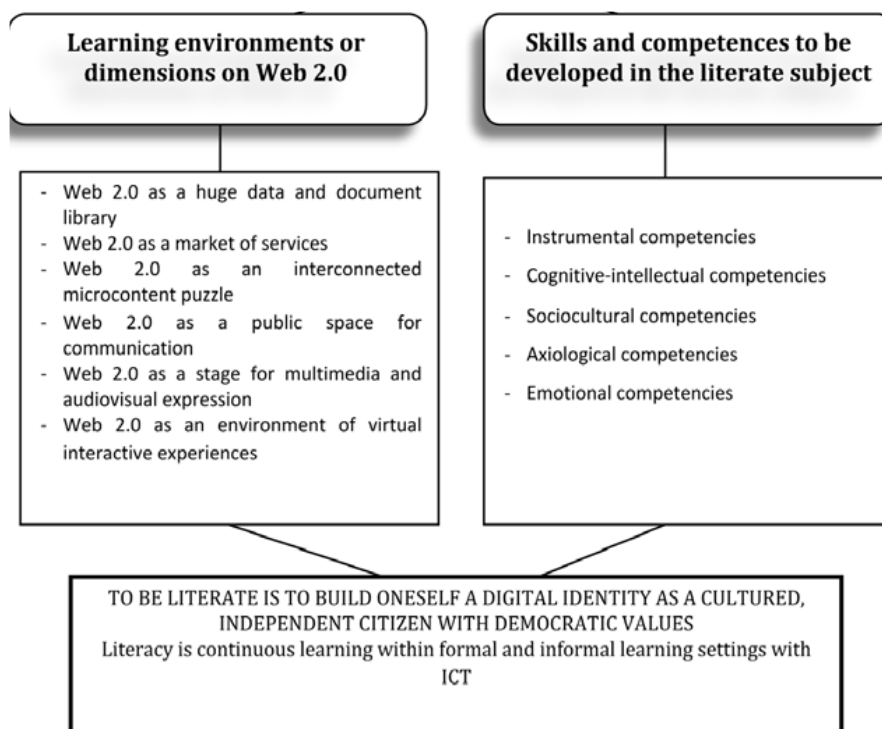
Fonte: Petrella (2012, p. 218)

Propõe-se, ainda, dois modelos de literacia, o primeiro de Gutiérrez e Tyner (2012) e o segundo de Area e Pessoa (2012). Para os primeiros autores, a literacia para os *media* e informacional é composta pelos designados cinco C's: "Comprehension, Critical Thinking, Creativity, Cross-Cultural Awareness, and Citizenship." (Gutiérrez & Tyner,

2012, p. 36). Para Area e Pessoa (2012), a proposta é realizada tendo em consideração um modelo integrado para a Web 2.0. Este modelo contempla duas grandes áreas: os ambientes de aprendizagem Web 2.0 e as competências necessárias à sua utilização. Relativamente a estas últimas, os autores concordam que são cinco: instrumentais, cognitivo-intelectuais, socioculturais, axiológicas e emocionais (Area & Pessoa, 2012, p. 17). Podem ser observadas na **Figura 14**.

A frase que consta da parte de baixo da figura (“Ser letrado é construir para si próprio uma identidade digital como um cidadão com cultura e independente, com valores democráticos”) vai de encontro ao que Gustavo Cardoso (2009b) defende para o novo contexto mediático, a educação e a literacia não deve estar só do lado dos jovens, mas, e cada vez mais, do lado dos que, à partida, deverão transmitir o saber (Cardoso, 2009b, p. 183).

Figura 14. Modelo de literacia integrado para a web 2.0



Fonte: Area e Pessoa (2012, p. 17)

A internet é o espaço privilegiado de ocorrência das comunicações e, conseqüentemente, de teste e exploração das competências possuídas. Desta forma, é importante a apropriação e o entendimento da noção de ciberespaço de Silva e Abreu (2003) para quem “A rede Internet é um espaço de espaços, um espaço de conteúdos e

de relacionamentos.” (Silva & Abreu, 2003, p. 64), muito semelhante aos espaços exteriores, onde o indivíduo é confrontado com conteúdos, símbolos, relações interpessoais e inter-objetos. No entanto, e ao contrário do espaço exterior, físico, o ciberespaço é parco em indicações e orientações, deixando o utilizador um pouco à sua mercê e entendimento, o que, para quem não detém as competências adequadas, pode ocorrer o risco de receber informação exagerada e desnecessária, informação que nem procurou e que nem lhe interessava receber. Esta situação leva os autores a concluir que “há ainda muito trabalho de planeamento urbanístico a fazer no ciberespaço. Esse trabalho urbanístico deve contemplar as três vertentes: estética, ordenação e adaptação dos espaços às necessidades dos utilizadores, para que se passe da actual lógica labiríntica para uma lógica da fruição estética e intelectual e do encontro.” (Silva & Abreu, 2003, p. 64), não sendo exclusivo das redes de pesquisa, mas igualmente das relações sociais estabelecidas, onde as normas de *netiquette* ou etiqueta da Rede devem ser também tidas em consideração (Silva & Abreu, 2003, p. 64).

Esta etiqueta da Rede é importante, essencialmente, porque, como refere Cardoso (2009a) passa-se de um modelo de comunicação de massa para um modelo de comunicação em rede, é o quarto modelo que o autor considera existir, sendo os três primeiros, a comunicação interpessoal entre duas ou mais pessoas; a comunicação de um-para-muitos; e a comunicação de massa já referida, a qual, através do uso da tecnologia, capacita o envio de mensagens a uma grande quantidade de pessoas (Cardoso, 2009a, p. 56).

As competências estão, habitualmente, associadas a divisões entre indivíduos: os que têm acesso aos *media* e os que não têm; os que sabem utilizar de forma satisfatória e os que não sabem, ou apresentam mais dificuldades; os que têm acesso aos *media* em condições que permitem desenvolver as tarefas eficaz e eficientemente e os que não têm, entre outras divisões. Herrero e Serrano (2006) concordam mesmo que a familiaridade com os *media*, a exposição prolongada dos indivíduos a ecrãs não implica, por si só, um conhecimento dos meios (Herrero & Serrano, 2006, p. 135), há que contemplar ainda algumas das competências mencionadas anteriormente. Assim, para além do acesso às tecnologias ou à informação que elas providenciam, devem considerar-se os atributos pessoais e sociais de quem utiliza os dispositivos mediáticos. Melhor explicado por Thomas e Parayil (2008):

An illiterate person can have access to computers and the Internet through a village information centre, but might not have the skills required to browse the Internet. Even if this hurdle can be crossed, and

the person learns to use computers and the Internet, lack of education and specific skills might still prevent the individual from, for instance, applying for a job which is advertised there — in other words, from being able to use the information found on the web. (Thomas & Parayil, 2008, p. 413).

Furtado (2007) dá mesmo o exemplo de dois documentos oficiais (o relatório, de 1999, *Falling Through the Net: Defining the Digital Divide*⁵⁴, da *National Telecommunications and Information Administration – NTIA* e *Information Technology Outlook*⁵⁵, publicado pela OCDE, em 2004) que divergem entre si nesta questão do fosso digital. Se para o primeiro relatório a única diferença estabelecida é entre os indivíduos que têm acesso às melhores tecnologias de informação e comunicação e os que não têm, o segundo documento já atribui importância à forma de utilização dessas tecnologias, passando-se de uma fratura de acesso para uma fratura de uso (Furtado, 2007, p. 98).

Como se verifica na **Tabela 15**, a literacia para as Tecnologias da Informação e Comunicação e o acesso às mesmas pode ser, de acordo com Warschauer (2002), comparável considerando as etapas de comunicação, a era económica, o artefacto físico utilizado para a sua utilização, a forma como se organiza o conteúdo, as aptidões de receção e de produção necessárias e as divisões criadas entre quem tem facilidade de acesso e quem não tem. Assim, o fosso ou a divisão digital é a relação entre as duas realidades: a literacia e o acesso às TIC.

Tabela 15. Comparação entre Literacia e Acesso às TIC

	Literacia	Acesso às TIC
Etapas de comunicação	Escrita, impressão	Comunicação mediada por computador
Era económica	Capitalismo industrial	Capitalismo informacional
Artefacto físico	Livros, revistas, jornais, periódicos	Computador
Organização do conteúdo	Romances, contos, ensaios, artigos, reportagens, poemas, formulários	Páginas de internet, correio eletrónico, mensagens instantâneas
Aptidões de receção	Leitura	Leitura + interpretação multimédia, pesquisa, navegação
Aptidões de produção	Escrita	Escrita + autoria e publicação multimédia
Divisões/fossos	Um enorme fosso de literacia?	Um fosso digital?

Fonte: Warschauer (2002, p. 7)

Van Dijk (2005) acaba por concordar com Warschauer (2002), uma vez que considera que os diferentes níveis de acesso (quer ao próprio artefacto, quer à forma

⁵⁴ <http://www.ntia.doc.gov/legacy/ntiahome/fttn99/contents.html>, consultado a 05 de março de 2013.

⁵⁵ <http://www.oecd.org/internet/ieconomy/37620123.pdf>, consultado a 05 de março de 2013.

como é utilizado) são promovidos por diferenças sociais, económicas e culturais, que dividem os utilizadores em três níveis: a elite da informação, os “analfabetos” e o nível intermédio de quem usa as tecnologias sem ser de forma *expert*, mas de modo satisfatório (van Dijk, 2005, p. 4). E, neste sentido, Furtado (2007) propõe ainda outra categorização, em oposição ao binómio habitual da fratura digital, os que têm acesso pleno e utilizam as melhores tecnologias disponíveis, os “desligados”, os utilizadores intermitentes e os que abandonaram a relação com as tecnologias (Furtado, 2007, p. 103).

Aliás, para Furtado (2007), a história do acesso aos *media* pode ser contada de forma relativamente simples,

[...] as desigualdades categoriais na sociedade produzem uma desigual distribuição de recursos; uma desigual distribuição de recursos leva a um acesso desigual às tecnologias digitais; um acesso desigual às tecnologias digitais depende também das características dessas tecnologias; um acesso desigual às tecnologias digitais provoca uma desigual participação na sociedade; por fim, uma desigual participação na sociedade reforça as desigualdades categoriais e uma desigual distribuição de recursos. (Furtado, 2007, pp. 101-102).

Em Portugal, o acesso e utilização dos *media* tem sido díspar em termos de território nacional. De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), a utilização do computador e do telemóvel, de forma individual, segue os parâmetros apresentados na tabela seguinte:

Tabela 16. Indicadores da sociedade de informação nas famílias, em 2010 (%)

	Utilização de computador			Utilização de telemóvel
	Em casa	No local de trabalho	Na escola ou universidade	
Portugal	91,0	43,6	16,3	89,7
Norte	88,8	43,2	20,9	86,9
Centro	91,4	40,1	19,9	88,6
Lisboa	92,7	45,8	11,3	94,8
Alentejo	90,3	45,3	13,1	87,6
Algarve	92,1	47,9	8,5	92,5
R. A. Açores	91,5	38,1	12,7	87,7
R. A. Madeira	92,7	40,0	15,7	88,3

Fonte: INE (2011a, p. 580)

Na **Tabela 16** é de evidenciar que a taxa de utilização do computador no espaço casa (familiar) é bastante elevada, superior a 80% em todas as regiões NUTS II e Regiões Autónomas, assim como o uso do telemóvel, sempre próximo dos 90%. Já no que diz respeito à televisão, um estudo realizado pela Marktest informa que, entre Janeiro e Dezembro de 2010, os portugueses viram, em média cerca de 3 horas e 30 minutos de televisão por dia, sendo os residentes no Sul e os que têm acima de 64 anos os maiores consumidores (3h47m54s e 5h08m25s, respetivamente) (2010b).

Desta forma, pode afirmar-se, como faz Thompson (1998), que “[...] a recepção dos produtos da mídia é uma rotina, uma atividade prática que muitos indivíduos já integram como parte de suas vidas cotidianas.” (1998, p. 42), o que conduz à forma como poderão ser estabelecidas as relações sociais, assim como à forma como é realizada a fronteira entre os diferentes contextos (familiar, laboral/escolar e de lazer), porém, tal facto torna difícil questionar se os meios rural e urbano apresentam diferenças significativas que permitam apelidar os residentes do segundo meio como gerações de ecrã, mas não os do primeiro.

O surgimento dos *media* em Portugal não ocorreu de forma uniforme por todo o território, nem essa iniciação se deu ao mesmo tempo que nos países mais desenvolvidos. As regiões mais urbanas foram as primeiras a ter acesso às tecnologias (e continuam a sê-lo), bem como aos modelos mais recentes. Só depois se faz a sua distribuição por todo o território. Por exemplo, nem todas as pessoas tinham acesso às emissões de televisão, inicialmente, apenas os residentes na zona da Grande Lisboa as podiam ver. Alguns anos mais tarde, a televisão chegou às áreas mais rurais e interiores do País, mas em locais públicos como cafés, bares de associações, entre outros, era a televisão comunitária.

No que diz respeito a esta oposição entre meio rural e urbano, uma das abordagens que muitos investigadores referem (Chen, Lin & Lai, 2010; Ferrão, 2000; Gonçalves, 2004; Kang, 2009; Whitacre & Mills, 2002) é a existência do fosso ou da divisão digital entre as duas zonas, querendo dizer com isto que o acesso às tecnologias, aos novos *media* e ao conhecimento para a sua utilização não estão distribuídos de forma equitativa, ou seja, um pouco aliadas às questões geográficas vêm as problemáticas de acesso aos *media*. Esta divisão digital é caracterizada por Giri (2002) como estando presente em todos os níveis sociais e não apenas no uso individual dos *media*, isto é, “é entre indivíduos, famílias, negócios e áreas geográficas”, ele concorda que

People living in urban areas and developed communities have the best access to the fastest computers, best telephone services, competitive ISP providers, and a wealth of content and training relevant to their lives. On the other hand, people living in rural communities have limited access or no access at all to these technologies. The real gap between these groups of people is called the “digital divide”. (Giri, 2002, p. 3).

Para além da distinção de utilização dos *media* naqueles três níveis (indivíduos, famílias, negócios e áreas geográficas), deve-se ainda acrescentar a diferença no acesso aos dispositivos, sendo este como uma das condições mais importantes para diminuir esse fosso digital entre populações urbanas e rurais (Warschauer, 2002, p. 4). Não é suficiente ter os meios, é necessário ter conhecimento sobre o seu uso, não sendo, por vezes, distribuído de forma equitativa entre indivíduos com idades diferentes, de sexo diferente, por zonas geográficas díspares.

Assim, mais do que a condição geográfica, importa saber da condição socioprofissional e socioeconómica, a par com as disposições, competências e capital cultural e social (Rojas *et al.*, 2012, pp. 229-230) para a sua utilização. Logo, por esta razão, Silva (2008) defende que o uso do termo literacia digital não é o mais apropriado, mas sim literacia informacional, na medida em que mais premissas se podem incluir, e, para além disso, está muito relacionado com a forma como a informação é procurada, termo que surge nos estudos biblioteconómicos (Silva, 2008, p. 20).

Apesar do que se tem vindo a teorizar, e tendo em consideração os *media* em estudo (televisão, computador e telemóvel), a visibilidade do fosso digital entre os meios rural e urbano deixa de ser tão evidente, a apropriação e utilização dos novos *media* começa a ser quotidiana e a estar presente em todos os contextos (de lazer, familiar e laboral/escolar). Aliás, o baixo custo a que as televisões, os computadores e telemóveis são vendidos permite a sua aquisição de forma cada vez mais massiva, da mesma maneira ocorre com o acesso à Internet (Lin, 1999, p. 46).

Grimes (2000) considera mesmo que a diferença entre meio rural e urbano no que a utilizadores de novos *media* diz respeito, não se verifica, no sentido em que é possível também encontrar utilizadores bastante avançados, em termos de conhecimentos, em áreas rurais, sendo a grande diferença o número mais reduzido desse tipo de utilizadores no meio rural, algo que compromete o avanço em termos de tecnologia (Grimes, 2000, p. 14). Aliás, esta é mesmo a maior clivagem encontrada entre rural e urbano relativamente ao desenvolvimento e acesso dos *media*, uma questão de oferta e procura. Diz Whitacre (2010) que é menos provável que as companhias de telecomunicações tenham intenção de dotar as zonas rurais de equipamentos tecnológicos avançados, se não houver

utilizadores em número suficiente que justifique esse investimento, uma vez que o retorno vai ser também reduzido (Whitacre, 2010, p. 1284). De acordo com o autor,

[...] rural areas have, on average, lower levels of factors known to influence the access decision, such as income and education, they will be less likely to adopt the Internet even when it is available. In general, then, supply and demand aspects both contribute to why a rural-urban Internet gap exists. (Whitacre, 2010, p. 1284).

Figueiredo e Ferrão (2007) concordam que, a par com outras dicotomias mais relacionadas com o desenvolvimento social, económico e cultural entre rural e urbano, a divisão digital está também a ocorrer, caracterizando-se por uma diferença acentuada no acesso e utilização das TIC e, consequentemente, no acesso à sociedade do conhecimento (Figueiredo & Ferrão, 2007, p. 7). No enquadramento desta afirmação, é pertinente analisar a opinião de Thomas e Parayil (2008), eles afirmam que as capacidades (ou as competências) são cruciais para o uso das TIC e para a conversão da informação que estas transmitem em conhecimento útil (Thomas & Parayil, 2008, p. 410), é o acesso à sociedade do conhecimento referido anteriormente.

Os *media* trouxeram mudanças revolucionárias nos modos de organizar o quotidiano dos indivíduos, por exemplo, o que no passado era considerado como um elo de ligação entre os elementos da família (a televisão), atualmente, na maior parte dos lares portugueses, cada divisão tem o seu aparelho, podendo cada um ver o programa que quer (Moura, 2009). As redes sociais, disponíveis na internet, através do computador e do telemóvel, permitiram ligar pessoas distantes, principalmente num País de emigrantes como é Portugal, e, sobretudo, no meio rural mais caracterizado por essa procura de melhor vida em zonas urbanas e mais desenvolvidas.

O telemóvel foi outro dos artefactos que contribuiu para essa mudança, aliás, como referem Cardoso e outros (2007), já é complicado pensar como se organizava o dia sem o recurso ao telemóvel, de tal forma foi a sua integração no quotidiano dos indivíduos e facilitou os encontros, a poupança de tempo e a convergência de espaços (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007), é caso para dizer que os indivíduos são cada vez mais “corpos intercomunicantes”, só existindo a par com os acessórios de vestuário, de gestão do tempo e de gestão da comunicação (Silva, 2005, p. 1966).

A portabilidade, individualização, multifuncionalidade e a interação são funcionalidades e características que tornam os dispositivos móveis cada vez mais apelativos (Silva, 2005, p. 1965), quer para os residentes no meio urbano, quer para os que residem no meio rural. Aliás, a convergência de tempos e espaços permitida pelos

novos *media* quase faz perder o sentido dessa distinção, não fosse a existência de zonas bastante remotas por todo o País, que fazem lembrar que nem tudo chega a todo o lado da mesma maneira.

Após esta análise sobre os conceitos de competências infocomunicacionais, literacias, capacidades, habilidades; e sobre algumas divisões digitais propostas por autores que estudaram a temática, considera-se ser pertinente elaborar uma súmula de quais deverão ser as características essenciais para que, numa sociedade, existam indivíduos tecnologicamente competentes. Para o efeito, houve três domínios que sobressaíram de grande parte das análises: as características individuais, as da sociedade e as do artefacto.

Em termos de características individuais, reuniram-se algumas das que foram sendo analisadas pelos autores anteriores, assim, ler, escrever e elaborar operações de cálculo são as mais essenciais, mas outras como a capacidade de interpretação, reflexão, de pesquisa e partilha, competências sociais, bem como a motivação são algumas das mais importantes para uma utilização satisfatória dos novos *media*.

Para além das características individuais, devem ter-se em conta as da sociedade, assim, interferem na competência tecnológica dos indivíduos a economia, a política, a abertura para a mudança cultural, o facto de se tratar de uma sociedade em rede, a importância atribuída ao conhecimento, que poderá ou não, promover o desenvolvimento de capital humano e intelectual.

Por último, são igualmente importantes as características do artefacto tecnológico: se é rápido, acessível, pequeno e leve são as condições mais físicas, mas é também importante deter uma boa capacidade de memória, *software* adequado às necessidades do indivíduo e se é adaptável.

SÍNTESE

Utilizam-se cada vez mais *media*, em todos os contextos e a todas as horas, algo que teve um impacto profundo na sociedade em geral, mas, mais concretamente, nos indivíduos, na forma como gerem o seu dia-a-dia e como comunicam, estabelecem relações interpessoais. Para Pereira e Silva (2009), o impacto deveu-se a três motivos essenciais, ou porque houve necessidade de acompanhar os programas governamentais, como por exemplo, os da educação, como o *e-escolas*; devido ao discurso generalizado da influência positiva e da criação de uma necessidade falaciosa para a utilização das TIC; ou, e um pouco relacionada com esta, a descida dos preços dos *media* potenciou a sua compra em massa (Pereira & Silva, 2009, p. 561).

Houve três décadas fundamentais para a integração dos *media* em Portugal, a primeira foi a de 50, sobretudo nos anos finais, para a televisão; posteriormente, nos anos 70/80 já se podia aceder a computadores; e, o telemóvel, na década de 90. E a sua aceitação foi tal pelos indivíduos que as estatísticas demonstram o quanto aumentou a sua existência. No entanto, percebe-se também a presença de um fosso digital entre rural e urbano, com o primeiro a ser notícia de cada vez que alguma inovação tecnológica ocorre ou quando há lugar a uma distribuição de *media* fora do comum. Mas este fosso ou divisão digital existe, sobretudo, no que diz respeito à qualidade do acesso aos novos *media*, como a melhor ligação à internet, ou o acesso a artefactos mais recentes e avançados, porque a distribuição tecnológica foi de tal ordem que até os residentes do meio rural conseguem hoje aceder às mesmas tecnologias que os do meio urbano.

Deuze (2012) sugere que o impacto é de tal forma profundo e avassalador que já não se pode considerar os *media* como extensões do Homem (como fazia McLuhan (2008 [1964])), porque já não são externos a ele, assim, não é possível uma comparação entre *media* e a vida, porque “*we are media*.” (Deuze, 2012, pp. 65-66). Para tal, contribuiu a sua crescente invisibilidade e ubiquidade, assim, o foco agora é na tarefa (e, eventualmente, nas competências necessárias ao seu desempenho) e não na ferramenta (Weiser, 1994, p. 7). Weiser compara mesmo as tecnologias aos filhos, dizendo que as primeiras devem estar sempre presentes, no entanto, são as criações invisíveis, tidas como garantidas, transportadas sem grande esforço ao longo da vida (Weiser, 1994, p. 8). E esta apropriação é realizada também com os ecrãs, instrumentos de ligação ao conteúdo, como referem Coelho e Neves (2010) “Em muito do que fazemos e do que é

feito conosco, do que percebemos e do que pensamos, dificilmente conseguimos estar separados dos ecrãs e da sua experiência perceptiva.” (Coelho & Neves, 2010, p. 102).

Assim, à medida que os *media* se iam entrosando na vida dos indivíduos, até as práticas mais rotineiras se foram alterando, falar com pessoas distantes já não se faz da mesma maneira que no passado, para além de se ter quebrado a barreira dos horários, agora é mais fácil incluírem-se em conversas com pessoas presentes, outras que estão a quilómetros de distância, podendo mesmo ser vistas. Este e outros acontecimentos terão aumentado as necessidades e a procura tecnológicas dos indivíduos, no entanto, McLuhan (2008 [1964]) considera que é preciso que alguma tecnologia surja para que os indivíduos dela sintam falta, bem como de outras que a complementem e, consequentemente, daí derivem outros dispositivos.

Os novos *media* e os ecrãs são, então, os mediadores por excelência entre a vida presencial e a vida virtual, numa lógica de reprodução social nos dois mundos. São eles que medeiam os conhecimentos sociais e as atividades de consumo, facilitando, consequentemente, a sua apropriação e domesticação (Silverstone *et al.*, 1992, p. 44). Algo que poderá ser percebido como negativo, aliás, considera-se que esta questão deverá sofrer um estudo mais aprofundado, talvez um estudo longitudinal ao longo dos anos que permita compreender os verdadeiros efeitos da tecnologia da vida dos indivíduos. Há autores que consideram que os efeitos não são perniciosos, defendendo até o contrário, Salovaara (2010) admite que a inclusão dos *media* no espaço casa poderá não significar um maior isolamento dos seus utilizadores, algumas ajudam até à criação de redes sociais que antes não existiam (Salovaara *et al.*, 2010, p. 816). E Rivoltella (2010a) vai ainda mais longe, ao afirmar que, graças aos *media* digitais, as crianças estão juntas, partilham conhecimentos, gostos e mensagens, contornando, desta forma, as proibições dos adultos (Rivoltella, 2010a, pp. 6-7).

Nas palavras de Sáez Vacas (2011) o Homem passou do seu estado de *Homo habilis* para o de *Homo digitalis*, num processo decorrido como consequência das novas dietas mediáticas e das dinâmicas de socialização primária e secundária. Neste novo paradigma são importantes o capital social detido, pela facilidade que promovem as relações intergeracionais quando na socialização secundária ocorrem situações de resistências aos desafios proporcionados pelos *media*; mas também o *habitus*, porque permitem que esses desafios se ultrapassem com utilizações mais frequentes e se adquiram competências infocomunicacionais, competências que já não passam,

somente, pelas que eram anteriormente requeridas (leitura, escrita e cálculo), mas que terão que ser mais diversificadas e aprofundadas se se quiser utilizar a tecnologia de modo eficaz e eficiente (como conhecimentos de inglês, competências sociais para usar na rede, formas corretas de fazer pesquisas, entre outras).

Assim, ganham especial importância as relações intergeracionais, pela forma como poderão aproximar dos *media* algumas gerações que se encontram mais afastadas. Talvez o foco deva abandonar um pouco os usos que se fazem dos *media*, mas entender de que forma as gerações podem interagir para que esses usos sejam realizados de forma equilibrada e cooperante, no sentido de melhorar as competências infocomunicacionais de quem utiliza e de quem está ainda no patamar anterior (os que gostariam de utilizar) ou ainda até um pouco mais atrás (os que resistem à sua utilização). Para além disso, como se referiu, será ainda interessante perceber os efeitos desses usos ao longo dos anos, perceber que hábitos mudaram e como ocorreu essa mudança e, entre outras coisas, que partilhas geracionais é possível incrementar e impulsionar.

CAPÍTULO III.

GERAÇÕES

The most important lesson that can be learned from seeing the different emphases that different civilizations attach to technology is that this process is determined as much by the nature of the tool-user as by the nature of the tool.

(Rybczynski, 1983, p. 210)

Destaques

-
- Margaret Mead, Karl Mannheim e Shmuel Noah Eisenstadt constituem autores de referência no estudo das gerações.
 - Através do estudo dos conceitos de inter e multigeracionalidade pretendeu contribuir-se para a análise da utilização dos novos *media* por diferentes gerações, muitas vezes, em interação.
 - Apesar de algumas gerações estarem um pouco ausentes dos estudos realizados na área dos novos *media*, foram vários os conceitos que surgiram ao longo dos anos, sobretudo, a partir dos anos 2000.
 - Não se nega a importância do conceito geração (no singular), mas considera-se que a sua utilização quando em interação com o uso dos *media* é mais adequada no plural.
-

3.1. CONTRIBUTO DE MANNHEIM, MEAD E EISENSTADT NA DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE GERAÇÃO

Este subcapítulo apresenta a definição do conceito de geração elaborada por três autores clássicos que dão um contributo fundamental neste âmbito. Considera-se pertinente a existência deste subcapítulo pela importância que os três autores tiveram (e continuam a ter) na definição do conceito de geração. Poderão não ter sido os primeiros a fazer um estudo do conceito, mas foram pioneiros na forma como o abordaram, algo que se reveste de elevada importância para a investigação. Das suas definições se construiu o conceito para a sua utilização neste estudo em concreto, umas vezes em confronto com o que defendiam os autores, outras caminhando lado a lado.

A relevância do doutoramento que se desenvolveu está, sobretudo, relacionada com a sua abrangência inter e multigeracional e, dentro desta, a análise familiar da utilização dos *media*, ou seja, não importa apenas reconhecer a sua existência, e todas as suas consequências em apenas uma geração (geralmente, a dos seniores ou jovens), mas a forma como as três gerações se relacionam na sua utilização, partilhando conhecimentos e experiências ou tornando-se cada vez mais individuais, acontecendo qualquer destes fenómenos, muitas vezes, dentro da própria família.

Para Karl Mannheim (1990 [1952]), o problema das gerações sempre foi analisado considerando duas perspetivas diferentes, uma mais qualitativa e outra mais quantitativa. Assim, para a escola romântico-histórica, a mais qualitativa, o problema das gerações é “um problema da existência de um tempo interior que não pode ser medido, mas apenas experimentado em termos puramente qualitativos.” (Mannheim, 1990 [1952], p. 122). Ao passo que o paradigma positivista encara as gerações como a sucessão cronológica dos indivíduos (Mannheim, 1990 [1952], p. 116).

De acordo com o mesmo autor, para haver geração terá que existir um grupo concreto, a unidade de geração, ou seja “a união de vários indivíduos através de laços naturalmente desenvolvidos ou conscientemente desejados” (Mannheim, 1990 [1952], pp. 132-133). Para além disso,

Indivíduos que pertencem à mesma geração, que partilham do mesmo ano de nascimento, estão ligados, por esse facto, a uma posição comum na dimensão histórica do processo social [...]

predispondo-lhes um certo modo característico de pensamento e experiência, e um tipo característico de acção historicamente relevante. (Mannheim, 1990 [1952], pp. 134-136).

Em todas as sociedades, as gerações e a sua sucessão têm uma linha comum de acontecimento, ou seja, estão sempre a surgir novos participantes no processo cultural, quase na mesma proporção que desaparecem participantes desse processo, a designada renovação das gerações. Para Mannheim (1990 [1952]), esta dinâmica tem um sentido único, não sendo permitido a membros de gerações anteriores participar nos processos da seguinte e vice-versa, é, por isso, um processo contínuo, pelo que a transmissão da herança cultural é necessária e realizada também ela de forma contínua (Mannheim, 1990 [1952], p. 137).

Para Mannheim (1990 [1952]) há três conceitos essenciais para a compreensão da geração, são eles o de *status* de geração, geração como realidade e unidade de geração. O primeiro está relacionado com a região histórica e cultural onde o indivíduo nasce, assim, para que esse indivíduo partilhe do mesmo *status* de geração que outro, devem ter a mesma localização histórica e cultural, só assim, de acordo com o autor, é possível partilhar-se essa localização e todas as características que lhe são inerentes, capacidades e privilégios. Os indivíduos que pertencem à mesma localização partilham, por isso, o mesmo “destino comum” (Mannheim, 1990 [1952], p. 152).

A geração como realidade existe quando há lugar a uma ligação concreta entre os membros dessa geração, nomeadamente, quando essa ligação está relacionada com os sintomas sociais e intelectuais de mudança a que estão sujeitos. Assim, para que a geração a que se pertence seja vista como uma realidade é necessário que os seus elementos tenham participação nas correntes sociais e intelectuais, haja uma ação concreta numa experiência comum, com interações efetivas cujo objetivo é construir uma nova situação (Mannheim, 1990 [1952], p. 153).

Por último, e já referido anteriormente, há o conceito de unidade de geração, que constitui um laço mais concreto do que no conceito de geração como realidade. Na unidade de geração, os elementos ou grupos geracionais experienciam a sua participação nas correntes sociais, intelectuais e históricas de forma diferente (Mannheim, 1990 [1952], p. 154).

Em síntese, o *status* de geração está relacionado com a existência dos indivíduos, a geração como realidade com a ação específica em determinado momento da história e a unidade de geração tem que ver com o sentimento que os indivíduos partilham com os membros da mesma geração.

Para Mead (1970) quando é utilizado o conceito de gerações, abordado nos variados estudos antropológicos realizados pela autora, está sempre ligado às relações familiares, sendo as diferentes gerações correspondentes com os diferentes níveis familiares (avós, pais e filhos). Mead entende as gerações como grupos culturais, com base nos estudos antropológicos desenvolvidos na Polinésia, Nova Guiné e na Melanésia, entre outros, assim:

A distinção que estou a fazer entre três espécies de cultura diferentes – pós-figurativa, pela qual os filhos aprendem primeiramente com os seus pais, co-figurativa, em que tanto as crianças como os adultos aprendem com os seus iguais, e pré-figurativa, em que os adultos aprendem com os seus filhos – é o reflexo do período de vida em que nós vivemos. (Mead, 1970, p. 37).

Na cultura pós-figurativa, a diferença em termos de mudanças culturais e sociais dos avós para os netos é impercetível, sendo essas mudanças tão lentas que os primeiros não conseguem imaginar um futuro diferente do que foi o seu passado, isto acontece também devido à inexistência ou raridade de existência da categoria dos bisavós e mesmo dos avós, explicado pela curta esperança média de vida (Mead, 1970, p. 38). Neste sentido, atualmente, considera-se que há uma noção exagerada de continuidade, contrastando com a de rutura de práticas de uma geração para outra. No entanto, na cultura pós-figurativa parte-se igualmente do pressuposto da presença real de três gerações, daí que os ensinamentos dos avós passem para os filhos e netos, deixando os primeiros as suas marcas do passado, através da transmissão dos mesmos modos de educação (Mead, 1970, p. 43).

A cultura pós-figurativa é, por isso, altamente hereditária, dependente das esperanças dos mais velhos e da forma como essas esperanças são transmitidas aos mais jovens e eles as incorporam. Depende ainda das imagens que os adultos têm dos pais que os criaram e como as vivenciam na forma como criam os seus filhos, como conseguem ver que há uma semelhança nesta transmissão de valores, que não pode ser ignorada (Mead, 1970, p. 43). Nesta cultura, as relações entre gerações não são, por isso, necessariamente fáceis, nem sempre há um acordo entre as expectativas entre membros das diferentes gerações (Mead, 1970, p. 62).

A cultura co-figurativa já se constrói com base no comportamento dos seus contemporâneos, ou seja, as diferenças de comportamento (e não a sua continuidade, como na cultura pós-figurativa) entre gerações são consideradas como algo natural, tanto os mais velhos como os mais jovens concordam que a geração oposta deve mesmo diferir da sua nos comportamentos que tem (Mead, 1970, pp. 79-80). Não obstante,

partilham o sentimento de que cada geração tenha a vontade de modelar os seus comportamentos pelos da geração a que pertencem, logo, criam novos estilos. Mead (1970) dá mesmo o exemplo da moda, inovações em matéria de vestuário, maneiras ou divertimentos para exemplificar como se pode uma geração distinguir de outra, não deixando, no entanto, de ser um modelo para os indivíduos da sua própria geração (Mead, 1970, p. 84). Por tudo isto, diz Mead:

O indivíduo que cresceu numa família nuclear em que há apenas a coacção de duas gerações de primeiras expectativas, esse indivíduo sabe que o seu pai e a sua mãe diferem dos seus quatro avós e que os seus próprios filhos crescerão diferentes dele próprio. (Mead, 1970, p. 114).

Na cultura pré-figurativa, a rutura e diferenciação entre gerações são ainda maiores e mais evidentes, sobretudo, no que diz respeito às inovações tecnológicas. Imaginando uma conversa entre um ancião e um jovem seria, de acordo com a mesma autora, da seguinte forma: «Sabes, eu já fui novo, mas tu nunca foste velho.»; «Nunca foste jovem no mundo em que eu agora sou jovem, e nunca podereis sê-lo» (Mead, 1970, pp. 119-120). Apropriando os conceitos de Prensky (2001a, 2001b) e de White e Cornu (2011), os anciãos poderiam ser considerados como os imigrantes digitais e/ou os visitantes, enquanto os jovens seriam os nativos digitais e/ou residentes. De acordo com Mead,

A invenção do computador [...] a extrema aceleração do aumento da população e o reconhecimento da certeza da catástrofe, se ela se continua a verificar, a desagregação da organização das cidades, a destruição da paisagem natural, a intercomunicação entre todas as partes do mundo por meio de jactos e da televisão [...] – tudo isto provocou uma separação drástica e irreversível entre gerações. (Mead, 1970, p. 125).

A visão de Margaret Mead (1970) apresenta algumas características relativamente limitadas na forma como analisa as relações entre gerações, considera-se que as mudanças são irreversíveis, mas não se considera que existe apenas um conflito de gerações, há antes uma cooperação, para a qual é importante que os mais velhos queiram aprender e os mais novos estejam dispostos a ensinar, e vice-versa. Os mais novos não precisam rejeitar o passado para avançar para o futuro (Mead, 1970, pp. 141-142), aliás, é porque o passado existe e porque determinados desenvolvimentos foram ocorrendo no passado que é possível o futuro de hoje. Apenas deve ser encontrada uma forma de comunicação entre gerações (avós, pais e netos). Boaventura de Sousa Santos (2002 [2000]) fala mesmo do “desperdício da experiência”, argumentando que nenhum saber deve ser desperdiçado, independentemente das pessoas, das vivências e dos

grupos sociais de onde provenha essa mesma experiência (Santos, 2002 [2000], pp. 78-80).

Esta postura de cooperação está presente na maior parte dos discursos dos participantes nos *focus groups* realizados no âmbito desta investigação. Apesar dos *media* serem um enorme fator de coação das gerações mais velhas perante as mais novas, como os castigos que se querem impor, a verdade é que em situações de dificuldade na resolução de problemas, tanto as gerações mais velhas como as mais novas recorrem à sua “oposta”, que se revela “complementar”. Terminando com Mead (1970), “os jovens, livres para agir por sua própria iniciativa, podem guiar as pessoas mais velhas na direcção de um desconhecido.” (Mead, 1970, p. 162).

Eisenstadt (1976 [1956]), por sua vez, afirma que a pertença a uma geração é um importante contributo para a autopercepção e expectativas de papel em relação ao outro. É no confronto que se estabelece entre gerações que os indivíduos conseguem identificar-se enquanto pertencentes a uma e não a outra geração (1976 [1956], p. 8).

O autor designa geração como “grau etário” e relaciona-o com as obrigações humanas de determinada fase da vida (Eisenstadt, 1976 [1956], p. 2). Diz Eisenstadt (1976 [1956]) que estas obrigações não são prescrições detalhadas sobre regras que devem ser seguidas e as quais os indivíduos vão seguindo. Para além disso, o grau etário não é apenas uma classificação, como a utilizada nos censos estatísticos. Antes, o conceito de geração é definido por cada um, quer através do que vão fazendo, mas também da forma como se relacionam com o outro:

[...] as pessoas como que mapeiam os amplos contornos da vida humana, de suas próprias expectativas e possibilidades, e colocam-se a si mesmos e a seus semelhantes em várias posições, atribuindo a cada um um dado lugar dentro desses contornos. (Eisenstadt, 1976 [1956], p. 3).

A passagem de um indivíduo pelas diferentes fases da vida, apesar de pertencente a uma geração, é algo bastante individualizado, no entanto, pela sua implicação com a sociedade, tem uma importância grande para todo o sistema social. Logo, geração aparece sempre associada à sociedade onde está localizada, ao período em que se encontra inserida, e tudo isso influencia e é influenciado pela geração (Eisenstadt, 1976 [1956], pp. 4-5).

Para S. N. Eisenstadt (1976 [1956]) ganha grande relevância o conceito de socialização, este é importante não apenas porque remete para a transmissão de valores, costumes, aprendizagens dos mais velhos para os mais novos, como permite a

continuidade social, através dessa transmissão, mas igualmente da relação de dependência que as crianças têm para com os adultos (Eisenstadt, 1976 [1956], p. 5).

Em Eisenstadt (1976 [1956]) está também presente a ideia dos valores geracionais comuns, já partilhada por Mannheim (1990 [1952]). Como refere o primeiro autor, “[...] a gradação etária obviamente implica que aqueles que pertençam a um certo grau etário tenham geralmente algumas experiências semelhantes e comuns” (Eisenstadt, 1976 [1956], p. 13). No entanto, esta partilha de valores comuns não é exclusiva da geração a que um indivíduo pertença, segundo Eisenstadt (1976 [1956]), ela está também presente entre gerações, muitos membros de outras gerações partilham os mesmos interesses e expectativas que os indivíduos de gerações mais velhas ou mais novas (Eisenstadt, 1976 [1956], pp. 13-14).

Os três autores abordados – Karl Mannheim, Margaret Mead e Noah Eisenstadt – neste subcapítulo foram um contributo importante para a delimitação da investigação em termos teóricos e conceptuais, bem como para a definição que se apresenta do conceito de gerações. Seguidamente, dar-se-á ênfase às relações que se estabelecem entre gerações, para a qual foi igualmente importante a perspectiva apresentada dos três autores.

3.2. INTER E MULTIGERACIONALIDADE

É importante não apenas a idade ou o ano de nascimento para a definição da geração, mas também o são as relações familiares, sobretudo, na família nuclear e alargada (Scott, 2010, p. 255), não apenas para a definição de alguns autores (Mead, 1970; Scott, 2010) do conceito de geração, mas também para o estudo desenvolvido, uma vez que interessou compreender os usos e apropriações dos novos *media*, mas também a forma como esses usos se realizam no espaço familiar e o tipo de aprendizagem que foi realizada. Este enfoque esteve especialmente presente no trabalho empírico, através dos inquéritos por questionário. Nesse sentido, Scott (2010) refere que a autoridade das gerações mais velhas (adultos e seniores) é um pouco colocada em segundo plano, sobretudo no que diz respeito à utilização das tecnologias, ferramentas das quais as gerações mais novas terão mais conhecimento e o transmitem para as anteriores, as designadas culturas pós-figurativas (Scott, 2010, pp. 256-257). No entanto, Mead (1970) define esta cultura pós-figurativa como três gerações estando em permanente contacto, apesar da imutabilidade da cultura das gerações mais velhas (Mead, 1970, p. 116).

A definição de geração para esta investigação reflete também sobre a intergeracionalidade, definida por Villar (2007) como “o envolvimento dos membros de duas ou mais gerações em actividades que potencialmente possam torná-los conscientes das diferentes perspectivas (geracionais).” (Villar, 2007, p. 115), mas também a multigeracionalidade, ou seja, “a partilha de actividades e características entre gerações, mas não necessariamente uma interacção ou influência entre elas.” (Villar, 2007, p. 116). Pode compreender-se, então, que não estão aqui em causa os indivíduos isoladamente, mas em constante interacção, pertencentes a uma geração específica, e a utilização que fazem dos *media*, assim como a partilha e aprendizagem realizada entre gerações, sobretudo, os avós, os pais e os filhos, como refere Eisenstadt (1976 [1956]) “o próprio processo de maturação das várias qualidades biológicas inerentes a um indivíduo é lento e depende, em larga medida, da interacção constante e da aprendizagem com outras pessoas.” (Eisenstadt, 1976 [1956], p. 5). Assim, é também importante explorar novamente, mas de forma breve, o conceito de família, uma vez que a sua análise mais aprofundada foi já realizada no **Capítulo I**.

Em termos históricos, e como já referido, as famílias, no século XIX, tinham características marcadamente patriarcais, dominando as regras do pai e do marido, eram famílias com características estáveis, pouco flexíveis em termos de estrutura e residência e monogâmicas (Adams, 2010, p. 500), no entanto, a partir da Revolução Industrial, com a deslocação da produção do interior da família para as fábricas e escritórios e a crescente necessidade da mulher trabalhar, foi igualmente observável a mudança constante de lugar para lugar de todos os membros da família à procura de trabalho, algo que complicava quando duas pessoas tinham que decidir sobre a carreira a que se devia dar prioridade (Adams, 2010, pp. 500-501).

Ao longo do século, as famílias tiveram um salto na estrutura e dinâmica. A título de exemplo, no final do século XX, surgem outros conceitos associados à família: tecnologia, globalismo e transição demográfica. Para além dos impactos proporcionados pela tecnologia em termos demográficos (por exemplo, os métodos contraceptivos que permitiram controlar a fertilidade), os telemóveis, a televisão e os computadores afetaram a vida íntima familiar de várias formas. Alvin Toffler (1980) acreditava que os computadores iriam contribuir para trazer de volta os sentimentos de família e união. Para além disso, “o futuro do mundo e das suas famílias incluem não apenas a pressão populacional, mas as migrações em massa [sobretudo, os movimentos dos meios rurais para os urbanos], os conflitos armados, e as mudanças climáticas” (Adams, 2010, pp. 501-504), aos quais se acrescentam as pressões tecnológicas.

Em relação às investigações que debruçam o seu interesse na utilização dos novos *media* pelos vários elementos geracionais, pela pesquisa realizada, conclui-se que o interesse nesta temática ocorre, maioritariamente, na comparação de duas gerações (jovens e seniores ou jovens e jovens-adultos) ou no estudo de uma geração isoladamente. Para além disso, a maioria dos estudos encontrados e das reflexões realizadas apontam para uma concentração nas explicações da utilização dos *media* nas gerações das crianças e jovens (9-25 anos de idade) e nos seniores (a partir dos 55 anos de idade), sendo escassas ou quase inexistentes as investigações realizadas na geração intermédia (entre os 25 e os 55 anos de idade).

Rivoltella (2010a), que incide as suas investigações na geração dos jovens, apelida-os mesmo de geração de ecrã e refere que são idades onde se relaciona com uma multiplicidade de ecrãs e marcadas pela presença importante do telemóvel. Aliás, o telemóvel é considerado um instrumento de articulação da relação intergeracional dentro da família (Rivoltella, 2010a, p. 6). Para Salovaara (2010), que estudou a utilização dos

novos *media* pelos seniores, há várias situações que iniciam os seniores na procura dos meios de comunicação e informação, são elas, a reforma, a situação financeira, a alteração das relações sociais, devida à saúde e morte dos pares, a passagem a avós, e a mudança de residência (Salovaara *et al.*, 2010, pp. 803-804), mas a aprendizagem e a sua utilização massiva apenas acontecem se já tiverem alguma experiência passada, da mesma forma que o apoio contínuo em termos de ensino encoraja as atitudes positivas em relação ao uso das TIC (Hernández-Encuentra *et al.*, *cit. in* Salovaara *et al.*, 2010, p. 808).

Estes estudos foram importantes para a distinção de *nativos digitais* e *imigrantes digitais*, já mencionada e desenvolvida por Marc Prensky (2001a, 2001b). Para o autor, há uma geração, mais nova, que cresceu acompanhada de toda a parafernália de novas tecnologias: computadores, jogos de vídeo, leitores de música, câmaras de vídeo, telemóveis, e outras características da era digital, sendo por isso *native speakers*, ao contrário dos *imigrantes digitais* que não nasceram, nem cresceram nesta era, apenas foram apanhados na avalanche de novidades digitais, e utilizam os artefactos, mas são constantemente comparados com os anteriores. Para além disso, mantêm um “sotaque” que os diferencia da naturalidade dos nativos (2001a, pp. 1-2).

No entanto, até Prensky (2009) já abandonou esta distinção, dando relevância aos conceitos de *digital wisdom* e de *human wisdom* que não são específicos de uma geração, mas de todas, desde que a apropriação e a utilização dos *media* se faça de forma crítica e inteligente (Prensky, 2009, p. 2). Esta postura crítica e inteligente associada à utilização dos *media* só se consegue através da partilha de conhecimentos, de perigos e de atitudes a ter em causa. Por sua vez, esta partilha é possível entre os que têm mais preparação ou relacionamento com os *media* e os que têm menos, são as experiências, mas também a recolha de informação que permitem a obtenção de tais conhecimentos. Para além disso, num nível mais abstrato e num âmbito mais geral, a partilha entre as diferentes gerações “é essencial para o funcionamento e continuidade do sistema social.” (Eisenstadt, 1976 [1956], p. 13).

O estudo da utilização dos novos *media* pode – e deve –, por isso, ser realizado de forma dinâmica, onde se abordam, por um lado, os objetivos de utilização dos meios, bem como a “dieta mediática” dos indivíduos; e, por outro lado, as dinâmicas familiares que os artefactos tecnológicos potenciam, desde a socialização primária (nos indivíduos mais novos) à secundária (em fases da vida mais avançadas), passando pela forma como as escolhas dos indivíduos em termos de *media* podem afetar as suas relações

com os outros elementos da família, havendo lugar a uma “retro-socialização” e a uma reconstrução dos valores, das identidades e das culturas geracionais (Jorge, Brites, & Francisco, 2011, p. 105).

Conclui-se, por isso, que é necessária uma constante reinvenção dos vínculos e das relações sociais e familiares que promovam as ligações intergeracionais. Os novos *media* e a sua utilização poderão potenciar essa reinvenção e até refortalecimento dos vínculos. Lévy (1997 [1994]) sugere a realização do projeto “Espaço do saber”, através do qual se promove a “aprendizagem recíproca, a sinergia das competências, a imaginação e a inteligência colectivas.” (Lévy, 1997 [1994], p. 34).

3.3. CONCEITO DE GERAÇÕES (1950, 1970 E 1990)

[...] apenas se chegarmos a um acordo entre o nosso passado e o nosso presente poderá haver um futuro para os mais velhos e para os mais novos [...]
(Mead, 1970, pp. 13-14)

O conceito de geração assume uma importância central no estudo que está a ser desenvolvido, sendo o foco os indivíduos nascidos nas décadas de 1950, 1970 e 1990 e/ou os avós, pais e netos. Assim, geração compreende aqui não apenas fatores quantitativos, como a idade ou a década de nascimento, mas também qualitativos, como o sentimento de pertença e a partilha de valores comuns entre membros da mesma geração ou o seu contraste (Mannheim, 1990 [1952], pp. 132-136). Como refere Scott (2010), “Geração [...] é mais que idade, por suas implicações como relações sociais. Opera simultaneamente hierarquizando por diferenças de gerações, e solidarizando vertical e horizontalmente, em torno de relações de imagens de pertencimento familiar em constante negociação.” (Scott, 2010, p. 252). O conceito tem, como se viu, características multidimensionais, onde coexistem traços biográficos, históricos e culturais e onde, e muito importante para a investigação, a pertença de idade está, não raras vezes, relacionada com experiências específicas, hábitos de consumo peculiares e ocupação de determinadas posições familiares (Aroldi, 2011, p. 53).

Aqueles fatores contribuíram para a seleção das gerações nesta investigação, relacionada com o surgimento dos *media* (televisão no final da década de 50, computador no final da de 70 e telemóvel e internet na década de 90) e/ou com a explosão da sua utilização em Portugal. Posto isto, será realizada uma breve abordagem aos conceitos geracionais associados aos *media* (por exemplo, *e-generation* (Cardoso, Espanha, & Lapa, 2007), *geração digital* (Ponte, 2011), *geração net* (Barnes, Marateo, & Ferris, 2007; Simões & Gouveia, 2008), entre outros (Moura, 2009; Rivoltella, 2010a; Teixeira-Botelho, 2011)) e à opção desta investigação pelo conceito de *gerações de ecrã*.

É importante distinguir na noção de geração aqueles que vivem no mesmo momento (contemporâneos), dos que têm a mesma idade (*‘coevals’*), como defendem Eyerman e Turner (1998, p. 93). Aliás, para estes autores, o conceito de geração está ainda em construção, na medida em que incorpora demasiados âmbitos e abarca muitas variáveis vivenciais. Se, para a análise das gerações, se tomar como perspetiva aspetos

culturais, observa-se que Eyerman e Turner (1998) deram um importante contributo neste sentido, ao proporem como fundamental a “memória colectiva” para compreender os indivíduos pertencentes a determinada geração. Ou seja, quando estando integradas numa geração ou *cohorte*, as pessoas agem em coletividade, têm comportamentos homogêneos e são independentes das restantes gerações, partilham *habitus*, disposições e cultura (Eyerman & Turner, 1998, p. 93).

Corsten (1999) continua na mesma direção dos autores referidos anteriormente: os indivíduos pertencentes a uma geração partilham signos e linguagens coletivas, são as designadas “semânticas históricas”. Os grupos localizam-se socialmente, sobretudo através das experiências sociais que vão vivendo, e dos discursos que criam, permitindo estabelecer fronteiras com outras *cohortes*. Mais uma vez, a perspetiva do confronto é importante para que se compreendam as fronteiras existentes entre as diferentes gerações, apenas na interação entre elas é possível encontrar-se o seu limite, sendo, por isso, um processo construtivo (Corsten, 1999, pp. 261-2).

Riley (1986) privilegia critérios sociais na explicação das questões etárias e das transformações dos indivíduos, desde a infância até à “terceira idade”. Aliás, o desenvolvimento do indivíduo é, todo ele, uma construção social, delimitada por estágios etários, culturalmente construídos e definidos, nos quais os indivíduos vão assumindo posições sociais distintas, de acordo com as suas capacidades. A autora considera ainda que a mudança social é fundamental para que ocorram as gerações, não as enquadra no sentido extremo de se explicarem isoladamente, mas mais como orientadoras do processo (Riley, 1986).

Para Fortes (1984), o conceito de geração encontra-se intimamente relacionado com os de família, escola e Estado. Propõe uma conceptualização em torno dos sistemas de linhagem e das genealogias familiares. Segundo o autor, as gerações existem dentro do núcleo familiar (pais e filhos) e modelam-se na sua sucessão sendo, por isso, a reprodução uma condição imprescindível para que aconteça a substituição familiar, social e cultural, e, conseqüentemente, para que existam gerações.

Fortes (1984) faz ainda referência aos sistemas educativos, uma vez que também estes se encontram definidos e delimitados por via de escalões etários, logo geracionais. E, por último, considera que a noção de Estado da modernidade modela os grupos etários e, por isso, as gerações. Toda a legislação produzida, a atribuição de direitos e deveres aos diversos estágios cronológicos modelam a definição de cidadania, assim como a de geração e dos seus membros (Fortes, 1984, pp. 101 e 109-115).

Nos últimos anos, os estudos geracionais têm focado o seu interesse, sobretudo, em dois grupos: a infância/juventude e a “terceira idade”, por razões diversas, – que aqui não se conseguirá enumerar na totalidade – as práticas dos primeiros (tecnológicas, de isolamento, escolares...) e a forma de viver dos segundos (também o isolamento, mas, neste caso, forçado; a pobreza; o aumento da sua esperança de vida...), mas fica uma lacuna em relação à geração intermédia, a designada idade adulta. Domingues (2002) apresenta uma explicação para este facto,

[...] são essas exactamente as faixas em que a entrada no mercado de trabalho ainda não se realizou [infância/juventude] ou então que o êxito dele já teve lugar [“terceira idade”]. O cidadão trabalhador colocado no mercado de trabalho e pai de família bem como a dona de casa casada e com filhos – ou seja, adultos jovens ou de meia-idade – não apresentavam problemas que merecessem ser estudados com foco particular. (Domingues, 2002, p. 86).

É também este fosso que se pretende diminuir no presente estudo, compreender a forma como as três gerações se relacionam e interagem entre si e com a utilização dos *media*, e como o fazem isoladamente. Neste sentido, são importantes as teorias de Gadamer (1960, pp. 307-12 *cit. in* Domingues, 2002, p. 78) e Mannheim (1952, p. 121). O primeiro incorpora a noção de “fusão de horizontes” para explicar a relação existente entre os diferentes grupos etários de indivíduos e a compreensão que fazem das experiências sociais, tendo como referência experiências passadas e históricas suas e das outras gerações, “não somente coexistem a partir de estágios biológicos distintos mas também a partir de experiências e identidades diferenciadas” (Domingues, 2002, p. 78), o que Mannheim designa de “não simultaneidade do simultâneo” (1952).

Assim, para a definição de gerações podem ser utilizadas várias dimensões, como já referido, dependendo dos autores, das teorias, da área de estudos dominante: familiar, biológica, social, cultural, legal e normativa, o contraste com outras gerações, as identidades que se formam. Para a investigação interessou, sobretudo, a apropriação do âmbito familiar nuclear (e as suas ramificações descendentes – avós, pais e filhos); das *cohortes*, porque se pretendia abordar a utilização de diferentes *media* por indivíduos nascidos em momentos próximos; e a forma como esses indivíduos experienciam e conseguiam descrever a utilização dos *media* ao longo dos anos.

Já se apresentou a definição do conceito, no entanto, para contextualizar, considera-se que a sua apropriação é realizada utilizando particularidades micro e macrossociais, ou seja, o nível familiar, incluindo a posição de cada uma das pessoas numa linhagem (micro) (Bengtson & Achebaum, 1993 *cit. in* Walker & Fong, 2010, p.

425), e a idade ou os seus anos de nascimento (macro), ou seja, as especificidades microssociais atribuídas às relações familiares são cruzadas com as relações intergeracionais macrosociais (Walker & Fong, 2010, p. 426). O conceito de geração tem sido aplicado com alguma frequência em investigação como forma de caracterizar um grupo específico e a sua familiaridade com os *media* (Bailey & Ngwenyama, 2010; Cardoso, Espanha, *et al.*, 2007; Jones *et al.*, 2010).

O ritmo exponencial da utilização das tecnologias propiciado, sobretudo, pela internet na década de 90 e a apropriação dos *media* de forma transversal e ubíqua permitiram a propagação de vários termos que se generalizaram, uma vez que também se propagaram os *media* e as suas potencialidades. Este fenómeno contemporâneo desafiou a comunidade científica a observar e a refletir no sentido de compreender os processos sociais e comunicacionais em curso, que culminou com a proposta de vários conceitos que, por vezes, surgem associados quer à tecnologia em si, mas também à geração e outras variáveis, como a geográfica.

Mencionando alguns dos conceitos, José Machado Pais (1997) propõe o conceito de *geração yô-yô*, em alusão ao brinquedo popular. Para o autor, a lógica fundamental desta geração é a experimentação em todos os campos da vida. No fundo, este conceito tenta caracterizar os trajetos de vida dos jovens, sobretudo, os mais desfavorecidos (Pais, 1997). Mais tarde, a revista do jornal Expresso, do dia 6 de fevereiro de 1999 (n.º 1371), apelida os jovens de *geração internet*.

Em 2000, Drotner (2000) apelidava os jovens de *geração multimédia*, devido à sua inovação na utilização dos *media* e ao seu uso intenso, não aceitando o conceito de *geração digital*, e propondo o de *geração multimédia*. E, também no início da década, em 2001, Feixa (2001) introduz o conceito de *geração @*, que pretendia expressar tendências no mundo tecnológico, o acesso universal às tecnologias de informação e comunicação; a eliminação das fronteiras entre os sexos; e, as novas formas de exclusão social potenciadas pela globalização cultural (Feixa, 2011, p. 212).

Rheingold (2002) apelida os jovens de *Generation Txt*, pela troca constante de mensagens em formato de texto (Howard. Rheingold, 2002, p. 20) e Manovich (2002) propõe o conceito de *Generation Flash*, que caracteriza os jovens que criam o seu próprio *software*, que serve para criar o seu próprio sistema cultural, considerado, pelo autor, um novo tipo de arte, que rompe com os parâmetros da arte comercial e global (Manovich, 2002). Ainda nesta conceção de produção de conteúdo, Evers (2004) designa os mesmos indivíduos de *Generation C*, pela produção de conteúdo em avalanche,

inserindo novo texto, imagens, áudio, vídeo numa base constante (Evers, 2004), refere o autor que “Instead of asking consumers to watch, to listen, to play, to passively consume, the race is on to get them to create, to produce, and to participate.” (Evers, 2004)⁵⁶.

Buckingham (2006) e Tapscott (2009) falam da *net generation* e Twenge (2006), por sua vez, considera que os jovens americanos fazem parte da *Generation Me*, um conceito apropriado do autor Tom Wolfe, que definia os jovens da década de 70 como procurando uma autossatisfação permanente, o “eu” é mais importante que tudo o resto (Twenge, 2006). Giuseppe Granieri (2006) propõe o conceito de *Geração blogue* para se referir aos indivíduos que têm participação ativa na blogosfera, em oposição aos que não têm acesso a ela (Granieri, 2006).

O conceito de *e-generation* (Cardoso, Espanha, *et al.*, 2007) é ainda outro dos atribuídos à geração das crianças e jovens, ou seja, nascidos nas décadas de 90 e 2000. E no estudo desenvolvido por Radford e Connaway (2007), os autores propuseram a designação de *Urban Screenagers* para se referirem aos jovens, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos (Radford & Connaway, 2007). Simões e Gouveia (2008) utilizam o conceito de *Geração Net*. De acordo com os autores, “Os estudantes que pertencem à *Geração Net* têm sido expostos às tecnologias digitais em praticamente todas as facetas das suas vidas, o que influenciou a forma como estabelecem relações interpessoais” (Simões & Gouveia, 2008, p. 4).

Moura (2009) desenvolve uma investigação que designa de projeto *Geração Móvel*⁵⁷, tendo como referência o conceito *geração polegar* já anteriormente utilizado por Howard Rheingold (Moura, 2009, p. 59) “Cada vez mais esta geração polegar envia conteúdos e informações utilizando SMS, MMS e Bluetooth de forma instantânea. Com o Gameboy, a PSP e o telemóvel, a geração, até aos 25 anos, passou a usar mais o polegar em vez do indicador, motivando novos comportamentos, como passar a apertar as campainhas com o polegar” (Moura, 2009, p. 59). A autora utiliza ainda os conceitos de *geração hippie* e *geração bit* para designar os pais e os filhos, respetivamente, diferenciando-os em termos de práticas e de utilização dos novos *media*. “Se os miúdos da geração anterior brincavam na rua, os da geração actual gostam de brincar em casa em frente a um computador e falam uns com os outros através de MSN e SMS.” (Moura, 2009, p. 60).

⁵⁶ http://www.trendwatching.com/trends/generation_c.htm, consultado a 03 de fevereiro de 2013.

⁵⁷ <http://geramovel.wirenode.mobi/>, consultado a 03 de fevereiro de 2013.

À semelhança de Drotner (2000), Cardoso (2009b) considera que a geração dos indivíduos que nasceram nos anos 80 e posteriormente são a *geração multimédia e informacional*, tendo em consideração a sua relação com uma multiplicidade de ecrãs – televisão, computador, telemóvel, *iPod* ou consola portátil – e a sua articulação no seu modo de vida. Para além disso, a multitarefa é uma característica desta geração (Cardoso, 2009b, pp. 178-179).

Henry Jenkins fala da *Geração Transmedia*⁵⁸, afastando-se dos conceitos de *Geração Digital*, *Generation.com*, ou até *Nativos Digitais*. Para o autor estamos perante uma geração que relaciona informação de vários canais de comunicação, a palavra transmedia significa, por isso, através de vários meios. Uma geração com maior controlo sobre os meios de informação, que cria *blogs*, que partilha conteúdos nas redes sociais e que, ainda assim, vai continuar a precisar dos meios de comunicação tradicionais. Uma geração mais participativa, que comunica em rede e que se mobiliza politicamente⁵⁹. Mais próxima deste estudo é a designação de Rivoltella, que diz que “[...] si parla di una “screen generation” contraddistinta dal facto di relazionarsi con una molteplicità di schermi e segnata dalla presenza importante del telefono cellulare.” (Rivoltella, 2010a, p. 6), ou seja, a forma como os jovens vivem em contacto com ecrãs, nomeadamente, através da presença importante do telemóvel, faz deles uma *geração de ecrã*.

Teixeira-Botelho (2011) considera que os nascidos entre a década de 90 e 2000 são a *Geração Extreme*, devido ao uso extremo do telemóvel, proporcionado pelas tarifas disponíveis (*Tag*, *Extravaganza*, *Extreme* e *Moche*), que lhes permitem enviar mensagens, falar e navegar na internet com uma mensalidade bastante acessível (Teixeira-Botelho, 2011). Ponte (2011) questiona a existência de uma *geração digital* que, em confronto com os *baby boomers*, poderá ser mais vivaça e estar mais entrosada nas mudanças tecnológicas, enquanto a segunda seria a designada *geração da televisão* (Ponte, 2011, p. 34). A autora conclui, no entanto, que, dos resultados obtidos não é possível sugerir a existência de uma geração digital.

E, se para Prensky, deixou de fazer sentido existir uma distinção entre nativos e imigrantes digitais (Prensky, 2001a, 2001b), para se falar de sabedoria digital (*digital wisdom*), através da qual se utiliza a tecnologia de forma sensata, apropriando-se de conhecimentos adequados para que essa utilização seja o mais proveitosa possível (Prensky, 2009), para White e Cornu (2011) o estabelecimento de duas categorias/gerações de utilizadores (*visitors* e *residents*) continua a ser adequado, na

⁵⁸ http://henryjenkins.org/2010/03/transmedia_generation.html, consultado a 31 de janeiro de 2013.

medida em que há diferenças na forma como cada um vê e assimila a internet, os visitantes consideram-na como um barracão onde guardam as ferramentas para tratar do jardim, quando precisam de fazer alguma ação, vão ao barracão e procuram a melhor ferramenta para o efeito, enquanto os residentes a percebem como um prédio ou parque onde podem facilmente encontrar os seus amigos ou colegas de trabalho (White & Cornu, 2011). É a visão utilitarista oposta à visão social da utilização da internet e, consequentemente, dos *media*.

Lipovetsky (2011) defende, no seu livro *Os Tempos Hipermodernos*, a existência de uma *Geração sem Idade*, onde tudo é efêmero (a moda, a beleza, a juventude), e nesta categoria de efemeridade pode incluir-se também a tecnologia, tudo muda, assume novos contornos, deixa de estar vincado a uma idade pré-determinada. Mas há ainda designações como Generation Y (Dagnaud, 2011; Rollet, 2012), assim nomeada por ser considerada como a geração dos avanços tecnológicos e da internet.

Também utilizada para designar uma conferência, surge o conceito de *Connected Generation*⁵⁹. A conferência decorreu em Bruxelas, organizada pelo *European Institute for Industrial Leadership*, em 2012, e tinha como objetivo explorar os impactos laborais que as gerações atuais e futuras irão vivenciar, tendo em consideração a utilização dos novos *media*.

Finalmente, Deuze (2012) menciona a *Martini generation*, fazendo referência a um anúncio publicitário da televisão dos anos 70 da bebida Martini, cujo slogan era “capture a moment – that Martini moment – anytime, anyplace, anywhere [...]” (Deuze, 2012, p. 79) e que o autor considerava que se aplicava à geração mais jovem.

Investigações no domínio das gerações e da sua relação com os *media*, têm sido desenvolvidas internacionalmente, de forma bastante diversificada, ou dando ênfase a faixas etárias mais velhas, como os seniores, ou mais novas, como as crianças e jovens (Carroll, Howard, Vetere, Peck, & Murphy, 2001), sendo atribuídas a estes várias designações: *net generations* (Jones *et al.*, 2010), *digital generations* (Michael & Zhou, 2011), *urban screenagers*, *digital natives*, *e-generation* (Cardoso, Espanha, *et al.*, 2007), entre outros, o que transmite a ideia de grande à vontade na utilização dos novos *media*, e isso ocorre quer nos estejamos a referir a indivíduos residentes no meio rural ou urbano. Para além disso, vários estudos debruçam o seu interesse sobre o fosso digital

⁵⁹ <http://vimeo.com/43114722>, consultado a 31 de janeiro de 2013.

⁶⁰ <http://lccg2012.weebly.com/>, consultado a 31 de janeiro de 2013.

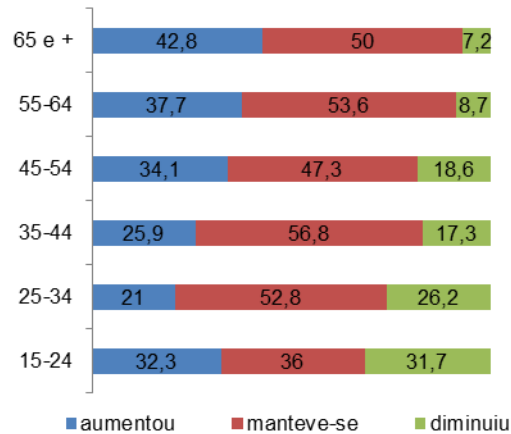
existente entre os jovens e os restantes membros da família (Gentile & Walsh, 2002; Pereira & Silva, 2009; Tee, Brush, & Inkpen, 2009).

Para Pinto (2005), Lipovetsky (2010), Rivoltella (2010b) e Frau-Meigs (2011) vivemos numa sociedade de ecrã(s), somos indivíduos de ecrã(s). Outros autores (Ponte, 2011; Rivoltella, 2010a; Simões & Gouveia, 2008) defendem ainda que a utilização massiva dos diferentes *media* é característica de determinada geração, no entanto, na presente investigação assumiu-se que o contacto com os *media* (televisão, computador e telemóvel) é realizado, com maior ou menor frequência, em todas elas (das três gerações que se analisaram), decorrendo daí a utilização do termo **gerações** e não geração. Esse uso também não ocorre apenas quando os indivíduos se encontram em determinado contexto, por exemplo, o computador no trabalho, ou a televisão no espaço familiar, apresenta-se antes transversal a todos os contextos, como nos indicam Agger (2011) no seu estudo sobre o uso do *smartphone* e a forma como se transporta o trabalho para todo o lado através do dispositivo móvel; Thompson (1998) relativamente às interações sociais que estabelecemos em contexto informal, de lazer; e Frau-Meigs (2011) no que diz respeito ao papel dos diferentes *media* no espaço familiar.

Não se considera que a utilização de diferentes conceitos (*geração móvel*, *hippie*, *bit...*) para designar diferentes gerações seja apropriada, na medida em que a posição da investigação é a de uniformizar as atividades dos indivíduos pertencentes às gerações tendo como ponto de convergência o ecrã. A forma como se utilizam os *media*, tendo como intermediário ecrã(s), obriga a que este(s) assumam um carácter epidérmico, construindo-se com ele(s) uma relação de intimidade, de sedução e de segunda pele, ainda que a utilização se configure de forma dissemelhante entre as diferentes gerações e os *media* em questão (computador, telemóvel e televisão).

Como se verifica no **Gráfico 12**, retirado de um relatório elaborado pelo Observatório da Comunicação (OberCom) (Cardoso, Vieira, & Mendonça, 2011), a evolução do consumo da televisão tem sido diferente nas diferentes idades, nas gerações mais novas consegue perceber-se que esse consumo sofreu uma diminuição acentuada, no entanto, nunca chega a ser inexistente.

Gráfico 12. Evolução do Consumo de TV em relação à 5 anos atrás, por categoria etária (%)



Fonte: Cardoso *et al.* (2011, p. 40)

Já em relação ao uso do computador, pode ver-se no **Gráfico 13** que a percentagem de utilizadores tem crescido ao longo dos anos, sobretudo, a partir de 2006.

Gráfico 13. Utilizam/Não utilizam computador (%)



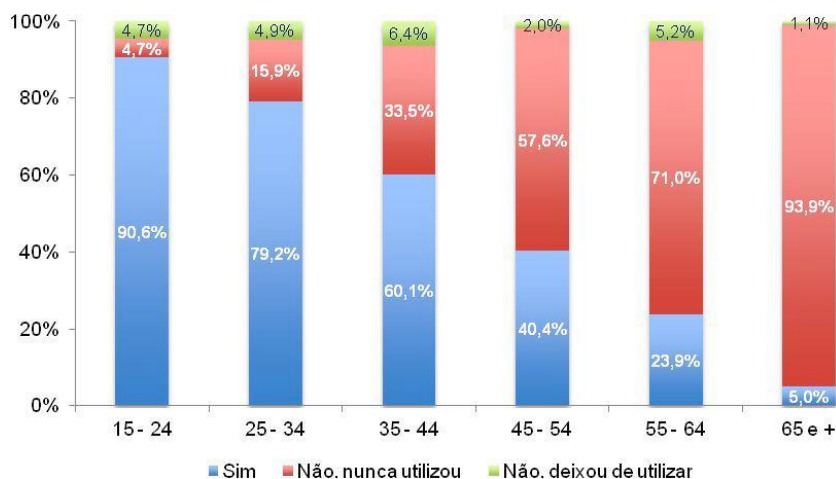
Fonte:

http://tek.sapo.pt/noticias/computadores/utilizacao_de_computador_em_portugal_cresceu_1314488.html, consultado a 05 de maio de 2013

Para além da utilização ordinária do computador (com objetivos de realizar operações de cálculo ou preparar documentos, por exemplo) a maior parcela de

utilizadores fazem-no com o objetivo de aceder à internet e, de acordo com o **Gráfico 14**, a utilização da internet realiza-se no sentido inverso da televisão tendo em consideração a idade.

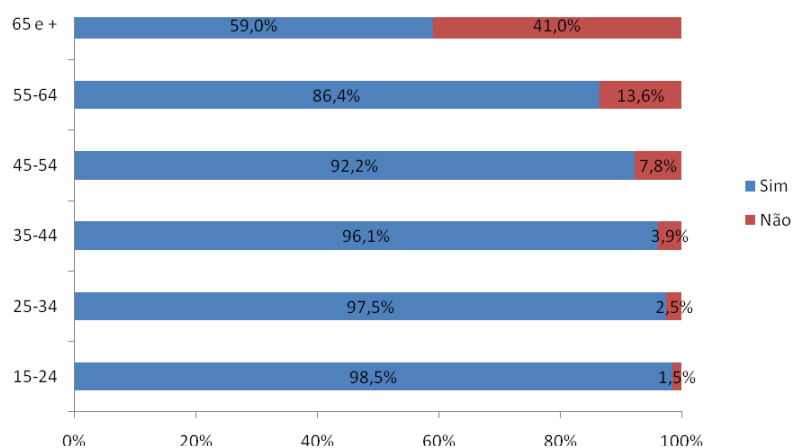
Gráfico 14. Utilizadores de Internet, por idade (%)



Fonte: Cardoso e Espanha (2012, p. 10)

Relativamente ao telemóvel, um estudo do OberCom demonstra que é neste segmento que a taxa de utilização é mais homogénea, sendo os indivíduos com mais de 64 anos os que menos possuem telemóvel, mas, ainda assim, situando-se nos 59%.

Gráfico 15. Tem telemóvel? --- por escalão etário (%)



Fonte: Cardoso, Espanha, *et al.* (2012, p. 14)

Apesar da diversidade de estudos explorados, foram encontradas algumas lacunas na revisão de investigações realizadas, nomeadamente, a falta de estudos que

privilegiassem as gerações intermédias, ou seja, os considerados neste estudo como os pais ou adultos. Esse facto fez motivar ainda mais a realização da investigação *Gerações de ecrã em meio rural*, como forma de colmatar essas falhas e de contribuir com um estudo inovador.

Qual a especificidade do conceito de gerações? O plural atribuído é intencional, uma vez que se pretende analisar não cada geração isoladamente, mas, sobretudo, as interações entre si. Defende-se que a construção social de uma *cohorte* ou geração apenas se realiza porque é posta em interação com outra, e, por isso, em confronto. Aliás, refere Eisenstadt (1976 [1956])

Embora a interação com companheiros da mesma idade (seus iguais) seja obviamente importante (principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento de cooperação espontânea e de orientações no sentido de normas de interação mais amplamente universais), a análise [...] sugere que grupos etariamente heterogêneos – nos quais a complementaridade dos graus etários é permanentemente articulada e enfatizada – são mais importantes que os grupos etários homogêneos, que podem ter apenas um carácter transitório ou subsidiário. (Eisenstadt, 1976 [1956], p. 14).

Para se definir o conceito de gerações (não em oposição ao de geração, mas mais como um complemento, uma vez que não se nega este, mas antes se considera ser um pouco mais do que ele) não é possível o afastamento do conceito no singular, aliás, foi precisamente daí que se partiu para se concluir que a sua utilização no plural fazia mais sentido no contexto em estudo, as gerações de 1950, 1970 e 1990 e a sua evidente e necessária interação.

Todas as gerações, e não apenas aquelas que aqui se encontram em estudo, têm alguma relação umas com as outras, ou porque se cruzaram em determinado período da vida, ou porque as relações familiares e de parentesco estavam presentes. Como refere Scott (2010),

Gerações são compostas de pessoas entrelaçadas hierarquicamente por redes de parentesco e família, por pessoas ligadas por pertencerem a categorias etárias [crianças, jovens, adultos e idosos] e por pessoas cuja referência temporal é algum evento ou ambiente histórico que unifica muitas pessoas geralmente em referência a algum evento exterior à idade e ao parentesco. (Scott, 2010, p. 277).

Assim, entre o que é a definição de geração – "an identifiable group that shares birth years, age location, and significant life events at critical developmental stages" (Smola & Sutton, 2002, p. 364) – e o que é a definição de intergeracionalidade – "encounters of and exchanges between people from different generations" (Bailey &

Ngwenyamab, 2010, p. 62) – encontra-se o conceito de gerações, nas quais se pretendem estudar as categorias relacionais dos avós, dos seus filhos (e também pais) e dos seus netos (e filhos dos segundos).

Logo, se num grau microsocial, a nível familiar o termo geração refere-se à posição de uma pessoa, envolvendo a linhagem; a nível social, a geração define uma pessoa de acordo com a sua idade ou ano de nascimento. No entanto, estes dois níveis não estão separados, mas sim entrelaçados, com relações intergeracionais macrosociais (Bengston *et al.*, 1993 *cit. in* Walker & Fong, 2010, pp. 425-426). A este nível macrosocial é ainda importante realçar os acontecimentos sociopolíticos e culturais que formam o conceito/ambiência de desenvolvimento de uma dada geração. Tais acontecimentos são marcantes para a construção da identidade dessa mesma geração. Os *media* surgem, nesse contexto, como elementos/ingredientes socioculturais e até políticos, constituintes da ambiência de cada grupo etário.

Tendo em consideração a utilização dos *media*, a constante interação demonstrada pelos participantes no estudo através dos instrumentos de recolha de dados, e as gerações em estudo, conclui-se que não é possível reduzir o conceito ao seu estado singular, como faz Rivoltella (2010a), com o seu *screen generation*, mas sim plural, porque todos utilizam a televisão, o telemóvel e o computador, apesar dos contextos e dos períodos de utilização, da companhia com a qual o fazem (ou não), das motivações envolvidas e das tarefas para os quais os utilizam poderem (e serem mesmo) diferentes em variados aspetos.

A definição de geração não foi realizada, ao longo dos anos, de forma pacífica. Aliás, são diversas as variáveis que poderão contribuir para a explicação do conceito, variáveis que alteram se nos referimos a uma explicação de cariz mais antropológico, biológico, sociológico ou até cultural. Para o presente estudo, só fará sentido definir geração no âmbito da família, indivíduos pertencentes a determinada idade, em oposição a outros membros da família, que pertencem a outro grupo etário, ou seja, avós, pais (filhos) e netos (filhos). Nesta perceção, compreende-se que se encontram relacionados os fatores biológico, biográfico, social e de reprodução histórica, como definido no *Dicionário de Sociologia de Cambridge* (The Cambridge Dictionary of Sociology, 2006, p. 235).

SÍNTESE

Neste capítulo foi objetivo abordar o conceito de gerações de diferentes perspectivas, não apenas teóricas, mas também culturais, históricas e, sobretudo, da interação dos indivíduos, enquanto pertencentes a determinada geração, com os novos *media*. Como refere François de Singly (2011) “A ordem das gerações torna-se um marcador da ordem das coisas, e oferece um quadro temporal mais amplo do que o da existência individual.” (Singly, 2011, p. 85).

Karl Mannheim (1990 [1952]) com a distinção entre unidade de geração, *status* de geração e geração como realidade; Margaret Mead (1970) diferenciando as culturas pós-figurativas das co-figurativas e das pré-figurativas; e, Shmuel Eisenstadt (1976 [1956]) definindo as gerações como “graus etários”, sobretudo emergentes dos conflitos geracionais; foram os três contributos mais importantes para a definição do conceito geração, a partir do qual se evidenciou a pertinência do seu uso no plural (gerações).

Muito importante para o estudo das gerações são as relações familiares e, consequentemente, o conceito de família. Esta deve contribuir para a reprodução da ordem entre as gerações (Singly, 2011, p. 96). Aliás, analisadas as diferentes gerações conclui-se que elas são o prolongamento umas das outras, através da contribuição com novos caracteres, novas individualidades, não podendo confundir-se com uma série contínua, mas antes com “uma árvore cujos ramos vão em sentidos divergentes.” (Durkheim, 2001 [1895], p. 54).

E, relacionado com as relações familiares, surgem os conceitos de inter e multigeracionalidade, que assumem uma pertinência crescente quando o objetivo é perceber as relações que se estabelecem na utilização dos novos *media*, sejam elas de cooperação ou de conflito. De qualquer das formas, estas relações pautam as interações que ocorrem dentro da família, entre avós e netos e entre filhos e pais.

Este capítulo pretendeu contribuir para a compreensão de um conceito que tem sido amplamente analisado desde o início do século XX (Eisenstadt, 1976 [1956]; Mannheim, 1990 [1952]) e em várias comunidades (Mead, 1970), e que é um pilar da investigação que se desenvolveu.

CAPÍTULO IV.

CONTEXTOS DE UTILIZAÇÃO DOS NOVOS *MEDIA*

Destaques

- A utilização de meios tecnológicos pelos indivíduos é realizada nos vários contextos – familiar, laboral/escolar e de lazer. Aliás, esta utilização é feita de forma intercontextual.
 - A criação de programas governamentais que permitissem a distribuição de computadores e internet pelos alunos e professores incentivou os usos nos demais contextos.
 - O carácter de portabilidade dos dispositivos tecnológicos originou a abolição de fronteiras entre tempos e espaços, o que criou nos indivíduos uma necessidade de os redefinir, tornando-os mais permeáveis à entrada de outros tempos e espaços.
 - Os terceiros lugares em Portugal, pela possibilidade de, com as redes sociais *online*, os indivíduos conviverem com amigos, colegas e familiares virtualmente, têm sofrido uma redefinição, uma necessidade de adaptação ao processo tecnológico, sendo instalada rede Wi-fi aberta aos clientes e disponibilizando computadores para uso no local onde se encontram.
 - As relações sociais assumem um carácter duplo, são importantes as presenciais, mas as facilidades oferecidas pelos novos *media* não fazem descurar a possibilidade de agora os indivíduos estarem em permanente contacto.
-

4.1. OS NOVOS *MEDIA* NO QUOTIDIANO RURAL – TELEVISÃO, COMPUTADOR E TELEMÓVEL...

O desenvolvimento do estudo em meio rural traduz-se numa forma diferente de abordar a temática da utilização dos novos *media*. Já referida no **Capítulo II**, a questão da divisão digital entre meio rural e urbano é pertinente também para se compreender como decorrem as práticas quotidianas com o recurso aos novos *media*. Será o meio rural desfavorecido em termos de acesso a tecnologias? Será a sua utilização nos diversos contextos diminuta? E, em caso afirmativo, de que forma tal facto influencia a gestão do quotidiano dos indivíduos? Estas foram algumas das questões que se pretenderam investigar e às quais já alguns grupos de investigação tinham endereçado a sua atenção⁶¹, no entanto, em Portugal, faltam estudos que evidenciem a sua importância.

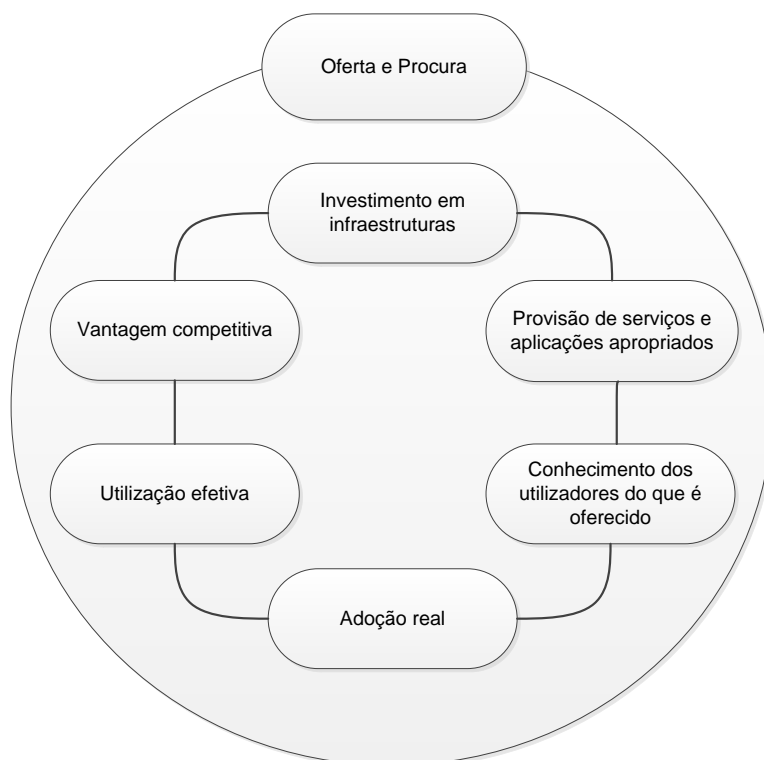
A expansão e disseminação das tecnologias são, por vezes, estudadas com otimismo, outras vezes avaliando as ruturas e discriminação de que são promotoras, considerando, por exemplo, áreas geográficas, grupos sociais e etários diferenciados. Uma das causas para aquela expansão e disseminação é a globalização que se caracteriza por ser, por vezes, fragmentada, das quais sobressaem identidades de resistência, na qual a interculturalidade é vista como o resultado mais esperado (de Lucas, 2003, p. 15). A globalização contribuiu, entre outras coisas, para o aumento da mobilidade humana, que, por sua vez, diminui os espaços transnacionais, transforma as identidades e altera as condições sociais, culturais e políticas da vida individual e coletiva (Salazar, 2008, p. 153).

Estas alterações ocorrem, frequentemente, e numa vertente económica, do lado da oferta e da procura, sendo o primeiro o que providencia as infraestruturas necessárias ao desenvolvimento de regiões, negócios e aos próprios cidadãos; e a procura é o que poderá originar esse desenvolvimento e o interesse dos investidores em locais específicos. As zonas rurais, e considerando o processo de globalização, foram sendo marginalizadas, inclusivamente no que diz respeito à melhoria das infraestruturas necessárias à utilização dos novos *media*, quer porque o lado da oferta não estava

⁶¹ School of Geography, University of Exeter; Department of Communication, North Dakota State University; Telecommunications and Information Policy Institute, University of Texas at Austin; Department of Agricultural and Applied Economics, Virginia Tech.

interessado, quer porque a procura foi diminuindo, sobretudo devido à desertificação dessas áreas (Grimes, 2000, p. 16). Mas, dentro deste círculo mais abrangente, existe outro que explica o que é necessário para que a utilização efetiva de tecnologias aconteça, que se encontra descrito na **Figura 15**:

Figura 15. Círculos da utilização da tecnologia



Fonte: Adaptado de Grimes (2000) e Cornford, Gillespie e Richardson (1996, p. 24)

Um círculo ainda maior, que envolveria este da oferta e da procura, seria o do processo de globalização, uma vez que este influencia o que acontece de ambos os lados (oferta e procura) e, conseqüentemente, influencia o que acontece ao nível micro, cujos exemplos se encontram descritos na figura anterior (adoção real, utilização efetiva, entre outros).

Fazendo, agora, referência à utilização efetiva dos novos *media*, é importante definir o que se entende por este processo ou, por outras palavras, o que se entende por apropriação da tecnologia. Segundo Carroll e outros (2002), é a utilização que indivíduos fazem dos seus recursos cognitivos e físicos nas práticas diárias envolvendo os novos *media*. Esta apropriação inicia-se com uma experimentação, que depois vai moldando a vida dos indivíduos, bem como as suas necessidades para, posteriormente, tomar conta

da sua vida (Carroll *et al.*, 2002, p. 2). Desta forma, conclui-se que os *media* assumem um papel importante no quotidiano dos indivíduos, e nas gerações mais novas, têm essa importância desde que as pessoas nascem, fazendo parte dos grupos de referência, em oposição aos grupos de pertença (família, amigos, escola...). Como refere Cardoso (2009b), “os *media*, dadas as suas características e a sua poderosa rede de influência, constituem agentes socializadores de referência capazes de contrastar, complementar, potenciar ou anular a influência dos agentes socializadores de pertença como a família.” (Cardoso, 2009b, p. 11). A questão da socialização remete para a da construção da identidade, uma vez que é, sobretudo, na socialização primária, que se adquirem as primeiras impressões do mundo (normas, valores, princípios, aprendizagens, etc.). Também os *media* são, cada vez mais, responsáveis por essa transmissão de valores, normas, padrões de comportamento (Martins & Estaún, 2009, p. 75).

Como referido no início deste capítulo, é objetivo refletir sobre o acesso, a utilização, o nível de conhecimento, a motivação, entre muitos outros fatores relativamente à população residente no meio rural, e já alguns estudos o fizeram. Apresentam-se resultados de investigações realizadas a nível nacional e internacional, que colocam em evidência o meio rural, e outras que incidem sobre as diferenças geracionais de apropriação tecnológica, na medida em que são estes os dois grandes grupos em estudo (residentes no meio rural e gerações).

Iniciando a análise com alguns resultados estatísticos, o relatório do INE (2012a), informa da percentagem de acesso a computador nos agregados domésticos. Nesse relatório (*Anuário Estatístico de Portugal 2011*), as regiões com maior número de freguesias rurais, são as que apresentam percentagens mais baixas: Norte com 62,8% e Alentejo com 53,6%, uma diferença de quase 10% da primeira e 20% da segunda em relação a Lisboa (71,4%). Valores para a ligação à internet revelam a mesma diferença, 55,1% no Norte, 48,8% no Alentejo e 68% em Lisboa, a percentagem mais elevada do País (INE, 2012a, p. 619). E, em relação à ocupação do tempo, surgem como indicadores atuais, a utilização de redes sociais, que, ao contrário da detenção da tecnologia, é feita durante mais tempo na região Interior Norte do País, cerca de 102 minutos por dia (em contraste com os 86 minutos diários na Grande Lisboa ou com os 94 minutos no Grande Porto). Relativamente às diferenças entre as faixas etárias, verifica-se que os indivíduos entre os 15 e os 24 anos de idade são os utilizadores mais frequentes de redes sociais (116 minutos diários), seguidos dos situados entre os 45 e os 64 anos (86 minutos).

Neste sentido, será importante refletir sobre a forma como as diferentes gerações (nascidas nos anos 50, anos 70 e anos 90), residentes em meio rural português, utilizam os novos *media*, de maneira a perceber-se a forma como é realizada a sua apropriação geracional e rural, se o meio rural é uma zona desfavorecida em termos tecnológicos, como vários estudos o afirmam (cf. E-GOVERNMENT Developments, 2009; Fidalgo, 1999; Figueiredo, 2003; Thomas & Parayil, 2008; Whitacre, 2010) e se há uma relação intergeracional no que toca à utilização e aprendizagem para os novos *media*.

A relação entre o meio rural e a utilização de novos *media* tem assumido uma importância crescente ao longo dos anos, sobretudo, após o Plano Tecnológico de 2005 do Governo Português, que iniciou a distribuição de computadores pelos alunos do 1º ciclo, distribuição que contribuiu para favorecer o seu crescente uso pelos alunos residentes no meio rural. Quem muito se tem debruçado sobre este assunto é António Osório (2005), que observou o uso regular do computador por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico no meio rural do Gerês (Norte de Portugal), decorrente do programa *Internet na Escola*, sobretudo, a forma como a utilização dos novos *media* se imiscui nas características rurais. Dos resultados apresentados, sobressaem as vantagens de utilização dos *media* por parte das crianças, e a forma como contribuíram para melhorar a sua aprendizagem, através de programas de edição de texto, do envio de mensagens, das conversas com outros colegas em salas de *chat*, da pesquisa em páginas de internet, etc.

Através das conclusões do estudo, foi possível apresentar algumas propostas: o importante não é caracterizar determinada população como infoexcluída, mas sim proporcionar-lhe formas de aceder à sua própria inclusão, fornecendo computadores e acesso à internet, por exemplo. Mais se aplica este princípio se se fizer com crianças em idade escolar, se lhes forem facultados meios de utilização e aprendizagem. Por meios, Osório (2005) refere-se também aos espaços das escolas que estão a ser encerradas por falta de população, se não é possível utilizá-los mais como espaço escola, então que seja um espaço de acesso às novas tecnologias para crianças, jovens, adultos e idosos (Osório, 2005, p. 8).

Um estudo de grande dimensão em termos de abordagem da relação entre o rural e as novas tecnologias foi o *Projecto Ruraltech – Rede Europeia para a Promoção das Novas Tecnologias em Territórios Rurais*. Teve como parceiros, investigadores da Cantábria, da Galiza e de La Rioja (Espanha), da Aquitânia (França), de Gales (Reino Unido), de Castelo Branco (Portugal) e de Mid West (Irlanda). Em Portugal, o estudo foi

desenvolvido pelo Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional do Instituto Politécnico de Castelo Branco (CEDER/IPCB), em freguesias rurais dos concelhos de Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Rodão, sendo a sua amostra constituída por 342 indivíduos, residentes em freguesias com menos de 2.500 habitantes. O fator promotor do estudo foi a designada “fratura digital”, do meio rural em relação ao urbano, no que à igualdade de oportunidades de acesso aos *media* diz respeito. Para esta desigualdade contribui o “isolamento geográfico, a escassez demográfica, a limitação de implantação de empresas, a falta de investimento público na área das tecnologias” (Castela & Garcia, 2005, p. 28), características existentes em todas as regiões onde foi aplicado o projeto e que serviram de motor para a definição dos seus objetivos, que vão desde a aferição da utilização das TIC nas zonas rurais até à sua promoção e implementação.

No âmbito do projeto *Ruraltech*, entre 2004 e 2005, foram entrevistados indivíduos, por telefone, com 15 ou mais anos de idade e aplicados questionários estruturados. Dos resultados obtidos salienta-se a percentagem de indivíduos que não possuem computador (79,9% em 2004 e 75,1% em 2005), estando as razões para a sua não utilização e/ou posse situadas entre a falta de utilidade que consideram ter (60,9% e 44%, 2004 e 2005, respetivamente), a inexistência de conhecimentos para a sua utilização (28,8% e 47,8%, 2004 e 2005) e o custo elevado (5,5% e 6,3% nos mesmos anos). Para além disso, verificou-se que à medida que a idade aumenta o interesse pela utilização do computador diminui, da mesma forma que os homens fazem uma utilização mais frequente que as mulheres.

Numa vertente semelhante, mas sem o desenvolvimento de estudo empírico, Whitacre e Mills (2002) apresentam as principais informações retiradas do Inquérito à População Actual (*The Current Population Survey* (CPS)), aplicado, mensalmente, às famílias dos Estados Unidos, neste caso, a 39.881 famílias. Responsável pela sua aplicação é o Gabinete de Censos de Estatísticas do Trabalho. Através dos dados obtidos, os autores tentaram explicar o fosso digital entre urbano e rural (Whitacre & Mills, 2002). Assim, 45% das famílias urbanas tem acesso à internet em casa, valor que reduz para 32% quando aplicado a famílias rurais. A par da disseminação dos *media*, os investigadores cruzaram informação sobre o ordenado do “chefe de família” e a sua situação face ao emprego e concluíram que, no meio rural é mais frequente encontrar o “chefe de família” desempregado e com o ordenado mais baixo, quando comparado com o residente em área urbana.

Um estudo de 2010 confirma a informação retirada do CPS, o fosso digital entre os meios rural e urbano permanece, a percentagem de residências com acesso a internet de banda larga nas regiões urbanas era de 65,9%, enquanto nas rurais era de 51%. Ainda que os valores tenham aumentado desde 2002, algo que seria expectável considerando a disseminação da internet, continua a existir uma diferença de aproximadamente 10% entre o acesso que se tem nas zonas norte americanas urbanas e rurais (U.S. Department of Commerce, 2010, p. 8).

Outro estudo com um carácter comparativo desenvolvido em Portugal, entre 2009 e 2011, foi o projeto *Digital Inclusion and Participation: Comparing the trajectories of digital media use by majority and disadvantaged groups in Portugal and the USA*, e tem também como objetivo geral compreender “as diferenças entre gerações e entre grupos sociais maioritários e minoritários no que toca ao uso dos meios digitais.”⁶² A investigação foi desenvolvida através da aplicação de entrevistas a famílias residentes em Portugal e no Estado do Texas, onde também se realizaram observações em espaços públicos de acesso à internet, como bibliotecas, e se aplicaram inquéritos. Dos resultados extraídos, pode verificar-se que a maior parte dos indivíduos com idades acima dos 55 anos apresenta uma tendência para aprender sozinho a trabalhar com as tecnologias (cerca de 23%, de 756 indivíduos), para além disso, ainda neste grupo etário, dos equipamentos existentes no agregado familiar contam-se a televisão (perto de 100%), o telemóvel (91%) e o telefone fixo (71%) ocupando os três primeiros lugares, estando o computador de secretária (49%) e portátil (42%) em quinto e sexto lugares, respetivamente. O estudo apresenta ainda resultados relativamente às diferenças de sexo, à participação política dos entrevistados, aos indivíduos com baixa escolaridade, de diferentes etnias e de diferentes faixas etárias.

Exemplos de investigações realizadas com o objetivo de entender a utilização dos diferentes *media* nas diversas atividades do quotidiano (as práticas de lazer, familiares e de trabalho ou escola) são os projetos *Mediappro* (“*media appropriation*”) e *EU Kids Online*, investigações europeias realizadas em torno da utilização e apropriação dos *media* nas gerações específicas das crianças e jovens.

O projeto *Mediappro* foi realizado entre os anos 2005 e 2006, em nove países da Europa – Bélgica, Dinamarca, Estónia, França, Grécia, Itália, Polónia, Portugal e Reino Unido – e comparado com outro estudo realizado no Quebec, Canadá. A população-alvo foram jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, numa tentativa

⁶² http://digital_inclusion.up.pt/, consultado a 11 de março de 2013.

de compreender a apropriação dos *media* digitais, incluindo as várias redes de internet e dispositivos móveis. Participaram no estudo cerca de 9.000 pessoas (7.400 na Europa e 1.350 no Quebec), as quais foram identificadas através das escolas que frequentavam, à semelhança do que se fez no presente trabalho. Em relação às opções metodológicas, foi decidido implementar um questionário e, a partir dos resultados obtidos, aplicar entrevistas individuais a 240 participantes.

Os resultados deste estudo permitiram separar as conclusões finais em cinco tópicos principais: a lacuna entre a utilização dos *media* na escola e em casa; a identidade criada nas redes e as relações estabelecidas; as formas de regulação e risco na utilização dos *media*; os aspetos principais de consumo e o processo de aprendizagem (De Smedt & Geeroms, 2006, p. 9).

Em Portugal, a maior parte dos jovens inquiridos afirma ter computador em casa com ligação à internet e telemóvel e, uma pequena parte, diz possuir igualmente banda larga, no entanto, a utilização que preferem é feita em casa, sobretudo para pesquisa de trabalhos para a escola e conversar com amigos através do *Messenger* (*software* da empresa *Microsoft* que permite a conversação *online*). Este facto conflui com as várias atividades do quotidiano que, no passado, eram definidas por fronteiras bem visíveis e que hoje são cada vez mais ténues; neste caso específico, a escola/trabalho e as práticas de lazer (De Smedt & Geeroms, 2006, p. 35).

Relativamente ao tipo de interações preferidas, todos os inquiridos disseram preferir as conversas face a face, o virtual é importante para não perder o contacto com os amigos e poder comunicar a qualquer momento, mas não é mais importante do que o presencial (De Smedt & Geeroms, 2006, p. 35), estando aqui evidenciado o carácter híbrido das relações sociais defendido por Thompson (1998, p. 80).

Para a maior parte dos inquiridos, a utilização da internet iniciou-se entre os 9-10 anos, aprendendo com os pais, irmãos mais velhos ou outro membro da família e alguns até sozinhos. Ao contrário do telemóvel que todos dizem ter aprendido sozinhos.

De um modo geral, a grande recomendação que o estudo faz sobre a utilização dos *media*, em Portugal, prende-se com o desenvolvimento da literacia para os *media*, ou seja, acompanhar a distribuição e o acesso a esses meios com ensino e aprendizagem contínuos.

O estudo *As crianças e a internet: usos e representações, a família e a escola*, coordenado por Ana Nunes de Almeida (2011) entre 2008 e 2012, ainda que com uma

dimensão mais reduzida, confirma alguns dos dados referidos anteriormente. Para a investigação foram inquiridas 150 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos, residentes nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e no distrito de Viseu. Foram ainda entrevistadas algumas crianças, os seus pais, bem como professores das escolas que frequentavam. A existência de novos *media* no espaço doméstico é evidenciado neste estudo, com uma variedade igualmente visível. Cerca de 53% das crianças afirmou ter leitor de *mp3*; 47% referiu ter consola de jogos; adultos e crianças (92,4%) referiram ter telemóvel; 71% das crianças disse ter televisão no próprio quarto e 91% indicou ainda ter televisão por cabo ou satélite em casa. Em relação aos computadores, mais de metade das crianças afirmou ter três ou mais computadores em casa; e tem internet 98,1% dos inquiridos (Almeida, Delicado, Alves, & Carvalho, 2011, pp. 14-16).

O projeto *EU Kids Online*⁶³ está a ser desenvolvido entre 2006 e 2014, envolve 21 países europeus, e atravessa várias fases: “a identificação e avaliação de informação sobre a utilização da internet e outras tecnologias *online* por crianças/famílias”; a compreensão dos contextos de investigação nacionais e internacionais”; “a comparação de resultados encontrados por todos os países europeus” e “o desenvolvimento de recomendações para acções de sensibilização, literacia para os *media* e outras acções no sentido de promover uma utilização mais segura da Internet” (Livingstone & Haddon, 2009a, p. 3), com o objetivo de compreender os usos da internet e das novas tecnologias *online* realizados por crianças e jovens. Neste momento, está na terceira e última fase (2011-2014).

Foram entrevistadas 25.142 crianças, com idades entre os 9 e os 16 anos, utilizadoras da internet, e um dos seus pais, até à Primavera/Verão de 2010 em 25 países europeus. Foi dada grande importância aos riscos enfrentados pelas crianças quando utilizam a internet, uma vez que é uma grande percentagem que o faz (60% usam todos os dias ou quase todos os dias), correndo riscos como *bullying*, pornografia infantil, contactar com pessoas desconhecidas, entre outros. A utilização da internet é feita para vários fins: realização de trabalhos escolares, pesquisas, jogar, conversar *online*, atualizar o perfil na rede social, etc. No entanto, a perceção dos pais desvaloriza um pouco os perigos que as crianças enfrentam, segundo o estudo “61% dos pais cujas crianças se encontraram *offline* com um contacto *online* desconhecem esse facto; 56% dos pais cujos filhos receberam mensagens desagradáveis ou prejudiciais *online* respondem que eles não as receberam” (Livingstone & Haddon, 2009b, p. 4).

Ainda outro projeto de grande pertinência que reflete sobre a utilização dos novos *media* e a sua influência na gestão do quotidiano das gerações é o *Media and Generations*⁶⁴. O seu principal objetivo era compreender o fenómeno cultural de ‘geração’ e a sua relação com os *media* (Stefanelli, 2009), para o efeito decorreu durante os anos 2006 e 2009, com 200 participantes, em Itália, em regiões urbanas e rurais. Tentou contribuir para a “verificação da existência e definição do papel que os *media* têm no processo de construção de uma identidade geracional e para a investigação sobre como os diferentes aspetos socioeconómicos têm nesse processo.” (Stefanelli, 2009, p. 19).

Foi possível extrair dois níveis de análise preliminares, que depois se espera contribuam para futuras investigações, esta é uma delas tendo em consideração o objeto de estudo tão semelhante:

A first level of analysis [...] map the presence of specific media products in personal life experience [...] it is possible to describe how the media-landscape changed through time and how different generational cohorts dealt with different (and growing in number) media-landscapes.

A second level of analysis allowed the researchers [...] trying to identify two different concepts: the generational semantic and the generational rhetoric. The generational semantic is a set of meaning and experiences shared between all the members of a specific generation, while the generational rhetoric can be described as the conscious feeling of generational belonging [...]. (Stefanelli, 2009, p. 19).

Outras investigações pertinentes sobre o estudo da utilização dos *media* em diferentes contextos refletem a sua importância a nível social, político e económico, o *World Internet Project*⁶⁵, por exemplo, e muitos apresentam as preocupações em termos de segurança e privacidade *online*, como o *Eurobarometer*⁶⁶.

No âmbito da utilização dos *media* em meio rural várias são as investigações desenvolvidas, quer dando ênfase à educação (Balasubramanian, Thamizoli, Umar, & Kanwar, 2010; Mitchell *et al.*, 2010), ao desenvolvimento do território (Developments, 2009; Freire, 1984), à comparação de práticas entre o meio rural e o urbano (Ferrão, 2000; Gonçalves, 2004) ou à utilização dos *novos media* em contexto laboral (Deakins, Mochrie, & Galloway, 2004; Labrianidis & Kalogeressis, 2006), o que enriqueceu a presente investigação.

Após o que foi uma breve abordagem a algumas investigações nacionais e internacionais que se dedicam quer ao estudo da utilização dos *media* no meio rural, quer

⁶³ <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>, consultado a 11 de março de 2013.

⁶⁴ <http://mediageneration.wordpress.com/>, consultado a 11 de março de 2013.

⁶⁵ www.worldinternetproject.net, consultado a 11 de março de 2013.

⁶⁶ http://ec.europa.eu/public_opinion/index_en.htm, consultado a 11 de março de 2013.

pelas diferentes gerações, será pertinente analisar a forma como os novos *media* se entrosaram nos vários contextos dos indivíduos – familiar, escolar e laboral e de lazer – e como vieram produzir novas formas de organização e gestão do quotidiano. Uma das alterações produzidas pela utilização dos *media* é a relacionada com o tempo e o espaço, com o profundo sentimento de continuidade entre contextos, tarefas e tempos. Pinto (2000) assume que estas alterações significam uma rutura e descoincidência entre tempos e lugares, assim, o autor concorda que ao longo dos anos e dos séculos, “não ocorreu apenas uma ruptura ou uma descoincidência entre tempo e lugar; ocorreu igualmente uma profunda mudança na relação dos agentes e dos grupos sociais com o tempo e o lugar” (Pinto, 2000, p. 54), que os “obriga” a estar disponíveis quase 24 horas por dia, e mesmo conectados e informados, daí que possamos quase designar-nos como indivíduos virtuais, como defende Turkle (1997), ou indivíduos de ecrã.

Pinto (2005) é da opinião que “A propalada aldeia global em que a parafernália de redes e de dispositivos tecnológicos aparentemente converteu o mundo debate-se com o crescente gap informacional, não apenas no plano do acesso, mas igualmente no do usufruto” (Pinto, 2005, p. 263), aliás, como também já se tinha discutido anteriormente.

Relativamente à distinção de utilização dos novos *media* nas diferentes gerações que foi do interesse desta investigação, as estatísticas do INE informam que 97,1% dos indivíduos situados entre os 16 e os 24 anos utilizam o computador; entre os 35 e 44 anos esse valor desce para 76,8%; os indivíduos entre os 45 e 54 anos fazem uma utilização do computador de 55,5%; e, num escalão etário mais elevado, entre os 55 e os 64 anos essa utilização é de 35,5%. Ou seja, ainda que a proporção entre idade e utilização de computador seja inversa, nunca chega a ser inexistente, mesmo nos seniores (INE, 2012d). Aliás, segundo um relatório da Marktest, mesmo dentro deste grupo, a utilização de redes sociais está a aumentar, “os indivíduos com mais de 44 anos mais que triplicou o hábito de aceder a redes sociais, quando comparado com o ano anterior”, sendo em 2010 uma percentagem de 5,4 (Marktest, 2011).

As investigações que foram tratadas anteriormente remetem para a forma como a tecnologia é usada e, consequentemente, como os indivíduos a utilizam para gerir o seu tempo e os espaços (realizar tarefas do trabalho em casa, por exemplo), deste modo, compreende-se que as tecnologias promovem a transformação da organização quotidiana, social, laboral e familiar, mas também em termos de comunicação, a cultura e a aprendizagem (surgem cada vez mais Universidades a disponibilizar cursos *online*). Este facto remete, novamente, para a questão da socialização, os que nascem com os

media fazem a sua socialização primária tendo-os como um dos grupos de referência, mas os que os incorporam mais tarde nas suas vidas terão que aprender a viver com eles, adaptar-se à nova realidade gerida pela tecnologia (Kenski, 2003, p. 48).

A aprendizagem para os *media* faz-se no que é conhecido como a *ecologia dos media*, ou seja, através da integração das alterações trazidas pela tecnologia, em termos da perceção, compreensão, sentimentos e valores dos indivíduos (Postman, 1993, p. 18). Esta *ecologia dos media* mais geral cria a existência de ecologias/ambientes mais particulares, como a que se desenvolve na comunicação, ou ecologia comunicacional, que, segundo Foth e Hearn (2007), é composta por camadas e dimensões. As camadas, que se encontram interligadas, são três: a tecnológica, na qual os dispositivos e as conexões existentes entre eles que potenciam as comunicações e interações; a social, composta pelas pessoas e pelas suas formas de organização; e, a discursiva, ou seja, o conteúdo, as narrativas da própria ecologia comunicacional (Foth & Hearn, 2007, pp. 757-765). Relativamente às dimensões, são também três: a comunicação *online/offline*; a coletiva/em rede; e a local/global (Foth & Hearn, 2007, p. 767).

A ecologia comunicacional descrita é uma das propostas possíveis, que poderá ajudar a descrever e entender a grande quantidade de dispositivos disponíveis, bem como o seu papel no quotidiano do indivíduo. Assim, este é um exercício contínuo, porque é frequente o surgimento de novos *media*, que competem pela atenção das pessoas com os já existentes (Memarovic, Langheinrich, Rubegni, David, & Elhart, 2012, p. 2). A um nível mais macro, esta ecologia comunicacional interfere no âmbito da organização económica, social, cultural e política. Mas não só porque surgem novos *media*, mas porque os antigos se reformulam, sendo inventadas novas formas de utilização, de consumo e de produção, é uma era definida por Merrin (2009) como de pós-broadcasting (Merrin, 2009, p. 32), com todas as consequências que essa era traz: novas categorias de análise dos contextos, processos de interatividade, lógicas de participação e criação (Gauntlett, 2009).

As consequências da nova era ou, mais propriamente, o surgimento de novos *media*, a necessidade de adaptação a esses novos *media*, bem como as possibilidades que eles trazem consigo promovem, mais uma vez, uma diferente organização e gestão do quotidiano, um exemplo muito concreto é o telemóvel, para além de originar uma nova forma de comunicação, com novas práticas e discursos (ecologia comunicacional), preenche tempos de espera, deixando de existir os designados “tempos mortos”, aumenta a frequência das interações, bem como a realização de atividades simultâneas

e tudo isto numa aceleração constante do quotidiano (Townsend, 2002, p. 70). Esta aceleração obriga a uma nova coordenação do tempo e do espaço, que Ling e Yttri (2002) consideram ser de dois tipos: microcoordenação, quando se utiliza os *media*, no caso concreto, o telemóvel, com objetivos instrumentais, como gerir tarefas e encontros; e, a hipercoordenação, quando é utilizado para reforçar relações interpessoais e tudo o que isso implica (afirmação de identidades e pertença a grupos) (Ling & Yttri, 2002, p. 140 e 145).

Mas outros dispositivos há que ajudam à gestão dos tempos diários dos indivíduos, como os computadores, que, para além de marcarem um espaço próprio (os computadores fixos), possuem instrumentos que ajudam à organização do quotidiano, como as agendas, o correio eletrónico, entre outros, sempre numa lógica de associação à internet, aliás, a internet é mesmo dos principais instrumentos de organização diária, uma vez que permite a conexão em vários dispositivos. Mas são também importantes nessa gestão os *tablets*, os *smartphones*, e até a televisão, com os horários bem estipulados dos programas, ou com a possibilidade oferecida de ver programas de há sete dias atrás, ou gravar para ver mais tarde. Este novo mundo, interconectado através da internet, em rede, é o designado ciberespaço, que mantém uma ligação muito próxima com o mundo exterior à rede, uma vez que as trocas entre espaços são constantes, bem como a dependência recíproca. Isto remete para o surgimento da cibercultura, formada a partir deste novo ciberespaço, onde todos estão conectados, no entanto, “a cibercultura não implica que todos estarão online, mas que a cultura formada pela crescente digitalização da sociedade tem implicações em todos os níveis sociais, tanto online como offline.” (Borges, 2011, p. 115).

O espaço rural tem uma lógica própria e perante todos os cenários traçados (*media* como dispositivos de referência, era pós-broadcasting, coordenação, ciberespaço e cibercultura), considera-se necessário inventar “novos rurais” (Figueiredo, 2011, p. 19) ou reinventar o rural existente, através de contornos totalmente inexistentes ou dos que já se vão verificando em algumas zonas rurais. Essa reinvenção ocorre ao longo das gerações e do que estas trazem consigo: hábitos, culturas, valores, consumos, formas de fazer, etc., que passam, muitas vezes, pela (não) existência dos novos *media*, porque mesmo quando estes se pretendem excluir (algumas casas de turismo rural publicitam a inexistência total dos *media* como forma de se aproveitar mais e melhor o que a quietude e o sossego do rural têm para oferecer) isso evoca em si uma existência subliminar, fazendo parecer que é necessário um programa especial para que uma pessoa, atualmente, se consiga afastar dos *media*, dos ecrãs, da tecnologia.

Voltando um pouco às estatísticas, evidencia-se que a televisão, o computador e o telemóvel fazem parte do quotidiano de grande parte da população portuguesa, como se pode verificar pelo relatório *A internet em Portugal 2012* (Cardoso & Espanha, 2012), 99,9% dos inquiridos afirmaram ter televisão; 50,5% e 35,2% indicaram ter computador pessoal portátil e computador pessoal fixo, respetivamente; enquanto 88,5% dos inquiridos disse ter telemóvel e a tendência é para aumentar, não só pelas exigências permanentes da sociedade, como pela necessidade que se vai sentindo de atualização constante. Estes valores e as conclusões qualitativas dos projetos europeus mencionados anteriormente [*EU Kids Online* (Livingstone & Haddon, 2009a), *Mediappro* (De Smedt & Geeroms, 2006) e *Media+Generations* (Stefanelli, 2009)] fazem concluir que o indivíduo vive através da transparência que se transformou o ecrã. As gerações, nomeadamente, aquelas que aqui se encontram em análise (1950, 1970 e 1990; avós, pais e netos) são, por isso, *gerações de ecrã*.

Os *media* ganham uma grande relevância, sobretudo, porque permitem aquela renovação de práticas, da mesma forma que poderão contribuir para combater as características atuais menos positivas dos meios rurais (o envelhecimento da população, a baixa escolarização, entre outras), como referem ainda Figueiredo e Ferrão (2007), é através dos *media* (e não só) que fica facilitada a aproximação entre regiões, contribuindo, dessa forma, para a redução da exclusão económica, social, cultural, mas também geográfica e que fica possibilitado o conhecimento de ações de empreendedorismo e, através dele, do desenvolvimento local (Figueiredo & Ferrão, 2007, pp. 10-11).

No entanto, e apesar de já se assistir a uma forte existência dos novos *media* no meio rural, essa inserção também não tem sido realizada da mesma forma que no restante território nacional. Aliás, ao longo dos anos tem-se vindo a verificar que, apesar das transformações que ocorreram a todos os níveis, essas são menos evidentes e repentinas no rural, o que proporciona a existência de uma hibridez de características, existências, necessidades, residentes/visitantes e, forçosamente, de práticas e modos de fazer, hábitos e costumes. Pode dizer-se, então, que o meio rural é o local que já não é, mas que ainda não deixou de ser e, talvez por isso, suscite tanta curiosidade.

Os novos *media* possibilitam a ubiquidade e a transversalidade de espaços, assim, não é preciso estar fisicamente num lugar para que se possa estar efetivamente presente. Este aspeto levou a que muitas pessoas procurassem o rural não apenas para férias e tempos de lazer, mas igualmente para fixar a sua residência, intensificam-se, por

isso, os movimentos pendulares campo-cidade e o primeiro passa a ser designado como “dormitório”, por ser aquilo que representa para muita da sua população residente. Procura-se melhor qualidade de vida, sem perder o contacto com a “vida real” (a profissão, as ofertas culturais, os serviços, etc.) (CEE, 1988). Mas crescem também os pequenos negócios ou os mais familiares (exemplo do turismo rural), mais uma vez proporcionados pela existência de novos *media*, que facilitam a divulgação de locais bastante distantes e desconhecidos.

A necessidade de ter no meio rural os mesmos dispositivos a que se tem acesso nos meios urbanos (para realizar alguma tarefa, por curiosidade, pela flexibilização de atividades, entre outras razões) permite o surgimento de uma convergência de *software*, mais até do que de *hardware*, ou seja, os conteúdos a que o indivíduo quer ter acesso nos diferentes artefactos são os mesmos, assiste-se, por isso, a uma convergência cultural e social “em que os utilizadores querem ter os seus conteúdos, a sua rede social ou os seus recursos profissionais sempre disponíveis em qualquer lugar e em qualquer momento, mas irão fazer uso do meio de interacção que for mais adequado ao objectivo e ao contexto.” (Ganito, 2007b, p. 85), e tal é também imposto ao meio rural.

Aquele “em qualquer lugar e em qualquer momento” conduz à busca do que Bauman (2000) designa de instantaneidade, segundo o autor, são as pessoas que conseguem mexer-se e agir mais rápido que comandam, e, o contrário, as pessoas que têm mais o hábito de procrastinar, de demorar, de se atrasar que são comandadas (Bauman, 2000, pp. 119-120), fazendo uma analogia com os meios rural e urbano, na primeira categoria, de rapidez e instantaneidade, estaria o urbano, e na segunda categoria, incluir-se-ia o rural, mas já com vontade de atingir o estilo de vida citadino (exceto no que ao turismo diz respeito). Chega-se ao momento da “modernidade líquida”, depois de se passar pela “modernidade pesada”, onde ninguém seria capaz de fugir do capital e do trabalho; pela “modernidade sólida”, caracterizada pelo compromisso mútuo; pela “modernidade fluída”, onde reina o descompromisso, a ilusão, a saída fácil e a busca sem esperança; por último, na “modernidade líquida” são os mais ilusórios, os que se conseguem mexer sem serem notados que comandam (Bauman, 2000, p. 120). Será importante refletir como é realizada esta analogia em termos de rural e urbano.

Seguidamente, faz-se uma análise aos principais contextos de utilização dos novos *media*: a família, o trabalho e a escola e o contexto de lazer. Selecionaram-se esses contextos porque se considerarem como os que ocupam mais tempo no quotidiano dos indivíduos e porque é nesses contextos que maiores transformações os *media* trouxeram.

De certa forma é elaborado um cruzamento entre a sociologia da família, do lazer e do trabalho, porque se concorda que “nas sociedades modernas, as temporalidades das famílias são resultados de combinações díspares, fragmentadas, condicionadas pelas temporalidades de outros sistemas (como o trabalho e os estilos de vida).” (Schouten & Araújo, 2012).

4.1.1. ... Na família

As mudanças na organização da sociedade, quer em termos laborais e escolares, quer familiares e de lazer, são evidentes, o que obriga a uma reestruturação dos tempos e espaços. Para Silverstone (1992), essa reestruturação acontece, sobretudo, na economia familiar, uma vez que é esta que se encontra em constante interação com o mundo exterior através dos meios de informação e comunicação, obrigando a uma consequente adaptação, que se realiza em quatro fases distintas: a apropriação, ou seja, a altura em que o indivíduo adquire um objeto e se converte em seu dono; a objetivação, que se expressa na efetiva utilização do objeto adquirido, mas também na disposição que assume dentro de casa; a incorporação, a sua integração nas demais tarefas e rotinas da casa; e, a conversão, que define a relação entre a família e o mundo exterior, isto é, o lugar que a família reivindica para si e os seus membros no bairro onde se encontra, no mundo do trabalho e nos restantes grupos sociais (Silverstone *et al.*, 1992, pp. 47-52). Para os autores (1992), as TIC têm ainda um objetivo e significado funcional, são meios que proporcionam a existência de laços dentro das famílias e entre os seus membros individualmente, de forma a facilitarem as relações com o mundo exterior (Silverstone *et al.*, 1992, p. 40).

Neste sentido, a família encontra-se num momento de redescoberta, de assimilação de novos meios que irão interferir na forma como é gerida e como está organizada. Frau-Meigs (2011) apresenta o que pode ser uma redefinição do espaço familiar:

A família associada ao ecrã é aquela que se expande para incluir os periféricos extensíveis como a aparelhagem estéreo, o decodificador, a consola de jogos de vídeo, o teclado... A convergência não se manifesta por uma unidade central mas pelos nós de uma rede, mesmo porque no sujeito tudo passa pelo ecrã onde fica o centro desta interatividade: ele é o centro de todo o sistema de conexão,

*como fornecedor de espectáculos e de serviços. [...] Então, o ecrã é transversal, presente em todos os espaços, em todos os momentos*⁶⁷. (Frau-Meigs, 2011, p. 72).

Esta utilização de ecrãs poderá não querer significar um isolamento dos indivíduos, no entanto, a preferência para a sua utilização na família recai sobre a individualização e não sobre a sociabilização, como forma de partilha do que se está a fazer, pesquisar, comunicar (Salovaara *et al.*, 2010, p. 816). Criam-se novos *habitus*, podendo ser de ordem individual ou social, se a referência for feita à experiência vivida de forma isolada ou conjunta, respetivamente.

Em termos de utilização familiar ou em casa, designada de utilização doméstica dos novos *media*, a evolução, como foi possível verificar no início deste capítulo, segue no mesmo sentido. De acordo com um estudo da Marktest, em 2002, a posse de computador no lar com utilização era de 40,6%; em 2012, passados 10 anos, esse valor aumenta para 73,4%⁶⁸. Já no que diz respeito à posse de computadores pessoais portáteis, em 2011, 50,5% dos inquiridos informa ter esse dispositivo (Cardoso & Espanha, 2012, p. 13), enquanto em 2002 apenas 3% os tinham (Cardoso, *et al.*, 2008, p.6).

E quem fala em computadores, fala também da televisão, que com as suas novas potencialidades (interação, gravação, programação personalizada, entre outras) está cada vez mais em vários compartimentos da casa, e do telemóvel, que está constantemente presente, inclusive à hora das refeições. Assim, o impacto da tecnologia não afetou apenas a fertilidade, como refere Adams (2010), mas várias outras dimensões íntimas, de maneira bastante imprevisível (Adams, 2010, p. 502).

Gentile e Walsh (2002), através de um inquérito aplicado a nível nacional nos Estados Unidos da América, com uma amostra de 527 pais com filhos entre os 2 e os 17 anos de idade (Gentile & Walsh, 2002, p. 157), pretendiam compreender seis âmbitos de análise, eram eles: a utilização dos *media*, a monitorização, a consistência, os efeitos dos *media*, os conhecimentos sobre os *media* e as atividades realizadas em alternativa aos *media*. Ao contrário da presente investigação, que, para além dos indivíduos, tem como objetivo compreender as dinâmicas familiares, sobretudo, as relações intergeracionais à volta da utilização dos novos *media*, o inquérito aplicado por Gentile e Walsh focava-se unicamente nos indivíduos (Gentile & Walsh, 2002, p. 157). As conclusões retiradas do estudo vão no sentido da complexidade de variáveis que compõem a estrutura familiar,

⁶⁷ Tradução da autora.

⁶⁸ <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1a7c.aspx>, consultado a 03 de maio de 2013.

sendo os *media* apenas uma das integrantes; no entanto, os autores consideraram que houve alguma falha no entendimento sobre como as famílias de rendimentos médios interagem com a tecnologia (Gentile & Walsh, 2002, p. 158), mas nas famílias investigadas, por exemplo, o uso da televisão e as regras implícitas nesse uso implicam que aquela se encontre perfeitamente integrada na família (Gentile & Walsh, 2002, p. 158), o mesmo ocorrendo para os outros *media* (computador e telemóvel), que ocupam grande parte do dia das crianças com idades entre os 2 e os 18 anos (Gentile & Walsh, 2002, p. 159).

Às mesmas conclusões relativamente à televisão chegou Goodman (1983) vários anos antes. Para o autor, o sistema familiar pode ser analisado como incluindo a unidade familiar e a televisão, uma vez que cada elemento do agregado familiar interage com os outros e com a família, quer individualmente, quer enquanto unidade familiar (Goodman, 1983, p. 408). A televisão é vista mesmo, quer como um estímulo à conversação, quer como uma forma de evitar essa conversação (Goodman, 1983, p. 412). Mas, mais uma vez, considera-se que, atualmente, estas conclusões podem ser retiradas no que aos restantes *media* diz respeito, tanto pelo seu enquadramento na família (local onde se encontra no espaço casa), como pela apropriação por parte dos indivíduos (número de horas de utilização, por exemplo).

Informação mais atual encontra-se no relatório *Generation M². Media in the Lives of 8- to 18-Year-Olds* (Rideout, Foehr & Roberts, 2010). Os resultados foram retirados de uma amostra de 2.000 crianças, com idades entre os 8 e os 18 anos, também nos Estados Unidos da América. As principais conclusões indicam que os inquiridos passam cerca de 30 minutos por dia a falar ao telemóvel, e uma média de 49 minutos por dia a utilizar dispositivos como o *mp3* para ouvir música ou ver vídeos, não incluindo o envio de mensagens escritas que chega a ser, para os inquiridos entre os 7 e os 12 anos de 1 hora e 30 minutos diária. A televisão ocupa aproximadamente 4 horas e 30 minutos por dia do tempo das crianças (contabilizando aqui quer os aparelhos de televisão tradicionais como os computadores) (Rideout, *et al.*, 2010, p. 3).

Esta utilização frequente dos novos *media*, quer se trate da televisão, do computador, da internet ou do telemóvel aumenta a necessidade de pensar nos seus efeitos e, conseqüentemente, em formas de os reduzir, eventualmente, através de ações (in)formativas, uma vez que não pode ser ignorado o papel cultural e de mediação dos dispositivos. No meio rural, o sentido de comunidade aplicado à interação e à

aprendizagem pode ser uma mais-valia para fazer diminuir os efeitos menos positivos dos *media*, e para aumentar a sua utilização satisfatória.

Em Portugal, como já referido relativamente ao Plano Tecnológico do Governo, que data de 2005, o interesse das famílias pelos novos *media*, especialmente, pelo computador e a internet, acompanhou os filhos mais novos, que, confrontados com a instalação de novas tecnologias interativas nas escolas, desde 2007, e com a distribuição de computadores com internet de banda larga, desde 2008⁶⁹, se viram perante a necessidade de adquirir, melhorar o acesso e até ter conhecimentos acerca dos novos meios tecnológicos (Diogo & Gomes, 2012, p. 6), e este facto tanto é verdadeiro para o meio urbano, como para o rural, uma vez que fez também parte do mencionado Plano Tecnológico reformular o parque escolar português e encerrar algumas escolas que tinham um número de alunos reduzido, a maior parte delas localizadas nas regiões mais interiores e rurais de Portugal.

Assim, a gestão do quotidiano rural familiar foi sofrendo mudanças, derivadas, sobretudo, das alterações que também os *media* foram sentindo, tornando-se mais leves e portáteis. Por exemplo, se com o telefone fixo as regras para telefonar para casa de alguém estavam bastante implícitas (telefonar a horas específicas para não incomodar as refeições, ou, então, porque se sabia que não estava ninguém em casa se não se ligasse àquela hora), com o telemóvel, as pessoas estão muito mais disponíveis, seja através de chamada telefónica ou mensagem escrita (Teixeira-Botelho, 2011, p. 66). O mesmo acontece com o computador, que, principalmente através da utilização da internet, permite uma continuidade no tempo de trabalho no espaço familiar. Ou com a televisão, que, atualmente está presente nos vários dispositivos digitais.

4.1.2. ... No trabalho/na escola

Nesta secção será explorada a utilização de novos *media* em dois contextos: no trabalho e na escola, que, apesar de assumirem a mesma importância na vida dos indivíduos que estão em idade ativa (profissional) ou em idade escolar, respetivamente, (e considerando essa divisão sabendo, desde já, que nem sempre quem estuda não exerce uma profissão, e quem está no mercado de trabalho não frequenta um nível de

⁶⁹ <http://www.pte.gov.pt/pte/PT/Projectos/index.htm>, consultado a 13 de março de 2013.

ensino), serão abordados separadamente, até para se conseguir aprofundar mais cada um deles. Nesta secção será ainda tido em conta outra questão adicional, o facto de ser diferente a utilização de novos *media* por quem exerce as funções de decisão (a empresa em si ou a escola/os professores) e quem recebe indicações e cumpre o que lhes é exigido (os colaboradores, no caso das empresas, e os alunos).

Inicia-se esta análise com a forma como Agger (2011) designa alguns dos artefactos mais usados no contexto laboral: o telemóvel e o correio eletrónico. Assim, a designação do tempo apresentada pelo autor para a constante apropriação de *media*, é de 'iTime', sendo o telemóvel contemporâneo, ou o "telefone inteligente" (*smartphone*), considerado como a nova fábrica, e os *emails* e as mensagens como o novo processo de produção, transformando-o em algo móvel (podendo ser transferido para os outros contextos). Para além disso, a vida profissional está devota ao ecrã (Agger, 2011, pp. 120-121).

Posto isto, o que define o contexto de trabalho é, de acordo com Rice e Gattiker (2001), a presença e o uso extensivo de computadores e telecomunicações, que facilitam a ligação entre os escritórios, as empresas e as fronteiras internacionais. Segundo os dois autores, são quatro as componentes que definem este novo espaço laboral, influenciando as atividades desenvolvidas e as interações: a computação, definido como o processamento de conteúdo que estrutura as comunicações; as redes de telecomunicação, sendo estas a forma como diferentes e deslocalizados espaços de trabalho acedem a informação e a partilham; as bases de dados, responsáveis pelos recursos de informação e comunicação; e, a digitalização da informação, que facilita a integração e troca de múltiplos modos de comunicação (Rice & Gattiker, 2001, p. 545).

Neste novo contexto laboral, já Pereira (2004) assinalava os aspetos positivos que se podem encontrar, sobretudo, no que diz respeito à evolução económica e social, nomeadamente, a partilha de conhecimento, que se torna mais rápida e universal; o aumento da produtividade, da inovação e da possibilidade de surgimento de novos modelos de negócio e de processos de decisão; a superação da geografia, eliminando as fronteiras espaço-temporais; e, a promoção de uma maior abertura das redes e da partilha da informação (Pereira, 2004, p. 2). Estes aspetos positivos exigem o aumento das competências em termos de complexidade, produtividade (como resposta às expectativas dos clientes), e de resposta (à pressão dos atores e grupos sociais) (Almeida, 2012, p. 38), para as quais quer as empresas, quer os seus colaboradores têm que estar preparados e predispostos.

Ou seja, as componentes sugeridas por Rice & Gattiker (2001) são importantes, mas apenas se aliadas à organização do espaço laboral, à cooperação inter-organizacional, à gestão, à estrutura organizacional, ao modelo de negócio e aos esquemas de incentivos dos colaboradores. A tecnologia, por si só, não promove a inovação de determinada empresa, sendo necessário que a própria cultura organizacional se molde a essa inovação e esteja aberta a ela (Schaffers, Brodt, Pallot, & Prinz, 2006, p. 8). Claro está que, sem tecnologia os processos organizacionais, eventualmente, demorariam mais a desenvolver-se, daí que, para que os indivíduos trabalhem de forma mais eficiente e efetiva, independentes do tempo e do espaço, seja necessário acompanhar as tendências em termos de *software* e *hardware* (Schaffers *et al.*, 2006, p. 21), até para acompanhar a concorrência e/ou os clientes e fornecedores.

As organizações, ou empresas, são percecionadas, cada vez mais, como algo móvel, um local que não precisa ter uma sede fixa (apesar de isso ajudar, sobretudo, na relação com o cliente), pode funcionar *online*, sem barreiras estabelecidas de tempo e espaço. Isso, apesar das consequências nefastas que poderá trazer em termos familiares e pessoais, é um aspeto positivo para as empresas, uma vez que a produção é algo contínuo, sem interrupções porque é possível ter acesso em qualquer altura ao escritório. Assim, as organizações móveis têm como principais características o facto de não existir um local de trabalho fixo; os processos encontram-se disponibilizados, e muitos deles são até baseados, na internet; a tecnologia utilizada é, maioritariamente, móvel, sempre ligada e conectável, logo, também o são os seus utilizadores; e a gestão da empresa deve também ter como atributo a mobilidade e assumir essa cultura (Schaffers *et al.*, 2006, pp. 23-24).

As características mencionadas acima afetam, como referido, a vida familiar e pessoal, mas, ainda de acordo com os mesmos autores (Schaffers *et al.*, 2006) têm uma influência negativa na coesão social, promovendo a exclusão dos colaboradores e a deterioração do equilíbrio entre trabalho e família, por exemplo (Schaffers *et al.*, 2006, p. 26). Os trabalhadores são mesmo designados de *eProfissionais*, quer pela forma como as relações com outros indivíduos e equipas são desenvolvidas, ou como os negócios decorrem (Schaffers *et al.*, 2006, p. 28).

O futuro do trabalho móvel é caracterizado por maior flexibilização, independência, pelo desaparecimento dos computadores, sendo os serviços baseados na *cloud*⁷⁰ e as infraestruturas de computação ubíquas (Schaffers *et al.*, 2006, p. 64). A **Tabela 17** faz o

⁷⁰ Processos de computação integralmente baseados na internet, sem presença física.

ponto de situação relativamente a esse futuro e à forma como poderá afetar a vida dos indivíduos. De acordo com os autores (Schaffers *et al.*, 2006), os contextos laborais são afetados por duas forças essenciais: as que promovem o trabalho móvel e as que o dificultam, considerando sete níveis de análise: a natureza do trabalho, o trabalhador, a equipa, a organização, a indústria, a sociedade e a tecnologia.

Tabela 17. Forças que afetam os contextos laborais a vários níveis⁷¹

Nível de análise	Forças que promovem os locais de trabalho móveis	Forças que dificultam os locais de trabalho móveis
Natureza do trabalho	As tarefas desenvolvidas manualmente requerem mais descentralização	As tarefas requerem mais centralização da informação e especialistas-chave
Trabalhador	Vontade de maior flexibilidade, liberdade, melhor equilíbrio trabalho-vida pessoal	Medo de mais <i>stress</i> , mais controlo, menos contacto humano, problemas de confiança
Equipa	Os especialistas estão em diferentes sítios	Os especialistas estão na mesma localização
Organização	Necessidade de maior flexibilização e descentralização, complexidade	Processos de controlo e gestão, estilos de liderança, cultura
Indústria	Globalização das atividades de negócio devido às forças competitivas a ocorrer a nível mundial	Concentração de atividades de negócio em regiões particulares
Sociedade	Políticas económicas ofensivas (desregulamentação e liberalização)	Proteção do trabalhador relativamente às horas de trabalho, saúde e <i>stress</i>
Tecnologia	Diminuição dos custos de comunicação, redes de banda larga, trabalho em grupo, segurança	Problemas na segurança e acesso aos problemas de gestão

Fonte: Schaffers *et al.* (2006, p. 29)

Através da tabela anterior, conclui-se que para cada aspeto positivo há sempre o lado negativo correspondente no que diz respeito à utilização da tecnologia no local de trabalho. A realização de várias tarefas em simultâneo, ou a integração em diferentes projetos e eventos são algumas das competências que os *eProfissionais* devem ter ou desenvolver (Schaffers, Kristensen, Slagter & Löh, 2007, pp. 1-2). Surge, a par com este novo conceito de *eProfissionais* o de *Smart Cities*⁷² (Cidades Inteligentes). Aliado à Web 2.0, os *eProfissionais* encontram-se inseridos em ambientes globais (e não apenas laborais) de inovação abertos e em rede, ou seja, mais predispostos a situações de trabalho móvel e colaborativo, com todas as consequências que daí advêm (Schaffers, Komninos, Pallot, Trousse, Nilsson & Oliveira, 2011, pp. 431-433).

⁷¹ Tradução da autora.

⁷² Cidades que dependem não apenas das infra-estruturas edificadas (físicas), mas, e cada vez mais, da existência e da qualidade de informação e comunicação (infra-estrutura social), baseadas, sobretudo, na rede.

4.1.2.1. Utilização dos novos *media* no local de trabalho pelas empresas

Os novos *media* são uma realidade nas empresas portuguesas desde finais dos anos 80. Como foi possível verificar no **Capítulo II**, antes do espaço doméstico foram as organizações (de maior dimensão) e as universidades os primeiros centros a ter acesso à tecnologia para o mais rápido desenvolvimento de processos. Desde essa altura, “[...] as TIC apresentam-se como uma peça essencial para as organizações, dadas as suas capacidades de gestão, transformação e disseminação de informação, assim como de suporte aos processos de comunicação e interação humanas.” (Fernandes, 2010, p. 17).

De entre os principais processos que estão na base das organizações contam-se o de produção, coordenação, comunicação e controlo, e se se parar para pensar sobre o que envolvem, é possível concluir que todos eles se desenvolvem recorrendo à utilização de tecnologia: computadores que permitem definir os contornos da produção, *software* que auxilie a coordenação; telemóveis ou PDA⁷³ que potenciem a intercomunicação e o controlo.

Por volta da década de 1990, com o advento da internet em Portugal, começam a ter maior importância os “e” negócios, o *e-commerce*, *e-learning*, *e-bussiness*, *e-procurement*, *e-justice*, *e-government*, que, aliás, atualmente, têm uma procura cada vez maior, porque permitem que a distância e atemporalmente se frequentem cursos de ensino superior ou ações de formação profissional, se realizem negócios com países com fusos horários diferentes, se receba informação atual sem necessidade de estar presente. Por exemplo, em 2012, 47,2% das empresas portuguesas com número de trabalhadores entre 10 e os 49 tinham presença na internet, percentagem que era de 22,2% em 2003⁷⁴. Ainda assim, uma percentagem muito baixa face à média da União Europeia, o que é um indicador de que muito há ainda a fazer no sentido de tornar a economia portuguesa, uma economia baseada no conhecimento e inovação.

A internet é também responsável por facilitar a comunicação, interna e externa. O correio eletrónico é o meio privilegiado para trocar ideias, responder a clientes e fornecedores e enviar qualquer indicação aos colaboradores do que é necessário fazer-se. Mas é também com recurso à internet que, muitas vezes, se criam verdadeiras comunidades colaborativas, de discussão de procedimentos. Crumlish e Malone (2009) concordam que as experiências sociais que têm sido despoletadas no seio das empresas podem ser uma forma bastante enriquecedora de gerar conteúdo, novos produtos,

⁷³ *Personal Digital Assistant*, computador de dimensões reduzidas.

⁷⁴ <http://www.pordata.pt/>, consultado a 14 de março de 2013.

modelos de negócios ou mesmo processos produtivos, assim, as empresas estão a abandonar um pouco a resistência à criação e utilização de redes sociais e a incorporá-las como mais um modo de produção e algo a que é necessário dar resposta (Crumlish & Malone, 2009, p. 7). Há, na opinião de Almeida (2012), três aspetos essenciais na existência destas redes e na utilização do correio eletrónico, em particular, a comunicação que permite existir, o facto de ser uma importante ferramenta de negócio e porque se trata de um auxiliar de *e-learning*, uma vez que a formação contínua é uma das exigências das empresas do século XXI (Almeida, 2012, p. 9).

Assim, entre as vantagens da utilização da Web 2.0, dos computadores e dos *smartphones* constam o surgimento de cidadãos mais conhecedores, críticos e exigentes (que potencia a existência de produtos e processos produtivos melhores), a pertinência atribuída à aprendizagem informal e à inovação sugerida pelos colaboradores, o esbatimento das hierarquias e a passagem para chefias baseadas em redes. E, entre as desvantagens estão a eventual fraca participação de alguns colaboradores que se sintam menos conhecedores das tecnologias, logo, excluídos do processo de comunicação, este pode mesmo estar entregue a algumas elites, que, de certa forma, reprimam a participação e a colaboração, a inexistência de privacidade, bem como o risco de se obterem participações com pouca qualidade. Aspetos que a gestão das plataformas deverá ter em consideração (Fernandes, 2010, p. 23).

Não obstante algumas desvantagens, as organizações públicas e privadas devem procurar a sua atualização constante, modelos organizacionais o mais possível flexíveis e fluídos, potenciando os valores profissionais desta nova era da informação e do conhecimento com recurso aos novos *media*. Para além disso, convém mencionar que, tal como nas escolas, a ênfase não deve ser colocada na tecnologia, mas sim na cultura (organizacional e escolar), facilitando e incentivando à utilização da tecnologia, mas sempre numa lógica do favorecimento da realização mais flexível e menos trabalhosa das práticas laborais e escolares (Fernandes, 2010, pp. 32-33).

Colaboração, trabalho em equipa, gestão de fluxos de informação, rapidez, eficiência, automatização de tarefas repetitivas, minimização do seu tempo de duração, inovação, enriquecimento pessoal e profissional, flexibilização são, por isso, algumas palavras-chave das empresas deste milénio, foi o surgimento de uma refrescante cultura organizacional potenciada pelas tecnologias a que é possível aceder e pela internet (Fernandes, 2010, p. 35), que devem ser utilizadas como um forte recurso estratégico para o tratamento e a exploração satisfatória da informação (Almeida, 2012, p. 29).

4.1.2.2. Utilização dos novos *media* no local de trabalho pelos colaboradores

Do lado dos colaboradores, a visão não é, talvez, tanto a da mudança da cultura organizacional, mas mais a da flexibilização e eficiência dos fluxos de produção. Favorecer o trabalho em equipa, desempenhar as tarefas mais rápido e com mais qualidade devem ser os motores motivacionais do outro lado da balança, para que se encontre o equilíbrio entre tecnologia e processo produtivo. Claro está que todos estes fatores contribuem para a mudança da cultura organizacional, mas este não é visto como o objetivo último das suas ações e atividades.

Em termos estatísticos, e numa tentativa de se enquadrar a utilização de tecnologia pelos colaboradores, em 2004, a percentagem média de utilização do computador em empresas portuguesas era de 92% (UMIC, 2004), valor que ascende aos 98,1%, em 2012 (INE, 2012c). O mesmo acontece com o acesso à internet de banda larga, que vê a sua utilização média aumentar de 50% para 91,1%, no mesmo período temporal. Na **Tabela 18** podem consultar-se os valores relativos a empresas de diferentes dimensões.

Tabela 18. Utilização de computador e acesso à internet nas empresas, em Portugal, %

	Dimensão das empresas	2004	2012
Utilização de computador	Pequenas empresas (10-49 trabalhadores)	91	97,8
	Médias empresas (50-249 trabalhadores)	98	100
	Grandes empresas (+250 trabalhadores)	100	100
Ligação à internet	Pequenas empresas (10-49 trabalhadores)	74	94,7
	Médias empresas (50-249 trabalhadores)	95	100
	Grandes empresas (+250 trabalhadores)	100	100

Fonte: Dados de 2004: UMIC (2004). Dados de 2012: INE (2012c)

Estes valores dão uma perspetiva da evolução da integração da tecnologia, bem como da forma como tem sido realizada a aceitação da sua utilização por parte dos colaboradores, essenciais para o crescimento da empresa e do negócio. E, se do lado do negócio, o que a sociedade exige é flexibilização, rapidez, eficiência, entre outros aspetos mencionados na subsecção anterior, do lado dos colaboradores é exigida a predisposição para a mobilidade, adaptação a novos locais de trabalho, culturas ou processos (Ganito, 2007a, p. 12), a ideia do trabalho para a vida toda, no mesmo local, com horário fixo ficou, na maior parte das áreas de atividade, no passado. Atualmente, são várias as modalidades de emprego que forçam a obtenção de novos conhecimentos e à inconstância dos trabalhadores: o *freelancing* (realização de uma atividade autonomamente), *downsizing* (redução da burocracia), *teleworking* (criação de centros

telefônicos de apoio ao cliente), *outsourcing* (procura de mão-de-obra fora da empresa), entre muitos outros, que obrigam o colaborador a fazer parte da sociedade do conhecimento e da rede *web*, para além disso, promovem a constante mobilização potenciada pelo recurso às novas tecnologias (Ilharco, 2007, pp. 70-71).

Processos como a globalização ou a mundialização são identificados por Almeida (2012) como caracterizadores da nova era laboral, onde as atividades são baseadas na ausência de um espaço e tempo fixos, na desterritorialização e na consequente utilização das novas tecnologias (Almeida, 2012, p. 21). Neste sentido, Schaffers *et al.* (2006) propõe uma categorização do local de trabalho apoiado em duas dimensões essenciais: o tempo e o espaço.

Na **Tabela 19** verifica-se que há quatro tipos de suporte garantido no local de trabalho e ao desempenho das funções: o que decorre no mesmo tempo e espaço; o que ocorre num tempo diferente e num espaço distribuído, mas ambos previsíveis; aquele em que tempo e espaço são diferentes e imprevisíveis; e, por último, o local de trabalho em que os colaboradores estão conscientes do tempo e do espaço. A passagem de uma categoria a outra faz-se através de uma maior ou menor utilização dos novos *media*, sobretudo, de tecnologias móveis, através das quais é possível estar presente em reuniões a distância, responder a *emails*, participar em discussões de ideias ou em salas de conversação, bem como fazer parte de comunidades de trabalho colaborativo.

Tabela 19. Categorização de diferentes tipos de suporte no local de trabalho⁷⁵

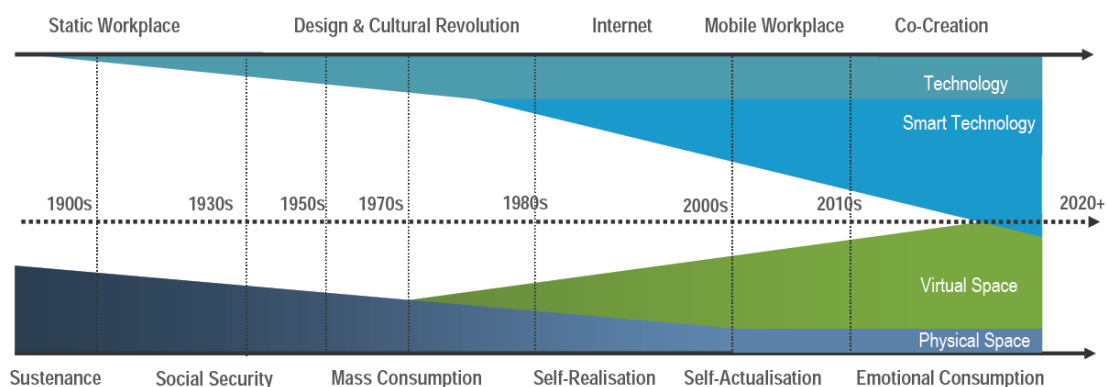
Tempo Espaço	O mesmo	Diferente, previsível	Diferente, imprevisível	Consciente do tempo
O mesmo	Reunião com recurso a eletrónica e apoiada no debate de ideias	Notícias do grupo, quadros de avisos Projeto de sala eletrónica	Sala de infraestrutura	Projeto de reunião eletrónica
Distribuído, previsível	Conferências vídeo/áudio Coautoria Desenho colaborativo	Agendamento em grupo <i>Email</i> Coautoria	Local de trabalho partilhado Comunidade virtual	Coautoria Local de trabalho partilhado
Diferente, imprevisível	Presença baseada na autorreferenciação Fluxo de trabalho distribuído / gestão de tarefas fluída	Colaboração distribuída assincronamente (ex.: email móvel)	Coordenação de processos	Computação usável
Consciente do espaço	Conferência áudio através de dispositivos móveis	Presença e mensagens instantâneas	Acesso a documentação através de dispositivos móveis	Serviços de reconhecimento de contexto

Fonte: Schaffers *et al.* (2006, p. 34)

⁷⁵ Tradução da autora.

A tabela anterior conduz à discussão sobre o local de trabalho do futuro e as principais diferenças ocorridas entre a altura em que o acesso aos *media* era inexistente, para se passar a desempenhar mesmo a tarefa mais pequena recorrendo a eles. Anne Lise Kjaer (2008) faz esta análise, em jeito de previsão, concluindo que, entre 1900 e 2020, o local de trabalho passa por cinco categorias: o estático (1900-1930), a revolução cultural e de *design* (1940-1980), a internet (1980-2000), o local de trabalho móvel (2000-2010), entrando agora numa fase de cocriação, que se prolongará para lá do ano 2020 e que contempla a tecnologia inteligente e o espaço virtual.

Figura 16. Evolução do local de trabalho, de 1900 a 2020



Fonte: Kjaer (2008, p. 3)

A viagem entre espaços laborais e familiares, por exemplo, ocorre sem necessidade de ausência do local físico, numa mudança repentina. Com o tempo verifica-se o mesmo, das temporalidades públicas às privadas vai-se num ápice, em que tudo se mistura, tempos e espaços, privados e públicos. As fronteiras não são já nítidas, mas espaços de fluxos (Lévy, 1998 [1995], p. 18), o que traz consequências a vários níveis. O horário de trabalho é orientado para objetivos e tarefas, desenvolvendo-se no período temporal decidido pelo colaborador. Diz Teixeira-Botelho (2011) que a geração que a autora apelida de *Extreme* não se revê no horário das oito horas de trabalho diárias, algo que até lhe retira a motivação, ou porque essas oito horas são mais do que suficientes para a realização da tarefa que lhe foi atribuída, ou porque é necessário mais tempo e o trabalho é realizado fora do horário estipulado (Teixeira-Botelho, 2011, p. 87), esta geração poderá ser, então, quem está a promover as mudanças organizacionais e pessoais.

4.1.2.3. Utilização dos novos *media* na escola pelos professores

Nesta subsecção o objetivo é abordar a utilização dos novos *media* no espaço escolar, mas com foco nos docentes, cuja perspetiva e aceitação é, na maior parte das situações, mais negativa e resistente que a dos alunos, e noutras é apenas distinta, aliás, como tem que ser, considerando os diferentes papéis que desempenham. Daí que se tenha realizado esta abordagem em dois momentos: a dos docentes e, na subsecção seguinte, a dos alunos.

Nos anos 1960, é criado o Centro de Pedagogia Audiovisual, em 1963 e, um ano mais tarde, o Instituto de Meios Audiovisuais no Ensino, com o objetivo de promover a integração dos *media* no espaço escolar e, um pouco no seguimento da adoção da “Declaração de Grünwald, sobre Educação para os *Media*”, em 1982, dá-se início, em 1985, ao *Projeto Minerva*, e, mais tarde, ao *Programa Global de Reforma do Sistema Educativo*, entre os anos de 1987 e 1988 (Lopes, 2011, p. 14).

O *Projeto Minerva* tinha como principal objetivo a introdução de tecnologia nos ensinos básico e secundário, dotando as escolas de meios e os professores de formação. E a reforma educativa dos anos 87/88 seguiu o mesmo sentido através do incentivo ao aumento da relação entre educação e *media*. Nesta reforma, é de realçar um programa específico, o *Programa A6 – Novas Tecnologias da Informação*, no qual já se mencionava a importância das TIC no sistema educativo (Lopes, 2011, pp. 14-15).

Apesar da importância declarada das TIC no contexto escolar, nem sempre a sua integração tem sido pacificamente aceite, aliás, os *media* podem ser percecionados quase como um concorrente da escola, oferecem conteúdos atuais e históricos, onde e quando os alunos querem, funcionam como agentes de socialização e, simultaneamente, possuem um carácter de entretenimento (Diogo & Gomes, 2012, p. 8). Como refere Anderson (2005), sobretudo a internet, permite ao aluno controlar a sua experiência educativa (Anderson, 2005, p. 3), em termos de tempo, espaço, de *media* utilizado e de conteúdo que quer produzir e consumir (Simões & Gouveia, 2009, p. 841).

No sentido da integração dos *media* no contexto escolar e das potencialidades que tal oferece, Siemens (2005) considera que teorias de aprendizagem como o *behaviorismo*, *cognitivismo* e *construtivismo*, não têm conseguido explorar o impacto das tecnologias e das redes na aprendizagem, e propõe o *conectivismo* como a teoria de aprendizagem para a era digital. O princípio crucial deste novo paradigma é a conexão, a importância da conexão entre pessoas na rede, e destas com a informação, a capacidade

que os indivíduos devem desenvolver para conhecer essas conexões e a existência de novas; mas outros princípios sobressaem como a abertura da aprendizagem à diversidade de opiniões, ou a forma como o processo de decisão sobre o que estudar e onde é ele próprio uma aprendizagem (Siemens, 2005, p. 4). Como referido, o *conectivismo* surgiu, sobretudo, após o que passou a ser possível com o recurso aos novos *media*, como a integração de múltiplos modos de comunicação e de acesso à informação, a interatividade, a flexibilidade e, claro, a conectividade (Blurton, 1999, pp. 5-7).

Das medidas mais visíveis dos últimos anos em termos de utilização dos novos *media* no contexto escolar foram a *e-escola* e a *e-escolinha*, mais vocacionadas para a distribuição de computadores e internet, a primeira visava dotar professores, alunos dos ensinos básico e secundário e adultos inscritos no programa *Novas Oportunidades*⁷⁶ com computadores portáteis e ligação à Internet de banda larga; e a segunda medida tinha como objetivo essencial a garantia de que alunos do 1.º ciclo do ensino básico tinham acesso a computadores pessoais com conteúdos educativos. Objetivando conhecer os efeitos destas medidas, vários estudos foram realizados em Portugal (Diogo & Gomes, 2012; Eiras, 2012; Merrelho, 2010), nomeadamente, um projeto de maior dimensão, ao nível nacional, mas especificamente sobre o computador *Magalhães*, distribuído aos alunos de 1º ciclo. O projeto designa-se *Navegando com o Magalhães. Estudo sobre o impacto dos media digitais nas crianças*⁷⁷, coordenado por Sara Pereira.

Também Monteiro e Loureiro (2009) se interessaram pelas influências trazidas pela utilização de computadores portáteis em contexto escolar, quer pelos alunos, quer pelos professores. De acordo com os autores, as vantagens associadas à utilização de computadores portáteis (ou ComP, como preferem) são o facto de se poder dispor do computador a qualquer hora e em qualquer lugar, permitindo aos docentes melhorar o desempenho, através da realização de aulas, da avaliação dos alunos e da própria comunicação com os seus encarregados de educação, mais celeremente. E aos alunos a utilização de computadores portáteis permitia, em última instância, aumentar a motivação para o processo de ensino-aprendizagem, através, por exemplo, do desenvolvimento de projetos mais criativos (Monteiro & Loureiro, 2009, p. 40). A **Figura 17** apresenta um resumo das potencialidades dos computadores portáteis na opinião dos autores mencionados.

⁷⁶ O programa *Novas Oportunidades* visava, essencialmente, a alfabetização e escolarização da população portuguesa. Este programa foi descontinuado em dezembro de 2012.

⁷⁷ <http://www.lasics.uminho.pt/navmag/>, consultado a 14 de março de 2013.

Figura 17. Os ComP permitem...



Fonte: Monteiro e Loureiro (2009, p. 41)

A educação em Portugal, e no caso concreto do meio rural português, tem sofrido profundas alterações desde, sobretudo, a década de 1990. Aliás, a forma como a educação era pensada no passado teve mesmo que se adaptar às mudanças, uma vez que as taxas de abandono escolar⁷⁸ estavam a aumentar de ano para ano, sendo, por vezes, justificadas pelo seu carácter tradicional e pouco avançado tecnologicamente. A título de exemplo, na **Tabela 20** apresentam-se algumas estatísticas do abandono escolar em Portugal, por região NUTS II.

⁷⁸ De acordo com o INE, entende-se por abandono escolar a saída do sistema de ensino antes da conclusão da escolaridade obrigatória, dentro dos limites etários previstos na lei.

Tabela 20. Taxa de abandono precoce de educação e formação em Portugal, por sexo e região NUTS II (2011)

	Total (%)	Homens (%)	Mulheres (%)
Portugal	23,2	28,2	18,1
Norte	23,0	28,6	17,1
Centro	20,5	25,9	14,9
Lisboa	22,7	25,3	20,2
Alentejo	20,4	26,0	14,4
Algarve	26,0	30,5	21,2
Região Autónoma dos Açores	44,3	52,5	35,6
Região Autónoma da Madeira	31,7	39,3	23,6

Fonte: Observatório das Desigualdades⁷⁹

Verifica-se que, excetuando as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, o País apresenta taxas de abandono escolar precoce bastante semelhantes em todas as regiões. Para além disso, dados de 2012 indicam que a percentagem em Portugal, de 23,2%, em 2011, diminui para 20,8%, em 2012⁸⁰. No entanto, um estudo do *Cesnova - Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa*, designado *Atlas da Educação*, considera que as taxas de abandono escolar são mais elevadas no interior do País e no ensino secundário (10º, 11º e 12º anos)⁸¹.

A modernização das escolas é um processo que tem vindo a ocorrer em Portugal, efetivamente, desde 2005, ainda que programas como o *Minerva* (1985-1994), *Internet nas Escolas* (1996) e *Nónio Século XXI* (1996) tenham sido já propulsores desta nova era. O *Plano Tecnológico* (2005) e o *Plano Tecnológico da Educação* (2007) são os projetos mais recentes que estão a modelar a escola à sociedade da informação, do conhecimento e em rede.

O ponto central daqueles programas é a dotação de escolas, docentes e alunos de meios tecnológicos, porque se concluiu que eram necessários para a educação do século XXI. Esta deverá, então, ser diferente da tradicional, que, de acordo com Sugata Mitra⁸² tem origem no sistema militar e na Revolução Industrial, que se concentrava em criar indivíduos semelhantes, sem espírito crítico e sem necessidade de um elevado desenvolvimento cognitivo. Da mesma opinião é Seth Godin⁸³, que refere que o objetivo do processo de ensino é formar de uma só vez, numa turma e num ano, entre 20 a 30 crianças e jovens, exatamente como numa fábrica, e que quando algum aluno fica retido

⁷⁹ <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=indicators&id=27>, consultado a 15 de março de 2013.

⁸⁰ <http://www.pordata.pt/>, consultado a 15 de março de 2013.

⁸¹ Dados apresentados na 3.ª Conferência Empresários Pela Inclusão Social (EPIS) - Escolas de Futuro: Dar Esperança a Todos os Jovens, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 13 de março de 2013.

⁸² Professor de Tecnologia Educativa, na Escola de Ciências da Educação, Comunicação e Linguagem, Universidade de Newcastle, Reino Unido

⁸³ Escritor de livros na área da revolução pós-industrial e nos acontecimentos daí decorrentes no *marketing* e liderança.

num ano é função da escola repetir o mesmo procedimento do ano anterior, no entanto, esses alunos mudaram, bem como as suas exigências, daí que o sistema de ensino e o processo de aprendizagem deva acompanhar essa mudança. Então, diz Seth Godin, a solução é encontrar um formato de escola que as crianças procurem e desejem frequentar, um ambiente onde a sua necessidade de informação é satisfeita⁸⁴.

Para a satisfação das necessidades de (in)formação dos alunos, os professores têm também que sentir essa vontade e de procurar satisfazê-la, só assim o processo de ensino-aprendizagem muda. Uma das formas é através da utilização de novos *media*, quer no contexto de sala de aula, quer em contextos mais informais, como os intervalos. No entanto, para que essa apropriação de meios tecnológicos ocorra por parte dos docentes (para, posteriormente, a aplicarem em sala de aula) é preciso que já existam ou se adquiram conhecimentos para a sua utilização, assim como para que essa utilização se enquadre no currículo e nas metodologias pedagógicas. Porque, como refere Kenski (2003), ligar e desligar dispositivos não é suficiente para a aplicação dos mesmos com finalidades pedagógicas (Kenski, 2003, p. 51).

Esta necessidade de mudança surgiu, mais prementemente, como já referido, com os programas *e-escola* e *e-escolinha*, através dos quais, não só os alunos passaram a ter acesso a computadores portáteis pessoais para utilizar em casa, como, e mais fundamental, para utilizar na escola. Com estes dispositivos, mas, igualmente, com a televisão, as tecnologias móveis, os quadros interativos, a internet, etc., os conteúdos escolares deixaram de estar concentrados no professor, a organização do horário da aula com base em documentos escritos, na fala do docente, resolução de exercícios, momentos de discussão e reflexão, é, agora, invadida por recursos multimédia externos a este processo (Rosa & Toniazzo, 2012, pp. 5-6). Para além disso, a articulação e interação dentro e fora do espaço escola entre professores e alunos são apoiadas por salas de conversação virtuais, partilha assíncrona de conteúdos e pelo correio eletrónico, no sentido da “construção de espaços de inteligência pessoal e coletiva.” (Kenski, 2003, pp. 51-52).

A referência aqui é, maioritariamente, feita aos níveis de ensino básico e secundário, uma vez que são esses os que se pretenderam estudar na investigação, não obstante, também no ensino superior, esta mudança de paradigma ocorreu e até de forma mais célere e abrangente. Quase todas as universidades portuguesas oferecem, atualmente, licenciaturas, mestrados, doutoramentos e ações de formação em regime de

⁸⁴ <http://www.fastcoexist.com/1680776/watch-a-great-short-film-on-the-future-of-technology-and-education>, consultado a 24 de outubro de 2012.

e-learning ou *b-learning*, algo que faz aumentar a necessidade de criar comunidades virtuais de partilha. Os recursos educativos em regime de acesso livre são cada vez em maior número, disponíveis a alunos e professores, com o objetivo de aumentar a partilha, a colaboração e o conhecimento aberto (Bossu & Tynan, 2011, pp. 259-260).

Então, quais são os domínios que fazem parte deste novo paradigma educativo, que pretende formar cidadãos capazes de integrar a Sociedade em Rede e do Conhecimento (Pereira & Silva, 2009, p. 557)? De acordo com Rosa e Toniazzo (2012), através da adaptação das ideias de Pellegrino e Hilton (2012), os domínios são três: o cognitivo, interpessoal e intrapessoal. Na **Figura 18** pode verificar-se que características ou aspetos são necessários em cada um deles.

Figura 18. Domínios presentes nos novos processos de ensino-aprendizagem



Fonte: Rosa e Toniazzo (2012, p. 8), adaptado de Pellegrino e Hilton (2012, pp. 21-22)

Assim, segundo Rosa e Toniazzo (2012), no domínio cognitivo é importante deter ou cultivar pensamento criativo, a capacidade de comunicação, de interpretação, de razão e argumentação entre outros; no domínio interpessoal contam-se características como a negociação, a cooperação, liderança, capacidade de resolução de conflitos, valorização da diversidade, etc.; e, no domínio intrapessoal são fatores essenciais a metacognição, a perseverança, cidadania, integridade, flexibilidade e outros. Isto tanto é

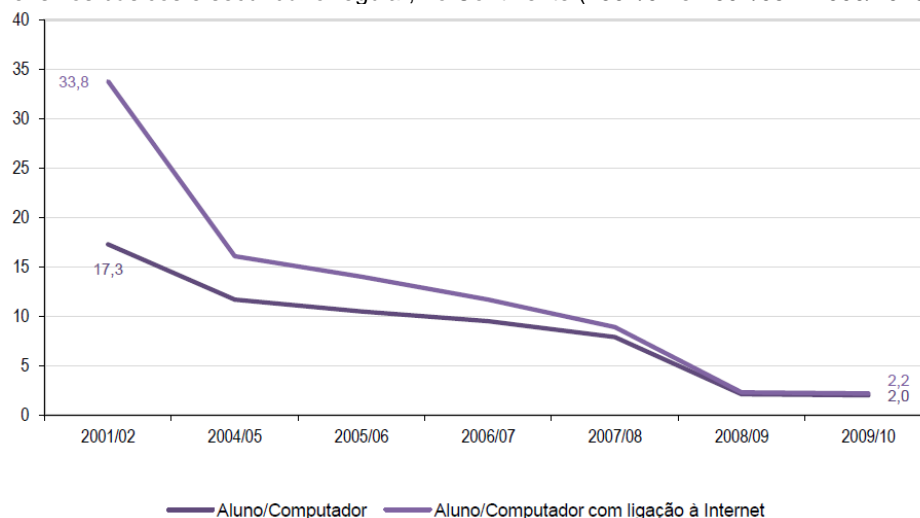
verdade para os alunos, como para os docentes, uma vez que estes também se encontram num processo de aprendizagem que agora se quer contínuo, aberto, não linear, mutável e múltiplo (Kenski, 2003, p. 53). Pode, por isso, concluir-se que aquele processo foi alterado, tendo as TIC sido as promotoras dessas mudanças (Rosa & Toniazzo, 2012, p. 7) e os docentes incluídos nele sem qualquer aviso prévio ou pedido de autorização.

4.1.2.4. Utilização dos novos *media* na escola pelos alunos

Já houve oportunidade de mencionar várias vezes os programas *e-escola* e *e-escolinha*. Esses são os marcos da utilização, de certa forma, massiva (na medida em que foram em menor número os encarregados de educação que decidiram não adquirir o computador) de computadores pelos alunos. No total, foram distribuídos 889.914 computadores nesses dois programas, 476.041 no primeiro e 413.873 no segundo, em Portugal Continental e Ilhas⁸⁵. Com esta distribuição, pretendia-se modernizar as escolas, mas mais do que isso, o processo de ensino. Era objetivo que professores, alunos, o currículo e a aprendizagem se modernizassem, se tornassem mais tecnológicos.

Aliás, esta utilização dos computadores foi ocorrendo paulatinamente, por exemplo, no ano letivo 2001/02, a percentagem de proporção de alunos por computador com ligação à Internet era de 17,3% (nos níveis de ensino do 1º, 2º e 3º ciclo e secundário, público e privado), valor que diminuiu para 2,0% no ano letivo de 2009/10, ou seja, o computador deixou de ser um dispositivo partilhado para muitos alunos, para se tornar um equipamento pessoal ou partilhado apenas por um colega. Em números efetivos, neste último ano letivo eram 594.999 computadores com ligação à internet para 1.189.998 alunos matriculados, no Continente (nos níveis de ensino e modalidades mencionadas anteriormente) (GEPE, 2011). Esta proporção pode ser verificada no **Gráfico 16**.

⁸⁵ <http://eescola.pt/>, consultado a 04 de maio de 2013.

Gráfico 16. Relação alunos/computador e relação alunos/computador com ligação à Internet, em escolas dos ensinos básicos e secundário regular, no Continente (2001/02 e 2004/05 – 2009/2010)

Fonte: GEPE (2011, p. 101)

A análise da utilização de meios tecnológicos na escola, sobretudo, nos níveis de ensino básico e secundário, quase não se pode dissociar da utilização no contexto familiar. Aliás, os primeiros resultados de inquéritos sobre a utilização do computador *Magalhães*, por exemplo, indicam que é mais frequente a sua utilização em casa do que na escola (Diogo & Gomes, 2012, p. 5), talvez porque alguns professores não tinham conhecimentos para os utilizar ou sobre qual o objetivo da sua existência, mas também porque os conteúdos programáticos ainda não se encontravam adaptados ao novo instrumento de trabalho. Mas em vez de se percecionar isso como algo menos positivo, Diogo e Gomes (2012) consideram que os computadores portáteis podem contribuir para a criação de verdadeiras comunidades virtuais ou de cooperação digital, onde alunos, professores e encarregados de educação partilham experiências, conhecimentos e informação (Diogo & Gomes, 2012, p. 14).

Mas nem só de computadores vivem os novos *media* na educação. Há semelhança de outros projetos realizados nos Estados Unidos e em França, como o *KMI @ TMI*⁸⁶, projeto-piloto que equipou 55 alunos de duas turmas do 6º ano da Trinity Meadows Intermediate School com um *smartphone*; ou o projeto *K-Nect*⁸⁷ que também dotava os alunos de *smartphones* para melhorar as suas competências a matemática; e o projeto *WapEduc*⁸⁸, em França, que colocou alguns conteúdos programáticos acessíveis a partir

⁸⁶ <http://www.kellerisd.net/community/technology/Pages/KMIatTMI.aspx>, consultado a 12 de novembro de 2012.

⁸⁷ <http://www.projectknect.org/Project%20K-Nect/Home.html>, consultado a 12 de novembro de 2012.

⁸⁸ <http://www.wapeduc.net/>, consultado a 12 de novembro de 2012.

do telemóvel; em Portugal foi realizado o projeto *Go! – Mobilidade na Educação*⁸⁹, desenvolvido pelo Centro de Competências Entre Mar e Serra (CCEMS), em parceria com a antiga Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, do Ministério da Educação (DGIDC), que se baseava na tecnologia GPS. Todos estes projetos tinham como principal objetivo aproximar a educação e o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, torna-los apelativos e motivadores. A partir do telemóvel, os alunos deveriam criar conteúdos, partilhá-los, resolver exercícios, utilizar as ferramentas que o telemóvel oferece para o efeito e, dessa forma, mudava-se a perspetiva que os alunos tinham da escola e dos conteúdos programáticos (Moura, 2009, pp. 54-56).

Com estes projetos é possível entender-se que outros dispositivos mediáticos podem ser utilizados, talvez não tão facilmente em contexto de sala de aula, mas como um prolongamento desta para os intervalos, para o contexto familiar e para o de lazer fora da escola. Assim, à semelhança do trabalho na idade adulta que é cada vez mais móvel, também as atividades escolares demonstram ter potencialidades para o ser, utilizando, como se referiu telemóveis e *smartphones*, mas igualmente outros dispositivos, como PDA, computadores de bolso, *tablets* ou *netbooks*⁹⁰, é o designado *m-learning* ou *mobile learning* ou aprendizagem móvel (Moura, 2009, p. 50).

Chega-se a um patamar em que os alunos têm, na maioria dos contextos que frequentam, acesso a todo o tipo de tecnologias, as conhecem e se sentem familiarizados com a sua utilização, não demonstrando qualquer resistência à apropriação de novos *media* na escola, por exemplo. No entanto, os seus encarregados de educação não vivenciaram estas experiências, daí que utilizar computadores em substituição de cadernos, lápis e canetas lhes faça confusão, ou conversar com um professor através de correio eletrónico ou numa sala de conversação *online* seja algo estranho. São os nativos e os imigrantes digitais, nas palavras de Prensky (2001a), que se encontram distinguidos na **Tabela 21**.

⁸⁹ <http://www.ccems.pt/PROJETOS/GOMobilidadenaEduca%C3%A7%C3%A3o/tabid/223/language/pt-PT/Default.aspx>, consultado a 12 de novembro de 2012.

⁹⁰ Computadores portáteis de dimensão, peso e custo mais reduzidos, normalmente, adquiridos para fazer pouco mais do que pesquisas na internet.

Tabela 21. Sumário da divisão digital

Alunos nativos (Nativos digitais) (Alunos neo-milenares)	Alunos digitais emergentes (Imigrantes digitais)
Fontes de informação múltiplas, multimédia e rápido	Distribuição da informação de forma lenta e controlada – fontes limitadas
Processo paralelo e multitarefa	Processo singular e tarefa única ou limitada
Ordem do processo Imagem, Vídeo e Som --> Texto	Ordem do processo Texto --> Imagem, Vídeo e Som
Acesso aleatório aos <i>media</i> interativos	Acesso linear, lógico e sequencial
Interação/rede simultânea para muitos	Interação/rede simultânea para poucos
Confortáveis em espaços virtuais e reais	Confortáveis em espaços reais
Preferem uma aproximação do trabalho interativa/em rede	Preferem que os alunos trabalhem de forma independente
Alunos “Mesmo a tempo”	Alunos “Só para o caso”
Acesso instantâneo, recompensas e gratificações	Acesso tardio/diferenciado, recompensas e gratificações
Aprender é relevante, instantâneo, proveitoso e divertido	Aprender é ensinar de acordo com o guia do currículo e testes padronizados

Fonte: Jukes e Dosaj (2006)

Para Jukes e Dosaj (2006), há, sobretudo, 10 diferenças entre o que são os alunos nativos digitais e os imigrantes digitais. Estes últimos são os adultos que frequentam o ensino fora do curso natural e que, um pouco justificado por esse facto, já não possuem conhecimento sobre as tecnologias utilizadas e os novos processos de ensino-aprendizagem, daí que executem as tarefas de forma diferenciada. As grandes diferenças entre estes dois grupos, para os autores, concentram-se na forma de pesquisar e obter informação, no modo de realizar tarefas (de forma singular no caso dos imigrantes, e multitarefa no caso dos nativos), na ordem estabelecida para os processos (sendo os nativos mais multimediáticos) e no tempo em que exigem as respostas, mais rapidamente para os nativos, e mais lentamente, para os imigrantes.

Nestas novas configurações que o ensino atravessou (ou deverá fazê-lo) é fundamental uma tríade de elementos: os alunos, os docentes e os encarregados de educação. Todos eles são importantes para que o processo de ensino-aprendizagem se converta numa fase bem-sucedida. Professores deverão ter formação que os capacite para as potencialidades dos *media*, encarregados de educação devem ter conhecimento do que vai ocorrendo em sala de aula e nas interações, e alunos devem ser também atores-chave na integração das tecnologias no contexto escolar com objetivos pedagógicos e educativos e não apenas lúdicos. Sobre a ludicidade falar-se-á na secção seguinte.

4.1.3. ... No lazer

O contexto de lazer é o último em análise na investigação realizada. Considera-se que os indivíduos se encontram neste tipo de contexto quando não estão no local de trabalho ou escolar, podendo ocorrer em casa (no contexto familiar) ou em espaços exteriores a esta. Foram, à semelhança dos contextos abordados anteriormente, profundas as mudanças ocorridas na forma como os indivíduos ocupam os seus tempos de lazer, recorrendo, frequentemente, à utilização da televisão, do computador/internet e do telemóvel.

Em termos de definição conceptual do lazer, vários autores mais clássicos (Camargo, 1989; Dumazedier, 1979; Munné, 1980; Requixa, 1977) defendem que apenas se poderá apresentar uma definição do termo quando comparado e/ou separado de outros dois conceitos: tempo livre e ócio; mas, para além disso, consideram que o conceito tem uma condição atemporal, ou seja, independentemente do período que se viva (pré-industrialização, industrialização ou pós-industrialização), ou a sociedade em que se esteja inserido (ocidental, oriental, africana...), é quase consensual que lazer requer que não existam imposições laborais na definição do tempo livre, no entanto, sem que existisse um tempo laboral não seria possível aceder ao lazer e a todas as atividades que ele permite, da mesma forma que deixaria de fazer sentido a distinção entre esses dois tempos. Lazer, enquanto tal, é-o por oposição ao tempo de trabalho, da mesma forma que apenas é permitido o seu acesso mediante determinados fatores socioeconómicos.

Assim, o que alguns autores defendem como sendo negativo no capitalismo e na sociedade industrializada, a prática de lazer não pode ser analisada como característica deles, mas apenas como mais uma das suas especificidades, ou seja, se, no período da pré-industrialização, agrícola, o lazer era o tempo ocupado por atividades não relacionadas com essas funções; na sociedade industrializada, o tempo de lazer é aquele em que o operário não está mais a trabalhar na indústria; e, na sociedade tecnológica, esse tempo é aquele em que o indivíduo deixa de estar preso às tecnologias de que dispõe para trabalhar, podendo, no entanto, usufruir destas e de outras e de outros modos. Aliás, foi, precisamente, a Revolução Industrial que trouxe de novo a prática de lazer, através da qual os trabalhadores exigiam acesso a um tempo organizado de forma compartimentada, em que cada espaço e tempo deveriam ser atribuídos à realização de tarefas específicas. O tempo de lazer (ou o tempo livre) seria dedicado ao

restabelecimento de energias, com o objetivo de se recomeçar nova jornada de trabalho (Schouten & Araújo, 2012, p. 6), é também um momento de relaxe, diversão e consumo, numa lógica de reprodução social, desta forma, “o lazer é parte do processo de construção do trabalho na sociedade contemporânea.” (Rodrigues, 2012, pp. 5-6).

Com a complexificação das sociedades modernas, o que vem a acontecer é a intensificação dos usos das tecnologias de informação e comunicação, que provoca grande complexidade em todos os contextos, os espaços e tempos justapõem-se, bem como as interações, as funções, as exigências e, em consequência, as relações entre os indivíduos: sociais, familiares e profissionais (Schouten & Araújo, 2012, p. 6). Tal facto pode ser considerado como negativo ou positivo. Negativo se a forma como o indivíduo se apropria for acrítica, fechada e absorvente; mas positivo se se conseguir apreender informação e realizar comunicação de forma construtiva.

É ainda importante referir que apenas na sociedade tecnológica é permitida esta continuidade de utilização dos mesmos artefactos em período laboral e de lazer, apenas devido ao carácter portátil dos dispositivos, assim como à sua acessibilidade em qualquer lugar, o que não era possível com os que eram utilizados para trabalhar nas sociedades agrícola e industrial. Como referem Aquino e Martins (2007), “Os telefones celulares, o fax, o *pager*, a internet, entre outros, são mecanismos que marcam essa busca incessante por mais tempo, porém, paradoxalmente, o homem termina por preencher esse tempo disponível com mais atividades e afazeres” (Aquino & Martins, 2007, p. 481), que podem não ser de trabalho, mas sim de lazer, na medida em que, como defende Dumazedier (1973), o descanso, o desenvolvimento e o divertimento são dimensões integrantes do lazer (três D's), logo, se as TIC são utilizadas no tempo livre para uma destas três dimensões, então pode considerar-se como verdadeiro tempo de lazer.

É pertinente a distinção (ou ausência dela) entre lazer e tempo de trabalho e o que neles se faz, sobretudo, porque durante o período laboral é possível ter momentos de lazer, veja-se os exemplos da invasão das redes sociais nos locais de trabalho⁹¹, deixando de ser um período de efetiva produtividade, como se pretende, e passando a ser mais de divertimento, recreação e comunicação; no entanto, durante o tempo de lazer assiste-se, igualmente, à interrupção das atividades para atender um telefonema de trabalho, para ler o *email*, entre outras. Tudo porque se tem acesso a várias ferramentas de informação e comunicação que permitem estar em permanente contacto com os dois mundos.

⁹¹ http://economico.sapo.pt/noticias/camara-proibe-acesso-ao-facebook_87296.html, consultado a 15 de março de 2013.

No contexto social, ou de lazer, para além das mudanças espaciais e temporais, outra das principais transformações ocorre no tipo de interação que os indivíduos desenvolvem com os demais. Thompson (1998) propõe uma teoria onde expõe os três tipos de interação que considera ocorrerem: a face a face, ou presencial; a mediada e a quase mediada. Na primeira, o contexto espacial e temporal são os mesmos, há, por isso, um contexto de copresença, não há intermediários e há um referencial de comunicação que impõe o diálogo. As interações mediadas implicam a utilização de um meio para estabelecer a comunicação: o papel no caso da carta, um telefone no caso das conversas através desse meio, etc., o que permite que espaço e tempo sejam diferentes para aquele que escreve a mensagem e para o que a recebe. Segundo o autor, este tipo de interação tem um carácter mais aberto do que o anterior. Por último, as interações quase mediadas são as estabelecidas através dos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão, etc.), através dos quais o espaço e o tempo são ainda mais diluídos, e a interação muito mais aberta, não implicando diálogo (Thompson, 1998, pp. 78-79).

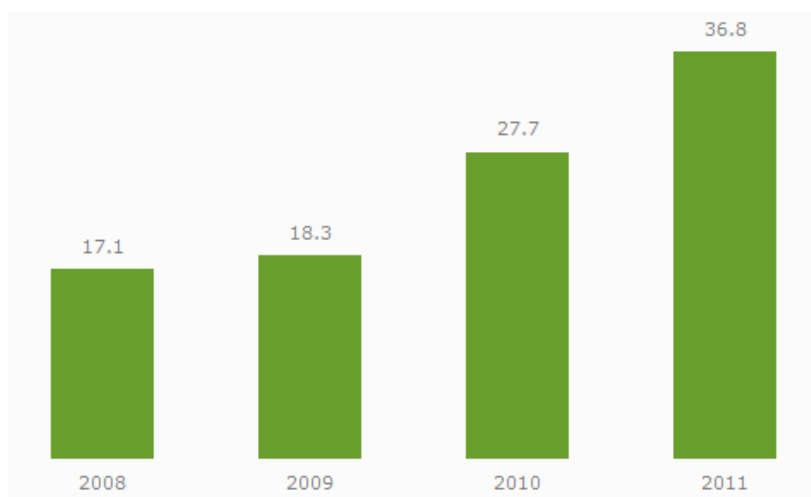
Atualmente, e ainda como sugere o autor, as interações podem já não ser estanques, mas, acima de tudo, assumir um carácter híbrido, pois é possível misturar as interações de copresença, com as quase mediadas e com as mediadas na mesma altura (Thompson, 1998, p. 80). Esta característica de hibridez ocorre não apenas nas interações sociais, mas entre os indivíduos e as ferramentas que são usadas para o seu desenvolvimento, a produção cultural que daí advém acontece nos mundos *online* e *offline*, quase simultaneamente, criando uma rede híbrida de conteúdos (Passarelli, Guzzi, Dimantas, & Kiyomoura, 2009, p. 61).

As interações híbridas, a utilização de redes sociais virtuais, as diferentes vivências, que acabam por se cruzar, num mundo físico e virtual, poderá significar que em algumas situações se assumam também diferentes personalidades, ou diferentes “eu’s”, dependendo do contexto em que a interação ocorre (Turkle, 1997, p. 290). Rivoltella (2010a) afirma mesmo que não se podem estabelecer distinções entre o que é espaço real e da rede social, mas sim defini-los como prolongamento um do outro (Rivoltella, 2010a, p. 7). Neste sentido, no ciberespaço, a formação do “eu” inclui todos os dispositivos a que o indivíduo tem acesso, no qual a partilha de local deixa de assumir a mesma importância do passado e a construção da identidade individual e coletiva ocorre de modo a ampliar as experiências presenciais. O lugar, sobretudo o lugar de lazer, passa a ser cibermediático (ou cibermediado) e mais do que global, é, agora, glocal; “Ele [o indivíduo] figura e configura um novo universo por e para si mesmo, obliterando as

fronteiras da realidade e do imaginário, do eu (sujeito) – para o eu (múltiplos avatares) de sujeitos.” (Folino Junior, 2012, p. 2).

As redes sociais são algo a que o indivíduo tende a estar constantemente associado, e são, talvez, a forma mais frequente de lazer. Conversar com colegas de trabalho, passar tempo com a família e amigos em ambientes descontraídos, aumentar a rede de conhecidos, são apenas alguns dos motivos pelos quais os indivíduos procuram redes sociais, como refere Ganito (2007a) “Usamos todos os meios possíveis para estarmos juntos, comunicar e construir comunidades.” (Ganito, 2007a, p. 11). No **Gráfico 17** pode verificar-se a importância das redes sociais virtuais, através do crescimento que tiveram entre 2008 e 2011.

Gráfico 17. Acedem a redes sociais, em Portugal (%)



Fonte: Marktest (2011)

As tecnologias e, dentro destas, a internet e, consequentemente, a utilização de redes sociais virtuais permitiram a exponenciação temporal e espacial dos contactos, criam-se novos grupos, aumentam-se os contactos a que é possível ter acesso, interage-se em momentos que se achava ser pouco provável (Ganito, 2007a, p. 11). Neste sentido, Castells (2007 [1996]), na sua análise à Sociedade em Rede, define o que considera serem as principais características destas transformações sociais: a informação é a nova matéria-prima; os efeitos das novas tecnologias atingem todas as atividades humanas; a rede é a nova lógica; flexibilidade, reconfiguração e redefinição são as palavras de ordem; e, a convergência tecnológica é o passo normal e esperado (Castells, 2007 [1996], pp. 87-89).

Os hábitos dos indivíduos são alterados, as crianças já não usufruem de brincadeiras mais tradicionais (pião, saltar à corda, berlinde, entre outras que foram, inclusive objeto de estudo no projeto *Neothem*⁹²), antes adaptam-se às novas tendências (Weiler, 2006, p. 7); os adultos (e também os jovens e as crianças) reformulam os seus hábitos de lazer, procurando leituras em outras plataformas que não apenas nos livros, novas formas de interação social, pesquisando informação em todos os meios comunicativos que tem ao seu dispor, aliás, a interação com esses meios é a forma procurada de ação e atuação (Passarelli *et al.*, 2009, p. 62) em todos os contextos. Como afirma Cardoso (2009b), os tempos livres (e de lazer) viram-se reorganizados através da apropriação de *media*-ecrãs (Cardoso, 2009b, p. 10).

⁹² <http://neothemi.up.pt/>, consultado a 15 de março de 2013.

4.2. REDEFINIÇÃO DE TEMPOS E ESPAÇOS ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DOS NOVOS *MEDIA*

[...] *the future increasingly appears to dissolve into an extended present.*

(Urry, 2000, p. 128)

Time is not universally experienced as equivalent to our modern technologies of measurement.

(Crang, 2011, p. 331)

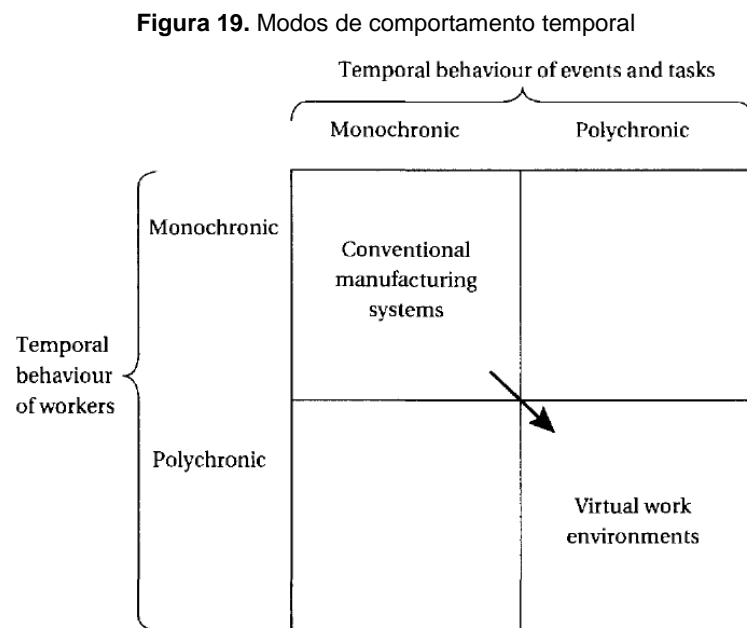
O tempo e o espaço são duas dimensões da vida social dos indivíduos que se viram afetadas com a utilização de novos *media*. Um autor que é de grande relevância mencionar, sobretudo, no que diz respeito à vivência do tempo é Karl Marx. Em várias obras do autor (Marx, 1976 [1847], 1989 [1844], 1990 [1867]-b), o tempo assume muita importância, ora porque lhe atribuía um caráter de restaurador da energia física, mental e espiritual; ora porque o analisava à luz da alienação que o capital lhe conferia.

Para Marx (1990 [1867]-a), um dos aspetos que muito contribui para diferenciar o Homem do animal é a dominação do tempo, se, para o primeiro, é importante que tenha poder sobre o tempo; já o segundo é totalmente dominado pelo tempo. E, logo aqui, se consegue perceber de que modo o tempo vai ser entendido ao longo da obra do autor. O modo de produção capitalista é um período onde o Homem se encontra inteiramente subordinado ao ritmo da máquina, obedecendo aos seus tempos de paragem e às obrigações laborais (Marx, 1990 [1867]-a). Aqui pode já realizar-se uma comparação com a utilização dos computadores na Sociedade da Informação e do Conhecimento, na qual é exigido ao indivíduo que trabalhe continuamente durante os vários períodos laborais, o tempo é algo que não admite ruturas, fronteiras e intervalos. A resposta a um *email* deve ser imediata, atender o telemóvel é uma exigência constante, tudo está altamente cronometrado.

Marx propôs a distinção do tempo entre “tempo de trabalho necessário”, aquele de que o trabalhador necessitaria para manter a sua vida, através da aquisição de recursos que o dinheiro ganho permitem; e o “tempo de trabalho excedente”, ou seja, o que permitiria adquirir lucros ao detentor dos meios de produção (Marx, 1989 [1844]). Mais uma vez, com o aumento da disponibilidade da tecnologia, aumentam também as oportunidades de obter “tempo de trabalho excedente”.

Em todas as sociedades é o tempo que, habitualmente, determina o valor do trabalho. A duração da realização da atividade vai estipular o preço da tarefa e o valor do resultado final (Marx, 1990 [1867]-c). Mas, atualmente, como se mede a duração de uma tarefa quando o período para a executar é contínuo, quando não há uma verdadeira interrupção entre o momento em que o indivíduo a está a realizar e o momento em que devia estar no seu tempo de lazer? Os novos *media* vieram, por isso, diminuir a importância da separação dos tempos, e é necessário, agora, que se construa uma nova cognição relativamente a esta mudança temporal (Zerubavel, 1982). Para além disso, disseminaram-se as culturas policrónicas, nas quais o tempo é utilizado para a realização de várias atividades (algo cada vez mais frequente, sobretudo, nas gerações mais novas).

Liebenau e Lee (2002) procurando um entendimento para os modos de comportamento temporal, elaboraram uma proposta que cruza o comportamento temporal dos trabalhadores com o comportamento temporal dos eventos e das tarefas. Em ambos os comportamentos, encontra-se a vertente monocrónica e policrónica. A **Figura 19** permite visualizar este cruzamento.

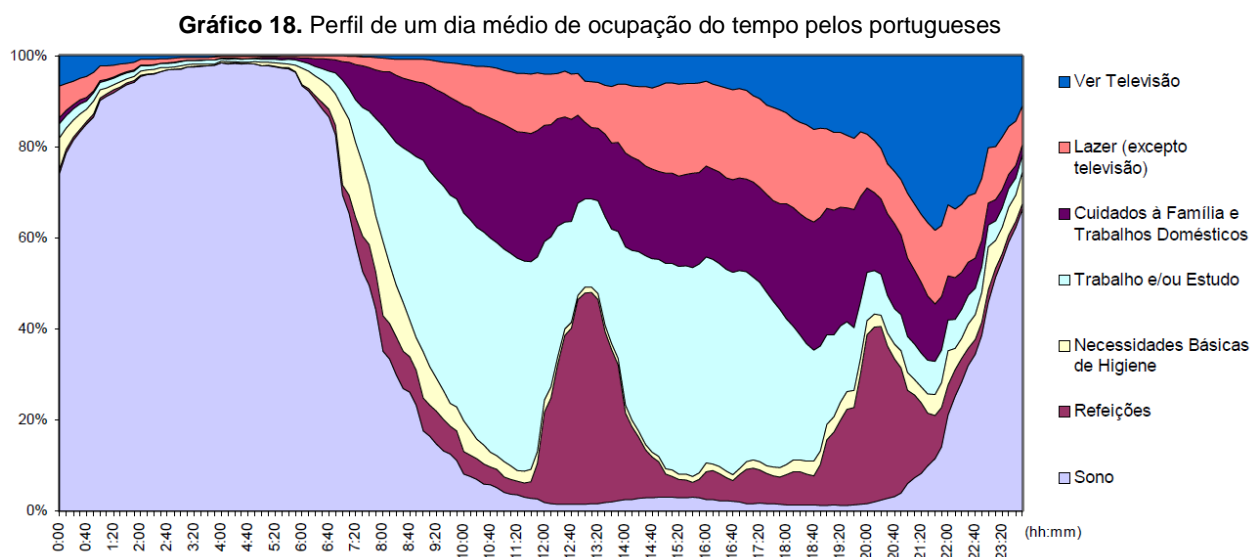


Fonte: Liebenau e Lee (2002, p. 133)

A parte superior esquerda correspondente aos sistemas de manufatura convencional, que, de acordo com os autores, ocorrem de modo monocrónico, ou seja,

com alguma regularidade e em tempos específicos. Também os trabalhadores inseridos neste modo realizam as suas tarefas de modo monocrónico, uma tarefa de cada vez. Na parte inferior direita, localiza-se o trabalho em ambientes virtuais, nos quais os eventos ocorrem de modo policrónico e os trabalhadores realizam tarefas da mesma maneira, ou seja, várias tarefas ao mesmo, e vão despachando à medida que aparecem (Liebenau & Lee, 2002, p. 134).

Através desta distinção de Liebenau e Lee (2002) compreende-se o quanto os tempos de trabalho, e depois com toda a influência que têm nos familiares e nos de lazer, foram modificando ao longo das sociedades nas quais o indivíduo foi estando inserido: de recolheção, agrícolas, industriais e em rede. Em todas elas, pode afirmar-se que existiram tecnologias, umas mais evoluídas que outras, apenas no sentido em que havia artefactos que ajudavam o indivíduo a desempenhar as tarefas necessárias, fossem instrumentos de caça mais artesanais, de tratamento da terra, maquinaria um pouco mais evoluída ou novos *media* que permitissem a pesquisa e o tratamento da informação. Estes artefactos influenciavam também a forma como os tempos e os contextos se encontravam separados ou se imiscuíam uns nos outros. Mais recentemente, num inquérito aplicado aos usos do tempo, pelo INE, à população portuguesa, verifica-se a percentagem de tempo que determinadas tarefas ocupavam no dia dos portugueses inquiridos.



Fonte: INE (2000, p. 1)

Através do **Gráfico 18** é possível perceber que, em 2000, as atividades de lazer, cuidados à família e trabalhos domésticos e trabalho e/ou estudo ocupam uma quantidade de horas bastante similar ao longo do dia.

Para além destes dados, é importante verificar a forma como os inquiridos optavam por ocupar os seus tempos livres, estando os meios audiovisuais no fundo das preferências, no entanto, estudar e trabalhar encontram-se na média das respostas.

Gráfico 19. Ocupação escolhida para o tempo disponível (%)



Fonte: INE (2000, p. 8)

Não é possível ter acesso a informação sobre a ocupação dos tempos livres dos portugueses de forma agregada, nem em todas as atividades, como a que se disponibilizou anteriormente, no entanto, algumas estatísticas sobre o tempo ocupado com os novos *media* permitem ficar com uma perceção global. Por exemplo, em 2012, o tempo dos portugueses dedicado a redes sociais era, em média, de 88 minutos por dia⁹³, a navegação em páginas de internet de áudio e vídeo (como o *YouTube*), no mesmo ano, totalizou, em média, 17 horas e 36 minutos⁹⁴.

Em 2011, 32,7% dos portugueses referiram que iam ao cinema pelo menos uma vez por mês e 12% informa que o fez ocasionalmente (menos do que uma vez por mês)⁹⁵. E, relativamente à televisão, como já referido no **Capítulo II**, a média diária de visualização, em 2010, foi de 3 horas e 30 minutos (2010b).

O tempo, então, pode ser compreendido como algo mais do que uma construção social, é o que permite aos indivíduos estar no mundo de modo coordenado e com significado, para isso, recorre-se à utilização de tecnologia, importante para a organização do tempo e sincronização dos espaços (Heidegger, 2008 [1962]). Mas estas organização e sincronização esbatem os momentos de rutura, importantes para que as pessoas se sintam num ambiente diferente e o experienciem de modo também diferente. Mudar do ambiente familiar para o laboral, integrando no meio o de lazer origina a que as ruturas se tornem rotina, ou seja, deixam de existir efetivamente, o que poderá trazer consequências nefastas para a vida dos indivíduos e para as relações entre eles e quem os rodeia. Este facto poderá originar o que Boaventura de Sousa Santos (2000) designa de “desorientação dos mapas cognitivos, interacionais e sociais”, significando que o que é familiar deixa de o ser e, consequentemente, deixa de ser confiável. Para já, continua o autor, “Os novos mapas são, por agora, linhas ténues, pouco menos que indecifráveis.” (Santos, 2000, p. 39). E, neste sentido, Frissen (2000) concorda, igualmente, que o indivíduo está a abandonar o tempo organizado, com horas de trabalho fixas, bem como os dias para dedicar ao lazer e às férias (Frissen, 2000, p. 65).

Nestas noções de rutura, descontinuidade, rotina, temporalidade, entre outras, está inerente o conceito de tempo de relógio, de calendário, que organiza a vida das pessoas. Mas este tempo de relógio sofre, então, uma disrupção, não no sentido de se interromper o tempo, tal não é possível, mas na forma como se preenche o tempo linear com atividades. Com as novas tecnologias e todas as suas potencialidades, o indivíduo pode,

⁹³ <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1b11.aspx>, consultado a 03 de maio de 2013.

⁹⁴ <http://www.marktest.com/wap/clip.aspx?id=c8fa>, consultado a 05 de maio de 2013.

⁹⁵ <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~17d2.aspx>, consultado a 05 de maio de 2013.

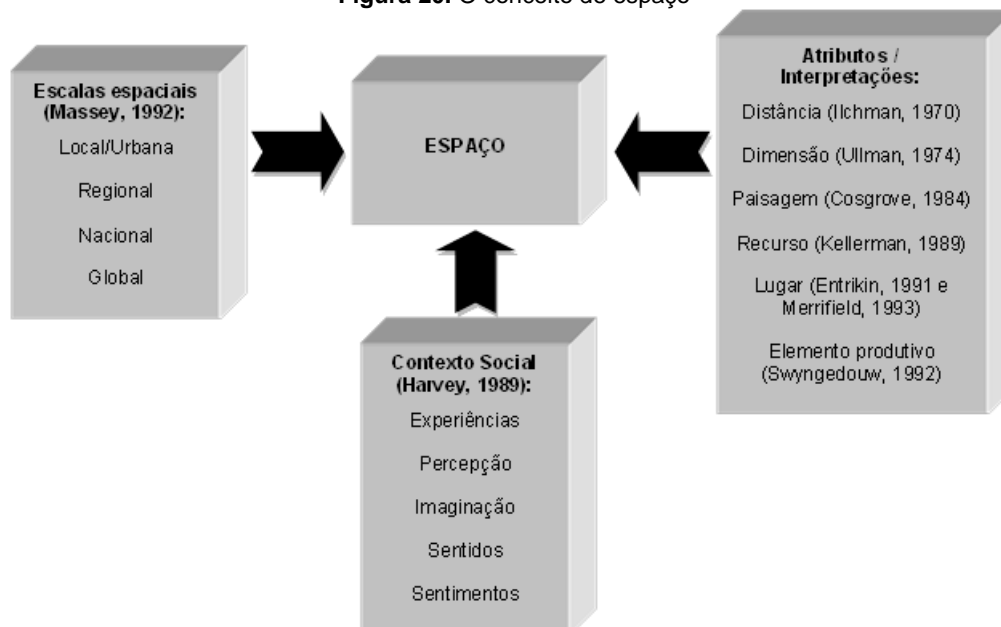
agora, estar conectado 24 horas por dia, em sete dias por semana, o que elimina a necessidade de se planejar o uso do tempo, surgindo, assim, o tempo imediato, que se encontra desconectado do tempo linear, regido pelo calendário, e do espaço (Johnsen, 2001, pp. 62-63). Este tempo imediato é apelidado por Urry (2000) de tempo instantâneo, que se caracteriza, segundo o autor, por três aspetos essenciais: os breves instantes potenciados pela utilização de tecnologias de informação e comunicação, instantes esses que estão para lá do entendimento do ser humano; as relações assumem um carácter social e tecnológico que, pela sua instantaneidade (ora virtuais, ora físicas), não há necessidade de existir uma separação temporal; por último, tem vindo a ocorrer uma metáfora para o significado do tempo fragmentado, mesmo quando não é instantâneo ou simultâneo (Urry, 2000, p. 126).

A metáfora a que Urry (2000) se referia era ao facto de que a ordem das ações está cada vez mais desconectada do tempo estruturado, tal como se conhecia, por exemplo, no período da Revolução Industrial. Agora, o tempo existe de acordo com a disponibilidade do indivíduo para estar presente, assim, a separação, a fragmentação não é do tempo, esse é instantâneo, como referido, e contínuo, a fragmentação é a do próprio indivíduo e de quem o rodeia (Johnsen, 2001, p. 67), o que poderá provocar problemas psicológicos graves, no sentido da compreensão do tempo. Aliás, como refere Moisés Martins (2003) “[...] o tempo perdeu nos nossos dias todos os seus acentos. A historicidade, o acento grave do tempo, o acento da nossa responsabilidade pelo nosso estado e pelo estado do mundo [...]” (Martins, 2003, p. 99), transformando-se, antes, numa doença, uma vez que não possível mais ter acesso ao que é a verdadeira temporalidade, à verdadeira experiência do tempo.

À semelhança do tempo, também o espaço sofre mutações, ou melhor, a forma como as pessoas entendem o espaço, sobretudo com o recurso aos novos *media*, altera-se, daí que seja necessário analisar o que se entendia por espaço e quais as contribuições existentes para a análise do espaço, que permitem perceber o porquê das diferentes análises realizadas. Na **Figura 20** podem perceber-se algumas das contribuições teóricas realizadas à volta do conceito de espaço, bem como de outros termos que se encontram associados ao espaço, divididos em *Escala espacial* (sobretudo, tratado por Dorren Massey (1992)), *Contexto social* (com grande importância os contributos de David Harvey (1990)) e os *Atributos ou interpretações* (com contributos de vários autores, como Denis Cosgrove (1998), Aharon Kellermen (1989) e outros). Estas análises teóricas foram cruciais para a construção de um conceito pluridisciplinar (Ferreira, 2006, p. 65), muito importante para a forma como é percecionado nesta

investigação, considerando os vários contextos em análise: familiar, laboral/escolar e de lazer.

Figura 20. O conceito de espaço



Fonte: Ferreira (2006, p. 65)

Ferreira (2006) faz, então, uma reunião dos principais contributos teóricos para a definição de espaço. De acordo com o autor, há três dimensões essenciais: as *Escalas espaciais* são as formas como o espaço é medido, caracterizado. Estas escalas dividem-se em *Local*, *Regional*, *Nacional* e *Global*, sendo o principal contributo de Massey (1992). A segunda dimensão são os *Atributos/interpretações*, ou seja, as contribuições dos diversos autores e o conceito a que cada um deu mais importância, como por exemplo, o conceito de *Paisagem*, de Cosgrove (1998), ou o de *Recurso*, de Kellerman (1989). A terceira dimensão é a do *Contexto social*, relacionado com as vivências dos indivíduos com o espaço, cuja principal contribuição é a de Harvey (1990).

Atualmente, há um conceito que tem ganho particular relevância quando o objetivo é entender o espaço, é o de ciberespaço, ou seja, a forma como a navegação na rede, no espaço cibernético tem assumido uma forma específica nas experiências dos indivíduos e como múltiplas atividades são agora aí realizadas, em oposição ao espaço físico. Aliás, o espaço físico tem sofrido alterações no sentido da integração do ciberespaço, o tempo delimitado deu lugar a um tempo híbrido. O ciberespaço não é independente do espaço físico, as infraestruturas necessárias à utilização do ciberespaço estão localizadas no

espaço físico; e os próprios atores intervenientes no ciberespaço encontram-se situados no mundo físico. Da mesma forma que o espaço físico é muito dependente do ciberespaço ou espaço virtual, porque é aqui que as relações laborais, sociais e toda a gestão do meio físico ocorrem (Ferreira, 2006, p. 70).

Defendida por Lemos (2007) é a ideia de que o ciberespaço e a cultura que lhe está associada (cibercultura) são dinâmicas desterritorializadas. A política, a economia, o indivíduo, a arte e a cultura, a identidade, entre outras áreas da sociedade e da vida individual, sofrem um processo de desterritorialização, devendo-se ao advento da internet. As fronteiras diluem-se, a circulação de informação económica e financeira ocorre dentro da rede e a identidade dos indivíduos está disponível no mundo virtual, quase excluindo a possibilidade de não existência na rede (Lemos, 2007, p. 282). Ao mesmo tempo, continua o autor, ocorrem reterritorializações, onde todas as dimensões referidas anteriormente (cultural, política, económica, identitária, etc.) têm que se adaptar e reconfigurar à nova lógica (Lemos, 2007, p. 283).

Neste sentido, Ferreira (2006) elabora uma tabela onde estabelece as principais diferenças entre a forma de organização do espaço, que ele designa de real (na investigação presente considera-se ser mais apropriada a utilização do termo espaço físico) e do ciberespaço, de acordo com 17 tópicos essenciais, separados por *Organização*, *Dinâmica* e *Utilizadores*. Para o autor, os principais termos definidores do espaço real são a capacidade de determinação do espaço e das atividades que aí ocorrem, a limitação dessas atividades, onde tudo é perfeitamente definido e palpável. Ao contrário do ciberespaço, onde é tudo muito mais volátil, em rede, indeterminado e intangível. Na **Tabela 22** podem ver-se as principais diferenças entre os dois espaços.

Tabela 22. Organização do espaço real e do ciberespaço

Organização	Espaço Real	Ciberespaço / Espaço Virtual
1 Conteúdo	Físico e Informacional	Informacional
2 Lugar	Separados ou divergentes	Ligados e Convergentes
3 Forma	Abstracta ou real	Relacional
4 Tamanho	Limitado	Ilimitado
5 Criação/Desenvolvimento	Dispendiosa	Mediana/Razoável
6 Espaço	Território	Em rede
7 Localização	Euclidiana/possível de determinar	Impossível de determinar
Dinâmica		
8 Meio de comunicação	Transportes/vias de comunicação	Telecomunicações
9 Velocidade	Dependente do meio de transporte	Dependente da infra-estrutura, do custo, da regulamentação
10 Distância	Determinante	Pouco importante
11 Tempo	Determinante	Importante
12 Orientação	Coordenadas geográficas	Não existe
Utilizadores		
13 Identificação	Definida	Definida ou indefinida
14 Contacto	Presencial	Sem contacto
15 Interação	Possível	Possível
16 Linguagem	Nacional/Nativa	Inglês (na sua maioria)
17 Identidade cultural	Presente	Presente /Ausente

Fonte: Ferreira (2006, p. 71)

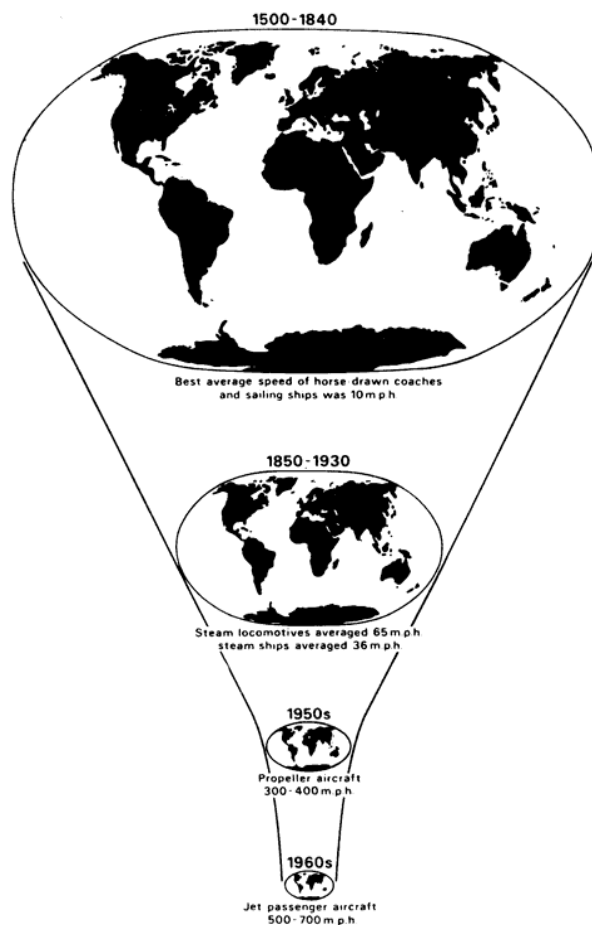
Importante é, ainda, perceber que só faz sentido falar em espaço quando mencionando as relações entre os objetos de que dele faz parte, “O 'espaço' não existe só por si [...]” (Ferreira, 2006, p. 64), então, o principal desafio proposto por Agnew (2011) é que se entenda o mundo como algo cada vez mais como um “não-lugar”, onde as ligações, os fluxos de informação, de objetos e pessoas ocorrem em nenhum lugar em particular (Agnew, 2011, p. 318), assim, retorna-se à reconfiguração do espaço, uma vez que o autor defende que a distância não desapareceu, o que aconteceu foi a sua reformulação (Agnew, 2011, p. 318), sobretudo, através da compressão dos tempos e espaços já proposta por Harvey (1990).

Thompson (1998) afirma que a reorganização social e societal é uma forma dos indivíduos atingirem os seus objetivos (Thompson, 1998, p. 36), na medida em que a adaptação aos novos *media* é uma obrigação presente e real, não permitindo que quem se queira manter atualizado se desligue desta imposição. De um modo geral, diz o autor que “Antes do desenvolvimento das indústrias da mídia, a compreensão que muitas pessoas tinham de lugares distantes e passados era modelada basicamente pelo intercâmbio de conteúdo simbólico das interações face a face” (Thompson, 1998, p. 38).

Harvey (1990) tem, inclusivamente, uma forma de representar a reestruturação global, que se poderá aplicar à configuração das relações sociais, laborais e familiares,

designado de “shrinking map of the world”, que se pode explorar na **Figura 21**. O autor define a diminuição do mundo através das velocidades médias atingidas pelos meios de transporte mais utilizados em cada uma das épocas, ou seja, a forma como a evolução tecnológica permite fazer-se o caminho de forma mais célere, logo encurta as distâncias entre espaços e diminui o tempo de viagem e de encontro. Assim, entre 1500 a 1840 a velocidade média de carruagens puxadas por cavalos e de veleiros era de 10 milhas/hora (cerca de 16 km/hora); entre 1850 e 1930, a velocidade média das locomotivas a vapor já era de 65 milhas/hora (104 km/hora) e dos barcos a vapor era de 36 milhas/hora (57 km/hora); nos anos 50, as aeronaves a hélice atingiam 300 a 400 milhas/hora (482 a 643 km/hora); nos anos 60, os aviões de passageiros a jato atingiam os 804 a 1.126 km por hora (entre 500 e 700 milhas/ hora). Desde a década de 90 existe, em Portugal, o Alfa Pendular (comboio de alta velocidade) e os aviões de passageiros também sofreram uma evolução que permite a ligação entre países cada vez mais rápida, entre outros. Para além disso, as estradas existentes permitem fazer viagens mais longas em menos tempo.

Figura 21. Mapa de redução do mundo



Fonte: Harvey (1990, p. 241)

Diz o autor,

As space appears to shrink to a 'global village' of telecommunications and a 'spaceship earth' of economic and ecological interdependencies and as time horizons shorten to the point where the present is all there is, so we have to learn how to cope with an overwhelming sense of compression of our spatial and temporal worlds. (Harvey, 1990, p. 240).

O espaço, devido à necessidade crescente de se redefinir e adaptar, perde alguma da sua identidade, todos os espaços se tornam semelhantes, uma vez que o aspeto comum entre eles é a internet, local onde o indivíduo vive cada vez mais a sua vida (Agnew, 2011, p. 319).

Numa perspetiva um pouco diferente, surge Vilhelmson (1999), para quem os espaços e tempos estão ainda bastante relacionados e ligados às atividades nos quais se realizam. Para o autor, os tempos e espaços são, por isso, fixos ou opcionais, dependendo das tarefas, algo que pode ser o próprio indivíduo a definir ou, então, serão os papéis ou as regras a fazê-lo. Importante reter é que, para Vilhelmson (1999), algumas atividades estão completamente ligadas a determinado espaço, enquanto outras podem ser desenvolvidas em qualquer sítio, inclusive no ciberespaço. Na **Tabela 23** o autor propõe um esquema de classificação das atividades, de acordo com os requisitos de tempo e espaço necessários, ou seja, se é preciso existir um espaço ou não, se o tempo é flexível ou fixo, etc. Há, por isso, quatro categorias principais que se encontram ligadas num *continuum*, entre as que são totalmente fixas até às que se caracterizam pelo oposto, serem totalmente flexíveis (Vilhelmson, 1999, p. 180).

Assim, se o indivíduo e se a atividade a realizar obrigar a um local específico e previamente determinado, então, situa-se na primeira categoria, onde tempo e espaço são fixos. Mas se a atividade já permitir a existência de um local opcional para o seu desenvolvimento, o indivíduo está na segunda categoria e o espaço é flexível, mas o tempo é fixo. Quando está na terceira categoria significa que a atividade é opcional em termos de tempo, no entanto, o local é definido *a priori* (espaço fixo, tempo flexível). Por último, se tanto a atividade como o local forem opcionais, então tanto tempo como espaço são flexíveis e é a quarta categoria.

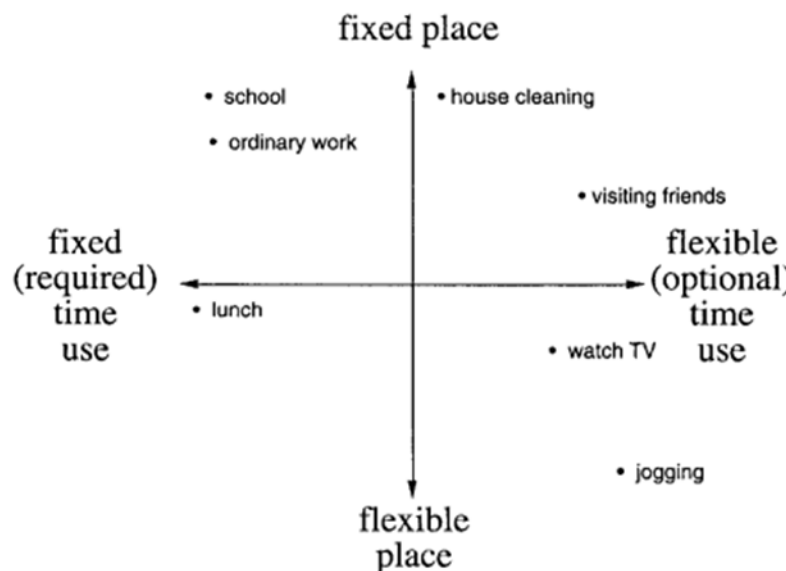
Tabela 23. Esquema de classificação de atividades de acordo com os requisitos de tempo e espaço⁹⁶

		Local da atividade	
		Fixo	Flexível
Tempo da atividade	Fixo	A atividade requer um local específico (1)	A atividade requer um local opcional (2)
	Flexível	Atividade opcional; local específico (3)	Atividade opcional; local opcional (4)

Fonte: Vilhelmson (1999, p. 181)

Vilhelmson (1999) adapta o seu esquema (apresentado anteriormente na **Tabela 23**) a contextos concretos, que se podem analisar na **Figura 22**. Exemplos de contextos enquadrados num espaço e tempo fixos são o escolar e o trabalho ordinário (entendido como aquele desenvolvido com horário das 9 horas às 17 horas, do qual a Função Pública, dos serviços de atendimento ao público, pode ser um exemplo concreto). Como espaço fixo e tempo opcional há as tarefas de limpeza da casa ou de visita a amigos e familiares. Almoçar requer espaço opcional, mas tempo fixo. E ver televisão e fazer caminhadas podem ocorrer em tempo e espaço flexíveis.

Figura 22. Aplicação do esquema de classificação: exemplos de atividades estacionárias



Fonte: Vilhelmson (1999, p. 181)

⁹⁶ Tradução da autora.

Uma limitação encontrada na perspectiva de Vilhelmson (1999) é o facto de não contemplar as atividades realizadas *online* ou no ciberespaço. Importantes e bastante envolventes na atualidade, não se podem descuidar as obrigações que cada vez mais se tornam flexíveis em termos de tempo e espaço, uma vez que recorrem a um recurso que está sempre (se não houver falhas) disponível e de que os indivíduos dependem cada vez mais, a internet.

Não obstante a possibilidade de se optar pelo ciberespaço, há algumas imposições, quase de convivência social (a *netiquette* (Silva & Abreu, 2003)), que surgem naturalmente. Os mercados globais permitem a realização de negócios entre países muito distantes espacialmente, no entanto, os constrangimentos temporais dos fusos horários ainda não se conseguiram esbater, tornando necessário aguardar pela hora em que as pessoas estão a trabalhar para fazer negócios e reuniões a distância.

Desta forma, volta-se ao início da discussão, com a proposta da existência de espaços híbridos, nos quais já não é preciso sair do espaço físico para se entrar em contacto com quem está nos ambientes digitais. A fronteira entre espaços físicos e digitais torna-se, por isso, difusa e mal definida (Silva, 2006, p. 264).

Relativamente ao caso concreto do meio rural, aqui objeto de estudo, esta hibridizade de espaços e tempos não é tão evidente, uma vez que ainda se atribui muita importância ao sentido de comunidade e à presença física dessas comunidades. A ruralidade pode ser conceptualizada considerando uma dimensão funcional, a sua economia política e de acordo com a visão do construtivismo social. Nestas três dimensões propostas por Bryant e Pini (2011) será feita uma abordagem, sempre que possível, às mudanças ocorridas proporcionadas pela utilização dos novos *media*.

Assim, a dimensão funcional do rural está relacionada com os propósitos com que se usam os espaços nesse meio, a ligação entre paisagens e prédios, por exemplo, uma perspectiva bastante relacionada com a divisão estabelecida por Tönnies (2002 [1887]) entre *Gemeinschaft* (comunidade) e *Gesellschaft* (sociedade), na qual a primeira seria o rural e a segunda mais atribuída ao urbano. E, neste sentido, é definida a ruralidade com base na dimensão da população, no tipo de atividade realizada pelos seus residentes (normalmente, a agricultura), a distância existente entre o rural e o meio urbano, mas também a forma como o terreno está organizado. Atualmente, todas estas dimensões são afetadas pela utilização dos novos *media*, que potencia as mudanças de território e dos indivíduos (Bryant & Pini, 2011, p. 6).

Na categoria da economia política pretende-se compreender quais as relações locais e entre estas e as globais. A produção agrícola, bem como o consumo dos bens produzidos e o seu impacto nas relações sociais rurais são as dimensões que se devem analisar, também alteradas pela tecnologia, os modos de produção são diferentes do passado, a relação entre rural e urbano é uma exigência, facilitada pela existência da internet, e os consumos são, conseqüentemente, diferenciados. A terceira e última categoria do rural é a análise do construtivismo social, sobretudo, no que diz respeito aos significados de negociação, contestação e de vivência, nomeadamente, em relação à diferença entre o que foi idealizado e é depois transformado em realidade. Quando se fala em rural o que lhe é rapidamente associado são os seus sentidos de comunidade e proximidade, no entanto, com a globalização estes sentidos têm deixado de existir, e a redefinição passa a ser também uma exigência, onde reinam a fluidez e a hibridez de tempos e espaços (Bryant & Pini, 2011, pp. 4-5).

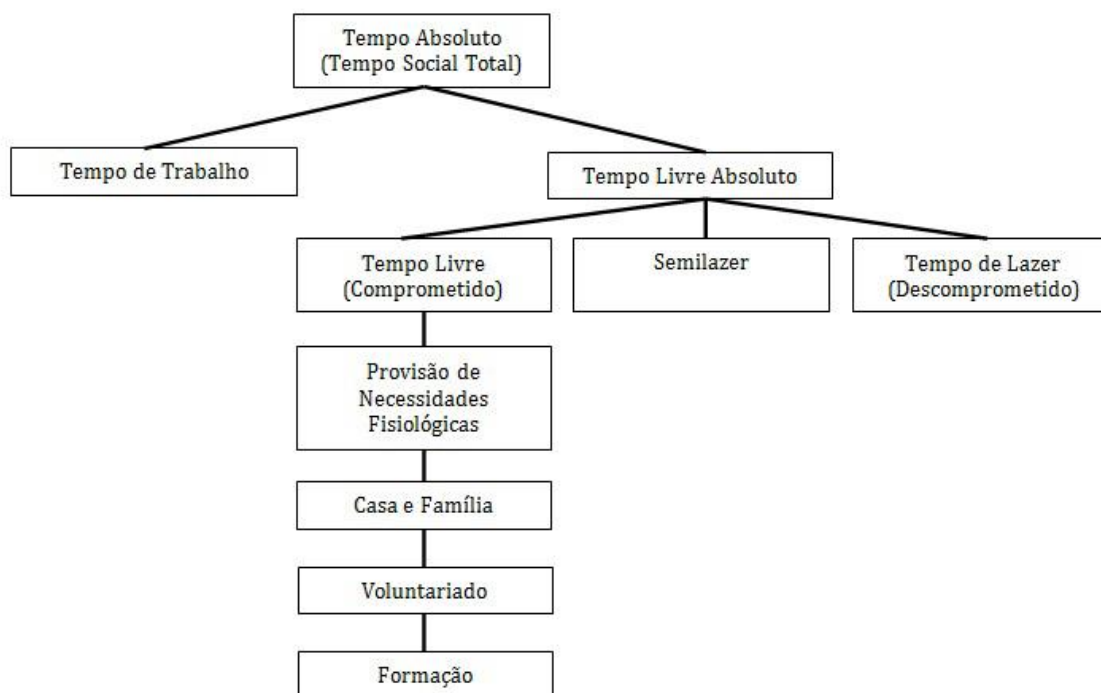
Os novos *media* são potenciadores de mudança, não apenas nos meios urbanos, mais próximos da oferta de infraestruturas e tecnologia, mas, defende-se, igualmente nos meios rurais. A utilização de telemóvel, por exemplo, quebra barreiras espaço-temporais, tornando os indivíduos permanentemente disponíveis, e desconectados da imposição do tempo de relógio (Johnsen, 2001, p. 69). No entanto, se tal é verdade para o meio urbano, no rural há atividades que se situam no patamar do lugar e tempo fixos (Vilhelmson, 1999), a agricultura, ainda que com as alterações provocadas pelas questões climáticas, segue um tempo de calendário bastante restrito, correndo o risco, se o não fizer, resultar mal em termos de culturas. Mas mesmo estas culturas são já influenciadas pela disponibilidade da tecnologia, trabalhando-se de forma mais eficaz e eficiente.

Como refere Fidalgo (1999), “pode-se dizer com propriedade que se assiste a uma libertação do homem relativamente às distâncias geográficas.” (Fidalgo, 1999, p. 94), e essa libertação decorre da utilização dos meios tecnológicos ao seu dispor, que também o empurra para a parafernália de exigências simultâneas que transportam consigo. Para além disso, todas as pessoas estão mais disponíveis, e qualquer local é apropriado à realização de trabalho e/ou lazer (Ilharco, 2007, p. 72).

Na **Figura 23** pode ver-se um organograma do tempo realizado por Silva (2010), no qual o *tempo absoluto*, enquanto construção social se divide em *tempo de trabalho* e *tempo livre absoluto*. Este, por sua vez, subdivide-se em *tempo livre comprometido*, *semi-*

lazer e tempo de lazer descomprometido. Entre o tempo livre e o de lazer surge, segundo o autor, um *tempo online e no ecrã* (Silva, 2010, p. 4).

Figura 23. Organograma do Tempo⁹⁷



Fonte: Silva (2010, p. 288)

Apesar da existência destes diferentes tipos de tempos, provavelmente os indivíduos não sentem estes limites entre uns e outros. A portabilidade associada aos novos *media* está na origem desta diluição de limites e fronteiras. Essa portabilidade faz com que os dispositivos se tornem cada vez mais ubíquos, transparentes e invasivos, transportando com eles quaisquer que sejam os espaços e os tempos para todo o lado. E ainda que tenham algum tempo livre, esse deixa de o ser, porque é ocupado com mais atividades e afazeres que os novos *media* permitem (Aquino & Martins, 2007, p. 481).

Por exemplo, o telemóvel, nas palavras de Ganito (2007b), proporciona “novos usos do tempo, novas formas de interacção social e o esbater das barreiras espaciais”, algo que provoca alterações no sistema das comunicações e nas práticas quotidianas (Ganito, 2007a, p. 13). Ou, como pensa Dias (2007), o telemóvel permite a fusão do espaço público com o privado, do real com o virtual e do local com o global (Dias, 2007, p. 83), nos quais o utilizador pode estar sem se encontrar efetivamente em algum deles. Assim,

⁹⁷ Quadro elaborado pelo autor a partir de Elias e Dunning (1992) e Dumazedier (1997).

há uma “[...] possibilidade de prescindir do corpo, ou seja, poder estar em dois locais ao mesmo tempo: o local físico, onde se encontra, e o local onde está através da conversa mediada” (Teixeira-Botelho, 2011, p. 75).

Estas potencialidades são associadas aos telemóveis, mas também aos computadores, sobretudo, aos portáteis, ainda mais quando a eles se junta a internet. Aliado às comunicações telefónicas, surge a consulta do *email* e das redes sociais quer pessoais, quer profissionais; a pesquisa de páginas de internet, ou seja, dá-se uma deslocalização de todas as tarefas que antes se encontravam bem definidas no tempo e no espaço, sendo que “o que se perde em corpo ganha-se em rapidez e capacidade de disseminar o eu no espaço-tempo” (Silva, 1999, p. 1), na medida em que,

A Internet é simultaneamente real e virtual (representacional), informação e contexto de interação, espaço (site) e tempo, mas que altera as próprias coordenadas espácio-temporais a que estamos habituados, compactando-as, ou seja, o espaço e o tempo na rede existem na medida em que são construção social partilhada. (Silva, 1999, p. 1).

Talvez neste sentido, a empresa suíça de relógios Swatch propõe, em 1998, uma nova forma de medir o tempo, designado de *tempo da internet*⁹⁸. De acordo com Lee e Liebenau (2000), este tempo seria medido em *beats*, a unidade de tempo. O dia estaria dividido em 1.000 *beats*. E cada *beat* correspondia a um minuto e 26,4 segundos. Por exemplo, 12 horas no tempo de relógio como é habitualmente utilizado seriam 500 *beats* no novo sistema da Swatch (Lee & Liebenau, 2000, p. 43). Este tempo da internet não passou de uma proposta, mas o grande objetivo era demonstrar que o tempo pode ser medido como o indivíduo quiser desde que ligado em rede, é quase como se cada pessoa tivesse uma temporalidade própria, precisando apenas de estar em sintonia com quem quer estar em rede.

De certa forma, cada um cria as suas comunidades, as suas redes, os seus tempos e espaços, não se vive de forma individualizada, porque mesmo assim o objetivo é partilhar (e cada vez mais) a própria vida, mas essa partilha tem que ser feita como cada um quer, é, como refere Lídia Oliveira da Silva (1999), uma sociedade em que cada indivíduo vive quase dentro de um espelho gerado por ele próprio, criando, conseqüentemente uma imagem refletida da sociedade, vive fora do espelho, mas refletida nele (Silva, 1999, p. 4), o que poderá limitar o entendimento que tem de si própria porque não se consegue observar de fora, tal como o indivíduo.

⁹⁸ http://www.swatch.com/zz_en/internettime/, consultado a 14 de fevereiro de 2013.

Estas mudanças comportamentais são consideradas por Almeida (2011) como pandémicas, afetando a qualidade do comportamento social dos indivíduos, mas também das organizações, e ocorrem de forma transversal, países, gerações, profissões, entre outras dimensões da vida humana (Almeida *et al.*, 2011, p. 416). Uma das grandes mudanças, e que poderá trazer riscos para os indivíduos (que já tem sido foco de investigação de alguns projetos (Livingstone & Haddon, 2009a) e é uma preocupação da maior parte dos países) é o facto de, cada vez mais, a informação pública estar ao serviço de todos; mas o contrário também acontece, a informação privada está disponível para quem tiver interesse em ter acesso a ela, sejam as agências governamentais, as empresas de *marketing*, mas, mais preocupante, os *hackers*⁹⁹ de computadores (Sheller & Urry, 2003, p. 116), vive-se uma vida mais vulnerável, ainda que mais simplificada, ou talvez mesmo por estar mais simplificada.

O tempo é, então, coisificado, porque assume o carácter de um recurso utilizado para atividades previamente estipuladas, em tempos de lazer, familiares, laborais, escolares, etc. (Silva, 2010, p. 262), mas que dificilmente se repartem, antes se agregam todos no mesmo tempo. Assim, o tempo é também atemporal, conceito proposto por Manuel Castells (2007 [1996]), e apropriado por Crang (2011), que considera que o tempo é atemporal porque permite a coordenação de comunicações de longa distância em tempo real, mas também porque permite prever o futuro, aliás, diz o autor, o futuro já aconteceu (Crang, 2011, p. 334). Assim, os padrões da vida social, nos quais se incluem o tempo e o espaço, são socialmente construídos, ultrapassando as linearidades temporais e espaciais, mas tornando-se ciclos sem fim, uma vez que as atividades são sempre as mesmas: acordar, ir trabalhar, fazer as refeições, etc. (Crang, 2011, pp. 337-338). Esta ciclicidade é, no entanto, interrompida quando ocorre um período de férias, por exemplo, no qual as temporalidades sofrem alguma mudança, para depois voltar ao mesmo ciclo, assim que termina.

Para terminar, apesar de quase todas as discussões analisadas à volta das dimensões de tempo e espaço as considerarem como algo que sofreu uma mudança com o advento dos *media*, não estabelecendo, no entanto, distinções entre essas mudanças, Manovich (2005 [2002]) considera que há uma diferença entre os anos 1990 e o início do século XXI. Os primeiros eram o período do virtual, espaços virtuais, pessoas virtuais, escolas virtuais, tudo estava representado virtualmente. No século XXI, os interesses recaem sobre o físico, a forma como os novos *media*, as tecnologias e os

⁹⁹ Profissional cujo interesse e principal atividade é a tentativa de entrar nos sistemas computacionais, normalmente, quanto mais complexo (e envolto em segurança), maior o interesse em mostrar que conseguem decifrar códigos e aceder à

artefactos eletrónicos invadem os espaços físicos e os modelam (Manovich, 2005 [2002], pp. 2-3). Para além disso, o lugar é, nas palavras de Giddens (2002 [1990]) cada vez mais *fantasmagórico*, penetrado pelos dispositivos e pelas influências sociais que trazem consigo (Giddens, 2002 [1990], p. 13), dispositivos que medeiam as redes sociais, transformando-se na segunda natureza dos indivíduos (Hörning, Ahrens, & Gerhard, 1999, p. 294).

4.3. REDEFINIÇÃO DOS TERCEIROS LUGARES ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DOS NOVOS *MEDIA*

Não só os tempos e os espaços sofreram alterações com a utilização dos novos *media*, para além das mudanças nos tempos e contextos específicos (familiar, de lazer e escolar/laboral), houve um tipo de lugar específico cujos contornos se transformaram muito em consequência do aumento da utilização dos novos *media* pelos indivíduos, são os designados *terceiros lugares* (Oldenburg, 1999). O grande causador de todas essas mudanças foi, na opinião de Manuel Pinto (2005) “a necessidade do corte com as rotinas do dia-a-dia”, favorecida pelas características (relativamente ilusórias) de transparência, imediatismo e instantaneidade (Pinto, 2005, p. 263).

Há, então, um carácter dicotómico na opinião de alguns autores (Cloke, 2011; Pinto, 2005; Sheller & Urry, 2003) associado ao espaço: público/privado, local/global, rural/urbano, distante/próximo, virtual/físico. No entanto, a tese defendida é a de que estes espaços, com a utilização dos novos *media*, sofrem antes um processo de continuidade, tal como afirma Rivoltella (2010a) “[...] queste relazione mediate nello spazio del social network, non sono sostitutive di quelle reali, semplicemente ne costituiscono un prolungamento” (Rivoltella, 2010a, p. 7).

A separação entre espaços públicos e privados é, no entanto, uma das que se reveste de grande importância analisar nesta secção, pela proximidade que tem com a discussão do possível desaparecimento dos terceiros lugares. Na **Tabela 24** apresentam-se alguns pontos de distinção entre o que é público e o que é da esfera privada, os significados atribuídos a essa distinção e as formas de exclusão ou de inclusão nesses espaços, bem como os principais teóricos das temáticas.

Tabela 24. Públicos e Privados diversos¹⁰⁰

Público	Privado	Significado da distinção público/privado	Formas de inclusão/exclusão e teóricos exemplares
Interesse público	Interesse privado	É presumível que o Estado trabalhe pelo menos em parte para cumprir o interesse público (através das instituições do setor público) que não deve ser utilizado por aqueles que procuram interesses privados, sejam indivíduos, famílias ou grandes empresas (todas instituições do setor privado)	Fronteiras legais determinadas pelo Estado e regras de procedimentos R. Nader, K. Ohmae
Esfera pública	Esfera privada	A esfera pública, onde o debate aberto e racional pode ocorrer, é o espaço social que existe entre o Estado, de um lado, e a esfera privada da vida familiar e das relações económicas, do outro lado	Laços voluntários de associações civis e fronteiras J. Cohen e A. Arato, S. Benhabib
Vida pública	Vida privada	A vida pública ocorre dentro da política, o local de trabalho, a religião, educação e outros espaços públicos, em oposição à vida privada, que ocorre dentro do domínio doméstico	Redes de relações sociais C. Pateman, R. Putnam
Espaço público	Espaço privado	Espaços públicos são aquelas áreas ou locais, especialmente em vilas e cidades, fora dos espaços privados do lar e do local de trabalho, onde as pessoas se podem congrega, socializar e organizar de modos relativamente desregulados	Marcas físicas e simbólicas de fronteiras espaciais R. Sennett, J. Meyerowitz
Publicidade	Privacidade	Publicidade implica trazer as relações privadas para o domínio público, através da exposição em vários <i>media</i> (rádio, imprensa, televisão, Internet); privacidade implica um direito à não exposição	Exposição mediática L. Berlant, Z. Bauman

Fonte: Sheller e Urry (2003, p. 110)

De acordo com Sheller e Urry (2003), os domínios público e privado podem ser analisados de acordo com o interesse, a esfera, a vida, o espaço e o modo. Os autores defendem que, no que diz respeito ao interesse, para o Estado deve estar sempre em primeiro lugar o público. Mas se a referência for feita à esfera, a distinção faz-se entre o que é considerado do âmbito do privado, como o indivíduo ou a família, e o público, mais

¹⁰⁰ Tradução da autora.

uma vez, o Estado. Relativamente ao que é da vida pública, os autores entendem que os contextos mais globais, como o trabalho, a política, a educação ou a religião pertencem à vida pública, enquanto à vida privada pertencem âmbitos como o doméstico. Por espaços públicos entendem-se os frequentados pelos indivíduos para se reunirem socialmente, como cafés, restaurantes, praças, associações, etc. Enquanto aos espaços privados, mais uma vez, corresponde a casa ou o local de trabalho. Por último, a diferença existente entre privacidade e publicidade (aqui no sentido de se procurar exposição pública) é que na primeira os indivíduos reservariam para o privado o que a ele pertence, e na segunda procurariam expor a vida privada publicamente.

Posto isto, qual será o papel dos terceiros lugares na mediação entre o que é o do público e do privado? Ou melhor, e uma vez que a defesa é a do *continuum* entre público e privado, como se poderão minorar os efeitos do público no privado e vice-versa e equilibrar a presença entre um e outro?

Será importante definir terceiro lugar e, para tal, recorre-se à proposta de Ray Oldenburg (1999), que refere que “The third place is a generic designation for a great variety of public places that host the regular, voluntary, informal, and happily anticipated gatherings of individuals beyond the realms of home and work.” (Oldenburg, 1999, p. 16). Ainda o mesmo autor concorda que, na vida quotidiana é importante que os indivíduos encontrem o equilíbrio entre os três lugares essenciais: o primeiro seria o espaço doméstico, o segundo o local de trabalho e o terceiro os terceiros lugares, ou seja, o contexto familiar, o laboral/escolar e o de lazer. Estes três lugares devem ser distintos e autónomos uns dos outros, de forma a possibilitar experiências enriquecedoras e relaxantes (Oldenburg, 1999, pp. 14-15), algo que, com o recurso aos novos *media*, dificilmente acontece.

Rita Espanha (2009), analisando concretamente o caso português, considera que o ciberespaço e, especificamente, a blogosfera, é o novo terceiro lugar, substitui, segundo a autora, os cafés públicos no século XXI, uma vez que cria uma nova esfera pública (Espanha, 2009, p. 268), e potencia a discussão e os encontros assíncronos para debate de ideias. Para este facto contribui a rádio, a televisão e a internet, onde é possível aceder a todas as notícias, não sendo necessário aos indivíduos saírem de casa para partilharem com o mundo as suas ideias (Oldenburg, 1999, p. 77). A necessidade de relacionamento social e interpessoal é inerente ao ser humano, daí que a procura por espaços onde isso ocorra é natural, mas a associação presencial está a desaparecer e,

consequentemente, os espaços, transformando-se em não-espaços, o que provoca, igualmente, a perda de individualidade do ser humano (Oldenburg, 1999, p. 203 e 205).

Neste sentido, Oldenburg (1999) descreve os locais onde os terceiros lugares vingam, contrariando a tendência do crescimento do ciberespaço, ou acompanhando-o. Diz o autor

Third places thrive best in locales where community life is casual, where walking takes people to more destinations than does the automobile, and where the interesting diversity of the neighborhood reduces one's reliance on television. In these habitats, the street is an extension of the home. (Oldenburg, 1999, p. 210).

O ciberespaço é, talvez, o local onde os indivíduos tentam encontrar o sentimento perdido de comunidade, ou onde tentam recriar as comunidades que já não existem, o que, de certa forma, é algo como viver uma vida de simulacro da paixão e comprometimento (Rheingold, 2000, p. 10). Exemplo disto são os jogos *online* e todos os ambientes que se (re)criam à sua volta, são verdadeiras cidades, algumas até em 3D¹⁰¹. Ducheneaut e outros investigadores (2007) estudaram estes ambientes 3D e concluíram que são inúmeras as semelhanças entre os terceiros lugares e as comunidades virtuais, entre as quais: os dois baseiam-se em espaços por forma a criar o sentimento de comunidade entre os seus jogadores; os jogos são organizados tendo por base cidades reais, com grandes espaços públicos, prédios, entre outros, cada um com as suas funções. Assim, os autores consideram que os jogos podem ser um laboratório privilegiado para observação das sociabilidades, e para se compreender e estudar como deve ser a estrutura dos espaços do mundo físico (Ducheneaut *et al.*, 2007, pp. 130-131).

Não obstante a utilização dos jogos para maior entendimento das práticas sociais, alguns terceiros lugares presenciais estão já a tomar algumas medidas para esbater a tendência de maior procura do ciberespaço, assim, há cada vez mais estabelecimentos físicos a oferecer aos seus clientes produtos ou serviços especiais que promovam a fidelidade e, em consequência, a frequência física do lugar, aumentando o sentimento de pertença à comunidade existente, sejam eles cafés, salões de chá, livrarias, ginásios, etc. (Kherrmouch & Veronsky, 1995, p. 36). E, apesar de serem sempre atitudes válidas, não se deve negar que é importante a presença virtual e, por isso, mesmo a relação com os clientes é, em grande medida, realizada através das redes sociais mais utilizadas na atualidade, as virtuais. Assim, importantes para compreender a redefinição dos terceiros lugares e dos tempos e espaços são as relações sociais.

¹⁰¹ Espaço representado a três dimensões (altura, profundidade e largura).

4.4. REDEFINIÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DOS NOVOS *MEDIA*

Com todas as alterações em termos de espaço e tempo que foram analisadas anteriormente, quase que se torna óbvio que ocorram também mudanças nas relações sociais, uma vez que estas se desenrolam sempre num determinado tempo e espaço (delineados com antecedência ou não). Aliás, ao contrário das indicações, de certa forma, fatalistas, de que os indivíduos se estariam a isolar por detrás dos ecrãs (Gentile & Walsh, 2002, p. 162), Araújo e outros investigadores (2009) consideram que “a Sociedade em Rede potencia as relações de convivialidade existentes, ao mesmo tempo que acrescenta novas formas de sociabilidade, reforçando mesmo as relações sociais.” (Araújo, Espanha, Neto, *et al.*, 2009, p. 248). Complementando com Lipovetsky (2010), “Individualização não é reclusão.”, para dizer que a ligação dos indivíduos faz-se através da utilização dos ecrãs para se aceder à rede e a tudo o que ela oferece (fóruns e *chats*, *blogs*, contribuição coletiva de informação, etc.) (Lipovetsky, 2010, pp. 253-254).

E, se na questão do espaço se falava em desterritorialização, relativamente às relações sociais, Lipovetsky (2010) utiliza os termos descorporização, dessensualização e desrealização para se referir à “existência abstracta, digitalizada, sem ligação humana, táctil” (Lipovetsky, 2010, p. 256). Ao criar a internet, o indivíduo criou espaços que lhe permitissem usufruir mais desse ciberespaço, o que originou a criação de redes e de relações virtuais; frequentando o ciberespaço e mantendo relações virtuais, o indivíduo é, também ele virtual. Assim, indivíduo, espaços e relações sociais são virtualidades presentes, porque existem num quotidiano em fusão com o que é do mundo físico.

Um dos fenómenos mais recentes de alteração das sociabilidades é a rede social *Facebook*. Através desta rede, as pessoas podem descrever alguns traços da sua personalidade e gostos pessoais (filmes, jogos, séries, músicas preferidos, locais visitados, afiliação religiosa e política, local de trabalho, escolas frequentadas, residência, estado civil, identificar familiares que tenham perfil na rede, etc.). Para além disso, é possível publicar conteúdo original ou partilhar algo que se encontrou em outros sítios da internet ou páginas de outras pessoas da rede social. O mural é o espaço de partilha de conteúdos que pode, posteriormente, ser comentado ou assinalado com “gosto”. O *Facebook* oferece ainda a possibilidade de se conversar com amigos da rede através de uma janela de conversação. Com todas estas potencialidades, cada vez mais pessoas se

viram arrastadas para a utilização da rede, em Portugal, são cerca de 32% os indivíduos com idades entre os 16 e os 74 anos que utilizam redes sociais¹⁰², dos quais a maioria prefere o *Facebook* e o *Twitter*. E, neste sentido, urge questionar, como faz William Deresiewicz (2009), será que as amizades são, atualmente, nada mais do que uma forma de distração?

O que acontece em ambiente de rede social virtual como as mencionadas é a difusão global de mensagens para todos os amigos de uma só vez e, após isso, aguarda-se que alguém responda ou se manifeste de alguma maneira. Assim, mais uma vez, William Deresiewicz (2009) concorda que os amigos são uma massa de pessoas indiscriminadas, uma audiência sem cara e os comentários ou as partilhas são feitas não para indivíduos ou círculos de amigos, mas para uma nuvem (Deresiewicz, 2009). Mas, nem só de experiências vazias vive a rede, é pedido a quem está na rede que vá aumentando essa rede, aumentando, assim, as possibilidades de encontrar *online* o que se tem no meio físico e, por esta razão, segundo Crumlish e Malone (2009), nunca o conceito de tribo fez mais sentido (Crumlish & Malone, 2009, p. 7).

Quando, virtualmente, um indivíduo conversa com alguém *online* ou procura comunidades de partilha de conteúdos (*blogs* ou páginas de *Facebook*, por exemplo) essas ações são bastante objetivas para esse indivíduo e para os que o acompanham no ciberespaço. A procura da partilha nesses espaços é sempre baseada num interesse e esse é comum a todos os que o procuram e se mantêm. Isso seria mais complicado de ocorrer no mundo físico, na rua, no trabalho, em casa de familiares, amigos, ou outros locais mais públicos como cafés, bibliotecas, cinemas, por exemplo, os designados *terceiros lugares* (Oldenburg, 1999), onde o indivíduo se integra nas conversas que ocorrem, sem ter sido, muitas das vezes, ele a procurar os tópicos sobre os quais recai a conversa. Logo, nos cenários de comunicação mediada pelos novos *media*, há uma conexão entre pessoas que evolui ao longo do tempo, mas que, dificilmente, passa para o mundo *offline* (Crumlish & Malone, 2009, p. 5).

No caso concreto da utilização do telemóvel, e de acordo com a opinião de Ilharco (2007), “Abstractly, the mobile phone links the globe as a whole to all humans all over the planet.”, porque o globo é uma localização única onde todos os indivíduos se encontram e encontram artefactos para comunicarem instantaneamente através do telemóvel (Ilharco, 2007, p. 67). E, as relações estabelecidas, sendo, também elas, globais, não se finalizam nos indivíduos ou nas interações ocorridas (Bickmore & Picard, 2005, p. 298),

¹⁰²<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/tgm/graph.do?tab=graph&plugin=1&pcode=tin00127&language=en&toolbox=type>.

antes são definidas pelo recetor, emissor, pela mensagem transmitida e pelo espaço onde acontecem. A par disto, ocorre também uma “experiência corporal do mundo”, possibilitada pela forma como as pessoas trazem os seus telemóveis tão junto ao corpo (Ilharco, 2007, p. 69), logo, trazem o mundo junto ao corpo, porque é isso que ele representa.

Nesta corporalidade do mundo proporcionada pelo uso do telemóvel reside a força dos laços sociais, definida por Granovetter (1973) como uma associação entre o tempo que se disponibiliza à relação, a intensidade emocional, a intimidade e a reciprocidade dos atos relacionais (Granovetter, 1973, p. 1361), fatores vistos de forma positiva e simétrica. Com os contornos que têm, na sociedade contemporânea, as relações sociais, na qual os indivíduos interagem com quem conhecem ou desconhecem, não sendo necessário deterem informação acerca do seu passado para que uma conversa e contatos frequentes sejam estabelecidos, como era nas sociedades tradicionais (Almeida *et al.*, 2011, p. 414), aquelas características dos laços sociais passam a fazer sentido através de mediação tecnológica.

Naqueles laços ou relações sociais estão, por isso, sempre, incluídas relações tecnológicas, em perfeita simbiose, de tal forma que, como dizem Law e Bijker (1992), “Purely social relations are found only in the imaginations of sociologists, among baboons, or possibly, just possibly, on nudist beaches; and purely technical relations are found only in the wilder reaches of science fiction” (Law & Bijker, 1992, p. 290). Talvez esta visão seja tecnicista demais, no entanto, não é possível considerar muitas das relações sociais que ocorrem com recurso aos novos *media* sem que se pensem que antes delas ocorre uma relação tecnológica e que, por isso, estão ambas intimamente ligadas. E como é de pessoas que se fazem as relações sociais, então, nas relações tecnológicas estão também incluídas essas mesmas pessoas. É uma tríade que, sendo virtual, não sobrevive sem um dos seus elementos.

Uma teoria, já com alguns anos, que refletiu sobre a força dos laços sociais foi a dos seis graus de separação do mundo, de Stanley Milgram (1967), que defendia que eram necessários seis laços de amizade para que duas pessoas quaisquer estivessem ligadas. Milgram realizou um estudo nos Estados Unidos da América que pretendia verificar os laços existentes entre duas pessoas que não precisavam necessariamente de se conhecer. Este estudo foi realizado através do envio de cartas com identificação das pessoas-alvo, que deviam permanecer em circulação até ao momento em que fossem

recebidas por essas pessoas (Milgram, 1967). A principal conclusão foi, então, a de que há seis graus (ou passos) a separar duas pessoas. Esta teoria foi, mais tarde, testada por Duncan Watts, mas no ciberespaço, contemplando 60.000 participantes e 166 países diferentes¹⁰³.

Um outro importante estudo para entender as relações sociais no ciberespaço foi o de Dunbar (1993), que conclui que “[...] animals cannot maintain the cohesion and integrity of groups larger than a size set by the information-processing capacity of their neocortex.” (Dunbar, 1993, p. 682), ou seja, redes que ultrapassem o tamanho definido pela capacidade de processamento de informação do neocórtex dos seres humanos não conseguem manter um grau de integridade e coesão. E esta é a principal dinâmica das atuais redes sociais, onde o maior número de “amigos” virtuais é o que demonstra a qualidade da rede.

Mas, então, que características mais possuem as interações mediadas por computador? O que as torna tão singulares e tão interessantes aos olhos da comunidade científica? Thompson (1998) fez uma comparação entre as interações face a face e as estabelecidas por computador. Na **Tabela 25** podem ver-se as semelhanças encontradas.

Tabela 25. Semelhanças de interações face a face e das mediadas por computador

Características interativas	Interação face a face	Interação mediada por computador
Espaço-tempo	Contexto de co-presença; sistema referencial espaço-temporal comum	Contexto de co-presença; sistema referencial temporal comum
Possibilidade de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Orientada para outros específicos	Orientada para outros específicos
Dialógica/monológica	Dialógica	Dialógica

Fonte: Almeida (2003, p. 4)

As características analisadas por Thompson (1998) foram o espaço-tempo em que ocorrem as interações, as simbologias a elas associadas, a orientação atribuída e se são monológicas ou dialógicas. De acordo com o autor, em todas as características as duas interações são semelhantes, excetuando no que diz respeito ao espaço-tempo, uma vez que este o autor considera como sendo comum nas interações mediadas por computador e nas que ocorrem face a face. Pode concluir-se, por isso, que apesar da distância física,

¹⁰³ <http://www.scientificamerican.com/article.cfm?id=e-mail-study-corroborates>, consultado a 5 de fevereiro de 2013.

temporalmente os indivíduos estão juntos, vivem o mesmo tempo; no entanto, não é tão correto falar-se em copresença, mas em telepresença (Almeida, 2003, p. 5).

Alex Primo (2000) dá igualmente um contributo importante para a explicação das interações mediadas por artefactos tecnológicos. Para o autor é necessário iniciar-se esta explicação com a distinção entre sistemas interativos e reativos, assim, “Um sistema interativo deveria dar total autonomia ao espectador, enquanto os sistemas reativos trabalhariam com uma gama pré-determinada de escolhas.” (Primo, 2000, p. 85). E, a partir daqui, sugere as *interações mútua* e *reativa*, compostas pelas seguintes dimensões: *sistema*; *processo*; *operação*; *fluxo*; *throughput*; *relação*; e *interface*. Na **Tabela 26** podem analisar-se estas dimensões e o que significam para cada uma das seguintes interações.

Tabela 26. Diferenças entre interações mútuas e interações reativas

Dimensões	Interação mútua	Interação reativa
Sistema	Aberto	Fechado
Processo	Negociação	Estímulo-resposta
Operação	Ações interdependentes	Ação-reação
Fluxo	Dinâmico e em desenvolvimento	Linear e pré-determinado
<i>Throughput</i>	Descodificação e interpretação	Reflexo ou automatismo
Relação	Negociada	Causal
Interface	Virtual	Potencial

Fonte: Adaptado de Primo (2000, pp. 86-89)

Por *sistema*, o autor entende os objetos ou entidades que se interrelacionam, aberto na interação mútua e fechado na reativa; o *processo* são os acontecimentos, de negociação no primeiro tipo de interação e caracterizados pelo estímulo-resposta no segundo; a *operação* é a relação entre a ação e a transformação, sendo interdependentes no caso da interação mútua e de ação-reação no caso da reativa; o *fluxo* é a sequência da interação, dinâmico e em constante desenvolvimento (interação mútua) e linear e pré-determinado (interação reativa); *throughput* é o processo que ocorre entre a entrada da mensagem e a saída (resposta), assim, no primeiro tipo de interação há lugar a uma descodificação e interpretação e no segundo acontece um reflexo automático; a *relação* é a conexão entre os indivíduos, negociada ou causal; por último, a *interface* é a superfície que medeia a interação, no caso da mútua virtual e no da reativa potencial (Primo, 2000, pp. 86-88).

Randall Collins (2011) apropria-se do conceito de “efervescência coletiva” de Émile Durkheim para explicar a sua noção de ritual de interação bem sucedido. O conceito de

Durkheim é definido como o momento em que um grupo de pessoas se junta para celebrar um qualquer ritual religioso, a comunicação encetada unifica os indivíduos (Durkheim, 1995 [1912]). Partindo daqui, Collins (2011) tenta entender o que acontece num mundo mediado e descorporizado. Diz o autor que há, pelo menos, três possibilidades, e que investigação empírica tem vindo a comprovar que é a terceira que emerge na sociedade mediada. As possibilidades enunciadas por Collins são:

First, new kinds of IRs [Interaction Rituals] may be created, with new forms of solidarity, symbolism, and morality. Second, IRs fail; solidarity and the other outcomes of IRs disappear in a wholly mediated world. Third, IRs continue to be carried out over distance media, but their effects are weaker; collective effervescence never rises to very high levels; and solidarity, commitment to symbolism, and other consequences continue to exist but at a weakened level. (Collins, 2011).

Atualmente, as conexões são mais intensas, porque também são mais ilimitadas, constantes e contínuas. São, por isso, provavelmente, mais hiper-reais (Teixeira-Botelho, 2011, pp. 56-57). O estudo *Social Isolation and New Technology. How the internet and mobile phones impact Americans' social networks* (Hampton, Sessions, Her, & Rainie, 2009), analisa a forma como a tecnologia e outros fatores estão relacionados com a dimensão, a diversidade e o carácter das redes sociais. Este estudo, cuja amostra foi de 2.512 adultos, residentes nos Estados Unidos da América, concluiu que a utilização da internet e de redes sociais contribuiu para aumentar e diversificar as relações sociais dos envolvidos (Hampton *et al.*, 2009), ou seja, para além da realidade associada aos contactos no mundo físico, junta-se uma hiper-realidade, a das redes sociais virtuais, que transforma as relações sociais em algo mais abstrato e difuso.

Assim, as relações sociais podem, hoje, ser desenvolvidas através de chamadas de voz ou vídeo, por escrito, através do *email*, salas de *chat* ou mensagens de texto (SMS); os contatos podem, por isso, ser síncronos ou assíncronos; e podem ser desenvolvidos enquanto o ou os indivíduos estão num local fixo (computador ou telefone fixo) ou quando estão em movimento (telemóvel, computador portátil ou *tablet*) (van den Berg, Arentze, & Timmermans, 2012, p. 990). Estas relações, apesar de modernizadas, porque se modernizaram os meios que as sustentam, mantêm características tradicionais, como a reciprocidade. Se alguém envia uma SMS espera uma resposta, como espera também que a outra pessoa retribua a chamada que não conseguiu atender, por exemplo (Teixeira-Botelho, 2011, p. 64).

Conclui-se que, apesar dos inúmeros estudos que vêm sendo realizados em torno desta temática das relações e das redes sociais, este é um tópico que ainda terá de ser

mais explorado, não só para entender a forma como os indivíduos agem em determinadas situações, como esperam que o outro o faça. Como se referiu, são fenómenos sociais que já possuem características das sociedades modernas, sobretudo, o meio que as alimenta e lhes dá vida (os suportes onde ocorrem), mas que ainda não se libertaram das características mais tradicionais das sociedades indígenas (como o *potlatch* (sistema de trocas) de Marcel Mauss (2001 [1950])) e isso confere-lhes um carácter de ritual, no qual apenas os envolvidos se entendem e entendem o que se passa e o que devem fazer a seguir para que tudo decorra dentro da normalidade a que estão habituados.

Como refere Oliveira (2010), aqueles rituais possuem novas gramáticas de encontro e ritos de associação próprios, ocorrendo esta associação através de ligações (*links*) sociais que efetivam o espaço relacional e a conexão entre os indivíduos (Oliveira, 2010, p. 185). Tudo nestas ligações tem as características principais dos rituais mais tradicionais: há eventos para marcar a pertença, a iniciação ou a entrada no grupo (Oliveira, 2010, p. 188); artefactos rituais que contribuem para gravar o momento, como as fotos (Oliveira, 2010, p. 190); e, têm até linguagens, normas e símbolos específicos apenas utilizados para comunicar na rede. São as novas lógicas de relacionamento social adaptadas aos artefactos existentes e às suas potencialidades.

SÍNTESE

A existência e a utilização dos novos *media* são, atualmente, muito influenciadas pelo processo de globalização, ao qual respondem dois lados de uma mesma balança, a oferta e a procura. Assim, se, por um lado, para que o meio rural se desenvolva em termos de disseminação de tecnologias, é importante não apenas que os seus residentes sintam necessidade de os adquirir (procura), mas, igualmente, que os grupos económicos considerem ser proveitosa a sua instalação ou disponibilidade (oferta). Assim, e uma vez que nem sempre esse proveito foi sinalizado, as áreas rurais continuam a viver um desfavorecimento em relação às urbanas.

Em Portugal, o Plano Tecnológico do Governo, datado de 2005, tentou contribuir para o esbatimento destas assimetrias, sobretudo, através da distribuição de computadores a alunos e docentes, de internet de banda larga nas escolas, da reconversão do parque escolar, entre outras medidas quer empresariais, quer societais. No entanto, projetos de investigação como *Digital Inclusion and Participation* e *As crianças e a internet* permitem verificar que algumas diferenças territoriais subsistem.

De um modo geral, entende-se que os novos *media* são os mais recentes agentes socializadores (Kenski, 2003) (embora a televisão ocupasse já, em meados do século XX, um lugar privilegiado na socialização primária) quer das crianças, quer dos jovens e adultos. As comunicações entre pessoas sofreram fortes alterações, existindo, atualmente, um novo local onde podem ocorrer: o ciberespaço, que detém uma cultura própria: a cibercultura. Deve, então, estudar-se a *ecologia dos media* (Postman, 1993), um meio amplo, onde se partilham valores, práticas e sentimentos, e onde ganha lugar uma nova *ecologia comunicacional* (Foth & Hearn, 2007).

E, de um modo mais particular, sendo a referência agora feita à utilização dos *media* no meio rural, considera-se que a reinvenção de “novos rurais” (Figueiredo, 2011) deverá passar pela sua integração nos diferentes contextos, ou, já existindo, devem contribuir para que se entenda o que é o rural do século XXI, uma vez que não se pretende que se assemelhe ao urbano, mas que também não se distinga apenas pelas “não existências”.

Estiveram em estudo neste capítulo os três contextos que se considera ocuparem a maior parte do dia e da vida dos indivíduos, são eles o familiar, o laboral, o escolar e o de lazer. Silverstone *et al.* (1992) e Frau-Meigs (2011) dão um importante contributo para o

entendimento que se faz da tecnologia no espaço familiar, referindo os primeiros que a domesticação dos *media* ocorre em quatro etapas (apropriação, objetivação, incorporação e conversão), que não se considera que existam de forma compartimentada e isolada, mas antes em interação, porque como refere Frau-Meigs (2011) os vários dispositivos tecnológicos vão entrando no espaço familiar cada vez com mais frequência, estando o ecrã presente em quase todos os compartimentos.

Já em relação ao contexto laboral e escolar, o objetivo foi contemplar os momentos em que, sobretudo, dois dos grupos estudados – filhos e pais – ocupam grande parte dos seus dias, a escola e o trabalho e, conseqüentemente, onde poderão utilizar novos *media*. Pode concluir-se da análise realizada que há uma certa hibridação e virtualização dos locais de trabalho (profissão e estudos) que se efetiva através do uso da rede, o trabalho e a escola deixam, por isso, de ser espaços onde se está cada vez menos tempo presencialmente, e onde o capital (intelectual, social, cultural e económico) é “extraterritorial, volátil e instável” (Bauman, 2000, p. 121). Neste sentido, será necessário, pelas mudanças que têm vindo a ocorrer, mas, igualmente, pelo papel que desempenham na vida dos indivíduos, que estes dois contextos se adaptem, ou, como refere Divina Frau-Meigs, a escola precisa de se transalfabetizar (saber ler, escrever, calcular e computar, e, dentro desta, saber código, documento e atualidade/imprensa)¹⁰⁴, só assim será possível também que as empresas acolham os alunos que vão sair para o mercado de trabalho e acompanhem as mudanças.

O lazer foi o terceiro contexto em estudo. Sobressaiu a ideia de que o lazer será a forma que os indivíduos têm para repor as energias após a jornada de trabalho e escolar, logo, o lazer terá que ser livre de imposições, regras e horários. Mas verificou-se, igualmente, que com os novos *media* é cada vez mais complicado estabelecer essa fronteira, quer pelo seu carácter de portabilidade, quer pela necessidade que os indivíduos têm de se manter conectados (por motivos laborais ou sociais). Desta forma, o lazer, a par com o contexto familiar, laboral e escolar, deverá ser alvo de reestruturações que permitam ao indivíduo vivenciar os tempos de lazer para que sejam isso mesmo e não apenas um prolongamento dos outros contextos. Eventualmente, essas reestruturações surgirão naturalmente, da vontade dos próprios indivíduos.

Mudou a percepção do eu, do espaço e tempo, proporcionado pela evolução das comunicações e das experiências cada vez mais céleres nas viagens realizadas, como foi possível verificar com Harvey (1990). Assim, “We now live in “glocalities”. Each

glocality is unique in many ways, and yet each is also influenced by global trends and global consciousness.” (Meyrowitz, 2005, p. 23). Dificilmente, algo está imune à influência do que vem do mundo (no sentido mais global do termo), bem como o mundo não fica indiferente à influência que cada indivíduo pode exercer sobre ele. O tempo com os novos *media* é instantâneo (Urry, 2000) e os espaços são, agora, desterritorializados (Lemos, 2007) e não-lugares (Augé, 1994; Agnew, 2011). Num mundo onde os terceiros lugares (Oldenburg, 1999) são procurados no ciberespaço, no mundo virtual e não físico.

As relações sociais estabelecidas entre indivíduos têm, atualmente, mais meios disponíveis que possibilitam a sua existência, a internet é o principal motor das potencialidades e é a ferramenta que, aliada aos artefactos tecnológicos, permite a relação móvel e ubíqua entre as pessoas. A mobilidade potenciada pelos dispositivos define, segundo Cardoso (2009a), a organização quotidiana, em tudo o que isso implica (trabalho, lazer, gestão pessoal e familiar) e, mais importante, a organização social (Cardoso, 2009a, p. 41). Assim, se o distanciamento entre as pessoas é, hoje, maior do que nas sociedades agrárias, quer espacial, quer temporalmente, não se pode descurar a importância que tem a capacidade dos sistemas sociais conseguirem transpor o tempo e o espaço (Giddens, 2002 [1990], p. 10).

Termina-se este capítulo com a visão otimista de Lévy (1997 [1994]), que refere que o mundo virtual, as interfaces disponíveis para contactar e comunicar com outras pessoas, as redes virtuais disponíveis e todos os artefactos à volta da comunicação a distância, são apenas um meio à disposição do indivíduo, mas, sendo este real, não se irá sentir afetado, nem irá deixar afetar as suas relações presenciais pelos artefactos tecnológicos (Lévy, 1997 [1994], p. 147) no sentido negativo do termo, em que as pessoas se isolam e deixam de procurar os contactos presenciais.

¹⁰⁴ <http://culturamidiaeducacao.blogspot.com.br/2013/04/a-escola-necessita-se-transalfabetizar.html>, consultado a 05 de maio de 2013.

CAPÍTULO V.

PROCESSO METODOLÓGICO

Research - like life- is a contradictory, messy affair. Only on the pages of 'how-to-do-it' research methods texts or in the classrooms of research methods courses can it be sorted out into linear stages, clear protocols and firm principles.
(Plummer, 2005, p. 357)

Destaques

- Foram realizadas três fases interdependentes de investigação: *focus groups*; diários e inquéritos por questionário.
 - Os *focus groups* (quatro) e os diários (sete) tiveram uma aplicação mais circunscrita, na vila de Ponte de Lima, e foram o ponto de partida para a construção do inquérito por questionário (1.151 válidos), de âmbito nacional.
 - A utilização dos novos *media* é feita por todas as gerações, ainda que de modo diferenciado.
 - As diferenças de utilização dos *media* estão, sobretudo, relacionadas quer com as preferências, com a condição socioprofissional dos inquiridos e a idade.
 - A utilização dos novos *media* promove as relações intergeracionais, sobretudo, no que diz respeito às relações de cooperação.
 - O meio rural não constitui um entrave à utilização frequente dos novos *media* pelas diferentes gerações, nem no que diz respeito à sua aquisição.
-

5.1. DESCRIÇÃO DE PROCEDIMENTOS

Realizar uma investigação que reflita a utilização dos novos *media* em tão diversificados contextos e em diferentes grupos etários implica um acompanhamento não só dos indivíduos isoladamente, mas também das suas famílias, na medida em que requer a compreensão de práticas usuais, com objetivos muito abrangentes. Neste capítulo, a atenção incide sobre a metodologia de investigação a que se dará preferência para investigar a temática explorada nos capítulos anteriores, mais propriamente, os usos e apropriações dos novos *media* – televisão, computador e telemóvel – por três gerações – nascidos nas décadas de 1950, 1970 e 1990, ou Avós, Pais e Filhos – em contextos diferenciados – laboral/escolar, familiar e de lazer – do meio rural.

Uma das etapas que se realizou ao longo dos três anos do doutoramento foi a procura de fontes de informação, quer estatística, quer qualitativa, que informem sobre a(s) forma(s) como a problemática tem sido abordada e, inclusive, se já o foi por outros autores. Assim, pesquisar dissertações, artigos, reflexões ou outro documento na área da inserção dos novos *media* na sociedade portuguesa, realizado a partir de final século XX, é sinónimo de centenas de resultados. E, de facto, se se atentar nas alterações ocorridas na utilização dos diferentes meios de informação e comunicação, vários foram os investigadores que se debruçaram sobre o que conduziu à revolução a que se assiste, não só com o surgimento do computador e da internet, mas também, e principalmente, aos usos que se fazem da televisão na família, ou pelos seus membros individualmente (cf. Pereira, 1999; Pinto, 2000); a utilização de novas ferramentas de entretenimento pelos jovens (cf. COMISSÃO EU, 2007; Gomes, Valente, & Dias, 2007); a aplicação do computador e da internet em espaços formais, como a escola (cf. Aires, 2007; Mealha, Zamfir, Nunes, & Santos, 2005; Monteiro & Loureiro, 2009), entre outros.

Mas, dificilmente se encontram pesquisas realizadas a nível geracional, ou seja, que se debrucem sobre a compreensão das alterações ocorridas ao longo dos anos, através da aproximação às diferentes gerações familiares, na utilização dos novos *media* nos vários contextos do quotidiano (laboral/escolar, familiar e de lazer) e, sobretudo, no meio rural. Esse aspeto poderá ser justificado pelos interesses e pelas bases sociais e culturais dos autores que participam ou constroem o estudo, pois, como refere Flick (2005), “estes factores influenciam a formulação das questões e hipóteses de investigação, assim como a interpretação dos dados e das relações” (Flick, 2005, p. 4).

Conseguir abarcar aspetos tão distintos, mas que se consideram indissociáveis, requer uma metodologia que permita compreender, com a profundidade necessária, como se processam as relações entre o que acontece na escola e as Tecnologias Educativas (TE); no trabalho e as Tecnologias Laborais (TL); na família e os usos dos *media* por cada um dos seus membros; nas relações sociais e os recursos que se utilizam em contexto de lazer. Assim, a estratégia passará por “adoptar métodos tão abertos que se ajustem à complexidade do objecto estudado” (Flick, 2005, p. 5). Considera-se, ainda, que a melhor abordagem é a interdisciplinar, uma vez que o cruzamento de perspetivas enriquecerá o trabalho, mas também porque só assim se poderão entender determinados fenómenos, o objetivo será “[...] pô-las [às disciplinas] *inter*, em inter-relação, estabelecer entre elas uma *acção recíproca*.” (Pombo, 2005, p. 5).

A investigação insere-se ainda numa lógica exploratória, e compreende análises qualitativas e quantitativas, pois, como refere Goodman (1983) “A multimethod approach, which requires qualitative and quantitative analyses, is advantageous since it enables the researcher to assess more adequately the complexity of the family system and the role of TV in that system.” (Goodman, 1983, p. 417) e, acrescenta-se, o papel dos *media* em geral. A triangulação dos métodos utilizados foi importante porque permitiu compreender a utilização dos novos *media* e as necessidades de comunicação dos indivíduos estudados, presentes e futuras, tal como no estudo de Frissen (2000, p. 66).

Neste capítulo, será feita uma abordagem aprofundada a todas as etapas percorridas para a recolha e o tratamento dos dados. A forma como se definiu a população-alvo e a amostra, que características foram tidas em consideração. Serão novamente apresentados os objetivos, desta feita, os gerais e os específicos; as questões de partida, e respetivas subquestões e as hipóteses. No entanto, e uma vez que já foi possível, na **Introdução**, referir todas estas componentes da investigação, o enquadramento no contexto da metodologia será mais aprofundado e serão integradas com o modelo de análise proposto para os principais conceitos da investigação e com as técnicas de recolha de dados, dois dos elementos que serão tratados neste capítulo.

5.1.1. Da população

Quivy e Campenhoudt (1995) definem a população-alvo de uma investigação como “o conjunto de elementos constituintes de um todo” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 160). Neste caso específico serão os residentes no meio rural português, nascidos nas décadas de 1950, 1970 e 1990; ou Avós, Pais e Filhos. Uma vez que se pretende investigar o meio rural de Portugal Continental e Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, a população-alvo foi definida de acordo com as características de delimitação do Instituto Nacional de Estatística (INE), segundo o qual se entende por meio rural aquele que tem uma densidade populacional entre zero (0) e 100 habitantes/Km² ou um total de população residente entre zero (0) e 2.000 habitantes, ou seja, cerca de 1.215.862 indivíduos (dados de 2011), da população portuguesa.

Descrição da população

Portugal Continental tem uma área aproximada de 89.045 Km² e densidade populacional de 110 habitantes/Km². O objeto de estudo desta investigação, o meio rural, cobre 85,4% do território, no entanto, a sua densidade populacional é pequena (40,9 habitantes/Km²) (CE, 2007c, p. 1).

O arquipélago dos Açores (**Cartograma 16**) é composto por nove ilhas (São Miguel, Santa Maria, Terceira, Graciosa, São Jorge, Faial, Pico, Flores e Corvo) e tem uma população total de 242.000 habitantes, numa área de 2.332 Km² e densidade populacional de 104 habitantes/Km². Nos Açores, as zonas rurais cobrem 99,6% do território e contêm 93% da população, sendo a densidade populacional de 97,2 habitantes/Km² (CE, 2007a, p. 1).

Cartograma 16. Mapa do Arquipélago dos Açores

Fonte: <http://drc-acoeres.blogspot.pt/2009/06/arquipelago-acoriano.html>, consultado a 09 de dezembro de 2012

No que diz respeito ao arquipélago da Madeira (**Cartograma 17**), são quatro ilhas (Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens), com uma população total de 245.197 habitantes, numa área total de 828 Km² e com densidade populacional de 304,7 habitantes/Km² (residentes nas duas ilhas habitadas – Madeira e Porto Santo). As zonas rurais cobrem 81,4% do território e albergam 34,4% da população (CE, 2007b, p. 1).

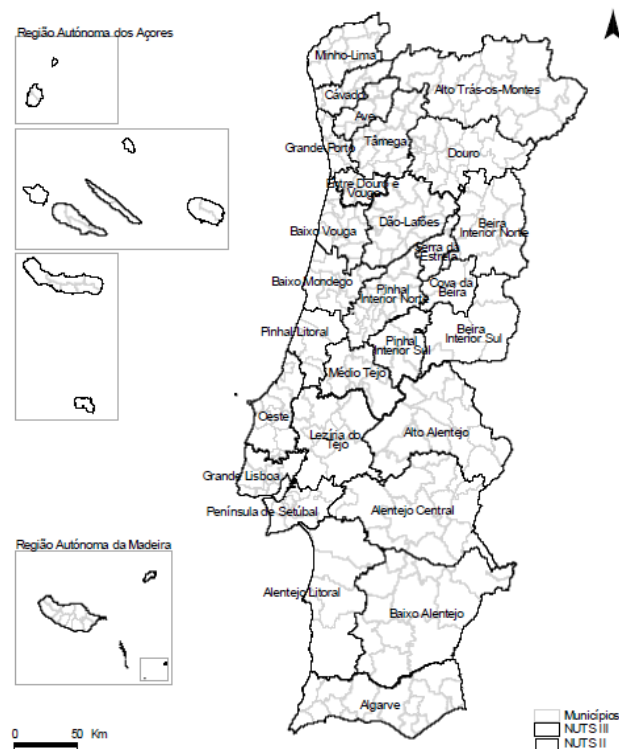
Cartograma 17. Mapa do Arquipélago da Madeira

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquip%C3%A9lago_da_Madeira, consultado a 09 de dezembro de 2012

Em Portugal Continental e Ilhas, enquadram-se na definição de rural do INE 2.195 freguesias portuguesas, de um total de 4.254. Destes valores, e dos 308 municípios portugueses, excluem-se 61 municípios por não terem nenhuma freguesia considerada rural, localizados, sobretudo, nas áreas da Grande Lisboa e Grande Porto, no Centro, especificamente, na região do Baixo Vouga, na Península de Setúbal e no Algarve. O contrário, ou seja, concelhos que têm a totalidade das freguesias rurais, também se verifica, embora em cerca de metade, são 31 os municípios nos quais todas as suas freguesias se enquadram na definição de rural do INE, logo potenciais integradores da amostra (*cf.* **Anexo I**).

Inicialmente, a divisão territorial que se considerou para a aplicação da metodologia foi a NUTS I (Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas) para as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira e NUTS II para Portugal Continental, ou seja, a correspondente às regiões Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve. No entanto, e uma vez que esta divisão não permite fazer uma análise detalhada do território nacional, mais micro, a investigação teve como referência a divisão por municípios e até por freguesias. O **Cartograma 18** permite ter uma perceção da Divisão Territorial do País e de como foi elaborada a definição da amostra considerando essa divisão.

Cartograma 18. Divisão territorial para fins estatísticos (NUTS II, III e Municípios)



Fonte: INE (2012b, p. 17)

Relativamente aos grupos geracionais que se pretenderam estudar foram os nascidos nas décadas de 1950 (Avós), 1970 (Pais) e 1990 (Filhos), ou seja, que tinham, à data da definição da amostra (2012), idades compreendidas entre os 53 e 62 anos; 33 e 42 anos e 13 e 22 anos, respetivamente. Daqui se depreende que, no que à geração mais nova diz respeito, haverá alguns anos que não estarão representados, uma vez que com o estudo, para além de outros objetivos, pretende-se entender os usos e apropriações dos novos *media* por crianças e jovens que se encontrem a frequentar os 2º e 3º ciclos de Ensino Básico e o Ensino Secundário, ou seja, entre os 5º e 12º anos de escolaridade; porque, de acordo com resultados de projetos de investigação como o *Mediappro* (De Smedt & Geeroms, 2006), a primeira utilização de telemóvel e computador, em Portugal, faz-se por volta dos 11-12 anos (embora, tendencialmente, esta utilização ocorra mais cedo devido às iniciativas de introdução das TIC no 1º ciclo de escolaridade, como o computador *Magalhães*. Contudo, como se procuravam respondentes com alguma maturidade, o recorte fez-se ao nível do 5º ao 12º anos de escolaridade), e porque, a partir dos 17 anos de idade este grupo entra numa fase de jovens adultos em processo de autonomização da família, o que dificulta a sua participação no projeto.

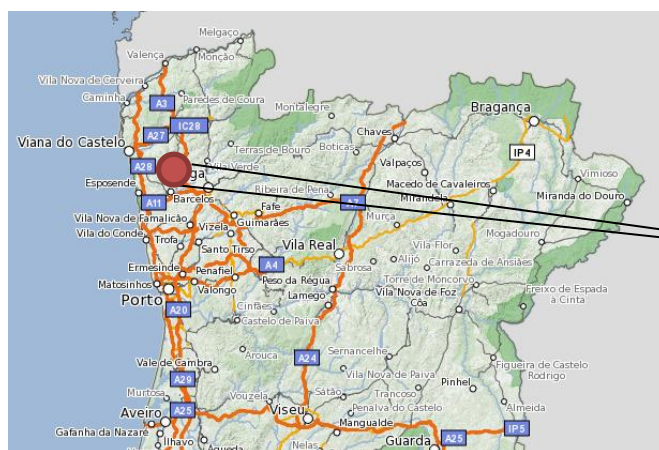
5.1.2. Da amostra

Partindo da definição do conceito de amostra de Carmo e Ferreira (1998), “parte ou subconjunto de uma dada população ou universo” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 209), a amostra para este estudo foi identificada do geral para o particular, ou seja, e como já referido, foi necessário fazer uma primeira análise macro, através de NUTS I e II, à qual se voltou depois para decidir a distribuição dos inquéritos por questionário, de forma mais repartida pelo território, mas foi também preciso fazer uma apreciação mais detalhada, em termos de municípios e de freguesias, só assim foi possível verificar (tendo em consideração a definição do INE) que concelhos apresentavam características de ruralidade. Uma vez que a população com estas características é superior a um milhão, não foi possível estudar todos os seus efetivos. Mas como foi objetivo recolher informação que depois se pudesse inferir para todo o território rural português e a todos os indivíduos pertencentes às diferentes gerações (1950, 1970 e 1990), foi selecionada a amostra, através de métodos não probabilísticos, que se pretende com as mesmas

características da população (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 161-165), ou seja, “que as características próprias da população estejam presentes na amostra ou possam aí ser encontradas recorrendo a certas modificações” (Beaud, 2003, p. 209).

Para cada procedimento de recolha de dados há uma estrutura específica. Assim, os *focus groups* foram realizados na vila de Ponte de Lima, região do Minho, no norte de Portugal Continental (**Cartogramas 19 e 20**), opção que esteve relacionada com as características demográficas que o município apresenta, nomeadamente, tem população total residente de 43.498, densidade populacional de 135,8 habitantes/Km², distribuídos por 51 freguesias, o que permitiu que a amostra selecionada fosse facilmente encontrada e pertencesse a uma das 16 freguesias rurais.

Cartograma 19. Norte de Portugal Continental



Fonte: Google Maps

Cartograma 20. Vila de Ponte de Lima



Fonte:

[http://viajar.clix.pt/mapas.php?c=10&lg=pt&w=ponte de lima](http://viajar.clix.pt/mapas.php?c=10&lg=pt&w=ponte%20de%20lima), consultado a 08 de dezembro de 2012

Foram realizados quatro *focus groups*: três unigeracionais, com indivíduos pertencentes a cada uma das gerações em estudo; e, um multigeracional, com participantes de cada uma das gerações, constituídos da seguinte forma:

- **Geração 50:** cinco indivíduos (dois sexo feminino, três sexo masculino);
- **Geração 70:** nove indivíduos (quatro sexo feminino, cinco sexo masculino);

- Geração 90: sete indivíduos (sexo masculino);
- Multigeracional: oito indivíduos:
 - Geração 50: dois indivíduos (um sexo feminino, um sexo masculino);
 - Geração 70: três indivíduos (um sexo feminino, dois sexo masculino);
 - Geração 90: três indivíduos (sexo masculino).

No final do *focus group* multigeracional foi solicitado aos participantes que preenchessem um diário durante 15 dias, com informações sobre a utilização dos *media* durante esse período. Embora tenham sido entregues oito diários, foram devolvidos sete, tendo sido um indivíduo da geração de 90 que não preencheu e não devolveu.

Para os inquéritos por questionário e seguindo-se as sugestões de Krejcie (1970) e Bartlette (2001) no que respeita à definição de amostras, foram selecionados dois municípios por região NUTS I e II: Norte, Centro e Algarve, R. A. Açores e da Madeira. Lisboa excluiu-se desta seleção uma vez que não tem, em toda a região NUT, freguesias rurais; para além disso, para o Alentejo foi necessário escolher três municípios.

A aproximação aos inquiridos fez-se através dos agrupamentos de escola ou de escolas não agrupadas. Como houve alguma dificuldade em encontrar nível secundário no Alentejo e no Algarve, na primeira região selecionou-se mais um município e uma escola. Em todas as regiões mencionadas foram previstos incluir na amostra 156 filhos/alunos, uma turma de cada um dos ciclos de ensino (2º, 3º ciclos e secundário), com aproximadamente 26 alunos, perfazendo um total de 34 turmas, os quais teriam que entregar um inquérito para preenchimento por um dos seus pais e avós. O total de inquéritos enviados foi, por isso, de 2.652 a 13 concelhos rurais de Portugal Continental e Ilhas (cf. **Anexo II**)¹⁰⁵.

5.1.3. Das questões de investigação

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1995), as questões de investigação são guias essenciais na concretização do estudo, sendo de primordial importância a questão de partida. Esta deve seguir regras básicas na sua conceção: clareza, exequibilidade e

¹⁰⁵ A realização do estudo tendo as escolas como entidades parceiras, ou seja, colaborantes como mediadoras, implicou o pedido de autorização à Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), Ministério da Educação (ME).

pertinência, ou seja, deve ser facilmente compreendida, passível de obter uma resposta e deve ser tido em conta a investigação na qual está integrada (Quivy & Campenhoudt, 1995, pp. 33-46). Para além disso, é ainda seu objetivo “clarificar o que os contactos de campo revelam.” (Flick, 2005, p. 47).

A pergunta que marcará o início da investigação é a seguinte:

Q₁: Quais as dinâmicas de utilização dos novos media-ecrãs em três gerações distintas, em meio rural?

Ou seja, é objetivo perceber que *media* – televisão, computador, internet e telemóvel – são utilizados pelas três gerações em estudo – 1950 (Avós), 1970 (Pais) e 1990 (Filhos) – nos diversos contextos sociais – familiar, laboral/escolar e de lazer –; a frequência com que são utilizados; tendo companhia ou sozinhos; em conjunto com outros *media* ou isoladamente; em que local específico; as competências infocomunicacionais disponíveis e utilizadas, entre outras dinâmicas e variáveis.

No entanto, como por detrás daquela se encontra todo um conjunto de inquietações e interrogações, são várias as perguntas que irão orientar a investigação, algumas poderão ser consideradas como subperguntas, uma vez que a sua formulação dependeu da primeira, no entanto, todas terão a sua importância ao longo do trabalho.

Q_{1.1}: Em que medida o acesso aos media é condicionado pela circunstância de se residir em meio rural?

O rural tem uma grande importância na investigação. Será que os indivíduos consideram que residir no meio rural altera a forma como acedem e utilizam os novos *media*? Ou a residência em meio rural é apenas um pormenor que em nada alterava se fosse diferente? Pretende-se obter as percepções dos indivíduos sobre a ruralidade quando associada ao acesso aos novos *media*.

Q_{1.2}: De que forma a geração de pertença/idade influencia a utilização dos media?

Uma das questões que muito tem interessado vários investigadores é a diferença de acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) tendo em consideração a idade dos utilizadores (Gui & Argentin, 2011; Livingstone & Helsper, 2007; Prensky, 2001a), mas será esse o fator mais importante no que à utilização dos novos *media* diz respeito? Será essa uma variável condicionante? Para a resposta a estas questões serão, muitas vezes, comparadas as respostas entre gerações.

Também para eliminar uma lacuna que se detetou ao longo das pesquisas realizadas, a geração intermédia (nascidos na década de 1970, os Pais) é incluída nas comparações realizadas através das respostas obtidas nos vários momentos da investigação.

Q₂: Considerando o tipo de utilização dos novos media, poderão as diferentes gerações ser consideradas como gerações de ecrã?

Um conceito central que se pretende propor com a investigação é o de *gerações de ecrã*. Considera-se que não é apenas sintomático de uma geração a utilização dos novos *media*, mas sim das três em estudo, daí que o conceito surja no plural, com as suas diferenças de utilização e até preferências, ou condicionada por estas, no entanto, não é nula ou inexistente. Para além disso, todos os *media*, inclusive a internet porque apenas lhe é possível aceder através de um artefacto, estão acoplados a um ecrã, não existem sem ele, daí que a utilização das tecnologias se faça sempre com esse intermediário privilegiado, intermediário que se torna transparente.

Q₃: Tendo em consideração a maior quantidade de media a que é possível recorrer, como se processam hoje as relações sociais?

A quantidade de meios que os indivíduos têm disponíveis para estarem em contacto (SMS¹⁰⁶, MMS¹⁰⁷, *chats*¹⁰⁸, videochamada, entre outros) altera de alguma forma as relações sociais. Perceber se estas são, hoje, mais presenciais ou virtuais; que diferenças mais notam os indivíduos das diferentes gerações; como entram em contacto com amigos e familiares, são os objetivos desta questão.

Considerando estas perguntas serão elaborados os instrumentos de recolha de dados e será em função delas que se desenvolverá todo o estudo, bem como as conclusões.

¹⁰⁶ Serviço de Mensagens Curtas.

¹⁰⁷ Serviço de Mensagens Multimédia.

¹⁰⁸ Salas de conversação *online*.

5.1.4. Dos objetivos

Para o desenvolvimento da investigação far-se-á uso de instrumentos de trabalho aplicados para dar resposta às questões apresentadas anteriormente, assim como para verificar as hipóteses, apresentadas de seguida, com os seguintes objetivos gerais:

- O₁: Analisar a utilização dos novos *media*-ecrãs pelos residentes em meio rural.
- O₂: Compreender a perceção que os indivíduos do meio rural têm da utilização de ecrãs.
- O₃: Compreender de que forma a utilização dos novos *media*-ecrãs é realizada nas três gerações – nascidos nas décadas de 1950, 1970 e 1990.
- O₄: Conhecer as práticas de utilização dos novos *media*-ecrãs em contextos diferenciados – laboral/escolar, de lazer, familiar.
- O₅: Compreender o papel dos novos *media* enquanto elemento promotor de relações de cooperação e/ou conflito intergeracional.
- O₆: Analisar a forma como se processam as relações sociais no presente, considerando a frequente utilização dos novos *media*.

Estes objetivos desdobram-se nos seguintes, mais específicos:

- O_a: Conhecer se residir no meio rural influencia a forma como os indivíduos acedem e utilizam os *media*-ecrãs.
- O_b: Compreender as representações que se criam em torno das relações presenciais e virtuais.
- O_c: Perceber se o grupo etário a que pertencem os indivíduos influencia a forma como acedem e utilizam os *media*-ecrãs.
- O_d: Perceber de que forma a utilização de *media*-ecrãs nos diferentes contextos permite uma convergência de tempos e espaços.
- O_e: Perceber se, entre as gerações, se encontram diferenças nas relações sociais estabelecidas do passado para o presente.

O número de objetivos está relacionado com a dimensão da investigação. Seria complicado, considerando as dimensões de análise do estudo – novos *media*, gerações, meio rural, contextos, entre outros interdependentes –, diminuir o número de objetivos. Para além disso, os específicos estão interligados e dependentes dos gerais, servindo

para detalhar o que se pretende com os objetivos gerais, mas também com a própria investigação.

5.1.5. Das hipóteses de investigação

A etapa das hipóteses de um trabalho de investigação é das mais importantes no que à sua qualidade e exequibilidade dizem respeito, a par com a questão de partida, daí que tanto aquelas como esta devam ser elaboradas de acordo com critérios de clareza, exequibilidade e pertinência, já mencionados. Aliás, como referem Quivy e Campenhoudt “[...] a hipótese fornece à investigação um fio condutor particularmente eficaz que, a partir do momento em que ela é formulada, substitui nessa função a questão da pesquisa, mesmo que esta deva permanecer presente na nossa mente” (1995, pp. 119-120).

As hipóteses que serão o fio condutor da investigação são cinco:

H₁: A forma como as diferentes gerações, do meio rural, utilizam os novos *media* nas variadas atividades do quotidiano tende a assumir uma dimensão (frequência/número médio de horas diárias) semelhante.

Esta hipótese parte do pressuposto que os indivíduos pertencentes às diferentes gerações – Filhos, Pais e Avós – podem ser designados de *gerações de ecrã*, porque assume que a utilização dos novos *media*, em termos de frequência (diariamente, semanalmente, mensalmente ou menor) e de número médio de horas por dia (entre uma e 12 horas) de utilização é semelhante. No entanto, considera-se que poderão existir diferenças relativamente às preferências de utilização dos diferentes *media*.

H₂: A utilização de ecrãs, em meio rural, pelas diferentes gerações é realizada nos vários contextos sociais (lazer, familiar e laboral/escolar).

Será que os indivíduos do meio rural utilizam os novos *media* – televisão, computador, internet e telemóvel – em todos os contextos sociais? É a esta pergunta que a hipótese pretende responder. Vários estudos (Fidalgo, 1999; Hindman, 2000; Osório, 2005; Rodrigues, 2010; Warschauer, 2006 [2003]; Whitacre & Mills, 2002) têm concluído que as regiões mais periféricas vivem em desvantagem relativamente às mais centrais no que ao acesso às TIC diz respeito, e não apenas relativamente ao acesso específico dos

artefactos, mas também aos conhecimentos para a sua eficiente e eficaz utilização. Não será possível realizar uma comparação entre rural e urbano, não foi esse o objetivo desta investigação, mas vai ser possível conhecer as práticas em termos de utilização dos novos *media* pelos residentes no meio rural nos contextos do quotidiano, seja no trabalho ou na escola, na família ou em tempo de lazer.

H₃: O acesso aos novos *media* (ecrãs) depende de variáveis como: situação socioprofissional, escolaridade e sexo, mais do que da idade e da localização geográfica (rural/urbano).

O objetivo é comprovar que variáveis têm mais efeito na forma como as gerações acedem aos novos *media*. O acesso, nesta situação específica, refere-se à aquisição, ou seja, se os residentes no meio rural têm acesso a informações sobre os diferentes *media*, que tipo de informações recebem, como lhes acedem; qual o grau de dificuldade para encontrarem o que desejam, com as características que ambicionam; se têm ou não acesso a publicidade e onde, entre outras.

As variáveis situação socioprofissional, escolaridade, sexo, idade e localização geográfica podem, por isso, ser bons indicadores da forma como os indivíduos acedem aos novos *media*, poderão permitir verificar se há diferenças no acesso aos *media* e, em situação afirmativa, que tipo de diferenças.

H₄: Com a quantidade de meios tecnológicos disponíveis, as relações de sociabilidade sofrem alterações, atribuindo-se maior importância às relações estabelecidas virtualmente em detrimento das presenciais.

Como se referiu para as questões de partida, esta hipótese parte do pressuposto que as mudanças verificadas na forma como os indivíduos contactam uns com os outros (das quais o surgimento do telemóvel nos anos 90 foi a maior mudança de paradigma da vida social) alteram as relações de sociabilidade dentro da mesma geração (grupos de pares, familiares), mas também entre gerações (pais e filhos, avós e netos, por exemplo). A partir daqui, tenta-se perceber se essas mudanças transformaram as relações sociais em mais virtuais e, em caso afirmativo, se essas são preferidas em detrimento das presenciais.

H₅: Considerando o tipo de tarefas que os *media* permitem realizar, assiste-se ao diluir das fronteiras estabelecidas dos diferentes tempos e espaços – laboral/escolar, de lazer e familiar – e à sua frequente continuidade.

Com o acesso aos novos *media* em qualquer lado, sobretudo pela sua característica de mobilidade e portabilidade, é provável que deixe de fazer sentido a existência de fronteiras espaciais e temporais entre os contextos. A ubiquidade dos novos *media* permite a erosão dessas fronteiras, sendo cada vez mais frequentes situações de trabalho a partir de casa (Almeida, 2012), o que dificulta também o desligar quando se está de férias; consulta do *email* e das restantes redes sociais é frequente em contexto de trabalho (Cisco, 2012), bem como o é essa consulta nos vários meios – telemóvel, computador, *tablet*, etc.

Nas hipóteses estão considerados os conceitos principais da investigação, as suas dimensões, componentes e indicadores de análise, daí que sejam o elemento chave do modelo de análise, sendo mesmo inseparáveis, tal como nos indica Bardin (1977), “Formular hipóteses consiste, muitas vezes, em explicitar e precisar – e, por conseguinte, em dominar – dimensões e direcções de análise, que apesar de tudo funcionam no processo.” (Bardin, 1977, p. 99).

Na **Tabela 27** faz-se o estudo de cada uma das hipóteses considerando as variáveis dependentes e independentes presentes em cada uma delas, o seu nível de quantificação, o *design* da investigação e o tipo de testes aplicados.

Tabela 27. Estudo das hipóteses de investigação

Hipóteses	Estatuto das variáveis	Nível de quantificação das variáveis	Design da investigação	Testes
A forma como as diferentes gerações, do meio rural, utilizam os novos <i>media</i> nas variadas atividades do quotidiano tende a assumir uma dimensão (frequência/número médio de horas diárias) semelhante.	Variável independente: gerações. Variável dependente: dimensão (frequência/número médio de horas diárias).	Variável independente: qualitativa. Variável dependente: quantitativa.	Inter-sujeitos (gerações)	<i>One-way ANOVA</i>
A utilização de ecrãs, em meio rural, pelas diferentes gerações é realizada nos vários contextos sociais (lazer, familiar e laboral/escolar).	Variável independente: gerações. Variável dependente: contextos de utilização dos <i>media</i> (lazer, familiar e laboral/escolar).	Variável independente: qualitativa. Variável dependente: qualitativa.	Inter-sujeitos (gerações e contextos)	<i>Independência do Qui-quadrado</i>
O acesso aos novos <i>media</i> (ecrãs) depende de variáveis como: situação socioprofissional, escolaridade e sexo, mais do que da idade e da localização geográfica (rural/urbano).	Variáveis independentes: situação socioprofissional, escolaridade, sexo, idade e localização geográfica. Variável dependente: acesso aos novos <i>media</i> .	Variáveis independentes: qualitativas (situação socioprofissional, escolaridade, sexo e localização geográfica) e quantitativa (idade). Variável dependente: qualitativa.	Intra-sujeitos	<i>Independência do Qui-quadrado</i> <i>V de Cramer</i>
Com a quantidade de meios tecnológicos disponíveis, as relações de sociabilidade sofrem alterações, atribuindo-se maior importância às relações estabelecidas virtualmente em detrimento das presenciais.	Variável independente: meios tecnológicos disponíveis (novos <i>media</i>). Variável dependente: relações de sociabilidade.	Variável independente: qualitativa. Variável dependente: qualitativa.	Inter-sujeitos (gerações)	<i>Independência do Qui-quadrado</i> <i>V de Cramer</i>
Considerando o tipo de tarefas que os <i>media</i> permitem realizar, assiste-se ao diluir das fronteiras estabelecidas dos diferentes tempos e espaços – laboral/escolar, de lazer e familiar – e à sua frequente continuidade.	Variável independente: tarefas realizadas com os <i>media</i> . Variável dependente: diluição das fronteiras entre os diferentes tempos e espaços.	Variável independente: qualitativa. Variável dependente: qualitativa.	Inter-sujeitos (gerações)	<i>Independência do Qui-quadrado</i> <i>V de Cramer</i>

Fonte: Elaboração da autora

5.1.6. Do modelo de análise e mapa conceptual

Para a descoberta da resposta às questões apresentadas, o cumprimento dos objetivos gerais e específicos e para a verificação das hipóteses de trabalho foi desenvolvida uma investigação de cariz quantitativo e qualitativo, separada por diferentes fases. Numa primeira etapa foram realizados *focus groups* e diários, seguidos da aplicação de inquéritos por questionário. Bardin (1977) explica mesmo a forma como estas etapas estão interligadas

Uma hipótese é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise. Trata-se de uma suposição cuja origem é a intuição e que permanece em suspenso enquanto não for submetida à prova de dados seguros. O objectivo é a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático, no qual os resultados obtidos serão utilizados. (Bardin, 1977, p. 98).

Neste capítulo, o objetivo é apresentar a forma como se definiram os procedimentos e as fases da investigação, bem como que etapas se seguiram até esse momento, ou seja, a conceptualização elaborada, o modelo de análise construído, para depois disso se decidirem que técnicas melhor se adequavam ao estudo, de acordo com os objetivos a atingir, e como se delinearam esses métodos e técnicas.

Após a definição das questões de investigação, dos objetivos e das hipóteses, já apresentados, passou-se à identificação dos principais conceitos e construção do modelo de análise, como referem Quivy e Campenhoudt (1995) “A conceptualização é mais do que uma simples definição ou convenção terminológica. É uma construção abstracta que visa dar conta do real.” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 121), construção abstrata a partir da qual se constrói o modelo de análise e se elabora o mapa conceptual.

O modelo de análise é a desconstrução dos principais conceitos sobre os quais se debruça a investigação por cada uma das dimensões, componentes e indicadores. Delimitando por fases, “construir um conceito consiste primeiro em determinar as dimensões que o constituem [...], em seguida, precisar os indicadores graças aos quais as dimensões poderão ser medidas”, e, para os conceitos mais complexos, as dimensões são ainda decompostas em componentes (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 122).

Assim, para cada um dos conceitos centrais, apresenta-se na **Tabela 28** o modelo de análise elaborado:

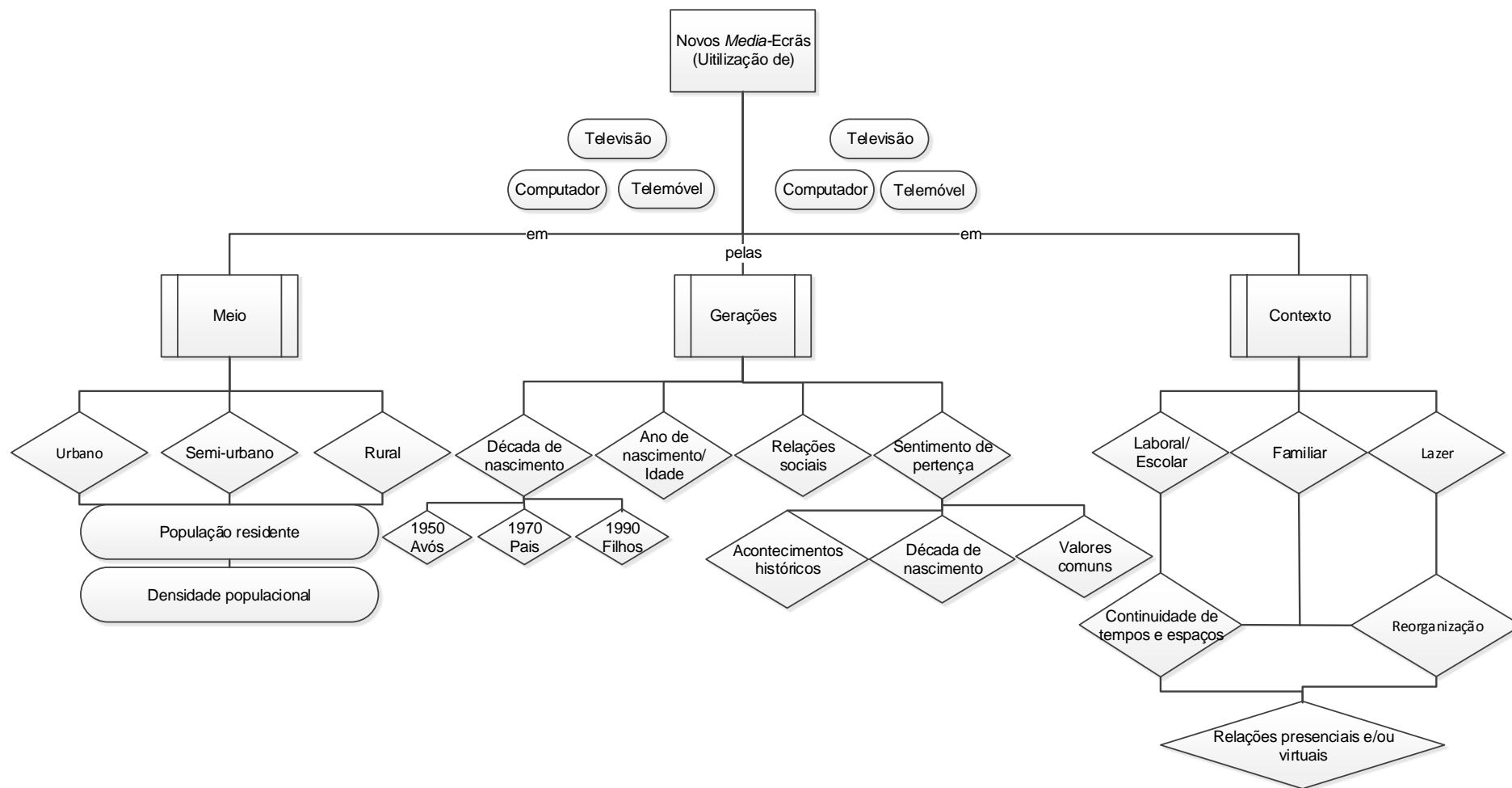
Tabela 28. Modelo de análise

Conceitos	Dimensões	Componentes	Indicadores
Novos <i>media</i>-Ecrãs (utilização de)	Contexto	Lazer Familiar Laboral/Escolar	- Número de horas
			- Quantidade de atividades
			- Tipo de atividades
	Tecnologia	Televisor Computador Telemóvel	- Forma de utilização (em grupo ou individualmente)
			- Páginas/aplicações utilizadas
			- Local físico de utilização
Gerações	Década de 50 (Avós) Década de 70 (Pais) Década de 90 (Filhos)		- Finalidades da utilização
			- Período do dia
Meio rural	Geográfica		- Década de nascimento
	Demográfica		- Ano de nascimento/Idade
			- Sentimento de pertença
Acesso aos <i>media</i>	Disponibilidade		- Regiões NUTS I e II
			- Municípios
			- Densidade populacional
	Demográfica		- População residente
			- Publicidade
			- Existência no local
Intergeracionalidade	Década de 50 (Avós) Década de 70 (Pais) Década de 90 (Filhos)	Relações de conflito Relações de cooperação	- Utilização nos diferentes contextos
			- Sexo
			- Escolaridade
Relações sociais	Contactos estabelecidos	Amigos Família Colegas de trabalho/escola	- Situação socioprofissional
			- Idade
Relações sociais	Contactos estabelecidos	Amigos Família Colegas de trabalho/escola	- Pedidos de ajuda para resolver problemas
			- Contactos estabelecidos
			- Partilha de dispositivos
Relações sociais	Contactos estabelecidos	Amigos Família Colegas de trabalho/escola	- Comunicação entre pessoas
			- Encontros presenciais
			- Encontros virtuais

Fonte: Elaboração da autora

Para além do modelo de análise, outro instrumento de compreensão dos conceitos é o mapa conceptual, definido por McAleese (1998) como um espaço virtual onde se podem encontrar representados os conceitos enquanto entidades, assim, e também como pressuposto de que se parte para a investigação (McAleese, 1998, pp. 64, 78), “Concept maps are not snap-shots of what is known – rather they allow off-loading of thinking and show the result of engaging in knowledge construction. [...] concept maps are (therefor) dynamic and process oriented” (McAleese, 1998, p. 65).

Figura 24. Mapa conceptual



Fonte: Elaboração da autora

A forma como os conceitos se subdividem e relacionam através das várias dimensões é estabelecida através do que o autor designa por associacionismo, ou seja, “[...] The idea that one concept generates links with another concept and that the building blocks for thinking are related as chains or cascades” (McAleese, 1998, p. 66), e esta foi a forma como se começou a construir o doutoramento, através da reflexão em torno de um ou mais conceitos (por exemplo, gerações) surgem outros (por exemplo, família, intergeracionalidade, representação social, entre outros).

5.1.7. Dos métodos e técnicas

Importa, agora, fazer referência às técnicas utilizadas para recolha de dados empíricos, assim como a justificação da sua seleção. Inicialmente, será dada relevância aos *focus groups*, cuja realização decorreu com quatro grupos: três unigeracionais e um multigeracional, nos dias 26 de novembro e 3 de dezembro de 2011. Simultaneamente, foi solicitado aos participantes deste último grupo o preenchimento de diários, durante 15 dias, entre 4 e 18 de dezembro de 2011, acerca dos seus hábitos de utilização dos novos *media*. Estes métodos não planeiam ser independentes nem substitutos do seguinte, os inquéritos por questionário, uma vez que, segundo Fontana e Frey (1994), “fornece um outro nível de recolha de dados e uma outra perspectiva acerca das questões a abordar” (Fontana & Frey, 1994, p. 364), razão pela qual se consideram na investigação que aqui se propõe. A observação participante foi um objetivo que se cumpriu ao longo da realização dos grupos de discussão, observar reações verbais e não-verbais, diferenças de comportamento entre os grupos multi e unigeracionais. Seguidamente, em meados de abril de 2012, foram enviados 2.652 questionários para 13 escolas pertencentes a concelhos do meio rural.

Flick (2005) sistematiza estas três etapas de investigação (*focus groups*, diários e inquéritos por questionário) da forma que se pretende abordar no estudo: “as opiniões de cada sujeito são o ponto de partida; uma segunda linha de investigação estuda a construção e desenvolvimento das interações, enquanto a terceira procura reconstituir as estruturas do espaço social e o significado latente das práticas” (Flick, 2005, p. 6). Desta forma, não fazia sentido tentar compartimentar cada uma delas ou torná-las

autónomas, na medida em que o seu principal objetivo era encontrar pontos de convergência e complementaridade.

Em todas as etapas era objetivo central o cumprimento das considerações éticas a elas inerentes, como sejam a explicação da investigação e dos seus objetivos geral e específicos e a explicitação da possibilidade de recusa de participação no estudo em qualquer momento. Sobretudo, pretendia-se que os indivíduos fossem sinceros e autênticos nas respostas que facultavam. Quase no mesmo sentido, surge a negociação do processo de investigação. Sempre que necessário para os entrevistados, assumiu-se um papel de cedência em determinadas questões colocadas e mesmo na gravação das entrevistas.

Aquando da realização dos *focus groups* e dos diários, foi enviada carta ao presidente da *Associação Desportiva Os Limianos* (cf. **Anexo III**), solicitando autorização para a realização do estudo, explicando o objetivo; bem como autorização para utilização das instalações. O contacto com os participantes foi realizado através de um intermediário na associação, que teve sempre em consideração a década de nascimento e a localidade de residência (meio rural) das pessoas selecionadas. Nos dias designados para a realização dos *focus groups* foram entregues a todos os participantes consentimentos informados e, no caso dos pertencentes à década de 90, quando menores de 18 anos, foi-lhes, igualmente, entregue consentimentos informados para que os seus encarregados de educação assinassem e autorizassem a participação (cf. **Anexo IV**). Não obstante em todos estes documentos constar informação sobre a investigação, os objetivos e as questões que iriam ser colocadas, foram ainda explicados verbalmente os motivos da realização dos grupos de discussão, bem como o interesse da investigação em curso. Todos eles foram entregues devidamente assinados, não existindo qualquer constrangimento à sua realização.

Nos consentimentos informados era ainda solicitada autorização para filmar e gravar a sessão. As gravações e filmagens foram efetuadas com o consentimento expresso dos entrevistados, garantindo o seu anonimato, assim como o direito à privacidade e a proteção contra eventuais danos (físicos, emocionais e psicológicos), sendo um aspeto importante neste sentido o cuidado com a linguagem utilizada, evitando o uso de palavras demasiado técnicas, que pudessem constranger a resposta dos intervenientes durante as entrevistas. Finalmente, foi dada oportunidade aos participantes de ouvirem e ficarem com as gravações, bem como ficarem com uma cópia de todo o estudo.

Quanto aos procedimentos realizados de contacto prévio para aplicação dos inquéritos por questionário, foram enviadas cartas aos presidentes e diretores dos agrupamentos de escolas e das escolas não agrupadas (básicas e secundárias), carta essa que seguiu igualmente com o instrumento de recolha de dados (*cf.* **Anexo V**). Juntamente com os inquéritos seguiram, ainda, cartas aos professores responsáveis pela aplicação nas turmas, um documento com instruções de preenchimento e as autorizações de participação no estudo que os encarregados de educação deveriam ler e assinar, caso autorizassem que o menor colaborasse com o estudo (*cf.* **Anexos VI, VII e VIII**, respetivamente). Aos docentes que tivessem interesse, poderiam solicitar um certificado de colaboração com a investigação (*cf.* **Anexo IX**).

Apresentam-se, de seguida, as técnicas que implicaram o contacto com o terreno, numa lógica de complementaridade de metodologias qualitativas e quantitativas.

5.2. FOCUS GROUPS

A realização dos *focus groups* foi a primeira etapa da metodologia aplicada na investigação. O motivo principal para essa estratégia esteve relacionado com o interesse em obter opiniões e informações importantes que auxiliassem a construção dos inquéritos por questionário, sendo definido por Morgan (1996) como “[...] a research technique that collects data through group interaction on a topic determined by the researcher.” (Morgan, 1996, p. 130). Aliás, a última pergunta colocada era, precisamente, o que gostariam os participantes que fosse questionado num inquérito de âmbito nacional. Assim, era pretensão colocar em interação indivíduos pertencentes a três gerações, observar como respondiam a cada uma das afirmações que foram feitas em termos de utilização dos *media*. Mas, para além disso, analisar ainda divergências e convergências nos membros da mesma geração.

De acordo com Stewart (1990), há algumas situações específicas nas quais os *focus groups* são considerados como a técnica mais adequada para recolher dados, uma das quais é quando o estudo está ainda uma fase exploratória, “As a result, focus groups tend to be used very early in a research project and are often followed by other types of research that provide more quantifiable data from larger groups of respondents.” (Stewart & Shamdasani, 1990, p. 15). Para além disso, é importante esta técnica quando se pretende obter informação geral de um tópico de interesse, estimular novas ideias e conceitos criativos, gerar impressões sobre produtos, programas, serviços, entre outros; e, principalmente para a investigação em curso, os *focus groups* são utilizados quando se pretende ouvir os participantes sobre determinado fenómeno, o que irá facilitar o desenho do inquérito por questionário ou outros instrumentos (Stewart & Shamdasani, 1990, p. 15). Os *focus groups* são, por isso, um método orientado à recolha de dados, no qual o centro dessa recolha está a interação entre os membros do grupo, tendo o investigador um papel bastante ativo na criação da discussão de grupo com o objetivo da obtenção de informação relevante para a pesquisa (Morgan, 1996, p. 130).

As principais vantagens na aplicação desta técnica estão relacionadas com a rapidez com que se consegue recolher um conjunto maior de informação de um grupo de pessoas mais vasto, diminuindo, assim, os custos dessa recolha; permitindo ao investigador interagir diretamente com os indivíduos e, dessa forma, perceber respostas não apenas verbais, mas também não-verbais; permite, ainda, a interação entre os

elementos do grupo; é bastante flexível, dando a possibilidade de adquirir respostas de grupos de pessoas que possam ter alguma dificuldade em discutir assuntos isoladamente; e os seus resultados são fáceis de interpretar e compreender (Stewart & Shamdasani, 1990, p. 16). Para além disso, os participantes respondem e explicam as suas razões quase para os outros, o que aumenta a discussão; a quantidade de informação que é possível recolher dos consensos e das divergências entre eles; as comparações entre vivências dos participantes que é possível obter, em vez de testemunhos individuais (Morgan, 1996, p. 139); o tratamento em *software* informático que hoje já é possível realizar (Morgan, 1996, p. 149). Quando às limitações, por vezes, o moderador tem como consequência cortar um pouco a interação do grupo; a intuição diz que alguns tópicos de discussão não são muito bem aceites por alguns membros do grupo, apesar de não estar empiricamente comprovada esta limitação (Morgan, 1996, p. 140).

Posto isto, os *focus groups* são importantes instrumentos de trabalho, sobretudo, quando o objetivo é recolher informação qualitativa, sobre determinado tema, num grupo restrito de pessoas, permitindo, igualmente, a interação dos elementos que constituem o *focus group* e a perceção sobre temas mais sensíveis e os que são mais indiferentes para o grupo em causa. Mas há determinados aspetos a ter em conta quando se opta por colocar em prática um grupo de discussão, como a localização dos participantes, e a sua mobilidade e flexibilidade de horários (Morgan, 1996, p. 138), aliás, na definição dos *focus groups* desta investigação optou-se por entrar em contacto com uma associação desportiva precisamente por se considerar que seria mais fácil contactar os pais de algumas crianças que ali praticam desporto. A partir daí, e como se trata de uma vila pequena, onde os contactos intergeracionais estariam, à partida, facilitados, estariam também acessíveis algumas pessoas da geração de 50. A realização dos *focus groups* a um sábado esteve relacionado com a flexibilidade de horários a que esta técnica tem que se submeter. No caso, os pais levam, normalmente, os filhos ao treino ao sábado de manhã, ficando depois também para assistir ao jogo que decorre à tarde.

Sendo o objetivo principal colocar em discussão vários indivíduos à volta de um ou vários tópicos, foi precisamente o que se pretendeu com a sua realização neste estudo, colocar em interação indivíduos pertencentes a três gerações, observar como respondem a cada uma das afirmações que se farão em termos de utilização dos *media* e analisar ainda o que há de divergente e convergente nos membros da mesma geração. A partir daqui, foi ainda possível retirar afirmações pertinentes que auxiliassem na construção do inquérito por questionário. O moderador assume um papel muito importante, uma vez que

é ele que conduz todo o processo. Neste caso, o moderador foi o próprio investigador, com alguma experiência em moderar grupos de discussão, o que facilitou em termos de gerir os tempos e a forma como a conversa era conduzida. Não se pretendeu uma discussão muito rígida, houve alguma abertura para deixar a conversa fluir entre os participantes, mas como havia um guião e questões que se queriam colocar foi necessário, por vezes, orientar no sentido do que se pretendia conhecer.

O nível de uniformização foi também importante, uma vez que se iria aplicar o mesmo guião (com algumas alterações pouco significativas em termos de perguntas colocadas) a quatro grupos diferentes (cf. **Anexo X**). Esta estratégia era uma mais-valia para a avaliação dos resultados que se procedesse de forma equivalente em todos os grupos, procedimentos e questões idênticos, assim era possível comparar respostas de diferentes categorias e de diferentes participantes (Morgan, 1996, p. 143).

5.2.1. Amostra

Um aspeto de grande importância para a investigação foi a constituição da amostra. A estratégia passou por constituir grupos de pessoas bastante diversos quer no que diz respeito à idade, quer ao sexo, mas que residissem na região Norte. A escolha do local de realização dos *focus groups* esteve relacionada com as características de ruralidade que a vila apresentava. Ponte de Lima é a vila mais antiga de Portugal (data de 1251), tem 43.498 habitantes, densidade populacional de 135,8, distribuídos por 51 freguesias (INE, 2012b) e está localizada junto ao Rio Lima. A vila, apesar de deter fortes características de ruralidade, está localizada próxima de uma região metropolitana (o Porto) e de outras duas grandes cidades, Viana do Castelo e Braga. Para além disso, está ainda muito próxima da região espanhola Galiza. As acessibilidades a outras cidades, em termos de redes viárias são, por isso, muito boas.

Ponte de Lima tem uma zona protegida de grande importância, a Lagoa de Bertandós, considerada como um local *Natura 2000*, um centro de recreação e educação ambiental. E, para além das características estatísticas de ruralidade, a vila é ainda caracterizada pelas suas casas senhoriais, as paisagens agrícolas e os produtos e gastronomia típica (produção de vinho e fumeiro).

Figura 25. Vista aérea da vila de Ponte de Lima



Fonte: <http://www.jn.pt/blogs/mafc1976/archive/2009/12/02/ponte-de-lima.aspx>
consultado a 03 de janeiro de 2013

Para a realização dos *focus groups* optou-se por estabelecer contacto com uma associação através da qual se tivesse acesso as crianças e jovens da geração de 90, e a partir daí, aos seus pais e, eventualmente, avós. Os primeiros contactos estabelecidos presencialmente tiveram como intermediária a *Associação Desportiva Os Limianos*.

De acordo com vários autores, é desejável que os grupos tenham entre 6 a 12 pessoas, para que todos participem, sem se interromperem frequentemente e assim a moderação seja feita de forma equilibrada (Morgan, 1996; Stewart & Shamdasani, 1990). Na investigação constituíram-se quatro grupos de discussão, inicialmente pensados com nove elementos cada, no entanto, foi possível ter cinco participantes no grupo da geração de 50, 10 elementos no *focus group* da geração de 70 e sete na geração de 90. O grupo multigeracional foi constituído por oito pessoas.

Esta segmentação em termos de gerações foi importante porque permitiu uma dimensão comparativa. Para além disso, permitia a fluidez de discursos em termos de práticas semelhantes no que ao uso dos *media* dizia respeito, vivências idênticas, memórias também semelhantes facilitaram a discussão e, posteriormente, o tratamento de dados. Mas, para isso, foi necessário constituir quatro grupos diferentes, três onde se conseguia garantir esta segmentação em termos de década de nascimento, e um outro onde o que se pretendia era colocar as diferentes gerações em discussão (Morgan, 1996, pp. 143-144). Era também objetivo conseguir grupos com o mesmo número de homens e mulheres, algo que já se tornou mais complicado. Assim, no grupo da geração de 50

havia duas mulheres e três homens; na geração de 70 cinco mulheres e cinco homens e no da geração de 90 só se conseguiram reunir sete homens.

Numa primeira fase, foram constituídos três grupos unigeracionais, ou seja, um grupo com cinco elementos da geração nascida nos anos 50, outro com dez elementos pertencentes à geração de 1970 e, por último, sete nascidos na década de 90. Um segundo grupo foi criado, desta vez, multigeracional, cuja finalidade é perceber, de forma exploratória, que tecnologias são utilizadas; a quais se dá mais preferência; se essa utilização é realizada em grupo ou individualmente, em família ou com o grupo de amigos; quais as vantagens e desvantagens encontradas e as maiores dificuldades, entre outros aspetos. O objetivo principal da distinção dos grupos unigeracionais do grupo multigeracional é diminuir eventuais constrangimentos relativos à maior ou menor literacia digital, esperando que isso resulte numa maior interação entre os participantes, uma vez que se encontram com indivíduos da mesma ou de idade aproximada e, em princípio, com as mesmas experiências em termos de utilização dos novos *media*.

Relativamente ao grupo da geração de 50, as idades dos participantes¹⁰⁹ estavam entre os 53 e os 61 anos de idade, ou seja, nascidos entre 1950 e 1958. A escolaridade dos indivíduos situava-se entre a 4ª classe e o 12º ano, sendo dois deles funcionários públicos, um era trabalhador por conta própria e dois trabalhadores por conta doutrem. O agregado familiar na maioria dos participantes era composto por quatro indivíduos sendo, nesses casos, o casal e dois filhos. Apenas uma respondente indicou que morava com o marido (precisamente a que utilizava durante mais horas o telemóvel e a televisão). Todos residiam em freguesias rurais de Ponte de Lima, no entanto, a sua profissão era exercida, em alguns casos, em meio urbano (Ponte de Lima, Arcos de Valdevez, e outros). A **Tabela 29** apresenta o resumo desta informação.

¹⁰⁹ Todas as idades são calculadas tendo em consideração o ano de realização dos *focus groups*, 2011.

Tabela 29. Caracterização sociodemográfica da geração de 1950¹¹⁰

Idade	Ano nascimento	Sexo	Escolaridade	Profissão	Estado civil	Agregado familiar	Localidade de residência	Localidade de profissão	Código nas transcrições
61	1950	Feminino	9º ano	Funcionária pública	Casada	2	Sá	Ponte de Lima	FM50
55	1956	Masculino	4ª classe	Funcionário público	Casado	4	Bertiandos	Arcos de Valdevez	JCL50
54	1957	Masculino	9º ano	Padeiro	Casado	4	Sá	Refóios	JL50
54	1957	Masculino	12º ano	Técnico de contas	Casado	4	Bertiandos	Ponte de Lima	IL50
53	1958	Feminino	9º ano	Cozinheira	Casada	4	Santa Comba	Bertiandos	HV50

Na geração de 70 as idades situavam-se entre os 32 anos e os 41, ou seja, nascidos entre 1970 e 1979. O número de licenciados neste grupo sobe para os três, um bacharelato, dois tinham o 12º ano, e a pessoa com menos escolaridade tinha o 6º ano. A profissão divide-se entre a função pública (três respondentes), quatro trabalhadores por conta de outrem, um por conta própria, e dois desempregados. Também neste grupo os agregados familiares eram compostos, maioritariamente, por quatro elementos (em seis das situações), por três elementos em dois casos e por cinco elementos para um respondente. Apenas neste último o agregado familiar era composto pelo casal, pelos pais da respondente e um filho; num dos casos de três elementos, como a respondente era divorciada, vivia com os dois filhos; nas outras situações são agregados compostos pelos filhos (um ou dois) e pelo casal. À exceção de um participante que residia em meio urbano (Paredes de Coura) e quis participar no *focus group*, todos os outros residiam em meio rural, mas também a atividade profissional era exercida em meio urbano em alguns casos.

Tabela 30. Caracterização sociodemográfica da geração de 1970¹¹¹

Idade	Ano nascimento	Sexo	Escolaridade	Profissão	Estado civil	Agregado familiar	Localidade de residência	Localidade de profissão	Código nas transcrições
41	1970	Masculino	10º ano	Técnico de vendas	Casado	4	Rendufe	Minho	FA70
41	1970	Feminino	9º ano	Empresária	Casada	5	Sá	Ponte de Lima	CC70
38	1973	Feminino	Bacharelato	Escriturária	Casada	2	Arca	Vila Verde	SB70
37	1974	Masculino	Licenciatura	Professor	Casado	4	Santa Comba	Arcozelo	JM70
36	1975	Feminino	Licenciatura	Professora	Divorciada	3	Feitosa	Távora	RL70
36	1975	Feminino	6º ano	Desempregada	Casada	4	Gemieira	-	SG70
36	1975	Masculino	Licenciatura	Engenheiro florestal	Casado	4	Feitosa	Ponte da Barca	MC70
35	1976	Masculino	12º ano	Funcionário público	Casado	4	Cepões	Póvoa de Varzim	RC70
34	1977	Masculino	9º ano	Desempregado	Casado	4	São Martinho da Gandra	-	PM70
32	1979	Feminino	12º ano	Técnica comercial	Casada	3	Paredes de Coura	Paredes de Coura	AG70

¹¹⁰ A cor verde encontram-se assinalados os participantes no grupo multigeracional.

¹¹¹ A cor verde encontram-se assinalados os participantes no grupo multigeracional.

A geração de 90 tinha indivíduos com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, nascidos entre 1994 e 1999. Todos frequentavam a escola, entre o 7º e o 12º ano de escolaridade. Apesar de todos residirem em meio rural, a escola situava-se em meio urbano (na sua maioria, em Ponte de Lima). Os agregados familiares eram constituídos quase todos por quatro elementos, exceção de um que tinha dois elementos (mãe e filho/respondente) e noutro que tinha cinco (pais, avós e o neto/respondente).

Tabela 31. Caracterização sociodemográfica da geração de 1990¹¹²

Idade	Ano nascimento	Sexo	Ano de estudos	Profissão	Estado civil	Agregado familiar	Localidade de residência	Localidade da escola	Código nas transcrições
17	1994	Masculino	12º ano	Estudante	Solteiro	4	Bertiandos	Ponte de Lima	AG90
16	1995	Masculino	11º ano	Estudante	Solteiro	2	Bertiandos	Ponte de Lima	NAI90
16	1995	Masculino	11º ano	Estudante	Solteiro	5	Sá	Ponte de Lima	JC90
14	1996	Masculino	10º ano	Estudante	Solteiro	4	Feitosa	Ponte de Lima	JCq90
13	1998	Masculino	8º ano	Estudante	Solteiro	4	Fontão	Lanheses	MV90
12	1999	Masculino	7º ano	Estudante	Solteiro	4	Rendufe	Ponte de Lima	NAn90
12	1999	Masculino	7º ano	Estudante	Solteiro	4	Feitosa	Ponte de Lima	MC90

O último grupo, multigeracional, tinha elementos de todos os outros já mencionados. Assim, as idades situavam-se entre os 12 e os 61 anos de idade, nascidos entre 1950 e 1999. Da geração de 90 todos frequentavam a escola, entre o 7º e o 12º ano. Das outras gerações, a escolaridade que detinham era entre o 9º e o 10º ano; e três eram empregados por conta doutrem, um funcionário público e um empregado por conta própria. Os agregados familiares eram, mais uma vez, compostos por quatro elementos na sua maioria (cinco), por dois elementos no caso de uma respondente da geração de 50 e por cinco elementos no caso de uma respondente da geração de 70.

Tabela 32. Caracterização sociodemográfica do grupo multigeracional

Idade	Ano nascimento	Sexo	Ano de estudos	Profissão	Estado civil	Agregado familiar	Localidade de residência	Localidade de profissão	Código nas transcrições
61	1950	Feminino	9º ano	Funcionária pública	Casada	2	Sá	Ponte de Lima	FM50m
54	1957	Masculino	9º ano	Padeiro	Casado	4	Sá	Refóios	JL50m
41	1970	Masculino	10º ano	Técnico de vendas	Casado	4	Rendufe	Minho	FA70m
41	1970	Feminino	9º ano	Empresária	Casada	5	Sá	Ponte de Lima	CC70m
35	1976	Masculino	12º ano	Funcionário público	Casado	4	Cepões	Póvoa de Varzim	RC70m
12	1999	Masculino	7º ano	Estudante	Solteiro	4	Rendufe	Ponte de Lima	NAn90m
12	1999	Masculino	7º ano	Estudante	Solteiro	4	Feitosa	Ponte de Lima	MC90m
17	1994	Masculino	12º ano	Estudante	Solteiro	4	Bertiandos	Ponte de Lima	AG90m

¹¹² A cor verde encontram-se assinalados os participantes no grupo multigeracional.

Como referido, a todos os participantes foi explicado no início dos *focus groups* os objetivos do estudo, bem como do grupo de discussão e foi-lhes solicitado que autorizassem a filmagem e gravação da discussão, autorização concedida. Todos assinaram consentimentos informados e entregaram. Apesar disso, em qualquer altura era permitido que os indivíduos abandonassem a sala e deixassem de participar na investigação, o que não se verificou.

5.2.2. Construção, contexto de aplicação e recolha de dados

Os *focus groups* foram realizados num local o mais familiar possível para todos os membros do grupo, na sala de reuniões cedida pela *Associação Desportiva Os Limianos*, onde os filhos praticam desporto com regularidade, para que a deslocação não fosse significativa (Stewart & Shamdasani, 1990, p. 56).

Em todo o estudo foram tidas em consideração as questões éticas, mas nesta técnica em particular houve uma atenção redobrada dada a esse aspeto, uma vez que era necessário filmar e gravar, sendo o anonimato dos participantes mantido, e os seus nomes alterados na análise dos excertos, que decorrerá no subcapítulo dos resultados obtidos (Carmo & Ferreira, 1998, p. 283).

Após o que foi a aplicação da técnica, realizou-se o tratamento da informação, ou seja, transcrição dos *focus groups* e respetiva análise de conteúdo, assim como dos comportamentos não-verbais, recolhidos através de observação participante, os quais “constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho.” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 196). Aliás, a observação participante foi uma etapa que esteve presente durante os *focus groups*, com o objetivo de compreender a maior ou menor participação, gestos e reações. Como referem Atkinson e Hammersley (1994), “it has been argued that in a sense all social research is a form of participant observation, because we cannot study the social world without being part of it” (Hammersley & Atkinson, 1983 *cit. in* Atkinson & Hammersley, 1994, p. 249). Assim, enquanto moderador foi necessário retirar notas de campo não apenas do que foi dito, mas também do que foi possível observar, intervindo equilibradamente, mas assumindo uma postura participante. De acordo com Punch (1994), “[Participant

observation] implies that the investigator engages in a close, if not intimate, relationship with those he or she observes. Crucial to that relationship is access and acceptance [...]" (Punch, 1994, p. 84). Foi dada bastante atenção à forma como eram estabelecidas as primeiras relações, uma vez que não se pretendia iniciar com processos de desconfiança, mas sim manter uma postura de integridade e honestidade ao longo da investigação.

Na fase posterior aos *focus groups* recorreu-se à análise de conteúdo e à utilização do *software* NVivo 8. A primeira permitiu, através da leitura das transcrições, construir uma grelha de análise inicial, com as principais categorias encontradas, como "o acesso aos *media* no meio rural"; "a utilização de *media*-ecrãs"; "os contextos de utilização dos *media*" e "a utilização de ecrãs nas diferentes gerações". O NVivo 8 auxiliou o processo de codificação e de categorização dos principais conceitos, através da indexação do texto das transcrições. À medida que as transcrições iam sendo analisadas, foram criadas árvores de categorias e relações entre estas, desta forma foi possível estabelecer comparações entre as diferentes categorias e as gerações.

Na análise de conteúdo, os trechos retirados dos *focus groups* foram agrupados de acordo com os fundamentos enunciados anteriormente (grupos de questões), relativamente à análise com o NVivo as árvores de categorias (*Tree Nodes*) foram estipuladas da seguinte forma:

- Contexto de utilização dos *media*
 - Fronteiras entre contextos
 - Local de utilização (Familiar, Laboral/Escolar e de Lazer)
 - Período do dia (Manhã, Tarde e Noite)
- Gerações
 - Capital social
 - Cooperação-conflito
 - Memórias do passado
 - Relações familiares
 - Relações intergeracionais
- *Media*-ecrãs
 - Aplicações utilizadas
 - Atividades realizadas
 - Finalidades de uso
 - Frequência de utilização
 - Gestão do dia

Media utilizados

Preferências de *media*

- Relações sociais (sem subcategorias)

- Rural

Aquisição dos *media*

Informação sobre os *media*

Rural-Urbano

5.2.3. Dimensões de análise dos *focus groups*

Os *focus groups* foram apoiados por um guião, com bastantes semelhanças em termos de questões e, por isso, tinham todos seis grupos, que se pretenderam interrelacionados:

- Tipo de *media* utilizado (televisão, computador, telemóvel, outros), colocando-se questões relativas às lembranças históricas e pessoais do surgimento de cada um dos *media*, assim como a frequência de utilização de cada um;

- Preferências/motivos de utilização, tentando, nesta altura, compreender se se utiliza mais um *media* do que outro e, neste caso, quais os motivos para isso acontecer;

- Contextos de utilização dos *media*, entre trabalho/escola, família e lazer onde se faz mais uso das tecnologias e porquê, aplicando-se questões sobre se a preferência, a disponibilidade ou o local onde se encontram interferem numa maior ou menor utilização;

- Altura do dia dessa utilização (manhã, tarde, noite), para analisar se os usos das tecnologias interferem na gestão dos tempos;

- Atores envolvidos (sozinhos ou acompanhados), sobretudo para compreender qual o conhecimento dos perigos existentes num uso pouco informado dos *media* e se há lugar à ocorrência de relações de cooperação e/ou conflito;

- Obstáculos/dificuldades/problemas encontrados, por forma a analisar se a utilização dos *media* propicia as relações de cooperação entre pares ou entre gerações ou se, por outro lado, potencia as relações de conflito e, de um modo geral, que vantagens e desvantagens encontram na utilização dos *media*.

Pretendia-se que cada um destes tópicos fosse amplamente discutido, tendo cada um dos grupos a duração aproximada de 90 minutos para o efeito.

As questões foram elaboradas do mais geral para o mais particular relativamente ao tema em questão – a utilização dos novos *media*, pelas diferentes gerações, em meio rural – da mesma forma que foram colocadas questões do maior grau de importância para o menor para a investigação (Stewart & Shamdasani, 1990, p. 61). Foi utilizado um guião para cada um dos grupos, que se foi moldando, à medida que se obtiveram respostas. Aliás, os guiões não se pretenderam estanques, havendo a liberdade de se colocarem questões que não estavam previstas inicialmente, da mesma forma que foi dada alguma margem de liberdade aos intervenientes para discutirem entre si tópicos que não estavam previstos.

5.2.4. Dificuldades sentidas na realização dos *focus groups*

Os *focus groups* foram uma etapa muito importante para a investigação. Foi a partir daqui que se deu início ao trabalho de campo e que se conseguiram retirar as primeiras conclusões e perceber algumas fragilidades da investigação.

Como já houve oportunidade de referir, a vila de Ponte de Lima foi selecionada por ter as características de ruralidade necessárias para a investigação. A forma considerada mais fácil de entrar em contacto com os participantes seria através de associações locais e, sobretudo, desportivas, por ter várias crianças e jovens como associados e desportistas (os escuteiros também foram uma possibilidade equacionada). Através dos jovens seria possível ter acesso aos pais e avós, ou então, como foi o caso, através do pedido de participação à *Associação Desportiva Os Limianos*, os primeiros a ser contactados pela própria Associação foram os pais, através dos pais os avós e, finalmente, os seus filhos/netos.

Uma etapa que se poderia ter tornado bastante mais morosa, com o apoio da Associação Desportiva e dos pais e avós dos jovens, foi possível ter o número mínimo de participantes em todos os *focus groups* e realizar todos os que estavam equacionados desde início (três unigeracionais e um multigeracional).

Apesar dos *focus groups* terem sido realizados e nas datas previstas (entre novembro e dezembro de 2011), nem sempre houve facilidade em reunir os participantes.

O *focus group* da geração de 1970 foi o que teve mais indivíduos (10 no total), apesar disso, o seu início atrasou uma hora, o que podia ter levado à desistência de alguns elementos, apesar de tudo, os participantes foram bastante pacientes e compreensivos e não recusaram participar na discussão. Para além do atraso, alguns participantes chegaram à sala enquanto já estava a decorrer o *focus group*, o que levava a interrupções na discussão.

Relativamente ao segundo *focus group*, da geração de 1950, inicialmente foi complicado angariar participantes. Nem todos os jovens tinham avós e nem todos os que havia estavam disponíveis. Foi mais através dos contactos com a geração de 1970, no primeiro *focus group*, que se conseguiram participantes para o segundo, e houve mesmo quem fosse contactado no próprio dia para participar no estudo, foi, por isso, o grupo mais pequeno (cinco participantes) e, uma vez que era através deste grupo que se solicitava a participação dos indivíduos no *focus group* multigeracional, foi também aqui a geração menos representada.

O *focus group* da geração de 1990 estava pensado para igual número de elementos do sexo masculino e feminino, no entanto, este foi o primeiro entrave encontrado. Na hora da sua realização, nenhuma rapariga se disponibilizou para participar no estudo. No entanto, e porque não se podiam dispensar os rapazes que estavam presentes, deu-se início ao *focus group* com sete participantes do sexo masculino, de diferentes faixas etárias. Esta foi, de facto, a principal dificuldade encontrada, e que interferiu, mais uma vez, com o *focus group* multigeracional, porque estiveram presentes apenas rapazes representantes da geração de 90.

O *focus group* multigeracional, apesar dos contratempos já mencionados, sobretudo pela falta de alguns participantes, decorreu sem grandes problemas. Todos os indivíduos que se comprometeram participar estiveram presentes e à hora indicada.

No final, foi necessário transcrever todas as gravações. Esta etapa foi mais demorada do que o esperado, uma vez que a sala onde se realizaram os *focus groups* não tinha qualquer tipo de isolamento, era dentro de um pavilhão desportivo (pertencente à Associação), onde decorreram treinos e jogos durante todos os *focus groups* realizados. Havia, por isso, bastante barulho de fundo que impedia que se ouvissem as gravações com a nitidez necessária para a realização de uma transcrição. Ainda assim, com a junção da gravação e da filmagem foi possível transcrever todos os *focus groups*.

Apesar de tudo, ajudou ter as instalações cedidas pela Associação Desportiva, esse é um aspeto que se deve sempre ter em consideração e que nem sempre é fácil

resolver. Todos os participantes colaboraram com a investigação, permitiram a gravação e filmagem dos *focus groups* e todos os menores de 18 anos trouxeram as autorizações de participação no estudo assinadas pelos encarregados de educação.

5.3. DIÁRIOS

Um método complementar aos *focus groups* foram os diários. No início do grupo de discussão multigeracional foi solicitado a todos os seus participantes (oito no total) que preenchessem diários, sendo o objetivo da sua aplicação complementar a informação retirada dos *focus groups* realizados e aprofundar um pouco mais algumas questões, como o local de utilização dos três *media* (televisão, computador/internet e telemóvel), a duração dessa utilização, bem como o contexto onde era feita e quem estava a acompanhar os respondentes na altura da utilização (cf. **Anexo XI**). Estas respostas permitiam, ainda que de forma indireta, perceber também a forma como os *media* mencionados eram utilizados no meio rural, na medida em que os elementos dos *focus groups* a quem foi solicitado o preenchimento dos diários residem todos em freguesias rurais da vila de Ponte de Lima. Era ainda objetivo retirar informações que ajudassem à construção do inquérito por questionário (método a aplicar na fase posterior).

5.3.1. Amostra

O grupo colaborante no preenchimento dos diários teve, por isso, características bastante heterogéneas, em termos de idade e sexo. Preencheram os diários indivíduos com, na altura (dezembro de 2011), idades entre os 12 e os 61 anos de idade, ou seja, nascidos entre os anos 1950 e 1999. Apesar do *focus group* multigeracional ser constituído por oito pessoas (dois da geração de 50, três da geração de 70 e três da geração de 90), os diários foram preenchidos por sete participantes, o diário de um elemento da geração de 90 não foi entregue. Da geração de 50 entregou o diário uma pessoa do sexo masculino e outra do sexo feminino; da geração de 70 preencheram o diário dois indivíduos do sexo masculino e um do sexo feminino; e da geração de 90 preencheram o diário dois indivíduos do sexo masculino.

Os agregados familiares dos participantes eram, maioritariamente, constituídos por quatro elementos, sendo, nesses casos, a família composta por pai, mãe e os dois filhos. A participante da geração de 70 vive com os pais, com o marido e o filho (cinco

elementos). A participante da geração de 50 vive com o marido, são, por isso, dois elementos do agregado familiar.

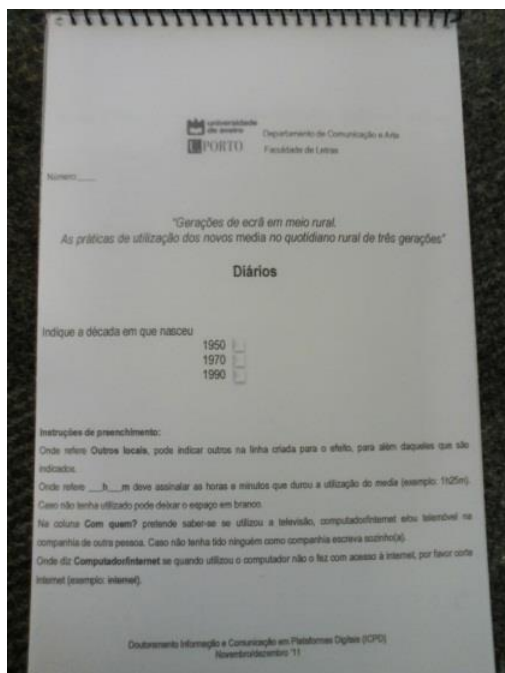
Tabela 33. Caracterização sociodemográfica dos respondentes dos diários

Idade	Ano nascimento	Sexo	Ano de estudos	Profissão	Estado civil	Agregado familiar	Localidade de residência	Localidade de profissão
61	1950	Feminino	9º ano	Funcionária pública	Casada	2	Sá	Ponte de Lima
54	1957	Masculino	9º ano	Padeiro	Casado	4	Sá	Refóios
41	1970	Masculino	10º ano	Técnico de vendas	Casado	4	Rendufe	Minho
41	1970	Feminino	9º ano	Empresária	Casada	5	Sá	Ponte de Lima
35	1976	Masculino	12º ano	Funcionário público	Casado	4	Cepões	Póvoa de Varzim
12	1999	Masculino	7º ano	Estudante	Solteiro	4	Rendufe	Ponte de Lima
12	1999	Masculino	7º ano	Estudante	Solteiro	4	Feitosa	Ponte de Lima

5.3.2. Construção, contexto de aplicação e recolha de dados

Para haver uma maior probabilidade de aceitação do seu preenchimento, os diários tinham um formato simples e com poucos campos de informação. O preenchimento decorreu nos 15 dias seguintes à realização dos *focus groups*, ou seja, entre os dias 4 e 18 de dezembro de 2011, de domingo a domingo. Uma das preocupações neste método foi a de contemplar o período de fim de semana, para, dessa forma, se compreender a diferença de utilização dos *media* em diferentes contextos e momentos semanais dos participantes. Ainda de referir que houve a preocupação de não ser solicitada esta atividade aos indivíduos da geração de 90 durante o período de férias escolares (que teve início a 19 de dezembro), considerando-se que o fim de semana evidenciaria a utilização de *media* num período de maior tempo livre.

Figura 26. Folha de rosto dos diários



Universidade do Porto
Departamento de Comunicação e Arte
Faculdade de Letras

Diários

Indique a década em que nasceu

1950 ☐
1970 ☐
1990 ☐

Instruções de preenchimento:

Onde refere Outros locais, pode indicar outros na linha criada para o efeito, para além daqueles que são indicados.

Onde refere ____m deve assinalar as horas e minutos que durou a utilização do media (exemplo: 1h20m).

Caso não tenha utilizado pode deixar o espaço em branco.

Na coluna Com quem? pretende saber-se se utilizou a televisão, computador/internet e/ou telemóvel na companhia de outra pessoa. Caso não tenha sido ninguém como companhia escreva sozinho(a).

Onde diz Computador/internet se quando utilizou o computador não o fez com acesso à internet, por favor cite internet (exemplo: internet).

Doutoramento Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (DIPD)
Novembro/Dezembro '11

Figura 27. Primeira página dos diários



Legenda: ☐ Trabalho ☐ Escola ☐ Casa ☐ Outros locais (Biblioteca, café, etc.)

Media	Trabalho		Escola		Casa		Outros locais (Biblioteca, café, etc.)	
	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Televisão
Computador
Internet
Telemóvel

Qual foi o media (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porque?

Como referido, os diários foram entregues no final do *focus group* multigeracional a todos os elementos que o constituíram. Foi explicado aos participantes qual o objetivo deste método e, apesar da primeira folha dos diários conter instruções de preenchimento, foi ainda explicada a forma como deveriam ser preenchidos. Em todos os momentos os participantes tiveram toda a liberdade para recusar a participação nesta etapa, bem como os pais dos indivíduos da geração de 90 (menores de 18 anos) tiveram conhecimento da participação dos filhos nesta fase e assinaram um consentimento informado, autorizando a sua colaboração.

Com os diários foi possível ter conhecimento das práticas de utilização dos *media* e o tipo de comunicação estabelecida entre indivíduos (familiares, amigos, colegas de trabalho, etc.) (Salovaara *et al.*, 2010, p. 809) e se um dos objetivos era “[...] recolher informação concreta sobre práticas presentes e futuras [...]” (Salovaara *et al.*, 2010, p. 809), considera-se ter sido cumprido.

5.3.3. Dimensões de análise dos diários

Os diários eram compostos por 15 páginas (mais uma contabilizando a capa, que continha as instruções de preenchimento), uma para cada dia dos 15 que os participantes teriam que preencher. Os diários, em formato de caderno, tinham como objetivo analisar seis dimensões interligadas:

- Tipo de *media* utilizado – televisão, computador/internet e telemóvel;
- Contexto de utilização dos *media* – trabalho/escola, casa e outros locais (biblioteca, café, etc.);
- Finalidade da utilização – trabalhar/estudar, divertir, sociabilizar;
- Altura do dia dessa utilização – manhã, tarde e noite;
- Duração da utilização – em horas e minutos;
- Atores envolvidos – sozinhos ou acompanhados;
- Especificar o *medium* mais importante no dia e explicar a razão.

Pretendia-se que cada uma das alturas do dia (a dimensão que se encontrava em maior evidência) fosse preenchida o mais completamente possível, em todos estes indicadores e, por essa razão, o diário tinha o formato de grelha, onde se encontravam os parâmetros relacionados.

5.3.4. Dificuldades sentidas na aplicação dos diários

Apesar de se considerar que, no geral, não foram encontrados entraves de maior no preenchimento dos diários, a verdade é que se notaram algumas discrepâncias na forma como foram preenchidos, o que leva a concluir que talvez não houvesse grande disponibilidade dos participantes para refletir sobre esse preenchimento ou que alguns campos talvez não estivessem tão explícitos como deveriam para todas as gerações.

Um dos diários da geração de 50 foi preenchido somente com a informação relativa ao *medium* e à duração da utilização, sendo esta sempre assinalada na primeira coluna relativa à finalidade “trabalhar/estudar”, da mesma forma que a coluna que perguntava com quem eram utilizados os *media* não foi preenchida em dia algum. Assim, foi

contabilizada a duração da sua utilização, mas quanto à finalidade apenas se consideraram as respostas dadas por um respondente. Ainda na geração de 50, dois dias ficaram por responder nesse mesmo diário. Para além disso, considera-se que o telemóvel na maioria das vezes era utilizado para sociabilizar (exceto situações em que o respondente indicasse outra opção diferente de trabalhar) e a televisão e o computador/internet eram utilizados para divertir, uma vez que o respondente assim o indicou nos *focus groups*.

Não foi possível ter conhecimento dos motivos da não entrega do diário pelo elemento da geração de 90. No entanto, percebe-se que, nos últimos dias, as respostas dadas, sobretudo pelos elementos desta geração, já eram quase automáticas, nomeadamente na única questão aberta colocada “Qual foi o *medium* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?”. Ainda assim, consideraram-se sempre todas as respostas dadas, uma vez que foi importante perceber que foi quase sempre preenchido este campo, logo houve algum cuidado em dar uma resposta e que esta refletia a opinião dos participantes. Ainda em relação a esta questão, nota-se que as respostas foram dadas tendo em conta, maioritariamente, o *medium* que mais utilizaram (em termos de tempo disponibilizado), e não necessariamente, o que foi mais importante em termos de utilização (pelas atividades que permitiu fazer, por exemplo).

Apesar disso, nos primeiros dias nota-se que houve alguma dificuldade em compreender o que era solicitado, a informação colocada aparece, por vezes, rasurada e colocada numa coluna diferente. Talvez também reflexo disto, nem sempre estavam preenchidas todas as “grelhas”, eventualmente porque era solicitada informação sobre os três períodos do dia (manhã, tarde e noite), relativa à utilização dos três *media* (televisão, computador/internet e telemóvel), nos três contextos (laboral/escolar, familiar e de lazer) e a finalidade dessa utilização (sociabilizar, divertir e trabalhar), o que deveria originar algum dispêndio de tempo no seu preenchimento. Por exemplo, alguns dias só eram preenchidos com a utilização à noite da televisão, não podendo isto querer dizer que apenas esta foi utilizada ao longo de todo o dia, mas talvez que tenha sido a mais relevante, ou então, a altura em que se lembraram de escrever no diário.

Uma pergunta que constava no final de cada coluna de *media* era “Com quem?”, pretendendo-se aqui que os participantes indicassem se tinham utilizado o *medium* sozinhos ou na companhia de alguém e, em caso afirmativo a esta última opção, deviam mencionar com quem o fizeram. No telemóvel essa resposta é um pouco dúbia, na

medida em que é complicado referir se se utilizou o *medium* na companhia de outra pessoa, não sendo objetivo que se referissem à pessoa com quem falaram ou trocaram mensagens. Assim, exceção feita às respostas da geração de 90 e a duas respostas da geração de 50, todas as outras dão a entender que se referem à pessoa com quem falaram, pelo que não foram consideradas. Como referido, as respostas dadas pela geração de 90 na coluna onde deviam mencionar com quem utilizaram o telemóvel, a maior parte das respostas (23) foram “Sozinho”, tendo, por isso, sido consideradas para análise.

Relativamente a esta mesma coluna, mas referindo-se à utilização da televisão, a maior parte das vezes surge mencionada a “Família”, não sendo explícito qual o membro da família a que se estão a referir. Assim, pode significar que são todos os elementos da família que residem no mesmo espaço: pais, filhos e, eventualmente, avós (informação do agregado familiar retirada no *focus group*).

No diário respondido pelo outro indivíduo da geração de 50, a televisão era indicada como utilizada para sociabilizar (finalidade), no entanto, na coluna “Com quem?” a resposta dada era “sozinha”, neste sentido, e uma vez que, no âmbito deste estudo, e em termos genéricos, se considera “sociabilizar” como a atividade que se realiza em conjunto com uma ou mais pessoas, com o objetivo de conviver, assim, supõe-se que a coluna que o respondente deveria querer preencher era “divertir”.

Também por causa das respostas dadas no *focus group*, sabe-se que, num dos diários da geração de 70, quando é mencionado que a televisão é utilizada para “trabalhar”, significa que foi utilizada no trabalho, porque é feito num restaurante, local de trabalho do respondente, no entanto, a finalidade pode ter sido para diversão.

Relativamente à duração de utilização dos *media*, um aspeto que se considera relevante mencionar é o facto de o telemóvel ter sido indicado pelos elementos da geração de 90 como utilizado durante pouco tempo ao longo do dia, não se sabe se apenas foi contabilizado o tempo em chamada telefónica, mas não as mensagens escritas, por exemplo. Para além disso, num dos diários da geração de 70 não é referido o telemóvel. Logo, as durações apresentadas são de duas pessoas.

Por último, a utilização do computador (sem internet associada), que era possível indicar se se rasurasse internet (exemplo: ~~internet~~), é indicado apenas por uma pessoa da geração de 70, não sendo possível saber se esta informação corresponde à realidade, ou seja, se mais nenhum respondente, efetivamente, nunca utilizava o computador sem que a ele estivesse associada a internet ou se não se lembraram de cortar “internet”.

5.4. INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

Com a realização dos *focus groups* e dos diários foi possível cumprir um dos principais objetivos propostos: reunir informação para a construção da próxima etapa da investigação, o inquérito por questionário. Este pretende ser “um processo em que se tenta descobrir alguma coisa de forma sistemática.” (Carmo & Ferreira, 1998, p. 139).

Este procedimento foi iniciado com a elaboração de várias versões do questionário. Quando foi possível ter uma versão estabilizada foram realizados o pré-testes necessários até à sua validação. Nos pré-testes preencheram o questionário dois indivíduos pertencentes a cada geração (1950, 1970 e 1990) e em cada uma selecionaram-se pessoas do sexo masculino e feminino. Foi possível estar presente durante o preenchimento do questionário e anotar dúvidas que os respondentes iam mencionando. Solicitou-se, ainda, a uma turma de 3º ano da licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação, da Universidade de Aveiro (30 alunos), que preenchesse o inquérito e apontasse eventuais falhas.

As principais vantagens do inquérito por questionário estão relacionadas com os objetivos que se pretendem atingir com a sua aplicação, ou seja, oferece a possibilidade de quantificar uma variedade e um elevado número de dados, assim como a sua relação, para além disso, permite ainda concluir, para o conjunto da população, os resultados obtidos na amostra (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 189).

5.4.1. Amostra

Para a definição da amostra partiu-se do pressuposto de que a maneira como se chegaria aos Pais e Avós seria através dos Filhos, logo, através do contexto escolar. Assim, dos 13 concelhos selecionados (Macedo de Cavaleiros, Vieira do Minho – Norte; Sabugal, Penela – Centro; Nisa, Odemira, Mértola – Alentejo; Vila do Bispo, Alcoutim – Algarve; Nordeste, Lajes do Pico – Região Autónoma dos Açores; e, Porto Moniz, Santana – Região Autónoma da Madeira) fez-se um estudo das escolas existentes, interessava, sobretudo, que fosse possível encontrar na mesma escola não agrupada ou agrupamento de escolas os três níveis de ensino: 2º e 3º ciclos e secundário. Quando

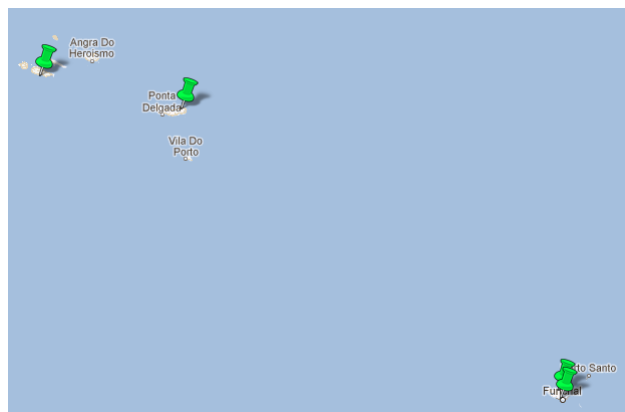
não era possível passava-se à seleção de outra escola ou quando se tornava ainda mais complicado, selecionava-se outro concelho, exemplo da situação do Alentejo (nos **Cartogramas 21** e **22** pode ver-se a distribuição dos concelhos selecionados).

Cartograma 21. Distribuição da amostra dos inquéritos por questionário em Portugal Continental, por município de aplicação do instrumento



Fonte: Google Maps

Cartograma 22. Distribuição da amostra dos inquéritos por questionário nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, por município de aplicação do instrumento



Foram, então, selecionadas 13 escolas não agrupadas e agrupamentos de escolas, em cada uma o objetivo era obter as respostas dos alunos de uma turma de cada nível de ensino (2º e 3º ciclos e secundário), tendo, para isso, sido enviados 26 inquéritos por questionário para preenchimento pelos Filhos, num total de 884. Para além disso, como também se pretendia a resposta dos Pais enviaram-se 26 inquéritos por questionário para cada turma de todas as escolas; e, finalmente, para os Avós foi, igualmente, enviado o mesmo número de inquéritos por questionário. No total, a nível nacional, foram enviados 2.652 inquéritos.

Um estudo com características semelhantes em termos metodológicos foi o desenvolvido por Pereira e Silva (2009), no qual se distribuíram inquéritos por questionário a jovens (através da escola) e seus pais. A amostra foi, porém, constituída

por 128 alunos e 92 pais/encarregados de educação. Também aqui foram elaborados dois questionários, um para os pais, e outro para os jovens.

O objetivo da estratégia de envio de três tipos de inquérito por questionário está relacionado com os resultados que se pretenderam obter, ou seja, não interessava ter apenas a resposta dos Filhos, mas sim também dos Pais e Avós relativamente à utilização que fazem dos novos *media*, não só porque era importante perceber as utilizações e competências individuais, mas também as intra e intergeracionais. Como menciona Goodman (1983), “One cannot generalize about the whole family from the report of one person. Therefore, within-group as well as individual analyses will be useful in this interactional research.” (Goodman, 1983, p. 409). Aliás, também Singly (2011) partilha desta opinião, refere a autora que “[...] nunca se deve afirmar que a família é um grupo; e nunca passar da versão de um dos membros do grupo, ainda que objetivada sob forma de questionário, à versão geral, a uma visão global da família.” (Singly, 2011, p. 28) daí que se tenha decidido pela realização de três questionários, aos diferentes membros da família.

Inicia-se a caracterização da amostra dos inquéritos por questionário com uma tabela indicativa do número de inquéritos recebidos, por região NUT I e II e município:

Tabela 34. Distribuição dos inquéritos por questionário

Região NUT I e II	Município	Grupo geracional					Totais
		Filhos			Pais	Avós	
		2º ciclo	3º ciclo	Secundário			
Norte	Macedo de Cavaleiros	0	0	6	6	4	16
	Vieira do Minho	25	22	20	56	44	167
Centro	Sabugal	15	24	18	51	48	156
	Penela	25	16	0	36	27	104
Alentejo	Nisa	12	0	14	29	21	76
	Odemira	5	30	0	33	22	90
	Mértola	0	0	21	12	10	43
Algarve	Vila do Bispo	9	15	0	23	15	62
	Alcoutim	16	17	0	21	19	73
R. A. Açores	Nordeste	11	0	12	23	21	67
	Lajes do Pico	17	12	11	46	31	117
R. A. Madeira	Porto Moniz	9	9	0	15	12	45
	Santana	15	18	18	50	40	141
Total		159	163	120	401	314	1.157

É possível verificar que, em muitas situações, as respostas dos Pais e Avós são inferiores às dos Filhos, situação que pode ser justificada porque os Avós já não são vivos ou vivem distantes dos netos, e, no caso dos Pais, porque não tinham

disponibilidade para responder ao inquérito, aliás, em algumas escolas, essa informação foi mesmo facultada.

Através dos totais, pode verificar-se, igualmente, que as respostas estão equitativamente distribuídas pelo território nacional, tendo sido recebidas 183 respostas da Região Norte, 260 do Centro, 209 do Alentejo, 135 do Algarve, 184 dos Açores e 186 da Madeira. Não há, por isso, discrepâncias significativas. Mas já no que diz respeito a diferenças entre municípios dentro da mesma região NUTS denota-se algum desequilíbrio, por exemplo, entre Macedo de Cavaleiros e Vieira do Minho e entre Porto Moniz e Santana, algo que não se considera retirar qualidade às respostas, uma vez que em termos territoriais (que também era o que se pretendia) está verificada a representatividade.

Em termos de diferenças ao nível do ciclo de estudos dos Filhos, como já foi possível referir, várias escolas não tinham nível Secundário (no Alentejo e Algarve a solução encontrada foi incluir Mértola na amostra, para a qual foram enviados apenas inquéritos a serem preenchidos pelos alunos desse grau de ensino) e, no caso de Macedo de Cavaleiros não foram recebidos inquéritos desses alunos, bem como dos seus Pais e Avós.

Em síntese, foi recebido um total de 1.157 inquéritos, dos quais se validaram 1.151, podendo, por essa razão, considerar-se que a amostra detém as mesmas características da população.

Tabela 35. Caracterização sociodemográfica dos inquiridos

	Geral	%	Filhos	%	Pais	%	Avós	%
Sexo								
Masculino	379	32,9	210	55,4	100	26,4	69	18,2
Feminino	751	65,2	227	30,2	291	38,7	233	31,0
Escalões etários								
11 a 20 anos	429	37,3						
21 a 30 anos	4	0,3						
31 a 40 anos	115	10,0						
41 a 50 anos	223	19,4						
51 a 60 anos	67	5,8						
61 a 70 anos	97	8,4						
71 a 80 anos	119	10,3						
81 a 90 anos	30	2,6						

91 a 100 anos	6	0,5						
Geração/Década de nascimento								
1910	7	0,6						
1920	19	1,7						
1930	103	8,9						
1940	110	9,6						
1950	56	4,9						
1960	202	17,5						
1970	156	13,6						
1980	8	0,7						
1990	298	25,9						
2000	131	11,4						
Estado civil								
Solteiro	462	40,1	441	38,9	15	1,3	6	0,5
Casado/União de facto	498	43,3	0	0,0	338	29,8	32	2,8
Divorciado/separado	46	4,0	0	0,0	160	14,1	14	1,2
Viúvo	128	11,1	0	0,0	122	10,8	128	11,3
Escolaridade								
Analfabeto					1	0,2	45	14,6
1º ciclo incompleto					7	1,7	49	15,9
1º ciclo (4ª classe)					57	14,2	160	51,8
2º ciclo incompleto					3	0,7	3	1,0
2º ciclo (6º ano)			159	36,1	61	15,2	14	4,5
3º ciclo incompleto					21	5,2	0	0,0
3º ciclo (9º ano)			162	36,7	74	18,5	13	4,2
Ensino secundário incompleto					24	6,0	2	0,6
Ensino secundário (12º ano)			120	27,2	70	17,5	6	1,9
Licenciatura incompleta					7	1,7	2	0,6
Licenciatura					53	13,2	8	2,6
Pós-graduação/Mestrado					9	2,2	0	0,0
Doutoramento					1	0,2	1	0,3
Outro					2	0,5	0	0,0
Situação socioprofissional								
Empregado por conta própria					67	16,7	8	2,6
Pessoal administrativo ou dos serviços					42	10,5	3	1,0
Militar					2	0,5	0	0,0
Funcionário público					99	24,7	6	1,9
Agricultor					12	3,0	12	3,9
Desempregado					54	13,5	11	3,6
Trabalhador familiar não remunerado					17	4,2	5	1,6
Técnico superior					8	2,0	0	0,0

Operário fabril					7	1,7	0	0,0
Estudante			441	38,9	3	0,7	1	0,3
Reformado/Pré-reforma					4	1,0	236	76,4
Outra					68	17,0	16	5,2

Concelho de residência

Macedo de Cavaleiros	16	1,4						
Vieira do Minho	165	14,3						
Sabugal	155	13,5						
Penela	105	9,1						
Nisa	73	6,3						
Odemira	89	7,7						
Mértola	43	3,7						
Vila do Bispo	62	5,4						
Alcoutim	73	6,3						
Nordeste	67	5,8						
Lajes do Pico	117	10,2						
Porto Moniz	45	3,9						
Santana	141	12,3						

Com quem vive (agregado familiar)

Pai	421	36,6						
Mãe	473	41,1						
Marido	336	29,2						
Esposa	139	12,1						
Filhos	498	43,3						
Netos	84	7,3						
Irmãos	368	32,0						
Avós	105	9,1						
Tios	51	4,4						
Outros	75	6,5						
Total			441	38,3	401	34,8	309	26,8

Está mais representado o sexo feminino do que o masculino, em todas as gerações. Isso era algo que se tencionava evitar de início, foi, portanto, equacionado, mas a forma de o fazer era enviar inquéritos por questionário para os todos os casais (pai, mãe, avô e avó), o que duplicaria o esforço das escolas e dos alunos, para além de que, provavelmente, haveria mais recusas no preenchimento.

Das gerações selecionadas para o estudo, verifica-se que a geração de 50 está pouco representada, no entanto, se forem incluídos os inquiridos nascidos nos primeiros anos da década de 60, pode considerar-se a amostra válida e as diferenças no acesso

aos *media* não são significativas. Relativamente aos escalões etários, a média de idades situa-se entre os 39,16 anos, com um desvio padrão de 23,54. A mediana situa-se nos 40 anos e a moda nos 16 anos de idade, sendo a idade mínima os 11 anos e a máxima os 99.

Os Filhos foram incluídos no ano de escolaridade que frequentavam na altura do preenchimento do questionário, não significando, por isso, que aquela seja a escolaridade completa nessa geração.

Na questão “Com quem vive?” o objetivo era perceber a composição do agregado familiar. Na maioria das situações quando era assinalada a opção “Outros”, era mencionado “Padrasto/Madrasta”, ou seja, situações de família recomposta.

5.4.2. Construção, contexto de aplicação e recolha de dados

O inquérito por questionário foi elaborado de raiz, no entanto, teve como orientação inicial a exploração dos seguintes instrumentos de recolha de dados: inquérito do projeto UTAustin|Portugal: *Digital Inclusion and Participation: Comparing the trajectories of digital media use by majority and disadvantaged groups in Portugal and the USA*¹¹³; o inquérito da dissertação de mestrado *Novos media e relacionamentos inter-geracionais* (Pereira, 2011), orientada pela Prof.^a Doutora Lúcia Oliveira, apresentada à Universidade de Aveiro; e o inquérito do relatório *A utilização de internet em Portugal 2010*, coordenado por Gustavo Cardoso e Rita Espanha (Cardoso & Espanha, 2011). Foram ainda consultados especialistas em práticas de investigação nacionais, docentes do ensino superior e com uma vasta experiência de pesquisa em ciências humanas e sociais, sobretudo, nas áreas aqui em desenvolvimento (o meio rural, os novos *media* e as práticas geracionais). Para além disso, foi importante a elaboração dos *focus groups* numa etapa prévia ao inquérito por questionário, de modo a compreender o caminho que seria importante seguir e as questões que seria pertinente colocar. No fundo, seguiu-se esta linha de trabalho: “Using information from these meetings, as well as information gleaned from a literature review, a draft was prepared. The questionnaire was pretested

¹¹³ Coordenado por Cristina Ponte (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa), José Azevedo (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) e Joseph Straubhaar (University of Texas at Austin, EUA). Website do projeto: http://digital_inclusion.up.pt/UTH.

and revised multiple times with convenience samples [...]” (Gentile & Walsh, 2002, p. 165).

Para a aplicação dos inquéritos por questionário, encetaram-se os primeiros contactos com os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas a partir de final de janeiro de 2012, com a finalidade de apresentar a investigação e os seus objetivos, bem como perceber se haveria ou não disponibilidade para colaborar com o estudo. Um mês depois foi solicitada autorização para realização da investigação à Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), através da submissão do inquérito na plataforma para o efeito. O parecer positivo da DGIDC foi recebido em abril, altura em que foi possível proceder ao seu envio para as escolas. Os inquéritos por questionário foram enviados a partir de meados de abril de 2012, para que fossem rececionados nas escolas no recomeço das aulas após as férias escolares da Páscoa (que decorreram entre 26 de março e 9 de abril), desta forma, não haveria risco de interferência com atividades festivas ou com o final do ano letivo, altura de exames e de alguns momentos mais atarefados. Para além de todo o tempo que já iria requerer o preenchimento dos questionários em sala de aula, pelos alunos, não era intenção que todo esse processo se traduzisse num transtorno ainda maior. Os questionários foram enviados por correio postal. O inquérito por questionário dos alunos foi preenchido na escola com o auxílio do professor em contexto de sala de aula, e o dos pais e avós em casa, autoadministrado.

Os contactos com as escolas, no sentido de perceber se tinham recebido os inquéritos por questionário, se estavam predispostos a colaborar com a investigação, bem como retirar algumas dúvidas que pudessem existir, foram retomados a partir de final de abril. Houve da parte de todas as escolas e agrupamentos contactados (13) uma grande abertura no sentido de cooperar com o estudo. Uma segunda vaga de telefonemas decorreu na primeira semana de maio, altura em que começaram a ser rececionados os primeiros questionários, no sentido de se perceber se o preenchimento estava a decorrer sem dificuldades, e quando haveria previsão da devolução. Assim, os primeiros inquéritos começaram a ser recebidos a partir de 2 de maio e os últimos foram rececionados na semana de 18 a 22 de junho, um pouco depois do final do ano letivo, que terminou dia 15 do mesmo mês.

Após a sua aplicação, a informação recolhida foi tratada recorrendo ao *software* informático estatístico SPSS 21 e foram ainda realizadas as correlações que se consideraram pertinentes entre dados, com o objetivo de testar as hipóteses e obter conclusões fidedignas.

5.4.3. Dimensões de análise do inquérito por questionário

Foram elaborados três inquéritos por questionário, destinados aos Filhos, aos Pais e aos Avós (cf. **Anexo XII**). Esta distinção era, sobretudo, evidente no caso dos Filhos, uma vez que houve o cuidado de se fazer uma adaptação quer da linguagem utilizada, quer do tipo de questões formuladas. No caso dos Pais e Avós a distinção foi feita para que não subsistissem dúvidas sobre quem deveria responder ao inquérito.

O inquérito por questionário era constituído por três grupos de questões abertas e algumas semiabertas. No **Grupo I** fez-se a caracterização sociodemográfica do respondente. Nos inquéritos dos Avós e Pais este grupo era constituído por nove questões e no dos Filhos tinha sete. O objetivo foi recolher informação social e demográfica do respondente, tal como, idade, sexo, nível de escolaridade, local de residência, entre outras. A partir daqui pretendeu-se cruzar informação com as questões dos grupos II e III e obter informação pertinente desse cruzamento. No caso do inquérito aos Pais e Avós eram solicitadas mais informações, como a situação profissional, por exemplo, informações que não faria sentido perguntar na geração de 90.

O **Grupo II** foi dedicado a questões sobre a posse e a utilização dos *media*. Nos inquéritos aos Pais e Avós tinha 18 questões, aos Filhos eram colocadas 17. Os objetivos deste grupo eram vários: conhecer os locais e a altura do dia em que os *media* eram mais ou menos utilizados e estabelecer uma relação com o que motiva essa maior ou menor utilização (eventualmente, com o grupo anterior). Mais uma vez, este grupo de questões permitiu perceber a transversalidade dos *media* em relação aos espaços de (não) utilização, mas igualmente aos períodos do dia (manhã, tarde, noite) e a (não) aquisição e utilização da internet.

Ainda neste grupo eram colocadas questões de reflexão do meio rural (em oposição ao meio urbano) e da utilização dos *media*. Solicitava-se aos respondentes que refletissem sobre as eventuais diferenças de apropriação/domesticação dos *media* no contexto específico do meio rural, nomeadamente, sobre a forma de aquisição, o tempo passado em frente a ecrãs e as possíveis diferenças identificadas entre rural e urbano na utilização dos *media*. Pretendia-se, igualmente, compreender as diferenças existentes na aquisição de um leque variado de *media*, assim como na utilização da televisão, do telemóvel, do computador e da internet, para que se pudesse inferir se havia diferenças inter e intrageracionais da utilização (relacionando com o grupo anterior), do tipo de

atividades/tarefas desenvolvidas, bem como perceber a transversalidade dos *media* a todos os contextos diários (laboral/escolar, familiar e de lazer).

O objetivo era também compreender que percepções se fazem da utilização dos *media* (televisão, computador/internet e telemóvel), em que nível se enquadram as representações de cada um dos ecrãs e como eram estes incluídos no quotidiano. Para além disso, era novamente possível cruzar esta informação com o que era a transversalidade da utilização dos *media* nas diversas atividades diárias e, consequentemente, nos diversos contextos (fluidez de tempos e espaços). Neste grupo era ainda possível obter respostas sobre as percepções de perigosidade e/ou segurança relativamente aos *media*. E, por último, eram apresentadas algumas competências infocomunicacionais que os respondentes poderiam mostrar ser detentores ou não.

O **Grupo III** referia-se aos atores envolvidos na utilização dos *media* e tinha cinco questões. Os principais objetivos deste grupo eram compreender quais as representações criadas em torno das possibilidades de relacionamento social/intergeracional proporcionadas pelos *media*. Para além disso, pretendia refletir-se se a utilização dos *media* estava na base de relações de cooperação e/ou conflito entre as diferentes gerações. Estas relações referiam-se à comunicação estabelecida, mas também de entreajuda.

Pretendia-se ainda aferir sobre a forma como as diferentes gerações lidavam com os *media*, que tipo de familiaridade era atribuída à relação com os dispositivos que permitia aos respondentes solucionar problemas ou, numa situação de menor familiaridade, procurar ajuda nas relações com outras pessoas/gerações.

Na **Tabela 36** pode encontrar-se a reunião da informação partilhada no início deste capítulo, como as questões de investigação, os objetivos gerais e específicos e o modelo de análise, cruzada com as questões do inquérito por questionário das três gerações. A finalidade da tabela foi responder à questão: que perguntas no inquérito dão resposta às questões da investigação e se enquadram nos objetivos a cumprir, bem como no modelo de análise construído? Foi um importante instrumento de trabalho porque permitiu verificar se existia algum objetivo que estaria a ser esquecido ou se alguma questão colocada no inquérito se encontrava fora do âmbito de análise na investigação.

Tabela 36. Análise das questões do inquérito por questionário

Objetivos		Questões inquérito 50-70	Questões inquérito 90	Questões de partida	Conceitos	Dimensões	Componentes	Indicadores
Gerais	Específicos							
Analisar a utilização dos novos <i>media</i> -ecrãs pelos residentes em meio rural	Conhecer se residir no meio rural influencia a forma como os indivíduos acedem e utilizam os <i>media</i> -ecrãs	1.4., 1.5., 1.9., 2.1., 2.2., 2.3., 2.4., 2.5., 2.6., 2.7., 2.8., 2.10., 2.10.1., 2.11., 2.12., 2.12.1., 2.13., 3.1., 3.4., 3.5.	1.3., 1.4., 1.7., 2.1., 2.2., 2.3., 2.4., 2.5., 2.6., 2.7., 2.8., 2.10., 2.10.1., 2.11., 2.12., 2.13., 3.1., 3.4., 3.5.	1. Quais as dinâmicas de utilização dos novos <i>media</i> -ecrãs em três gerações distintas, em meio rural?	Meio rural	Geográfica		- Regiões NUTS I e II - Municípios
						Demográfica		- Densidade populacional - População residente
Compreender a perceção que os indivíduos do meio rural têm da utilização de ecrãs	Compreender as representações que se criam em torno das relações presenciais e virtuais	1.4., 1.5., 2.6.1., 2.9., 2.10., 2.10.1., 2.11., 2.12.1., 2.13., 2.14., 2.14.1., 3.2., 3.3., 3.4.	1.3., 1.4., 1.7., 2.6.1., 2.9., 2.10., 2.10.1., 2.11., 2.12., 2.13., 2.14., 2.14.1., 3.2., 3.3., 3.4.	1.1. Em que medida o acesso aos <i>media</i> é condicionado pela circunstância de se residir em meio rural?	Acesso aos <i>media</i>	Disponibilidade		- Publicidade - Existência no local - Utilização nos diferentes contextos
						Demográfica		- Sexo - Escolaridade - Situação socioprofissional - Idade
Compreender de que forma a utilização dos novos <i>media</i> -ecrãs é realizada nas três gerações – nascidos nas décadas de 1950, 1970 e 1990	Perceber se o grupo etário a que pertencem os indivíduos influencia a forma como acedem e utilizam os <i>media</i> -ecrãs	1.2., 2.1., 2.2., 2.3., 2.4., 2.5., 2.6., 2.7., 2.8., 2.10., 2.10.1., 2.11., 2.12., 2.12.1., 3.1., 3.3., 3.4., 3.5.	1.2., 2.1., 2.2., 2.3., 2.4., 2.5., 2.6., 2.7., 2.8., 2.10., 2.10.1., 2.11., 2.12., 3.1., 3.3., 3.4., 3.5.	1.2. De que forma a geração de pertença/idade influencia a utilização dos <i>media</i> ?	Gerações	Década 50 (Avós) Década 70 (Pais) Década 90 (Filhos)		- Década de nascimento - Ano de nascimento/idade - Sentimento de pertença
Conhecer as práticas de utilização dos novos <i>media</i> -ecrãs em contextos diferenciados – laboral/escolar, de lazer, familiar	Perceber de que forma a utilização de <i>media</i> -ecrãs nos diferentes contextos permite uma continuidade de tempos e espaços	1.7., 2.2., 2.4., 2.5., 2.6., 2.7., 2.8.	2.2., 2.4., 2.5., 2.6., 2.7., 2.8.	2. Considerando o tipo de utilização dos novos <i>media</i> , poderão as diferentes gerações ser consideradas como gerações de ecrã?	Novos <i>media</i> -Ecrãs (utilização de)	Contexto	Lazer Familiar Laboral/escolar	- Número de horas - Quantidade de atividades - Tipo de atividades - Forma de utilização (em grupo ou individualmente)
						Tecnologia	Televisor Computador Telemóvel	- Páginas/aplicações utilizadas - Local físico de utilização - Finalidades da utilização - Período do dia
Compreender o papel dos novos <i>media</i> enquanto elemento promotor de relações de cooperação e/ou conflito intergeracional		1.2., 3.3., 3.4., 3.5.	1.2., 3.3., 3.4., 3.5.	3. Tendo em consideração a maior quantidade de <i>media</i> a que é possível recorrer, como se processam hoje as relações sociais?	Intergeracionalidade	Década 50 (Avós) Década 70 (Pais) Década 90 (Filhos)	Relações de conflito Relações de cooperação	- Pedidos de ajuda para resolver problemas - Contactos estabelecidos - Partilha de dispositivos
Analisar a forma como se processam as relações sociais no presente, considerando a frequente utilização dos novos <i>media</i> .	Perceber se, entre as gerações, se encontram diferenças nas relações sociais estabelecidas do passado para o presente	2.7., 2.8., 3.1., 3.2., 3.3., 3.4., 3.5.	2.7., 2.8., 3.1., 3.2., 3.3., 3.4., 3.5.		Relações sociais	Contactos estabelecidos	Amigos Família Colegas de trabalho/escola	- Comunicação entre pessoas - Encontros presenciais - Encontros virtuais

Fonte: Elaboração da autora

5.4.4. Dificuldades sentidas na aplicação dos inquéritos por questionário

A aplicação dos inquéritos por questionário era uma fase um pouco ambiciosa. Pretendia-se abarcar todo o território nacional rural (Continente e Ilhas), selecionar os concelhos mais rurais e obter o maior número possível de respostas. A forma como se considerou que seria mais rápido e fácil chegar a todos os membros de uma mesma família (Filhos, Pais e Avós) foi através das escolas.

As dificuldades começaram a sentir-se desde o início, logo na construção do próprio inquérito: como construir um instrumento suficientemente completo do qual não sejam necessárias várias versões e se possa recolher o máximo de informação possível e, ao mesmo tempo, não muito longo, de forma a não tornar cansativo o seu preenchimento e receber o maior número de respostas válidas? Porque não é suficiente receber os inquéritos, é importante recebê-los respondidos e com respostas válidas. Não se considera ter cumprido este pressuposto, o inquérito por questionário era um pouco longo, essa foi, aliás, uma das críticas mais recebidas.

Antes de enviar o instrumento de recolha de dados para as escolas foi necessário fazer um pedido de autorização à Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), atual Direção Geral da Educação (DGE). Esse pedido faz-se *online*, através de plataforma própria para o efeito¹¹⁴ e, apesar de ter sido registado em final de fevereiro de 2012, apenas na primeira quinzena de abril de 2012 se obteve aprovação para aplicação do inquérito por questionário. Foi um mês e meio que atrasou de alguma maneira o desenvolvimento da investigação e com o qual não se estava à espera. Ainda assim considera-se que podia ter sido muito pior, se coincidisse com o final do ano letivo, situação que quase ocorria com a devolução dos inquéritos preenchidos.

Após a aprovação da DGIDC, prepararam-se todos os inquéritos e respetiva documentação a enviar para as escolas. Foi necessária alguma logística uma vez que eram 13 escolas, três inquéritos diferentes (a aplicar a Filhos, Pais e Avós), documentos de apoio ao preenchimento, cartas aos presidentes das escolas, cartas aos professores em cujas turmas se iria aplicar aos alunos, pedidos de autorização aos encarregados de educação e, após todo o processo, deveriam ser preparados certificados de colaboração com a investigação a entregar aos docentes interessados. Todo este processo levou o

¹¹⁴ <http://mime.gepe.min-edu.pt/>, consultado a 02 de janeiro de 2013.

seu tempo, mas com a organização e o apoio necessários tudo decorreu sem grandes atrasos e sobressaltos.

Após o envio de toda a documentação, contactaram-se as escolas não agrupadas e agrupamentos de escola, entre abril e junho de 2012, pelo menos duas vezes, mas para alguns os contactos estabelecidos foram mais numerosos, ora porque não tinha sido possível falar com o diretor/presidente, ora porque referiam uma data para devolução dos inquéritos que depois não lhes tinha sido possível cumprir. Foram, por isso, vários os contactos telefónicos mantidos durante esses dois meses e meio, e acredita-se que parte das devoluções se deveu a essa insistência. Esta é, aliás, uma das lições retiradas da aplicação de inquéritos por questionário a distância.

Os Filhos (alunos) respondiam aos inquéritos na escola, com o auxílio dos professores em sala de aula, o que aumentou as reclamações porque se perdia muito tempo a ajudar os alunos. Houve, aliás, algumas turmas (Macedo de Cavaleiros, Nordeste e Porto Moniz) que se recusaram a preencher o questionário pela sua dimensão. Para além disso, pretendia-se ter acesso a respostas dos Pais e Avós dos alunos o que aumentou um pouco as críticas. Apesar de todos os esforços feitos para diminuir a confusão neste sentido (foram enviadas instruções de preenchimento e procedimento para os professores responsáveis pela sua realização), houve alguma demora em recolher os dados, foram feitos alguns contactos por parte dos Pais para perceber efetivamente o que se pretendia, alguns Avós estavam afastados dos netos, não podiam responder. No entanto, conseguiu-se recolher respostas das três gerações, embora com algumas diferenças (pouco significativas) em termos quantitativos, mas nada que não fosse já expectável.

Os inquéritos por questionário começaram a ser recebidos no início de maio, tendo sido todos rececionados em junho, já após o final do ano letivo. Ao longo desta etapa, foi necessário numerar todos os inquéritos e inseri-los na base de dados que já havia sido criada (com todas as questões devidamente inseridas e codificadas) no SPSS. Esta fase de inserção dos inquéritos na base de dados iniciou aquando da receção dos primeiros questionários e apenas terminou em julho/agosto, altura em que foi possível ter todos os inquéritos, verificar se tudo tinha sido inserido corretamente, retificar situações menos claras e dar por finalizada esta etapa.

O tratamento dos inquéritos por questionário teve início em dezembro de 2012 e terminou um mês depois (janeiro de 2013).

5.5. GERAÇÕES DE ECRÃ EM MEIO RURAL | PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

Feita a descrição das fases de recolha de dados empíricos, será agora dada atenção aos resultados obtidos durante os *focus groups*, os diários e os inquéritos por questionário. Esta apresentação dos dados recolhidos segue a ordem da descrição dos procedimentos, ou seja, primeiro apresentam-se os resultados dos *focus groups*, posteriormente, dos diários e, para terminar, dos inquéritos. Para enriquecer a apresentação dos resultados da investigação, muitas vezes irão comparar-se com os dados recolhidos em outras investigações relacionadas com as temáticas do meio rural; das gerações e da utilização dos novos *media* nestes dois âmbitos.

5.5.1. Focus Groups

Os *focus groups* tinham como finalidade principal servir de apoio à elaboração do inquérito por questionário, obter discursos que permitissem delinear o caminho das questões a colocar e a excluir, dos grupos que constituíram o inquérito e a forma como se tratariam depois essas questões ou as respostas dadas. Nesta etapa houve três fases que permitiram a obtenção de resultados, uma primeira foi a transcrição dos *focus groups* e o visionamento das filmagens; posteriormente procedeu-se à leitura das transcrições e associação às categorias que tinham sido consideradas relevantes para a análise de conteúdo, agrupando em cada uma delas depois alguns excertos (análise de conteúdo); e, finalmente, o recurso à análise com o *software* NVivo 8.

Para a análise de conteúdo foi tido em consideração a forma como Bardin (1977) explora essa técnica. De acordo com a autora, a análise categorial

[...] pretende tomar em consideração a totalidade de um «texto», passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. [...] É o método das categorias, espécie de gavetas ou rúbricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem. (Bardin, 1977, pp. 36-37).

Assim, entende-se por categorização a “operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos.” (Bardin, 1977, p. 117). Entre as qualidades das categorias devem constar: a exclusão mútua (“cada elemento não pode existir em mais de uma divisão”); homogeneidade (“um único princípio de classificação deve governar a sua organização”); a pertinência (“adaptada ao material de análise escolhido e pertencente ao quadro teórico definido”); a objetividade e a fidelidade (“as diferentes partes de um mesmo material, ao qual se aplica a mesma grelha categorial, devem ser codificadas da mesma maneira, mesmo quando submetidas a várias análises”) e a produtividade (quando “fornece resultados férteis: férteis em índices de inferências, em hipóteses novas e em dados exactos”) (Bardin, 1977, pp. 119-121). Como referem Strauss e Corbin (2008) são “os processos analíticos por meio dos quais os dados são divididos, conceitualizados e integrados para formar a teoria” (Strauss & Corbin, 2008, p. 17).

Para uma primeira análise dos quatro *focus groups* realizados (três unigeracionais e um multigeracional) foram criadas as seguintes categorias: *percepções relativamente aos media*; *utilização dos media*; *frequência de utilização dos media*; *motivos de utilização dos media*; *vantagens e desvantagens no uso dos media*; *preferências de utilização dos media*; *utilização de outros media*; *aplicações utilizadas dentro dos media*; *contextos de utilização dos media*; *meio urbano vs. meio rural*; *acesso e aquisição dos media*; *modos de utilização dos media (sozinhos ou acompanhados)*; *perigos dos media*; *partilha/utilização intergeracional*; *presencial vs. virtual e perspetiva histórica de utilização dos media*. Estas categorias estão relacionadas quer com as respostas obtidas, quer com as questões de investigação e com os objetivos e hipóteses de trabalho definidos. Percebeu-se que algumas categorias criadas poderiam ser afastadas por não contemplarem discursos relevantes para a investigação, nomeadamente, *utilização de outros media*; *aplicações utilizadas dentro dos media* e *perigos dos media*. No que diz respeito às outras categorias mantidas, serviram de base à análise com recurso ao software NVivo.

De acordo com estas categorias, apresentam-se os principais resultados extraídos da análise dos *focus groups*¹¹⁵. Na **Tabela 37** é indicada a codificação atribuída aos vários intervenientes nos diferentes *focus groups*:

¹¹⁵ As transcrições dos *focus groups* realizados, dos quais foram incluídos no corpo de tese excertos, podem ser consultadas no **Anexo XIV**.

Tabela 37. Codificação dos *focus groups*

Código	Sexo	Geração de pertença	<i>Focus group</i>
FM50 e FM50m	Feminino	1950	Unigeracional e multigeracional
HV50	Feminino		Unigeracional
JL50 e JL50m	Masculino		Unigeracional e multigeracional
JCL50	Masculino		Unigeracional
IL50	Masculino		Unigeracional
RL70	Feminino	1970	Unigeracional
RC70 e RC70m	Masculino		Unigeracional e multigeracional
FA70 e FA70m	Masculino		Unigeracional e multigeracional
CC70 e CC70m	Feminino		Unigeracional e multigeracional
PM70	Masculino		Unigeracional
AG70	Feminino		Unigeracional
SB70	Feminino		Unigeracional
SG70	Feminino		Unigeracional
MC70	Masculino		Unigeracional
JM70	Masculino		Unigeracional
JCq90	Masculino	1990	Unigeracional
MV90	Masculino		Unigeracional
NAI90	Masculino		Unigeracional
NAn90 e NAn90m	Masculino		Unigeracional e multigeracional
JC90	Masculino		Unigeracional
MC90 e MC90m	Masculino		Unigeracional e multigeracional
AG90 e AG90m	Masculino		Unigeracional e multigeracional

Relativamente às *percepções relativamente aos media*, nota-se que há alguma diferença quando a análise é feita em termos comparativos de gerações. As de 50 e 70 apresentam, normalmente, uma visão mais saudosista, de lembrar o passado, enquanto a geração de 90 tem presente a forma como hoje tudo é feito, não havendo lugar a percepções comparativas. Assim, esta categoria une-se com a *perspetiva histórica de utilização dos media*. Esta visão pode ser tida nos seguintes excertos:

[A televisão] foi uma surpresa para a gente do meio rural que não tinha assim muitos conhecimentos, eu ainda me lembro de ir ver [televisão] à mercearia ou ao tasco que havia lá em Sá. (FM50)

[...] mas nós vivíamos muito fechados e obviamente a televisão abriu... e depois quem saiu daqui para fora, ver que a realidade era tal e qual o que se via na televisão. (JCL50)

A nossa geração vê-se na televisão, não é?! (FM50)

Eu hoje não me vejo sem computador, não me vejo a fazer as coisas à mão. (RL70)

Era cá fora, era tudo cá fora. A maior parte deles [dos jogos] era tudo cá fora. (RC70m)

Gostava de ter PS3 [...] mas depois quando se começa a usar depois de algum tempo já perde a graça. (MV90)

A memória ocupa um espaço muito importante na utilização dos *media*, quer para os utilizadores das gerações de 1970 e 1950, porque se conseguem recordar do como era a vida social, de lazer, laboral e familiar antes da sua existência, quer para os da geração de 90, que não terão tais memórias. Encontrar e entender esse contraste é interessante. Aliás,

A memória é uma construção social que desempenha um papel na própria construção do social. Sem memória não há identidade social. [...] Sem memória o sujeito nunca poderia saber de si porque nunca poderia saber dos outros, ou seja, a construção da individualidade faz-se no trabalho relacional, que tem como cenário a memória social partilhada. É o habitar num espaço social partilhado que gera as referências fundadoras da identidade. (Silva, 1999, p. 9).

A memória é, por isso, importante para os que viveram de determinada maneira, que os ajuda a entender a evolução, e para os que não estiveram presentes nessa altura, porque podem viver das partilhas dos primeiros.

Relativamente à *utilização dos media* são apresentados discursos que demonstram o dispositivo que os respondentes vão considerando como mais importantes no dia-a-dia e os que vão utilizando com mais frequência:

[Utilizo] *O telemóvel, o computador e a televisão. Tudo é indispensável.* (RC70)

[A utilização dos *media* está relacionado] *Com o trabalho bastante. Depois acaba por viciar um bocado.* (AG70)

Agora é só o telemóvel, o computador já está [passado]... (JC90)

A *frequência de utilização dos media*, os *motivos e as preferências da sua utilização* são três categorias que estão bastante interligadas, aliás, alguns respondentes utilizam os dispositivos porque precisam em determinados contextos, como o trabalho ou a escola, ou, então, porque é o momento de estar em família:

Mas, normalmente, depois de jantar vê-se sempre um bocadinho [de televisão, todos os dias]. (IL50)

Eu uso o computador. [...] É mais para emails e assim, se tiver de se evitar... [...] O telemóvel uso para o dia-a-dia, faz parte. [...] Gostava mais de andar à vontade [sem telemóvel], eu sempre gostei mais da televisão, porque estou mais habituado (JL50)

Eu é a televisão, o telemóvel se pudesse evitava [...] (JCL50)

Eu uso durante o dia dois telemóveis e um telefone [risos], o computador. Televisão à noite, desligo completamente o telemóvel e o computador. (AG70)

A internet gosto mas dispenso, o computador gosto mas dispenso, passo o dia todo a trabalhar com o computador portanto já estou farta [...] mas acho que é indispensável, e acho que destrói muita gente, destrói, destrói as famílias, não há dúvida nenhuma, nós daqui a uns tempos não precisamos de estar aqui a ter esta conversa, simplesmente vamos ao computador e fazemos... e isso é mau. (SB70)

[...] o computador é só tipo ao fim de semana e nem sempre. [...] [Para a escola] Vou com o telemóvel. (NAn90)

Eu acho que com o telemóvel é mais fácil de comunicar com as outras pessoas. (MV90)

[Televisão] Só à hora de jantar. (JC90)

Nestes excertos percebe-se que a questão da obrigatoriedade aliada à utilização do computador e do telemóvel, nas gerações de 50 e 70 está muito presente. Sendo a televisão o *medium* preferido, ou porque não está conotado como um instrumento de trabalho, mas sim de lazer, ou porque é igualmente entendido como um dispositivo que faz companhia, aliás quase como desde o seu surgimento “[...] não raro deparamos com um *utente* que faz do suporte [televisor] uma companhia no quadro de uma percepção esquiva do *écran*.” (Conde, 1996, p. 133), e com o qual se pode passar algum tempo em família.

Já na geração de 90, o computador e o telemóvel assumem uma importância maior nas preferências de utilização, são os meios para estar conectado, como refere Silva (1999), “Os *media* usam e recriam as linguagens, as relações entre os indivíduos, o imaginário, a racionalidade, a identidade, etc..” (Silva, 1999, p. 10), logo, se a televisão é a companhia quando se está sozinho, também a função de elo de ligação dos elementos da família, alimenta as conversas, promove a construção das identidades. O computador e o telemóvel contribuem para as comunicações exteriores, através do *email* e das salas de conversação, mas também são fortes instrumentos de recolha de informação através de pesquisas.

A questão das preferências de utilização é muito importante na medida em que será esse aspeto que motiva a utilização ou não de determinado *medium*, assim, “In order to dispel myths that older people are disengaged from the wider world and unable to embrace new technologies we need to understand their needs and preferences for learning and using new technologies and incorporate these into daily life and service provision.” (Feist *et al.*, 2010, p. 70).

Em relação aos *contextos de utilização dos media*, está presente nos excertos a questão da continuidade entre contextos, da ausência de fronteiras entre o que é definido

como espaço de lazer, familiar e de trabalho/escola. De referir que alguns dos intervenientes, numa estratégia de proteção contra a permeabilidade dos contextos, desligam, à noite, os *media* que identificam com o trabalho. Para além disso, há ainda o aspeto da utilização dos três *media* (televisão, computador e telemóvel) ao mesmo tempo numa lógica de complementaridade.

O telemóvel utilizo durante todo o dia, mais à noite; o computador só em casa, como já disse no serviço também há algumas coisas que também tenho que fazer [...] e a televisão sempre que estou em casa está ligada, dou uma espreitadela se estiver a fazer o almoço ou assim. (FM50)

É impensável hoje ir para qualquer lado e não levar um telemóvel. [...] Até nas férias. (CC70)

Sim, eu estou a ver televisão, estou a mexer no computador e estou a mandar mensagens. (JC90)

Outras duas categorias que se podem fundir são os *modos de utilização dos media* (*sozinhos ou acompanhados*) e *partilha/utilização intergeracional*, justifica-se esta junção porque, das respostas obtidas, era frequente serem mencionados elementos da geração anterior ou posterior para argumentar se a utilização da tecnologia era feita com companhia ou não. Assim, conclui-se que são mais frequentes as relações de cooperação quando é necessária ajuda para resolver algum problema com os *media*, mas quando significa utilizar ao mesmo tempo as opiniões são diferentes:

Eu às vezes peço [ajuda a pessoas de outras gerações], se tenho dificuldades. (HV50)

Eu a televisão depende, se for para ver um filme gosto de estar sozinho, se for para ver futebol gosto de ter gente. [...] (IL50)

Eu poucas vezes vou [ao computador], às vezes vou com a minha filha, outras vezes vou sozinha, ou com a minha sobrinha. (FM50)

O que eu aprendi a mexer no computador foi sozinha, às vezes que preciso de ajuda e peço ao João [filho] [...] (CC70)

É, se for séries, filmes ou assim é quase sempre todos juntos. [...] [O computador] É mais sozinho. [...] algumas pesquisas é com companhia.” (RC70)

Mas por acaso é o que acontece na minha casa, o João tem computador no quarto, o pai tem computador no escritório, eu tenho computador portátil, o meu pai está na sala a ver televisão, então estamos todos divididos. (CC70)

[Quando tenho dificuldades na utilização dos media, recorro] Em princípio à minha irmã, porque ela é mais velha três anos do que eu e já sabe mais de utilizar as tecnologias e às vezes pergunto-lhe. (MV90)

[A televisão] é sempre uma luta por causa do canal, mas isso é só quando estamos todos na sala. (NAI90)

A maior parte do tempo é sozinho [que utilizo os media]. [...] Exceto a televisão que é a maior parte do tempo é sempre com a família. (MV90)

Nas opiniões sobre as *vantagens e desvantagens no uso dos media*, os participantes não consideraram que o seu uso fosse prejudicial, em relação à televisão, ao computador ou ao telemóvel, no entanto, salvaguardaram várias vezes e diferentes pessoas que o que pode ser prejudicial ou desvantajoso é a forma como esses *media* são utilizados. O que remete um pouco para a questão do acompanhamento dos pais ou avós, ou mesmo das gerações mais novas às mais velhas quando há algum desconhecimento sobre a sua utilização. No entanto, foi precisamente esta falta de acompanhamento que, por vezes, existe, a apontada como uma desvantagem, a diminuição das relações presenciais.

As tecnologias não têm desvantagem nenhuma, antes pelo contrário, tem sempre vantagens, o problema é quem as usa e como se usam, o problema que nós temos no caso do telemóvel, a privacidade e, muitas vezes, a liberdade das pessoas está muito restrita [...] Noutras vezes, são utilizados indevidamente que é como os miúdos, por exemplo, os miúdos são capazes de estar numa aula e estar ali toda a hora [...] as tecnologias são usadas por alguém que quer introduzir lá certas coisas que estão ao acesso de qualquer um, aí é que está o mal, mas de resto, para mim faz sempre falta as tecnologias. (IL50)

Uma grande desvantagem é aquilo que se nota mais hoje, antigamente havia mais relações humanas, não é?! Hoje praticamente não existem [...]. (RC70)

[...] a tecnologia acho que tem tantos aspetos positivos como negativos, mas acho que até foi um bocado uma coisa boa a tecnologia. [...] o telemóvel para contactar as pessoas e assim; o computador, internet, antes era livros e vamos lá pesquisar tudo, temos tudo o que queremos. (NAI90)

A questão das relações sociais tem, por isso, dois lados opostos complementares, se, por um lado, se poderá considerar que os utilizadores das redes sociais estão mais isolados, normalmente, associam-se estas práticas aos mais novos, por outro lado, as interações aumentaram, a conexão com o mundo e as pessoas exteriores é maior e mais frequente, diz Cardoso (2009b) que

[...] ao contrário do medo que pais e educadores poderão sentir em relação a um possível isolamento social dos adolescentes que poderá advir da utilização da internet, uma das principais utilizações sociais da rede é a interacção e comunicação, ainda que mediada, com os pares que os jovens conhecem da escola e de outros contextos. (Cardoso, 2009b, p. 36).

Na forma como os *media* são utilizados no meio rural (um pouco em comparação com o meio urbano) nem todos os participantes consideram que há diferenças evidentes, quer no que diz respeito ao número de horas de utilização, quer em relação ao seu acesso (informação, publicidade, possibilidade de compra). No entanto, há alguns respondentes que mencionam o acesso mais lento à internet, ou a necessidade de deslocação a cidades próximas para ter mais e melhores oportunidades. Aliás, esta categoria está bastante relacionada com as respostas que foram dadas e se incluem no *acesso e aquisição dos media*:

Por exemplo, o computador, as pessoas do meio urbano utilizam mais. (JCL50)

Eu já morei numa cidade grande e hoje em dia toda a gente tem tudo, em qualquer lugar. Tirando mesmo aquelas zonas interiores que as pessoas só têm televisão, e ainda há. Mas hoje em dia eu acho que toda a gente tem acesso a tudo, toda a gente. (SB70)

[...] por exemplo uma pessoa que está aqui na vila tem acesso às tecnologias, uma pessoa no meio rural tem que se deslocar, nos transportes. (MC70)

Temos tudo muito perto [outras cidades, como Viana do Castelo]. (CC70)

Eu acho que hoje em dia a tecnologia já chega a todo lado. (NAI90)

Eles [as pessoas que residem no meio urbano] estão mais agarrados ao computador e isso tudo, estão mais fechados. (NAn90)

Também agora com os transportes também ajuda a ter acesso ao que nós precisamos. (JCq90)

Pode concluir-se, portanto, que

A forma como os territórios rurais alcançaram a sua resposta ao progresso foi através do estreitamento das relações com os espaços urbanos e, conseqüentemente, do aumento da sua dependência face a estes espaços. O urbano vai sendo entendido como “espaço de referência” e modelo de desenvolvimento para o rural, o que colide, necessariamente, com o campo das oportunidades, dos recursos e dos meios aí existentes. (Sousa, 2011, p. 262).

Mas não só esta ligação dos residentes do meio rural com o meio urbano (e vice-versa) é constante e foi sendo potenciada ao longo dos anos, como os habitantes do segundo têm cada vez mais motivos para procurar o meio rural:

Muitas zonas de várias cidades estão cheias de contínuas e intensas agressões à infância: da carência de um espaço físico hábil para a brincadeira à invasão dos automóveis e à incitação às drogas, passando pela atitude pouco compreensiva e paciente dos transeuntes, fruto da pressa da

vida moderna. A solução fácil é isolar os pequenos em espaços reservados a brincadeiras. (Puig & Trilla, 2004, p. 129).

Uma crítica bastante apontada por quase todos os participantes foi a forma como se processam nos dias de hoje as relações sociais, apesar dos *media* permitirem encurtar distâncias, permitiu também um certo comodismo que os deixa estar em casa e ter acesso a tudo o que se passa lá fora, assim talvez a dicotomia presencial-virtual faça cada vez mais sentido, mas não apenas com uma vertente negativa, também positiva, é possível chegar a mais pessoas que se encontram afastadas no tempo e no espaço.

Ah isso é, sem dúvida [as relações presenciais sofreram uma diminuição em relação às virtuais] [...] e isso verifica-se tanto nas aldeias como nos meios urbanos [...] hoje já não se conversa, porque um está de um lado ao telemóvel, outro está do outro lado ao computador (IL50)

[...] antigamente, mesmo até para estudar, para fazer trabalhos de escola ou não sei quê não ia um, não ia um para a biblioteca estudar, mesmo que fossem trabalhos diferentes, juntava-se um grupo e ia um grupo para lá, hoje não, os miúdos hoje quase nem à biblioteca vão [...] É muito fácil ter a informação, é um cliquezinho e eles têm a informação toda praticamente. (RC70)

Com a televisão pode haver mais partilha, no computador não há tanta partilha, como o telemóvel é muito pessoal. (SB70)

Mudaram mesmo [as relações sociais], porque, por exemplo para falar com uma rapariga, já não temos aquela coragem que o meu pai tinha para ir falar com ela. (JC90)

Opinião contrária a esta tem Dias (2007), sobretudo, relativamente ao telemóvel, considerando que a conectividade social não é expandida pelo uso do telemóvel, uma vez que não são criados novos contactos, mas sim mantidos contactos mais frequentes com a rede social já existente (Dias, 2007, pp. 80-81). Aliás, “In contemporary societies mobile communication has become mainstream and even omnipresent. Despite these developments individuals still feel the need to meet each other in a situation of face-to-face communication” (Almeida *et al.*, 2011, p. 415).

O excerto seguinte, de um indivíduo da geração de 90, menciona o isolamento e o fechamento como uma desvantagem:

Eu achava que as brincadeiras íamos mais jogar futebol e isso e agora passamos mais tempo em casa em frente ao computador, playstation. (AG90)

Algo que vai de encontro ao que defende Cardoso (2009b) sobre as brincadeiras no espaço exterior, diz o autor “Longe parecem os tempos das longas brincadeiras na rua

com brinquedos rudimentares, muitos feitos pelas próprias crianças.” (Cardoso, 2009b, p. 9).

Como se referiu, a seguir a esta análise do conteúdo dos *focus groups*, procedeu-se a uma análise mais quantitativa, recorrendo ao uso de *software* informático, o NVivo 8. Este programa é uma forma quantitativa de analisar dados qualitativos, daí que não possa ser assemelhado a um programa de estatística (como o SPSS), mas muitos dos resultados que se obtêm são quantitativos, como o número de vezes que aparece referido determinado termo, por exemplo. O *software* NVivo ajuda “a implementar um tipo de mapa de conceitos em formato livre para uma grande variedade de finalidades, tais como tomadas de decisão e aplicações educativas” (Souza, Costa, & Moreira, 2010, p. 2).

Já Bardin (1977) reconhecia as vantagens da utilização do computador e de *softwares* deste tipo para realizar análise de conteúdo. Diz a autora que

[...] a rapidez aumenta; há um acréscimo de rigor na organização da investigação [...]; a flexibilidade permanece [...]; a reprodução e a troca dos documentos (entre investigadores) são facilitadas (banco de materiais e de dados) pela normalização e pelo armazenamento; a manipulação de dados complexos torna-se possível; a criatividade, a reflexão, têm teoricamente um lugar destacado visto que o analista se encontra desembaraçado de tarefas laboriosas, longas e estéreis. (Bardin, 1977, pp. 144-145).

No entanto, não deve considerar-se o computador como a salvação para todos os entraves encontrados à análise de conteúdo. Aliás, recorrendo ao NVivo toda a categorização e codificação é realizada pelo investigador, o que lhe poderá colocar uma carga muito grande de subjetividade (Bardin, 1977, pp. 144-145).

À medida que as transcrições iam sendo analisadas, foram criadas árvores de categorias e relações entre estas (já mencionadas no subcapítulo referente à explicação dos procedimentos nos *focus groups* e presentes na **Tabela 38**), desta forma foi possível estabelecer comparações entre as diferentes categorias e as gerações.

Tabela 38. Análise dos *focus groups* com recurso ao NVivo 8¹¹⁶

Nome	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Fonte	Referência
Contexto			0	0
	<i>Fronteiras</i>		1	4
	<i>Local</i>		3	25
		Familiar	1	4
		Laboral/Escolar	3	16
		Lazer	2	5
	<i>Período do dia</i>		2	6
		Manhã	1	1
		Tarde	2	6
		Noite	2	4
Gerações			3	4
	<i>Capital social</i>		1	2
	<i>Cooperação/Conflito</i>		4	35
	<i>Memórias do passado</i>		1	28
		Computador	2	4
		Televisão	3	13
	<i>Relações familiares</i>		4	29
	<i>Relações intergeracionais</i>		1	4
			4	34
Media-Ecrãs	<i>Aplicações utilizadas</i>		1	1
		Computador	3	8
		Telemóvel	3	8
	<i>Atividades realizadas</i>		1	2
		Computador	1	4
		Telemóvel	3	3
		Televisão	2	3
	<i>Finalidades de uso</i>		2	4
		Computador	1	2
		Telemóvel	1	1
		Televisão	1	6
	<i>Frequência de utilização</i>		3	29
		Computador	2	9
		Telemóvel	2	7
		Televisão	3	7
	<i>Gestão do dia</i>		1	3
	<i>Media utilizados</i>		4	29
		Computador	2	4
		Telemóvel	3	5
		Televisão	4	6
	<i>Preferências de media</i>		2	2
		Computador	4	10
		Telemóvel	3	13
		Televisão	2	8
Relações sociais			4	24
Rural			0	0
	<i>Aquisição</i>		2	3
	<i>Informação</i>		2	3
	<i>Rural-Urbano</i>		3	20

¹¹⁶ A cor laranja encontram-se indicadas as categorias mais representadas.

A **Tabela 38** mostra os principais resultados obtidos de forma quantitativa, ou seja, a forma como se processou à categorização e subcategorização, as fontes das quais se retiraram os excertos dos *focus groups* e as referências à categoria em questão encontradas nesses excertos.

Das categorias mais mencionadas nos *focus groups* são de evidenciar o *contexto de utilização dos media, laboral/escolar*, referido 16 vezes; quanto à utilização dos *media* pelas diferentes gerações, é visível a menção às relações de *cooperação e conflito* na utilização dos *media* (35 referências), da mesma forma que aqui as *memórias do passado* tiveram alguma pertinência em termos de referência pelos participantes, sobretudo no que à televisão diz respeito (13 vezes).

Na categoria *gerações* é ainda importante mencionar a subcategoria *relações familiares*, cujas referências são realizadas em 29 excertos (tem a sua relevância aqui a televisão, elemento de reunião entre os membros da família, reconhecido por todas as gerações). Nas *preferências dos media* é possível verificar sobre qual recai a maior parte dos gostos, sendo o telemóvel o mais referido, seguido do computador e da televisão.

Igualmente importante para os participantes nos *focus groups* são as *relações sociais* e a forma como hoje sofrem alterações que não vão de encontro às suas preferências, sendo mais virtuais e perdendo um pouco da forma como se processavam no passado, com encontros presenciais, brincadeiras na rua, contactos face a face. As relações sociais são referidas 24 vezes.

Por último, é de mencionar a oposição entre rural e urbano. Ainda que alguns autores defendam que não deve existir uma verdadeira dicotomia entre o que é considerado meio rural e meio urbano (Cimadevilla, 2010; Figueiredo, 2011), para os participantes nos *focus groups* há algumas diferenças na forma como se acede à tecnologia (já mencionadas nos excertos). E nesta tabela podemos verificar que esta oposição foi mencionada 20 vezes.

As relações entre categorias podem ser analisadas na tabela seguinte.

Tabela 39. Relações entre categorias, *software* NVivo 8¹¹⁷

De	Relação	Para	Fonte	Referências
Base de Dados\Década de nascimento\1950	Implica	Media-Ecrãs\Media utilizados\Telemóvel	1	25
Base de Dados\Década de nascimento\1950	Implica	Media-Ecrãs\Media utilizados\Computador	1	27
Base de Dados\Década de nascimento\1950	Implica	Media-Ecrãs\Media utilizados\Televisão	2	10
Base de Dados\Década de nascimento\1970	Implica	Media-Ecrãs\Media utilizados\Telemóvel	2	22
Base de Dados\Década de nascimento\1970	Implica	Media-Ecrãs\Media utilizados\Televisão	2	41
Base de Dados\Década de nascimento\1970	Implica	Media-Ecrãs\Media utilizados\Computador	2	20
Base de Dados\Década de nascimento\1990	Implica	Media-Ecrãs\Media utilizados\Computador	2	50
Base de Dados\Década de nascimento\1990	Implica	Media-Ecrãs\Media utilizados\Televisão	1	14
Base de Dados\Década de nascimento\1990	Implica	Media-Ecrãs\Media utilizados\Telemóvel	2	29
Base de Dados\Localidade de residência\Rural	Influencia	Rural\Aquisição	3	6
Base de Dados\Localidade de residência\Rural	Influencia	Rural\Informação	2	3
Media-Ecrãs\Media utilizados	Consequência	Relações sociais	4	53
Media-Ecrãs\Media utilizados	Aumenta	Gerações\Cooperação-Conflito	4	64
Media-Ecrãs\Media utilizados	Aumenta	Gerações\Relações intergeracionais	4	33
Media-Ecrãs\Media utilizados	Aumenta	Gerações\Relações familiares	4	58
Media-Ecrãs\Media utilizados\Televisão	Consequência	Contexto\Local\Lazer	4	40
Media-Ecrãs\Media utilizados\Televisão	Consequência	Contexto\Local\Familiar	4	23
Media-Ecrãs\Media utilizados\Televisão	Consequência	Contexto\Local\Laboral-escolar	1	1
Media-Ecrãs\Media utilizados\Computador	Consequência	Contexto\Local\Lazer	4	33
Media-Ecrãs\Media utilizados\Computador	Consequência	Contexto\Local\Familiar	4	9
Media-Ecrãs\Media utilizados\Computador	Consequência	Contexto\Local\Laboral-escolar	4	40
Media-Ecrãs\Media utilizados\Telemóvel	Consequência	Contexto\Local\Lazer	4	23
Media-Ecrãs\Media utilizados\Telemóvel	Consequência	Contexto\Local\Familiar	1	2
Media-Ecrãs\Media utilizados\Telemóvel	Consequência	Contexto\Local\Laboral-escolar	3	8

Das relações (*Relationships*) criadas entre categorias a finalidade era obter informação significativa para responder às questões de partida colocadas e perceber se os objetivos da investigação poderiam ser cumpridos. Esta etapa revelou-se um pouco mais complicada do que inicialmente previsto, uma vez que estipular relações apenas entre duas categorias não era suficiente para demonstrar a ligação existente, no entanto, também não se considerava que a eliminação de algumas categorias fosse uma alternativa. Na **Tabela 39** apresentam-se os resultados das relações criadas.

Assim, começando pelas diferenças de utilização dos *media* pelas gerações (1950, 1970 e 1990) verifica-se que o computador acaba por ser o mais mencionado na geração de 50, ainda que muitas vezes essa referência seja por motivos de rejeição do *medium* e não de utilização ou preferência; para a geração de 70 é a televisão que tem mais destaque e na de 90 é o computador. Mais uma vez, as referências aqui verificadas poderão ter sido realizadas por diversos motivos, ou por ser o *medium* mais utilizado para trabalhar, ou para partilha, ou por ter sido, efetivamente, apontado como o mais importante, ou por ser aquele que se gostaria de começar a utilizar menos ou mais.

As relações de cooperação e conflito quando cruzadas com a utilização dos *media* tem 64 referências, o que se coaduna com o número de referências à mesma categoria na **Tabela 38**. Da mesma maneira que às relações familiares são feitas 58 referências.

¹¹⁷ A cor laranja encontram-se indicadas as categorias mais representadas.

Como se pode verificar pelos excertos dos *focus groups*, não é apenas na televisão (apesar de ser o mais importante) que surge a proximidade entre os membros da família, mas também no computador quando se trata de ensinar alguém a utilizar ou quando surge algum problema que sozinho não se consegue resolver.

São também de mencionar as relações que se estabeleceram entre o contexto de utilização (lazer, familiar e laboral/escolar) e os *media*. Apesar de ter uma importância significativa a utilização da televisão na família (23 referências), nota-se pelos valores da **Tabela 39** que a televisão surge mais associada ao contexto de lazer (40 referências), da mesma forma que, apesar do computador ter sido referido algumas vezes como sendo utilizado para lazer (33 referências), torna-se mais evidente a sua utilização no contexto laboral/escolar (40 referências). Em relação ao telemóvel, o seu uso é contínuo ao longo do dia, não perdendo importância mesmo à noite, no entanto, em termos de diferenças entre contextos, apenas assume alguma relevância em termos de lazer (23 referências).

Qualquer *software* ajuda à análise dos dados, sobretudo, quando estes são num número bastante elevado e se torna complexo analisar a informação com o detalhe que se pretendia. Aponta caminhos, mas não encontra soluções, e, por isso, não pode ser visto como algo onde é possível encontrarmos todas as respostas que se procuram, daí se ter decidido solicitar o preenchimento dos diários e aplicar inquéritos por questionário no território nacional.

5.5.2. Diários

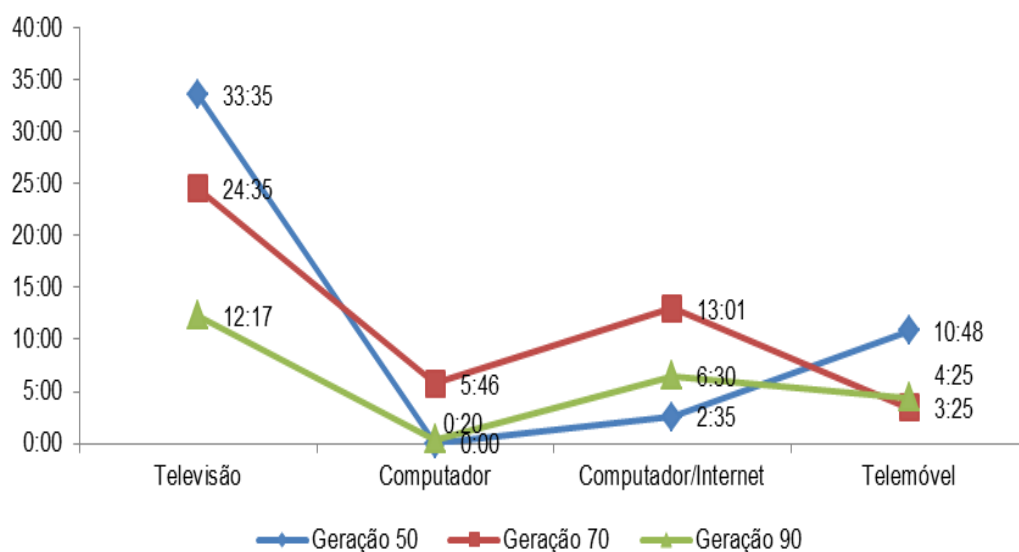
Apresentam-se agora os principais resultados retirados do preenchimento dos sete diários (com todas as contingências já mencionadas), por dois indivíduos (homem e mulher) nascidos na década de 50; três indivíduos (dois homens e uma mulher) nascidos na década de 70 e dois indivíduos (homens) nascidos na década de 90.

Os resultados apresentados nesta etapa estão subdivididos em seis grupos, nomeadamente, *duração da utilização dos media*; *local de utilização dos media*; *distribuição da utilização dos media por geração*; *com quem são utilizados os media*; *finalidade de utilização dos media*; e *período do dia de utilização dos media*.

Um aspeto essencial a considerar estava relacionado com a duração de utilização dos *media* ao longo do dia, fazendo a distinção entre a utilização durante a semana e ao

fim de semana. Assim, o **Gráfico 20** que se apresenta de seguida corresponde, precisamente, à duração de utilização dos *media* durante a semana, do qual se pode retirar a informação imediata que a televisão é o *medium* mais utilizado pelos participantes, independentemente da geração, no entanto, é a geração de 50 que lhe atribui mais importância (33 horas e 35 minutos), seguida da geração de 70 (24 horas e 35 minutos) e da geração de 90, utilizando durante 12 horas e 17 minutos.

Gráfico 20. Duração da utilização dos *media*, durante a semana (duração média em horas)



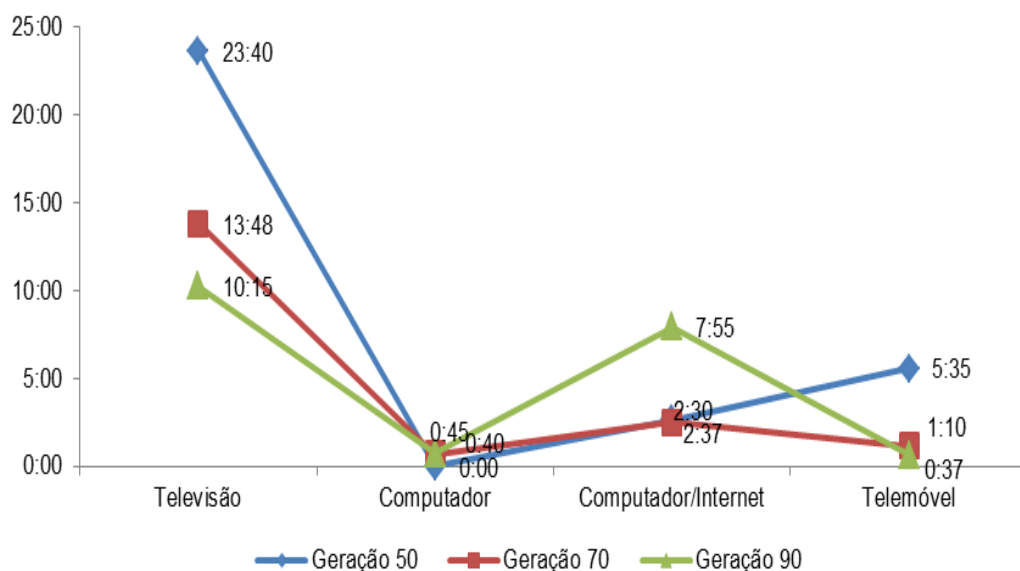
De referir que todos os *media* (televisão, computador, computador/internet e telemóvel) assumem uma importância elevada – se vista em termos de duração da utilização – para a geração intermédia (geração de 70). Exceção feita à utilização do telemóvel e televisão, os outros *media* são mais utilizados pelos indivíduos nascidos na década de 70. Tendo em consideração estes dados, pode concluir-se que “O uso dos serviços mediáticos, quer telefónico, quer televisão e Internet têm progressivamente tomado o caminho da selecção individual e da recepção solitária, desmultiplicando os ecrãs no domicílio e fora dele.” (Silva, 2005, p. 1968).

O computador, sem internet associada, perde um pouco a importância, foi poucas vezes mencionado como utilizado sem a possibilidade de acesso à internet e, na geração de 70, quando surge com a duração de 5 horas e 46 minutos está sempre relacionado com a utilização para o trabalho.

No telemóvel não se verifica a utilização que se imaginaria de início. Como já houve oportunidade de referir, a geração de 90 poucas vezes indicou a utilização do telemóvel e quando o fez estava sempre associada a períodos de duração muito curtos (um total de 4 horas e 25 minutos), isto poderá querer significar que não foi contabilizada a utilização de telemóvel para finalidades como enviar/receber mensagens de texto (uma vez que vários estudos mencionam essa como sendo a tarefa mais desempenhada pelos jovens com o telemóvel (ver, a este respeito, as investigações *EU Kids Online*, *Mediappro* e o projeto *Inclusão e participação digital. Comparação das trajetórias de uso dos media digitais por diferentes grupos sociais em Portugal e nos Estados Unidos da América*). Em investigações futuras, sugere-se que a questão seja reformulada, e em vez do número de horas, se pergunte, por exemplo, quantas chamadas de voz, quantas mensagens de texto e quais os outros serviços disponíveis no telemóvel usou e com que frequência. Na geração de 50, o telemóvel aparece como bastante utilizado, justificado nos *focus groups* pela companhia que faz (poder falar com familiares que estão longe).

Também a investigação *Portugal Móvel* (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007) faz uma análise ao número de horas de utilização dos *media*, chegando a conclusões muito interessantes. O telemóvel é mais utilizado pelos inquiridos que passam menos tempo na companhia de familiares e amigos. Ou seja, aliada à utilização do telemóvel está a frequência das relações face-a-face, sendo a sua relação a da proporcionalidade inversa, quando as relações presenciais são mais frequentes, a utilização do telemóvel tende a diminuir. Os investigadores concluíram que dos inquiridos que fazem apenas uma (ou zero) chamadas por dia, 19,3% passam mais de 10 horas por semana com os amigos e 16,7% mais de 30 horas com a família; e, no grupo dos que realizam mais de dez chamadas por dia, apenas 8,5% dos inquiridos passa mais de 10 horas por semana com os amigos e 13,3% passa mais de 30 horas com a família (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007, p. 30).

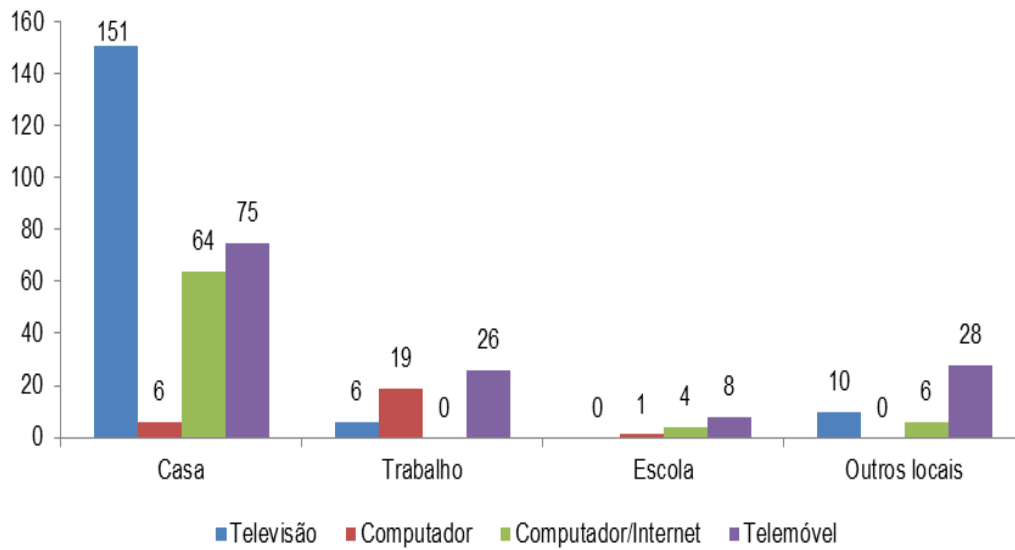
No que diz respeito ao fim de semana (**Gráfico 21**), a situação é bastante semelhante, no entanto, em todas as gerações decresce o número de horas a que se assiste televisão e se utilizam todos os outros *media*, talvez porque as atividades realizadas se passem maioritariamente fora de casa. Para além disso, verifica-se que, durante o fim de semana, os jovens usam mais o computador/internet, o que indica que o baixo uso durante a semana se deve à elevada ocupação escolar.

Gráfico 21. Duração da utilização dos *media*, durante o fim de semana (duração média em horas)

As diferenças de utilização dos *media* entre meio rural e meio urbano são apresentadas por estatísticas da Marktest, que referem que cerca de 74,1% de pessoas com idades entre os 16 e 74 anos, residentes em Lisboa, utilizam o computador e 72,7% utilizam a internet. Estes valores ainda são um pouco diferentes de regiões mais interiores como o Norte e o Alentejo, com utilizações de computador de 58,4% e 56,1%, respetivamente, e da internet de 55,7% e 54,1%, respetivamente. Este fosso digital pode ser justificado por fatores como as baixas densidades populacionais da região que não favorecem a penetração da banda larga; os níveis de escolaridade; a faixa etária e a categoria socioprofissional (Figueiredo & Ferrão, 2007, p. 10).

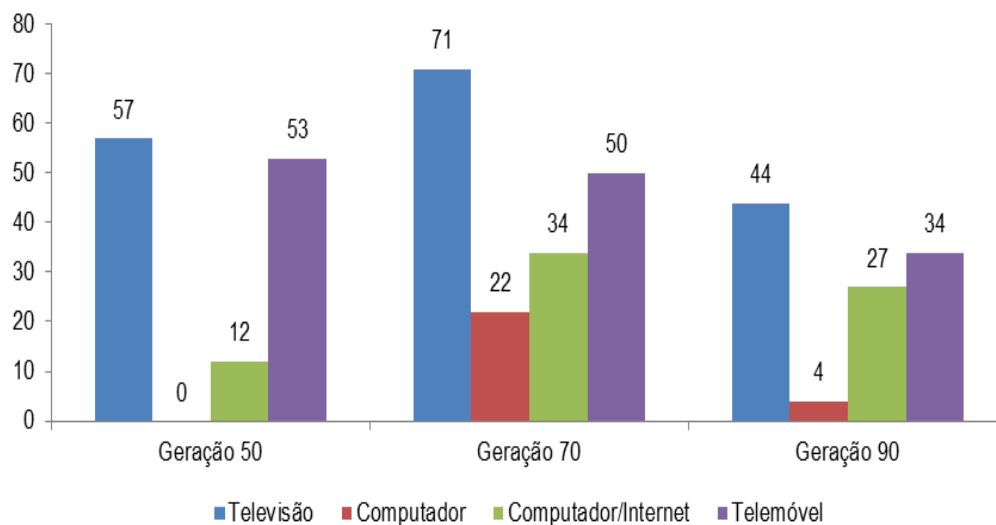
Relativamente ao contexto no qual são mais utilizados os *media* (**Gráfico 22**) – daqueles que era possível indicar nos diários (casa, trabalho, escola e outros locais) – é de referir que a televisão é mais indicada como sendo utilizada em casa (151 vezes) e em outros locais (eventualmente públicos) (10 vezes), aliás, o contexto casa é o mais indicado como sendo aquele onde mais se utilizam todos os *media*, exceção feita ao computador (sem associação à internet), mais referido como utilizado no trabalho (19 vezes). O telemóvel também é mais utilizado no trabalho (26 vezes) e em outros locais (mais uma vez, aqui poderiam os respondentes estar a referir-se a espaços públicos) (28 vezes).

Gráfico 22. Local de utilização dos *media* (número de vezes)



Mas qual foi a geração que mencionou que utilizava mais os *media*? No **Gráfico 23** pode ver-se que o número varia se a discussão for em torno da televisão, do computador, do computador/internet e do telemóvel. Claramente, mais uma vez, a televisão ganha terreno em todas as gerações, mas mais na intermédia e na geração de 50, seguido do telemóvel que, em 15 dias, foi utilizado pelos participantes desta última 53 vezes e pela primeira 50 vezes. De notar que a geração de 90 é a que menos utiliza todos os *media* durante os 15 dias.

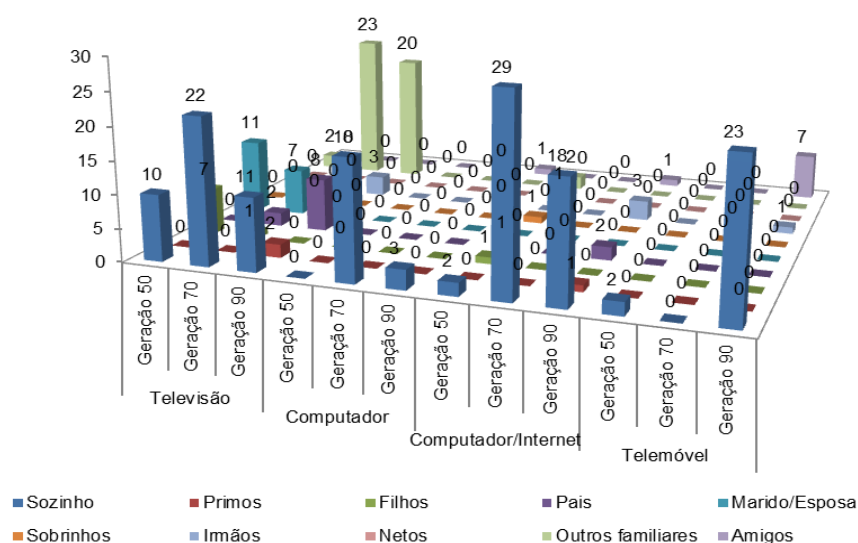
Gráfico 23. Distribuição da utilização dos *media* por geração (número de vezes)



A companhia com que se utiliza os *media* é importante para se compreender que tipo de acompanhamento há das gerações mais velhas às mais novas, mas também como são realizadas as relações intergeracionais, que possam, eventualmente, promover cooperação (através da ajuda na resolução de problemas/dúvidas com os *media*) ou conflito (através da utilização conjunta dos *media*, o que não permite situações de privacidade ou de visualização de diferentes canais de televisão, diferentes páginas da internet, entre outros).

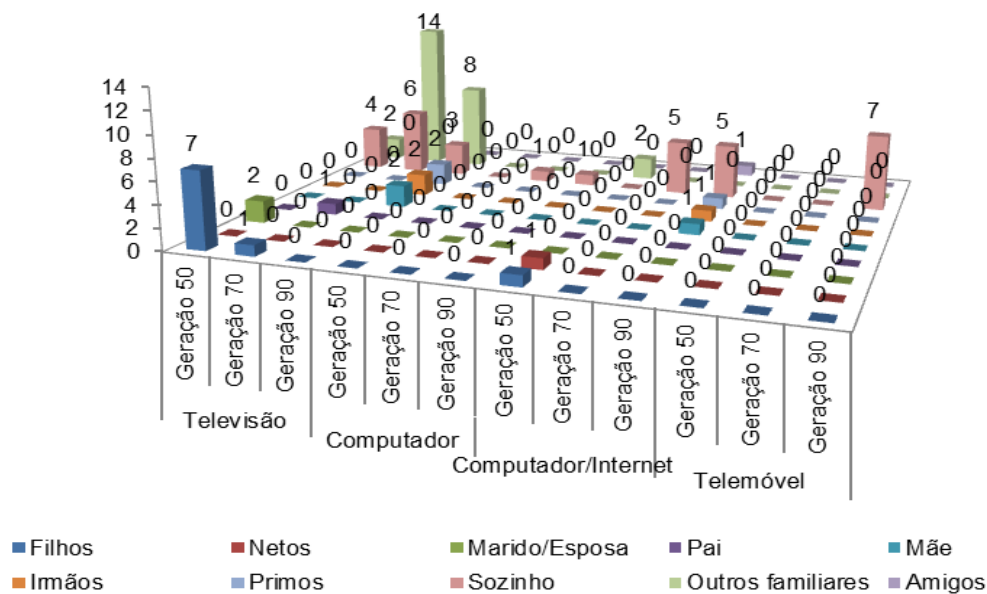
Assim, quase todos os *media* (televisão, computador, computador associado à internet e telemóvel) são mencionados como utilizados sem qualquer companhia, sozinhos, situação bastante evidente na televisão pela geração de 70; no computador/internet pelas gerações de 70 e 90 e, ainda por esta última, no telemóvel. No entanto, a televisão é o *medium* mencionado como mais utilizado com alguma companhia, é-o nos diários, mas também o foi nos *focus groups*. Sendo a família a principal companhia (marido/esposa, pais, filhos e outros familiares) (**Gráfico 24**).

Gráfico 24. Com quem são utilizados os *media*? (Número de vezes)



Ao fim de semana a situação é bastante semelhante (**Gráfico 25**), mas reduz a utilização de todos os *media*, reduzindo igualmente o número de vezes que são utilizados com companhia.

Gráfico 25. Com quem são utilizados os *media* ao fim de semana? (Número de vezes)



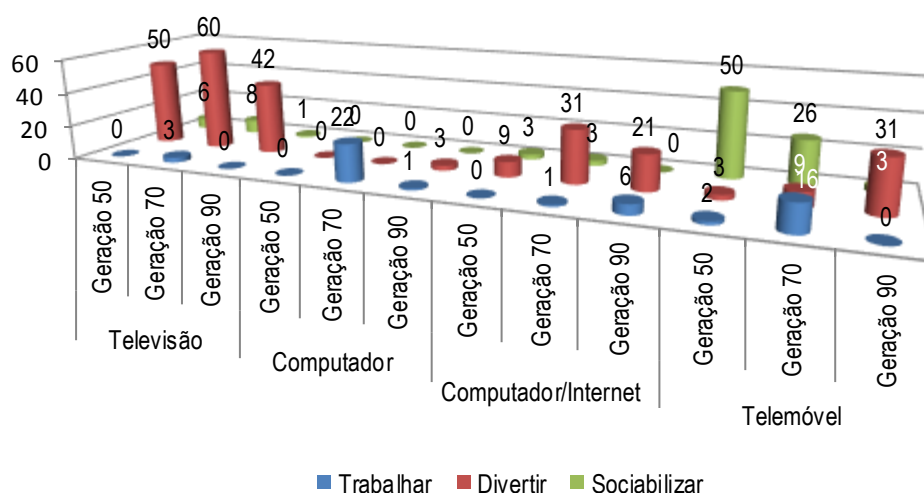
Este aspeto vai de encontro às preocupações manifestadas por alguns dos participantes nos *focus groups* e que já aqui foram discutidas, o facto de estarem cada vez mais presos a ecrãs e de utilizarem os novos *media* mais tempo sozinhos e isolados. Já Cardoso (2009b) tinha concluído esta tendência, quando diz que “A maior parte dos jovens navega na internet sem companhia e quando a utilizam acompanhados é mais provável que estejam com amigos ou amigas.” (Cardoso, 2009b, p. 32). Pode, então, dar-se o caso de se estar perante o desaparecimento ou a enfermidade das comunicações no espaço público e das relações sociais presenciais, isto é,

[...] as pessoas queixam-se da falta de comunicação entre os elementos da família e da comunidade. Passámos progressivamente a viver num regime de solidão organizada no qual a comunicação e as trocas simbólicas parecem estar enfraquecidas e, com elas, a ideia de comunidade também parece encontrar-se bastante fragilizada. E nessa metamorfose coabitam modos tradicionais de comunidades e novas formas emergentes do cenário tecnológico da comunicação. (Silva, 1999, p. 3).

E qual é a finalidade que motiva à utilização dos *media*? Ou seja, para o que procuram as diferentes gerações os diversos *media*? Pode verificar-se no **Gráfico 26** que, com exceção do computador (sem internet), todos os *media*, em todas as gerações são mais indicados como utilizados com as finalidades “divertir” e “sociabilizar”. A televisão e o computador/internet têm uma componente de diversão bastante evidente, como se pode verificar pelo gráfico seguinte. Da mesma forma que o telemóvel, sobretudo nas gerações de 50 e 70, é apontado como estando posicionado mais para “sociabilizar”, ou seja, conviver com outras pessoas. Para a geração de 70 são

igualmente importantes o computador (22 vezes indicado) e o telemóvel (16 vezes) para o desempenho do trabalho.

Gráfico 26. Finalidade da utilização dos *media* (número de vezes)



Posto isto, faz-se agora a análise sobre o período do dia em que os *media* são mais utilizados (manhã, tarde e/ou noite), em diferentes alturas: durante a semana – de trabalho e escola – e ao fim de semana – tempo dedicado mais ao lazer (**Gráficos 27 e 28**).

Durante a semana, como já referido em análise a outros gráficos, os *media* são notoriamente mais utilizados comparativamente com o fim de semana. Mas ainda durante estas duas alturas (semana/fim de semana), a maior utilização concentra-se no período da noite, ganhando particular ênfase a televisão e o telemóvel em todas as gerações. No entanto, estes dois *media* são os mais utilizados em todos os períodos, pelas três gerações.

Gráfico 27. Período do dia de utilização dos *media*, durante a semana (número de vezes)

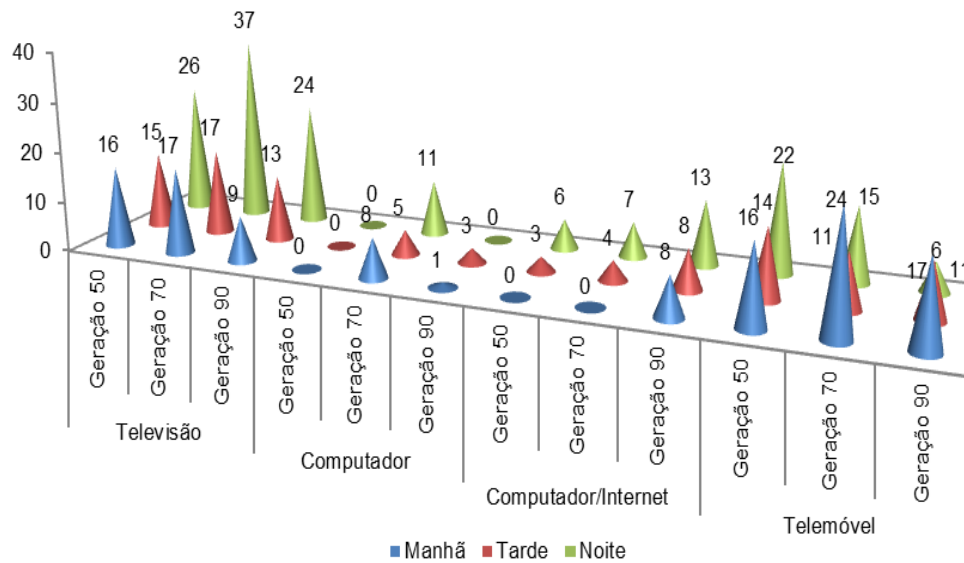
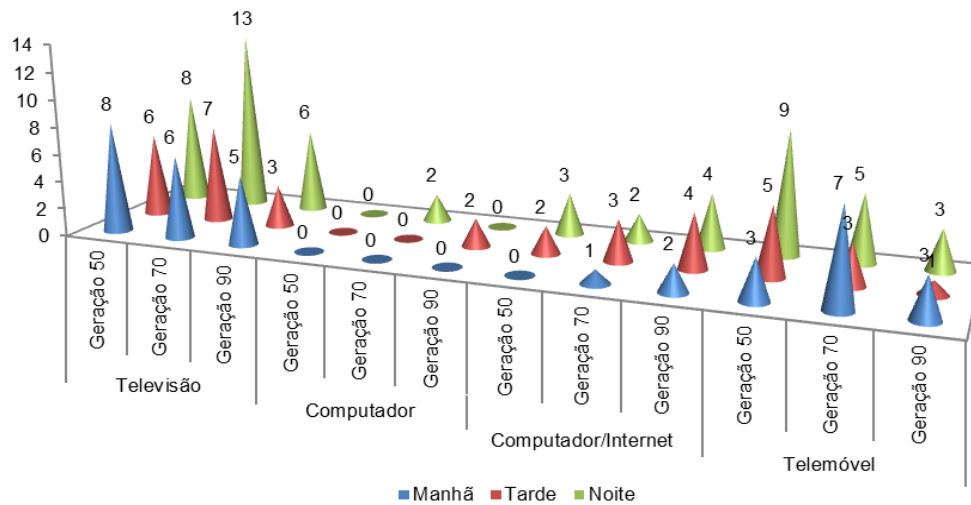


Gráfico 28. Período do dia de utilização dos *media*, durante o fim de semana (número de vezes)



Da análise dos diários conclui-se, então, que a utilização dos *media* é diferente entre as diferentes gerações considerando o telemóvel e o computador, no entanto, a televisão é comum a todas elas e acontece quase com a mesma duração, finalidade e no mesmo período do dia. Este aspeto, e o facto da televisão ter surgido em Portugal na mesma altura que a geração mais velha dos participantes nesta fase da pesquisa, origina a que, muitas vezes, aconteça o que Goodman (1983) refere: “they use their own

growing-up experiences to dictate what happens with TV viewing now” (Goodman, 1983, p. 415).

Assim, a idade é uma característica importante para entender a utilização dos novos *media*, mas não é a única. A experiência e o tipo de utilização (frequência, atividades realizadas, companhia, período do dia, finalidade, etc.) são também fatores que se devem considerar, só assim é possível compreender a existência de relações de colaboração e aprendizagem entre as gerações (Helsper & Eynon, 2010, p. 505).

5.5.3. Inquéritos por questionário¹¹⁸

Os resultados do inquérito por questionário serão apresentados nesta secção. Deverá ter-se em conta, na análise dos dados seguintes, que foram rececionados 1.157 inquéritos, validados 1.151, dos quais 210 eram respostas de Filhos do sexo masculino e 227 do sexo feminino (total Filhos: 437); 100 inquiridos dos Pais eram do sexo masculino e 291 do sexo feminino (total Pais: 391) e receberam-se 69 respostas de Avós do sexo masculino e 233 do sexo feminino (total Avós: 302). A diferença destes resultados para o número total de inquéritos recebidos está nas não respostas.

Para a análise dos inquéritos considerou-se o nível do alfa, ou seja, a aceitação de que a probabilidade de que as diferenças estatísticas não existem efetivamente, é de 0,05; para um valor de t de 1,95 e uma margem de erro de 5%¹¹⁹. A cor laranja são indicados os valores mais relevantes encontrados em todas as tabelas.

Inicia-se esta análise com uma tabela correspondente à posse de *media*. Os resultados que se apresentam de seguida são a soma das vezes que determinado *medium* foi assinalado na questão, podem, por isso, ter sido indicados mais do que uma vez pelo mesmo inquirido:

¹¹⁸ Informação mais detalhada relativa aos resultados apresentados nesta secção pode ser consultada no **Anexo XV**.

¹¹⁹ As análises realizadas nesta secção tiveram como apoio os seguintes autores: Pestana e Gageiro (2008), Laureano (2011), Martins (2011) e Laureano e Botelho (2012).

Tabela 40. Média que os inquiridos possuem, por número de vezes assinalados (%)

N.º de vezes assinalados	Média								
	Televisão	TV Cabo/Satélite	Rádio	Telemóvel	Smartphone	Telefone fixo	Computador fixo	Computador portátil	Ligação à Internet
0	1,0	9,9	25,4	9,7	21,3	9,1	14,7	10,5	11,3
1	34,2	47,4	66,3	84,2	76,7	80,8	82,8	79,8	81,8
2	42,4	31,8	6,3	3,7	1,3	8,7	2,1	7,0	4,2
3	18,6	8,9	1,9	1,2	0,3	1,1	0,3	1,7	1,4
4	3,0	1,5	0,1	0,3	0,0	0,3	0,2	0,4	0,5
5	0,6	0,6	0,1	0,4	0,1	0,0	0,0	0,3	0,6
6	0,1	0,0	0,0	0,1	0,2	0,0	0,0	0,1	0,2
7	0,0	0,0	0,0	0,3	0,1	0,0	0,0	0,2	0,0

A maioria dos inquiridos refere ter pelo menos um dispositivo de todos os *media*, sendo a televisão aquele que mais vezes foi mencionado como havendo até três dispositivos na mesma casa. Aliás, das respostas dadas relativamente à localização dos artefactos, a sala (80% das respostas), o quarto (47,7% das respostas) e a cozinha (50,3% das respostas) são os três compartimentos onde mais se localiza a televisão.

A TV cabo/satélite é também muito mencionado como existente naqueles três compartimentos, estando esse facto relacionado com a existência da televisão. Quase mais de metade dos inquiridos (47,4%) informaram ter pelo menos num compartimento da casa, e 31,8% em dois compartimentos. Os espaços da casa mais mencionados são, mais uma vez, a sala (51,5% das respostas), o quarto (20% das respostas) e a cozinha, com 18,9% das respostas.

25,4% dos inquiridos não assinalou a posse de rádio (enquanto equipamento isolado). No entanto, dos que indicaram ter, os locais onde mais se encontram é na sala (24,8% das respostas) e na cozinha (21,5% das respostas).

Uma grande maioria dos inquiridos indicou ter pelo menos um telemóvel (84,2%), um *smartphone* (76,7%), ainda a existência bastante acentuada de telefone fixo (80,8%) e, em muitas respostas, de dois destes dispositivos (8,7%), um computador fixo (82,8%) e um computador portátil (79,8%). A posse de ligação à internet (81,8%) está bastante relacionada com a posse de computadores, sendo, por isso, os valores bastante aproximados. E, apesar de ainda nem todos os inquiridos terem um *smartphone*, a mobilidade que tanto estes como os telemóveis permitem talvez origine as respostas dadas de não se ter um dispositivo num local específico, mas antes estar sempre com os inquiridos e estar em toda a casa. Aliás, estes dispositivos assumem as funções de “canivete suíço”, daí a necessidade de estarem em todo o lado, “O canivete suíço das gerações passadas tem agora funções ilimitadas, desde lanterna, calculador, relógio, armazém de fotografias e recordações até objeto de comunicação e chama-se telemóvel.” (Teixeira-Botelho, 2011, p. 33).

A ubiquidade dentro de casa é também uma característica da ligação à Internet, muitos mencionam que têm em apenas um local, mas esse local pode ser, como é, em toda a casa (38% das respostas), e alguns referem ainda a posse de ligação à internet portátil.

Pode assumir-se para todas as gerações, como faz Cardoso (2009b) para os jovens que “o computador já permeia o seu ambiente mediático da mesma forma como acontece com outros *media*, nomeadamente a televisão e o telemóvel, que são reclamados pelos vários membros do agregado familiar.” (Cardoso, 2009b, p. 37).

Tabela 41. Local e período do dia de utilização dos *media* (%)

Media	Período do dia de utilização	Local						
		Em casa						
		Quarto	Sala	Escritório	Trabalho/ Escola	Casa de familiares/ vizinhos/amigos	Rua	Locais de acesso público
Televisão	Manhã	21,8	39,8	4,2	3,6	15,3	2,0	6,5
	Tarde	19,6	48,7	4,2	4,7	22,2	2,0	7,0
	Noite	37,4	60,6	7,4	3,7	19,1	2,1	6,7
Computador	Manhã	10,2	10,7	9,9	14,3	5,3	1,2	4,1
	Tarde	20,3	17,0	13,6	15,8	9,8	1,4	5,5
	Noite	22,0	21,8	14,7	4,3	6,4	1,6	3,1
Internet	Manhã	8,4	9,9	7,5	13,5	4,8	1,8	4,5
	Tarde	16,9	16,6	12,2	13,9	8,7	2,1	5,8
	Noite	18,7	18,7	12,3	4,8	6,4	1,7	4,0
Telemóvel	Manhã	30,4	23,9	13,9	37,0	28,6	44,1	38,2
	Tarde	29,9	27,8	14,7	37,7	30,9	46,3	39,0
	Noite	32,9	28,2	14,6	22,9	29,0	40,2	34,3

A utilização de *media*, considerando o local, é mais mencionada como sendo realizada em casa, no quarto e na sala, algo que vem confirmar os resultados da tabela anterior. Mas, para além disso, os espaços exteriores são bastante mencionados, talvez devido à mobilidade que os novos *media* permitem (computadores portáteis, telemóveis, *smartphones*, leitores de música, consolas de jogos, entre muitos outros).

Assim, o telemóvel é o dispositivo que apresenta maiores percentagens de utilização, quer nos vários locais, quer ao longo do dia. De referir que apresenta taxas de utilização elevadas no espaço exterior (rua). Algo que vai de encontro aos resultados do relatório da Cisco, que refere que a *Geração Y* tem como hábito principal de manhã consultar o *smartphone*, a par com os hábitos de higiene¹²⁰.

Para além disso, a televisão é também utilizada em todos os momentos – manhã, tarde e noite –, sobretudo na sala e no quarto (como já houve oportunidade de ver), ou

¹²⁰ http://tek.sapo.pt/noticias/internet/acordar_e_agarrar_no_smartphone_um_dos_habito_1289475.html, consultado a 27 de dezembro de 2012.

seja, se o telemóvel passa da esfera privada para a pública, a televisão pertence à esfera privada e dificilmente a prática do seu consumo é transportada para outros contextos como o trabalho/escola, a casa de familiares, amigos ou vizinhos e locais de acesso público.

Relativamente ao computador e à internet, a sua utilização é remetida também mais para a esfera privada, são mencionados, mais uma vez, o quarto e a sala como os locais onde mais frequentemente são utilizados, nos períodos da tarde e noite. Estes resultados podem ser comprovados, mais uma vez, com os de Cardoso (2009b), que referem que “A sala de estar continua a ser bastante relevante como espaço de lazer e de uso de vários *media*, porém, tem sofrido a concorrência de outros espaços domésticos mais privados.” (Cardoso, 2009b, p. 13).

Algo que também foi importante perceber, até para que se possam retirar conclusões sobre o acesso aos *media* na esfera pública, é o acesso que os inquiridos têm à biblioteca e ao cinema. As bibliotecas são, normalmente, espaços onde se encontram televisões para visualizar filmes, séries, documentários, etc.; computadores para a realização de pesquisas na internet ou utilização de *chats*; aparelhagens que permitem ouvir música com auscultadores, aprender línguas através de cursos previamente gravados, por exemplo; jornais e revistas que se podem consultar e, claro, livros das mais variadas temáticas. O cinema é também um importante local de contacto com os ecrãs.

Uma vez que os inquiridos pertenciam ao meio rural, colocou-se a questão “A que distância de casa tem cinema e biblioteca?”, para se perceber se o contacto poderia ser realizado diariamente, ou se constrangimentos como a distância poderiam impedir que tal acontecesse. A **Tabela 42** apresenta os principais resultados.

Tabela 42. A que distância de casa tem cinema e biblioteca

Distância em Km	Cinema	% Cinema	Biblioteca	% Biblioteca
0-5 Km	248	21,5	498	43,3
6-10 Km	91	7,9	222	19,3
11-20 Km	125	10,9	207	18,0
21-40 Km	331	28,8	89	7,7
41-60 Km	184	16,0	19	1,7
61-80 Km	40	3,5	5	0,4
81-100 Km	127	11,0	110	9,6
101-120 Km	1	0,1	0	0,0
121-140 Km	0	0,0	0	0,0
141-160 Km	3	0,3	0	0,0
Total	1.150	99,9	1.150	99,9
Não respostas	1	0,1	1	0,1

A distância média entre casa e cinema é de 39,5 Km (com um desvio padrão de 30,656), e entre casa e biblioteca é de 21,7 Km (com um desvio padrão de 28,280). De mencionar que ainda é uma percentagem elevada os inquiridos que têm cinema e biblioteca acima dos 10 quilómetros de distância, o que impossibilita a frequência desses espaços e o acesso a determinados conteúdos que, muitas vezes, só aí é possível aceder. Para além disso, é ainda de mencionar o facto de vários inquiridos terem indicado que a biblioteca se encontra mais afastada do concelho de residência do que o cinema, algo que não seria expectável, sobretudo, pela suposta existência de bibliotecas escolares.

Tabela 43. A que distância de casa tem cinema, por concelho de residência (%)

Região NUT I e II	Concelho de residência	A que distância de casa tem cinema									Total
		0-5 Km	6-10 Km	11-20 Km	21-40 Km	41-60 Km	61-80 Km	81-100 Km	101-120 Km	141-160 Km	
Norte	Macedo de Cavaleiros	0,8	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	1,4
	Vieira do Minho	0,3	0,2	0,4	10,8	1,5	0,0	1,1	0,0	0,0	14,3
Centro	Sabugal	2,3	1,0	0,8	6,0	2,5	0,0	0,8	0,0	0,0	13,5
	Penela	5,0	2,6	1,0	0,3	0,0	0,0	0,2	0,0	0,0	9,0
Alentejo	Nisa	2,0	0,0	3,1	0,6	0,5	0,0	0,1	0,0	0,0	6,3
	Odemira	5,2	1,0	1,0	0,3	0,0	0,0	0,3	0,0	0,0	7,7
	Mértola	1,0	0,3	0,9	0,9	0,5	0,2	0,0	0,0	0,0	3,7
Algarve	Vila do Bispo	0,3	0,0	0,4	1,8	2,2	0,2	0,5	0,0	0,0	5,4
	Alcoutim	0,0	0,0	0,1	0,3	3,2	1,5	1,2	0,0	0,0	6,3
R. A. Açores	Nordeste	2,2	0,3	0,9	0,3	1,0	0,2	1,0	0,1	0,0	5,8
	Lajes do Pico	2,0	2,0	1,2	1,8	0,0	0,0	3,1	0,0	0,0	10,2
R. A. Madeira	Porto Moniz	0,2	0,0	0,0	0,1	1,7	1,5	0,5	0,0	0,0	3,9
	Santana	0,3	0,4	0,7	5,5	3,0	0,0	2,1	0,0	0,3	12,3
Total		21,6	7,9	10,9	28,8	16,0	3,5	11,0	0,1	0,3	100,0

Da análise da distância entre o concelho de residência sobressai a informação que uma grande percentagem de distância no total dos concelhos encontra-se entre os 0 (zero) e os 5 Km (21,6%), mas é, igualmente, pertinente verificar que a maior percentagem de distância está entre os 21 e os 40 Km (28,8%), com o concelho de Vieira do Minho (Norte de Portugal) a apresentar uma taxa de 10,8%.

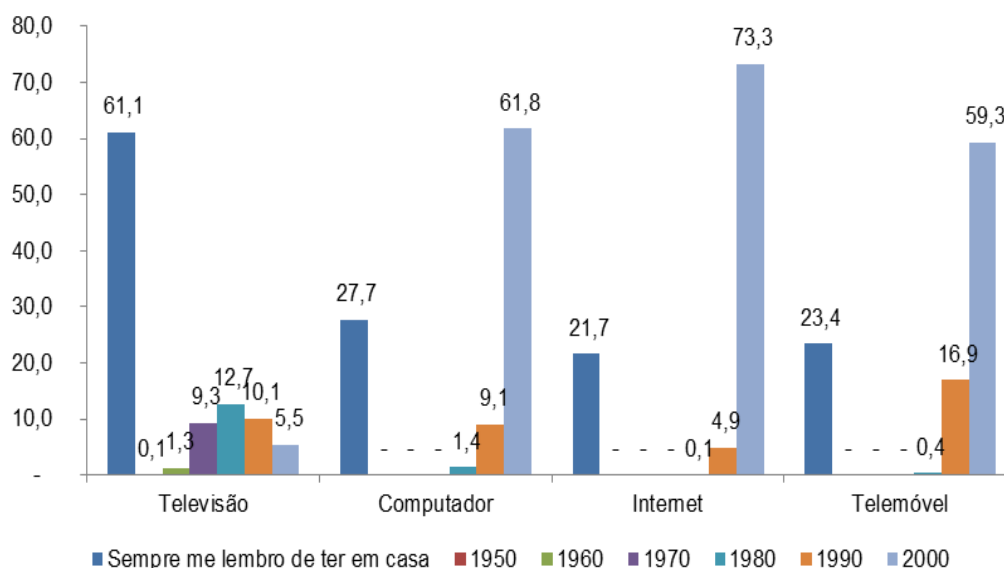
Tabela 44. A que distância de casa tem biblioteca, por concelho de residência

Região NUT I e II	Concelho de residência	A que distância de casa tem biblioteca							Total
		0-5 Km	6-10 Km	11-20 Km	21-40 Km	41-60 Km	61-80 Km	81-100 Km	
Norte	Macedo de Cavaleiros	0,8	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,2	1,4
	Vieira do Minho	6,4	2,8	3,7	0,3	0,0	0,0	1,1	14,3
Centro	Sabugal	5,7	3,0	3,1	1,0	0,0	0,0	0,6	13,5
	Penela	5,2	2,7	0,9	0,1	0,0	0,0	0,2	9,0
Alentejo	Nisa	2,5	0,4	3,3	0,0	0,0	0,0	0,1	6,3
	Odemira	5,1	1,0	1,0	0,3	0,0	0,0	0,3	7,7
	Mértola	1,4	0,3	1,2	0,8	0,0	0,0	0,0	3,7
Algarve	Vila do Bispo	1,7	1,5	1,1	0,4	0,3	0,0	0,4	5,4
	Alcoutim	1,0	0,6	0,5	2,3	1,0	0,2	0,8	6,3
R. A. Açores	Nordeste	2,6	1,0	0,8	0,2	0,2	0,0	1,1	5,8
	Lajes do Pico	2,1	2,3	1,2	2,2	0,0	0,0	2,3	10,2
R. A. Madeira	Porto Moniz	2,1	1,3	0,0	0,0	0,0	0,3	0,3	3,9
	Santana	6,7	2,3	0,8	0,1	0,3	0,0	2,2	12,3
Total		43,3	19,3	18,0	7,7	1,7	0,4	9,6	100,0

Em relação à biblioteca, a maior parte dos inquiridos indicou que existia numa distância entre 0 (zero) e 5 Km (43,3%), seguida da distância entre os 6 e os 10 Km (19,3%) e os 11 e os 20 Km (18%).

Assim, da análise realizada por concelho de residência, compreende-se que as localidades mais desfavorecidas são Vieira do Minho, Sabugal, Lajes do Pico e Santana, no entanto, houve uma grande percentagem de inquiridos a indicar a distância de casa até biblioteca e cinema de pelo menos 20 Km, que poderá significar que não é diariamente que se acede a estes locais e às suas ofertas.

Também para que se possa perceber a forma como os indivíduos das diferentes gerações se relacionam com os *media*, colocou-se a questão relativa ao ano em que adquiriram ou lhes foi oferecida a primeira televisão, o primeiro computador, telemóvel e internet. No entanto, e como estava também em estudo a geração nascida nas décadas de 1990 e 2000, considerou-se a hipótese de os inquiridos sempre se lembrarem de terem visto os diferentes *media* em casa. Os resultados desta questão são apresentados no gráfico seguinte:

Gráfico 29. Ano em que adquiriu ou ofereceram o primeiro *medium* (%)

A maioria dos inquiridos respondeu que sempre se recorda de ter televisão em casa (61,1%). Não obstante, para aqueles que adquiriram ou lhes foi oferecida mais tarde, a década de 80 é a mais mencionada (12,7%). A partir dessa década, o surgimento de um aparelho novo começou a decrescer.

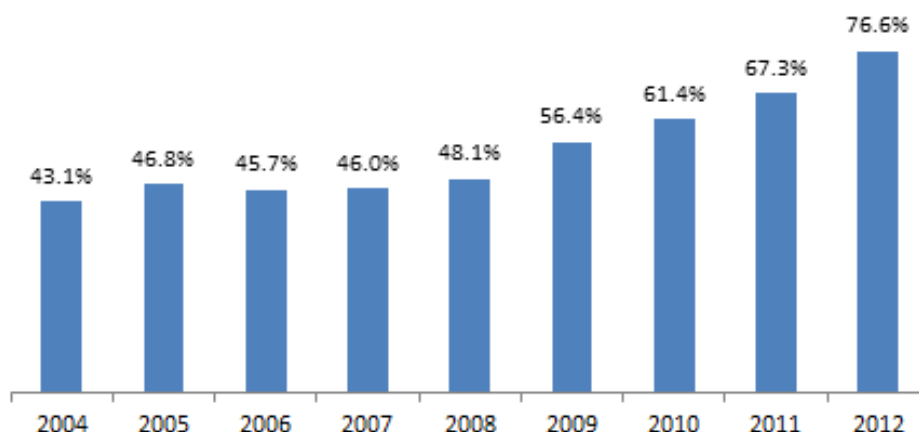
A televisão é o artefacto digital, dos estudados no contexto desta investigação, que mais os inquiridos e os participantes do *focus group* associam a memórias do passado, é o dispositivo com a história mais antiga. No entanto, a compra de novos aparelhos televisivos tem decrescido, talvez consequência das mudanças frequentes que tem sofrido (televisão analógica, televisão digital, *iTV*, *Smart TV*¹²¹, televisões 3D, etc.), que desmotiva os consumidores a adquirirem um novo aparelho que pode estar desatualizado em pouco tempo. Uma dessas mudanças deu-se, em Portugal, com a substituição da televisão analógica para a televisão digital terrestre (TDT) que, de acordo com a ANACOM¹²², deveria terminar até abril de 2012. A partir desta altura, para se poder ver os quatro canais generalistas da televisão portuguesa (RTP1, RTP2, SIC e TVI) seria necessário comprar um descodificador para adaptar o televisor às novas emissões digitais ou assinar (em situação de ainda não ter) uma subscrição de televisão paga.

¹²¹ Televisão conectada ou híbrida.

¹²² http://www.anacom.pt/render.jsp?categoryName=CATEGORY_ROOT&languageId=0, consultado a 26 de dezembro de 2012.

A subscrição de um pacote de televisão foi, provavelmente, a opção mais escolhida pelos portugueses. De acordo com a Marktest¹²³, entre o 3º trimestre de 2011 e o 2º trimestre de 2012, a penetração de TV por subscrição cresceu 7,8%, comparativamente com o universo em 1 de Agosto de 2011. 74% do total de lares do Continente no primeiro período tinham televisão subscrita, o que corresponde a um total de 2.594.216 lares (**Gráfico 30**). Num País onde há 5.878.756 alojamentos, e onde existe televisão em 99,9% das casas, mais de metade tem acesso a televisão subscrita, ou seja, continua a utilizar televisão com frequência. Assim, aliado à importância do ano de aquisição do primeiro televisor (relacionando-o com as memórias que se possam atribuir), está a valorização que se atribui à televisão, que origina que os indivíduos paguem por um serviço que melhora ou possibilita o seu visionamento, mas talvez não façam o mesmo quando se trata de comprar um televisor novo.

Gráfico 30. Penetração do serviço de televisão por subscrição



Fonte: "Establishment Survey" da Marktest Audimetria, 1º semestre de cada ano

Relativamente à aquisição de computador, a década em que mais computadores os respondentes adquiriram ou receberam de oferta foi em 2000 (61,8%). Algo que tem uma estreita relação com a primeira vez que tiveram acesso à internet (**Gráfico 29**), para o qual também a década de 2000 foi a mais mencionada (73,3%).

Estas respostas foram, maioritariamente, dadas pelos Filhos, quanto ao computador, 44,9% dos inquiridos referiram que a década de 2000 foi quando tiveram o primeiro computador; e quando à internet, 49,7% dos indivíduos responderam igualmente a década de 2000. No entanto, também os Pais têm valores elevados no que ao primeiro

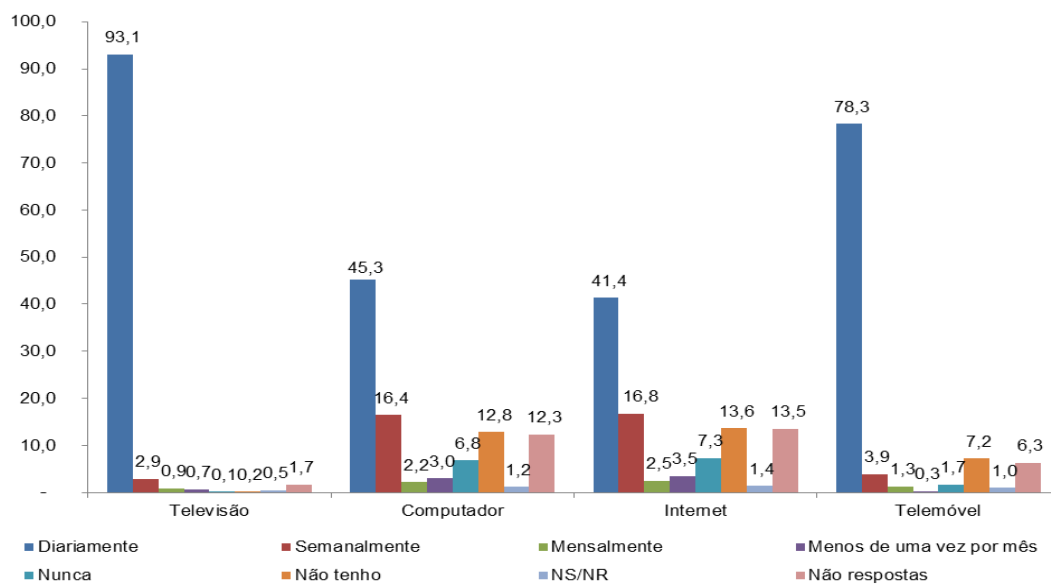
¹²³ <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~19fc.aspx>, consultado a 26 de dezembro de 2012.

acesso ao computador e à internet diz respeito, 46,9% e 48,6% das respostas, respetivamente.

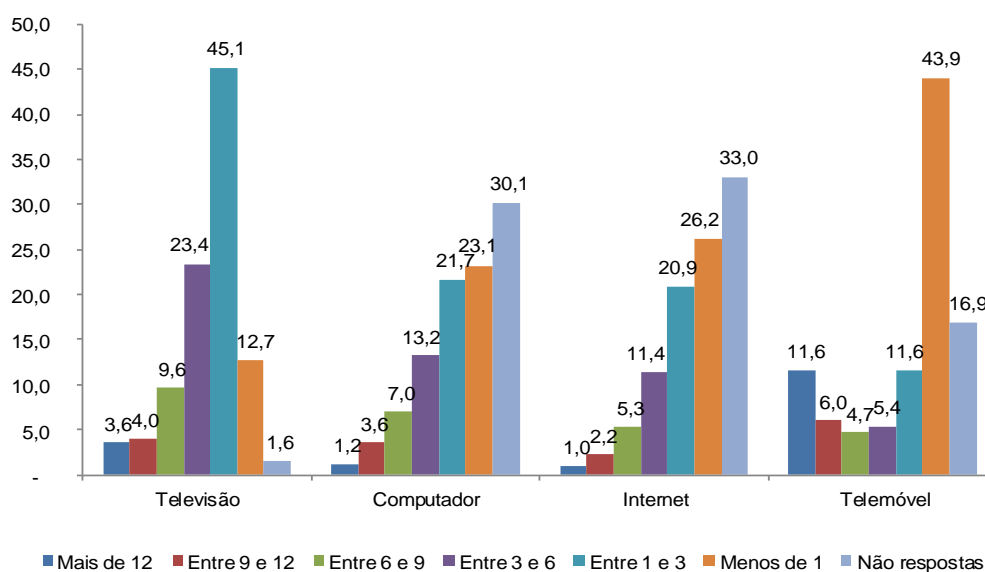
No que diz respeito ao telemóvel, a década de 2000 foi aquela onde mais indivíduos (59,3%) afirmaram ter comprado ou recebido de oferta o primeiro telemóvel. Mais uma vez, a maioria das respostas concentra-se nas gerações dos Filhos (44,4%) e dos Pais (35,4% das respostas).

A partir de 2000 há, claramente, um enriquecimento e complexificação do contexto comunicacional doméstico, com o número de artefactos mediáticos a crescer e a competir pela atenção dos indivíduos. Surge uma nova *ecologia comunicacional* (Foth & Hearn, 2007), promovida pela quantidade de dispositivos disponíveis, mas, igualmente, pelo papel que cada um desses dispositivos tem no quotidiano familiar e dos indivíduos, inseridos num contexto doméstico-mediático. Assim, para além do surgimento dos novos *media*, como foi o da internet e do telemóvel, por exemplo, as mudanças nos já existentes são também frequentes (como se viu anteriormente para o caso da televisão), algo que se revelará pertinente avaliar, eventualmente, com o passar dos anos, ao nível de transformações no *habitus* e no capital social.

Torna-se importante, então, agora compreender a frequência de utilização dos novos *media*. Verificou-se que nem todos os inquiridos lhes acedem da mesma maneira, nem possuem os mesmos *media*, mas como serão as frequências de utilização? O **Gráfico 31** apresenta os resultados em termos de frequência de utilização e o **Gráfico 32** em termos de média de horas de utilização.

Gráfico 31. Frequência de utilização dos novos *media* (%)


O **Gráfico 31** permite concluir que todos os *media* são, maioritariamente, apontados como sendo utilizados diariamente, seguida depois da utilização semanal, exceto no caso do telemóvel, para o qual 7,2% dos inquiridos informou não ter. A televisão é o dispositivo mais utilizado diariamente, com 93,1%. Seguido do telemóvel, com 78,3% de utilização diária; do computador (45,3%) e da internet (41,4%). Estes dois últimos bastante próximos, algo justificado pela utilização conjunta que se fará.

Gráfico 32. Média de horas por dia de utilização dos *media* (%)


A maioria das respostas aponta para uma utilização de menos de 1 hora diária, excetuando-se a televisão cuja utilização se encontra entre as 1 e 3 horas diárias (45,1%). Aliás, a seguir ao uso durante 1 hora por dia, todos os dispositivos são utilizados entre as 1 e as 3 horas diárias, com exceção do telemóvel, que chega a ser utilizado mais de 12 horas diárias por 11, 6% dos inquiridos.

A apresentação destes resultados por gerações é feita na **Tabela 45**.

Tabela 45. Frequência e média de horas de utilização dos novos *media*, por década de nascimento (%)¹²⁴

<i>Media</i>	Década de nascimento	Frequência de utilização dos <i>media</i>					Número médio de horas diárias de utilização dos <i>media</i>					
		Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de 1 vez por mês	Nunca	Mais de 12	Entre 9 e 12	Entre 6 e 9	Entre 3 e 6	Entre 1 e 3	Menos de 1
Televisão	1930	9,2	0,2	0,1	0,0	0,0	0,5	0,3	1,4	3,0	3,4	1,0
	1940	9,6	0,0	0,2	0,2	0,0	0,5	0,6	0,9	3,3	3,8	0,8
	1950	5,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,2	0,1	0,7	1,1	2,5	0,7
	1960	17,6	0,2	0,3	0,2	0,0	0,3	0,2	0,9	4,0	11,1	2,1
	1970	13,6	0,4	0,0	0,2	0,1	0,3	0,1	0,8	2,8	8,4	1,9
	1990	26,2	1,3	0,1	0,1	0,0	1,2	1,6	3,0	6,9	11,2	4,0
	2000	10,8	0,5	0,1	0,0	0,0	0,6	0,8	1,3	2,4	4,8	1,7
Computador	1930	0,5	0,1	0,2	0,2	1,5	0,0	0,0	0,1	0,3	0,0	1,2
	1940	0,9	0,6	0,0	0,2	1,9	0,0	0,1	0,0	0,5	0,4	1,9
	1950	1,6	0,4	0,0	0,4	0,5	0,0	0,1	0,5	0,8	0,6	1,4
	1960	10,7	2,7	0,6	1,7	1,8	0,1	1,3	3,2	3,6	4,3	7,3
	1970	8,0	3,8	0,5	0,6	0,6	0,3	0,8	2,1	2,2	4,2	7,3
	1990	23,3	6,1	0,3	0,3	0,1	0,8	1,6	3,1	10,5	14,1	7,7
	2000	7,0	4,8	0,5	0,2	0,1	0,6	0,9	0,8	1,4	7,0	5,3
Internet	1930	0,5	0,1	0,1	0,2	1,6	0,0	0,0	0,0	0,4	0,1	1,1
	1940	0,8	0,6	0,0	0,3	2,0	0,0	0,0	0,0	0,3	0,5	2,0
	1950	1,4	0,4	0,0	0,4	0,6	0,0	0,0	0,4	0,5	0,9	1,5
	1960	9,9	3,5	0,5	1,5	1,7	0,0	0,5	2,2	3,1	4,5	9,2
	1970	7,1	3,6	0,6	0,6	0,9	0,1	0,4	0,7	2,0	3,2	9,9
	1990	22,5	5,9	0,7	0,5	0,3	0,9	1,2	3,5	9,9	15,3	8,0
	2000	6,1	5,1	0,7	0,4	0,0	0,5	0,8	0,7	1,2	6,6	6,1
Telemóvel	1930	3,8	0,6	0,2	0,1	0,6	0,2	0,1	0,1	0,1	0,7	3,7
	1940	7,1	1,0	0,0	0,3	0,4	0,3	0,3	0,0	0,2	1,4	6,0
	1950	4,1	0,5	0,0	0,0	0,0	0,1	0,8	0,2	0,0	0,5	3,4
	1960	17,3	0,8	0,6	0,0	0,1	1,0	1,1	1,4	0,9	2,6	13,5
	1970	14,3	0,1	0,1	0,0	0,1	1,1	0,4	0,5	1,1	2,4	10,2
	1990	27,6	0,5	0,1	0,0	0,1	9,8	3,8	2,8	3,3	4,4	7,6
	2000	9,0	0,7	0,3	0,0	0,0	1,2	0,8	0,8	0,8	1,7	7,0

¹²⁴ Por não apresentarem valores significativos, as décadas de 1910, 1920 e 1980 foram retiradas desta tabela. As tabelas completas podem ser consultadas no **Anexo XV**.

A televisão continua a ser o *medium* mais apontado como diariamente utilizado por quase todos os inquiridos nascidos nas diferentes décadas. E, igualmente, aquele a que mais tempo se assiste (entre 1 e 3 horas por dia). Os restantes *media* têm uma presença forte na geração de 1990, no entanto, todas as outras gerações afirmam utilizar diariamente. Aliás, o telemóvel é, a seguir à televisão, o *medium* que maior presença tem em todas as gerações. E relacionado com esta tendência, vários autores (Araújo, Espanha, Santos, Lapa, & Cardoso, 2009) definiram três perfis contemporâneos de *media* em Portugal, que se poderão adequar à presente investigação.

Ao perfil um pertencem os *diletantes do pequeno ecrã* e dele fazem parte idosos reformados; inativos ou domésticas; pouco escolarizados; com mais de 55 anos de idade; sem telemóvel, mas com forte consumo de televisão e, apesar de concordarem no enorme potencial das outras tecnologias, não as utilizam. Cruzando este perfil com as percentagens da tabela anterior, de facto, os nascidos entre as décadas de 1930 e 1950, ou seja, os Avós somam um valor muito aproximado da geração de 1990 (a mais alta, com 26,2%) de utilização da televisão (23,8%). E foram, igualmente, estes indivíduos que mais referiram nos inquéritos como estando em situação de reforma.

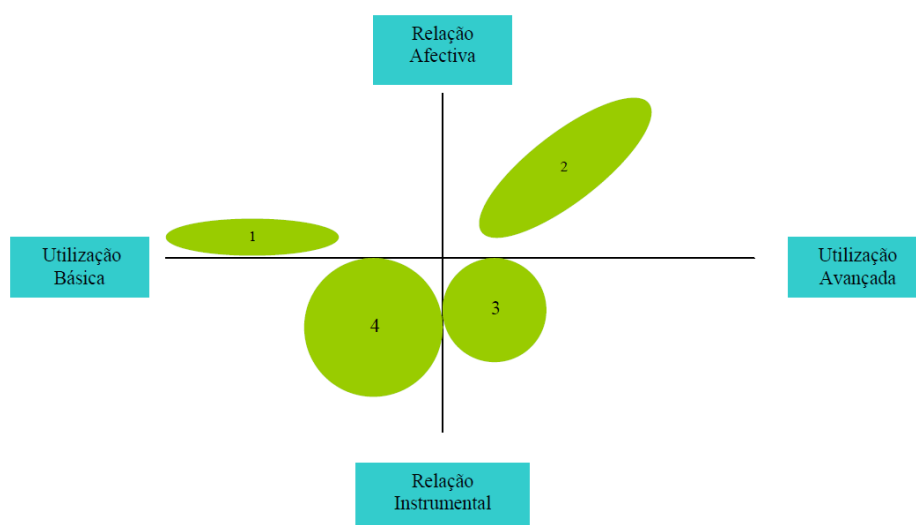
Os incluídos no perfil dois são designados de *diletantes do entretenimento*, caracterizados por terem entre 14 e 24 anos; serem estudantes do ensino secundário ou profissionais dos serviços e vendedores com ensino básico e secundário; utilizadores ocasionais de internet; com telemóvel e com uma forte apetência para as TIC e com elevado consumo de conteúdos de entretenimento. Mais uma vez, se se cruzar esta informação com a **Tabela 45** verifica-se que os indivíduos nascidos entre as décadas 1990 e 2000, ou seja, que se incluem nas faixas etárias mencionadas, são os maiores consumidores diários de todos os *media*, e, considerando que a maior parte destes inquiridos mencionou ter como ocupação profissional a escola; que nem todos os dias haverá trabalhos da escola para fazer em casa que obrigue ao recurso do computador e da internet; e, que o telemóvel e a televisão não servirão esse propósito, pode concluir-se que o objetivo de utilização dos *media* é a busca de entretenimento.

O perfil três está dividido em dois subgrupos, o primeiro (os *hackers informativos*) inclui pessoas entre os 25 e os 34 anos de idade; com ensino superior; profissões qualificadas (TPI/PIC/dirigentes e quadros de empresa e empregados administrativos); trabalhadores adeptos das novas tecnologias, que valorizam conteúdos informativos e todos os tipos de *media*. Neste grupo, e fazendo referência aos valores retirados desta investigação, incluem-se os inquiridos nascidos nas décadas de 1970 e 1980. A maior

parte destes indivíduos são funcionários públicos (24,7%), empregados por conta própria (16,7%) e desempregados (13,5%); tendo como habilitações literárias o 9º ano de escolaridade (18,5%), o 12º ano (17,5%), o 6º ano (15,2%) e a 4ª classe (14,2%), ou seja, afastam-se da caracterização realizada pelo estudo *Portugal Móvel* (Cardoso *et al.*, 2007). No entanto, são também utilizadores diários dos novos *media*, sobretudo, da televisão, do computador e do telemóvel.

No segundo subgrupo (*os trabalhadores da informação*) incluem-se pessoas com idades entre os 35 e os 54 anos; com ensino superior; profissões qualificadas (TPI/PIC/ dirigentes e quadros de empresa e empregados administrativos); que valorizam os conteúdos informativos, utilizando as TIC acima de tudo por motivos profissionais (Araújo, Espanha, Santos, *et al.*, 2009, pp. 151-157). Aqui incluem-se os indivíduos que, na presente investigação, pertencem à geração de 1960. Estes inquiridos foram incluídos na mesma geração dos anteriores, uma vez que também se pretendia um agrupamento por relação familiar (Avós, Pais e Filhos), significando isso que a caracterização no âmbito da presente investigação é igual ao perfil mencionado anteriormente, ou seja, aqui poderá não se aplicar esta distinção em subgrupos. No entanto, pelo tipo de profissão mencionado e pela percentagem de licenciados (13,2%), concorda-se que a utilização de novos *media* nesta geração se fará mais por motivos profissionais do que de lazer ou entretenimento.

Especificando um pouco mais, o relatório *Portugal Móvel* (Cardoso *et al.*, 2007), traça os perfis de utilizadores do telemóvel que também se considera ser adequado aplicar a este estudo. De acordo com os autores (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007), são quatro os perfis de utilizadores de telemóvel, que se encontram distribuídos como mostra a **Figura 28**.

Figura 28. Perfis de utilização do telemóvel e eixos de análise

Fonte: Cardoso *et al.* (2007, p. 64)

Do perfil um (*Desconectados*) fazem parte indivíduos com idade avançada, pouco escolarizados, inativos (normalmente, reformados) e que têm pouca ou nenhuma interação com o telemóvel. Algo que se verifica também nos resultados apresentados na **Tabela 45**. Entre os indivíduos nascidos nas décadas 1930 e 1950, o total de percentagem de utilização diária do telemóvel perfaz os 15%, um valor bastante baixo quando comparado com as restantes gerações.

Ao perfil dois (*Envolvidos*) pertencem jovens (com menos de 24 anos), estudantes, solteiros, que têm um elevado nível de interação com o telemóvel, predominantemente em contexto social. De facto, quer no que à caracterização demográfica diz respeito, quer no que à utilização do telemóvel, também este perfil se verifica nos inquiridos para a presente investigação. Os utilizadores de telemóvel diários nascidos na década de 1990 correspondem a 27,6% do total.

No perfil três (*Utilitários*) estão indivíduos com idade entre os 25 e os 44 anos, com alto nível de escolaridade, profissões qualificadas, já com um elevado nível de interação com o telemóvel, predominantemente em contexto laboral. Relativamente a este perfil, nem em tudo é possível enquadrar os inquiridos da investigação, nomeadamente, no nível de escolaridade e na situação profissional, no entanto, a faixa etária poder-se-á corresponder com os indivíduos nascidos nas décadas de 1970 e 1980, uma vez que, considerando a profissão da maior parte dos inquiridos deste grupo, pode concluir-se da utilização diária do telemóvel para efeitos laborais ou de resolução de assuntos. Os

nascidos na geração de 1970 apresentam uma percentagem de utilização diária do telemóvel de 14,3% e dos da geração de 1980 não são apresentados valores por não ser significativo o número de indivíduos na amostra.

Por último, ao perfil quatro (*Gestores do Lar*) pertencem indivíduos com idade entre os 44 e os 64 anos, casados, têm um baixo nível de interação com o telemóvel, e o predomínio da sua utilização é nas relações familiares (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007, pp. 33-35). Neste perfil incluem-se os inquiridos nascidos entre 1950 e 1960, cujas utilizações diárias do telemóvel se situam entre os 4,1% e os 17,3%, respetivamente. Ou seja, comparativamente com o perfil *Envolvidos*, os *Gestores do Lar* têm usos bem mais residuais e, uma vez que se inserem alguns nas categorias de Avós e outros de Pais, compreende-se que a utilização do telemóvel se poderá justificar com a gestão familiar.

De certa forma, comprova-se o que é referido em Dias (2007, p. 79), sobre a idade ser inversamente proporcional à adoção do telemóvel e à frequência da sua utilização. No entanto, não são apenas os jovens os utilizadores mais frequentes desta tecnologia, e não são os únicos competentes na sua utilização.

Ainda de acordo com Dias (2007), as investigações sobre o uso do telemóvel incidem, sobretudo, na utilização realizada pelos jovens (a comprová-lo estão estudos como Ganito, 2007b; Moura, 2009; Teixeira-Botelho, 2011), justificado pelo pioneirismo da utilização, pela forma intensa com que a fazem, pela comunicação com os pares e pela preferência atribuída às mensagens de texto (SMS), em detrimento das chamadas de voz (Dias, 2007, p. 78).

Apesar de tudo, como se referiu anteriormente, todas as gerações utilizam os *media*, ainda que a frequência de utilização e o número médio de horas diárias seja diferente. A geração de 90 não pode, à partida, utilizar o telemóvel durante o período escolar, no entanto, este já é mais importante durante o período laboral para as gerações de 50, 60 e 70. A televisão está presente em todas as gerações, assim como o computador e a internet, dependendo do contexto onde estão (em casa, no trabalho/na escola ou na rua), embora estes dois últimos de forma menos intensa nas gerações de 50 e 70 quando comparadas com as de 90. Para além disso, as preferências são um forte contributo para o tipo de *media* utilizado e a frequência com que se utiliza, mas também o conhecer o mundo no qual estão incluídos os netos e os filhos (Cardoso, 2009b, p. 32).

Estes dados remetem para as competências infocomunicacionais que os inquiridos detêm. Na **Tabela 46** encontram-se os resultados relativamente às respostas dadas em

cada uma das frases apresentadas no inquérito, cuja escala de concordância é: CT: Concordo totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo totalmente. E referindo-se as opções NO; NA e NS/NR a Não tenho opinião; Não se aplica à minha situação; e, Não sei/Não respondo, respetivamente.

Tabela 46. Competências infocomunicacionais, por geração

		Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	273	111	14	2	5	8	16	429
	% Gerações	63,6	25,9	3,3	0,5	1,2	1,9	3,7	100,0
Pais	Frequência	96	120	30	17	17	56	40	376
	% Gerações	25,5	31,9	8,0	4,5	4,5	14,9	10,6	100,0
Avós	Frequência	10	17	21	20	13	142	56	279
	% Gerações	3,6	6,1	7,5	7,2	4,7	50,9	20,1	100,0
Total	Frequência	379	248	65	39	35	206	112	1.084
	% Gerações	35,0	22,9	6,0	3,6	3,2	19,0	10,3	100,0
		Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	209	125	39	15	8	17	19	432
	% Gerações	48,4	28,9	9,0	3,5	1,9	3,9	4,4	100,0
Pais	Frequência	49	102	58	23	10	90	42	374
	% Gerações	13,1	27,3	15,5	6,1	2,7	24,1	11,2	100,0
Avós	Frequência	8	12	29	20	14	144	54	281
	% Gerações	2,8	4,3	10,3	7,1	5,0	51,2	19,2	100,0
Total	Frequência	266	239	126	58	32	251	115	1.087
	% Gerações	24,5	22,0	11,6	5,3	2,9	23,1	10,6	100,0
		Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	178	146	41	5	14	16	27	427
	% Gerações	41,7	34,2	9,6	1,2	3,3	3,7	6,3	100,0
Pais	Frequência	52	130	41	18	13	74	43	371
	% Gerações	14,0	35,0	11,1	4,9	3,5	19,9	11,6	100,0
Avós	Frequência	5	21	27	16	16	136	57	278
	% Gerações	1,8	7,6	9,7	5,8	5,8	48,9	20,5	100,0
Total	Frequência	235	297	109	39	43	226	127	1.076
	% Gerações	21,8	27,6	10,1	3,6	4,0	21,0	11,8	100,0
		Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	279	103	11	1	6	12	18	430
	% Gerações	64,9	24,0	2,6	0,2	1,4	2,8	4,2	100,0
Pais	Frequência	112	155	25	12	3	37	32	376
	% Gerações	29,8	41,2	6,6	3,2	0,8	9,8	8,5	100,0
Avós	Frequência	24	28	32	36	10	95	57	282
	% Gerações	8,5	9,9	11,3	12,8	3,5	33,7	20,2	100,0
Total	Frequência	415	286	68	49	19	144	107	1.088
	% Gerações	38,1	26,3	6,3	4,5	1,7	13,2	9,8	100,0

		Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	308	86	5	2	5	11	13	430
	% Gerações	71,6	20,0	1,2	0,5	1,2	2,6	3,0	100,0
Pais	Frequência	171	142	17	6	4	14	23	377
	% Gerações	45,4	37,7	4,5	1,6	1,1	3,7	6,1	100,0
Avós	Frequência	26	63	28	28	8	80	51	284
	% Gerações	9,2	22,2	9,9	9,9	2,8	28,2	18,0	100,0
Total	Frequência	505	291	50	36	17	105	87	1.091
	% Gerações	46,3	26,7	4,6	3,3	1,6	9,6	8,0	100,0
		Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	198	130	46	12	13	9	24	432
	% Gerações	45,8	30,1	10,6	2,8	3,0	2,1	5,6	100,0
Pais	Frequência	113	145	44	10	7	34	27	380
	% Gerações	29,7	38,2	11,6	2,6	1,8	8,9	7,1	100,0
Avós	Frequência	39	73	39	34	9	44	48	286
	% Gerações	13,6	25,5	13,6	11,9	3,1	15,4	16,8	100,0
Total	Frequência	350	348	129	56	29	87	99	1.098
	% Gerações	31,9	31,7	11,7	5,1	2,6	7,9	9,0	100,0
		Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	280	108	12	4	8	7	14	433
	% Gerações	64,7	24,9	2,8	0,9	1,8	1,6	3,2	100,0
Pais	Frequência	148	159	21	2	3	17	27	377
	% Gerações	39,3	42,2	5,6	0,5	0,8	4,5	7,2	100,0
Avós	Frequência	61	106	25	11	8	36	43	290
	% Gerações	21,0	36,6	8,6	3,8	2,8	12,4	14,8	100,0
Total	Frequência	489	373	58	17	19	60	84	1.100
	% Gerações	44,5	33,9	5,3	1,5	1,7	5,5	7,6	100,0

Legenda: CT: Concordo totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo totalmente; NO: Não tenho opinião; NA: Não se aplica à minha situação; NS/NR: Não sei/Não respondo

Conclui-se que em todos os *media*, Filhos e Pais concordam deter as competências infocomunicacionais em estudo. Não obstante, os valores dos Filhos são sempre superiores. Para além disso, são raros os *media* em que os Avós apresentam valores significativos em termos de competências, excetuando-se, quase sem surpresa, o caso da televisão. Fazendo uma análise mais aprofundada, relativamente à configuração de preferências pessoais no computador, Filhos e Pais apresentam valores elevados de concordância, com os primeiros a deter 63,6% e os segundos 25,5% de total concordância, e 25,9% e 31,9% de concordância, respetivamente. Na competência para a publicação de informação *online*, são os Filhos que sobressaem, com concordância total de 48,4% e concordância de 28,9%. E muito importante para esta publicação *online*

é a avaliação das questões de privacidade e segurança nas quais, mais uma vez os Filhos, são os que concordam totalmente deter competências, com 41,7%.

Relativamente às competências para utilização do telemóvel, também os Filhos e os Pais são os que mais concordam totalmente quando a questão é colocada sobre a configuração pessoal do dispositivo, tendo os Filhos uma percentagem mais elevada (64,9%), em comparação com os Pais (29,8%). E ler e responder a mensagens escritas recebidas no telemóvel é algo que também os Filhos concordam totalmente saber fazer (71,6%).

Por último, em relação à televisão, já se evidencia alguma destreza no grupo dos Avós, no entanto, continuam a deter as percentagens mais elevadas os Filhos e os Pais. Na configuração pessoal da televisão, 45,8% dos Filhos concordam totalmente saber fazer, valor mais alto que o dos Pais (29,7%). Mas ser capaz de seleccionar no menu da televisão a opção que se pretende é assinalada como concordante pelos Filhos (24,9%), Pais (42,2%) e Avós (36,6%).

Das competências analisadas é possível tirar algumas conclusões que vão de encontro à cultura pré-figurativa mencionada por Mead (1970), segundo a qual se invertem um pouco os papéis do que é habitual na sociedade, e são os adultos que vão aprendendo com os seus filhos e/ou netos. Assim, deter mais competências infocomunicacionais poderá incentivar ao estabelecimento de relações intergeracionais familiares, ou seja, quando surge alguma dúvida ou problema na utilização dos *media*, tenderá a recorrer-se às gerações mais novas para o resolver, algo que pode ser confirmado nos gráficos seguintes.

Para além disso, considerar deter-se maior competência na utilização de um *medium* do que em outro, poderá estar relacionado com a altura do seu surgimento e com os anos de convivência, ou seja, o grau de naturalidade que o *medium* tem face à geração em causa. Assim, se para os Filhos será mais natural conviver e recorrer ao telemóvel, ao computador e à internet; para os Pais, já não são objetos tão estranhos, mas a televisão foi o artefacto que os acompanhou enquanto crianças e jovens; e, para os Avós também a convivência com a televisão tem mais anos, daí que a familiaridade possa contribuir para aumentar o nível de competência ou a perceção de que se detém.

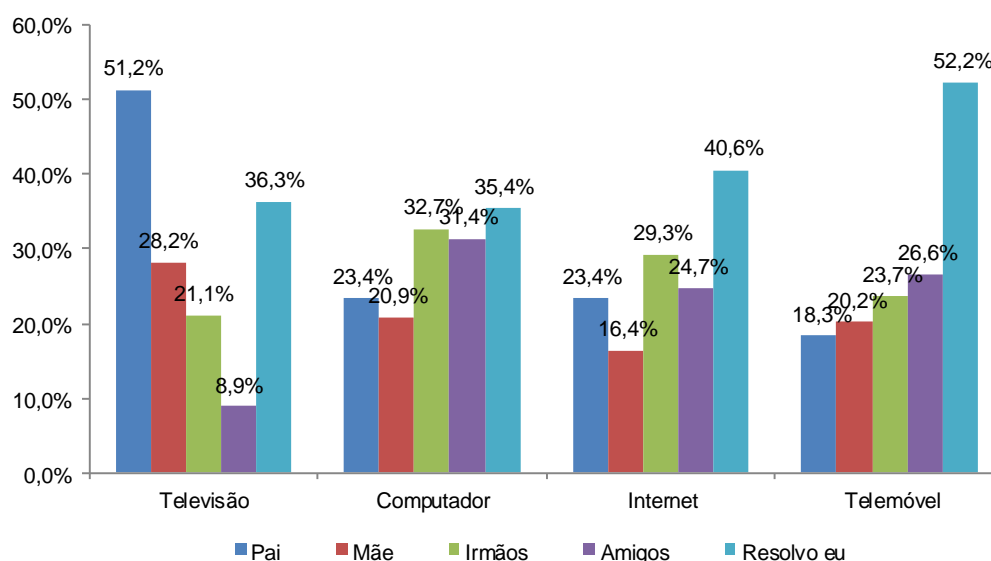
Não obstante esta distinção entre anos de nascimento dos inquiridos e surgimento dos *media* na sociedade portuguesa, o que é facto é que já se torna complicado imaginar a gestão diária sem recurso, por exemplo, ao telemóvel, ou a gestão profissional sem recurso ao *email* (internet) (Cardoso, Gomes, *et al.*, 2007). Como refere Silva (2005), é a

existência de artefactos de comunicação ao mesmo nível que os acessórios de roupa, numa lógica de transformar o corpo em algo que comunica para além da sua presença física, sendo a posse de competências para os utilizar das questões mais importantes de avaliar se se quer simplesmente usar, ter motivação para tal por vários fatores (Salovaara, *et al.*, 2010); mas, mais ainda, se se quer usar de modo crítico.

Mas outras informações são de evidenciar, em relação ao sexo, e talvez porque a maior parte dos respondentes eram mulheres, em todas as respostas dos três grupos (Filhos, Pais e Avós), o nível de competências é mais elevado no sexo feminino, situação que é bastante mais equilibrada no caso das respostas dos Filhos, havendo um valor aproximado entre masculino e feminino para todos os níveis de concordância/discordância, em todas as competências. Em relação à situação profissional, no caso dos Pais, verifica-se que são as profissões mais frequentes (funcionário público, empregado por conta própria e desempregado) as que apresentam valores mais elevados de concordância de detenção das competências, da mesma forma que, na escolaridade, quanto mais elevada é a habilitação detida, mais competências se considera ter. A questão da situação profissional e da escolaridade influenciarem o nível de competências detidas pelos Avós não se coloca, segue a mesma tendência dos Pais, como a maior parte está em situação de reforma e tem a 4ª classe, é nesses dois patamares que se encontram a maior parte das respostas dadas em relação à concordância total e concordância de posse das competências.

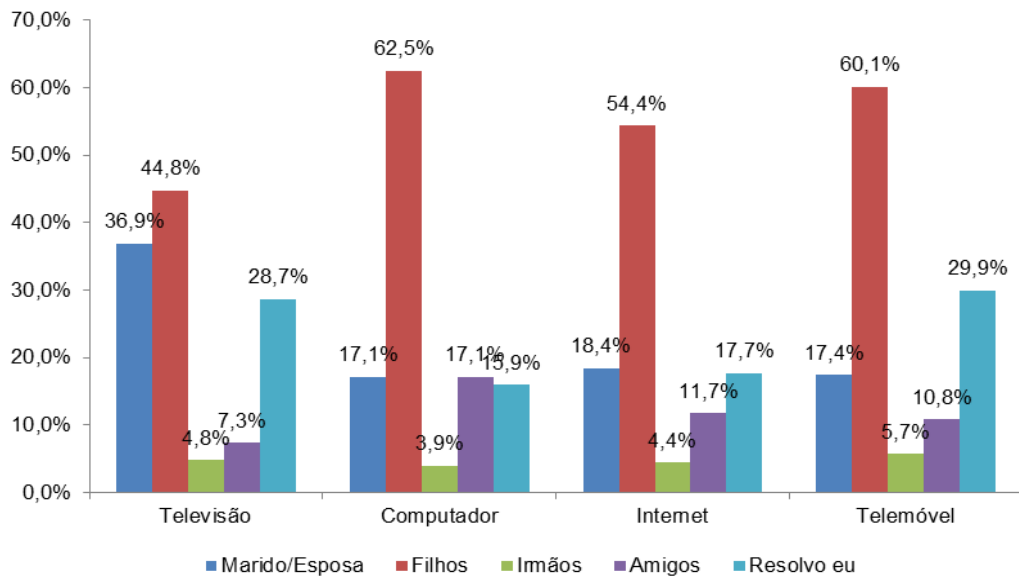
É ainda importante refletir sobre a percentagem existente de situações em que os indivíduos selecionaram NA (Não se aplica à minha situação). Estes valores são bastante elevados no caso dos Avós e, ainda que mais residualmente, no caso de algumas competências infocomunicacionais dos Pais, talvez justificado pela situação profissional de ambos, os primeiros por se encontrarem, maioritariamente, reformados, e os segundos, por estarem em situação de desemprego ou por não desempenharem uma profissão que exija a utilização de novos *media*.

Como referido, será pertinente agora analisar que tipo de relações intergeracionais familiares são estabelecidas entre os inquiridos quando se encontram perante um problema e/ou dificuldade na utilização dos *media*.

Gráfico 33. Quem ajuda a resolver problemas com os novos *media*, Filhos (%)

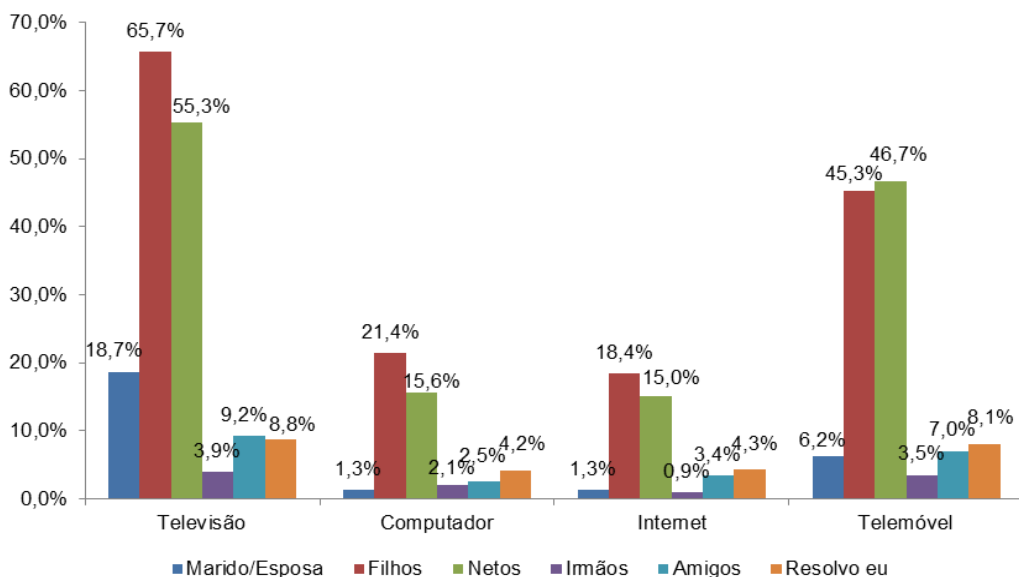
O **Gráfico 33** mostra a quem recorrem os Filhos quando se defrontam com alguma dificuldade na utilização dos novos *media*. A televisão é o dispositivo em que mais é procurado o pai para resolver problemas (51,2%), no entanto, a segunda opção é resolver a própria pessoa (36,3%). Aliás, não procurar ninguém e resolver sozinho os problemas com a tecnologia é a situação mais frequente no caso dos Filhos para todos os outros *media* – computador, internet e telemóvel –, ainda que, no caso do computador e da internet procurar a ajuda dos irmãos seja algo também frequente (32,7% e 29,3%, respetivamente).

Gráfico 34. Quem ajuda a resolver problemas com os novos *media*, Pais (%)



Em relação ao **Gráfico 34**, e fazendo referência aos Pais, é notória a recorrência aos Filhos em caso de problemas com os *media*, situação menos frequente com a televisão, mas que não deixa de ser também em maioria a procura dos Filhos. Mais uma vez, remete-se para a cultura pré-figurativa de Margaret Mead (1970), com os adultos a procurarem nos mais novos a aprendizagem para trabalhar com os artefactos.

Gráfico 35. Quem ajuda a resolver problemas com os novos *media*, Avós (%)



Para os Avós é bastante evidente o papel que os Filhos e Netos têm na ajuda de resolução de problemas com os novos *media*, sendo essa ajuda particularmente relevante na televisão e no telemóvel, não deixando, no entanto, de se verificar no caso do computador e da internet, estes com valores mais baixos devido à frequência de utilização.

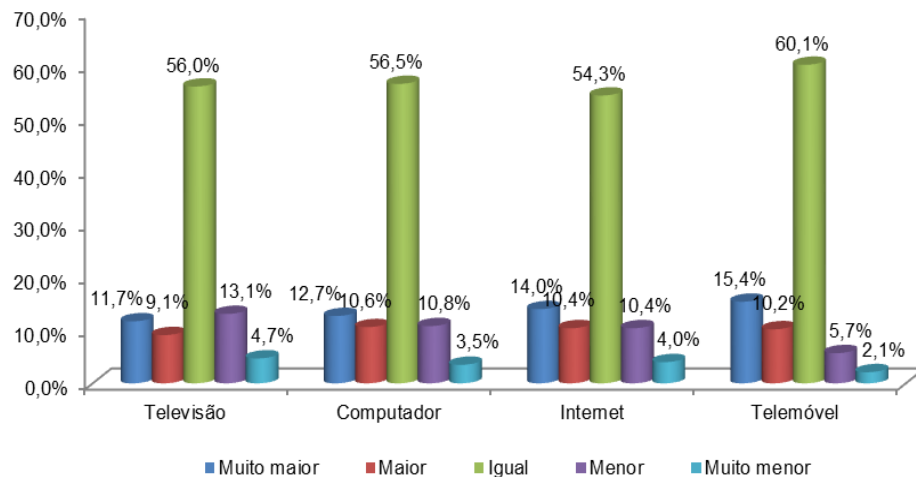
Na análise dos gráficos anteriores sobressai a distinção de Prensky (2001a; 2001b) entre “nativos digitais” (Filhos) e “imigrantes digitais” (Pais e Avós), ou mesmo de White e Cornu (2011) de “residentes” (Filhos) e “visitantes” (Pais e Avós), esta última distinção no caso da utilização da internet. De facto, há uma clara diferença entre as competências infocomunicacionais que são detidas pelas gerações mais velhas e pelas mais novas, o que promove que as últimas sejam mais vezes procuradas para ultrapassar dificuldades que as primeiras possam encontrar na utilização dos novos *media*, exceção feita, na maioria das vezes, em relação à televisão. Talvez, como já se referiu, isso se deva ao ano de nascimento quer dos indivíduos, quer das próprias tecnologias, cujo crescimento em conjunto promove uma familiaridade que as outras gerações não têm. Assim, os “visitantes” ou “imigrantes digitais” sentem-se um pouco à parte e até resistentes nesse novo mundo tecnológico, enquanto os “residentes” ou “nativos digitais” se sentem como fazendo parte dele.

Os resultados dos gráficos anteriores vão de encontro a conclusões retiradas em outros estudos, por exemplo, Teixeira-Botelho (2011) considera que não são apenas os filhos que ajudam os pais e os avós, como representam também uma das gerações que mais influência tem nas compras, no dinheiro e nas regras da casa. Estes aspetos, segundo a autora, eliminam as regras há muito estipuladas nas famílias, tornando-as mais democráticas (Teixeira-Botelho, 2011, p. 32). Também Ana Nunes de Almeida e a sua equipa na investigação *As crianças e Internet* (2011) concluíram que, apesar dos pais serem os detentores dos recursos (novos *media*) deixaram de ser eles os detentores do capital de conhecimento suficiente para ensinarem os filhos a utilizá-los. A lógica pedagógica inverte-se “são os filhos que ensinam, acompanham, monitorizam os pais no acesso e aprendizagem [...]” (Almeida, *et al.*, 2011, p. 69).

Relativamente à questão das relações intergeracionais, é importante verificar o papel da “[...] internet poder servir de canal de aproximação entre gerações, embora cada geração possa ter os seus próprios motivos.” (Cardoso, 2009b, p. 31), mas acrescenta-se o papel dos outros *media* como importantes elementos mediadores entre gerações e entre membros da mesma geração (grupos de pares) e dentro das famílias.

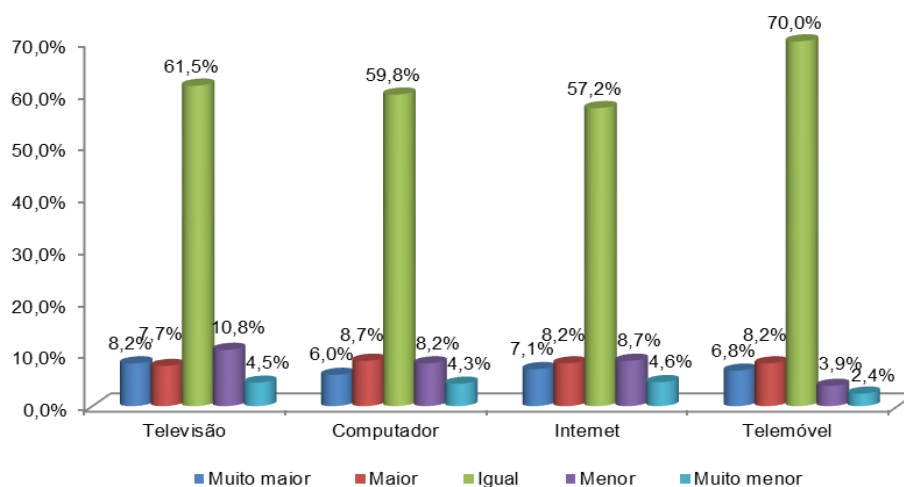
Houve, ainda, interesse em saber a opinião dos inquiridos no que diz respeito à sua residência, o que considerariam eles que seria diferente caso residissem no meio urbano? As conclusões são encontradas nos próximos gráficos e tabelas.

Gráfico 36. Tempo que os Filhos despenderiam com os novos *media* se residissem no meio urbano (%)



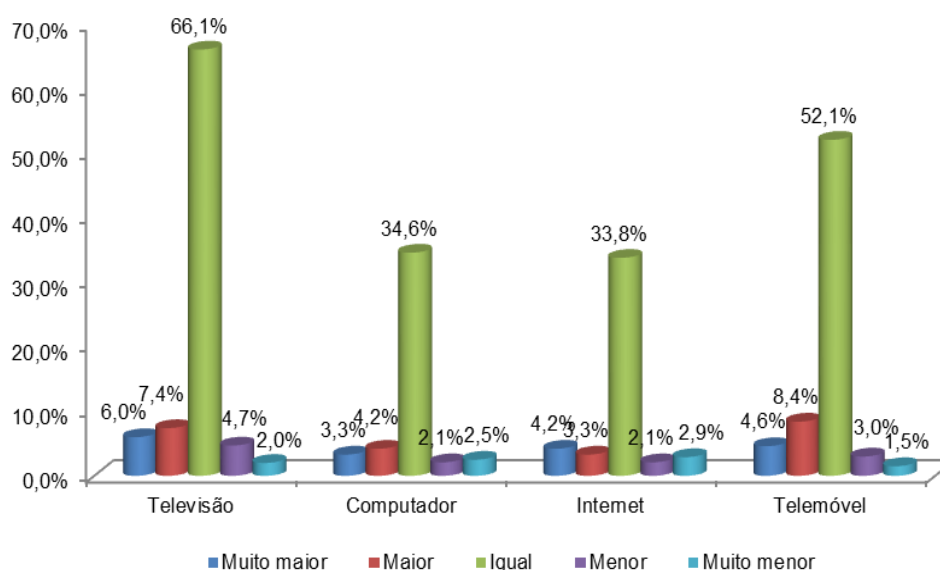
O maior número de respostas dos Filhos vai no sentido de uma utilização semelhante caso residissem em meio urbano. Em todos os *media*, são mais de 50% os que consideram que o fator geográfico não tem relevância no que ao tempo despendido aos *media* diz respeito. No entanto, a percentagem a seguir mais elevada indica que a utilização seria muito maior caso habitassem em contexto urbano.

Gráfico 37. Tempo que os Pais despenderiam com os novos *media* se residissem no meio urbano (%)



No caso dos Pais o panorama não é muito diferente dos Filhos. Mais uma vez, residir em meio urbano não influenciaria a utilização dos *media*, com percentagens acima dos 50% a indicarem uma utilização igual. A grande diferença nos Pais, relativamente aos Filhos, encontra-se quando se comparam as percentagens do tempo despendido com os *media* ser muito maior ou maior. Os valores são consideravelmente mais baixos para essas duas opções, aumentando as percentagens da opção “menor”.

Gráfico 38. Tempo que os Avós despenderiam com os novos *media* se residissem no meio urbano (%)



Por último, em relação à opinião dos Avós sobre o tempo que despenderiam com os *media* caso residissem em meio urbano, verifica-se que também aqui que as percentagens sobre a pouca influência do meio onde vivem são evidentes, no entanto, em relação ao computador e à internet as percentagens são mais baixas do que no caso dos Filhos e dos Pais, talvez pela já pouca utilização que têm neste momento. Para além disso, são ainda pouco representativos os valores das opções “muito maior” e “maior” para o computador e a internet, e um pouco mais simbólicas as percentagens da opção “maior” para a televisão e o telemóvel.

Sumariando os três gráficos anteriores, aproximadamente 60% dos respondentes consideram que o fator geográfico não é relevante no que diz respeito ao tempo que poderiam, eventualmente, despende com os novos *media* se a sua residência fosse em meio urbano. Contudo, as percentagens que apresentam valores mais elevados são as

que remetem para “muito maior” e “maior” influência, sobretudo para os Filhos. Logo, os cerca de 40% consideram que o fator sociogeográfico é uma variável com impacto.

Esta distinção entre a utilização de novos *media* no meio rural e urbano tem sido foco de muitos autores, em diversas sociedades (Chen, Lin & Lai, 2010; Ferrão, 2000; Gonçalves, 2004; Kang, 2009; Whitacre & Mills, 2002), concluindo pela existência de uma divisão digital entre os residentes dos dois meios. Mas, para além desta análise, é pertinente verificar-se de que forma o conhecimento para a utilização das tecnologias está a ser distribuído (como se referiu anteriormente, a reforma educativa dos últimos anos, originou o encerramento de escolas com poucos alunos, estando a maioria delas situadas em zonas rurais, escolas que são os centros de excelência de contacto com o conhecimento e, conseqüentemente, com a tecnologia); ou ainda que tipo de infra-estruturas tecnológicas são concebidas para as áreas rurais. A discrepância de utilização, mesmo dentro das zonas rurais, está também, como foi possível ver, em fatores como o sexo e a idade, aliás algo comum a todo o território nacional, e não apenas nas regiões rurais.

No seguimento dos dados anteriores, prossegue-se com a análise à concordância ou discordância dos inquiridos com algumas frases apresentadas relativamente ao facto de viver em meio rural.

Tabela 47. O que permite a residência em meio rural, por geração

		Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel						Total
		CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Filhos	Frequência	40	97	137	98	26	25	423
	% Gerações	9,5	22,9	32,4	23,2	6,1	5,9	100,0
Pais	Frequência	42	89	138	59	32	21	381
	% Gerações	11,0	23,4	36,2	15,5	8,4	5,5	100,0
Avós	Frequência	24	56	64	34	56	54	288
	% Gerações	8,3	19,4	22,2	11,8	19,4	18,8	100,0
Total	Frequência	106	242	339	191	114	100	1.092
	% Gerações	9,7	22,2	31,0	17,5	10,4	9,2	100,0
		Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto						Total
		CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Filhos	Frequência	39	120	157	63	24	21	424
	% Gerações	9,2	28,3	37,0	14,9	5,7	5,0	100,0
Pais	Frequência	22	96	149	58	34	17	376
	% Gerações	5,9	25,5	39,6	15,4	9,0	4,5	100,0
Avós	Frequência	25	96	64	32	37	41	295
	% Gerações	8,5	32,5	21,7	10,8	12,5	13,9	100,0
Total	Frequência	86	312	370	153	95	79	1.095
	% Gerações	7,9	28,5	33,8	14,0	8,7	7,2	100,0

		Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet						Total
		CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Filhos	Frequência	33	114	151	67	34	24	423
	% Gerações	7,8	27,0	35,7	15,8	8,0	5,7	100,0
Pais	Frequência	7	69	158	65	45	30	374
	% Gerações	1,9	18,4	42,2	17,4	12,0	8,0	100,0
Avós	Frequência	8	16	52	36	94	79	285
	% Gerações	2,8	5,6	18,2	12,6	33,0	27,7	100,0
Total	Frequência	48	199	361	168	173	133	1.082
	% Gerações	4,4	18,4	33,4	15,5	16,0	12,3	100,0
		Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos						Total
		CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Filhos	Frequência	35	93	164	69	37	25	423
	% Gerações	8,3	22,0	38,8	16,3	8,7	5,9	100,0
Pais	Frequência	6	48	153	93	44	26	370
	% Gerações	1,6	13,0	41,4	25,1	11,9	7,0	100,0
Avós	Frequência	8	12	52	34	99	79	284
	% Gerações	2,8	4,2	18,3	12,0	34,9	27,8	100,0
Total	Frequência	49	153	369	196	180	130	1.077
	% Gerações	4,5	14,2	34,3	18,2	16,7	12,1	100,0

Legenda: CT: Concordo totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo totalmente; NO: Não tenho opinião; NS/NR: Não sei/Não respondo

Da tabela anterior retira-se a informação sobre a opinião que os inquiridos têm sobre se o facto de residir em meio rural poderá, eventualmente, permitir uma maior utilização de novos *media*. São em maior frequência as percentagens que indicam discordância relativamente a esse aspeto, ou seja, viver no meio rural não é motivo suficiente para uma maior utilização (com objetivos concretos) dos novos *media*, sobretudo para os Filhos e Pais. Assim, se no caso do telemóvel os inquiridos não concordam que utilizam por mais tempo porque vivem em meio rural; na televisão já há valores mais elevados de concordância sobre uma maior utilização porque residem em meio rural, verificando-se isso nas três gerações. Quanto à utilização da internet e do computador, também aqui são mais elevadas as percentagens de discordância.

De certa forma, a utilização de novos *media*, faz-se quase de forma automática, aliás, Conde (1996) já refletia sobre a forma como a televisão era usada, quase como um automatismo, ligada para fazer companhia, para assistir a algum programa ou, simplesmente, porque é hábito fazê-lo. Mas em relação aos outros *media*, talvez o seu uso passe também pela transparência, pela não reflexão de práticas diárias. Isso retira um pouco a importância da divisão entre urbano e rural, pelo menos para os residentes no último, mas coloca a ênfase nos fluxos espaciais criados, estando os novos *media* a fazer um pouco uma erosão da coordenada espacial, gerando transparência/anulação do ser ou não rural e acentuando o fluxo do uso dos *media*, da informação e da interação.

Uma dimensão de grande importância na investigação é a relação entre as diferentes gerações na utilização dos novos *media*. Era objetivo perceber se os *media* potenciam as relações de cooperação ou de conflito entre as gerações e em que contextos. Na **Tabela 48** podem ver-se os resultados retirados do grau de concordância/discordância com frases relativas à utilização simultânea e partilhada dos novos *media*.

Tabela 48. Relações de conflito entre as gerações

		Quando quero utilizar o computador/internet entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						Total
		CT	C	D	DT	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	30	79	117	121	56	25	428
	% Gerações	7,0	18,5	27,3	28,3	13,1	5,8	100,0
Pais	Frequência	7	26	117	100	112	25	387
	% Gerações	1,8	6,7	30,2	25,8	28,9	6,5	100,0
Avós	Frequência	4	10	27	27	167	52	287
	% Gerações	1,4	3,5	9,4	9,4	58,2	18,1	100,0
Total	Frequência	41	115	261	248	335	102	1.102
	% Gerações	3,7	10,4	23,7	22,5	30,4	9,3	100,0
		Quando quero utilizar a televisão entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						Total
		CT	C	D	DT	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	47	104	114	98	45	20	428
	% Gerações	11,0	24,3	26,6	22,9	10,5	4,7	100,0
Pais	Frequência	19	80	129	67	69	23	387
	% Gerações	4,9	20,7	33,3	17,3	17,8	5,9	100,0
Avós	Frequência	6	28	53	77	90	37	291
	% Gerações	2,1	9,6	18,2	26,5	30,9	12,7	100,0
Total	Frequência	72	212	296	242	204	80	1.106
	% Gerações	6,5	19,2	26,8	21,9	18,4	7,2	100,0
		Não preciso partilhar o meu telemóvel com ninguém da minha família						Total
		CT	C	D	DT	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	175	119	53	25	35	20	427
	% Gerações	41,0	27,9	12,4	5,9	8,2	4,7	100,0
Pais	Frequência	97	133	54	33	43	23	383
	% Gerações	25,3	34,7	14,1	8,6	11,2	6,0	100,0
Avós	Frequência	47	47	33	24	94	41	286
	% Gerações	16,4	16,4	11,5	8,4	32,9	14,3	100,0
Total	Frequência	319	299	140	82	172	84	1.096
	% Gerações	29,1	27,3	12,8	7,5	15,7	7,7	100,0
		O meu computador é utilizado apenas por mim						Total
		CT	C	D	DT	NA	NS/NR	
Filhos	Frequência	108	63	133	49	51	21	425
	% Gerações	25,4	14,8	31,3	11,5	12,0	4,9	100,0
Pais	Frequência	19	32	113	79	114	29	386
	% Gerações	4,9	8,3	29,3	20,5	29,5	7,5	100,0
Avós	Frequência	7	16	21	19	170	52	285
	% Gerações	2,5	5,6	7,4	6,7	59,6	18,2	100,0
Total	Frequência	134	111	267	147	335	102	1.096
	% Gerações	12,2	10,1	24,4	13,4	30,6	9,3	100,0

Legenda: CT: Concordo totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo totalmente; NA: Não se aplica à minha situação; NS/NR: Não sei/Não respondo

Através da análise da tabela anterior é possível verificar que, na sua maioria, as relações de conflito não são muito frequentes entre os diferentes membros da família na utilização dos novos *media* no geral. No entanto, percebe-se que a utilização da televisão é, algumas vezes, considerada pelas gerações dos Pais e dos Filhos, como um elemento de conflito, talvez nos lares onde existam um ou dois aparelhos, e onde nem todos os compartimentos têm o seu. Dos dados anteriores, conclui-se que o telemóvel será o dispositivo mais pessoal dos inquiridos, onde a partilha não é um problema, uma vez que não acontece. Em relação ao computador é um artefacto que talvez também exista em número reduzido em cada casa, ou mesmo que não exista, ou ainda que haja regras explícitas para a sua utilização, razões para os valores de discordância serem mais elevados do que os de concordância com a frase.

Ainda de evidenciar as percentagens da opção NA (Não se aplica à minha situação), que poderão ser, mais uma vez, um forte indicador da não utilização dos dispositivos, no caso concreto, do computador, da televisão e do telemóvel. Os valores mais elevados encontram-se na geração dos Avós, mas os Pais apresentam percentagens mais altas relativamente ao computador, que pode ser um indicador da situação profissional, que não exige a utilização de computador para o seu desempenho, logo, o interesse em utilizar em contexto doméstico é reduzido.

No seguimento dos dados anteriores, será pertinente analisar os resultados da investigação *As crianças e a internet* (Almeida, *et al.*, 2011), para o qual foram realizadas entrevistas a pais, crianças e professores. Concluiu-se que são mais inexistentes os conflitos na utilização dos *media* do que frequentes. Mas, quando existem, é mais entre irmãos e entre pais e filhos.

Tabela 49. Conflitos entre quem

	N	%
Ego e Irmãos	25	16,2
Ego e Pais	15	9,7
Irmãos entre si	2	1,3
Pais entre si	2	1,3
Não existente	108	70,1
Irmãos e Pais	2	1,3
Total	154	100,0

Fonte: Almeida *et al.* (2011, p. 34 (Anexos))

Ainda em relação a outro estudo, *Novos media e relações inter-geracionais* (Pereira, 2011), a conclusão relativamente às relações familiares devido à utilização dos novos *media*, vai no sentido de não existirem conflitos muito evidentes, sobretudo entre

filhos e pais. Aliás, o conhecimento que os filhos detêm sobre os novos *media* é algo que os seus pais valorizam e até a ele recorrem quando precisam, sendo, por isso, mais privilegiada a cooperação entre gerações do que os conflitos (Pereira, 2011, pp. 70-71).

Seguidamente, será realizada uma análise às hipóteses de trabalho e será avaliada a sua confirmação ou refutação, considerando os testes mencionados na **Tabela 28**. A escolha dos testes a aplicar partiu da análise inicial à variável dependente, pois, uma vez que a amostra tinha um valor bastante significativo, apenas se a variável dependente fosse qualitativa se aplicavam testes não-paramétricos.

5.5.4. Análise das hipóteses de investigação

Este subcapítulo tem como objetivo apresentar a análise realizada às cinco hipóteses que foram o fio condutor da investigação. De seguida, será realizada a verificação da aceitação ou rejeição da primeira hipótese:

H₁: A forma como as diferentes gerações, do meio rural, utilizam os novos media nas variadas atividades do quotidiano tende a assumir uma dimensão (frequência/número médio de horas diárias) semelhante.

Para o teste desta hipótese consideraram-se duas variáveis: a frequência de utilização dos *media* e o número médio de horas diárias da utilização dos *media*, que se verificaram para os três grupos amostrais em estudo – Filhos, Pais e Avós. A síntese dos casos calculados para a frequência de utilização dos *media* (Filhos = 423; Pais = 339 e Avós = 216) encontra-se descrita na **Tabela 50**.

Tabela 50. Sumário dos casos para a frequência de utilização dos *media*

	Grau de parentesco	Casos					
		Válidos		Não respostas		Total	
		N	%	N	%	N	%
Frequência de utilização da televisão	Filhos	423	95,9	18	4,1	441	100,0
	Pais	339	84,5	62	15,5	401	100,0
	Avós	216	69,9	93	30,1	309	100,0
Frequência de utilização do computador	Filhos	423	95,9	18	4,1	441	100,0
	Pais	339	84,5	62	15,5	401	100,0
	Avós	216	69,9	93	30,1	309	100,0
Frequência de utilização da internet	Filhos	423	95,9	18	4,1	441	100,0
	Pais	339	84,5	62	15,5	401	100,0
	Avós	216	69,9	93	30,1	309	100,0
Frequência de utilização do telemóvel	Filhos	423	95,9	18	4,1	441	100,0
	Pais	339	84,5	62	15,5	401	100,0
	Avós	216	69,9	93	30,1	309	100,0

A síntese dos casos calculados para a o número médio de horas diárias de utilização dos *media* (Filhos = 402; Pais = 293 e Avós = 56) pode ser verificada na **Tabela 51**.

Tabela 51. Sumário dos casos para o número médio de horas diárias de utilização dos *media*

	Grau de parentesco	Casos					
		Válidos		Não respostas		Total	
		N	%	N	%	N	%
Televisão	Filhos	402	91,2	39	8,8	441	100,0
	Pais	293	73,1	108	26,9	401	100,0
	Avós	56	18,1	253	81,9	309	100,0
Computador	Filhos	402	91,2	39	8,8	441	100,0
	Pais	293	73,1	108	26,9	401	100,0
	Avós	56	18,1	253	81,9	309	100,0
Internet	Filhos	402	91,2	39	8,8	441	100,0
	Pais	293	73,1	108	26,9	401	100,0
	Avós	56	18,1	253	81,9	309	100,0
Telemóvel	Filhos	402	91,2	39	8,8	441	100,0
	Pais	293	73,1	108	26,9	401	100,0
	Avós	56	18,1	253	81,9	309	100,0

Uma vez que o consumo dos novos *media* (frequência de utilização) é medido através de escala tipo *Likert* (1-Diariamente a 5-Nunca), e é uma variável tratada como quantitativa (dependente); que o consumo dos novos *media* (média das horas diárias) é, igualmente, medido através de escala tipo *Likert* (1-Mais de 12 horas por dia a 6-Menos de 1 hora por dia), e é uma variável tratada como quantitativa (dependente); e que a geração (Filhos, Pais e Avós) é a variável qualitativa (independente), que define três grupos independentes, conclui-se que se pode aplicar o teste paramétrico *one-way ANOVA*.

Tabela 52. Teste *One-way ANOVA* à frequência de utilização dos *media*

		Soma dos quadrados	gl	Média dos quadrados	F	Sig.
Televisão	Entre os grupos	0,069	2	0,034	0,094	0,910
	Dentro dos grupos	412,683	1.129	0,366		
	Total	412,752	1.131			
Computador	Entre os grupos	1746,851	2	873,426	412,921	0,000
	Dentro dos grupos	2127,930	1.006	2,115		
	Total	3874,781	1.008			
Internet	Entre os grupos	1646,416	2	823,208	349,977	0,000
	Dentro dos grupos	2335,712	993	2,352		
	Total	3982,129	995			
Telemóvel	Entre os grupos	369,362	2	184,681	91,428	0,000
	Dentro dos grupos	2173,478	1.076	2,020		
	Total	2542,840	1.078			

Não existem evidências estatísticas para se afirmar que a utilização da televisão seja significativamente diferente nas três gerações ($F_{(2;1.129)} = 0,094$; $p\text{-value} = 0,910$), ou seja, pertencer a determinada geração não influencia a utilização da televisão. A hipótese, relativamente à televisão, é, por isso, aceite. No entanto, relativamente aos outros *media* conclui-se que há diferenças no seu consumo nos diferentes grupos ($\text{Sig.} = 0,000 < 0,05$).

Para verificar em que grupos há diferenças, realizou-se o teste *Games-Howell* (uma vez que não há homogeneidade das variâncias):

Tabela 53. Teste *Games-Howell* à frequência de utilização dos *media*

Variável dependente	(I) Grau de parentesco	(J) Grau de parentesco	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança de 95%	
						Límite mais baixo	Límite mais elevado
Frequência de utilização da televisão	Filhos	Pais	-0,015	0,044	0,941	-0,12	0,09
		Avós	0,003	0,041	0,996	-0,09	0,10
	Pais	Filhos	0,015	0,044	0,941	-0,09	0,12
		Avós	0,018	0,046	0,918	-0,09	0,13
	Avós	Filhos	-0,003	0,041	0,996	-0,10	0,09
		Pais	-0,018	0,046	0,918	-0,13	0,09
Frequência de utilização do computador	Filhos	Pais	-0,748 [*]	0,102	0,000	-0,99	-0,51
		Avós	-3,427 [*]	0,128	0,000	-3,73	-3,13
	Pais	Filhos	0,748 [*]	0,102	0,000	0,51	0,99
		Avós	-2,679 [*]	0,151	0,000	-3,03	-2,32
	Avós	Filhos	3,427 [*]	0,128	0,000	3,13	3,73
		Pais	2,679 [*]	0,151	0,000	2,32	3,03
Frequência de utilização da internet	Filhos	Pais	-0,769 [*]	0,112	0,000	-1,03	-0,50
		Avós	-3,349 [*]	0,127	0,000	-3,65	-3,05
	Pais	Filhos	0,769 [*]	0,112	0,000	0,50	1,03
		Avós	-2,581 [*]	0,151	0,000	-2,93	-2,23
	Avós	Filhos	3,349 [*]	0,127	0,000	3,05	3,65
		Pais	2,581 [*]	0,151	0,000	2,23	2,93
Frequência de utilização do telemóvel	Filhos	Pais	0,196 [*]	0,072	0,017	0,03	0,36
		Avós	-1,252 [*]	0,148	0,000	-1,60	-0,90
	Pais	Filhos	-0,196 [*]	0,072	0,017	-0,36	-0,03
		Avós	-1,448 [*]	0,141	0,000	-1,78	-1,12
	Avós	Filhos	1,252 [*]	0,148	0,000	0,90	1,60
		Pais	1,448 [*]	0,141	0,000	1,12	1,78

*. A diferença média é significativa no nível 0.05.

Através do teste *Games-Howell* verifica-se que há diferenças significativas em todos os grupos (Filhos, Pais e Avós) no que à utilização do computador, internet e telemóvel diz respeito (Sig. < 0,05), no entanto, relativamente à frequência de utilização da televisão essas diferenças não se verificam (Sig. > 0,05).

Para terminar e se concluir se se rejeita ou não a hipótese enunciada, elaboraram-se os mesmos testes ao número médio de horas de utilização diária dos novos *media*:

Tabela 54. Teste *One-way ANOVA* ao número médio de horas diárias de utilização dos *media*

		Soma dos quadrados	gl	Média dos quadrados	F	Sig.
Média de horas por dia de utilização da televisão	Entre os grupos	36,927	2	18,464	13,601	0,000
	Dentro dos grupos	1534,020	1130	1,358		
	Total	1570,948	1132			
Média de horas por dia de utilização do computador	Entre os grupos	16,347	2	8,173	5,218	0,006
	Dentro dos grupos	1254,562	801	1,566		
	Total	1270,909	803			
Média de horas por dia de utilização da internet	Entre os grupos	47,979	2	23,989	17,754	0,000
	Dentro dos grupos	1037,725	768	1,351		
	Total	1085,704	770			
Média de horas por dia de utilização do telemóvel	Entre os grupos	440,381	2	220,190	71,604	0,000
	Dentro dos grupos	2933,676	954	3,075		
	Total	3374,056	956			

Como o nível de significância (Sig.) < 0,05 para o número médio de horas diárias de utilização dos *media*, então, rejeita-se a hipótese, significando que os grupos se distinguem de forma estatisticamente significativa relativamente ao consumo de todos os *media*.

Para verificar em que grupos há diferenças, realizou-se o teste *Games-Howell* (uma vez que não há homogeneidade das variâncias):

Tabela 55. Teste *Games-Howell* à frequência de utilização dos *media*

Variável dependente	(I) Grau de parentesco	(J) Grau de parentesco	Diferença média (I-J)	Erro padrão	Sig.	Intervalo de confiança de 95%	
						Limite mais baixo	Limite mais elevado
Média de horas por dia de utilização da televisão	Filhos	Pais	-0,333 [*]	0,078	0,000	-0,52	-0,15
		Avós	0,092	0,093	0,583	-0,13	0,31
	Pais	Filhos	0,333 [*]	0,078	0,000	0,15	0,52
		Avós	0,426 [*]	0,086	0,000	0,22	0,63
	Avós	Filhos	-0,092	0,093	0,583	-0,31	0,13
		Pais	-0,426 [*]	0,086	0,000	-0,63	-0,22
Média de horas por dia de utilização do computador	Filhos	Pais	-0,109	0,094	0,479	-0,33	0,11
		Avós	-0,544 [*]	0,173	0,007	-0,96	-0,13
	Pais	Filhos	0,109	0,094	0,479	-0,11	0,33
		Avós	-0,435 [*]	0,179	0,045	-0,86	-0,01
	Avós	Filhos	0,544 [*]	0,173	0,007	0,13	0,96
		Pais					

		Pais	0,435*	0,179	0,045	0,01	0,86
Média de horas por dia de utilização da internet	Filhos	Pais	-0,440*	0,088	0,000	-0,65	-0,23
		Avós	-0,705*	0,149	0,000	-1,06	-0,35
	Pais	Filhos	0,440*	0,088	0,000	0,23	0,65
		Avós	-0,265	0,152	0,195	-0,63	0,10
	Avós	Filhos	0,705*	0,149	0,000	0,35	1,06
		Pais	0,265	0,152	0,195	-0,10	0,63
Média de horas por dia de utilização do telemóvel	Filhos	Pais	-1,268*	0,129	0,000	-1,57	-0,97
		Avós	-1,539*	0,143	0,000	-1,87	-1,20
	Pais	Filhos	1,268*	0,129	0,000	0,97	1,57
		Avós	-0,271	0,130	0,095	-0,58	0,04
	Avós	Filhos	1,539*	0,143	0,000	1,20	1,87
		Pais	0,271	0,130	0,095	-0,04	0,58

*. A diferença média é significativa no nível 0.05.

No teste *Games-Howell*, para os valores de nível de significância (Sig.) > 0,05 não há diferenças entre os Filhos e os Avós no que à utilização da televisão diz respeito (Sig. = 0,583). Relativamente à utilização do computador, não há diferenças estatisticamente significativas entre os Filhos e os Pais (Sig. = 0,479) e em relação à internet e ao telemóvel as diferenças não se encontram entre os Pais e os Avós (Sig. = 0,195 e Sig. = 0,095, respetivamente).

Tendo em consideração que as gerações em estudo são aquelas às quais pertencem os Filhos (1990, 2000), os Pais (1960, 1970) e os Avós (1930, 1940, 1950), com maior predominância para as décadas de 1950, 1970 e 1990, não se pode, de facto, afirmar que todas as gerações utilizam todos os *media* – televisão, computador, internet e telemóvel – de forma semelhante. Os testes realizados permitem concluir que as maiores semelhanças se encontram na utilização da televisão, no entanto, relativamente ao computador, internet e telemóvel há diferenças na forma (frequência e número médio de horas diárias) como os diferentes grupos os utilizam. A hipótese 1 será, por isso, rejeitada. Relativamente a este tópico, os *focus groups* já tinham dado algumas informações relevantes, nomeadamente, no que diz respeito à utilização do computador e do telemóvel pelos indivíduos que pertenciam às gerações de 50 e 70, ou seja, que ainda se encontram em idade ativa, de trabalho. Nos excertos conseguiu perceber-se que há um sentimento de obrigatoriedade para a utilização daqueles dois dispositivos, enquanto a televisão remete antes para uma utilização por entretenimento. Algo que é diferente na

geração de 90, uma vez que também o telemóvel e o computador são vistos como forma de entretenimento.

Para a diferença de utilização dos novos *media* vários fatores podem contribuir, ou porque se tem uma familiaridade com os artefactos que não permite criar resistências; ou porque a situação profissional obriga à sua utilização; ou porque as gerações mais novas vão motivando a aprendizagem e o uso; entre muitos outros que poderão estar relacionados com variáveis etárias, geográficas, culturais... O fator escolaridade é também muito importante, porque, como referem Thomas e Parayil (2008), se forem facultados meios materiais – computadores e internet – a determinada pessoa, mas o seu nível de escolaridade for baixo, pode até existir uma utilização desses meios, no entanto, será privada de determinadas competências pela falta de conhecimento (Thomas & Parayil, 2008, p. 413).

Assim, segundo Furtado (2007), podem ocorrer dois tipos de divisão digital entre indivíduos, a que se refere ao acesso e a que está relacionada com o uso (Furtado, 2007, p. 98), com os conhecimentos para o fazer. Divisão que foi explicada por Warschauer (2002) quando colocou em comparação duas variáveis importantes para a utilização dos *media*: a literacia e o acesso. Para o autor, a divisão digital é a relação entre estas duas condições, que se deverá analisar tendo em conta características de ambos, nomeadamente, a era económica, o artefacto, as aptidões pessoais, etc. Assim, se para os Filhos, a geração em que nasceram foi aquela em que se deu um maior desenvolvimento de tecnologias; se aos Avós a televisão sempre os acompanhou, sobretudo, a partir da juventude, mas o computador e a internet já são bastante mais estranhos; e, se para os Pais traz mais vantagens associadas a utilização do telemóvel e do computador/internet; então são fatores mais do que suficientes (juntamente com muitos outros) para que a utilização de alguns *media* vá ocorrendo mais em determinada geração do que noutra.

Passando, agora, ao teste da segunda hipótese:

H₂: A utilização de ecrãs, em meio rural, pelas diferentes gerações é realizada nos vários contextos sociais (lazer, familiar e laboral/escolar).

Optou-se pelo teste não-paramétrico de *independência do Qui-quadrado*, uma vez que se tem uma variável dependente qualitativa (utilização dos *media* nos diferentes contextos – familiar, laboral/escolar e de lazer) e uma variável independente qualitativa

também, as gerações (Filhos, Pais e Avós) e se pretende comprovar se estão relacionadas.

Tabela 56. Utilização dos novos *media*-ecrãs nos diferentes contextos, pelas diferentes gerações

Utilização de novos <i>media</i> -ecrãs			Geração			Total	X ²	p
			Filhos	Pais	Avós			
Contexto familiar	Não	Frequência	4	37	38	79	42,255	0,000
		% Geração	0,9	9,2	12,3	6,9		
	Sim	Frequência	437	364	271	1072		
		% Geração	99,1	90,8	87,7	93,1		
	Total	Frequência	441	401	309	1.151		
		% Geração	100,0	100,0	100,0	100,0		
Contexto laboral/ escolar	Não	Frequência	107	182	270	559	292,243	0,000
		% Geração	24,3	45,4	87,4	48,6		
	Sim	Frequência	334	219	39	592		
		% Geração	75,7	54,6	12,6	51,4		
	Total	Frequência	441	401	309	1.151		
		% Geração	100,0	100,0	100,0	100,0		
Contexto de lazer	Não	Frequência	68	177	180	425	156,881	0,000
		% Geração	15,4	44,1	58,3	36,9		
	Sim	Frequência	373	224	129	726		
		% Geração	84,6	55,9	41,7	63,1		
	Total	Frequência	441	401	309	1.151		
		% Geração	100,0	100,0	100,0	100,0		

Verifica-se que a utilização dos novos *media* ocorre maioritariamente no contexto familiar (em casa) e, sobretudo, pela geração dos Filhos. Aliás, é esta mesma geração que mais utiliza os *media* em todos os contextos. No entanto, a grande diferença é no caso da utilização em contexto laboral por parte dos Avós, uma vez que muitos já se encontram em situação de reforma. Através do *teste do Qui-quadrado* pode confirmar-se esta diferença. Como o valor do nível de significância (*p-value*) = 0,000 para a utilização dos *media* nos diferentes contextos, pode, então, afirmar-se que há diferenças estatisticamente significativas nessa utilização dependendo da geração. E, neste sentido iam também os resultados dos diários, que indicavam que o contexto casa era o mais habitual para utilização da televisão, no entanto, o computador e o telemóvel foram mais

mencionados como utilizados em contexto laboral ou, e apenas para o telemóvel, em outros locais (eventualmente, a rua).

De facto, a hipótese é verdadeira, as diferentes gerações utilizam os *media*-ecrãs nos vários contextos, mas essa utilização não é realizada de forma semelhante entre Filhos, Pais e Avós. Tal evidência pode estar relacionada, mais uma vez, com características como a situação profissional, mas, igualmente, com o à vontade que se detém com as tecnologias e a necessidade ou motivação para a sua utilização, algo que se pode aplicar ao caso do computador, da internet e do telemóvel, mas que dificilmente se aplica à televisão. Segundo Silverstone (1992), a família sofreu uma reestruturação em quatro fases – apropriação, objetivação, incorporação e conversão – com o objetivo de incorporar a televisão, daí que se justifique que a sua utilização seja semelhante para todas as gerações, porque ocupa um lugar privilegiado no seio familiar (Silverstone *et al.*, 1992, pp. 47-52), mas talvez não se aplique aos outros *media*.

Em relação ao contexto laboral/escolar, as mudanças que as tecnologias têm promovido (e que a geração dos Avós dificilmente acompanhou por se encontrarem, maioritariamente, em situação de reforma), assumem vários contornos. Se, por exemplo, a referência for feita às características do negócio, o surgimento de situações como o *e-commerce*, o *e-governance*, etc. são cada vez mais frequentes; mas na escola surgiram também novos conceitos como o *e-learning* ou o *m-learning* como novas tendências da relação ensino-aprendizagem. A frequência com que se utilizam novos *media* no contexto laboral origina a que Agger (2011) designe o *smartphone* como a nova fábrica, que deve estar sempre disponível, com o escritório a assumir características de mobilidade e ubiquidade. E, para os alunos, tal também se verifica, é cada vez maior a possibilidade que têm de interagir com professores através das tecnologias (sobretudo, através de *email* ou redes sociais), mas, igualmente, de pesquisarem eles próprios assuntos sobre a matéria que estão a estudar no momento em que o estão a fazer, devido à crescente utilização de computadores em sala de aula.

O lazer será, talvez, o contexto que mais tem sofrido as consequências desta utilização elevada de tecnologias nos restantes (familiar e laboral/escolar). Alteram-se hábitos, integram-se novos artefactos no quotidiano e nas diversas atividades diárias, reorganizam-se os tempos de lazer (Cardoso, 2009b, p. 10).

Será testada, de seguida, a terceira hipótese:

H₃: O acesso aos novos media (ecrãs) depende de variáveis como: situação socioprofissional, escolaridade e sexo, mais do que da idade e da localização geográfica (rural/urbano).

Esta hipótese coloca em relação a aquisição dos novos *media* com diferentes variáveis. Como a variável dependente é qualitativa, para o seu teste será realizada a análise de *independência do Qui-quadrado*. Como estão em relação várias variáveis independentes o teste foi realizado para todas elas separadamente, de forma a se perceber a dependência do acesso aos *media* em relação a cada uma.

Uma vez que algumas variáveis apresentavam valores inferiores a cinco, situação que não permite a realização do teste do *Qui-quadrado* com a exatidão necessária, algumas variáveis/respostas foram reagrupadas. Assim, a variável *Acesso aos media* teve que ser reagrupada numa nova escala – Fácil, Medianamente fácil e Difícil –, em Fácil incluem-se as respostas dadas em Muito fácil, e em Difícil incluem-se as respostas de Muito difícil. A variável *Situação socioprofissional*, para além do reagrupamento de algumas respostas, foram ainda consideradas como não respostas as assinaladas em Militar e Técnico superior, por não apresentarem valores significativos.

Alguns escalões etários foram igualmente reagrupados: como o grupo dos 21 aos 30 anos tinha frequências muito reduzidas introduziram-se esses valores num novo escalão dos 11 aos 30 anos. Pela mesma razão constitui-se o escalão dos 81 aos 100 anos. E na escolaridade houve também necessidade de se organizar as respostas dos inquiridos pelos principais ciclos de estudos, incluindo-se neles também quem tinha assinalado algum ciclo como incompleto.

Tabela 57. Teste do *Qui-quadrado* para Acesso aos *media* e Situação socioprofissional

			Situação socioprofissional							Total	X²	p
			Empregado por conta própria	Func. público/ Administrativo ou de serviços	Agricultor/ Operário fabril/ Trabalhador familiar não remunerado	Desempregado	Estudante	Reformado/ Pré-reforma				
Acesso a televisão	Fácil	Frequência	37	63	20	24	211	84	439	21,923	0,016	
		% Acesso a televisão	8,4	14,4	4,6	5,5	48,1	19,1	100,0			
	Medianamente fácil	Frequência	24	45	24	24	129	81	327			
		% Acesso a televisão	7,3	13,8	7,3	7,3	39,4	24,8	100,0			
	Difícil	Frequência	9	33	6	11	62	52	173			
		% Acesso a televisão	5,2	19,1	3,5	6,4	35,8	30,1	100,0			
Total		Frequência	70	141	50	59	402	217	939			
		% Acesso a televisão	7,5	15,0	5,3	6,3	42,8	23,1	100,0			
Acesso a computador	Fácil	Frequência	19	41	12	11	166	15	264	28,208	0,002	
		% Acesso a computador	7,2	15,5	4,5	4,2	62,9	5,7	100,0			
	Medianamente fácil	Frequência	24	55	16	24	143	23	285			
		% Acesso a computador	8,4	19,3	5,6	8,4	50,2	8,1	100,0			
	Difícil	Frequência	15	37	9	11	88	32	192			
		% Acesso a computador	7,8	19,3	4,7	5,7	45,8	16,7	100,0			
Total		Frequência	58	133	37	46	397	70	741			
		% Acesso a computador	7,8	17,9	5,0	6,2	53,6	9,4	100,0			
Acesso a internet	Fácil	Frequência	18	32	11	11	148	17	237	19,114	0,039	
		% Acesso a internet	7,6	13,5	4,6	4,6	62,4	7,2	100,0			
	Medianamente fácil	Frequência	23	60	15	20	128	24	270			
		% Acesso a internet	8,5	22,2	5,6	7,4	47,4	8,9	100,0			
	Difícil	Frequência	15	41	8	8	108	27	207			
		% Acesso a internet	7,2	19,8	3,9	3,9	52,2	13,0	100,0			
Total		Frequência	56	133	34	39	384	68	714			
		% Acesso a internet	7,8	18,6	4,8	5,5	53,8	9,5	100,0			
Acesso a telemóvel	Fácil	Frequência	33	64	16	22	216	46	397	30,135	0,001	
		% Acesso a telemóvel	8,3	16,1	4,0	5,5	54,4	11,6	100,0			
	Medianamente fácil	Frequência	27	52	24	25	111	59	298			
		% Acesso a telemóvel	9,1	17,4	8,1	8,4	37,2	19,8	100,0			
	Difícil	Frequência	9	23	5	8	64	30	139			
		% Acesso a telemóvel	6,5	16,5	3,6	5,8	46,0	21,6	100,0			
Total		Frequência	69	139	45	55	391	135	834			
		% Acesso a telemóvel	8,3	16,7	5,4	6,6	46,9	16,2	100,0			

Tabela 58. Teste do Qui-quadrado para Acesso aos *media* e Escolaridade

			Escolaridade						Total	X²	p
			Analfabeto	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ensino secundário	Ensino superior			
Acesso a televisão	Fácil	Frequência	72	256	30	41	43	32	474	11,642	0,310
		% Acesso a televisão	15,2	54,0	6,3	8,6	9,1	6,8	100,0		
	Medianamente fácil	Frequência	58	180	28	44	34	26	370		
		% Acesso a televisão	15,7	48,6	7,6	11,9	9,2	7,0	100,0		
	Difícil	Frequência	41	81	18	19	19	15	193		
		% Acesso a televisão	21,2	42,0	9,3	9,8	9,8	7,8	100,0		
Total		Frequência	171	517	76	104	96	73	1.037		
		% Acesso a televisão	16,5	49,9	7,3	10,0	9,3	7,0	100,0		
Acesso a computador	Fácil	Frequência	49	147	17	29	26	22	290	12,645	0,244
		% Acesso a computador	16,9	50,7	5,9	10,0	9,0	7,6	100,0		
	Medianamente fácil	Frequência	57	125	26	40	44	27	319		
		% Acesso a computador	17,9	39,2	8,2	12,5	13,8	8,5	100,0		
	Difícil	Frequência	30	90	17	25	23	23	208		
		% Acesso a computador	14,4	43,3	8,2	12,0	11,1	11,1	100,0		
Total		Frequência	136	362	60	94	93	72	817		
		% Acesso a computador	16,6	44,3	7,3	11,5	11,4	8,8	100,0		
Acesso a internet	Fácil	Frequência	43	130	18	24	23	22	260	12,055	0,281
		% Acesso a internet	16,5	50,0	6,9	9,2	8,8	8,5	100,0		
	Medianamente fácil	Frequência	45	123	21	39	45	30	303		
		% Acesso a internet	14,9	40,6	6,9	12,9	14,9	9,9	100,0		
	Difícil	Frequência	44	94	18	27	23	20	226		
		% Acesso a internet	19,5	41,6	8,0	11,9	10,2	8,8	100,0		
Total		Frequência	132	347	57	90	91	72	789		
		% Acesso a internet	16,7	44,0	7,2	11,4	11,5	9,1	100,0		
Acesso a telemóvel	Fácil	Frequência	65	217	28	45	40	31	426	10,393	0,407
		% Acesso a telemóvel	15,3	50,9	6,6	10,6	9,4	7,3	100,0		
	Medianamente fácil	Frequência	44	149	32	44	41	30	340		
		% Acesso a telemóvel	12,9	43,8	9,4	12,9	12,1	8,8	100,0		
	Difícil	Frequência	26	79	13	12	14	13	157		
		% Acesso a telemóvel	16,6	50,3	8,3	7,6	8,9	8,3	100,0		
Total		Frequência	135	445	73	101	95	74	923		
		% Acesso a telemóvel	14,6	48,2	7,9	10,9	10,3	8,0	100,0		

Tabela 59. Teste do *Qui-quadrado* para Acesso aos *media* e Sexo

			Sexo		Total	X²	p
			Masculino	Feminino			
Acesso a televisão	Fácil	Frequência	141	322	463	3,673	0,159
		% Acesso a televisão	30,5	69,5	100,0		
	Medianamente fácil	Frequência	137	236	373		
		% Acesso a televisão	36,7	63,3	100,0		
	Difícil	Frequência	64	130	194		
		% Acesso a televisão	33,0	67,0	100,0		
Total		Frequência	342	688	1.030		
		% Acesso a televisão	33,2	66,8	100,0		
Acesso a computador	Fácil	Frequência	95	187	282	1,148	0,563
		% Acesso a computador	33,7	66,3	100,0		
	Medianamente fácil	Frequência	120	197	317		
		% Acesso a computador	37,9	62,1	100,0		
	Difícil	Frequência	77	134	211		
		% Acesso a computador	36,5	63,5	100,0		
Total		Frequência	292	518	810		
		% Acesso a computador	36,0	64,0	100,0		
Acesso a internet	Fácil	Frequência	85	167	252	2,571	0,276
		% Acesso a internet	33,7	66,3	100,0		
	Medianamente fácil	Frequência	109	192	301		
		% Acesso a internet	36,2	63,8	100,0		
	Difícil	Frequência	94	137	231		
		% Acesso a internet	40,7	59,3	100,0		
Total		Frequência	288	496	784		
		% Acesso a internet	36,7	63,3	100,0		
Acesso a telemóvel	Fácil	Frequência	138	281	419	1,600	0,449
		% Acesso a telemóvel	32,9	67,1	100,0		
	Medianamente fácil	Frequência	125	213	338		
		% Acesso a telemóvel	37,0	63,0	100,0		
	Difícil	Frequência	52	107	159		
		% Acesso a telemóvel	32,7	67,3	100,0		
Total		Frequência	315	601	916		
		% Acesso a telemóvel	34,4	65,6	100,0		

Tabela 60. Teste do *Qui-quadrado* para Acesso aos *media* e Escalões etários

			Escalões etários								Total	X²	p
			11 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 60 anos	61 a 70 anos	71 a 80 anos	81 a 100 anos				
Acesso a televisão	Fácil	Frequência	208	41	87	28	39	46	10	459	21,886	0,039	
		% Acesso a televisão	45,3	8,9	19,0	6,1	8,5	10,0	2,2	100,0			
	Medianamente fácil	Frequência	124	41	84	22	31	35	14	351			
		% Acesso a televisão	35,3	11,7	23,9	6,3	8,8	10,0	4,0	100,0			
	Difícil	Frequência	59	20	38	9	19	30	9	184			
		% Acesso a televisão	32,1	10,9	20,7	4,9	10,3	16,3	4,9	100,0			
Total		Frequência	391	102	209	59	89	111	33	994			
		% Acesso a televisão	39,3	10,3	21,0	5,9	9,0	11,2	3,3	100,0			
Acesso a computador	Fácil	Frequência	164	19	59	19	9	8	2	280	37,048	0,000	
		% Acesso a computador	58,6	6,8	21,1	6,8	3,2	2,9	0,7	100,0			
	Medianamente fácil	Frequência	137	45	83	18	13	12	0	308			
		% Acesso a computador	44,5	14,6	26,9	5,8	4,2	3,9	0,0	100,0			
	Difícil	Frequência	84	27	49	8	14	15	4	201			
		% Acesso a computador	41,8	13,4	24,4	4,0	7,0	7,5	2,0	100,0			
Total		Frequência	385	91	191	45	36	35	6	789			
		% Acesso a computador	48,8	11,5	24,2	5,7	4,6	4,4	0,8	100,0			
Acesso a internet	Fácil	Frequência	147	14	55	16	9	9	2	252	30,475	0,002	
		% Acesso a internet	58,3	5,6	21,8	6,3	3,6	3,6	0,8	100,0			
	Medianamente fácil	Frequência	124	43	81	19	12	11	1	291			
		% Acesso a internet	42,6	14,8	27,8	6,5	4,1	3,8	0,3	100,0			
	Difícil	Frequência	101	30	51	7	15	13	3	220			
		% Acesso a internet	45,9	13,6	23,2	3,2	6,8	5,9	1,4	100,0			
Total		Frequência	372	87	187	42	36	33	6	763			
		% Acesso a internet	48,8	11,4	24,5	5,5	4,7	4,3	0,8	100,0			
Acesso a telemóvel	Fácil	Frequência	211	42	85	25	22	21	7	413	36,281	0,000	
		% Acesso a telemóvel	51,1	10,2	20,6	6,1	5,3	5,1	1,7	100,0			
	Medianamente fácil	Frequência	107	44	91	21	34	26	5	328			
		% Acesso a telemóvel	32,6	13,4	27,7	6,4	10,4	7,9	1,5	100,0			
	Difícil	Frequência	62	14	31	9	19	15	1	151			
		% Acesso a telemóvel	41,1	9,3	20,5	6,0	12,6	9,9	0,7	100,0			
Total		Frequência	380	100	207	55	75	62	13	892			
		% Acesso a telemóvel	42,6	11,2	23,2	6,2	8,4	7,0	1,5	100,0			

Uma vez que as variáveis em estudo (situação socioprofissional, escolaridade, sexo, escalões etários e acesso aos novos *media*) foram todas tratadas como nominais e se pretende verificar se a situação socioprofissional, a escolaridade, o sexo e o escalão etário estão relacionados com o acesso aos *media*, aplicou-se o teste de *independência do Qui-quadrado*. O acesso aos *media* era neste caso percecionado como a facilidade ou dificuldade com que os inquiridos se deparavam para adquirir as tecnologias em estudo – televisão, computador, internet e telemóvel –, ou seja, questionava-se se foi fácil encontrar informação sobre o artefacto que queriam comprar e se o encontraram na localidade onde residiam ou foi necessário deslocarem-se a outra para o adquirir. Assim, está mais em evidência a dimensão geográfica, ou seja, o facto de se residir em meio rural, do que questões relacionadas com a utilização.

Para um nível de significância de 0,05 existem evidências estatísticas para se afirmar que a situação socioprofissional e a idade estão relacionados com o acesso aos *media*, ou seja, estas variáveis influenciam a facilidade ou dificuldade com que se acede à televisão, computador, internet e telemóvel. No entanto, a escolaridade e o sexo não estão relacionados com o acesso aos *media*, uma vez que o valor de significância é superior a 0,05. Conclui-se, por isso, que a hipótese não se confirma, exceto no que diz respeito à situação socioprofissional dos inquiridos (algo que pode ser justificado porque exercer uma profissão poderá possibilitar o acesso a informação sobre os *media* ou sobre algum modelo específico que se queira adquirir); da mesma forma que a idade também facilita o acesso a informação ou a artefactos que se pretendam. Aliás, também nos *focus groups* os participantes mencionaram esta questão do acesso, referindo que, o facto de residirem no meio rural, e agora evidenciando a questão geográfica, pode originar um acesso mais lento à internet ou mesmo a deslocação a meios urbanos para a aquisição de modelos específicos ou a preços mais baixos.

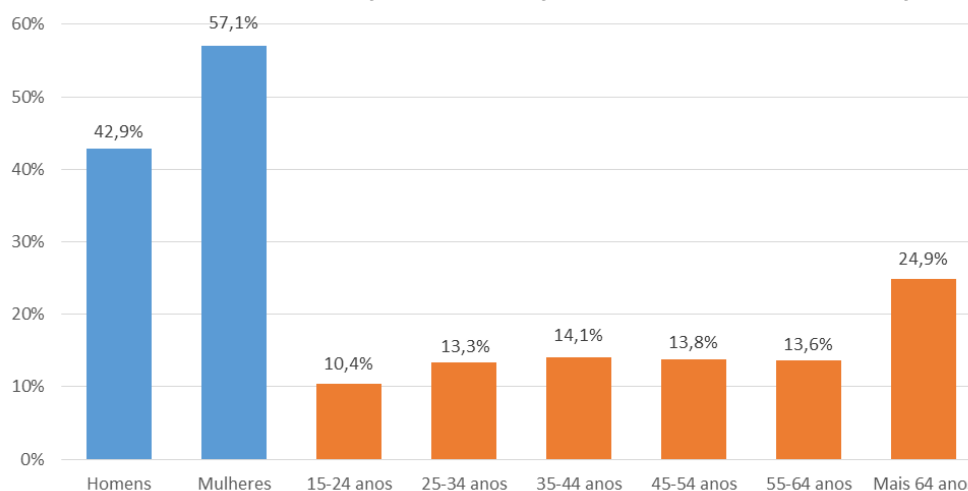
Continuando a análise da situação socioprofissional, quem indicou que exercia um emprego por conta própria, ou mesmo os estudantes, são grupos favorecidos em relação a esse acesso, enquanto os agricultores/operários fabris/trabalhadores familiares não remunerados, desempregados e reformados ou em situação de pré-reforma já acham mais difícil aceder aos artefactos que desejam. Tal facto está também estritamente relacionado com a idade, uma vez que são os escalões mais baixos (11 a 30 anos) os que indicam o estudo como a sua atividade profissional, logo, através da escola acedem aos *media*, e, no outro extremo estão os reformados, com idades mais elevadas (61 a 100 anos), que já se encontram excluídos do mercado profissional e, eventualmente,

mais afastados das informações necessárias à aquisição dos *media* e dos modelos existentes. Outra faixa etária com percentagens mais altas de acesso aos *media* é a dos indivíduos com 41 a 50 anos, mais uma vez, talvez por serem profissionalmente ativos.

Para as variáveis escolaridade e sexo as conclusões vão no sentido contrário das anteriores, ou seja, estas não influenciam a facilidade ou dificuldade com que se acede aos novos *media*, em termos de informação e tipo de tecnologia que se pretende adquirir. De facto, quer a habilitação literária, quer ser homem ou mulher pouco terão a dizer sobre aquela tendência, uma vez que o acesso a informação é igual, talvez não o seja a procura e os locais onde se poderá procurar, mas isso está mais relacionado com a residência em meio rural ou urbano. Rojas e outros investigadores (2012) alertaram para este facto, mas relativamente à utilização da tecnologia, referindo que poderá ser mais importante avaliar fatores como a condição socioprofissional, socioeconómica, ou mesmo as disposições para compreender como se faz o uso dos novos *media* (Rojas *et al.*, 2012, pp. 229-230).

As estatísticas do OberCom (Cardoso, *et al.*, 2012; Cardoso, Espanha, *et al.*, 2012) são um excelente contributo de comparação com os dados anteriores. E ainda que se refiram à utilização, essa não pode ser realizada se não houver acesso a informação sobre os *media*, bem como a disponibilidade de compra. Assim, relativamente à televisão são os escalões mais elevados que a utilizam, ou seja, os que eventualmente acederam mais facilmente a informação sobre a televisão que queriam adquirir (escalão etário dos maiores de 64 anos com 24,9% das audiências). Este grupo caracteriza-se por estar reformado.

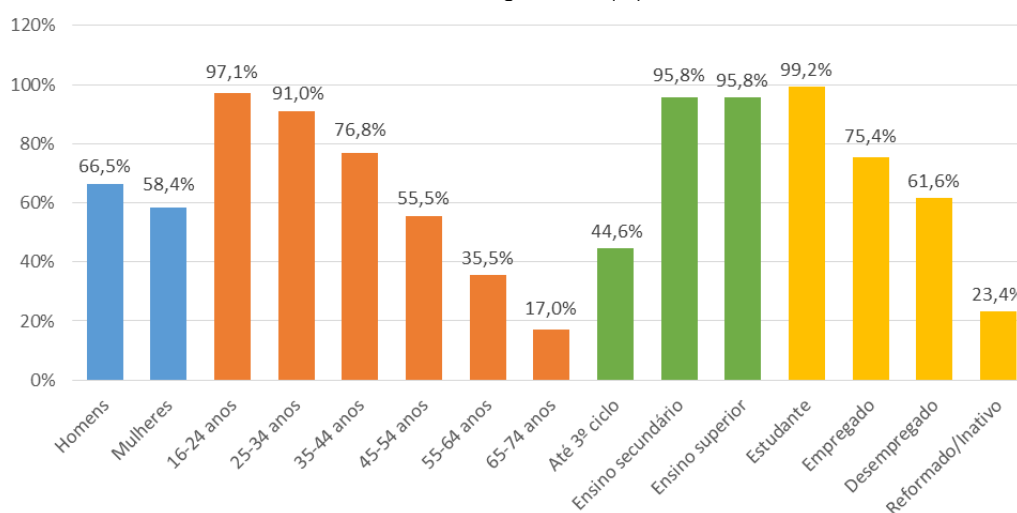
Gráfico 39. Perfil de audiência de TV generalista, por género e escalão etário, em Portugal, 2012 (%)



Fonte: Cardoso, *et al.* (2012, pp. 8-9)

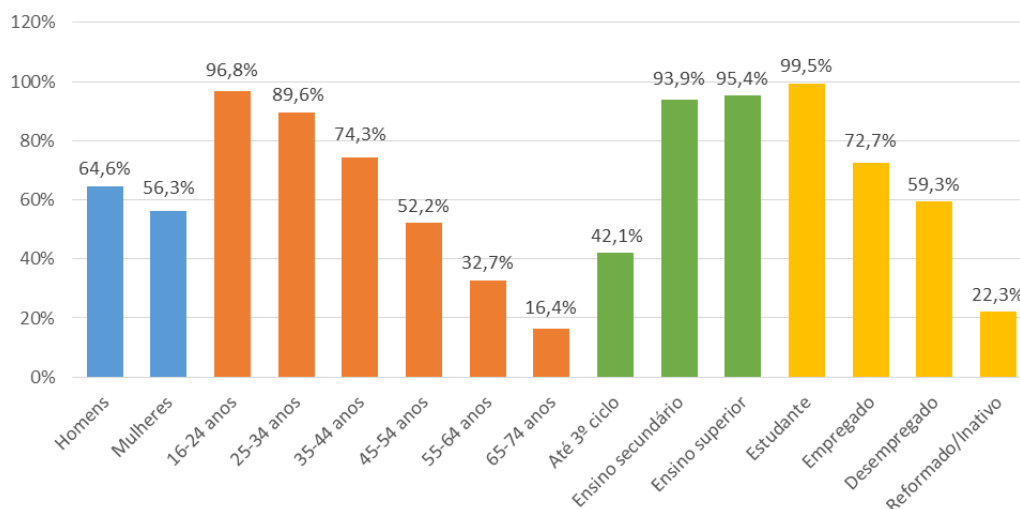
No que diz respeito ao computador, as faixas etárias que mais o utilizam são as mais novas, entre os 16 e os 24 anos a percentagem de utilização é de 97,1%, e entre os 25 e os 34 anos essa percentagem começa já a decrescer para os 91%. São mais os estudantes que utilizam o computador (99,2%), seguido dos empregados (75,4%), algo que confirma a conclusão retirada da hipótese 3, que referia que tem mais importância a idade e a situação socioprofissional no acesso aos *media*, do que o sexo ou a escolaridade.

Gráfico 40. Utilização de computador por género, escalão etário, escolaridade e condição perante o trabalho, em Portugal, 2012 (%)



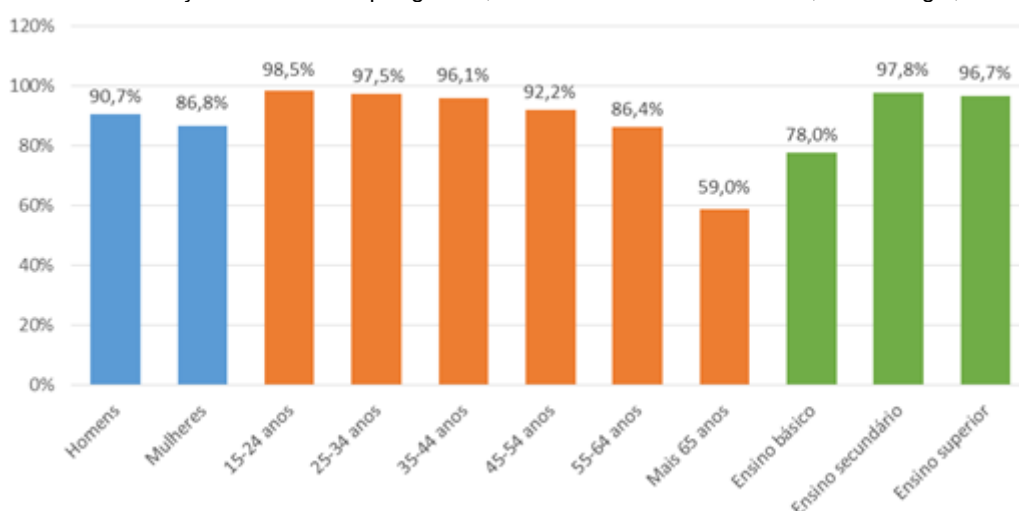
Fonte: Cardoso, *et al.* (2012, pp. 121-123)

Quanto à internet, o panorama é idêntico ao do computador, ou seja, a faixa etária e a condição perante o trabalho têm mais pertinência para avaliar a utilização dos *media*, do que propriamente o sexo (os valores entre homens e mulheres são bastante semelhantes) ou entre níveis de ensino mais elevados (ainda que do 3º ciclo para o ensino secundário se note uma discrepância de utilização bastante elevada). Esta semelhança entre utilização de computador e internet poderá ser justificada porque é mais comum fazer-se uso da internet através do computador, da mesma forma que, normalmente, utiliza-se este para aceder à internet. Assim, a utilização da internet pela faixa etária dos 16 aos 24 anos está nos 96,8%, e na que se segue (25-34 anos) está nos 89,6%. 99,5% dos estudantes informam aceder à internet, seguidos dos empregados, com 72,7%.

Gráfico 41. Utilização de internet por género, escalão etário, escolaridade e condição perante o trabalho, em Portugal, 2012 (%)

Fonte: Cardoso, *et al.* (2012, pp. 125-127)

Por último, a utilização do telemóvel é bastante regular, encontrando-se muito próxima ou mesmo ultrapassando os 90% para os dois sexos, em todas as faixas etárias e para todos os níveis de ensino. A exceção é feita para os utilizadores com mais de 65 anos, mais uma vez se confirmando a influência que a idade tem no acesso aos *media*, cuja utilização está abaixo dos 60%.

Gráfico 42. Utilização de telemóvel por género, escalão etário e escolaridade, em Portugal, 2010 (%)

Fonte: Cardoso, Espanha, *et al.* (2012, 13-15)

Prossegue-se, agora, com o teste à quarta hipótese:

H₄: Com a quantidade de meios tecnológicos disponíveis, as relações de sociabilidade sofrem alterações, atribuindo-se maior importância às relações estabelecidas virtualmente em detrimento das presenciais.

Como a variável dependente (relações de sociabilidade) é qualitativa, e se trata de uma análise realizada para três amostras, aplicou-se o teste de *independência do Qui-quadrado*, que permite verificar a relação entre as duas variáveis em estudo, a forma como as diferentes gerações (variável independente) consideram as relações de sociabilidade (variável dependente). Para esta análise foi realizado o teste de *independência do Qui-quadrado* para duas questões, uma que coloca em evidência a opinião dos inquiridos relativamente a um antes e um depois da utilização dos *media* e outra que especifica as relações entre familiares (pais, avós e irmãos), igualmente antes e depois da utilização dos novos *media*.

Tabela 61. Teste do *Qui-quadrado* para as Gerações e a Alteração das relações de sociabilidade

		Relações sociais mais presenciais		Total	X ²	p
		Não	Sim			
Filhos	Frequência	333	89	422	27,197	0,000
	% Gerações	78,9	21,1	100,0		
Pais	Frequência	341	37	378		
	% Gerações	90,2	9,8	100,0		
Avós	Frequência	252	27	279		
	% Gerações	90,3	9,7	100,0		
Total	Frequência	926	153	1.079		
	% Gerações	85,8	14,2	100,0		
		Relações sociais mais virtuais		Total	X ²	p
		Não	Sim			
Filhos	Frequência	125	297	422	41,002	0,000
	% Gerações	29,6	70,4	100,0		
Pais	Frequência	142	236	378		
	% Gerações	37,6	62,4	100,0		
Avós	Frequência	150	130	280		
	% Gerações	53,6	46,4	100,0		
Total	Frequência	417	663	1.080		
	% Gerações	38,6	61,4	100,0		
		Relações sociais iguais ao passado		Total	X ²	p
		Não	Sim			
Filhos	Frequência	390	32	422	2,221	0,329
	% Gerações	92,4	7,6	100,0		
Pais	Frequência	347	31	378		
	% Gerações	91,8	8,2	100,0		
Avós	Frequência	250	30	280		
	% Gerações	89,3	10,7	100,0		
Total	Frequência	987	93	1.080		
	% Gerações	91,4	8,6	100,0		

		Relações sociais diferentes do passado e melhores		Total	X ²	p
		Não	Sim			
Filhos	Frequência	271	151	422	19,405	0,000
	% Gerações	64,2	35,8	100,0		
Pais	Frequência	285	93	378		
	% Gerações	75,4	24,6	100,0		
Avós	Frequência	218	62	280		
	% Gerações	77,9	22,1	100,0		
Total	Frequência	774	306	1.080		
	% Gerações	71,7	28,3	100,0		
		Relações sociais diferentes do passado e piores		Total	X ²	p
		Não	Sim			
Filhos	Frequência	278	143	421	27,529	0,000
	% Gerações	66,0	34,0	100,0		
Pais	Frequência	220	158	378		
	% Gerações	58,2	41,8	100,0		
Avós	Frequência	129	151	280		
	% Gerações	46,1	53,9	100,0		
Total	Frequência	627	452	1.079		
	% Gerações	58,1	41,9	100,0		

Tabela 62. Teste do Qui-quadrado para as Gerações e a Alteração das relações de sociabilidade entre familiares

		Relações de avós com netos						Total	X ²	p
		Mais próximas	Próximas	Iguais ao que eram antes do uso dos <i>media</i>	Distantes	Mais distantes	NO			
Filhos	Frequência	67	70	208	34	15	33	427	47,421	0,000
	% Gerações	15,7	16,4	48,7	8,0	3,5	7,7	100,0		
Pais	Frequência	77	83	142	21	26	32	381		
	% Gerações	20,2	21,8	37,3	5,5	6,8	8,4	100,0		
Avós	Frequência	54	50	90	24	22	51	291		
	% Gerações	18,6	17,2	30,9	8,2	7,6	17,5	100,0		
Total	Frequência	198	203	440	79	63	116	1.099		
	% Gerações	18,0	18,5	40,0	7,2	5,7	10,6	100,0		
		Relações de pais com filhos						Total	X ²	p
		Mais próximas	Próximas	Iguais ao que eram antes do uso dos <i>media</i>	Distantes	Mais distantes	NO			
Filhos	Frequência	99	95	166	28	17	26	431	48,922	0,000
	% Gerações	23,0	22,0	38,5	6,5	3,9	6,0	100,0		
Pais	Frequência	113	77	115	42	19	23	389		
	% Gerações	29,0	19,8	29,6	10,8	4,9	5,9	100,0		
Avós	Frequência	55	61	79	27	15	48	285		
	% Gerações	19,3	21,4	27,7	9,5	5,3	16,8	100,0		
Total	Frequência	267	233	360	97	51	97	1.105		
	% Gerações	24,2	21,1	32,6	8,8	4,6	8,8	100,0		
		Relações entre irmãos						Total	X ²	p
		Mais próximas	Próximas	Iguais ao que eram antes do uso dos <i>media</i>	Distantes	Mais distantes	NO			
Filhos	Frequência	104	107	148	13	8	39	419	39,514	0,000
	% Gerações	24,8	25,5	35,3	3,1	1,9	9,3	100,0		
Pais	Frequência	104	91	117	26	16	30	384		
	% Gerações	27,1	23,7	30,5	6,8	4,2	7,8	100,0		
Avós	Frequência	56	62	79	18	11	55	281		
	% Gerações	19,9	22,1	28,1	6,4	3,9	19,6	100,0		
Total	Frequência	264	260	344	57	35	124	1.084		
	% Gerações	24,4	24,0	31,7	5,3	3,2	11,4	100,0		

Legenda: NO: Não tenho opinião

Conclui-se que, para um nível de significância de 0,05 existem evidências estatísticas para se afirmar que a pertença a determinada geração influencia a forma como se vivenciam as relações de sociabilidade. Pelos valores percentuais (respostas Sim da **Tabela 61**) conclui-se que todas as gerações concordam que as relações sociais são, hoje, devido à influência dos novos *media*, menos presenciais. Ainda de acordo com as percentagens, as relações sociais são diferentes do passado e piores com o recurso aos novos *media*.

Para a opção de resposta *Relações sociais iguais ao passado* é de notar que o valor do nível de significância é superior a 0,05 ($p = 0,329$), expressando que é uma variável que não sofre a influência da utilização dos *media*, o que não deixa de ser de certa forma evidente uma vez que todas as outras opções/variáveis indicavam respostas relativamente opostas, e através das quais era mais fácil transmitir uma opinião concreta.

Relativamente às relações entre familiares (pais, avós e irmãos), conclui-se através do teste de *independência do Qui-quadrado*, que há influência entre a pertença a determinada geração e a opinião que os inquiridos têm das relações entre avós e netos, pais e filhos e irmãos. O valor de significância é de 0,000 em todas as variáveis ($< 0,05$), o que confirma a não independência entre as variáveis. Verifica-se, ainda, através da **Tabela 61**, que os inquiridos não concordam que as relações estejam mais presenciais, e sim mais virtuais, podendo, por isso, concluir-se pela aceitação da hipótese.

Dos resultados retirados dos *focus groups*, esta questão foi também bastante mencionada pelos participantes, que, na sua maioria, concordam que a utilização de novos *media* está a promover situações de comodismo nos indivíduos, que recorrem mais a dispositivos de comunicação a distância, do que propriamente a comunicações interpessoais, face a face. Assim, se, por um lado, consideram que as possibilidades existentes de comunicação virtual permitem um maior contacto com o mundo exterior, potenciam também um maior isolamento físico.

As alterações em termos de relações sociais têm vindo a ocorrer de forma bastante gradual, ao longo dos anos foram várias as redes sociais virtuais que surgiram e que foram desaparecendo. No entanto, atualmente, ganha expressão a força dos laços sociais criados com desconhecidos através de redes que têm mais utilizadores e, consequentemente, mais atenção mediática. Aliás, esta atual Sociedade em Rede caracteriza-se por promover a convivialidade, logo, por reforçar as relações sociais (Araújo, Espanha, Neto, *et al.*, 2009, p. 248), e considerar que o isolamento é algo que

não é assim tão evidente, uma vez que se criam verdadeiras comunidades de partilha entre os indivíduos.

Nas relações entre pessoas há, por isso, e cada vez mais, um instrumento de mediação: os ecrãs, a tecnologia, que contribuem para que cheguem ao outro lado sem sair fisicamente do local onde estão (Lipovetsky, 2010, pp. 253-254), o que contribui para o aumento da descorporização e de uma existência abstrata, sem um lugar específico de ocorrência (Lipovetsky, 2010, p. 256). E, por essa razão, para além das relações pessoais não se podem descurar as tecnológicas, os indivíduos relacionam-se com outras pessoas, mas, ao mesmo tempo, com a tecnologia (Law & Bijker, 1992, p. 290).

Relativamente aos testes da quinta e última hipótese:

H₅: Considerando o tipo de tarefas que os media permitem realizar, assiste-se ao diluir das fronteiras estabelecidas dos diferentes tempos e espaços – laboral/escolar, de lazer e familiar – e à sua frequente continuidade.

Optou-se, mais uma vez, pelo teste de *independência do Qui-quadrado*, na medida em que a variável dependente é qualitativa (diluição das fronteiras entre os diferentes contextos sociais) e estão em causa três amostras independentes (Filhos, Pais e Avós).

Tabela 63. Teste do *Qui-quadrado* para as Gerações e a Diluição de fronteiras entre tempos e espaços

		O facto de ter computador portátil faz com que traga muitas vezes trabalho para casa							Total	X ²	p
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR			
Filhos	Frequência	50	79	132	83	10	56	19	429	275,070	0,000
	% Gerações	11,7	18,4	30,8	19,3	2,3	13,1	4,4	100,0		
Pais	Frequência	29	51	82	38	9	150	19	378		
	% Gerações	7,7	13,5	21,7	10,1	2,4	39,7	5,0	100,0		
Avós	Frequência	2	10	25	16	15	183	34	285		
	% Gerações	0,7	3,5	8,8	5,6	5,3	64,2	11,9	100,0		
Total	Frequência	81	140	239	137	34	389	72	1.092		
	% Gerações	7,4	12,8	21,9	12,5	3,1	35,6	6,6	100,0		
		Respondo a emails pessoais no trabalho							Total	X ²	p
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR			
Filhos	Frequência	29	75	136	88	11	73	18	430	254,700	0,000
	% Gerações	6,7	17,4	31,6	20,5	2,6	17,0	4,2	100,0		
Pais	Frequência	11	60	69	53	7	154	21	375		
	% Gerações	2,9	16,0	18,4	14,1	1,9	41,1	5,6	100,0		
Avós	Frequência	6	5	21	17	14	187	35	285		
	% Gerações	2,1	1,8	7,4	6,0	4,9	65,6	12,3	100,0		
Total	Frequência	46	140	226	158	32	414	74	1.090		
	% Gerações	4,2	12,8	20,7	14,5	2,9	38,0	6,8	100,0		
		Acedo a redes sociais no trabalho							Total	X ²	p
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR			
Filhos	Frequência	48	125	114	75	6	44	17	429	387,445	0,000
	% Gerações	11,2	29,1	26,6	17,5	1,4	10,3	4,0	100,0		
Pais	Frequência	6	27	73	71	18	161	18	374		

	% Gerações	1,6	7,2	19,5	19,0	4,8	43,0	4,8	100,0		
Avós	Frequência	4	7	19	19	15	186	35	285		
	% Gerações	1,4	2,5	6,7	6,7	5,3	65,3	12,3	100,0		
Total	Frequência	58	159	206	165	39	391	70	1.088		
	% Gerações	5,3	14,6	18,9	15,2	3,6	35,9	6,4	100,0		
Vejo televisão no trabalho											
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	Total	X²	p
Filhos	Frequência	8	46	151	126	5	72	21	429	250,912	0,000
	% Gerações	1,9	10,7	35,2	29,4	1,2	16,8	4,9	100,0		
Pais	Frequência	3	30	79	87	18	144	15	376		
	% Gerações	0,8	8,0	21,0	23,1	4,8	38,3	4,0	100,0		
Avós	Frequência	5	11	19	18	18	179	34	284		
	% Gerações	1,8	3,9	6,7	6,3	6,3	63,0	12,0	100,0		
Total	Frequência	16	87	249	231	41	395	70	1.089		
	% Gerações	1,5	8,0	22,9	21,2	3,8	36,3	6,4	100,0		
Quando vou de férias vejo informação sobre o trabalho na internet											
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	Total	X²	p
Filhos	Frequência	43	133	102	86	10	45	14	433	335,238	0,000
	% Gerações	9,9	30,7	23,6	19,9	2,3	10,4	3,2	100,0		
Pais	Frequência	16	63	70	57	14	142	15	377		
	% Gerações	4,2	16,7	18,6	15,1	3,7	37,7	4,0	100,0		
Avós	Frequência	7	6	18	17	17	185	35	285		
	% Gerações	2,5	2,1	6,3	6,0	6,0	64,9	12,3	100,0		
Total	Frequência	66	202	190	160	41	372	64	1.095		
	% Gerações	6,0	18,4	17,4	14,6	3,7	34,0	5,8	100,0		
Quando estou a trabalhar interrompo o que estiver a fazer para atender o telemóvel											
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	Total	X²	p
Filhos	Frequência	19	57	140	140	11	46	18	431	300,089	0,000
	% Gerações	4,4	13,2	32,5	32,5	2,6	10,7	4,2	100,0		
Pais	Frequência	20	80	89	59	18	92	17	375		
	% Gerações	5,3	21,3	23,7	15,7	4,8	24,5	4,5	100,0		
Avós	Frequência	5	30	18	18	14	165	35	285		
	% Gerações	1,8	10,5	6,3	6,3	4,9	57,9	12,3	100,0		
Total	Frequência	44	167	247	217	43	303	70	1.091		
	% Gerações	4,0	15,3	22,6	19,9	3,9	27,8	6,4	100,0		

Legenda: CT: Concordo totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo totalmente; NO: Não tenho opinião; NA: Não se aplica à minha situação; NS/NR: Não sei/Não respondo

Para um nível de significância de 0,05, e apesar das percentagens evidenciarem que os inquiridos não concordam com a ocorrência de erosão de espaços quando utilizam os novos *media*, existem evidências estatísticas para se afirmar que as gerações e a diluição de fronteiras entre tempos e espaços estão relacionados ($p\text{-value} = 0,000$). Ou seja, pertencer a determinada geração influencia uma maior ou menor erosão dos diferentes contextos sociais através da utilização dos novos *media*, informação que leva à aceitação da hipótese. Nos excertos dos *focus groups* foi possível também verificar esta questão do esbatimento de fronteiras entre contextos através da utilização dos novos *media*, sobretudo, do computador e do telemóvel. Aliás, para escaparem um pouco a essa diluição de fronteiras, alguns participantes mencionaram que desligavam o telemóvel em períodos específicos, mas, ao mesmo tempo, é cada vez mais frequente a utilização de todos os *media* em simultâneo.

Aliás, sendo a mobilidade uma característica inerente às empresas do século XXI, deixa de fazer sentido a existência de barreiras espaço-temporais, sobretudo para o colaborador, que deve estar atento ao *email* a maior parte do dia, e em todos os contextos onde se encontre. As sedes das organizações empresariais passaram a funcionar *online*, mas em vez de tal simplificar as relações, vem complexificá-las, porque se intensifica o uso de tecnologia para contactar com os colegas de trabalho, mas também com os membros da família. Há uma justaposição de tempos e espaços, e, igualmente, de funções e interações (Schouten & Araújo, 2012, p. 6), quase num processo esquizofrénico.

Entre ficar em casa e sair, utilizar um *media* ou outro, partilhar histórias e conhecimentos presencial ou virtualmente, estar sempre conectado, são várias as dinâmicas que os novos *media*, atualmente, permitem. Como referem Fantin e Rivoltella (2010) torna-se mesmo “Difícil dar atenção exclusiva a qualquer coisa ou a qualquer um: muitas telas nos envolvem, somos protagonistas de muitos circuitos comunicativos paralelos.” (Fantin & Rivoltella, 2010, p. 92). E, já em 1996, Idalina Conde (1996) concluía que as práticas domésticas, sobretudo a utilização dos *media* como a televisão, contrastava com uma “cultura de saídas”, no entanto, a autora considerava que aqui se encontravam diferenças relevantes em termos de classes sociais, mas também de gerações, estando os mais novos sempre à procura de práticas culturais fora de casa (algo que, atualmente, encontra o seu oposto) (Conde, 1996, p. 174).

SÍNTESE

Portugal tem características de ruralidade ao longo de quase todo o Continente e Ilhas, algo que facilitou, de certa forma, a seleção da amostra. Foi apropriado o significado de rural do INE, que permitiu concluir que existiam, à data da definição da amostra, 247 concelhos com algumas ou a totalidade das freguesias rurais. Daqueles, foram selecionados 14 para fazerem parte do estudo, são eles: Ponte de Lima, Macedo de Cavaleiros, Vieira do Minho, Sabugal, Penela, Nisa, Odemira, Mértola, Vila do Bispo, Alcoutim, Nordeste, Lajes do Pico, Porto Moniz e Santana. Os *focus groups* e os diários foram aplicados em Ponte de Lima, os inquéritos por questionário foram enviados para os restantes. Assim, houve oportunidade de se realizarem três momentos de recolha de dados empíricos, os dois primeiros mais localizados, mas os inquéritos por questionário com uma abrangência maior e, por isso, mais representativos. E, embora as dimensões dos instrumentos de pesquisa tenham sido bastante diferentes, é importante verificar que há semelhanças nas conclusões retiradas.

Fazendo uma síntese das técnicas aplicadas: foram realizados quatro *focus groups* (três unigeracionais e um multigeracional), em novembro de 2011. Seguidamente, solicitou-se aos participantes do grupo multigeracional que preenchessem um diário durante 15 dias, perfazendo um total de sete diários preenchidos, em dezembro de 2011. E, entre abril e junho de 2012 enviaram-se 2.652 inquéritos por questionário, aplicados a três gerações familiares (Filhos, Pais e Avós), tendo como intermediário as escolas, dos quais se recolheram e validaram 1.151.

Da análise dos instrumentos de recolha de dados sobressaíram conclusões muito pertinentes, por exemplo, a frequência de utilização dos novos *media* varia de geração para geração, mas, também da situação profissional e, pode ter uma grande influência o facto de se residir em meio rural. Assim, a televisão é o artefacto privilegiado para os Pais e Avós, pelos sentimentos de entretenimento e familiaridade que transmite, e o computador e o telemóvel são os preferidos dos Filhos pelas mesmas razões. Mas o (não) exercício de determinada profissão motiva a (não) utilização do computador e do telemóvel, ou, pelo menos, de modo mais ou menos intensivo. No entanto, nenhum deles é inexistente para quase todos os indivíduos participantes do estudo.

O telemóvel é um dispositivo multifacetado, permite o contacto com familiares distantes, esbater o sentimento de solidão, gerir o quotidiano, saber notícias de modo

rápido, dar recados, por essa razão, foi o que apareceu como estando mais presente nos diversos contextos (lazer, familiar e de trabalho/escola), e ao longo de todo o dia (manhã, tarde e noite). Aliás, sobre este assunto já tinham refletido Fantin e Rivoltella (2010), quando referiam a necessidade de conexão como o principal motivo para se estar constantemente ligado ao telemóvel

Mantemos intencionalmente o celular sempre ligado e ao nosso alcance, mesmo durante a noite. Enviamos continuamente mensagens. Trata-se de uma comunicação cansativa, na maioria das vezes: nem sempre há necessidade de comunicar os conteúdos, mas se pretende permanecer sempre conectado. Isto permite ao celular sobrepor-se a outras atividades que estão sendo desenvolvidas e de também preencher os tempos vazios que tradicionalmente eram reservados a outras atividades durante o dia. (Fantin & Rivoltella, 2010, p. 92).

Mas não deixa de ser importante que, mesmo que as intenções dos utilizadores sejam a de estar conectado com alguém que não lhes está próximo, quem está ao seu lado fisicamente deve estar com atenção, é importante que a família, sejam os irmãos, os avós, os pais, devem ter momentos para o escutar, aconselhar, contradizer e criticar, pois são estes que contribuem para a construção da identidade do indivíduo (Singly, 2011, p. 94) e que alertam para uma utilização equilibrada dos novos *media*, com momentos presenciais e virtuais.

Esta permanente necessidade de conexão poderá alterar as relações sociais que, no passado, se podiam estabelecer quase exclusivamente através de encontros presenciais; atualmente, com a quantidade de artefactos disponíveis para o contacto a distância, quase deixa de fazer sentido ir a casa de alguém, combinar encontros no café (terceiros lugares), ir passear para pôr a conversa em dia. A questão do comodismo foi mesmo mencionada nos *focus groups*, ou seja, é mais fácil fazer um telefonema do que fazer uma deslocação. Mas esta diferença é analisada de forma diferente quer a referência seja feita aos Pais, Filhos ou Avós, discordando mais estes últimos do facto das relações sociais estarem mais virtuais do que presenciais.

De acordo com Lopes (2011) esta distinção entre presencial e virtual (ou real e virtual, nas palavras do autor) não faz sentido, o que se assiste é a uma “existência multifacetada e cruzada de um *real-real* e de um *real-virtual*” (Lopes, 2011, pp. 248-249), na qual os telemóveis e a internet articulam as esferas da existência, por exemplo, o quarto e rua, interior e exterior, sala de aula e vida juvenil; e contribuem para o esbatimento das fronteiras (Lopes, 2011, pp. 248-249).

Relativamente a uma análise muito sucinta sobre a percepção que os participantes no estudo têm acerca da utilização dos novos *media* quando integrados no meio rural, de facto, esta característica talvez não influencie de forma muito evidente o modo como se utiliza a tecnologia, uma vez que, maioritariamente, não foi referido que estar num local mais afastado de ofertas tecnológicas, ou com mais oportunidades de passar mais tempo fora de casa, poderia incentivar um maior uso. No entanto, a forma como se acede aos novos *media* sofre alguns reveses quando se pensa em ligações à internet mais rápidas, ou mesmo quando o acesso a determinada tecnologia só se consegue através da deslocação a meios urbanos.

De facto, são cada vez em maior número os artefactos tecnológicos à disposição dos indivíduos, que poderão ter influência num número ainda mais infinito de vivências, experiências, formas de se relacionarem socialmente, de trabalhar, estar em família, estudar... Com a existência de tantos ecrãs e de tantas possibilidades (o *multitasking*¹²⁵, por exemplo), a atenção dos indivíduos pode ficar um pouco aquém dos níveis de atenção do passado. E, apesar de ainda não existirem conclusões concretas relativamente a este assunto, Damásio (2010) concorda que se perde em aprendizagem, consolidação da memória e emoção (Damásio, 2010, pp. 218-219), algo de certa forma preocupante quando, na opinião de Cardoso (2009b), os jovens, e, mais uma vez, acrescenta-se, os jovens-adultos, parecem ter a vida preenchida com os novos *media*, e vivem em função dos ecrãs da televisão, dos telemóveis e dos computadores (Cardoso, 2009b, p. 9).

¹²⁵ Realização de várias tarefas em simultâneo.

CONCLUSÕES

When the wind of change rises, some people build walls. Others build windmills.
(Provérbio chinês)

Este trabalho de investigação teve como questão orientadora: *Quais as dinâmicas de utilização dos novos media-ecrãs em três gerações distintas, em meio rural?* Na génese da escolha desta temática de doutoramento estiveram várias razões, a primeira das quais o interesse crescente acerca dos *media* e da temática da literacia e inclusão digital, que foi possível desenvolver durante dois anos, com a aplicação de entrevistas a pais e professores de escolas do meio rural¹²⁶; posteriormente, pela constatação empírica quotidiana de existir alguma distinção na maneira como as diferentes gerações se apropriam e utilizam os *media*, que poderá estar relacionada com a necessidade que sentem em fazer essa utilização, ou seja, eventualmente, se algum elemento da geração sénior começa a ter necessidade de utilizar os *media* para contactar algum membro da sua família ou para ter acesso às notícias, então vai aprender a fazê-lo, algo que terá sido o impulsionador dos usos, à partida, das outras gerações.

Para além das duas motivações anteriores, tentou contribuir-se com algo original, que facultasse novas reflexões acerca da temática dos *media* e dos seus contextos de apropriação, quer referente ao contexto geracional, social ou regional. Aliás, em relação ao primeiro, o conceito de geração, na sua forma singular, é várias vezes utilizado em investigações já realizadas; contudo, o uso no singular não parece ser o mais adequado para expressar a realidade, e, no presente trabalho, faz-se a proposta que o conceito passe a ser usado no plural quando associado ao consumo dos *media* – *gerações de ecrã* –, uma vez que se considera que a sua utilização é um fenómeno multigeracional e, frequentemente, intergeracional, perdendo um pouco o sentido a singularidade da utilização do conceito e ganhando um novo significado o seu carácter plural.

Para além disso, é ainda, frequentemente, esquecida a geração intermédia, aqui representada pelos nascidos na década de 70, justificado, por Scott (2010), pela forma como se vive nessa geração, ou seja, se é necessário refletir, a nível de políticas públicas sobre alguns problemas que afetam determinadas fases da vida dos indivíduos, como o trabalho ou a exploração infantil, a subnutrição, etc., ou o envelhecimento da população e o isolamento dos seniores, então, são várias as reflexões que se fazem, em todas as vertentes, mas se, pelo contrário, não há motivo, pelo menos aparente, sobre o qual se deva debruçar a atenção, então são um pouco colocados à margem dos interesses de investigação (Scott, 2010, pp. 267-269). Face a esta falta de análise centrada na geração dos adultos, dá-se o contributo de os considerar e em contexto intergeracional. Essa é outra característica desta investigação.

¹²⁶ Resultados apresentados na comunicação *Understanding Literacy and Digital Divide: Parents and Teachers Narratives*.

Por forma a tornar a investigação exequível em termos temporais (três anos), foi necessário delimitar o tipo de *media* utilizado pelos participantes (a televisão, o computador, a internet e o telemóvel), no entanto, tal não implica que se considerem pouco importantes todos os outros que se poderão incluir na categoria de ecrã. Aliás, uma investigação dessa abrangência daria um significado ainda maior a este estudo, e a outros através da qual possa surgir o interesse.

Muito importante para o desenvolvimento de todo o trabalho foi o quadro teórico que o acompanhou quer numa fase mais de reflexão, quer na fase de aplicação dos métodos e técnicas escolhidos. Esse quadro teórico esteve presente, sobretudo, nos quatro primeiros capítulos da tese, no entanto, foi também importante para a definição do estudo empírico e, numa etapa posterior, para a justificação dos resultados obtidos. Podem, na **Figura 29**, visualizar-se os principais contributos teóricos para a construção da tese de doutoramento *Gerações de ecrã em meio rural*.

O esquema está dividido em quatro capítulos, que são os considerados mais teóricos. Para cada um deles são apresentados os principais conceitos explorados e, dentro destes, os autores que mais contribuíram para a sua definição ou exploração. Uma vez que o **Capítulo V** usufruiu do quadro teórico dos capítulos anteriores, não se considerou neste esquema. O objetivo deste mapa teórico foi ajudar a uma leitura global das temáticas em estudo, que depois se podem aprofundar lendo os capítulos respetivos.

Figura 29. Principais contributos teóricos presentes na tese *Gerações de ecrã em meio rural*

Cap. I Meio Rural Português				Cap. II Novos Média-Ecrãs			
RURAL	Fidalgo, 1999 Rural idílico	Marques, 2003 Pendularidade rural-urbano	Domingues, 2012 Desruralização	NOVOS MÉDIA	McLuhan, 2008 [1964] Extensões do Homem; Meios quentes e frios	Whitacre, 2010 Relação entre oferta e procura	
	Figueiredo, 2011 Novos rurais; esquizofrenia funcional	Covas & Covas, 2012 2ª ruralidade	Cimadevilla, 2012 Rurbanidade		Morley & Silverstone, 1990 Domesticação dos média	Silva, 2005 Corpo intercomunicante	
FAMÍLIA	Saraçeno, 1997 Construção social	Leandro, 2001 Sociedade holista vs. sociedade individualista		USO GERACIONAL	Itrona & Ilharco, 2006 "Screened world"	Ilharco, 2007 Ge-stell, "Enframing"	Sáez Vacas, 2011 Homo digitalis
	Mitchell, 2006 Transições familiares flexíveis; "co-survivorship between generations"				Aroldi & Colombo, 2007 Semânticas geracionais	Lipovetsky, 2010 Ecranosfera, ecrãcultura	
TRABALHO	Clark, 1940 Divisão das atividades profissionais em três grupos	Dyer-Witheford, 2010 "Global worker"		CAPITAL SOCIAL E HÁBITUS	Bourdieu, 1986; 2010 [1979] Capital social; <i>habitus</i>	Stern & Adams, 2010 "Bridging social capital", "bonding social capital"	
	Castells, 1999 Dessocialização do trabalho; digitalização	Almeida, 2012 Imaterialidade das atividades			Warschauer, 2008 Capital social aglutinado, capital social transposto		
LAZER	Pereira & Neto, 1999 Reposição de energias	Puig & Trilla, 2004 Componentes: tempo, attitude e atividade		COMP. INFO COMUNICAÇ. ONAS	Warschauer, 2002 Literacia vs. acesso às TIC	Furtado, 2007 Fratura de acesso vs. fratura de uso	Borges & Oliveira, 2011 Espiral de competências infocomunicacionais
	Gini, 2003 Estado de espírito, orientação psicológica	Kelly, 2009 Tipos: puro, coordenado, complementar, não lazer			Silva & Abreu, 2003 Netiquette	Cardoso, 2009a Modelo de comunicação em rede	Rojas, et al., 2012 Tecnodisposições, tecnocapital, tecnocompetências
Cap. III Gerações				Cap. IV Contextos de Utilização dos Novos Média			
GERAÇÃO	Mannheim, 1999 [1952] Unidade de geração, status de geração, geração como realidade; gerações como processo contínuo			MÉDIA NO RURAL	Postman, 1993 Ecologia dos média	Cardoso, 2009a Média agentes socializadores de referência	
	Eisenstadt, 1976 [1956] Conflito de gerações; "grau etário"; valores geracionais	Mead, 1970 Gerações como grupos culturais; culturas pós-, co- e pré-figurativa			Pinto, 2000 Descoincidência de tempos e lugares	Siemens, 2005 Conectivismo	Agger, 2011 "iTime"
INTER E MULTIGERACIONALIDADE	Prensky, 2001a; 2001b Nativos e imigrantes digitais			TEMPO E ESPAÇOS	Marx, 1990 [1887] Dominação do tempo	Urry, 2000 Tempo instantâneo	Augé, 1994; Agnew, 2011 Não-lugar
	Villar, 2007 Intergeracionalidade; multigeracionalidade				Harvey, 1990 Compressão de tempos e espaços	Lemos, 2007 Ciberspaço, cibercultura	
	Prensky, 2009 "Digital wisdom"; "human wisdom"			TERCEIROS LUGARES	Oldenburg, 1999 Terceiros lugares		
GERAÇÕES	Eyerman & Turner, 1998 Memória coletiva; contemporâneos e "coevais"			RELAÇÕES SOCIAIS	Granovetter, 1973 Força dos laços sociais	Lipovetsky, 2010 Descorporização	
	Corsten, 1999 Semânticas históricas; Gerações como processo construtivo	Rivoltella, 2010a "Screen generation"			Primo, 2000 Interação mútua e reativa		

Fonte: Elaboração da autora

Durante a reflexão teórica, foi possível ir delineando e realizando as etapas da metodologia. Assim, a investigação decorreu ao longo de três fases principais: a aplicação de *focus groups* na vila rural de Ponte de Lima; findos os quais se solicitou a alguns dos seus participantes o preenchimento de diários, durante 15 dias; e, a aplicação de inquéritos por questionário em 13 concelhos rurais de Portugal Continental e Ilhas.

Para a construção dos instrumentos de recolha de dados mencionados anteriormente, contribuíram as questões de partida definidas no início da investigação, já apresentadas na **Introdução** e no **Capítulo V**. A resposta às questões de partida será dada a seguir:

Q₁: Quais as dinâmicas de utilização dos novos media-ecrãs em três gerações distintas, em meio rural?

Q_{1.2}: De que forma a geração de pertença/idade influencia a utilização dos media?

As dinâmicas são muito diferenciadas, não seguem um padrão. A geração de 90, ou dos Filhos, pauta-se por utilizar por mais horas o computador e a internet, também porque o trabalho escolar assim o exige, mas não excluem a televisão. Aliás, como referido, esta é a preferida quando querem alguma companhia ou então para ligar os elementos de todas as gerações. O telemóvel, sobretudo, através da troca de SMS, é também um instrumento fundamental do quotidiano.

Na geração de 50, Avós, a televisão é, sem dúvida, o artefacto que mais memórias traz, e também é o mais utilizado durante todo o dia e à noite. Porém, telemóvel e computador não são inexistentes, ainda que com alguma resistência ou de utilização pouco frequente. Para os indivíduos da geração de 70 ou os Pais, verificou-se que o facto dos filhos precisarem de utilizar o computador e a internet na escola, os faz também aprender e acompanhar a integração destes *media* no contexto familiar. O telemóvel é considerado como um dispositivo imprescindível, para gestão do seu quotidiano, mas também do dos seus filhos.

Deste modo, compreende-se que o quotidiano está pulverizado de novos *media*, são utilizados quase sem que a sua presença seja percebida, passa-se de uma aprendizagem procurada, para outra mais automática, uma vez que se vive agora numa *ecologia dos media*, onde o processo de integração da tecnologia e das mudanças que traz consigo é realizado através de questões mais pessoais, como os sentimentos, a compreensão e os valores (Postman, 1993, p. 18), algo que promove a existência de uma

ecologia comunicacional, na qual estão presentes a tecnologia; os laços sociais; e, os discursos (Foth & Hearn, 2007, pp. 757-765), que, reunidos, promovem uma nova cosmovisão, caracterizada, entre outros aspetos, pela inteligência coletiva (Lévy, 1997 [1994]); pelos novos processos produtivos; pela transformação das dinâmicas familiares, laborais, escolares e de lazer; mas, sobretudo, por novas e diferentes dinâmicas relacionais.

Q₂: Considerando o tipo de utilização dos novos media, poderão as diferentes gerações ser consideradas como gerações de ecrã?

Em termos de número médio de horas diárias de utilização, verificou-se que, por exemplo, os mais novos estão, frequentemente, conectados, enquanto os indivíduos da geração intermédia ou dos avós agradecem se, ao final do dia, se poderem desconectar. No entanto, a apropriação diária de ecrãs, de acordo com o que foi possível concluir da análise dos dados recolhidos, está presente em todas as gerações. Não sendo mais específico da geração de 90, como alguns autores afirmam (De Smedt & Geeroms, 2006; Teixeira-Botelho, 2011), certo é que há uma predisposição para que os membros nascidos nas décadas de 90 e posteriores tenham uma ligação mais próxima com todos os *media*, inclusivamente com a televisão. No entanto, na altura de escolher um preferido, aquele é o selecionado pelos da geração de 50 e 70, enquanto os da de 90 preferem o telemóvel e o computador.

A televisão pode, por isso, ser considerada como transgeracional, uma vez que atravessa quer em preferências, quer em utilização todas as gerações. Os três – televisão, computador e telemóvel – são ecrãs presentes no quotidiano, e de tão transversais aos contextos e às gerações e de periodicidade constante, transformam-se em ecrãs invisíveis, transparentes e em simbiose com o corpo.

Q_{1.1}: Em que medida o acesso aos media é condicionado pela circunstância de se residir em meio rural?

Viver no meio rural traz, para os participantes dos *focus groups*, algumas vantagens reconhecidas, uma vez que concordam ter a possibilidade de estar mais tempo a brincar fora de casa – situação dos elementos da geração de 90 – e de se poderem desconectar ao fim do dia e fim de semana – para a geração de 50 e 70. Mas concordam também que o acesso é diferente, quando comparado com os do meio urbano, nomeadamente, em termos de qualidade e de acesso às tecnologias na mesma altura. Mas, para os

inquiridos, cuja informação pode ser encontrada na **Tabela 47**, viver no meio rural é, sobretudo, considerado diferente relativamente ao meio urbano na utilização da televisão, indo as respostas relativas à utilização do computador/internet e telemóvel no sentido da discordância de um aumento de utilização porque a sua residência é no meio rural.

Para este aspeto poderão contribuir as pendularidades cada vez mais frequentes entre meio rural e urbano (Marques, 2003), que contribuem para um aumento dos fluxos de pessoas, mas também de negócios, lazer e tecnologia. Assim, se esta é transversal aos contextos e às gerações, como se verificou para a questão anterior, é-o também nas diferentes áreas residenciais, seja em âmbitos mais fechados, como alguns condomínios, seja em âmbito mais alargado, em espaços territoriais bastante vastos. É algo que atravessa os meios e transita dentro e entre eles.

Q₃: Tendo em consideração a maior quantidade de media a que é possível recorrer, como se processam hoje as relações sociais?

Apesar das relações sociais presenciais sofrerem um decréscimo, sobretudo, nas gerações dos anos 90, as relações intergeracionais são mencionadas pelos participantes nos *focus groups* e nos diários como tendo aumentando, sendo mesmo referidos como preferidos os *media* que permitem essa interação presencial, como a televisão. Para além disso, são, ainda, favorecidas as relações de cooperação entre os membros das diferentes gerações, por exemplo, quando é necessária ajuda para resolver algum problema com a tecnologia, os Filhos (a geração mais nova) recorrem aos irmãos mais velhos ou aos pais. Mas o contrário também se verifica, com os Pais ou Avós a solicitarem ajuda para solucionar algum entrave em tecnologias com que se encontram menos familiarizados, como o telemóvel ou a internet.

Estas relações intergeracionais familiares, de cooperação são o que Pierre Lévy (1997 [1994]) compreendeu que seria uma aprendizagem recíproca, onde as sinergias criadas entre o que são as competências e as dificuldades possibilitam a criação de uma inteligência coletiva (Lévy, 1997 [1994], p. 34), desta forma, evita-se o designado “desperdício da experiência” (Santos, 2002 [2000], pp. 78-80), e fomenta-se a existência das relações e a criação de laços entre gerações.

A metodologia realizada permitiu, ainda, testar as hipóteses de trabalho. Para cada uma delas, apresenta-se uma síntese das principais conclusões retiradas:

H₁: A forma como as diferentes gerações, do meio rural, utilizam os novos media nas variadas atividades do quotidiano tende a assumir uma dimensão (frequência/número médio de horas diárias) semelhante.

Através da análise dos inquéritos por questionário, não foi possível reunir evidências estatísticas para se afirmar que a utilização da televisão seja significativamente diferente nas três gerações, significando isto que uma maior ou menor utilização da televisão não é determinada pela geração de pertença. Mas no que diz respeito ao computador e ao telemóvel, há diferenças significativas entre gerações. A hipótese é aceite no caso da televisão, mas rejeitada no caso do telemóvel e do computador.

Sobre a questão da transversalidade da televisão nas gerações já foi possível discutir anteriormente, da mesma forma que sobre a utilização do computador/internet e telemóvel nas gerações dos Pais e Avós. A primeira é um importante elemento mediador das relações presenciais, enquanto os últimos permitem a comunicação virtual, com elementos que se encontram distantes, mas também a gestão do quotidiano dos indivíduos, daí que seja realizada em menor número nas gerações dos Pais e Avós (algo potenciado também pela situação profissional), mas que não se pode afirmar que é inexistente.

H₂: A utilização de ecrãs, em meio rural, pelas diferentes gerações é realizada nos vários contextos sociais (lazer, familiar e laboral/escolar).

O contexto familiar é o preferido para utilização dos *media*, sobretudo na geração dos Filhos. Sendo também estes indivíduos que mais os utilizam e em todos os contextos. Relativamente aos Pais, pode afirmar-se que a utilização é realizada em todos os contextos em análise, mas no caso dos Avós, como muitos dos inquiridos se encontravam em situação de reforma, o contexto laboral não era uma opção, logo seria excluído. Através dos testes estatísticos realizados, foi possível verificar que há diferenças estatisticamente significativas entre gerações, logo a hipótese é verdadeira.

Uma das questões colocadas no inquérito por questionário que permitia auferir informação sobre os espaços de lazer disponíveis no ou perto do concelho de residência, era a distância média entre casa e cinema e biblioteca. As respostas apontavam uma distância média entre casa e cinema de 39,5 Km, e biblioteca de 21,7 Km. Aliás, foi em grande número os indivíduos que mencionaram que apenas tinham cinema e biblioteca a 10 Km de distância, algo que obriga a viagens mais longas, recorrendo a transportes.

Desta forma, será eventualmente pertinente refletir sobre a forma como a distância que decorre entre espaço familiar e espaços de lazer poderá promover a coincidência de contextos – familiar e lazer. Não sendo possível deslocar-se ao cinema, o espaço familiar pode ser o escolhido para assistir a filmes, ou na situação de inexistência de biblioteca, ler livros ou aceder à internet em casa é uma alternativa.

H₃: O acesso aos novos media (ecrãs) depende de variáveis como: situação socioprofissional, escolaridade e sexo, mais do que da idade e da localização geográfica (rural/urbano).

Nesta hipótese estavam em comparação diferentes variáveis e, para se concluir pela aceitação ou rejeição da hipótese, foi necessário realizar teste estatístico para cada uma delas. Concluiu-se que a variável *situação socioprofissional* e *idade* influenciavam o acesso aos *media*. No entanto, as variáveis *escolaridade* e o *sexo* não interferiam na forma como o acesso era realizado. A hipótese não se confirmou. No que diz respeito à localização geográfica, em nenhum teste realizado diretamente era possível concluir sobre a sua influência no acesso aos *media*, em comparação com o meio urbano, uma vez que não foram recolhidos dados deste contexto.

Apesar disso, e pelas respostas facultadas e pela comparação com outros estudos, conclui-se que residir no meio rural influencia o acesso aos *media*, sobretudo, como mencionado nos excertos dos *focus groups*, pelo tipo e qualidade de ligação à internet, por exemplo, ou mesmo pela necessidade de deslocação ao meio urbano quando o objetivo é adquirir um modelo mais específico, mais avançado, moderno ou a preço mais baixo.

H₄: Com a quantidade de meios tecnológicos disponíveis, as relações de sociabilidade sofrem alterações, atribuindo-se maior importância às relações estabelecidas virtualmente em detrimento das presenciais.

As relações de sociabilidade são alteradas pela geração de pertença. De facto, concluiu-se pela aceitação da hipótese. Das respostas recolhidas foi possível verificar que os inquiridos concordam que as relações sociais estão, atualmente, mais virtuais, no entanto, não há uma discrepância significativa entre opiniões sobre se as relações sociais estão melhores ou piores do que no passado, com o recurso aos *media*. Mas, sobretudo, na questão de as relações serem piores, as opiniões estão muito equilibradas, com um número mais elevado de indivíduos a não considerarem que as relações sociais estão

piores, mas, e ainda que em número mais reduzido, bastantes inquiridos a indicarem que é verdade esta questão das relações sociais se estarem a deteriorar devido ao acesso aos *media*.

No entanto, pertencer a uma geração determina a opinião que se tem das relações familiares ou intergeracionais. Por exemplo, o facto de se utilizar mais o telemóvel e o computador/internet (no caso da geração dos Filhos), poderá permitir ter a opinião que as relações sociais estão mais virtuais, como, de facto, acontece. Por outro lado, utilizar menos aqueles dispositivos (como acontece na geração dos Avós) pode levá-los a concluir que as relações sociais não estão mais virtuais, mas também não consideram que estejam mais presenciais. Para além disso, a forma como se recorre mais ao telemóvel (dispositivo utilizado por todos os inquiridos, ainda que de forma díspar) para contactar familiares, pode influenciar a não ocorrência de encontros presenciais, logo, influencia também a opinião relativamente às relações sociais.

H₅: Considerando o tipo de tarefas que os media permitem realizar, assiste-se ao diluir das fronteiras estabelecidas dos diferentes tempos e espaços – laboral/escolar, de lazer e familiar – e à sua frequente continuidade.

Pertencer a determinada geração e considerar que há, hoje, uma diluição de fronteiras entre tempos e espaços está relacionado. No entanto, apesar de, em termos percentuais, a informação revelar que os inquiridos distinguem a utilização dos novos *media* em período laboral, familiar e de lazer, concluiu-se, devido ao teste de *independência do Qui-quadrado* realizado, pela aceitação da hipótese. Uma vez que as características do mercado laboral (cada vez mais flexível e móvel); das relações familiares, que recorrem ao telemóvel (que está sempre com os indivíduos) para a sua gestão quotidiana; e do lazer (que cada vez mais é realizado com recurso ao computador e à internet) permitem afirmar que ocorre uma frequente fusão entre contextos, sendo complicado para os indivíduos separar os momentos de lazer, familiares e laborais/escolares. Para a sustentação desta afirmação contribuíram igualmente os excertos dos *focus groups*, que indicavam a existência de estratégias para que não ocorresse a diluição de tempos e espaços (como desligar o telemóvel em momentos específicos do dia).

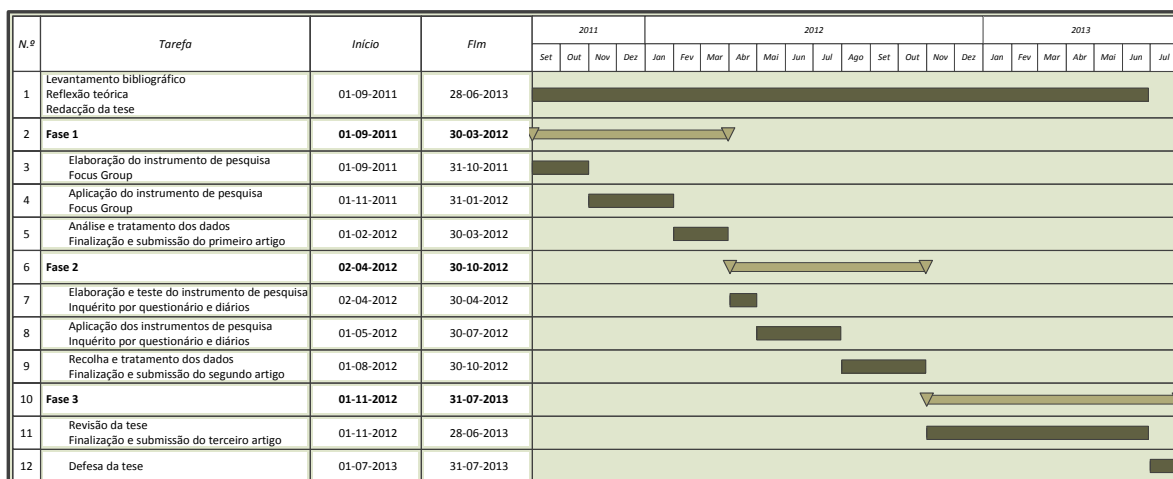
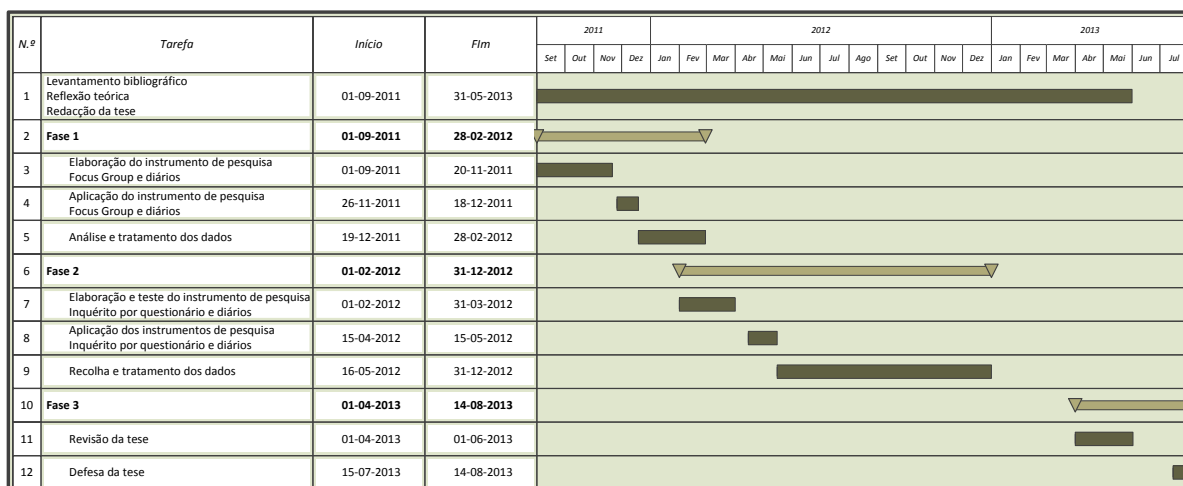
Uma das conclusões retiradas do trabalho e das leituras realizadas está relacionada com a transparência dos ecrãs, com a naturalidade com que se entrosaram na vida dos indivíduos, de tal forma que as atividades para as quais é necessário recorrer

aos novos *media* já se efetuam sem que se apercebiam da sua presença, e esta é uma característica imprescindível para o desenvolvimento e massificação de qualquer nova tecnologia, como afirmava Weiser, já em 1991, “The most profound technologies are those that disappear. They weave themselves into the fabric of everyday life until they are indistinguishable from it.” (Weiser, 1991, p. 3). Assiste-se, na opinião de Furtado (2007), para a passagem do *medium* livro para o *medium* ecrã, trazendo isso alterações nas relações entre Homem, cognição/afeção, cultura e corpo com o mundo (Furtado, 2007, pp. 106-107).

Os *media* estão presentes no quotidiano das pessoas, seja nas suas atividades de trabalho ou escola, seja nas de lazer ou familiares, já não se consegue pensar um dia em que não seja consultado o *email*, atendida uma chamada, ou ver um programa de televisão – por vezes, até se conjugam as três ao mesmo tempo. Tal facto pode não ser considerado uma desvantagem, mas apenas se se tiver em consideração as finalidades com que se realizam tais tarefas e o que se está a descurar com a utilização dos *media*.

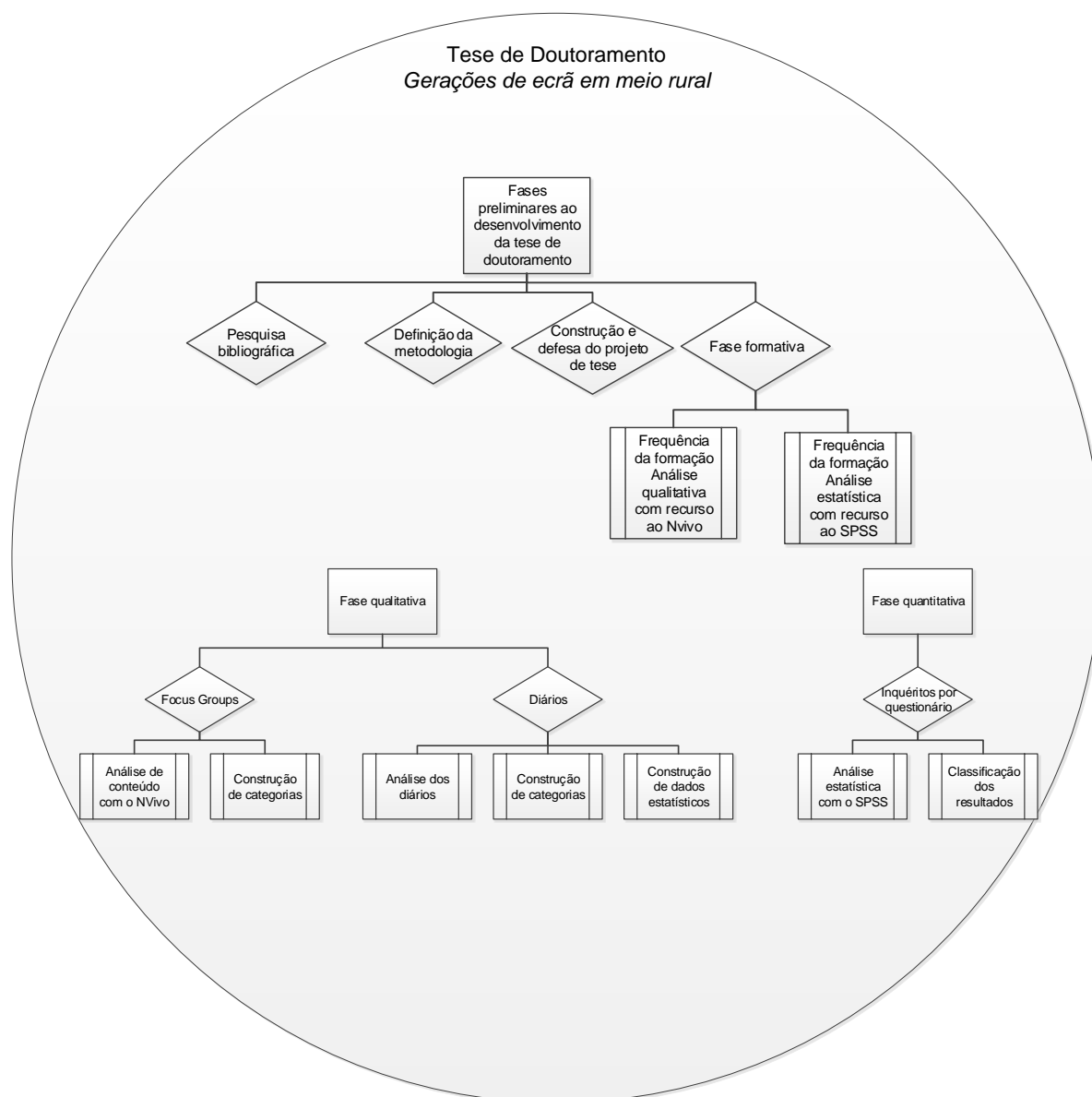
Mencionando, agora, as dificuldades encontradas (algumas delas já evidenciadas no **Capítulo V**), uma delas foi, precisamente, a gestão da informação. Sendo um tema tão atual, o da utilização dos novos *media*, e todos os que a ele se encontram associados, e alguns deles aqui tratados, é natural que, diariamente, seja exponencial o número de livros, artigos, vídeos, conferências, entre muitos outros, editados. Vive-se o momento que Braga (2003) identifica como a neurose do século XXI, o excesso de informação. No meio da parafernália de clássicos e contemporâneos, tornou-se, por vezes, complicado, decidir entre o que se deveria mencionar e o que se poderia pôr de parte e talvez explorar em futuras investigações. Ainda assim, espera-se que se tenha conseguido abordar os autores e projetos mais relevantes para os tópicos aqui estudados.

De seguida apresentam-se dois cronogramas das etapas inicialmente previstas e das realizadas ao longo da investigação, numa lógica comparativa:

Figura 30. Cronograma das atividades previstas a desenvolver - 2011/2013

Figura 31. Cronograma das atividades desenvolvidas - 2011/2013


Nota: Do segundo cronograma retiraram-se as submissões dos artigos, uma vez que este foi um trabalho contínuo, foram vários os artigos e as comunicações submetidas ao longo do desenvolvimento de toda a investigação.

No organograma da **Figura 32** é, ainda, possível ter uma visão geral das atividades desenvolvidas ao longo do doutoramento, tanto numa fase preliminar ao trabalho, como durante a fase de recolha de dados.

Figura 32. Organograma das atividades desenvolvidas no doutoramento

No **Anexo XIII** é possível verificar as comunicações apresentadas em encontros científicos e as publicações submetidas, para que se perceba a aceitação da investigação na comunidade.

Contudo, no final da investigação, considera-se que alguns tópicos poderiam ser mais aprofundados, em investigações apenas sobre eles e não numa tão abrangente como a presente. Numa futura investigação seria interessante, por exemplo, explorar as novas narrativas para os ecrãs, algo que exige novas competências infocomunicacionais, estudar quais seriam essas competências, aprofundar as que foram sugeridas no **Capítulo II** seria bastante interessante.

A questão da mudança das temporalidades sociais com o recurso aos novos *media* era outro dos tópicos com grande interesse aprofundar, sobretudo, entender se os indivíduos estão preparados para essas novas temporalidades e espacialidades, ou até um estudo longitudinal que permitisse compreender como foram mudando as temporalidades dos indivíduos e de que forma eles se adaptaram.

O tópico da segurança na utilização dos novos *media* é já de interesse de muitas investigações, sobretudo as de cariz mais governamental, que permitam elaborar medidas para uma utilização consciente dos *media*. Mas talvez aprofundar essas investigações com medidas concretas aplicadas no terreno, sobretudo, em âmbito rural, frequentemente esquecido das políticas públicas.

Um estudo que talvez se desenvolva em contexto de pós-doutoramento é o da análise do capital social em Portugal. Será bastante longo, no entanto, a investigação de Robert Putnam (2000), nos Estados Unidos permitiu concluir que algo desta natureza nunca foi realizado em Portugal, e que seria interessante verificar, talvez também longitudinalmente, como se traça o capital social da população portuguesa. Um estudo semelhante foi realizado para a cidade de Lisboa (Neves, 2012), atribuindo ênfase à utilização da internet.

Para a investigação foi consultado o inquérito dos usos sociais do tempo, realizado pelo INE (2000), considera-se que seria importante a realização de novo inquérito neste momento, em que os novos *media* ocupam grande parte do dia da população portuguesa. Para além disso, seria ainda pertinente elaborar um estudo comparativo entre as práticas no meio urbano e rural.

Vive-se um momento em que três importantes transformações estão a ocorrer na indústria das tecnologias que têm interferência na vida dos indivíduos: uma delas é a entrada na era pós-PC, onde outros artefactos são utilizados para além dos computadores, como os portáteis, os telemóveis ou os *tablets*; a outra é a era da nuvem (*cloud*), em que grande parte da informação se encontra localizada em servidores baseados na internet; e, uma terceira, quase paradoxal com a segunda, é o desenvolvimento de serviços e aplicações baseados em georeferenciação dos utilizadores e dos conteúdos (*media* locais). Assim, para além das atividades e relações se tornarem cada vez mais portáteis, a internet ocupa um lugar privilegiado na gestão dessas atividades e relações (Maximilien & Campos, 2012, p. 2). Nesta nova lógica, o Homem passa a ser recolector de informação, tão nómada como os recolectores de alimentos (McLuhan, 2008 [1964], p. 288), mas um nómada com um sistema de

vinculação às suas âncoras sedentárias, numa oscilação entre local e global, entre enraizado e desenraizado (Silva, 2002, p.23). As visões do futuro deverão, por isso, incorporar este novo Homem, com todas as suas tendências de pendularidade, experimentação e necessidade de desafio constantes, sobretudo, no que à tecnologia diz respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A

- Adams, B. (2010). Themes and Threads of Family Theories: A Brief History. *Journal of Comparative Family Studies*, 499-505.
- Agger, B. (2011). iTime: Labor and life in a smartphone era. *Time & Society*, 20(1), 119-136.
- Agnew, J. A. (2011). Space and Place. In J. A. Agnew & D. N. Livingstone (Eds.), *The SAGE Handbook of Geographical Knowledge* (pp. 316-330). Londres: SAGE Publications.
- Aires, L. (2007). Comunidades e Relações Interpessoais Online: reflexões no âmbito do projecto “@prende.com”. In L. Aires, J. Azevedo, I. Gaspar & A. C. Teixeira (Eds.), *Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Identidades no Ensino Superior* (pp. 157-172). Lisboa: Universidade Aberta.
- Almeida, A. N. d., Delicado, A., Alves, N. d. A., & Carvalho, T. (2011). *As crianças e a internet: relatório da 2ª fase de trabalhos - entrevistas a crianças, pais e professores*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Almeida, C. (2003). Novas Tecnologias e Interatividade: além das interações mediadas. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, 4(4), 1-14.
- Almeida, J. (2011). *O essencial sobre o Capital Social* (Vol. 116). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Almeida, P., Silva, L. O. d., Abreu, J., Saraiva, M., Almeida, M., Teixeira, J., Ramos, F. (2011). Connector: A Geolocated Mobile Social Service. In M. Cruz-Cunha & F. Moreira (Eds.), *Handbook of Research on Mobility and Computing: Evolving Technologies and Ubiquitous Impacts* (pp. 414-425). Hershey, PA: Information Science Reference.
- Almeida, P. P. d. (2012). *Variações Sobre o Trabalho Moderno*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- Anderson, S., Bateman, H., Harris, E., & McAdam, K. (Eds.). (2006). *Dictionary of Media Studies*. Londres: A & C Black.
- Anderson, T. (2005). Distance learning - Social software's killer ap? Comunicação apresentada ao *2005 Conference of the Open and Distance Learning Association of Australia (ODLAA)*, Adelaide, Sul de Austrália.
- Aquino, C., & Martins, J. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 7(2), 479-500.
- Araújo, V., Espanha, R., Neto, P., Amaral, S., Mendonça, S., & Cardoso, G. (2009). Uma nova identidade para o pequeno ecrã: da televisão de massa à televisão em rede. In G. Cardoso, R. Espanha & V. Araújo (Eds.), *Da Comunicação de Massa à Comunicação em Rede* (Vol. 18, pp. 243-265). Porto: Porto Editora.
- Araújo, V., Espanha, R., Santos, S., Lapa, T., & Cardoso, G. (2009). As dietas mediáticas dos portugueses. In G. Cardoso, R. Espanha & V. Araújo (Eds.), *Da Comunicação de Massa à Comunicação em Rede* (Vol. 18, pp. 145-170). Porto: Porto Editora.
- Area, M., & Pessoa, T. (2012). From Solid to Liquid: New Literacies to the Cultural Changes of Web 2.0. *Comunicar*, XIX(38), 13-20.

- Ariès, P. (1962). *Centuries of Childhood: A Social History of Family Life*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf.
- Ariès, P. (1973). *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Editions du Seuil.
- Aroldi, P. (2011). *Generational belonging between media audiences and ICT users* (Vol. 5). Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Aroldi, P., & Colombo, F. (2007). Generational belonging and mediascape in Europe. *Journal of Social Science Education*, 6(1), 34-44.
- Arregui, X., San Juan, C., & Otón, J. (1999). Las Nuevas Pantallas Planas. *Mundo Electrónico* 300(70), 70-78.
- Atkinson, P., & Hammersley, M. (1994). Ethnography and Participant Observation. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 248-261). California: SAGE Publications.
- Augé, M. (1994). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Vendas Novas: Bertrand Editora.

B

- Bailey, A., & Ngwenyama, O. (2010). Bridging the Generation Gap in ICT Use: Interrogating Identity, Technology and Interactions in Community Telecenters. *Information Technology for Development*, 16(1), 62-82.
- Balasubramanian, K., Thamizoli, P., Umar, A., & Kanwar, A. (2010). Using mobile phones to promote lifelong learning among rural women in Southern India. *Distance Education*, 31(2), 193-209.
- Baptista, F. O. (1996). Declínio de um tempo longo. In J. P. d. Brito (Ed.), *O Voo do Arado* (pp. 35-75). Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
- Baptista, F. O. (2003). *Portugal Rural: Territórios e Dinâmicas* (pp. 1-45). Lisboa: MADRP/GPPAA.
- Baptista, F. O. (2011). Os Contornos do Rural. In E. Figueiredo (Ed.), *O Rural Plural - olhar o presente, imaginar o futuro* (pp. 49-58). Castro Verde: 100Luz.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo* (L. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70.
- Barnes, K., Marateo, R., & Ferris, S. P. (2007). Teaching and Learning with the Net Generation. Innoovate. *Journal of online education*, 3(4), 1-8. Retirado de http://www.innovateonline.info/pdf/vol3_issue4/teaching_and_learning_with_the_net_generation.pdf, consultado a 23 de março de 2013.
- Barros, A. d. (1990). A Sociologia Rural perante a problemática do espaço. *Sociologia - Problemas e Práticas* (8), 43-53.
- Bartlett, J., Kotrlik, J., & Higgins, C. (2001). Organizational Research: Determining Appropriate Sample Size in Survey Research. *Information Technology, Learning, and Performance Journal*, 19(1), 43-50.

- Bauman, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Beaud, J.-P. (2003). A amostragem. In B. Gauthier (Ed.), *Investigação Social: da problemática à colheita de dados* (pp. 201-231). Lisboa: Lusociência.
- Beck, U. (2011 [1992]). *Risk society: towards a new modernity*. Londres: Sage Publications.
- Bengtson, V. (2001). Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. *Journal of Marriage and Family*, 63(1), 1-16.
- Bengtson, V. L., & Allen, K. R. (1993). The Life Course Perspective Applied to Families Over Time. In P. G. Boss, W. J. Doherty, R. LaRossa, W. R. Schumm & S. K. Steinmetz (Eds.), *Sourcebook of Family Theories and Methods: A Contextual Approach* (pp. 469-499). Nova Iorque: Plenum Press.
- Berker, T., Hartmann, M., Punie, Y., & Ward, K. (2005). *Domestication of Media and Technology*. Londres: Open University Press.
- Bickmore, T. W., & Picard, R. W. (2005). Establishing and Maintaining Long-Term Human-Computer Relationships. *ACM Transactions on Computer-Human Interaction*, 12(2), 293-327.
- Blurton, C. (1999). *New Directions of ICT-Use in Education*. França: Learning Without Frontiers, UNESCO (LWF).
- Boden, D., & Molotch, H. (1994). *The compulsion of proximity NowHere: Space, Time, and Modernity* (pp. 257-286). California: University of California Press.
- Bolter, J. D., & Grusin, R. (2000). *Remediation. Understanding New Media*. Cambridge: The MIT Press.
- Borges, J. (2011). *Participação política, Internet e competências infocomunicacionais: estudo com organizações da sociedade civil de Salvador*. (Doutoramento), Universidade Federal da Bahia, Salvador da Bahia.
- Borges, J., & Oliveira, L. (2011). Competências infocomunicacionais em ambientes digitais. *Observatorio (OBS*)*, 5(4), 291-326.
- Bossu, C., & Tynan, B. (2011). OERs: new media on the learning landscape. *On the Horizon*, 19(4), 259-267.
- Bourdieu, P. (2003 [1984]). *Questões de Sociologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. In J. G. Richardson (Ed.), *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education* (pp. 241-258). Nova Iorque: Greenwood Press.
- Bourdieu, P. (1999). *Escritos de educação* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (2000). Making the economic habitus: Algerian workers revisited. *Ethnography*, 1(1), 17-41.
- Bourdieu, P. (2010 [1979]). *A distinção: uma crítica social da faculdade do juízo* (Vol. 2). Lisboa: Edições 70.
- Braga, R. (2003). O Excesso de Informação - A Neurose do Século XXI. *Método - Reflexão Estratégica*, 1-6.

- Brandão, T. d. S. (2011). *Atrás das grades: redes sociais, habitus e interação social no sistema carcerário do RN*. (Doutoramento), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Retirado de http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4781, consultado a 23 de março de 2013.
- Bruce, S., & Yearley, S. (Eds.). (2006) *The SAGE Dictionary of Sociology*. Londres: SAGE Publications.
- Bruegel, I. (2005). Social capital and feminist critique. In J. Franklin (Ed.), *Women and social capital* (pp. 4-17). Londres: London South Bank University.
- Bryant, L., & Pini, B. (2011). *Gender and Rurality*. Nova Iorque: Routledge.
- Buckingham, D. (2006). Is there a digital generation? In D. Buckingham & R. Willett (Eds.), *Digital Generations: Children, Young People and New Media* (pp. 1-17). Nova Jérsei: LEA.
- Burguière, A., Klapisch-Zuber, C., Segalen, M., & Zonabend, F. (1999 [1986]). *História da Família. O Ocidente: Industrialização e Urbanização* (Vol. 4º). Lisboa: Terramar.
- Burston, J., Dyer-Witheford, N., & Hearn, A. (2010). Digital labour: Workers, authors, citizens. *ephemera | theory & politics in organization*, 10(3/4), 214-221.

C

- Camargo, L. O. d. L. (1989). *O que é Lazer*. São Paulo: Brasiliense.
- Capobianco, L. (2010). A Revolução em Curso: Internet, Sociedade da Informação e Cibercultura. *Estudos em Comunicação*, 2(7), 175-193.
- Cardoso, G. (Coord.), Gonçalves, A., Vieira, J., & Espanha, R. (2008). *Anuário da Comunicação 2006-2007. Tecnologias de Informação e Comunicação*. Lisboa: OberCom.
- Cardoso, G., Mendonça, S. (Coord.), Paisana, M., & Lima, T. (2012). *Anuário da Comunicação 2011-2012*. Lisboa: OberCom. Disponível em <http://www.obercom.pt/client/?newsId=28&fileName=Anuario2012.pdf>, consultado a 08 de maio de 2013.
- Cardoso, G. (2009a). Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade de informação. In G. Cardoso, R. Espanha & V. Araújo (Eds.), *Da Comunicação em Massa à Comunicação em Rede* (Vol. 18, pp. 15-66). Porto: Porto Editora.
- Cardoso, G. (2009b). *Do Quarto de Dormir para o Mundo*. Lisboa: Âncora Editora.
- Cardoso, G., Costa, A. F. d., Conceição, C. P., & Gomes, M. d. C. (2005). Processo de mudança estrutural na sociedade portuguesa. In G. Cardoso, A. F. d. Costa, C. P. Conceição & M. d. C. Gomes (Eds.), *A Sociedade em Rede em Portugal* (1ª ed., Vol. 17, pp. 31-80). Porto: Campo das Letras.
- Cardoso, G., & Espanha, R. (2009). *A Internet em Portugal 2009*. Lisboa: OberCom.

- Cardoso, G., & Espanha, R. (2012). *Sociedade em Rede. A Internet em Portugal 2012*. Lisboa: OberCom.
- Cardoso, G., Espanha, R., & Lapa, T. (2007). *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: CIES-ISCTE.
- Cardoso, G., Espanha, R., Mendonça, S., Lima, T., & Paisana, M. (2012). *A apropriação dos telemóveis na Sociedade em Rede*. Lisboa: OberCom. Disponível em http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=fr_sr_janeiro_2012_telemoveis.pdf, consultado a 08 de maio de 2013.
- Cardoso, G., & Espanha, R. C. (2011). *A Utilização da Internet em Portugal 2010*. Lisboa: Lisbon Internet and Networks Institute.
- Cardoso, G., Gomes, M. d. C., Espanha, R., & Araújo, V. (2007). Portugal móvel. *Comunicação & Cultura* (3), 19-39.
- Cardoso, G., Vieira, J., & Mendonça, S. (2011). *Ecrãs em Rede. Televisão. Tendências e Prospetivas*. Lisboa: OberCom.
- Cardoso, G. C., Araújo, V., Gomes, M. d. C., & Espanha, R. (2007). *Portugal Móvel. Utilização do Telemóvel e Transformação da Vida Social* (pp. 72). Lisboa: OberCom.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para a auto-aprendizagem* (Vol. 147). Lisboa: Universidade Aberta.
- Carroll, J., Howard, S., Vetere, F., Peck, J., & Murphy, J. (2001). Identity, Power And Fragmentation in Cyberspace: Technology Appropriation by Young People. *ACIS 2001 Proceedings*, Australia.
- Carroll, J., Howard, S., Vetere, F., Peck, J., & Murphy, J. (2002). Just what do the youth of today want? Technology appropriation by young people. Comunicação apresentada ao *35th Hawaii International Conference on System Sciences*, Island of Hawaii.
- Castela, A., & Garcia, A. C. (2005). *Tecnologias da Informação e da Comunicação no Espaço Rural - Fiat Lux*. Castelo Branco: Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Castells, M. (1999). *Information Technology, Globalization and Social Development*. United Nations.
- Castells, M. (2005). A sociedade em rede. In G. Cardoso, A. F. d. Costa, C. P. Conceição & M. d. C. Gomes (Eds.), *A Sociedade em Rede em Portugal* (1ª ed., Vol. 17, pp. 19-29). Porto: Campo das Letras.
- Castells, M. (2007 [1996]). *A Era da Informação: Economia Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede* (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M., Fernández-Ardèvol, M., Qiu, J., & Sey, A. (2007). *Comunicação Móvel e Sociedade. Uma perspectiva global*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CE. (2007a). *Plano de Desenvolvimento Rural para 2007-2013 para a Região Autónoma dos Açores, Portugal*. Bruxelas: CE. Retirado de http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-07-485_pt.pdf, consultado a 23 de março de 2013.
- CE. (2007b). *Plano de Desenvolvimento Rural para a Região Autónoma da Madeira, Portugal*. Bruxelas: CE. Retirado de http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-07-605_pt.pdf, consultado a 23 de março de 2013.

- CE. (2007c). *Plano de Desenvolvimento Rural para Portugal Continental*. Bruxelas: CE Retirado de http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-07-484_pt.pdf, consultado a 23 de março de 2013.
- CE. (2008). *Programa da Rede Rural Nacional, Portugal, 2007-2013*. Bruxelas: CE. Retirado de http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-08-723_en.pdf, consultado a 23 de março de 2013.
- CEE. (1988). *The Future of Rural Society. Commission communication transmitted to the Council and to the European Parliament*. Bruxelas: CEE Retirado de <http://aei.pitt.edu/5214/>, consultado a 23 de março de 2013.
- CEMAT. (2011). *Glossário do Desenvolvimento Territorial*. Lisboa: Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU).
- Chambat, P., & Ehrenberg, A. (1988). De la télévision à la culture de l'écran. Sur quelques transformations de la consommation. *Le Débat*, 5(52), 107-132.
- Chen, D., Lin, Z. & Lai, F. (2010). Crossing the Chasm – Understanding China's Rural Digital Divide. *Journal of Global Information Technology Management*, 13(2), 4-36.
- Cimadevilla, G. (2010). La cuestión rurbana: apuntes para una entrada comunicacional. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 33(2), 73-85.
- Cisco. (2012). *Gen Y: New Dawn or work, play, identity Cisco Connected World Technology Report* (pp. 18). San Jose, USA: Cisco.
- Clark, C. (1940). *The Conditions of Economic Progress*. Londres: Macmillan.
- Cloke, P. (2011). Urban-Rural. In J. A. Agnew & D. N. Livingstone (Eds.), *The SAGE Handbook of Geographical Knowledge* (pp. 563-570). Londres: SAGE Publications.
- Coelho, M. Z. S. P., & Neves, J. P. (2010). Conclusão. In M. Z. S. P. Coelho & J. P. Neves (Eds.), *Ecrã, Paisagem e Corpo* (Vol. 20, pp. 102-103). Coimbra: Grácio Editor.
- Cole, M. (2003 [1996]). *Cultural psychology: a once and future discipline* (6ª ed.). Cambridge: Harvard University Press.
- Collin, S. M. H. (Ed.) (2004 [1987]) *Dictionary of ICT* (4ª ed.). Londres: Bloomsbury.
- Collins, R. (2011). *Interaction rituals and the new electronic media*. Retirado de <http://sociological-eye.blogspot.pt/2011/01/interaction-rituals-and-new-electronic.html>, consultado a 23 de março de 2013.
- Conde, I. (1996). Cenários de práticas culturais em Portugal (1979-1995). *Sociologia - Problemas e Práticas* (23), 117-188.
- Cornford, J., Gillespie, A., & Richardson, R. (1996). *Regional Development in the information society: A review and analysis*. Newcastle: Centre for Urban & Regional Development, University of Newcastle upon Tyne.
- Correia, J. A. (1999). A autonomia da escola em meio rural: partilha e dependência com e da comunidade. *Território Educativo* (6), 47-52.
- Correia, S. (2007). *Capital social e comunidade cívica, o círculo virtuoso da cidadania: aplicação do modelo de Putnam aos residentes do Bairro de Caselas*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

- Corsten, M. (1999). The Time of Generations. *Time & Society*, 8(2-3), 249-272.
- Cosgrove, D. E. (1998). *Social formation and symbolic landscape*. Londres: The University of Wisconsin Press.
- Costa, R. d. (2005). Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 9(17), 235-248.
- Covas, A., & Covas, M. d. M. (2012). *A caminho da 2ª ruralidade: uma introdução à temática dos sistemas territoriais*. Lisboa: Edições Colibri.
- Crang, M. (2011). Time. In J. A. Agnew & D. N. Livingstone (Eds.), *The SAGE Handbook of Geographical Knowledge* (pp. 331-343). Londres: SAGE Publications.
- Cristóvão, A., Medeiros, V., & Melides, R. (2011). Aldeias Vinhateiras, Aldeias Vivas? In E. Figueiredo (Ed.), *O Rural Plural - olhar o presente, imaginar o futuro* (1ª ed., pp. 175-188). Castro Verde: 100 Luz.
- Crumlish, C., & Malone, E. (2009). *Designing Social Interfaces* (1ª ed.). Canada: O'Reilly Media.

D

- Dagnaud, M. (2011). *Génération Y : Les jeunes et les réseaux sociaux, de la dérision à la subversion*. Paris: Les Presses de Sciences Po.
- Damásio, A. (2010). *O Livro da Consciência. A construção do cérebro consciente*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Danesi, M. (Ed.) (2009). *Dictionary of Media and Communications*. Nova Iorque: M. E. Sharpe.
- de Lucas, J. (2003). *Globalización e identidades: Claves políticas y jurídicas*. Barcelona: Icaria editorial.
- De Smedt, T., & Geeroms, C. C. (2006). *A European Research Project: The Appropriation of New Media by Youth*. Bélgica.
- Deakins, D., Mochrie, R., & Galloway, L. (2004). Rural business use of information and communications technologies (ICTs): a study of the relative impact of collective activity in rural Scotland. *Strategic Change*, 13(3), 139-150.
- Deresiewicz, W. (2009). *Faux Friendship*. Retirado de <http://chronicle.com/article/Faux-Friendship/49308/>, consultado a 19 de março de 2013.
- Deuze, M. (2012). *Media Life* (1ª ed.). Cambridge: Polity Press.
- Developments, E.-G. (2009). China Focuses on Rural Informatization. *I-Ways Journal of E-Government Policy and Regulation* (32), 213-215.
- DGOTDU. (2000). *Vocabulário do Ordenamento do Território*. Lisboa: Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano. Retirado de <http://pt.scribd.com/doc/126122957/VOCABULARIO-ORDENAMENTO-TERRITORIO-DGOTDU-2000>, consultado a 23 de março de 2013.

- Dias, P. (2007). O impacto do telemóvel na sociedade contemporânea: panorama de investigação em Ciências Sociais. *Comunicação & Cultura* (3), 77-96.
- Diogo, A. M., & Gomes, C. (2012). Entre a escola e a família: usos do computador Magalhães. Comunicação apresentada no *VII Congresso Português de Sociologia. Sociedade, Crise e Reconfigurações*, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Domingues, Á. (2012). *Vida no Campo* (1ª ed. Vol. 45). Porto: Dafne Editora.
- Domingues, J. (2002). Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo Social*, 14(1), 67-89.
- Dooris, J., Sotireli, T., & Van Hoof, S. (2008). Distant Friends Online? Rural and Urban Adolescents' Communication on the Internet. *Economische en Sociale Geografie*, 99(3), 293-302.
- Drotner, K. (2000). Difference and diversity: trends in young Danes' media uses. *Media, Culture & Society*, 22(2), 149-166.
- Ducheneaut, N., Moore, R. J., & Nickell, E. (2007). Virtual "Third Places": A Case Study of Sociability in Massively Multiplayer Games. *Computer Supported Cooperative Work*, 16(1-2), 129-166.
- Dumazedier, J. (1973). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Dumazedier, J. (1979). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva.
- Dunbar, R. I. M. (1993). Coevolution of neocortical size, group size and language in humans. *Behavioral and Brain Sciences*, 16(4), 681-735.
- Durkheim, É. (1963). *L'éducation morale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Durkheim, É. (1975). *Textes 3: Fonctions sociales et institutions*. Paris: Les Editions de Minuit.
- Durkheim, É. (1995 [1912]). *The Elementary Forms of the Religious Life*. New York: The Free Press.
- Durkheim, É. (2001 [1895]). *As Regras do Método Sociológico* (8ª ed. Vol. 6). Lisboa: Editorial Presença.
- Dyer-Witheford, N. (2010). Digital labour, species-becoming and the global worker. *ephemera / theory & politics in organization*, 10(3/4), 484-503.

E

- Eco, U. (1993). *Viagens na Irrealidade Quotidiana*. Algés: Difel.
- Eiras, M. O. M. d. (2012). *O Computador Magalhães no distrito de Bragança: fatores restritivos à utilização em contexto de aprendizagem*. (Mestrado), Instituto Politécnico de Bragança, Bragança. Retirado de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/7620/1/A%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20educativa%20do%20computador%20Magalh%C3%A3es%20no%20distrito%20de%20Bra>

[gan%C3%A7a%20fatores%20restritivos%20a%20sua%20utiliza%C3%A7%C3%A3o.pdf](#), consultado a 23 de março de 2013.

Eisenstadt, S. N. (1976 [1956]). *De Geração a Geração* (Vol. 41). São Paulo: Editora Perspectiva.

Ellison, N. B., Steinfield, C., & Lampe, C. (2011). Connection strategies: Social capital implications of Facebook-enabled communication practices. *New Media & Society*, 13(6), 873-892.

Erickson, G. D., & Hogan, T. P. (1972). *Family Therapy: an Introduction to Theory and Technique*. Monterey: Brooks/Cole.

Espanha, R. (2009). Posfácio. A inovação do real e a inovação metodológica. In G. Cardoso, R. Espanha & V. Araújo (Eds.), *Da Comunicação de Massa à Comunicação em Rede* (Vol. 18, pp. 267-271). Porto: Porto Editora.

Estanque, E. (2002). Desafios e Obstáculos ao Desenvolvimento Tecnológico em Portugal: Uma abordagem sociológica das implicações sócio-organizacionais da tecnologia. *Oficina do CES* (168), 1-40.

EU. (2007). *Safer Children. Qualitative Study in 29 European Countries. National Analysis: Portugal*. Lisboa.

Evers, R. (2004). *Generation C*. Retirado de http://www.trendwatching.com/trends/generation_c.htm, consultado a 23 de março de 2013.

Eyerman, R., & Turner, B. S. (1998). Outline of a Theory of Generations. *European Journal of Social Theory*, 1(1), 91-106.

F

Facchini, C., & Rampazi, M. (2009). No longer young, not yet old. *Time & Society*, 18(2-3), 351-372.

Fantin, M., & Rivoltella, P. C. (2010). Crianças na era digital: desafios da comunicação e da educação. *Revista de Estudos Universitários*, 36(1), 89-104.

Federman, M. (2004). *What is the Meaning of the Medium is the Message*. Retirado de http://individual.utoronto.ca/markfederman/article_mediumisthemessage.htm, consultado de 23 de março de 2013.

Feist, H., Parker, K., Howard, N., & Hugo, G. (2010). New Technologies: Their Potential Role in Linking Rural Older People to Community. *International Journal of Emerging Technologies and Society*, 8(2), 68-84.

Feixa, C. (2001). *Generació @: la joventut al segle XXI*. Barcelona: Generalitat de Catalunya. Retirado de <http://www20.gencat.cat/docs/Joventut/Documents/Arxiu/aporta12.pdf>, consultado a 23 de março de 2013.

Feixa, C. (2011). Tarzan, Peter Pan, Bide Runner: relatos juvenis na era global. In J. M. Pais, R. Bendit & V. S. Ferreira (Eds.), *Jovens e Rumos* (pp. 203-222). Lisboa: ICS.

- Fernandes, S. (2010). *Contributo da Web 2.0 para a inovação nos processos de trabalho nas organizações públicas - Ambiente de trabalho 2.0*. (Mestrado), Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Ferrão, J. (2000). Relações entre mundo rural e mundo urbano. Evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. *Sociologia. Problemas e Práticas* (33), 45-54.
- Ferrão, J., & Lopes, R. (2004). Understanding peripheral rural areas as contexts for economic development. In L. Labrianidis (Ed.), *The Future of Europe's Rural Peripheries* (pp. 31-61). Burlington: Ashgate Publishing Company.
- Ferraz, F., & Pereira, B. (2009). Práticas de lazer na ocupação dos tempos livre. Estudo com jovens, de ambos os sexos, em diferentes contextos sociais. In L. P. Rodrigues, L. Saraiva, J. Barreiros & O. Vasconcelos (Eds.), *Estudos em Desenvolvimento Motor da Criança II* (pp. 257-267). Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Ferreira, J. (2006). Lugar, espaço e geografia. Do real ao virtual na sociedade do conhecimento. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* (18), 59-82.
- Ferrés, J., & Piscitelli, A. (2012). Media Competence. Articulated Proposal of Dimensions and Indicators. *Comunicar*, XIX(38), 75-81.
- Fidalgo, A. (1999). Nova Corte na Aldeia. Internet e ruralidade. In D. Rodrigues (Ed.), *Diálogos Raianos - Ensaio sobre a Beira Interior* (pp. 89-99). Lisboa: Edições Colibri.
- Figueiredo, E. (2003). *Um rural para viver, outro para visitar: o ambiente nas estratégias de desenvolvimento para as áreas rurais*. (Doutoramento), Universidade de Aveiro, Aveiro. Retirado de <http://biblioteca.sinbad.ua.pt/DisQSws/get.aspx?filename=2009000062.pdf&catalog=Teses&type=pdf>, consultado a 23 de março de 2013.
- Figueiredo, E. (2011). Introdução: Um rural cheio de futuros? In E. Figueiredo (Ed.), *O Rural Plural - olhar o presente, imaginar o futuro* (1ª ed., pp. 13-46). Castro Verde: 100 Luz.
- Figueiredo, E., & Ferrão, P. (2007). O conhecimento não cresce nas árvores: os desafios da sociedade do conhecimento e o mundo rural em Portugal. Comunicação apresentada ao III Congresso de Estudos Rurais, Faro. Retirado de http://aveiro.academia.edu/ElisabeteFigueiredoProfessor/Papers/100401/O_conhecimento_nao_cresce_nas_arvores_os_desafios_da_sociedade_do_conhecimento_e_o_mundo_rural_em_Portugal, consultado a 23 de março de 2013.
- Fisher, A. (1945). *Economic Progress and Social Security*. Londres: Macmillan.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Folino Junior, A. (2012). Glocal e Visibilidade Mediática: Uma reconfiguração do imaginário. Comunicação apresentada ao X Congresso da LUSOCOM – Comunicação, Cultura e Desenvolvimento, Lisboa.
- Fontana, A., & Frey, J. (1994). Interviewing: The Art of Science. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 361-376). California: SAGE Publications.
- Fortes, M. (1984). Age, generation, and social structure. In K. David & J. Keith (Eds.), *Age and anthropological theory*. Londres: Cornell University Press.

- Foth, M., & Hearn, G. (2007). Networked Individualism of Urban Residents: Discovering the communicative ecology in inner-city apartment buildings. *Information, Communication & Society*, 10(5), 749-772.
- Frau-Meigs, D. (2011). *Penser la société de l'écran. Dispositifs et usages*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle.
- Freire, I. (1984). Comunicação de informações tecnológicas para o meio rural. *Ciência da Informação*, 13(1), 61-71.
- Frissen, V. (2000). ICTs in the Rush Hour of Life. *The Information Society* (16), 5-75.
- Furtado, J. A. (2007). Fractura digital e literacia: reequacionar as questões de acesso. *Comunicação & Cultura* (3), 97-111.

G

- Gama, M. d. A. A. (1881). *Estudo sobre o Casamento Civil*. Universidade de Coimbra.
- Ganito, C. (2007a). Editorial. Comunidade e mobilidade. *Comunicação & Cultura* (3), 11-16.
- Ganito, C. (2007b). *O telemóvel como entretenimento. O impacto da mobilidade na indústria de conteúdos em Portugal*. Lisboa: Paulus Editora.
- Gauntlett, D. (2009). Media Studies 2.0: a response. *Interactions: Studies in Communication and Culture*, 1(1), 147-157.
- Gentile, D., & Walsh, D. (2002). A normative study of family media habits. *Applied Developmental Psychology*, 23, 157-178.
- GEPE. (2011). Educação em Números - Portugal 2011. In G. d. E. e. P. d. E. (GEPE) (Ed.), *Educação em Números*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).
- Giddens, A. (2000). *Sociologia* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (2002 [1990]). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta Editora.
- Gil, H., & Amaro, F. (2011). e-Inclusão: «dos 7 aos 77». Comunicação apresentada ao 61st International Council for Educational Media and the XIII International Symposium on computers in Education (ICEM&SIIE'2011), Aveiro.
- Gilbert, E., Karahalios, K., & Sandvig, C. (2010). The Network in the Garden: Designing Social Media for Rural Life. *American Behavioral Scientist*, 53(9), 1367-1388.
- Gini, A. (2003). *The Importance of Being Lazy. In Praise of Play, Leisure and Vacations*. Nova Iorque: Routledge.
- Giri, J. (2002). Digital Divide: Exploring National and International Approaches to Bridge the Digital Divide and Formulating a Strategic Model That Can Be Implemented in Developing Countries. Comunicação apresentada ao ICT and Development, Nepal. Retirado de policy-icasit.gmu.edu/news/ddnepal.pdf, consultado a 23 de março de 2013.

- Gomes, M. J., Valente, L., & Dias, P. (2007). Promoção de comportamentos seguros na Internet – um estudo de caso. *Challenges 2007: actas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação*, Braga. Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7050/1/Challenges07-MJG-LV-PD.pdf>, consultado a 23 de março de 2013.
- Gonçalves, A. (2004). *Diferenças de estilos de vida entre populações jovens de meio rural (Boticas) e de meio urbano (Braga)*. (Mestrado), Universidade do Minho, Braga. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/1022>, consultado a 23 de março de 2013.
- Goode, W. J. (1970). *A família*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Goodman, I. (1983). Television's Role in Family Interaction. *Journal of Family Issues*, 4(2), 405-424.
- Granieri, G. (2006). *Geração Blogue*. Lisboa: Editorial Presença.
- Granovetter, M. (1973). The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, 78(6), 1360-1380.
- Gray, C. (2002). *Cyborg citizen: politics in the posthuman age* (1ª ed.). Nova Iorque e Londres: Routledge.
- Grice, H. P. (1975). Logic and Conversation. In P. Cole & J. L. Morgan (Eds.), *Syntax and semantics* (Vol. 3: Speech acts, pp. 41-58). Londres: Academic Pr.
- Grimes, S. (2000). Rural areas in the information society: diminishing distance or increasing learning capacity? *Journal of Rural Studies* (16), 13-21.
- Gui, M., & Argentin, G. (2011). Digital skills of internet natives: Different forms of digital literacy in a random sample of northern Italian high school students. *New Media & Society*, 13(6), 963-980.
- Gutiérrez, A., & Tyner, K. (2012). Media Education, Media Literacy and Digital Competence. *Comunicar*, XIX(38), 31-39.

H

- Hampton, K. N., Lee, C.-j., & Her, E. J. (2011). How new media affords network diversity: Direct and mediated access to social capital through participation in local social settings. *New Media & Society*, 13(7), 1031-1049.
- Hampton, K. N., Sessions, L. F., Her, E. J., & Rainie, L. (2009). *Social Isolation and New Technology. How the internet and mobile phones impact Americans' social networks*. Washington: Pew Internet & American Life Project.
- Harvey, D. (1990). *The Condition of Postmodernity. An Enquiry into the Origins of Cultural Changes*. Oxford: Blackwell.
- Heidegger, M. (1977). *The question concerning technology, and other essays*. Nova Iorque: Garland Publishing.
- Heidegger, M. (2008 [1962]). *Being and Time*. Nova Iorque: Harper & Row.

- Helsper, E. J., & Eynon, R. (2010). Digital natives: where is the evidence? *British Educational Research Journal*, 36(3), 503-520.
- Herrero, I., & Serrano, J. (2006). Las nuevas pantallas, un reto educativo. *Revista Complutense de Educación*, 17(1), 135-149.
- Hindman, D. (2000). The rural-urban digital divide. *Journalism and Mass Communication Quarterly*, 77(3), 549-560.
- Hörning, K. H., Ahrens, D., & Gerhard, A. (1999). Do Technologies have Time? *Time & Society*, 8(2-3), 293-308.

I

- Ilharco, F. (2007). Where are you? A Heideggerian analysis of the mobile phone. *Comunicação & Cultura* (3), 59-76.
- INE. (2000). *O Uso do Tempo* (pp. 10). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. (2011a). *Anuário Estatístico de Portugal 2010* (pp. 628). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. (2011b). *Censos 2011 Resultados provisórios*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. (2011c). *Península Ibérica em Números 2010*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. (2012a). *Anuário Estatístico de Portugal 2011* (pp. 668). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. (2012b). *Censos 2011 Resultados Definitivos – Portugal* (pp. 560). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. (2012c). *Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Empresas 2012* (pp. 1-7). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE. (2012d). *Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias 2012*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Introna, L., & Ilharco, F. (2006). On the Meaning of Screens: Towards a Phenomenological Account of Screenness. *Human Studies*, 29(1), 57-76.

J

- Jenkins, H. (2008 [2006]). *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph.
- Jenkins, H., Ford, S., & Green, J. (2013). *Spreadable media: creating value and meaning in a networked culture*. Nova Iorque e Londres: New Iorque University Press.

- Johnsen, T. (2001). The instantaneous time. How being connected affect the notion of time. Comunicação apresentada ao IT-Users and Producers in an Evolving Sociocultural Context, Norberg.
- Jones, C., Ramanau, R., Cross, S., & Healing, G. (2010). Net generation or Digital Natives: Is there a distinct new generation entering university? *Computers & Education*, 54(3), 722-732.
- Jorge, A., Brites, M. J., & Francisco, K. (2011). Contactar, entreter, informar: um retrato da inclusão digital de jovens e seus familiares em Portugal. *Observatorio (OBS*)*, 5(3), 101-131.
- Jukes, I., & Dosaj, A. (2006). Understanding Digital Children. Retirado de <http://edorigami.wikispaces.com/Understanding+Digital+Children+-+Ian+Jukes>, consultado a 23 de março de 2013.
- Jung, C. G. (1987). *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

K

- Kang, B.-S. (2009). Bridging the Digital Divide between Urban and Rural Areas: Experience of the Republic of Korea. ESCAP Technical Paper. Bangucoque: ESCAP.
- Kellermann, A. (1989). *Time, Space and Society: Geographical-Societal Perspectives* (Vol. 11). Nova Iorque: Springer-Verlag New York.
- Kelly, J. (2009 [1972]). Work and Leisure: A Simplified Paradigm. *Journal of Leisure Research*, 41(3), 439-451.
- Kenski, V. M. (2003). Aprendizagem Mediada pela Tecnologia. *Revista Diálogo Educacional*, 4(10), 47-56.
- Kharmouch, G., & Veronsky, F. (1995). Third places. *Brandweek*, 36(11), 36-39.
- Kjaer, A. L. (2008). *Macro Trends 2015+. The Future Workplace and Tomorrow's People*. Kjaer Global. Londres. Retirado de <http://www.kjaer-global.com/>, consultado a 23 de março de 2013.
- Krejcie, R., & Morgan, D. (1970). Determining sample size for research activities. *Educational and Psychological Measurement*, 30, 607-610.
- Kuriyan, R., Ray, I., & Toyama, K. (2008). Information and Communication Technologies for Development: The Bottom of the Pyramid Model in Practice. *The Information Society*, 24(2), 93-104.

L

- Labrianidis, L., & Kalogeressis, T. (2006). The digital divide in Europe's rural enterprises. *European Planning Studies*, 14(1), 23 - 39.
- Laureano, R. (2011). *Testes de Hipóteses com o SPSS - O Meu Manual de Consulta Rápida* (1ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

- Laureano, R., & Botelho, M. d. C. (2012). *SPSS - O Meu Manual de Consulta Rápida* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Law, J., & Bijker, W. (1992). Postscript: technology, stability, and social theory. In J. Law & W. Bijker (Eds.), *Shaping Technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change* (pp. 290-308). Cambridge: MIT Press.
- Leandro, E. (2001). *Sociologia da Família nas Sociedades Contemporâneas* (Vol. 217). Lisboa: Universidade Aberta.
- Lee, H., & Liebenau, J. (2000). Time and the Internet at the Turn of the Millennium. *Time & Society*, 9(1), 43-56.
- Lemos, A. (2007). Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. In A. S. Médola, D. Araújo & F. Bruno (Eds.), *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática* (pp. 277-293). Porto Alegre: Editora Sulina.
- Lévi-Strauss, C. (1967). *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: Mouton.
- Lévi-Strauss, C. (1986). *L'identité*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Levinson, P. (1998 [1997]). *A Arma Suave - História Natural e Futuro da Revolução da Informação*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Lévy, P. (1997 [1994]). *A Inteligência Colectiva. Para uma Antropologia do Ciberespaço*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lévy, P. (1998 [1995]). *¿Qué es lo virtual?* Barcelona: Paidós.
- Liebenau, J., & Lee, H. (2002). A new time discipline: managing virtual work environments. In R. Whipp, B. Adam & I. Sabelis (Eds.), *Making Time: Time and Management in Modern Organizations* (pp. 126-139). Oxford: Oxford University Press.
- Lin, N. (1999). Building a Network Theory of Social Capital. *Connections*, 22(1), 28-51.
- Ling, R., & Yttri, B. (2002). Hyper-coordination via mobile phones in Norway. In J. Katz & M. Aakhus (Eds.), *Perpetual Contact, Mobile Communication, Private Talk, Public Performance* (pp. 139-169). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lipovetsky, G., & Charles, S. (2011). *Os Tempos Hipermodernos*. Lisboa: Edições 70.
- Lipovetsky, G. S., Jean. (2010). *O Ecrã Global. Cultura mediática e cinema na era hipermoderna*. (L. F. Sarmiento, Trans.). Lisboa: Edições 70.
- Livingstone, S., & Haddon, L. C. (2009a). *EU Kids Online. Final Evaluation Report*. Londres: The London School of Economics and Political Science.
- Livingstone, S., & Haddon, L. C. (2009b). *EU Kids Online. Resultados Principais*. Londres: The London School of Economics and Political Science.
- Livingstone, S., & Helsper, E. (2007). Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. *New Media & Society*, 9(4), 671-696.
- Llamazares, J. (2005, Aug, 21 2005). Turismo rural, *El País*. Retirado de http://elpais.com/diario/2005/08/21/domingo/1124596357_850215.html, consultado a 23 de março de 2013.

- Lopes, J. T. (2011). Modos de comunicar: viagens entre o real-real e o real-virtual. In J. M. Pais, R. Bendit & V. S. Ferreira (Eds.), *Jovens e Rumos* (pp. 243-253). Lisboa: ICS.
- Lopes, P. C. (2011). *Educação para os media nas sociedades multimediáticas*. 1-30. Retirado de http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP108_Lopes_000.pdf, consultado a 23 de março de 2013.
- Lopes, P. C. (2012). Literacia mediática: novas competências para infoadictos. Comunicação apresentada ao *VII Congresso Português de Sociologia. Sociedade, Crise e Reconfigurações*, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Loureiro, L. M. (2008). Convergência e hipermodernidade: emerge a TV do ego. *PRISMA.COM* (7), 315-338.
- Loury, G. C. (1977). A Dynamic Theory of Racial Income Differences. In P. A. Wallace & A. M. LaMond (Eds.), *Women, Minorities, and Employment Discrimination* (pp. 153-186). Lexington: Lexington Books.
- Luckmann, T., & Berger, P. L. (2010 [1966]). *A Construção Social da Realidade: um tratado da sociologia do conhecimento* (3ª ed.). Lisboa: Dinalivro.
- Luger, M. I., & Maynard, N. C. (2007). Information and Communication Technology and the Places Left Behind. *Prometheus: Critical Studies in Innovation*, 25(3), 267 - 282.

M

- Mackay, H., & Gillespie, G. (1992). Extending the Social Shaping of Technology Approach: Ideology and Appropriation. *Social Studies of Science*, 22(4), 685-716.
- Mannheim, K. (1952). The problem of generations. In P. Kecskemeti (Ed.), *Essays on the Sociology of Knowledge* (pp. 276-322). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Mannheim, K. (1990 [1952]). O Problema das Gerações. In K. Mannheim (Ed.), *Sociologia do Conhecimento* (Vol. II, pp. 115-176). Porto: Rés.
- Manovich, L. (1995). An Archeology of a Computer Screen. *Kunstforum International*, 1-15.
- Manovich, L. (2002). *Generation Flash*. Retirado de http://manovich.net/DOCS/generation_flash.doc, consultado a 23 de março de 2013.
- Manovich, L. (2005 [2002]). *The Poetics of Augmented Space*. 1-28. Retirado de http://manovich.net/DOCS/Augmented_2005.doc, consultado a 23 de março de 2013.
- Marktest. (2009a). *1,4 milhões em redes sociais*. Lisboa: Marktest.
- Marktest. (2009b). *Bareme Internet 2009*. Lisboa: Marktest.
- Marktest. (2010a). *Bareme Internet 2010*. Lisboa: Marktest.
- Marktest. (2010b). *Portugueses viram cerca de 3h30m de Tv em 2010*. Lisboa: Marktest.
- Marktest. (2011). *Os Portugueses e as Redes Sociais Bareme Internet*. Lisboa: Marktest.

- Marques, T. (2003). Dinâmicas territoriais e as relações urbano-rurais. *Revista da Faculdade de Letras: Geografia*, 19, 507-521.
- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios edições.
- Martins, I., & Estaún, S. (2009). Adolescência, média e identidade. In E. S. Freitas & S. G. Tuna (Eds.), *Novos Média, Novas Gerações, Novas Formas de Comunicar* (Vol. 6, pp. 69-79). Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Martins, M. d. L. (2002). O Trágico na Modernidade. INTERACT Revista on-line de arte, cultura e tecnologia (5). Retirado de <http://www.interact.com.pt/memory/interact5/ensaio/ensaio3.html>, consultado a 24 de março de 2013.
- Martins, M. d. L. (2003). O Quotidiano e os Media. *Revista Todas as Letras* (5), 97-105.
- Marx, K. (1976 [1847]). *A Miséria da Filosofia: resposta à filosofia da miséria do Senhor Proudhon*. Porto: Publicações Escorpião.
- Marx, K. (1989 [1844]). *Manuscritos económico-filosóficos* (Vol. 22). Lisboa: Edições 70.
- Marx, K. (1990 [1867]-a). A maquinaria e a indústria moderna. In Marx, K. *O capital: crítica da economia política* (Vol. Vol. I, Livro II, pp. 423-577). Lisboa: Edições Avante.
- Marx, K. (1990 [1867]-b). *O capital: crítica da economia política*. Lisboa: Edições Avante.
- Marx, K. (1990 [1867]-c). O processo de produção do capital. In Marx, K. *O capital: crítica da economia política*. Lisboa: Edições Avante.
- Massey, D. (1992). Politics and Space/Time. *New Left Review*, 196, 65-84.
- Mauss, M. (2001 [1950]). *Gift. Form And Reason For Exchange In Archaic Societies*. Oxford: Taylor & Francis.
- Maximilien, E. M., & Campos, P. (2012). Facts, trends and challenges in modern software development. *International Journal of Agile and Extreme Software Development*, 1(1), 1-5.
- McAleese, R. (1998). Coming to Know: the role of the concept map - mirror, assistant, master? Comunicação apresentada ao *EUROCONFERENCE 98 New technologies for higher education*, Universidade de Aveiro.
- McLuhan, M. (2008 [1964]). *Compreender os Meios de Comunicação - Extensões do Homem*. Lisboa: Relógio D'Água.
- ME. (2003). *Sistema Educativo Nacional de Portugal*. Madrid: Organização de Estados Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e a Cultura, Ministério de Educação de Portugal. Retirado de <http://www.oei.es/quipu/portugal/index.html>, consultado a 23 de março de 2013.
- Mead, M. (1970). *Conflito de Gerações* (Vol. 11). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Mealha, Ó., Zamfir, F., Nunes, J., & Santos, B. S. (2005). Web LOG File Information Analysis and Visualization Inside Organizations. *HCI International 2005 Conference Proceedings*, Las Vegas, Nevada, USA.

- Medeiros, C. C. C. d. (2011). Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. *Revista Movimento*, 17(1), 281-300.
- Memarovic, N., Langheinrich, M., Rubegni, E., David, A., & Elhart, I. (2012). Designing "Interacting Places" for a Student Community using a Communicative Ecology Approach. Comunicação apresentada ao 11th International Conference on Mobile and Ubiquitous Multimedia, Ulm. Retirado de http://uc.inf.usi.ch/sites/all/files/memarovic_MUM2012.pdf, consultado a 23 de março de 2013.
- Merrelho, A. d. A. (2010). *As atitudes dos alunos do 1º ciclo do ensino básico face à utilização do computador Magalhães: estudo de caso*. (Mestrado), Universidade do Minho, Braga. Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14593/1/Anabela%20de%20Abreu%20Merrelho.pdf>, consultado a 23 de março de 2013.
- Merrin, W. (2009). Media Studies 2.0: upgrading and open-sourcing the discipline. *Interactions: Studies in Communication and Culture*, 1(1), 17-34.
- Meyrowitz, J. (2005). The Rise of Glocality. New Senses of Place and Identity in the Global Village. In K. Nyiri (Ed.), *A Sense of Place: The Global and the Local in Mobile Communication* (pp. 21-30). Vienna: Passagen.
- Michael, D. C., & Zhou, Y. (2011). Understand and Tap Into China's Digital Generations. *China Business Review*, 38(1), 22-26.
- Milgram, S. (1967). The Small-World Problem. *Psychology Today*, 1(1), 61-67.
- Miranda, S. (2006). Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. *Ci. Inf.*, 35(3), 99-114.
- Mitchell, B. (2006). Changing Courses: The Pendulum of Family Transitions in Comparative Perspective. *Journal of Comparative Family Studies*, 37(3), 325-343.
- Mitchell, J., Hunter, J., & Mockler, N. (2010). Connecting classrooms in rural communities through interactive whiteboards. *Australasian Journal of Educational Technology*, 26(4), 464-476.
- Monteiro, H., & Loureiro, M. J. (2009). Práticas de utilização de computadores portáteis em contexto educativo: que impactos? *Educação, Formação & Tecnologias*, 2(1), 30-43.
- Morales, L., & Giugni, M. (2011). *Social capital, political participation and migration in Europe : making multicultural democracy work?* Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Morgan, D. (1996). Focus Groups. *Annual Review of Sociology*, 22, 129-152.
- Morley, D., & Silverstone, R. (1990). Domestic communication - technologies and meanings. *Media, Culture & Society*, 12(1), 31-55.
- Moura, A. (2009). Geração Móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a "Geração Polegar". Comunicação apresentada ao VI Conferência Internacional de TIC na Educação, Braga.
- Munné, F. (1980). *Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico*. Distrito Federal do México: Trillas.
- Murolo, N. (2010). Nuevas pantallas: un desarrollo conceptual. *Razón y Palabra* (80), 1-13.

Murolo, N. (2011). Pantallas, pantallas y más pantallas. Desasosiego en la cultura de la imagen. *Telos: Cuadernos de comunicación e innovación* (86), 37-44.

N

Napier, A. Y., & Whitaker, C. (1978). *The Family Crucible: The Intense Experience of Family Therapy*. Nova Iorque: Harper & Row.

Neves, B. B. (2012). *Social Capital and Internet Usage: A Study in Lisbon*. (Doutoramento), Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa. Retirado de <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/4508/2/PhD.pdf>, consultado a 23 de março de 2013.

O

Oldenburg, R. (1999). *The Great Good Place: Cafes, Coffee Shops, Bookstores, Bars, Hair Salons, and Other Hangouts at the Heart of a Community* (3ª ed.). Washington: Marlowe & Company.

Oliveira, L. (2010). Sociedade dos fluxos comunicacionais e novos eventos rituais: o caso das redes sociais e dos *smart/flash mobs*. *e-cadernos CES* (8), 183-194. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/media/ecadernos8/11%20-%20Lidia%20Oliveira%2013.04.11%20FINAL.pdf>, consultado a 03 de maio de 2013.

Osório, A. (2005). E-learning em escolas rurais ou isoladas. Comunicação apresentada ao *Xornadas da Sociedade da Información en Espacios Periféricos*, Santiago de Compostela. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/5665>, consultado a 23 de março de 2013.

P

Pais, J. M. (1997). A geração yô-yô: uma nova condição juvenil? Comunicação apresentada ao *III Congresso Luso-Afro-Brasileiro. Dinâmicas Multiculturais: Novas Faces, Outros Olhares*, Lisboa.

Parmar, V. (2009). *A Multidisciplinary Approach to ICT Development*.

Parsons, T., & Bale, R. F. (1956). *Family Socialization and Interaction Process*. Londres: Routledge.

Passarelli, B., Guzzi, D., Dimantas, H., & Kiyomoura, J. (2009). Atores em Rede: Subjetividades e Desejos em Expansão. *Logos*, 16(1), 60-71.

Peixoto, J. (1987). O crescimento da população urbana e a industrialização em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (22), 101-113.

- Pellegrino, J. W., & Hilton, M. L. (2012). *Education for Life and Work: Developing Transferable Knowledge and Skills in the 21st Century*. Washington, DC: The National Academies Press.
- Pereira, F. R. R. (2011). *Novos media e relacionamentos inter-geracionais* (Mestrado), Universidade de Aveiro.
- Pereira, B., & Neto, C. (1999). As crianças, o lazer e os tempos livres. In M. Pinto & M. J. Sarmiento (Eds.), *Saberes sobre as Crianças: Para uma Bibliografia sobre a Infância e as Crianças em Portugal (1974-1998)* (pp. 85-107). Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Pereira, J. P. (2004). As TIC's e o Desenvolvimento de Regiões mais Desfavorecidas. *Atas da 5ª Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação*, Lisboa.
- Pereira, M. d. G., & Silva, B. (2009). A tecnologia sob o olhar de jovens e famílias: usos, valores, competências e o factor divisão digital. Comunicação apresentada ao *Conferência Internacional de TIC na Educação: Challenges 2009*, Braga. Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/10031>, consultado a 23 de março de 2013.
- Pereira, S. (1999). *A Televisão na Família - Processos de mediação com crianças em idade pré-escolar*. Braga: Bezerra.
- Petrella, S. (2012). Repensar competências e habilidades para as novas gerações. Propostas para uma nova literacia mediática. *Revista Comunicando*, 1(1), 205-222.
- Pinto, J. M. (1981). O espaço social rural: especificidade, funções, transformações (quadro sinóptico). *Revista Crítica de Ciências Sociais* (7/8), 327-329.
- Pinto, M. (2000). *A televisão no quotidiano das crianças*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pinto, M. (2005). A busca da comunicação na sociedade multi-ecrãs: perspectiva ecológica. *Comunicar* (25), 259-264.
- Plummer, K. (2005). Critical Humanism and Queer Theory: Living with the Tensions. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Research* (3rd ed., pp. 357-373). Thousand Oaks, London, New Dehli: Sage Publications.
- Pombo, O. (2005). Interdisciplinaridade e integração dos saberes. *Liinc em Revista*, 1(1), 3-15.
- Ponte, C. (2011). Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes. *Sociologia. Problemas e Práticas* (65), 31-50.
- Portela, J. (1997). O meio rural em Portugal: entre o ontem e o amanhã. Comunicação apresentada ao *Seminário Internacional A Revitalização do Mundo Rural e o Ordenamento do Território*, Lisboa.
- Portes, A. (2000). Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. *Sociologia, Problemas e Práticas* (33), 133-158.
- Poster, M. (1999). Underdetermination. *New Media & Society*, 1(1), 12-18.
- Postman, N. (1993). *Technopoly. The Surrender of Culture to Technology*. Nova Iorque: Vintage Books.
- Prensky, M. (2001a). Digital Natives, Digital Immigrants Part 1. *On the Horizon*, 9(5), 1-6.

- Prensky, M. (2001b). Digital Natives, Digital Immigrants Part 2: Do They Really Think Differently? *On the Horizon*, 9(6), 1-6.
- Prensky, M. (2009). H. Sapiens Digital: From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom. *Innovate*, 5(3), 1-9. Retirado de [http://innovateonline.info/pdf/vol5_issue3/H. Sapiens Digital-From Digital Immigrants and Digital Natives to Digital Wisdom.pdf](http://innovateonline.info/pdf/vol5_issue3/H._Sapiens_Digital-From_Digital_Immigrants_and_Digital_Natives_to_Digital_Wisdom.pdf), consultado a 23 de março de 2013.
- Primo, A. (2000). Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. *Revista da Famecos* (12), 81-92.
- Puig, J. M., & Trilla, J. (2004). *A Pedagogia do Ócio* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Punch, M. (1994). Politics and Ethics in Qualitative Research. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 83-97). California: SAGE Publications.
- Putnam, R. D. (2000). *Bowling alone: the collapse and revival of American community*. Nova Iorque: Simon & Schuster Paperback.

Q

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

R

- Radford, M., & Connaway, L. (2007). Expect the Unexpected: Urban Screenagers' Communication and Information-seeking Preferences. Comunicação apresentada ao *Urban Communication: Creating Sites for Connection and Action*, Texas. Retirado de www.oclc.org/research/activities/synchronicity/resources/nca2006-screenagers.pdf, consultado a 23 de março de 2013.
- Recuero, R. d. C. (2005). Um estudo do Capital Social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. Comunicação apresentada ao *COMPÓS 2005*, Rio de Janeiro. Retirado de <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/recuero compos.pdf>, consultado a 23 de março de 2013.
- Reeves, B., & Nass, C. (1998). *The media equation: how people treat computers, television, and new media like real people and places* (1ª ed.). Stanford: CSLI Publications.
- Reimer, B. (2004). Understanding Social Capital: its Nature and Measurement in Rural Canada. Conferência apresentada ao *Understanding Social Capital: its Nature and Measurement in Rural Canada*. Toronto.
- Requixa, R. (1977). *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Rheingold, H. (2000). *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. Cambridge: MIT Press.
- Rheingold, H. (2002). *Smart mobs: the next social revolution*. Cambridge, MA: Basic Books.

- Rice, R. E., & Gattiker, U. E. (2001). New Media and Organizational Structuring. In F. M. Jablin & L. L. Putnam (Eds.), *The New Handbook of Organizational Communication* (pp. 544-581). Thousand Oaks: Sage.
- Rideout, V. J., Foehr, U. G. & Roberts, D. F. (2010). *Generation M². Media in the Lives of 8- to 18-Year-Olds*. California: The Henry J. Kaiser Family Foundation. Disponível em <http://kaiserfamilyfoundation.files.wordpress.com/2013/04/8010.pdf>, consultado a 04 de maio de 2013.
- Riley, M. (1986). The dynamisms of life stage: roles, people, and age. *Human Development*, 29(3), 150-156.
- Rivoltella, P. C. (2010a). La screen generation: media, culture e compiti dell'educazione. *Cittadini in Crescita* (2), 5-9.
- Rivoltella, P. C. (2010b). A sociedade multi-ecrãs. Das recomendações educativas à nova mídia-educação. *Educação on-line* (6), 1-4.
- Roberto, J. (2010). Anos 1990-1999. As novas tecnologias. In Visão/Expresso (Ed.), *Os nossos anos* (Vol. 9). Lisboa: Planeta DeAgostini.
- Rocha, Á. F. O. d., & Silveira, G. E. (2009). Estado e democracia: esboço de uma interpretação do habitus político brasileiro. *Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito (RECHTD)*, 1(1), 9-15.
- Rodrigues, M. d. R. (2010). As Tecnologias de Informação e Comunicação e a escola em meio rural. *Medi@ções - Revista OnLine da ESE/IPS*, 1(2).
- Rodrigues, R. F. (2012). Sobre a virtualização do lazer. Comunicação apresentada ao VII Congresso Português de Sociologia. *Sociedade, Crise e Reconfigurações*, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Rojas, V., Straubhaar, J., Spence, J., Roychowdhury, D., Okur, O., Piñon, J., & Fuentes-Bautista, M. (2012). Communities, Cultural Capital, and Digital Inclusion: Ten Years of Tracking Techno-Dispositions and Techno-Capital. In J. Straubhaar, J. Spence, Z. Tufekci & R. G. Lentz (Eds.), *Inequity in the Technopolis. Race, Class, Gender, and the Digital Divide in Austin* (pp. 223-264). Austin: University of Texas Press.
- Rollot, O. (2012). *La génération Y*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Rosa, C., & Toniazzo, G. (2012). TIC no ensino superior: presencialidade e virtualidade. Comunicação apresentada ao X Congresso da LUSOCOM – *Comunicação, Cultura e Desenvolvimento*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- Rubio, J. A., & Lozano, F. J. (2008). Estudio sobre capital social en dos pueblos de extremadura. Cañamero y Logrosan. Comunicação apresentada ao VII Colóquio Ibérico de Estudos Rurais - *Cultura, Inovação e Território*, Coimbra.
- Rybczynski, W. (1983). *Taming the Tiger. The Struggle to Control Technology*. Madison: The Viking Press.

S

- Sáez Vacas, F. (2011). Nativos digitais, inteligência digital. ¿Homo digitalis? *Revista TELOS (Cuadernos de Comunicación e Innovación)*, (86), 6-8.
- Salazar, M. (2008). Espacios transnacionales. Migración y globalización. *Revista Electrónica Teoría de la Educación: Educación y Cultura en la Sociedad de la Información*, 9(2), 150-167.
- Salovaara, A., Lehmuskallio, A., Hedman, L., Valkonen, P., & Näsänen, J. (2010). Information technologies and transitions in the lives of 55-65-year-olds: The case of colliding life interests. *International Journal of Human-Computer Studies*, 68, 803-821.
- Santos, B. d. S. (1987). O Espaço da Introdução. *Revista Crítica de Ciências Sociais* (22), 5-12.
- Santos, B. d. S. (2000). A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In B. d. S. Santos (Ed.), *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (Vol. 1). Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, B. d. S. (2002 [2000]). *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. (4ª ed. Vol. 1). São Paulo: Cortez.
- Santos, R. (1999). História das Telecomunicações em Portugal. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 1-11.
- Saraceno, C. (1997). *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Etampa.
- Sarmiento, M. J. (2000). Infância e Trabalho: contextos e práticas sociais. Comunicação apresentada ao *Seminário Exploração do Trabalho Infantil Conhecer-Intervir*, Lisboa.
- Schaffers, H., Brodt, T., Pallot, M., & Prinz, W. (2006). *The Future Workspace. Perspectives on Mobile and Collaborative Working*. Holanda: MOSAIC. Retirado de <http://www.ami-communities.eu/pub/bscw.cgi/d163187/The%20Future%20Workspace.pdf>, consultado a 03 de maio de 2013.
- Schaffers, H., Komninos, N., Pallot, M., Trousse, B., Nilsson, M., & Oliveira, A. (2011). Smart Cities and the Future Internet: Towards Cooperation Frameworks for Open Innovation. In J. Domingue, A. Galis, A. Gavras, T. Zahariadis, & D. Lambert (Eds.). *Future Internet Assembly 2011: Achievements and Technological Promises* (pp. 431-446). Berlim: Springer-Verlag. Retirado de http://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2F978-3-642-20898-0_31.pdf, consultado a 03 de maio de 2013.
- Schaffers H., Kristensen K., Slagter R., & Löh H. (2007). Web 2.0 Technologies and Workplace Paradigms to Enable e-Professional Workstyles. Comunicação apresentada ao *13th International Conference on Concurrent Enterprising*, Sophia-Antipolis, France. Retirado de [http://www.ice-proceedings.org/projects/408/ICE%202007/Collaborative%20Systems%20\(Environments,%20Platforms,%20Tools,%20etc\)/19-127_Schaffers_final.pdf](http://www.ice-proceedings.org/projects/408/ICE%202007/Collaborative%20Systems%20(Environments,%20Platforms,%20Tools,%20etc)/19-127_Schaffers_final.pdf), consultado a 03 de maio de 2013.
- Schiff, M. (1999). *Labor market integration in the presence of social capital* (pp. 26). Washington: The World Bank.
- Schouten, M. J., & Araújo, E. (2012). O tempo livre em família - uma abordagem de gênero. Comunicação apresentada ao *VII Congresso Português de Sociologia. Sociedade, Crise e*

- Reconfigurações*, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Scott, A. (2012). From First Tweet to Final Collapse - The Dimensions of Social Media in Regime Collapse. Comunicação apresentada ao *2012 International Studies Association Annual Convention*, San Diego. Retirado de <http://files.isanet.org/ConferenceArchive/15b61bd4ac8a464f8de701ba03cd7faa.pdf>, consultado a 23 de março de 2013.
- Scott, P. (2010). Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade. *Revista Sociedade e Estado*, 25(2), 251-284.
- Setton, M. d. G. (2002). A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, (20), 60-70.
- Sheller, M., & Urry, J. (2003). Mobile Transformations of 'Public' and 'Private' Life. *Theory, Culture & Society*, 20(3), 107-125.
- Siemens, G. (2005). Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. *International Journal of Instructional Technology & Distance Learning*, 2(1).
- Silva, A. d. S. e. (2006). From Cyber to Hybrid. Mobile Technologies as Interfaces of Hybrid Spaces. *Space and Culture*, 9(3), 261-278.
- Silva, A. M. (2008). Inclusão Digital e Literacia Informacional em Ciência da Informação. *Revista PRISMA.COM*, (7), 16-43. Retirado de http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n7_dezembro_de_2008/inclusao_digital_e_literacia_i.html, consultado a 23 de março de 2013.
- Silva, A. N. (2010). *Jogos, brinquedos e brincadeiras - Trajectos intergeracionais*. (Doutoramento), Universidade do Minho.
- Silva, L. O. d. (1999). Internet: a geração de um novo espaço antropológico. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*.
- Silva, L. O. d. (2002). *Implicações cognitivas e sociais da globalização das redes e serviços telemáticos. Estudo das implicações da comunicação reticular na dinâmica cognitiva e social da Comunidade Científica Portuguesa*. (Doutoramento), Universidade de Aveiro. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-oliveira-lidia-implicacoes-cognitivas-redes.pdf>, consultado a 08 de maio de 2013.
- Silva, L. O. d. (2005). Os arquipélagos de comunicação potenciados pelo uso dos telemóveis e pelas tecnologias móveis. Comunicação apresentada ao *4º SOPCOM*, Aveiro. Retirado de http://aveiro.academia.edu/L%C3%ADdiaOliveiraSilva/Papers/83842/Os_arquipelagos_de_comunicacao_potenciados_pelo_uso_dos_telemoveis_e_pelas_tecnologias_moveis, consultado a 23 de março de 2013.
- Silva, L. O. d., & Abreu, J. F. d. (2003). Cidades digitais: o novo "urbanismo" potencial catalisador da lusofonia. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 1(1), 57-71.
- Silverstone, R. (1999). What's new about new media? *New Media & Society*, 1(1), 10-12.
- Silverstone, R., Hirsch, E., & Morley, D. (1992). Tecnologías de la información y de la comunicación y la economía moral de la familia. In R. Silverstone & E. Hirsch (Eds.), *Los efectos de la nueva comunicación* (pp. 39-57). Barcelona: Editorial Bosch.
- Simmel, G. (1983). *Sociologia*. São Paulo: Ática.

- Simões, L., & Gouveia, L. B. (2008). Geração Net, Web 2.0 e ensino superior. In E. Freitas & S. Tuna (Eds.), *Cadernos de Estudos Mediáticos* (pp. 21-32). Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Simões, L., & Gouveia, L. B. (2009). Schools and Social Software Appropriation. Comunicação apresentada ao *VI Conferência Internacional de TIC na Educação - Challenges 2009*, Universidade do Minho.
- Singly, F. d. (2011). *Sociologia da Família Contemporânea*. Lisboa: Edições Texto & Grafia.
- Skinner, J. (2011). Social Media and Revolution: The Arab Spring and the Occupy Movement as Seen through Three Information Studies Paradigms. *Sprouts: Working Papers on Information Systems*, 11(169), 1-27.
- Smola, K. W., & Sutton, C. (2002). Generational differences: Revisiting generational work values for the new millennium. *Journal of Organizational Behavior*, 23(4), 363-382.
- Soares, A. P. A. (2009). *A relação entre o capital social e o desenvolvimento local: o caso das comunidades rurais de baixo rendimento em Pernambuco, Brasil*. (Doutoramento), Universidade do Minho, Braga.
- Sousa, V. D. d. (2011). Velhas e Novas Colonialidades sobre os Espaços Rurais: uma leitura a partir do caso Algarvio. In E. Figueiredo (Ed.), *O Rural Plural - olhar o presente, imaginar o futuro* (1ª ed., pp. 259-272). Castro Verde: 100 Luz.
- Souza, F., Costa, A., & Moreira, A. (2010). WebQDA: Software de Apoio à Análise Qualitativa. Comunicação apresentada ao *5ª Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, CISTI'2010, Santiago de Compostela.
- Stefanelli, M. (2009). *Media+Generations*. Milão: Università Cattolica del Sacro Cuore.
- Stern, M. J., & Adams, A. E. (2010). Do Rural Residents Really Use the Internet to Build Social Capital? An Empirical Investigation. *American Behavioral Scientist*, 53(9), 1389-1422.
- Stern, M. J., & Wellman, B. (2010). Rural and Urban Differences in the Internet Society, Real and Relatively Important. *American Behavioral Scientist*, 53(9), 1251-1256.
- Stewart, D., & Shamdasani, P. (1990). *Focus groups: theory and practice* (Vol. 20). Newbury Park, London, New Delhi: SAGE Publications.
- Steyaert, J. (2002). Inequality and the Digital Divide: Myths and Realities. In S. Hick & J. McNutt (Eds.), *Advocacy, Activism, and the Internet: Community organization and social policy* (pp. 199-211). Chicago: Lyceum Books.
- Storck, M. (2011). *The Role of Social Media in Political Mobilisation: a Case Study of the January 2011 Egyptian Uprising*. (Mestrado), Universidade de St. Andrews, Escócia. Retirado de http://www.culturaldiplomacy.org/academy/content/pdf/participant-papers/2012-02-bifef/The_Role_of_Social_Media_in_Political_Mobilisation_-_Madeline_Storck.pdf, consultado a 23 de março de 2013.
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa. Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada* (2ª ed.). Porto Alegre: artmed.

T

- Tapscott, D. (2009). *Grown Up Digital: How the Net Generation is Changing Your World*. Nova Iorque: McGraw-Hill.
- Tee, K., Brush, B., & Inkpen, K. (2009). Exploring communication and sharing between extended families. *International Journal of Human-Computer Studies*, (67), 128-138.
- Teixeira-Botelho, I. (2011). *Geração Extreme*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Teixeira, F., Pereira, J. P., Dias, A., & Nunes, V. (2006). Sociedade da informação na Região de Alto Trás-os-Montes. Comunicação apresentada ao *1ª Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, Esposende.
- Thomas, J. J., & Parayil, G. (2008). Bridging the Social and Digital Divides in Andhra Pradesh and Kerala: A Capabilities Approach. *Development and Change*, 39(3), 409-435.
- Thompson, J. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Tilt, J., Kearney, A., & Bradley, G. (2007). Understanding rural character: Cognitive and visual perceptions. *Landscape and Urban Planning*, 81, 14-26.
- Toffler, A. (1980). *The Third Wave*. Nova Iorque: William Morrow.
- Tolstoi, L. (1973). *Guerra e Paz* (Vol. 1). Lisboa: Europa-América.
- Tönnies, F. (2002 [1887]). *Community and society*. Nova Iorque: Courier Dover Publications.
- Torres, A. (1996). *Divórcio em Portugal, Ditos e Interditos: uma Análise Sociológica*. Oeiras: Celta Editora.
- Torres, A. (2001). *Sociologia do Casamento: a Família e a Questão Feminina*. Oeiras: Celta Editora.
- Townsend, A. (2002). Mobile communications in the twenty-first century city. In B. Brown & N. Green (Eds.), *Wireless world: social and interactional aspects of the mobile age* (pp. 62-77). Nova Iorque: Springer-Verlag New York, Inc.
- Turkle, S. (1997). *La vida en la pantalla. La construcción de la identidad en la era de Internet*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica.
- Turner, B. e. (Ed.) (2006) *The Cambridge Dictionary of Sociology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Twenge, J. (2006). *Generation me: why today's young Americans are more confident, assertive, entitled - and more miserable - than ever before*. Nova Iorque: Free Press.

U

- UE. (2011). *Eurostat regional yearbook 2011 Statistical books*. Luxemburgo: Eurostat.

- UMIC. (2004). *Inquérito à utilização das TIC nas Empresas 2004* (pp. 1-29). Lisboa: UMIC.
- UNESCO. (1982). *Declaração de Grünwald sobre Educação para os media*. Grünwald.
- UNFPA. (2011). *Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011*. Nova Iorque: Divisão de Informações e Relações Externas do Fundo de População das Nações Unidas.
- Urry, J. (2000). *Sociology Beyond Societies - mobilities for the twenty-first century*. Londres: Routledge.
- U.S. Department of Commerce. (2010). *Exploring the Digital Nation: Home Broadband Internet Adoption in the United States*. Washington D. C.: U.S. Department of Commerce. Disponível em <http://www.esa.doc.gov/sites/default/files/reports/documents/report.pdf>, consultado a 03 de maio de 2013.

V

- van den Berg, P., Arentze, T., & Timmermans, H. (2012). New ICTs and social interaction: Modelling communication frequency and communication mode choice. *New Media & Society*, 14(6), 987–1003.
- van Deursen, A., & van Dijk, J. (2011). Internet skills and the digital divide. *New Media & Society*, 13(6), 893-911.
- van Dijk, J. (2005). *The Deepening Divide: Inequality in the Information Society*. Londres: SAGE Publications.
- Venkatanathan, J., Karapanos, E., Kostakos, V., & Gonçalves, J. (2012). Network, Personality and Social Capital. Comunicação apresentada ao *3rd Annual ACM Web Science Conference (WebSci '12)*, Nova Iorque.
- Vicente, H. T., & Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: Contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica*, (53), 157-181.
- Vieira, J. (2000). Crónica em imagens 1950-1960. In J. Vieira (Ed.), *Portugal Século XX* (Vol. 6). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Vieira, J. (2001). Crónica em imagens 1990-2000. In J. Vieira (Ed.), *Portugal Século XX* (Vol. 10). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Vieira, M. A. (2005). *Educação e Sociedade da Informação. Uma perspectiva crítica sobre as TIC num contexto escolar*. (Mestrado), Universidade do Minho, Braga.
- Vilhelmson, B. (1999). Daily mobility and the use of time for different activities. The case of Sweden. *GeoJournal*, (48), 177-185.
- Villar, F. (2007). Intergenerational or Multigenerational? A Question of Nuance. *Journal of Intergenerational Relationships*, 5(1), 115-117.
- Virtanen, P. (2007). O novo habitus indígena de jovens indígenas e as relações interétnicas na Amazônia urbana. *Anales Nueva Época*, (9-10), 153-167.
- Vygotski, L. (2007 [1934]). *Pensamento e Linguagem*. Lisboa: Relógio d'Água.

W

- Wacquant, L. (2007). Esclarecer o Habitus. *Educação & Linguagem*, 10(16), 63-71.
- Walker, A., & Fong, F. (2010). Relations between the generations: uniting the macro and the micro. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8(4), 425-430.
- Warschauer, M. (2002). Reconceptualizing the Digital Divide. *First Monday*, 7(7), 1-14.
- Warschauer, M. (2006 [2003]). *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. São Paulo: Editora Senac.
- Weiler, L. (2006). A educação e a sociedade atual frente às novas tecnologias. *Linguagem e Cidadania*, (1), 1-9.
- Weiser, M. (1991). The Computer for the 21st Century. *Mobile Computing and Communications Review*, 3(3), 3-11.
- Weiser, M. (1994). The World Is Not a Desktop. *Interactions*, 1(1), 7-8.
- Whitacre, B. (2010). The Diffusion of Internet Technologies to Rural Communities: A Portrait of Broadband Supply and Demand. *American Behavioral Scientist*, 53(9), 1283-1303.
- Whitacre, B., & Mills, B. (2002). Understanding the Rural-Urban Digital Divide. Comunicação apresentada ao *Annual Meeting of the American Agricultural Economics Association*, Long Beach. Retirado de <http://purl.umn.edu/19743>, consultado a 23 de março de 2013.
- Whitacre, B. E. (2010). The Diffusion of Internet Technologies to Rural Communities: A Portrait of Broadband Supply and Demand. *American Behavioral Scientist*, 53(9), 1283-1303.
- Whitaker, W. H. (1982). The Many Faces of Ephraim: In Search of A Functional Typology of Rural Areas. Comunicação apresentada ao *Annual National Institute on Social Work in Rural Areas*, Dubuque, Iowa.
- White, D. S., & Cornu, A. L. (2011). Visitors and Residents: A new typology for online engagement. *First Monday*, 16(9).
- Williams, N. (1989 [1966]). *1939/1959 Cronologia Enciclopédica do Mundo Moderno* (Vol. 6). Lisboa: Círculo de Leitores.

Z

- Zagalo, N. (2010). Da transparência. In M. Z. S. P. Coelho & J. P. Neves (Eds.), *Ecrã, Paisagem e Corpo* (Vol. 20, pp. 35-54). Coimbra: Grácio Editor.
- Zerubavel, E. (1982). The Standardization of Time: A Sociohistorical Perspective. *American Journal of Sociology*, 88(1), 1-23.

GLOSSÁRIO

ECRÃ

O ecrã é a interface que intermedeia a relação entre o indivíduo e o conteúdo (texto, imagem, vídeo, som e/ou multimédia) a que assiste e com o qual também já é possível interagir, seja através de computador, telemóvel/*smartphone*, televisão, *tablet*, *e-book reader*, relógio, câmara de vídeo e fotográfica, *placard* público, leitor de música/vídeo, entre muitos outros. Nos últimos anos, tem sido possibilitada uma maior interação com o ecrã e o conteúdo por ele transmitido, através de toque; de modos mais influentes, como o envio de mensagens (SMS ou teclado do telefone...) para afetar o que é visto; ou mesmo, numa perspetiva social, a troca de mensagens, em salas de *chat*, com outros indivíduos que se encontrem a ver o mesmo programa, por exemplo.

O ecrã foi adquirindo características imprescindíveis à sua utilização, como a familiaridade, de tal modo o indivíduo integrou os novos *media* no seu quotidiano, que os ecrãs se tornaram bastante habituais e familiares, e não um objeto estranho. Através da familiaridade, tornaram-se também transparentes, são utilizados sem que a sua existência seja notada, não sendo intrusivos no sentido de inconvenientes, mas antes são consultados quase sem que se note. Para além disso, os ecrãs são cada vez mais tocáveis e, por isso, sensíveis, ou seja, já não há uma distância tão acentuada entre o indivíduo e o ecrã que o transporta para outros mundos, antes se aproximaram; o ecrã desenvolveu-se no sentido de permitir uma aproximação do toque físico do seu utilizador, aumentando também a ligação entre dispositivos e indivíduo. Por último, o ecrã é o fornecedor mais próximo das informações que se procuram e/ou se encontram, vem substituir, em muitos casos, o rato e o teclado, servindo como o interlocutor direto entre informação e indivíduo.

O *Dicionário de Media e Comunicações* define este conceito como uma superfície plana na qual são projetadas imagens (Danesi, 2009, p. 262), definição que Manovich (1995) complementa com “uma superfície plana, retangular posicionada a alguma distância dos olhos” (Manovich, 1995, p. 1). No entanto, estas são perspetivas um pouco redutoras para o que aqui se pretende analisar. Deste modo, Murolo (2011) completa dizendo que “Os ecrãs criam, como toda a inovação no terreno comunicacional, uma nova perceção sensorial, um modo de conceber o mundo, uma cosmovisão que apresenta ações possíveis, antes impossibilitadas, pelo desenvolvimento tecnológico.” (Murolo, 2011, p. 6), ou seja, os ecrãs são a ligação do indivíduo ao outro lado, sendo

esse outro lado aquilo que ele procura (ou que, não procurando, vai acabar por encontrar), um outro mundo e uma outra ação.

O ecrã tem, então, quatro funções essenciais: é mediador, promotor de sensações, intérprete do mundo e criador de cosmovisões. Não se consegue pensar no consumo dos *media* desligado de ecrãs, e tal aspeto foi pensado pelos grandes meios de comunicação de massas, na medida em que, cada vez mais, todos têm presença na internet, da rádio à imprensa escrita, estando disponíveis nos mais variados ecrãs.

ESCOLA

Apesar do termo escola provir da palavra grega tempo livre ou recreio (Giddens, 2000, p. 483), este é um local associado mais à aprendizagem e à partilha de conhecimentos, normalmente, entre professores e alunos, apesar de também dispor de tempos livres e recreios, os intervalos entre os diferentes tempos letivos (aulas).

A escola, enquanto meio formal de aquisição de competências cognitivas, psicossociais e de cidadania, foi ganhando novos contornos ao longo dos anos. Um dos principais motivos para essa mudança foi a evolução tecnológica e a sua integração no espaço escolar. Alunos e professores têm, agora, outro recurso ao seu dispor para realizarem o processo de ensino-aprendizagem. As escolas transformaram-se em espaços privilegiados de acesso a tecnologia.

A escola e os professores sentiram necessidade de acompanhar essa integração tecnológica, mudando a primeira do espaço físico, entre quatro paredes, com alunos sentados em fila, em frente ao quadro onde o professor escreve, para um não-espaço, que se desenrola também na internet, em plataformas de ensino a distância, como a *Moodle*¹²⁷ ou a *Blackboard*¹²⁸. Desta forma, o espaço formal de aprendizagem passou a estar complementado com espaços informais virtuais, criou-se uma maior hibridação dos espaços e das lógicas de aprendizagem, complementando-se, de forma mais sistemática e efetiva, as lógicas formais com as informais. Os alunos podem estar onde quiserem, desde que com acesso a um computador e à internet, é o *e-learning* ou o *b-learning* (se se trata de ensino misto: presencial e a distância).

¹²⁷ <https://moodle.org/>, consultado a 09 de maio de 2013.

¹²⁸ <http://www.blackboard.com/>, consultado a 09 de maio de 2013.

Em Portugal, esta integração da tecnologia no espaço escolar ganhou novos contornos com o surgimento de um projeto-piloto, o Centro Tecnológico em Educação¹²⁹, inaugurado em 2011, na Escola Secundária Quinta das Palmeiras, na Covilhã. Os objetivos deste centro passam pela integração plena das tecnologias de informação e comunicação no contexto de sala de aula, incluindo professores e alunos na construção do processo educativo tecnológico, contribuindo para a diminuição da info-exclusão da sociedade.

A escola é o lugar análogo ao trabalho para as crianças e jovens que participam na investigação, ou seja, é expectável que os adultos passem o seu tempo durante a semana, nos períodos da manhã e da tarde, no local de trabalho. Espera-se dos mais novos que passem a semana (excetuando nas férias) na escola, é, por assim dizer, o trabalho que deverão efetuar. Tal como o lazer, também o período escolar não é estanque, tendo muitas vezes os alunos (filhos) que fazer trabalhos da escola em casa (período de descanso, férias ou fins de semana).

FAMÍLIA

De acordo com Claude Levi-Strauss (1979), citado em Leandro (2001), a família apresenta, no geral, três características fundamentais: a origem no casamento, compreendendo o marido, a esposa e os filhos, e com direitos e obrigações instituídos, bem como a partilha de sentimentos entre os seus membros (Leandro, 2001, p. 41). Apesar dos diferentes tipos de família existentes – com estas características mais ou menos vincadas – (família monoparental, nuclear, alargada, etc.), no contexto da investigação em desenvolvimento entende-se por família a composta pelos pais, filhos e avós, quer vivam no mesmo espaço familiar ou não, mas entre os quais deve haver relação efetiva.

Ganham particular importância os conceitos de multigeracionalidade e intergeracionalidade, no sentido de existirem várias gerações e das relações que se estabelecem entre elas serem importantes. Para Vicente e Sousa (2010), uma família multigeracional é aquela que tem representantes vivos de quatro gerações, consanguíneos ou não, em regime de coabitação ou não, são os designados agregados

¹²⁹ <http://www.cteducacao.com/>, consultado a 19 de maio de 2013.

familiares, cujos indivíduos possuem diferentes experiências sociais, históricas e culturais (Vicente & Sousa, 2010, p. 158).

A família é, então, entendida como o núcleo de origem dos indivíduos e no qual se procura conforto e apoio emocional. Mas a origem aqui referida não é, necessariamente, a família que deu vida biológica à pessoa em causa, pode ser a que transformou o indivíduo em determinado momento, através da adoção, por exemplo. Da mesma forma que nem todas as famílias, no sentido de agregado residente no mesmo espaço doméstico, dão o apoio emocional procurado, o que promove a sua busca em outros núcleos familiares, como os amigos ou alguém muito próximo.

O conceito de família é algo complexo de tentar definir nestas linhas, uma vez que sofre modificações quase a cada geração que nasce, alterando-se valores, princípios, normas e entendimentos, que modificam também a forma como se vivencia e experiencia o espaço familiar.

GERAÇÕES

Por gerações entende-se a forma como as pessoas se sentem ligadas a determinado grupo e vivem os mesmos acontecimentos históricos. A geração tem, por isso, vários sentidos: sejam os indivíduos do mesmo ano de nascimento, os que se identificam com algumas características específicas da sociedade num momento específico (as gerações da televisão, por exemplo); os que lutam por determinado direito social em alguma fase, como a crise económica e política que se vive atualmente no País; entre outros. Os indivíduos pertencentes à mesma geração têm sempre um traço comum que os identifica como pertencentes a essa geração e não a outra. No entanto, esta não pertença a outra não os admite como excluídos, antes como incluídos num grupo, que pode ser outro diferente (ainda que de forma simbólica) quando a identificação se faz com algo que esse outro grupo defende ou em que acredita. Assim, o conceito de gerações pode mesmo ser pensado como uma construção social.

De acordo com os dicionários de *Sociologia de Cambridge* (Turner, 2006) e da editora SAGE (Bruce & Yearley, 2006), o conceito de geração é aplicado assumindo vários sentidos. Pertinente para o presente estudo é a sua definição enquanto grupo de população com determinada idade aproximada, tendo, por isso, nascido no ano

pertencente à mesma década. Utilizado por alguns investigadores como *cohorte*, significando a fatia de população nascida em determinada década (Bruce & Yearley, 2006, p. 122; Turner, 2006, p. 233).

Neste contexto, porém, interessa a definição do conceito no plural, ou seja, gerações e não geração. Uma vez que um dos objetivos é o estudo da utilização dos *media* em três gerações – nascidos na década de 1950, 1970 e 1990 – e que não se considera, ao contrário de outros autores (Cardoso, Espanha, *et al.*, 2007; Ponte, 2011; Rivoltella, 2010a) que haja apenas uma geração, a qual se possa considerar como sendo a exclusiva na utilização frequente dos *media*. Mas que todas elas, com maior ou menor relevância e frequência, utilizam, e nas mais variadas tarefas, contextos e horas do dia, os *media* – televisão, computador (internet) e telemóvel. São, por isso, *gerações de ecrã*.

LAZER

O lazer é, frequentemente, associado a um momento em que já não se está a trabalhar ou na escola e se pode realizar tarefas relaxantes, prazerosas, divertidas e que permitem ao indivíduo não pensar em algo que o preocupa. Assim, lazer faz-se quando se tem tempo livre, por exemplo, nas férias, fins de semana e feriados, sendo estes os momentos mais habituais, mas não necessariamente os únicos, porque ao fim de um dia de trabalho, podem ter-se momentos de lazer ou mesmo à hora das refeições. Para além disso, férias, fins de semana e feriados podem não ser momentos dedicados ao lazer, por serem estipulados para trabalhar, por exemplo.

Para a definição de lazer, considera-se pertinente recuperar Dumazedier (1973), segundo o qual se trata de

[...] um conjunto de ocupações a que o indivíduo se pode entregar de livre vontade, quer para repousar, quer para se divertir, quer para desenvolver a sua informação ou a sua formação desinteressada, a sua participação social voluntária ou a sua livre capacidade criadora, depois de se ter libertado das obrigações profissionais, familiares e sociais (Dumazedier, 1973, p. 34).

Lazer, apesar de se pretender um contexto distinto do familiar e laboral/escolar em termos de análise dos *focus groups*, diários e inquéritos por questionário, confunde-se, muitas vezes, com esses dois contextos. As pesquisas realizadas na internet (com recurso ao computador), a utilização de salas de conversação *online* e transportar o

telemóvel para todo o lado, torna difícil definir quando termina a utilização dos *media* para fins de lazer e quando inicia para efeitos de trabalho. No entanto, considera-se que as práticas de lazer transmitem sempre um sentimento agradável e de liberdade a quem as pratica, e essa é a principal diferença entre o que é considerado trabalho e tempo familiar, uma vez que estes estão frequentemente associados a imposições e obrigações.

À semelhança do conceito de gerações, também o de lazer é uma construção social, aliás, este até mais do que o anterior, uma vez que o que para uma pessoa pode ser caracterizado como lazer e atividade prazerosa, pode ser algo penoso para outra (Silva, 2010, p. 280).

MEDIA (UTILIZAÇÃO DE)

O conceito de *media* confunde-se, não raras vezes, com o de Tecnologias de Informação e Comunicação (descrito em seguida). Pesquisados alguns dicionários na área dos *media* e comunicação – *Dictionary of ICT* (2004 [1987]), *Dictionary of Media Studies* (2006) e *Dictionary of Media and Communications* (2009) – as definições encontradas vão no sentido de se considerar como o meio através do qual é transmitida informação a quem os assiste, procura e utiliza. A que se considera mais completa é do *Dicionário de Media e Comunicações*, que refere: “as várias formas, dispositivos e sistemas que compõem as comunicações de massa, consideradas como um todo, incluindo, jornais, revistas, estações de rádio, canais de televisão, e páginas de internet.” (Danesi, 2009, p. 192), “juntamente com pessoas envolvidas na sua produção” (Anderson *et al.*, 2006, p. 143).

Para além dum significado mais físico, que compreende os artefactos tecnológicos como *media*, interessa perceber também os consumos que lhes estão associados, que podem não variar com o dispositivo, mas com a pessoa ou mesmo com o contexto. Assim, os *media* são qualquer sistema simbólico ou tecnológico que possibilita, estrutura e amplifica a comunicação entre as pessoas (Deuze, 2012, p. xii), mas que, igualmente, dão acesso a informação e conteúdo de vária tipologia.

Para efeitos da investigação interessa compreender o conceito de *media*, porquanto permite conhecer a forma como os indivíduos os utilizam, para que se possa compreender como usam as TIC e, conseqüentemente, os ecrãs.

RELAÇÕES SOCIAIS

As relações sociais assumem, desde finais do século XX e ao longo da primeira década do século XXI (que se prevê se prolongue durante todo o século), contornos bastante diferentes do que eram as relações sociais no final do século XVIII e início do século XIX, com a invenção do telegrama e do telefone, nestes últimos dois séculos, respetivamente; mas também, com o surgimento do telemóvel e da internet (redes sociais *online*), nos séculos XIX e XX, respetivamente.

Mas se, frequentemente, se associa o ato dos indivíduos se relacionarem socialmente através da tecnologia, certo é que são importantes as relações sociais presenciais, sem as quais seria complicado estabelecer-se uma rede de amigos consistente e prolongada no tempo, uma rede familiar que estimula a partilha e as reuniões, e uma rede de trabalho com frutos significativos e, sobretudo, que todos conhecessem os traços físicos de cada um.

A certa altura, todos os indivíduos sentem necessidade de se encontrar e conhecer pessoalmente e não apenas virtualmente, é o que Boden e Molotoch (1994) definem como a “compulsão para a proximidade”, ou seja, apesar dos dispositivos tecnológicos existentes permitirem uma proximidade (virtual), as relações de copresença continuam a ser preferidas pela maior parte das pessoas (Boden & Molotoch, 1994).

Desta forma, as relações sociais são criadas a partir do momento em que os indivíduos “formam famílias, estabelecem amizades e companheirismo, juntam-se em grupos de afinidade cultural, religiosa, política ou outra, criam organizações e empresas.” (Almeida, 2011, p. 39), ganhando estas relações novas formas quando a referência é feita às redes sociais *online* que hoje permitem grande parte destas ações de maneira mais imediata, síncrona e/ou a distância.

RURAL

A definição de área rural apropriada no contexto da presente tese de doutoramento foi a do Instituto Nacional de Estatística (INE), segundo a qual rural é sempre definido em oposição ao urbano e semiurbano. Assim, de acordo com o INE são urbanas as

“Freguesias que possuam densidade populacional superior a 500 hab./Km² ou que integrem um Lugar com população residente superior ou igual a 5000 habitantes”, e semi-urbanas as “Freguesias não urbanas que possuam densidade populacional superior a 100 hab./Km² e inferior ou igual a 500 hab./Km² ou que integrem um Lugar com população residente superior ou igual a 2000 habitantes e inferior a 5000 habitantes.” Assim, as freguesias rurais são aquelas “não classificadas nem como urbanas nem como semi-urbanas”, ou seja, com densidade populacional igual ou inferior a 100 habitantes/Km² ou que integrem um lugar com população residente inferior a 2000 habitantes (DGOTDU, 2000, pp. 176-177).

Para além desta importante definição estatística, que, aliás, permitiu a estruturação da amostra da investigação, é também muito relevante conhecer alguns traços mais qualitativos frequentemente associados ao rural. Assim, o meio rural é considerado como um lugar calmo (contrariamente à agitação do meio urbano), que se procura para momentos de relaxamento e paz. É um local muito associado à natureza, ao ambiente, aos animais (muitas vezes selvagens). Para além disso, o rural é ainda percecionado como pouco desenvolvido (quando comparado com o urbano), cujos residentes têm fraco acesso a serviços, bens e produtos. Economicamente é, por isso, mais pobre do que as áreas urbanas, sendo a principal atividade dos seus residentes a agricultura e, mais recentemente, o turismo rural e as energias renováveis.

Por rural entende-se, então, zonas com baixa densidade demográfica, bem como aglomerados populacionais com dimensão muito reduzida (vilas, aldeias), com uma base económica agora um pouco mais diversificada, mas que até há bem pouco tempo era limitada. Para além disso, é muito procurado por indivíduos que em busca de um estilo de vida mais calmo e próximo da natureza, com um forte contraste, e, muitas vezes, até caracterizado dessa forma, com o meio urbano. Contudo, nem todas as áreas rurais são afastadas dos meios urbanos, algumas quase que se fundem com aqueles, sofrendo até a sua influência (CEMAT, 2011, p. 1).

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

Consegue-se encontrar, frequentemente, este conceito como Tecnologias de Informação (TI), no entanto, parece mais correto que aqui surja como TIC, uma vez que o

local onde os indivíduos/consumidores procuram informação é, ao mesmo tempo, o local onde procuram comunicar, sobretudo, através de sítios de redes sociais e/ou programas de mensagens instantâneas. Aliás, TIC surge mesmo da conjugação da informática com as telecomunicações, embora a expressão telemática não seja muito utilizada.

O conceito de TIC é ainda, frequentemente, substituído pelo de *media* (definido anteriormente), no entanto, enquanto estas são associadas ao *hardware* e *software* utilizados para a realização de procura, criação e partilha de conteúdos, para trabalhar, ou para comunicar; os *media* podem ser o *hardware* e o *software*, mas, igualmente, os próprios conteúdos, como vídeos, imagens, texto, etc.

Neste sentido, é também importante definir o que se entende por comunicação e por informação, a primeira é a “troca de mensagens através de algum canal ou em algum meio” (Danesi, 2009, p. 69), A informação é o que se adquire através da transformação de dados criados previamente ou da junção de vários dados diferentes. Que, por sua vez, após o tratamento da informação, se transformam em conhecimento. Enquanto a comunicação tem a sua essência na comunicação e não no conteúdo.

As TIC implicam que para que ocorra produção ou troca de informação e comunicação é necessária a existência de “tecnologia envolvida em adquirir, armazenar, processar e distribuir informação por meios eletrónicos, incluindo a rádio, a televisão, o telefone e os computadores” (Collin, 2004 [1987], p. 125), sendo estas algumas das tecnologias de informação e comunicação, que afetam as relações sociais, económicas e políticas no mundo contemporâneo (Vieira, 2005, p. 7).

TRABALHO

Como referido para a escola, o local de trabalho é o seu análogo, isto é, espera-se que, tipicamente, os adultos se encontrem ocupados durante a semana, nos períodos da manhã e da tarde (em alguns casos, até à noite), em contexto de trabalho. Contudo, este pode prolongar-se ao contexto familiar, em situações em que os membros de uma família continuam o que estavam a fazer, iniciam novas tarefas ou terminam outras quando já em casa.

Algumas características associam-se automaticamente à noção de trabalho: dinheiro ou remuneração; existe sempre um certo nível de atividade ou ocupação; a

variedade de tarefas desenvolvidas; a estrutura temporal (já referida); é possível a criação de contactos sociais (ver relações sociais); e fornece uma identidade pessoal (“o que eu sou é o reflexo do que eu faço” (Giddens, 2000, pp. 372-373)). No entanto, trabalho pode, ainda, ser considerado o voluntário, o doméstico e mesmo algumas tarefas desenvolvidas em casa (*bricolage*), que não compreendem uma remuneração, nem sempre permitem o contacto com outras pessoas e quanto às outras características são sempre bastante variáveis. O oposto do trabalho é a situação de desemprego ou desocupação, por exemplo, potenciada por situações de reforma/aposentação.

Também o trabalho, tal como a escola, vem sendo alterado através da integração de tecnologia ou de novos *media* nas tarefas a desenvolver pelo indivíduo. Um exemplo muito verificado atualmente é o teletrabalho, ou seja, o desenvolvido pelos colaboradores em qualquer contexto físico menos o laboral, geralmente, em casa. Assim, os trabalhadores estão em casa, com acesso a um computador e à internet, e respondem às exigências da entidade patronal através desses dispositivos.

ANEXOS

ANEXO I

DADOS SOBRE O MEIO RURAL PORTUGUÊS
(CONTINENTE E ILHAS)

Local de residência (à data dos Censos 2011)	População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo e Grupo etário; Decenal	Densidade populacional (N.º/ km²) por Local de residência (à data dos Censos 2011); Decenal	Freguesias rurais	Total de freguesias	Total população rural
Portugal	10561614	114,5	29	51	9723
Continente	10047083	112,8			
Norte	3689609	173,3			
Minho-Lima	244836	110,4			
Arcos de Valdevez	22847	51,0			
Aboim das Choças	333	182,2			
Aguiã	705	185,3			
Alvora	261	48,8			
Âzere	247	77,7			
Cabana Maior	239	17,8			
Cabreiro	428	10,3			
Carralcova	124	13,3			
Cendufe	360	114,0			
Couto	615	106,3			
Eiras	269	69,0			
Ermelo	92	7,4			
Extremo	160	37,3			
Gavieira	298	5,2			
Giela	514	261,4			
Gondoriz	958	28,2			
Grade	393	85,3			
Guilhadeses	1119	374,1			
Loureda	195	39,9			
Jolda (Madalena)	350	140,1			
Mei	118	56,1			
Miranda	325	32,4			
Monte Redondo	227	95,3			
Oliveira	330	102,9			
Paçô	933	202,7			
Padroso	234	29,5			
Parada	383	192,7			
Portela	260	35,5			
Prozelo	943	238,4			
Rio Cabrão	135	77,9			
Rio Frio	684	35,5			
Rio de Moinhos	438	122,0			
Sá	138	50,7			
Sabadim	468	56,2			
Arcos de Valdevez (Salvador)	1079	1739,8			
Padreiro (Salvador)	301	146,5			

Padreiro (Santa Cristina)	76	32,1			
Távora (Santa Maria)	690	159,6			
Santar	164	178,6			
São Cosme e São Damião	190	64,2			
São Jorge	714	61,2			
Arcos de Valdevez (São Paio)	1147	322,7			
Jolda (São Paio)	360	211,8			
Távora (São Vicente)	265	109,8			
Senharei	259	34,4			
Sistelo	273	10,4			
Soajo	986	16,7			
Souto	622	151,4			
Tabaço	355	395,7			
Vale	776	51,3			
Vila Fonche	1118	419,6			
Vilela	196	59,9			
Caminha	16684	122,2	11	20	3277
Âncora	1182	218,2			
Arga de Baixo	74	6,8			
Arga de Cima	73	8,7			
Arga de São João	61	5,3			
Argela	393	36,4			
Azevedo	158	28,9			
Caminha (Matriz)	1346	654,4			
Cristelo	244	73,7			
Dem	363	56,4			
Gondar	222	40,3			
Lanhelas	991	196,7			
Moledo	1322	188,3			
Orbacém	213	38,3			
Riba de Âncora	723	84,6			
Seixas	1502	180,3			
Venade	817	138,2			
Vila Praia de Âncora	4820	575,7			
Vilar de Mouros	753	72,6			
Vilarelho	1125	240,4			
Vile	302	107,9			
Melgaço	9213	38,7	14	18	5566
Alvaredo	528	121,0			
Castro Laboreiro	540	6,1			
Chaviães	385	80,1			
Cousso	294	40,6			
Cristoval	528	95,0			

Cubalhão	156	13,4			
Fiães	239	21,3			
Gave	237	12,7			
Lamas de Mouro	117	6,6			
Paços	317	86,3			
Paderne	1160	90,3			
Parada do Monte	370	20,3			
Penso	523	59,1			
Prado	452	172,3			
Remoães	98	93,9			
Roussas	1107	114,7			
São Paio	602	60,5			
Vila	1560	840,1			
Monção	19230	91,0	17	33	7026
Abedim	205	26,6			
Anhões	140	19,9			
Badim	178	31,7			
Barbeita	1016	147,6			
Barroças e Taias	319	117,3			
Bela	698	184,1			
Cambeses	496	123,5			
Ceivães	492	148,0			
Lapela	223	141,0			
Lara	266	54,0			
Longos Vales	989	70,7			
Lordelo	116	29,2			
Luzio	120	16,4			
Mazedo	1859	245,8			
Merufe	1097	38,5			
Messegães	253	115,3			
Monção	2469	831,2			
Moreira	615	165,0			
Parada	107	87,9			
Pias	854	76,8			
Pinheiros	345	161,8			
Podame	278	76,2			
Portela	242	29,8			
Riba de Mouro	964	68,6			
Sá	200	49,4			
Sago	225	71,6			
Segude	356	150,3			
Tangil	768	33,6			
Troporiz	274	115,0			

Troviscoso	1066	186,8	17	21	6435
Trute	277	46,0			
Valadares	205	102,2			
Cortes	1518	332,3			
Paredes de Coura	9198	66,6			
Agualonga	295	55,4			
Bico	466	53,7			
Castanheira	631	81,3			
Cossourado	319	64,3			
Coura	374	56,8			
Cristelo	317	105,7			
Cunha	529	53,0			
Ferreira	425	32,0			
Formariz	573	91,8			
Infesta	450	76,4			
Insalde	364	27,4			
Linhares	198	42,3			
Mozelos	347	103,3			
Padornelo	437	65,6			
Parada	298	50,5			
Paredes de Coura	1581	572,9			
Porreiras	95	22,0			
Resende	518	168,1			
Romarigães	246	34,5			
Rubiães	512	56,4			
Vascões	223	35,9			
Ponte da Barca	12061	66,2	16	25	4758
Azias	377	44,7	16	25	4758
Boivães	289	81,9			
Bravães	629	150,8			
Britelo	485	37,6			
Crasto	458	92,1			
Cuide de Vila Verde	344	90,1			
Entre Ambos-os-Rios	502	34,4			
Ermida	61	5,5			
Germil	49	3,8			
Grovelas	203	74,7			
Lavradas	875	129,5			
Lindoso	427	9,3			
Nogueira	410	205,7			
Oleiros	466	136,7			
Paço Vedro de Magalhães	967	374,3			
Ponte da Barca	2371	2583,4			

Ruivos	221	99,2	16	51	7357
Touvedo (Salvador)	167	55,4			
Sampriz	342	52,2			
Vila Chã (Santiago)	139	57,0			
Vila Chã (São João Baptista)	484	33,8			
Touvedo (São Lourenço)	210	68,3			
Vade (São Pedro)	264	99,5			
Vade (São Tomé)	287	182,6			
Vila Nova de Muía	1034	193,8			
Ponte de Lima	43498	135,8			
Anais	1073	133,1			
Arca	885	391,0			
Arcos	640	42,5			
Arcozelo	3734	309,2			
Ardegão	233	78,0			
Bárrio	359	66,6			
Beiral do Lima	558	76,3			
Bertiandos	414	182,6			
Boalhosa	163	74,5			
Brandara	442	171,5			
Cabaços	671	112,5			
Cabração	118	6,8			
Calheiros	991	116,6			
Calvelo	685	130,1			
Cepões	562	130,1			
Correlhã	2936	339,2			
Estorãos	464	28,6			
Facha	1529	99,9			
Feitosa	1363	506,0			
Fojo Lobal	280	84,8			
Fontão	1101	228,2			
Fornelos	1638	153,6			
Freixo	1209	234,8			
Friastelas	450	114,8			
Gaifar	266	116,3			
Gandra	1108	317,9			
Gemieira	598	140,8			
Gondufe	450	80,7			
Labruja	439	30,1			
Labrujó	127	29,2			
Mato	312	120,9			
Moreira do Lima	869	86,5			
Navió	231	135,6			

Poiares	775	104,2			
Ponte de Lima	2871	1647,5			
Queijada	274	116,9			
Refóios do Lima	2169	131,9			
Rendufe	184	49,5			
Ribeira	1902	216,8			
Sá	423	151,2			
Sandiães	435	131,3			
Santa Comba	658	438,9			
Santa Cruz do Lima	480	214,9			
Rebordões (Santa Maria)	1056	149,3			
Seara	714	196,4			
Serdedelo	464	71,3			
Rebordões (Souto)	1127	152,1			
Vilar das Almas	374	80,0			
Vilar do Monte	106	33,3			
Vitorino das Donas	1051	235,4			
Vitorino dos Piães	1537	129,2			
Valença	14127	120,6	8	16	3923
Arão	758	292,3			
Boivão	239	30,0			
Cerdal	1693	90,2			
Cristelo Covo	965	321,3			
Fontoura	751	81,9			
Friestas	562	135,5			
Gandra	1318	111,9			
Ganfei	1296	136,8			
Gondomil	301	31,7			
Sanfins	163	19,8			
São Julião	363	70,0			
São Pedro da Torre	1267	162,6			
Silva	260	86,9			
Taião	153	18,2			
Valença	3430	881,5			
Verdoejo	608	143,6			
Viana do Castelo	88725	278,1	8	40	5288
Afife	1632	125,3			
Alvarães	2623	288,0			
Amonde	293	46,9			
Anha	2415	256,9			
Areosa	4853	343,9			
Barroselas	3927	595,8			
Cardielos	1309	297,1			

Carreço	1759	123,8	8	15	3045
Carvoeiro	1104	91,4			
Castelo do Neiva	2930	421,9			
Darque	7817	867,1			
Deão	951	282,0			
Deocriste	776	104,5			
Freixieiro de Soutelo	511	43,4			
Lanheses	1645	171,4			
Mazarefes	1343	331,1			
Madela	9782	1172,1			
Meixedo	467	60,9			
Viana do Castelo (Monserate)	4948	2050,0			
Montaria	549	24,5			
Moreira de Geraz do Lima	597	170,4			
Mujães	1550	316,4			
Neiva	1225	174,4			
Nogueira	916	78,1			
Outeiro	1234	65,6			
Perre	2956	225,9			
Portela Susã	597	166,4			
Santa Marta de Portuzelo	3805	513,3			
Geraz do Lima (Santa Leocádia)	916	110,6			
Geraz do Lima (Santa Maria)	875	224,3			
Viana do Castelo (Santa Maria Maior)	10645	2985,7			
Serreleis	1003	306,3			
Subportela	1179	193,5			
Torre	615	177,1			
Vila Franca	1757	245,9			
Vila Fria	1327	213,2			
Vila Mou	566	196,3			
Vila de Punhe	2273	377,2			
Vilar de Murteda	214	26,7			
Chafé	2841	361,9			
Vila Nova de Cerveira	9253	85,3			
Campos	1367	259,5			
Candemil	232	32,3			
Cornes	478	77,6			
Covas	675	23,6			
Gondar	127	34,9			
Gondarém	1010	147,2			
Loivo	885	172,0			
Lovelhe	443	131,6			

Mentrestido	264	56,1						
Nogueira	315	137,2						
Reboreda	756	113,1						
Sapardos	366	54,5						
Sopo	557	37,6						
Vila Meã	346	99,2						
Vila Nova de Cerveira	1432	405,2						
Cávado	410149	329,2						
Amares	18889	230,5				6	24	1321
Amares	1550	1130,8						
Barreiros	760	254,5						
Besteiros	576	285,8						
Bico	777	338,8						
Caires	868	184,1						
Caldelas	872	211,3						
Carrazedo	732	270,3						
Dornelas	508	150,0						
Ferreiros	3212	1211,7						
Figueiredo	1104	346,1						
Fiscal	718	184,3						
Goães	557	184,0						
Lago	1910	478,7						
Paranhos	111	27,7						
Paredes Secas	166	94,5						
Portela	168	83,3						
Prozelo	785	293,9						
Rendufe	1124	367,0						
Bouro (Santa Maria)	760	109,8						
Bouro (Santa Marta)	490	51,6						
Sequeiros	204	63,0						
Seramil	182	45,2						
Torre	458	290,3						
Vilela	297	105,5						
Barcelos	120391	317,7	0	89	0			
Abade de Neiva	2024	269,7						
Aborim	891	144,2						
Adães	790	293,6						
Aguiar	546	158,7						
Airó	913	302,0						
Aldreu	904	188,5						
Alheira	1072	143,9						
Alvelos	2145	634,3						
Arcozelo	12840	3736,1						

Areias	1014	403,8
Areias de Vilar	1365	236,8
Balugães	841	308,5
Barcelinhos	1781	646,0
Barcelos	4660	3581,3
Barqueiros	1957	242,6
Cambeses	1300	392,5
Campo	983	437,4
Carapeços	2277	280,6
Carreira	1451	448,2
Carvalhal	1391	539,2
Carvalhos	691	197,7
Chavão	746	297,4
Chorente	753	163,3
Cossourado	825	128,1
Courel	488	115,0
Couto	348	221,9
Creixomil	834	197,2
Cristelo	1875	243,0
Durrães	723	289,2
Encourados	514	116,7
Faria	550	149,3
Feitos	538	164,4
Fonte Coberta	582	283,8
Fornelos	803	187,1
Fragoso	2193	174,2
Gamil	924	280,5
Gilmonde	1516	271,8
Góios	548	185,1
Grimancelos	791	261,1
Gual	380	199,2
Igreja Nova	384	141,0
Lama	1271	389,0
Lijó	2306	521,8
Macieira de Rates	2083	265,4
Manhente	1703	435,5
Mariz	374	136,1
Martim	2375	446,7
Midões	462	181,8
Milhazes	912	251,5
Minhotães	775	216,8
Monte de Fralães	408	258,4
Moure	925	363,7

Negreiros	1618	363,2	
Oliveira	1004	184,0	
Palme	1073	129,1	
Panque	680	108,1	
Paradela	850	101,7	
Pedra Furada	399	168,4	
Pereira	1318	342,5	
Perelhal	1749	257,1	
Pousa	2272	342,6	
Quintiães	644	164,2	
Remelhe	1309	213,7	
Roriz	2152	329,4	
Rio Covo (Santa Eugénia)	1483	473,2	
Rio Covo (Santa Eulália)	970	219,6	
Tamel (Santa Leocádia)	753	122,1	
Galegos (Santa Maria)	2987	651,0	
Bastuço (Santo Estêvão)	460	218,6	
Bastuço (São João)	661	347,2	
Alvito (São Martinho)	451	356,8	
Galegos (São Martinho)	1930	618,1	
Vila Frescainha (São Martinho)	2372	772,7	
Alvito (São Pedro)	639	111,9	
Vila Frescainha (São Pedro)	1593	595,1	
Tamel (São Pedro Fins)	538	210,3	
Tamel (São Veríssimo)	3025	909,6	
Sequeade	795	341,0	
Silva	913	418,9	
Silveiros	1181	309,4	
Tregosa	686	162,2	
Ucha	1420	332,6	
Várzea	1904	645,0	
Viatodos	1840	436,8	
Vila Boa	2483	1102,8	
Vila Cova	2026	162,7	
Vila Seca	1197	275,7	
Vilar de Figos	604	125,1	
Vilar do Monte	667	136,4	
Braga	181474	989,5	0
Adaúfe	3711	343,5	62
Arcos	764	870,0	0
Arentim	884	367,2	
Aveleda	2149	1135,5	
Cabreiros	1491	533,4	

Celeirós	3289	1173,4
Braga (Cividade)	1422	4679,5
Crespos	899	238,0
Cunha	646	195,0
Dume	3251	826,6
Escudeiros	1115	264,3
Espinho	1181	263,9
Esporões	1709	360,5
Ferreiros	7707	2988,3
Figueiredo	1198	591,1
Fraião	4605	3759,9
Frossos	1806	1391,2
Gondizalves	1441	859,2
Gualtar	5286	1932,2
Guisande	538	218,2
Lamações	2525	1294,8
Lamas	842	671,7
Lomar	6041	1927,2
Braga (Maximinos)	9792	5165,4
Mire de Tibães	2437	559,3
Morreira	747	207,4
Navarra	460	206,1
Nogueira	5924	1134,8
Nogueiró	3749	1357,9
Padim da Graça	1521	448,2
Palmeira	5468	615,8
Panoias	1663	1249,0
Parada de Tibães	1249	663,9
Pedralva	1110	137,6
Pousada	448	125,8
Priscos	1341	367,5
Real	7666	5081,4
Ruilhe	1142	518,3
Santa Lucrécia de Algeriz	534	134,0
Penso (Santo Estêvão)	435	194,2
Braga (São João do Souto)	725	2823,1
Braga (São José de São Lázaro)	13576	6242,2
Passos (São Julião)	654	327,8
Este (São Mamede)	1789	272,8
Merelim (São Paio)	2451	1141,6
Este (São Pedro)	2048	632,8
Merelim (São Pedro)	1920	1037,7
Oliveira (São Pedro)	515	229,6

Braga (São Vicente)	13236	5189,7			
Penso (São Vicente)	314	199,1			
Braga (São Vítor)	29642	7258,5			
Braga (Sé)	3358	9141,7			
Semelhe	783	259,0			
Sequeira	1811	416,3			
Sobreposta	1301	217,6			
Tadim	1143	426,4			
Tebosa	1129	436,5			
Tenões	1380	828,2			
Trandearas	700	744,5			
Vilaça	794	505,5			
Vimieiro	1233	429,1			
Fradelos	786	641,4			
Esposende	34254	359,0	0	15	0
Antas	2221	245,0			
Apúlia	4198	398,8			
Belinho	2017	306,1			
Curvos	811	189,3			
Esposende	3595	2074,7			
Fão	3103	538,8			
Fonte Boa	1326	216,9			
Forjães	2767	333,2			
Gandra	1323	256,7			
Gemeses	1078	193,6			
Mar	1182	501,6			
Marinhas	6193	593,9			
Palmeira de Faro	2403	355,6			
Rio Tinto	618	144,9			
Vila Chã	1419	166,9			
Terras de Bouro	7253	26,1	14	17	5776
Balança	341	90,6			
Brufe	50	7,7			
Campo do Gerês	162	2,4			
Carvalheira	386	42,6			
Chamoim	291	36,4			
Chorense	454	54,7			
Cibões	371	21,2			
Covide	343	19,0			
Gondoriz	295	39,9			
Moimenta	741	220,9			
Monte	126	10,5			
Ribeira	242	107,8			

Rio Caldo	892	63,9	3	58	5277
Souto	494	122,7			
Valdosende	630	52,0			
Vilar	149	32,6			
Vilar da Veiga	1286	16,5			
Vila Verde	47888	209,4			
Aboim da Nóbrega	987	80,9			
Arcozelo	405	124,0			
Atães	659	259,7			
Atiães	520	128,8			
Azões	314	193,1			
Barbudo	2400	544,0			
Barros	335	87,8			
Cabanelas	2102	311,9			
Cervães	1981	181,9			
Codeceda	172	51,0			
Couciero	531	125,9			
Covas	396	113,0			
Dossãos	500	149,4			
Duas Igrejas	1291	90,1			
Esqueiros	493	254,2			
Freiriz	1099	188,1			
Geme	551	345,1			
Goães	546	177,0			
Godinhaços	380	57,5			
Gomide	228	69,7			
Gondiães	347	110,5			
Gondomar	71	32,2			
Laje	2895	620,2			
Lanhas	581	317,6			
Loureira	1152	654,7			
Marrancos	504	156,4			
Mós	323	94,7			
Moure	1421	315,7			
Nevogilde	324	156,2			
Oleiros	1169	309,3			
Parada de Gatim	793	246,6			
Passó	208	74,2			
Pedregais	331	148,9			
Penascais	255	107,7			
Pico	610	217,7			
Pico de Regalados	845	283,5			
Ponte	483	141,6			

Portela das Cabras	278	112,9			
Rio Mau	667	195,0			
Sabariz	443	214,0			
Sande	591	148,3			
Vila de Prado	4472	810,9			
Oriz (Santa Marinha)	336	91,6			
Carreiras (Santiago)	377	154,8			
Escariz (São Mamede)	388	113,5			
Escariz (São Martinho)	361	152,9			
Valbom (São Martinho)	185	108,6			
Carreiras (São Miguel)	553	280,9			
Oriz (São Miguel)	235	98,4			
Prado (São Miguel)	717	130,2			
Valbom (São Pedro)	249	148,2			
Soutelo	2102	503,9			
Travassós	218	215,7			
Turiz	1746	482,3			
Valdreu	516	28,7			
Valões	195	50,6			
Vila Verde	4647	1493,2			
Vilarinho	410	313,2			
Ave	511737	410,7			
Fafe	50633	231,1			
Aboim	355	30,9			
Agrela	187	95,2			
Antime	1476	472,8			
Ardegão	301	137,0			
Armil	735	158,1			
Arnozela	265	72,0			
Cepães	1410	338,3			
Estorãos	1508	255,4			
Fafe	15703	1970,3			
Fareja	855	265,4			
Felgueiras	117	20,3			
Fornelos	1374	561,6			
Freitas	585	88,5			
Golães	2135	454,3			
Gontim	89	27,3			
Medelo	1602	636,4			
Monte	308	32,2			
Moreira do Rei	1667	96,6			
Passos	1076	262,7			
Pedraído	265	51,2			

Queimadela	490	47,7						
Quinchães	2278	214,7						
Regadas	1666	285,1						
Revelhe	849	172,9						
Ribeiros	640	129,1						
Arões (Santa Cristina)	1538	389,3						
Silvares (São Clemente)	570	232,4						
São Gens	1703	115,1						
Silvares (São Martinho)	1325	210,6						
Arões (São Romão)	3295	575,9						
Seidões	512	129,2						
Serafão	996	128,3						
Travassós	1539	189,0						
Várzea Cova	358	30,1						
Vila Cova	219	45,0						
Vinhós	642	223,1						
Guimarães	158124	656,0				1	69	310
Aldão	1293	833,4						
Arosa	499	257,5						
Atães	1918	281,6						
Azurém	8348	2878,6						
Balazar	440	126,9						
Barco	1510	500,7						
Brito	4939	836,7						
Caldelas	5723	2124,7						
Calvos	1082	530,5						
Castelões	310	86,5						
Conde	1378	715,3						
Costa	5155	1094,4						
Creixomil	9641	3206,3						
Donim	833	261,6						
Fermentões	5707	1516,7						
Figueiredo	436	212,0						
Gandarela	1074	626,2						
Gémeos	442	290,0						
Gominhães	511	237,3						
Gonça	1051	149,6						
Gondar	2868	1165,4						
Gondomar	495	109,9						
Guardizela	2474	622,3						
Infantas	1764	271,6						
Leitões	568	157,3						
Longos	1372	189,6						

Lordelo	4287	862,1
Mascotelos	1631	1298,2
Mesão Frio	4173	1010,3
Moreira de Cónegos	4853	1027,2
Nespereira	2578	699,0
Oleiros	462	139,6
Guimarães (Oliveira do Castelo)	3265	4711,5
Pencelo	1258	526,1
Pinheiro	1234	638,5
Polvoreira	3495	1060,8
Ponte	6610	1099,7
Rendufe	712	134,9
Ronfe	4462	888,8
Briteiros (Salvador)	980	226,0
Prazins (Santa Eufémia)	1221	546,4
Briteiros (Santa Leocádia)	819	162,1
Airão (Santa Maria)	1686	708,1
Souto (Santa Maria)	771	175,0
Candoso (Santiago)	2163	830,9
Briteiros (Santo Estêvão)	1292	454,3
Prazins (Santo Tirso)	993	362,4
Sande (São Clemente)	1695	348,2
Selho (São Cristóvão)	2380	886,6
São Faustino	998	510,3
Airão (São João Baptista)	827	297,4
Selho (São Jorge)	5625	1076,9
Sande (São Lourenço)	1097	366,9
Selho (São Lourenço)	1782	891,2
Candoso (São Martinho)	1340	606,8
Sande (São Martinho)	2533	766,6
Guimarães (São Paio)	2896	6373,8
Souto (São Salvador)	830	167,4
Guimarães (São Sebastião)	1976	4848,9
Abação (São Tomé)	2252	432,3
São Torcato	3373	324,8
Serzedelo	3680	715,3
Serzedo	1202	487,7
Silvares	2282	508,4
Tabuadelo	1555	502,8
Urgezes	5259	1586,5
Vermil	1144	492,9
Sande (Vila Nova)	1739	729,3
Corvite	883	477,9

Póvoa de Lanhoso	21886	165,1	10	29	4456
Águas Santas	420	153,6			
Ajude	139	58,6			
Brunhais	313	118,7			
Calvos	483	110,8			
Campos	1046	321,1			
Covelas	416	143,0			
Esperança	339	77,8			
Ferreiros	416	82,5			
Fonte Arcada	1273	215,4			
Frades	270	61,3			
Friande	241	48,2			
Galegos	543	184,5			
Garfe	1000	184,0			
Geraz do Minho	521	114,6			
Lanhoso	742	122,7			
Louredo	439	243,0			
Monsul	773	234,6			
Moure	242	195,6			
Póvoa de Lanhoso (Nossa Senhora do Amparo)	5052	927,2			
Oliveira	397	75,3			
Rendufinho	736	88,8			
Santo Emilião	890	434,6			
São João de Rei	401	73,4			
Serzedelo	723	75,0			
Sobradelo da Goma	794	78,5			
Taíde	1613	243,3			
Travassos	696	171,1			
Verim	353	131,5			
Vilela	615	134,5			
Vieira do Minho	12997	59,5	19	21	10056
Anissó	215	60,4			
Anjos	333	19,5			
Campos	185	13,4			
Caniçada	455	65,8			
Cantelães	828	71,7			
Cova	301	68,9			
Eira Vedra	702	125,7			
Guilhofrei	961	85,6			
Louredo	436	57,3			
Mosteiro	774	70,4			
Parada do Bouro	469	60,8			
Pinheiro	447	43,5			

Rossas	1673	53,0			
Ruivães	738	24,4			
Salamonde	387	46,2			
Soengas	148	71,3			
Soutelo	173	27,8			
Tabuaças	919	92,9			
Ventosa	358	82,6			
Vieira do Minho	2239	311,6			
Vilar do Chão	256	32,3			
Vila Nova de Famalicão	133832	663,9	0	49	0
Abade de Vermoim	437	469,7			
Antas	6925	1535,0			
Avidos	1742	621,9			
Bairro	3598	1073,2			
Bente	925	676,2			
Brufe	2231	896,3			
Cabeçudos	1466	443,0			
Calendário	11667	1731,8			
Carreira	1662	751,8			
Castelões	2021	572,8			
Cavalões	1539	282,2			
Cruz	1738	420,7			
Delães	3917	1590,2			
Esmeriz	2218	562,2			
Fradelos	3914	232,9			
Gavião	3747	927,3			
Gondifelos	2438	307,5			
Jesufrei	606	208,8			
Joane	8089	1105,7			
Lagoa	911	486,6			
Landim	2834	628,4			
Lemenhe	1272	425,2			
Louro	2250	451,8			
Lousado	4057	697,4			
Mogege	1943	677,5			
Mouquim	1266	324,7			
Nine	2974	685,9			
Novais	1124	774,4			
Outiz	913	274,6			
Pedome	2120	805,8			
Portela	585	219,3			
Pousada de Saramagos	2234	1053,6			
Requião	3376	455,2			

Riba de Ave	3425	1242,2			
Ribeirão	8828	857,9			
Ruivães	1877	606,0			
Arnosó (Santa Eulália)	1111	410,3			
Arnosó (Santa Maria)	2008	503,3			
Oliveira (Santa Maria)	3420	756,5			
Vale (São Cosme)	3032	481,5			
Vale (São Martinho)	2081	577,9			
Oliveira (São Mateus)	2714	1250,4			
Seide (São Miguel)	1171	780,1			
Seide (São Paio)	371	274,1			
Sezures	497	231,1			
Telhado	1784	377,7			
Vermoim	2930	621,5			
Vila Nova de Famalicão	8478	3855,4			
Vilarinho das Cambas	1366	162,4			
Vizela	23736	961,0	0	7	0
Santa Eulália	5619	996,2			
Caldas de Vizela (São João)	3411	962,8			
Caldas de Vizela (São Miguel)	7222	1744,1			
Infias	1840	591,0			
Tagilde	1861	671,6			
Vizela (Santo Adrião)	2280	757,1			
Vizela (São Paio)	1503	606,5			
Santo Tirso	71530	523,6	1	24	738
Agrela	1584	226,7			
Água Longa	2207	171,4			
Areias	2454	914,8			
Aves	8458	1373,2			
Burgães	2097	314,0			
Carreira	1110	371,7			
Guimarei	738	92,3			
Lama	1393	669,8			
Lamelas	922	209,1			
Monte Córdova	3958	235,6			
Palmeira	1321	415,2			
Rebordões	3416	789,4			
Refojos de Riba de Ave	962	147,9			
Reguenga	1596	318,9			
Roriz	3665	594,0			
Couto (Santa Cristina)	4064	531,8			
Santo Tirso	14107	1589,0			
Negrelos (São Mamede)	2145	384,4			

Campo (São Martinho)	3470	1133,6						
Couto (São Miguel)	1222	643,0						
São Salvador do Campo	1194	1250,4						
Negrelos (São Tomé)	4032	659,2						
Sequeiró	1627	689,3						
Vilarinho	3788	719,3						
Trofa	38999	542,6	0	8	0			
Alvarelhos	3151	429,3						
Bougado (Santiago)	6422	443,2						
Bougado (São Martinho)	15190	1051,7						
Coronado (São Mamede)	4292	548,6						
Coronado (São Romão)	4827	1372,4						
Covelas	1536	103,7						
Guidões	1659	350,9						
Muro	1922	407,3						
Grande Porto	1287276	1580,0						
Espinho	31786	1509,5	0	5	0			
Anta	10363	1722,0						
Espinho	9832	5566,6						
Guetim	1403	721,0						
Paramos	3515	598,6						
Silvalde	6673	1223,3						
Gondomar	168027	1274,3	0	12	0			
Covelo	1647	147,4						
Fânzeres	23108	2862,8						
Foz do Sousa	6054	317,5						
Jovim	7146	997,5						
Lomba	1505	109,9						
Medas	2129	203,4						
Melres	3691	212,9						
Rio Tinto	50713	5404,2						
Gondomar (São Cosme)	27047	2298,6						
São Pedro da Cova	16478	1186,3						
Valbom	14407	3284,0						
Baguim do Monte (Rio Tinto)	14102	2584,3						
Maia	135306	1627,6				0	17	0
Águas Santas	27470	3339,5						
Barca	2633	799,6						
Folgosa	3704	361,2						
Gemunde	5215	956,8						
Gondim	2208	1585,7						
Gueifães	11964	4175,1						
Maia	12406	3621,5						

Milheirós	4861	1348,7			
Moreira	12890	1486,3			
Nogueira	5473	1561,8			
Avioso (Santa Maria)	4513	924,6			
Avioso (São Pedro)	3826	781,9			
São Pedro Fins	1837	390,3			
Silva Escura	2507	471,0			
Vermoim	15764	3821,0			
Vila Nova da Telha	5886	990,4			
Pedrouços	12149	4722,1			
Matosinhos	175478	2811,3	0	10	0
Custóias	18650	3090,5			
Guifões	9495	2574,8			
Lavra	10033	970,9			
Leça do Balio	17571	1928,1			
Leça da Palmeira	18502	2589,9			
Matosinhos	30984	6182,3			
Perafita	13607	1573,8			
Santa Cruz do Bispo	5767	1571,5			
São Mamede de Infesta	23122	4623,4			
Senhora da Hora	27747	7343,6			
Porto	237584	5736,0	0	15	0
Aldoar	12843	5333,2			
Bonfim	24265	7836,8			
Campanhã	32652	4059,9			
Cedofeita	22077	8157,4			
Foz do Douro	10997	5449,8			
Lordelo do Ouro	22270	6114,7			
Massarelos	6789	3490,7			
Miragaia	2067	4846,6			
Nevogilde	5018	2724,3			
Paranhos	44298	6179,9			
Ramalde	38012	6525,7			
Santo Ildefonso	9029	7302,5			
São Nicolau	1906	7613,0			
Sé	3460	7129,6			
Vitória	1901	5788,9			
Póvoa de Varzim	63408	771,3	0	12	0
A Ver-o-Mar	8675	1686,0			
Aguçadoura	4257	1174,2			
Amorim	2784	582,1			
Argivai	2163	762,9			
Balazar	2543	219,1			

Beiriz	3683	756,8			
Estela	2316	198,1			
Laundos	2055	241,0			
Navais	1479	408,9			
Póvoa de Varzim	28420	5808,1			
Rates	2505	180,3			
Terroso	2528	376,5			
Valongo	93858	1249,4	0	5	0
Alfena	15211	1369,7			
Campo	9197	836,0			
Ermesinde	38798	5070,0			
Sobrado	6727	316,3			
Valongo	23925	992,8			
Vila do Conde	79533	533,7	1	30	369
Arcos	819	140,9			
Árvore	5196	792,0			
Aveleda	1314	355,0			
Azurara	2305	1065,2			
Bagunte	1489	161,7			
Canidelo	906	270,7			
Fajozes	1425	239,0			
Ferreiró	690	140,3			
Fornelo	1392	221,5			
Gião	1756	310,4			
Guilhabreu	2357	364,9			
Junqueira	2019	295,7			
Labruge	2806	553,4			
Macieira da Maia	2321	391,6			
Malta	1385	651,8			
Mindelo	3491	608,3			
Modivas	1806	440,6			
Mosteiró	931	305,5			
Outeiro Maior	369	77,4			
Parada	300	101,2			
Retorta	1165	363,3			
Rio Mau	1862	188,4			
Tougues	887	265,3			
Touguinha	2000	621,6			
Touguinhó	1386	307,6			
Vairão	1251	273,8			
Vila Chã	3094	642,8			
Vila do Conde	28636	4224,4			
Vilar	1638	382,6			

Vilar de Pinheiro	2537	670,5			
Vila Nova de Gaia	302296	1794,4	0	24	0
Arcozelo	14352	1689,4			
Avintes	11497	1303,3			
Canelas	13459	1950,2			
Canidelo	27769	3109,3			
Crestuma	2621	559,6			
Grijó	10578	933,6			
Gulpilhares	11341	2071,7			
Lever	2794	356,2			
Madalena	10040	2140,7			
Mafamude	38544	7302,0			
Olival	5812	720,0			
Oliveira do Douro	22383	2970,1			
Pedroso	18714	963,1			
Perozinho	6359	1201,6			
Sandim	5938	437,9			
Vila Nova de Gaia (Santa Marinha)	30147	5094,3			
São Félix da Marinha	12706	1602,5			
São Pedro da Afurada	3568	3580,5			
Seixezelo	1712	1182,7			
Sermonde	1360	819,8			
Serzedo	7891	1181,7			
Valadares	10678	2078,2			
Vilar de Andorinho	18155	2569,7			
Vilar do Paraíso	13878	2620,2			
Tâmega	550469	210,1			
Castelo de Paiva	16733	145,5	2	9	2224
Bairros	2047	238,2			
Fornos	1439	350,1			
Paraíso	924	42,1			
Pedorido	1458	120,5			
Raiva	2312	150,8			
Real	1300	39,3			
Santa Maria de Sardoura	2538	252,2			
São Martinho de Sardoura	1931	447,8			
Sobrado	2784	511,1			
Cabeceiras de Basto	16710	69,1	10	17	5827
Abadim	571	37,7			
Alvite	963	126,7			
Arco de Baúlhe	1669	371,6			
Basto	938	168,2			
Bucos	554	31,1			

Cabeceiras de Basto	711	29,0			
Cavez	1268	47,3			
Faia	558	108,4			
Gondiães	227	10,6			
Outeiro	1116	147,3			
Painzela	959	130,5			
Passos	221	48,2			
Pedraça	760	62,5			
Refojos de Basto	4680	333,7			
Rio Douro	942	21,9			
Vila Nune	379	83,3			
Vilar de Cunhas	194	9,7			
Celorico de Basto	20098	111,0	9	22	6651
Agilde	1227	136,2			
Arnóia	1702	90,9			
Borba de Montanha	1294	118,8			
Britelo	2561	329,1			
Caçarilhe	466	78,4			
Canedo de Basto	1010	101,2			
Carvalho	789	115,7			
Codeçoso	444	41,5			
Corgo	311	95,8			
Fervença	1445	119,9			
Gagos	628	142,5			
Gémeos	650	161,8			
Infesta	292	52,8			
Molares	621	202,3			
Moreira do Castelo	627	102,2			
Ourilhe	459	85,5			
Rego	1241	72,6			
Ribas	1068	129,0			
Basto (Santa Tecla)	212	66,2			
Basto (São Clemente)	1524	98,9			
Vale de Bouro	813	103,0			
Veade	714	129,5			
Amarante	56217	186,6	12	40	5370
Aboadela	783	36,8			
Aboim	596	113,7			
Ansiães	623	22,9			
Ataíde	1002	624,0			
Bustelo	521	67,8			
Canadelo	121	9,4			
Candemil	771	64,2			

Carneiro	311	36,7				
Carvalho de Rei	187	25,7				
Cepelos	1758	481,2				
Chapa	301	92,2				
Fregim	2789	269,0				
Freixo de Baixo	1434	246,0				
Freixo de Cima	2203	745,1				
Fridão	863	109,7				
Gatão	1586	264,9				
Gondar	1686	174,9				
Jazente	542	161,6				
Lomba	793	218,5				
Louredo	638	177,3				
Lufrei	1777	275,4				
Madalena	1956	1255,5				
Mancelos	3114	256,7				
Oliveira	862	291,0				
Olo	371	56,3				
Padronelo	884	355,7				
Real	3142	491,3				
Rebordelo	365	23,3				
Salvador do Monte	1066	142,5				
Sanche	509	140,9				
Figueiró (Santa Cristina)	1370	321,0				
Figueiró (Santiago)	2458	639,0				
Amarante (São Gonçalo)	6540	1629,2				
Gouveia (São Simão)	633	50,7				
Telões	4232	291,8				
Travanca	2278	262,2				
Várzea	383	68,7				
Vila Caiz	3026	355,0				
Vila Chã do Marão	940	140,1				
Vila Garcia	803	224,8				
Baião	20522	117,6		11	20	6518
Ancede	2527	199,9				
Campelo	3237	213,8				
São Tomé de Covelas	576	97,7				
Frende	656	226,2				
Gestaçô	1263	87,5				
Gove	1992	174,1				
Grilo	590	99,3				
Loivos do Monte	373	42,6				
Loivos da Ribeira	480	189,9				

Mesquinhata	301	87,5			
Ovil	701	42,1			
Ribadouro	309	106,7			
Santa Cruz do Douro	1453	157,6			
Baião (Santa Leocádia)	554	128,4			
Santa Marinha do Zêzere	2796	259,3			
Teixeira	595	27,6			
Teixeiró	351	77,6			
Tresouras	373	80,3			
Valadares	875	82,9			
Viariz	520	83,4			
Felgueiras	58065	501,7	0	32	0
Aião	856	308,1			
Airões	2486	619,9			
Borba de Godim	2341	302,2			
Caramos	1854	569,3			
Friande	1838	559,2			
Idães	2496	351,0			
Jugueiros	1303	174,9			
Lagares	2320	815,5			
Lordelo	357	236,1			
Macieira da Lixa	1961	364,7			
Moure	1321	430,4			
Pedreira	1564	438,3			
Penacova	1130	376,8			
Pinheiro	1042	291,5			
Pombeiro de Ribavizela	2218	461,2			
Rande	982	476,2			
Refontoura	2081	605,1			
Regilde	1284	416,7			
Revinhade	811	243,9			
Margaride (Santa Eulália)	9653	1647,7			
Santão	776	410,7			
Vizela (São Jorge)	574	528,0			
Sendim	1627	231,4			
Sernande	941	696,4			
Sousa	1095	603,0			
Torrados	2370	699,0			
Unhão	800	232,3			
Várzea	2859	1016,0			
Varziela	1837	643,8			
Vila Cova da Lixa	3850	673,2			
Vila Fria	629	325,1			

Vila Verde	809	648,5	0	25	0
Lousada	47387	493,2			
Alvarenga	463	228,3			
Aveleda	2073	544,0			
Boim	3102	905,3			
Caíde de Rei	2529	375,6			
Casais	1401	569,3			
Cernadelo	980	487,7			
Covas	726	485,1			
Cristelos	3040	1042,3			
Figueiras	1382	485,8			
Lodares	2002	515,4			
Lustosa	4792	412,1			
Macieira	1344	868,5			
Meinedo	4052	435,2			
Nespereira	2085	944,7			
Nevogilde	2617	761,3			
Nogueira	1253	586,2			
Ordem	1201	297,9			
Pias	1288	602,5			
Lousada (Santa Margarida)	307	110,2			
Barrosas (Santo Estêvão)	983	229,9			
Lousada (São Miguel)	879	345,8			
Silvares	3207	768,0			
Sousela	1797	267,2			
Torno	2542	677,1			
Vilar do Torno e Alentém	1342	355,5			
Marco de Canaveses	53450	264,8	2	31	822
Alpendurada e Matos	5580	529,5	2	31	822
Ariz	1843	455,4			
A vessadas	1247	204,2			
Banho e Carvalhosa	1276	259,7			
Constance	1626	339,0			
Favões	1234	419,9			
Folhada	602	68,0			
Fornos	3614	1062,6			
Freixo	845	184,0			
Magrelos	800	307,7			
Manhuncelos	486	112,3			
Maureles	460	143,5			
Paços de Gaiolo	995	135,3			
Paredes de Viadores	1289	146,6			
Penha Longa	1929	178,9			

Rio de Galinhas	2014	963,4			
Rosem	220	43,7			
Sande	1882	220,4			
Santo Isidoro	1495	403,8			
São Lourenço do Douro	987	242,0			
São Nicolau	447	529,2			
Soalhães	3682	153,0			
Sobretâmega	1132	398,7			
Tabuado	1375	202,1			
Torrão	807	539,4			
Toutosa	588	608,2			
Tuias	4094	633,7			
Várzea do Douro	2098	438,6			
Várzea da Ovelha e Aliviada	2169	151,4			
Vila Boa do Bispo	3240	259,5			
Vila Boa de Quires	3394	210,5			
Paços de Ferreira	56340	793,6	0	16	0
Arreigada	1999	1150,6			
Carvalhosa	4583	765,2			
Codessos	1011	521,4			
Eiriz	2303	382,3			
Ferreira	4341	643,5			
Figueiró	2496	875,3			
Frazão	4264	768,9			
Freamunde	7789	1511,9			
Lamoso	1613	748,2			
Meixomil	3676	839,8			
Modelos	1594	744,3			
Paços de Ferreira	7491	1903,0			
Penamaior	3819	568,5			
Raimonda	2576	765,2			
Sanfins de Ferreira	3139	521,5			
Seroa	3646	579,4			
Paredes	86854	554,1	1	24	1631
Aguiar de Sousa	1631	72,9			
Astromil	1086	563,2			
Baltar	4818	649,9			
Beire	2040	616,5			
Besteiros	1448	680,8			
Bitarães	2868	717,4			
Castelões de Cepeda	8755	2672,4			
Cete	3113	665,8			
Cristelo	1891	934,5			

Duas Igrejas	3879	1026,3	2	38	1453
Gandra	6974	593,3			
Gondalães	1228	604,8			
Lordelo	10025	1027,3			
Louredo	1514	523,4			
Madalena	1843	1081,1			
Mouriz	3026	558,2			
Parada de Todeia	1848	529,1			
Rebordosa	9106	846,1			
Recarei	4631	317,1			
Sobreira	4300	195,8			
Sobrosa	2641	561,6			
Vandoma	2363	461,1			
Vila Cova de Carros	666	225,2			
Vilela	5160	1101,7			
Penafiel	72265	340,5			
Abragão	2341	245,6			
Boelhe	1646	321,5			
Bustelo	1579	249,2			
Cabeça Santa	2528	364,8			
Canelas	1649	140,1			
Capela	1047	78,4			
Castelões	1397	331,1			
Croca	1767	268,6			
Duas Igrejas	2426	297,5			
Eja	1110	219,7			
Figueira	406	71,2			
Fonte Arcada	1606	327,5			
Galegos	2673	585,5			
Guilhufe	2844	569,1			
Irivo	2182	688,3			
Lagares	2457	225,3			
Luzim	817	127,8			
Marecos	1068	259,7			
Milhundos	1793	388,7			
Novelas	1794	738,0			
Oldrões	2004	459,1			
Paço de Sousa	3869	457,8			
Paredes	1258	938,9			
Penafiel	8761	1530,5			
Perozelo	1346	352,2			
Pinheiro	2431	507,2			
Portela	1266	320,5			

Rans	1907	632,6			
Rio de Moinhos	2886	352,3			
Santa Marta	1289	292,2			
Santiago de Subarrifana	1006	629,1			
Recezinhos (São Mamede)	1439	338,5			
Recezinhos (São Martinho)	1791	342,0			
Sebolido	912	175,5			
Urrô	1161	512,5			
Valpedre	1576	248,8			
Vila Cova	819	190,0			
Rio Mau	1414	230,3			
Mondim de Basto	7493	43,5	7	8	4220
Atei	1352	54,8			
Bilhó	546	20,6			
Campanhó	268	19,6			
Ermelo	483	10,2			
Mondim de Basto	3273	204,9			
Paradaça	358	43,0			
Pardelhas	77	10,0			
Vilar de Ferreiros	1136	40,7			
Ribeira de Pena	6544	30,1	5	7	1847
Alvadia	196	5,8			
Canedo	390	10,8			
Cerva	2280	54,0			
Limões	335	18,8			
Ribeira de Pena (Salvador)	2417	59,7			
Santa Marinha	558	16,1			
Santo Aleixo de Além-Tâmega	368	29,8			
Cinfães	20427	85,4			
Alhões	196	17,1			
Bustelo	115	17,6			
Cinfães	3395	133,5			
Espadanedo	1318	248,5			
Ferreiros de Tendais	695	43,5			
Fornelos	703	69,7			
Gralheira	165	16,2			
Moimenta	408	62,4			
Nespereira	1977	54,9			
Oliveira do Douro	1529	108,2			
Ramires	119	12,8			
Santiago de Piães	1797	102,2			
São Cristóvão de Nogueira	1930	106,3			
Souselo	3202	349,1			

Tarouquela	1242	186,9			
Tendais	807	25,4			
Travanca	829	166,6			
Resende	11364	92,1	8	15	2905
Anreade	1114	196,2			
Barrô	744	74,1			
Cárquere	854	113,8			
Feirão	117	23,9			
Felgueiras	319	38,0			
Freigil	431	94,0			
Miomães	359	126,3			
Ovadas	277	22,9			
Panchorra	132	11,3			
Paus	528	39,4			
Resende	3166	266,5			
São Cipriano	771	115,0			
São João de Fontoura	700	138,5			
São Martinho de Mouros	1495	103,8			
São Romão de Aregos	357	86,0			
Entre Douro e Vouga	274859	319,1			
Arouca	22359	67,9	12	20	7974
Albergaria da Serra	105	8,8			
Alvarenga	1223	31,6			
Arouca	3185	375,3			
Burgo	1993	294,9			
Cabreiros	126	6,5			
Canelas	801	37,3			
Chave	1253	114,9			
Covelo de Paivó	103	3,9			
Escariz	2222	123,6			
Espiunca	382	26,9			
Fernedo	1340	120,7			
Janarde	119	6,7			
Mansores	1081	76,8			
Moldes	1257	44,9			
Rossas	1599	143,9			
Santa Eulália	2253	97,8			
São Miguel do Mato	598	35,0			
Tropeço	1150	64,5			
Urrô	1029	95,4			
Várzea	540	301,5			
Santa Maria da Feira	139312	645,3	0	31	0
Argoncilhe	8420	1025,2			

Arrifana	6551	1237,3	0	19	0
Canedo	6044	205,8			
Escapães	3309	768,8			
Espargo	1559	338,4			
Feira	12511	1221,4			
Fiães	7991	1252,9			
Fornos	3397	1083,1			
Gião	1815	518,9			
Guisande	1237	281,4			
Lobão	5483	718,7			
Louredo	1325	164,4			
Lourosa	8636	1495,7			
Milheirós de Poiares	3791	482,0			
Mosteiró	2038	588,1			
Mozelos	7142	1229,4			
Nogueira da Regedoura	5790	1135,5			
São Paio de Oleiros	4069	1041,9			
Paços de Brandão	4867	1368,6			
Pigeiros	1181	233,0			
Rio Meão	4931	737,8			
Romariz	3023	272,8			
Sanfins	1882	493,0			
Sanguedo	3600	788,5			
Santa Maria de Lamas	5073	1351,2			
São João de Ver	10579	688,1			
Caldas de São Jorge	2716	487,6			
Souto	4696	454,3			
Travanca	2242	477,6			
Vale	1903	204,1			
Vila Maior	1511	302,1			
Oliveira de Azeméis	68611	425,9			
Carregosa	3419	289,3			
Cesar	3166	581,9			
Fajões	3087	380,7			
Loureiro	3531	205,1			
Macieira de Sarnes	1925	497,6			
Macinhata da Seixa	1390	406,8			
Madail	809	384,1			
Nogueira do Cravo	2795	570,3			
Oliveira de Azeméis	12204	1318,8			
Ossela	2208	123,5			
Palmaz	2079	140,0			
Pindelo	2595	339,6			

Pinheiro da Bemposta	3324	274,4			
Santiago de Riba-UI	3944	646,6			
São Martinho da Gândara	1985	244,1			
Travanca	1804	311,3			
UI	2413	483,9			
São Roque	5228	741,3			
Vila de Cucujães	10705	1027,2			
São João da Madeira	21713	2733,6	0	1	0
São João da Madeira	21713	2733,6	5	9	6000
Vale de Cambra	22864	155,2			
Arões	1459	36,2			
São Pedro de Castelões	7254	343,5			
Cepelos	1313	69,4			
Codal	946	321,1			
Junqueira	1067	59,2			
Macieira de Cambra	4752	260,6	18	19	4672
Roge	1752	99,6			
Vila Chã	3912	687,2			
Vila Cova de Perrinho	409	92,1			
Douro	205902	50,1			
Carrazeda de Ansiães	6373	22,8			
Amedo	302	24,7	5	6	1592
Beira Grande	144	9,8			
Belver	322	31,0			
Carrazeda de Ansiães	1701	189,8			
Castanheiro	427	31,3			
Fonte Longa	301	22,6			
Lavandeira	162	11,6			
Linhares	421	14,7			
Marzagão	315	19,4			
Mogo de Malta	111	11,8			
Parambos	247	22,1			
Pereiros	235	16,0			
Pinhal do Norte	263	15,6			
Pombal	324	19,3			
Ribalonga	92	13,1			
Seixo de Ansiães	290	12,1			
Selores	141	18,5			
Vilarinho da Castanheira	415	14,7			
Zedes	160	14,3			
Freixo de Espada à Cinta	3780	15,5			
Fornos	206	7,2			
Freixo de Espada à Cinta	2188	29,3			

Lagoaça	411	11,6	16	17	5681
Ligares	397	8,7			
Mazouco	167	8,9			
Poiares	411	10,1			
Torre de Moncorvo	8572	16,1			
Açoreira	524	21,9			
Adeganha	343	7,1			
Cabeça Boa	428	16,2			
Cardanha	231	14,4			
Carviçais	757	12,0			
Castedo	236	13,2			
Felgar	954	27,7			
Felgueiras	291	12,6			
Horta da Vilariça	310	18,9			
Larinho	365	12,4			
Lousa	358	10,6			
Maçores	169	10,7			
Mós	246	4,2			
Peredo dos Castelhanos	111	6,2			
Souto da Velha	93	7,5			
Torre de Moncorvo	2891	80,1			
Urros	265	4,7			
Vila Flor	6697	25,2	18	19	4428
Assares	141	41,5	16	17	4115
Benlhevai	234	20,6			
Candoso	158	22,2			
Carvalho de Egas	114	39,4			
Freixiel	640	18,4			
Lodões	100	9,2			
Mourão	104	19,0			
Nabo	144	17,2			
Roios	150	9,8			
Samões	338	25,1			
Sampaio	159	18,4			
Santa Comba de Vilariça	407	33,4			
Seixo de Manhoses	469	51,9			
Trindade	162	10,8			
Vale Frechoso	189	9,8			
Valtorno	260	18,8			
Vila Flor	2269	71,2			
Vilarinho das Azenhas	109	7,7			
Vilas Boas	550	19,1			
Vila Nova de Foz Côa	7312	18,4	16	17	4115

Almendra	386	7,1			
Castelo Melhor	228	6,2			
Cedovim	338	10,5			
Chãs	278	15,8			
Custóias	202	18,6			
Freixo de Numão	502	18,0			
Horta	242	24,0			
Mós	190	14,5			
Murça	107	12,6			
Muxagata	309	11,7			
Numão	240	10,4			
Santa Comba	208	6,8			
Santo Amaro	50	3,3			
Sebadelhe	265	32,8			
Seixas	335	27,4			
Touça	235	25,0			
Vila Nova de Foz Côa	3197	51,6			
Alijó	11942	40,1	17	19	8659
Alijó	2635	89,7			
Amieiro	81	12,5			
Carlão	719	27,1			
Casal de Loivos	183	37,9			
Castedo	373	27,6			
Cotas	245	15,9			
Favaios	1064	49,6			
Pegarinhos	465	24,8			
Pinhão	648	216,4			
Pópulo	277	22,8			
Ribalonga	231	25,3			
Sanfins do Douro	1495	87,5			
Santa Eugénia	333	36,4			
São Mamede de Ribatua	728	36,2			
Vale de Mendiz	249	44,5			
Vila Chã	533	26,4			
Vila Verde	622	14,8			
Vilar de Maçada	915	45,3			
Vilarinho de Cotas	146	57,8			
Mesão Frio	4433	166,4	1	7	171
Barqueiros	701	150,6			
Cidadelhe	171	66,1			
Oliveira	391	113,7			
Mesão Frio (Santa Cristina)	808	156,9			
Mesão Frio (São Nicolau)	484	1102,5			

Vila Jusã	635	348,6			
Vila Marim	1243	145,3			
Peso da Régua	17131	180,6	6	12	3762
Covelinhas	222	50,4			
Fontelas	781	241,4			
Galafura	664	58,0			
Godim	4667	1083,4			
Loureiro	1154	237,5			
Moura Morta	525	147,0			
Peso da Régua	5292	909,5			
Poiães	802	65,2			
Sedielos	911	72,1			
Vilarinho dos Freires	950	120,3			
Vinhós	499	54,1			
Canelas	664	43,8			
Sabrosa	6361	40,5	14	15	5159
Celeirós	222	42,3			
Covas do Douro	444	22,6			
Gouvães do Douro	142	22,1			
Gouvinhas	267	18,2			
Parada de Pinhão	309	54,0			
Paradela de Guiães	103	10,8			
Paços	762	44,6			
Provesende	310	34,4			
Sabrosa	1202	138,4			
São Cristovão do Douro	160	54,4			
São Lourenço de Ribapinhão	407	33,8			
São Martinho de Antas	910	57,1			
Souto Maior	487	53,0			
Torre do Pinhão	342	23,4			
Vilarinho de São Romão	294	47,4			
Santa Marta de Penaguião	7356	106,2	3	10	2009
Alvações do Corgo	477	109,8			
Cumieira	1146	103,5			
Fontes	835	53,3			
Fornelos	241	49,1			
Louredo	428	58,9			
Medrões	505	98,1			
Sanhoane	375	104,4			
Lobrigos (São João Baptista)	1270	194,3			
Lobrigos (São Miguel)	1365	297,6			
Sever	714	115,8			
Vila Real	51850	136,9	17	30	12953

Abaças	965	51,1			
Adoufe	2155	134,3			
Andrães	1389	67,8			
Arroios	1117	386,3			
Borbela	2652	222,1			
Campeã	1375	57,2			
Constantim	1020	157,9			
Ermida	419	60,6			
Folhadela	2261	140,8			
Guiães	478	55,8			
Justes	333	38,6			
Lamares	351	40,4			
Lamas de Olo	109	3,7			
Lordelo	3169	613,8			
Mateus	3400	821,5			
Mondrões	1065	96,5			
Mouçós	3051	129,6			
Nogueira	545	108,0			
Vila Real (Nossa Senhora da Conceição)	8885	2611,2			
Parada de Cunhos	1939	275,4			
Pena	483	34,8			
Quinta	174	41,7			
Vila Real (São Dinis)	3937	2668,5			
Vila Real (São Pedro)	4766	2154,0			
São Tomé do Castelo	950	28,9			
Torgueda	1382	95,8			
Vale de Nogueiras	836	42,8			
Vila Cova	162	23,4			
Vila Marim	1742	75,0			
Vilarinho de Samardã	740	34,1			
Armamar	6297	53,7	18	19	5029
Aldeias	337	64,9			
Aricera	157	39,0			
Armamar	1268	136,5			
Cimbres	308	50,7			
Coura	49	9,0			
Folgosa	428	89,1			
Fontelo	641	85,2			
Goujoim	58	8,8			
Queimada	285	66,9			
Queimadela	248	99,9			
Santa Cruz	206	26,1			
Santiago	139	35,8			

Santo Adrião	81	23,5			
São Cosmado	598	42,9			
São Martinho das Chãs	549	56,8			
São Romão	167	54,7			
Tões	147	72,9			
Vacalar	205	34,0			
Vila Seca	426	36,8			
Lamego	26691	161,4			
Lamego (Almacave)	8750	847,0			
Avões	619	127,1			
Bigorne	46	9,2			
Britiande	934	194,7			
Cambres	2066	183,2			
Cepões	860	159,1			
Ferreirim	904	163,5			
Ferreiros de Avões	509	192,2			
Figueira	342	75,1			
Lalim	729	101,0			
Lazarim	521	31,5			
Magueija	591	54,2			
Meijinhos	86	28,7			
Melcões	125	48,9			
Parada do Bispo	149	73,2			
Penajóia	1023	101,0			
Penude	1666	130,0			
Pretarouca	69	16,2			
Samodães	203	65,8			
Sande	916	292,8			
Lamego (Sé)	3464	351,1			
Valdigem	890	82,0			
Várzea de Abrunhais	405	69,2			
Vila Nova de Souto d' El-Rei	824	93,8			
Moimenta da Beira	10212	46,4			
Aldeia de Nacomba	107	24,8			
Alvite	1095	56,8			
Arcozelos	674	71,0			
Ariz	107	11,7			
Baldos	201	45,3			
Cabaços	280	25,0			
Caria	507	30,3			
Castelo	245	26,4			
Leomil	1115	30,3			
Moimenta da Beira	2888	311,7			

Nagosa	111	17,4						
Paradinha	125	21,9						
Passô	343	78,8						
Pêra Velha	214	13,6						
Peva	418	19,7						
Rua	601	62,2						
Sarzedo	162	32,5						
Segões	101	29,8						
Sever	536	53,4						
Vilar	382	44,7						
Penedono	2952	22,1	9	9	2952			
Antas	184	9,7						
Beselga	321	21,7						
Castainço	161	12,0						
Granja	148	15,0						
Ourozinho	136	12,2						
Penedono	1007	44,0						
Penela da Beira	353	19,2						
Póvoa de Penela	325	33,3						
Souto	317	21,7						
São João da Pesqueira	7874	29,6				13	14	5668
Castanheiro do Sul	439	21,5						
Ervedosa do Douro	1294	32,2						
Espinhosa	156	21,0						
Nagozelo do Douro	414	52,5						
Paredes da Beira	629	30,6						
Pereiros	84	11,1						
Riodades	462	23,0						
São João da Pesqueira	2206	51,1						
Soutelo do Douro	459	25,8						
Trevões	540	23,8						
Vale de Figueira	462	28,1						
Valongo dos Azeites	227	49,8						
Várzea de Trevões	174	17,2						
Vilarouco	328	12,1						
Sernancelhe	5671	24,8				17	17	5671
Arnas	220	10,4						
Carregal	393	18,9						
Chosendo	254	22,5						
Cunha	310	18,2						
Escurquela	138	16,1						
Faia	207	57,1						
Ferreirim	457	46,1						

Fonte Arcada	270	23,9			
Freixinho	140	22,5			
Granjal	272	19,8			
Lamosa	179	13,5			
Macieira	124	10,0			
Penso	230	29,1			
Quintela	294	21,4			
Sarzedá	530	25,9			
Sernancelhe	1183	48,7			
Vila da Ponte	470	36,8			
Tabuaço	6350	47,4	16	17	4568
Adorigo	397	43,0			
Arcos	233	29,3			
Barcos	592	54,5			
Chavães	385	40,8			
Desejosa	175	23,4			
Granja do Têdo	214	56,7			
Granjinha	57	22,0			
Longra	370	54,2			
Paradela	123	19,0			
Pereiro	138	27,4			
Pinheiros	178	25,5			
Santa Leocádia	118	27,2			
Sendim	705	33,2			
Tabuaço	1782	165,9			
Távora	374	54,2			
Vale de Figueira	146	31,3			
Valença do Douro	363	39,1			
Tarouca	8048	80,4	6	10	2603
Dálvares	689	247,2			
Goviães	414	116,7			
Granja Nova	396	77,1			
Mondim da Beira	786	111,0			
Salzedas	767	86,8			
São João de Tarouca	606	32,6			
Tarouca	3556	185,9			
Ucanha	403	74,7			
Várzea da Serra	261	12,3			
Vila Chã da Beira	170	20,2			
Alto Trás-os-Montes	204381	25,0			
Alfândega da Fé	5104	15,9	19	20	3049
Agrobom	109	7,3			
Alfândega da Fé	2055	50,6			

Cerejais	202	11,9			
Eucisia	128	6,0			
Ferradosa	160	10,0			
Gebelim	190	11,0			
Gouveia	122	7,3			
Parada	124	12,1			
Pombal	123	14,6			
Saldonha	92	10,7			
Sambade	475	15,1			
Sendim da Ribeira	92	6,2			
Sendim da Serra	91	8,3			
Soeima	142	10,6			
Vale Pereiro	64	7,1			
Vales	78	11,5			
Valverde	107	8,5			
Vilar Chão	259	10,6			
Vilarelhos	275	22,8			
Vilares de Vilariça	216	14,5			
Bragança	35341	30,1	46	49	12242
Alfaião	173	9,8			
Aveleda	196	3,2			
Babe	238	9,3			
Baçal	484	17,1			
Calvelhe	97	4,3			
Carragosa	190	6,8			
Carrazedo	114	3,6			
Castrelos	127	6,7			
Castro de Avelãs	460	34,1			
Coelhoso	319	16,1			
Deilão	168	4,0			
Donai	446	29,6			
Espinhosela	244	6,6			
Failde	150	9,6			
França	238	4,4			
Gimonde	341	20,7			
Gondesende	194	15,0			
Gostei	425	21,8			
Grijó de Parada	296	9,5			
Izeda	1006	29,5			
Macedo do Mato	208	13,4			
Meixedo	163	14,2			
Milhão	161	5,5			
Mós	178	15,3			

Nogueira	495	41,0			
Outeiro	301	7,4			
Parada	507	13,9			
Paradinha Nova	109	6,8			
Parâmio	214	9,5			
Pinela	219	9,7			
Pombares	41	3,8			
Quintanilha	216	10,6			
Quintela de Lampaças	215	10,8			
Rabal	171	7,3			
Rebordainhos	146	11,0			
Rebordãos	546	20,8			
Rio Frio	203	6,0			
Rio de Onor	76	1,7			
Salsas	389	14,9			
Samil	1246	121,6			
Santa Comba de Rossas	304	34,8			
Bragança (Santa Maria)	3940	292,0			
São Julião de Palácios	232	6,0			
São Pedro de Sarracenos	366	23,0			
Bragança (Sé)	17913	1671,1			
Sendas	183	9,5			
Serapicos	208	7,4			
Sortes	296	13,9			
Zoio	189	7,8			
Macedo de Cavaleiros	15776	22,6	37	38	9519
Ala	417	12,4			
Amendoeira	427	27,2			
Arcas	262	11,4			
Bagueixe	156	16,0			
Bornes	390	20,7			
Burga	53	7,4			
Carrapatas	197	30,3			
Castelãos	443	35,1			
Chacim	265	13,6			
Cortiços	296	12,2			
Corujas	168	17,0			
Edroso	95	7,7			
Espadanedo	188	10,1			
Ferreira	194	9,9			
Grijó	371	41,7			
Lagoa	312	8,9			
Lamalonga	402	23,7			

Lamas	278	35,7			
Lombo	346	24,0			
Macedo de Cavaleiros	6257	419,6			
Morais	644	12,4			
Murçós	134	6,5			
Olmos	208	11,1			
Peredo	258	11,7			
Podence	250	17,3			
Salselas	386	10,6			
Santa Combinha	56	11,2			
Sesulfe	263	17,3			
Soutelo Mourisco	31	2,5			
Talhas	316	7,2			
Talhinhas	173	6,8			
Vale Benfeito	181	12,0			
Vale da Porca	286	16,4			
Vale de Prados	431	41,6			
Vilar do Monte	104	16,7			
Vilarinho de Agrochão	235	17,0			
Vilarinho do Monte	67	9,4			
Vinhas	236	7,2			
Miranda do Douro	7482	15,4	16	17	5228
Atenor	121	5,9			
Cicouro	95	6,4			
Constantim	109	5,1			
Duas Igrejas	599	12,0			
Genísio	186	6,3			
Ifanes	160	5,6			
Malhadas	344	12,4			
Miranda do Douro	2254	63,5			
Palaçoulo	554	13,1			
Paradela	151	9,4			
Picote	301	15,5			
Póvoa	208	9,2			
São Martinho de Angueira	307	8,4			
Sendim	1366	35,5			
Silva	237	7,6			
Vila Chã de Braciosa	327	7,6			
Águas Vivas	163	17,0			
Mirandela	23850	36,2	36	37	11998
Abambres	347	18,4			
Abreiro	257	10,7			
Agueiras	289	19,6			

Alvites	237	13,3			
Avantos	96	7,4			
Avidagos	245	14,0			
Barcel	126	14,9			
Bouça	261	22,3			
Cabanelas	386	20,7			
Caravelas	214	17,0			
Carvalhais	1299	58,9			
Cedães	338	13,3			
Cobro	205	16,7			
Fradizela	234	16,6			
Franco	244	14,3			
Frechas	929	50,1			
Freixeda	89	7,8			
Lamas de Orelhão	394	20,5			
Marmelos	145	6,4			
Mascarenhas	550	19,6			
Mirandela	11852	365,3			
Múrias	281	12,5			
Navalho	96	11,3			
Passos	423	23,0			
Pereira	190	26,2			
Romeu	280	19,4			
São Pedro Velho	329	13,9			
São Salvador	223	15,7			
Suçães	574	15,9			
Torre de Dona Chama	1105	39,9			
Vale de Asnes	271	12,7			
Vale de Gouvinhas	319	18,6			
Vale de Salgueiro	424	28,0			
Vale de Telhas	283	18,7			
Valverde	144	8,2			
Vila Boa	90	9,8			
Vila Verde	81	8,2			
Mogadouro	9542	12,5	27	28	5993
Azinhoso	307	10,0			
Bemposta	602	15,9			
Bruçó	211	6,5			
Brunhoso	216	10,4			
Brunhozinho	86	5,5			
Castanheira	77	5,4			
Castelo Branco	449	8,3			
Castro Vicente	337	9,7			

Meirinhos	287	5,4			
Mogadouro	3549	72,8			
Paradela	156	7,6			
Penas Roias	382	11,5			
Peredo da Bemposta	188	10,4			
Remondes	212	10,7			
Saldanha	165	6,4			
Sanhoane	126	9,9			
São Martinho do Peso	355	6,8			
Soutelo	129	7,8			
Tó	154	6,5			
Travanca	172	8,2			
Urrós	318	10,0			
Vale da Madre	156	13,5			
Vale de Porco	133	8,4			
Valverde	133	5,5			
Ventozelo	146	6,1			
Vila de Ala	234	8,8			
Vilar de Rei	72	5,0			
Vilarinho dos Galegos	190	7,7			
Vimioso	4669	9,7	14	14	4669
Algozo	281	7,6			
Angueira	116	5,2			
Argozelo	701	23,7			
Avelanoso	148	5,1			
Caçarelhos	219	7,1			
Campo de Víboras	155	6,2			
Carção	419	15,3			
Matela	228	5,1			
Pinelo	222	6,7			
Santulhão	423	8,6			
Uva	131	3,8			
Vale de Frades	160	4,0			
Vilar Seco	181	7,7			
Vimioso	1285	23,2			
Vinhais	9066	13,1	34	35	6821
Agrochão	280	16,0			
Alvaredos	62	8,4			
Candedo	331	15,4			
Celas	269	7,1			
Curopos	212	9,7			
Edral	198	7,6			
Edrosa	151	6,9			

Ervedosa	376	12,5			
Fresulfe	83	4,5			
Mofreita	54	3,8			
Moimenta	168	10,3			
Montouto	110	4,1			
Nunes	134	17,4			
Ousilhão	123	8,9			
Paçó	191	11,5			
Penhas Juntas	255	9,7			
Pinheiro Novo	106	3,2			
Quirás	180	7,0			
Rebordelo	618	29,3			
Santa Cruz	57	5,4			
Santalha	254	8,8			
São Jomil	38	4,4			
Sobreiro de Baixo	307	15,8			
Soeira	87	6,2			
Travanca	114	9,1			
Tuizelo	387	12,3			
Vale das Fontes	347	19,5			
Vale de Janeiro	101	7,0			
Vila Boa de Ousilhão	184	22,2			
Vila Verde	186	12,5			
Vilar de Lomba	199	9,6			
Vilar de Ossos	269	15,2			
Vilar de Peregrinos	155	9,7			
Vilar Seco de Lomba	235	10,5			
Vinhais	2245	70,1			
Boticas	5750	17,9	16	16	5750
Alturas do Barroso	399	12,2			
Ardãos	249	11,1			
Beça	843	28,2			
Bobadela	330	22,5			
Boticas	1280	92,0			
Cerdedo	145	6,1			
Codessoso	132	15,3			
Covas do Barroso	262	8,9			
Curros	67	5,6			
Dornelas	338	9,2			
Fíães do Tâmega	99	6,8			
Granja	230	26,3			
Pinho	401	17,9			
São Salvador de Viveiro	293	15,6			

Sapiãos	488	23,1	41	51	16222
Vilar	194	16,1			
Chaves	41243	69,8			
Águas Frias	746	25,9			
Anelhe	476	38,1			
Arcossó	323	40,7			
Bobadela	105	20,1			
Bustelo	519	55,5			
Calvão	353	17,8			
Cela	150	42,6			
Cimo de Vila da Castanheira	479	29,2			
Curalha	469	60,0			
Eiras	540	114,8			
Ervededo	646	32,0			
Faiões	873	108,0			
Lama de Arcos	316	23,1			
Loivos	553	47,0			
Mairos	344	29,5			
Moreiras	273	29,6			
Nogueira da Montanha	529	31,7			
Oucidres	194	14,1			
Oura	602	41,5			
Outeiro Seco	938	61,7			
Paradela	262	31,9			
Póvoa de Agrações	186	25,7			
Redondelo	527	28,2			
Roriz	164	19,3			
Samaiões	1318	150,6			
Sanfins	236	13,3			
Sanjurge	334	31,8			
Santa Leocádia	324	24,7			
Santo António de Monforte	454	38,6			
Santo Estêvão	607	70,0			
São Julião de Montenegro	280	19,2			
São Pedro de Agostém	1419	53,1			
São Vicente	227	7,3			
Seara Velha	165	17,8			
Selhariz	244	42,9			
Soutelinho da Raia	150	17,5			
Soutelo	350	39,5			
Travancas	402	30,1			
Tronco	218	25,5			
Vale de Anta	1543	151,6			

Vidago	1204	188,5	35	35	10537
Vila Verde da Raia	993	101,6			
Vilar de Nantes	2084	286,5			
Vilarelho da Raia	558	30,9			
Vilarinho das Paranhos	220	48,3			
Vilas Boas	195	28,4			
Vilela Seca	276	19,7			
Vilela do Tâmega	409	42,6			
Santa Maria Maior	11788	2459,6			
Madalena	1582	260,2			
Santa Cruz/Trindade	3096	1074,6			
Montalegre	10537	13,1			
Cabril	553	7,2			
Cambeses do Rio	130	11,5			
Cervos	271	8,2			
Chã	748	14,7			
Contim	87	7,2			
Covelães	135	6,7			
Covelo do Gerês	194	18,0			
Donões	62	3,6			
Ferral	397	26,0			
Fervidelas	87	16,5			
Fiães do Rio	76	12,6			
Gralhas	208	9,6			
Meixedo	209	10,5			
Meixide	88	7,7			
Montalegre	1816	91,7			
Morgade	228	10,8			
Mourilhe	117	7,0			
Negrões	177	8,6			
Outeiro	156	3,0			
Padornelos	124	7,9			
Padroso	107	8,7			
Paradela	145	11,4			
Pitões das Junias	161	4,8			
Pondras	131	12,0			
Reigoso	167	9,7			
Salto	1429	18,2			
Santo André	218	11,5			
Vilar de Perdizes (São Miguel)	460	17,9			
Sarraquinhos	294	8,8			
Sezelhe	142	11,0			
Solveira	154	12,5			

Tourém	151	8,9			
Venda Nova	262	31,8			
Viade de Baixo	675	15,7			
Vila da Ponte	178	16,7			
Murça	5952	31,4	8	9	3816
Candedo	1002	34,8			
Carva	269	17,7			
Fiolhoso	452	27,9			
Jou	654	17,5			
Murça	2136	153,0			
Noura	575	39,2			
Palheiros	332	12,3			
Valongo de Milhais	329	14,9			
Vilares	203	14,4			
Valpaços	16882	30,8	30	31	12343
Água Revés e Crasto	342	18,0			
Alvarelhos	137	10,6			
Algeriz	570	27,3			
Barreiros	177	25,1			
Bouçoães	419	16,1			
Canaveses	237	18,4			
Carrazedo de Montenegro	1620	55,7			
Curros	160	7,7			
Ervões	636	29,1			
Fiães	111	10,9			
Fornos do Pinhal	320	30,8			
Friões	619	22,0			
Lebução	562	39,1			
Nozelos	111	21,3			
Padrela e Tazem	359	15,5			
Possacos	446	34,1			
Rio Torto	362	11,8			
Sanfins	213	38,8			
Santa Maria de Emeres	406	24,5			
Santa Valha	415	15,2			
Santiago da Ribeira de Alhariz	603	27,9			
São João da Corveira	537	33,9			
São Pedro de Veiga de Lila	304	15,7			
Serapicos	246	34,3			
Sonim	273	25,4			
Tinhela	196	12,8			
Vales	257	11,4			
Valpaços	4539	134,8			

Vassal	460	35,0			
Veiga de Lila	261	18,2			
Vilarandelo	984	48,8			
Vila Pouca de Aguiar	13187	30,2			
Afonsim	183	16,5	16	18	7827
Alfarela de Jales	401	29,2			
Bornes de Aguiar	2057	45,3			
Bragado	544	20,8			
Capeludos	440	20,5			
Gouvães da Serra	133	8,7			
Parada de Monteiros	72	3,1			
Pensalvos	278	11,7			
Santa Marta da Montanha	135	11,1			
Soutelo de Aguiar	638	36,7			
Telões	1485	32,8			
Tresminas	415	7,4			
Valoura	376	25,2			
Vila Pouca de Aguiar	3303	144,2			
Vreia de Bornes	652	36,8			
Vreia de Jales	967	20,5			
Sabroso de Aguiar	684	78,0			
Lixa do Alvão	424	29,3			
Centro	2327580	82,5			
Baixo Vouga	390840	216,7			
Águeda	47729	142,4	5	20	2419
Agadão	373	9,5			
Aguada de Baixo	1373	373,8			
Aguada de Cima	4013	141,3			
Águeda	11346	415,2			
Barrô	1836	281,7			
Belazaima do Chão	599	31,6			
Castanheira do Vouga	639	21,5			
Espinhel	2482	200,4			
Fermentelos	3258	379,6			
Lamas do Vouga	729	169,6			
Macieira de Alcoba	84	10,9			
Macinhata do Vouga	3406	106,6			
Óis da Ribeira	716	212,0			
Préstimo	724	21,3			
Recardães	3530	468,8			
Segadães	1169	210,2			
Travassô	1589	205,2			
Trofa	2732	440,1			

Valongo do Vouga	4901	113,5	1	8	1713
Borralha	2230	256,2			
Albergaria-a-Velha	25252	159,0			
Albergaria-a-Velha	8528	290,9			
Alquerubim	2381	155,0			
Angeja	2073	97,6			
Branca	5621	185,6			
Frossos	887	121,8			
Ribeira de Fráguas	1713	64,1			
São João de Loure	2009	184,3			
Valmaior	2040	115,4	2	15	2337
Anadia	29121	134,4			
Amoreira da Gândara	1060	117,1			
Ancas	624	96,7			
Arcos	5511	449,3			
Avelãs de Caminho	1252	194,2			
Avelãs de Cima	2185	53,9			
Mogofores	820	385,3			
Moita	2484	72,7			
Óis do Bairro	491	174,5			
Sangalhos	4068	240,7			
São Lourenço do Bairro	2382	154,8			
Tamengos	1602	196,4			
Vila Nova de Monsarros	1713	72,2			
Vilarinho do Bairro	2764	108,1			
Paredes do Bairro	994	151,5			
Aguim	1171	182,0			
Aveiro	78450	397,1			
Aradas	9157	1025,7	1	14	993
Cacia	7354	205,7			
Eirol	753	131,9			
Eixo	5571	333,5			
Esgueira	13431	783,2			
Glória	9099	1328,7			
Nariz	1418	152,1			
Oliveirinha	4817	399,1			
Requeixo	1222	117,9			
São Bernardo	4960	1260,3			
São Jacinto	993	71,8			
Vera Cruz	9657	251,0			
Santa Joana	8094	1384,7			
Nossa Senhora de Fátima	1924	152,3			
Estarreja	26997	249,6	0	7	0

Avanca	6189	293,8			
Beduído	7544	367,0			
Canelas	1438	134,7			
Fermelã	1332	107,9			
Pardilhó	4176	266,0			
Salreu	3815	230,7			
Veiros	2503	221,8			
Ílhavo	38598	524,9	0	4	0
Gafanha do Carmo	1758	248,3			
Gafanha da Encarnação	5487	565,9			
Gafanha da Nazaré	14756	1011,3			
Ílhavo (São Salvador)	16597	393,6			
Mealhada	20496	185,2	0	8	0
Antes	1001	231,5			
Barcouço	2152	101,0			
Casal Comba	3183	169,3			
Luso	2593	153,7			
Mealhada	4522	452,7			
Pampilhosa	4098	301,3			
Vacariça	1945	104,2			
Ventosa do Bairro	1002	141,3			
Murtosa	10585	144,8	0	4	0
Bunheiro	2682	108,2			
Monte	1459	638,3			
Murtosa	3699	254,2			
Torreira	2745	87,3			
Oliveira do Bairro	23028	263,7	0	6	0
Bustos	2652	250,4			
Mamarrosa	1406	222,6			
Oiã	7722	293,4			
Oliveira do Bairro	6250	277,1			
Palhaça	2627	262,0			
Troviscal	2371	206,0			
Ovar	55377	374,9	0	8	0
Arada	3318	221,3			
Cortegaça	3837	415,8			
Esmoriz	11448	1248,8			
Maceda	3521	219,0			
Ovar	17855	371,4			
São Vicente de Pereira Jusã	2316	269,5			
Válega	6827	254,5			
São João	6255	424,6			
Sever do Vouga	12356	95,1	5	9	4357

Cedrim	834	89,1						
Couto de Esteves	890	54,2						
Paradela	720	79,9						
Pessegueiro do Vouga	1852	116,8						
Rocas do Vouga	1778	120,0						
Sever do Vouga	2777	239,8						
Silva Escura	1592	105,1						
Talhadas	1187	41,4						
Dornelas	726	80,3						
Vagos	22851	138,6				0	11	0
Calvão	2014	135,7						
Covão do Lobo	986	138,6						
Fonte de Angeão	1179	113,0						
Gafanha da Boa Hora	2625	70,5						
Ouca	1805	110,9						
Ponte de Vagos	1790	280,6						
Sosa	3069	141,5						
Vagos	4606	214,1						
Santo António de Vagos	1753	178,7						
Santo André de Vagos	2033	160,2						
Santa Catarina	991	142,7						
Baixo Mondego	332306	161,1						
Cantanhede	36595	93,6	8	19	9563			
Ançã	2625	145,1						
Bolho	848	128,1						
Cadima	2963	109,8						
Cantanhede	7738	185,3						
Cordinhã	1034	104,3						
Covões	2155	74,4						
Febres	3352	146,1						
Murtede	1431	71,0						
Ourentã	1208	65,8						
Outil	858	55,9						
Pocariça	1101	89,3						
Portunhos	1187	77,2						
Sepins	1076	97,9						
Tocha	3992	50,9						
São Caetano	801	42,1						
Corticeiro de Cima	721	133,9						
Vilamar	780	137,8						
Sanguinheira	1901	71,5						
Camarneira	824	104,7						
Coimbra	143396	449,0	2	31	2458			

Almalaguês	3111	134,3			
Coimbra (Almedina)	904	896,8			
Ameal	1682	149,5			
Antanhol	2556	261,2			
Antuzede	2276	282,1			
Arzila	655	190,1			
Assafarge	2746	282,4			
Botão	1588	92,0			
Brásfemes	1969	214,5			
Castelo Viegas	1695	227,1			
Ceira	3701	297,9			
Cernache	4048	211,2			
Eiras	12097	1233,8			
Lamarosa	2069	127,1			
Ribeira de Frades	1902	320,7			
Santa Clara	9929	976,9			
Coimbra (Santa Cruz)	5699	1024,8			
Santo António dos Olivais	38936	2020,2			
Coimbra (São Bartolomeu)	627	3748,5			
São João do Campo	2073	261,8			
São Martinho de Árvore	1033	224,4			
São Martinho do Bispo	14147	754,6			
São Paulo de Frades	5824	389,0			
São Silvestre	3122	303,9			
Coimbra (Sé Nova)	6741	4217,5			
Souselas	3092	196,5			
Taveiro	1948	202,1			
Torre de Vilela	1242	372,8			
Torres do Mondego	2402	144,2			
Trouxemil	2712	375,3			
Vil de Matos	870	91,0			
Condeixa-a-Nova	17078	123,2	5	10	2912
Anobra	1316	80,3			
Belide	245	313,4			
Bem da Fé	112	29,7			
Condeixa-a-Nova	5136	1478,6			
Condeixa-a-Velha	3472	143,6			
Ega	2835	87,1			
Furadouro	206	14,3			
Sebal	2478	203,0			
Vila Seca	876	70,1			
Zambujal	402	21,8			
Figueira da Foz	62105	163,8	3	18	3657

Alhadas	4057	140,6						
Alqueidão	1752	89,1						
Brenha	912	153,3						
Buarcos	8602	619,6						
Ferreira-a-Nova	1488	116,5						
Lavos	4004	113,7						
Maiorca	2634	105,0						
Marinha das Ondas	3179	116,0						
Paião	2268	106,6						
Quiaios	2901	62,5						
São Julião da Figueira da Foz	9686	2490,1						
Tavarede	9441	880,5						
Vila Verde	2968	119,4						
São Pedro	2910	415,4						
Bom Sucesso	2133	35,3						
Santana	1058	70,1						
Borda do Campo	847	85,4						
Moinhos da Gândara	1265	118,5						
Mira	12465	100,5	1	4	1234			
Mira	7367	116,7						
Seixo	1234	76,0						
Carapelhos	717	163,7						
Praia de Mira	3147	78,1						
Montemor-o-Velho	26171	114,3	6	14	3934			
Abrunheira	637	53,5						
Arazede	5508	103,1						
Carapinheira	2898	182,3						
Gatões	516	91,4						
Liceia	1254	98,8						
Meãs do Campo	1853	190,2						
Montemor-o-Velho	3154	124,1						
Pereira	3265	264,6						
Santo Varão	1969	166,2						
Seixo de Gatões	1449	133,0						
Tentúgal	2141	62,4						
Verride	587	106,4						
Vila Nova da Barca	291	24,1						
Ereira	649	89,6						
Penacova	15251	70,4				8	11	5362
Carvalho	846	28,1						
Figueira de Lorvão	2737	102,6						
Friúmes	645	43,8						
Lorvão	3898	144,6						

Oliveira do Mondego	658	59,6									
Paradela	225	30,2									
Penacova	3254	100,4									
São Paio de Mondego	211	21,6									
São Pedro de Alva	1607	57,1									
Sazes do Lorrão	749	42,0									
Travanca do Mondego	421	36,5									
Soure	19245	72,6				8	12	6516			
Alfarelos	1439	102,9									
Brunhós	180	66,1									
Degracias	453	31,9									
Figueiró do Campo	1507	133,7									
Gesteira	974	69,4									
Granja do Ulmeiro	1866	369,4									
Pombalinho	807	32,0									
Samuel	1254	40,0									
Soure	7917	85,8									
Tapéus	338	24,4									
Vila Nova de Anços	1113	54,1									
Vinha da Rainha	1397	68,5									
Pinhal Litoral	260924	149,6									
Batalha	15805	152,8				0	4	0			
Batalha	8548	300,8									
Reguengo do Fetal	2169	77,0									
São Mamede	3560	85,2									
Golpilheira	1528	301,8									
Leiria	126879	224,5							2	29	2542
Amor	4747	202,1									
Arrabal	2684	133,6									
Azoia	2276	199,5									
Barosa	2156	157,7									
Barreira	4102	346,9									
Boa Vista	1745	190,1									
Caranguejeira	4691	151,4									
Carvide	2802	227,6									
Coimbrão	1735	33,2									
Colmeias	3278	92,6									
Cortes	3001	179,3									
Leiria	14909	2303,7									
Maceira	9914	210,9									
Marrazes	22528	1177,7									
Milagres	3071	177,0									
Monte Real	2936	214,0									

Monte Redondo	4398	96,9			
Ortigosa	1971	153,2			
Parceiros	4664	402,9			
Pousos	9763	566,6			
Regueira de Pontes	2221	192,4			
Santa Catarina da Serra	4098	114,5			
Santa Eufémia	2327	224,4			
Souto da Carpalhosa	3863	131,6			
Bajouca	2004	163,3			
Bidoeira de Cima	2250	144,1			
Memória	807	72,2			
Carreira	1166	210,6			
Chainça	772	142,5			
Marinha Grande	38681	206,6	0	3	0
Marinha Grande	31413	231,4			
Vieira de Leiria	5845	135,9			
Moita	1423	168,1			
Pombal	55217	88,2	5	17	8288
Abiul	2729	50,8			
Albergaria dos Doze	1765	76,9			
Almagreira	3076	72,2			
Carnide	1647	73,6			
Carriço	3653	43,8			
Louriçal	4720	98,4			
Mata Mourisca	1835	68,8			
Pelariga	2176	83,0			
Pombal	17187	177,7			
Redinha	2117	50,7			
Santiago de Litém	2237	72,8			
São Simão de Litém	1382	86,1			
Vermoil	2656	122,7			
Vila Cã	1659	54,6			
Meirinhas	1775	184,2			
Guia	2672	72,9			
Ilha	1931	116,7			
Porto de Mós	24342	93,0	7	13	6061
Alcaria	244	18,6			
Alqueidão da Serra	1755	79,4			
Alvados	497	24,6			
Arrimal	774	41,9			
Calvaria de Cima	2462	229,8			
Juncal	3316	124,5			
Mendiga	930	46,1			

Mira de Aire	3775	241,6	17	18	8123
Pedreiras	2705	204,6			
São Bento	835	20,2			
Porto de Mós (São João Baptista)	3144	214,9			
Porto de Mós (São Pedro)	2879	212,3			
Serro Ventoso	1026	32,0			
Pinhal Interior Norte	131371	50,2			
Arganil	12060	36,2			
Anceriz	146	33,1			
Arganil	3937	115,4			
Barril de Alva	281	84,0			
Benfeita	394	18,1			
Celavisa	182	11,9			
Cepos	135	9,6			
Cerdeira	324	58,9			
Coja	1427	68,1			
Folques	356	19,4			
Moura da Serra	115	8,9			
Piódão	178	4,9			
Pomares	513	16,3			
Pombeiro da Beira	1010	30,9			
São Martinho da Cortiça	1319	41,8			
Sarzedo	665	57,6			
Secarias	430	62,0			
Teixeira	135	7,2			
Vila Cova de Alva	513	40,3			
Góis	4260	16,2	4	5	2089
Alvares	812	8,1	3	6	3240
Cadafaz	190	5,1			
Colmeal	158	4,8			
Góis	2171	29,8			
Vila Nova de Ceira	929	47,2			
Lousã	17606	127,2			
Casal de Ermio	376	89,8			
Foz de Arouce	1062	67,9			
Lousã	10163	215,8			
Serpins	1802	49,9			
Vilarinho	2895	114,4	3	5	2621
Gândaras	1308	130,3			
Miranda do Corvo	13098	103,6			
Lamas	838	53,5			
Miranda do Corvo	7614	163,7			
Rio Vide	813	72,3			

Semide	2863	109,9			
Vila Nova	970	36,1			
Oliveira do Hospital	20841	88,9	14	21	9517
Aldeia das Dez	531	28,4			
Alvoco das Várzeas	320	27,5			
Avô	595	83,0			
Bobadela	759	133,6			
Ervedal	929	42,7			
Lagares	1398	106,0			
Lagos da Beira	782	93,9			
Lajeosa	553	106,6			
Lourosa	555	39,8			
Meruge	555	76,6			
Nogueira do Cravo	2309	154,1			
Oliveira do Hospital	4717	509,1			
Penalva de Alva	926	78,2			
Santa Ovaia	597	190,0			
São Gião	425	29,2			
São Paio de Gramaços	991	225,0			
São Sebastião da Feira	197	74,4			
Seixo da Beira	1586	47,0			
Travanca de Lagos	1296	81,9			
Vila Pouca da Beira	355	82,8			
Vila Franca da Beira	465	66,3			
Pampilhosa da Serra	4481	11,3	10	10	4481
Cabril	231	6,6			
Dornelas do Zêzere	682	41,5			
Fajão	233	3,5			
Janeiro de Baixo	669	16,4			
Machio	126	8,4			
Pampilhosa da Serra	1389	13,9			
Pessegueiro	228	7,1			
Portela do Fojo	381	10,1			
Unhais-o-Velho	458	11,6			
Vidual	84	6,1			
Penela	5983	44,4	6	6	5983
Cumeeira	1072	50,3			
Espinhal	775	26,4			
Podentes	485	28,1			
Rabaçal	291	32,4			
Penela (Santa Eufémia)	1760	70,1			
Penela (São Miguel)	1600	48,8			
Tábua	12071	60,4	14	15	8529

Ázere	686	56,9						
Candosa	689	60,5						
Carapinha	402	42,7						
Covas	1085	62,5						
Covelo	247	18,4						
Espariz	633	65,6						
Meda de Mouros	213	28,0						
Midões	1725	86,0						
Mouronho	840	35,0						
Pinheiro de Coja	308	25,2						
Póvoa de Midões	582	61,1						
São João da Boa Vista	453	46,0						
Sinde	373	26,9						
Tábua	3542	142,8						
Vila Nova de Oliveirinha	293	65,2						
Vila Nova de Poiares	7281	86,2	10	12	10262			
Arrifana	1440	60,4						
Lavegadas	204	18,1						
Poiares (Santo André)	4306	149,5						
São Miguel de Poiares	1331	64,8						
Alvaiázere	7287	45,4						
Almoster	674	26,1						
Alvaiázere	1693	53,4						
Maçãs de Caminho	356	52,4						
Maçãs de Dona Maria	1835	74,8						
Pelmá	736	24,2						
Pussos	1139	47,6						
Rego da Murta	854	49,4						
Ansião	13128	74,5	5	8	5084			
Alvorge	1227	31,4						
Ansião	2728	139,3						
Avelar	2169	255,3						
Chão de Couce	1992	83,7						
Lagarteira	504	67,0						
Pousaflores	950	37,6						
Santiago da Guarda	3147	76,2						
Torre de Vale de Todos	411	36,9						
Castanheira de Pêra	3191	47,8				1	2	100
Castanheira de Pêra	3091	61,3						
Coentral	100	6,1						
Figueiró dos Vinhos	6169	35,6				4	5	2741
Aguda	1106	27,9						
Arega	870	30,4						

Campelo	278	5,4			
Figueiró dos Vinhos	3428	81,9			
Bairradas	487	41,9			
Pedrógão Grande	3915	30,4			
Graça	786	25,0	2	3	1365
Pedrógão Grande	2550	31,8			
Vila Facaia	579	33,9			
Dão-Lafões	277216	79,5			
Aguiar da Beira	5473	26,5			
Aguiar da Beira	1473	41,2			
Carapito	442	25,6			
Cortiçada	341	27,0			
Coruche	158	20,7			
Dornelas	690	29,1			
Eirado	230	24,9			
Forninhos	222	23,1			
Gradiz	159	12,5			
Pena Verde	813	27,7			
Pinheiro	232	14,6			
Sequeiros	262	23,4			
Souto de Aguiar da Beira	297	20,0			
Valverde	154	22,5			
Carregal do Sal	9835	84,1			
Beijós	975	77,8			
Cabanas de Viriato	1533	71,4			
Currelos	2447	148,9			
Oliveira do Conde	3122	88,6			
Papízios	679	50,3			
Parada	806	69,1			
Sobral	273	45,0			
Castro Daire	15339	40,5			
Almofala	228	12,3			
Alva	479	42,7			
Cabril	414	18,8			
Castro Daire	4674	143,7			
Cujó	299	35,3			
Ermida	257	27,8			
Ester	220	19,0			
Gafanhão	128	17,4			
Gosende	426	20,8			
Mamouros	679	67,9			
Mezio	484	39,9			
Mões	1844	40,7			

Moledo	1215	26,5			
Monteiras	481	22,8			
Moura Morta	134	12,7			
Parada de Ester	654	22,8			
Pepim	334	28,0			
Picão	278	41,4			
Pinheiro	730	37,3			
Reriz	755	49,5			
Ribolhos	266	110,0			
São Joaninho	360	44,7			
Mangualde	19880	90,7	16	18	9612
Abrunhosa-a-Velha	563	32,5			
Alcafache	921	71,5			
Chãs de Tavares	1040	46,4			
Cunha Alta	139	32,9			
Cunha Baixa	884	57,0			
Espinho	984	67,6			
Fornos de Maceira Dão	1459	89,8			
Freixiosa	257	35,1			
Lobelhe do Mato	259	183,8			
Mangualde	9389	266,3			
Mesquitela	879	130,0			
Moimenta de Maceira Dão	514	89,6			
Póvoa de Cervães	188	24,7			
Quintela de Azurara	542	56,5			
Santiago de Cassurrães	1226	54,7			
São João da Fresta	208	28,1			
Travanca de Tavares	114	27,8			
Várzea de Tavares	314	36,9			
Mortágua	9607	38,3	7	10	3825
Almaça	84	12,3			
Cercosa	303	34,8			
Cortegaça	437	34,5			
Espinho	1105	26,7			
Marmeleira	503	27,2			
Mortágua	2793	107,7			
Pala	1016	20,8			
Sobral	2311	36,0			
Trezói	377	21,5			
Vale de Remígio	678	101,4			
Nelas	14037	111,7	3	9	2943
Canas de Senhorim	3509	137,9			
Carvalhal Redondo	974	121,6			

Nelas	4702	217,4						
Santar	1042	83,9						
Senhorim	1156	36,9						
Vilar Seco	745	73,4						
Agueira	558	101,2						
Lapa do Lobo	756	103,3						
Moreira	595	153,1						
Oliveira de Frades	10261	70,6				10	12	6538
Arca	359	39,1						
Arcozelo das Maias	1364	62,6						
Destriz	347	26,7						
Oliveira de Frades	2882	305,1						
Pinheiro	1277	59,1						
Reigoso	341	34,9						
Ribeiradio	1011	64,5						
São João da Serra	524	42,2						
São Vicente de Lafões	756	92,2						
Sejães	200	34,6						
Souto de Lafões	841	115,3						
Varzielas	359	32,1						
Penalva do Castelo	7956	59,2				11	13	3995
Antas	284	27,5						
Castelo de Penalva	914	33,7						
Esmolfe	417	38,4						
Germil	427	78,2						
Ínsua	2045	216,7						
Lusinde	189	67,3						
Mareco	106	29,4						
Matela	189	23,9						
Pindo	1916	114,3						
Real	263	56,1						
Sezures	726	34,5						
Trancozelos	269	52,5						
Vila Cova do Covelo	211	23,2						
Santa Comba Dão	11597	103,6				6	9	6333
Couto do Mosteiro	1186	79,6						
Ovoa	837	50,1						
Pinheiro de Ázere	937	78,8						
Santa Comba Dão	3386	285,9						
São Joaninho	1075	110,6						
São João de Areias	1939	90,1						
Treixedo	987	81,7						
Vimieiro	803	139,3						

Nagozela	447	59,3	16	19	11019
São Pedro do Sul	16851	48,3			
Baiões	286	78,3			
Bordonhos	547	91,9			
Candal	118	5,7			
Carvalhais	1436	62,0			
Covas do Rio	120	5,3			
Figueiredo de Alva	816	55,6			
Manhouce	647	16,0			
Pindelo dos Milagres	659	27,6			
Pinho	777	57,0			
Santa Cruz da Trapa	1313	58,1			
São Cristóvão de Lafões	191	30,2			
São Félix	390	122,1			
São Martinho das Moitas	251	8,1			
São Pedro do Sul	3697	285,5			
Serrazes	1001	75,7			
Sul	1090	20,8			
Valadares	805	38,8			
Várzea	1745	293,3			
Vila Maior	962	81,0			
Sátão	12444	61,6	9	12	4639
Águas Boas	172	20,2	19	26	16452
Avelal	529	64,9			
Decermilo	205	51,1			
Ferreira de Aves	2464	37,3			
Forles	65	8,9			
Mioma	1217	79,3			
Rio de Moinhos	942	85,3			
Romãs	868	25,1			
São Miguel de Vila Boa	1334	103,5			
Sátão	4007	215,8			
Silvã de Cima	455	66,1			
Vila Longa	186	21,9			
Tondela	28946	78,0			
Barreiro de Besteiros	975	26,4			
Campo de Besteiros	1474	186,0			
Canas de Santa Maria	1806	130,4			
Caparrosa	805	48,7			
Castelões	1542	90,1			
Dardavaz	782	57,1			
Ferreirós do Dão	441	53,2			
Guardão	1490	78,6			

Lajeosa	1940	78,9						
Lobão da Beira	1124	79,8						
Molelos	2346	151,4						
Mosteirinho	217	12,4						
Mosteiro de Fráguas	590	57,4						
Mouraz	878	93,9						
Nandufe	622	141,4						
Parada de Gonta	754	112,1						
Sabugosa	545	76,2						
Santiago de Besteiros	1331	84,5						
São João do Monte	862	18,1						
São Miguel do Outeiro	913	80,2						
Silvares	136	16,9						
Tonda	984	131,1						
Tondela	4508	397,0						
Vila Nova da Rainha	476	77,1						
Vilar de Besteiros	893	76,4						
Tourigo	512	58,6						
Vila Nova de Paiva	5176	29,5				6	7	3887
Alhais	522	45,1						
Fráguas	217	12,6						
Pendilhe	546	22,6						
Queiriga	575	18,0						
Touro	918	18,3						
Vila Cova à Coelheira	1109	34,6						
Vila Nova de Paiva	1289	152,8						
Viseu	99274	195,8	15	34	15923			
Abraveses	8539	698,4						
Barreiros	300	49,9						
Boa Aldeia	518	60,9						
Bodiosa	3047	120,0						
Calde	1469	41,9						
Campo	5025	309,4						
Cavernães	1348	102,6						
Cepões	1284	44,0						
Viseu (Coração de Jesus)	11245	4813,9						
Cota	974	23,4						
Couto de Baixo	756	67,1						
Couto de Cima	851	64,8						
Fail	664	98,3						
Farminhão	750	68,4						
Fragosela	2662	241,2						
Lordosa	1791	80,3						

Silgueiros	3250	89,9			
Mundão	2385	165,1			
Orgens	3489	392,0			
Povolide	1747	84,0			
Ranhados	4949	793,9			
Ribafeita	1227	67,7			
Rio de Loba	9348	526,6			
Viseu (Santa Maria de Viseu)	6790	1936,0			
Santos Evos	1569	132,3			
São Cipriano	1283	101,8			
São João de Lourosa	4702	180,8			
Viseu (São José)	5395	1310,5			
São Pedro de France	1370	73,1			
São Salvador	3807	589,2			
Torredeita	1555	99,3			
Vil de Souto	667	82,3			
Vila Chã de Sá	2009	224,7			
Repeses	2509	707,7			
Vouzela	10540	54,4	10	12	8266
Alcofra	1001	34,6			
Cambra	1244	50,4			
Campia	1542	39,3			
Carvalhal de Vermilhas	215	27,2			
Fataunços	751	89,9			
Figueiredo das Donas	352	81,8			
Fornelo do Monte	288	19,1			
Paços de Vilharigues	647	74,1			
Queirã	1432	60,1			
São Miguel do Mato	924	102,6			
Ventosa	794	43,3			
Vouzela	1350	258,9			
Pinhal Interior Sul	40705	21,4			
Oleiros	5721	12,1	11	12	3415
Álvaro	237	8,1			
Amieira	116	4,1			
Cambas	309	6,4			
Estreito	897	12,8			
Isna	209	7,5			
Madeirã	171	6,4			
Mosteiro	307	17,4			
Oleiros	2306	20,0			
Orvalho	678	20,4			
Sarnadas de São Simão	217	7,0			

Sobral	160	8,4	5	6	4019			
Vilar Barroco	114	4,8						
Proença-a-Nova	8314	21,0						
Alvito da Beira	362	10,9						
Montes da Senhora	748	20,4						
Peral	674	24,6						
Proença-a-Nova	4295	29,8						
São Pedro do Esteval	527	7,7						
Sobreira Formosa	1708	20,0						
Sertã	15880	35,6	12	14	6632			
Cabeçudo	957	92,1						
Carvalhal	465	46,4						
Castelo	1046	42,6						
Cernache do Bonjardim	3052	42,6						
Cumeada	503	21,7						
Ermida	218	8,2						
Figueiredo	205	12,7						
Marmeleiro	228	8,0						
Nesperal	305	37,8						
Palhais	268	12,2						
Pedrógão Pequeno	753	20,4						
Sertã	6196	76,5						
Troviscal	864	16,2						
Várzea dos Cavaleiros	820	23,8						
Vila de Rei	3452	18,0	2	3	842			
Fundada	638	17,5						
São João do Peso	204	15,6						
Vila de Rei	2610	18,4						
Mação	7338	18,4				7	8	5110
Aboboreira	513	18,8						
Amêndoa	515	13,7						
Cardigos	1086	15,3						
Carvoeiro	620	12,7						
Envendos	984	10,7						
Mação	2228	33,1						
Ortiga	590	36,0						
Penhascoso	802	20,3						
Serra da Estrela	43737	50,4						
Fornos de Algodres	4989	38,0	15	16	3362			
Algodres	349	34,4						
Casal Vasco	227	33,7						
Cortiçô	144	28,7						
Figueiró da Granja	414	35,4						

Fornos de Algodres	1627	105,3						
Fuinhas	92	14,9						
Infias	242	87,0						
Juncais	284	31,4						
Maceira	229	28,4						
Matança	243	17,6						
Muxagata	241	24,2						
Queiriz	260	26,7						
Sobral Pichorro	208	23,1						
Vila Chã	82	27,1						
Vila Ruiva	168	26,4						
Vila Soeiro do Chão	179	40,0						
Gouveia	14046	46,7	18	22	9306			
Aldeias	328	16,1						
Arcozelo	717	29,9						
Catíelos	724	51,3						
Figueiró da Serra	263	32,4						
Folgosinho	499	9,7						
Freixo da Serra	99	21,4						
Lagarinhos	443	41,0						
Mangualde da Serra	164	9,5						
Melo	498	68,6						
Moimenta da Serra	652	100,8						
Nabais	405	56,4						
Nespereira	758	140,8						
Paços da Serra	601	57,8						
Ribamondego	317	42,0						
Rio Torto	463	54,2						
Gouveia (São Julião)	1622	204,7						
São Paio	828	53,2						
Gouveia (São Pedro)	1850	67,2						
Vila Cortês da Serra	267	24,1						
Vila Franca da Serra	262	23,8						
Vila Nova de Tazem	1708	107,1						
Vinhó	578	73,6						
Seia	24702	56,7				25	29	13421
Alvoco da Serra	466	12,4						
Cabeça	178	21,0						
Carragozela	380	96,3						
Folhadosa	327	89,3						
Girabolhos	317	17,9						
Lajes	273	57,6						
Loriga	1053	29,1						

Paranhos	1503	70,8			
Pinhanços	716	86,0			
Sabugueiro	478	11,9			
Sameice	367	36,0			
Sandomil	917	69,4			
Santa Comba	834	70,5			
Santa Eulália	271	66,5			
Santa Marinha	991	117,7			
Santiago	1205	162,1			
São Martinho	638	95,8			
São Romão	2743	121,7			
Sazes da Beira	283	36,3			
Seia	6342	267,6			
Teixeira	187	11,8			
Torrozelo	481	73,5			
Tourais	1440	67,2			
Travancinha	472	37,9			
Valezim	310	25,7			
Várzea de Meruge	249	40,6			
Vide	583	12,2			
Vila Cova à Coelheira	404	52,6			
Lapa dos Dinheiros	294	38,9			
Beira Interior Norte	104403	25,7			
Almeida	7228	14,0	28	29	5009
Ade	73	9,7			
Aldeia Nova	33	3,3			
Almeida	1314	25,1			
Amoreira	178	13,2			
Azinhhal	63	5,8			
Cabreira	77	14,4			
Castelo Bom	216	8,6			
Castelo Mendo	87	4,0			
Freineda	238	8,1			
Freixo	182	10,6			
Junça	124	6,7			
Leomil	104	7,8			
Malhada Sorda	334	7,3			
Malpartida	172	7,4			
Mesquitela	45	9,6			
Mido	46	4,9			
Miuzela	368	26,5			
Monte Perobolço	61	7,7			
Nave de Haver	358	8,7			

Naves	68	4,9			
Parada	114	9,1			
Peva	168	11,3			
Porto de Ovelha	47	3,1			
São Pedro de Rio Seco	181	8,0			
Senouras	38	4,0			
Vale de Coelha	43	7,5			
Vale da Mula	182	11,1			
Vale Verde	95	4,4			
Vilar Formoso	2219	146,6			
Celorico da Beira	7693	31,1	22	22	7963
Açores	352	34,5			
Baraçal	227	18,6			
Cadafaz	140	16,4			
Carrapichana	216	38,6			
Cortiço da Serra	171	35,7			
Forno Telheiro	735	35,4			
Lajeosa do Mondego	698	56,4			
Linhares	259	16,5			
Maçal do Chão	160	10,6			
Mesquitela	238	14,0			
Minhocal	175	16,3			
Prados	180	12,7			
Rapa	162	21,2			
Ratoeira	303	39,1			
Salgueirais	114	12,5			
Celorico (Santa Maria)	895	57,8			
Celorico (São Pedro)	1383	97,6			
Vale de Azares	400	44,2			
Velosa	114	10,5			
Vide entre Vinhas	165	19,6			
Vila Boa do Mondego	107	9,3			
Casas do Soeiro	499	83,2			
Figueira de Castelo Rodrigo	6260	12,3	16	17	4049
Algodres	294	9,5			
Almofala	181	6,0			
Castelo Rodrigo	517	15,7			
Cinco Vilas	94	5,2			
Colmeal	42	1,0			
Escalhão	770	9,8			
Escarigo	99	5,7			
Figueira de Castelo Rodrigo	2211	79,3			
Freixeda do Torrão	262	10,8			

Mata de Lobos	383	10,4	51	55	15591
Penha de Águia	111	7,4			
Quintã de Pêro Martins	145	7,8			
Reigada	303	12,8			
Vale de Afonsinho	83	6,3			
Vermiosa	394	9,8			
Vilar de Amargo	158	5,6			
Vilar Torpim	213	6,7			
Guarda	42541	59,7			
Adão	233	11,2			
Albardo	143	35,3			
Aldeia do Bispo	220	16,7			
Aldeia Viçosa	341	45,8			
Alvendre	210	16,2			
Arrifana	661	41,8			
Avelãs de Ambom	69	9,2			
Avelãs da Ribeira	196	17,3			
Benespera	297	16,4			
Carvalhal Meão	51	6,9			
Casal de Cinza	561	31,2			
Castanheira	345	14,0			
Cavadoude	324	48,7			
Codesseiro	205	21,3			
Corujeira	118	24,4			
Faia	227	22,7			
Famalicão	615	38,4			
Fernão Joanes	269	10,7			
Gagos	127	12,5			
Gonçalo	1083	72,7			
Gonçalo Bocas	227	35,2			
João Antão	160	18,2			
Maçainhas	1081	88,6			
Marmeleiro	361	12,2			
Meios	197	40,8			
Mizarela	135	24,4			
Monte Margarida	36	8,1			
Panoias de Cima	608	53,4			
Pega	161	15,1			
Pêra do Moço	831	40,3			
Pêro Soares	70	24,5			
Porto da Carne	385	194,1			
Pousada	118	9,2			
Ramela	218	21,5			

Ribeira dos Carinhos	108	11,9			
Rocamondo	89	15,4			
Rochoso	264	13,7			
Santana da Azinha	459	28,8			
Jarmelo (São Miguel)	187	23,5			
Jarmelo (São Pedro)	184	8,8			
Guarda (São Vicente)	11679	988,5			
Guarda (Sé)	6958	419,7			
Seixo Amarelo	84	6,9			
Sobral da Serra	242	21,6			
Trinta	406	53,2			
Vale de Estrela	394	28,3			
Valhelhas	396	19,6			
Vela	490	23,3			
Videmonte	478	8,9			
Vila Cortês do Mondego	298	68,0			
Vila Fernando	500	30,8			
Vila Franca do Deão	153	11,8			
Vila Garcia	320	20,9			
Vila Soeiro	41	7,3			
São Miguel da Guarda	7928	855,8			
Manteigas	3430	28,1	4	4	3430
Sameiro	343	15,6			
Manteigas (Santa Maria)	1418	63,6			
Manteigas (São Pedro)	1446	23,8			
Vale de Amoreira	223	13,3			
Meda	5202	18,2	16	16	5202
Aveloso	207	27,8			
Barreira	177	6,9			
Carvalhal	109	9,2			
Casteição	119	9,8			
Coriscada	208	8,3			
Fonte Longa	130	13,0			
Longroiva	286	6,9			
Marialva	255	13,3			
Meda	1987	73,1			
Outeiro de Gatos	347	25,3			
Pai Penela	67	11,0			
Poço do Canto	443	27,3			
Prova	187	13,5			
Rabaçal	278	19,8			
Ranhados	252	10,0			
Vale Flor	150	9,0			

Pinhel	9627	19,9	26	27	6109
Alverca da Beira	463	57,3			
Atalaia	99	4,0			
Azevo	195	7,0			
Bogalhal	37	2,2			
Bouça Cova	104	8,9			
Cerejo	132	18,9			
Cidadelhe	40	1,7			
Ervas Tenras	142	26,2			
Ervedosa	190	14,8			
Freixedas	905	27,3			
Gouveia	314	11,2			
Lamegal	253	11,5			
Lameiras	290	16,3			
Manigoto	186	11,7			
Pala	543	38,1			
Pereiro	150	5,2			
Pinhel	3518	78,8			
Pínzio	453	16,7			
Pomares	120	9,3			
Póvoa d' El-Rei	53	8,8			
Safurdão	108	11,1			
Santa Eufémia	172	14,0			
Sorval	80	13,8			
Souro Pires	588	37,5			
Valbom	214	14,1			
Vale de Madeira	92	5,0			
Vascoveiro	186	10,3			
Sabugal	12544	15,3	40	40	12544
Águas Belas	175	8,5			
Aldeia do Bispo	286	21,8			
Aldeia da Ponte	317	8,6			
Aldeia da Ribeira	131	4,4			
Aldeia de Santo António	798	30,3			
Aldeia Velha	431	20,6			
Alfaiates	331	10,5			
Badamalos	96	6,4			
Baraçal	190	11,9			
Bendada	580	16,8			
Bismula	193	10,1			
Casteleiro	365	8,2			
Cerdeira	229	9,8			
Fóios	362	12,8			

Forcalhos	88	7,1			
Lajeosa	201	12,2			
Lomba	57	14,9			
Malcata	332	15,6			
Moita	103	12,2			
Nave	230	8,5			
Pena Lobo	141	9,6			
Pousafoles do Bispo	277	14,2			
Quadrzais	457	11,3			
Quinta de São Bartolomeu	180	16,9			
Rapoula do Côa	195	24,6			
Rebolosa	222	24,7			
Rendo	278	12,9			
Ruivós	70	10,3			
Ruvina	112	13,9			
Sabugal	1943	64,8			
Santo Estêvão	310	15,1			
Seixo do Côa	171	9,1			
Sortelha	444	11,2			
Souto	1224	43,6			
Vale das Éguas	39	11,1			
Vale de Espinho	393	12,4			
Vale Longo	47	7,5			
Vila Boa	243	28,2			
Vila do Touro	183	7,9			
Vilar Maior	120	5,0			
Trancoso	9878	27,3	28	29	8166
Aldeia Nova	332	12,4			
Carnicães	153	18,1			
Castanheira	194	19,4			
Cogula	195	42,1			
Cótimos	220	16,3			
Feital	65	12,2			
Fiães	273	28,4			
Freches	456	33,7			
Granja	151	16,3			
Guilheiro	184	13,5			
Moimentinha	229	34,3			
Moreira de Rei	508	15,4			
Palhais	196	45,3			
Póvoa do Concelho	276	25,5			
Reboleiro	324	72,1			
Rio de Mel	323	13,8			

Trancoso (Santa Maria)	1577	43,4			
Trancoso (São Pedro)	1712	109,7			
Sebadelhe da Serra	130	12,6			
Souto Maior	131	21,4			
Tamanhos	250	30,1			
Terrenho	113	12,9			
Torre do Terrenho	158	15,4			
Torres	137	13,3			
Valdujo	185	12,1			
Vale do Seixo	127	18,7			
Vila Franca das Naves	965	90,0			
Vila Garcia	118	8,7			
Vilares	196	16,8			
Beira Interior Sul	75026	20,0			
Castelo Branco	56109	39,0	23	25	15209
Alcains	5022	135,9			
Almaceda	677	9,4			
Benquerenças	720	11,8			
Cafede	263	17,0			
Castelo Branco	35242	207,0			
Cebolais de Cima	1026	79,8			
Escalos de Baixo	746	16,2			
Escalos de Cima	938	60,9			
Freixial do Campo	468	25,3			
Juncal do Campo	355	16,0			
Lardosa	961	21,6			
Louriçal do Campo	636	28,5			
Lousa	621	17,3			
Malpica do Tejo	517	2,1			
Mata	470	19,6			
Monforte da Beira	378	3,1			
Ninho do Açor	380	32,2			
Póvoa de Rio de Moinhos	663	25,9			
Retaxo	843	68,7			
Salgueiro do Campo	891	29,4			
Santo André das Tojeiras	747	10,0			
São Vicente da Beira	1259	12,6			
Sarzedas	1335	7,8			
Sobral do Campo	366	11,7			
Tinalhas	585	36,1			
Idanha-a-Nova	9716	6,9	16	17	7364
Alcafozes	202	3,6			
Aldeia de Santa Margarida	292	21,4			

Idanha-a-Nova	2352	10,3			
Idanha-a-Velha	63	3,0			
Ladoeiro	1290	20,4			
Medelim	272	8,9			
Monfortinho	536	10,1			
Monsanto	829	6,3			
Oledo	355	12,8			
Penha Garcia	748	5,8			
Proença-a-Velha	224	3,9			
Rosmaninhal	537	2,0			
Salvaterra do Extremo	170	2,1			
São Miguel de Acha	560	13,6			
Segura	176	2,4			
Toulões	237	6,5			
Zebreira	873	8,4			
Penamacor	5680	10,1	11	12	5004
Águas	298	19,7			
Aldeia do Bispo	676	104,4			
Aldeia de João Pires	195	17,6			
Aranhas	353	64,5			
Bemposta	120	12,1			
Benquerença	575	20,1			
Meimão	280	8,5			
Meimoa	373	13,0			
Pedrógão de São Pedro	500	23,0			
Penamacor	1577	4,2			
Salvador	476	45,4			
Vale da Senhora da Póvoa	257	13,3			
Vila Velha de Ródão	3521	10,7	4	4	3521
Fratel	608	6,2			
Perais	510	6,2			
Sarnadas de Ródão	637	10,7			
Vila Velha de Ródão	1766	19,5			
Cova da Beira	87869	63,9			
Belmonte	6859	57,8	4	5	3676
Belmonte	3183	103,0			
Caria	1921	49,2			
Colmeal da Torre	729	98,3			
Inguias	670	28,9			
Maçainhas	356	19,6			
Covilhã	51797	93,2	19	31	13778
Vila do Carvalho	1741	175,3			
Aldeia de São Francisco de Assis	632	39,3			

Aldeia do Souto	240	31,6						
Barco	473	33,6						
Boidobra	3246	199,6						
Casegas	425	10,3						
Covilhã (Conceição)	7175	1472,3						
Cortes do Meio	884	18,7						
Dominguizo	1119	226,1						
Erada	709	16,3						
Ferro	1700	55,3						
Orjais	806	42,7						
Ourondo	372	52,5						
Paul	1624	67,7						
Peraboa	953	35,0						
Peso	737	68,4						
Covilhã (Santa Maria)	3220	1628,4						
São Jorge da Beira	633	27,5						
Covilhã (São Martinho)	4165	435,2						
Covilhã (São Pedro)	2225	835,2						
Sarzedo	130	11,8						
Sobral de São Miguel	418	17,5						
Teixoso	4360	122,4						
Tortosendo	5624	316,8						
Unhais da Serra	1398	46,7						
Vale Formoso	574	50,8						
Verdelhos	664	18,2						
Vales do Rio	674	131,7						
Coutada	406	40,8						
Cantar-Galo	2233	380,3						
Canhoso	2237	325,9						
Fundão	29213	41,7				28	31	17781
Alcaide	616	36,9						
Alcaria	1180	54,9						
Alcongosta	497	68,0						
Aldeia de Joanes	1333	164,8						
Aldeia Nova do Cabo	600	62,5						
Alpedrinha	1087	67,2						
Atalaia do Campo	546	47,5						
Barroca	496	21,5						
Bogas de Baixo	194	5,6						
Bogas de Cima	347	11,1						
Capinha	494	12,5						
Castelejo	656	22,2						
Castelo Novo	406	10,0						

Donas	863	108,8			
Escarigo	224	24,5			
Fatela	564	50,1			
Fundão	9236	519,3			
Janeiro de Cima	306	25,7			
Lavacolhos	236	11,9			
Orca	650	11,8			
Pêro Viseu	728	37,9			
Póvoa de Atalaia	642	50,7			
Salgueiro	690	12,2			
Silvares	968	47,8			
Soalheira	891	71,7			
Souto da Casa	807	27,5			
Telhado	618	35,0			
Vale de Prazeres	1267	23,3			
Valverde	1402	97,2			
Mata da Rainha	149	8,1			
Enxames	520	23,1			
Oeste	362523	163,3			
Alcobaça	56676	138,9			
Alcobaça	5751	1875,4			
Alfeizerão	3854	137,7			
Alpedriz	777	48,1			
Bárrio	1523	101,5			
Benedita	8635	296,0			
Cela	3264	126,4			
Coz	1895	119,5			
Évora de Alcobaça	4485	105,7			
Maiorga	2050	204,2			
Pataias	5451	69,0			
Aljubarrota (Prazeres)	4235	156,6			
São Martinho do Porto	2868	195,9			
Aljubarrota (São Vicente)	2404	115,0			
Turquel	4544	112,0			
Vestiaria	1258	186,7			
Vimeiro	1948	96,6			
Martingança	1145	141,4			
Montes	589	108,1			
Bombarral	13193	144,5	0	5	0
Bombarral	5664	308,7			
Carvalhal	2634	81,4			
Roliça	2808	124,1			
Vale Covo	1157	103,4			

Pó	930	137,4			
Caldas da Rainha	51729	202,3	6	16	6594
A dos Francos	1701	89,9			
Alvorninha	2987	79,4			
Caldas da Rainha (Nossa Senhora do Pópulo)	16114	1342,9			
Carvalhal Benfeito	1279	91,7			
Coto	1344	238,4			
Foz do Arelho	1339	139,1			
Landal	1051	103,0			
Nadadouro	1904	178,6			
Salir de Matos	2583	105,0			
Salir do Porto	797	80,9			
Santa Catarina	3029	151,6			
São Gregório	955	68,5			
Serra do Bouro	703	38,6			
Tornada	3561	180,8			
Vidais	1159	53,7			
Caldas da Rainha (Santo Onofre)	11223	1218,2			
Nazaré	15158	183,9	1	3	1740
Famalicão	1740	80,1			
Nazaré	10309	244,2			
Valado dos Frades	3109	168,0			
Óbidos	11772	83,2	5	9	5148
A dos Negros	1489	85,1			
Amoreira	989	49,7			
Olho Marinho	1279	70,6			
Óbidos (Santa Maria)	2032	93,9			
Óbidos (São Pedro)	1308	127,6			
Sobral da Lagoa	439	93,5			
Vau	952	29,9			
Gaeiras	2331	226,0			
Usseira	953	131,6			
Peniche	27753	357,9	0	6	0
Peniche (Ajuda)	7989	1659,0			
Atouguia da Baleia	8954	190,4			
Peniche (Conceição)	4643	6614,4			
Peniche (São Pedro)	2117	924,1			
Serra d' El-Rei	1401	157,0			
Ferrel	2649	192,1			
Alenquer	43267	142,2	4	16	4706
Abrigada	3320	84,4			
Aldeia Galega da Merceana	2079	105,5			

Aldeia Gavinha	1142	138,4						
Cabanas de Torres	989	144,7						
Cadafais	1734	183,9						
Carnota	1678	92,8						
Meca	1719	121,7						
Olhalvo	1907	229,9						
Ota	1289	27,8						
Pereiro de Palhacana	577	62,6						
Alenquer (Santo Estêvão)	6687	416,2						
Alenquer (Triana)	4134	121,5						
Ventosa	2173	97,9						
Vila Verde dos Francos	1162	41,3						
Carregado	11707	775,7						
Ribafria	970	106,2						
Arruda dos Vinhos	13391	171,8	1	4	1518			
Arranhó	2381	112,0						
Arruda dos Vinhos	8656	251,8						
Cardosas	836	139,0						
Santiago dos Velhos	1518	93,1						
Cadaval	14228	81,4				5	10	4745
Alguber	957	49,7						
Cadaval	3113	244,2						
Cercal	560	27,6						
Figueiros	690	134,2						
Lamas	3072	81,6						
Painho	1320	151,2						
Peral	905	55,0						
Pêro Moniz	639	24,9						
Vermelha	1288	107,5						
Vilar	1684	99,5						
Lourinhã	25735	174,9	3	11	3217			
Lourinhã	9897	253,6						
Miragaia	1822	149,1						
Moita dos Ferreiros	1734	69,9						
Moledo	472	63,3						
Reguengo Grande	1626	104,3						
Santa Bárbara	1943	258,3						
São Bartolomeu dos Galegos	1011	80,0						
Vimeiro	1470	207,7						
Marteleira	1761	243,0						
Ribamar	2141	350,4						
Atalaia	1858	249,5						
Sobral de Monte Agraço	10156	194,9				0	3	0

Santo Quintino	3706	127,8			
Sapataria	3044	211,3			
Sobral de Monte Agraço	3406	391,6			
Torres Vedras	79465	195,2			
A dos Cunhados	8459	190,8	2	20	1882
Campelos	2827	116,5			
Carmões	831	123,4			
Carvoeira	1583	111,2			
Dois Portos	2124	58,1			
Freiria	2461	183,2			
Matacães	1087	80,8			
Maxial	2751	94,1			
Monte Redondo	795	86,9			
Ponte do Rol	2444	252,7			
Ramalhal	3472	94,3			
Runa	1004	151,0			
Torres Vedras (Santa Maria do Castelo e São Miguel)	6665	377,5			
São Pedro da Cadeira	5077	212,9			
Torres Vedras (São Pedro e Santiago)	17965	573,3			
Silveira	8530	341,6			
Turcifal	3342	135,3			
Ventosa	5276	203,1			
Outeiro da Cabeça	840	147,5			
Maceira	1932	230,3			
Médio Tejo	220660	95,7			
Abrantes	39325	55,0			
Aldeia do Mato	441	13,9	12	19	11308
Alferrarede	3884	161,5			
Alvega	1499	27,1			
Bemposta	1795	9,6			
Martinchel	604	35,4			
Mouriscas	1832	52,3			
Pego	2431	67,4			
Rio de Moinhos	1202	60,0			
Rossio ao Sul do Tejo	2012	306,8			
São Facundo	927	11,5			
Abrantes (São João)	1699	769,2			
São Miguel do Rio Torto	2869	54,8			
Abrantes (São Vicente)	11622	304,2			
Souto	418	31,9			
Tramagal	3500	145,2			
Vale das Mós	588	24,0			

Concavada	653	31,8	6	10	4604
Fontes	627	22,0			
Carvalhal	722	41,2			
Alcanena	13868	108,9			
Alcanena	4131	398,8			
Bugalhos	1084	65,9			
Espinheiro	553	56,0			
Louriceira	583	45,4			
Malhou	773	65,8			
Minde	3293	155,7			
Moitas Venda	866	128,3	2	3	3063
Monsanto	886	48,0			
Serra de Santo António	725	49,6			
Vila Moreira	974	192,0			
Constância	4056	50,5			
Constância	993	112,4			
Montalvo	1275	99,5			
Santa Margarida da Coutada	1788	30,5			
Entroncamento	20206	1471,9			
São João Baptista	7576	1661,2	8	9	6266
Nossa Senhora de Fátima	12630	1377,7			
Ferreira do Zêzere	8619	45,3			
Águas Belas	1072	56,6			
Areias	1484	36,8			
Beco	906	55,9			
Chãos	597	25,6			
Dornes	594	27,1			
Ferreira do Zêzere	2353	62,0			
Igreja Nova do Sobral	662	50,4			
Paio Mendes	495	57,7	3	4	1535
Pias	456	45,6			
Sardoal	3941	42,8			
Alcaravela	904	24,6			
Santiago de Montalegre	229	13,5			
Sardoal	2406	80,2			
Valhascos	402	48,0			
Tomar	40674	115,8			
Alviobeira	623	72,4	9	16	8316
Asseiceira	2945	101,3			
Beselga	751	54,4			
Carregueiros	1179	95,5			
Casais	2342	85,6			
Junceira	889	68,1			

Madalena	3239	105,7			
Olalhas	1415	40,8			
Paialvo	2599	116,5			
Pedreira	549	45,5			
Santa Maria dos Olivais	12613	730,3			
Tomar (São João Baptista)	5593	426,6			
São Pedro de Tomar	3027	82,6			
Sabacheira	955	27,9			
Serra	1191	35,5			
Além da Ribeira	764	61,5			
Torres Novas	36717	136,0	8	17	8543
Alcorochel	810	94,3			
Assentiz	2921	89,0			
Brogueira	1112	52,7			
Chancelaria	1659	46,9			
Lapas	2590	522,1			
Olaia	1725	78,5			
Paço	684	90,0			
Parceiros de Igreja	907	73,2			
Pedrógão	2037	51,8			
Riachos	5247	360,1			
Ribeira Branca	618	79,9			
Torres Novas (Salvador)	2227	186,8			
Torres Novas (Santa Maria)	5026	228,5			
Torres Novas (Santiago)	993	173,0			
Torres Novas (São Pedro)	5466	587,9			
Zibreira	1028	97,9			
Meia Via	1667	407,6			
Vila Nova da Barquinha	7322	147,8	1	5	1702
Atalaia	1697	117,9			
Praia do Ribatejo	1702	84,0			
Tancos	243	118,9			
Vila Nova da Barquinha	1588	263,4			
Moita do Norte	2092	307,5			
Ourém	45932	110,3	8	18	9734
Alburitel	1179	105,3			
Atouguia	2454	125,1			
Casal dos Bernardos	921	39,7			
Caxarias	2166	120,1			
Espite	1104	55,8			
Fátima	11596	161,4			
Formigais	375	28,9			
Freixianda	2474	79,0			

Gondemaria	1175	131,7			
Olival	1995	94,2			
Nossa Senhora das Misericórdias	5077	124,8			
Rio de Couros	1877	89,8			
Seiça	2076	83,4			
Urqueira	1682	54,2			
Nossa Senhora da Piedade	7217	353,4			
Matas	944	72,7			
Cercal	784	101,0			
Ribeira do Fárrio	836	42,2			
Lisboa	2821699	940,0			
Grande Lisboa	2042326	1483,5			
Cascais	206429	2119,4	0	6	0
Alcabideche	42160	1060,2			
Carcavelos	23296	5165,7			
Cascais	35409	1742,4			
Estoril	26397	2986,8			
Parede	21660	6016,4			
São Domingos de Rana	57507	2823,9			
Lisboa	547631	6447,0	0	53	0
Ajuda	15584	5456,9			
Alcântara	13943	3142,0			
Alto do Pina	10333	12319,6			
Alvalade	8869	14898,5			
Ameixoeira	11863	7391,6			
Anjos	9358	19174,6			
Beato	12429	7670,9			
Benfica	36821	4639,5			
Campo Grande	10514	4296,1			
Campolide	15460	5571,9			
Carnide	23316	5736,2			
Castelo	355	6440,7			
Charneca	9935	5866,6			
Coração de Jesus	3689	6607,4			
Encarnação	2252	11920,7			
Graça	5786	16505,1			
Lapa	8000	10806,3			
Lumiar	41162	6705,4			
Madalena	393	3400,5			
Mártires	372	3738,4			
Marvila	38102	5977,6			
Mercês	4345	16203,5			
Nossa Senhora de Fátima	15283	8011,1			

Penha	4486	8971,3	0	18	0
Penha de França	12778	18705,8			
Prazeres	8096	5166,9			
Sacramento	742	8714,7			
Santa Catarina	3716	17407,1			
Santa Engrácia	5249	9543,1			
Santa Isabel	6875	10964,2			
Santa Justa	891	3614,0			
Santa Maria de Belém	8529	2485,4			
Santa Maria dos Olivais	51036	4548,5			
Santiago	619	9542,4			
Santo Condestável	15255	14845,2			
Santo Estêvão	1511	7428,9			
Santos-o-Velho	4020	7569,2			
São Cristóvão e São Lourenço	1341	17190,8			
São Domingos de Benfica	33699	7820,9			
São Francisco Xavier	8020	3484,7			
São João	15187	10087,2			
São João de Brito	11702	5246,8			
São João de Deus	9798	10596,0			
São Jorge de Arroios	18405	15885,0			
São José	2746	8310,9			
São Mamede	5420	8815,6			
São Miguel	1531	29495,4			
São Nicolau	1231	4674,5			
São Paulo	2728	6212,2			
São Sebastião da Pedreira	6342	5855,1			
São Vicente de Fora	3539	11176,3			
Sé	910	7584,3			
Socorro	3065	27646,2			
Loures	205054	1211,2			
Apelação	5647	3962,0			
Bucelas	4663	137,3			
Camarate	19789	3496,5			
Fanhões	2801	241,0			
Frielas	2171	390,2			
Loures	27362	829,1			
Lousa	3169	191,7			
Moscavide	14266	12952,0			
Sacavém	18469	4522,9			
Santa Iria de Azoia	18240	2412,7			
Santo Antão do Tojal	4216	278,6			
São João da Talha	17252	2700,9			

São Julião do Tojal	3837	289,0			
Unhos	9507	2121,2			
Portela	11809	11978,9			
Bobadela	8839	2476,5			
Prior Velho	7136	5406,6			
Santo António dos Cavaleiros	25881	7124,9			
Mafra	76685	262,9	3	17	4601
Azueira	3164	208,4			
Carvoeira	2155	262,4			
Cheleiros	1347	117,0			
Encarnação	4798	168,3			
Enxara do Bispo	1740	96,4			
Ericeira	10260	851,4			
Gradil	1226	166,1			
Igreja Nova	3037	118,9			
Mafra	17986	375,1			
Malveira	6493	664,2			
Milharado	7023	287,5			
Santo Estêvão das Galés	1709	96,1			
Santo Isidoro	3814	153,6			
Sobral da Abelheira	1152	74,6			
Vila Franca do Rosário	871	140,3			
Venda do Pinheiro	8146	696,6			
São Miguel de Alcainça	1764	249,5			
Oeiras	172120	3751,3	0	10	0
Barcarena	13861	1537,9			
Carnaxide	25911	3978,2			
Oeiras e São Julião da Barra	33827	5029,2			
Paço de Arcos	15315	4512,0			
Algés	22273	11254,7			
Cruz Quebrada-Dafundo	6393	2192,5			
Linda-a-Velha	19999	8741,2			
Porto Salvo	15157	2064,2			
Queijas	10377	4512,5			
Caxias	9007	2640,6			
Sintra	377837	1183,6	0	20	0
Algueirão-Mem Martins	66250	4141,8			
Almargem do Bispo	8983	225,7			
Belas	26089	1142,3			
Colares	7628	228,6			
Montelavar	3559	412,9			
Queluz	26248	7229,3			
Rio de Mouro	47311	2868,4			

Sintra (Santa Maria e São Miguel)	9364	765,4			
São João das Lampas	11392	198,1			
Sintra (São Martinho)	6226	255,7			
Sintra (São Pedro de Penaferrim)	14001	519,1			
Terrugem	5113	195,9			
Pêro Pinheiro	4246	271,3			
Casal de Cambra	12701	5854,3			
Massamá	28112	15373,2			
Monte Abraão	20809	16551,9			
Agualva	35824	7423,0			
Cacém	21289	9819,5			
Mira-Sintra	5280	4573,2			
São Marcos	17412	7651,1			
Vila Franca de Xira	136886	430,3	1	11	766
Alhandra	6047	2580,6			
Alverca do Ribatejo	31070	1605,3			
Cachoeiras	766	77,6			
Calhandriz	801	111,9			
Castanheira do Ribatejo	7500	443,6			
Póvoa de Santa Iria	29348	6379,1			
São João dos Montes	6018	333,7			
Vialonga	21033	1173,1			
Vila Franca de Xira	18197	85,5			
Sobralinho	5050	1106,6			
Forte da Casa	11056	2424,4			
Amadora	175135	7363,3	0	11	0
Alfragide	9904	7420,8			
Brandoa	17805	8014,7			
Buraca	16081	9577,9			
Damaia	20894	14810,5			
Falagueira	14530	9843,1			
Mina	17977	6390,6			
Reboleira	14344	18902,2			
Venteira	18539	3796,0			
Alfornelos	10439	12357,5			
São Brás	26263	5072,0			
Venda Nova	8359	7059,2			
Odivelas	144549	5484,3	0	7	0
Caneças	12324	2069,5			
Famões	11095	2427,6			
Odivelas	59559	11717,6			
Olival Basto	5812	4284,3			

Pontinha	23041	4970,7						
Póvoa de Santo Adrião	13061	10573,4						
Ramada	19657	5582,2						
Península de Setúbal	779373	479,6						
Alcochete	17569	136,9	0	3	0			
Alcochete	12239	102,5						
Samouco	3143	660,1						
São Francisco	2187	525,5						
Almada	174030	2478,8				0	11	0
Almada	16584	12096,9						
Caparica	20454	1857,5						
Costa da Caparica	13418	1318,3						
Cova da Piedade	19904	13984,0						
Trafaria	5696	993,4						
Cacilhas	6017	5523,2						
Pragal	7156	3151,3						
Sobreda	15166	2459,8						
Charneca de Caparica	29763	1286,1						
Laranjeiro	20988	5415,2						
Feijó	18884	4785,6						
Barreiro	78764	2164,4				0	8	0
Barreiro	7449	2009,3						
Lavradio	14428	3581,6						
Palhais	1869	262,8						
Santo André	11480	2744,9						
Verderena	10285	8289,4						
Alto do Seixalinho	19995	11386,0						
Santo António da Charneca	11536	1498,8						
Coina	1722	258,2						
Moita	66029	1194,9				0	6	0
Alhos Vedros	15050	840,4						
Baixa da Banheira	21085	5265,2						
Moita	17653	983,9						
Gaio-Rosário	1227	138,7						
Sarilhos Pequenos	1150	277,4						
Vale da Amoreira	9864	4082,8						
Montijo	51222	146,9				2	8	3227
Canha	1689	8,0						
Montijo	29908	1097,5						
Santo Isidro de Pegões	1538	27,7						
Sarilhos Grandes	3424	291,0						
Alto-Estanqueiro-Jardia	2846	258,2						
Pegões	2375	97,8						

Atalaia	2239	852,2			
Afonsoeiro	7203	1711,5			
Palmela	62805	135,0	0	5	0
Marateca	3724	28,4			
Palmela	17455	225,2			
Pinhal Novo	25003	459,1			
Quinta do Anjo	11865	232,1			
Poceirão	4758	31,5			
Seixal	158269	1657,3	0	6	0
Aldeia de Paio Pires	13258	828,2			
Amora	48629	1996,3			
Arrentela	28886	2841,0			
Seixal	2776	744,6			
Corroios	47661	2785,5			
Fernão Ferro	17059	707,1			
Sesimbra	49500	253,2	0	3	0
Sesimbra (Castelo)	19053	106,3			
Sesimbra (Santiago)	4841	2401,4			
Quinta do Conde	25606	1808,1			
Setúbal	121185	526,2	0	8	0
Setúbal (Nossa Senhora da Anunciada)	13738	471,0			
Setúbal (Santa Maria da Graça)	7620	2780,1			
Setúbal (São Julião)	16740	3451,0			
São Lourenço	11638	246,4			
Setúbal (São Sebastião)	52542	2038,0			
São Simão	7239	328,0			
Gâmbia-Pontes-Alto da Guerra	5885	178,5			
Sado	5783	88,3			
Alentejo	757190	24,0			
Alentejo Litoral	97895	18,4			
Odemira	26036	15,1	15	17	15508
Colos	1005	9,7			
Relíquias	931	7,8			
Sabóia	1152	7,4			
Santa Clara-a-Velha	602	6,0			
Odemira (Santa Maria)	1301	21,9			
São Luís	1989	13,6			
São Martinho das Amoreiras	1006	7,0			
Odemira (São Salvador)	1818	29,5			
São Teotónio	5527	18,0			
Vale de Santiago	554	8,4			
Vila Nova de Milfontes	5001	65,4			

Pereiras-Gare	271	4,2			
Bicos	549	10,4			
Zambujeira do Mar	912	22,3			
Luzianes-Gare	429	4,6			
Boavista dos Pinheiros	1633	43,2			
Longueira/Almograve	1356	14,8			
Alcácer do Sal	13046	8,7	3	6	2071
Alcácer do Sal (Santa Maria do Castelo)	4048	9,3			
Santa Susana	353	2,1			
Alcácer do Sal (Santiago)	4632	16,2			
Torrão	2295	6,2			
São Martinho	450	5,1			
Comporta	1268	8,4			
Grândola	14826	18,0	4	5	4169
Azinheira Barros e São Mamede do Sádão	704	4,1			
Grândola	10657	29,3			
Melides	1658	10,7			
Santa Margarida da Serra	177	3,4			
Carvalhal	1630	19,9			
Santiago do Cacém	29749	28,1			
Abela	890	6,5	6	11	4019
Alvalade	2098	13,0			
Cercal	3362	24,5			
Ermidas-Sado	2020	24,5			
Santa Cruz	461	17,6			
Santiago do Cacém	7603	63,6			
Santo André	10647	141,8			
São Bartolomeu da Serra	390	6,3			
São Domingos	854	6,6			
São Francisco da Serra	809	15,8			
Vale de Água	615	8,1			
Sines	14238	70,0			
Sines	13200	86,5			
Porto Covo	1038	20,5	1	2	1038
Alto Alentejo	118352	18,9			
Mora	4978	11,2			
Brotas	451	5,4			
Cabeção	1073	22,6			
Mora	2522	19,8			
Pavia	932	5,0			
Alter do Chão	3562	9,8	3	4	1189
Alter do Chão	2373	16,9			

Chancelaria	448	6,3	3	3	3119
Seda	352	3,1			
Cunheira	389	10,5			
Arronches	3119	9,9			
Assunção	1924	9,4	8	8	4559
Esperança	739	12,9			
Mosteiros	456	8,6			
Avis	4559	7,5			
Alcôrrego	401	6,9	1	3	587
Aldeia Velha	280	2,2			
Avis	1840	20,0			
Benavila	861	13,0			
Ervedal	548	14,4	4	4	3407
Figueira e Barros	309	4,4			
Maranhão	63	0,9			
Valongo	257	3,1			
Campo Maior	8456	34,2	6	6	3708
Nossa Senhora da Expectação	3974	37,8			
Nossa Senhora da Graça dos Degolados	587	16,4			
São João Baptista	3895	36,6			
Castelo de Vide	3407	12,9	8	11	8123
Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas	606	8,2			
Santa Maria da Devesa	1578	28,0			
Santiago Maior	358	6,1			
São João Baptista	865	11,4	8	11	8123
Crato	3708	9,3			
Aldeia da Mata	374	10,0			
Crato e Mártires	1674	9,4			
Flor da Rosa	263	26,5	8	11	8123
Gáfete	856	18,6			
Monte da Pedra	280	4,7			
Vale do Peso	261	4,0			
Elvas	23078	36,6	8	11	8123
Ajuda, Salvador e Santo Ildefonso	986	10,9			
Alcáçova	2147	217,4			
Assunção	8702	1084,2			
Barbacena	663	21,3	8	11	8123
Caia e São Pedro	4106	43,6			
Santa Eulália	1198	12,2			
São Brás e São Lourenço	1684	35,4			
São Vicente e Ventosa	801	7,9	8	11	8123
Terrugem	1251	17,2			

Vila Boim	1224	48,0	2	3	1341
Vila Fernando	316	6,1			
Fronteira	3410	13,7			
Cabeço de Vide	1063	16,2	5	5	4132
Fronteira	2069	14,6			
São Saturnino	278	6,7			
Gavião	4132	14,0	4	4	3512
Atalaia	138	7,1			
Belver	684	9,8			
Comenda	890	9,9	4	4	3329
Gavião	1609	27,5			
Margem	811	14,3			
Marvão	3512	22,7	10	10	7450
Beirã	498	11,1			
Santa Maria de Marvão	486	20,8			
Santo António das Areias	1102	30,6	5	7	5448
São Salvador da Aramenha	1426	28,1			
Monforte	3329	7,9			
Assumar	651	10,2	7	10	7270
Monforte	1384	6,5			
Santo Aleixo	638	10,9			
Vaiamonte	656	7,9	7	10	7270
Nisa	7450	12,9			
Alpalhão	1238	36,2			
Amieira do Tejo	241	2,4	7	10	7270
Arez	256	4,6			
Espírito Santo	1861	21,1			
Montalvão	442	3,6	7	10	7270
Nossa Senhora da Graça	1590	42,3			
Santana	404	14,9			
São Matias	289	5,3	7	10	7270
São Simão	118	4,2			
Tolosa	1011	43,0			
Ponte de Sor	16722	19,9	7	10	7270
Galveias	1061	13,3			
Montargil	2316	7,8			
Ponte de Sor	8958	51,6	7	10	7270
Foros de Arrão	919	10,9			
Longomel	1228	26,1			
Vale de Açor	698	10,6	7	10	7270
Tramaga	1542	16,7			
Portalegre	24930	55,8			
Alagoa	669	36,9	7	10	7270

Alegrete	1746	20,1						
Carreiras	583	17,5						
Fortios	2018	30,6						
Reguengo	630	21,9						
Ribeira de Nisa	1366	80,1						
São Julião	342	7,9						
São Lourenço	4987	403,2						
Sé	10655	948,1						
Urra	1934	14,9						
Alentejo Central	166802	23,1						
Alandroal	5843	10,8	5	6	3638			
Alandroal (Nossa Senhora da Conceição)	1873	11,4						
Juromenha (Nossa Senhora do Loreto)	107	3,3						
Santiago Maior	2205	19,5						
Capelins (Santo António)	527	6,1						
Terena (São Pedro)	767	9,2						
São Brás dos Matos (Mina do Bugalho)	364	5,7						
Arraiolos	7363	10,8				6	7	3977
Arraiolos	3386	23,2						
Igrejinha	932	11,0						
Santa Justa	225	5,2						
São Gregório	341	4,6						
Gafanhoeira (São Pedro)	494	10,7						
Vimieiro	1589	6,3						
Sabugueiro	396	10,6						
Borba	7333	50,5	1	4	740			
Borba (Matriz)	3779	91,5						
Orada	740	14,6						
Rio de Moinhos	2056	38,9						
Borba (São Bartolomeu)	758	3720,2						
Estremoz	14298	27,8				11	13	5636
Arcos	1152	48,2						
Glória	532	7,3						
Estremoz (Santa Maria)	6284	99,3						
Évora Monte (Santa Maria)	569	5,7						
Santa Vitória do Ameixial	342	6,2						
Estremoz (Santo André)	2378	3936,7						
Santo Estêvão	74	2,2						
São Bento do Ameixial	335	8,0						
São Bento de Ana Loura	32	1,2						
São Bento do Cortiço	699	29,9						
São Domingos de Ana Loura	341	20,9						

São Lourenço de Mamporcão	524	31,1			
Veiros	1036	26,1			
Évora	56596	43,3	11	19	7804
Nossa Senhora da Boa Fé	322	9,9			
Nossa Senhora da Graça do Divor	486	5,8			
Nossa Senhora de Machede	1123	6,1			
Nossa Senhora da Tourega	686	3,5			
Évora (Santo Antão)	1323	4887,4			
São Bento do Mato	1151	17,3			
Évora (São Mamede)	1724	7420,9			
São Manços	938	8,7			
São Miguel de Machede	794	9,7			
São Vicente do Pigeiro	364	4,3			
Torre de Coelheiros	715	3,2			
São Sebastião da Giesteira	760	17,7			
Canaviais	3442	177,3			
Nossa Senhora de Guadalupe	465	6,9			
Bacelo	9309	903,8			
Horta das Figueiras	10006	220,5			
Malagueira	12373	649,5			
Sé e São Pedro	1691	2690,5			
Senhora da Saúde	8924	246,5			
Montemor-o-Novo	17437	14,1	8	10	6436
Cabrela	649	3,4			
Lavre	740	6,5			
Nossa Senhora do Bispo	4931	40,5			
Nossa Senhora da Vila	6070	32,5			
Santiago do Escoural	1335	9,6			
São Cristóvão	540	3,7			
Ciborro	714	12,9			
Cortiçadas	821	8,3			
Silveiras	567	5,1			
Foros de Vale de Figueira	1070	15,9			
Mourão	2663	9,6	3	3	2663
Granja	605	6,5			
Luz	290	5,7			
Mourão	1768	13,1			
Portel	6428	10,7			
Alqueva	329	4,2			
Amieira	362	3,7			
Monte do Trigo	1240	11,6			
Oriola	400	11,0			

Portel	2661	17,0			
Santana	542	12,9			
São Bartolomeu do Outeiro	436	11,6			
Vera Cruz	458	10,3			
Redondo	7031	19,0	1	2	1298
Montoito	1298	21,0			
Redondo	5733	18,6			
Reguengos de Monsaraz	10828	23,3			
Campo	688	5,6			
Corval	1389	14,4			
Monsaraz	782	8,9			
Reguengos de Monsaraz	7261	71,4			
Campinho	708	13,2			
Vendas Novas	11846	53,3	1	2	723
Vendas Novas	11123	70,5			
Landeira	723	11,2			
Viana do Alentejo	5743	14,6	1	3	890
Alcáçovas	2111	7,9			
Viana do Alentejo	2742	29,0			
Aguiar	890	28,7			
Vila Viçosa	8319	42,7	3	5	3296
Bencatel	1679	46,4			
Ciladas	1071	10,0			
Vila Viçosa (Conceição)	4165	126,3			
Pardais	546	30,4			
Vila Viçosa (São Bartolomeu)	858	4282,4			
Sousel	5074	18,2			
Cano	1266	25,6			
Casa Branca	1232	12,2			
Santo Amaro	644	16,3			
Sousel	1932	21,6			
Baixo Alentejo	126692	14,8			
Aljustrel	9257	20,2	4	5	4120
Aljustrel	5137	26,8			
Ervidel	1005	25,9			
Messejana	892	7,8			
São João de Negrilhos	1482	19,2			
Rio de Moinhos	741	19,8			
Almodôvar	7449	9,6			
Almodôvar	3788	17,1			
Gomes Aires	355	5,4			
Rosário	608	10,0			
Santa Clara-a-Nova	600	5,5			

Santa Cruz	651	5,3			
São Barnabé	531	3,8			
Senhora da Graça de Padrões	380	10,9			
Aldeia dos Fernandes	536	25,2			
Alvito	2504	9,5	2	2	2504
Alvito	1259	9,2			
Vila Nova da Baronia	1245	9,7			
Barrancos	1834	10,9			
Barrancos	1834	10,9			
Beja	35854	31,3	14	18	10706
Albernoa	758	6,9			
Baleizão	902	6,5			
Beringel	1301	86,5			
Cabeça Gorda	1386	17,7			
Mombeja	386	6,9			
Nossa Senhora das Neves	1747	32,9			
Quintos	255	1,8			
Salvada	1097	18,4			
Beja (Salvador)	6590	1016,6			
Santa Clara de Louredo	864	12,0			
Beja (Santa Maria da Feira)	4543	283,5			
Santa Vitória	595	5,3			
Beja (Santiago Maior)	7620	177,0			
São Brissos	108	2,1			
Beja (São João Baptista)	6395	778,8			
São Matias	569	8,1			
Trindade	274	2,8			
Trigaches	464	27,9			
Castro Verde	7276	12,8	4	5	2378
Casével	448	13,3			
Castro Verde	4898	17,0			
Entradas	649	8,5			
Santa Bárbara de Padrões	943	14,2			
São Marcos da Ataboeira	338	3,3			
Cuba	4878	28,4			
Cuba	3306	47,2			
Faro do Alentejo	591	13,2			
Vila Alva	514	13,8			
Vila Ruiva	467	23,2			
Ferreira do Alentejo	8255	12,7			
Alfundão	863	16,6			
Ferreira do Alentejo	4696	21,0			
Figueira dos Cavaleiros	1346	8,7			

Odivelas	542	4,9	8	9	4450
Peroguarda	364	10,0			
Canhestros	444	6,2			
Mértola	7274	5,6			
Alcaria Ruiva	849	3,9			
Corte do Pinto	857	12,0			
Espírito Santo	335	2,5			
Mértola	2824	8,8			
Santana de Cambas	797	4,8			
São João dos Caldeireiros	567	5,5			
São Miguel do Pinheiro	596	4,3	5	8	4184
São Pedro de Solis	229	3,6			
São Sebastião dos Carros	220	3,1			
Moura	15167	15,8			
Amareleja	2564	23,6			
Póvoa de São Miguel	888	4,8			
Safara	1078	18,7			
Moura (Santo Agostinho)	4344	35,8			
Santo Aleixo da Restauração	793	4,4			
Santo Amador	412	5,7			
Moura (São João Baptista)	4075	43,7	5	6	2515
Sobral da Adiça	1013	7,3			
Ourique	5389	8,1			
Conceição	86	2,6			
Garvão	731	16,5			
Ourique	2874	11,5			
Panóias	496	4,5			
Santa Luzia	352	10,1			
Santana da Serra	850	4,5			
Serpa	15623	14,1	4	7	5334
Aldeia Nova de São Bento	3072	12,7			
Brinches	1039	11,2			
Pias	2852	17,4			
Serpa (Salvador)	4365	15,1			
Serpa (Santa Maria)	1868	12,1			
Vale de Vargo	968	16,7			
Vila Verde de Ficalho	1459	13,8			
Vidigueira	5932	18,7	3	4	2973
Pedrógão	1151	9,2			
Selmes	894	6,5			
Vidigueira	2959	106,3			
Vila de Frades	928	36,2			
Lezíria do Tejo	247449	57,9			

Azambuja	21814	83,1	5	9	4534			
Alcoentre	3448	73,3						
Aveiras de Baixo	1317	69,7						
Aveiras de Cima	4762	182,1						
Azambuja	8190	98,2						
Manique do Intendente	1216	34,1						
Vale do Paraíso	880	198,0						
Vila Nova da Rainha	926	37,2						
Vila Nova de São Pedro	687	47,8						
Maçussa	388	50,1						
Almeirim	23376	105,2				1	4	548
Almeirim	12812	185,3						
Benfica do Ribatejo	3067	104,8						
Fazendas de Almeirim	6949	119,2						
Raposa	548	8,4						
Alpiarça	7702	80,8	0	1	0			
Alpiarça	7702	80,8						
Benavente	29019	55,7				1	4	1997
Benavente	9174	70,4						
Samora Correia	17123	53,3						
Santo Estêvão	1997	32,0						
Barrosa	725	101,1						
Cartaxo	24458	154,6	1	8	821			
Cartaxo	11370	596,6						
Ereira	636	100,8						
Lapa	1200	190,2						
Pontével	4614	165,7						
Valada	821	19,5						
Vale da Pinta	1295	141,2						
Vila Chã de Ourique	2767	83,3						
Vale da Pedra	1755	124,5						
Chamusca	10120	13,6				5	7	4740
Chamusca	3360	95,3						
Chouto	577	2,8						
Pinheiro Grande	939	29,5						
Ulme	1277	10,5						
Vale de Cavalos	1032	8,6						
Parreira	915	6,9						
Carregueira	2020	20,5						
Coruche	19944	17,9	6	11	8266			
Coruche	8913	36,7						
Couço	2765	8,0						
São José da Lamarosa	1727	15,6						

Fajarda	1839	36,8						
Branca	1474	12,6						
Erra	1004	15,7						
Biscainho	1074	13,2						
Santana do Mato	1148	11,1						
Golegã	5465	71,3	1	2	1620			
Azinhaga	1620	42,4						
Golegã	3845	100,1						
Rio Maior	21192	77,7	13	14	9187			
Alcobertas	1923	60,0						
Arrouquelas	591	21,2						
Arruda dos Pisões	405	40,7						
Azambujeira	458	51,5						
Fráguas	905	56,1						
Marmeleira	437	49,4						
Outeiro da Cortiçada	674	46,4						
Rio Maior	12005	131,9						
São João da Ribeira	892	72,7						
Asseiceira	1017	60,9						
São Sebastião	523	34,0						
Ribeira de São João	496	62,9						
Malaqueijo	438	73,6						
Assentiz	428	80,8						
Salvaterra de Magos	22159	90,8				2	6	2153
Glória do Ribatejo	3224	60,2						
Marinhais	6336	167,3						
Muge	1270	25,6						
Salvaterra de Magos	5526	165,7						
Foros de Salvaterra	4920	128,0						
Granho	883	28,4						
Santarém	62200	111,0	20	28	20783			
Abitureiras	972	41,0						
Abrã	1122	50,0						
Achete	1918	60,5						
Alcanede	4547	43,0						
Alcanhões	1469	128,3						
Almoster	1818	44,5						
Amiais de Baixo	1851	293,7						
Arneiro das Milhariças	835	69,5						
Azoia de Baixo	297	66,7						
Azoia de Cima	496	58,9						
Casével	864	26,0						
Santarém (Marvila)	9044	635,8						

Moçarria	1136	93,7			
Pernes	1446	102,9			
Pombalinho	448	58,2			
Póvoa da Isenta	1127	81,1			
Póvoa de Santarém	708	87,4			
Romeira	783	70,3			
Santa Iria da Ribeira de Santarém	745	51,2			
Santarém (São Nicolau)	9627	648,1			
Santarém (São Salvador)	10513	885,9			
São Vicente do Paul	1835	36,5			
Tremês	1981	79,7			
Vale de Figueira	1082	50,2			
Vale de Santarém	2920	286,4			
Vaqueiros	285	80,4			
Várzea	1817	85,3			
Gançaria	514	92,0			
Algarve	451005	90,3			
Algarve	451005	90,3			
Albufeira	40828	290,3	0	5	0
Albufeira	22781	849,3			
Guia	4376	163,3			
Paderne	3304	62,9			
Ferreiras	6406	318,3			
Olhos de Água	3961	276,0			
Alcoutim	2917	5,1	5	5	2917
Alcoutim	921	7,0			
Giões	256	3,6			
Martim Longo	1030	8,0			
Pereiro	213	2,1			
Vaqueiros	497	3,5			
Aljezur	5884	18,2	3	4	2519
Aljezur	3365	20,2			
Bordeira	432	5,4			
Odeceixe	961	22,9			
Rogil	1126	32,2			
Castro Marim	6747	22,4	2	4	1285
Azinhal	522	7,7			
Castro Marim	3267	41,2			
Odeleite	763	5,4			
Altura	2195	197,8			
Faro	64560	319,9	0	6	0
Conceição	4524	207,4			
Estoi	3652	78,4			

Santa Bárbara de Nexe	4116	108,4			
Faro (São Pedro)	14577	1328,6			
Faro (Sé)	29542	482,1			
Montenegro	8149	350,7			
Lagoa	22975	260,3	0	6	0
Estômbar	4985	205,9			
Ferragudo	1973	364,7			
Lagoa	7266	264,5			
Porches	2011	128,6			
Carvoeiro	2721	233,3			
Parchal	4019	1040,4			
Lagos	31048	145,8	2	6	2425
Barão de São João	895	17,3			
Bensafrim	1530	19,5			
Luz	3545	162,7			
Odiáxere	2984	93,7			
Lagos (Santa Maria)	8045	860,8			
Lagos (São Sebastião)	14049	709,3			
Loulé	70622	92,4	5	11	5149
Almancil	11136	176,7			
Alte	1997	21,2			
Ameixial	439	3,5			
Boliqueime	4973	107,6			
Quarteira	21798	571,3			
Querença	759	22,6			
Salir	2775	14,8			
Loulé (São Clemente)	17358	375,8			
Loulé (São Sebastião)	7433	118,6			
Benafim	1069	20,3			
Tôr	885	55,9			
Monchique	6045	15,3	2	3	1228
Alferce	441	4,6			
Marmeleite	787	5,6			
Monchique	4817	30,2			
Olhão	45396	346,9	0	5	0
Fuseta	1918	1271,0			
Moncarapacho	7717	111,6			
Olhão	14914	1217,8			
Pechão	3601	182,0			
Quelfes	17246	611,6			
Portimão	55614	305,5	0	3	0
Alvor	6154	403,4			
Mexilhoeira Grande	4029	44,2			

Portimão	45431	600,5			
São Brás de Alportel	10662	69,5	0	1	0
São Brás de Alportel	10662	69,5			
Silves	37126	54,6	1	8	1352
Alcantarilha	2540	103,2			
Algoz	3831	116,8			
Armação de Pêra	4867	609,1			
Pêra	2432	112,3			
São Bartolomeu de Messines	8430	35,1			
São Marcos da Serra	1352	8,1			
Silves	11014	62,9			
Tunes	2660	220,2			
Tavira	26167	43,1	4	9	5143
Cachopo	716	3,5			
Conceição	1438	23,2			
Luz	3355	107,2			
Santa Catarina da Fonte do Bispo	1809	15,4			
Tavira (Santa Maria)	8836	69,9			
Tavira (Santiago)	6297	292,2			
Santo Estêvão	1180	41,2			
Santa Luzia	1455	171,2			
Cabanas de Tavira	1081	145,9			
Vila do Bispo	5258	29,4	5	5	5258
Barão de São Miguel	451	30,3			
Budens	1520	33,3			
Raposeira	460	17,9			
Sagres	1909	55,5			
Vila do Bispo	918	15,7			
Vila Real de Santo António	19156	312,8	0	3	0
Vila Nova de Cacela	3902	84,8			
Vila Real de Santo António	11946	1086,9			
Monte Gordo	3308	783,0			
Região Autónoma dos Açores	246746	106,3			
Região Autónoma dos Açores	246746	106,3			
Região Autónoma dos Açores	246746	106,3			
Vila do Porto	5552	57,3	4	5	2433
Almagreira	599	53,4			
Santa Bárbara	405	26,5			
Santo Espírito	588	22,0			
São Pedro	841	46,3			
Vila do Porto	3119	122,1			
Lagoa (R.A.A.)	14416	316,2	0	5	0

Água de Pau	3058	175,2			
Cabouco	1895	391,0			
Lagoa (Nossa Senhora do Rosário)	5396	827,5			
Lagoa (Santa Cruz)	3671	257,2			
Ribeira Chã	396	158,6			
Nordeste	4937	48,7			
Achada	436	36,7			
Achadinha	535	43,1			
Lomba da Fazenda	844	57,1			
Nordeste	1341	58,0			
Salga	488	63,3			
Santana	475	77,6			
Algarvia	290	53,7			
Santo António de Nordestinho	255	32,1			
São Pedro de Nordestinho	273	22,6			
Ponta Delgada	68809	295,3			
Arrifes	7086	279,4			
Candelária	1079	125,0			
Capelas	4080	242,1			
Covoadá	1341	148,5			
Fajã de Baixo	5050	1242,9			
Fajã de Cima	3438	289,1			
Fenais da Luz	2009	261,4			
Feteiras	1571	66,8			
Ginetes	1378	113,5			
Mosteiros	1123	125,5			
Ponta Delgada (São Sebastião)	3953	1185,1			
Ponta Delgada (São José)	5934	3578,7			
Ponta Delgada (São Pedro)	7742	2674,4			
Relva	3006	249,1			
Remédios	931	166,4			
Rosto do Cão (Livramento)	4062	726,9			
Rosto do Cão (São Roque)	4932	684,0			
Santa Bárbara	855	98,1			
Santo António	1829	155,7			
São Vicente Ferreira	2361	206,7			
Sete Cidades	793	41,3			
Ajuda da Bretanha	661	93,2			
Pilar da Bretanha	624	102,8			
Santa Clara	2971	1325,3			
Povoação	6327	59,5	5	6	4166
Água Retorta	489	39,0			

Faial da Terra	359	31,5			
Furnas	1439	41,8			
Nossa Senhora dos Remédios	1112	87,0			
Povoação	2161	82,4			
Ribeira Quente	767	84,9			
Ribeira Grande	32112	178,3	7	14	7657
Calhetas	988	210,3			
Fenais da Ajuda	1131	84,7			
Lomba da Maia	1152	56,3			
Lomba de São Pedro	284	34,4			
Maia	1900	86,5			
Pico da Pedra	2909	442,4			
Porto Formoso	1265	98,9			
Rabo de Peixe	8866	522,8			
Ribeira Grande (Conceição)	2425	190,5			
Ribeira Grande (Matriz)	3968	365,9			
Ribeira Seca	2950	234,3			
Ribeirinha	2349	130,6			
Santa Bárbara	1275	99,3			
São Brás	650	80,4			
Vila Franca do Campo	11229	144,0	2	6	2491
Água de Alto	1788	97,1			
Ponta Garça	3547	120,8			
Ribeira das Tainhas	703	73,3			
Vila Franca do Campo (São Miguel)	2659	211,1			
Vila Franca do Campo (São Pedro)	1426	573,9			
Ribeira Seca	1106	200,1			
Angra do Heroísmo	35402	148,1	8	19	7323
Altares	901	31,9			
Angra (Nossa Senhora da Conceição)	3717	1523,0			
Angra (Santa Luzia)	2755	2187,1			
Angra (São Pedro)	3460	946,2			
Angra (Sé)	955	578,8			
Cinco Ribeiras	704	65,2			
Doze Ribeiras	513	49,3			
Feteira	1239	236,1			
Porto Judeu	2501	82,6			
Posto Santo	1048	51,4			
Raminho	565	51,1			
Ribeirinha	2684	356,5			
Santa Bárbara	1274	77,7			
São Bartolomeu de Regatos	1983	79,3			

São Bento	2000	193,4			
São Mateus da Calheta	3757	628,2			
Serreta	335	23,3			
Terra Chã	2915	289,5			
Vila de São Sebastião	2096	87,6			
Vila da Praia da Vitória	21035	130,4			
Aqualva	1432	37,0			
Biscoitos	1424	52,6			
Cabo da Praia	712	223,8			
Fonte do Bastardo	1278	144,3			
Fontinhas	1594	131,3			
Lajes	3744	309,1			
Praia da Vitória (Santa Cruz)	6690	222,3			
Quatro Ribeiras	394	30,7			
São Brás	1088	232,6			
Vila Nova	1678	206,2			
Porto Martins	1001	291,7			
Santa Cruz da Graciosa	4391	72,4	3	11	3250
Guadalupe	1096	53,2			
Luz	683	58,4			
Praia (São Mateus)	836	65,2			
Santa Cruz da Graciosa	1776	114,5			
Calheta (R.A.A.)	3773	29,9			
Calheta	1275	67,8			
Norte Pequeno	220	18,2			
Ribeira Seca	1025	19,1			
Santo Antão	745	23,0			
Topo (Nossa Senhora do Rosário)	508	55,0			
Velas	5398	46,0			
Manadas (Santa Bárbara)	374	33,4			
Norte Grande (Neves)	532	16,7			
Rosais	743	30,7			
Santo Amaro	862	38,3			
Urzelina (São Mateus)	902	65,9			
Velas (São Jorge)	1985	142,9			
Lajes do Pico	4711	30,3	3	4	2615
Calheta de Nesquim	343	24,8			
Lajes do Pico	1802	33,9			
Piedade	844	65,9			
Ribeiras	925	27,1			
Ribeirinha	374	44,0			
São João	423	12,8			
Madalena	6049	41,1			
			5	6	3413
			5	6	3468

Bandeiras	626	28,2						
Candelária	822	27,7						
Criação Velha	768	41,8						
Madalena	2581	72,5						
São Caetano	480	20,1						
São Mateus	772	44,4						
São Roque do Pico	3388	23,8				5	5	3388
Prainha	547	21,0						
Santa Luzia	422	14,0						
Santo Amaro	288	24,3						
Santo António	815	25,4						
São Roque do Pico	1316	31,2						
Horta	14994	86,6				8	13	5373
Capelo	486	18,2						
Castelo Branco	1309	54,7						
Cedros	907	37,0						
Feteira	1899	131,4						
Flamengos	1604	109,7						
Horta (Angústias)	2418	638,3						
Horta (Conceição)	1138	368,9						
Horta (Matriz)	2562	1416,7						
Pedro Miguel	759	52,4						
Praia do Almoxarife	834	90,6						
Praia do Norte	250	18,1						
Ribeirinha	427	34,8						
Salão	401	38,5						
Lajes das Flores	1504	21,5				7	7	1504
Fajã Grande	202	15,6						
Fajãzinha	76	12,4						
Fazenda	257	27,1						
Lajedo	93	13,7						
Lajes das Flores	627	33,4						
Lomba	206	20,9						
Mosteiro	43	7,2						
Santa Cruz das Flores	2289	32,3				4	4	2289
Caveira	77	23,4						
Cedros	128	12,4						
Ponta Delgada	359	20,3						
Santa Cruz das Flores	1725	43,5						
Corvo	430	25,1				1	1	430
Corvo	430	25,1						
Região Autónoma da Madeira	267785	334,3						

Região Autónoma da Madeira	267785	334,3			
Região Autónoma da Madeira	267785	334,3			
Calheta (R.A.M.)	11521	103,3	3	8	2508
Arco da Calheta	3168	215,6			
Calheta	3163	134,9			
Estreito da Calheta	1607	112,2			
Fajã da Ovelha	895	40,4			
Jardim do Mar	204	276,6			
Paul do Mar	871	623,0			
Ponta do Pargo	909	36,8			
Prazeres	704	70,2			
Câmara de Lobos	35666	684,0	0	5	0
Câmara de Lobos	17986	2324,6			
Curral das Freiras	2001	79,9			
Estreito de Câmara de Lobos	10269	1304,9			
Quinta Grande	2099	506,9			
Jardim da Serra	3311	449,6			
Funchal	111892	1469,6	0	10	0
Imaculado Coração de Maria	6207	4569,8			
Monte	6701	360,5			
Funchal (Santa Luzia)	5866	4381,7			
Funchal (Santa Maria Maior)	13352	2744,8			
Santo António	27383	1235,4			
São Gonçalo	6587	933,3			
São Martinho	26482	3329,6			
Funchal (São Pedro)	7273	4881,8			
São Roque	9385	1251,5			
Funchal (Sé)	2656	694,8			
Machico	21828	320,1	0	5	0
Água de Pena	2434	472,9			
Canical	3924	334,8			
Machico	11256	643,7			
Porto da Cruz	2597	103,0			
Santo António da Serra	1617	187,6			
Ponta do Sol	8862	191,9	0	3	0
Canhas	3769	226,2			
Madalena do Mar	516	249,0			
Ponta do Sol	4577	166,7			
Porto Moniz	2711	32,7	4	4	2711
Achadas da Cruz	159	20,2			
Porto Moniz	1668	82,6			
Ribeira da Janela	228	12,3			

Seixal	656	18,0			
Ribeira Brava	13375	204,5	2	10	1985
Campanário	4582	390,4			
Ribeira Brava	6588	356,6			
Serra de Água	1049	43,4			
Tábua	1156	104,8			
Santa Cruz	43005	527,7			
Camacha	7449	376,8			
Canico	23368	1949,0			
Gaula	4028	579,8			
Santa Cruz	7224	257,6			
Santo António da Serra	936	63,4			
Santana	7719	80,8	4	6	4031
Arco de São Jorge	413	122,3			
Faial	1567	65,2			
Santana	3275	172,2			
São Jorge	1473	76,2			
São Roque do Faial	736	47,1			
Ilha	255	18,0			
São Vicente	5723	72,6	1	3	1221
Boa Ventura	1221	48,3			
Ponta Delgada	1363	145,2			
São Vicente	3139	71,1			
Porto Santo	5483	128,7	0	1	0
Porto Santo	5483	128,7			
Totais			2195	4265	1221224

População residente (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011), Sexo e Grupo etário; Decenal

Densidade populacional (N.º/ km²) por Local de residência (à data dos Censos 2011); Decenal

Nota: A laranja todas as freguesias com densidade populacional abaixo dos 100 habitantes/km2 e população residente inferior a 2000 habitantes.

ANEXO II

DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

Região NUT I e II	Concelho	Ruralidade	Escola	Nível de ensino	Turmas	Filhos	Pais	Avós
Norte	Macedo de Cavaleiros	37 freguesias rurais em 38 no total	Agrupamento Vertical de Escolas de Macedo de Cavaleiros	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
				Secundário	1	26	26	26
	Vieira do Minho	19 freguesias rurais em 21 no total	Agrupamento de Escolas Vieira de Araújo	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
				Secundário	1	26	26	26
Centro	Sabugal	40 freguesias rurais em 40 no total	Agrupamento de Escolas do Sabugal	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
				Secundário	1	26	26	26
	Penela	10 freguesias rurais em 10 no total	Agrupamento de Escolas Infante D. Pedro	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
				Secundário	1	26	26	26
Lisboa*								
Alentejo	Nisa	10 freguesias rurais em 10 no total	Agrupamento de Escolas de Nisa	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
				Secundário	1	26	26	26
	Odemira	15 freguesias rurais em 17 no total	Agrupamento de Escolas de Odemira**	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
	Mértola	8 freguesias rurais em 9 no total	Agrupamento de Escolas de Mértola	Secundário	1	26	26	26
Algarve	Vila do Bispo	5 freguesias rurais em 5 no total	Agrupamento de Escolas do Concelho de Vila do Bispo**	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
	Alcoutim	5 freguesias rurais em 5 no total	Agrupamento de Escolas do Concelho de Alcoutim**	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
Região Autónoma dos Açores	Nordeste	9 freguesias rurais em 9 no total	Escola Básica e Secundária do Nordeste	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
				Secundário	1	26	26	26
	Lajes do Pico	6 freguesias rurais em 6 no total	Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
				Secundário	1	26	26	26
Região Autónoma da Madeira	Porto Moniz	4 freguesias rurais em 4 no total	Escola Básica e Secundária do Porto Moniz	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
				Secundário	1	26	26	26
	Santana	4 freguesias rurais em 6 no total	Escola B+S Bispo D. Manuel Ferreira Cabral	2º ciclo	1	26	26	26
				3º ciclo	1	26	26	26
				Secundário	1	26	26	26
TOTAIS					34	884	884	884

ANEXO III

CARTA AO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA OS LIMIANOS

Ex.^{mo} Sr. Adriano Martins

Presidente da Associação Desportiva “Os Limianos”

Data: 09 de novembro de 2011

Assunto: Pedido de autorização para realização de investigação *Gerações de ecrã em meio rural*

Sou aluna do 2º ano do Doutoramento Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (UA/UP) e pretendo desenvolver o trabalho de investigação “**Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações**” com o principal objectivo de analisar a utilização dos *novos media*/ecrãs em âmbito rural, por três gerações (nascidas nos anos 50, 70 e 90), em contextos diferenciados como o trabalho/escola, o lazer e a família, e compreender se essa utilização é percebida pelos indivíduos como motivo de cooperação ou conflito.

É nesta qualidade que me dirijo a V.^a Ex.^a, solicitando autorização para contactar com as crianças e jovens da Associação Desportiva a que preside, assim como para utilizar as instalações para a realização das reuniões com os participantes na investigação.

As informações recolhidas serão efetuadas através de *focus group* (grupos de discussão) que deverão ser gravados e filmados para permitir uma melhor compreensão dos factos e para fins de investigação, no sentido de se poder fazer a análise das ideias discutidas. Contudo, nos relatórios de investigação os nomes serão substituídos por nomes fictícios e garantido o anonimato dos participantes.

Os resultados da investigação, orientada pela Professora Doutora Lídia Oliveira (lidia@ua.pt), serão apresentados na Universidade de Aveiro, em 2013, podendo, se desejar, contactar a autora para deles ter conhecimento.

Agradeço, antecipadamente, a colaboração.

Apresento os melhores cumprimentos,

Ana Melro

(Doutoranda do PD-ICPD)

ANEXO IV

CONSENTIMENTOS INFORMADOS ADULTOS E MENORES

Consentimento informado para participação em investigação

Gerações de ecrã em meio rural

O trabalho de investigação “**Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações**” está a ser desenvolvido no âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (UA/UP), e tem como principal objectivo analisar a utilização dos *novos media*/ecrãs em âmbito rural, por três gerações (nascidas nos anos 50, 70 e 90), em contextos diferenciados como o trabalho/escola, o lazer e a família, e compreender se essa utilização é percebida pelos indivíduos como motivo de cooperação ou conflito.

Pretende-se contribuir para o aprofundamento do conhecimento da temática, sendo necessário, para tal, incluir no estudo a participação de grupos criados para potenciar a discussão em torno dos *novos media* (televisão, computador e telemóvel). É por isso que **a sua colaboração é fundamental**.

Este estudo não lhe trará nenhuma despesa ou risco. As informações recolhidas serão efetuadas através de *focus group* (grupos de discussão) que deverão ser gravados para permitir uma melhor compreensão dos factos. Os participantes não serão identificados, sendo a confidencialidade das informações e o anonimato dos participantes mantido. As filmagens apenas serão usadas para fins de investigação, no sentido de se poder fazer a análise das ideias discutidas.

Os resultados da investigação, orientada pela Professora Doutora Lúcia Oliveira, serão apresentados na Universidade de Aveiro, em 2013, podendo, se desejar, contactar a autora para deles ter conhecimento.

A sua colaboração neste estudo é voluntária e pode retirar-se a qualquer altura ou recusar participar, sem que tal facto tenha consequências para si. Se aceitar participar, muito agradecemos a colaboração.

Declaro que aceito participar na investigação “**Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações**”

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

Consentimento informado para participação em investigação

Gerações de ecrã em meio rural

O trabalho de investigação “**Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações**” está a ser desenvolvido no âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (UA/UP), e tem como principal objectivo analisar a utilização dos *novos media*/ecrãs em âmbito rural, por três gerações (nascidas nos anos 50, 70 e 90), em contextos diferenciados como o trabalho/escola, o lazer e a família, e compreender se essa utilização é percebida pelos indivíduos como motivo de cooperação ou conflito.

Pretende-se contribuir para o aprofundamento do conhecimento da temática, sendo necessário, para tal, incluir no estudo a participação de grupos criados para potenciar a discussão em torno dos novos *media* (televisão, computador e telemóvel). É por isso que **a colaboração do(a) seu(sua) filho(a)/neto(a) é fundamental.**

Este estudo não lhe trará nenhuma despesa ou risco. As informações recolhidas serão efetuadas através de *focus group* (grupos de discussão) que deverão ser gravados para permitir uma melhor compreensão dos factos. Os participantes não serão identificados, sendo a confidencialidade das informações e o anonimato dos participantes mantido. As filmagens apenas serão usadas para fins de investigação, no sentido de se poder fazer a análise das ideias discutidas.

Os resultados da investigação, orientada pela Professora Doutora Lídia Oliveira, serão apresentados na Universidade de Aveiro, em 2013, podendo, se desejar, contactar a autora para deles ter conhecimento.

A colaboração neste estudo é voluntária e o seu(sua) filho(a)/neto(a) pode retirar-se a qualquer altura ou recusar participar, sem que tal facto tenha consequências. Se for concedida autorização para participar, muito agradecemos a colaboração.

Declaro que autorizo a participação do(a) meu(minha) filho(a)/neto(a) na investigação “**Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações**”

Data: ____/____/____

Assinatura: _____

ANEXO V

CARTA AOS PRESIDENTES DE AGRUPAMENTOS DE ESCOLA/ESCOLAS
NÃO AGRUPADAS



De: Lúdia Oliveira (lidia@ua.pt)

Departamento de Comunicação e Arte

Universidade de Aveiro

3810-193 Aveiro

Para: Exmo. Sr. Presidente da Escola B+S Bispo D. Manuel Ferreira Cabral - Santana

Prof. António Bernardino de Ornelas

Rua Dr. Albino de Menezes

9230-081 Santana

Madeira

Assunto: Pedido de autorização para realização da investigação *Gerações de ecrã em meio rural*

Eu, Lúdia J. Oliveira Loureiro da Silva, Professora no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, na qualidade de Orientadora do trabalho de investigação da aluna Ana Luísa Rego Melro, n.º mecanográfico 52435, do segundo ano do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, da Universidade de Aveiro e da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na sequência de primeiro contacto estabelecido no passado mês de fevereiro, venho por este meio solicitar a V. Ex.ª colaboração para a realização do inquérito por questionário.

Neste sentido, na Escola B+S Bispo D. Manuel Ferreira Cabral gostaríamos de realizar o inquérito por questionário aos **alunos pertencentes a 3 turmas, uma de cada nível de ensino (2º, 3º ciclo e secundário)**. Para o sucesso desta investigação é também necessário incluir as opiniões dos pais e avós sobre a temática em estudo. Assim, gostaríamos que solicitasse aos alunos das turmas que preenchem o questionário, que levem para casa um inquérito para ser preenchido pelos pais (mãe ou pai) e um pelos avós (avó ou avô). Por questões logísticas, são enviados 3 envelopes em separado, um para cada nível de ensino, com os inquéritos necessários para que cada aluno preencha, bem como os inquéritos que os alunos deverão entregar aos familiares referidos e trazer para a escola depois de preenchidos. Para além disso, são ainda enviados envelopes selados e endereçados que agradecemos utilizem para a devolução de todos os inquéritos preenchidos, de modo que a Escola não tenha nenhum custo financeiro com este processo. Segue ainda uma pequena nota de instruções dirigida aos professores das turmas onde os inquéritos vão ser aplicados.

De referir que já foi, previamente, solicitada autorização à Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular para a realização da investigação, tendo o parecer sido favorável.

Caso haja alguma questão que necessite do nosso esclarecimento poderá utilizar os emails anamelro@ua.pt (Ana Melro), lidia@ua.pt (Lúdia Oliveira). Colocamo-nos também à disposição para reunir com V. Ex.ª, ou com quem considere pertinente, para apresentarmos o projeto e esclarecermos eventuais dúvidas. Caso necessário, o contacto telefónico poderá ser realizado para 92 799 42 65 (Lúdia Oliveira).

Fico desde já muito grata por toda a atenção dada a este assunto.

Segura de que compreenderá a importância da Vossa colaboração para o desenvolvimento do nosso trabalho, aguardo a Vossa resposta.

Com os melhores cumprimentos,

Aveiro, maio de 2012

ANEXO VI

CARTA AOS DOCENTES DE TURMA

Exmo/a. Sr/a. Professor/a

Data: abril de 2012

Assunto: Pedido de colaboração no desenvolvimento da investigação *Gerações de ecrã em meio rural*

No âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (UA/UP) e da unidade curricular de Cibercultura, da Licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação, está a ser desenvolvido o trabalho de investigação “**Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos media no quotidiano rural de três gerações**” com o principal objetivo de analisar a utilização dos *novos media*/ecrãs em âmbito rural, por três gerações (filhos, pais e avós), em contextos diferenciados como o trabalho/escola, o lazer e a família, e compreender se essa utilização é percecionada pelos indivíduos como motivo de cooperação ou conflito.

É nesta qualidade que nos dirigimos a V.^a Ex.^a, solicitando a sua preciosa colaboração para o desenvolvimento da investigação, tendo a autorização da DGIDC sendo já solicitada e concedida. Para tal, pedimos que, antes da distribuição dos inquéritos por questionário que lhe foram entregues, leia atentamente as *Instruções para distribuição dos inquéritos por questionário* que seguem em anexo a esta carta.

Solicitamos ainda que, se possível, proceda à devolução dos inquéritos por questionário no prazo de 15 dias.

Sublinhamos que todas as informações recolhidas serão anónimas e confidenciais sendo, posteriormente, tratadas através de programas de estatística.

Os resultados da investigação, orientada pela Professora Doutora Lídia Oliveira, serão apresentados na Universidade de Aveiro, em 2013, podendo, se desejar, contactar as autoras para deles ter conhecimento.

Agradecemos, antecipadamente, a colaboração.

Subscrevemo-nos com os melhores cumprimentos,

Ana Melro
(Doutoranda)

Lídia Oliveira
(Orientadora)

ANEXO VII

INSTRUÇÕES PARA DISTRIBUIÇÃO DOS INQUÉRITOS POR
QUESTIONÁRIO

Instruções para distribuição dos inquéritos por questionário

Foi-lhe entregue 1 envelope com 3 blocos de inquéritos (como forma de distinção, no cabeçalho, canto superior direito, tem a designação “Filhos”, “Pais” e “Avós”), que solicitamos trate da seguinte forma:

Os questionários que têm escrito “**Filhos**” são os que devem ser preenchidos pelos **alunos, em sala de aula**¹.

Os questionários que têm escrito “**Pais**” e “**Avós**” devem ser entregues aos alunos, para que estes os levem para casa e solicitem a um dos pais (pai ou mãe) o preenchimento do questionário que está identificado no cabeçalho com “Pais” e um dos seus avós (avô ou avó) o preenchimento do questionário que está identificado no cabeçalho com “Avós”.

Solicitamos a sua colaboração para sensibilizar os alunos a devolver-lhe os questionários que levou para serem preenchidos pela família, no prazo máximo de **uma semana**.

Com os questionários seguem os envelopes vazios, selados e endereçados, que devem ser utilizados para a devolução de todos os questionários preenchidos (filhos, pais e avós).

Se desejar, envie-nos o seu nome e escola a que pertence para que lhe possamos passar uma declaração de colaboração neste estudo.

Uma vez que há alguma urgência em tratar a informação recolhida, solicitamos ainda que trate de todo este processo com a maior brevidade que lhe for possível.

Se houver alguma dúvida que necessite ver esclarecida queira, por favor, utilizar os contactos que seguem no rodapé deste documento.

Com este documento, seguem os pedidos de autorização que, se considerar conveniente, deve entregar aos alunos para que os respetivos encarregados de educação autorizem a sua participação no estudo.

Agradecemos toda a atenção que possa dedicar a este assunto.

¹ O tempo aproximado de preenchimento do questionário é de 20 a 25 minutos.

ANEXO VIII

CARTA AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Exmo/a. Sr/a.

Encarregado de educação

Data: abril de 2012

Assunto: Pedido de autorização para resposta ao inquérito por questionário *Gerações de ecrã em meio rural*

No âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (UA/UP) está a ser desenvolvido o trabalho de investigação **“Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações”** com o principal objetivo de analisar a utilização dos *novos media*/ecrãs em âmbito rural, por três gerações, em contextos diferenciados como o trabalho/escola, o lazer e a família, e compreender se essa utilização é percebida pelos indivíduos como motivo de cooperação ou conflito.

É nesta qualidade que nos dirigimos a V.^a Ex.^a, solicitando autorização para que o/a seu/sua educando/a responda ao inquérito por questionário que o/a professor/a irá entregar na turma.

As informações recolhidas serão anónimas e confidenciais sendo, posteriormente, tratadas através de programas de estatística.

Os resultados da investigação, orientada pela Professora Doutora Lídia Oliveira (lidia@ua.pt), serão apresentados na Universidade de Aveiro, em 2013, podendo, se desejar, contactar as autoras para deles ter conhecimento.

Agradecemos, antecipadamente, a colaboração.

Subscrevemo-nos com os melhores cumprimentos,

Ana Melro
(Doutoranda)

Lídia Oliveira
(Orientadora)

Declaro que autorizo a participação do meu educando, com o nome _____,
n.º _____, da turma _____, que frequenta a escola _____, na investigação
“Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações”

Data: ____/____/____ Assinatura: _____

ANEXO IX

CERTIFICADO DE COLABORAÇÃO



CERTIFICADO DE COLABORAÇÃO

Certifica-se que _____, docente no Agrupamento de Escolas/na Escola _____, colaborou na investigação “Gerações de ecrã em meio rural” – tese de doutoramento a ser desenvolvida na Universidade de Aveiro –, através da aplicação de inquéritos por questionário, e apoio no seu preenchimento, aos alunos do _____ a), respetivos pais e avós.

Aveiro, 17 de maio de 2012

Prof.^a Doutora Lúcia Oliveira da Silva

(Orientadora da tese de doutoramento)

2º ou 3º ciclo do Ensino Básico ou Ensino Secundário.

ANEXO X

GUIÕES DOS *FOCUS GROUPS*

Gerações de ecrã em meio rural

Sessão de Trabalho Monogeracional Anos 50 e 70 | Idades compreendidas entre os 52 e 61 e 32 e 41, respetivamente (9 elementos cada)
Duração aproximada: 1h30m

Apresentação do projeto

Apresentação dos objetivos da sessão – abordar um conjunto de aspetos relativos à utilização dos *media* (televisão, computador e telemóvel), a partir das experiências e conhecimentos dos intervenientes

Apresentação dos intervenientes

Pede-se uma reflexão sobre as seguintes temáticas tendo em consideração:

Tipo de *media* utilizado (televisão, computador, telemóvel, outros);

As preferências/motivos de utilização;

Contextos de utilização dos *media*;

Altura do dia da utilização (manhã, tarde, noite);

Os atores envolvidos (sozinhos ou acompanhados);

Os obstáculos/dificuldades/problemas encontrados.

(Aproximadamente 10 minutos por tópico)

Tipo de *media* utilizado

Do que se lembram relativamente à televisão, ao computador e ao telemóvel (onde tiveram acesso primeiro, quando tiveram os primeiros, para que utilizavam inicialmente, que sentimentos trouxe, quem ofereceu)?

Utilizam alguma tecnologia? Se sim, que tecnologias utilizam?

Com que frequência (diariamente, semanalmente, mensalmente)?

A frequência de utilização está relacionada com o quê (trabalho/escola/desemprego, tempo disponível, altura em que têm ajuda perto, a tecnologia está em local onde só podem utilizar naquela altura)?

O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias na capacidade de trabalho/estudo/estar informado/entretenimento?

As preferências/motivos de utilização

2.1. Gostam de utilizar tecnologias? Que tecnologia preferem utilizar?

2.2. Porque preferem utilizar a televisão ou o computador ou o telemóvel (facilidade de uso, anos de uso, o que permitem fazer, é o único *media* a que têm acesso)?

2.3. Gostariam de utilizar outras tecnologias? Quais? Porquê?

2.4. Que atividades realizam com as diferentes tecnologias (ler, pesquisar, ouvir música, televisão como companhia, trabalho, contactar outras pessoas)?

2.5. Dentro de cada tecnologia (televisão, computador, telemóvel), que aplicações utilizam com mais frequência (internet, programas de processamento de texto, entre outros, envio de sms, ver séries, filmes, telejornal)?

2.6. Que finalidades se prendem com a utilização de cada uma das tecnologias (ocupar tempo livre, distração, trabalho/estudo, estar em contacto com outras pessoas)?

Contextos de utilização dos *media*

- 3.1. Onde costumam utilizar as diferentes tecnologias (trabalho/escola, casa, rua, cafés)?
- 3.2. A utilização da tecnologia depende do contexto em que estão (trabalho/escola, lazer, família)? Se sim, em que sentido?
- 3.3. (Se as respostas à pergunta anterior não forem satisfatórias) Há contextos de utilização diferenciados dependendo da tecnologia? Se sim, porquê?
- 3.4. Sentem que se vivessem em meio urbano a utilização que fazem das diferentes tecnologias seria diferente?
- 3.6. Para adquirir a tecnologia onde obtiveram informação? Quando quiseram comprar tiveram facilidade em encontrar essa tecnologia aqui ou tiveram que ir a outra localidade ou na internet? Qual localidade?
- 3.7. Consideram que há diferenças entre os usos em contexto rural e urbano? Ou as diferenças advêm de outros factores?

Altura do dia da utilização das tecnologias

- 4.1. Quando utilizam mais cada uma das tecnologias (manhã, tarde, noite)?
- 4.2. O que define a sua utilização (disponibilidade, trabalho/escola, preferência, finalidades)?
- 4.3. Gostariam de utilizar mais ou menos vezes por dia/semana/mês? Porquê?
- 4.4. O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias na forma como cada um organiza o seu dia e faz a gestão do tempo?

Os atores envolvidos

- 5.1. Utilizam as tecnologias sozinhos ou acompanhados por alguém?
- 5.2. Se utilizam sozinhos, gostariam de ter alguém ou preferem como o fazem?
- 5.3. Consideram que há perigos que algumas tecnologias podem trazer? Se sim, podem falar de alguns?
- 5.4. Quem vos alerta para esses perigos?
- 5.5. Se não, nunca pensaram nisso ou acham que não há perigo algum?
- 5.6. O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias nos relacionamentos intergeracionais?
- 5.7. Consideram que as relações presenciais sofreram uma diminuição relativamente às virtuais? Qual a vossa opinião sobre isso?

Os obstáculos/dificuldades/problemas encontrados

- 6.1. Encontram algumas dificuldades na utilização das tecnologias? Se sim, que tipo de dificuldades e em que tecnologias? E porquê?
- 6.2. Têm alguém que ajude em caso de dificuldade? É mais velho ou mais novo? Qual é o tipo de relacionamento que têm com quem vos ajuda (familiar – quem, amigo, etc.)?
- 6.3. Que vantagens/desvantagens encontram na sua utilização (faz companhia, realização do trabalho mais fácil)?
- 6.4. Há conflitos/cooperação inter-pares (mesmas idades/ colegas de trabalho/escola) e intergeracionais devido ao uso ou (não uso) dos *media*?

Informação final: após a análise das “discussões” vai ser realizado um inquérito por questionário, gostaríamos, por isso, agora de saber a vossa opinião sobre o que seria interessante perguntar ou tentar compreender. O que vos gera curiosidade sobre o modo como as pessoas usam os *media* em casa, no lazer e no trabalho/escola.

Gerações de ecrã em meio rural

Sessão de Trabalho Monogeracional Anos 90 | Idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos (9 elementos)

Duração aproximada: 1h30m

Apresentação do projeto

Apresentação dos objetivos da sessão – abordar um conjunto de aspetos relativos à utilização dos *media* (televisão, computador e telemóvel), a partir das experiências e conhecimentos dos intervenientes

Apresentação dos intervenientes

Pede-se uma reflexão sobre as seguintes temáticas tendo em consideração:

Tipo de *media* utilizado (televisão, computador, telemóvel, outros);

As preferências/motivos de utilização;

Contextos de utilização dos *media*;

Altura do dia da utilização (manhã, tarde, noite);

Os atores envolvidos (sozinhos ou acompanhados);

Os obstáculos/dificuldades/problemas encontrados.

(Aproximadamente 10 minutos por tópico)

Tipo de *media* utilizado

Utilizam alguma tecnologia? Se sim, que tecnologias utilizam?

Com que frequência (diariamente, semanalmente, mensalmente)?

A frequência de utilização está relacionada com o quê (trabalho/escola/desemprego, tempo disponível, altura em que têm ajuda perto, a tecnologia está em local onde só podem utilizar naquela altura)?

O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias na capacidade de trabalho/estudo/estar informado/entretenimento?

As preferências/motivos de utilização

2.1. Gostam de utilizar tecnologias? Que tecnologia preferem utilizar?

2.2. Porque preferem utilizar a televisão ou o computador ou o telemóvel (facilidade de uso, anos de uso, o que permitem fazer, é o único *media* a que têm acesso)?

2.3. Gostariam de utilizar outras tecnologias? Quais? Porquê?

2.4. Que atividades realizam com as diferentes tecnologias (ler, pesquisar, ouvir música, televisão como companhia, trabalho, contactar outras pessoas)?

2.5. Dentro de cada tecnologia (televisão, computador, telemóvel), que aplicações utilizam com mais frequência (internet, programas de processamento de texto, entre outros, envio de sms, ver séries, filmes, telejornal)?

2.6. Que finalidades se prendem com a utilização de cada uma das tecnologias (ocupar tempo livre, distração, trabalho/estudo, estar em contacto com outras pessoas)?

Contextos de utilização dos *media*

- 3.1. Onde costumam utilizar as diferentes tecnologias (trabalho/escola, casa, rua, cafés)?
- 3.2. A utilização da tecnologia depende do contexto em que estão (trabalho/escola, lazer, família)? Se sim, em que sentido?
- 3.3. (Se as respostas à pergunta anterior não forem satisfatórias) Há contextos de utilização diferenciados dependendo da tecnologia? Se sim, porquê?
- 3.4. Sentem que se vivessem em meio urbano a utilização que fazem das diferentes tecnologias seria diferente?
- 3.5. Que oportunidades o uso destes *media* traz às pessoas do meio rural?
- 3.6. Para adquirir a tecnologia onde obtiveram informação? Quando quiseram comprar tiveram facilidade em encontrar essa tecnologia aqui ou tiveram que ir a outra localidade ou na internet? Qual localidade?
- 3.7. Consideram que há diferenças entre os usos em contexto rural e urbano? Ou as diferenças advêm de outros factores?

Altura do dia da utilização das tecnologias

- 4.1. Quando utilizam mais cada uma das tecnologias (manhã, tarde, noite)?
- 4.2. O que define a sua utilização (disponibilidade, trabalho/escola, preferência, finalidades)?
- 4.3. Gostariam de utilizar mais ou menos vezes por dia/semana/mês? Porquê?
- 4.4. O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias na forma como cada um organiza o seu dia e faz a gestão do tempo?

Os atores envolvidos

- 5.1. Utilizam as tecnologias sozinhos ou acompanhados por alguém?
- 5.2. Se utilizam sozinhos, gostariam de ter alguém ou preferem como o fazem?
- 5.3. Consideram que há perigos na utilização de algumas tecnologias? Se sim, podem falar de alguns?
- 5.4. Como tomaram conhecimento desses perigos?
- 5.5. Se não, nunca pensaram nisso ou acham que não há perigo algum?
- 5.6. O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias nos relacionamentos intergeracionais?
- 5.7. Consideram que as relações presenciais sofreram uma diminuição relativamente às virtuais? Qual a vossa opinião sobre isso?

Os obstáculos/dificuldades/problemas encontrados

- 6.1. Encontram algumas dificuldades na utilização das tecnologias? Se sim, que tipo de dificuldades e em que tecnologias? E porquê?
- 6.2. Têm alguém que ajude em caso de dificuldade? É mais velho ou mais novo? Qual é o tipo de relacionamento que têm com quem vos ajuda (familiar – quem, amigo, etc.)?
- 6.3. Que vantagens/desvantagens encontram na sua utilização (faz companhia, realização do trabalho mais fácil)?
- 6.4. Há conflitos/cooperação inter-pares (mesmas idades/ colegas de trabalho/escola) e intergeracionais devido ao uso ou (não uso) dos *media*?

Informação final: após a análise das “discussões” vai ser realizado um inquérito por questionário, gostaríamos, por isso, agora de saber a vossa opinião sobre o que seria interessante perguntar ou tentar compreender. O que vos gera curiosidade sobre o modo como as pessoas usam os *media* em casa, no lazer e no trabalho/escola.

Gerações de ecrã em meio rural

Sessão de Trabalho Multigeracional Anos 50, 70 e 90 (9 elementos)

Duração aproximada: 1h30m

Apresentação dos objetivos da sessão – colocar em discussão os membros de diferentes gerações, abordando um conjunto de aspetos relativos à utilização dos *media*

Solicitar e explicar a elaboração dos diários, durante 15 dias

Apresentação dos intervenientes

Pede-se uma reflexão sobre as seguintes temáticas tendo em consideração:

Tipo de *media* utilizado (televisão, computador, telemóvel, outros);

As preferências/motivos de utilização;

Os atores envolvidos (sozinhos ou acompanhados);

Os obstáculos/dificuldades/problemas encontrados;

Situações de cooperação/conflito.

(Aproximadamente 10 minutos por tópico)

Tipo de *media* utilizado

Do que se lembram relativamente à televisão, ao computador e ao telemóvel (onde tiveram acesso primeiro, quando tiveram os primeiros, para que utilizavam inicialmente, que sentimentos trouxe, quem ofereceu)?

Consideram que há diferenças significativas no acesso aos *media* entre as gerações? Que tipo de diferenças? Em que aspecto?

Utilizam alguma tecnologia? Se sim, que tecnologias utilizam?

Com que frequência (diariamente, semanalmente, mensalmente)?

A frequência de utilização está relacionada com o quê (trabalho/escola/desemprego, tempo disponível, altura em que têm ajuda perto, a tecnologia está em local onde só podem utilizar naquela altura)?

O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias na capacidade de trabalho/estudo/estar informado/entretenimento?

As preferências/motivos de utilização

2.1. Gostam de utilizar tecnologias? Que tecnologia preferem utilizar?

2.2. Porque preferem utilizar a televisão ou o computador ou o telemóvel (facilidade de uso, anos de uso, o que permitem fazer, é o único *media* a que têm acesso)?

2.3. Gostariam de utilizar outras tecnologias? Quais? Porquê?

2.4. Que atividades realizam com as diferentes tecnologias (ler, pesquisar, ouvir música, televisão como companhia, trabalho, contactar outras pessoas)?

2.5. Que finalidades se prendem com a utilização de cada uma das tecnologias (ocupar tempo livre, distração, trabalho, estar em contacto com outras pessoas)?

2.6. O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias na forma como cada um organiza o seu dia e faz a gestão do tempo?

Os atores envolvidos

3.1. Utilizam as tecnologias sozinhos ou acompanhados por alguém?

- 3.2. Se utilizam sozinhos, gostariam de ter alguém ou preferem como o fazem?
- 3.3. Consideram que há perigos na utilização de algumas tecnologias? Se sim, podem falar de alguns?
- 3.4. Como tomaram conhecimento desses perigos?
- 3.5. Se não, nunca pensaram nisso ou acham que não há perigo algum?
- 3.6. O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias nos relacionamentos intergeracionais?
- 3.7. Consideram que as relações presenciais sofreram uma diminuição relativamente às virtuais? Qual a vossa opinião sobre isso?

Os obstáculos/dificuldades/problemas encontrados

- 4.1. Encontram algumas dificuldades na utilização das tecnologias? Se sim, que tipo de dificuldades e em que tecnologias? E porquê?
- 4.2. Têm alguém que ajude em caso de dificuldade?
- 4.3. Que vantagens/desvantagens encontram na sua utilização (faz companhia, realização do trabalho mais fácil)?
- 4.4. Há conflitos/cooperação inter-pares (mesmas idades/ colegas de trabalho/escola) e intergeracionais devido ao uso ou (não uso) dos *media*?

5) Situações de cooperação/conflito

- 5.1. Com quem e onde aprenderam a trabalhar com os *media*?
- 5.2. Na utilização dos diferentes *media*, colocam algum tipo de entraves? Porquê?
- 5.3. Esses entraves são geradores de situações de conflito? Em que circunstâncias?
- 5.4. Como resolvem essas situações?
- 5.5. Ajudam-se na realização de algumas tarefas com os *media*? Partilham conhecimentos?
- 5.6. Se sim, quem ajuda mais quem?

Informação final: após a análise das “discussões” vai ser realizado um inquérito por questionário, gostaríamos, por isso, agora de saber a vossa opinião sobre o que seria interessante perguntar ou tentar compreender. O que vos gera curiosidade sobre o modo como as pessoas usam os *media* em casa, no lazer e no trabalho/escola.

ANEXO XI

DIÁRIOS

Número: _____

*“Gerações de ecrã em meio rural.
As práticas de utilização dos novos media no quotidiano rural de três gerações”*

Diários

Indique a década em que nasceu

1950

1970

1990

**Instruções de preenchimento:**

Onde refere **Outros locais**, pode indicar outros na linha criada para o efeito, para além daqueles que são indicados.

Onde refere ___h___m deve assinalar as horas e minutos que durou a utilização do *media* (exemplo: 1h25m).

Caso não tenha utilizado pode deixar o espaço em branco.

Na coluna **Com quem?** pretende saber-se se utilizou a televisão, computador/internet e/ou telemóvel na companhia de outra pessoa. Caso não tenha tido ninguém como companhia escreva sozinho(a).

Onde diz **Computador/internet** se quando utilizou o computador não o fez com acesso à internet, por favor corte internet (exemplo: ~~internet~~).

Dia 1 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Socializar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *média* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 2 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 3 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 4 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Socializar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 5 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *média* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 6 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 7 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *média* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 8 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 9 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 10 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 11 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.)	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 12 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 13 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 14 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Dia 15 | Data: 2011/12/___

Legenda: Manhã Tarde Noite

		Trabalhar/Estudar		Divertir		Sociabilizar	
		Duração	Com quem?	Duração	Com quem?	Duração	Com quem?
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Trabalho Escola	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Casa	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	
Outros locais (biblioteca, café, etc.) _____	Televisão	__h__m		__h__m		__h__m	
	Computador/ Internet	__h__m		__h__m		__h__m	
	Telemóvel	__h__m		__h__m		__h__m	

Qual foi o *media* (televisão, computador/internet e telemóvel) que teve mais importância neste dia? Porquê?

Gratas pela colaboração!

Ana Melro | almelro@gmail.com | 932844986

Lídia Oliveira | lidia@ua.pt

ANEXO XII

INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

*“Gerações de ecrã em meio rural.
As práticas de utilização dos novos media no quotidiano rural de três gerações”*

O presente inquérito por questionário é aplicado no âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, realizado no Departamento de Comunicação e Arte (DeCA), da Universidade de Aveiro e na Faculdade de Letras, da Universidade do Porto e da unidade curricular de Cibercultura da Licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação, da Universidade de Aveiro. O estudo, realizado entre 2010 e 2013, designa-se **Gerações de ecrã em meio rural** e pretende recolher informação relativamente à utilização dos *media* (televisão, computador e telemóvel), por três gerações, em meio rural.

Todos os dados recolhidos são estritamente confidenciais. A tua opinião é muito importante e, como tal, pedimos que respondas a todas as questões com o máximo de sinceridade. Não há respostas certas ou erradas. Se tiveres dúvidas, podes entrar em contacto com a aluna, através do email alrmelro@gmail.com ou do telemóvel 932 844 986. Ou se preferires podes entrar em contacto com a Orientadora, Prof.^a Lídia Oliveira, através do email lidia@ua.pt ou do telemóvel 927 994 265.

No final do preenchimento dos inquéritos, solicitamos que os devolvas ao/a professor/a através do/a qual tiveste acesso.

O inquérito demora entre 20 a 25 minutos a responder.

Desde já, muito obrigado pela tua colaboração.

Doutoranda: Ana Luísa Melro

Orientadora: Prof.^a Doutora Lídia Oliveira

Grupo I | Caracterização sociodemográfica

1.1 Sexo

Masculino

Feminino

1.2. Data de nascimento (mês/ano): _____ / _____

1.3. Indica o concelho da tua residência

1.4. Indica a freguesia da tua residência

1.5. Que nível de escolaridade frequentas? (Assinala com X)

2º ciclo (do 5º ao 6º ano)	
3º ciclo (do 7º ao 9º ano)	
Ensino secundário (do 10º ao 12º ano)	
Área de estudos _____	

1.6. Da lista abaixo, assinala com quem vives.

Relação de parentesco	N.º de pessoas
Pai	
Mãe	
Irmão(s)	Quantos?
Avós	Quantos?
Tio(s)	Quantos?
Outros. Quem? _____	

1.7. A que distância de tua casa tens... Cinema _____ quilómetros

Biblioteca _____ quilómetros

Grupo II | Posse e utilização dos *media*

2.1. Dos seguintes *media*, quais possuis e em que compartimento da casa se encontram? (Assinala com X todas as opções que se aplicam) (Quando se refere “equipamento isolado” deve entender-se o *media* como não estando associado a outros, por exemplo, se o rádio que tem é o telemóvel, nesse caso assinala apenas telemóvel).

<i>Media</i>	Compartimento da casa						Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Em toda a casa	Noutro local			
Televisão									
TV Cabo/Satélite									
Rádio (equipamento isolado)									
Telemóvel									
<i>Smartphone</i> (telemóvel com ecrã tátil)									
Telefone fixo									
Computador fixo									
Computador portátil									
Ligação à internet									
Outros. Quais? _____									

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.2. Quais os locais onde frequentemente utilizas os *media* e em que altura do dia? (Para cada local de utilização na coluna da esquerda, assinala com X o período do dia da utilização e o *media* utilizado)

Local	Altura do dia											
	Manhã				Tarde				Noite			
	TV	PC	Net	TM	TV	PC	Net	TM	TV	PC	Net	TM
Em casa: - No quarto												
- Na sala												
- No escritório												
Na escola												
Em casa de familiares/vizinhos/amigos												
Na rua												
Em locais de acesso público (parques, cafés, bibliotecas, etc.)												
Outros. Quais? _____												

TV: Televisão; PC: Computador; Net: Internet; TM: Telemóvel

2.3. Em que ano tiveste contacto pela primeira vez com a televisão, o computador, a internet e o telemóvel? (Escreve o ano se te recordares quando foi, ou assinala com X em “Sempre me lembro de ter em casa” caso te recordes de sempre teres tido o *media* em casa)

	Ano do primeiro contacto	Sempre me lembro de ter em casa
Televisão		
Computador		
Acesso à internet		
Telemóvel		

2.4. Com que frequência utilizas os seguintes *media*? (Assinala com X para cada um dos *media* o que melhor corresponde à tua situação)

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não tenho	NS/NR
Televisão							
Computador							
Internet							
Telemóvel							

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.5. Em média, quantas horas por dia passas... (Assinala com X para cada um dos *media* o que melhor corresponde à tua situação)

	Mais do que 12 horas por dia	Entre 9 e 12 horas por dia	Entre 6 e 9 horas por dia	Entre 3 e 6 horas por dia	Entre 1 e 3 horas por dia	Menos do que 1 hora por dia
... a ver televisão						
... ao computador						
... na internet						
... ao telemóvel						

2.6. Tens ligação à internet em casa? (Assinala com X todas as situações que melhor correspondem à tua situação)

Sim, através dos pacotes da Meo/Zon ou outro	
Sim, tenho uma pen portátil	
Sim, mas não é através de nenhuma das formas anteriores. Qual? _____	
Não, apenas tenho internet no telemóvel	
Não, apenas acedo à internet na escola	
Não tenho acesso à internet em casa, nem costumo aceder à internet noutro lugar	

2.6.1. Se não dispões de ligação à internet em casa, quais as razões? (Assinala com X o que melhor corresponde à tua opinião)

Não vejo utilidade/interesse	
Custo do equipamento e da mensalidade elevado	
Considero perigoso/prejudicial	
Preocupações com privacidade/segurança	
Outra razão. Qual? _____	

2.7. Indica o teu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinala com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR
1. A televisão é algo que já não dispense no dia a dia (mesmo em férias)							1.
2. Uso a televisão para me divertir (ver novelas, futebol, banda desenhada, outros)							2.
3. Uso a televisão para estar informado sobre os acontecimentos nacionais e internacionais							3.
4. A televisão para mim é uma forma de descansar do dia de escola							4.
5. A televisão é como uma companhia (quando eu estou em casa está sempre ligada)							5.
6. A gestão do meu dia é feita com base na utilização da televisão							6.
7. A televisão faz falta, mas preferia não depender tanto dela							7.
8. O computador é algo que já não dispense no dia a dia (mesmo em férias)							8.
9. Uso o computador para fazer trabalhos, pesquisas							9.
10. Uso o computador para aceder às redes sociais							10.
11. Uso o computador para conversar com pessoas que estão distantes e amigos e família mais próximos							11.
12. Uso o computador para jogar/para me divertir							12.
13. Considero ser uma vantagem o facto de o computador permitir realizar tarefas mais rapidamente							13.
14. Gosto de utilizar o computador/internet porque me permite estar sempre atualizado/informado							14.
15. A gestão do meu dia é feita com base na utilização do computador							15.
16. O computador faz falta, mas preferia não depender tanto dele							16.
17. O telemóvel é algo que já não dispense no dia a dia (mesmo em férias)							17.
18. Não gosto de utilizar o telemóvel porque tenho que estar sempre disponível							18.
19. Uso o telemóvel para estar sempre contactável e poder contactar amigos e família							19.
20. Uso o telemóvel para aceder à internet							20.
21. Considero ser uma vantagem o facto de o telemóvel permitir realizar tarefas mais rapidamente							21.
22. A gestão do meu dia é feita com base na utilização do telemóvel							22.
23. O telemóvel faz falta, mas preferia não depender tanto dele							23.

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.8. Indica o teu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinala com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR
O facto de ter computador portátil faz com que traga muitas vezes trabalho para casa							
Respondo a emails pessoais na escola							
Acedo a redes sociais na escola							
Vejo televisão na escola							
Quando vou de férias vejo informação sobre a escola na internet							
Quando estou na escola interrompo o que estiver a fazer para atender o telemóvel							

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.9. Na localidade onde resides, adquirir os seguintes *media* foi... (Assinala com X a opção que melhor corresponde à tua opinião)
(Pretendemos que indiques aqui se consideras que encontraste facilmente informação sobre o *media* que querias comprar e se o encontraste na localidade onde resides ou tiveste que te deslocar a outro lado para o adquirir, caso se aplique).

	... muito fácil	... fácil	... de dificuldade média (nem fácil, nem difícil)	... difícil	... muito difícil	NS/NR	NA
Televisão							
Computador							
Internet							
Telemóvel							

NS/NR: Não Sei/Não Respondo; NA: Não se Aplica à minha situação

2.10. Consideras que se vivesses em meio urbano, o tempo que despenderias na utilização dos *media* seria... (Assinala com X a opção que corresponde à tua opinião)

	... muito maior	... maior	... igual	... menor	... muito menor	NS/NR
Televisão						
Computador						
Internet						
Telemóvel						

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.10.1. Se respondeste “... muito maior” e/ou “... maior”, indica as razões.

2.11. Indica o teu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinala com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NS/NR
Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel						
Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto						
Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet						
Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos						

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.12. Porque utilizas os seguintes *media*? (Assinala com X, para cada *media*, todas as opções que melhor correspondem à tua opinião)

Motivos	Média			
	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel
Pela facilidade de uso				
Pela facilidade de acesso				
Pelo baixo custo				
Por que permite realizar mais atividades				
Porque gosto mais das atividades que permite realizar				
Porque dá acesso a informação				
Porque me permite contactar com outras pessoas				
Porque me faz companhia				
Outro. Qual? _____				

2.13. Considerando o teu conhecimento de utilização dos *média*, indica o teu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases? (Assinala com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)

	CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR
Conseguir configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais (ambiente de trabalho, criar pastas, etc.)							
Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais <i>online</i> , wikis, blogs, fóruns etc.							
Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							
Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais (colocar foto de fundo, mudar os menus, etc.)							
Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							
Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais (alterar ordem dos canais, etc.)							
Conseguir seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer (mudar de canal, ver programa gravado, etc.)							

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.14. A utilização dos seguintes *média* pode ser considerada... (Assinala com X apenas uma opção para cada média)

	... muito perigosa	... perigosa	... medianamente perigosa	... pouco perigosa	... nada perigosa	Não tenho opinião formada	NS/NR
Televisão							
Computador							
Internet							
Telemóvel							

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.14.1. Se assinalaste “Muito perigosa” e/ou “Perigosa”, indica as razões. (Assinala com X todas as opções que correspondem à tua opinião)

	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel
Conhecer pessoas perigosas				
Ficar viciado na utilização				
Aceder a páginas de internet perigosas				
Dar o número de telemóvel a estranhos				
Apanhar vírus informáticos				
Outros. Quais? _____				

3.1. Desde que começaste a usar a internet como é o teu contacto com as seguintes pessoas? (Assinala com X apenas uma opção para cada frase). Caso não uses a internet, passa para a questão seguinte.

	Aumentou	É igual	Diminuiu	NS/NR	NA
Amigos que vivem longe					
Família que vive longe					
Amigos que vivem perto					
Família que vive perto					
Pessoas com quem partilho os mesmos interesses pessoais e passatempos					
Colegas de escola					
Pessoas novas, que não conhecia previamente					

NS/NR: Não Sei/Não Respondo; NA: Não se Aplica à minha situação

3.2. Como achas que são hoje as relações sociais? (Assinala com X todas as opções que se aplicam)

Mais presenciais	
Mais virtuais	
Iguais ao passado (antes do computador, da internet e do telemóvel)	
Diferentes do passado e melhores	
Diferentes do passado e piores	

3.3. Como consideras as relações entre pessoas de diferentes gerações com a utilização dos *media* (usando os meios de comunicação como o telemóvel e a internet)? (Assinala com X apenas uma opção para cada relação)

	Mais próximas	Próximas	Iguais ao que eram antes do uso dos <i>media</i>	Distantes	Mais distantes	Não tenho opinião formada
Avós com netos						
Pais com filhos						
Relação entre irmãos						

3.4. Indica o teu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinala com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NA	NS/NR
Converso mais com os meus pais através do telemóvel do que antes de o ter						
Converso mais com os meus pais através da internet do que antes de a ter						
Converso mais com os meus avós através do telemóvel do que antes de o ter						
Converso mais com os meus avós através da internet do que antes de a ter						
Quando quero utilizar o computador/internet entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						
Quando quero utilizar a televisão entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						
Não preciso partilhar o meu telemóvel com ninguém da minha família						
O meu computador é utilizado apenas por mim						

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

3.5. Se tiveres alguma dificuldade ou problema com os seguintes *media* quem te ajuda habitualmente a resolver a situação? (Assinala com X todas as opções que se aplicam)

	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel
Pai				
Mãe				
Irmão(s)				
Amigos				
Não procuro ninguém, resolvo eu				
Outros. Quem? _____				

Gratas pela colaboração!
Ana Melro
Lídia Oliveira

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

“Gerações de ecrã em meio rural.

As práticas de utilização dos novos media no quotidiano rural de três gerações”

O presente inquérito por questionário é aplicado no âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, realizado no Departamento de Comunicação e Arte (DeCA), da Universidade de Aveiro e na Faculdade de Letras, da Universidade do Porto e da unidade curricular de Cibercultura da Licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação, da Universidade de Aveiro. O estudo, realizado entre 2010 e 2013, designa-se **Gerações de ecrã em meio rural** e pretende recolher informação relativamente à utilização dos *media* (televisão, computador e telemóvel), por três gerações, em meio rural.

Todos os dados recolhidos são estritamente confidenciais. A sua opinião é muito importante e, como tal, pedimos que responda a todas as questões com o máximo de sinceridade. Não há respostas certas ou erradas. Se tiver dúvidas, pode entrar em contacto com a aluna, através do email alrmelro@gmail.com ou do telemóvel 932 844 986. Ou se preferir pode entrar em contacto com a Orientadora, Prof.^a Lídia Oliveira, através do email lidia@ua.pt ou do telemóvel 927 994 265.

No final do preenchimento dos inquéritos, solicitamos que os devolvam ao/à vosso/a filho/a, por forma a que sejam entregues ao/à professor/a através do/a qual tiveram acesso.

O inquérito demora entre 20 a 25 minutos a responder.

Desde já, muito obrigado pela sua colaboração.

Doutoranda: Ana Luísa Melro

Orientadora: Professora Doutora Lídia Oliveira

Grupo I | Caracterização sociodemográfica

1.1 Sexo

- ☐ masculino
☐ feminino

1.2. Data de nascimento (mês/ano): _____ / _____

1.3. Estado civil

- ☐ Solteiro
☐ Casado/união de facto
☐ Divorciado/separado
☐ Viúvo

1.4. Indique o concelho da sua residência

1.5. Indique a freguesia da sua residência

1.6. Nível de formação. (Assinale com X)

Analfabeto	<input type="checkbox"/>	
1º ciclo incompleto	<input type="checkbox"/>	
1º ciclo (4ª classe)	<input type="checkbox"/>	
2º ciclo incompleto	<input type="checkbox"/>	
2º ciclo (6º ano)	<input type="checkbox"/>	
3º ciclo incompleto	<input type="checkbox"/>	
3º ciclo (9º ano)	<input type="checkbox"/>	
Ensino secundário incompleto. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Ensino secundário (12º ano). Área _____	<input type="checkbox"/>	
Licenciatura incompleta. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Licenciatura. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Pós-graduação/Mestrado. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Doutoramento. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	

1.7. Situação profissional

- Empregado por conta própria
Pessoal administrativo ou dos serviços
Militar
Funcionário público
Agricultor
Desempregado
Trabalhador familiar não remunerado
Técnico superior
Operário fabril
Estudante
Reformado/Pré-reforma
Outra situação. Qual? _____

1.8. Da lista abaixo, assinale com quem vive.

Relação	N.º de pessoas
Pai	
Mãe	
Marido	
Esposa	
Filho(s)	Quantos?
Irmão(s)	Quantos?
Outros. Quem? _____	

1.9. A que distância de sua casa tem...

Cinema _____ quilómetros

Biblioteca _____ quilómetros

Grupo II | Posse e utilização dos *media*

2.1. Dos seguintes *media*, quais possui e em que compartimento da casa se encontram? (Assinale com X **todas as opções** que se aplicam). (Quando se refere “equipamento isolado” deve entender-se o *media* como não estando associado a outros, por exemplo, se o rádio que tem é o telemóvel, nesse caso assinale apenas telemóvel).

<i>Media</i>	Compartimento da casa						Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Em toda a casa	Noutro local			
Televisão									
TV Cabo/Satélite									
Rádio (equipamento isolado)									
Telemóvel									
Smartphone (telemóvel com ecrã tátil)									
Telefone fixo									
Computador fixo									
Computador portátil									
Ligação à internet									
Outros. Quais?									

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.2. Quais os locais onde frequentemente utiliza os *media* e em que altura do dia? (Para cada local de utilização na coluna da esquerda, assinale com X o período do dia da utilização e o *media* utilizado)

Local	Altura do dia											
	Manhã				Tarde				Noite			
	TV	PC	Net	TM	TV	PC	Net	TM	TV	PC	Net	TM
Em casa: - No quarto												
- Na sala												
- No escritório												
No trabalho												
Em casa de familiares/vizinhos/amigos												
Na rua												
Em locais de acesso público (parques, cafés, bibliotecas, etc.)												
Outros. Quais?												

TV: Televisão; PC: Computador; Net: Internet; TM: Telemóvel

2.3. Em que ano teve o/a primeiro/a televisão, computador, internet e telemóvel? (Escreva o ano se se recordar quando foi comprado/oferecido ou assinale com X em “Sempre me lembro de ter em casa” caso se recorde de sempre ter tido o *media* em casa)

	Ano em que comprei/me ofereceram	Sempre me lembro de ter em casa
Televisão		
Computador		
Acesso à internet		
Telemóvel		

2.4. Com que frequência utiliza os seguintes *media*? (Assinale com X **para cada um dos *media*** o que melhor corresponde à sua situação)

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não tenho	NS/NR
Televisão							
Computador							
Internet							
Telemóvel							

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.5. Em média, quantas horas por dia passa... (Assinale com X **para cada um dos *media*** o que melhor corresponde à sua situação)

	Mais do que 12 horas por dia	Entre 9 e 12 horas por dia	Entre 6 e 9 horas por dia	Entre 3 e 6 horas por dia	Entre 1 e 3 horas por dia	Menos do que 1 hora por dia
... a ver televisão						
... ao computador						
... na internet						
... ao telemóvel						

2.6. Tem ligação à internet em casa? (Assinale com X todas as situações que melhor correspondem à sua situação)

Sim, adquiri através dos pacotes da Meo/Zon ou outro	
Sim, comprei uma pen portátil	
Sim, mas não é através de nenhuma das formas anteriores. Qual? _____	
Não, apenas tenho internet no telemóvel	
Não, apenas acedo à internet no trabalho	
Não tenho acesso à internet em casa, nem costumo aceder à internet noutro lugar	

2.6.1. Se não dispõe de ligação à internet em casa, quais as razões? (Assinale com X o que melhor corresponde à sua opinião)

Não vejo utilidade/interesse	
Custo do equipamento e da mensalidade elevado	
Considero perigoso/prejudicial	
Preocupações com privacidade/segurança	
Outra razão. Qual? _____	

2.7. Indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR
1. A televisão é algo que já não dispense no dia a dia (mesmo em férias)							1.
2. Uso a televisão para me divertir (ver novelas, futebol, banda desenhada, outros)							2.
3. Uso a televisão para estar informado sobre os acontecimentos nacionais e internacionais							3.
4. A televisão para mim é uma forma de descansar do dia de trabalho							4.
5. A televisão é como uma companhia (quando eu estou em casa está sempre ligada)							5.
6. A gestão do meu dia é feita com base na utilização da televisão							6.
7. A televisão faz falta, mas preferia não depender tanto dela							7.
8. O computador é algo que já não dispense no dia a dia (mesmo em férias)							8.
9. Uso o computador para fazer trabalhos, pesquisas							9.
10. Uso o computador para aceder às redes sociais							10.
11. Uso o computador para conversar com pessoas que estão distantes e amigos e família mais próximos							11.
12. Uso o computador para jogar/para me divertir							12.
13. Considero ser uma vantagem o facto de o computador permitir realizar tarefas mais rapidamente							13.
14. Gosto de utilizar o computador/internet porque me permite estar sempre atualizado/informado							14.
15. A gestão do meu dia é feita com base na utilização do computador							15.
16. O computador faz falta, mas preferia não depender tanto dele							16.
17. O telemóvel é algo que já não dispense no dia a dia (mesmo em férias)							17.
18. Não gosto de utilizar o telemóvel porque tenho que estar sempre disponível							18.
19. Uso o telemóvel para estar sempre contactável e poder contactar amigos e família							19.
20. Uso o telemóvel porque sou obrigado pelo trabalho que faço							20.
21. Uso o telemóvel para aceder à internet							21.
22. Considero ser uma vantagem o facto de o telemóvel permitir realizar tarefas mais rapidamente							22.
23. A gestão do meu dia é feita com base na utilização do telemóvel							23.
24. O telemóvel faz falta, mas preferia não depender tanto dele							24.

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NA: Não se Aplica ao meu caso; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.8. Indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR
O facto de ter computador portátil faz com que traga muitas vezes trabalho para casa							
Respondo a emails pessoais no trabalho							
Acedo a redes sociais no trabalho							
Vejo televisão no trabalho							
Quando vou de férias vejo informação sobre o trabalho na internet							
Quando estou a trabalhar interrompo o que estiver a fazer para atender o telemóvel							

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.9. Na localidade onde reside, adquirir os seguintes *media* foi-lhe... (Assinale com X a opção que melhor corresponde à sua opinião)
(Pretendemos que indique aqui se considera que encontrou facilmente informação sobre o *media* que queria comprar e se o encontrou na localidade onde reside ou teve que se deslocar a outro lado para o adquirir, caso se aplique).

	... muito fácil	... fácil	... de dificuldade média (nem fácil, nem difícil)	... difícil	... muito difícil	NA	NS/NR
Televisão							
Computador							
Internet							
Telemóvel							

NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.10. Considera que se vivesse em meio urbano, o tempo que despenderia na utilização dos *media* seria... (Assinale com X a opção que corresponde à sua opinião)

	... muito maior	... maior	... igual	... menor	... muito menor	NS/NR
Televisão						
Computador						
Internet						
Telemóvel						

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.10.1. Se respondeu "... muito maior" e/ou "... maior", indique as razões.

2.11. Indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NS/NR
Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel						
Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto						
Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet						
Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos						

2.12. Dos seguintes *media*, assinale com X os que utiliza.

☐ Televisão ☐ Computador ☐ Internet ☐ Telemóvel

2.12.1. Dos *media* que assinalou como utilizando, indique porque o faz? (Assinale com X, para cada *media*, todas as opções que melhor correspondem à sua opinião)

Motivos	<i>Media</i>			
	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel
Pela facilidade de uso				
Pela facilidade de acesso				
Pelo baixo custo				
Por que permite realizar mais atividades				
Porque gosto mais das atividades que permite realizar				
Porque dá acesso a informação				
Porque me permite contactar com outras pessoas				
Porque me faz companhia				
Outro. Qual?				

2.13. Considerando o seu conhecimento de utilização dos *media*, indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR
Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais (ambiente de trabalho, criar pastas, etc.)							
Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais <i>online</i> , wikis, blogs, fóruns etc.							
Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							
Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais (colocar foto de fundo, mudar os menus, etc.)							
Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							
Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais (alterar ordem dos canais, etc.)							
Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer (mudar de canal, ver programa gravado, etc.)							

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.14. A utilização dos seguintes *media* pode ser considerada... (Assinale com X apenas uma opção para cada media)

	... muito perigosa	... perigosa	... medianamente perigosa	... pouco perigosa	... nada perigosa	Não tenho opinião formada	NS/NR
Televisão							
Computador							
Internet							
Telemóvel							

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.14.1. Se assinalou “Muito perigosa” e/ou “Perigosa”, indique as razões. (Assinale com X todas as opções que correspondem à sua opinião)

	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel
Conhecer pessoas perigosas				
Ficar viciado na utilização				
Aceder a páginas de internet perigosas				
Dar o número de telemóvel a estranhos				
Apanhar vírus informáticos				
Outros. Quais?				

Grupo III | Os atores envolvidos na utilização dos *media*

3.1. Desde que começou a usar a internet como é o seu contacto com as seguintes pessoas? (Assinale com X apenas uma opção para cada frase). Caso não use a internet, passe para a questão seguinte.

	Aumentou	É igual	Diminuiu	NA	NS/NR
Amigos que vivem longe					
Família que vive longe					
Amigos que vivem perto					
Família que vive perto					
Pessoas com quem partilho os mesmos interesses pessoais e passatempos					
Colegas de trabalho					
Pessoas novas, que não conhecia previamente					

NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

3.2. Como acha que são hoje as relações sociais? (Assinale com X todas as opções que se aplicam)

Mais presenciais	
Mais virtuais	
Iguais ao passado (antes do computador, da internet e do telemóvel)	
Diferentes do passado e melhores	
Diferentes do passado e piores	

3.3. Como considera as relações entre pessoas de diferentes gerações com a utilização dos *media* (usando os meios de comunicação como o telemóvel e a internet)? (Assinale com X apenas uma opção para cada relação)

	Mais próximas	Próximas	Iguais ao que eram antes do uso dos <i>media</i>	Distantes	Mais distantes	Não tenho opinião formada
Avós com netos						
Pais com filhos						
Relação entre irmãos						

3.4. Indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NA	NS/NR
Converso mais com os meus filhos através do telemóvel do que antes de o ter						
Converso mais com os meus filhos através da internet do que antes de a ter						
Quando quero utilizar o computador/internet entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						
Quando quero utilizar a televisão entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						
Não preciso partilhar o meu telemóvel com ninguém da minha família						
O meu computador é utilizado apenas por mim						

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

3.5. Se tiver alguma dificuldade ou problema com os seguintes *media* quem o ajuda habitualmente a resolver a situação? (Assinale com X todas as opções que se aplicam)

	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel
Marido/Esposa				
Filho(s)				
Irmão(s)				
Amigos				
Não procuro ninguém, resolvo eu				
Outros. Quem?				

Gratas pela colaboração!

Ana Melro
Lídia Oliveira

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

*“Gerações de ecrã em meio rural.
As práticas de utilização dos novos media no quotidiano rural de três gerações”*

O presente inquérito por questionário é aplicado no âmbito do Doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, realizado no Departamento de Comunicação e Arte (DeCA), da Universidade de Aveiro e na Faculdade de Letras, da Universidade do Porto e da unidade curricular de Cibercultura da Licenciatura em Novas Tecnologias da Comunicação, da Universidade de Aveiro. O estudo, realizado entre 2010 e 2013, designa-se **Gerações de ecrã em meio rural** e pretende recolher informação relativamente à utilização dos *media* (televisão, computador e telemóvel), por três gerações, em meio rural.

Todos os dados recolhidos são estritamente confidenciais. A sua opinião é muito importante e, como tal, pedimos que responda a todas as questões com o máximo de sinceridade. Não há respostas certas ou erradas. Se tiver dúvidas, pode entrar em contacto com a aluna, através do email alrmelro@gmail.com ou do telemóvel 932 844 986. Ou se preferir pode entrar em contacto com a Orientadora, Prof.^a Lídia Oliveira, através do email lidia@ua.pt ou do telemóvel 927 994 265.

No final do preenchimento dos inquéritos, solicitamos que os devolvam ao/à vosso/a neto/a, por forma a que sejam entregues ao/à professor/a através do/a qual tiveram acesso.

O inquérito demora entre 20 a 25 minutos a responder.

Desde já, muito obrigado pela sua colaboração.

Doutoranda: Ana Luísa Melro

Orientadora: Professora Doutora Lídia Oliveira

Grupo I | Caracterização sociodemográfica

1.1 Sexo

- ☐ masculino
☐ feminino

1.2. Data de nascimento (mês/ano): _____ / _____

1.3. Estado civil

- ☐ Solteiro
☐ Casado/união de facto
☐ Divorciado/separado
☐ Viúvo

1.4. Indique o concelho da sua residência

1.5. Indique a freguesia da sua residência

1.6. Nível de formação. (Assinale com X)

Analfabeto	<input type="checkbox"/>	
1º ciclo incompleto	<input type="checkbox"/>	
1º ciclo (4ª classe)	<input type="checkbox"/>	
2º ciclo incompleto	<input type="checkbox"/>	
2º ciclo (6º ano)	<input type="checkbox"/>	
3º ciclo incompleto	<input type="checkbox"/>	
3º ciclo (9º ano)	<input type="checkbox"/>	
Ensino secundário incompleto. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Ensino secundário (12º ano). Área _____	<input type="checkbox"/>	
Licenciatura incompleta. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Licenciatura. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Pós-graduação/Mestrado. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Doutoramento. Área _____	<input type="checkbox"/>	
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	

1.7. Situação profissional

- Empregado por conta própria
Pessoal administrativo ou dos serviços
Militar
Funcionário público
Agricultor
Desempregado
Trabalhador familiar não remunerado
Técnico superior
Operário fabril
Estudante
Reformado/Pré-reforma
Outra situação. Qual? _____

1.8. Da lista abaixo, assinale com quem vive.

Relação	N.º de pessoas
Pai	
Mãe	
Marido	
Esposa	
Filho(s)	Quantos?
Neto(s)	Quantos?
Irmão(s)	Quantos?
Outros. Quem? _____	

1.9. A que distância de sua casa tem...

Cinema _____ quilómetros

Biblioteca _____ quilómetros

Grupo II | Posse e utilização dos *media*

2.1. Dos seguintes *media*, quais possui e em que compartimento da casa se encontram? (Assinale com X **todas as opções** que se aplicam). (Quando se refere “equipamento isolado” deve entender-se o *media* como não estando associado a outros, por exemplo, se o rádio que tem é o telemóvel, nesse caso assinale apenas telemóvel).

<i>Media</i>	Compartimento da casa						Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Em toda a casa	Noutro local			
Televisão									
TV Cabo/Satélite									
Rádio (equipamento isolado)									
Telemóvel									
Smartphone (telemóvel com ecrã tátil)									
Telefone fixo									
Computador fixo									
Computador portátil									
Ligação à internet									
Outros. Quais?									

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.2. Quais os locais onde frequentemente utiliza os *media* e em que altura do dia? (Para cada local de utilização na coluna da esquerda, assinale com X o período do dia da utilização e o *media* utilizado)

Local	Altura do dia											
	Manhã				Tarde				Noite			
	TV	PC	Net	TM	TV	PC	Net	TM	TV	PC	Net	TM
Em casa: - No quarto												
- Na sala												
- No escritório												
No trabalho												
Em casa de familiares/vizinhos/amigos												
Na rua												
Em locais de acesso público (parques, cafés, bibliotecas, etc.)												
Outros. Quais?												

TV: Televisão; PC: Computador; Net: Internet; TM: Telemóvel

2.3. Em que ano teve o/a primeiro/a televisão, computador, internet e telemóvel? (Escreva o ano se se recordar quando foi comprado/oferecido ou assinale com X em “Sempre me lembro de ter em casa” caso se recorde de sempre ter tido o *media* em casa)

	Ano em que comprei/me ofereceram	Sempre me lembro de ter em casa
Televisão		
Computador		
Acesso à internet		
Telemóvel		

2.4. Com que frequência utiliza os seguintes *media*? (Assinale com X **para cada um dos *media*** o que melhor corresponde à sua situação)

	Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não tenho	NS/NR
Televisão							
Computador							
Internet							
Telemóvel							

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.5. Em média, quantas horas por dia passa... (Assinale com X para cada um dos media o que melhor corresponde à sua situação)

	Mais do que 12 horas por dia	Entre 9 e 12 horas por dia	Entre 6 e 9 horas por dia	Entre 3 e 6 horas por dia	Entre 1 e 3 horas por dia	Menos do que 1 hora por dia
... a ver televisão						
... ao computador						
... na internet						
... ao telemóvel						

2.6. Tem ligação à internet em casa? (Assinale com X todas as situações que melhor correspondem à sua situação)

Sim, adquiri através dos pacotes da Meo/Zon ou outro	
Sim, comprei uma pen portátil	
Sim, mas não é através de nenhuma das formas anteriores. Qual?	
Não, apenas tenho internet no telemóvel	
Não, apenas acedo à internet no trabalho	
Não tenho acesso à internet em casa, nem costumo aceder à internet noutro lugar	

2.6.1. Se não dispõe de ligação à internet em casa, quais as razões? (Assinale com X o que melhor corresponde à sua opinião)

Não vejo utilidade/interesse	
Custo do equipamento e da mensalidade elevado	
Considero perigoso/prejudicial	
Preocupações com privacidade/segurança	
Outra razão. Qual?	

2.7. Indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR
1. A televisão é algo que já não dispenso no dia a dia (mesmo em férias)							1.
2. Uso a televisão para me divertir (ver novelas, futebol, banda desenhada, outros)							2.
3. Uso a televisão para estar informado sobre os acontecimentos nacionais e internacionais							3.
4. A televisão para mim é uma forma de descansar do dia de trabalho							4.
5. A televisão é como uma companhia (quando eu estou em casa está sempre ligada)							5.
6. A gestão do meu dia é feita com base na utilização da televisão							6.
7. A televisão faz falta, mas preferia não depender tanto dela							7.
8. O computador é algo que já não dispenso no dia a dia (mesmo em férias)							8.
9. Uso o computador para fazer trabalhos, pesquisas							9.
10. Uso o computador para aceder às redes sociais							10.
11. Uso o computador para conversar com pessoas que estão distantes e amigos e família mais próximos							11.
12. Uso o computador para jogar/para me divertir							12.
13. Considero ser uma vantagem o facto de o computador permitir realizar tarefas mais rapidamente							13.
14. Gosto de utilizar o computador/internet porque me permite estar sempre atualizado/informado							14.
15. A gestão do meu dia é feita com base na utilização do computador							15.
16. O computador faz falta, mas preferia não depender tanto dele							16.
17. O telemóvel é algo que já não dispenso no dia a dia (mesmo em férias)							17.
18. Não gosto de utilizar o telemóvel porque tenho que estar sempre disponível							18.
19. Uso o telemóvel para estar sempre contactável e poder contactar amigos e família							19.
20. Uso o telemóvel porque sou obrigado pelo trabalho que faço							20.
21. Uso o telemóvel para aceder à internet							21.
22. Considero ser uma vantagem o facto de o telemóvel permitir realizar tarefas mais rapidamente							22.
23. A gestão do meu dia é feita com base na utilização do telemóvel							23.
24. O telemóvel faz falta, mas preferia não depender tanto dele							24.

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NA: Não se Aplica ao meu caso; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.8. Indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR
O facto de ter computador portátil faz com que traga muitas vezes trabalho para casa							
Respondo a emails pessoais no trabalho							
Acedo a redes sociais no trabalho							
Vejo televisão no trabalho							
Quando vou de férias vejo informação sobre o trabalho na internet							
Quando estou a trabalhar interrompo o que estiver a fazer para atender o telemóvel							

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.9. Na localidade onde reside, adquirir os seguintes *media* foi-lhe... (Assinale com X a opção que melhor corresponde à sua opinião)
(Pretendemos que indique aqui se considera que encontrou facilmente informação sobre o *media* que queria comprar e se o encontrou na localidade onde reside ou teve que se deslocar a outro lado para o adquirir, caso se aplique).

	... muito fácil	... fácil	... de dificuldade média (nem fácil, nem difícil)	... difícil	... muito difícil	NA	NS/NR
Televisão							
Computador							
Internet							
Telemóvel							

NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.10. Considera que se vivesse em meio urbano, o tempo que despenderia na utilização dos *media* seria... (Assinale com X a opção que corresponde à sua opinião)

	... muito maior	... maior	... igual	... menor	... muito menor	NS/NR
Televisão						
Computador						
Internet						
Telemóvel						

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.10.1. Se respondeu “... muito maior” e/ou “... maior”, indique as razões.

2.11. Indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NS/NR
Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel						
Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto						
Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet						
Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos						

2.12. Dos seguintes *media*, assinale com X os que utiliza.

☐ televisão ☐ Computador ☐ Internet ☐ Telemóvel

2.12.1. Dos *media* que assinalou como utilizando, indique porque o faz? (Assinale com X, para cada *media*, todas as opções que melhor correspondem à sua opinião)

Motivos	<i>Media</i>			
	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel
Pela facilidade de uso				
Pela facilidade de acesso				
Pelo baixo custo				
Por que permite realizar mais atividades				
Porque gosto mais das atividades que permite realizar				
Porque dá acesso a informação				
Porque me permite contactar com outras pessoas				
Porque me faz companhia				
Outro. Qual?				

2.13. Considerando o seu conhecimento de utilização dos *media*, indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases? (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR
Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais (ambiente de trabalho, criar pastas, etc.)							
Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais <i>online</i> , wikis, blogs, fóruns etc.							
Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							
Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais (colocar foto de fundo, mudar os menus, etc.)							
Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							
Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais (alterar ordem dos canais, etc.)							
Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer (mudar de canal, ver programa gravado, etc.)							

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NO: Não tenho Opinião; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.14. A utilização dos seguintes *media* pode ser considerada... (Assinale com X apenas uma opção para cada media)

	... muito perigosa	... perigosa	... medianamente perigosa	... pouco perigosa	... nada perigosa	Não tenho opinião formada	NS/NR
Televisão							
Computador							
Internet							
Telemóvel							

NS/NR: Não Sei/Não Respondo

2.14.1. Se assinalou “Muito perigosa” e/ou “Perigosa”, indique as razões. (Assinale com X todas as opções que correspondem à sua opinião)

	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel
Conhecer pessoas perigosas				
Ficar viciado na utilização				
Aceder a páginas de internet perigosas				
Dar o número de telemóvel a estranhos				
Apanhar vírus informáticos				
Outros. Quais?				

3.1. Desde que começou a usar a internet como é o seu contacto com as seguintes pessoas. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)? Caso não use a internet, passe para a questão seguinte.

	Aumentou	É igual	Diminuiu	NA	NS/NR
Amigos que vivem longe					
Família que vive longe					
Amigos que vivem perto					
Família que vive perto					
Pessoas com quem partilho os mesmos interesses pessoais e passatempos					
Colegas de trabalho					
Pessoas novas, que não conhecia previamente					

NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

3.2. Como acha que são hoje as relações sociais? (Assinale com X todas as opções que se aplicam)

Mais presenciais	
Mais virtuais	
Iguais ao passado (antes do computador, da internet e do telemóvel)	
Diferentes do passado e melhores	
Diferentes do passado e piores	

3.3. Como considera as relações entre pessoas de diferentes gerações com a utilização dos *media* (usando os meios de comunicação como o telemóvel e a internet)? (Assinale com X apenas uma opção para cada relação)

	Mais próximas	Próximas	Iguais ao que eram antes do uso dos <i>media</i>	Distantes	Mais distantes	Não tenho opinião formada
Avós com netos						
Pais com filhos						
Relação entre irmãos						

3.4. Indique o seu grau de concordância ou discordância relativamente a cada uma das seguintes frases. (Assinale com X apenas uma opção para cada frase)

(ver no fundo da tabela o significado das opções de resposta)	CT	C	D	DT	NA	NS/NR
Converso mais com os meus filhos através do telemóvel do que antes de o ter						
Converso mais com os meus filhos através da internet do que antes de a ter						
Converso mais com os meus netos através do telemóvel do que antes de o ter						
Converso mais com os meus netos através da internet do que antes de a ter						
Quando quero utilizar o computador/internet entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						
Quando quero utilizar a televisão entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						
Não preciso partilhar o meu telemóvel com ninguém da minha família						
O meu computador é utilizado apenas por mim						

CT: Concordo Totalmente; C: Concordo; D: Discordo; DT: Discordo Totalmente; NA: Não se Aplica à minha situação; NS/NR: Não Sei/Não Respondo

3.5. Se tiver alguma dificuldade ou problema com os seguintes *media* quem o ajuda habitualmente a resolver a situação? (Assinale com X todas as opções que se aplicam)

	Televisão	Computador	Internet	Telemóvel
Marido/Esposa				
Filhos				
Netos				
Irmãos				
Amigos				
Não procuro ninguém, resolvo eu				
Outros. Quem?				

Gratas pela colaboração!

Ana Melro
Lídia Oliveira

ANEXO XIII

COMUNICAÇÕES E PUBLICAÇÕES SUBMETIDAS NO ÂMBITO DO
DOUTORAMENTO

Comunicações

Conferência/Congresso/Seminário: 7º SOPCOM. Meios Digitais e Indústrias Criativas – os efeitos e os desafios da Globalização

Data: 15 a 17 de dezembro de 2011

Local: Universidade do Porto, Portugal

Título do trabalho submetido: Gerações de ecrã em meio rural

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Resumo:

Esta comunicação propõe apresentar o estudo que visa compreender a apropriação e perceção dos usos dos novos *media* pelas diferentes gerações (estudo intergeracional), focado no contexto rural, por ser fortemente considerado como uma zona em desvantagem quanto à proliferação dos *media* e das tecnologias de informação e comunicação, quando comparada com a urbana.

A investigação debruça-se sobre a utilização dos novos *media* – televisão, computador e telemóvel –, por três gerações distintas – nascidos nos anos 1950, 1970 e 1990 –, em diferentes contextos – laboral/escolar, familiar e de lazer –, no meio rural. Desta forma, a principal relevância do estudo encontra-se no cruzamento de variáveis que aqui estão em causa, pouco comuns nas pesquisas sobre as quais se fez revisão. É central no estudo o cruzamento de conceitos como meio rural e os novos *media*/ecrãs.

O ecrã assume aqui um papel central, de proximidade evidente e quase íntima com o indivíduo, que o vivencia e utiliza como uma segunda pele para a realização das variadas atividades quotidianas. É através do ecrã que o indivíduo vê para lá da televisão, do computador e do telemóvel, sendo cada vez mais difícil a existência de uma separação, quer do indivíduo para com o ecrã, quer das próprias atividades para com o meio e, consequentemente, o ecrã.

A questão de investigação orientadora é: Quais as dinâmicas de utilização dos novos *media*/ecrãs em três gerações distintas, em meio rural?

O quadro conceptual do estudo tem como conceito central a utilização de novos *media*/ecrãs, que obriga a refletir sobre os conceitos de meio rural, gerações e os contextos laboral/escolar, familiar e de lazer. Assim, em termos dos estudos para as gerações serão importantes autores como Shmuel Noah Eisenstadt, Karl Mannheim e Margaret Mead, que contribuem com estudos mais qualitativos, mas não descurando o aspeto quantitativo do conceito, sendo indicadores importantes a década de nascimento, o ano de nascimento/idade, a interação social entre as diferentes gerações e o sentimento de pertença/valores comuns.

Para o estudo do rural, será pertinente compreender de que forma se define este meio (em oposição ao urbano e semiurbano) e como reside hoje a população, comparativamente com as formas de fazer e ser do passado.

Os diferentes contextos de utilização dos novos *media* têm também uma importância enorme na definição conceptual da investigação, uma vez que será através da sua compreensão que se obterá resposta a questões que enriquecerão o estudo, por exemplo, como se fará a reorganização e redefinição de tempos e espaços para a inclusão dos ecrãs? Que alterações são mais visíveis em termos de relações sociais? Serão preferidas as relações virtuais em detrimento das presenciais?

A investigação visa compreender o papel dos novos *media* enquanto elemento de promoção de cooperação e/ou conflito intergeracional, sobretudo, através da realização dos diferentes grupos de discussão pensados, mas também através da realização dos inquéritos e dos diários.

Estado: Aceite e apresentado (publicado em atas, disponível em http://sopcom2011.up.pt/media/SOPCOM_2011_Atas.pdf)

Conferência/Congresso/Seminário: VII Congresso Português de Sociologia. Sociedade, Crise e Reconfigurações

Data: 19-22 de junho de 2012

Local: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Título do trabalho submetido: Utilização dos novos *media* por três gerações de meio rural: apresentação de resultados dos *focus groups* e diários

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Resumo:

Será a utilização de novos *media* realizada de forma diferente dependendo das gerações, residentes em meio rural? Esta é a questão que serve de mote a uma investigação que pretende compreender que utilização os indivíduos nascidos nas décadas de 50, 70 e 90, e que se encontram inseridos no meio rural, fazem dos *media*, nomeadamente, da televisão, do computador e do telemóvel, os três ecrãs. Assim, e uma vez que estão em estudo três das principais tecnologias utilizadas no quotidiano, é importante compreender como se faz essa utilização nos diferentes contextos, como o/a trabalho/escola, o contexto familiar e de lazer.

Esta comunicação pretende apresentar os resultados da primeira etapa da investigação em desenvolvimento, enquadrada no Programa Doutoral Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, sob o tema mais vasto “Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações.” O estudo inicia-se com a realização de *focus groups* a três gerações diferentes (nascidos nos anos 50, 70 e 90), colocando-as em interação monogeracional (três grupos com nove elementos de cada década), mas também multigeracional (um grupo com três elementos nascidos em cada década), com o objetivo essencial de compreender as mudanças históricas na utilização dos *media*, assim como as práticas dos dias de hoje, quer nas gerações mais novas, como nas mais velhas.

Como complemento à análise de conteúdo realizada a partir das discussões ocorridas nos *focus groups*, nos quais a posição é fruto da dinâmica discursiva e argumentativa desse grupo, pretende-se analisar uma perspetiva mais individual, através da solicitação aos participantes do *focus group* multigeracional do preenchimento de diários durante 15 dias, os quais se pretendem preenchidos com informações sobre o tipo de *media* que utilizam, quando (altura do dia e contexto – de lazer, laboral/escolar ou familiar), a duração da utilização, a finalidade e se o fazem sozinhos ou acompanhados e, neste caso, com quem. O preenchimento realiza-se em todos os dias da semana, incluindo os fins de semana para, dessa forma, se conseguir captar informações reativas a períodos que se consideram ter dinâmicas de trabalho/estudo, familiar e de lazer diferentes.

A aplicação dos *focus group* e dos diários será realizada em freguesias rurais de Ponte de Lima, interior Norte de Portugal, durante os meses de novembro e dezembro, sendo a sua análise realizada entre dezembro e janeiro.

Estado: Aceite e apresentado (publicado em atas, disponível em http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0131_ed.pdf)

Conferência/Congresso/Seminário: Os Tempos Sociais e o Mundo Contemporâneo. Um debate para as Ciências Sociais e Humanidades

Data: 9-10 de julho de 2012

Local: Universidade do Minho, Portugal

Título do trabalho submetido: O uso dos novos *media* e a redefinição de tempos e espaços em contexto rural

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Resumo:

O que ocorre na sociedade provoca alterações no tempo e espaço dos indivíduos, com os novos *media* essa aceção não só não é diferente, como ganha contornos mais abrangentes. A utilização cada vez mais frequente e massiva – em termos de número de artefactos, mas também de número de horas – dos novos *media* obriga a que a percepção do tempo e o espaço sofram constantes mutações, permitindo uma quase inexistência de fronteiras entre diferentes contextos e proporcionando uma hibridez que passa despercebida a grande parte dos indivíduos. Diz Castells (1996/2007), (2007) que se o trabalho entra nas casas e nas redes de amizade, situação proporcionada pelo estado de permanente conectividade, então também é muito provável que o contrário aconteça, ou seja, que durante o período de trabalho e no seu espaço específico, as relações de amizade e a família consigam penetrar (2007, p. 104). Os utilizadores de novos *media* experimentam uma nova noção de espaço e tempo, proporcionada, sobretudo, pelos ecrãs, uma vez que são eles que nos transportam para outros mundos, “a temporalidad de las pantallas plantea una lógica propia, que a la vez se expande hacia otros espacios sociales.” (Murolo, 2011, p. 40).

Thompson (1998) e Harvey (1990) têm também uma noção concreta sobre a reorganização social e societal, diz o primeiro que “Antes do desenvolvimento das indústrias da mídia, a compreensão que muitas pessoas tinham de lugares distantes e passados era modelada basicamente pelo intercâmbio de conteúdo simbólico das interações face a face” (Thompson, 1998, p. 38), o que complementa Harvey (1990) com a sua imagem gráfica “shrinking map of the world”.

Nesta comunicação aprofunda-se um dos objetivos da tese “Gerações de ecrã em meio rural”, apresentando-se resultados dos *focus groups* e diários aplicados em Ponte de Lima, a indivíduos pertencentes a 3 gerações – 1950, 1970 e 1990.

Estado: Aceite e apresentado (publicado em formato *e-book*)

Conferência/Congresso/Seminário: XIII World Congress of Rural Sociology. The New Rural World: From Crisis to Opportunities

Data: 29 de julho a 4 de agosto de 2012

Local: Aula Magna da Universidade de Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: Use of new media in three generations living in portuguese rural areas

Autores: Ana Melro, Lúcia Oliveira

Resumo:

Rural areas are being confronted with the challenge of a constant actualization and adaptation promoted by the presence of new media. This is the new rural, which is increasingly intertwined with the urban in the rural hybrid concept (Cimadevilla, 2010). According to several authors (Balasubramanian, Thamizoli, Umar & Kanwar, 2010; Gilbert, Karahalios, & Sandvig, 2010; Whitacre, 2010) the use of television, computer and mobile phone in the contexts of work/school, leisure and family is clearly evident, but what about the usage by individuals belonging to different generations (born in the 1950s, 1970s and 1990s) living in Portugal rural areas?

The purpose is to discuss the results of mono and multigenerational focus groups held in the investigation “Screen generations in rural areas: the use of new media in the rural daily life of three generations”, as a contribution to the understanding of how the generations living in rural areas appropriate the new media in their daily routines.

Estado: Aceite e apresentado (disponível em <http://www.chil.org/rural/group/irsa2012/document/use-of-new-media-in-three-generations-living-in-portuguese-rural-areas-melro-oliveira>)

Conferência/Congresso/Seminário: X Congresso da LUSOCOM – Comunicação, Cultura e Desenvolvimento

Data: 27 e 29 de setembro de 2012

Local: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: Reflexão histórica da penetração dos novos *media* no quotidiano de três gerações: o caso do meio rural português

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Resumo:

Desde finais da década de 50, com o aparecimento e progressiva disseminação da televisão pelas casas portuguesas (atualmente, numa parte significativa delas, existe em mais do que um compartimento); passando pelo computador, na década de 70 e; finalmente, a forma como, na década de 90, se iniciou o processo de distribuição do telemóvel, há toda uma história associada sobre a qual é importante refletir.

No meio rural português, qual foi o caminho traçado pelos seus residentes até à “domesticação” (Berker, Hartmann, Punie, & Ward, 2005; Silverstone & Haddon, 1996) de cada um dos *media* – televisão, computador e telemóvel? Da utilização quase exclusiva em espaços públicos até à integração dos *media* no espaço doméstico e nas dinâmicas familiares e sociais, houve um percurso percorrido quer pelos *media*, que vão sofrendo alterações constantes, quer pelos indivíduos que se vão adaptando a essas alterações, mas também exigindo que os primeiros se vão moldando às suas necessidades e exigências, fazendo, por isso, que nunca percam o epíteto de “novo”.

A comunicação pretende apresentar uma análise e reflexão sobre o modo como os novos *media* penetraram no quotidiano de três gerações familiares (avós, pais e filhos) e na forma como estas, residentes em meio rural, transformaram a apropriação dos *media* num ato contínuo. A análise e reflexões têm por base os dados empíricos recolhidos no contexto da investigação: “Gerações de ecrã em meio rural: as práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações”.

Estado: Aceite, não apresentado (publicado em atas)

Conferência/Congresso/Seminário: Online Conference on Multidisciplinary Social Sciences

Data: 29 a 31 de março de 2013

Local: Australian International Cultural and Educational Institute, Austrália

Título do trabalho submetido: Historical analysis of the technological evolution in school context in Portuguese society: profiling the technological user

Autores: Ana Melro, Daniela Graça

Resumo:

The way the teaching-learning process occurs, considering its inherent bidirectional character, has suffered changes resultant from the technological evolution that ask for an analysis. In consequence of the 21st century new demands, education system had to modernize itself and follow the new trends in order to harness the school, labour and social inclusion of individuals. The learning of technological tools does not have to be marginalized by reasons of geographic, economic or social order, and must happen in a balanced manner whatever the teaching-learning context is.

A historical analysis of the technological penetration in Portuguese society will take place, namely, in the school context, regarding urban and rural scenarios. The perception of the historical development in the decades that had accompanied the technological evolution in Portugal is the base for the understanding of the individual technological profile, specifically its infocomunicational abilities.

The present communication intends to reflect on the Portuguese education system in a global mode, with the final objective to analyse specific contexts through a comparative observation of individuals from distinct realities, such as rural and urban, or inmate and "free-citizen".

Estado: Aceite o resumo, comunicação não enviada

Conferência/Congresso/Seminário: ticEDUCA 2012. II Congresso Internacional TIC e Educação. Em direção à Educação 2.0

Data: 30 de novembro a 2 de dezembro de 2012

Local: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: A invisibilidade dos ecrãs e a inclusão escolar de alunos com dificuldades visuais: breve reflexão teórica

Autores: Ana Melro, João Castilho

Resumo:

Os *media* estão presentes no quotidiano das pessoas, nas suas atividades de trabalho ou escola, nas de lazer ou familiares. Tal facto pode não ser observado como uma desvantagem, mas apenas se se tiver em consideração as finalidades para as quais se utilizam e a forma como é possível o seu acesso.

A naturalidade com que os novos *media* se entrosaram na vida dos indivíduos faz considerar a invisibilidade dos ecrãs. Mas como ocorre esta invisibilidade nos alunos com cegueira ou baixa visão? Poderá parecer uma redundância de sentido, no entanto, o que naturalmente desaparece aos olhos de quem vê, tende a tornar-se mais visível aos olhos de quem tem essa capacidade reduzida, nomeadamente, porque precisa sentir de outra forma. Poderão as tecnologias auxiliar a inclusão digital dos alunos desprovidos do sentido de visão? Ou, antes, constituirão um entrave ao seu envolvimento? Depois da "distribuição" de computadores portáteis a professores e alunos, da ligação à Internet em banda larga e da instalação de quadros interativos em muitas salas de aula, será pertinente apurar o papel das Tecnologias da Informação e Comunicação na integração/inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais.

Estado: Aceite e apresentado

Conferência/Congresso/Seminário: VII Seminário - "Exclusão Digital na Sociedade de Informação"

Data: 1 e 2 de fevereiro de 2013

Local: Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: Utilização dos novos *media* por alunos com dificuldades visuais: inclusão digital no meio escolar

Autores: Ana Melro, João Castilho

Resumo:

Os novos *media* acompanham o indivíduo para toda a parte, no trabalho ou na escola, em casa, nos mais variados espaços de lazer. E, para que não haja um sentimento de interferência na esfera privada do indivíduo, os *media* tornam-se transparentes, invisíveis. A sua presença é ubíqua, mas essa ubiquidade deve passar despercebida.

A grande exceção à transparência dos novos *media* é quando, de facto, eles devem ser notados o suficiente que permitam ou melhorem a integração em determinado contexto, especificamente, o escolar; de indivíduos com características também elas específicas, alunos com cegueira ou baixa visão.

Portugal tem acompanhado a evolução verificada na generalidade dos países ocidentais no domínio do atendimento a crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Podem distinguir-se três fases evolutivas neste percurso: a assistencial, a de educação especial de cariz médico-terapêutico e a da

integração, englobando dois períodos: o da intervenção centrada no aluno e o da intervenção centrada na escola (Ministério da Educação, 1992). A qualidade na educação inclusiva rege-se atualmente por princípios orientadores a nível europeu (cf. European Agency for Development in Special Needs Education, 2011). A educação para os media deve ser um direito dos seres humanos que frequentam a escola e deverá considerar-se extensivo à utilização de todos os meios, tecnologias e aplicações necessários ao exercício desse direito. Essa realidade não pode ser diferente quando a referência é feita a alunos cegos ou com baixa visão, aliás, nenhum aluno, diferentemente do que se pretende dos novos media, pode ser invisível, no entanto, devem ser criadas as condições para que a visão (ou falta dela) não seja um entrave à utilização plena das tecnologias.

Se, para quem não tem o sentido da visão reduzido, de forma a prejudicar a maneira como percebe o espaço e os objetos, os ecrãs são o meio que liga à mensagem, que lugar ocupa esse mesmo ecrã para quem não o vê, e quando, muitas vezes, até nem existe? Mas, e quando se pode tocar? A resposta a algumas destas questões é encontrada, sobretudo, nos outros sentidos, na relativização que se poderá atribuir à importância do media e na forma como são produzidos os mecanismos de saída desses mesmos media, com a principal característica, no caso dos alunos com dificuldades de visão, de assegurar que todo o conteúdo gráfico tenha um equivalente em texto (Warschauer, 2006 [2003]).

Considerando que a escola inclusiva também pode ser encarada como um processo em desenvolvimento (Ainscow, Booth & Dyson, 2006), importa refletir sobre a forma como o atual modelo de atendimento e apoio especializado a alunos com cegueira e baixa visão em Portugal se propõe contribuir para a inclusão digital destes alunos.

Como defende Warschauer, “A exclusão digital caracteriza-se não apenas pelo acesso físico a computadores e à conectividade, mas também a recursos adicionais, que permitem que as pessoas utilizem a tecnologia de modo satisfatório.” (Warschauer, 2006 [2003], p. 21). Dessa forma, na presente comunicação, pretende refletir-se sobre a sua distribuição no contexto escolar, considerando a utilização concreta pelos alunos com cegueira ou baixa visão.

Estado: Aceite e apresentado

Conferência/Congresso/Seminário: VII Seminário - "Exclusão Digital na Sociedade de Informação"

Data: 1 e 2 de fevereiro de 2013

Local: Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: A evolução tecnológica no contexto escolar da sociedade portuguesa: desenhando o perfil do utilizador tecnológico

Autores: Ana Melro, Daniela Graça

Resumo:

A forma como o processo de ensino-aprendizagem ocorre, considerando o cariz bidirecional que lhe é inerente, sofreu alterações resultantes das mudanças tecnológicas que merecem ser analisadas. Em consequência das novas exigências do século XXI, o ensino teve que se atualizar e acompanhar as tendências de modo a potenciar a inclusão escolar, laboral, social e digital dos indivíduos. A aprendizagem das ferramentas tecnológicas não deve ser marginalizada por razões de ordem geográfica, económica e/ou social, devendo acontecer de forma equitativa qualquer que seja o contexto de ensino.

No que diz respeito ao surgimento ou explosão da utilização das tecnologias em Portugal, há momentos chave que se podem distinguir, são eles: a década de 1950 para a televisão, anos de 1970 para o computador e a década de 1990 no caso do telemóvel. Neste sentido, pretende realizar-se uma análise histórica da penetração tecnológica na sociedade portuguesa, atribuindo-se ênfase ao contexto escolar.

Como se considera que a inserção dos novos media não ocorreu na mesma altura em todos os contextos sociais, serão analisados mais aprofundadamente os meios urbano e rural e, dentro destes, os indivíduos reclusos e livres. Para além disso, é ainda importante perceber o que não fica evidente com a distribuição de tecnologia, ou seja, se a inclusão digital é realizada em contextos considerados desfavorecidos (meios rural e prisional) e, em caso afirmativo, como se processa, pois como defende Warschauer (2006 [2003]) não é suficiente ter os meios físicos (computadores, telemóveis, entre outros), é necessário adquirir as competências que permitam a sua utilização satisfatória.

Da perceção do desenvolvimento histórico nas décadas que acompanharam a evolução tecnológica em Portugal parte-se para um entendimento do perfil tecnológico do indivíduo, mais especificamente, as respetivas competências infocomunicacionais. Assim, o objetivo central desta comunicação é delinear o que se designa por perfil tecnológico do indivíduo competente na utilização dos media que, como referido, não passa apenas pelo acesso aos novos media, mas, e sobretudo, por indicadores de literacias, interação social, memória, entre outros. Esta conclusão levou à construção de um modelo com base em fatores macro, micro e meso, ou seja, nos primeiros inserem-se as características sociais, políticas e económicas, da sociedade; ao nível micro encontram-se as idiosincrasias do indivíduo (família, percurso profissional e escolar, classe social, habilidades, entre outras) e ao nível meso (intermédio) considera-se o acesso específico a diferentes tipos de infra-estruturas, quer individualmente, quer do local onde se encontra (posse de novos media, ligações à internet disponíveis, entre outras).

A educação para os *media* é um fator determinante no processo de inclusão dos residentes do meio rural quer para a perceção das decisões tomadas na urbe e que interferem diretamente com os residentes no rural, quer para a integração dos seus residentes nessas decisões; mas poderá também contribuir no processo de retorno do recluso à “sociedade livre” e na redução da reincidência criminal pós-reclusão.

A presente comunicação pretende refletir sobre a integração dos novos *media* no sistema de ensino português de um modo global, para, posteriormente, o analisar em contextos micro, pela observação comparativa de indivíduos de realidades distintas, tais como, a rural e a urbana, ou a do “cidadão-recluso” e do “cidadão-livre”.

Estado: Aceite e apresentado

Conferência/Congresso/Seminário: VII Seminário - "Exclusão Digital na Sociedade de Informação"

Data: 1 e 2 de fevereiro de 2013

Local: Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: A geração de 1950 residente no meio rural português e a utilização dos novos *media*

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Resumo:

A presente comunicação tem por objetivo refletir sobre o modo como os indivíduos nascidos na década de 50, do século XX, a viver em contexto rural português se apropriam dos media. Esta reflexão faz-se a partir do legado teórico que nos serve de referencial e dos dados empíricos recolhidos à escala nacional.

Os nascidos na década de 50, do séc. XX, são contemporâneos do surgimento da televisão, acompanharam a utilização dos computadores, ainda que já mais afastados, e ainda vivem o período de integração do telemóvel nas práticas diárias. Mas qual a sua atitude perante todos estes artefactos?

Tendo em consideração as estatísticas oficiais e as notícias que passam nos órgãos de comunicação social, no imediato, é possível pensar-se que a atitude é de resistência ou de falta de motivação para aprender. No entanto, Salovaara (2010) refere que há várias situações que iniciam os seniores na procura dos meios de comunicação e informação, como a reforma, a situação financeira, a alteração das relações sociais,

devida à saúde e morte dos pais, a passagem a avós e a mudança de residência (Salovaara et al., 2010, pp. 803-804). Contudo, a aprendizagem e a sua utilização massiva apenas acontecem se já tiverem alguma experiência passada, da mesma forma que o apoio contínuo em termos de ensino encoraja as atitudes positivas em relação ao uso das TIC (Hernández-Encuentra et al., cit por Salovaara et al., 2010, p. 808).

De facto, há uma geração, mais nova, que cresceu acompanhada de toda a parafernália de novas tecnologias: computadores, jogos de vídeo, leitores de música, câmaras de vídeo, telemóveis, e outros característicos da era digital, estando, por isso, mais familiarizada com esses artefactos, ao contrário dos seus avós ou pais que foram, e ainda estão, a ser apanhados na avalanche de novidades digitais, e utilizam os artefactos, mas são tendencialmente comparados com os seus filhos ou netos.

Foi com Prensky (2009) que se iniciou esta distinção entre nativos digitais e emigrantes digitais. No entanto, o próprio autor considera agora o conceito de sabedoria digital e humana, aquela que permite que todas as gerações, inclusive a dos indivíduos nascidos na década de 50 ou anterior, se apropriem dos media que têm à sua disposição de forma crítica e inteligente (Prensky, 2009, p. 2). E esta postura crítica e inteligente permite eliminar o fosso digital entre as gerações, não só porque os indivíduos assumem uma atitude de maior disponibilidade para aprender, mas também porque estão abertos à partilha de conhecimentos. Por sua vez, esta partilha é possível entre os que têm mais preparação ou relacionamento com os media e os que têm menos, são as experiências, mas também a recolha de informação que permitem a obtenção de tais conhecimentos.

Como afirma Warschauer (2006 [2003]), "A exclusão digital caracteriza-se não apenas pelo acesso físico a computadores e à conectividade, mas também a recursos adicionais, que permitem que as pessoas utilizem a tecnologia de modo satisfatório." (Warschauer, 2006 [2003], p. 21). Assim, a exclusão e o fosso digital podem ser diminuídos se, a par com o acesso aos novos media, existir um acompanhamento (que pode ser familiar), bem como motivação para a sua utilização.

Na comunicação reflete-se sobre a apropriação dos novos media pelos indivíduos nascidos na década de 50, recorrendo à análise de 308 inquéritos por questionário aplicados a nível nacional (continente e ilhas).

Estado: Aceite e apresentado

Conferência/Congresso/Seminário: VII Seminário - "Exclusão Digital na Sociedade de Informação"

Data: 1 e 2 de fevereiro de 2013

Local: Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: As (i)literacias no processo de exclusão digital na sociedade da informação

Autores: Ana Melro, Magda Pinheiro

Resumo:

O conceito de literacias não pode ser compreendido descontextualizado da capacidade de ler e escrever, distante dos grupos ou das práticas sociais a que pertencem e onde são desenvolvidas. Competências como ler, escrever, compreender e realizar cálculos matemáticos, compreender economia, trabalhar eficaz e eficientemente com os novos media requerem, por isso, literacias diferentes, umas vezes relacionadas, mas em outras circunstâncias sem qualquer conexão.

Cada época requer dos indivíduos literacias que lhes permitem adaptar às exigências e a elas responder. Atualmente, vive-se a era da sociedade de informação ou da sociedade em rede (Castells, 2007 [1996]), o que obriga a que as literacias mediáticas estejam mais desenvolvidas. Os indivíduos devem ser capazes de compreender os novos media, mas também de interagir de forma eficaz e eficiente com eles. E esta competência é exigida não apenas no local de trabalho (como ocorria na sociedade industrial), mas perpassa todas as fronteiras laborais, familiares e de lazer.

Dentro desses três contextos – trabalho/escola, família e lazer – os indivíduos sempre pertenceram a diversas redes sociais, com grupos intermédios de identidades diferentes e bem demarcadas. No entanto, as relações sociais do século XXI exigem dos indivíduos uma nova competência: experienciar a hibridez dos contextos e dos papéis sociais através da mobilidade dos media. Assim, a teoria de Gee (2005) que defende a aprendizagem dos modelos culturais através da aculturação, poderá, na relação com os media, adquirir novos contornos, sobretudo devido à exclusão digital de determinados grupos.

Neste processo de relação com os media e, de acordo com Warschauer (2002), não é suficiente ter acesso aos meios, é, sobretudo, importante ter conhecimentos sobre como trabalhar com eles e esse conhecimento nem sempre está acessível a todos, de igual forma. Assim, aliado a um processo de literacia mediática, está, frequentemente, associada a divisão digital, onde uns se encontram incluídos tecnologicamente e em termos de conhecimentos, e outros se localizam à margem, numa situação de exclusão digital.

Na capacidade de aquisição de literacias, fatores endógenos e exógenos ao indivíduo estão relacionados. Borges e Oliveira (2011) mencionam aspetos cognitivos e habilidades técnicas como importantes para a produção de valor através das plataformas digitais (Borges & Silva, 2011, p. 307) e referem ser importante a sua presença nas competências comunicacionais; informacionais; e operacionais (Borges & Silva, 2011, p. 307).

Rojas et al. (2010, pp. 7-8) consideram que se deve ter em consideração fatores como as tecno-disposições, o tecno-capital, criando e fazendo uso, posteriormente, de tecno-competências que se vão adquirindo na utilização dos media, estando todas estas “tecno-habilidades” naturalmente integradas.

Assim, uma das perspetivas de literacia que será trabalhada ao longo deste estudo é a sociocultural defendida por Gee (2005), que defende os usos da linguagem socialmente situada, o conhecimento correto da gramática, a forma adequada de utilizar a língua e expressar valores, crenças e atitudes corretas. Para além disso, Gee estabelece a distinção entre Discurso e discursos, sendo o primeiro um “tipo” de linguagem – conversas, relatos, informações, ensaios, argumentos – e o segundo “formas de vida” – palavras, atos, valores, crenças, atitudes, identidades sociais, gestos, olhares, posturas corporais e roupa (2005, p.140).

Os objetivos desta comunicação são refletir sobre o processo de exclusão social e digital resultado de uma falta de literacias importantes para a inclusão, bem como compreender o contributo da teoria dos discursos de Gee para a inclusão dos indivíduos nas redes sociais emergentes.

Estado: Aceite e apresentado

Conferência/Congresso/Seminário: XIII Congreso Internacional IBERCOM | Comunicación, Cultura e Esferas de Poder

Data: 29 a 31 de maio de 2013

Local: Faculdade de Ciências da Comunicação da Universidade de Santiago de Compostela, Espanha

Título do trabalho submetido: O consumo de novos media e a convergência de lugares no quotidiano rural da geração de 1970

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Resumo:

A disseminação dos novos media na sociedade portuguesa ocorreu de modo quase geral, em qualquer cidade ou freguesia do país é possível ter contacto com uma televisão, um computador e um telemóvel, e aceder à internet. O meio rural, embora com contornos diferenciados, acompanhou também esta disseminação, não deixando os seus residentes afastados das novas tecnologias. Esta situação é particularmente evidente no local de trabalho, mas também no espaço familiar ou de lazer. Os residentes do meio rural têm acesso aos novos media, sobretudo, se a referência for aos indivíduos pertencentes à geração intermédia (nascidos na década de 1970), que ainda se encontram ativos profissionalmente.

O objetivo central desta comunicação é refletir sobre a forma como os novos media contribuíram para a convergência de lugares (trabalho, família e lazer), dos indivíduos nascidos na geração de 1970, residentes no meio rural português. Pela sua ubiquidade, transparência e mobilidade, os novos media estão presentes na maioria das atividades laborais, familiares e de lazer do quotidiano dos indivíduos, eliminando, muitas vezes, as fronteiras existentes entre essas atividades e os lugares onde ocorrem. Pretende-se, por isso, responder às questões: como utilizam os novos media/ecrãs os residentes em âmbito rural, nascidos na década de 1970? Que práticas de utilização dos media/ecrãs são mais frequentes em contextos diferenciados como o laboral, de lazer, familiar? E, mais genericamente, como são utilizados os novos media/ecrãs na geração nascida na década 1970?

Serão apresentados e discutidos os resultados obtidos da aplicação de um inquérito por questionário, a nível nacional (Continente e Ilhas), ao qual se recebeu 402 respostas válidas.

As primeiras análises permitem concluir que os novos media acompanham os indivíduos numa modalidade 24 horas/7 dias por semana, nem sempre todos em simultâneo, havendo, no entanto, alturas em que isso acontece. O caráter de transparência adquirido pelos ecrãs ao longo dos anos contribui para que essa utilização não se faça, em todos os momentos de forma consciente. Mas a sua característica de mobilidade permite mesmo eliminar fronteiras que antes estavam bem demarcadas e era mais complicado de transpor. Tal facto pode não ser considerado uma desvantagem, mas apenas se se tiver em consideração as finalidades com que se realizam tais tarefas e o que se está a descurar com a utilização dos media.

Viver no meio rural traz algumas vantagens reconhecidas pelos respondentes, uma vez que as respostas refletem que se podem desconectar ao fim do dia e fim de semana. Mas concordam também que o acesso aos novos media é diferente, quando comparado com os do meio urbano, nomeadamente, em termos de qualidade e de acesso às tecnologias na mesma altura. Os novos media surgem como elementos catalisadores da erosão de diferenças entre contexto rural e urbano, permitindo dar um cariz de urbanidade às práticas de uso dos media e de recepção mediática.

Estarão, assim, em evidência três tópicos essenciais na comunicação: consumo de novos media, a sua realização num meio específico – o rural – e a convergência de lugares que o consumo de novos media permite e origina.

Estado: Aceite para publicação em atas, não enviado o artigo

Conferência/Congresso/Seminário: 2.º Congresso Literacia, Media e Cidadania

Data: 10 e 11 de maio de 2013

Local: Pavilhão do Conhecimento, Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: As literacias exigidas para a análise dos discursos no mundo mediático: as competências infocomunicacionais na promoção da cidadania

Autores: Magda Pinheiro, Ana Melro

Resumo:

Para exercer a cidadania plenamente, um indivíduo precisa que várias competências sejam colocadas em prática: ler e escrever, consideradas como as mais elementares; mas a lista aumenta à medida que o indivíduo se torna mais ativo na sociedade, entra para a escola, tem um emprego, desempenha diferentes papéis sociais (membro de um partido político, de uma qualquer associação recreativa, encarregado de educação, entre muitos outros).

Atualmente, e com a passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade de informação, em rede e tecnológica (Castells, 2007 [1996]), as literacias que são necessárias para que o trabalho seja desempenhado com sucesso, bem como o seu papel de pai/mãe (enquanto acompanha o estudo do filho) e tenha acesso a informação atualizada e comprovadamente verídica, são diversificadas e cada vez mais

complexas. Já não há espaço para que o trabalhador desempenhe a mesma tarefa monótona anos a fio, como defendiam o Taylorismo e o Fordismo, hoje exige-se flexibilidade e constante aquisição de conhecimentos.

Estar em sociedade, conviver com os demais, obriga ainda que se tenha noção do tipo de Discurso e discursos utilizados (Gee, 2005). O comportamento corporal, a maneira de vestir e as palavras utilizadas são práticas situadas que podem contribuir para a promoção da cidadania, ou para a exclusão. Estas práticas são ainda mais importantes quando a referência é feita ao mundo virtual, ao qual se chega através dos novos media. As literacias e competências infocomunicacionais ganham uma dimensão maior quando se comunica unicamente através escrita, ou quando o ecrã é o mediador entre dois interlocutores.

Esta nova sociedade da informação ou do conhecimento traz mais-valias reconhecidas, no entanto, trouxe também a necessidade de atualizar saberes, formas de ser, de estar e de fazer. Para ser um cidadão, o indivíduo deve saber viver “nos media” (Deuze, 2012), utilizar os discursos adaptados a esses artefactos e demonstrar que detém as competências e literacias necessárias para usufruir deles nos mais variados contextos – laboral, familiar e de lazer.

São objetivos da comunicação, refletir sobre o papel dos novos media na promoção do desenvolvimento de novas literacias e competências; perceber os discursos que são exigidos ao cidadão do século XXI e compreender de que forma essas novas competências, literacias e discursos contribuem para a promoção da cidadania.

Apresentam-se os resultados das respostas relativas às competências infocomunicacionais de 401 inquéritos por questionário, aplicados a pais com idades compreendidas entre os 23 e os 62 anos de idade (nascidos entre as décadas de 1950 e 1980), residentes no meio rural português. Sendo este um contexto considerado como digitalmente excluído (Warschauer, 2006 [2003]), pretende responder-se à questão: de que modo as exigências em termos de discursos, literacias e competências aliadas à utilização dos novos media, são realizadas pela geração intermédia, considerando o meio rural português?

Estado: Aceite, não apresentado

Conferência/Congresso/Seminário: 2.º Congresso Literacia, Media e Cidadania

Data: 10 e 11 de maio de 2013

Local: Pavilhão do Conhecimento, Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: A utilização dos novos *media* em contexto escolar: o caso particular dos alunos com dificuldades visuais

Autores: Ana Melro, João Castilho

Resumo:

A utilização de novos media por alunos com cegueira ou baixa visão não pode ser considerada como improvável, aliás, a existência de tecnologias totalmente vocacionadas para esse público e a adaptação que os novos media sofrem para que a eles possam aceder é disso uma evidência. A introdução da tecnologia nas escolas, com programas como o e-escolinha ou o e-escola tornou desejável que a Escola corresponda à necessidade de educação das crianças e jovens para os media, não podendo excluir os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Entre as crises da Escola detetadas por Pérez Tornero (2007) – ao nível dos currícula escolares; entre os professores; na linguagem fundadora da escola; nos recursos técnicos; nos valores e no sistema de sociabilidade e na gestão – denota-se que muitas estão relacionadas com o acesso aos media e, consequentemente, com a construção de cidadãos habilitados e competentes ao exercício de funções e atividades na sociedade do século XXI. No entanto, a realidade de hoje permite afirmar que “numa época em que os nossos jovens passam a maior parte do seu tempo livre em frente ao ecrã (da televisão e do

computador) e são consumidores passivos de toda a informação, a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento do seu espírito crítico e criatividade”, não podendo ser mantidas as crises mencionadas pelo autor, sendo necessário, por isso, combatê-las através da aquisição de novas literacias e competências.

Na sociedade do conhecimento, em que os ecrãs acompanham os indivíduos nas suas mais variadas atividades do quotidiano, aqueles tornam-se invisíveis para que se possam entrosar nas vidas destes de forma transparente, ubíqua e móvel. Como ocorre essa transparência quando a referência é feita a alunos com cegueira e baixa visão? Tendo em vista estes alunos, é então importante que os obstáculos à utilização dos novos media sejam minorados.

São objetivos desta comunicação refletir sobre a utilização dos novos media por alunos com NEE, mais especificamente, sobre alunos com cegueira ou baixa visão; compreender o papel da Escola na construção de cidadãos competentes e letrados e; refletir ainda sobre a influência da característica de invisibilidade dos ecrãs para os alunos com dificuldades visuais.

Apresenta-se o resultado de uma reflexão teórica de duas teses de doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, uma cuja o estudo incide sobre a utilização dos novos media em três gerações residentes no meio rural português e outra sobre a utilização de artefactos tecnológicos na Escola por alunos com cegueira ou baixa visão. Desta união dos dois interesses de investigação, nasceu a vontade de perceber como será abordada pela Escola a integração de novos media com características ubíquas e transparentes, e como contribuirá para a promoção de competências infocomunicacionais e de literacias nesses alunos, de forma que os possa tornar cidadãos ativos na sociedade tecnológica do século XXI.

Estado: Aceite, não apresentado

Conferência/Congresso/Seminário: EDULEARN13. International Conference on Education and New Learning Technologies

Data: 1 a 3 de julho de 2013

Local: International Association of Technology, Education and Development, Barcelona, Espanha

Título do trabalho submetido: Internet access and infocommunicational skills

Autores: Ana Melro

Resumo:

New media mass dissemination in Portugal, if we refer to the moment of the television advent, had occurred from the late 1950s, it was at that time that the first emissions in black and white happened. It was since then, and as a consequence of lifestyle changes (individuals staying more at home, isolate more and use media for longer) that new concerns regarding technology uses occurred. How can individuals take advantage of all the features promised by the media without thereby decrease their individual capacities? In the XXI century, which new literacies must be developed so that individuals potentiate media in theirs and in community favor, media that open new infocommunicational horizons?

The required literacies for new media usage today are diverse and complex, associated to social, technological, economic, among other factors. Moreover, considering the multiplicity of dimensions, the concept itself has ceased to be used in singular, and assumed a plural contour since there are also multiple skills associated to it. As an example there is the concept of “information literacy (a concept introduced by Paul Zurkowski in 1974), digital literacy (concept introduced by Paul Gilster in 1997) or media literacy.” (Lopes, 2012, p. 5).

The internet is the privileged space for communications to take place, and consequently, for testing and experiencing the possessed skills. Thus, appropriation and understanding of the notion of cyberspace of

Abreu and Silva is important (2003). These authors state that “The Internet network is a space of spaces, a space of content and relationships.” (Silva & Abreu, 2003, p. 64), similar to outdoor spaces, where the individual is constantly confronted with contents, symbols, interpersonal and inter-objects relationships. However, contrary to outer and physical space, cyberspace is limited in giving directions and guidance, leaving the users a little bit at their mercy and understanding. Which, for anyone who does not have the right skills, there may be the risk of receiving exaggerated and unnecessary information, that was not sought and the user hadn’t interest in receiving. This leads the authors to conclude that “there is still much work of urban planning to do in cyberspace. This work shall include three aspects: aesthetics, sorting and adaptation of spaces to user needs, so it is possible to move from the current labyrinthine logic, to an aesthetic and intellectual enjoyment and gathering logic.” (Silva & Abreu, 2003, p. 64). This is not exclusive of search networks, but also of established social relations, where the netiquette rules or Network etiquette should also be taken into consideration (Silva & Abreu, 2003, p. 64).

After this brief analysis regarding the concepts of infocommunicational skills, literacies, skills, abilities, and some digital divisions proposed by authors who have studied the subject, it is appropriate to conduct a deeper reflection on the technologically skilled individuals. To this end, the paper intend to explore the literacies for the twenty-first century, as well as how the citizen must be positioned in the society to accept and make full use of new media, in general, and, particularly, the Internet.

Estado: Aceite para apresentação virtual, não enviada a comunicação

Conferência/Congresso/Seminário: Challenges 2013. VIII Conferência Internacional de TIC na Educação

Data: 15 e 16 de julho de 2013

Local: Universidade do Minho, Braga, Portugal

Título do trabalho submetido: A influência na definição do perfil tecnológico do utilizador da integração da tecnologia no ensino

Autores: Ana Melro, Daniela Graça

Resumo:

A forma como o processo de ensino-aprendizagem ocorre, considerando o cariz bidireccional que lhe é inerente, sofreu alterações resultantes das mudanças tecnológicas que merecem ser analisadas. Em consequência das novas exigências do século XXI, o ensino teve que se atualizar e acompanhar as tendências de modo a potenciar a inclusão escolar, laboral, social e digital dos indivíduos.

Realizar-se-á a análise histórica da penetração tecnológica na sociedade portuguesa, nomeadamente no contexto escolar, considerando os meios urbano e rural e os indivíduos reclusos e os indivíduos “não-reclusos”. O objetivo é entender as competências infocomunicacionais do perfil tecnológico do indivíduo.

O artigo pretende refletir sobre o sistema de ensino português de um modo global, para, posteriormente, o analisar em contextos micro, pela observação comparativa de indivíduos de realidades distintas e dicotómicas, tais como, a rural-urbana, ou a do “cidadão-recluso” e a do “cidadão não-recluso”.

Estado: Aceite e apresentado

Conferência/Congresso/Seminário: 8º SOPCOM 2013. Comunicação Global, Cultura e Tecnologia

Data: 17 e 18 de outubro de 2013

Local: Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa, Portugal

Título do trabalho submetido: Os novos *media* como mediadores e potenciadores de relações intergeracionais

Autores: Ana Melro, Lúcia Oliveira

Resumo:

Quer o nascimento dos indivíduos tenha ocorrido na altura do surgimento da televisão, do computador ou do telemóvel, todos eles representam um papel diferente nas suas atividades quotidianas, percecionados como imprescindíveis na medida em que são considerados como necessários para manter contacto com os pares ou familiares, como forma de entretenimento, para trabalhar ou estudar, etc. As mais variadas tarefas que permitem desempenhar, a forma como permitem ter um contacto em tempo real com quem está mais afastado, a facilidade com que se consegue interagir com algo que está a ocorrer a quilómetros de distância, fazer parte de muito, ainda que se esteja afastado de tudo, são mais-valias que todas as gerações já aceitaram e reconheceram e, por isso, se poderá considerar como sendo um fenómeno multigeracional e não apenas exclusivo de uma geração em particular.

Poder utilizar os media em qualquer altura, em qualquer lugar é a mais-valia que surge associada igualmente às relações que se estabelecem nos dias de hoje, (familiares, laborais ou de amizade), ou seja, a capacidades de, em qualquer altura do dia, poder estar conectado a qualquer pessoa, em qualquer sítio. E apenas é exigido porque é possível, e porque se sente essa necessidade, de ter conhecimento de tudo independentemente da hora, quer esteja a acontecer mesmo à porta de casa, ou num país longínquo. A par disto torna-se, igualmente, necessário estar presente para várias tarefas a qualquer hora e em qualquer lugar, não sendo possível, com a mesma simplicidade como o era há uns anos atrás, definir fronteiras entre o que é estabelecido como tempo e lugar de trabalho e, por oposição, tempo e lugar de lazer ou familiar, assistindo-se, por isso, a uma continuidade espaço-temporal dos mais variados contextos (de lazer, laboral/escolar e familiar), o que obriga, não apenas a uma reestruturação e reorganização desses mesmos tempos e lugares, mas, igualmente, das relações estabelecidas entre os indivíduos.

A utilização dos novos media ocorre de forma transversal aos contextos e tempos sociais, mas também às relações, quer sejam as estabelecidas entre indivíduos pertencentes à mesma geração ou a gerações diferentes. É sobre estas em particular que se debruça o interesse desta comunicação. Pretende-se refletir sobre a mediação e até a potenciação que os media elaboram para a e na ocorrência das relações intergeracionais, mais concretamente, as relações familiares entre pais, filhos e avós, residentes em meio rural. Com esse objetivo, analisam-se os inquéritos por questionário aplicados no território rural português (Continente e Ilhas) no ano de 2012, no âmbito da tese de doutoramento “Gerações de ecrã em meio rural”, em desenvolvimento na Universidade de Aveiro e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Estado: Aceite

Publicações

Nome da publicação: Atas do 7º SOPCOM. Meios Digitais e Indústrias Criativas – os efeitos e os desafios da Globalização

Editores: José Azevedo, Moisés Lemos Martins

Ano da submissão: 2011

Ano da publicação: 2012

Título do trabalho submetido: Gerações de ecrã em meio rural

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Editores: SOPCOM / Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação (CETAC.MEDIA) / Universidade do Porto

Resumo:

Esta comunicação propõe apresentar o estudo que visa compreender a apropriação e perceção dos usos dos novos *media* pelas diferentes gerações (estudo intergeracional), focado no contexto rural, por ser

fortemente considerado como uma zona em desvantagem quanto à proliferação dos *media* e das tecnologias de informação e comunicação, quando comparada com a urbana.

A investigação debruça-se sobre a utilização dos novos *media* – televisão, computador e telemóvel –, por três gerações distintas – nascidos nos anos 1950, 1970 e 1990 –, em diferentes contextos – laboral/escolar, familiar e de lazer –, no meio rural. Desta forma, a principal relevância do estudo encontra-se no cruzamento de variáveis que aqui estão em causa, pouco comuns nas pesquisas sobre as quais se fez revisão. É central no estudo o cruzamento de conceitos como meio rural e os novos *media*/ecrãs.

O ecrã assume aqui um papel central, de proximidade evidente e quase íntima com o indivíduo, que o vivencia e utiliza como uma segunda pele para a realização das variadas atividades quotidianas. É através do ecrã que o indivíduo vê para lá da televisão, do computador e do telemóvel, sendo cada vez mais difícil a existência de uma separação, quer do indivíduo para com o ecrã, quer das próprias atividades para com o meio e, consequentemente, o ecrã.

A questão de investigação orientadora é: Quais as dinâmicas de utilização dos novos *media*/ecrãs em três gerações distintas, em meio rural?

O quadro conceptual do estudo tem como conceito central a utilização de novos *media*/ecrãs, que obriga a refletir sobre os conceitos de meio rural, gerações e os contextos laboral/escolar, familiar e de lazer. Assim, em termos dos estudos para as gerações serão importantes autores como Shmuel Noah Eisenstadt, Karl Mannheim e Margaret Mead, que contribuem com estudos mais qualitativos, mas não descurando o aspeto quantitativo do conceito, sendo indicadores importantes a década de nascimento, o ano de nascimento/idade, a interação social entre as diferentes gerações e o sentimento de pertença/valores comuns.

Para o estudo do rural, será pertinente compreender de que forma se define este meio (em oposição ao urbano e semiurbano) e como reside hoje a população, comparativamente com as formas de fazer e ser do passado.

Os diferentes contextos de utilização dos novos *media* têm também uma importância enorme na definição conceptual da investigação, uma vez que será através da sua compreensão que se obterá resposta a questões que enriquecerão o estudo, por exemplo, como se fará a reorganização e redefinição de tempos e espaços para a inclusão dos ecrãs? Que alterações são mais visíveis em termos de relações sociais? Serão preferidas as relações virtuais em detrimento das presenciais?

A investigação visa compreender o papel dos novos *media* enquanto elemento de promoção de cooperação e/ou conflito intergeracional, sobretudo, através da realização dos diferentes grupos de discussão pensados, mas também através da realização dos inquéritos e dos diários.

Estado: Disponível em http://sopcom2011.up.pt/media/SOPCOM_2011_Atas.pdf

Nome da publicação: Atas do VII Congresso Português de Sociologia. Sociedade, Crise e Reconfigurações

Ano da submissão: 2012

Ano da publicação: 2012

Título do trabalho submetido: Utilização dos novos *media* por três gerações de meio rural: apresentação de resultados dos *focus groups* e diários

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Editores: Associação Portuguesa de Sociologia

Resumo:

Será a utilização de novos *media* realizada de forma diferente dependendo das gerações, residentes em meio rural? Esta é a questão que serve de mote a uma investigação que pretende compreender que

utilização os indivíduos nascidos nas décadas de 50, 70 e 90, e que se encontram inseridos no meio rural, fazem dos *media*, nomeadamente, da televisão, do computador e do telemóvel, os três ecrãs. Assim, e uma vez que estão em estudo três das principais tecnologias utilizadas no quotidiano, é importante compreender como se faz essa utilização nos diferentes contextos, como o/a trabalho/escola, o contexto familiar e de lazer.

Esta comunicação pretende apresentar os resultados da primeira etapa da investigação em desenvolvimento, enquadrada no Programa Doutoral Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, sob o tema mais vasto “Gerações de ecrã em meio rural. As práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações.” O estudo inicia-se com a realização de *focus groups* a três gerações diferentes (nascidos nos anos 50, 70 e 90), colocando-as em interação monogeracional (três grupos com nove elementos de cada década), mas também multigeracional (um grupo com três elementos nascidos em cada década), com o objetivo essencial de compreender as mudanças históricas na utilização dos *media*, assim como as práticas dos dias de hoje, quer nas gerações mais novas, como nas mais velhas.

Como complemento à análise de conteúdo realizada a partir das discussões ocorridas nos *focus groups*, nos quais a posição é fruto da dinâmica discursiva e argumentativa desse grupo, pretende-se analisar uma perspetiva mais individual, através da solicitação aos participantes do *focus group* multigeracional do preenchimento de diários durante 15 dias, os quais se pretendem preenchidos com informações sobre o tipo de *media* que utilizam, quando (altura do dia e contexto – de lazer, laboral/escolar ou familiar), a duração da utilização, a finalidade e se o fazem sozinhos ou acompanhados e, neste caso, com quem. O preenchimento realiza-se em todos os dias da semana, incluindo os fins de semana para, dessa forma, se conseguir captar informações reativas a períodos que se consideram ter dinâmicas de trabalho/estudo, familiar e de lazer diferentes.

A aplicação dos *focus group* e dos diários será realizada em freguesias rurais de Ponte de Lima, interior Norte de Portugal, durante os meses de novembro e dezembro, sendo a sua análise realizada entre dezembro e janeiro.

Estado: Disponível em http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0131_ed.pdf

Nome da publicação: Atas do X Congresso da LUSOCOM – Comunicação, Cultura e Desenvolvimento

Ano da submissão: 2012

Ano da publicação: 2012

Título do trabalho submetido: Reflexão histórica da penetração dos novos *media* no quotidiano de três gerações: o caso do meio rural português

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Resumo:

Desde finais da década de 50, com o aparecimento e progressiva disseminação da televisão pelas casas portuguesas (atualmente, numa parte significativa delas, existe em mais do que um compartimento); passando pelo computador, na década de 70 e; finalmente, a forma como, na década de 90, se iniciou o processo de distribuição do telemóvel, há toda uma história associada sobre a qual é importante refletir.

No meio rural português, qual foi o caminho traçado pelos seus residentes até à “domesticação” (Berker, Hartmann, Punie, & Ward, 2005; Silverstone & Haddon, 1996) de cada um dos *media* – televisão, computador e telemóvel? Da utilização quase exclusiva em espaços públicos até à integração dos *media* no espaço doméstico e nas dinâmicas familiares e sociais, houve um percurso percorrido quer pelos *media*, que vão sofrendo alterações constantes, quer pelos indivíduos que se vão adaptando a essas alterações, mas também exigindo que os primeiros se vão moldando às suas necessidades e exigências, fazendo, por isso, que nunca percam o epíteto de “novo”.

A comunicação pretende apresentar uma análise e reflexão sobre o modo como os novos *media* penetraram no quotidiano de três gerações familiares (avós, pais e filhos) e na forma como estas, residentes em meio rural, transformaram a apropriação dos *media* num ato contínuo. A análise e reflexões têm por base os dados empíricos recolhidos no contexto da investigação: "Gerações de ecrã em meio rural: as práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural de três gerações".

Estado: Publicado em atas

Nome da publicação: Os Tempos Sociais e o Mundo Contemporâneo. Um debate para as Ciências Sociais e Humanidades

Ano da submissão: 2012

Ano da publicação: 2013

Editores: Emília Araújo, Eduardo Jorge Duque

Título do trabalho submetido: O uso dos novos *media* e a redefinição de tempos e espaços em contexto rural

Autores: Ana Melro, Lúcia Oliveira

Editora: Associação Portuguesa de Estudos do Tempo e Sociedade

Resumo:

O que ocorre na sociedade provoca alterações no tempo e espaço dos indivíduos, com os novos *media* essa aceção não só não é diferente, como ganha contornos mais abrangentes. A utilização cada vez mais frequente e massiva – em termos de número de artefactos, mas também de número de horas – dos novos *media* obriga a que a percepção do tempo e o espaço sofram constantes mutações, permitindo uma quase inexistência de fronteiras entre diferentes contextos e proporcionando uma hibridez que passa despercebida a grande parte dos indivíduos. Diz Castells (1996/2007), (2007) que se o trabalho entra nas casas e nas redes de amizade, situação proporcionada pelo estado de permanente conectividade, então também é muito provável que o contrário aconteça, ou seja, que durante o período de trabalho e no seu espaço específico, as relações de amizade e a família consigam penetrar (2007, p. 104). Os utilizadores de novos *media* experimentam uma nova noção de espaço e tempo, proporcionada, sobretudo, pelos ecrãs, uma vez que são eles que nos transportam para outros mundos, "a temporalidad de las pantallas plantea una lógica propia, que a la vez se expande hacia otros espacios sociales." (Murolo, 2011, p. 40).

Thompson (1998) e Harvey (1990) têm também uma noção concreta sobre a reorganização social e societal, diz o primeiro que "Antes do desenvolvimento das indústrias da mídia, a compreensão que muitas pessoas tinham de lugares distantes e passados era modelada basicamente pelo intercâmbio de conteúdo simbólico das interações face a face" (Thompson, 1998, p. 38), o que complementa Harvey (1990) com a sua imagem gráfica "shrinking map of the world".

Nesta comunicação aprofunda-se um dos objetivos da tese "Gerações de ecrã em meio rural", apresentando-se resultados dos *focus groups* e diários aplicados em Ponte de Lima, a indivíduos pertencentes a 3 gerações – 1950, 1970 e 1990.

Estado: Publicado, disponível em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1558/1460

Nome da publicação: Comunicação & Sociedade

Ano da submissão: 2012

Editores: José Marques de Melo

Título do trabalho submetido: Penetração dos novos *media* no quotidiano de três gerações residentes no meio rural português: breve reflexão histórica

Autores: Ana Melro, Lúcia Oliveira

Editores: Universidade Metodista de São Paulo

Resumo:

Desde finais da década de 50, com o aparecimento e progressiva disseminação da televisão pelas casas portuguesas (atualmente, numa parte significativa delas, existe em mais do que um compartimento); passando pelo computador, na década de 70 e; finalmente, a forma como, na década de 90, se iniciou o processo de distribuição do telemóvel, há toda uma história associada sobre a qual é importante refletir.

No meio rural português, qual foi o caminho traçado pelos seus residentes até à “domesticação” (Berker, Hartmann, Punie, & Ward, 2005; Silverstone & Haddon, 1996) de cada um dos *media* – televisão, computador e telemóvel? Da utilização quase exclusiva em espaços públicos até à integração dos *media* no espaço doméstico e nas dinâmicas familiares e sociais, houve um percurso percorrido quer pelos *media*, que vão sofrendo alterações constantes, quer pelos indivíduos que se vão adaptando a essas alterações, mas também exigindo que os primeiros se vão moldando às suas necessidades e exigências, fazendo, por isso, que nunca percam o epíteto de “novo”.

O artigo pretende apresentar uma análise e reflexão sobre o modo como os novos *media* penetraram no quotidiano de três gerações familiares (avós, pais e filhos) e na forma como estas, residentes em meio rural, transformaram a apropriação dos *media* num ato contínuo. A análise e reflexões têm por base os dados empíricos recolhidos no contexto da investigação: “Gerações de ecrã em meio rural: as práticas de utilização dos novos *media* no quotidiano rural português de três gerações”.

Estado: Aceite, com alterações

Nome da publicação: Consumo, convergência e novas mídias: reflexões e análises

Ano da submissão: 2012

Ano da publicação: 2013

Editores: Patrícia Bieging, Raul Inácio Busarello

Título do trabalho submetido: Convergência e erosão de espaços no meio rural português através do consumo dos novos *media*

Autores: Ana Melro, Lúcia Oliveira

Editores: Pimenta cultural

Resumo:

O meio rural português pode ser considerado rico em termos de características. Sobretudo se se observarem as mudanças ao longo do tempo, conclui-se, como Elisabete Figueiredo (2011), que não existe “rural”, mas “rurais” (FIGUEIREDO, 2011, p. 14). O consumo dos novos *media* contribuiu não apenas para as mudanças em termos da sociedade portuguesa, mas, mais especificamente, da sociedade rural portuguesa, é sobre essa que se fará a reflexão.

Os desenvolvimentos tecnológicos vieram alterar as rotinas e até as tradições da sociedade portuguesa. Por exemplo, a distância entre meio rural e meio urbano que, no início do século XX, constituía um real problema na aproximação dos seus residentes, é, na atualidade percecionada como uma oportunidade. É da distância que surge a possibilidade de afastamento do trânsito, da rotina diária, dos espaços poluídos. Para além disso, a distância é quase percecionada como não existente, com o desenvolvimento de estradas e novos meios de transporte mais rápidos. Harvey (1990) menciona a compressão dos tempos e espaços, através de distâncias mais curtas e diminuição do tempo de viagem e de encontro (HARVEY, 1990, p. 240),

assistindo-se, por isso, “a uma libertação do homem relativamente às distâncias geográficas.” (FIDALGO, 1999, p. 94).

Com base nos resultados da investigação realizada relativamente aos consumos dos novos media por três gerações residentes no meio rural português, foi possível verificar que a convergência de espaços e a diluição de tempos nos contextos quotidianos dos indivíduos nascidos na década de 70 é bastante evidente. A utilização de dispositivos portáteis permite, muitas vezes, transferir o espaço de trabalho para o familiar e este e o de lazer para o laboral. Por exemplo, “o telemóvel tem vindo a provocar profundas alterações no nosso contexto: novos usos do tempo, novas formas de interação social e o esbater das barreiras espaciais.” (GANITO, 2007, p. 13).

Foram objetivos da investigação, analisar a utilização dos novos media/ecrãs pelos residentes em âmbito rural; conhecer as práticas de utilização dos novos media/ecrãs em contextos diferenciados – laboral/escolar, de lazer, familiar; compreender de que forma a utilização dos novos media/ecrãs é realizada na geração intermédia, nascida na década de 70 e analisar se, de facto, se verifica a convergência entre espaços através da utilização dos novos media. O que se apresenta nesta reflexão são os resultados obtidos através da aplicação de inquéritos por questionário a nível nacional.

Conceitos como “não espaço” (AGNEW, 2011, p. 319), “tempo atemporal” (CASTELLS, 2007 [1996]) e hibridez de tempos e espaços são cada vez mais frequentes para definir o período que se vivência com recurso aos novos media. A Internet veio alterar “as próprias coordenadas espacio-temporais a que estamos habituados, compactando-as, ou seja, o espaço e o tempo na rede existem na medida em que são construção social partilhada.” (SILVA, 2001, p. 151). O físico e o virtual são, agora, imiscuídos um no outro, tudo está disponível permanentemente e qualquer espaço é adequado para trabalhar ou ter tempo de lazer (ILHARCO, 2007, p. 72).

A repartição do tempo e dos espaços em fronteiras bem delimitadas – família, trabalho, escola e lazer – deixou de fazer sentido a partir do momento em que se tornou possível comunicar com alguém sem ser necessário estar presente fisicamente (JOHNSON, 2001, p. 69), realizar uma tarefa exigida pelo trabalho e não ser necessário estar no escritório, ter acesso a formação a distância. O espaço físico tem sofrido alterações no sentido da integração do ciberespaço, o tempo delimitado deu lugar a um tempo híbrido.

Estado: Publicado, disponível em http://media.wix.com/ugd//143639_3a577641384c8575e0447209a469bfd1.pdf

Nome da publicação: New Media & Society

Ano da submissão: 2012

Ano de publicação: 2013

Editores: Nicholas Jankowski, Steve Jones

Título do trabalho submetido: Media intergenerational cooperation/conflict

Autores: Ana Melro, Lúcia Oliveira

Editora: Sage

Resumo:

From its appropriation, passing through objectification, incorporation and, finally, conversion (Silverstone et al., 1992: 47-52) there are several ways that individuals belonging to different generations (born in the 1950's, 1970's and 1990's) eliminate the barriers which exist in the use of media. Rivoltella (2010a) denominates the youngsters as the “screen generation” (2010a: 6). Regarding seniors, Salovaara (2010) refers that there are several situations which trigger their search for information and communication technologies (2010: 803-804). But are there real differences?

What are the use dynamics of new media in three different generations? In this article, we present the results of focus groups regarding the usage of new media that were applied to members of three generations in Portugal at the end of 2011 (television, computer and mobile phones). Those focus groups promoted discussion among individuals of the same generation (multigenerationality), as well as interaction between different generations (intergenerationality) (Villar, 2007: 115-116).

Estado: Submetido, a aguardar decisão

Nome da publicação: Journal of Rural Studies

Ano da submissão: 2012

Ano de publicação: 2013

Editores: Michael Woods

Título do trabalho submetido: Portuguese rural areas and use of new media: uni and multigenerational

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Editora: Elsevier

Resumo:

Rural areas are being confronted with the challenge of constant modernization and adaptation, encouraged by the presence of new media. This is the new rural, which is increasingly intertwined with the urban in the rural hybrid concept (Cimadevilla, 2010). According to several authors (Balasubramanian, Thamizoli, Umar, & Kanwar, 2010; Gilbert, Karahalios, & Sandvig, 2010; Whitacre, 2010), the use of television, computer and mobile phone in the contexts of work/school, leisure and family is clearly evident, but what about their use by individuals belonging to different generations (born in the 1950s, 1970s and 1990s) living in Portugal's rural areas?

This article discusses the results of uni- and multi-generational focus groups organized under the research project "Screen generations in Portuguese rural areas: the use of new media in the rural daily life of three generations", as a contribution to the understanding of how the generations living in rural areas appropriate the new media in their daily routines.

Estado: Submetido, a aguardar decisão

Nome da publicação: Revista Comunicando – Os novos caminhos da comunicação

Ano da submissão: 2013

Ano de publicação: 2013

Editores: Grupo de Jovens Investigadores da SOPCOM

Título do trabalho submetido: Acesso aos novos media e competências infocomunicacionais em três gerações familiares

Autores: Ana Melro, Lídia Oliveira

Editora: SOPCOM

Resumo:

A utilização dos novos media não se faz sem que o indivíduo recorra a competências específicas que lhe permitam retirar deles o melhor resultado possível, ainda que este varie de pessoa para pessoa. Atualmente, as competências ou literacias necessárias são cada vez mais diversas e complexas, associadas a fatores sociais, tecnológicos, económicos e outros. Para além disso, considerando a multiplicidade de dimensões, o próprio conceito deverá, agora, ser utilizado no plural uma vez que assume contornos variados, com múltiplas competências a ele associadas.

Analisando a utilização de novos media por três gerações familiares (1.151 inquéritos por questionário), verifica-se que as competências variam de geração para geração, mas, igualmente, de media para media. A utilização mais ou menos frequente, a motivação para essa utilização, bem como a localização geográfica e a condição socioprofissional são fatores que promovem o desenvolvimento, ou não, de literacias digitais. O objetivo deste artigo será refletir sobre a forma como três gerações – avós, pais e filhos –, residentes no meio rural português, utilizam os novos media e, partindo daí, compreender que competências infocomunicacionais julgam deter e que diferenças existem entre as gerações.

Estado: Submetido, a aguardar decisão

ANEXO XIV

TRANSCRIÇÕES *FOCUS GROUPS*

Focus Group Geração de 90

Data: 26 de Novembro de 2011

Hora prevista: 17h30

Hora de início: 18h

Hora de fim: 18h40

Duração: 40min

Local: Ponte de Lima

Número de participantes: 7

Moderador: AM

Participantes: JCq; MV; NAI; NAn; JC; MC; AG

AM: Utilizam tecnologias?

Todos: Sim.

AM: Que tecnologias utilizam durante o dia?

Todos: Telemóvel e computador.

AM: Televisão?

Todos: Também.

JC: Agora não.

AM: Nem por Meo ou por TV Cabo?

JC: O Meo foi só a primeiras semana, depois...

AM: Depois foi-se?

JC: Foi.

AM: E com que frequência utilizam mais, todos os dias, todos as semanas, todos os meses?

Todos: Todos os dias.

AM: Todos os dias, as três coisas (televisão, computador e telemóvel)?

NAn: Não, o computador é só tipo ao fim de semana e nem sempre.

AM: E para a escola, por exemplo?

NAn: Vou com o telemóvel.

AM: E para fazer pesquisas por exemplo, não fazes trabalhos com o computador?

NAn: Tem na escola.

AM: Mas utilizas na escola?

NAn: Sim, utilizo mas nem sempre frequentemente.

AM: Quando eu digo se utilizam o computador não é só o vosso pessoal, o da escola também. Então utilizam todos os dias, e isso está relacionado com quê? Por exemplo, utilizam porque têm que fazer trabalhos para a escola, ou utilizam o telemóvel porque...

NAI: Lazer.

AG: Lazer.

AM: Lazer? Só?

NAI: Frequentemente.

JCq: Muitas das vezes.

MV: Eu o computador uso para trabalhos e lazer.

AM: Utilizam a internet no telemóvel por exemplo?

JC: Eu utilizo.

NAI: Não tenho telemóvel com internet.

AM: É como os computadores também, não é?! Nós podemos ter computadores com internet e sem internet. Para além daquelas tecnologias que vos falei (televisão, computador e telemóvel) utilizam outra qualquer. O rádio, por exemplo, é considerado uma tecnologia ?!?!?!

JC: Só a ir para a escola.

AM: E já ouviram falar dos *tablets*?

Todos: Sim.

AM: E ninguém tem?

Todos: Não.

AM: Mas gostavam de ter?

NAI: Não.

JCq: Não.

JC: Partia logo.

AM: O quê que pensam sobre a influência destas tecnologias no vosso entretenimento, e no vosso trabalho, nas vossas pesquisas, na escola, acham que é vantajoso, acham que faziam de outra forma qualquer se não fossem as tecnologias, não era preciso...

NAI: Não, acho até que tanto tempo era escusado.

AM: Era escusado? Tu retiravas isso se pudesses optar?

NAI: Talvez, mas às vezes passamos muito tempo, mas às vezes abusamos e pronto. Até às vezes há vários jogos que é a pagar e nós perdemos a cabeça e pagamos de propósito só para esse jogo e depois, passado duas semanas ou assim, já não ligamos ao jogo e deixamos estar e foi um investimento para nada.

AM: Mas tens essa noção?

NAI: Tenho.

AM: E os teus colegas também têm? Ou notas que há pessoas, rapazes ou raparigas, que ainda abusam mais?

NAI: Há alguns que ainda abusam mais do que outros.

JC: Há lá mais que abusam.

AM: E vocês?

MV: Eu jogo, mas não gasto dinheiro.

AM: Mas perdem muito tempo a jogar?

NAn: Sim, depende do jogo.

MV: Algum, mas eu nunca jogo na internet.

AM: Mas porquê? Porque não queres ou porque não te deixam?

MV: Porque também sei que na internet também se paga e por isso jogos os meus videojogos.

AM: E *facebook* todos têm?

Todos: Sim.

MV: Não, eu não tenho.

AM: Porquê que não tens?

MV: Porque acho que é uma perda de tempo e não quero.

AM: E porquê que todos têm?

MC: Porque é fixe.

(Risos)

JC: Porque foi engraçado no início, agora é um minuto e sair.

AM: É? Já não gostas?

JC: Não.

MV: E é perigoso acho eu.

NAI: Eu também é um minuto e sair.

AM: Para marcar coisas, por exemplo, com os teus colegas não falas...

JC: Jogos por exemplo.

NAI: Às vezes quando queremos dizer alguma coisa pelo telemóvel, usamos o *facebook*, eles estão *online* pronto. Isso de gastar dinheiro isso era primeiro com os telemóveis, agora temos outros tarifários.

AM: Gostam de utilizar as tecnologias? Gostam de ter acesso a computadores, a telemóveis...

JC: Agora é só o telemóvel, o computador já está...

AM: É passado?

JC: Para mim, sim.

AM: Mas, por exemplo, tu não conseguias fazer com um telemóvel o que fazes com um computador.

JC: Eu agora também já passo dias sem tocar no telemóvel, sem dinheiro, sem nada.

AM: E que tecnologia preferem utilizar?

MC: Computador.

NAn: Computador.

MV: Computador e telemóvel.

JC: Depende...

JCq: Depende da situação.

NAI: Isso também depende do momento, porque, por exemplo, numa semana preferimos o computador porque temos alguma coisa para fazer lá, na semana a seguir podemos já preferir o telemóvel.

AM: Mas isso é necessidade, eu estou a perguntar aquilo que vocês gostam mais de utilizar. Imagina que vos davam a escolher das três tecnologias: televisão, o computador com internet ou sem ou telemóvel, das três tinham que escolher uma, qual é que escolhiam?

Todos: Computador.

JC: Telemóvel.

AG: Telemóvel.

AM: E porquê que preferem o computador?

MC: Tem mais jogos.

MV: Dá para fazer mais coisas, tem mais utilidade.

AG: Dá para falar com os amigos, para marcar encontros.

AM: Maioritariamente usas mensagens ou chamadas?

AG: Mensagens.

AM: E não usam o *facebook* ou o *msn*...

AG: Mas é mais rápido.

MV: Eu acho que com o telemóvel é mais fácil de comunicar com as outras pessoas.

AM: Gostariam de utilizar outras tecnologias?

JC: Sim.

MC: iPhone.

NAI: Mas isso é só no início. As tecnologias é só no início, depois pronto, perde o vício.

JC: Eu acho que tenho tudo o que saiu, playstations e isso.

AM: E já não usas nada?

JC: Só usei uma semana, um mês e arrumo.

MV: Eu não tenho *facebook*, mas... Gostava de ter PS3, mas é isso que ele diz, ?!?!? mas depois quando se começa a usar depois de algum tempo já perde a graça.

AM: Que atividades realizam com as diferentes tecnologias? O quê que fazem com o telemóvel...

MV: O telemóvel é só para contactar as pessoas e o computador é só para fazer trabalhos e jogos.

NAI: Depende, se comprar um telemóvel bom tenho gosto mas ao fim de algum tempo já vai cair, já vai partir, parte uma peça aqui, outra acolá, por isso, acho que mais vale fazer uma compra menos elevada e usá-lo só para falar com os amigos e assim, fazer chamadas.

MV: Também acho.

AM: Por exemplo, eu não sei se acontece convosco, os teus amigos se tiverem um telemóvel melhor que o teu, tu não te sentes pior por causa disso, ou não te gozam?

NAI: Isso era mais quando era pequenino, gostava de ter um telemóvel com fotografias e não sei quê, agora com a idade e isso, amadureci, penso que isso já não acontece, já não ligo ao que os outros dizem.

(Risos)

AM: E mais que atividades é realizam mais?

MC: Ouvir música.

AM: Ouvir música com o telemóvel ou no computador?

MC: Os dois.

JCq: Computador.

JC: Os dois. Computador e mp3.

AM: Eu estou a ver que a televisão está completamente excluída.

NAI: No sábado á noite ou assim.

JC: Só à hora de jantar.

AM: E dentro de cada tecnologia, por exemplo, do telemóvel e do computador, se quiserem falar doutros também, que aplicações é que usam mais? Por exemplo, usam o telemóvel mais para escrever mensagens ou para receber chamadas e fazer ou para ir à internet, se for o caso ou jogar e o computador igual.

JC: O telemóvel é só mensagens. E chamadas não faço, só recebo.

JCq: E chamadas também.

NAn: Mensagens.

MC: Eu também.

MV: O telemóvel é mensagens e chamadas.

MC: Para mim o telemóvel é música.

AM: E o computador?

JC: Música.

MV: Trabalhos.

NAI: Trabalhos.

JCq: O telemóvel é mais para mandar mensagens, fazer chamadas. O computador é para as redes sociais.

AM: Quanto tempo passam, mais ou menos, nas redes sociais?

JCq: 5 minutos.

NAn: 5 minutos.

AM: Por dia?

Todos: Sim.

MC: Eu antes era viciado.

JC: Eu antes passava muito tempo.

AM: E viciado em quê?

JCq: Em jogos.

MC: Nos jogos, definições, nas atualizações, nos perfis dos outros.

AM: Então, a utilização de cada uma das tecnologias, daquelas que eu falei, é maioritariamente para passar o tempo ou para fazer trabalhos, exceto ali (o M)?

JCq: Isso também depende das pessoas.

MV: Eu passo mais tempo a jogar do que a investigar, mas quando é preciso investigo.

NAI: Claro, se comprássemos um computador só para fazer uns trabalhinhos de duas em duas semanas, também não compensava o valor.

AM: Claro, eu estou a brincar, a internet tem o objetivo que vocês pesquisem coisas pessoais. Convém que estejam conscientes dos perigos que tem, e acho que estão, mas também podem ser utilizados para lazer, por isso é que eu perguntei “a finalidade é mais para lazer, mais para trabalho, mais para contactar com amigos”...

JCq: Lazer, contactar com amigos, basicamente é isso.

AM: E onde é que costumam utilizar as diferentes tecnologias?

Todos: Casa.

AM: Exceto o telemóvel?

JC: Exceto o telemóvel.

NAn: O telemóvel e o computador.

MC: O computador é mais em casa.

AM: Ninguém tem computador portátil, por exemplo?

JC: Tenho eu.

MV: [Também assinala que tem.]

AM: E está sempre em casa?

JC: O meu está sempre em casa.

AG: Às vezes levo o portátil para a escola.

MV: O meu está sempre em casa.

JC: Mas o meu é só para fazer trabalhos.

MV: Eu às vezes frequento os computadores na escola para ir só ao email ou assim.

AM: E os professores na escola deixam utilizar os computadores na sala de aula?

NAn: Deixam para pesquisa.

AG: Sim, para fazer trabalhos ou isso.

MV: Lá na minha escola tem a biblioteca e na biblioteca tem dum lado computadores que é para investigação e do outro lado, que é junto a janela que é para ir tipo a jogos, a ir ao *youtube*, *facebook*.

AM: A utilização da tecnologia depende do sítio onde estão?

MC: Sim.

AM: É? Vocês utilizam mais o computador em casa do que utilizam a televisão, por exemplo?

JC: A televisão é quando não há mais nada para fazer.

MV: O telemóvel podemos usar em todo o lado.

JC: Se eu não estou em casa ou estou na escola com os amigos ou estou no treino com os amigos.

AM: E já não precisas do telemóvel?

JC: É.

AM: Mas estavas a falar do telemóvel (para MV), vocês o telemóvel não usam na escola?

Todos: Uso.

MV: Só nos intervalos, nas aulas não.

JC: E se os professores nos autorizarem nas aulas.

AM: Não vos obrigam a desligar?

Todos: Não.

AG: Às vezes há alguns que nos obrigam a guardar numas caixas ou assim.

JC: Isso deixa um professor puto, a sério.

MV: Há professores que dizem “ah desliguem os telemóveis”, mas ninguém desliga. Eu em casa ponho só a vibrar.

AM: E, por exemplo, se receberem mensagens durante as aulas vocês respondem?

JC: Depende.

AG: Se a mensagem for da TMN respondo.

MV: Depende dos professores.

AM: Pois, é isso. O objetivo é saber, se vocês respondem durante a aula ou se não respondem.

NAn: Eu não, eu não leio.

JC: Depende da aula, depende de...

AG: Depende se a mensagem é interessante ou não.

JC: Claro que vejo a mensagem sempre, mas responder depende da mensagem, do professor, da aula.

AM: Sentem que se estivessem num meio urbano o acesso às diferentes tecnologias seria diferente?

JCq: Bastante.

JC: Eu acho que era igual.

NAI: Eu acho que hoje em dia a tecnologia já chega a todo lado.

AM: Mas por exemplo, o que me falaram de manhã, a rede aqui pode ser mais fraca.

Todos: Sim.

NAI: E não temos acesso à fibra ótica e assim.

AM: Por isso, sentem que seria diferente ou era a mesma coisa, se calhar não ligavam se houvesse a fibra ótica.

MC: Eu acho que não era a mesma coisa. Porque há sítios onde se apanha menos (rede) e há sítios onde se apanha mais.

AM: E achas que era melhor ou pior? Se vivesses no meio urbano, se tivesses mais rede, claro...

MC: Era melhor.

AM: Preferias?

MC: Preferia.

NAI: Mas também viver num sítio urbano só para ter mais rede... Eu prefiro viver assim num meio rural e ter menos rede e poder estar mais à vontade do que viver na cidade... E acho que ficávamos vidrados na tecnologia e deixávamos de viver.

MV: Nós vivemos muito mais cá fora...

NAn: Eles estão mais agarrados ao computador e isso tudo, estão mais fechados.

MV: Nos meios urbanos não podemos sair cá para fora é logo trânsito.

MC: Fumo (dos carros) e tudo.

MV: No meio urbano é só prédios e apartamentos e aqui temos a nossa casa própria, jardim e acho que é melhor.

AM: E que oportunidades acham a tecnologia vos traz no meio rural? Até eu, não sei se conhecem Peso da Régua, é uma cidade, quase vila, muito pequenina mesmo, perto de Vila Real, também é no Norte, e eu acho que se eu não tivesse determinadas tecnologias, por viver no meio rural, como não tinha outras coisas para fazer, a tecnologia traz-me alguma coisa de bom não é?! Mantem-me em contacto com outras pessoas, em contacto com outro mundo. Acham que por viver no meio rural a tecnologia vos traz outras oportunidades? Têm acesso a outra informação ou não é totalmente indiferente? E se tivessem no meio urbano a oportunidade de mexer na tecnologia era exatamente igual?

JC: Eu acho que no meio rural há mais curiosidade em mexer nas tecnologias, porque é outra mentalidade e não fomos habituados a isso, quer dizer, eu fui, mas...

MV: As pessoas no meio urbano vêm uma coisa e vão lá buscá-la...

AM: Também é preciso ter dinheiro, não é?!

MV: Sim, e no meio rural acho que não há tantas possibilidades para isso e as pessoas ?!?!?

AM: E vocês (para os que não responderam) o quê que acham? Acham que a tecnologia aqui vos traz mais oportunidades e vocês se calhar até utilizavam menos se vivessem num meio urbano?

NAI: Sim, a tecnologia acho que tem tantos aspetos positivos como negativos, mas acho que até foi um bocado uma coisa boa a tecnologia.

AM: Como por exemplo?

NAI: Por exemplo, o telemóvel para contactar as pessoas e assim; o computador, internet, antes era livros e vamos lá pesquisar tudo, temos tudo o que queremos.

AM: Acesso mais fácil a tudo?

JCq: A internet é mais ?!?!?

AM: Para adquirir a tecnologia que têm, seja o telemóvel que for, o portátil, a televisão, seja o que for que têm em vossa casa, não sei se foram vocês que compraram ou não, ou se foram vocês que escolheram, se foram vocês que escolheram onde é que tiveram a informação? Foi fácil ter informação sobre o telemóvel que queriam por exemplo? Sobre a playstation ou sobre...

JC: Foi.

NAI: As publicidades estão em todo o lado.

AM: Mas foi na televisão ou foi na internet?

NAI: Na televisão...

AG: Revistas.

JCq: E também se passarmos pelas lojas vemos lá os telemóveis.

JC: E também essas lojas são todas... Nós ao ir para a escola passamos pelas lojas na vila.

AM: Mas tirando a parte de ser mais caro, aquilo que falaste (para NAI), o facto de viverem aqui, por exemplo, para comprarem o telemóvel foi preciso mandar vir ou foi fácil chegar a uma loja e comprar?

JCq: Também agora com os transportes também ajuda a ter acesso ao que nós precisamos.

JC: Para mim foi fácil.

AM: E o computador ou o telemóvel que têm escolhido, era aquele que queriam ou queriam outro mas não havia aqui?

JCq: Havia.

JC: Havia, havia.

AM: Açam que há usos diferentes das pessoas que vivem no meio urbano e que vivem no meio rural? Há usos diferentes da tecnologia?

JC: Há.

MV: No mundo urbano as pessoas usam mais a tecnologia.

AM: Tens ideia de qual é que usam mais ou é indiferente e usam todas mais?

MV: Acho que usam todas mais.

JCq: No meio urbano tudo é controlado pela tecnologia, os semáforos ou assim e nos meios rurais não.

NAI: Lá está, a tecnologia chega a todo o lado.

AM: Sim, mas não achas que há diferenças entre os usos que se fazem...

NAI: Isso depende também da pessoa.

AM: Quando é que utilizam mais cada uma das tecnologias, de manhã, à tarde ou à noite?

JCq: Todo o dia.

JC: À tarde.

NAI: Ao fim do dia.

MV: Ao fim da tarde.

MC: Ao fim do dia.

NAn: À tarde.

AM: E qual?

MV: Telemóvel e computador.

NAn: Telemóvel e televisão.

JC: Telemóvel.

MC: Fim de semana é computador e televisão.

NAn: Fim de semana é computador.

MV: A televisão á mais à noite e o computador é assim à tarde.

AM: E quando dizem que utilizam mais a televisão, o computador ou o telemóvel é tudo ao mesmo tempo?

JC: Sim, eu estou a ver televisão, estou a mexer no computador e a estou a mandar mensagens.

NAn: Não.

NAI: Já cheguei a estar assim por acaso, sentado no sofá com o computador em cima, o telemóvel ao lado e a televisão à frente.

JC: E sempre a clicar no *facebook*, *facebook*, *facebook* a ver se aparecia alguma atualização.

MV: A única coisa que uso ao mesmo tempo é o telemóvel e o computador porque às vezes preciso de perguntar umas coisas aos meus colegas e mando mensagens e estou ao computador.

AM: E de manhã não utilizam?

JC e NAn: Não.

MV: De manhã acordamos com sono.

NAI: Tenho sono de manhã.

AM: O quê que define essa utilização? O facto de utilizarem só à tarde ou à noite é porquê?

JC: O tempo livre.

AM: E os vossos pais, por exemplo, ou as pessoas com quem vivem não dizem que só podem utilizar nessas alturas?

JC: Não, eles utilizam mais do que eu, o computador mais que eu.

AM: E a televisão não?

JC: A televisão...

NAI: Isso é sempre uma luta por causa do canal, mas isso é só quando estamos todos na sala.

JC: Morar com muitas pessoas é difícil, os canais, o meu avô é futebol ou notícias, o meu pai nem vê muita televisão, mas o meu avô e eu é sempre uma luta.

AM: Mas quando podem decidir vocês o que utilizar, é o tempo livre que define se utilizam mais uma outra?

Todos: Sim.

AM: Não é, por exemplo, um trabalho que têm para fazer que vos obriga a utilizar mais o computador?

JCq: Os professores nem mandam muitos trabalhos de pesquisa para casa, é mais nos livros.

AM: Gostariam de utilizar mais ou menos vezes as tecnologias, se vos deixassem?

JC: Menos o computador.

NAI e JCq: Menos.

AM: E porquê que não parte de vocês deixar de utilizar tanto?

JC: Porque eu acho que é uma perda de tempo.

NAI: É uma perda de tempo.

MC: Não ganhamos nada com isso.

AM: Mas vocês decidem deixar de utilizar tanto?

Todos: Sim.

AG: Para mim, pelo menos, é quase todos os dias no computador ou assim, eu acho que é uma perda de tempo.

JC: Eu também acho que o uso do computador também acho que se usa mais nos meios urbanos, há pessoas que andam com eles, mesmo a andar estão a mexer no computador e no telemóvel.

AM: E acham que vos ajuda utilizar o telemóvel e o computador, acham que vos ajuda a gerir o vosso tempo e o vosso dia?

JC: Não, só o telemóvel.

AM: Não acham que vos ajuda em nada a gerir o tempo utilizar essas tecnologias?

JC: Não.

MV: O telemóvel.

AM: O telemóvel? O computador não faz diferença?

Todos: Não.

AM: Utilizam as tecnologias sozinhos ou acompanhados?

Todos: Sozinhos.

JCq: Depende.

MV: A maior parte do tempo é sozinho.

AG: À noite é sempre para ver filmes.

MV: Exceto a televisão que é a maior parte do tempo é sempre com a família.

AM: E no caso em que utilizam sozinhos, gostavam de ter alguém ao vosso lado, por exemplo, quando utilizam o computador gostam de ter alguém para partilhar o que estão a fazer ou preferem sozinhos mesmo?

MV: Depende do que estivermos a fazer. Se for no *facebook* não.

NAI: Depende das coisas, se for muito privado...

AM: Não se já ouviram falar dos riscos de utilizar a internet, por exemplo? Achem que há perigos em utilizar determinado tipo de tecnologias?

NAI: Às vezes dar confiança a quem não merece.

JCq: Dar confiança a quem não conhecemos.

MV: Às vezes é preciso ver os amigos do *facebook*.

AM: Mas vocês têm noção disso? Por exemplo, quando vos fazem pedidos de amizade nas redes sociais...

NAI: Sim, vemos os amigos que têm.

AM: E quem vos alertou para esses perigos, foram vocês que foram vendo na televisão?

JC: Sim.

MV: Por isso é que eu não tenho *facebook*, porque sei que é perigoso.

AG: Na televisão está sempre a dar de ver os emails e não sei quê e daquelas pessoas que raptam.

AM: O que pensam sobre as influências do uso das tecnologias nos relacionamentos que vocês têm com as pessoas mais velhas que vocês ou mais novas? Achem que ajuda, por exemplo, vocês a relacionarem-se com os vossos pais ou...

JC: Não, não os aceito no *facebook*.

AG: Não. Os meus pais não sabem mexer nisso.

AM: Mas, por exemplo, se te pedissem ajuda tu ajudavas?

JC: Ah isso era.

AG: Sim. As minhas irmãs já ensinaram à minha mãe a fazer umas coisas, só que depois não utiliza esquece.

AM: Mas acham que ajuda, sei lá, acham que facilita vocês contactarem com pessoas mais velhas ou com pessoas mais novas?

JC: Não faz diferença.

AM: Consideram que as relações presenciais foram sofrendo uma mudança por causa das tecnologias ou estão iguais?

JC: Mudaram mesmo, porque, por exemplo para falar com uma rapariga, já não temos aquela coragem que o meu pai tinha para ir falar com ela.

AM: Mas com os teus amigos, por exemplo. Tu lembras-te de quando não tinhas telemóvel?

JC: Lembro, mas eu tive o telemóvel muito cedo acho eu.

AG: Eu achava que as brincadeiras íamos mais jogar futebol e isso e agora passamos mais tempo em casa em frente ao computador, playstation.

JC: É verdade.

AM: Acham que as relações estão mais virtuais do que presenciais hoje?

JC e NAn: Sim.

NAI: Sim e isso é mau. Ficam mais reservados e já não é o que era dantes, estão só ali naquele espaço e não ligam aos amigos e vão perdendo amigos e assim com o tempo. E mesmo nos relacionamentos quando estão, por exemplo, a contactar por rede social pessoas que conhecem não é a mesma coisa porque depois quando encaram mesmo presencialmente ficam envergonhados.

JC: É verdade.

AM: Mas isso ficamos sempre, não à volta a dar-lhe, mas agora pode ser pior porque estão mais habituados a estar longe.

JC: Não temos de encarar a pessoa.

AM: E vocês gostam mais de encarar ou preferem utilizar a tecnologia para dizer aquilo que querem dizer?

JC: Preferia encarar, mas utilizo mais a tecnologia.

NAI: É isso.

AM: Encontram alguma dificuldade na utilização das tecnologias?

JC: Não.

JCq: No início tinha algumas dificuldades, mas agora...

NAI: Sim, no início, ninguém nasce ensinado.

AM: Mas os que estiveram aqui de manhã (geração de 70) disseram que vocês já nascem ensinados para essas coisas.

MC: Quem?

(Risos)

AM: Os pais de alguns ou então estiveram aqui pessoas mais velhas e disseram que parecia que vocês já nasciam ensinados para essas coisas.

AG: A ver ou então a contactar com essas coisas, se os adultos contactassem mais com o computador e o telemóvel mesmo se calhar também aprendiam mais rápido.

JC: Não sei porquê, mas eu acho que os jovens aprendem mais facilmente a lidar com as tecnologias do que os adultos.

AM: E porquê?

JC: Não sei.

AM: Lidam desde mais cedo, não é?!

JC: Não, mas é isso que eu estou a dizer, a primeira vez que estamos a utilizar uma tecnologia...

NAI: Os adultos têm mais preocupações.

JC: Pois, e nós nascemos com a tecnologia também a nascer.

AM: Têm alguém que ajude caso precisem, por exemplo, têm uma dúvida qualquer sobre fazer alguma no computador...

JC: O meu pai.

AG: Amigos.

JC: O meu pai, por causa do trabalho, ele percebe muito de Microsoft Office.

AG: Quando é preciso alguma coisa mais avançada perguntamos aos colegas mais velhos que já percebem mais das tecnologias.

AM: E vocês quando têm alguma dificuldade perguntam a quem?

MV: A quem sabe.

AM: Sim, mas normalmente a quem é que recorrem por exemplo, se têm alguma dúvida no computador?

NAn: Aos pais.

MV: Em princípio à minha irmã, porque ela é mais velha três anos do que eu e já sabe mais de utilizar as tecnologias e às vezes pergunto-lhe.

AM: Que vantagens ou desvantagens encontram na utilização das tecnologias?

JC: Rapidez da informação, mais nada.

MV: Nas desvantagens é as redes sociais podem ser perigosas.

MC: Depende de quem utiliza.

AG: A facilidade de aceder às coisas, por exemplo, a relação de preço e qualidade e isso.

JCq: Perdemos também a capacidade de socializar com as pessoas.

AM: Isso às vezes pode ser uma vantagem, por exemplo, se tiveres um amigo em Lisboa, se calhar é mais fácil contactares com ele...

JC: E é mais fácil organizar cenas...

AG: Ou mesmo fora do país.

AM: Há conflitos, por exemplo, não sei se é o caso de todos terem irmãos mais velhos ou mais novos, ou mesmo com os pais ou com quem quer que vivam, há conflitos ou cooperação entre vocês na utilização da tecnologia?

MC: Há.

JC: Só na televisão.

MV: A minha irmã utiliza mais o computador portátil e eu utilizo mais o fixo.

AG: Mais ou menos.

NAI: Acho que agora cada um tem o seu computador.

JC: É verdade.

AM: Eu não sei se acontece em vossa casa, mas no meu tempo havia uma televisão por cada compartimento.

JC: Eu tenho uma na sala, uma na cozinha, uma num quarto, outra num quarto e outra noutro quarto.

NAI: Eu por acaso não tinha televisão no quarto, só tinha na sala.

AM: Vias no quarto ao computador?

NAI: Não, ia noutro quarto para o computador. No meu quarto estava sozinho.

JC: Eu no meu quarto tinha televisão, computador fixo e o portátil.

MV: Em minha casa é televisão só na cozinha, sala e no quarto da minha irmã.

AM: E cada um tem um computador ou há um computador por casa?

MC: Um computador por casa.

MV: No meu caso, como os meus pais não usam, só eu e a minha irmã é que usamos, e temos um para cada, eu uso o fixo e ela o portátil. Mas também às vezes uso o portátil.

NAn: É um para os dois.

AM: E não há problemas?

NAn: Não, os meus pais é raro usarem, vêm mais televisão, a minha irmã está sempre ?!?!!!

AG: Nós éramos uma família numerosa e houve mais esses problemas, mas agora já não.

AM: Então, as perguntas acabaram e ... para além disso, vai ser aplicado a nível nacional um inquérito e vou tentar perceber junto das pessoas, vou enviar um inquérito e acham que alguma pergunta que pudesse ser feita relativamente a estas coisas?

NAI: Sim, se os idosos têm curiosidade em aprender.

AM: E se algum deles te pedisse ajuda tu ajudavas?

NAI: Sim.

JC: Mas acho que eles se fartavam rápido, o idoso. Ele queira ir embora, mas eu “só mais um bocadinho, olhe é assim que se faz”, “oh isso não é para ti”.

AM: E para além dessa, não acham que há alguma pergunta mais que quisessem fazer?

Todos: Não.

Focus Group Geração de 70

Data: 26 de Novembro de 2011

Hora prevista: 10h

Hora de início: 11h15

Hora de fim: 12h20

Duração: 55min

Local: Ponte de Lima

Número de participantes: 10

Moderador: AM

Participantes: RL; RC; FA; CC; PM; AG; SB; SG; MC; JM

AM: Relativamente ao tipo de *media* utilizado, do que se lembram relativamente ao surgimento da televisão? Lembram-se das primeiras imagens, lembram-se da televisão ir lá para casa, lembram-se ...?

RL: A preto e branco.

AM: A preto e branco... A evolução.

RL: Só por um curto espaço de tempo era possível ver.

JM: Eu ainda sou do tempo, principalmente nos jogos de futebol, a gente se pôr à frente da montra dos cafés, poucos tinham acesso até... imaginemos o último a chegar, se chegassem cedo apanhavam lugar à frente, os outros vinham cá para trás (?!?!?) Lembro-me, quando o porto foi primeira vez campeão europeu, em 87, imagine que muitos de nós assistiu o jogo cá fora, era no café que se chamava "O Nosso Café" ali na rua de Souto e era uma alegria. Muitas vezes ele punha a televisão a dar para fazer publicidade, a gente até ficava lá algum tempo a ver.

AM: E não são do tempo, por exemplo, das associações de bombeiros e dos escuteiros em que eram os únicos sítios onde havia televisão, não sei se se recordam disso, na década de 70?

JM: Talvez os bombeiros. (?!?!?!?)

AM: Utilizam alguma tecnologia? Algum *media*?

Todos: Sim.

AM: Qual?

RC: O telemóvel, o computador e a televisão. Tudo é indispensável. (?!?!?!?)

AM: Lembram-se de como faziam as coisas antes de existir o computador e o telemóvel, por exemplo.

SB: Era mais divertido. Bastante.

JM: Era o descabro. Eu lembro-me de ter de fazer, sei lá, passar as regras, (?!?!!) em termos de alta competição e tínhamos o projetor multimédia agora passo diretamente (???!!!!) antigamente tinha acetatos, andar com o projetor para trás e para a frente...

AM: Acetatos escritos à mão.

JM: Sim, à mão. Muitas vezes não passava daí.

RL: Eu lembro-me que tinha uma disquete e não cabia tudo numa sequer, se tinha um teste a imagem e eram duas disquetes para fazer um teste.

AM: Com que frequência hoje em dia utilizam, por exemplo, o telemóvel?

CC: O telemóvel a toda a hora.

AM: Todos os dias?

Todos: Sim.

AM: E a televisão?

SB: Por acaso, passo dias sem ver televisão.

CC: Eu não pego a dormir sem televisão.

JM: Eu cortei a Meo. Por acaso, acho engraçado, porque eu quando, estava a dizer ao senhor, (?!?!!) eu quero ver se obrigo os meus miúdos a brincar outra vez na rua e ele disse “você experimente isso, mas você vai ser um grande herói se conseguir fazer isso”, porque eu estava-lhe a dizer que os miúdos estavam muito viciados e, às vezes, queremos estar à vontade e pelo facto de estarmos à vontade eles vão logo se refugiar na televisão e no computador e a gente sabe que eles estão ali, mas não era bem aquilo que a gente queria e então eu dizia-lhe que vamos ter que mudar e estava-lhe a dizer que de todos os canais que a tinha que o 1, o 2, o 3 e o 4 davam perfeitamente e eles vêm os bonecos às 22h (?!?!?)

AM: E conseguiu?

JM: Para já estou a conseguir, e eles estão a aceitar bem, os miúdos vêm aqueles, a RTP2 antes de ir para a escola ou qualquer coisa e estão a conseguir. Se a gente lhes der menos eles também gostam menos, se a gente lhes der mais, eles também querem mais.

AM: Isso tem a ver com a oferta. E o mesmo se passa connosco não é?! Hoje em dia utilizamos o computador, a televisão e o telemóvel com mais frequência... Nós fazíamos as mesmas coisas no passado sem isso.

JM: (?!?!?!)

CC: Eu muitas vezes digo ao meu filho “oh João, hoje tens facilidades de fazer bons trabalhos, no meu tempo eu não tinha”. Eles hoje pesquisam no computador e tudo têm, nós era tudo em livros e íamos para a biblioteca porque não tínhamos outros meios e fazíamos o que tínhamos, eles hoje não, têm a papinha

toda feita, às vezes o que é mau porque tiram tudo de lá e não escrevem por palavras deles o que também é mau.

AM: A maior parte da frequência de utilização dos três meios (televisão, computador com ou sem internet ou telemóvel) prende-se com o quê, com o lazer, com o trabalho, com...?

Todos: Tudo.

AG: Com o trabalho bastante. Depois acaba por viciar um bocado.

CC: Vou ser sincera, uma coisa que eu detestava era o telefone, nem o toque eu conseguia ouvir. Hoje em dia já ando entre aspas viciada no telemóvel.

AM: O que pensam sobre as influências destas tecnologias que estivemos a falar na capacidade de trabalho, de estudar, de estar informado, de entretenimento? Açam que exercem uma boa influência, acham que vicia e isso é negativo, acham que facilitou...?

RC: Tem vantagens e tem desvantagens.

AM: Aponte-me algumas, se faz favor.

RC: Uma grande desvantagem é aquilo que se nota mais hoje, antigamente havia mais relações humanas, não é?! Hoje praticamente não existem, aquilo que o A estava a falar, ou se corta a televisão e a internet, principalmente, não é?! Para haver mais... Ou então não há porque hoje em dia toda a gente quando se chega a casa é um para cada lado e está cada um a fazer praticamente quase daquilo uma (?!?!?)

CC: É como antigamente à hora de jantar ou almoço toda a gente conversava, hoje não, hoje é televisão ligada... e não há diálogo.

RC: E não só, antigamente, mesmo até para estudar, para fazer trabalhos de escola ou não sei quê não ia um, não ia um para a biblioteca estudar, mesmo que fossem trabalhos diferentes, juntava-se um grupo e ia um grupo para lá, hoje não, os miúdos hoje quase nem à biblioteca vão, os miúdos hoje nem à biblioteca vão. É muito fácil ter a informação, é um cliquezinho e eles têm a informação toda praticamente.

AM: Ia dizer alguma coisa (para SG)?

CC: Mas ela (SG) estava a dizer que cada qual vai para seu canto.

AM: Também tem filhos?

SG: Também.

AM: E passa-se exatamente o mesmo, não há grande partilha em termos de família?

SG: Partilha há, só que quando são grandes é complicado.

RC: A partilha existe sempre não é?! Mas aquele contacto já não é muito.

CC: Reservam-se mais cada qual no seu canto.

SB: Mas também acho que nós devíamos fazer alguma coisa para mudar isso, não é?! Em vez de deixarmos os nossos filhos... eu por acaso não tenho filhos, mas há uma coisa que me incomoda, a minha irmã tem filhos, e ontem por exemplo, o meu sobrinho foi para a escola de táxi porque a minha irmã acabou de ter um bebé e o meu cunhado foi dar formação, não estava em casa, a minha irmã pegou no filho, meteu-o num táxi e mandou-o para a escola e disse “quando chegares à escola ligas para a mãe” porque ele tem um telemóvel, tem 10 anos e tem um telemóvel e ele não ligou, então eu disse-lhe “então, já sabes, logo quando ele chegar a casa, em vez de ele ir para o telemóvel, jogar jogos no computador ou na playstation, castigas, e colocas o teu filho ao pé do irmão e contigo e pronto têm ali uma conversa e ele vai perceber o castigo, não é castigo nenhum estar com a família, mas para ele vai ser, então temos que partilhar, começar a dizer aos nossos filhos que não pode ser todo o dia computador, jogos, etc. brincadeira virtual, não é?! mudar esse pensamento nos pais, eu acho isso.

SG: Haver há, só que os pais andam tão ocupados que não temos tempo.

JM: Porque aquilo é uma coisa, eu vejo pelo meu miúdo, até costuma ser pacífico, e quando eu o contraria em relação a isso...

SG: Ao computador.

JM: À playstation... aquilo é tão viciante que ele fica mesmo...

AM: Fica cego, sem saber o que fazer e...

JM: É. E quando a gente lhe nega e corta e, às vezes ele até responde e eu vejo que ele, de facto, está mesmo comenetrado na...

SB: Mas eu acho que isto tudo, basicamente, há os valores que nós, nós, a nossa geração começou a desrespeitar, ou seja, no dia de natal era impensável em ir para uma discoteca, hoje os miúdos no dia de natal, miúdos com 18, 19 “ah eu vou sair, vou para a discoteca”, isso é impensável, família, família, para mim, estou ao computador, telemóvel, etc. e tal. E se nós não começarmos a mudar isso primeiro, o nosso comportamento, é claro que os miúdos vão seguir os nossos passos...

AM: O problema é que na geração anterior não tinham acesso a discotecas, começou-se a ter acesso a discotecas, a vontade na noite de natal era ir para a discoteca, agora já é a necessidade de ir para a discoteca.

SB: Eu por acaso acho que o natal é família, só família.

JM: Eu no outro dia tive uma formação que era lá da escola para os pais e também foi deste género, uma formadora era tipo tentar uma ajuda para os pais, aquilo tinha um título... foi para o primeiro e segundo ano, era *coaching* parental, o título era esse, e eu até dei esse caso e disse mesmo que nós adultos que é assim, a gente vai uma vez ao shopping quer ir três, vai uma vez aqui, quer ir quatro, e eu até dei esse exemplo, dantes as famílias juntavam-se na eira, tipo nas aldeias, e a gente passava ali uma tarde e os miúdos brincavam e não sei quê, e eu estava a dar esse exemplo, sei lá, às vezes nós adultos, não é?! E eu falo também por mim, às vezes, vamos a um sítio, tipo vamos a um restaurante uma vez e queremos ir três e isto... e mesmo os miúdos, às vezes ponho-os na natação, porquê que não pus no hóquei, no basquete e começa por nós e eles depois também apanham as coisinhas todas e depois querem sempre...

CC: Mas às vezes não queremos para os nossos o que nós tivemos não é?! e às vezes facilitamos e damos.

SB: Por exemplo, nós não tínhamos, eu por acaso, estávamos a discutir a televisão, eu desde que existo me lembro que tenho televisão em casa e, portanto, também não via sempre a televisão, porque tinha que ir para a escola, tinha que jogar, fazer os trabalhos de casa, etc. e tal...

CC: Mas durante o fim de semana estávamos todos juntos e brincávamos.

SB: ... mas durante o fim de semana nós não queríamos a televisão, queríamos brincar, ela é minha prima (CC), tínhamos muitos primos, queríamos brincar, éramos muito mais felizes, muito menos depressivos, não precisávamos de ir a psicólogos, os miúdos hoje “vai a um psicólogo.”

RC: Mas também tem muito a ver com a sociedade...

RL: Tem muito a ver com a sociedade...

SB: Temos é que saber gerir o tempo, lá está, nas definições há muito aquela coisa de gerir o tempo, eles têm que saber que primeiro está a família, estará sempre, e depois está o resto, a escola em segundo lugar, e depois está o resto...

SG: É muito fácil dizer. Mas quem tem filhos... Depois há um que é muito direitinho e outro que é... e a educação é a mesma.

RL: E depois os amigos também têm muita influência.

RC: O meio diz tudo, estamos-nos a esquecer principalmente disso, é o que o Adriano estava a falar, há essa possibilidade, eu por acaso também tenho, mas se calhar a maior parte das famílias hoje não têm essa facilidade, vivem em caixas, não há espaços para brincar, vão tirar os miúdos de casa e mete-los onde?! Hoje chega-se a casa, temos que nos mentalizar disto, é a sociedade em que vivemos, hoje trabalha o pai e trabalha a mãe, trabalham os dois, saem de casa cedo, chegam a casa tarde, cansados, os miúdos também passam o dia inteiro na escola, também chegam a casa cansados, não é?! Alguma coisa que se contrarie pfff Agora quem vive numa caixa, agora imagine quem vive numa caixa não tem por onde sair, começar a contrariar os miúdos, querer fazer isto, os pais chegam a casa se calhar também, de certa maneira, um bocadinho irritados, não é?! Depois chegam a casa ainda têm que fazer o comer, é jantar, tratar dos miúdos, pô-los na cama, tudo isso, é os trabalhos de casa, tudo isso hoje em dia é muito complicado, quem tem espaço em que eles podem brincar se calhar torna-se mais fácil, agora a nossa sociedade hoje vive quase toda numa caixa, é quase tudo em apartamentos, e onde é que se vêm apartamentos com espaços verdes, fechados, em que seja minimamente seguro as crianças possam estar a brincar e os pais possam estar em casa.

CC: Lá está, por isso é que entreter televisão, computador e telemóvel.

RC: Depois no fundo, no fundo, também há um bocadinho de segurança, agora falou-se numa coisa, há o lugar da discoteca, mas isso não é dos pais, aí já é uma outra situação, mas aí já estamos a ir pelo...

SB: Pelo limite.

RC: Pelo limite e ...

CC: E pela idade.

RC: Exatamente, quando têm 18, 19...

RL: 13 (Risos) Ele está enganadinho (Risos).

RC: Eu vejo vai o pai e a mãe à meia-noite leva-los à discoteca, de 13, 14, 15 anos levá-los e às 4h, 5h da manhã estão lá de pijama dentro dos carros à espera, é impensável, isso para mim é impensável.

CC: Sim, mas eu prefiro levá-lo e buscá-lo.

RL: Não deixar ir e depois vão achar que são diferentes dos outros.

CC: Temos que gerir e dar a compreender o bem e o mal.

RC: Podemos pensar que não mas as crianças são muito cruéis... Os factores extra, um exemplo, a droga começa onde?! nas escolas e começa porquê?! Porque há um, que até já metido no meio e depois porque é o mais fixe da escola, não é?! É o mais fixe e depois os outros querem estar todos à beira dele e depois estar à beira o que significa?! Consumo. Tem tudo um relacionamento, tem tudo a ver com a sociedade.

AM: Mudando agora de um assunto tão negativo, apesar de tudo gostam de utilizar as tecnologias? As três?

CC: É impensável hoje ir para qualquer lado e não levar um telemóvel.

AM: Até de férias não é?

CC: Até nas férias.

AM: Mas gostam dessa sensação?

RL: De todos o que gosto menos é do telemóvel.

AG: Depende. Uma pessoa vai de férias, quer descansar, e às vezes ter um telemóvel.

JM: Depende, às vezes vou e desligo, desligo e nem...

AM: Mas, às vezes, há pessoas que não conseguem sequer fazer isso.

CC: É, mas isso é uma pessoa mesmo viciada naquilo, que não vê outra coisa.

AG: Mas às vezes são as profissões que exigem.

CC: Eu tenho um restaurante e tenho lá pessoas que estão na hora de almoço, se calhar não podem estar na hora do trabalho e estar a funcionar com o telemóvel, não é?! mas estão a comer e estão a calcar nas teclas, aquilo acho que já é mais um vício do que outra coisa, nem é falar com ninguém, é estar ligado.

AM: E que tecnologia preferem utilizar? Das três...

CC: Das três não sei... Uma coisa é ver, outra coisa também é ver, e outra é ouvir (risos) é difícil explicar.

SB: Eu prefiro a televisão.

CC: Porque eu gosto muito de televisão e mal chego a casa a primeira coisa que faço é ligar a televisão.

SB: E não vejo televisão hoje em dia, mas prefiro a televisão.

RC: Depende do objectivo.

AM: Porquê?

SB: Porquê?! Porque gosto de ver um filme, ainda sou um bocadinho romântica, gosto de ver um filme, quando tenho tempo, ultimamente na televisão não passa nada de jeito, por isso deixei de ver televisão ou então ao ver as notícias é a falar da crise, da crise, da crise, já não tenho pachorra, portanto desligo a televisão não estou para ouvir aquilo, mas prefiro a televisão, é muito melhor ?!?! A internet gosto mas dispenso, o computador gosto mas dispenso, passo o dia todo a trabalhar com o computador portanto já estou farta, mesmo assim preciso, chego a casa muitas vezes e tenho que ir para o computador, tenho mensagens, tenho isto, tenho aquilo, tenho que ir ver, mas acho que é indispensável, e acho que destrói muita gente, destrói, destrói as famílias, não há dúvida nenhuma, nós daqui a uns tempos não precisamos de estar aqui a ter esta conversa, simplesmente vamos ao computador e fazemos... e isso é mau.

AM: Eu espero que não (risos).

SB: Mas vai ser.

AM: Este estudo também vai um bocadinho por aí, tentar perceber de que forma estamos a trocar as relações presenciais pelas virtuais.

SB: Os miúdos não vão para a rua, brincam com o computador. Lá está, é a insegurança. Nós aqui ainda temos alguma segurança, temos ali jardins para passear, às vezes os pais também, eu vejo isso em casa, que é em vez de irem os miúdos para a rua vão para o computador e põem o filho no pc, que é mais fácil, cada um tem o seu, têm um portátil que fica para o filho ou vice-versa ou estão deitados no sofá.

JM: Ou têm o Magalhães.

SB: Isso.

AM: P costuma ver televisão?

PM: Não costumo ver televisão.

MC entra na sala.

AM: Não? E passa muito tempo ao telemóvel?

PM: Ao telemóvel passo. E ao computador também, mas televisão pouco. Porque ao jantar nós temos a televisão desligada para estarmos todos ali... Depois a minha filha é hiperativa e se tiver com a televisão distrai-se muito, por isso temos que desligar a televisão.

CC: Por exemplo, é como agora acabam-se os postais das boas festas, de natal, as cartas, correspondências, porquê?! Computador, telemóvel.

AM: Olhe, eu fiz anos há pouco tempo e todas as minhas mensagens de aniversário foram através do *facebook*, não recebi um único telefonema, nem uma mensagem.

JM: Pronto, mas nesse até se percebe, porque, sei lá, a gente envia 10 mensagens há aquelas gratuitas, enquanto que a gente no *facebook* e tal...

CC: É mais fácil e mais rápido.

RL: E ninguém esquece porque são alertados.

AM: Para além das três que estamos a falar, da televisão, do computador e do telemóvel, (para o M) estamos a falar da utilização de tecnologias, o estudo vai um bocado nesse sentido, gostariam de utilizar outras tecnologias para além dessas? Vêm que haja alguma que não utilizam ainda mas que poderia ser útil? Em termos de entretenimento...

JM: Isto cada vez está a evoluir tudo, já temos a Smart TV, é wireless, a gente já pode aceder ao computador na televisão, as Smart TV ainda não estão no mercado, sei lá uma de 40 custa para aí 800€, uma de 46 custa 1000€, isto daqui a um ano baixa mais ?!?!?! cada, daqui a um ano vamos ter a televisão vai ser com wireless, quem tiver internet já acede através da televisão.

AM: Mas do que já existe...

RL: Eu por exemplo o rádio, eu ouço sempre rádio no carro.

SB: Eu também, eu também.

CC: Ah isso adoro, não passo sem música.

RL: Às vezes gostava de fazer uma viagem mais longa para ter mais...

JM: E no carro, já ligo o telemóvel ao Bluetooth ?!?!?!?

CC: Agora também há a facilidade para ir para qualquer lado com o GPS.

AM: Que atividades realizam com as tecnologias que estivemos a falar? Ler, pesquisar, um bocadinho mais específico.

SB: Ler, trabalhar, pesquisar...

AM: Com a televisão ver filmes, o P há bocado disse que usava muito o computador.

PM: Para pesquisa, para trabalhos.

MC: Eu também para pesquisa, para trabalho, para lazer também.

AM: E o telemóvel, por exemplo, utilizam mais para contacto profissional...

CC: De tudo um bocadinho, eu é tudo um bocadinho.

JM: Eu acho que para mim é chamadas só, apesar de que agora o que há para ai em termos de mercado também está ?!?!?! oferecem 1 Gb, mesmo em termos de internet e tudo.

AM: Por exemplo, já ouviram falar dos *tablets*?

JM: Sim.

MC: Sim.

AM: Parece mesmo um computador, tem um ecrãzinho. Não sentiram falta disso no vosso dia-a-dia, não gostavam de...

AG: Pedi um agora para o Natal.

(Risos)

JM: É assim, eu por acaso, eu normalmente faço as avaliações nas aulas, faço com o computador, mas já cheguei a ter um computador que tinha os programas word, excel onde podia fazer ali a avaliação, mas além de ter-se muito traquejo não é a mesma coisa, porque é assim o ecrã é tão pequenino não é?! que a gente ou maneja muito bem aquilo, ?!?!?! distrai tem que ter formação ou não sei quê ou então se calhar algumas coisas de as ter se calhar depois na prática usá-las não corresponde à realidade.

AM: E no seu caso (AG) pediu o *tablet* no natal?

AG: Para trabalho e lazer. Porque eu trabalho muito no campo e às vezes sinto necessidade de ?!?!?! o computador é tão pesado.

AM: Por exemplo, para quem lê muito seja livros, revistas, jornais o que seja não acham que passar tudo para um *tablet*, para um *e-book reader*, não sei se já ouviram falar...

SB: Não, prefiro ler um livro.

AG: Eu tive que ler um artigo e estava-me a fazer confusão também estar a ler (faz gesto de ecrã) e imprimir sempre, e diziam-me “gastas muitas folhas” mas prefiro ler sempre assim... Depois às vezes até a gente quer sublinhar.

AM: E dentro de cada tecnologia, das que estivemos a falar, que funções, que aplicações utilizam mais? Por exemplo, no telemóvel vão mais à internet, escrevem mais mensagens, só telefonam, na televisão utilizam mais o Meo, os 4 canais, ou por exemplo, já há a funcionalidade de utilizar as redes sociais para partilhar aquilo que estão a ver em algumas televisões, e o computador mais para pesquisa, mais para redigir texto, o excel, ou para trabalhar, mas também para pesquisar. As aplicações que utilizam mais quais são?

RC: O telemóvel para fazer e receber chamadas, basicamente.

AM: Não costuma pesquisar na internet no telemóvel?

RC: Não. O computador é pesquisa, é trabalho e lazer. Televisão é mais o lazer.

RL: Para mim o computador é mesmo é o excel, para corrigir os testes e o word para fazê-los. E pesquisas é mais assim pessoal também para reconhecimento e conhecimento profissional também.

CC: Para além do facebook.

(Risos)

AG: Sim, isso é para sublinhar.

RL: E na televisão também é as notícias, vejo notícias também, mas mais o Meo agora, nisso sou contra... porque infelizmente os canais que temos, só se for o canal 2 porque os outros... eu não consigo, eu não consigo, sou alérgica à TVi sou sincera.

JM: Andava a ver um programa do Luís Goucha às vezes, que tinha até temas interessantes, sei que era à sexta feira que ele entrevistava... Entrevistou o Daniel Sampaio, ele também falou sobre ?!?! na família, as diferenças em termos de estrutura das famílias, foi aqui há mês, mês e pouco, talvez 2. E eu comecei a ver esse à sexta-feira, que ele entrevistava...

AM: E as diferentes tecnologias são transversais a todos os... casa, lazer, trabalho. Ou utilizam mais uma num sítio e mais outra noutro sítio, por exemplo, há pessoas que têm televisão no trabalho, por exemplo?

CC: Eu é televisão casa, trabalho; computador casa e às vezes trabalho mas é raro; telemóvel é [faz sinal com a cabeça de indicação de todos os sítios].

AM: É em todos os sítios.

FA: Telemóvel e computador é trabalho, televisão é casa.

AG: É como eu televisão é casa, computador é trabalho.

CC: Trabalho porque é um restaurante (televisão).

AG: Até porque vou logo ligar a televisão quando chego a casa, a minha filha não se sente sozinha.

AM: Televisão, computador e telemóvel? (para o RC).

RC: Em terceiro lugar a televisão.

AM: E o telemóvel? Mesmo o pessoal?

RC: O telemóvel pessoal às vezes, às vezes mas nem sempre.

AM: A utilização da tecnologia, mais ou menos, acham que depende do contexto em que estão? Por exemplo, o trabalho obriga mais a que vocês utilizem mais o computador? Ou obriga mais a que usem o telemóvel?

CC: Para se fazer o trabalho tem que se utilizar.

FA: As duas coisas.

RL: Há uns que é mesmo necessário para conseguir fazer as coisas. Eu hoje não me vejo sem computador, não me vejo a fazer as coisas à mão.

AM: Então podem dizer que o contexto de utilização influencia a utilização da tecnologia?

JM: Sim, sim.

RL: Sim, sim eu não conseguia fazer o trabalho sem tecnologias.

RC: Sim, o trabalho influencia, o trabalho é o computador.

CC: Mas mesmo por necessidade utilizo muito computador, por exemplo.

AM: Todos residem, residir sim, mas todos trabalham também em meio rural? Que possa ser considerado rural?

RC: Eu trabalho num cidade, e apanho aldeias também.

AM: E do que observam, acham que se vivessem no meio urbano, num meio maior, com mais oferta, tinham mais facilidade de acesso a outras tecnologias do que aquelas que têm hoje? E comprariam?

SB: Eu já morei numa cidade grande e hoje em dia toda a gente tem tudo, em qualquer lugar. Tirando mesmo aquelas zonas interiores que as pessoas só têm televisão, e ainda há. Mas hoje em dia eu acho que toda a gente tem acesso a tudo, toda a gente.

...

JM: Ai é diferente de zona para zona, em termos de velocidade...

RC: Eu, por exemplo, não tenho internet em casa.

...

AM: Por exemplo, para comprar... eu não sei se é mais complexo ou menos complexo, mas para escolherem o modelo que queriam não sentiram necessidade de ter mais informação e o facto de estarem no meio rural...

CC: Para mim tem que ser prático.

SB: Para mim tem que ser Nokia.

(Risos)

MC: Eu vou à internet, escolher primeiro na internet depois pesquisar na internet e se houver alguma dúvida é que vou ao...

RC: O grande problema deles é as redes. Mesmo nos grandes centros urbanos.

JM: Em termos dos grandes centros, sei lá, há mais oportunidades em termos de orientação escolar, sei lá, os grandes centros têm, se calhar, é isto, mas não quer dizer que vamos de propósito a determinado sítio buscar o produto, ou buscar isto ou aquilo.

AM: Por exemplo, quando quiseram comprar o telemóvel ou o computador ou a televisão que têm em casa tiveram que se deslocar a outro sítio para ir comprar porque aqui não tinha?

AG: Eu tive, mas eu não sou daqui.

JM: Não.

RC: O que pode levar a sair do meio é mesmo esse, porque de resto não.

CC: Temos tudo muito perto (outras cidades, como Viana do Castelo).

JM: Os acessos são bons, para Braga, Porto, Viana do Castelo.

SB: Nós estamos perto de tudo.

AM: Mas consideram que há diferenças entre a utilização de tecnologia em meio rural e em meio urbano?

RC: Depende da geração.

RL: Em termos de escolas nota-se.

JM: Eu noto, em termos de escolas e se calhar em alguma família.

RC: Depende sempre das gerações.

RL: Depende do poder económico.

RC: Exato, isso para mim está sempre associado (o poder económico), mas vai depender sempre da geração. Por exemplo, a nossa geração se calhar tem mais facilidade em lidar com isso, se calhar a geração de 50 se calhar já nem sequer se põe o problema, se calhar o telemóvel e a televisão, mas se calhar o computador já nem usam muito, se formos para a geração de 90 ou 2000 nem é preciso ensinar...

CC: Já nascem ensinados.

RC: Já nascem quase ensinados, tem muito a ver com as gerações.

JM: O que para nós é se calhar, tipo num meio urbano em termos de... enquanto num meio rural alguns já começam a ter... meio rural estamos a falar de algumas freguesias limítrofes do concelho, sei lá Refóios, ali da parte de cima, sei lá, Serdedelo, Boalhosa, se calhar enquanto que eles estão agora a começar a receber a internet, os miúdos terem algum liberdade na internet, se calhar nos meios urbanos isso já foi há... sei lá, já usam os *tablets*, já começam... enquanto que se calhar no meio rural ainda vai aparecendo agora o computador, e um bocado a internet, se calhar no meios urbanos muitos miúdos já passaram por isso, já estão se calhar noutro tipo de tecnologia muitos mais, não é?! Enquanto que o telemóvel para os miúdos do meio rural é mais para chamadas não sei quê, se calhar no meio urbano todos os dias é internet, é isto e aquilo, a grande diferença está...

AM: Mas não sentem que isso seja uma posição negativa? Viver no meio rural...

MC: Eu noto mais diferença daqui, centro do concelho, daqui para um meio rural do que daqui para um grande centro urbano, Porto, Algarve, daqui, sede da vila e arredores não se nota tanta diferença com Braga ou para o Porto como se nota daqui para um meio rural, muito por falta de acesso, por exemplo uma pessoa que está aqui na vila tem acesso às tecnologias, uma pessoa no meio rural tem que se deslocar, nos transportes.

AM: Quando é que utilizam mais cada uma das tecnologias, em termos de períodos manhã, tarde, noite?

RL: Ao fim do dia.

CC: Eu é assim, televisão acordo ligo logo a televisão, chego a casa à tarde ligo a televisão, à noite chego a casa ligo a televisão. Computador é mais à tarde. Telemóvel durante todo o dia. Mas não é que seja um vício, ando porque às vezes tenho que andar.

RL: Eu o computador é durante o dia, e à noite prepara para o dia seguinte.

JM: Televisão é à noite, basicamente, há alguns dias que não vejo, não é?!, mas a ver é.

RC: Telemóvel é durante o dia.

AG: Eu uso durante o dia dois telemóveis e um telefone (Risos), o computador. Televisão à noite, desligo completamente o telemóvel e o computador.

AM: O quê que define a sua utilização? Daquilo que falaram ainda agora o quê que define a sua utilização, é a obrigatoriedade, é a disponibilidade, é...?

JM: É naquilo que estamos envolvidos, sei lá, eu falo por mim, eu estou na arbitragem, estou ligado ao hóquei porque tenho aí os miúdos e tudo, às vezes depende do que a gente está envolvido. Porque às vezes, sei lá, eu se não tivesse envolvido no hóquei e na arbitragem, assim, acabava o meu trabalho que é a escola, ia para casa, estava com os miúdos, desligava, se calhar só no dia a seguir, agora um bocadinho de facto aquilo em que a gente está envolvido é que de facto, às vezes...

AM: E gostaria de utilizar menos vezes do que aquelas que utiliza cada uma das tecnologias se pudessem escolher?

MC: O telemóvel, se pudesse, sim.

RC: O telemóvel sim também.

SB: Acena com a cabeça em sinal afirmativo.

RL: Eu via mais televisão, por exemplo filmes, e usava menos o computador, se pudesse.

AM: E o P? Era igual?

PM: Fazia tudo igual.

AM: O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias na forma como fazem a gestão do vosso tempo e do vosso dia? Ajuda, facilita ou, por outro lado, traz problemas, o contacto com familiares e amigos é melhor, o facto de estarem sempre contactáveis é um aspeto negativo ou positivo?

AG: Para mim é assim, no âmbito do trabalho, facilita-me imenso, usar o computador e os telemóveis, tirando o trabalho, evito, para estar com a família, evito usar o telefone, porque eu acho que usamos o telemóvel, ?!?!? e é frustrante, não é?! porque há coisas que queríamos falar, dizer pessoalmente e não dizemos porque ?!?!?

AM: Por um lado, ajuda à gestão do tempo, mas por outro...

RC: É as relações humanas, se calhar é das coisas que mais se está a perder é as relações humanas...

AG: É porque e ?!?!? e nunca estamos com a pessoa.

SB: Engraçado, ali o Adriano disse que acabaste com a Meo? [dirige-se ao JM], eu não sei porquê, eu conheço muita gente que acabou com a Meo por causa da crise, não deve ser o teu caso, sei lá, nem é isso que interessa, mas...

JM: É assim, é aquilo que eu estava a dizer, eu estava a ver os miúdos muito naquilo, a gente também tinha ali uma ferramenta em casa que, sei lá, eu às vezes até jogo os jogos de hóquei, e não sei quê, não sei que mais, e depois com os meus não tinha tempo e quem é que estava a perder?! Era a família, não é?! É aquilo que eu digo, agora tenho mais horas, olha vou subindo, e ele até nem subia, via ou gravava o programa que estava a ver, assim, e claro, eu por acaso até tinha uma boa promoção em termos da meo, mas claro que não temos de cortar naquilo que nos é essencial, eu não vou cortar na alimentação, não vou cortar na roupa, vou cortar naquilo que se calhar fora de casa posso ter acesso e se calhar em casa o que já tenho chega ?!?!?

SB: Não percebi muito bem se era o caso dele, mas eu já ouvi muitas pessoas, eu estou no atendimento ao público e falo com muitas pessoas, aliás, às vezes eu não falo, elas é que falam comigo, e eu percebo que agora as pessoas em vez de estarem na internet, já não têm dinheiro para pagar a internet, já não têm dinheiro para meo, o quê que fazem?! Já saem mais com os amigos já vão passear com os filhos, ou seja, estamos a mudar a nossa maneira de ser e de estar perante a sociedade, porque a crise nos obrigou a isso, se calhar é melhor pensarmos em que é importante. Nós podemos ter acesso a tudo, fazer tudo, ir à internet, mas gerir o tempo de forma que as coisas importantes... tudo é importante neste momento, nós não podemos... claro está que se não formos à internet, ao computador, não estamos a evoluir nos dias de hoje, mas podemos evoluir menos um bocadinho e aproveitamos o tempo que realmente tem valor, acho eu, que é as relações humanas, o Adriando passou a estar mais tempo com a Paula e com os filhos, que isso é muito mais importante, do que estar se calhar no *facebook*, que não sei se é o caso dele, a conversar com alguém ou a ver, sei lá.

AM: Mas há pessoas que podem achar, por exemplo, que a progressão na carreira é mais importante que a família, isso já depende de cada um.

MC: Eu conheço a meo, em minha casa não tenho, mas tenho em casa dos meus pais?!?! Para mim não sinto necessidade de ter a meo, tenho a internet, eu não sinto necessidade, o que vejo na televisão, o telejornal ou os documentários, mas agora a casa dos meus pais têm lá meo, eu acho que não vejo mais nada do que andar a fazer *zapping* duns canais para os outros, não vejo nada, quero ver um filme, tenho no disco externo que para não ver aqueles que dão na televisão e assim vejo no disco externo ou em DVD, mas, neste momento, não me faz falta, fazia falta se não tivesse internet, mas tenho internet e telefone.

AG: Eu tenho meo, mais por causa da minha filha e eu lembro-me que no ano passado fomos de férias e fomos para uma casa e quando entramos em casa a primeira pergunta que a minha filha fez foi “tem o Panda mãe?” e por acaso não tinha meo. Mas a preocupação dela foi saber se tinha o Panda.

AM: E há bocado estava a dizer que em Agosto e Setembro não liga, por opção ou porque pura e simplesmente não se lembra de ligar [para SG]?

SG: Pura e simplesmente porque estavam de castigo.

(Risos)

CC: Eu também já disse ao João, a nível de notas, porque é da mesma idade, são quase todos, eu disse assim “olha João, ou estudas ou tiras boas notas” ou ?!?! só que a idade e... Eu é assim, há pais que castigam, tiram do hóquei, eu disse “olha, do hóquei não sais porque acho que não é um castigo que devemos fazer, o teu castigo vai ser telemóvel, computador e televisão” e ele diz “oh mãe, podes-me tirar tudo, menos o telemóvel” “ah então vai ser a primeira coisa”.

RL: Mas há psicólogos a dizer que é horrível fazer isso.

SG: Mas há outros que dizem que é a primeira coisa que se deve fazer.

RL: Porque depois eles ficam revoltados ?!?! dentro da família, ninguém devia mexer numa coisa privada.

CC: Por acaso não tirei nada.

RL: E nós adultos também não gostamos que mexam.

CC: Sim, mas eu não vou mexer, eu vou tirar. E quando eu digo tirar é esconder para ele não pegar.

RC: Isso tem a ver com o respeito pela educação e pelas regras, se há regras que dentro de uma sala de aula não se pode utilizar o telemóvel, porque que este aluno ou aquele é diferente do outro.

CC: Nós vemos aquele caso daquele aluno com a professora de telemóvel, de português.

RC: Isto hoje em dia é mesmo assim, hoje não se pode tocar, o professor não pode tocar no menino, antigamente, eu falo por mim, a minha mãe ia à escola no início do ano e ia no fim e a primeira coisa que dizia à professora era, no início do ano dizia “se ele se portar mal, é para arrear”, mas é verdade, e se nos portássemos mal na escola, levávamos na escola da professora e chegávamos a casa, se a minha mãe soubesse, levávamos outra vez.

...

CC: Eu falo por mim, hoje um pai não sabe dar educação a um filho, porquê?! Porque o filho ainda fala mais alto com a mãe ou o filho foge, há casos que os pais ralham e o filho foge de casa. Eu conheço uma irmã duma empregada minha que não quer trabalhar, só quer estudar, e a mãe disse-lhe “só trabalho eu, o teu pai não trabalha, só ganho eu, tens que ir trabalhar nas férias” e ela virou-se para a mãe “tu não me obrigues a trabalhar, a primeira vez que me obrigares a trabalhar, eu saio de casa” e a mãe o que fez?! Nada.

RC: O acesso à informação tem destes problemas, hoje em dia, lá está, antigamente não havia isso, não se falava nessas coisas, hoje em dia um miúdo ou uma miúda se fizer falta já sabe que passado ?!?!?! “oh o meu pai passa ali ou a minha mãe passam ali”... eles ameaçam os pais diretamente com isso, “cuidado que não me podes bater”, isto é a realidade, e depois temos outro problema que é hoje aquilo do, a falta de respeito, os pais não conhecem os filhos, porque é aquele velho problema, pouco tempo passam com eles e depois pensam que os filhos são uns santos e até nem são, é precisamente isso.

AM: Utilizam as tecnologias sozinhos ou acompanhados por alguém? Por exemplo, a televisão que é o exemplo mais fácil, gostam mais ou utilizam mais, neste caso é se utilizam mais sozinhos ou acompanhados, se vêm a televisão sozinhos ou acompanhados?

JM: Às vezes vemos o telejornal os quatro.

RC: É, se for séries, filmes ou assim é quase sempre todos juntos.

AM: E o computador, por exemplo?

RC: É mais sozinho.

CC: A não ser alguma explicação que se peça ao filho (risos).

RC: Depende sempre, algumas pesquisas é com companhia.

AM: E gostam como fazem ou às vezes sentem que precisavam de mais ajuda e não têm ajuda, por exemplo, a mexer no telemóvel?

CC: O que eu aprendi a mexer no computador foi sozinha, às vezes que preciso de ajuda e peço ao João, mas o João não é a pessoa ideal para me ajudar, porque acha que eu devo saber tudo.

AM: E a televisão, preferiam ver sozinhos ou está bem como está?

Todos: Concordam que gostam como está.

AM: Consideram que há perigos que algumas tecnologias podem trazer?

CC: Sim, principalmente a internet.

RL: Sim, a internet às vezes os miúdos não têm noção.

AM: E têm cuidados?

CC: Sim.

JM: Sim, barrar alguns acessos.

RL: Eu tenho controlo parental.

AM: E, por exemplo, não vão pesquisar as páginas...

RL: Ah sim, eu tenho *facebook* só para poder ir para a página dele (do filho).

CC: O meu filho não me adicionou a mim no *facebook* (risos).

AM: E o telemóvel de vez em quando vão ver?

CC: Não.

MC: A mim nos computadores é não estar só no quarto deles, eles têm acesso ao computador na sala, ou noutra sítio, não só estarem fechados no quarto, pelo menos é isso que dizem...

JM: Há miúdos que têm televisão e têm computador no quarto e quando dou por ela, ainda há uns dias tive um aluno que no fim do ano ele tinha três aulas comigo, eu disse-lhe “então quê que se passa, tu estás aí com os olhos negros ?!?!?” “ei, deitou-se às duas manhã”, um miúdo de 10 anos.

CC: Eu, por acaso...

AM: Dê-me só a sua opinião (para SB, que estava a conversar com a AG), uma vez que é assim tão, em relação às tecnologias tem uma opinião tão forte...

CC: Porque não tem filhos (risos).

AM: Considera que há perigos que estas tecnologias possam trazer, quer para os pais, quer para os próprios filhos?

SB: Eu acho que sim, estava aqui a falar com a Ana (Gama) sobre isso...

AM: Partilhem (risos).

SB: É essa coisa do partilhar exatamente, nós vamos para o *facebook* partilhar tudo e mais alguma coisa, se calhar não partilhamos com o nosso companheiro, que está ao nosso lado, com o computador e nós estamos sozinhos com a televisão.

AG: Há dias que estou na cozinha não é?! Eu vou para a cozinha, a minha filha vai para a sala, e o meu marido vai jogar com o computador.

CC: Mas por acaso é o que acontece na minha casa, o João tem computador no quarto, o pai tem computador no escritório, eu tenho computador portátil, o meu pai está na sala televisão, e a minha mãe ?!?! então estamos todos divididos.

SB: Onde é que está a família?! Não há família.

CC: Porque é assim, eu e a minha mãe chegamos muito tarde a casa, o meu pai já está lá desde as 15h, o marido chega às 18h, o filho chega à hora da mãe ou chega cedo, então ele vai para o quarto faz os trabalhos de casa, está lá a conversar com os amigos, estuda, eu como no restaurante tenho o tempo às vezes muito ocupado, como quero estar a par de muitas coisas, às vezes falar com os amigos, ou com primas ou assim, pego no computadorzinho e ali já...

SB: Um dia destes não sabes quem é o teu marido, não sabes quem é o teu filho, o teu pai e a tua mãe. Porquê?! Porque não diálogo, não há nada. E nós podemos ir para o computador meia hora, estar uma hora pelo menos com a nossa família e ver meia hora de televisão.

CC: Diálogo há entre o meu pai, a minha mãe e o meu filho há o dia todo praticamente, o marido só há noite.

AM: E quem vos alertou para esses perigos? Vocês sabem que a internet...

CC: Nós sabemos e temos noção dessas coisas.

SB: É vivê-los, é senti-los, essas duas, mais nada...

AM: Mas não conseguem descrever alguém que vos possa ter alertado ou em conversa com os colegas, com as notícias?

JM: Sim, as próprias notícias, o próprio jornal que a gente vê.

RL: A televisão passa essa informação.

AM: Tinha aqui uma pergunta, que no fundo já responderam, o que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias nos relacionamentos inter-geracionais? Ou seja, o caso que estava a dizer de pais e de filhos e de avós, não é?! Consideram que isto vem deteriorar um bocadinho ou passa pela ajuda que às vezes sentem que é preciso, os filhos se calhar estão mais presentes ou então não...

RC: Tirando a televisão, tirando a televisão

JM: O dia tem 24 horas, é que isto apareceu muita coisa e os dias continuam a ter 24 horas...

CC: 24 horas mas com menos tempo para gerir.

JM: O problema é esse, é que apareceu muita coisa e o dia continua a ter 24 horas.

MC: Antes não se perdia tempo a navegar na internet, não é?!

SB: Oito para dormir, oito para trabalhar e oito para o resto.

AM: E acham que se torna mais complicado conversar com os vossos filhos relativamente a estes assuntos? Por exemplo, o computador, tentar conversar com eles sobre os perigos do computador ou sobre os usos que eles fazem do computador ou do telemóvel, acham que é complicado?

CC: É assim, eu falo com o João, alerto o João só que é assim, ele se calhar aceita mais depressa conselhos de fora, de outra pessoa de fora do que da própria mãe.

SG: Eles acham que sabem tudo.

CC: Porque ele acha que sabe mais do que eu, do que a mãe e se ouvir outra pessoa está menos à vontade de responder, ou qualquer coisa e aceita mais depressa outra pessoa de fora.

AM: Então posso concluir que vocês acham que as relações presenciais seriam um bocadinho estragadas por causa das virtuais ou em detrimento das virtuais?

JM: Ah sim, sim.

RC: Para mim o único que pode... não terá tanto essa influência ainda é a televisão, às vezes a ver um filme ou...

SB: Com a televisão pode haver mais partilha, no computador não há tanta partilha, como o telemóvel é muito pessoal.

CC: Às vezes até a ver um jogo de futebol estamos ali todos.

RC: A hora da refeição é quase sempre à hora das notícias, praticamente está toda a gente, depois é um filme ou uma série qualquer, aí a família junta-se porque senão é...

CC: Mas também isso é se só houver uma televisão, porque se houver mais, um quer ver um programa, outro quer ver outro programa...

RC: Eu não tenho esse problema, até tenho uma televisão em cada quarto, mas tenho uma sala e é para a sala que toda a gente vai ver.

SB: Eu por acaso também tenho uma televisão no quarto, mas se fosse hoje não tinha e se algum dia mudar de casa outra vez, não vou ter televisão no quarto.

MC: Eu também já tive, mas não quero.

AG: Eu também não quero.

JM: Eu conheço casos que só têm meo no quarto e os miúdos quando querem têm de pedir ao pai ou à mãe. Porque eles sabem que se quiserem têm de pedir, não é?! Para ir para lá, enquanto que se for noutro lado têm acesso.

CC: Eu por acaso tenho duas boxes, uma na sala, outra na cozinha.

AM: Encontram alguma dificuldade na utilização dessas tecnologias? Mexer nos menus, escrever mensagens...

CC: Eu às vezes ainda na meo...

AG: Eu a primeira vez sim, mas depois...

RL: Depende do que estivermos a falar, porque se estivermos já a falar desses *tablets*...

RC: Depende sempre da utilização que lhe queremos dar.

AM: Sim, mas vamos pensar na utilização básica destes equipamentos.

RC: Na televisão o básico é fazer uma pesquisa de canais, estando lá é básico. O telemóvel também quem utiliza para fazer chamadas ou para receber também é só carregar no verde basicamente.

AM: Depende da utilização que se dá. Se o objetivo já passar por ir à internet se calhar já complica mais um bocadinho, não é?! Nas dificuldades que sentem às vezes, há alguém que ajuda?

MC: Às vezes, é assim os maridos portugueses é assim, compramos um aparelho, não vamos ler o manual de instruções, primeiro experimenta-se, depois se não der alguma coisa é que se vai procurar, ler o livro e tal, ver os menus, se funciona, se funcionar muito bem e com o telemóvel é igual, se tiver a dar tudo bem, se for preciso alguma coisa mais é que se vai ao manual de instruções.

RC: Funciona-se um bocadinho à descoberta.

AM: Sentem que há algum conflito ou estado de cooperação com os vossos filhos ou com pessoas de outra geração mais novos que, sei lá, por estarem a utilizar um computador por exemplo, o vosso filho entra e quer utilizar há conflito na utilização ou cooperam e tentam arranjar ali...

RC: Não, há regras.

JM: Entre irmãos...

RL: Ah entre irmãos sim.

JM: Uns querem ver uma coisa, outros querem ver outra.

CC: Eu acho que sim, porque ele quer o portátil e já não quer o dele, eu disse “oh João, a mãe quer jogar um bocadinho” “oh mãe mas tenho que fazer um trabalho”, leva o computador, e ele “já vais ficar zangada”.

AM: Por exemplo, os irmãos não se ajudam às vezes em caso de irmãos mais novos que não têm tanta facilidade em mexer?

CC: Isso já não posso dizer.

AG: Depende.

RC: Ajudam.

MC: Eu também já não posso dizer.

RL: Têm a mania que sabem, é que os pequenos também não aceitam muito mais que não sabem.

AM: Ai não?

RL: Ai não, claro que sabem tudo, mas isso até sabem mais do que os outros, por isso...

AG: Têm que ver o filme que eles querem, tudo o que eles querem.

AG: Engraçado, a minha filha pega-se com o pai, às vezes pegam-se os dois, então ela já sabe, chega a casa, põe no canal que ela quer e esconde o comando.

(Risos)

AM: E pedem muitas vezes ajuda aos vossos filhos para mexer no computador ou no telemóvel...?

CC: Sim.

JM: Não.

AM: Pronto, então as questões, de um modo geral, e a discussão terminou, queria-vos agradecer. Queria-vos só perguntar mais uma coisa, a seguir a isto nós vamos fazer os *focus group* multigeracionais, os grupos de discussão inter-geracionais no próximo sábado de tarde e depois será realizado um diário, aos presentes no próximo *focus group* vou pedir isso e depois será realizado, então, um inquérito por

questionário divulgado a nível nacional e queria-vos perguntar que perguntas acham que será pertinente colocar nesse inquérito por questionário para o estudo, vocês já sabem qual é, que é a utilização de *media* (televisão, computador e telemóvel) por três gerações distintas, em meio rural. Tendo em conta esta discussão, acham que há alguma questão que seja pertinente colocar a nível nacional num inquérito, aceito sugestões?

RC: A única coisa que eu acho que se se calhar deve ter mesmo é se não se acha que se está a perder o contacto pessoal, as relações humanas, porque isso é, no fundo acaba por ser a base.

MC: Porque acho que se facilita muito a nível dos familiares próximos, perde-se um bocado os familiares, embora facilite esteja a distância, seja mais fácil.

SB: É o comodismo.

MC: Se calhar perde-se tempo a falar no *facebook* com o fulano de tal que conheceu uma vez ou duas vezes e fala-se mais com essas pessoas do que muitas vezes se está a falar com os filhos ou com a família.

AM: Agradecia-vos muito a vossa presença.

Focus Group Geração de 50

Data: 03 de Dezembro de 2011

Hora prevista: 10h

Hora de início: 10h30

Hora de fim: 11h40

Duração: 1h10

Local: Ponte de Lima

Número de participantes: 5

Moderador: AM

Participantes: HV; FM; JL; JCL; IL

AM: Do que se lembram relativamente à televisão? Têm alguma lembrança do surgimento da televisão?

FM: Sim, eu lembro-me, tinha talvez uns 6, 7 anos quando veio a televisão e que foi uma surpresa para a gente do meio rural que não tinha assim muitos conhecimentos, eu ainda me lembro de ir ver à mercearia ou ao tasco que havia lá em Sá.

AM: E a sensação que provocou?

FM: A curiosidade das pessoas irem ver, que realmente a gente desconhecia, não é?! E criança, era criança, devia ter 7 anos ou 8, 6, 7, não é?!

JL: Eu também me lembro, éramos vizinhos...

FM: De qualquer maneira o Zé é mais novo.

JL: Mais novo... eu era mais novo e eu o que me recorda mais foi do mundial de 66, em que a mercearia, não havia por ali mais nada, vinha toda a gente das freguesias vizinhas para ali, principalmente de Moreira, uma que é perto e aquilo antes estava cheio, e não havia lá mais nada, e depois também passavam uns filmes lá, aos sábados à noite, também me lembro de ver, com o meu pai, mas era passado também na televisão, sei que era pequenito e lembro-me de ir com o meu pai e tinha que se entrar por aquela parte de trás.

FM: Lembro-me que as pessoas ficavam todas ali em pé, crianças e tudo, ficavam ali a olhar para a televisão.

JL: Era ?!?!?

HV: Era raro ver, e as televisões antigas.

FM: Não sei se o meu pai tinha nessa altura, mas acho que sim.

JL: Os meus pais não tinham.

AM: Lembram-se do surgimento do computador, por exemplo?

FM: Sim.

HV: Sim.

AM: A sensação que trouxe...

FM: Eu até acho muito interessante, mesmo muito interessante. Tenho conhecimentos assim, não muitos, básicos, mas sei alguma coisa e acho muito interessante. Não tenho muita paciência para estar ali, pouco tempo chega, mas é o suficiente.

AM: E do telemóvel?

FM: Do telemóvel também, claro. Podemos obter informação à hora que precisamos, não é?! E serve de... Também uma pessoa quando se sentir sozinha, precisa de companhia, olhe, liga-se o telemóvel e está-se com alguém que nos ajude.

AM: Utilizam algumas destas tecnologias?

JL: Sim, mas o computador uso pouco.

JCL: Eu profissionalmente já fui obrigado a usar o computador, mas até tenho uma história muito curiosa que na minha secção éramos três numa sala como esta e veio um computador e eu lembro-me de ter formação, lembro-me perfeitamente, tive uma formação a nível de computador, e quando veio o computador, logicamente que eu era o mais velho e o mais graduado e devia-me tocar a mim, não é?! Mas eu pah “essa máquina desvia para lá”, entreguei a máquina a outro e continuei a escrever na máquina de escrever, na minha machina, como dizia eu, mas fui obrigado a adaptar-me e era o meio de trabalho. Curiosamente, desde há três anos a esta parte, deixei de trabalhar, penso que peguei no computador duas, três vezes, portanto já vê que para mim o computador... reconheço que é fundamental, mas é uma máquina que para mim esquece.

AM: E relativamente ao telemóvel?

JCL: Isso, há muitas pessoas que têm obsessão pelo telemóvel, eu nem por isso, uso para fazer chamadas mais importantes, também recebo, mas claro que nós... telemóvel é um meio que nos faz estar sempre contactáveis, não é?! E há momentos em que nós estamos em determinados locais que temos que ter telemóvel, por exemplo, eu quando vou para o monte para a caça, se estou isolado numa zona, se caio, parto uma perna necessito do telemóvel.

AM: Era o que acontecia antes, não é?

JCL: Era e acho que a juventude, essencialmente a juventude faz um uso do telemóvel excessivo. A televisão acho que nós temos uma parte curiosa que era proibida entrada, em cafés era proibida a entrada a menores de 16 anos, ainda hoje é, e nós víamos por cima do muro, não era?! Eu ainda me recordo de ver ali, também tu (para I) ias ali para Sta. Comba, onde veio para ali a primeira televisão. Eu ainda cheguei a ver ali, naturalmente, a televisão, mas nós vivíamos muito fechados e obviamente a televisão abriu... e depois quem saiu daqui para fora, ver que a realidade era tal e qual o que se via na televisão.

AM: E utilizam o computador, o telemóvel e a televisão?

HV: O telemóvel, a gente sai de casa, esquece-se vai trás para ir buscar e no trabalho, não é?! Porque no trabalho, a escola, com crianças, o telemóvel sempre ligado, porque vou a conduzir, tenho que encostar para atender. Vou para a cama o telemóvel não fica no quarto, fica na casa de banho, porque eu se tenho o telemóvel no quarto não pego a dormir, reconheço que tenho ali qualquer coisa, então ponho na casa de banho e às 7h já estão a telefonar, “olhe, o miúdo não vai” ou “vai mais tarde” ou “vai buscar a tal sítio” e uso o telemóvel, para mim, mais do que o computador.

AM: E não utiliza o computador?

HV: Utilizo para fazer agora uma formação. Já fiz 25 horas, só que a gente devia estar todos os dias, e agora há uma possibilidade de entrar outra vez e eu estou... Porque a gente tem uso de algumas coisas, mas... para mandar emails ou receber ou fazer certas coisas, que eu queria fazer os mapas da... dos miúdos, as contas e tudo e eu queria começar a pôr a sair ali, porque é tudo à mão, mas eu também gosto de... porque eu faço as contas mas no fim é a prova dos nove.

AM: E a televisão utilizam?

HV: Utilizo, ver o noticiário, ver a novela, mas de resto... E quando há tempo.

JCL: A televisão é lazer, se tiver desporto é sempre, que é o que eu gosto de ver.

HV: Política, não é que perceba muito.

JCL: Também gosto de ver, temos de estar sempre atualizados, mas essencialmente, o básico é o telejornal, um bom filme, gosto de ver um bom filme e desporto.

AM: Sr. I utiliza estas três tecnologias?

IL: Eu devido à minha atividade profissional sou obrigado, aliás, eu dos cursos que tirei foram no dia-a-dia, porque na altura também não havia, e recordo-me que o primeiro computador que usei ainda nem havia disco rígido. Era dos de disquete, e trabalhava em contabilidade, tinha uma cópia de disquete, ainda me lembro desses tempos, eram postos grandes.

AM: Ainda se lembra de fazer contabilidades à mão, por exemplo?

IL: Fazíamos, fazíamos tudo à mão, portanto os lançamentos nos livros de atas era tudo à mão, tinha de ser sempre à mão, não era permitido, a lei não permitia que os livros de atas fossem impressos, também não havia impressões para essas coisas, nem cópias, porque era livros que já vinham feitos. Depois, mais tarde, foi que começou a vir, depois era muito complicado, e os computadores naquela altura eram caríssimos, sobretudo naquela altura, eu lembro-me de tivesse um décimo da capacidade destes, nessa altura, já custavam milhares de contos e depois tudo aquilo que era acessórios, depois era tudo material que era mais suscetível a ter vírus, agora tudo depende, eu tinha molhos de disquetes, depois copiávamos, a disquete criava problemas. Eu era obrigado a acompanhar, obrigado entre aspas, a acompanhar.

AM: E a televisão e o telemóvel?

IL: O telemóvel sempre, hoje em dia também é quase uma ferramenta de utilização obrigatória, porque o telemóvel às vezes também é muito chato (risos), sou sincero.

AM: Estar sempre disponível.

IL: Estar sempre disponível porque a gente, eu normalmente, durante o dia é normal, no trabalho a gente tem de atender sempre, ou pelo menos ter disponível, ter sempre ligado e muitas das vezes, também já tive clientes, por exemplo, que me ligaram às três da manhã a dizer que tinham um problema com um funcionário e o quê que eu ia resolver às três da manhã?! Como o trabalho deles é nessa altura, até se esqueceu que eram três da manhã. E a televisão é aquela válvula de escape quando temos um bocadinho ao fim-de-semana, ver um bocadinho de futebol ou assim, e também sinceramente, a minha atividade profissional também, quero descansar um bocadinho, são muitos números, às vezes ver uma notícia que às vezes interessa prefiro ir a internet do que propriamente estar a ver televisão, agora adoro ver uma boa série, ou um bom filme e futebol, saímos um bocadinho do ambiente.

JCL: Eu no computador, eu estive algum tempo trabalhar na secretaria, era eu ainda que fazia as contas para pagar ao pessoal e eram 350 pessoas e depois juntava-se tudo na parada para receber, e aquilo era um livro enorme, que a gente anotava tudo, quantas pessoas tinham para receber. E no fim era uma mesa assim com 5 ou 7 ou 8 pessoas para contar o dinheiro que vinha do Banco de Portugal, pôr em envelopes, ainda era envelopes, toca a contar o dinheiro, para ver se estava tudo certo, toda a gente contava o mesmo dinheiro, e depois metia-se nos envelopes e assim sucessivamente, claro que os envelopes identificados. Claro depois os computadores vieram resolver isso tudo. Uma pessoa ou duas, uma pessoa resolve o problema de oito pessoas, daí também o desemprego.

AM: Então pode-se dizer que utilizam as três tecnologias diariamente?

Todos: Sim.

AM: Tirando uma ou outra, no caso da televisão que se calhar pode não ser todos os dias, mas ao fim-de-semana...

IL: Mas, normalmente, depois de jantar vê-se sempre um bocadinho.

HV: Mesmo que não seja para ver o que está a dar, mas para ouvir.

JCL: Eu o computador não, o computador evito...

JL: O computador não.

JCL: O computador evito, eu estou a ouvir ainda o teclado do... nós éramos nesta mesa quatro ou cinco pessoas, aquele barulho da máquina (de escrever).

IL: O que há hoje em relação, nós somos da década de 50, é que hoje, no fundo, sejam os computadores, sejam os telemóveis, seja o que for, são diferentes, hoje há cursos para isso tudo, eu quando comecei a usar o computador não havia cursos, quem vendia o computador, por exemplo, muitas vezes é que dava assistência e muitos que conheci andavam no Porto. Eu por exemplo quando andava a estudar, o portátil do meu filho, tive que lhe dar uma máquina e dar cabo das pontas dos dedos, hoje sim, já se dão cursos de iniciação aos computadores e hoje já se vê pessoas nas aldeias que já utilizam o computador, não

com aquela, é uma ferramenta, os computadores mudaram muito... Assim, como hoje os telemóveis já vêm quase como, já são autênticos computadores.

AM: A frequência da utilização está relacionada com o quê? O vosso trabalho, com o facto de tempo de lazer e então com a televisão ou o telemóvel utilizam mais para quê, para contactar familiares e amigos?

HV: Sim, não é cá para fazer jogos...

FM: O telemóvel é para contactar a família, conversar um bocadinho.

AM: E o computador?

FM: Sim, o computador, na minha atividade eu trabalho na esterilização, tinha de pedir o material no computador, estou a pedir à mão, mas tinha de pedir no computador. E vou lá um bocadinho de vez em quando, ver fotografias, vou à internet, não faço mais uso dele. A televisão, desde que esteja em casa, qualquer coisa que eu aprecie, vejo, se puder, atualmente é mais os noticiários, mas gosto de ver televisão, se puder, se tiver tempo.

AM: E no caso dos senhores utilizam mais as três tecnologias...

JCL: Olhe eu tenho aqui uma chamada interessante (estava a receber uma chamada, mas rejeitou) e já enviei uma mensagem a dizer que de momento não podia atender (risos).

JL: Eu uso o computador.

AM: Mas quando usa é mais porquê?

JL: É mais para emails e assim, se tiver de se evitar...

AM: E o telemóvel usa para quê?

JL: O telemóvel uso para o dia-a-dia, faz parte. Custou-me a...

AM: Adaptar?

JL: Não foi adaptar, foi mais aquela coisa de uma pessoa não querer andar, de aceitar chamadas e isso... Gostava mais de andar à vontade, eu sempre gostei mais da televisão, porque estou mais habituado, ?!?!? sempre gostei mais.

AM: O que pensam sobre as influências do uso destas tecnologias, das três, na gestão do vosso tempo diário? Açam que ajudou, acham que não, que veio trazer atrasar ou que veio trazer só desvantagens na organização do tempo?

FM: Acho que só traz vantagens.

HV: É, porque por exemplo, antes queria dar um recado a alguém era preciso estar sair de casa, pego no telemóvel ou manda mensagem ou manda um mail no computador, uma chamada ou uma mensagem, como agora ali o colega, não precisou sair aqui para...

AM: E acham que ajudam a estar informado...

JCL: Isso tudo o que seja de tecnologias...

HV: Basta estar, a gente vai na estrada, a GNR acolá, dá um toque “olha que está acolá a GNR”.

AM: E acha que isso é vantajoso?

HV: Eu acho que isso é importante porque há certas coisas que faz falta, e às vezes mandam parar quem não devem, e a gente se poder evitar ou ter cuidado o próximo, alertar que está alia GNR deixa de ir tudo embora. Faz falta ela estar lá e faz falta ela parar e ver, mas também há coisas que...

AM: Pronto, e o telemóvel veio ajudar nesse aspeto não é?

HV: Pronto e a gente comunica, eu disse a GNR mas digo outra coisa, “olha fulano está doente” ou “o que se passa?”

JCL: Veio ajudar e prejudicar. Porque há um indivíduo que roubou o carro à H e eu estava na estrada a ver se o intercepto, entretanto fui comunicado e eu raspo, a mensagem é essa.

HV: Mas também se a gente souber que alguém comunicou “olha se vires o meu carro” e a gente vê e comunica logo à GNR.

JCL: Mas todas estas componentes tecnológicas em termos de saúde, para mim, e parece que está provado cientificamente, pelo menos já disseram...

FM: Exceto a televisão.

JCL: Ai já não tem tanto a ver em termos de saúde, tem a ver com, se calhar, lembra-se daqueles tempos da televisão, as novelas, havia descatos familiares precisamente por causa da televisão, porque um não queria e outro queira.

FM: Não, eu novelas não aprecio, não aprecio nada novelas. E acho que há exageros nas novelas, há pessoas que exageram.

AM: Às vezes para evitar esse tipo de situações, há uma televisão em cada compartimento, em muitas famílias aconteceu isso.

IL: As tecnologias não têm desvantagem nenhuma, antes pelo contrário, tem sempre vantagens, o problema é quem as usa e como se usam, o problema que nós temos no caso do telemóvel, a privacidade e, muitas vezes, a liberdade das pessoas está muito restrita, nós por exemplo agora se quiserem sabem que estamos aqui, percebe? Eles neste momento têm a hipótese de saber que, quem tem aqui telemóvel sabe que nós estamos aqui, não sabem o que estamos a fazer, mas sabem que estamos aqui e isso cria assim um... Mas isso é normal. Noutras vezes, são utilizados indevidamente que é como os miúdos, por exemplo, os miúdos são capazes de estar numa aula e estar ali toda a hora, às vezes até me dá impressão, eu falo por mim, a minha filha nem olha para o teclado, estão ali a mandar mensagens... Agora, muitas vezes, a maneira como se usam essas tecnologias !!!!! crianças que muitas vezes vão a sites que... não vamos falar em pedofilia nem coisas assim do género, agora há muita ferramenta que, muitas das vezes, que quem tem hipótese consegue lá chegar, é que é o problema, e as tecnologias são usadas por alguém que quer introduzir lá certas coisas que estão ao acesso de qualquer um, ai é que está o mal, mas de resto, para mim faz sempre falta as tecnologias.

JCL: Às vezes acontece que a gente está na presença de um jovem, a conversar “ah sim, ‘tá bem” (faz gesto de estar a escrever e olhar para o telemóvel)...

AM: Sem prestar atenção?

JCL: Não está a prestar atenção a nada, ele lá manda a mensagem e tal, com as duas mãos “ah, pois ‘tá bem, eu sei”. Não se desenvolve nenhum tema porque a pessoa não está...

FM: Eu acho muito interessante, mas sem exageros.

IL: Nós tínhamos lá na junta, tínhamos lá seis ou sete computadores com acesso à internet, quem quisesse, e às vezes, é impressionante que nós tentámos com os técnicos restringir certos sites, mas não há hipótese, não há hipótese, e às vezes apareciam lá sites que até para nós... Aliás, o Zé Carlos sabe e chegámos a falar várias vezes sobre essas coisas. Quer dizer a gente tentou-lhes dar todas as hipóteses que a gente tem ?!?! e às vezes é complicado, esses sites para todos os efeitos os miúdos não podem entrar.

AM: Mas, para além de tudo isso, gostam de utilizar as tecnologias?

Todos: Sim.

AM: E que tecnologia preferem utilizar? Qual delas?

JCL: Das três?

AM: Sim.

JCL: Eu é a televisão, o telemóvel se pudesse evitava, mas pronto.

IL: Eu gosto mais da televisão, porque essa não me dá trabalho, não é?! (Risos) Eu já trabalho desde 8, 12 ou 14 horas diárias, não é?!

FM: Eu acho que cada um tem o seu valor, não é?! Eu gosto da televisão, mas também acho que o telemóvel é muito importante, para transmitir informação, acho que qualquer um deles é muito importante.

JCL: Todos com as suas funções, é evidente.

IL: O computador, esta é a minha opinião, para quem tem tempo para explorar, não há tecnologia como essa, não há. Na televisão limitamo-nos a ver os programas que são ?!?! Enquanto que o computador aquilo tem um mundo para explorar, quem quiser. O problema é que nós também estamos limitados de tempo para poder usar isso.

JCL: Eu falo por mim, eu sou capaz de estar meio dia, 2, 3, 4 horas a ver televisão, ser for um programa que me desperte, e se estiver meia hora em frente ao computador já ?!?!.

FM: É como eu, eu acho muito interessante e tive curiosidade em fazer a formação, mas pouco tempo chega-me, mas acho muito interessante.

AM: As potencialidades que tem acha interessante, mas não...

FM: Pouco tempo.

AM: Gostariam de utilizar outras tecnologias? Por exemplo, não sei se já ouviram falar dos *tablets*, são ecrãs, são tácteis, é tipo um computador, mas não têm teclado, serve para quê?! É mesmo um computador pequenino, é para ler jornais, para enviar emails, a funcionalidade é essa. Depois há também uns leitores de livros, agora não sei se já ouviram falar também, em vez de termos livros em formato de papel há os livros digitais, e estão todos metidos nesses leitores de livros também pode ser de tocar ou então tem umas teclazinhas. Acham que, se tivessem oportunidade, gostavam de ter ou não faz diferença nenhuma... As três que têm acesso chegam ou sentem necessidade de mais alguma coisa dentro das tecnologias?

FM: Se houvesse oportunidade de... Acho que aprender não faz mal nenhum a ninguém, não é?!

JL: Eu acho que só tem vantagem no caso de uma pessoa ir para um sítio de férias, por exemplo, não é?! Em que não haja luz, ir com aquela tecnologia pode ?!?! as notícias, acho muito bom. ?!?!? Quem vai viajar leva os volumes ?!?!?

AM: Mas se vos oferecessem agora no Natal, por exemplo, fariam algum uso?

IL: Por curiosidade fazia-se sempre, não é?! Depois isso era uma questão de optar, porque, por exemplo, nesse caso, é vantajoso mas desde que venha no fundo, seja um complemento dos outros, tudo aquilo que vier em complemento é sempre bom. Nós, por exemplo, agora, e falo a nível profissional, por exemplo, até aqui tínhamos que adquirir o Diário da República em papel, mas agora temos acesso a tudo o que está digitalizado, e todas as alterações que são feitas, mesmo nos códigos que a gente usa, são sempre atualizados, enquanto que a gente ali se quisesse atualizar tínhamos que comprar um novo, os livros e pronto, claro, e a nível de espaço, é muito melhor, agora o problema se calhar monetariamente...

JCL: Mas agora sim, eu recordo-me quando veio o computador que no meu sector se dizia “o papel vai acabar”, o papel não acabou, nós recebíamos o Diário da República exatamente igual, e depois arquivava-se, prateleiras enormes. E tem outra coisa, em termos de arquivo, normalmente, não será tão eficaz, mas nós tínhamos uma secção de arquivo, que se fosse hoje procurar um Diário da República de 1980 ou 70 e não sei quantos e não sei o quê, eu sabia onde é que o ia buscar, na tecnologia não sei, em termos computadorizados, não sei, é provável, não sei, eu não tenho grandes conhecimentos. Mas na altura dizia-se que o papel ia acabar e não acabou, continua a haver, porque a gente escreve um texto no computador e vai ter de sair.

AM: A questão, era o que dizia o Sr. I, acabar não acaba, há sempre, mas diminui, até por cuidados com o ambiente.

IL: E há uma diminuição muito grande, e agora dou a minha opinião, por exemplo na minha profissão, é a tal situação, eu tenho que manter durante 10 anos o arquivo de um cliente, e a única forma que eu vejo neste momento é de fazer uma ?!?!?, para poder destruir os documentos de suporte, ora isso custa dinheiro, e não há nada que possa fazer, isso é uma das situações que estamos a ver. Agora, a nível de conteúdo, hoje por exemplo, o email hoje substitui perfeitamente uma carta, o correio eletrónico substitui... e tem a mesma validade, agora substituímos muita coisa, agora claro que o papel nunca conseguimos substituir.

AM: E dentro de cada tecnologia que aplicações costumam utilizar mais? Por exemplo, no computador é mais a internet, o email, fazer texto no word, o excel ou o que seja. No telemóvel é mais receber e fazer chamadas ou já vão à internet, por exemplo. Na televisão, há televisões que já permitem gravar, passar à frente. Que aplicações costumam utilizar mais em cada uma das tecnologias?

IL: Eu uso várias, os programas de infologia, o excel e a internet.

JCL: Eu realmente usei muito o word e o excel, obrigatoriamente tinha que usar. Mas nunca usei muito... estavam lá os programas e não sei quantos, usava menos até do que devia. No telemóvel é fazer chamadas, mandar mensagens e receber.

JL: Eu na televisão, ?!?! deixava a gravar pronto ?!?!?. No telemóvel é só mesmo para as chamadas. E outra coisa, no computador é a internet, ver fotografias ?!?!?

FM: Eu já disse, o telemóvel faz-me até companhia, à noite sobretudo, converso com a minha irmã, com as filhas, e acho que é uma companhia.

AM: Mas é só receber e fazer chamadas?

FM: Sim, sim, sim.

AM: Não escreve mensagens por exemplo?

FM: Não, não, não. Mensagens sim, mas agora jogos e isso !?!?!?

AM: E na televisão só assiste aos programas ou já grava?

FM: Não, não, só vejo os programas, não dou muito para estar a aprender (risos), já estou um bocado cansada para estar ali.

JCL: No meu caso, e acho que de uma forma geral, perante tanta tecnologia, nós acomodamo-nos porquê?!

FM: Temos quem nos faça, porque ainda ontem à noite a minha filha disse assim “oh mamã eu vou-te dizer como é que tu vais gravar” e depois fazes, mas eu...

JCL: No meu caso, basicamente tenho os filhos e se quero alguma coisa eles... facilitam, isso é mau.

AM: Tem as duas perspetivas, é bom porque sabe que pode contar com eles, isso é uma questão que eu queria colocar, se há conflitos ou cooperação entre as várias gerações, o facto de saber que temos ajuda com que podemos contar isso pode ser um aspeto positivo, tem o aspeto negativo porque assim vocês não aprendem, mas depende é da forma como valorizamos cada um dos aspetos.

JCL: É evidente que a gente tendo os filhos ali, seja qualquer um deles, mas se há um que está ligado à informática melhor ainda.

FM: Mas as minhas filhas, uma delas disse que me ensinava computadores “eu ensino-te mamã, eu ensino-te”, mas como não havia assim uma força maior de eu ter que, eu fui ao sítio certo ?!?!? “Deixa para logo ou fica para amanhã”. Eu é que não estou disposta já a aprender. Se quisermos tiramos tempo para tudo, acho eu. Até o meu neto “eu ensino-te avó”, mas “tá bem e depois...”

AM: A utilização da tecnologia depende do contexto onde estão, por exemplo, só utilizam a televisão em casa, o computador utilizam mais no trabalho e em casa também, o telemóvel utilizam ao longo de todo o dia ou em determinados sítios também?

FM: O telemóvel utilizo durante todo o dia, mais à noite; o computador só em casa, como já disse no serviço também há algumas coisas que também tenho que fazer, ficaram de nos dar formação e ainda não deram, e a televisão sempre que estou em casa está ligada, dou uma espreitadela se estiver a fazer o almoço ou assim.

AM: E no vosso caso (para os restantes participantes) depende do contexto onde estão a utilização destas tecnologias? Se estiverem em casa é que utilizam o computador, há trabalhos que não permitem a utilização do telemóvel, por exemplo, ou a utilização do computador.

JL: No meu trabalho não é permitido, mas eu também não gosto, eu só gosto de utilizar o essencial. O computador só em casa e a televisão é muito raro, só assim, se estiver num sítio qualquer e estiver a dar a televisão ou para ver o futebol.

JCL: A televisão é diferente, eu chego a casa a primeira coisa ligo logo a televisão.

JL: Também em casa a televisão está sempre ligada.

JCL: Depois com os canais é outra coisa.

AM: Isso é uma coisa engraçada, ao contrário do que se poderia pensar, nas gerações mais novas a televisão não desapareceu, os mais novos também dizem exatamente o mesmo, quando chegam a casa ligam logo a televisão.

JCL: Eu tenho um filho mais novo que aquilo, se está de férias pega nos filmes que ele quer, no sofá, às vezes está ali, às vezes vou acordá-lo à noite, mas isso também tem a ver muito com o trabalho dele, o stress de escolas e não sei quê, o trabalho, noites perdidas, muitas noites perdidas, depois ele chega ali, nas férias...

IL: Depois há outra coisa, eles hoje, pronto, já faziam muitos trabalhos com o computador, e utilizam o portátil e isso e depois também é uma válvula de escape para eles, chegar ao fim e sentar-se um bocadinho no sofá e ver um bocadinho de televisão, que no fundo é o que se passa connosco.

AM: Mas o que se falou há bocado em relação ao papel, também já se falou em relação à televisão, aliás, e já se falou em relação ao rádio, que o rádio ia desaparecer, o que é certo é que nunca desapareceu, eu não sei se acontece convosco, eu, por exemplo, no carro o rádio está sempre ligado e muitas vezes mesmo em casa o rádio sabe bem ter o rádio ligado.

IL: Eu acho que, por exemplo, os telemóveis já vêm com rádio.

AM: Sim, sim, é uma questão das tecnologias se adaptarem umas às outras.

IL: Exatamente. Isto, no fundo, uns vêm complementar os outros, não é?! Agora que hoje temos poder de escolha, não é?! Temos a rádio, temos a televisão, temos o computador, temos o poder de escolha, agora há sempre espaço para todos eles.

AM: E todos eles têm limitações também.

IL: Exatamente.

FM: Eu acho que o rádio agora não há tanto espaço para ele, eu também se estiver em casa nunca tenho o rádio ligado, se tiver a televisão, prefiro a televisão.

AM: Isso também é verdade, a forma como hoje ouvimos rádio é diferente, antigamente a companhia que faz hoje a televisão fazia o rádio, agora já não é tanto assim.

IL: Dentro do carro, por exemplo, o rádio já está ligado.

HV: No meu carro o rádio já está ligado.

JCL: Eu por acaso não, por acaso não sou muito de rádio, e se de manhã desperto e começa a dar música então se caísse e quebrasse... e quando a minha mulher acorda e liga a televisão, aí não quero televisão, nem gosto de ouvir os pássaros.

HV: Mas eu também não gosto, não gosto de ouvir de manhã, gosto de me preparar para sair, porque eu vou buscar miúdos que estão ali agarrados à televisão, a carrinha à espera e entram na camioneta, e eles "só estava a ver os bonecos", eu de manhã nunca punha os miúdos a ver televisão, era tomar o leiteinho, preparar a escola. Eu também não gosto, eu gosto muito de sossegada, de manhã, fazer as minhas coisas, sem barulho.

FM: Eu trabalho sozinha dentro de uma sala e praticamente estou a trabalhar, sinto-me assim um bocado isolada, mas nunca ninguém e eu a primeira coisa que chego ao serviço é ligar o rádio e depois desligo quando vou embora ?!?!?!?

...

IL: Ainda aqui há uns tempos fui visitar uma obra de um cliente que estava a fazer, e eles lá tinham um rádio coberto com um plástico, estavam a fazer trabalhos de construção civil e lá tinham na obra o rádio e estavam a ouvir rádio.

JCL: Eu acho muito estranho que com aquelas máquinas todas consigam ouvir.

AM: É quase uma companhia, é barulho de fundo, ainda hoje muitos jovens e crianças vêem televisão assim, estão no computador a fazer um trabalho, a televisão ligada, às vezes até a mandar uma mensagem no telemóvel, utilizam as três tecnologias ao mesmo tempo. A televisão serve mais como companhia, barulho de fundo, quase não estão a ver, mas está lá.

IL: É, é, mas muitas vezes perde-se poder de concentração por causa dessas situações.

AM: Sim, isso já está provado.

IL: Está mais que provado que o poder de concentração começa a ter falhas por causa...

AM: E sentem que se vivessem em meio urbano a utilização destas tecnologias era diferente, ou seja, por viverem em meio rural...?

FM: Eu acho que era igual.

JCL: É igual, eu vivi em meio urbano e era igual, a televisão... Agora claro que à noite é muito diferente, por exemplo, os bares, as discotecas, os centros comerciais, avenida acima, avenida abaixo, principalmente em noites de verão.

AM: Como é que obtiveram informação para comprar, por exemplo, o telemóvel que têm hoje? Foi fácil, alguém vos ajudou, foram a uma loja e viram numa montra e compraram ou então aquele que queriam tiveram que mandar vir?

FM: O meu foi oferecido e eu aceitei.

JL: O meu também foi oferecido, eu não gostava, na verdade fui obrigado por causa do desporto, mas também foi oferecido.

JCL: Eu comprei-o, mas se calhar fui dos últimos a comprar.

AM: Mas comprou o que quis, ou não teve grande escolha, era o que havia na loja, se calhar o que tinha menos funcionalidades?

JCL: Isso gira tudo à volta do dispêndio que..., sempre fui adepto de nem uma coisa muito boa, nem uma coisa muito má, tem que haver ali um intermédio. E encontrei. Mas eu não sou nada adepto de um jovem que não tem um ordenado, mesmo aqueles que têm, e depois compram um telemóvel de 800€ ou 1000€, não sou nada adepto disso, um telemóvel que custe 100€ ou se calhar 40€ ou 50€ faz o mesmo efeito, o mesmo efeito salvo seja... Agora conheço casos de estudantes, eu tenho o meu filho, por exemplo, que faz falta o telemóvel que ele tem para não andar com o computador debaixo do braço, agora há jovens que não têm essa necessidade e compram um telemóvel desse valor, é um exagero.

AM: E o computador, por exemplo, que compraram, supondo que todos têm em casa, mas que às vezes utilizam ou os filhos, compraram porque deram-lhes essa informação que era o melhor ou que era o mais acessível para aquilo que precisavam? Tiveram essa informação, tiveram que esperar, tiveram que mandar vir e não havia na loja. Como é que foi essa compra?

FM: O meu também foi oferecido.

HV: O meu fui eu que fiz o 9º ano e veio pela escola.

JL: Eu tive que comprar um para o meu filho mais velho, porque ele o curso que gostava, depois acabou por não seguir, tive que comprar um computador e era bastante caro na altura, porque para o curso dele, que ele queria seguir, depois acabou por não seguir, ainda estava no 10º ano, que era para arquitetura, ele precisava de um mais potente, acabou por estar lá, gastei muito dinheiro, por acaso pedi informação a amigos, e sei que fiz o negócio na altura, passado 15 dias já tive que meter, já ficou mais caro, porque já tinha que ser de outra maneira, pronto, está lá parado. No portátil foi a minha mulher também, fiz o 9º ano e tive e foi ela que me convenceu. No outro acho que nunca mexi nele.

AM: E o Sr. I para comprar, encontrou aqui o que queria ou teve que mandar vir?

IL: Eu já comprei tantos e a toda a hora tenho que renovar. Em relação a telemóvel pronto, comecei, claro, por fazer aqueles contactos com... para a minha esposa e para os meus filhos, e ofereci-lhes o

equipamento, fui eu que escolhi, e também pedi opinião ao meu mais novo, que já está mais... Mas eu nos telemóveis prefiro um telemóvel simples e prático do que com muita tecnologia, que não utilizo, que eu pelo menos, não utilizo, prefiro um simples e prático.

AM: Achem que há diferenças de utilização destas tecnologias no meio urbano e no meio rural? As pessoas de meio urbano, por exemplo, utilizam mais ou menos ou...

JCL: Por exemplo, o computador, as pessoas do meio urbano utilizam mais.

AM: Também acham isso? (para os restantes participantes)

Todos: Sim.

AM: Quando utilizam mais cada uma destas tecnologias? De manhã, à tarde, à noite? Depende da tecnologia?

FM: Eu é mais à noite.

JL: Eu é mais durante o dia porque trabalho de noite, não é?!

AM: E gostariam de utilizar mais ou menos vezes do que aquelas que utilizam? Ou está bem assim e não mexiam em nada?

HV: Às vezes o telemóvel até digo lá às minhas colegas que preciso de uma telefonista, porque ando sempre com ele, toda a hora ?!?! meto-o na bata, toda a hora tenho que estar a lavar as mãos para atender, lavar as mãos para ir para o serviço. Mas à noite, a partir das 22h30, é muito raro, deixo-o ligado sim, faz falta às vezes. Mas em alturas há dias que...

AM: E no vosso caso gostavam de utilizar menos ou mais ou está bem assim?

JCL: Eu no meu caso o telemóvel, como já disse, mais não, porque penso que é o suficiente, a televisão é igual, agora de facto o computador gostava de utilizar mais, só que não tenho força de vontade para isso.

FM: É como eu. Agora o telemóvel gostava de utilizar menos ?!?!? Às vezes ligam-me, fico a falar das 21h ou 20h até à 1h da manhã, tem algum jeito?! Eu ainda há dias ouvi na televisão que afinal o telemóvel não prejudicava nada a saúde, mas dias a seguir já ouvi que sim.

JL: Isso é publicidade enganosa.

AM: Utilizam as tecnologias sozinhos ou acompanhados por alguém? Quando vão ao computador, por exemplo, preferem ir sozinhos ou têm alguém...?

FM: Eu poucas vezes vou, às vezes vou com a minha filha, outras vezes vou sozinha, ou com a minha sobrinha.

AM: E a televisão?

FM: A televisão também depende, se tiver um bocadinho livre sento-me no sofá a ver televisão, ou sozinha ou acompanhada, mas como somos dois agora, estou mais vezes sozinha, porque tenho

televisão no quarto, porque agora o meu homem vai muito cedo para a cama e não quer barulho. E eu para ver televisão só tenho na sala. Vejo muito sozinha.

AM: E no vosso caso utilizam é mais sozinhos ou acompanhados as três tecnologias (para os homens)?

IL: Eu a televisão depende, se for para ver um filme gosto de estar sozinho, se for para ver futebol gosto de ter gente. Se for para ver futebol gosto de ter o meu filho e a minha esposa que eles mandam assim, gosto de... Depende. Agora um filme sim, gosto de estar descansado.

JCL: Curiosamente quando se está a ver futebol, nomeadamente, se estiver alguém ao lado, somos capazes de mandar um piropo, se estiver sozinho não diz nada, fica caladinho, não diz nada, se estiver alguém ao lado “eh pah aquele gajo”.

IL: Nós, por exemplo, o futebol, muitas vezes não víamos o futebol em casa e íamos a um café só porque vivia-se o futebol, é diferente.

JCL: O entusiasmo é completamente diferente.

IL: Agora, por exemplo, para ver um bom filme ou qualquer coisa do género a pessoa está mais interessado sozinho, está mais concentrado, mais calmo, no futebol não.

AM: Consideram que há perigos em algumas tecnologias?

IL: Lá está, voltamos ao mesmo, para mim é o modo como se utiliza, para mim é mais... Andaram uma altura dos problemas das antenas e isso é tudo ?!?!?

AM: E como é que tomaram consciência desses perigos?

IL: Aquilo que eu vi muitas vezes foi médicos, foi especialistas...

AM: Ou seja, não é em conversa por exemplo com outras pessoas, ou mais velhas ou mais novas, que vão conversando sobre isso.

IL: Acho que não, isso pode-se comentar naquela altura porque obviamente vê-se na televisão e tem-se muito medo, mas é só naquela altura, depois passa.

AM: E o que pensam sobre a influência do uso destas tecnologias nas relações intergeracionais, por exemplo, nas relações com os vossos filhos e os vossos netos? Acham que ajuda, acham que não? Se não existissem também não fazia falta nenhuma.

JCL: Faz sempre falta, tudo isso tem a ver com o desenvolvimento, tudo que seja inovar é bom.

AM: Mas, por exemplo, partilham experiências, por causa dessas tecnologias pedirem ajuda a um filho, poderem falar com alguém ao telemóvel, porque às vezes precisam de ajuda no computador com alguma coisa, acham que ajuda as relações intergeracionais, com as gerações mais novas e mais velhas até, o facto de comentar ou de pedirem ajuda em alguma coisa?

HV: Eu às vezes peço, se tenho dificuldades.

AM: Facilita, algumas relações que se calhar não existiam se calhar até existem porque por exemplo partilham a televisão juntos, o único momento que têm para estar juntos é à volta da televisão, acham que ajuda?

FM: Sim, acho que sim. Acabam por ajudar em qualquer coisa que temos dúvidas, não é?!

JCL: Por exemplo, o rapaz mais novo sai muito cedo e entra de noite, depois numa atividade desportiva que eu estou, ele também está, não nos desencontramos, às vezes jantamos assim um bocado, nem sempre jantamos juntos, o mais novo está em Guimarães, às vezes nem sempre vem ao fim de semana, tem a ver com a arquitetura que o JL estava a falar. Agora a televisão serve um bocadinho para... às vezes até discordamos, está a dar um programa qualquer que eu até nem gosto, ou ao contrário, o filho mais novo, que é sempre mais esquisito nesse aspeto, pega no comando, e diz “olha, desculpa lá, mas aquilo é para velhos” (risos) e muda de canal. Mas é na brincadeira, às vezes lá nos chateamos com as diferenças, com as exigências dele, mas se calhar por minha iniciativa...

AM: Consideram que as relações presenciais sofreram uma diminuição em relação às virtuais? Ou seja, hoje falamos mais virtualmente, ao telemóvel ou através da internet com outras pessoas do que presencialmente.

IL: Ah isso é, sem dúvida.

Todos: Sim.

IL: Não tenha dúvidas, e isso tanto que, por exemplo, e isso verifica-se tanto nas aldeias como nos meios urbanos, se eu tinha que ir conversar um assunto qualquer com um amigo ou com um vizinho, ia ao vizinho e falava com ele, agora pego no telemóvel e não dou um passo e aí muitas das vezes está o tal problema que nós temos do uso, que era o que há bocado estávamos a falar em relação às relações entre gerações, as vantagens são imensas, é questão de muitas das vezes de uma geração se isolar perante a outra, enquanto que até aqui tínhamos, por exemplo, uma televisão e estávamos numa aldeia tínhamos ?!?!?! conversava-se, hoje já não se conversa, porque um está de um lado ao telemóvel, outro está do outro lado ao computador, isso é que se perdeu um bocadinho, mas lá está, são das tais coisas da evolução.

JCL: Isso tem a ver com o próprio conceito familiar.

HV: À mesa se estiver a televisão ligada já não conversa aquilo que se conversava antes, a ver o telejornal, quer-se estar atenta, quer-se conversar alguma coisa até se evita para continuar a ver aquilo.

AM: Encontram algumas dificuldades na utilização destas tecnologias?

JCL: Eu uso o básico.

FM: Só uso o básico.

AM: E têm alguém que ajude quando encontram algum obstáculo?

FM: Sim.

AM: É da família, filho, neto?

FM: Sim, sim.

AM: Que vantagens ou desvantagens encontram na utilização das tecnologias? Faz companhia, ajudam a resolver problemas que se calhar antes era mais difícil?

FM: Vantagens são imensas. Há sempre desvantagens não é?! Aquilo que acabou de dizer, por exemplo, os miúdos que ficam com certos problemas.

AM: E aquilo que eu falei há bocado, concordam que a utilização destas tecnologias trouxe conflitos ou relações de cooperação entre os vários membros geracionais? No vosso caso, os vossos filhos por exemplo? Há mais cooperação ou há mais conflito, por exemplo, para ver alguma coisa que está a dar na televisão, há algum conflito que uma pessoa quer ver uma coisa e outra quer ver outra por exemplo, e cria-se ali...

JCL: Eu acho que esse conflito deixou de existir desde que as pessoas tiveram a possibilidades de comprar mais do que uma televisão, não é?! Portanto, se temos uma em cada dependência da casa...

AM: E o computador, por exemplo?

JCL: No meu caso não há conflito nenhum.

HV: No meu também não.

FM: Cada um tem o seu não é?!

HV: Se um quer ver futebol, vai ver futebol.

JCL: Isso em tempos, provavelmente, quando só havia uma televisão na sala... agora um está ali a ver se já começou aquele programa, isso já não se pode pôr porque todas as pessoas...

AM: Pronto, em relação às questões do grupo de discussão terminaram, eu agora queria-vos pedir, perguntar mais uma curiosidade minha, eu agora, a seguir a estes grupos de discussão, que terminam hoje à tarde, nós vão aplicar um inquérito a nível nacional, que vai fazer perguntas mais ou menos nesta linha: os usos, os contextos, as relações presenciais e as relações virtuais, pronto, tudo isso, têm alguma questão que me possam dizer que seria pertinente colocar nesse inquérito, colocar a nível nacional, alguma sugestão, que é importante para mim perceber também, ter uma opinião de fora, não acham que haja assim alguma coisa, para além destas que vos coloquei?

IL: Aqui só há, por exemplo, perceber a desigualdade que existe entre uma zona urbana e uma zona rural. Aqui por exemplo há fibra, num meio rural praticamente não existe, não há condições mínimas. Aliás, claramente logo a situação dos televisores, da TDT, as pessoas das aldeias não está bem ainda informada dessas situações, a informação ainda não chega convenientemente a esses lados, e depois não há condições poder de escolha, são essas questões que surgem, mas isso vai continuar a ser.

FM: A nossa geração vê-se na televisão, não é?!

IL: Pois vê-se, mas muitas vezes é o entender o que eles querem dizer, porque há muitos que já dizem para deitar o televisor fora, depois já há exploração de pessoas que dizem que além do aparelho que

têm que comprar, têm que meter umas antenas novas, porquê?! Porque alguém já anda a preparar... Isto vai acontecer muito nas aldeias.

JCL: Mas eu acho aí que os nossos governantes têm um papel fundamental de informar as pessoas sobre como se deve fazer. Porque às vezes aquilo que importa passa a uma velocidade muito ligeira, o que não importa...

IL: ... é transmitir duma maneira que muitas pessoas não entendem. Aliás, isto acontece nos referendos, às vezes é preciso ir buscar alguém para interpretar a pergunta. E as pessoas...

FM: Mas isso tem a ver com a formação das pessoas, não é?!

IL: Claro, eu estou a falar isto, porque infelizmente ainda existe muito.

Focus Group Multigeracional

Data: 03 de Dezembro de 2011

Hora prevista: 14h

Hora de início: 14h30

Hora de fim: 16h10

Duração: 1h40

Local: Ponte de Lima

Número de participantes: 8

Moderador: AM

Participantes: FM; JL; FA; CC; RC; NA; MC; AG

AM: Eu ia perguntar novamente do que se lembram relativamente à televisão, ao computador e ao telemóvel, ao surgimento? Quando apareceu, os sentimentos que trouxe?

FM: A televisão era uma novidade, uma coisa importante, programas interessantes...

MC: A minha mãe ?!?!?

AM: Mas tu lembras-te do surgimento da televisão, da televisão ir lá para casa, por exemplo?

MC: Não que eu sou novo ainda.

(Risos)

AM: E tu A lembras-te da televisão?

AG: Não, já havia televisão.

AM: Consideram que há diferenças significativas no acesso aos *media* entre as gerações? Ou seja, a forma de uso e a forma como eles compreendem?

FA: Eles dominam isso de trás para a frente e de frente para trás.

CC: Depende. Dominam a nível de computador e telemóvel, a televisão nem tanto.

RC: A televisão já é mais escolher, não há muito que..., agora computador e telemóvel eles exploram tudo, se tiverem que explorar, principalmente telemóvel.

CC: Eles já nascem ensinados.

AM: Há diferenças?

MC: Não, é tudo fácil.

(Risos)

AM: Por exemplo, vocês olham para os vossos pais e para os vossos avós e vêem que há alguma diferença na utilização dos *media*?

MC: Para eles é mais difícil.

FA: Oh M o teu pai quando filma, para passar à frente no computador, para conseguir fazer alguma coisa, não era?! Tinha dificuldade, há diferenças, claro que há diferenças.

AM: Utilizam alguma tecnologia todos os que estão aqui? Computador, televisão, telemóvel

Todos: Sim.

AM: E com que frequência?

Todos: Todos os dias.

AM: E privilegiam mais uma (tecnologia) em vez de outra?

CC: É assim, para mim é mais telefone e televisão, computador um bocadito, só para matar o vício e fazer qualquer trabalho.

JL: Televisão.

RC: Televisão já é quase o vício, uma pessoa entra a porta de casa liga (faz sinal de pegar no comando e ligar), mesmo que não se esteja a olhar é automático.

FA: É verdade. Porque é entretenimento, é música e essas coisas.

FM: Sim e as notícias.

AM: E tu A disseste que havia diferenças?

AG: Sim

AM: Utilizas mais umas do que outras?

AG: Telemóvel e computador.

RC: Telemóvel é tipo doença (risos), eu acho que faz-me confusão é eles a mandar mensagens, eles nem olham, eu tenho uma dificuldade ?!?!?! até vídeos eles colocam nas mensagens, um gajo não percebe nada daquilo.

AM: E utilizam todos os dias as três tecnologias?

Todos: Sim.

AM: A frequência de utilização está relacionada com o quê? Mais para contactar outras pessoas...

CC: O telefone sim, para contactar outras pessoas sem dúvida.

AM: A internet não?

CC: No meu trabalho não, a internet não, a não ser para dar orçamentos ou essas coisas ou para investigar outras coisas, a televisão já se sabe ?!?!?

FA: Nós (ele e o filho que também estava no grupo) é só ao fim de semana, um bocadinho, pouco.

AM: E achas bem N (para NA, o filho)?

NA: Que remédio.

FA: Claro, ele agora acha porque estou aqui (risos).

AM: Foi má ideia ter trazido o pai (risos).

FA: Não, mas normalmente é assim, ao fim de semana internet, durante a semana não há tempo para isso.

AM: Mas há tempo para o computador?

NA: Há, às vezes.

FA: Quando tem trabalhos para fazer sim, eu por causa do trabalho uso todos os dias, agora ele para a escola quando tem que fazer alguma pesquisa ou assim, sim, senão, não lhe toca durante a semana.

AM: E o telemóvel?

FA: O telemóvel sim.

JL: Mas não devia.

FA: Não, mas tem que andar contactável percebe?! Tem que estar contactável.

AM: Então o telemóvel é para o controlar?

FA: É, só que sempre que faz falta liga-se e ele nunca está disponível (risos).

...

AM: O que pensam sobre as influências destas tecnologias naquilo que é suposto elas fazerem, ou seja, para estar informado, para contactar outras pessoas, acham que é útil, acham que não são úteis e não deviam existir?

CC: Hoje em dia são essenciais.

FM: Para termos sempre mais conhecimentos.

FA: Quem tem familiares no estrangeiro e é agradável falar com eles.

AM: Gostam então de utilizar as tecnologias?

Todos: Sim.

AM: Não havia nenhuma que tirassem do vosso dia-a-dia.

FA: Destas três não.

AM: E outras quaisquer?

FA: E outras não estou a ver quais.

CC: O rádio também todos os dias.

AM: Vocês gostam de utilizar as tecnologias (para MC e NA)?

Os dois: Sim.

AM: Gostavam de utilizar mais tempo se vos deixassem?

NA: Não.

MC: O computador e o telemóvel queria.

CC: E depois mete para lá piadas no *facebook* e assim, não é M?! Ele é muito engraçado a mandar piadas no *facebook*. Às vezes rio-me sozinha com as piadas que ele escreve.

AM: E qual é a tecnologia que preferem utilizar das três?

MC: Computador, computador.

RC: Eu prefiro utilizar o telemóvel ?!?!?! por utilidade...

CC: E mais prática, metes ao bolso e já está. Enquanto que o computador tens que andar com ele às costas.

AM: Gostavam de utilizar outras tecnologias que não têm neste momento mas que gostavam de ter?

Todos: Não.

AM: Que finalidades se prendem com a utilização de cada uma destas tecnologias? Ou seja, para quê que as utilizam, utilizam para ocupar o tempo livre...

FA: Trabalho e lazer, não é?!

AM: Não há situações, por exemplo, de terem família emigrante e contactam via skype?

FA: Sim.

RC: A televisão acaba mesmo por ser só para lazer, não é?! Lazer e informação. Para trabalho, telemóvel e internet isso é essencial, hoje em dia acho que em qualquer profissão.

AM: E o que pensam sobre as influências que estas tecnologias trazem para a gestão do vosso dia-a-dia? São uma boa influência, ajudam, estas tecnologias ajudam ou pioram porque têm que estar constantemente disponíveis e às vezes não é bom.

FA: É assim, tem as duas vertentes, não é?! Primeiro porque em termos de trabalho usamos estas tecnologias temos que responder de imediato em termos de tempo, não é?! Enquanto que se não tivesse “ah vou fazer logo e não sei quê”, não, tem que fazer na hora. Facilita, mas não há grandes desculpas, não é?!

AM: Agora pergunta para a geração de 90, como é que vocês brincam hoje em dia? Como ocupam o tempo livre?

MC: Sozinhos?

AM: Sozinhos ou acompanhados, chegas a casa ao fim do dia não tens nada para fazer, fazes o quê?

MC: Vou fazer os trabalhos de casa e tenho o treino.

NA: Acena com a cabeça em sinal afirmativo.

AG: Se tiver companhia vou jogar futebol ou assim, se não houver ninguém vou para o computador.

AM: E na maior parte das vezes é mais computador ou é mais acompanhado?

AG: É mais acompanhado.

AM: E tu N?

NA: Eu chego da escola, vou fazer os trabalhos de casa, vou lanchar e depois tenho treino.

AM: E para a geração de 70, lembram-se de como ocupavam o tempo livre?

FA: Era a ajudar os pais em casa.

CC: Sim, a trabalhar.

FA: E aquelas horitas que tínhamos disponíveis era jogar à bola, brincar com o réu, eles nem sequer sabem o que é o réu...

CC: Não sabem o que é isso, à mosca.

FA: Não sabem, não sabem. Os jogos que a gente...

CC: Os jogos tradicionais.

FA: Era o futebol, era a apanhadinha, era essas coisas.

RC: Era cá fora, era tudo cá fora. A maior parte deles era tudo cá fora.

FA: Era... O ir à fruta ao vizinho.

AM: E os da geração de 50 como é que brincavam?

FM: Sim, era mais ou menos o mesmo, só podíamos brincar um bocadinho à noite, à apanhadinha, era sempre cá fora.

JL: ?!?!?!?

AM: E, por exemplo na escola, vocês usam o computador (para a geração de 90)?

NA e AG: Não.

MC: Agora não.

AM: Mas já utilizaram?

FA: O Magalhães já, não usavas o Magalhães na primária (para o filho)?

MC: Eu na primária não.

...

AM: Mas utilizaram pouco então?

MC e NA: Sim.

RC: Mas, por exemplo, hoje eles têm o Magalhães isso já é uma determinada confusão para mim, não é?!

AM: Pois, mas eles já não são dessa altura. Então o computador nas aulas não utilizam?

MC e NA: Não.

AG: Sim.

AM: Utilizam mesmo nas aulas e assim, para fazer trabalhos?

AG: Sim.

NA: Às vezes para fazermos algum trabalho ou assim e o professor avisa-nos com antecedência para levarmos o computador.

MC: Às vezes usamos para fazer algum trabalho ou assim.

AM: E tu A?

AG: Temos a sala dos computadores e os professores requisitam a sala e vamos para lá fazer trabalhos e isso.

FA: No meu tempo de escola não havia computadores.

AM: E agora ia para aí, precisamente?

FA: No meu tempo havia uma máquina elétrica que ninguém sabia utilizar ?!?!? Não foi assim há tanto tempo, não é?! Eu recordo-me que andei aqui e nas aulas de datilografia aquilo era só com as máquinas antigas.

CC: Era, ?!?!?! depois tínhamos que estar com as costas direitas, escrever assim (faz gesto). E cada dedo tinha que ter a tecla própria, portanto, colocávamos os espaços.

FA: As máquinas de escrever aquilo era..

CC: Hoje praticamente só se escreve com um dedo.

AM: E a geração de 50, lembram-se de como era a escola?

JL: Na escola era tudo normal.

FM: Eu também tive aulas de dactilografia.

AM: E utilizavam a lousa?

JL: Sim, acho que a tenho lá (em casa) ainda.

FM: Também era lousa para escrever. Não havia sebetas.

AM: E chegavam ao fim e apagavam tudo...

JL e FM: Apagávamos.

FA: Eu ainda apanhei a tele-escola, eu fui do último ano em que houve tele-escola.

AM: E teve através do computador?

FA: Da televisão. Eu assistia às aulas pela televisão, estava a senhora professora na televisão, explicava as aulas, depois a professora desligava a televisão e depois nós fazíamos o que ela ensinou.

RC: Mas era direto aquilo, era direto, e quando se ficava doente era assim que se assistia às aulas.

FA: Era, era impressionante.

RC: Era no segundo canal, havia aquelas horas, aquela hora ligávamos a televisão, havia aquele programa que dava disciplinas, e até à próxima aula era explanação do professor na sala.

FA: Mas eu senti dificuldades depois quando vim aqui para o ensino secundário.

AM: Porquê?

FA: Porque era diferente, as bases eram uma coisa (não tinha)... Eu vejo eles hoje por exemplo na primária, eles têm um ensino totalmente diferente e eu notei e lembro-me bem disso, quando vim para o 7º ano aqui, senti muitas dificuldades, não era igual.

CC: Isso da tele-escola também não apanhei, como andei sempre aqui na vila, não apanhei, mas via os programas na televisão à tarde que davam.

FA: Depois tinha outro problema, o professor podia ensinar 5 ou 6 disciplinas. Se não houvesse um bocadinho de interesse de quem estava a ensinar, aquilo passava assim... Aliás, em Refóios era o caso, estava com medo era que a cana lhe caísse na cabeça.

RC: Mas tinha uma coisa de muito bom isso, não se via o que se vê agora.

CC: Mais respeito. Hoje eles batem nos professores.

RC: Mas é verdade, mas a culpa ainda acaba por ser um bocadinho da nossa geração, porque são os nossos.

CC: Mas também é as leis que...

RC: Não é as leis, são os pais...

FM: Os pais de agora é que ??!?!?!?

RC: Os pais de agora não fazem a mínima ideia dos filhos que têm, eu desde que comecei a ir para a escola, para a primária, a minha mãe, e não era o meu pai, era a minha mãe ia à escola no início e no fim do ano e só chegava lá no início do ano e dizia assim, e não eram poucos, éramos 6 filhos, só chegava à escola e dizia à professora “se eles se portarem mal, é para arrear”, é verdade. Hoje se um professor levanta a mão cai o carmo e a trindade e não pode ser.

FA: E aí do pai que ia à escola por causa do filho se ter portado mal.

CC: E há muitos pais que vão tomar conta dos meninos ao intervalo que é para o outro colega não tocar no menino.

RC: Eu no meu tempo se me portasse mal e levasse na escola, chegava a casa e se a minha mãe soubesse levava outra vez e não era a brincar, pronto, era muito respeito, se calhar também era um bocadinho medo, mas era respeito, era muito respeito. Hoje a maior parte deles (aponta para os mais novos) não tem respeito nenhum, não têm aos pais quanto mais aos...

FM: Mas os pais têm muita culpa, eu acho que sim.

RC: Mas é aquilo que eu falei na outra (sessão de *focus group* da geração de 70), está-se muito pouco tempo com os filhos, dá-se tudo e mais alguma coisa e pensa-se que eles são santos.

JL: Mas não se esqueça que este problema que se está dar agora, já se deu há anos atrás. Comigo já não se deu muito, mas com os mais velhos, aqueles mais velhos ?!?!?!?

FM: No meu tempo não...

...

RC: Mas depende dos sítios, também depende muito dos sítios, nós se formos aqui à escola à secundária, havia os mais velhos, mas também havia aqueles... Mas mesmo os mais velhos aos funcionários e aos professores não arrebitavam cachimbo, porque havia um respeitinho...

...

RC: As crianças hoje em dia, pode não ser com intenção, mas são muito maldosas, muito maldosas, quando têm aquela intenção, o eles quererem fazer algumas brincadeiras, aquelas brincadeiras, acaba por ser mesmo muito reles.

AM: Lembram-se de quando começaram a trabalhar como é que faziam? Não sei se hoje em dia ainda mantêm a mesma profissão de quando começaram a trabalhar, mas lembram-se de como faziam o trabalho? Utilizavam o computador, não utilizavam?

FA: Lembro-me que trabalhei 6 meses num escritório de contabilistas, a contabilidade era toda à mão, hoje já não fazem à mão de certeza absoluta.

RC: Eu desde que comecei sempre tive de utilizar o computador, embora com sistema diferente não é?! Antigamente os computadores eram lentos, hoje é programa diferentes, internet e isso tudo.

FA: Hoje há programas específicos de faturação e isso tudo.

AM: E no vosso tempo como era (para geração de 50)?

JL: Eu no meu tempo era tudo feito à mão.

AM: E hoje em dia já utilizam...

JL: ?!?!?!!

AM: E em casa? Começando pela geração de 90, vocês passam muito tempo com os vossos pais? A ver televisão, fazem as refeições todas juntos, por exemplo?

AG: Sim.

AM: E conversam muito?

NA: Sobre coisas das escola, se nos portámos bem, claro que sim, todos os dias.

AM: Acham que passam muito tempo em família, com os pais, com os irmãos, se tiverem irmãos?

MC: O meu pai está na sala, e eu o meu irmão e a minha mãe estamos no quarto, tem lá televisão e computador.

AM: E antigamente como era?

CC: No meu tempo era, era só a minha mãe e o meu pai, era sala, sala porque era só televisão, mais nada.

AM: E só havia uma?

CC: Só havia uma, na altura era só uma.

FA: Eu também, era todos juntos sempre

RC: À hora da refeição era toda a gente.

FA: É, é.

RC: Ninguém falava porque era hora das notícias e as notícias eram sagradas, era para as ouvir. No fim, era um bocadinho de televisão, era todos juntos e depois era cama.

CC: Não havia telefones, nem telemóvel.

FM: O meu pai todos os dias rezava o terço no corredor de trás para a frente e nós às vezes adormecíamos, ele é que ficava zangado (risos).

FA: Isso era um bocado chato. Na minha casa ?!?!?

...

CC: Eu tinha a igreja ao lado, então deslocava-me à igreja.

AM: E utilizam as tecnologias sozinhos ou acompanhados?

NA e MC: Sozinhos.

AM: O computador não utilizam com nenhum irmão? Não partilham?

MC: Humm não... com o meu irmão às vezes.

AG: Só com o meu irmão.

FA: É assim, se for jogos é à vez, às vezes tenho que ir lá dividir.

AM: Então há conflitos às vezes por causa da...

FA: Às vezes há, “agora sou eu” vou lá eu e pronto “já está”.

AM: E entre gerações, de pais para filhos, por exemplo, não há alturas em que os pais querem utilizar o computador e o filho está lá?

CC: Há, ainda ontem aconteceu chegar tarde e o João “mãe, o portátil?”, eu já lho tinha tirado, porque ele tinha o dele no quarto, e eu disse “oh João, a mãe precisou de o levar”, e ele disse “ai mas eu preciso de fazer um trabalho”, e eu disse “mas também podes fazer no teu”, “ai és sempre, és sempre a mesma, se pego já ficas amuada”, mas também ele gosta de estar na cama e...

AM: E para ver televisão?

CC: Cada qual tem a sua.

AM: Também acontece o mesmo (para os outros participantes)?

FA: Sim, tem várias.

JL: Ah eu gosto de estar a ver o telejornal, eles normalmente ficam, nos quartos não tenho televisão, nos quartos é para dormir e descansar. É isso e computadores utilizam na sala de estudo, de resto não os deixo. Querem ver televisão ou é na cozinha ou é na sala, o quarto é para descansar, agora o telemóvel... esse até estão debaixo dos cobertores, sobretudo o mais novo e o meu sobrinho, aquilo é...

AM: E acham que há perigos na utilização das tecnologias?

CC: Mais na internet.

RC: Perigos há, tem.

FA: Mesmo questões deles, os emails deles, às vezes recebem publicidades ou coisas que não são para a idade deles, uma pessoa tem que andar sempre em cima. ?!?!?!?

AM: E o telemóvel?

FA: O telemóvel não, não tem internet, é só mesmo...

AM: Mas, por exemplo, darem o número de telefone a alguém?

FA: Não, mas isso, ele tem que ser homenzinho, dá o telemóvel às meninas.

CC: O outro também escrevia o número de telemóvel no casaco para as meninas verem.

(Risos)

FM: Por exemplo, uma colega minha disse que um tipo já de uma certa idade foi pedir ao filho para lhe deixar fazer uma chamada do telemóvel dele e ela ficou assim um bocado assustada, passou o telemóvel dela ao filho e agora anda com o dele. Também era uma pessoa de idade e ir pedir a um miúdo para deixar fazer uma chamada, mas também não tem muita lógica.

AM: E quem é que vos alertou para esses perigos? Por exemplo, algumas páginas que não devem ser consultadas...

MC: É mais na escola.

NA: Sim tipo os professores e isso ?!?!?

MC: E os pais.

JL: Os pais que estiverem mais ou menos informados, porque, por exemplo, na minha geração eles não estão, não é?!

AM: Mas reconhece que tem perigos a tecnologia?

JL: Isso tem, todos sabemos que tem.

AM: E o que pensam sobre as influências das tecnologias nas relações intergeracionais? Açam que ajuda a relacionarem-se ou a afastarem-se?

FA: Se tivermos família no estrangeiro, ajuda a aproximar.

CC: Mais afastamento a família mais chegada, e mais...

FA: ?!?!?! sou capaz de ir deitar e ele ainda fica ali mais uma ou duas horas, por exemplo.

AM: E acham que as relações presenciais sofreram uma diminuição em relação às relações virtuais? Vocês já notam isso por exemplo (para a geração de 90)?

AG: Sim.

AM: Por exemplo, vocês já têm telemóvel desde que idade?

MC: 9.

NA: Desde os 11.

AM: E antes para falar com os vossos amigos como é que faziam?

NA: Às vezes pedíamos emprestado o telemóvel aos nossos pais ou colegas para fazer uma chamada.

AM: E tu A tens telemóvel desde que idade?

AG: Desde os 13 ou 14.

AM: E antes como é que fazias?

AG: Ia ter à casa deles.

AM: E vocês o que acham (para os restantes participantes) há relações virtuais hoje em dia, ou mais presenciais ou mantém-se tudo na mesma?

RC: Ainda me lembro quando éramos miúdos ou brincávamos com os irmãos ou íamos para casa uns com os outros, hoje em dia, já não fazem isso, eles hoje estão ali no computador, no *facebook*, para aqui para ali, e estão a falar uns com os outros.

FA: Na idade do N, por exemplo, havia um ponto de referência, a gente saía para ali e depois dali víamos para onde a gente se havia de deslocar, não é?! Não havia maneira de comunicar com ninguém, quem aparecesse, sabia. Hoje não, hoje “ah não vou” (faz o gesto de telemóvel).

AM: E no vosso tempo como é que faziam (para a geração de 50)?

JL: Era mais ou menos a mesma coisa, com sítio de referência, depois saíamos todos, normalmente os grupos, não íamos todos para o mesmo sítio, não é?!

CC: Eu lembro-me duma altura que ?!?!? tinha ido com um baile com as minhas primas e era escuro, porque estávamos a sair de casa dos meus avós, vinha o Zé Pais de mota “onde é que ides?” “vamos para o bailarico”, “então vinde que eu levo-vos lá”. Tinha a mota, mas foi com a mota à mão para nos levar lá.

...

CC: Se houvesse telemóvel era mais fácil

AM: E encontram alguma dificuldade na utilização das tecnologias?

NA: Não.

AM: Manejam com o computador, com o telemóvel...

Todos: Sim.

CC: Às vezes no computador qualquer coisa, mas isso...

AM: Se tiverem alguma dificuldade têm ajuda de alguém.

CC: Eu tenho o meu filhote.

JL: Eu tenho os meus filhos ou os meus sobrinhos.

FA: Normalmente, quando se tem alguma dificuldade é ficar lá até encontrar...

RC: Bate-se com a cabeça (risos)

FA: Ou então o A ou o B deve saber (faz sinal de ligar por telemóvel) "então como é que é isto e tal?!"

CC: O telemóvel já ajuda a resolver o problema do computador.

FA: N situações, não é?!

AM: E que vantagens e desvantagens encontram na utilização da tecnologia? Por exemplo, o telemóvel, é bom porquê?

MC: Para mim é só vantagens.

AM: É?! Diz algumas por favor?

MC: Contactar com os colegas, ouvir música.

AM: E o computador, porquê que é bom ter o computador?

MC: Não se faz nada em casa.

(Risos)

AM: Na maioria, acham que vantagens ou desvantagens ou...

CC: Desvantagens é só quem quiser mesmo procurar as desvantagens e o mal, senão só tem vantagens.

FA: Tem que haver de tudo, ?!?!? lógico que tem desvantagens, agora se for tudo equilibrado, haver períodos para a família, para o lazer, para o trabalho, isso tudo coordenado, porque não haver só computador, televisão e só telemóvel, eles têm que ter regras, assim como nós.

CC: Tem que haver um bocado de computador e um bocado o ambiente familiar.

AM: E com quem é que aprenderam a trabalhar com as tecnologias?

NA, AG e MC: Sozinho.

CC: Eles antes ensinam-nos a nós.

JL: Eu fiz uma formação.

FA: Eu também tive.

...

AM: Na utilização dos *media*, das tecnologias, colocam algum tipo de entraves a vocês mesmos na geração de 90, os pais aos filhos, por exemplo, “posso estar no computador x horas”, não posso estar com o telemóvel no período de aulas”?

AG: Acena com a cabeça em sinal negativo.

MC: Eu não.

CC: Não tens controlo (para MC)?

MC: Não.

RC: Não está determinado, mas é conforme, chega a casa se quiser ir para o computador, e se houver tempo, vai para o computador.

CC: Eu já disse ao João que as notas, se forem notas más, tiro-lhe o telemóvel, o computador e a televisão.

FA: Eu tirar não. Está-se numa reunião com o telefone em silêncio, por exemplo, ou na igreja com o telefone desligado ou em silêncio ou no tribunal, tem que se ter cuidado com essas coisas.

AM: Mas há bocado falou, por exemplo, que durante a semana não há internet?

FA: Não, durante a semana não há internet.

AM: E telemóvel?

FA: Telemóvel há, porque isso é para contactar.

AM: Esses entraves são geradores de conflito, ou seja, vocês, por exemplo, quando vos proíbem “não podem mexer no telemóvel ou no computador”, vocês ficam chateados?

MC: Eu mexo à mesma.

(Risos)

MC: É verdade.

AM: E não te chateiam os teus pais?

MC: Chateiam mas eu não me importo.

NA: O que tem que ser tem que ser.

MC: A minha mãe diz que se eu tirar más notas fico sem o computador, mas nunca faz isso.

AM: Nunca faz?

MC: Não, eu uma vez tirei más notas e ela deixou-me utilizar tudo o que eu queria.

AM: E como é que resolvem as situações de conflito quando se chateiam por alguma razão, como é que resolvem?

FA: É o elo mais forte.

RC: Quem manda pode.

FA: Não chega a haver conflito.

RC: O conflito é passageiro, é na hora.

FA: Eles têm que se mentalizar que têm que ouvir não e ouvir o sim, porque a vida é composta de muitos não e muitos sim, se eles ficarem habituados desde pequenos a ouvir não, quando ouvir um sim vão ficar satisfeitos, se só ouvir sim e depois ouvir um não “que é isto, um não!”, não pode ser.

AM: Ajudam-se na realização de tarefas, por exemplo, se os vossos pais precisam de ajuda no computador ou os vossos irmãos, vocês ajudam?

AG, NA e MC: Sim.

FA: No meu caso ajudei muitas vezes a fazer pesquisas, isso faz parte, não é?! Às vezes até me pergunto se os trabalhos são para eles ou se são para nós.

(Risos)

AM: E quem ajuda mais, são os filhos aos pais ou os pais aos filhos?

JL: Eu no início, era eu que o ajudava a ele, agora são eles que me ajudam a mim. Era eu que programava a televisão, por exemplo, e agora já sabem melhor que eu, eu facilitei, deixei-os mexer...

AM: E agora queria-vos perguntar na mesma, eu vou fazer um inquérito a nível nacional, ia-vos perguntar se há alguma coisa que vos suscite curiosidade, que tem curiosidade saber e que achem que seria interessante perguntar a nível nacional, às pessoas todas, sobre a utilização das tecnologias? Ou o quê que gostavam de perguntar a alguém sobre a utilização das tecnologias?

MC: Como é que vai ser no futuro. Na geração de 50 e 70 não havia tecnologia, agora temos tudo, como é que vai ser no futuro.

ANEXO XV

RESULTADOS SPSS

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DA AMOSTRA

Sexo dos inquiridos

Statistics

Sexo

N	Valid	1130
	Missing	21

Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	379	32,9	33,5
	Feminino	751	65,2	66,5
	Total	1130	98,2	100,0
Missing	99	21	1,8	
Total	1151	100,0		

Sexo dos inquiridos, por Gerações

Case Processing Summary

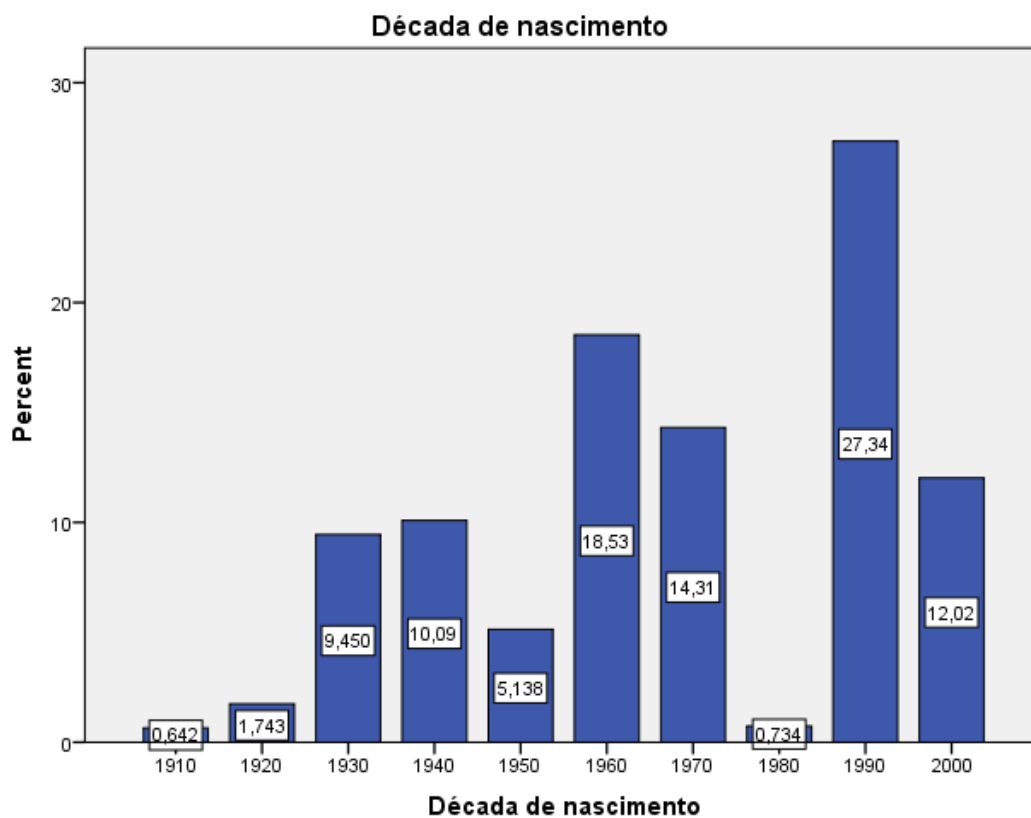
	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sexo * Gerações	1130	98,2%	21	1,8%	1151	100,0%

Sexo * Gerações Crosstabulation

			Gerações			Total
			Filhos	Pais	Avós	
Sexo	Masculino	Count	210	100	69	379
		% within Sexo	55,4%	26,4%	18,2%	100,0%
	Feminino	Count	227	291	233	751
		% within Sexo	30,2%	38,7%	31,0%	100,0%
Total		Count	437	391	302	1130
		% within Sexo	38,7%	34,6%	26,7%	100,0%

Décadas de nascimento dos inquiridos

Década de nascimento				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1910	7	,6	,6	,6
1920	19	1,7	1,7	2,4
1930	103	8,9	9,4	11,8
1940	110	9,6	10,1	21,9
1950	56	4,9	5,1	27,1
1960	202	17,5	18,5	45,6
1970	156	13,6	14,3	59,9
1980	8	,7	,7	60,6
1990	298	25,9	27,3	88,0
2000	131	11,4	12,0	100,0
Total	1090	94,7	100,0	
Missing System	61	5,3		
Total	1151	100,0		



Escalões etários dos inquiridos

Statistics

Idade

N	Valid	1090
	Missing	61
Mean		39,16
Median		40,00
Mode		16
Std. Deviation		23,542
Minimum		11
Maximum		99
Percentiles	25	15,00
	50	40,00
	75	56,25

Escalões etários

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	11 a 20	429	37,3	39,4
	21 a 30	4	,3	39,7
	31 a 40	115	10,0	50,3
	41 a 50	223	19,4	70,7
	51 a 60	67	5,8	76,9
	61 a 70	97	8,4	85,8
	71 a 80	119	10,3	96,7
	81 a 90	30	2,6	99,4
	91 a 100	6	,5	100,0
	Total	1090	94,7	
Missing	System	61	5,3	
Total		1151	100,0	

Estado civil dos inquiridos

Statistics

Estado civil

N	Valid	1134
	Missing	17

Estado civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteiro	462	40,1	40,7	40,7
	Casado/união de facto	498	43,3	43,9	84,7
	Divorciado/separado	46	4,0	4,1	88,7
	Viúvo	128	11,1	11,3	100,0
	Total	1134	98,5	100,0	
Missing	99	17	1,5		
Total		1151	100,0		

Sexo dos inquiridos, por estado civil

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
	Sexo * Estado civil	1117	97,0%	34	3,0%	1151

Sexo * Estado civil Crosstabulation

			Estado civil				Total
			Solteiro	Casado/união de facto	Divorciado/separado	Viúvo	
Sexo	Masculino	Count	214	135	8	18	375
		% within Sexo	57,1%	36,0%	2,1%	4,8%	100,0%
	Feminino	Count	244	352	37	109	742
		% within Sexo	32,9%	47,4%	5,0%	14,7%	100,0%
Total	Count		458	487	45	127	1117
	% within Sexo		41,0%	43,6%	4,0%	11,4%	100,0%

Concelho de residência dos inquiridos

Statistics

Concelho de residência

N	Valid	1151
	Missing	0

Concelho de residência

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

Valid	Macedo de Cavaleiros	16	1,4	1,4	1,4
	Vieira do Minho	165	14,3	14,3	15,7
	Sabugal	155	13,5	13,5	29,2
	Penela	105	9,1	9,1	38,3
	Nisa	73	6,3	6,3	44,7
	Odemira	89	7,7	7,7	52,4
	Mértola	43	3,7	3,7	56,1
	Vila do Bispo	62	5,4	5,4	61,5
	Alcoutim	73	6,3	6,3	67,9
	Nordeste	67	5,8	5,8	73,7
	Lajes do Pico	117	10,2	10,2	83,8
	Porto Moniz	45	3,9	3,9	87,7
	Santana	141	12,3	12,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Ciclo de estudos de frequência dos Filhos

Statistics

Ciclo de estudos

N	Valid	441
	Missing	0

Ciclo de estudos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 1º ciclo	159	36,1	36,1	36,1
2º ciclo	162	36,7	36,7	72,8
Secundário	120	27,2	27,2	100,0
Total	441	100,0	100,0	

Nível de formação dos Pais

Statistics

Nível de formação

N	Valid	390
	Missing	11

Nível de formação

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

	Analfabeto	1	,2	,3	,3
	1º ciclo incompleto	7	1,7	1,8	2,1
	1º ciclo (4ª classe)	57	14,2	14,6	16,7
	2º ciclo incompleto	3	,7	,8	17,4
	2º ciclo (6º ano)	61	15,2	15,6	33,1
	3º ciclo incompleto	21	5,2	5,4	38,5
	3º ciclo (9º ano)	74	18,5	19,0	57,4
Valid	Ensino secundário incompleto	24	6,0	6,2	63,6
	Ensino secundário (12º ano)	70	17,5	17,9	81,5
	Licenciatura incompleta	7	1,7	1,8	83,3
	Licenciatura	53	13,2	13,6	96,9
	Pós-graduação/Mestrado	9	2,2	2,3	99,2
	Doutoramento	1	,2	,3	99,5
	Outro	2	,5	,5	100,0
	Total	390	97,3	100,0	
Missing	99	11	2,7		
Total		401	100,0		

Nível de formação dos Avós

Statistics

Nível de formação

N	Valid	303
	Missing	6

Nível de formação

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Analfabeto	45	14,6	14,9	14,9
1º ciclo incompleto	49	15,9	16,2	31,0
1º ciclo (4ª classe)	160	51,8	52,8	83,8
2º ciclo incompleto	3	1,0	1,0	84,8
2º ciclo (6º ano)	14	4,5	4,6	89,4
3º ciclo (9º ano)	13	4,2	4,3	93,7
Ensino secundário incompleto	2	,6	,7	94,4
Ensino secundário (12º ano)	6	1,9	2,0	96,4
Licenciatura incompleta	2	,6	,7	97,0

	Licenciatura	8	2,6	2,6	99,7
	Doutoramento	1	,3	,3	100,0
	Total	303	98,1	100,0	
Missing	99	6	1,9		
Total		309	100,0		

Situação profissional dos Pais

Statistics

Situação profissional

N	Valid	383
	Missing	18

Situação profissional

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid				
Empregado por conta própria	67	16,7	17,5	17,5
Pessoal administrativo ou dos serviços	42	10,5	11,0	28,5
Militar	2	,5	,5	29,0
Funcionário público	99	24,7	25,8	54,8
Agricultor	12	3,0	3,1	58,0
Desempregado	54	13,5	14,1	72,1
Trabalhador familiar não remunerado	17	4,2	4,4	76,5
Técnico superior	8	2,0	2,1	78,6
Operário fabril	7	1,7	1,8	80,4
Estudante	3	,7	,8	81,2
Reformado/Pré-reforma	4	1,0	1,0	82,2
Outra	68	17,0	17,8	100,0
Total	383	95,5	100,0	
Missing	99	18	4,5	
Total	401	100,0		

Situação profissional dos Avós

Statistics

Situação profissional

N	Valid	298
	Missing	11

Situação profissional

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Empregado por conta própria	8	2,6	2,7	2,7
Pessoal administrativo ou dos serviços	3	1,0	1,0	3,7
Funcionário público	6	1,9	2,0	5,7
Agricultor	12	3,9	4,0	9,7
Desempregado	11	3,6	3,7	13,4
Trabalhador familiar não remunerado	5	1,6	1,7	15,1
Estudante	1	,3	,3	15,4
Reformado/Pré-reforma	236	76,4	79,2	94,6
Outra	16	5,2	5,4	100,0
Total	298	96,4	100,0	
Missing 99	11	3,6		
Total	309	100,0		

Com quem vive?

Statistics

	Pai	Mãe	Marido	Esposa	Filhos	Netos	Irmãos	Avós	Tios	Outros
N Valid	1115	1116	677	678	679	286	1116	437	437	1116
Missing	36	35	474	473	472	865	35	714	714	35

Pai

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	694	60,3	62,2	62,2
Sim	421	36,6	37,8	100,0
Total	1115	96,9	100,0	
Missing 99	36	3,1		
Total	1151	100,0		

Mãe

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	643	55,9	57,6	57,6
Sim	473	41,1	42,4	100,0
Total	1116	97,0	100,0	

Missing	99	35	3,0		
Total		1151	100,0		

Marido

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	341	29,6	50,4	50,4
	Sim	336	29,2	49,6	100,0
	Total	677	58,8	100,0	
	88	441	38,3		
Missing	99	33	2,9		
	Total	474	41,2		
Total		1151	100,0		

Esposa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	539	46,8	79,5	79,5
	Sim	139	12,1	20,5	100,0
	Total	678	58,9	100,0	
	88	441	38,3		
Missing	99	32	2,8		
	Total	473	41,1		
Total		1151	100,0		

Filhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	181	15,7	26,7	26,7
	Sim	498	43,3	73,3	100,0
	Total	679	59,0	100,0	
	88	441	38,3		
Missing	99	31	2,7		
	Total	472	41,0		
Total		1151	100,0		

Netos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	202	17,5	70,6	70,6
	Sim	84	7,3	29,4	100,0

	Total	286	24,8	100,0	
	88	843	73,2		
Missing	99	22	1,9		
	Total	865	75,2		
Total		1151	100,0		

Irmãos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	748	65,0	67,0	67,0
Valid	Sim	368	32,0	33,0	100,0
	Total	1116	97,0	100,0	
Missing	99	35	3,0		
Total		1151	100,0		

Avós

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	332	28,8	76,0	76,0
Valid	Sim	105	9,1	24,0	100,0
	Total	437	38,0	100,0	
	88	709	61,6		
Missing	99	5	,4		
	Total	714	62,0		
Total		1151	100,0		

Tios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	386	33,5	88,3	88,3
Valid	Sim	51	4,4	11,7	100,0
	Total	437	38,0	100,0	
	88	709	61,6		
Missing	99	5	,4		
	Total	714	62,0		
Total		1151	100,0		

Outros

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1041	90,4	93,3	93,3

	Sim	75	6,5	6,7	100,0
	Total	1116	97,0	100,0	
Missing	99	35	3,0		
Total		1151	100,0		

A que distância de casa tem...

... Cinema

A que distância de casa tem cinema					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0-5 Km	248	21,5	21,6	21,6
	6-10 Km	91	7,9	7,9	29,5
	11-20 Km	125	10,9	10,9	40,3
	21-40 Km	331	28,8	28,8	69,1
	41-60 Km	184	16,0	16,0	85,1
	61-80 Km	40	3,5	3,5	88,6
	81-100 Km	127	11,0	11,0	99,7
	101-120 Km	1	,1	,1	99,7
	141-160 Km	3	,3	,3	100,0
	Total	1150	99,9	100,0	
Missing	System	1	,1		
Total		1151	100,0		

... Biblioteca

A que distância de casa tem biblioteca					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0-5 Km	498	43,3	43,3	43,3
	6-10 Km	222	19,3	19,3	62,6
	11-20 Km	207	18,0	18,0	80,6
	21-40 Km	89	7,7	7,7	88,3
	41-60 Km	19	1,7	1,7	90,0
	61-80 Km	5	,4	,4	90,4
	81-100 Km	110	9,6	9,6	100,0
	Total	1150	99,9	100,0	
Missing	System	1	,1		
Total		1151	100,0		

POSSE E UTILIZAÇÃO DOS *MEDIA*

Posse de televisão e compartimento

Statistics

Televisão		
N	Valid	1151
	Missing	0

Televisão

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	12	1,0	1,0	1,0
1	394	34,2	34,2	35,3
2	488	42,4	42,4	77,7
3	214	18,6	18,6	96,3
Valid 4	35	3,0	3,0	99,3
5	7	,6	,6	99,9
6	1	,1	,1	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Toda a casa	Noutro local	Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
N	Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0

Televisão no quarto

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	602	52,3	52,3	52,3
Valid Sim	549	47,7	47,7	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Televisão no escritório

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1096	95,2	95,2	95,2
Valid Sim	55	4,8	4,8	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Televisão na sala

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	230	20,0	20,0	20,0
	Sim	921	80,0	80,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Televisão na cozinha

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	572	49,7	49,7	49,7
	Sim	579	50,3	50,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Televisão em toda a casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1128	98,0	98,0	98,0
	Sim	23	2,0	2,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Televisão noutro local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1109	96,4	96,4	96,4
	Sim	42	3,6	3,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Televisão sempre comigo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1144	99,4	99,4	99,4
	Sim	7	,6	,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Televisão não tenho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1139	99,0	99,0	99,0
	Sim	12	1,0	1,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Televisão NS/NR

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1146	99,6	99,6	99,6
	Sim	5	,4	,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Posse de TV Cabo/Satélite e compartimento

Statistics

TV Cabo/Satélite

N	Valid	1151
	Missing	0

TV Cabo/Satélite

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	114	9,9	9,9	9,9
	1	545	47,4	47,4	57,3
	2	366	31,8	31,8	89,1
	3	102	8,9	8,9	97,9
	4	17	1,5	1,5	99,4
	5	7	,6	,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Toda a casa	Noutro local	Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
N	Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0

TV Cabo/Satélite no quarto

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

	Não	921	80,0	80,0	80,0
Valid	Sim	230	20,0	20,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

TV Cabo/Satélite no escritório

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1120	97,3	97,3	97,3
Valid	Sim	31	2,7	2,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

TV Cabo/Satélite na sala

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	558	48,5	48,5	48,5
Valid	Sim	593	51,5	51,5	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

TV Cabo/Satélite na cozinha

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	933	81,1	81,1	81,1
Valid	Sim	218	18,9	18,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

TV Cabo/Satélite em toda a casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1103	95,8	95,8	95,8
Valid	Sim	48	4,2	4,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

TV Cabo/Satélite noutra local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1107	96,2	96,2	96,2
Valid	Sim	44	3,8	3,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

TV Cabo/Satélite sempre comigo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1147	99,7	99,7	99,7
	Sim	4	,3	,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

TV Cabo/Satélite não tenho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	920	79,9	79,9	79,9
	Sim	231	20,1	20,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

TV Cabo/Satélite NS/NR

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	864	75,1	75,1	75,1
	Sim	287	24,9	24,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Posse de Rádio e compartimento

Statistics

Rádio

N	Valid	1151
	Missing	0

Rádio

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	292	25,4	25,4	25,4
	1	763	66,3	66,3	91,7
	2	72	6,3	6,3	97,9
	3	22	1,9	1,9	99,8
	4	1	,1	,1	99,9
	5	1	,1	,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Toda a casa	Noutro local	Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
N	Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0

Rádio no quarto

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1124	97,7	97,7	97,7
Valid Sim	27	2,3	2,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Rádio no escritório

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1090	94,7	94,7	94,7
Valid Sim	61	5,3	5,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Rádio na sala

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	865	75,2	75,2	75,2
Valid Sim	286	24,8	24,8	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Rádio na cozinha

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	904	78,5	78,5	78,5
Valid Sim	247	21,5	21,5	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Rádio em toda a casa

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent

	Não	1118	97,1	97,1	97,1
Valid	Sim	33	2,9	2,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rádio noutra local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1055	91,7	91,7	91,7
Valid	Sim	96	8,3	8,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rádio sempre comigo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1117	97,0	97,0	97,0
Valid	Sim	34	3,0	3,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rádio não tenho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	975	84,7	84,7	84,7
Valid	Sim	176	15,3	15,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rádio NS/NR

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1129	98,1	98,1	98,1
Valid	Sim	22	1,9	1,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Posse de Telemóvel e compartimento

Statistics

Telemóvel

N	Valid	1151
	Missing	0

Telemóvel

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	112	9,7	9,7	9,7
1	969	84,2	84,2	93,9
2	43	3,7	3,7	97,7
3	14	1,2	1,2	98,9
Valid 4	4	,3	,3	99,2
5	5	,4	,4	99,7
6	1	,1	,1	99,7
7	3	,3	,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Toda a casa	Noutro local	Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Telemóvel no quarto

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1091	94,8	94,8	94,8
Valid Sim	60	5,2	5,2	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Telemóvel no escritório

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1136	98,7	98,7	98,7
Valid Sim	15	1,3	1,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Telemóvel na sala

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1096	95,2	95,2	95,2

	Sim	55	4,8	4,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telemóvel na cozinha

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1115	96,9	96,9	96,9
	Sim	36	3,1	3,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telemóvel em toda a casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1051	91,3	91,3	91,3
	Sim	100	8,7	8,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telemóvel noutro local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1123	97,6	97,6	97,6
	Sim	28	2,4	2,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telemóvel sempre comigo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	436	37,9	37,9	37,9
	Sim	715	62,1	62,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telemóvel não tenho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1003	87,1	87,1	87,1
	Sim	148	12,9	12,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telemóvel NS/NR

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1143	99,3	99,3	99,3
	Sim	8	,7	,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Posse de Smartphone e compartimento

Statistics

Smartphone

N	Valid	1151
	Missing	0

Smartphone

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	245	21,3	21,3	21,3
	1	883	76,7	76,7	98,0
	2	15	1,3	1,3	99,3
	3	4	,3	,3	99,7
	5	1	,1	,1	99,7
	6	2	,2	,2	99,9
	7	1	,1	,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

		Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Toda a casa	Noutro local	Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
N	Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Smartphone no quarto

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1128	98,0	98,0	98,0
	Sim	23	2,0	2,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Smartphone no escritório

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1136	98,7	98,7	98,7
	Sim	15	1,3	1,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Smartphone na sala

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1112	96,6	96,6	96,6
	Sim	39	3,4	3,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Smartphone na cozinha

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1137	98,8	98,8	98,8
	Sim	14	1,2	1,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Smartphone em toda a casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1130	98,2	98,2	98,2
	Sim	21	1,8	1,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Smartphone noutra local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1144	99,4	99,4	99,4
	Sim	7	,6	,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Smartphone sempre comigo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	961	83,5	83,5	83,5

Telefone fixo no quarto

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1074	93,3	93,3	93,3
	Sim	77	6,7	6,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telefone fixo no escritório

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1061	92,2	92,2	92,2
	Sim	90	7,8	7,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telefone fixo na sala

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	717	62,3	62,3	62,3
	Sim	434	37,7	37,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telefone fixo na cozinha

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1009	87,7	87,7	87,7
	Sim	142	12,3	12,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telefone fixo em toda a casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1074	93,3	93,3	93,3
	Sim	77	6,7	6,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telefone fixo noutro local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1039	90,3	90,3	90,3
	Sim	112	9,7	9,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telefone fixo sempre comigo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1142	99,2	99,2	99,2
	Sim	9	,8	,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telefone fixo não tenho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	925	80,4	80,4	80,4
	Sim	226	19,6	19,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Telefone fixo NS/NR

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1137	98,8	98,8	98,8
	Sim	14	1,2	1,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Posse de Computador fixo e compartimento

Statistics

Computador fixo

N	Valid	1151
	Missing	0

Computador fixo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	169	14,7	14,7	14,7
1	953	82,8	82,8	97,5
2	24	2,1	2,1	99,6
3	3	,3	,3	99,8
4	2	,2	,2	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Toda a casa	Noutro local	Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Computador fixo no quarto

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	964	83,8	83,8	83,8
Valid Sim	187	16,2	16,2	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Computador fixo no escritório

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	910	79,1	79,1	79,1
Valid Sim	241	20,9	20,9	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Computador fixo na sala

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1042	90,5	90,5	90,5
Valid Sim	109	9,5	9,5	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Computador fixo na cozinha

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1145	99,5	99,5	99,5
	Sim	6	,5	,5	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador fixo em toda a casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1141	99,1	99,1	99,1
	Sim	10	,9	,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador fixo noutra local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1117	97,0	97,0	97,0
	Sim	34	3,0	3,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador fixo sempre comigo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1146	99,6	99,6	99,6
	Sim	5	,4	,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador fixo não tenho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	746	64,8	64,8	64,8
	Sim	405	35,2	35,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador fixo NS/NR

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1130	98,2	98,2	98,2
	Sim	21	1,8	1,8	100,0

Total	1151	100,0	100,0
-------	------	-------	-------

Posse de Computador portátil e compartimento

Statistics

Computador portátil

N	Valid	1151
	Missing	0

Computador portátil

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	121	10,5	10,5	10,5
1	918	79,8	79,8	90,3
2	80	7,0	7,0	97,2
3	20	1,7	1,7	99,0
Valid 4	5	,4	,4	99,4
5	4	,3	,3	99,7
6	1	,1	,1	99,8
7	2	,2	,2	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Toda a casa	Noutro local	Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
N Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Computador portátil no quarto

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	875	76,0	76,0	76,0
Valid Sim	276	24,0	24,0	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Computador portátil no escritório

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

Valid	Não	1037	90,1	90,1	90,1
	Sim	114	9,9	9,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador portátil na sala

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	978	85,0	85,0	85,0
	Sim	173	15,0	15,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador portátil na cozinha

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1126	97,8	97,8	97,8
	Sim	25	2,2	2,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador portátil em toda a casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	950	82,5	82,5	82,5
	Sim	201	17,5	17,5	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador portátil noutro local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1100	95,6	95,6	95,6
	Sim	51	4,4	4,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador portátil sempre comigo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1099	95,5	95,5	95,5
	Sim	52	4,5	4,5	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Computador portátil não tenho

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	859	74,6	74,6	74,6
Valid Sim	292	25,4	25,4	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Computador portátil NS/NR

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1137	98,8	98,8	98,8
Valid Sim	14	1,2	1,2	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Posse de Ligação à Internet e compartimento

Statistics

Ligação à Internet

N	Valid	1151
	Missing	0

Ligação à Internet

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	130	11,3	11,3	11,3
Valid 1	942	81,8	81,8	93,1
Valid 2	48	4,2	4,2	97,3
Valid 3	16	1,4	1,4	98,7
Valid 4	6	,5	,5	99,2
Valid 5	7	,6	,6	99,8
Valid 6	2	,2	,2	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Quarto	Escritório	Sala	Cozinha	Toda a casa	Noutro local	Sempre comigo	Não tenho	NS/NR
N Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Ligação à Internet no quarto

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1020	88,6	88,6	88,6
	Sim	131	11,4	11,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Ligação à Internet no escritório

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1050	91,2	91,2	91,2
	Sim	101	8,8	8,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Ligação à Internet na sala

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1015	88,2	88,2	88,2
	Sim	136	11,8	11,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Ligação à Internet na cozinha

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1127	97,9	97,9	97,9
	Sim	24	2,1	2,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Ligação à Internet em toda a casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	714	62,0	62,0	62,0
	Sim	437	38,0	38,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Ligação à Internet noutra local

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1107	96,2	96,2	96,2

Sim	44	3,8	3,8	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Ligação à Internet sempre comigo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1130	98,2	98,2	98,2
Valid Sim	21	1,8	1,8	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Ligação à Internet não tenho

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	902	78,4	78,4	78,4
Valid Sim	249	21,6	21,6	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Ligação à Internet NS/NR

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1137	98,8	98,8	98,8
Valid Sim	14	1,2	1,2	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Acesso aos media no Quarto

Statistics

Quarto

N	Valid	1151
	Missing	0

Quarto

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	374	32,5	32,5	32,5
1	200	17,4	17,4	49,9

2	93	8,1	8,1	57,9
3	168	14,6	14,6	72,5
4	70	6,1	6,1	78,6
5	30	2,6	2,6	81,2
6	63	5,5	5,5	86,7
7	40	3,5	3,5	90,2
8	24	2,1	2,1	92,3
9	36	3,1	3,1	95,4
10	17	1,5	1,5	96,9
11	5	,4	,4	97,3
12	31	2,7	2,7	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Manhã/TV	Manhã/PC	Manhã/Net	Manhã/TM	Tarde/TV	Tarde/PC	Tarde/Net	Tarde/TM	Noite/TV	Noite/PC	Noite/Net	Noite/TM
Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Quarto Manhã/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	900	78,2	78,2	78,2
Valid Sim	251	21,8	21,8	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Manhã/PC

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1034	89,8	89,8	89,8
Valid Sim	117	10,2	10,2	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Manhã/Net

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1054	91,6	91,6	91,6
Valid Sim	97	8,4	8,4	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Manhã/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	801	69,6	69,6	69,6
	Sim	350	30,4	30,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Tarde/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	925	80,4	80,4	80,4
	Sim	226	19,6	19,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Tarde/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	917	79,7	79,7	79,7
	Sim	234	20,3	20,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Tarde/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	957	83,1	83,1	83,1
	Sim	194	16,9	16,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Tarde/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	807	70,1	70,1	70,1
	Sim	344	29,9	29,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Noite/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	720	62,6	62,6	62,6
	Sim	431	37,4	37,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Noite/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	898	78,0	78,0	78,0
	Sim	253	22,0	22,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Noite/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	936	81,3	81,3	81,3
	Sim	215	18,7	18,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Quarto Noite/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	772	67,1	67,1	67,1
	Sim	379	32,9	32,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Acesso aos media na Sala

Statistics

Sala

N	Valid	1151
	Missing	0

Sala

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	227	19,7	19,7	19,7
	1	193	16,8	16,8	36,5
	2	134	11,6	11,6	48,1
	3	207	18,0	18,0	66,1
	4	86	7,5	7,5	73,6
	5	64	5,6	5,6	79,1
	6	91	7,9	7,9	87,1
	7	22	1,9	1,9	89,0

8	27	2,3	2,3	91,3
9	32	2,8	2,8	94,1
10	17	1,5	1,5	95,6
11	7	,6	,6	96,2
12	44	3,8	3,8	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Manhã/TV	Manhã/PC	Manhã/Net	Manhã/TM	Tarde/TV	Tarde/PC	Tarde/Net	Tarde/TM	Noite/TV	Noite/PC	Noite/Net	Noite/TM
Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Sala Manhã/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	693	60,2	60,2	60,2
Valid Sim	458	39,8	39,8	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Sala Manhã/PC

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1028	89,3	89,3	89,3
Valid Sim	123	10,7	10,7	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Sala Manhã/Net

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1037	90,1	90,1	90,1
Valid Sim	114	9,9	9,9	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Sala Manhã/TM

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	876	76,1	76,1	76,1
Valid Sim	275	23,9	23,9	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Sala Tarde/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

	Não	591	51,3	51,3	51,3
Valid	Sim	560	48,7	48,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Sala Tarde/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	955	83,0	83,0	83,0
Valid	Sim	196	17,0	17,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Sala Tarde/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	960	83,4	83,4	83,4
Valid	Sim	191	16,6	16,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Sala Tarde/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	831	72,2	72,2	72,2
Valid	Sim	320	27,8	27,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Sala Noite/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	454	39,4	39,4	39,4
Valid	Sim	697	60,6	60,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Sala Noite/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	900	78,2	78,2	78,2
Valid	Sim	251	21,8	21,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Sala Noite/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	936	81,3	81,3	81,3
Valid	Sim	215	18,7	18,7	100,0

Total	1151	100,0	100,0
-------	------	-------	-------

Sala Noite/TM

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	826	71,8	71,8	71,8
Valid Sim	325	28,2	28,2	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Acesso aos media no Escritório

Statistics

Escritório

N	Valid	1151
	Missing	0

Escritório

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	762	66,2	66,2	66,2
1	71	6,2	6,2	72,4
2	51	4,4	4,4	76,8
3	107	9,3	9,3	86,1
4	48	4,2	4,2	90,3
5	28	2,4	2,4	92,7
Valid 6	36	3,1	3,1	95,8
7	12	1,0	1,0	96,9
8	5	,4	,4	97,3
9	15	1,3	1,3	98,6
10	4	,3	,3	99,0
12	12	1,0	1,0	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Manhã/TV	Manhã/PC	Manhã/Net	Manhã/TM	Tarde/TV	Tarde/PC	Tarde/Net	Tarde/TM	Noite/TV	Noite/PC	Noite/Net	Noite/TM
N Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Escritório Manhã/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

	Não	1103	95,8	95,8	95,8
Valid	Sim	48	4,2	4,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Manhã/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1037	90,1	90,1	90,1
Valid	Sim	114	9,9	9,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Manhã/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1065	92,5	92,5	92,5
Valid	Sim	86	7,5	7,5	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Manhã/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	991	86,1	86,1	86,1
Valid	Sim	160	13,9	13,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Tarde/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1103	95,8	95,8	95,8
Valid	Sim	48	4,2	4,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Tarde/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	995	86,4	86,4	86,4
Valid	Sim	156	13,6	13,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Tarde/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1011	87,8	87,8	87,8
Valid	Sim	140	12,2	12,2	100,0

Total	1151	100,0	100,0
-------	------	-------	-------

Escritório Tarde/TM

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	982	85,3	85,3	85,3
Valid Sim	169	14,7	14,7	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Noite/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1066	92,6	92,6	92,6
Valid Sim	85	7,4	7,4	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Noite/PC

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	982	85,3	85,3	85,3
Valid Sim	169	14,7	14,7	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Noite/Net

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1009	87,7	87,7	87,7
Valid Sim	142	12,3	12,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Escritório Noite/TM

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	983	85,4	85,4	85,4
Valid Sim	168	14,6	14,6	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Acesso aos media no Trabalho/Escola

Statistics

Trabalho/Escola

N	Valid	1151
	Missing	0

Trabalho/Escola

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	559	48,6	48,6	48,6
1	70	6,1	6,1	54,6
2	136	11,8	11,8	66,5
3	216	18,8	18,8	85,2
4	53	4,6	4,6	89,8
5	12	1,0	1,0	90,9
Valid 6	50	4,3	4,3	95,2
7	22	1,9	1,9	97,1
8	2	,2	,2	97,3
9	23	2,0	2,0	99,3
10	3	,3	,3	99,6
12	5	,4	,4	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Manhã/TV	Manhã/PC	Manhã/Net	Manhã/TM	Tarde/TV	Tarde/PC	Tarde/Net	Tarde/TM	Noite/TV	Noite/PC	Noite/Net	Noite/TM
Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Trabalho/escola Manhã/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1109	96,4	96,4	96,4
Valid Sim	42	3,6	3,6	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Manhã/PC

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	986	85,7	85,7	85,7
Valid Sim	165	14,3	14,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Manhã/Net

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	-----------	---------	---------------	--------------------

	Não	996	86,5	86,5	86,5
Valid	Sim	155	13,5	13,5	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Manhã/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	725	63,0	63,0	63,0
Valid	Sim	426	37,0	37,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Tarde/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1097	95,3	95,3	95,3
Valid	Sim	54	4,7	4,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Tarde/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	969	84,2	84,2	84,2
Valid	Sim	182	15,8	15,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Tarde/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	991	86,1	86,1	86,1
Valid	Sim	160	13,9	13,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Tarde/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	717	62,3	62,3	62,3
Valid	Sim	434	37,7	37,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Noite/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1108	96,3	96,3	96,3
Valid Sim	43	3,7	3,7	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Noite/PC

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1102	95,7	95,7	95,7
Valid Sim	49	4,3	4,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Noite/Net

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1096	95,2	95,2	95,2
Valid Sim	55	4,8	4,8	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Trabalho/escola Noite/TM

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	887	77,1	77,1	77,1
Valid Sim	264	22,9	22,9	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Acesso aos media em Casa de familiares/vizinhos/amigos

Statistics

Casa de familiares/vizinhos/amigos

N	Valid	1151
	Missing	0

Casa de familiares/vizinhos/amigos

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	588	51,1	51,1	51,1
1	98	8,5	8,5	59,6
2	56	4,9	4,9	64,5
Valid 3	228	19,8	19,8	84,3
4	36	3,1	3,1	87,4
5	16	1,4	1,4	88,8

6	59	5,1	5,1	93,9
7	11	1,0	1,0	94,9
8	8	,7	,7	95,6
9	23	2,0	2,0	97,6
10	3	,3	,3	97,8
11	2	,2	,2	98,0
12	23	2,0	2,0	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Manhã/TV	Manhã/PC	Manhã/Net	Manhã/TM	Tarde/TV	Tarde/PC	Tarde/Net	Tarde/TM	Noite/TV	Noite/PC	Noite/Net	Noite/TM
Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Casa de familiares/vizinhos/amigos Manhã/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	975	84,7	84,7	84,7
Valid Sim	176	15,3	15,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Manhã/PC

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1090	94,7	94,7	94,7
Valid Sim	61	5,3	5,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Manhã/Net

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1096	95,2	95,2	95,2
Valid Sim	55	4,8	4,8	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Manhã/TM

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	822	71,4	71,4	71,4
Valid Sim	329	28,6	28,6	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Tarde/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	895	77,8	77,8	77,8
	Sim	256	22,2	22,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Tarde/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1038	90,2	90,2	90,2
	Sim	113	9,8	9,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Tarde/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1051	91,3	91,3	91,3
	Sim	100	8,7	8,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Tarde/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	795	69,1	69,1	69,1
	Sim	356	30,9	30,9	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Noite/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	931	80,9	80,9	80,9
	Sim	220	19,1	19,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Noite/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1077	93,6	93,6	93,6
	Sim	74	6,4	6,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Noite/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	--	-----------	---------	---------------	--------------------

	Não	1077	93,6	93,6	93,6
Valid	Sim	74	6,4	6,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Casa de familiares/vizinhos/amigos Noite/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	817	71,0	71,0	71,0
Valid	Sim	334	29,0	29,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Acesso aos media na Rua

Statistics

Rua

N	Valid	1151
	Missing	0

Rua

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	540	46,9	46,9	46,9
	1	100	8,7	8,7	55,6
	2	68	5,9	5,9	61,5
	3	408	35,4	35,4	97,0
	4	9	,8	,8	97,7
	5	6	,5	,5	98,3
Valid	6	10	,9	,9	99,1
	7	1	,1	,1	99,2
	9	3	,3	,3	99,5
	10	3	,3	,3	99,7
	12	3	,3	,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Manhã/TV	Manhã/PC	Manhã/Net	Manhã/TM	Tarde/TV	Tarde/PC	Tarde/Net	Tarde/TM	Noite/TV	Noite/PC	Noite/Net	Noite/TM
N	Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
	Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Rua Manhã/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1128	98,0	98,0	98,0
	Sim	23	2,0	2,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Manhã/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1137	98,8	98,8	98,8
	Sim	14	1,2	1,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Manhã/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1130	98,2	98,2	98,2
	Sim	21	1,8	1,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Manhã/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	643	55,9	55,9	55,9
	Sim	508	44,1	44,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Tarde/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1128	98,0	98,0	98,0
	Sim	23	2,0	2,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Tarde/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1135	98,6	98,6	98,6
	Sim	16	1,4	1,4	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Tarde/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1127	97,9	97,9	97,9
	Sim	24	2,1	2,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Tarde/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	618	53,7	53,7	53,7
	Sim	533	46,3	46,3	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Noite/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1127	97,9	97,9	97,9
	Sim	24	2,1	2,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Noite/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1133	98,4	98,4	98,4
	Sim	18	1,6	1,6	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Noite/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1132	98,3	98,3	98,3
	Sim	19	1,7	1,7	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Rua Noite/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	688	59,8	59,8	59,8
	Sim	463	40,2	40,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Acesso aos media em Locais de acesso público (parques, cafés, bibliotecas, etc.)

Statistics

Locais de acesso público

N	Valid	1151
	Missing	0

Locais de acesso público

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	588	51,1	51,1	51,1
1	84	7,3	7,3	58,4
2	64	5,6	5,6	63,9
3	308	26,8	26,8	90,7
4	25	2,2	2,2	92,9
5	9	,8	,8	93,7
6	45	3,9	3,9	97,6
Valid 7	4	,3	,3	97,9
8	1	,1	,1	98,0
9	10	,9	,9	98,9
10	2	,2	,2	99,0
11	1	,1	,1	99,1
12	10	,9	,9	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Statistics

	Manhã/TV	Manhã/PC	Manhã/Net	Manhã/TM	Tarde/TV	Tarde/PC	Tarde/Net	Tarde/TM	Noite/TV	Noite/PC	Noite/Net	Noite/TM
Valid	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151	1151
Missing	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Locais de acesso público Manhã/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Não	1076	93,5	93,5	93,5
Valid Sim	75	6,5	6,5	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Manhã/PC

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1104	95,9	95,9	95,9

	Sim	47	4,1	4,1	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Manhã/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1099	95,5	95,5	95,5
Valid	Sim	52	4,5	4,5	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Manhã/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	711	61,8	61,8	61,8
Valid	Sim	440	38,2	38,2	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Tarde/TV

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1070	93,0	93,0	93,0
Valid	Sim	81	7,0	7,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Tarde/PC

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1088	94,5	94,5	94,5
Valid	Sim	63	5,5	5,5	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Tarde/Net

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	1084	94,2	94,2	94,2
Valid	Sim	67	5,8	5,8	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Tarde/TM

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Não	702	61,0	61,0	61,0
Valid	Sim	449	39,0	39,0	100,0
	Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Noite/TV

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1074	93,3	93,3	93,3
Valid Sim	77	6,7	6,7	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Noite/PC

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1115	96,9	96,9	96,9
Valid Sim	36	3,1	3,1	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Noite/Net

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	1105	96,0	96,0	96,0
Valid Sim	46	4,0	4,0	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Locais de acesso público Noite/TM

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	756	65,7	65,7	65,7
Valid Sim	395	34,3	34,3	100,0
Total	1151	100,0	100,0	

Ano do primeiro media

Statistics

	Ano da primeira Televisão	Ano do primeiro Computador	Ano do primeiro acesso à Internet	Ano do primeiro Telemóvel
N Valid	917	723	693	828
Missing	234	428	458	323

Ano da primeira Televisão

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sempre me lembro de ter em casa	560	48,7	61,1	61,1
1950	1	,1	,1	61,2

	1960	12	1,0	1,3	62,5
	1970	85	7,4	9,3	71,8
	1980	116	10,1	12,6	84,4
	1990	93	8,1	10,1	94,5
	2000	50	4,3	5,5	100,0
	Total	917	79,7	100,0	
Missing	System	234	20,3		
Total		1151	100,0		

Ano do primeiro Computador

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sempre me lembro de ter em casa	200	17,4	27,7	27,7
Valid	1980	10	,9	1,4	29,0
	1990	66	5,7	9,1	38,2
	2000	447	38,8	61,8	100,0
	Total	723	62,8	100,0	
Missing	System	428	37,2		
Total		1151	100,0		

Ano do primeiro acesso à Internet

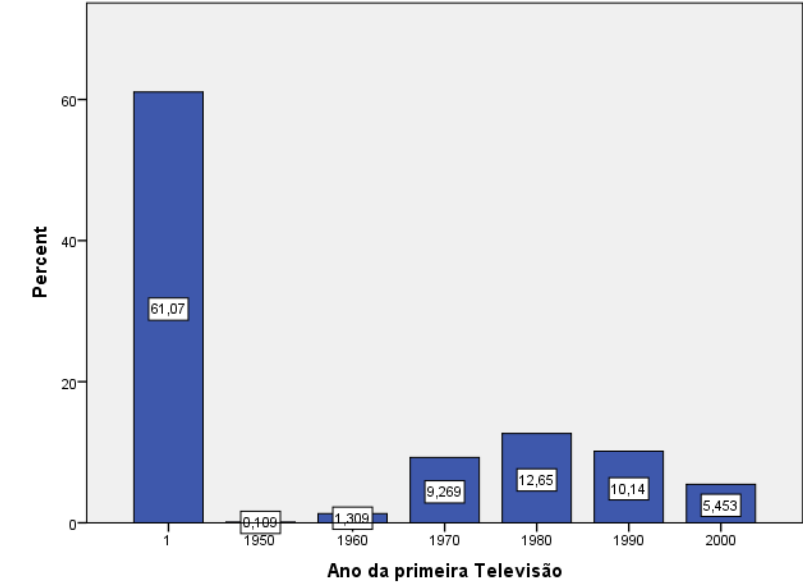
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sempre me lembro de ter em casa	150	13,0	21,6	21,6
Valid	1980	1	,1	,1	21,8
	1990	34	3,0	4,9	26,7
	2000	508	44,1	73,3	100,0
	Total	693	60,2	100,0	
Missing	System	458	39,8		
Total		1151	100,0		

Ano do primeiro Telemóvel

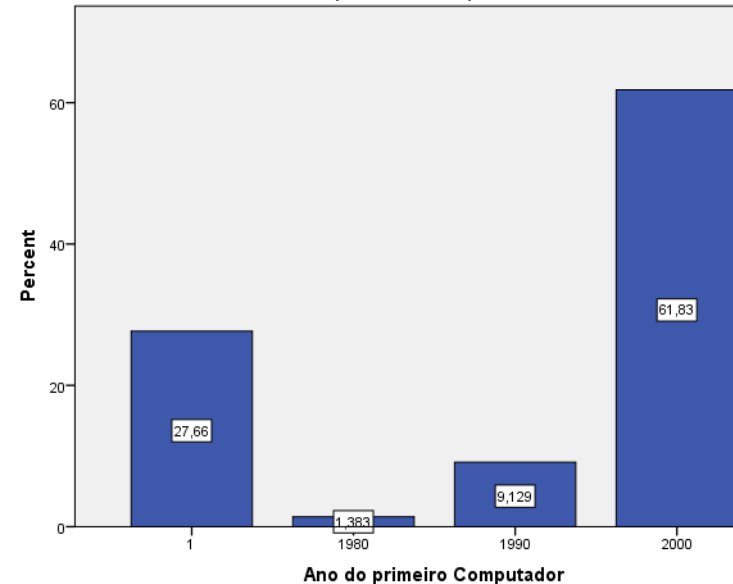
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sempre me lembro de ter em casa	194	16,9	23,4	23,4
Valid	1980	3	,3	,4	23,8
	1990	140	12,2	16,9	40,7

	2000	491	42,7	59,3	100,0
	Total	828	71,9	100,0	
Missing	System	323	28,1		
Total		1151	100,0		

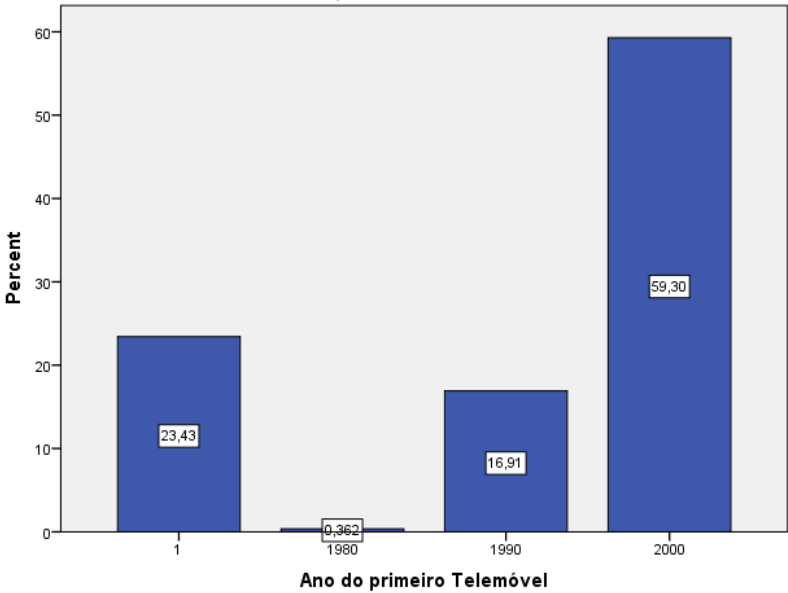
Ano da primeira Televisão



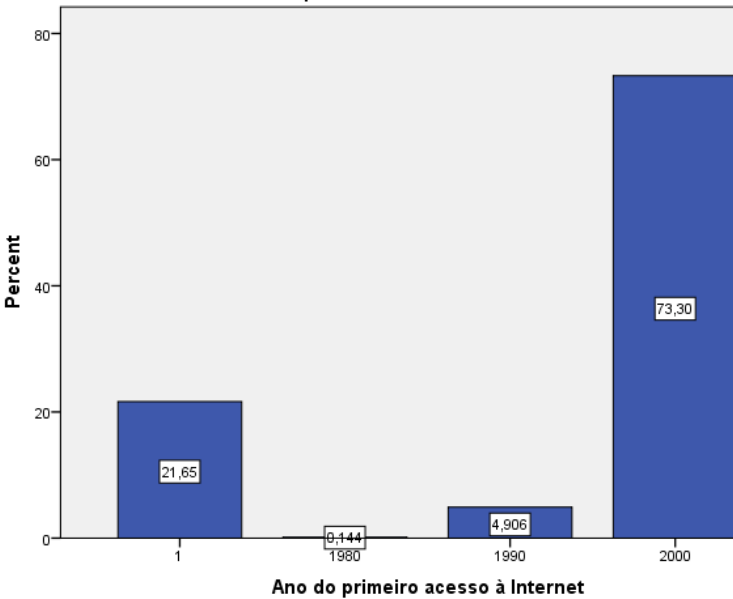
Ano do primeiro Computador



Ano do primeiro Telemóvel



Ano do primeiro acesso à Internet



Ano do primeiro media, respostas dos Filhos

Statistics				
	Ano da primeira Televisão	Ano do primeiro Computador	Ano do primeiro acesso à Internet	Ano do primeiro Telemóvel
N Valid	386	374	345	338

Missing	55	67	96	103
---------	----	----	----	-----

Ano da primeira Televisão

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Sempre me lembro de ter em casa	347	78,7	89,9	89,9
Valid 1980	1	,2	,3	90,2
1990	11	2,5	2,8	93,0
2000	27	6,1	7,0	100,0
Total	386	87,5	100,0	
Missing System	55	12,5		
Total	441	100,0		

Ano do primeiro Computador

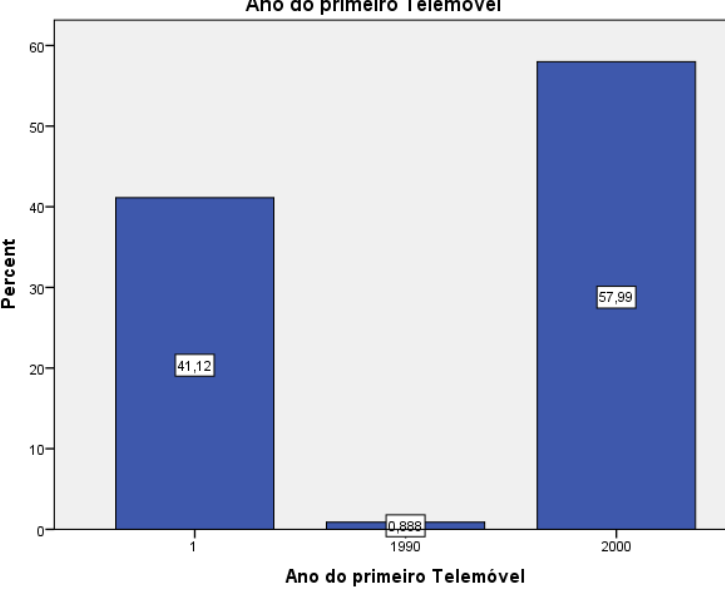
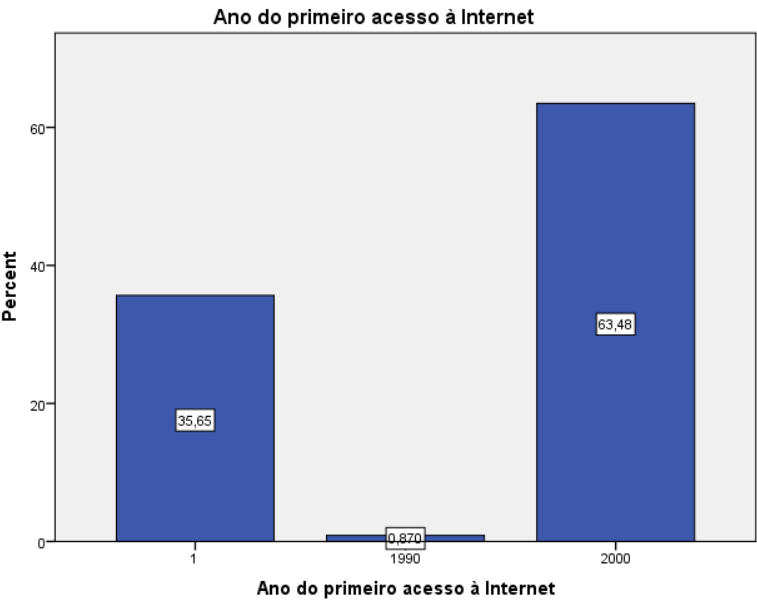
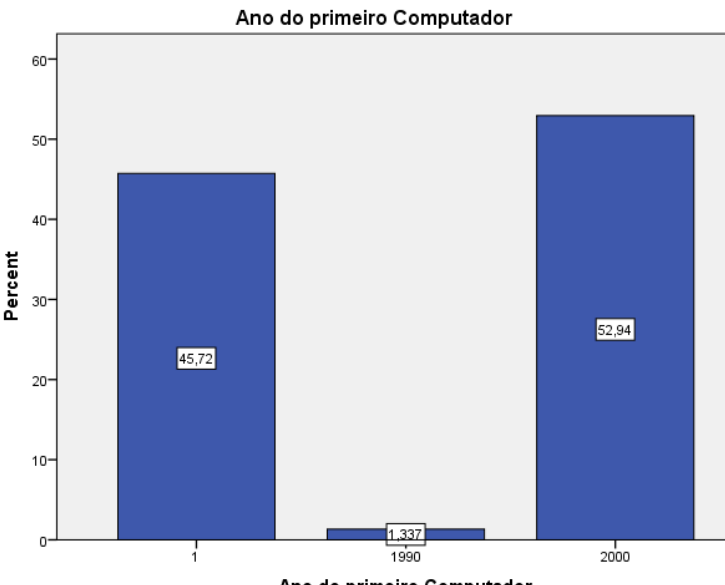
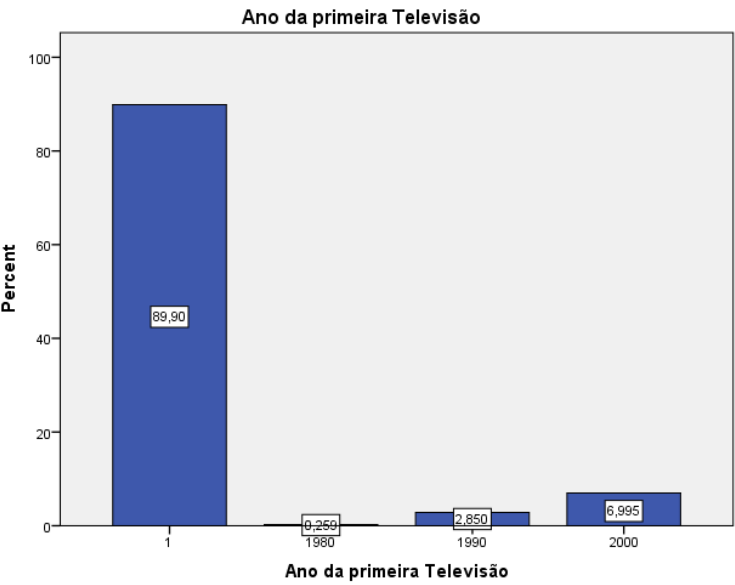
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Sempre me lembro de ter em casa	171	38,8	45,7	45,7
Valid 1990	5	1,1	1,3	47,1
2000	198	44,9	52,9	100,0
Total	374	84,8	100,0	
Missing System	67	15,2		
Total	441	100,0		

Ano do primeiro acesso à Internet

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Sempre me lembro de ter em casa	123	27,9	35,7	35,7
Valid 1990	3	,7	,9	36,5
2000	219	49,7	63,5	100,0
Total	345	78,2	100,0	
Missing System	96	21,8		
Total	441	100,0		

Ano do primeiro Telemóvel

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sempre me lembro de ter em casa	139	31,5	41,1	41,1
	1990	3	,7	,9	42,0
	2000	196	44,4	58,0	100,0
	Total	338	76,6	100,0	
Missing	System	103	23,4		
Total		441	100,0		



Ano do primeiro media, respostas dos Pais

Statistics

		Ano da primeira Televisão	Ano do primeiro Computador	Ano do primeiro acesso à Internet	Ano do primeiro Telemóvel
N	Valid	284	267	239	290
	Missing	117	134	162	111

Ano da primeira Televisão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sempre me lembro de ter em casa	137	34,2	48,2	48,2
	1960	3	,7	1,1	49,3
	1970	31	7,7	10,9	60,2
	1980	48	12,0	16,9	77,1
	1990	52	13,0	18,3	95,4
	2000	13	3,2	4,6	100,0
	Total	284	70,8	100,0	
Missing	System	117	29,2		
Total		401	100,0		

Ano do primeiro Computador

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sempre me lembro de ter em casa	17	4,2	6,4	6,4
	1980	10	2,5	3,7	10,1
	1990	52	13,0	19,5	29,6
	2000	188	46,9	70,4	100,0
	Total	267	66,6	100,0	
Missing	System	134	33,4		
Total		401	100,0		

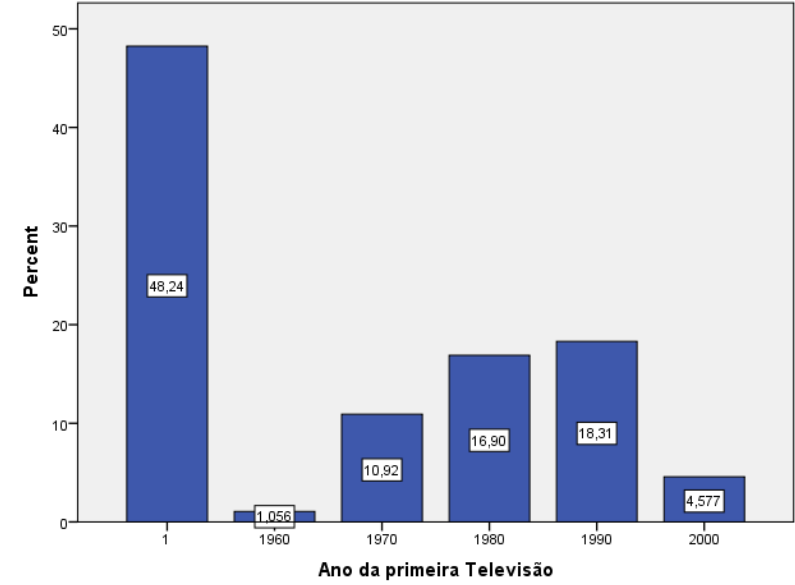
Ano do primeiro acesso à Internet

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sempre me lembro de ter em casa	17	4,2	7,1	7,1
	1980	1	,2	,4	7,5
	1990	26	6,5	10,9	18,4
	2000	195	48,6	81,6	100,0
	Total	239	59,6	100,0	

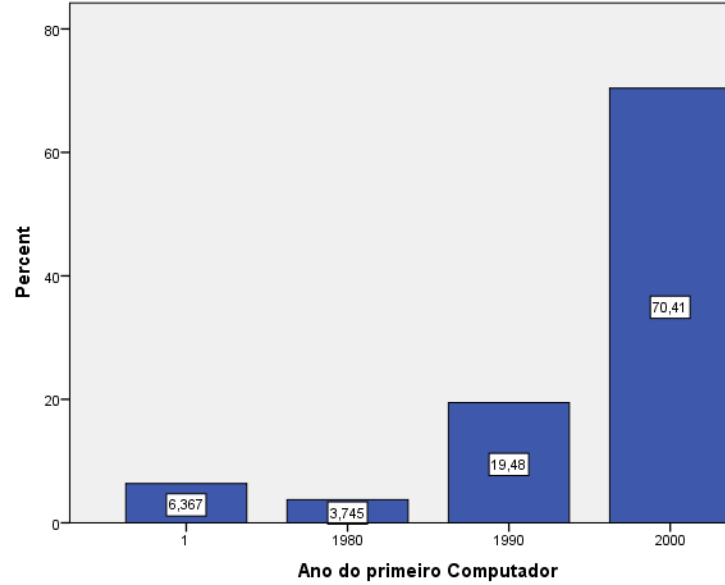
Missing	System	162	40,4		
Total		401	100,0		

Ano do primeiro Telemóvel		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sempre me lembro de ter em casa	31	7,7	10,7	10,7
	1980	2	,5	,7	11,4
	1990	115	28,7	39,7	51,0
	2000	142	35,4	49,0	100,0
	Total	290	72,3	100,0	
Missing	System	111	27,7		
Total		401	100,0		

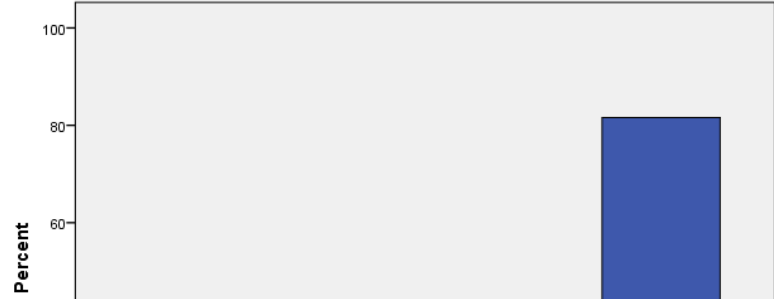
Ano da primeira Televisão



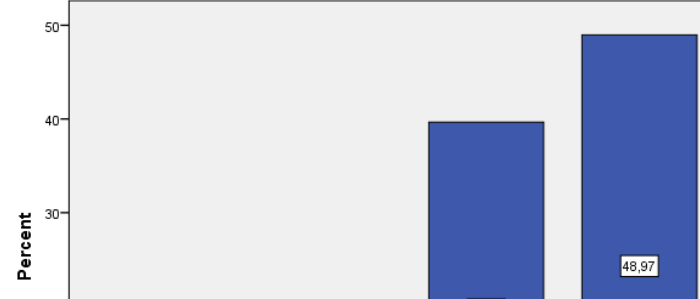
Ano do primeiro Computador



Ano do primeiro acesso à Internet



Ano do primeiro Telemóvel



Ano do primeiro media, respostas dos Avós

Statistics					
		Ano da primeira Televisão	Ano do primeiro Computador	Ano do primeiro acesso à Internet	Ano do primeiro Telemóvel
N	Valid	246	59	53	152
	Missing	63	250	256	157

Ano da primeira Televisão					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sempre me lembro de ter em casa	76	24,6	30,9	30,9
	1950	1	,3	,4	31,3
	1960	9	2,9	3,7	35,0
	1970	54	17,5	22,0	56,9
	1980	67	21,7	27,2	84,1
	1990	30	9,7	12,2	96,3
	2000	9	2,9	3,7	100,0
	Total	246	79,6	100,0	
	Missing System	63	20,4		
Total		309	100,0		

Ano do primeiro Computador					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sempre me lembro de ter em casa	12	3,9	20,3	20,3

	1990	9	2,9	15,3	35,6
	2000	38	12,3	64,4	100,0
	Total	59	19,1	100,0	
Missing	System	250	80,9		
Total		309	100,0		

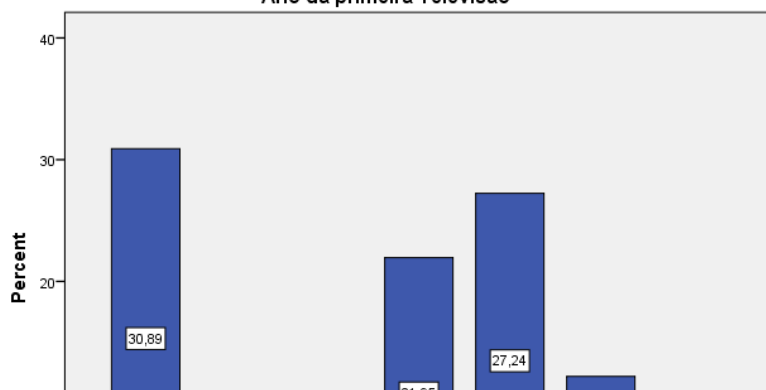
Ano do primeiro acesso à Internet

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sempre me lembro de ter em casa	10	3,2	18,9	18,9
Valid	1990	5	1,6	9,4	28,3
	2000	38	12,3	71,7	100,0
	Total	53	17,2	100,0	
Missing	System	256	82,8		
Total		309	100,0		

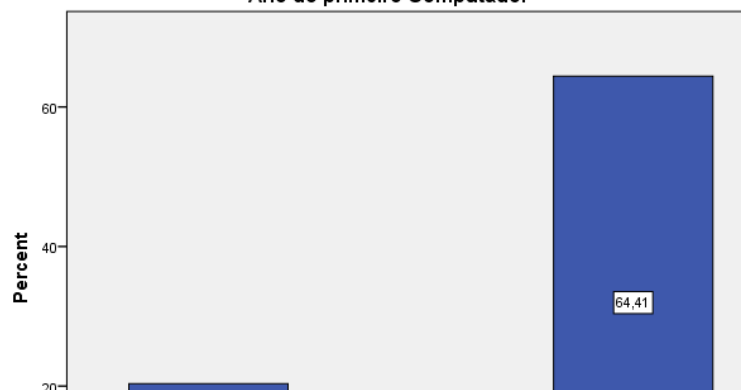
Ano do primeiro Telemóvel

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sempre me lembro de ter em casa	24	7,8	15,8	15,8
Valid	1980	1	,3	,7	16,4
	1990	22	7,1	14,5	30,9
	2000	105	34,0	69,1	100,0
	Total	152	49,2	100,0	
Missing	System	157	50,8		
Total		309	100,0		

Ano da primeira Televisão



Ano do primeiro Computador



Frequência de utilização dos media e número médio de horas de utilização diárias

Statistics									
	Frequência de utilização da televisão	Frequência de utilização do computador	Frequência de utilização da internet	Frequência de utilização do telemóvel	Média de horas por dia de utilização da televisão	Média de horas por dia de utilização do computador	Média de horas por dia de utilização da internet	Média de horas por dia de utilização do telemóvel	
N	Valid	1132	1009	996	1079	1133	804	771	957
	Missing	19	142	155	72	18	347	380	194

Frequência de utilização da televisão					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Diariamente	1072	93,1	94,7	94,7
	Semanalmente	33	2,9	2,9	97,6
	Mensalmente	10	,9	,9	98,5
	Menos de uma vez por mês	8	,7	,7	99,2

	Nunca	1	,1	,1	99,3
	Não tenho	2	,2	,2	99,5
	NS/NR	6	,5	,5	100,0
	Total	1132	98,3	100,0	
Missing	99	19	1,7		
Total		1151	100,0		

Frequência de utilização do computador

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Diariamente	521	45,3	51,6	51,6
	Semanalmente	189	16,4	18,7	70,4
	Mensalmente	25	2,2	2,5	72,8
	Menos de uma vez por mês	35	3,0	3,5	76,3
	Nunca	78	6,8	7,7	84,0
	Não tenho	147	12,8	14,6	98,6
	NS/NR	14	1,2	1,4	100,0
	Total	1009	87,7	100,0	
Missing	99	142	12,3		
Total		1151	100,0		

Frequência de utilização da internet

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Diariamente	477	41,4	47,9	47,9
	Semanalmente	193	16,8	19,4	67,3
	Mensalmente	29	2,5	2,9	70,2
	Menos de uma vez por mês	40	3,5	4,0	74,2
	Nunca	84	7,3	8,4	82,6
	Não tenho	157	13,6	15,8	98,4
	NS/NR	16	1,4	1,6	100,0
	Total	996	86,5	100,0	
Missing	99	155	13,5		
Total		1151	100,0		

Frequência de utilização do telemóvel

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Diariamente	901	78,3	83,5	83,5
	Semanalmente	45	3,9	4,2	87,7

	Mensalmente	15	1,3	1,4	89,1
	Menos de uma vez por mês	4	,3	,4	89,4
	Nunca	20	1,7	1,9	91,3
	Não tenho	83	7,2	7,7	99,0
	NS/NR	11	1,0	1,0	100,0
	Total	1079	93,7	100,0	
Missing	99	72	6,3		
Total		1151	100,0		

Média de horas por dia de utilização da televisão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Mais do que 12 horas	42	3,6	3,7	3,7
	Entre 9 e 12 horas	46	4,0	4,1	7,8
	Entre 6 e 9 horas	111	9,6	9,8	17,6
Valid	Entre 3 e 6 horas	269	23,4	23,7	41,3
	Entre 1 e 3 horas	519	45,1	45,8	87,1
	Menos do que 1 hora	146	12,7	12,9	100,0
	Total	1133	98,4	100,0	
Missing	99	18	1,6		
Total		1151	100,0		

Média de horas por dia de utilização do computador

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Mais do que 12 horas	14	1,2	1,7	1,7
	Entre 9 e 12 horas	41	3,6	5,1	6,8
	Entre 6 e 9 horas	81	7,0	10,1	16,9
Valid	Entre 3 e 6 horas	152	13,2	18,9	35,8
	Entre 1 e 3 horas	250	21,7	31,1	66,9
	Menos do que 1 hora	266	23,1	33,1	100,0
	Total	804	69,9	100,0	
Missing	99	347	30,1		
Total		1151	100,0		

Média de horas por dia de utilização da internet

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Mais do que 12 horas	12	1,0	1,6	1,6
	Entre 9 e 12 horas	25	2,2	3,2	4,8

	Entre 6 e 9 horas	61	5,3	7,9	12,7
	Entre 3 e 6 horas	131	11,4	17,0	29,7
	Entre 1 e 3 horas	241	20,9	31,3	61,0
	Menos do que 1 hora	301	26,2	39,0	100,0
	Total	771	67,0	100,0	
Missing	99	380	33,0		
Total		1151	100,0		

Média de horas por dia de utilização do telemóvel

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Mais do que 12 horas	134	11,6	14,0
	Entre 9 e 12 horas	69	6,0	21,2
	Entre 6 e 9 horas	54	4,7	26,9
Valid	Entre 3 e 6 horas	62	5,4	33,3
	Entre 1 e 3 horas	133	11,6	47,2
	Menos do que 1 hora	505	43,9	100,0
	Total	957	83,1	100,0
Missing	99	194	16,9	
Total		1151	100,0	

Frequência de utilização dos media e número médio de horas de utilização diárias, de acordo com o ano de nascimento

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Ano de nascimento *	1071	93,0%	80	7,0%	1151	100,0%
Frequência de utilização da televisão						
Ano de nascimento *	960	83,4%	191	16,6%	1151	100,0%
Frequência de utilização do computador						
Ano de nascimento *	948	82,4%	203	17,6%	1151	100,0%
Frequência de utilização da internet						
Ano de nascimento *	1026	89,1%	125	10,9%	1151	100,0%
Frequência de utilização do telemóvel						

Ano de nascimento * Frequência de utilização da televisão Crosstabulation									
		Frequência de utilização da televisão							Total
		Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não tenho	NS/NR	
Ano de nascimento	1910	Count	7	0	0	0	0	0	7
	1910	% within Ano de nascimento	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	1910	% of Total	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%
	1920	Count	17	2	0	0	0	0	19
	1920	% within Ano de nascimento	89,5%	10,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	1920	% of Total	1,6%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%
	1930	Count	99	2	1	0	0	0	102
	1930	% within Ano de nascimento	97,1%	2,0%	1,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	1930	% of Total	9,2%	0,2%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	9,5%
	1940	Count	103	0	2	2	0	0	107
	1940	% within Ano de nascimento	96,3%	0,0%	1,9%	1,9%	0,0%	0,0%	100,0%
	1940	% of Total	9,6%	0,0%	0,2%	0,2%	0,0%	0,0%	10,0%
	1950	Count	54	1	0	0	0	0	55
	1950	% within Ano de nascimento	98,2%	1,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	1950	% of Total	5,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,1%
	1960	Count	188	2	3	2	0	1	197
	1960	% within Ano de nascimento	95,4%	1,0%	1,5%	1,0%	0,0%	0,5%	100,0%
	1960	% of Total	17,6%	0,2%	0,3%	0,2%	0,0%	0,1%	18,4%
	1970	Count	146	4	0	2	1	1	154
	1970	% within Ano de nascimento	94,8%	2,6%	0,0%	1,3%	0,6%	0,6%	100,0%
	1970	% of Total	13,6%	0,4%	0,0%	0,2%	0,1%	0,1%	14,4%
	1980	Count	8	0	0	0	0	0	8
	1980	% within Ano de nascimento	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	1980	% of Total	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%
	1990	Count	281	14	1	1	0	0	297
	1990	% within Ano de nascimento	94,6%	4,7%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	100,0%
	1990	% of Total	26,2%	1,3%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	27,7%

Total	Count	116	5	1	0	0	0	3	125
	% within Ano de nascimento	92,8%	4,0%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	2,4%	100,0%
	% of Total	10,8%	0,5%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	11,7%
	Count	1019	30	8	7	1	2	4	1071
	% within Ano de nascimento	95,1%	2,8%	0,7%	0,7%	0,1%	0,2%	0,4%	100,0%
	% of Total	95,1%	2,8%	0,7%	0,7%	0,1%	0,2%	0,4%	100,0%

Ano de nascimento * Frequência de utilização do computador Crosstabulation

		Frequência de utilização do computador							Total
		Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não tenho	NS/NR	
Ano de nascimento	Count	0	2	1	0	1	3	0	7
	% within Ano de nascimento	0,0%	28,6%	14,3%	0,0%	14,3%	42,9%	0,0%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,2%	0,1%	0,0%	0,1%	0,3%	0,0%	0,7%
	Count	0	0	0	0	2	8	0	10
	% within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	20,0%	80,0%	0,0%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,8%	0,0%	1,0%
	Count	5	1	2	2	14	44	3	71
	% within Ano de nascimento	7,0%	1,4%	2,8%	2,8%	19,7%	62,0%	4,2%	100,0%
	% of Total	0,5%	0,1%	0,2%	0,2%	1,5%	4,6%	0,3%	7,4%
	Count	9	6	0	2	18	38	0	73
	% within Ano de nascimento	12,3%	8,2%	0,0%	2,7%	24,7%	52,1%	0,0%	100,0%
	% of Total	0,9%	0,6%	0,0%	0,2%	1,9%	4,0%	0,0%	7,6%
	Count	15	4	0	4	5	18	3	49
	% within Ano de nascimento	30,6%	8,2%	0,0%	8,2%	10,2%	36,7%	6,1%	100,0%
	% of Total	1,6%	0,4%	0,0%	0,4%	0,5%	1,9%	0,3%	5,1%
	Count	103	26	6	16	17	12	1	181
	% within Ano de nascimento	56,9%	14,4%	3,3%	8,8%	9,4%	6,6%	0,6%	100,0%
	% of Total	10,7%	2,7%	0,6%	1,7%	1,8%	1,3%	0,1%	18,9%
	Count	77	36	5	6	6	7	3	140
	% within Ano de nascimento	55,0%	25,7%	3,6%	4,3%	4,3%	5,0%	2,1%	100,0%

Total	% of Total	8,0%	3,8%	0,5%	0,6%	0,6%	0,7%	0,3%	14,6%
	Count	4	2	1	0	0	1	0	8
	1980 % within Ano de nascimento	50,0%	25,0%	12,5%	0,0%	0,0%	12,5%	0,0%	100,0%
	% of Total	0,4%	0,2%	0,1%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,8%
	Count	224	59	3	3	1	5	0	295
	1990 % within Ano de nascimento	75,9%	20,0%	1,0%	1,0%	0,3%	1,7%	0,0%	100,0%
	% of Total	23,3%	6,1%	0,3%	0,3%	0,1%	0,5%	0,0%	30,7%
	Count	67	46	5	2	1	3	2	126
	2000 % within Ano de nascimento	53,2%	36,5%	4,0%	1,6%	0,8%	2,4%	1,6%	100,0%
	% of Total	7,0%	4,8%	0,5%	0,2%	0,1%	0,3%	0,2%	13,1%
	Count	504	182	23	35	65	139	12	960
	% within Ano de nascimento	52,5%	19,0%	2,4%	3,6%	6,8%	14,5%	1,3%	100,0%
	% of Total	52,5%	19,0%	2,4%	3,6%	6,8%	14,5%	1,3%	100,0%

Ano de nascimento * Frequência de utilização da internet Crosstabulation

		Frequência de utilização da internet							Total
		Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não tenho	NS/NR	
Ano de nascimento	Count	0	2	0	1	1	3	0	7
	1910 % within Ano de nascimento	0,0%	28,6%	0,0%	14,3%	14,3%	42,9%	0,0%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,2%	0,0%	0,1%	0,1%	0,3%	0,0%	0,7%
	Count	0	0	0	0	2	8	0	10
	1920 % within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	20,0%	80,0%	0,0%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,8%	0,0%	1,1%
	Count	5	1	1	2	15	45	2	71
	1930 % within Ano de nascimento	7,0%	1,4%	1,4%	2,8%	21,1%	63,4%	2,8%	100,0%
	% of Total	0,5%	0,1%	0,1%	0,2%	1,6%	4,7%	0,2%	7,5%
	Count	8	6	0	3	19	37	0	73
	1940 % within Ano de nascimento	11,0%	8,2%	0,0%	4,1%	26,0%	50,7%	0,0%	100,0%
	% of Total	0,8%	0,6%	0,0%	0,3%	2,0%	3,9%	0,0%	7,7%
	1950 Count	13	4	0	4	6	17	3	47

Total		% within Ano de nascimento	27,7%	8,5%	0,0%	8,5%	12,8%	36,2%	6,4%	100,0%
		% of Total	1,4%	0,4%	0,0%	0,4%	0,6%	1,8%	0,3%	5,0%
		Count	94	33	5	14	16	17	2	181
	1960	% within Ano de nascimento	51,9%	18,2%	2,8%	7,7%	8,8%	9,4%	1,1%	100,0%
		% of Total	9,9%	3,5%	0,5%	1,5%	1,7%	1,8%	0,2%	19,1%
		Count	67	34	6	6	9	7	5	134
	1970	% within Ano de nascimento	50,0%	25,4%	4,5%	4,5%	6,7%	5,2%	3,7%	100,0%
		% of Total	7,1%	3,6%	0,6%	0,6%	0,9%	0,7%	0,5%	14,1%
		Count	3	3	1	0	0	1	0	8
	1980	% within Ano de nascimento	37,5%	37,5%	12,5%	0,0%	0,0%	12,5%	0,0%	100,0%
		% of Total	0,3%	0,3%	0,1%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,8%
		Count	213	56	7	5	3	8	1	293
	1990	% within Ano de nascimento	72,7%	19,1%	2,4%	1,7%	1,0%	2,7%	0,3%	100,0%
		% of Total	22,5%	5,9%	0,7%	0,5%	0,3%	0,8%	0,1%	30,9%
		Count	58	48	7	4	0	6	1	124
	2000	% within Ano de nascimento	46,8%	38,7%	5,6%	3,2%	0,0%	4,8%	0,8%	100,0%
		% of Total	6,1%	5,1%	0,7%	0,4%	0,0%	0,6%	0,1%	13,1%
		Count	461	187	27	39	71	149	14	948
		% within Ano de nascimento	48,6%	19,7%	2,8%	4,1%	7,5%	15,7%	1,5%	100,0%
		% of Total	48,6%	19,7%	2,8%	4,1%	7,5%	15,7%	1,5%	100,0%

Ano de nascimento * Frequência de utilização do telemóvel Crosstabulation

		Frequência de utilização do telemóvel							Total
		Diariamente	Semanalmente	Mensalmente	Menos de uma vez por mês	Nunca	Não tenho	NS/NR	
Ano de nascimento	Count	3	0	0	0	1	3	0	7
	% within	42,9%	0,0%	0,0%	0,0%	14,3%	42,9%	0,0%	100,0%
	Ano de nascimento								
	% of Total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,3%	0,0%	0,7%
1920	Count	1	1	0	0	2	7	0	11

	% within	9,1%	9,1%	0,0%	0,0%	18,2%	63,6%	0,0%	100,0%
	Ano de nascimento								
	% of Total	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,2%	0,7%	0,0%	1,1%
	Count	39	6	2	1	6	31	2	87
1930	% within	44,8%	6,9%	2,3%	1,1%	6,9%	35,6%	2,3%	100,0%
	Ano de nascimento								
	% of Total	3,8%	0,6%	0,2%	0,1%	0,6%	3,0%	0,2%	8,5%
	Count	73	10	0	3	4	7	1	98
	% within	74,5%	10,2%	0,0%	3,1%	4,1%	7,1%	1,0%	100,0%
1940	Ano de nascimento								
	% of Total	7,1%	1,0%	0,0%	0,3%	0,4%	0,7%	0,1%	9,6%
	Count	42	5	0	0	0	4	1	52
	% within	80,8%	9,6%	0,0%	0,0%	0,0%	7,7%	1,9%	100,0%
	Ano de nascimento								
	% of Total	4,1%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,1%	5,1%
1950	Count	177	8	6	0	1	2	1	195
	% within	90,8%	4,1%	3,1%	0,0%	0,5%	1,0%	0,5%	100,0%
1960	Ano de nascimento								
	% of Total	17,3%	0,8%	0,6%	0,0%	0,1%	0,2%	0,1%	19,0%
	Count	147	1	1	0	1	1	0	151
	% within	97,4%	0,7%	0,7%	0,0%	0,7%	0,7%	0,0%	100,0%
	Ano de nascimento								
	% of Total	14,3%	0,1%	0,1%	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	14,7%
1970	Count	8	0	0	0	0	0	0	8
	% within	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
1980	Ano de nascimento								
	% of Total	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%
	Count	283	5	1	0	1	5	0	295
	% within	95,9%	1,7%	0,3%	0,0%	0,3%	1,7%	0,0%	100,0%
	Ano de nascimento								
	% of Total	27,6%	0,5%	0,1%	0,0%	0,1%	0,5%	0,0%	28,8%
2000	Count	92	7	3	0	0	16	4	122

Total	% within	75,4%	5,7%	2,5%	0,0%	0,0%	13,1%	3,3%	100,0%
	Ano de nascimento								
	% of Total	9,0%	0,7%	0,3%	0,0%	0,0%	1,6%	0,4%	11,9%
	Count	865	43	13	4	16	76	9	1026
	% within	84,3%	4,2%	1,3%	0,4%	1,6%	7,4%	0,9%	100,0%
	Ano de nascimento								
	% of Total	84,3%	4,2%	1,3%	0,4%	1,6%	7,4%	0,9%	100,0%

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Ano de nascimento * Média de horas por dia de utilização da televisão	1073	93,2%	78	6,8%	1151	100,0%
Ano de nascimento * Média de horas por dia de utilização do computador	771	67,0%	380	33,0%	1151	100,0%
Ano de nascimento * Média de horas por dia de utilização da internet	740	64,3%	411	35,7%	1151	100,0%
Ano de nascimento * Média de horas por dia de utilização do telemóvel	919	79,8%	232	20,2%	1151	100,0%

Ano de nascimento * Média de horas por dia de utilização da televisão Crosstabulation

		Média de horas por dia de utilização da televisão						Total
		Mais do que 12 horas	Entre 9 e 12 horas	Entre 6 e 9 horas	Entre 3 e 6 horas	Entre 1 e 3 horas	Menos do que 1 hora	
Ano de nascimento	Count	1	1	1	1	2	0	6
	1910 % within Ano de nascimento	16,7%	16,7%	16,7%	16,7%	33,3%	0,0%	100,0%
	% of Total	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%	0,0%	0,6%
	Count	0	1	6	4	3	4	18
	1920 % within Ano de nascimento	0,0%	5,6%	33,3%	22,2%	16,7%	22,2%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,1%	0,6%	0,4%	0,3%	0,4%	1,7%
1930	Count	5	3	15	32	36	11	102

Total	1940	% within Ano de nascimento	4,9%	2,9%	14,7%	31,4%	35,3%	10,8%	100,0%
		% of Total	0,5%	0,3%	1,4%	3,0%	3,4%	1,0%	9,5%
		Count	5	6	10	35	41	9	106
	1950	% within Ano de nascimento	4,7%	5,7%	9,4%	33,0%	38,7%	8,5%	100,0%
		% of Total	0,5%	0,6%	0,9%	3,3%	3,8%	0,8%	9,9%
		Count	2	1	7	12	25	8	55
	1960	% within Ano de nascimento	3,6%	1,8%	12,7%	21,8%	45,5%	14,5%	100,0%
		% of Total	0,2%	0,1%	0,7%	1,1%	2,3%	0,7%	5,1%
		Count	3	2	10	43	119	23	200
	1970	% within Ano de nascimento	1,5%	1,0%	5,0%	21,5%	59,5%	11,5%	100,0%
		% of Total	0,3%	0,2%	0,9%	4,0%	11,1%	2,1%	18,6%
		Count	3	1	9	30	90	20	153
	1980	% within Ano de nascimento	2,0%	0,7%	5,9%	19,6%	58,8%	13,1%	100,0%
		% of Total	0,3%	0,1%	0,8%	2,8%	8,4%	1,9%	14,3%
		Count	0	0	1	1	6	1	9
	1990	% within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	11,1%	11,1%	66,7%	11,1%	100,0%
		% of Total	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%	0,6%	0,1%	0,8%
		Count	13	17	32	74	120	43	299
	2000	% within Ano de nascimento	4,3%	5,7%	10,7%	24,7%	40,1%	14,4%	100,0%
		% of Total	1,2%	1,6%	3,0%	6,9%	11,2%	4,0%	27,9%
		Count	6	9	14	26	52	18	125
	Total	% within Ano de nascimento	4,8%	7,2%	11,2%	20,8%	41,6%	14,4%	100,0%
		% of Total	0,6%	0,8%	1,3%	2,4%	4,8%	1,7%	11,6%
		Count	38	41	105	258	494	137	1073
	Total	% within Ano de nascimento	3,5%	3,8%	9,8%	24,0%	46,0%	12,8%	100,0%
		% of Total	3,5%	3,8%	9,8%	24,0%	46,0%	12,8%	100,0%

Ano de nascimento * Média de horas por dia de utilização do computador Crosstabulation

	Média de horas por dia de utilização do computador						Total
	Mais do que 12 horas	Entre 9 e 12 horas	Entre 6 e 9 horas	Entre 3 e 6 horas	Entre 1 e 3 horas	Menos do que 1 hora	

Ano de nascimento		Count	0	0	0	0	1	2	3
	1910	% within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	33,3%	66,7%	100,0%
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,3%	0,4%
		Count	0	0	0	0	0	1	1
	1920	% within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%
		Count	0	0	1	2	0	9	12
	1930	% within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	8,3%	16,7%	0,0%	75,0%	100,0%
		% of Total	0,0%	0,0%	0,1%	0,3%	0,0%	1,2%	1,6%
		Count	0	1	0	4	3	15	23
	1940	% within Ano de nascimento	0,0%	4,3%	0,0%	17,4%	13,0%	65,2%	100,0%
		% of Total	0,0%	0,1%	0,0%	0,5%	0,4%	1,9%	3,0%
		Count	0	1	4	6	5	11	27
	1950	% within Ano de nascimento	0,0%	3,7%	14,8%	22,2%	18,5%	40,7%	100,0%
		% of Total	0,0%	0,1%	0,5%	0,8%	0,6%	1,4%	3,5%
		Count	1	10	25	28	33	56	153
	1960	% within Ano de nascimento	0,7%	6,5%	16,3%	18,3%	21,6%	36,6%	100,0%
		% of Total	0,1%	1,3%	3,2%	3,6%	4,3%	7,3%	19,8%
		Count	2	6	16	17	32	56	129
	1970	% within Ano de nascimento	1,6%	4,7%	12,4%	13,2%	24,8%	43,4%	100,0%
		% of Total	0,3%	0,8%	2,1%	2,2%	4,2%	7,3%	16,7%
		Count	0	1	1	1	2	3	8
	1980	% within Ano de nascimento	0,0%	12,5%	12,5%	12,5%	25,0%	37,5%	100,0%
		% of Total	0,0%	0,1%	0,1%	0,1%	0,3%	0,4%	1,0%
		Count	6	12	24	81	109	59	291
	1990	% within Ano de nascimento	2,1%	4,1%	8,2%	27,8%	37,5%	20,3%	100,0%
		% of Total	0,8%	1,6%	3,1%	10,5%	14,1%	7,7%	37,7%
		Count	5	7	6	11	54	41	124
	2000	% within Ano de nascimento	4,0%	5,6%	4,8%	8,9%	43,5%	33,1%	100,0%
		% of Total	0,6%	0,9%	0,8%	1,4%	7,0%	5,3%	16,1%

Total	Count	14	38	77	150	239	253	771
	% within Ano de nascimento	1,8%	4,9%	10,0%	19,5%	31,0%	32,8%	100,0%
	% of Total	1,8%	4,9%	10,0%	19,5%	31,0%	32,8%	100,0%

Ano de nascimento * Média de horas por dia de utilização da internet Crosstabulation

		Média de horas por dia de utilização da internet						Total
		Mais do que 12 horas	Entre 9 e 12 horas	Entre 6 e 9 horas	Entre 3 e 6 horas	Entre 1 e 3 horas	Menos do que 1 hora	
Ano de nascimento	Count	0	0	0	0	0	3	3
	1910 % within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
	Count	0	0	0	0	0	1	1
	1920 % within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%
	Count	0	0	0	3	1	8	12
	1930 % within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	25,0%	8,3%	66,7%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,1%	1,1%	1,6%
	Count	0	0	0	2	4	15	21
	1940 % within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	9,5%	19,0%	71,4%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,5%	2,0%	2,8%
	Count	0	0	3	4	7	11	25
	1950 % within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	12,0%	16,0%	28,0%	44,0%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	0,4%	0,5%	0,9%	1,5%	3,4%
	Count	0	4	16	23	33	68	144
	1960 % within Ano de nascimento	0,0%	2,8%	11,1%	16,0%	22,9%	47,2%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,5%	2,2%	3,1%	4,5%	9,2%	19,5%
	Count	1	3	5	15	24	73	121
	1970 % within Ano de nascimento	0,8%	2,5%	4,1%	12,4%	19,8%	60,3%	100,0%
	% of Total	0,1%	0,4%	0,7%	2,0%	3,2%	9,9%	16,4%
	Count	0	0	2	0	2	4	8
	1980 % within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	25,0%	0,0%	25,0%	50,0%	100,0%

Total	1990	% of Total	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,5%	1,1%
		Count	7	9	26	73	113	59	287
		% within Ano de nascimento	2,4%	3,1%	9,1%	25,4%	39,4%	20,6%	100,0%
		% of Total	0,9%	1,2%	3,5%	9,9%	15,3%	8,0%	38,8%
	2000	Count	4	6	5	9	49	45	118
		% within Ano de nascimento	3,4%	5,1%	4,2%	7,6%	41,5%	38,1%	100,0%
		% of Total	0,5%	0,8%	0,7%	1,2%	6,6%	6,1%	15,9%
		Count	12	22	57	129	233	287	740
	Total	% within Ano de nascimento	1,6%	3,0%	7,7%	17,4%	31,5%	38,8%	100,0%
		% of Total	1,6%	3,0%	7,7%	17,4%	31,5%	38,8%	100,0%

Ano de nascimento * Média de horas por dia de utilização do telemóvel Crosstabulation

		Média de horas por dia de utilização do telemóvel						Total
		Mais do que 12 horas	Entre 9 e 12 horas	Entre 6 e 9 horas	Entre 3 e 6 horas	Entre 1 e 3 horas	Menos do que 1 hora	
Ano de nascimento	Count	0	0	0	0	1	2	3
	1910 % within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	33,3%	66,7%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,2%	0,3%
	Count	0	0	0	0	0	4	4
	1920 % within Ano de nascimento	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
	Count	2	1	1	1	6	34	45
	1930 % within Ano de nascimento	4,4%	2,2%	2,2%	2,2%	13,3%	75,6%	100,0%
	% of Total	0,2%	0,1%	0,1%	0,1%	0,7%	3,7%	4,9%
	Count	3	3	0	2	13	55	76
	1940 % within Ano de nascimento	3,9%	3,9%	0,0%	2,6%	17,1%	72,4%	100,0%
	% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,2%	1,4%	6,0%	8,3%
	Count	1	7	2	0	5	31	46
	1950 % within Ano de nascimento	2,2%	15,2%	4,3%	0,0%	10,9%	67,4%	100,0%
	% of Total	0,1%	0,8%	0,2%	0,0%	0,5%	3,4%	5,0%
	1960 Count	9	10	13	8	24	124	188

Total		% within Ano de nascimento	4,8%	5,3%	6,9%	4,3%	12,8%	66,0%	100,0%
		% of Total	1,0%	1,1%	1,4%	0,9%	2,6%	13,5%	20,5%
		Count	10	4	5	10	22	94	145
	1970	% within Ano de nascimento	6,9%	2,8%	3,4%	6,9%	15,2%	64,8%	100,0%
		% of Total	1,1%	0,4%	0,5%	1,1%	2,4%	10,2%	15,8%
		Count	1	1	0	1	1	5	9
	1980	% within Ano de nascimento	11,1%	11,1%	0,0%	11,1%	11,1%	55,6%	100,0%
		% of Total	0,1%	0,1%	0,0%	0,1%	0,1%	0,5%	1,0%
		Count	90	35	26	30	40	70	291
	1990	% within Ano de nascimento	30,9%	12,0%	8,9%	10,3%	13,7%	24,1%	100,0%
		% of Total	9,8%	3,8%	2,8%	3,3%	4,4%	7,6%	31,7%
		Count	11	7	7	7	16	64	112
	2000	% within Ano de nascimento	9,8%	6,3%	6,3%	6,3%	14,3%	57,1%	100,0%
		% of Total	1,2%	0,8%	0,8%	0,8%	1,7%	7,0%	12,2%
		Count	127	68	54	59	128	483	919
	Total	% within Ano de nascimento	13,8%	7,4%	5,9%	6,4%	13,9%	52,6%	100,0%
		% of Total	13,8%	7,4%	5,9%	6,4%	13,9%	52,6%	100,0%

Competências infocomunicacionais de acordo com o ano de nascimento

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Gerações * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais	1084	94,2%	67	5,8%	1151	100,0%
Gerações * Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.	1087	94,4%	64	5,6%	1151	100,0%
Gerações * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações	1076	93,5%	75	6,5%	1151	100,0%
Gerações * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais	1088	94,5%	63	5,5%	1151	100,0%
Gerações * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel	1091	94,8%	60	5,2%	1151	100,0%
Gerações * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais	1098	95,4%	53	4,6%	1151	100,0%

Gerações * Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer	1100	95,6%	51	4,4%	1151	100,0%
---	------	-------	----	------	------	--------

Gerações * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Gerações	Filhos	Count	273	111	14	2	5	8	16	429
		% within Gerações	63,6%	25,9%	3,3%	0,5%	1,2%	1,9%	3,7%	100,0%
		% of Total	25,2%	10,2%	1,3%	0,2%	0,5%	0,7%	1,5%	39,6%
	Pais	Count	96	120	30	17	17	56	40	376
		% within Gerações	25,5%	31,9%	8,0%	4,5%	4,5%	14,9%	10,6%	100,0%
		% of Total	8,9%	11,1%	2,8%	1,6%	1,6%	5,2%	3,7%	34,7%
	Avós	Count	10	17	21	20	13	142	56	279
		% within Gerações	3,6%	6,1%	7,5%	7,2%	4,7%	50,9%	20,1%	100,0%
		% of Total	0,9%	1,6%	1,9%	1,8%	1,2%	13,1%	5,2%	25,7%
	Total	Count	379	248	65	39	35	206	112	1084
		% within Gerações	35,0%	22,9%	6,0%	3,6%	3,2%	19,0%	10,3%	100,0%
		% of Total	35,0%	22,9%	6,0%	3,6%	3,2%	19,0%	10,3%	100,0%

Gerações * Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns

etc. Crosstabulation

			Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Gerações	Filhos	Count	209	125	39	15	8	17	19	432
		% within Gerações	48,4%	28,9%	9,0%	3,5%	1,9%	3,9%	4,4%	100,0%
		% of Total	19,2%	11,5%	3,6%	1,4%	0,7%	1,6%	1,7%	39,7%
	Pais	Count	49	102	58	23	10	90	42	374
		% within Gerações	13,1%	27,3%	15,5%	6,1%	2,7%	24,1%	11,2%	100,0%
		% of Total	4,5%	9,4%	5,3%	2,1%	0,9%	8,3%	3,9%	34,4%
	Avós	Count	8	12	29	20	14	144	54	281
		% within Gerações	2,8%	4,3%	10,3%	7,1%	5,0%	51,2%	19,2%	100,0%
		% of Total	0,7%	1,1%	2,7%	1,8%	1,3%	13,2%	5,0%	25,9%
	Total	Count	266	239	126	58	32	251	115	1087
		% within Gerações	24,5%	22,0%	11,6%	5,3%	2,9%	23,1%	10,6%	100,0%
		% of Total	24,5%	22,0%	11,6%	5,3%	2,9%	23,1%	10,6%	100,0%

Gerações * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações

Crosstabulation

			Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações						Total	
			CT	C	D	DT	NO	NA		NS/NR
Gerações	Filhos	Count	178	146	41	5	14	16	27	427
		% within Gerações	41,7%	34,2%	9,6%	1,2%	3,3%	3,7%	6,3%	100,0%
		% of Total	16,5%	13,6%	3,8%	0,5%	1,3%	1,5%	2,5%	39,7%
	Pais	Count	52	130	41	18	13	74	43	371
		% within Gerações	14,0%	35,0%	11,1%	4,9%	3,5%	19,9%	11,6%	100,0%
		% of Total	4,8%	12,1%	3,8%	1,7%	1,2%	6,9%	4,0%	34,5%
	Avós	Count	5	21	27	16	16	136	57	278
		% within Gerações	1,8%	7,6%	9,7%	5,8%	5,8%	48,9%	20,5%	100,0%
		% of Total	0,5%	2,0%	2,5%	1,5%	1,5%	12,6%	5,3%	25,8%
	Total	Count	235	297	109	39	43	226	127	1076
		% within Gerações	21,8%	27,6%	10,1%	3,6%	4,0%	21,0%	11,8%	100,0%
		% of Total	21,8%	27,6%	10,1%	3,6%	4,0%	21,0%	11,8%	100,0%

Gerações * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais						Total	
			CT	C	D	DT	NO	NA		NS/NR
Gerações	Filhos	Count	279	103	11	1	6	12	18	430
		% within Gerações	64,9%	24,0%	2,6%	0,2%	1,4%	2,8%	4,2%	100,0%
		% of Total	25,6%	9,5%	1,0%	0,1%	0,6%	1,1%	1,7%	39,5%
	Pais	Count	112	155	25	12	3	37	32	376
		% within Gerações	29,8%	41,2%	6,6%	3,2%	0,8%	9,8%	8,5%	100,0%
		% of Total	10,3%	14,2%	2,3%	1,1%	0,3%	3,4%	2,9%	34,6%
	Avós	Count	24	28	32	36	10	95	57	282
		% within Gerações	8,5%	9,9%	11,3%	12,8%	3,5%	33,7%	20,2%	100,0%
		% of Total	2,2%	2,6%	2,9%	3,3%	0,9%	8,7%	5,2%	25,9%
	Total	Count	415	286	68	49	19	144	107	1088
		% within Gerações	38,1%	26,3%	6,3%	4,5%	1,7%	13,2%	9,8%	100,0%
		% of Total	38,1%	26,3%	6,3%	4,5%	1,7%	13,2%	9,8%	100,0%

Gerações * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel Crosstabulation

	Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel	Total
--	--	-------

			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Gerações	Filhos	Count	308	86	5	2	5	11	13	430
		% within Gerações	71,6%	20,0%	1,2%	0,5%	1,2%	2,6%	3,0%	100,0%
		% of Total	28,2%	7,9%	0,5%	0,2%	0,5%	1,0%	1,2%	39,4%
	Pais	Count	171	142	17	6	4	14	23	377
		% within Gerações	45,4%	37,7%	4,5%	1,6%	1,1%	3,7%	6,1%	100,0%
		% of Total	15,7%	13,0%	1,6%	0,5%	0,4%	1,3%	2,1%	34,6%
	Avós	Count	26	63	28	28	8	80	51	284
		% within Gerações	9,2%	22,2%	9,9%	9,9%	2,8%	28,2%	18,0%	100,0%
		% of Total	2,4%	5,8%	2,6%	2,6%	0,7%	7,3%	4,7%	26,0%
	Total	Count	505	291	50	36	17	105	87	1091
		% within Gerações	46,3%	26,7%	4,6%	3,3%	1,6%	9,6%	8,0%	100,0%
		% of Total	46,3%	26,7%	4,6%	3,3%	1,6%	9,6%	8,0%	100,0%

Gerações * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Gerações	Filhos	Count	198	130	46	12	13	9	24	432
		% within Gerações	45,8%	30,1%	10,6%	2,8%	3,0%	2,1%	5,6%	100,0%
		% of Total	18,0%	11,8%	4,2%	1,1%	1,2%	0,8%	2,2%	39,3%
	Pais	Count	113	145	44	10	7	34	27	380
		% within Gerações	29,7%	38,2%	11,6%	2,6%	1,8%	8,9%	7,1%	100,0%
		% of Total	10,3%	13,2%	4,0%	0,9%	0,6%	3,1%	2,5%	34,6%
	Avós	Count	39	73	39	34	9	44	48	286
		% within Gerações	13,6%	25,5%	13,6%	11,9%	3,1%	15,4%	16,8%	100,0%
		% of Total	3,6%	6,6%	3,6%	3,1%	0,8%	4,0%	4,4%	26,0%
	Total	Count	350	348	129	56	29	87	99	1098
		% within Gerações	31,9%	31,7%	11,7%	5,1%	2,6%	7,9%	9,0%	100,0%
		% of Total	31,9%	31,7%	11,7%	5,1%	2,6%	7,9%	9,0%	100,0%

Gerações * Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer Crosstabulation

			Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer						Total	
			CT	C	D	DT	NO	NA		NS/NR
Gerações		Count	280	108	12	4	8	7	14	433
	Filhos	% within Gerações	64,7%	24,9%	2,8%	0,9%	1,8%	1,6%	3,2%	100,0%
		% of Total	25.5%	9.8%	1.1%	0.4%	0.7%	0.6%	1.3%	39.4%

	Count	148	159	21	2	3	17	27	377
Pais	% within Gerações	39,3%	42,2%	5,6%	0,5%	0,8%	4,5%	7,2%	100,0%
	% of Total	13,5%	14,5%	1,9%	0,2%	0,3%	1,5%	2,5%	34,3%
	Count	61	106	25	11	8	36	43	290
Avós	% within Gerações	21,0%	36,6%	8,6%	3,8%	2,8%	12,4%	14,8%	100,0%
	% of Total	5,5%	9,6%	2,3%	1,0%	0,7%	3,3%	3,9%	26,4%
	Count	489	373	58	17	19	60	84	1100
Total	% within Gerações	44,5%	33,9%	5,3%	1,5%	1,7%	5,5%	7,6%	100,0%
	% of Total	44,5%	33,9%	5,3%	1,5%	1,7%	5,5%	7,6%	100,0%

Competências infocomunicacionais de acordo com o sexo

FILHOS

Sexo * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

		Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	126	51	6	2	3	2	10	200
		% of Total	29,6%	12,0%	1,4%	0,5%	0,7%	0,5%	2,4%	47,1%
	Feminino	Count	144	60	7	0	2	6	6	225
		% of Total	33,9%	14,1%	1,6%	0,0%	0,5%	1,4%	1,4%	52,9%
Total		Count	270	111	13	2	5	8	16	425
		% of Total	63,5%	26,1%	3,1%	0,5%	1,2%	1,9%	3,8%	100,0%

Sexo * Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc. Crosstabulation

		Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	98	60	17	7	5	6	10	203
		% of Total	22,9%	14,0%	4,0%	1,6%	1,2%	1,4%	2,3%	47,4%
	Feminino	Count	110	63	21	8	3	11	9	225
		% of Total	25,7%	14,7%	4,9%	1,9%	0,7%	2,6%	2,1%	52,6%
Total	Count	208	123	38	15	8	17	19	428	
	% of Total	48,6%	28,7%	8,9%	3,5%	1,9%	4,0%	4,4%	100,0%	

Sexo * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações Crosstabulation

		Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	79	75	18	2	5	6	16	201
		% of Total	18,7%	17,7%	4,3%	0,5%	1,2%	1,4%	3,8%	47,5%
	Feminino	Count	98	71	21	2	9	10	11	222
		% of Total	23,2%	16,8%	5,0%	0,5%	2,1%	2,4%	2,6%	52,5%
Total	Count	177	146	39	4	14	16	27	423	
	% of Total	41,8%	34,5%	9,2%	0,9%	3,3%	3,8%	6,4%	100,0%	

Sexo * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais Crosstabulation

		Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	117	56	5	1	4	7	12	202
		% of Total	27,5%	13,1%	1,2%	0,2%	0,9%	1,6%	2,8%	47,4%
	Feminino	Count	160	46	5	0	2	5	6	224
		% of Total	37,6%	10,8%	1,2%	0,0%	0,5%	1,2%	1,4%	52,6%
Total		Count	277	102	10	1	6	12	18	426
		% of Total	65,0%	23,9%	2,3%	0,2%	1,4%	2,8%	4,2%	100,0%

Sexo * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel Crosstabulation

		Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	132	46	4	2	3	7	8	202
		% of Total	31,0%	10,8%	0,9%	0,5%	0,7%	1,6%	1,9%	47,4%
	Feminino	Count	174	38	1	0	2	4	5	224
		% of Total	40,8%	8,9%	0,2%	0,0%	0,5%	0,9%	1,2%	52,6%
Total	Count	306	84	5	2	5	11	13	426	
	% of Total	71,8%	19,7%	1,2%	0,5%	1,2%	2,6%	3,1%	100,0%	

Sexo * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais Crosstabulation

		Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	

Sexo	Masculino	Count	90	73	14	5	6	1	14	203
		% of Total	21,0%	17,1%	3,3%	1,2%	1,4%	0,2%	3,3%	47,4%
	Feminino	Count	107	56	30	7	7	8	10	225
		% of Total	25,0%	13,1%	7,0%	1,6%	1,6%	1,9%	2,3%	52,6%
Total	Count		197	129	44	12	13	9	24	428
	% of Total		46,0%	30,1%	10,3%	2,8%	3,0%	2,1%	5,6%	100,0%

Sexo * Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer Crosstabulation

		Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer							Total	
		pretendo fazer								
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	128	53	7	1	5	1	8	203
		% of Total	29,8%	12,4%	1,6%	0,2%	1,2%	0,2%	1,9%	47,3%
	Feminino	Count	150	54	5	2	3	6	6	226
		% of Total	35,0%	12,6%	1,2%	0,5%	0,7%	1,4%	1,4%	52,7%
Total	Count	278	107	12	3	8	7	14	429	
	% of Total	64,8%	24,9%	2,8%	0,7%	1,9%	1,6%	3,3%	100,0%	

PAIS

Sexo * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

		Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	24	35	12	3	3	11	7	95
		% of Total	6,5%	9,5%	3,3%	0,8%	0,8%	3,0%	1,9%	25,7%
	Feminino	Count	72	84	16	12	14	43	33	274
		% of Total	19,5%	22,8%	4,3%	3,3%	3,8%	11,7%	8,9%	74,3%
Total	Count	96	119	28	15	17	54	40	369	
	% of Total	26,0%	32,2%	7,6%	4,1%	4,6%	14,6%	10,8%	100,0%	

Sexo * Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc. Crosstabulation

			Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Sexo	Masculino	Count	10	34	23	6	2	15	7	97
		% of Total	2,7%	9,3%	6,3%	1,6%	0,5%	4,1%	1,9%	26,4%
	Feminino	Count	38	67	33	16	8	73	35	270
		% of Total	10,0%	18,5%	9,1%	4,4%	2,2%	20,0%	9,6%	73,6%

Total	% of Total	10,4%	18,3%	9,0%	4,4%	2,2%	19,9%	9,5%	73,6%
	Count	48	101	56	22	10	88	42	367
	% of Total	13,1%	27,5%	15,3%	6,0%	2,7%	24,0%	11,4%	100,0%

Sexo * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar

informações Crosstabulation

		Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Sexo	Masculino	Count	12	46	13	3	2	10	96
		% of Total	3,3%	12,6%	3,6%	0,8%	0,5%	2,7%	26,4%
	Feminino	Count	39	84	26	12	11	63	268
		% of Total	10,7%	23,1%	7,1%	3,3%	3,0%	17,3%	73,6%
Total		Count	51	130	39	15	13	73	364
		% of Total	14,0%	35,7%	10,7%	4,1%	3,6%	20,1%	100,0%

Sexo * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

		Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Sexo	Masculino	Count	25	46	7	4	1	6	97
		% of Total	6,8%	12,5%	1,9%	1,1%	0,3%	1,6%	26,3%
	Feminino	Count	85	107	17	6	2	31	272
		% of Total	23,0%	29,0%	4,6%	1,6%	0,5%	8,4%	73,7%
Total		Count	110	153	24	10	3	37	369
		% of Total	29,8%	41,5%	6,5%	2,7%	0,8%	10,0%	100,0%

Sexo * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel Crosstabulation

		Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Sexo	Masculino	Count	39	43	4	2	1	6	96
		% of Total	10,5%	11,6%	1,1%	0,5%	0,3%	1,6%	25,9%
	Feminino	Count	129	97	12	3	3	13	274
		% of Total	34,9%	26,2%	3,2%	0,8%	0,8%	3,5%	74,1%
Total		Count	168	140	16	5	4	14	370
		% of Total	45,4%	37,8%	4,3%	1,4%	1,1%	3,8%	100,0%

Sexo * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

		Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	31	41	13	1	1	4	7	98
		% of Total	8,3%	11,0%	3,5%	0,3%	0,3%	1,1%	1,9%	26,3%
	Feminino	Count	80	101	31	7	6	30	20	275
		% of Total	21,4%	27,1%	8,3%	1,9%	1,6%	8,0%	5,4%	73,7%
Total	Count	111	142	44	8	7	34	27	373	
	% of Total	29,8%	38,1%	11,8%	2,1%	1,9%	9,1%	7,2%	100,0%	

Sexo * Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer Crosstabulation

		Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer							Total	
		pretendo fazer								
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	35	49	6	0	1	1	6	98
		% of Total	9,4%	13,2%	1,6%	0,0%	0,3%	0,3%	1,6%	26,4%
	Feminino	Count	110	109	14	1	2	16	21	273
		% of Total	29,6%	29,4%	3,8%	0,3%	0,5%	4,3%	5,7%	73,6%
Total	Count	145	158	20	1	3	17	27	371	
	% of Total	39,1%	42,6%	5,4%	0,3%	0,8%	4,6%	7,3%	100,0%	

AVÓS

Sexo * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

		Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	2	7	4	5	2	27	16	63
		% of Total	0,7%	2,6%	1,5%	1,8%	0,7%	9,9%	5,8%	23,0%
	Feminino	Count	7	9	17	14	11	113	40	211
		% of Total	2,6%	3,3%	6,2%	5,1%	4,0%	41,2%	14,6%	77,0%
Total	Count	9	16	21	19	13	140	56	274	
	% of Total	3,3%	5,8%	7,7%	6,9%	4,7%	51,1%	20,4%	100,0%	

Sexo * Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc. Crosstabulation

		Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	1	6	4	7	2	28	16	64
		% of Total	0,4%	2,2%	1,4%	2,5%	0,7%	10,1%	5,8%	23,2%
	Feminino	Count	7	4	25	12	12	114	38	212
		% of Total	2,5%	1,4%	9,1%	4,3%	4,3%	41,3%	13,8%	76,8%
Total	Count	8	10	29	19	14	142	54	276	
	% of Total	2,9%	3,6%	10,5%	6,9%	5,1%	51,4%	19,6%	100,0%	

Sexo * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações Crosstabulation

		Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	1	9	3	5	2	25	18	63
		% of Total	0,4%	3,3%	1,1%	1,8%	0,7%	9,2%	6,6%	23,1%
	Feminino	Count	4	11	23	10	14	109	39	210
		% of Total	1,5%	4,0%	8,4%	3,7%	5,1%	39,9%	14,3%	76,9%
Total	Count	5	20	26	15	16	134	57	273	
	% of Total	1,8%	7,3%	9,5%	5,5%	5,9%	49,1%	20,9%	100,0%	

Sexo * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais Crosstabulation

		Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais							Total	
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR		
Sexo	Masculino	Count	6	10	5	7	1	17	18	64
		% of Total	2,2%	3,6%	1,8%	2,5%	0,4%	6,1%	6,5%	23,1%
	Feminino	Count	17	16	27	28	9	77	39	213
		% of Total	6,1%	5,8%	9,7%	10,1%	3,2%	27,8%	14,1%	76,9%
Total	Count	23	26	32	35	10	94	57	277	
	% of Total	8,3%	9,4%	11,6%	12,6%	3,6%	33,9%	20,6%	100,0%	

Sexo * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel Crosstabulation

			Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Sexo	Masculino	Count	6	20	4	6	1	13	13	63
		% of Total	2.2%	7.2%	1.4%	2.2%	0.4%	4.7%	4.7%	22.7%

	Feminino	Count	20	41	24	20	7	65	38	215
		% of Total	7,2%	14,7%	8,6%	7,2%	2,5%	23,4%	13,7%	77,3%
	Total	Count	26	61	28	26	8	78	51	278
		% of Total	9,4%	21,9%	10,1%	9,4%	2,9%	28,1%	18,3%	100,0%

Sexo * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Sexo	Masculino	Count	7	22	6	7	1	7	15	65
		% of Total	2,5%	7,8%	2,1%	2,5%	0,4%	2,5%	5,3%	23,1%
	Feminino	Count	31	48	33	26	8	37	33	216
		% of Total	11,0%	17,1%	11,7%	9,3%	2,8%	13,2%	11,7%	76,9%
	Total	Count	38	70	39	33	9	44	48	281
		% of Total	13,5%	24,9%	13,9%	11,7%	3,2%	15,7%	17,1%	100,0%

Sexo * Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer Crosstabulation

			Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Sexo	Masculino	Count	14	23	5	3	1	5	14	65
		% of Total	4,9%	8,1%	1,8%	1,1%	0,4%	1,8%	4,9%	22,8%
	Feminino	Count	46	80	19	8	7	31	29	220
		% of Total	16,1%	28,1%	6,7%	2,8%	2,5%	10,9%	10,2%	77,2%
	Total	Count	60	103	24	11	8	36	43	285
		% of Total	21,1%	36,1%	8,4%	3,9%	2,8%	12,6%	15,1%	100,0%

Competências infocomunicacionais de acordo com o nível de formação

FILHOS

Ciclo de estudos * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências

personais Crosstabulation

			Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Ciclo de estudos	1º ciclo	Count	65	54	9	0	4	7	14	153
		% of Total	15,2%	12,6%	2,1%	0,0%	0,9%	1,6%	3,3%	35,7%

	2º ciclo	Count	111	35	5	2	1	1	2	157
		% of Total	25,9%	8,2%	1,2%	0,5%	0,2%	0,2%	0,5%	36,6%
	Secundário	Count	97	22	0	0	0	0	0	119
		% of Total	22,6%	5,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	27,7%
Total		Count	273	111	14	2	5	8	16	429
		% of Total	63,6%	25,9%	3,3%	0,5%	1,2%	1,9%	3,7%	100,0%

Ciclo de estudos * Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc. Crosstabulation

			Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.						Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	
Ciclo de estudos	1º ciclo	Count	44	43	26	9	4	12	153
		% of Total	10,2%	10,0%	6,0%	2,1%	0,9%	2,8%	35,4%
	2º ciclo	Count	85	50	8	6	4	4	160
		% of Total	19,7%	11,6%	1,9%	1,4%	0,9%	0,9%	37,0%
	Secundário	Count	80	32	5	0	0	1	119
		% of Total	18,5%	7,4%	1,2%	0,0%	0,0%	0,2%	27,5%
	Total	Count	209	125	39	15	8	17	432
		% of Total	48,4%	28,9%	9,0%	3,5%	1,9%	3,9%	100,0%

Ciclo de estudos * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações Crosstabulation

			Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações						Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	
Ciclo de estudos	1º ciclo	Count	35	45	27	2	8	10	149
		% of Total	8,2%	10,5%	6,3%	0,5%	1,9%	2,3%	34,9%
	2º ciclo	Count	71	62	9	3	6	5	159
		% of Total	16,6%	14,5%	2,1%	0,7%	1,4%	1,2%	37,2%
	Secundário	Count	72	39	5	0	0	1	119
		% of Total	16,9%	9,1%	1,2%	0,0%	0,0%	0,2%	27,9%
	Total	Count	178	146	41	5	14	16	427
		% of Total	41,7%	34,2%	9,6%	1,2%	3,3%	3,7%	100,0%

Ciclo de estudos * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais Crosstabulation

			Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais						Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	

Ciclo de estudos	1º ciclo	Count	67	43	8	1	6	10	17	152
		% of Total	15,6%	10,0%	1,9%	0,2%	1,4%	2,3%	4,0%	35,3%
	2º ciclo	Count	118	35	3	0	0	2	1	159
		% of Total	27,4%	8,1%	0,7%	0,0%	0,0%	0,5%	0,2%	37,0%
	Secundário	Count	94	25	0	0	0	0	0	119
		% of Total	21,9%	5,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	27,7%
	Total	Count	279	103	11	1	6	12	18	430
		% of Total	64,9%	24,0%	2,6%	0,2%	1,4%	2,8%	4,2%	100,0%

Ciclo de estudos * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel

Crosstabulation

			Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Ciclo de estudos	1º ciclo	Count	80	41	2	2	5	9	13	152
		% of Total	18,6%	9,5%	0,5%	0,5%	1,2%	2,1%	3,0%	35,3%
	2º ciclo	Count	127	28	2	0	0	2	0	159
		% of Total	29,5%	6,5%	0,5%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	37,0%
	Secundário	Count	101	17	1	0	0	0	0	119
		% of Total	23,5%	4,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	27,7%
Total	Count	308	86	5	2	5	11	13	430	
	% of Total	71,6%	20,0%	1,2%	0,5%	1,2%	2,6%	3,0%	100,0%	

Ciclo de estudos * Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer

Crosstabulation

			Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Ciclo de estudos	1º ciclo	Count	78	43	5	3	6	6	13	154
		% of Total	18,0%	9,9%	1,2%	0,7%	1,4%	1,4%	3,0%	35,6%
	2º ciclo	Count	117	36	3	0	2	1	1	160
		% of Total	27,0%	8,3%	0,7%	0,0%	0,5%	0,2%	0,2%	37,0%
	Secundário	Count	85	29	4	1	0	0	0	119
		% of Total	19,6%	6,7%	0,9%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	27,5%
Total		Count	280	108	12	4	8	7	14	433
		% of Total	64,7%	24,9%	2,8%	0,9%	1,8%	1,6%	3,2%	100,0%

Ciclo de estudos * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais Crosstabulation

			Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Ciclo de estudos	1º ciclo	Count	50	37	27	6	7	5	21	153
		% of Total	11,6%	8,6%	6,3%	1,4%	1,6%	1,2%	4,9%	35,4%
	2º ciclo	Count	84	49	12	5	5	4	1	160
		% of Total	19,4%	11,3%	2,8%	1,2%	1,2%	0,9%	0,2%	37,0%
	Secundário	Count	64	44	7	1	1	0	2	119
		% of Total	14,8%	10,2%	1,6%	0,2%	0,2%	0,0%	0,5%	27,5%
	Total	Count	198	130	46	12	13	9	24	432
		% of Total	45,8%	30,1%	10,6%	2,8%	3,0%	2,1%	5,6%	100,0%

PAIS

Nível de formação * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%
	1º ciclo incompleto	Count	0	3	2	0	0	0	2	7
		% of Total	0,0%	0,8%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	1,9%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	3	11	6	6	2	10	12	50
		% of Total	0,8%	3,0%	1,6%	1,6%	0,5%	2,7%	3,2%	13,5%
	2º ciclo incompleto	Count	0	0	1	0	1	0	0	2
		% of Total	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,5%
	2º ciclo (6º ano)	Count	8	18	1	2	2	19	9	59
		% of Total	2,2%	4,9%	0,3%	0,5%	0,5%	5,1%	2,4%	15,9%
	3º ciclo incompleto	Count	5	5	2	1	2	5	0	20
		% of Total	1,4%	1,4%	0,5%	0,3%	0,5%	1,4%	0,0%	5,4%
	3º ciclo (9º ano)	Count	15	22	8	5	4	9	8	71
		% of Total	4,1%	5,9%	2,2%	1,4%	1,1%	2,4%	2,2%	19,2%
	Ensino secundário incompleto	Count	3	8	4	1	3	3	2	24
		% of Total	0,8%	2,2%	1,1%	0,3%	0,8%	0,8%	0,5%	6,5%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	24	29	2	1	1	6	6	69
		% of Total	6,5%	7,8%	0,5%	0,3%	0,3%	1,6%	1,6%	18,6%
	Licenciatura incompleta	Count	3	0	1	1	1	1	0	7
		% of Total	0,8%	0,0%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,0%	1,9%
	Licenciatura	Count	25	19	3	0	1	2	1	51

	% of Total	6,8%	5,1%	0,8%	0,0%	0,3%	0,5%	0,3%	13,8%
Pós-graduação/Mestrado	Count	5	1	0	0	0	0	0	6
	% of Total	1,4%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,6%
Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
	% of Total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Outro	Count	1	1	0	0	0	0	0	2
	% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
Total	Count	93	117	30	17	17	56	40	370
	% of Total	25,1%	31,6%	8,1%	4,6%	4,6%	15,1%	10,8%	100,0%

Nível de formação * Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc. Crosstabulation

			Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%
	1º ciclo incompleto	Count	0	2	3	0	0	0	2	7
		% of Total	0,0%	0,5%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	1,9%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	2	6	12	6	1	12	11	50
		% of Total	0,5%	1,6%	3,3%	1,6%	0,3%	3,3%	3,0%	13,6%
	2º ciclo incompleto	Count	0	0	1	0	1	1	0	3
		% of Total	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	0,8%
	2º ciclo (6º ano)	Count	4	15	7	1	2	21	9	59
		% of Total	1,1%	4,1%	1,9%	0,3%	0,5%	5,7%	2,4%	16,0%
	3º ciclo incompleto	Count	2	5	3	2	1	7	0	20
		% of Total	0,5%	1,4%	0,8%	0,5%	0,3%	1,9%	0,0%	5,4%
	3º ciclo (9º ano)	Count	10	19	11	6	2	14	10	72
		% of Total	2,7%	5,1%	3,0%	1,6%	0,5%	3,8%	2,7%	19,5%
	Ensino secundário incompleto	Count	2	2	6	3	1	7	2	23
		% of Total	0,5%	0,5%	1,6%	0,8%	0,3%	1,9%	0,5%	6,2%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	11	27	6	3	2	13	7	69
		% of Total	3,0%	7,3%	1,6%	0,8%	0,5%	3,5%	1,9%	18,7%
	Licenciatura incompleta	Count	1	2	1	1	0	2	0	7
		% of Total	0,3%	0,5%	0,3%	0,3%	0,0%	0,5%	0,0%	1,9%
	Licenciatura	Count	12	20	5	1	0	11	1	50
		% of Total	3,3%	5,4%	1,4%	0,3%	0,0%	3,0%	0,3%	13,6%
	Pós-graduação/Mestrado	Count	2	2	1	0	0	1	0	6
		% of Total	0,5%	0,5%	0,3%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	1,6%
	Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1

	% of Total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
	% of Total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
	Count	48	100	56	23	10	90	42	369
Total	% of Total	13,0%	27,1%	15,2%	6,2%	2,7%	24,4%	11,4%	100,0%

Nível de formação * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações Crosstabulation

			Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%
	1º ciclo incompleto	Count	1	1	3	0	0	1	1	7
		% of Total	0,3%	0,3%	0,8%	0,0%	0,0%	0,3%	0,3%	1,9%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	1	12	7	6	2	8	14	50
		% of Total	0,3%	3,3%	1,9%	1,6%	0,5%	2,2%	3,8%	13,7%
	2º ciclo incompleto	Count	0	0	1	0	1	1	0	3
		% of Total	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	0,8%
	2º ciclo (6º ano)	Count	6	18	4	2	3	18	8	59
		% of Total	1,6%	4,9%	1,1%	0,5%	0,8%	4,9%	2,2%	16,1%
	3º ciclo incompleto	Count	2	6	3	1	1	5	1	19
		% of Total	0,5%	1,6%	0,8%	0,3%	0,3%	1,4%	0,3%	5,2%
	3º ciclo (9º ano)	Count	9	22	10	5	2	13	10	71
		% of Total	2,5%	6,0%	2,7%	1,4%	0,5%	3,6%	2,7%	19,4%
	Ensino secundário incompleto	Count	1	8	2	1	2	7	1	22
		% of Total	0,3%	2,2%	0,5%	0,3%	0,5%	1,9%	0,3%	6,0%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	14	31	5	1	2	11	5	69
		% of Total	3,8%	8,5%	1,4%	0,3%	0,5%	3,0%	1,4%	18,9%
	Licenciatura incompleta	Count	1	3	0	0	0	2	1	7
		% of Total	0,3%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	0,3%	1,9%
	Licenciatura	Count	12	25	3	2	0	6	2	50
		% of Total	3,3%	6,8%	0,8%	0,5%	0,0%	1,6%	0,5%	13,7%
	Pós-graduação/Mestrado	Count	2	1	2	0	0	1	0	6
		% of Total	0,5%	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	1,6%
	Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
	Outro	Count	0	1	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%

Total	Count	50	128	40	18	13	74	43	366
	% of Total	13,7%	35,0%	10,9%	4,9%	3,6%	20,2%	11,7%	100,0%

Nível de formação * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%
	1º ciclo incompleto	Count	0	2	3	0	0	0	2	7
		% of Total	0,0%	0,5%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	1,9%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	8	14	8	4	0	6	10	50
		% of Total	2,2%	3,8%	2,2%	1,1%	0,0%	1,6%	2,7%	13,5%
	2º ciclo incompleto	Count	0	1	1	0	0	1	0	3
		% of Total	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,8%
	2º ciclo (6º ano)	Count	16	25	0	1	1	11	6	60
		% of Total	4,3%	6,8%	0,0%	0,3%	0,3%	3,0%	1,6%	16,2%
	3º ciclo incompleto	Count	6	7	1	2	1	2	1	20
		% of Total	1,6%	1,9%	0,3%	0,5%	0,3%	0,5%	0,3%	5,4%
	3º ciclo (9º ano)	Count	22	31	5	1	1	6	6	72
		% of Total	5,9%	8,4%	1,4%	0,3%	0,3%	1,6%	1,6%	19,5%
	Ensino secundário incompleto	Count	5	13	2	2	0	1	0	23
		% of Total	1,4%	3,5%	0,5%	0,5%	0,0%	0,3%	0,0%	6,2%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	22	34	2	0	0	5	5	68
		% of Total	5,9%	9,2%	0,5%	0,0%	0,0%	1,4%	1,4%	18,4%
	Licenciatura incompleta	Count	2	3	2	0	0	0	0	7
		% of Total	0,5%	0,8%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
Licenciatura	Count	21	21	1	2	0	3	2	50	
	% of Total	5,7%	5,7%	0,3%	0,5%	0,0%	0,8%	0,5%	13,5%	
Pós- graduação/Mestrado	Count	5	0	0	0	0	1	0	6	
	% of Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	1,6%	
Doutoramento	Count	0	1	0	0	0	0	0	1	
	% of Total	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	
Outro	Count	1	1	0	0	0	0	0	2	
	% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	
Total		Count	108	153	25	12	3	37	32	370
		% of Total	29,2%	41,4%	6,8%	3,2%	0,8%	10,0%	8,6%	100,0 %

Nível de formação * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel Crosstabulation

Nível de formação			Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							Total
			no telemóvel							
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%
	1º ciclo incompleto	Count	4	0	2	0	0	0	1	7
		% of Total	1,1%	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	1,9%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	15	18	5	2	2	3	5	50
		% of Total	4,1%	4,9%	1,4%	0,5%	0,5%	0,8%	1,4%	13,5%
	2º ciclo incompleto	Count	1	1	1	0	0	0	0	3
		% of Total	0,3%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%
	2º ciclo (6º ano)	Count	23	22	2	0	0	6	6	59
		% of Total	6,2%	5,9%	0,5%	0,0%	0,0%	1,6%	1,6%	15,9%
	3º ciclo incompleto	Count	5	10	2	1	1	0	0	19
		% of Total	1,4%	2,7%	0,5%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	5,1%
	3º ciclo (9º ano)	Count	32	30	1	1	1	1	6	72
		% of Total	8,6%	8,1%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	1,6%	19,5%
	Ensino secundário incompleto	Count	12	10	0	1	0	1	0	24
		% of Total	3,2%	2,7%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	6,5%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	29	33	1	0	0	2	4	69
		% of Total	7,8%	8,9%	0,3%	0,0%	0,0%	0,5%	1,1%	18,6%
	Licenciatura incompleta	Count	3	3	1	0	0	0	0	7
		% of Total	0,8%	0,8%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
	Licenciatura	Count	32	14	2	1	0	0	1	50
		% of Total	8,6%	3,8%	0,5%	0,3%	0,0%	0,0%	0,3%	13,5%
	Pós-graduação/Mestrado	Count	6	0	0	0	0	0	0	6
		% of Total	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,6%
	Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
	Outro	Count	2	0	0	0	0	0	0	2
		% of Total	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
Total	Count	165	141	17	6	4	14	23	370	
	% of Total	44,6%	38,1%	4,6%	1,6%	1,1%	3,8%	6,2%	100,0%	

Nível de formação * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

		Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	

Nível de formação	Analfabeto	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%
	1º ciclo incompleto	Count	1	2	3	0	0	0	1	7
		% of Total	0,3%	0,5%	0,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	1,9%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	10	17	7	2	2	5	8	51
		% of Total	2,7%	4,6%	1,9%	0,5%	0,5%	1,3%	2,1%	13,7%
	2º ciclo incompleto	Count	1	1	1	0	0	0	0	3
		% of Total	0,3%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%
	2º ciclo (6º ano)	Count	16	26	3	1	0	10	4	60
		% of Total	4,3%	7,0%	0,8%	0,3%	0,0%	2,7%	1,1%	16,1%
	3º ciclo incompleto	Count	5	10	2	0	1	1	0	19
		% of Total	1,3%	2,7%	0,5%	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	5,1%
	3º ciclo (9º ano)	Count	21	26	8	3	1	7	6	72
		% of Total	5,6%	7,0%	2,1%	0,8%	0,3%	1,9%	1,6%	19,3%
	Ensino secundário incompleto	Count	6	7	6	2	0	3	0	24
		% of Total	1,6%	1,9%	1,6%	0,5%	0,0%	0,8%	0,0%	6,4%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	20	33	5	1	1	4	5	69
		% of Total	5,4%	8,8%	1,3%	0,3%	0,3%	1,1%	1,3%	18,5%
	Licenciatura incompleta	Count	1	2	2	0	0	2	0	7
		% of Total	0,3%	0,5%	0,5%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	1,9%
	Licenciatura	Count	23	18	3	1	2	1	3	51
		% of Total	6,2%	4,8%	0,8%	0,3%	0,5%	0,3%	0,8%	13,7%
	Pós-graduação/Mestrado	Count	3	2	1	0	0	0	0	6
		% of Total	0,8%	0,5%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,6%
	Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
	Outro	Count	1	0	1	0	0	0	0	2
		% of Total	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
Total		Count	109	144	42	10	7	34	27	373
		% of Total	29,2%	38,6%	11,3%	2,7%	1,9%	9,1%	7,2%	100,0%

Nível de formação * Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer Crosstabulation

			Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%
	1º ciclo incompleto	Count	3	1	2	0	0	0	1	7
		% of Total	0,8%	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	1,9%

1º ciclo (4ª classe)	Count	16	22	4	0	1	1	7	51
	% of Total	4,3%	5,9%	1,1%	0,0%	0,3%	0,3%	1,9%	13,8%
2º ciclo incompleto	Count	2	1	0	0	0	0	0	3
	% of Total	0,5%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%
2º ciclo (6º ano)	Count	20	26	1	0	0	7	6	60
	% of Total	5,4%	7,0%	0,3%	0,0%	0,0%	1,9%	1,6%	16,2%
3º ciclo incompleto	Count	4	13	1	0	1	0	0	19
	% of Total	1,1%	3,5%	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	5,1%
3º ciclo (9º ano)	Count	28	23	6	2	0	4	7	70
	% of Total	7,6%	6,2%	1,6%	0,5%	0,0%	1,1%	1,9%	18,9%
Ensino secundário incompleto	Count	8	13	2	0	0	1	0	24
	% of Total	2,2%	3,5%	0,5%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	6,5%
Ensino secundário (12º ano)	Count	27	31	2	0	1	2	5	68
	% of Total	7,3%	8,4%	0,5%	0,0%	0,3%	0,5%	1,4%	18,4%
Licenciatura incompleta	Count	1	6	0	0	0	0	0	7
	% of Total	0,3%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
Licenciatura	Count	28	20	1	0	0	1	1	51
	% of Total	7,6%	5,4%	0,3%	0,0%	0,0%	0,3%	0,3%	13,8%
Pós-graduação/Mestrado	Count	5	1	0	0	0	0	0	6
	% of Total	1,4%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,6%
Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
	% of Total	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%
Outro	Count	1	0	1	0	0	0	0	2
	% of Total	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
Total	Count	144	157	20	2	3	17	27	370
	% of Total	38,9%	42,4%	5,4%	0,5%	0,8%	4,6%	7,3%	100,0%

AVÓS

Nível de formação * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

		Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	1	2	4	2	3	16	42
		% of Total	0,4%	0,7%	1,5%	0,7%	1,1%	5,9%	15,4%
	1º ciclo incompleto	Count	1	2	3	1	1	27	46
		% of Total	0,4%	0,7%	1,1%	0,4%	0,4%	9,9%	16,8%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	5	4	8	12	6	84	143
		% of Total	1,4%	1,0%	2,2%	3,2%	1,6%	22,8%	39,0%

Total		% of Total	1,8%	1,5%	2,9%	4,4%	2,2%	30,8%	8,8%	52,4%
	2º ciclo incompleto	Count	0	0	0	0	0	3	0	3
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	1,1%
	2º ciclo (6º ano)	Count	1	0	2	2	1	2	4	12
		% of Total	0,4%	0,0%	0,7%	0,7%	0,4%	0,7%	1,5%	4,4%
	3º ciclo (9º ano)	Count	0	3	1	1	1	4	1	11
		% of Total	0,0%	1,1%	0,4%	0,4%	0,4%	1,5%	0,4%	4,0%
	Ensino secundário incompleto	Count	0	0	0	0	0	0	1	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	1	2	1	0	0	1	0	5
		% of Total	0,4%	0,7%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	1,8%
	Licenciatura incompleta	Count	0	1	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Licenciatura	Count	1	2	2	1	0	2	0	8
		% of Total	0,4%	0,7%	0,7%	0,4%	0,0%	0,7%	0,0%	2,9%
	Doutoramento	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	0,4%
		Count	10	16	21	19	12	140	55	273
		% of Total	3,7%	5,9%	7,7%	7,0%	4,4%	51,3%	20,1%	100,0%

Nível de formação * Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc. Crosstabulation

			Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.						Total	
			CT	C	D	DT	NO	NA		NS/NR
Nível de formação	Analfabeto	Count	1	1	4	3	3	16	14	42
		% of Total	0,4%	0,4%	1,5%	1,1%	1,1%	5,8%	5,1%	15,3%
	1º ciclo incompleto	Count	0	0	5	1	1	28	11	46
		% of Total	0,0%	0,0%	1,8%	0,4%	0,4%	10,2%	4,0%	16,7%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	3	6	9	13	6	84	23	144
		% of Total	1,1%	2,2%	3,3%	4,7%	2,2%	30,5%	8,4%	52,4%
	2º ciclo incompleto	Count	0	0	0	0	0	3	0	3
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	1,1%
	2º ciclo (6º ano)	Count	1	0	2	2	1	3	3	12
		% of Total	0,4%	0,0%	0,7%	0,7%	0,4%	1,1%	1,1%	4,4%
	3º ciclo (9º ano)	Count	0	1	4	0	1	4	1	11
		% of Total	0,0%	0,4%	1,5%	0,0%	0,4%	1,5%	0,4%	4,0%
	Ensino secundário incompleto	Count	0	0	0	0	0	0	1	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
		Count	2	1	2	0	0	1	0	6

	Ensino secundário (12º ano)	% of Total	0,7%	0,4%	0,7%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	2,2%
	Licenciatura incompleta	Count	0	1	0	0	0	0	0	1
	Licenciatura	% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Licenciatura	Count	1	2	3	0	0	2	0	8
	Doutoramento	% of Total	0,4%	0,7%	1,1%	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	2,9%
	Doutoramento	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
	Total	% of Total	2,9%	4,4%	10,5%	6,9%	4,4%	51,6%	19,3%	100,0%
	Total	Count	8	12	29	19	12	142	53	275

Nível de formação * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações Crosstabulation

			Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	2	2	3	2	3	16	14	42
		% of Total	0,7%	0,7%	1,1%	0,7%	1,1%	5,9%	5,1%	15,4%
	1º ciclo incompleto	Count	0	3	3	0	1	27	12	46
		% of Total	0,0%	1,1%	1,1%	0,0%	0,4%	9,9%	4,4%	16,9%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	2	6	13	11	7	78	25	142
		% of Total	0,7%	2,2%	4,8%	4,0%	2,6%	28,7%	9,2%	52,2%
	2º ciclo incompleto	Count	0	0	0	0	0	3	0	3
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	1,1%
	2º ciclo (6º ano)	Count	0	2	1	2	1	3	3	12
		% of Total	0,0%	0,7%	0,4%	0,7%	0,4%	1,1%	1,1%	4,4%
	3º ciclo (9º ano)	Count	0	2	2	0	2	4	1	11
		% of Total	0,0%	0,7%	0,7%	0,0%	0,7%	1,5%	0,4%	4,0%
	Ensino secundário incompleto	Count	0	0	0	0	0	0	1	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	0	3	2	0	0	1	0	6
		% of Total	0,0%	1,1%	0,7%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	2,2%
	Licenciatura incompleta	Count	0	1	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Licenciatura	Count	1	2	3	0	0	1	0	7
		% of Total	0,4%	0,7%	1,1%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	2,6%
	Doutoramento	Count	0	0	0	0	0	1	0	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	0,4%
Total	Count	5	21	27	15	14	134	56	272	
	% of Total	1,8%	7,7%	9,9%	5,5%	5,1%	49,3%	20,6%	100,0%	

Nível de formação * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	1	1	4	3	3	15	14	41
		% of Total	0,4%	0,4%	1,4%	1,1%	1,1%	5,4%	5,1%	14,9%
	1º ciclo incompleto	Count	3	0	3	5	1	23	11	46
		% of Total	1,1%	0,0%	1,1%	1,8%	0,4%	8,3%	4,0%	16,7%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	14	15	17	22	4	48	26	146
		% of Total	5,1%	5,4%	6,2%	8,0%	1,4%	17,4%	9,4%	52,9%
	2º ciclo incompleto	Count	0	0	2	0	0	1	0	3
		% of Total	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	1,1%
	2º ciclo (6º ano)	Count	1	0	2	3	0	3	3	12
		% of Total	0,4%	0,0%	0,7%	1,1%	0,0%	1,1%	1,1%	4,3%
	3º ciclo (9º ano)	Count	2	4	1	0	1	2	1	11
		% of Total	0,7%	1,4%	0,4%	0,0%	0,4%	0,7%	0,4%	4,0%
	Ensino secundário incompleto	Count	0	0	0	0	0	0	1	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	2	3	1	0	0	0	0	6
		% of Total	0,7%	1,1%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,2%
	Licenciatura incompleta	Count	0	1	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Licenciatura	Count	0	3	2	2	0	1	0	8
		% of Total	0,0%	1,1%	0,7%	0,7%	0,0%	0,4%	0,0%	2,9%
	Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
Total		Count	24	27	32	35	9	93	56	276
		% of Total	8,7%	9,8%	11,6%	12,7%	3,3%	33,7%	20,3%	100,0%

Nível de formação * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel Crosstabulation

			Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	2	1	4	3	3	16	13	42
		% of Total	0,7%	0,4%	1,4%	1,1%	1,1%	5,8%	4,7%	15,1%
	1º ciclo incompleto	Count	2	3	4	4	1	20	11	45
		% of Total	0,7%	1,1%	1,4%	1,4%	0,4%	7,2%	4,0%	16,2%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	13	36	18	17	3	39	21	147
		% of Total	8,7%	24,5%	12,2%	11,6%	2,0%	26,5%	14,3%	52,9%

	% of Total	4,7%	12,9%	6,5%	6,1%	1,1%	14,0%	7,6%	52,9%
2º ciclo incompleto	Count	1	1	0	1	0	0	0	3
	% of Total	0,4%	0,4%	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%
2º ciclo (6º ano)	Count	1	3	1	2	0	2	3	12
	% of Total	0,4%	1,1%	0,4%	0,7%	0,0%	0,7%	1,1%	4,3%
3º ciclo (9º ano)	Count	3	7	0	0	0	1	1	12
	% of Total	1,1%	2,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%	4,3%
Ensino secundário incompleto	Count	0	0	0	0	0	0	1	1
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
Ensino secundário (12º ano)	Count	2	4	0	0	0	0	0	6
	% of Total	0,7%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,2%
Licenciatura incompleta	Count	0	1	0	0	0	0	0	1
	% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
Licenciatura	Count	1	6	1	0	0	0	0	8
	% of Total	0,4%	2,2%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%
Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
	% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
Total	Count	26	62	28	27	7	78	50	278
	% of Total	9,4%	22,3%	10,1%	9,7%	2,5%	28,1%	18,0%	100,0%

Nível de formação * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	4	4	5	4	3	12	11	43
		% of Total	1,4%	1,4%	1,8%	1,4%	1,1%	4,3%	3,9%	15,4%
	1º ciclo incompleto	Count	5	8	6	8	0	7	12	46
		% of Total	1,8%	2,9%	2,1%	2,9%	0,0%	2,5%	4,3%	16,4%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	19	44	20	17	5	23	20	148
		% of Total	6,8%	15,7%	7,1%	6,1%	1,8%	8,2%	7,1%	52,9%
	2º ciclo incompleto	Count	1	0	0	2	0	0	0	3
		% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%
	2º ciclo (6º ano)	Count	3	1	3	2	0	0	3	12
		% of Total	1,1%	0,4%	1,1%	0,7%	0,0%	0,0%	1,1%	4,3%
	3º ciclo (9º ano)	Count	3	5	2	0	0	0	1	11
		% of Total	1,1%	1,8%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	3,9%
	Ensino secundário incompleto	Count	0	0	0	0	0	0	1	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
		Count	1	3	2	0	0	0	0	6

Total	Ensino secundário (12º ano)	% of Total	0,4%	1,1%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,1%
	Licenciatura incompleta	Count	0	1	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Licenciatura	Count	1	5	1	0	0	1	0	8
		% of Total	0,4%	1,8%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	2,9%
	Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
		Count	38	71	39	33	8	43	48	280
		% of Total	13,6%	25,4%	13,9%	11,8%	2,9%	15,4%	17,1%	100,0%

Nível de formação * Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer Crosstabulation

			Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Nível de formação	Analfabeto	Count	6	10	6	2	3	8	9	44
		% of Total	2,1%	3,5%	2,1%	0,7%	1,1%	2,8%	3,2%	15,5%
	1º ciclo incompleto	Count	8	14	5	3	0	6	10	46
		% of Total	2,8%	4,9%	1,8%	1,1%	0,0%	2,1%	3,5%	16,2%
	1º ciclo (4ª classe)	Count	31	62	12	3	3	21	18	150
		% of Total	10,9%	21,8%	4,2%	1,1%	1,1%	7,4%	6,3%	52,8%
	2º ciclo incompleto	Count	1	1	0	1	0	0	0	3
		% of Total	0,4%	0,4%	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%
	2º ciclo (6º ano)	Count	4	3	1	1	0	0	3	12
		% of Total	1,4%	1,1%	0,4%	0,4%	0,0%	0,0%	1,1%	4,2%
	3º ciclo (9º ano)	Count	5	4	0	0	1	0	2	12
		% of Total	1,8%	1,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	0,7%	4,2%
	Ensino secundário incompleto	Count	0	0	0	0	0	0	1	1
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%
	Ensino secundário (12º ano)	Count	3	3	0	0	0	0	0	6
		% of Total	1,1%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,1%
	Licenciatura incompleta	Count	0	1	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Licenciatura	Count	1	6	1	0	0	0	0	8
		% of Total	0,4%	2,1%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,8%
	Doutoramento	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
Total	Count	60	104	25	10	7	35	43	284	
	% of Total	21,1%	36,6%	8,8%	3,5%	2,5%	12,3%	15,1%	100,0%	

Competências infocomunicacionais de acordo com a situação profissional

PAIS

Situação profissional * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	13	23	6	5	3	7	8	65
		% of Total	3,6%	6,3%	1,6%	1,4%	0,8%	1,9%	2,2%	17,9%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	16	14	6	0	0	4	2	42
		% of Total	4,4%	3,8%	1,6%	0,0%	0,0%	1,1%	0,5%	11,5%
	Militar	Count	1	1	0	0	0	0	0	2
		% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
	Funcionário público	Count	35	34	3	2	5	7	8	94
		% of Total	9,6%	9,3%	0,8%	0,5%	1,4%	1,9%	2,2%	25,8%
	Agricultor	Count	1	4	1	0	1	2	3	12
		% of Total	0,3%	1,1%	0,3%	0,0%	0,3%	0,5%	0,8%	3,3%
	Desempregado	Count	10	14	2	4	3	10	6	49
		% of Total	2,7%	3,8%	0,5%	1,1%	0,8%	2,7%	1,6%	13,5%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	2	5	1	1	3	3	2	17
		% of Total	0,5%	1,4%	0,3%	0,3%	0,8%	0,8%	0,5%	4,7%
	Técnico superior	Count	4	2	1	0	0	0	0	7
		% of Total	1,1%	0,5%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
	Operário fabril	Count	1	1	1	0	0	3	0	6
		% of Total	0,3%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,8%	0,0%	1,6%
	Estudante	Count	1	0	1	0	1	0	0	3
		% of Total	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,8%
	Reformado/Pré- reforma	Count	0	1	2	0	0	1	0	4
		% of Total	0,0%	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	1,1%
	Outra	Count	6	18	6	4	1	17	11	63
		% of Total	1,6%	4,9%	1,6%	1,1%	0,3%	4,7%	3,0%	17,3%
Total		Count	90	117	30	16	17	54	40	364
		% of Total	24,7%	32,1%	8,2%	4,4%	4,7%	14,8%	11,0%	100,0%

Situação profissional * Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc. Crosstabulation

			Sou capaz de partilhar fotografias, textos e vídeos em redes sociais online, wikis, blogs, fóruns etc.							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	7	19	11	5	2	12	10	66
		% of Total	1,9%	5,2%	3,0%	1,4%	0,6%	3,3%	2,8%	18,2%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	8	14	8	2	0	7	3	42
		% of Total	2,2%	3,9%	2,2%	0,6%	0,0%	1,9%	0,8%	11,6%
	Militar	Count	1	1	0	0	0	0	0	2
		% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%
	Funcionário público	Count	17	27	11	4	0	25	8	92
		% of Total	4,7%	7,4%	3,0%	1,1%	0,0%	6,9%	2,2%	25,3%
	Agricultor	Count	0	3	3	0	1	2	3	12
		% of Total	0,0%	0,8%	0,8%	0,0%	0,3%	0,6%	0,8%	3,3%
	Desempregado	Count	5	12	5	4	3	14	5	48
		% of Total	1,4%	3,3%	1,4%	1,1%	0,8%	3,9%	1,4%	13,2%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	2	3	2	2	1	5	2	17
		% of Total	0,6%	0,8%	0,6%	0,6%	0,3%	1,4%	0,6%	4,7%
	Técnico superior	Count	2	3	2	0	0	0	0	7
		% of Total	0,6%	0,8%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
	Operário fabril	Count	0	2	2	0	0	3	0	7
		% of Total	0,0%	0,6%	0,6%	0,0%	0,0%	0,8%	0,0%	1,9%
	Estudante	Count	0	0	2	0	0	0	1	3
		% of Total	0,0%	0,0%	0,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,8%
	Reformado/Pré-reforma	Count	0	1	1	1	0	1	0	4
		% of Total	0,0%	0,3%	0,3%	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	1,1%
	Outra	Count	4	14	11	3	3	19	9	63
		% of Total	1,1%	3,9%	3,0%	0,8%	0,8%	5,2%	2,5%	17,4%
Total		Count	46	99	58	21	10	88	41	363
		% of Total	12,7%	27,3%	16,0%	5,8%	2,8%	24,2%	11,3%	100,0%

Situação profissional * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações Crosstabulation

			Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	8	27	9	4	1	9	8	66
		% of Total	2,2%	7,5%	2,5%	1,1%	0,3%	2,5%	2,2%	18,3%
		Count	9	15	6	1	1	8	1	41

	Pessoal administrativo ou dos serviços	% of Total	2,5%	4,2%	1,7%	0,3%	0,3%	2,2%	0,3%	11,4%
		Count	1	1	0	0	0	0	0	2
	Militar	% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%
		Count	17	37	7	5	0	16	10	92
	Funcionário público	% of Total	4,7%	10,2%	1,9%	1,4%	0,0%	4,4%	2,8%	25,5%
		Count	0	4	2	1	1	1	3	12
	Agricultor	% of Total	0,0%	1,1%	0,6%	0,3%	0,3%	0,3%	0,8%	3,3%
		Count	5	15	4	3	3	11	6	47
	Desempregado	% of Total	1,4%	4,2%	1,1%	0,8%	0,8%	3,0%	1,7%	13,0%
		Count	2	4	2	1	1	5	2	17
	Trabalhador familiar não remunerado	% of Total	0,6%	1,1%	0,6%	0,3%	0,3%	1,4%	0,6%	4,7%
		Count	3	3	1	0	0	0	0	7
	Técnico superior	% of Total	0,8%	0,8%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
		Count	0	3	1	0	0	3	0	7
	Operário fabril	% of Total	0,0%	0,8%	0,3%	0,0%	0,0%	0,8%	0,0%	1,9%
		Count	0	0	1	0	1	0	1	3
	Estudante	% of Total	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	0,3%	0,8%
		Count	0	1	1	0	0	1	1	4
	Reformado/Pré-reforma	% of Total	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,3%	0,3%	1,1%
		Count	4	16	7	2	5	18	11	63
	Outra	% of Total	1,1%	4,4%	1,9%	0,6%	1,4%	5,0%	3,0%	17,5%
		Count	49	126	41	17	13	72	43	361
Total		% of Total	13,6%	34,9%	11,4%	4,7%	3,6%	19,9%	11,9%	100,0%

Situação profissional * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	16	30	8	4	0	1	7	66
		% of Total	4,4%	8,2%	2,2%	1,1%	0,0%	0,3%	1,9%	18,1%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	18	14	3	1	0	4	0	40
		% of Total	4,9%	3,8%	0,8%	0,3%	0,0%	1,1%	0,0%	11,0%
	Militar	Count	1	1	0	0	0	0	0	2
		% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
	Funcionário público	Count	32	35	4	2	1	9	9	92
		% of Total	8,8%	9,6%	1,1%	0,5%	0,3%	2,5%	2,5%	25,3%
	Agricultor	Count	0	5	2	2	0	0	3	12
		% of Total	0,0%	1,4%	0,5%	0,5%	0,0%	0,0%	0,8%	3,3%

	Desempregado	Count	12	23	2	2	1	6	4	50
		% of Total	3,3%	6,3%	0,5%	0,5%	0,3%	1,6%	1,1%	13,7%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	6	6	1	0	1	2	1	17
		% of Total	1,6%	1,6%	0,3%	0,0%	0,3%	0,5%	0,3%	4,7%
	Técnico superior	Count	5	2	0	0	0	0	0	7
		% of Total	1,4%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
	Operário fabril	Count	1	4	1	0	0	0	1	7
		% of Total	0,3%	1,1%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	1,9%
	Estudante	Count	1	1	1	0	0	0	0	3
		% of Total	0,3%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%
	Reformado/Pré- reforma	Count	0	2	0	0	0	2	0	4
		% of Total	0,0%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	1,1%
	Outra	Count	15	27	3	1	0	11	7	64
		% of Total	4,1%	7,4%	0,8%	0,3%	0,0%	3,0%	1,9%	17,6%
Total		Count	107	150	25	12	3	35	32	364
		% of Total	29,4%	41,2%	6,9%	3,3%	0,8%	9,6%	8,8%	100,0%

Situação profissional * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel Crosstabulation

			Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							Total
			no telemóvel							
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	27	25	7	2	0	0	4	65
		% of Total	7,4%	6,8%	1,9%	0,5%	0,0%	0,0%	1,1%	17,8%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	21	17	2	0	0	2	0	42
		% of Total	5,8%	4,7%	0,5%	0,0%	0,0%	0,5%	0,0%	11,5%
	Militar	Count	1	1	0	0	0	0	0	2
		% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
	Funcionário público	Count	52	32	1	0	2	0	6	93
		% of Total	14,2%	8,8%	0,3%	0,0%	0,5%	0,0%	1,6%	25,5%
	Agricultor	Count	1	6	1	2	0	0	2	12
		% of Total	0,3%	1,6%	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,5%	3,3%
	Desempregado	Count	19	17	3	0	1	4	4	48
		% of Total	5,2%	4,7%	0,8%	0,0%	0,3%	1,1%	1,1%	13,2%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	9	3	1	1	1	1	1	17
		% of Total	2,5%	0,8%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	0,3%	4,7%
	Técnico superior	Count	5	2	0	0	0	0	0	7
		% of Total	1,4%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
	Operário fabril	Count	2	4	1	0	0	0	0	7
		% of Total	0,5%	1,1%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%

	Estudante	Count	1	2	0	0	0	0	3
		% of Total	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%
	Reformado/Pré-reforma	Count	1	2	0	0	1	0	4
		% of Total	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	1,1%
	Outra	Count	25	28	1	1	4	6	65
		% of Total	6,8%	7,7%	0,3%	0,3%	1,1%	1,6%	17,8%
Total		Count	164	139	17	6	4	23	365
		% of Total	44,9%	38,1%	4,7%	1,6%	1,1%	6,3%	100,0%

Situação profissional * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	17	26	10	3	2	2	6	66
		% of Total	4,6%	7,1%	2,7%	0,8%	0,5%	0,5%	1,6%	17,9%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	17	13	5	2	1	2	2	42
		% of Total	4,6%	3,5%	1,4%	0,5%	0,3%	0,5%	0,5%	11,4%
	Militar	Count	1	1	0	0	0	0	0	2
		% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
	Funcionário público	Count	30	34	10	1	2	10	7	94
		% of Total	8,2%	9,2%	2,7%	0,3%	0,5%	2,7%	1,9%	25,5%
	Agricultor	Count	2	7	1	0	0	0	2	12
		% of Total	0,5%	1,9%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	3,3%
	Desempregado	Count	14	20	4	0	1	7	3	49
		% of Total	3,8%	5,4%	1,1%	0,0%	0,3%	1,9%	0,8%	13,3%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	6	4	2	0	1	3	1	17
		% of Total	1,6%	1,1%	0,5%	0,0%	0,3%	0,8%	0,3%	4,6%
	Técnico superior	Count	3	4	0	0	0	0	0	7
		% of Total	0,8%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
	Operário fabril	Count	3	3	1	0	0	0	0	7
		% of Total	0,8%	0,8%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
	Estudante	Count	1	1	1	0	0	0	0	3
		% of Total	0,3%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%
	Reformado/Pré-reforma	Count	1	0	1	1	0	1	0	4
		% of Total	0,3%	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	0,3%	0,0%	1,1%
	Outra	Count	13	28	8	2	0	8	6	65
		% of Total	3,5%	7,6%	2,2%	0,5%	0,0%	2,2%	1,6%	17,7%
Total		Count	108	141	43	9	7	33	27	368
		% of Total	29,3%	38,3%	11,7%	2,4%	1,9%	9,0%	7,3%	100,0%

Situação profissional * Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer Crosstabulation

			Consigo seleccionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer							Total
			pretendo fazer							
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	23	32	4	1	0	0	5	65
		% of Total	6,3%	8,8%	1,1%	0,3%	0,0%	0,0%	1,4%	17,8%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	18	17	2	1	1	2	1	42
		% of Total	4,9%	4,7%	0,5%	0,3%	0,3%	0,5%	0,3%	11,5%
	Militar	Count	1	1	0	0	0	0	0	2
		% of Total	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%
	Funcionário público	Count	44	35	5	0	1	2	7	94
		% of Total	12,1%	9,6%	1,4%	0,0%	0,3%	0,5%	1,9%	25,8%
	Agricultor	Count	3	6	2	0	0	0	1	12
		% of Total	0,8%	1,6%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	3,3%
	Desempregado	Count	17	20	3	0	0	4	5	49
		% of Total	4,7%	5,5%	0,8%	0,0%	0,0%	1,1%	1,4%	13,4%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	8	6	0	0	1	1	1	17
		% of Total	2,2%	1,6%	0,0%	0,0%	0,3%	0,3%	0,3%	4,7%
	Técnico superior	Count	5	2	0	0	0	0	0	7
		% of Total	1,4%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
	Operário fabril	Count	3	3	1	0	0	0	0	7
		% of Total	0,8%	0,8%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,9%
	Estudante	Count	1	1	1	0	0	0	0	3
		% of Total	0,3%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%
	Reformado/Pré-reforma	Count	1	1	1	0	0	1	0	4
		% of Total	0,3%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	1,1%
	Outra	Count	19	31	1	0	0	5	7	63
		% of Total	5,2%	8,5%	0,3%	0,0%	0,0%	1,4%	1,9%	17,3%
Total	Count	143	155	20	2	3	15	27	365	
	% of Total	39,2%	42,5%	5,5%	0,5%	0,8%	4,1%	7,4%	100,0%	

AVÓS

Situação profissional * Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

		Cross-tabulation:							Total
		Consigo configurar o computador de acordo com as minhas preferências pessoais							
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	

	Reformado/Pré-reforma	Count	5	9	22	17	10	110	44	217
		% of Total	1,8%	3,3%	8,1%	6,3%	3,7%	40,4%	16,2%	79,8%
	Outra	Count	1	1	0	1	0	8	3	14
		% of Total	0,4%	0,4%	0,0%	0,4%	0,0%	2,9%	1,1%	5,1%
Total		Count	8	12	28	19	12	142	51	272
		% of Total	2,9%	4,4%	10,3%	7,0%	4,4%	52,2%	18,8%	100,0%

Situação profissional * Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações Crosstabulation

			Sou capaz de avaliar questões de privacidade e segurança antes de disponibilizar informações							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	0	0	2	0	1	2	1	6
		% of Total	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	0,4%	0,7%	0,4%	2,2%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	0	1	0	0	0	2	0	3
		% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	1,1%
	Funcionário público	Count	1	0	0	0	1	3	0	5
		% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	1,1%	0,0%	1,9%
	Agricultor	Count	0	3	0	1	1	4	2	11
		% of Total	0,0%	1,1%	0,0%	0,4%	0,4%	1,5%	0,7%	4,1%
	Desempregado	Count	0	0	2	0	0	8	1	11
		% of Total	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	0,0%	3,0%	0,4%	4,1%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	0	0	0	0	0	4	0	4
		% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,5%	0,0%	1,5%
	Estudante	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Reformado/Pré-reforma	Count	3	15	21	14	11	103	47	214
		% of Total	1,1%	5,6%	7,8%	5,2%	4,1%	38,3%	17,5%	79,6%
	Outra	Count	0	1	1	1	0	8	3	14
		% of Total	0,0%	0,4%	0,4%	0,4%	0,0%	3,0%	1,1%	5,2%
Total	Count	5	20	26	16	14	134	54	269	
	% of Total	1,9%	7,4%	9,7%	5,9%	5,2%	49,8%	20,1%	100,0%	

Situação profissional * Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation										
			Sou capaz de configurar o telemóvel de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	3	0	0	0	0	1	2	6
		% of Total	1.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.4%	0.7%	2.2%

	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	0	1	1	0	0	1	0	3
		% of Total	0,0%	0,4%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	1,1%
	Funcionário público	Count	1	2	0	0	0	2	0	5
		% of Total	0,4%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	1,8%
	Agricultor	Count	2	1	1	2	0	2	3	11
		% of Total	0,7%	0,4%	0,4%	0,7%	0,0%	0,7%	1,1%	4,0%
	Desempregado	Count	2	1	1	1	0	6	0	11
		% of Total	0,7%	0,4%	0,4%	0,4%	0,0%	2,2%	0,0%	4,0%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	0	1	0	0	0	2	1	4
		% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%	0,4%	1,5%
	Estudante	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Reformado/Pré-reforma	Count	14	18	27	30	9	74	45	217
		% of Total	5,1%	6,6%	9,9%	11,0%	3,3%	27,2%	16,5%	79,8%
	Outra	Count	1	3	1	2	0	4	3	14
		% of Total	0,4%	1,1%	0,4%	0,7%	0,0%	1,5%	1,1%	5,1%
Total		Count	24	27	31	35	9	92	54	272
		% of Total	8,8%	9,9%	11,4%	12,9%	3,3%	33,8%	19,9%	100,0%

Situação profissional * Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel Crosstabulation

			Sou capaz de ler e responder às mensagens recebidas no telemóvel							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	2	2	0	1	0	1	0	6
		% of Total	0,7%	0,7%	0,0%	0,4%	0,0%	0,4%	0,0%	2,2%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	0	1	1	0	0	1	0	3
		% of Total	0,0%	0,4%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	1,1%
	Funcionário público	Count	1	2	1	0	0	1	0	5
		% of Total	0,4%	0,7%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	1,8%
	Agricultor	Count	2	6	0	0	0	2	2	12
		% of Total	0,7%	2,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%	0,7%	4,4%
	Desempregado	Count	3	4	0	0	0	4	0	11
		% of Total	1,1%	1,5%	0,0%	0,0%	0,0%	1,5%	0,0%	4,0%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	0	1	0	0	0	1	2	4
		% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,7%	1,5%
	Estudante	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Reformado/Pré-reforma	Count	14	43	23	26	7	62	42	217
		% of Total	5,1%	15,8%	8,4%	9,5%	2,6%	22,7%	15,4%	79,5%

Total	Outra	Count	2	2	3	1	0	3	3	14
		% of Total	0,7%	0,7%	1,1%	0,4%	0,0%	1,1%	1,1%	5,1%
		Count	25	61	28	28	7	75	49	273
		% of Total	9,2%	22,3%	10,3%	10,3%	2,6%	27,5%	17,9%	100,0%

Situação profissional * Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais

Crosstabulation

			Sou capaz de configurar a televisão de acordo com as minhas preferências pessoais							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	3	1	1	0	0	0	1	6
		% of Total	1,1%	0,4%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	2,2%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	0	1	1	0	0	1	0	3
		% of Total	0,0%	0,4%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	1,1%
	Funcionário público	Count	1	2	1	0	0	1	0	5
		% of Total	0,4%	0,7%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	1,8%
	Agricultor	Count	2	4	1	0	0	2	2	11
		% of Total	0,7%	1,4%	0,4%	0,0%	0,0%	0,7%	0,7%	4,0%
	Desempregado	Count	4	3	2	0	0	2	0	11
		% of Total	1,4%	1,1%	0,7%	0,0%	0,0%	0,7%	0,0%	4,0%
	Trabalhador familiar não remunerado	Count	0	1	0	0	0	1	2	4
		% of Total	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,7%	1,4%
	Estudante	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
		% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Reformado/Pré-reforma	Count	24	57	29	33	8	32	37	220
		% of Total	8,7%	20,7%	10,5%	12,0%	2,9%	11,6%	13,4%	79,7%
	Outra	Count	4	1	2	1	0	3	4	15
		% of Total	1,4%	0,4%	0,7%	0,4%	0,0%	1,1%	1,4%	5,4%
Total	Count	39	70	37	34	8	42	46	276	
	% of Total	14,1%	25,4%	13,4%	12,3%	2,9%	15,2%	16,7%	100,0%	

Situação profissional * Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer Crosstabulation

			Consigo selecionar no menu da televisão a ação que pretendo fazer							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Situação profissional	Empregado por conta própria	Count	2	3	1	0	0	0	0	6
		% of Total	0,7%	1,1%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,1%
	Pessoal administrativo ou dos serviços	Count	0	3	0	0	0	0	0	3
		% of Total	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%
	Funcionário público	Count	1	2	1	0	0	1	0	5

	% of Total	0,4%	0,7%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	1,8%
	Count	3	4	0	0	0	2	3	12
Agricultor	% of Total	1,1%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%	1,1%	4,3%
	Count	5	2	1	0	0	3	0	11
Desempregado	% of Total	1,8%	0,7%	0,4%	0,0%	0,0%	1,1%	0,0%	3,9%
	Count	1	1	0	0	0	1	1	4
Trabalhador familiar não remunerado	% of Total	0,4%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,4%	1,4%
	Count	1	0	0	0	0	0	0	1
Estudante	% of Total	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
	Count	41	83	20	11	7	26	35	223
Reformado/Pré- reforma	% of Total	14,6%	29,6%	7,1%	3,9%	2,5%	9,3%	12,5%	79,6%
	Count	7	4	0	0	0	2	2	15
Outra	% of Total	2,5%	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,7%	0,7%	5,4%
	Count	61	102	23	11	7	35	41	280
Total	% of Total	21,8%	36,4%	8,2%	3,9%	2,5%	12,5%	14,6%	100,0%

Tempo despendido com a utilização dos media, por gerações

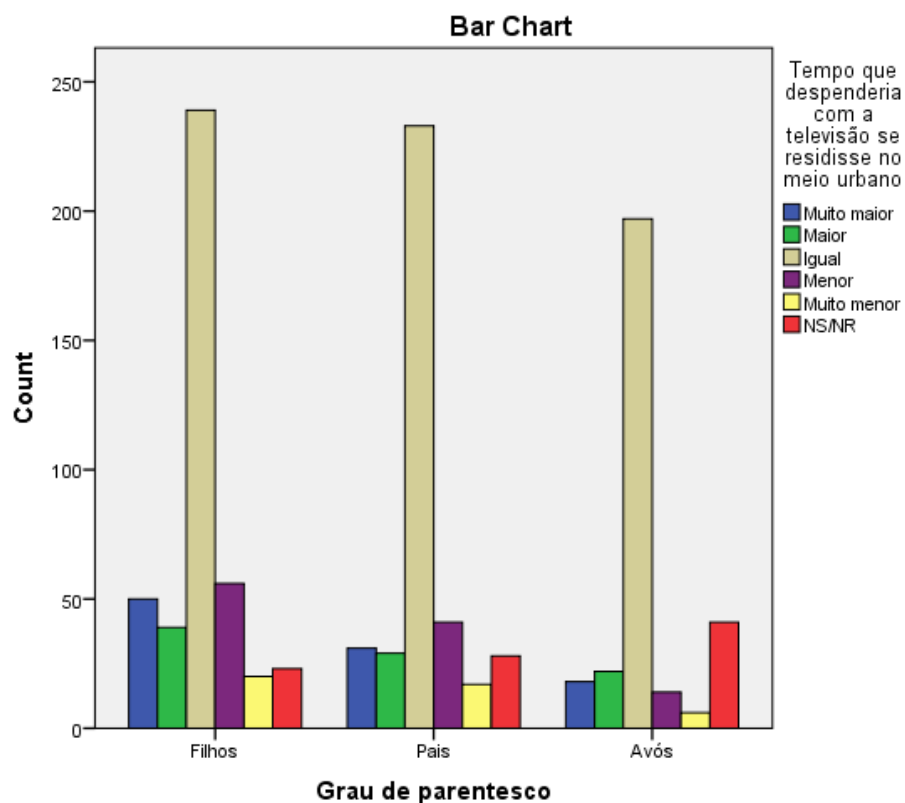
Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Gerações * Tempo que despenderia com a televisão se residisse no meio urbano	1104	95,9%	47	4,1%	1151	100,0%
Gerações * Tempo que despenderia com o computador se residisse no meio urbano	1033	89,7%	118	10,3%	1151	100,0%
Gerações * Tempo que despenderia com a internet se residisse no meio urbano	1029	89,4%	122	10,6%	1151	100,0%
Gerações * Tempo que despenderia com o telemóvel se residisse no meio urbano	1064	92,4%	87	7,6%	1151	100,0%

Gerações * Tempo que despenderia com a televisão se residisse no meio urbano Crosstabulation

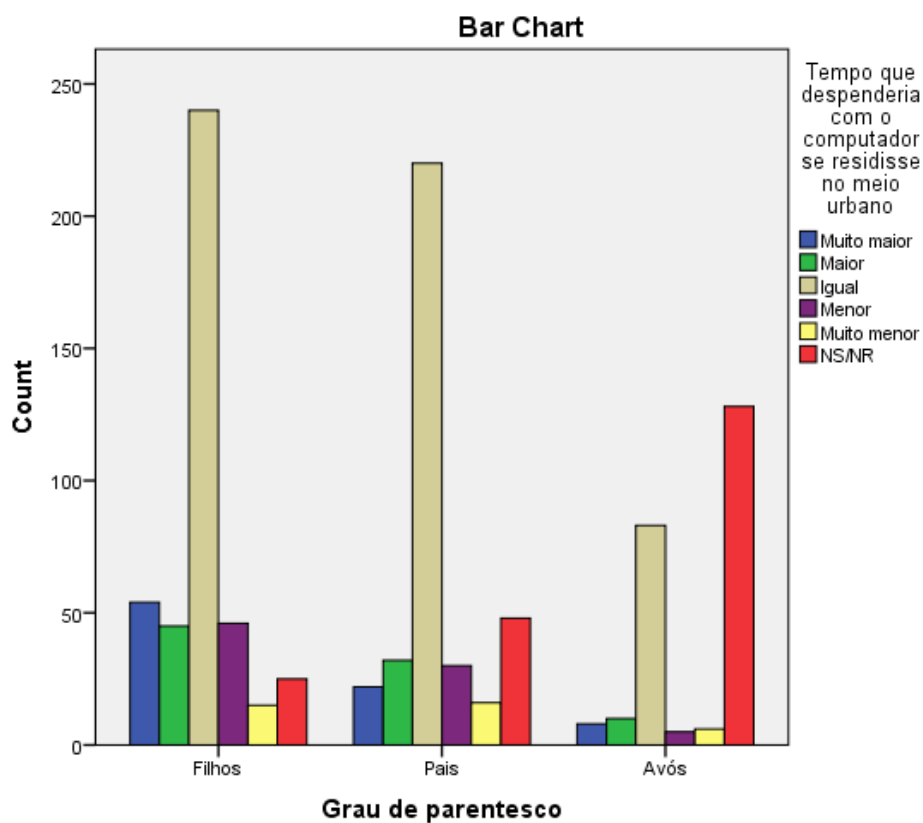
		Tempo que despenderia com a televisão se residisse no meio urbano						Total
		Muito maior	Maior	Igual	Menor	Muito menor	NS/NR	
	Count	50	39	239	56	20	23	427
Filhos	% within Gerações	11,7%	9,1%	56,0%	13,1%	4,7%	5,4%	100,0%
	% of Total	4,5%	3,5%	21,6%	5,1%	1,8%	2,1%	38,7%
	Count	31	29	233	41	17	28	379
Gerações Pais	% within Gerações	8,2%	7,7%	61,5%	10,8%	4,5%	7,4%	100,0%
	% of Total	2,8%	2,6%	21,1%	3,7%	1,5%	2,5%	34,3%
	Count	18	22	197	14	6	41	298
Avós	% within Gerações	6,0%	7,4%	66,1%	4,7%	2,0%	13,8%	100,0%
	% of Total	1,6%	2,0%	17,8%	1,3%	0,5%	3,7%	27,0%
Total	Count	99	90	669	111	43	92	1104

% within Gerações	9,0%	8,2%	60,6%	10,1%	3,9%	8,3%	100,0%
% of Total	9,0%	8,2%	60,6%	10,1%	3,9%	8,3%	100,0%



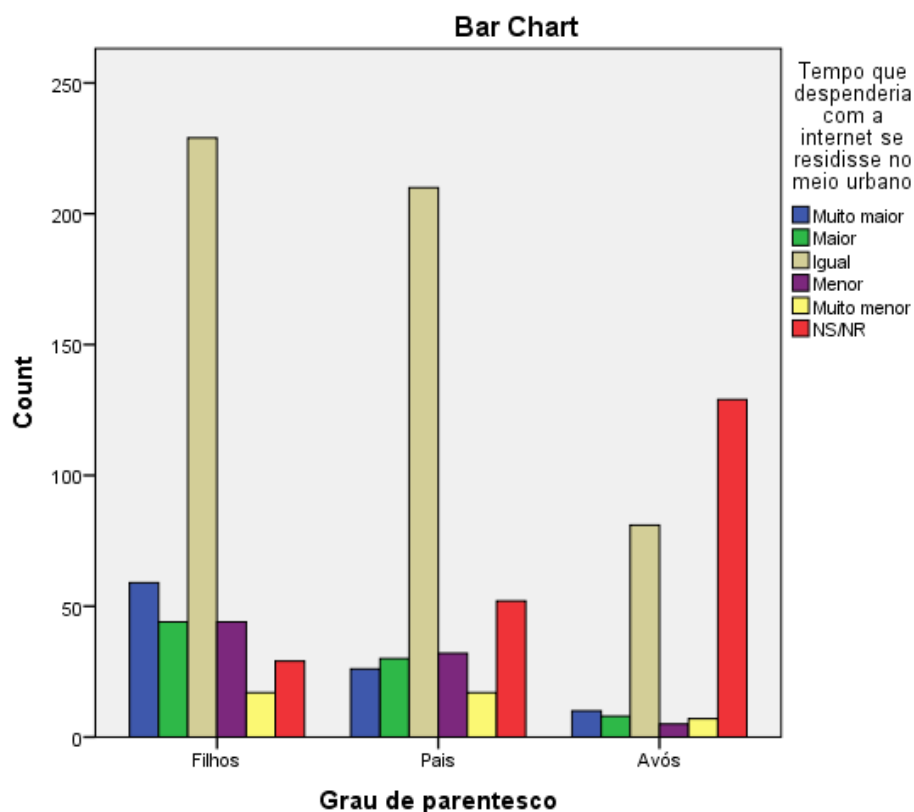
Gerações * Tempo que despenderia com o computador se residisse no meio urbano Crosstabulation

			Tempo que despenderia com o computador se residisse no meio urbano					Total	
			Muito maior	Maior	Igual	Menor	Muito menor		NS/NR
Gerações	Filhos	Count	54	45	240	46	15	25	425
		% within Gerações	12,7%	10,6%	56,5%	10,8%	3,5%	5,9%	100,0%
		% of Total	5,2%	4,4%	23,2%	4,5%	1,5%	2,4%	41,1%
	Pais	Count	22	32	220	30	16	48	368
		% within Gerações	6,0%	8,7%	59,8%	8,2%	4,3%	13,0%	100,0%
		% of Total	2,1%	3,1%	21,3%	2,9%	1,5%	4,6%	35,6%
	Avós	Count	8	10	83	5	6	128	240
		% within Gerações	3,3%	4,2%	34,6%	2,1%	2,5%	53,3%	100,0%
		% of Total	0,8%	1,0%	8,0%	0,5%	0,6%	12,4%	23,2%
Total	Count	84	87	543	81	37	201	1033	
	% within Gerações	8,1%	8,4%	52,6%	7,8%	3,6%	19,5%	100,0%	
	% of Total	8,1%	8,4%	52,6%	7,8%	3,6%	19,5%	100,0%	



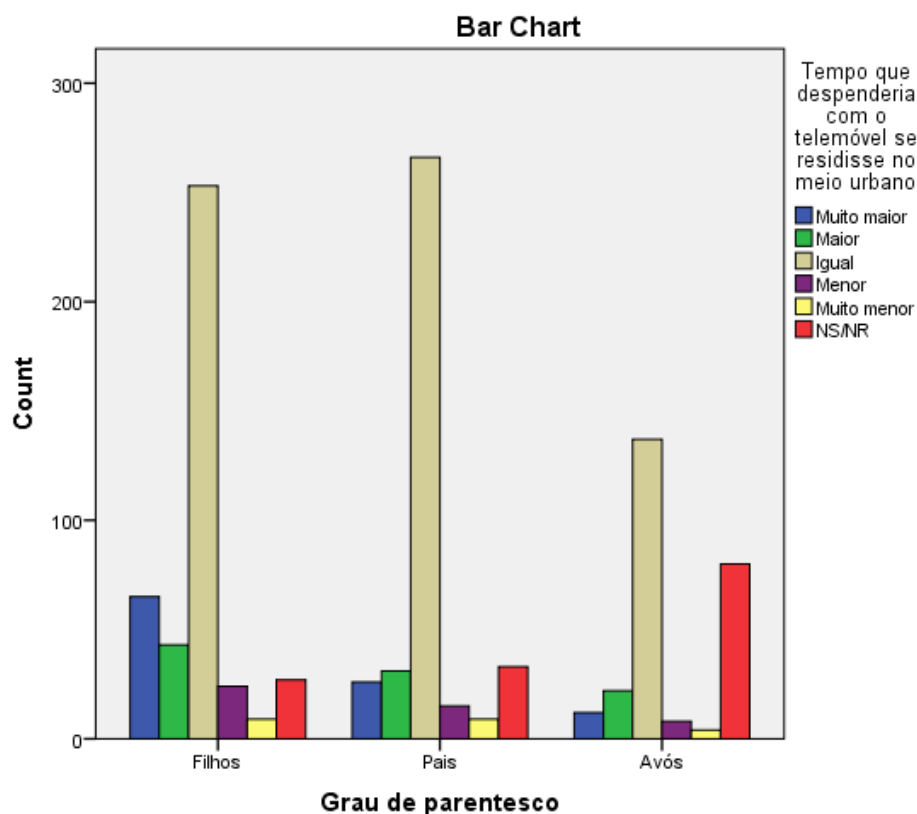
Gerações * Tempo que despenderia com a internet se residisse no meio urbano Crosstabulation

		Tempo que despenderia com a internet se residisse no meio urbano						Total
		Muito maior	Maior	Igual	Menor	Muito menor	NS/NR	
Gerações	Count	59	44	229	44	17	29	422
	Filhos % within Gerações	14,0%	10,4%	54,3%	10,4%	4,0%	6,9%	100,0%
	% of Total	5,7%	4,3%	22,3%	4,3%	1,7%	2,8%	41,0%
	Count	26	30	210	32	17	52	367
	Pais % within Gerações	7,1%	8,2%	57,2%	8,7%	4,6%	14,2%	100,0%
	% of Total	2,5%	2,9%	20,4%	3,1%	1,7%	5,1%	35,7%
	Count	10	8	81	5	7	129	240
	Avós % within Gerações	4,2%	3,3%	33,8%	2,1%	2,9%	53,8%	100,0%
	% of Total	1,0%	0,8%	7,9%	0,5%	0,7%	12,5%	23,3%
Total	Count	95	82	520	81	41	210	1029
	% within Gerações	9,2%	8,0%	50,5%	7,9%	4,0%	20,4%	100,0%
	% of Total	9,2%	8,0%	50,5%	7,9%	4,0%	20,4%	100,0%



Gerações * Tempo que despenderia com o telemóvel se residisse no meio urbano Crosstabulation

		Tempo que despenderia com o telemóvel se residisse no meio urbano						Total
		Muito maior	Maior	Igual	Menor	Muito menor	NS/NR	
Gerações	Count	65	43	253	24	9	27	421
	Filhos % within Gerações	15,4%	10,2%	60,1%	5,7%	2,1%	6,4%	100,0%
	% of Total	6,1%	4,0%	23,8%	2,3%	0,8%	2,5%	39,6%
	Count	26	31	266	15	9	33	380
	Pais % within Gerações	6,8%	8,2%	70,0%	3,9%	2,4%	8,7%	100,0%
	% of Total	2,4%	2,9%	25,0%	1,4%	0,8%	3,1%	35,7%
	Count	12	22	137	8	4	80	263
	Avós % within Gerações	4,6%	8,4%	52,1%	3,0%	1,5%	30,4%	100,0%
	% of Total	1,1%	2,1%	12,9%	0,8%	0,4%	7,5%	24,7%
Total	Count	103	96	656	47	22	140	1064
	% within Gerações	9,7%	9,0%	61,7%	4,4%	2,1%	13,2%	100,0%
	% of Total	9,7%	9,0%	61,7%	4,4%	2,1%	13,2%	100,0%



Tempo despendido com a utilização dos media, por sexo

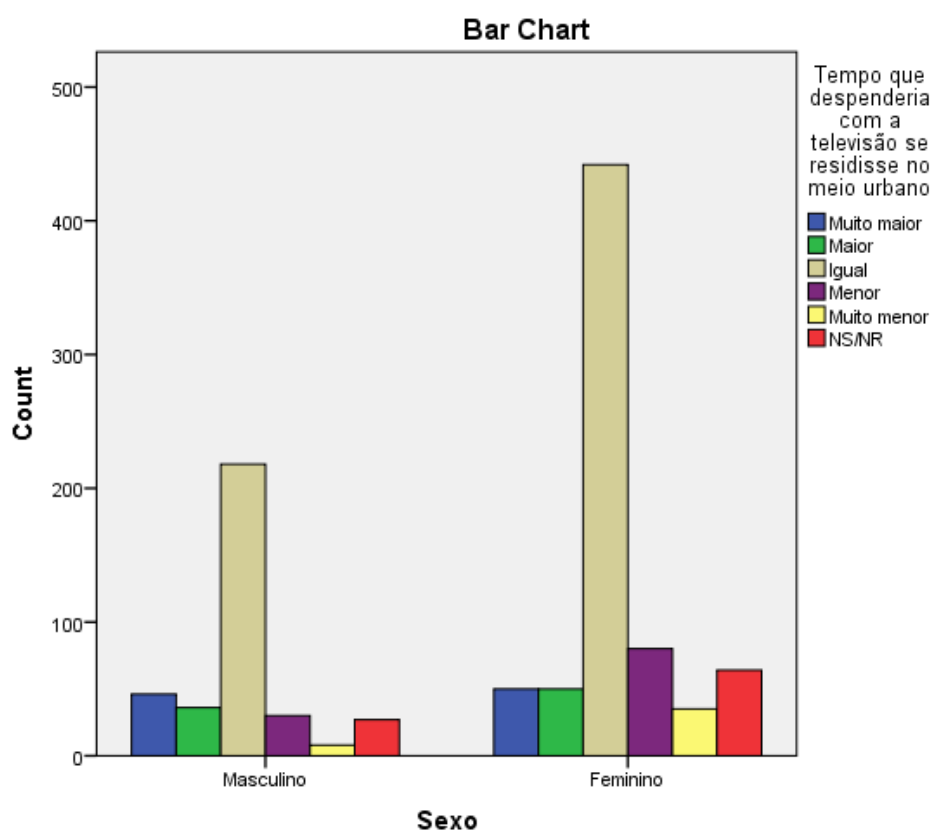
Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sexo * Tempo que despenderia com a televisão se residisse no meio urbano	1086	94,4%	65	5,6%	1151	100,0%
Sexo * Tempo que despenderia com o computador se residisse no meio urbano	1018	88,4%	133	11,6%	1151	100,0%
Sexo * Tempo que despenderia com a internet se residisse no meio urbano	1014	88,1%	137	11,9%	1151	100,0%
Sexo * Tempo que despenderia com o telemóvel se residisse no meio urbano	1048	91,1%	103	8,9%	1151	100,0%

Sexo * Tempo que despenderia com a televisão se residisse no meio urbano Crosstabulation

		Tempo que despenderia com a televisão se residisse no meio urbano						Total
		Muito maior	Maior	Igual	Menor	Muito menor	NS/NR	
Sexo	Count	46	36	218	30	8	27	365
	Masculino % within Sexo	12,6%	9,9%	59,7%	8,2%	2,2%	7,4%	100,0%
	% of Total	4,2%	3,3%	20,1%	2,8%	0,7%	2,5%	33,6%
	Count	50	50	442	80	35	64	721
	Feminino % within Sexo	6,9%	6,9%	61,3%	11,1%	4,9%	8,9%	100,0%
	% of Total	4,6%	4,6%	40,7%	7,4%	3,2%	5,9%	66,4%

	Count	96	86	660	110	43	91	1086
Total	% within Sexo	8,8%	7,9%	60,8%	10,1%	4,0%	8,4%	100,0%
	% of Total	8,8%	7,9%	60,8%	10,1%	4,0%	8,4%	100,0%



Sexo * Tempo que despenderia com o computador se residisse no meio urbano Crosstabulation

		Tempo que despenderia com o computador se residisse no meio urbano						Total
		Muito maior	Maior	Igual	Menor	Muito menor	NS/NR	
Sexo	Count	44	33	182	28	6	57	350
	Masculino % within Sexo	12,6%	9,4%	52,0%	8,0%	1,7%	16,3%	100,0%
	% of Total	4,3%	3,2%	17,9%	2,8%	0,6%	5,6%	34,4%
	Count	39	51	353	53	31	141	668
	Feminino % within Sexo	5,8%	7,6%	52,8%	7,9%	4,6%	21,1%	100,0%
	% of Total	3,8%	5,0%	34,7%	5,2%	3,0%	13,9%	65,6%
Total	Count	83	84	535	81	37	198	1018
	% within Sexo	8,2%	8,3%	52,6%	8,0%	3,6%	19,4%	100,0%
	% of Total	8,2%	8,3%	52,6%	8,0%	3,6%	19,4%	100,0%

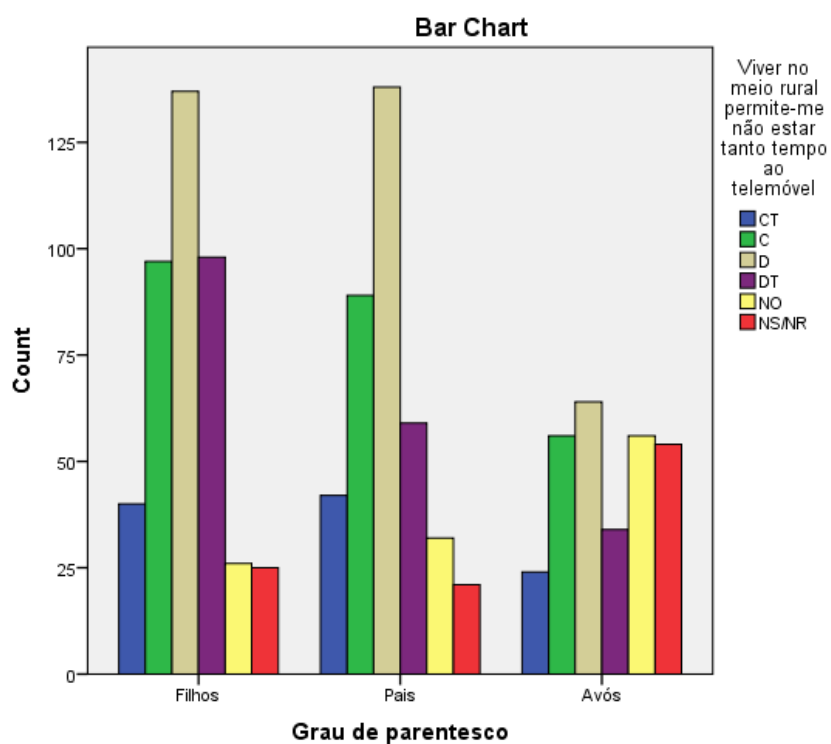
Percepções relativamente à utilização dos novos media por residir no meio rural, por gerações

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Gerações * Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel	1092	94,9%	59	5,1%	1151	100,0%
Gerações * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto	1095	95,1%	56	4,9%	1151	100,0%
Gerações * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet	1082	94,0%	69	6,0%	1151	100,0%
Gerações * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos	1077	93,6%	74	6,4%	1151	100,0%

Gerações * Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel Crosstabulation

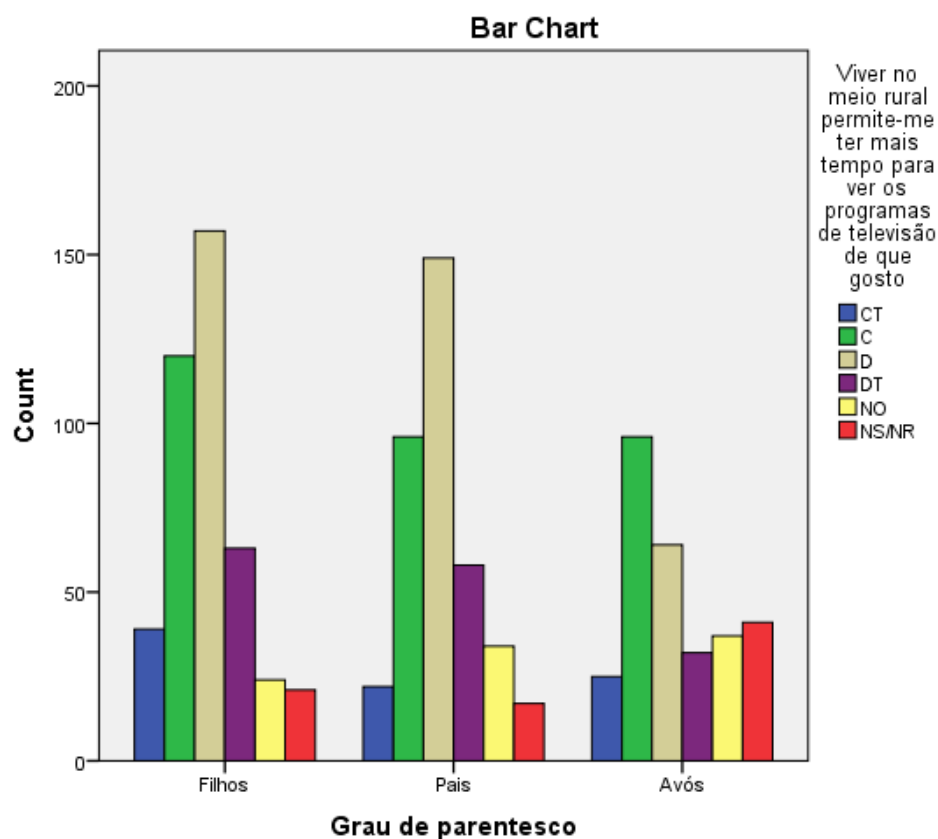
			Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel					Total	
			CT	C	D	DT	NO		NS/NR
Gerações	Filhos	Count	40	97	137	98	26	25	423
		% within Gerações	9,5%	22,9%	32,4%	23,2%	6,1%	5,9%	100,0%
		% of Total	3,7%	8,9%	12,5%	9,0%	2,4%	2,3%	38,7%
	Pais	Count	42	89	138	59	32	21	381
		% within Gerações	11,0%	23,4%	36,2%	15,5%	8,4%	5,5%	100,0%
		% of Total	3,8%	8,2%	12,6%	5,4%	2,9%	1,9%	34,9%
	Avós	Count	24	56	64	34	56	54	288
		% within Gerações	8,3%	19,4%	22,2%	11,8%	19,4%	18,8%	100,0%
		% of Total	2,2%	5,1%	5,9%	3,1%	5,1%	4,9%	26,4%
	Total	Count	106	242	339	191	114	100	1092
		% within Gerações	9,7%	22,2%	31,0%	17,5%	10,4%	9,2%	100,0%
		% of Total	9,7%	22,2%	31,0%	17,5%	10,4%	9,2%	100,0%



Gerações * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto

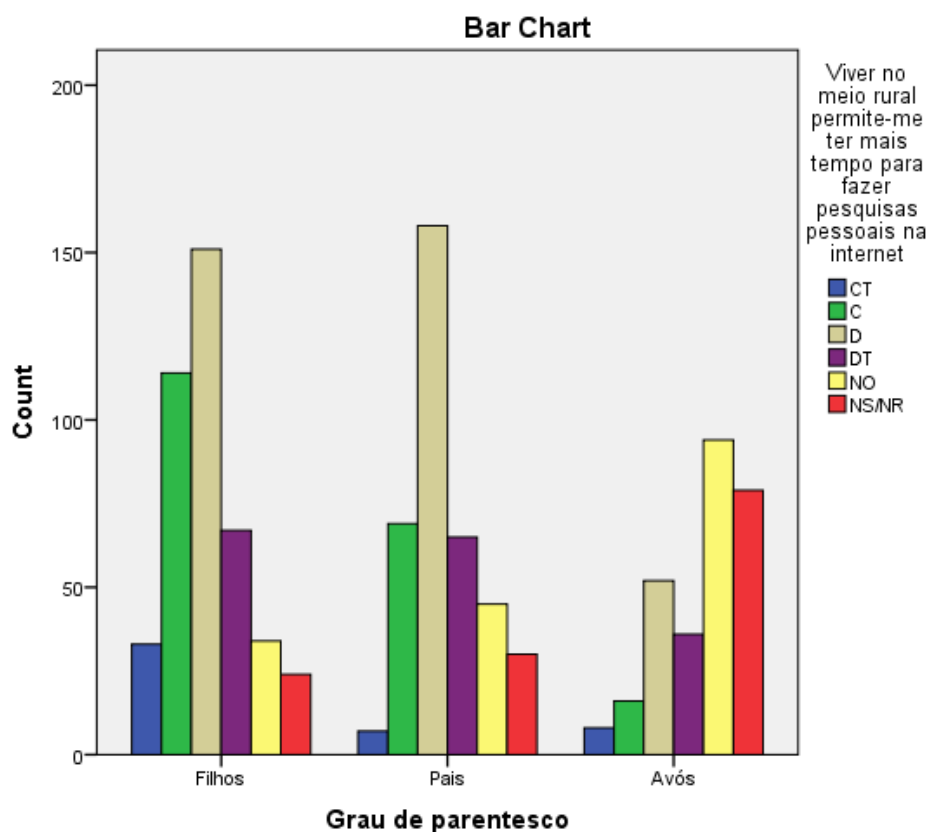
Crosstabulation

		Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto						Total
		CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Gerações	Count	39	120	157	63	24	21	424
	Filhos % within Gerações	9,2%	28,3%	37,0%	14,9%	5,7%	5,0%	100,0%
	% of Total	3,6%	11,0%	14,3%	5,8%	2,2%	1,9%	38,7%
	Count	22	96	149	58	34	17	376
	Pais % within Gerações	5,9%	25,5%	39,6%	15,4%	9,0%	4,5%	100,0%
	% of Total	2,0%	8,8%	13,6%	5,3%	3,1%	1,6%	34,3%
	Count	25	96	64	32	37	41	295
	Avós % within Gerações	8,5%	32,5%	21,7%	10,8%	12,5%	13,9%	100,0%
	% of Total	2,3%	8,8%	5,8%	2,9%	3,4%	3,7%	26,9%
Total	Count	86	312	370	153	95	79	1095
	% within Gerações	7,9%	28,5%	33,8%	14,0%	8,7%	7,2%	100,0%
	% of Total	7,9%	28,5%	33,8%	14,0%	8,7%	7,2%	100,0%



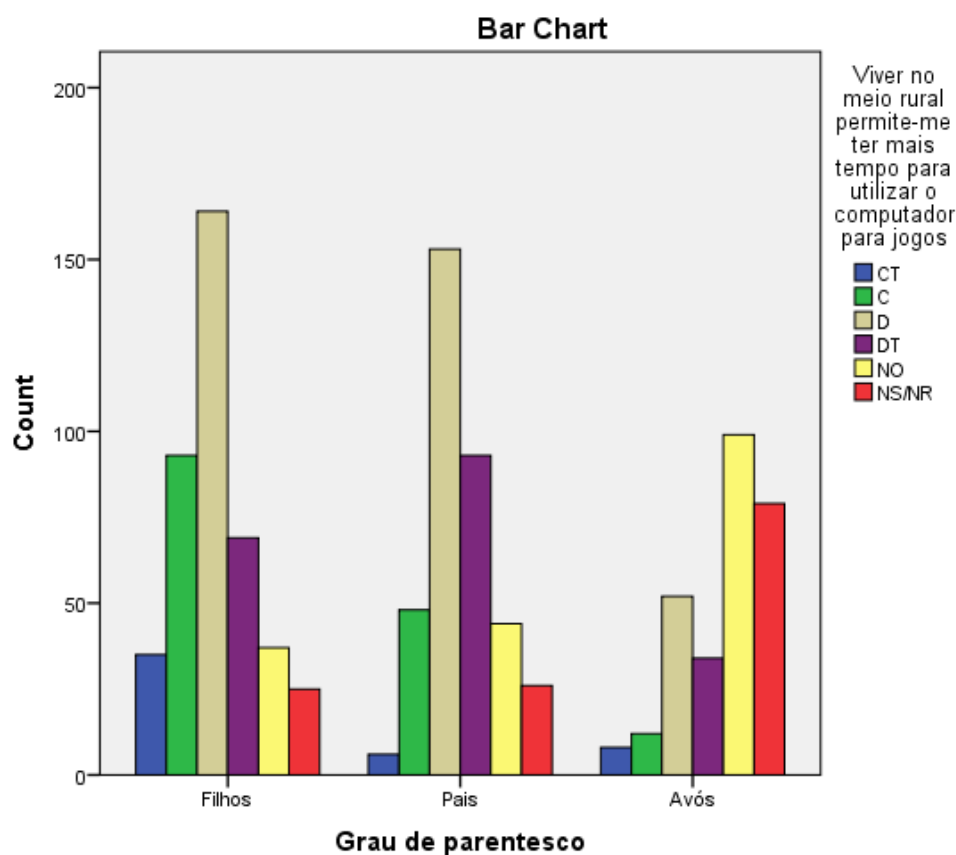
Gerações * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet Crosstabulation

		Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet						Total
		CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Gerações	Count	33	114	151	67	34	24	423
	Filhos % within Gerações	7,8%	27,0%	35,7%	15,8%	8,0%	5,7%	100,0%
	% of Total	3,0%	10,5%	14,0%	6,2%	3,1%	2,2%	39,1%
	Count	7	69	158	65	45	30	374
	Pais % within Gerações	1,9%	18,4%	42,2%	17,4%	12,0%	8,0%	100,0%
	% of Total	0,6%	6,4%	14,6%	6,0%	4,2%	2,8%	34,6%
	Count	8	16	52	36	94	79	285
	Avós % within Gerações	2,8%	5,6%	18,2%	12,6%	33,0%	27,7%	100,0%
	% of Total	0,7%	1,5%	4,8%	3,3%	8,7%	7,3%	26,3%
Total	Count	48	199	361	168	173	133	1082
	% within Gerações	4,4%	18,4%	33,4%	15,5%	16,0%	12,3%	100,0%
	% of Total	4,4%	18,4%	33,4%	15,5%	16,0%	12,3%	100,0%



Gerações * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos Crosstabulation

		Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos						Total
		CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Gerações	Count	35	93	164	69	37	25	423
	Filhos % within Gerações	8,3%	22,0%	38,8%	16,3%	8,7%	5,9%	100,0%
	% of Total	3,2%	8,6%	15,2%	6,4%	3,4%	2,3%	39,3%
	Count	6	48	153	93	44	26	370
	Pais % within Gerações	1,6%	13,0%	41,4%	25,1%	11,9%	7,0%	100,0%
	% of Total	0,6%	4,5%	14,2%	8,6%	4,1%	2,4%	34,4%
	Count	8	12	52	34	99	79	284
	Avós % within Gerações	2,8%	4,2%	18,3%	12,0%	34,9%	27,8%	100,0%
	% of Total	0,7%	1,1%	4,8%	3,2%	9,2%	7,3%	26,4%
Total	Count	49	153	369	196	180	130	1077
	% within Gerações	4,5%	14,2%	34,3%	18,2%	16,7%	12,1%	100,0%
	% of Total	4,5%	14,2%	34,3%	18,2%	16,7%	12,1%	100,0%



Perceções relativamente à utilização dos novos media por residir no meio rural, por gerações

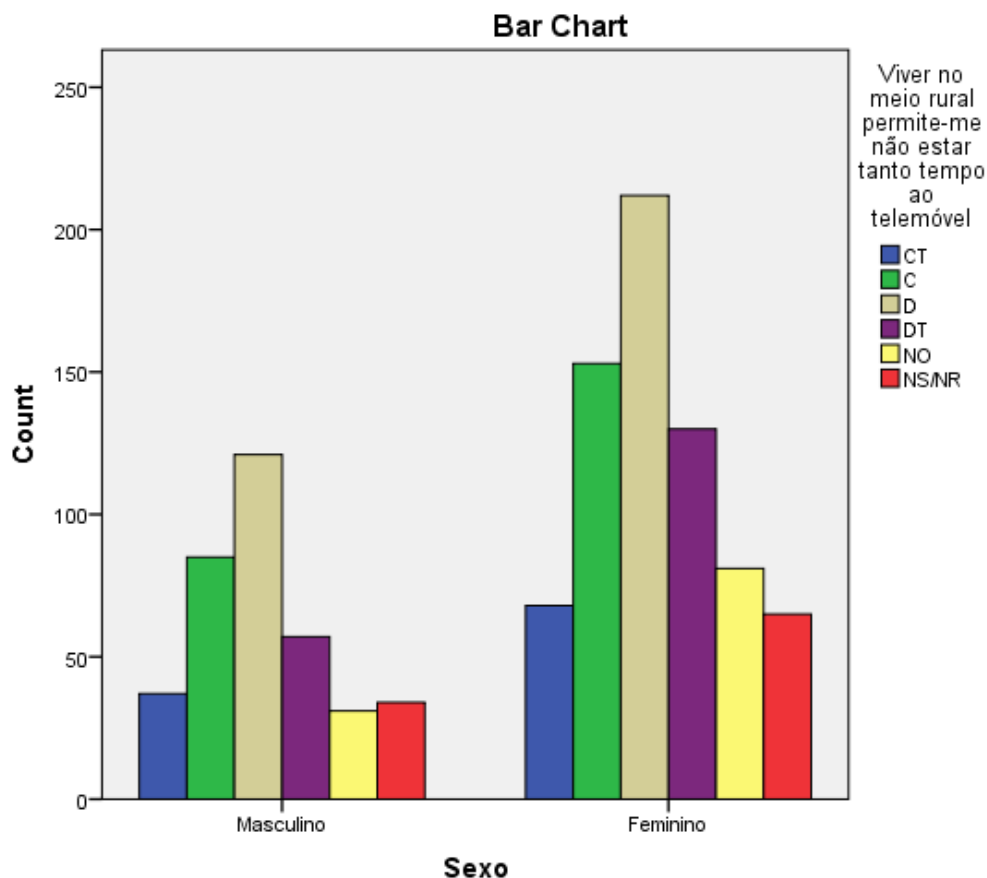
Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Sexo * Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel	1074	93,3%	77	6,7%	1151	100,0%
Sexo * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto	1077	93,6%	74	6,4%	1151	100,0%
Sexo * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet	1064	92,4%	87	7,6%	1151	100,0%
Sexo * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos	1059	92,0%	92	8,0%	1151	100,0%

Sexo * Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel Crosstabulation

			Viver no meio rural permite-me não estar tanto tempo ao telemóvel						Total
			CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Count			37	85	121	57	31	34	365
Sexo	Masculino	% within Sexo	10,1%	23,3%	33,2%	15,6%	8,5%	9,3%	100,0%
% of Total			3,4%	7,9%	11,3%	5,3%	2,9%	3,2%	34,0%

		Count	68	153	212	130	81	65	709
Feminino	% within Sexo		9,6%	21,6%	29,9%	18,3%	11,4%	9,2%	100,0%
	% of Total		6,3%	14,2%	19,7%	12,1%	7,5%	6,1%	66,0%
	Count		105	238	333	187	112	99	1074
Total	% within Sexo		9,8%	22,2%	31,0%	17,4%	10,4%	9,2%	100,0%
	% of Total		9,8%	22,2%	31,0%	17,4%	10,4%	9,2%	100,0%

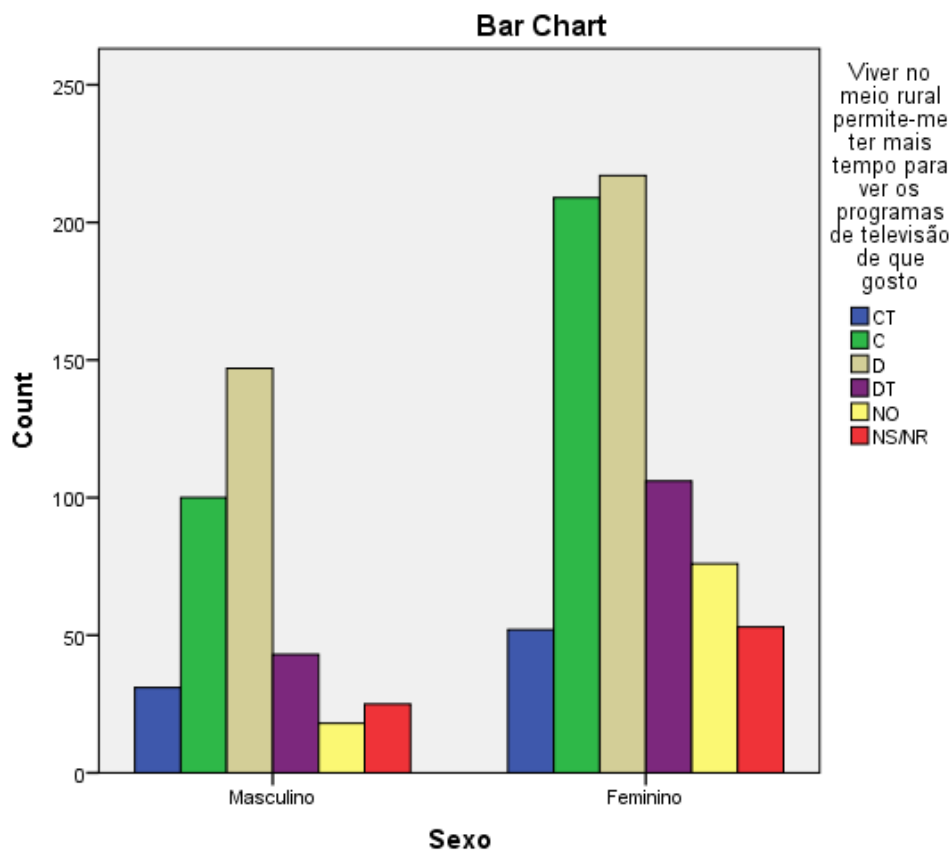


Sexo * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto

Crosstabulation

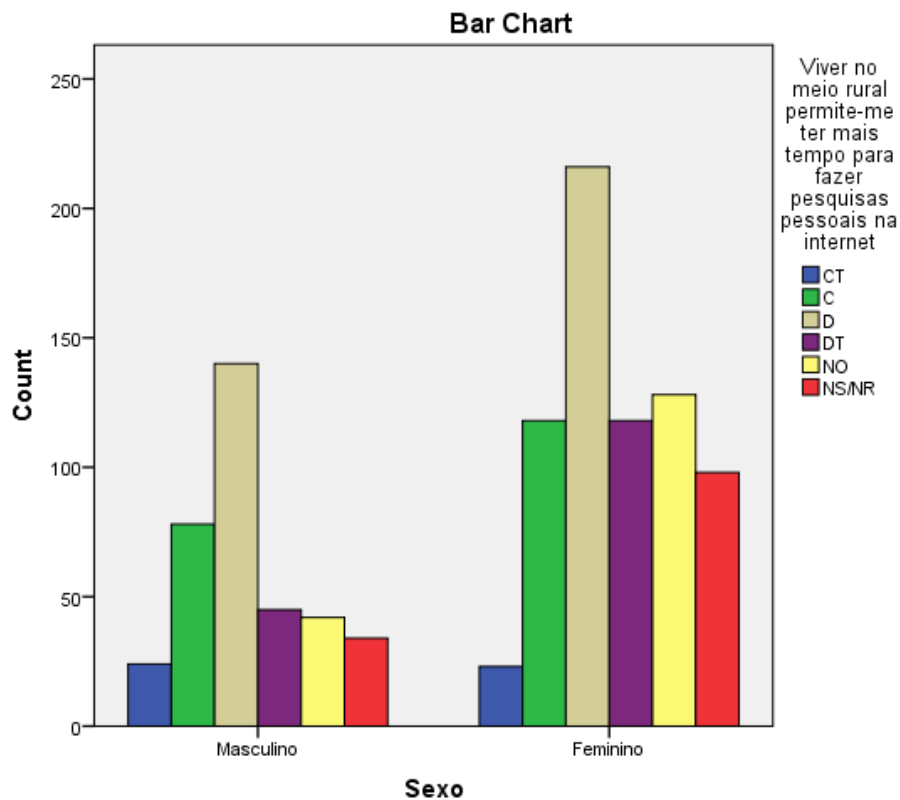
		Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para ver os programas de televisão de que gosto						Total
		CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Sexo	Count	31	100	147	43	18	25	364
	Masculino % within Sexo	8,5%	27,5%	40,4%	11,8%	4,9%	6,9%	100,0%
	% of Total	2,9%	9,3%	13,6%	4,0%	1,7%	2,3%	33,8%
	Count	52	209	217	106	76	53	713
	Feminino % within Sexo	7,3%	29,3%	30,4%	14,9%	10,7%	7,4%	100,0%
	% of Total	4,8%	19,4%	20,1%	9,8%	7,1%	4,9%	66,2%
Total	Count	83	309	364	149	94	78	1077

% within Sexo	7,7%	28,7%	33,8%	13,8%	8,7%	7,2%	100,0%
% of Total	7,7%	28,7%	33,8%	13,8%	8,7%	7,2%	100,0%



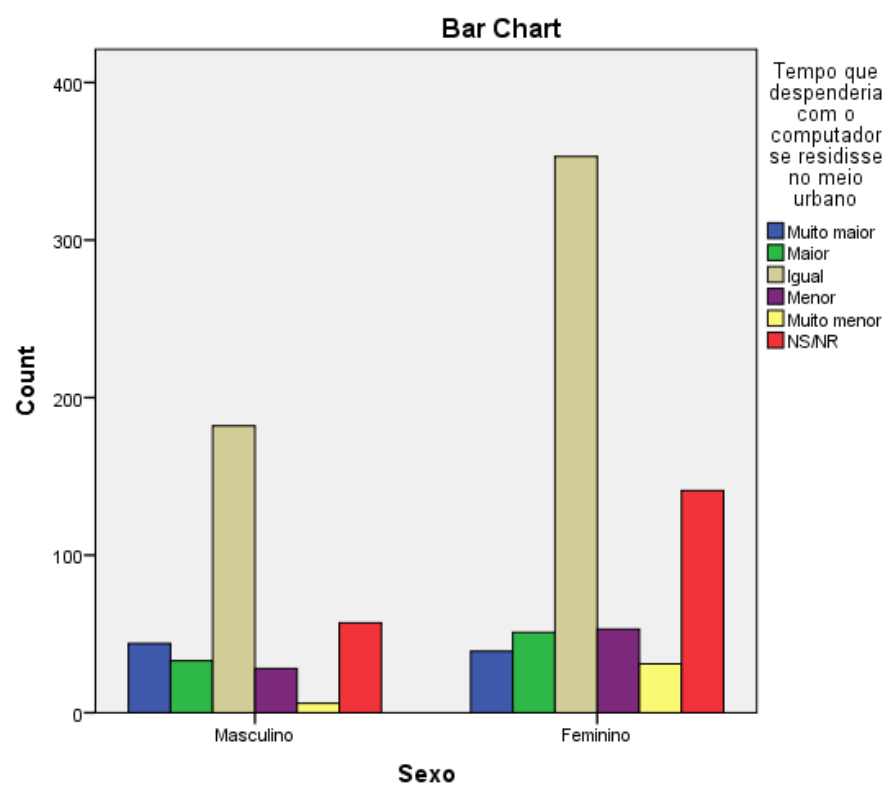
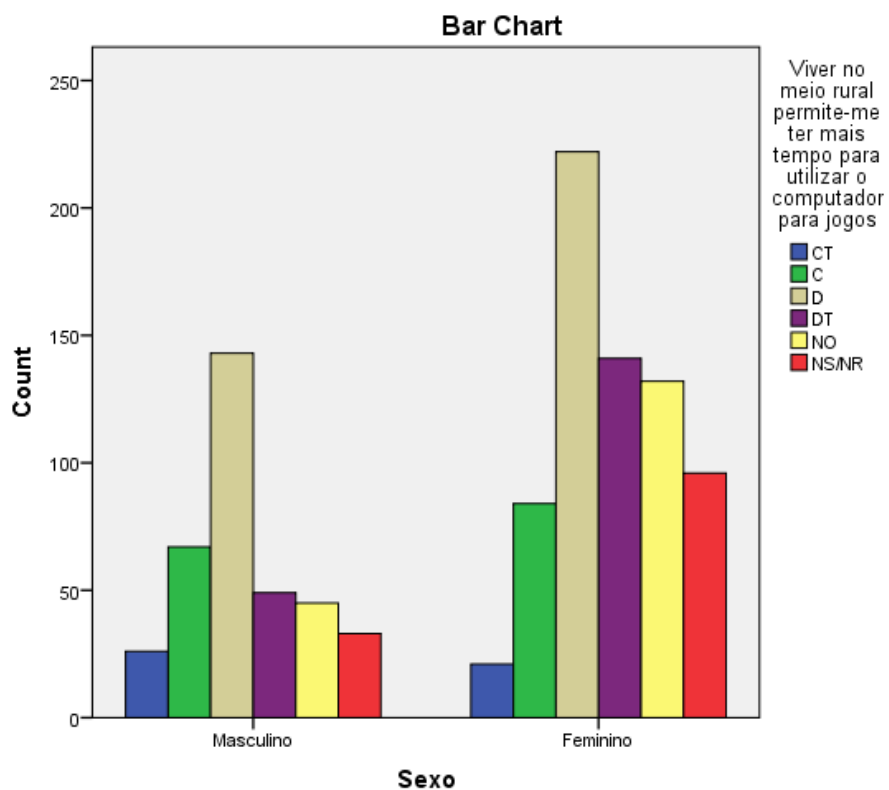
Sexo * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet Crosstabulation

			Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para fazer pesquisas pessoais na internet						Total
			pessoais na internet						
			CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Sexo	Masculino	Count	24	78	140	45	42	34	363
		% within Sexo	6,6%	21,5%	38,6%	12,4%	11,6%	9,4%	100,0%
		% of Total	2,3%	7,3%	13,2%	4,2%	3,9%	3,2%	34,1%
	Feminino	Count	23	118	216	118	128	98	701
		% within Sexo	3,3%	16,8%	30,8%	16,8%	18,3%	14,0%	100,0%
		% of Total	2,2%	11,1%	20,3%	11,1%	12,0%	9,2%	65,9%
Total	Count	47	196	356	163	170	132	1064	
	% within Sexo	4,4%	18,4%	33,5%	15,3%	16,0%	12,4%	100,0%	
	% of Total	4,4%	18,4%	33,5%	15,3%	16,0%	12,4%	100,0%	



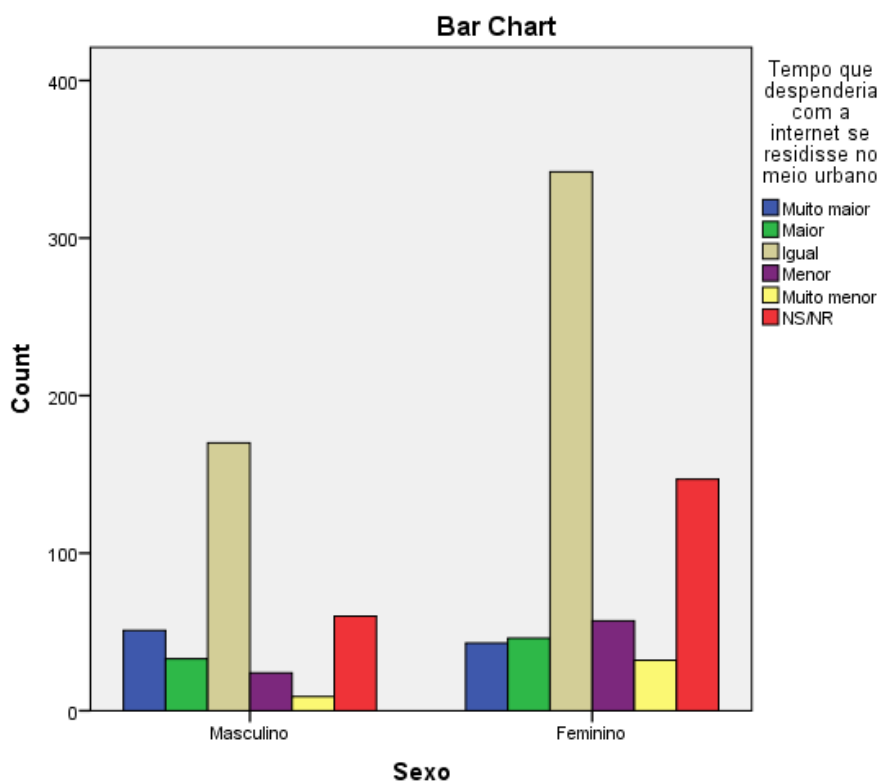
Sexo * Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos Crosstabulation

		Viver no meio rural permite-me ter mais tempo para utilizar o computador para jogos						Total
		CT	C	D	DT	NO	NS/NR	
Sexo	Count	26	67	143	49	45	33	363
	Masculino % within Sexo	7,2%	18,5%	39,4%	13,5%	12,4%	9,1%	100,0%
	% of Total	2,5%	6,3%	13,5%	4,6%	4,2%	3,1%	34,3%
	Count	21	84	222	141	132	96	696
	Feminino % within Sexo	3,0%	12,1%	31,9%	20,3%	19,0%	13,8%	100,0%
	% of Total	2,0%	7,9%	21,0%	13,3%	12,5%	9,1%	65,7%
Total	Count	47	151	365	190	177	129	1059
	% within Sexo	4,4%	14,3%	34,5%	17,9%	16,7%	12,2%	100,0%
	% of Total	4,4%	14,3%	34,5%	17,9%	16,7%	12,2%	100,0%



Sexo * Tempo que despenderia com a internet se residisse no meio urbano Crosstabulation

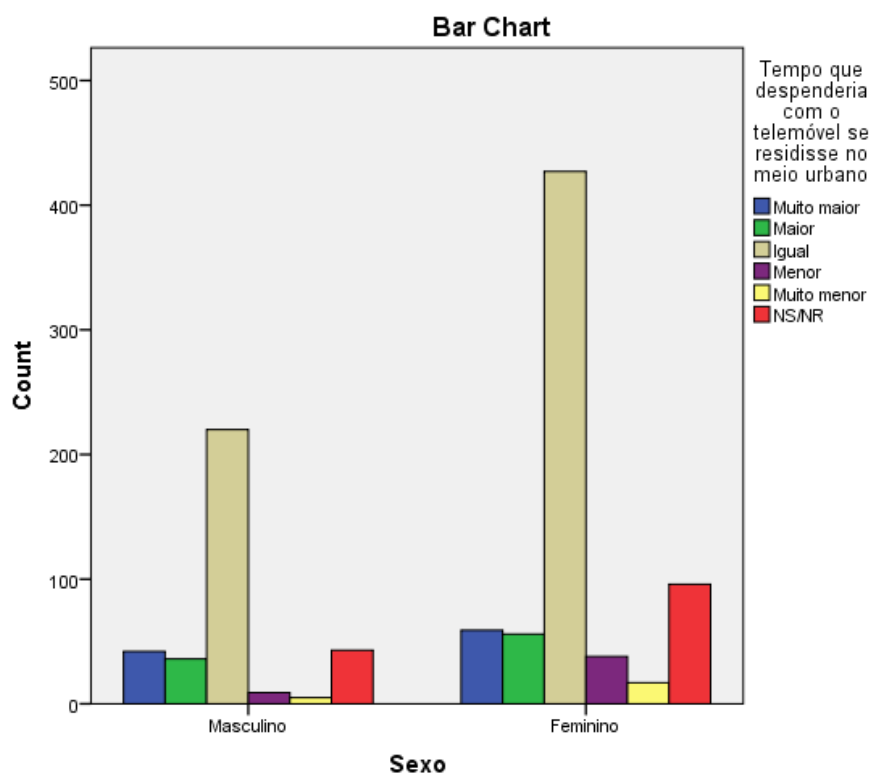
		Tempo que despenderia com a internet se residisse no meio urbano						Total
		Muito maior	Maior	Igual	Menor	Muito menor	NS/NR	
Sexo	Count	51	33	170	24	9	60	347
	Masculino % within Sexo	14,7%	9,5%	49,0%	6,9%	2,6%	17,3%	100,0%
	% of Total	5,0%	3,3%	16,8%	2,4%	0,9%	5,9%	34,2%
	Count	43	46	342	57	32	147	667
	Feminino % within Sexo	6,4%	6,9%	51,3%	8,5%	4,8%	22,0%	100,0%
	% of Total	4,2%	4,5%	33,7%	5,6%	3,2%	14,5%	65,8%
Total	Count	94	79	512	81	41	207	1014
	% within Sexo	9,3%	7,8%	50,5%	8,0%	4,0%	20,4%	100,0%
	% of Total	9,3%	7,8%	50,5%	8,0%	4,0%	20,4%	100,0%



Sexo * Tempo que despenderia com o telemóvel se residisse no meio urbano Crosstabulation

		Tempo que despenderia com o telemóvel se residisse no meio urbano						Total
		Muito maior	Maior	Igual	Menor	Muito menor	NS/NR	
Sexo	Count	42	36	220	9	5	43	355
	Masculino % within Sexo	11,8%	10,1%	62,0%	2,5%	1,4%	12,1%	100,0%
	% of Total	4,0%	3,4%	21,0%	0,9%	0,5%	4,1%	33,9%
	Count	59	56	427	38	17	96	693
	Feminino % within Sexo	8,5%	8,1%	61,6%	5,5%	2,5%	13,9%	100,0%
	% of Total	5,6%	5,3%	40,7%	3,6%	1,6%	9,2%	66,1%

	Count	101	92	647	47	22	139	1048
Total	% within Sexo	9,6%	8,8%	61,7%	4,5%	2,1%	13,3%	100,0%
	% of Total	9,6%	8,8%	61,7%	4,5%	2,1%	13,3%	100,0%



OS ATORES ENVOLVIDOS NA UTILIZAÇÃO DOS *MEDIA*

Relações de conflito devido à utilização dos media, por gerações

Case Processing Summary

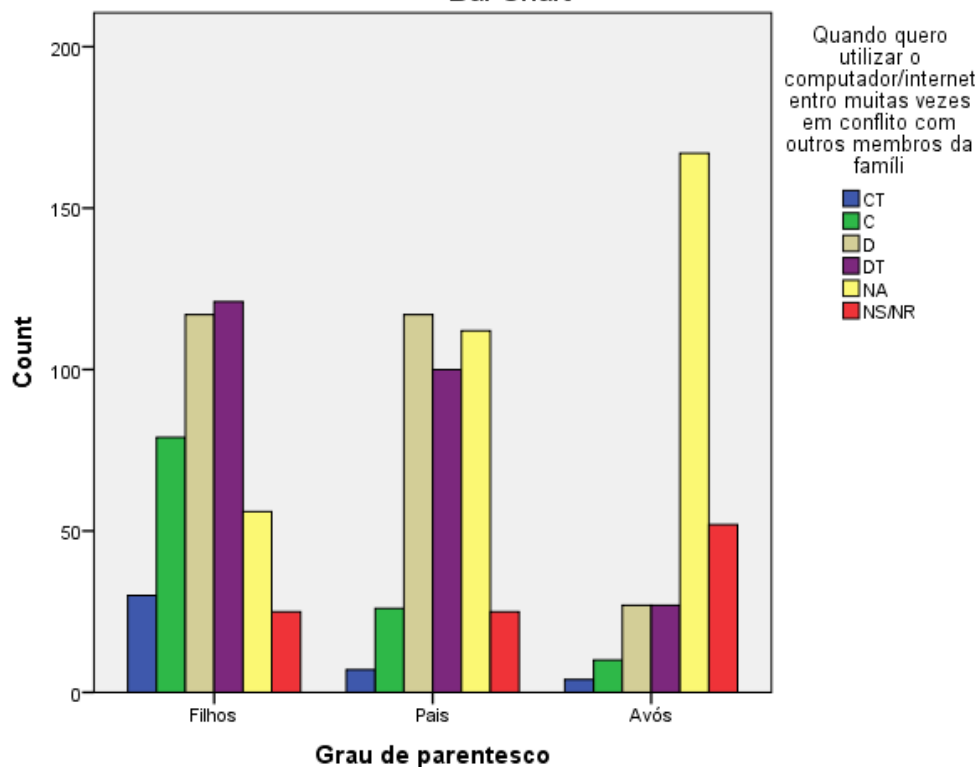
	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Gerações * Quando quero utilizar o computador/internet entro muitas vezes em conflito com outros membros da família	1102	95,7%	49	4,3%	1151	100,0%
Gerações * Quando quero utilizar a televisão entro muitas vezes em conflito com outros membros da família	1106	96,1%	45	3,9%	1151	100,0%
Gerações * Não preciso partilhar o meu telemóvel com ninguém da minha família	1096	95,2%	55	4,8%	1151	100,0%
Gerações * O meu computador é utilizado apenas por mim	1096	95,2%	55	4,8%	1151	100,0%

Gerações * Quando quero utilizar o computador/internet entro muitas vezes em conflito com outros

membros da família Crosstabulation

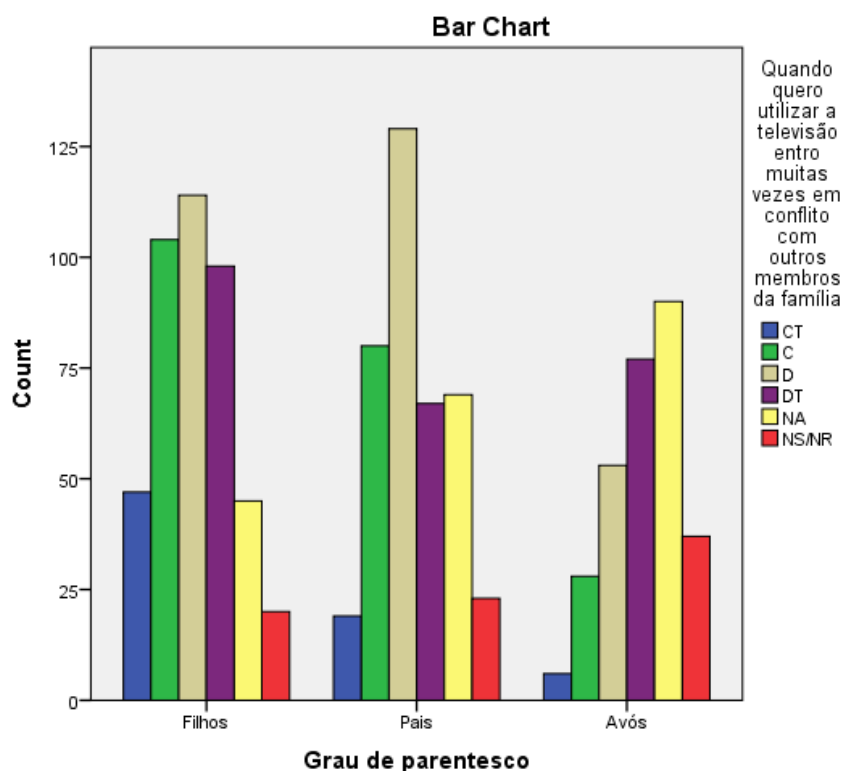
			Quando quero utilizar o computador/internet entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						Total
			CT	C	D	DT	NA	NS/NR	
Gerações	Filhos	Count	30	79	117	121	56	25	428
		% within Gerações	7,0%	18,5%	27,3%	28,3%	13,1%	5,8%	100,0%
		% of Total	2,7%	7,2%	10,6%	11,0%	5,1%	2,3%	38,8%
	Pais	Count	7	26	117	100	112	25	387
		% within Gerações	1,8%	6,7%	30,2%	25,8%	28,9%	6,5%	100,0%
		% of Total	0,6%	2,4%	10,6%	9,1%	10,2%	2,3%	35,1%
	Avós	Count	4	10	27	27	167	52	287
		% within Gerações	1,4%	3,5%	9,4%	9,4%	58,2%	18,1%	100,0%
		% of Total	0,4%	0,9%	2,5%	2,5%	15,2%	4,7%	26,0%
	Total	Count	41	115	261	248	335	102	1102
		% within Gerações	3,7%	10,4%	23,7%	22,5%	30,4%	9,3%	100,0%
		% of Total	3,7%	10,4%	23,7%	22,5%	30,4%	9,3%	100,0%

Bar Chart



Gerações * Quando quero utilizar a televisão entro muitas vezes em conflito com outros membros da família Crosstabulation

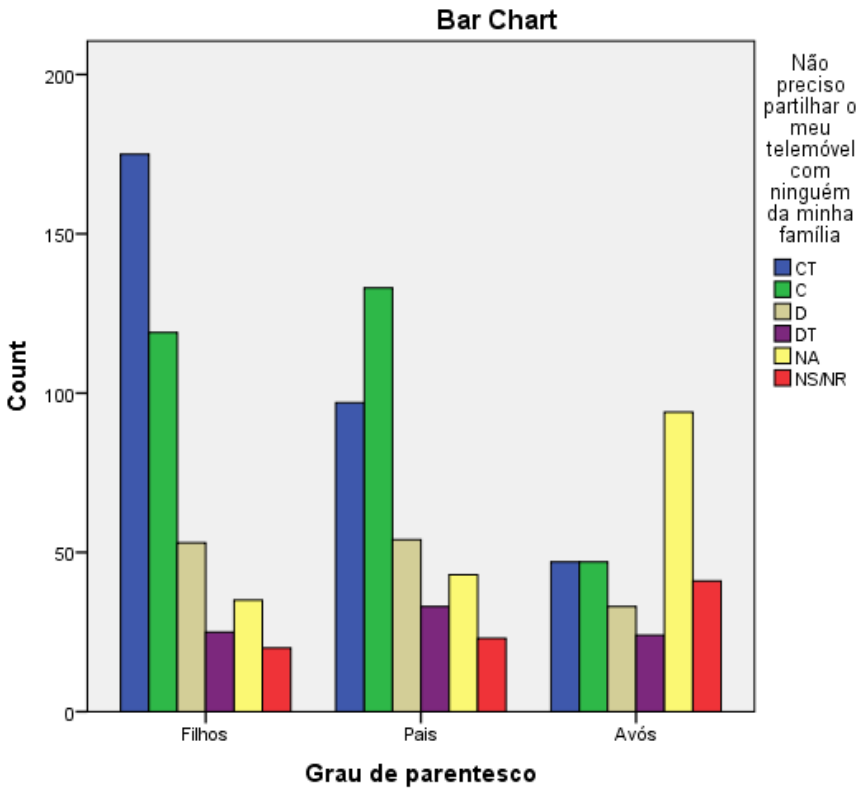
		Quando quero utilizar a televisão entro muitas vezes em conflito com outros membros da família						Total
		CT	C	D	DT	NA	NS/NR	
Gerações	Count	47	104	114	98	45	20	428
	Filhos % within Gerações	11,0%	24,3%	26,6%	22,9%	10,5%	4,7%	100,0%
	% of Total	4,2%	9,4%	10,3%	8,9%	4,1%	1,8%	38,7%
	Count	19	80	129	67	69	23	387
	Pais % within Gerações	4,9%	20,7%	33,3%	17,3%	17,8%	5,9%	100,0%
	% of Total	1,7%	7,2%	11,7%	6,1%	6,2%	2,1%	35,0%
	Count	6	28	53	77	90	37	291
	Avós % within Gerações	2,1%	9,6%	18,2%	26,5%	30,9%	12,7%	100,0%
	% of Total	0,5%	2,5%	4,8%	7,0%	8,1%	3,3%	26,3%
	Count	72	212	296	242	204	80	1106
	Total % within Gerações	6,5%	19,2%	26,8%	21,9%	18,4%	7,2%	100,0%
	% of Total	6,5%	19,2%	26,8%	21,9%	18,4%	7,2%	100,0%



Gerações * Não preciso partilhar o meu telemóvel com ninguém da minha família Crosstabulation

	Não preciso partilhar o meu telemóvel com ninguém da minha família	Total
--	--	-------

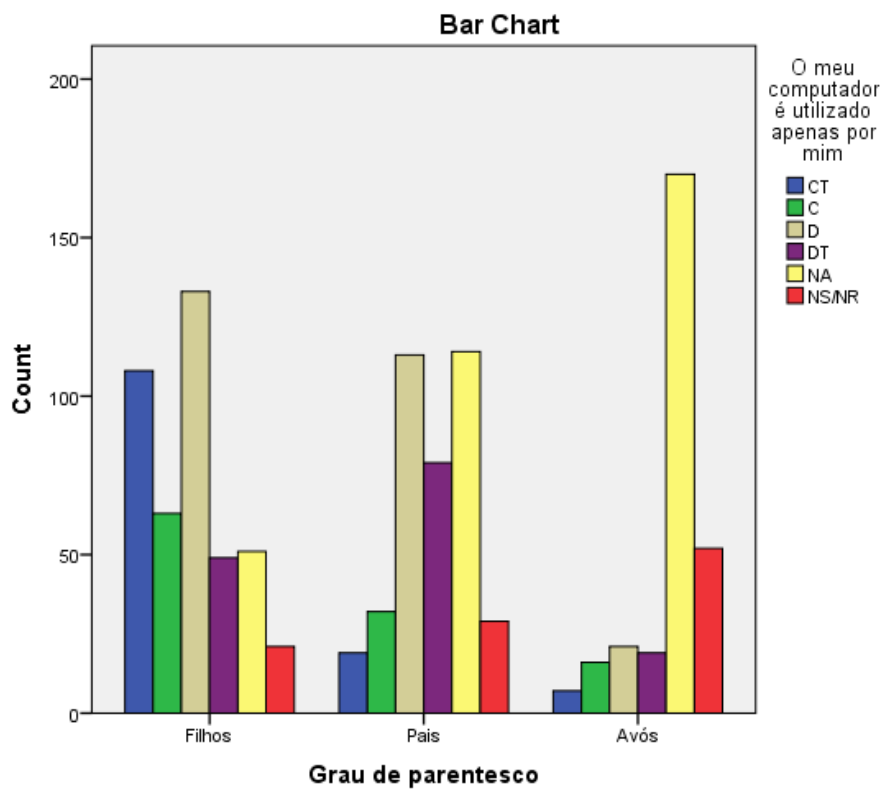
		CT	C	D	DT	NA	NS/NR	
Gerações	Count	175	119	53	25	35	20	427
	Filhos % within Gerações	41,0%	27,9%	12,4%	5,9%	8,2%	4,7%	100,0%
	% of Total	16,0%	10,9%	4,8%	2,3%	3,2%	1,8%	39,0%
	Count	97	133	54	33	43	23	383
	Pais % within Gerações	25,3%	34,7%	14,1%	8,6%	11,2%	6,0%	100,0%
	% of Total	8,9%	12,1%	4,9%	3,0%	3,9%	2,1%	34,9%
	Count	47	47	33	24	94	41	286
	Avós % within Gerações	16,4%	16,4%	11,5%	8,4%	32,9%	14,3%	100,0%
	% of Total	4,3%	4,3%	3,0%	2,2%	8,6%	3,7%	26,1%
	Count	319	299	140	82	172	84	1096
Total	% within Gerações	29,1%	27,3%	12,8%	7,5%	15,7%	7,7%	100,0%
	% of Total	29,1%	27,3%	12,8%	7,5%	15,7%	7,7%	100,0%



Gerações * O meu computador é utilizado apenas por mim Crosstabulation

	O meu computador é utilizado apenas por mim						Total
	CT	C	D	DT	NA	NS/NR	

		Count	108	63	133	49	51	21	425
Gerações	Filhos	% within Gerações	25,4%	14,8%	31,3%	11,5%	12,0%	4,9%	100,0%
		% of Total	9,9%	5,7%	12,1%	4,5%	4,7%	1,9%	38,8%
			Count	19	32	113	79	114	386
	Pais	% within Gerações	4,9%	8,3%	29,3%	20,5%	29,5%	7,5%	100,0%
		% of Total	1,7%	2,9%	10,3%	7,2%	10,4%	2,6%	35,2%
			Count	7	16	21	19	170	285
	Avós	% within Gerações	2,5%	5,6%	7,4%	6,7%	59,6%	18,2%	100,0%
		% of Total	0,6%	1,5%	1,9%	1,7%	15,5%	4,7%	26,0%
			Count	134	111	267	147	335	1096
Total		% within Gerações	12,2%	10,1%	24,4%	13,4%	30,6%	9,3%	100,0%
		% of Total	12,2%	10,1%	24,4%	13,4%	30,6%	9,3%	100,0%



Relações de cooperação devido à utilização dos media, por geração

Case Processing Summary			
		Cases	
		Valid	Missing
		Total	

	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Gerações * Problemas com televisão ajuda pai	383	33,3%	768	66,7%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com televisão ajuda mãe	383	33,3%	768	66,7%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com televisão ajuda marido/esposa	638	55,4%	513	44,6%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com televisão ajudam filhos	638	55,4%	513	44,6%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com televisão ajudam netos	282	24,5%	869	75,5%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com televisão ajudam irmãos	1021	88,7%	130	11,3%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com televisão ajudam amigos	1021	88,7%	130	11,3%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com televisão não procuro ninguém, resolvo eu	1021	88,7%	130	11,3%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com computador ajuda pai	398	34,6%	753	65,4%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com computador ajuda mãe	398	34,6%	753	65,4%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com computador ajuda marido/esposa	571	49,6%	580	50,4%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com computador ajudam filhos	571	49,6%	580	50,4%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com computador ajudam netos	237	20,6%	914	79,4%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com computador ajudam irmãos	969	84,2%	182	15,8%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com computador ajudam amigos	969	84,2%	182	15,8%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com computador não procuro ninguém, resolvo eu	969	84,2%	182	15,8%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com internet ajuda pai	372	32,3%	779	67,7%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com internet ajuda mãe	371	32,2%	780	67,8%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com internet ajuda marido/esposa	550	47,8%	601	52,2%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com internet ajudam filhos	550	47,8%	601	52,2%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com internet ajudam netos	233	20,2%	918	79,8%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com internet ajudam irmãos	922	80,1%	229	19,9%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com internet ajudam amigos	922	80,1%	229	19,9%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com internet não procuro ninguém, resolvo eu	922	80,1%	229	19,9%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com telemóvel ajuda pai	372	32,3%	779	67,7%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com telemóvel ajuda mãe	372	32,3%	779	67,7%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com telemóvel ajuda marido/esposa	609	52,9%	542	47,1%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com telemóvel ajudam filhos	609	52,9%	542	47,1%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com telemóvel ajudam netos	257	22,3%	894	77,7%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com telemóvel ajudam irmãos	981	85,2%	170	14,8%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com telemóvel ajudam amigos	981	85,2%	170	14,8%	1151	100,0%
Gerações * Problemas com telemóvel não procuro ninguém, resolvo eu	981	85,2%	170	14,8%	1151	100,0%

Gerações * Problemas com televisão ajuda pai Crosstabulation

		Problemas com televisão ajuda pai		Total
		Não	Sim	
Gerações	Count	187	196	383
	Filhos % within Gerações	48,8%	51,2%	100,0%
	% of Total	48,8%	51,2%	100,0%
Total	Count	187	196	383
	% within Gerações	48,8%	51,2%	100,0%

% of Total	48,8%	51,2%	100,0%
------------	-------	-------	--------

Gerações * Problemas com televisão ajuda mãe Crosstabulation

			Problemas com televisão ajuda		Total
			mãe		
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	275	108	383
		% within Gerações	71,8%	28,2%	100,0%
		% of Total	71,8%	28,2%	100,0%
Total		Count	275	108	383
		% within Gerações	71,8%	28,2%	100,0%
		% of Total	71,8%	28,2%	100,0%

Gerações * Problemas com televisão ajuda marido/esposa Crosstabulation

			Problemas com televisão ajuda		Total
			marido/esposa		
			Não	Sim	
Gerações	Count		224	131	355
	Pais	% within Gerações	63,1%	36,9%	100,0%
		% of Total	35,1%	20,5%	55,6%
	Count		230	53	283
	Avós	% within Gerações	81,3%	18,7%	100,0%
		% of Total	36,1%	8,3%	44,4%
Total	Count		454	184	638
		% within Gerações	71,2%	28,8%	100,0%
		% of Total	71,2%	28,8%	100,0%

Gerações * Problemas com televisão ajudam filhos Crosstabulation

			Problemas com televisão ajudam		Total
			filhos		
			Não	Sim	
Gerações	Count		196	159	355
	Pais	% within Gerações	55,2%	44,8%	100,0%
		% of Total	30,7%	24,9%	55,6%
	Count		97	186	283
	Avós	% within Gerações	34,3%	65,7%	100,0%
		% of Total	15,2%	29,2%	44,4%
Total	Count		293	345	638
		% within Gerações	45,9%	54,1%	100,0%

% of Total	45,9%	54,1%	100,0%
------------	-------	-------	--------

Gerações * Problemas com televisão ajudam netos Crosstabulation

			Problemas com televisão ajudam netos		Total
			Não	Sim	
Gerações		Count	126	156	282
	Avós	% within Gerações	44,7%	55,3%	100,0%
		% of Total	44,7%	55,3%	100,0%
		Count	126	156	282
		% within Gerações	44,7%	55,3%	100,0%
Total		% of Total	44,7%	55,3%	100,0%

Gerações * Problemas com televisão ajudam irmãos Crosstabulation

			Problemas com televisão ajudam irmãos		Total
			Não	Sim	
Gerações		Count	302	81	383
	Filhos	% within Gerações	78,9%	21,1%	100,0%
		% of Total	29,6%	7,9%	37,5%
		Count	338	17	355
	Pais	% within Gerações	95,2%	4,8%	100,0%
		% of Total	33,1%	1,7%	34,8%
		Count	272	11	283
	Avós	% within Gerações	96,1%	3,9%	100,0%
		% of Total	26,6%	1,1%	27,7%
		Count	912	109	1021
		% within Gerações	89,3%	10,7%	100,0%
		% of Total	89,3%	10,7%	100,0%
Total					

Gerações * Problemas com televisão ajudam amigos Crosstabulation

			Problemas com televisão ajudam amigos		Total
			Não	Sim	
Gerações		Count	349	34	383
	Filhos	% within Gerações	91,1%	8,9%	100,0%
		% of Total	34,2%	3,3%	37,5%
		Count	329	26	355
	Pais	% within Gerações	92,7%	7,3%	100,0%

	Avós	% of Total	32,2%	2,5%	34,8%
		Count	257	26	283
		% within Gerações	90,8%	9,2%	100,0%
		% of Total	25,2%	2,5%	27,7%
		Count	935	86	1021
		% within Gerações	91,6%	8,4%	100,0%
Total		% of Total	91,6%	8,4%	100,0%

Gerações * Problemas com televisão não procuro ninguém, resolvo eu Crosstabulation

			Problemas com televisão não procuro ninguém, resolvo eu		Total
			Não	Sim	
Gerações	Count		244	139	383
	Filhos	% within Gerações	63,7%	36,3%	100,0%
		% of Total	23,9%	13,6%	37,5%
	Count		253	102	355
	Pais	% within Gerações	71,3%	28,7%	100,0%
		% of Total	24,8%	10,0%	34,8%
	Count		258	25	283
	Avós	% within Gerações	91,2%	8,8%	100,0%
		% of Total	25,3%	2,4%	27,7%
Total	Count		755	266	1021
		% within Gerações	73,9%	26,1%	100,0%
		% of Total	73,9%	26,1%	100,0%

Gerações * Problemas com computador ajuda pai Crosstabulation

			Problemas com computador ajuda		Total
			pai		
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	305	93	398
		% within Gerações	76,6%	23,4%	100,0%
	Total	% of Total	76,6%	23,4%	100,0%
		Count	305	93	398
		% within Gerações	76,6%	23,4%	100,0%
		% of Total	76,6%	23,4%	100,0%

Gerações * Problemas com computador ajuda mãe Crosstabulation

		Problemas com computador ajuda mãe	Total
--	--	------------------------------------	-------

			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	315	83	398
		% within Gerações	79,1%	20,9%	100,0%
		% of Total	79,1%	20,9%	100,0%
		Count	315	83	398
Total		% within Gerações	79,1%	20,9%	100,0%
		% of Total	79,1%	20,9%	100,0%

Gerações * Problemas com computador ajuda marido/esposa Crosstabulation

			Problemas com computador ajuda marido/esposa		Total
			Não	Sim	
Gerações	Pais	Count	276	57	333
		% within Gerações	82,9%	17,1%	100,0%
		% of Total	48,3%	10,0%	58,3%
	Avós	Count	235	3	238
		% within Gerações	98,7%	1,3%	100,0%
		% of Total	41,2%	0,5%	41,7%
Total		Count	511	60	571
		% within Gerações	89,5%	10,5%	100,0%
		% of Total	89,5%	10,5%	100,0%

Gerações * Problemas com computador ajudam filhos Crosstabulation

			Problemas com computador ajudam filhos		Total
			Não	Sim	
Gerações	Pais	Count	125	208	333
		% within Gerações	37,5%	62,5%	100,0%
		% of Total	21,9%	36,4%	58,3%
	Avós	Count	187	51	238
		% within Gerações	78,6%	21,4%	100,0%
		% of Total	32,7%	8,9%	41,7%
Total		Count	312	259	571
		% within Gerações	54,6%	45,4%	100,0%
		% of Total	54,6%	45,4%	100,0%

Gerações * Problemas com computador ajudam netos Crosstabulation

			Problemas com computador ajudam netos	Total
--	--	--	---------------------------------------	-------

			Não	Sim	
Gerações	Avós	Count	200	37	237
		% within Gerações	84,4%	15,6%	100,0%
		% of Total	84,4%	15,6%	100,0%
		Count	200	37	237
Total		% within Gerações	84,4%	15,6%	100,0%
		% of Total	84,4%	15,6%	100,0%

Gerações * Problemas com computador ajudam irmãos Crosstabulation

			Problemas com computador ajudam irmãos		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	268	130	398
		% within Gerações	67,3%	32,7%	100,0%
		% of Total	27,7%	13,4%	41,1%
	Pais	Count	320	13	333
		% within Gerações	96,1%	3,9%	100,0%
		% of Total	33,0%	1,3%	34,4%
	Avós	Count	233	5	238
		% within Gerações	97,9%	2,1%	100,0%
		% of Total	24,0%	0,5%	24,6%
	Total	Count	821	148	969
		% within Gerações	84,7%	15,3%	100,0%
		% of Total	84,7%	15,3%	100,0%

Gerações * Problemas com computador ajudam amigos Crosstabulation

			Problemas com computador ajudam amigos		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	273	125	398
		% within Gerações	68,6%	31,4%	100,0%
		% of Total	28,2%	12,9%	41,1%
	Pais	Count	276	57	333
		% within Gerações	82,9%	17,1%	100,0%
		% of Total	28,5%	5,9%	34,4%
	Avós	Count	232	6	238
		% within Gerações	97,5%	2,5%	100,0%
		% of Total	23,9%	0,6%	24,6%
	Total	Count	781	188	969

% within Gerações	80,6%	19,4%	100,0%
% of Total	80,6%	19,4%	100,0%

Gerações * Problemas com computador não procuro ninguém, resolvo eu Crosstabulation

			Problemas com computador não procuro ninguém, resolvo eu		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	257	141	398
		% within Gerações	64,6%	35,4%	100,0%
		% of Total	26,5%	14,6%	41,1%
	Pais	Count	280	53	333
		% within Gerações	84,1%	15,9%	100,0%
		% of Total	28,9%	5,5%	34,4%
	Avós	Count	228	10	238
		% within Gerações	95,8%	4,2%	100,0%
		% of Total	23,5%	1,0%	24,6%
	Total	Count	765	204	969
		% within Gerações	78,9%	21,1%	100,0%
		% of Total	78,9%	21,1%	100,0%

Gerações * Problemas com internet ajuda pai Crosstabulation

			Problemas com internet ajuda pai		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	285	87	372
		% within Gerações	76,6%	23,4%	100,0%
		% of Total	76,6%	23,4%	100,0%
	Total	Count	285	87	372
		% within Gerações	76,6%	23,4%	100,0%
Total			76,6%	23,4%	100,0%
			76,6%	23,4%	100,0%

Gerações * Problemas com internet ajuda mãe Crosstabulation

			Problemas com internet ajuda mãe		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	310	61	371
		% within Gerações	83,6%	16,4%	100,0%
		% of Total	83,6%	16,4%	100,0%
	Total	Count	310	61	371
		% within Gerações	83,6%	16,4%	100,0%

% of Total	83,6%	16,4%	100,0%
------------	-------	-------	--------

Gerações * Problemas com internet ajuda marido/esposa Crosstabulation

			Problemas com internet ajuda marido/esposa		Total
			Não	Sim	
Gerações		Count	258	58	316
	Pais	% within Gerações	81,6%	18,4%	100,0%
		% of Total	46,9%	10,5%	57,5%
		Count	231	3	234
	Avós	% within Gerações	98,7%	1,3%	100,0%
		% of Total	42,0%	0,5%	42,5%
Total		Count	489	61	550
		% within Gerações	88,9%	11,1%	100,0%
		% of Total	88,9%	11,1%	100,0%

Gerações * Problemas com internet ajudam filhos Crosstabulation

			Problemas com internet ajudam filhos		Total
			Não	Sim	
Gerações		Count	144	172	316
	Pais	% within Gerações	45,6%	54,4%	100,0%
		% of Total	26,2%	31,3%	57,5%
		Count	191	43	234
	Avós	% within Gerações	81,6%	18,4%	100,0%
		% of Total	34,7%	7,8%	42,5%
Total		Count	335	215	550
		% within Gerações	60,9%	39,1%	100,0%
		% of Total	60,9%	39,1%	100,0%

Gerações * Problemas com internet ajudam netos Crosstabulation

			Problemas com internet ajudam netos		Total
			Não	Sim	
Gerações		Count	198	35	233
	Avós	% within Gerações	85,0%	15,0%	100,0%
		% of Total	85,0%	15,0%	100,0%
Total		Count	198	35	233
		% within Gerações	85,0%	15,0%	100,0%

% of Total	85,0%	15,0%	100,0%
------------	-------	-------	--------

Gerações * Problemas com internet ajudam irmãos Crosstabulation

			Problemas com internet ajudam		Total
			irmãos		
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	263	109	372
		% within Gerações	70,7%	29,3%	100,0%
		% of Total	28,5%	11,8%	40,3%
	Pais	Count	302	14	316
		% within Gerações	95,6%	4,4%	100,0%
		% of Total	32,8%	1,5%	34,3%
	Avós	Count	232	2	234
		% within Gerações	99,1%	0,9%	100,0%
		% of Total	25,2%	0,2%	25,4%
	Total	Count	797	125	922
		% within Gerações	86,4%	13,6%	100,0%
		% of Total	86,4%	13,6%	100,0%

Gerações * Problemas com internet ajudam amigos Crosstabulation

			Problemas com internet ajudam amigos		Total
			amigos		
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	280	92	372
		% within Gerações	75,3%	24,7%	100,0%
		% of Total	30,4%	10,0%	40,3%
	Pais	Count	279	37	316
		% within Gerações	88,3%	11,7%	100,0%
		% of Total	30,3%	4,0%	34,3%
	Avós	Count	226	8	234
		% within Gerações	96,6%	3,4%	100,0%
		% of Total	24,5%	0,9%	25,4%
	Total	Count	785	137	922
		% within Gerações	85,1%	14,9%	100,0%
		% of Total	85,1%	14,9%	100,0%

Gerações * Problemas com internet não procuro ninguém, resolvo eu Crosstabulation

			Problemas com internet não procuro ninguém, resolvo eu	Total
--	--	--	--	-------

			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	221	151	372
		% within Gerações	59,4%	40,6%	100,0%
		% of Total	24,0%	16,4%	40,3%
	Pais	Count	260	56	316
		% within Gerações	82,3%	17,7%	100,0%
		% of Total	28,2%	6,1%	34,3%
	Avós	Count	224	10	234
		% within Gerações	95,7%	4,3%	100,0%
		% of Total	24,3%	1,1%	25,4%
Total	Count		705	217	922
	% within Gerações		76,5%	23,5%	100,0%
	% of Total		76,5%	23,5%	100,0%

Gerações * Problemas com telemóvel ajuda pai Crosstabulation

			Problemas com telemóvel ajuda pai		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	304	68	372
		% within Gerações	81,7%	18,3%	100,0%
		% of Total	81,7%	18,3%	100,0%
	Count		304	68	372
Total	% within Gerações		81,7%	18,3%	100,0%
	% of Total		81,7%	18,3%	100,0%

Gerações * Problemas com telemóvel ajuda mãe Crosstabulation

			Problemas com telemóvel ajuda mãe		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	297	75	372
		% within Gerações	79,8%	20,2%	100,0%
		% of Total	79,8%	20,2%	100,0%
	Count		297	75	372
Total	% within Gerações		79,8%	20,2%	100,0%
	% of Total		79,8%	20,2%	100,0%

Gerações * Problemas com telemóvel ajuda marido/esposa Crosstabulation

			Problemas com telemóvel ajuda marido/esposa		Total
			Não	Sim	
Gerações	Count		290	61	351
	Pais	% within Gerações	82,6%	17,4%	100,0%
		% of Total	47,6%	10,0%	57,6%
	Count		242	16	258
	Avós	% within Gerações	93,8%	6,2%	100,0%
		% of Total	39,7%	2,6%	42,4%
Total	Count		532	77	609
		% within Gerações	87,4%	12,6%	100,0%
		% of Total	87,4%	12,6%	100,0%

Gerações * Problemas com telemóvel ajudam filhos Crosstabulation

			Problemas com telemóvel ajudam filhos		Total
			Não	Sim	
Gerações	Count		140	211	351
	Pais	% within Gerações	39,9%	60,1%	100,0%
		% of Total	23,0%	34,6%	57,6%
	Count		141	117	258
	Avós	% within Gerações	54,7%	45,3%	100,0%
		% of Total	23,2%	19,2%	42,4%
Total	Count		281	328	609
		% within Gerações	46,1%	53,9%	100,0%
		% of Total	46,1%	53,9%	100,0%

Gerações * Problemas com telemóvel ajudam netos Crosstabulation

			Problemas com telemóvel ajudam netos		Total
			Não	Sim	
Gerações	Count		137	120	257
	Avós	% within Gerações	53,3%	46,7%	100,0%
		% of Total	53,3%	46,7%	100,0%
	Count		137	120	257
Total		% within Gerações	53,3%	46,7%	100,0%
		% of Total	53,3%	46,7%	100,0%

Gerações * Problemas com telemóvel ajudam irmãos Crosstabulation

			Problemas com telemóvel ajudam irmãos		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	284	88	372
		% within Gerações	76,3%	23,7%	100,0%
		% of Total	29,0%	9,0%	37,9%
	Pais	Count	331	20	351
		% within Gerações	94,3%	5,7%	100,0%
		% of Total	33,7%	2,0%	35,8%
	Avós	Count	249	9	258
		% within Gerações	96,5%	3,5%	100,0%
		% of Total	25,4%	0,9%	26,3%
	Total	Count	864	117	981
		% within Gerações	88,1%	11,9%	100,0%
		% of Total	88,1%	11,9%	100,0%

Gerações * Problemas com telemóvel ajudam amigos Crosstabulation

			Problemas com telemóvel ajudam amigos		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	273	99	372
		% within Gerações	73,4%	26,6%	100,0%
		% of Total	27,8%	10,1%	37,9%
	Pais	Count	313	38	351
		% within Gerações	89,2%	10,8%	100,0%
		% of Total	31,9%	3,9%	35,8%
	Avós	Count	240	18	258
		% within Gerações	93,0%	7,0%	100,0%
		% of Total	24,5%	1,8%	26,3%
	Total	Count	826	155	981
		% within Gerações	84,2%	15,8%	100,0%
		% of Total	84,2%	15,8%	100,0%

Gerações * Problemas com telemóvel não procuro ninguém, resolvo eu Crosstabulation

			Problemas com telemóvel não procuro ninguém, resolvo eu		Total
			Não	Sim	

Gerações	Filhos	Count	178	194	372
		% within Gerações	47,8%	52,2%	100,0%
		% of Total	18,1%	19,8%	37,9%
	Pais	Count	246	105	351
		% within Gerações	70,1%	29,9%	100,0%
		% of Total	25,1%	10,7%	35,8%
	Avós	Count	237	21	258
		% within Gerações	91,9%	8,1%	100,0%
		% of Total	24,2%	2,1%	26,3%
Total		Count	661	320	981
		% within Gerações	67,4%	32,6%	100,0%
		% of Total	67,4%	32,6%	100,0%

TESTES DE HIPÓTESES

Hipótese 1

Teste One-way ANOVA (teste Games-Howell) para a frequência de utilização dos *media*

Descriptives									
		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
						Lower Bound	Upper Bound		
Frequência de utilização da televisão	Filhos	435	1,11	,576	,028	1,05	1,16	1	7
	Pais	391	1,12	,683	,035	1,05	1,19	1	7
	Avós	306	1,10	,533	,030	1,04	1,16	1	7
	Total	1132	1,11	,604	,018	1,08	1,15	1	7
Frequência de utilização do computador	Filhos	434	1,45	,946	,045	1,36	1,54	1	7
	Pais	356	2,20	1,723	,091	2,02	2,38	1	7
	Avós	219	4,88	1,775	,120	4,64	5,12	1	7
	Total	1009	2,46	1,961	,062	2,34	2,58	1	7
Frequência de utilização da internet	Filhos	430	1,60	1,140	,055	1,49	1,70	1	7
	Pais	349	2,36	1,830	,098	2,17	2,56	1	7
	Avós	217	4,94	1,685	,114	4,72	5,17	1	7
	Total	996	2,59	2,001	,063	2,47	2,72	1	7
Frequência de utilização do telemóvel	Filhos	430	1,36	1,242	,060	1,25	1,48	1	7
	Pais	384	1,17	,767	,039	1,09	1,24	1	7
	Avós	265	2,62	2,208	,136	2,35	2,88	1	7
	Total	1079	1,60	1,536	,047	1,51	1,69	1	7

Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Frequência de utilização da televisão	,468	2	1129	,626
Frequência de utilização do computador	80,838	2	1006	,000
Frequência de utilização da internet	57,566	2	993	,000
Frequência de utilização do telemóvel	294,018	2	1076	,000

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Frequência de utilização da televisão	Between Groups	,069	2	,034	,094	,910
	Within Groups	412,683	1129	,366		
	Total	412,752	1131			
Frequência de utilização do computador	Between Groups	1746,851	2	873,426	412,921	,000
	Within Groups	2127,930	1006	2,115		
	Total	3874,781	1008			
Frequência de utilização da internet	Between Groups	1646,416	2	823,208	349,977	,000
	Within Groups	2335,712	993	2,352		
	Total	3982,129	995			
Frequência de utilização do telemóvel	Between Groups	369,362	2	184,681	91,428	,000
	Within Groups	2173,478	1076	2,020		
	Total	2542,840	1078			

Multiple Comparisons

Games-Howell

Dependent Variable	(I) Gerações	(J) Gerações	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Frequência de utilização da televisão	Filhos	Pais	-,015	,044	,941	-,12	,09
		Avós	,003	,041	,996	-,09	,10
	Pais	Filhos	,015	,044	,941	-,09	,12
		Avós	,018	,046	,918	-,09	,13
	Avós	Filhos	-,003	,041	,996	-,10	,09
		Pais	-,018	,046	,918	-,13	,09
Frequência de utilização do computador	Filhos	Pais	-,748*	,102	,000	-,99	-,51
		Avós	-3,427*	,128	,000	-3,73	-3,13
	Pais	Filhos	,748*	,102	,000	,51	,99
		Avós	-2,679*	,151	,000	-3,03	-2,32
	Avós	Filhos	3,427*	,128	,000	3,13	3,73
		Pais	2,679*	,151	,000	2,32	3,03
Frequência de utilização da internet	Filhos	Pais	-,769*	,112	,000	-1,03	-,50
		Avós	-3,349*	,127	,000	-3,65	-3,05

Frequência de utilização do telemóvel	Pais	Filhos	,769*	,112	,000	,50	1,03
		Avós	-2,581*	,151	,000	-2,93	-2,23
	Avós	Filhos	3,349*	,127	,000	3,05	3,65
		Pais	2,581*	,151	,000	2,23	2,93
	Filhos	Pais	,196*	,072	,017	,03	,36
		Avós	-1,252*	,148	,000	-1,60	-,90
	Pais	Filhos	-,196*	,072	,017	-,36	-,03
		Avós	-1,448*	,141	,000	-1,78	-1,12
	Avós	Filhos	1,252*	,148	,000	,90	1,60
		Pais	1,448*	,141	,000	1,12	1,78

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Teste One-way ANOVA (teste Post-Hoc Games-Howell) para o número médio de horas diárias de utilização dos *media*

Descriptives									
		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
						Lower Bound	Upper Bound		
Média de horas por dia de utilização da televisão	Filhos	437	4,33	1,272	,061	4,21	4,45	1	6
	Pais	394	4,67	,977	,049	4,57	4,76	1	6
	Avós	302	4,24	1,227	,071	4,10	4,38	1	6
	Total	1133	4,43	1,178	,035	4,36	4,49	1	6
Média de horas por dia de utilização do computador	Filhos	428	4,63	1,201	,058	4,52	4,75	1	6
	Pais	314	4,74	1,311	,074	4,60	4,89	1	6
	Avós	62	5,18	1,287	,163	4,85	5,50	1	6
	Total	804	4,72	1,258	,044	4,63	4,80	1	6
Média de horas por dia de utilização da internet	Filhos	417	4,68	1,194	,058	4,57	4,80	1	6
	Pais	297	5,12	1,141	,066	4,99	5,25	1	6
	Avós	57	5,39	1,031	,137	5,11	5,66	1	6
	Total	771	4,90	1,187	,043	4,82	4,99	1	6
Média de horas por dia de utilização do telemóvel	Filhos	416	3,81	2,044	,100	3,61	4,00	1	6
	Pais	368	5,08	1,559	,081	4,92	5,24	1	6
	Avós	173	5,35	1,336	,102	5,15	5,55	1	6
Total		957	4,57	1,879	,061	4,45	4,69	1	6

Test of Homogeneity of Variances				
	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
Média de horas por dia de utilização da televisão	19,950	2	1130	,000
Média de horas por dia de utilização do computador	5,217	2	801	,006
Média de horas por dia de utilização da internet	,950	2	768	,387

Média de horas por dia de utilização do telemóvel	86,022	2	954	,000
---	--------	---	-----	------

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Média de horas por dia de utilização da televisão	Between Groups	36,927	2	18,464	13,601	,000
	Within Groups	1534,020	1130	1,358		
	Total	1570,948	1132			
Média de horas por dia de utilização do computador	Between Groups	16,347	2	8,173	5,218	,006
	Within Groups	1254,562	801	1,566		
	Total	1270,909	803			
Média de horas por dia de utilização da internet	Between Groups	47,979	2	23,989	17,754	,000
	Within Groups	1037,725	768	1,351		
	Total	1085,704	770			
Média de horas por dia de utilização do telemóvel	Between Groups	440,381	2	220,190	71,604	,000
	Within Groups	2933,676	954	3,075		
	Total	3374,056	956			

Multiple Comparisons

Games-Howell

Dependent Variable	(I) Gerações	(J) Gerações	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Média de horas por dia de utilização da televisão	Filhos	Pais	-,333*	,078	,000	-,52	-,15
		Avós	,092	,093	,583	-,13	,31
	Pais	Filhos	,333*	,078	,000	,15	,52
		Avós	,426*	,086	,000	,22	,63
	Avós	Filhos	-,092	,093	,583	-,31	,13
		Pais	-,426*	,086	,000	-,63	-,22
Média de horas por dia de utilização do computador	Filhos	Pais	-,109	,094	,479	-,33	,11
		Avós	-,544*	,173	,007	-,96	-,13
	Pais	Filhos	,109	,094	,479	-,11	,33
		Avós	-,435*	,179	,045	-,86	-,01
	Avós	Filhos	,544*	,173	,007	,13	,96
		Pais	,435*	,179	,045	,01	,86
Média de horas por dia de utilização da internet	Filhos	Pais	-,440*	,088	,000	-,65	-,23
		Avós	-,705*	,149	,000	-1,06	-,35
	Pais	Filhos	,440*	,088	,000	,23	,65
		Avós	-,265	,152	,195	-,63	,10
	Avós	Filhos	,705*	,149	,000	,35	1,06
		Pais	,265	,152	,195	-,10	,63
	Filhos	Pais	-1,268*	,129	,000	-1,57	-,97

Média de horas por dia de utilização do telemóvel	Pais	Avós	-1,539*	,143	,000	-1,87	-1,20
		Filhos	1,268*	,129	,000	,97	1,57
	Avós	Avós	-,271	,130	,095	-,58	,04
		Filhos	1,539*	,143	,000	1,20	1,87
		Pais	-,271	,130	,095	-,04	,58

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

Hipótese 2
Teste de independência do Qui-quadrado

Case Processing Summary						
	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Contexto familiar * Gerações	1151	100,0%	0	0,0%	1151	100,0%
Contexto laboral r * Gerações	1151	100,0%	0	0,0%	1151	100,0%
Contexto lazer r * Gerações	1151	100,0%	0	0,0%	1151	100,0%

Contexto familiar * Gerações

Crosstab					
			Gerações		
			Filhos	Pais	Avós
Contexto familiar	0	Count	4	37	38
		Expected Count	30,3	27,5	21,2
		% within Gerações	0,9%	9,2%	12,3%
	1	Count	437	364	271
		Expected Count	410,7	373,5	287,8
		% within Gerações	99,1%	90,8%	87,7%
Total	Count		441	401	309
	Expected Count		441,0	401,0	309,0
	% within Gerações		100,0%	100,0%	100,0%

Chi-Square Tests						
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	42,255 ^a	2	,000	,000		
Likelihood Ratio	52,915	2	,000	,000		
Fisher's Exact Test	51,795			,000		
Linear-by-Linear Association	39,436 ^b	1	,000	,000	,000	,000

N of Valid Cases	1151					
------------------	------	--	--	--	--	--

- a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 21,21.
- b. The standardized statistic is -6,280.

Contexto laboral * Gerações

Crosstab						
			Gerações			Total
			Filhos	Pais	Avós	
Contexto laboral	0	Count	107	182	270	559
		Expected Count	214,2	194,8	150,1	559,0
		% within Gerações	24,3%	45,4%	87,4%	48,6%
	1	Count	334	219	39	592
		Expected Count	226,8	206,2	158,9	592,0
		% within Gerações	75,7%	54,6%	12,6%	51,4%
Total		Count	441	401	309	1151
		Expected Count	441,0	401,0	309,0	1151,0
		% within Gerações	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	292,243 ^a	2	,000	,000		
Likelihood Ratio	319,184	2	,000	,000		
Fisher's Exact Test	318,059			,000		
Linear-by-Linear Association	280,736 ^b	1	,000	,000	,000	,000
N of Valid Cases	1151					

- a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 150,07.
- b. The standardized statistic is -16,755.

Contexto lazer * Gerações

Crosstab						
			Gerações			Total
			Filhos	Pais	Avós	
Contexto lazer	0	Count	68	177	180	425
		Expected Count	162,8	148,1	114,1	425,0
		% within Gerações	15,4%	44,1%	58,3%	36,9%
	1	Count	373	224	129	726
		Expected Count	278,2	252,9	194,9	726,0

Total	% within Gerações	84,6%	55,9%	41,7%	63,1%
	Count	441	401	309	1151
	Expected Count	441,0	401,0	309,0	1151,0
	% within Gerações	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	156,881 ^a	2	,000	,000		
Likelihood Ratio	166,509	2	,000	,000		
Fisher's Exact Test	166,034			,000		
Linear-by-Linear Association	150,831 ^b	1	,000	,000	,000	,000
N of Valid Cases	1151					

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 114,10.

b. The standardized statistic is -12,281.

Hipótese 3

Teste de independência do Qui-quadrado

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Acesso a televisão * Situação profissional	939	81,6%	212	18,4%	1151	100,0%
Acesso a computador * Situação profissional	741	64,4%	410	35,6%	1151	100,0%
Acesso a internet * Situação profissional	714	62,0%	437	38,0%	1151	100,0%
Acesso a telemóvel * Situação profissional	834	72,5%	317	27,5%	1151	100,0%

Acesso a televisão * Situação profissional

Crosstabs

			Situação profissional						Total
			Empregado conta própria	Func. público/ Pessoal administrativo ou serviços	Agricultor/ Trabalhador familiar não remunerado/ Operário fabril	Desempregado	Estudante	Reformado/ Pré-reforma	
Acesso a televisão	Fácil	Count	37	63	20	24	211	84	439
		% within Acesso a televisão	8,4%	14,4%	4,6%	5,5%	48,1%	19,1%	100,0%
		Count	24	45	24	24	129	81	327

	Medianamente fácil	% within Acesso a televisão	7,3%	13,8%	7,3%	7,3%	39,4%	24,8%	100,0%
		Count	9	33	6	11	62	52	173
	Difícil	% within Acesso a televisão	5,2%	19,1%	3,5%	6,4%	35,8%	30,1%	100,0%
		Count	70	141	50	59	402	217	939
Total		% within Acesso a televisão	7,5%	15,0%	5,3%	6,3%	42,8%	23,1%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	21,923 ^a	10	,016
Likelihood Ratio	21,706	10	,017
Linear-by-Linear Association	,229	1	,633
N of Valid Cases	939		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,21.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,153	,016
	Cramer's V	,108	,016
N of Valid Cases		939	

Acesso a computador * Situação profissional

Crosstab

			Situação profissional						Total
			Empregado conta própria	Func. público/ Pessoal administrativo ou serviços	Agricultor/ Trabalhador familiar não remunerado/ Operário fabril	Desempregado	Estudante	Reformado/ Pré-reforma	
Acesso a computador	Count		19	41	12	11	166	15	264
	Fácil	% within Acesso a computador	7,2%	15,5%	4,5%	4,2%	62,9%	5,7%	100,0%
	Count		24	55	16	24	143	23	285
	Medianamente fácil	% within Acesso a computador	8,4%	19,3%	5,6%	8,4%	50,2%	8,1%	100,0%

	Difícil	Count	15	37	9	11	88	32	192
		% within Acesso a computador	7,8%	19,3%	4,7%	5,7%	45,8%	16,7%	100,0%
		Count	58	133	37	46	397	70	741
		% within Acesso a computador	7,8%	17,9%	5,0%	6,2%	53,6%	9,4%	100,0%
Total									

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	28,208 ^a	10	,002
Likelihood Ratio	26,852	10	,003
Linear-by-Linear Association	,533	1	,466
N of Valid Cases	741		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,59.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Phi	,195	,002
Cramer's V	,138	,002
N of Valid Cases	741	

Acesso a internet * Situação profissional

Crosstab

		Situação profissional						Total
		Empregado conta própria	Func. público/ Pessoal administrativo ou serviços	Agricultor/ Trabalhador familiar não remunerado/ Operário fabril	Desempregado	Estudante	Reformado/ Pré-reforma	
Acesso a internet	Fácil	Count	18	32	11	11	148	23
		% within Acesso a internet	7,6%	13,5%	4,6%	4,6%	62,4%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	23	60	15	20	128	27
		% within Acesso a internet	8,5%	22,2%	5,6%	7,4%	47,4%	100,0%
	Difícil	Count	15	41	8	8	108	20

Total	% within Acesso a internet	7,2%	19,8%	3,9%	3,9%	52,2%	13,0%	100,0%
	Count	56	133	34	39	384	68	714
	% within Acesso a internet	7,8%	18,6%	4,8%	5,5%	53,8%	9,5%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	19,114 ^a	10	,039
Likelihood Ratio	19,073	10	,039
Linear-by-Linear Association	,682	1	,409
N of Valid Cases	714		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,86.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Phi	,164	,039
Cramer's V	,116	,039
N of Valid Cases	714	

Acesso a telemóvel * Situação profissional

Crosstab

		Situação profissional						Total
		Empregado conta própria	Func. público/ Pessoal administrativo ou serviços	Agricultor/ Trabalhador familiar não remunerado/ Operário fabril	Desempregado	Estudante	Reformado/ Pré-reforma	
Acesso a telemóvel	Count	33	64	16	22	216	46	397
	Fácil % within Acesso a telemóvel	8,3%	16,1%	4,0%	5,5%	54,4%	11,6%	100,0%
	Count	27	52	24	25	111	59	298
	Medianamente fácil % within Acesso a telemóvel	9,1%	17,4%	8,1%	8,4%	37,2%	19,8%	100,0%
	Count	9	23	5	8	64	30	139
	Difícil							

Total	% within Acesso a telemóvel	6,5%	16,5%	3,6%	5,8%	46,0%	21,6%	100,0%
	Count	69	139	45	55	391	135	834
	% within Acesso a telemóvel	8,3%	16,7%	5,4%	6,6%	46,9%	16,2%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	30,135 ^a	10	,001
Likelihood Ratio	30,218	10	,001
Linear-by-Linear Association	,138	1	,710
N of Valid Cases	834		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 7,50.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Phi	,190	,001
Cramer's V	,134	,001
N of Valid Cases	834	

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Acesso a televisão * Escolaridade	1037	90,1%	114	9,9%	1151	100,0%
Acesso a computador * Escolaridade	817	71,0%	334	29,0%	1151	100,0%
Acesso a internet * Escolaridade	789	68,5%	362	31,5%	1151	100,0%
Acesso a telemóvel * Escolaridade	923	80,2%	228	19,8%	1151	100,0%

Acesso a televisão * Escolaridade

Crosstab

			Escolaridade						Total
			Analfabeto	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ensino secundário	Ensino superior	
Acesso a televisão	Fácil	Count	72	256	30	41	43	32	474
		% within Acesso a televisão	15,2%	54,0%	6,3%	8,6%	9,1%	6,8%	100,0%

	Medianamente fácil	Count	58	180	28	44	34	26	370
		% within Acesso a televisão	15,7%	48,6%	7,6%	11,9%	9,2%	7,0%	100,0%
	Difícil	Count	41	81	18	19	19	15	193
		% within Acesso a televisão	21,2%	42,0%	9,3%	9,8%	9,8%	7,8%	100,0%
Total		Count	171	517	76	104	96	73	1037
		% within Acesso a televisão	16,5%	49,9%	7,3%	10,0%	9,3%	7,0%	100,0%

Chi-Square Tests			
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	11,642 ^a	10	,310
Likelihood Ratio	11,443	10	,324
Linear-by-Linear Association	,408	1	,523
N of Valid Cases	1037		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 13,59.

Symmetric Measures			
		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,106	,310
	Cramer's V	,075	,310
	N of Valid Cases	1037	

Acesso a computador * Escolaridade

Crosstab									
			Escolaridade					Total	
			Analfabeto	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ensino secundário		Ensino superior
Acesso a computador	Fácil	Count	49	147	17	29	26	22	290
		% within Acesso a computador	16,9%	50,7%	5,9%	10,0%	9,0%	7,6%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	57	125	26	40	44	27	319
		% within Acesso a computador	17,9%	39,2%	8,2%	12,5%	13,8%	8,5%	100,0%
	Difícil	Count	30	90	17	25	23	23	208
		% within Acesso a computador	14,4%	43,3%	8,2%	12,0%	11,1%	11,1%	100,0%
	Total	Count	136	362	60	94	93	72	817
		% within Acesso a computador	16,6%	44,3%	7,3%	11,5%	11,4%	8,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	12,645 ^a	10	,244
Likelihood Ratio	12,641	10	,244
Linear-by-Linear Association	4,588	1	,032
N of Valid Cases	817		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 15,28.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Phi	,124	,244
Cramer's V	,088	,244
N of Valid Cases	817	

Acesso a internet * Escolaridade

Crosstab

		Escolaridade						Total
		Analfabeto	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ensino secundário	Ensino superior	
Acesso a internet	Fácil	Count	43	130	18	24	23	226
		% within Acesso a internet	16,5%	50,0%	6,9%	9,2%	8,8%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	45	123	21	39	45	303
		% within Acesso a internet	14,9%	40,6%	6,9%	12,9%	14,9%	100,0%
	Difícil	Count	44	94	18	27	23	226
		% within Acesso a internet	19,5%	41,6%	8,0%	11,9%	10,2%	100,0%
Total		Count	132	347	57	90	91	789
		% within Acesso a internet	16,7%	44,0%	7,2%	11,4%	11,5%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	12,055 ^a	10	,281
Likelihood Ratio	11,926	10	,290
Linear-by-Linear Association	,549	1	,459
N of Valid Cases	789		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 16,33.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,124	,281
	Cramer's V	,087	,281
N of Valid Cases		789	

Acesso a telemóvel * Escolaridade

Crosstab

			Escolaridade						Total
			Analfabeto	1º ciclo	2º ciclo	3º ciclo	Ensino secundário	Ensino superior	
Acesso a telemóvel	Fácil	Count	65	217	28	45	40	31	426
		% within Acesso a telemóvel	15,3%	50,9%	6,6%	10,6%	9,4%	7,3%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	44	149	32	44	41	30	340
		% within Acesso a telemóvel	12,9%	43,8%	9,4%	12,9%	12,1%	8,8%	100,0%
	Difícil	Count	26	79	13	12	14	13	157
		% within Acesso a telemóvel	16,6%	50,3%	8,3%	7,6%	8,9%	8,3%	100,0%
Total	Count	135	445	73	101	95	74	923	
	% within Acesso a telemóvel	14,6%	48,2%	7,9%	10,9%	10,3%	8,0%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	10,393 ^a	10	,407
Likelihood Ratio	10,521	10	,396
Linear-by-Linear Association	,288	1	,592
N of Valid Cases	923		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 12,42.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,106	,407
	Cramer's V	,075	,407
N of Valid Cases		923	

Case Processing Summary

	Cases		
	Valid	Missing	Total

	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Acesso a televisão * Sexo	1030	89,5%	121	10,5%	1151	100,0%
Acesso a computador * Sexo	810	70,4%	341	29,6%	1151	100,0%
Acesso a internet * Sexo	784	68,1%	367	31,9%	1151	100,0%
Acesso a telemóvel * Sexo	916	79,6%	235	20,4%	1151	100,0%

Acesso a televisão * Sexo

Crosstab

			Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Acesso a televisão	Fácil	Count	141	322	463
		% within Acesso a televisão	30,5%	69,5%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	137	236	373
		% within Acesso a televisão	36,7%	63,3%	100,0%
	Difícil	Count	64	130	194
		% within Acesso a televisão	33,0%	67,0%	100,0%
	Total	Count	342	688	1030
		% within Acesso a televisão	33,2%	66,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	3,673 ^a	2	,159
Likelihood Ratio	3,662	2	,160
Linear-by-Linear Association	1,165	1	,280
N of Valid Cases	1030		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 64,42.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,060	,159
	Cramer's V	,060	,159
N of Valid Cases		1030	

Acesso a computador * Sexo

Crosstab

			Sexo	Total
--	--	--	------	-------

			Masculino	Feminino	
Acesso a computador	Fácil	Count	95	187	282
		% within Acesso a computador	33,7%	66,3%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	120	197	317
		% within Acesso a computador	37,9%	62,1%	100,0%
	Difícil	Count	77	134	211
		% within Acesso a computador	36,5%	63,5%	100,0%
Total	Count		292	518	810
	% within Acesso a computador		36,0%	64,0%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,148 ^a	2	,563
Likelihood Ratio	1,152	2	,562
Linear-by-Linear Association	,513	1	,474
N of Valid Cases	810		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 76,06.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,038	,563
	Cramer's V	,038	,563
N of Valid Cases		810	

Acesso a internet * Sexo

Crosstab

			Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Acesso a internet	Fácil	Count	85	167	252
		% within Acesso a internet	33,7%	66,3%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	109	192	301
		% within Acesso a internet	36,2%	63,8%	100,0%
	Difícil	Count	94	137	231
		% within Acesso a internet	40,7%	59,3%	100,0%
Total	Count		288	496	784
	% within Acesso a internet		36,7%	63,3%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,571 ^a	2	,276
Likelihood Ratio	2,562	2	,278
Linear-by-Linear Association	2,489	1	,115
N of Valid Cases	784		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 84,86.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Phi	,057	,276
Cramer's V	,057	,276
N of Valid Cases	784	

Acesso a telemóvel * Sexo

Crosstab

			Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Acesso a telemóvel	Fácil	Count	138	281	419
		% within Acesso a telemóvel	32,9%	67,1%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	125	213	338
		% within Acesso a telemóvel	37,0%	63,0%	100,0%
	Difícil	Count	52	107	159
		% within Acesso a telemóvel	32,7%	67,3%	100,0%
Total	Count		315	601	916
	% within Acesso a telemóvel		34,4%	65,6%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,600 ^a	2	,449
Likelihood Ratio	1,593	2	,451
Linear-by-Linear Association	,102	1	,749
N of Valid Cases	916		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 54,68.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,042	,449
	Cramer's V	,042	,449
N of Valid Cases		916	

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Acesso a televisão * Escalões etários	994	86,4%	157	13,6%	1151	100,0%
Acesso a computador * Escalões etários	789	68,5%	362	31,5%	1151	100,0%
Acesso a internet * Escalões etários	763	66,3%	388	33,7%	1151	100,0%
Acesso a telemóvel * Escalões etários	892	77,5%	259	22,5%	1151	100,0%

Acesso a televisão * Escalões etários

Crosstab

			Escalões etários						Total	
			11 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 a 80		81 a 100
			anos	anos	anos	anos	anos	anos		anos
Acesso a televisão	Fácil	Count	208	41	87	28	39	46	10	459
		% within Acesso a televisão	45,3%	8,9%	19,0%	6,1%	8,5%	10,0%	2,2%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	124	41	84	22	31	35	14	351
		% within Acesso a televisão	35,3%	11,7%	23,9%	6,3%	8,8%	10,0%	4,0%	100,0%
	Difícil	Count	59	20	38	9	19	30	9	184
		% within Acesso a televisão	32,1%	10,9%	20,7%	4,9%	10,3%	16,3%	4,9%	100,0%
	Total	Count	391	102	209	59	89	111	33	994
		% within Acesso a televisão	39,3%	10,3%	21,0%	5,9%	9,0%	11,2%	3,3%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2- sided)
Pearson Chi-Square	21,886 ^a	12	,039
Likelihood Ratio	21,427	12	,044
Linear-by-Linear Association	12,178	1	,000

N of Valid Cases	994		
------------------	-----	--	--

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 6,11.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,148	,039
	Cramer's V	,105	,039
N of Valid Cases		994	

Acesso a computador * Escalões etários

Crosstab

			Escalões etários							Total
			11 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 60 anos	61 a 70 anos	71 a 80 anos	81 a 100 anos	
Acesso a computador	Fácil	Count	164	19	59	19	9	8	2	280
		% within Acesso a computador	58,6%	6,8%	21,1%	6,8%	3,2%	2,9%	0,7%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	137	45	83	18	13	12	0	308
		% within Acesso a computador	44,5%	14,6%	26,9%	5,8%	4,2%	3,9%	0,0%	100,0%
	Difícil	Count	84	27	49	8	14	15	4	201
		% within Acesso a computador	41,8%	13,4%	24,4%	4,0%	7,0%	7,5%	2,0%	100,0%
Total	Count	385	91	191	45	36	35	6	789	
	% within Acesso a computador	48,8%	11,5%	24,2%	5,7%	4,6%	4,4%	0,8%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	37,048 ^a	12	,000
Likelihood Ratio	38,092	12	,000
Linear-by-Linear Association	13,335	1	,000
N of Valid Cases	789		

a. 3 cells (14,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,53.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
--	-------	--------------

Nominal by Nominal	Phi	,217	,000
	Cramer's V	,153	,000
N of Valid Cases		789	

Acesso a internet * Escalões etários

Crosstab										
			Escalões etários						Total	
			11 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 60 anos	61 a 70 anos	71 a 80 anos	81 a 100 anos	
Acesso a internet	Fácil	Count	147	14	55	16	9	9	2	252
		% within Acesso a internet	58,3%	5,6%	21,8%	6,3%	3,6%	3,6%	0,8%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	124	43	81	19	12	11	1	291
		% within Acesso a internet	42,6%	14,8%	27,8%	6,5%	4,1%	3,8%	0,3%	100,0%
	Difícil	Count	101	30	51	7	15	13	3	220
		% within Acesso a internet	45,9%	13,6%	23,2%	3,2%	6,8%	5,9%	1,4%	100,0%
Total		Count	372	87	187	42	36	33	6	763
		% within Acesso a internet	48,8%	11,4%	24,5%	5,5%	4,7%	4,3%	0,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	30,475 ^a	12	,002
Likelihood Ratio	31,839	12	,001
Linear-by-Linear Association	4,702	1	,030
N of Valid Cases	763		

a. 3 cells (14,3%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,73.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,200	,002
	Cramer's V	,141	,002

N of Valid Cases

763

Acesso a telemóvel * Escalões etários

Crosstab

			Escalões etários							Total
			11 a 30	31 a 40	41 a 50	51 a 60	61 a 70	71 a 80	81 a 100	
			anos	anos	anos	anos	anos	anos	anos	
Acesso a telemóvel	Fácil	Count	211	42	85	25	22	21	7	413
		% within Acesso a telemóvel	51,1%	10,2%	20,6%	6,1%	5,3%	5,1%	1,7%	100,0%
	Medianamente fácil	Count	107	44	91	21	34	26	5	328
		% within Acesso a telemóvel	32,6%	13,4%	27,7%	6,4%	10,4%	7,9%	1,5%	100,0%
	Difícil	Count	62	14	31	9	19	15	1	151
		% within Acesso a telemóvel	41,1%	9,3%	20,5%	6,0%	12,6%	9,9%	0,7%	100,0%
Total	Count		380	100	207	55	75	62	13	892
	% within Acesso a telemóvel		42,6%	11,2%	23,2%	6,2%	8,4%	7,0%	1,5%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2- sided)
Pearson Chi-Square	36,281 ^a	12	,000
Likelihood Ratio	36,703	12	,000
Linear-by-Linear Association	13,986	1	,000
N of Valid Cases	892		

a. 2 cells (9,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,20.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,202	,000
	Cramer's V	,143	,000
N of Valid Cases		892	

Hipótese 4

Teste de independência do Qui-quadrado

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Gerações * Relações sociais mais presenciais	1079	93,7%	72	6,3%	1151	100,0%
Gerações * Relações sociais mais virtuais	1080	93,8%	71	6,2%	1151	100,0%
Gerações * Relações sociais iguais ao passado	1080	93,8%	71	6,2%	1151	100,0%
Gerações * Relações sociais iguais ao passado e melhores	1080	93,8%	71	6,2%	1151	100,0%
Gerações * Relações sociais iguais ao passado e piores	1079	93,7%	72	6,3%	1151	100,0%

Gerações * Relações sociais mais presenciais

Crosstab					
			Relações sociais mais presenciais		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	333	89	422
		% within Gerações	78,9%	21,1%	100,0%
	Pais	Count	341	37	378
		% within Gerações	90,2%	9,8%	100,0%
	Avós	Count	252	27	279
		% within Gerações	90,3%	9,7%	100,0%
Total	Count		926	153	1079
	% within Gerações		85,8%	14,2%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	27,197 ^a	2	,000
Likelihood Ratio	26,504	2	,000
Linear-by-Linear Association	20,954	1	,000
N of Valid Cases	1079		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 39,56.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,159	,000
	Cramer's V	,159	,000
N of Valid Cases		1079	

Gerações * Relações sociais mais virtuais

Crosstab

			Relações sociais mais virtuais		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	125	297	422
		% within Gerações	29,6%	70,4%	100,0%
	Pais	Count	142	236	378
		% within Gerações	37,6%	62,4%	100,0%
	Avós	Count	150	130	280
		% within Gerações	53,6%	46,4%	100,0%
	Total	Count	417	663	1080
		% within Gerações	38,6%	61,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	41,002 ^a	2	,000
Likelihood Ratio	40,711	2	,000
Linear-by-Linear Association	39,307	1	,000
N of Valid Cases	1080		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 108,11.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,195	,000
	Cramer's V	,195	,000
	N of Valid Cases	1080	

Gerações * Relações sociais iguais ao passado

Crosstab

			Relações sociais iguais ao passado		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	390	32	422
		% within Gerações	92,4%	7,6%	100,0%
	Pais	Count	347	31	378
		% within Gerações	91,8%	8,2%	100,0%
	Avós	Count	250	30	280
		% within Gerações	89,3%	10,7%	100,0%
	Total	Count	987	93	1080
		% within Gerações	91,4%	8,6%	100,0%

Total	Count	987	93	1080
	% within Gerações	91,4%	8,6%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,221 ^a	2	,329
Likelihood Ratio	2,141	2	,343
Linear-by-Linear Association	1,943	1	,163
N of Valid Cases	1080		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 24,11.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal Phi	,045	,329
Cramer's V	,045	,329
N of Valid Cases	1080	

Gerações * Relações sociais diferentes do passado e melhores

Crosstab

			Relações sociais diferentes do passado e melhores		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	271	151	422
		% within Gerações	64,2%	35,8%	100,0%
	Pais	Count	285	93	378
		% within Gerações	75,4%	24,6%	100,0%
	Avós	Count	218	62	280
		% within Gerações	77,9%	22,1%	100,0%
	Total	Count	774	306	1080
		% within Gerações	71,7%	28,3%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	19,405 ^a	2	,000
Likelihood Ratio	19,227	2	,000
Linear-by-Linear Association	17,124	1	,000
N of Valid Cases	1080		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 79,33.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,134	,000
	Cramer's V	,134	,000
N of Valid Cases		1080	

Gerações * Relações sociais diferentes do passado e piores

Crosstab

			Relações sociais diferentes do passado e piores		Total
			Não	Sim	
Gerações	Filhos	Count	278	143	421
		% within Gerações	66,0%	34,0%	100,0%
	Pais	Count	220	158	378
		% within Gerações	58,2%	41,8%	100,0%
	Avós	Count	129	151	280
		% within Gerações	46,1%	53,9%	100,0%
	Total	Count	627	452	1079
		% within Gerações	58,1%	41,9%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	27,529 ^a	2	,000
Likelihood Ratio	27,501	2	,000
Linear-by-Linear Association	27,045	1	,000
N of Valid Cases	1079		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 117,29.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,160	,000
	Cramer's V	,160	,000
N of Valid Cases		1079	

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Gerações * Relações de avós com netos	1099	95,5%	52	4,5%	1151	100,0%
Gerações * Relações de pais com filhos	1105	96,0%	46	4,0%	1151	100,0%
Gerações * Relações entre irmãos	1084	94,2%	67	5,8%	1151	100,0%

Gerações * Relações de avós com netos

Crosstab

		Relações de avós com netos						Total	
		Mais próximas	Próximas	Iguais ao que eram antes do uso dos <i>media</i>	Distantes	Mais distantes	Não tenho opinião		
Gerações	Filhos	Count	67	70	208	34	15	33	427
		% within Gerações	15,7%	16,4%	48,7%	8,0%	3,5%	7,7%	100,0%
	Pais	Count	77	83	142	21	26	32	381
		% within Gerações	20,2%	21,8%	37,3%	5,5%	6,8%	8,4%	100,0%
	Avós	Count	54	50	90	24	22	51	291
		% within Gerações	18,6%	17,2%	30,9%	8,2%	7,6%	17,5%	100,0%
Total		Count	198	203	440	79	63	116	1099
		% within Gerações	18,0%	18,5%	40,0%	7,2%	5,7%	10,6%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	47,421 ^a	10	,000
Likelihood Ratio	46,081	10	,000
Linear-by-Linear Association	6,391	1	,011
N of Valid Cases	1099		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 16,68.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,208	,000
	Cramer's V	,147	,000
N of Valid Cases		1099	

Gerações * Relações de pais com filhos

Crosstab

			Relações de pais com filhos						Total
			Mais próximas	Próximas	Iguais ao que eram antes do uso dos <i>media</i>	Distantes	Mais distantes	Não tenho opinião	
Gerações	Filhos	Count	99	95	166	28	17	26	431
		% within Gerações	23,0%	22,0%	38,5%	6,5%	3,9%	6,0%	100,0%
	Pais	Count	113	77	115	42	19	23	389
		% within Gerações	29,0%	19,8%	29,6%	10,8%	4,9%	5,9%	100,0%
	Avós	Count	55	61	79	27	15	48	285
		% within Gerações	19,3%	21,4%	27,7%	9,5%	5,3%	16,8%	100,0%
	Total	Count	267	233	360	97	51	97	1105
		% within Gerações	24,2%	21,1%	32,6%	8,8%	4,6%	8,8%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	48,922 ^a	10	,000
Likelihood Ratio	45,343	10	,000
Linear-by-Linear Association	14,118	1	,000
N of Valid Cases	1105		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 13,15.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,210	,000
	Cramer's V	,149	,000
N of Valid Cases		1105	

Gerações * Relações entre irmãos

Crosstab

			Relações entre irmãos					Total	
			Mais próximas	Próximas	Iguais ao que eram antes do uso dos <i>media</i>	Distantes	Mais distantes		Não tenho opinião
Gerações	Filhos	Count	104	107	148	13	8	39	419

	% within Gerações	24,8%	25,5%	35,3%	3,1%	1,9%	9,3%	100,0%
	Count	104	91	117	26	16	30	384
Pais	% within Gerações	27,1%	23,7%	30,5%	6,8%	4,2%	7,8%	100,0%
	Count	56	62	79	18	11	55	281
Avós	% within Gerações	19,9%	22,1%	28,1%	6,4%	3,9%	19,6%	100,0%
	Count	264	260	344	57	35	124	1084
Total	% within Gerações	24,4%	24,0%	31,7%	5,3%	3,2%	11,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	39,514 ^a	10	,000
Likelihood Ratio	38,142	10	,000
Linear-by-Linear Association	16,565	1	,000
N of Valid Cases	1084		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,07.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,191
	Cramer's V	,135
N of Valid Cases	1084	

Hipótese 5

Teste de independência do Qui-quadrado

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Gerações * O facto de ter computador portátil faz com que traga muitas vezes trabalho para casa	1092	94,9%	59	5,1%	1151	100,0%
Gerações * Respondo a emails pessoais no trabalho	1090	94,7%	61	5,3%	1151	100,0%
Gerações * Acedo a redes sociais no trabalho	1088	94,5%	63	5,5%	1151	100,0%
Gerações * Vejo televisão no trabalho	1089	94,6%	62	5,4%	1151	100,0%
Gerações * Quando vou de férias vejo informação sobre o trabalho na internet	1095	95,1%	56	4,9%	1151	100,0%
Gerações * Quando estou a trabalhar interrompo o que estiver a fazer para atender o telemóvel	1091	94,8%	60	5,2%	1151	100,0%

Gerações * O facto de ter computador portátil faz com que traga muitas vezes trabalho para casa

Crosstab

			O facto de ter computador portátil faz com que traga muitas vezes trabalho para casa							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Gerações	Filhos	Count	50	79	132	83	10	56	19	429
		% within Gerações	11,7%	18,4%	30,8%	19,3%	2,3%	13,1%	4,4%	100,0%
	Pais	Count	29	51	82	38	9	150	19	378
		% within Gerações	7,7%	13,5%	21,7%	10,1%	2,4%	39,7%	5,0%	100,0%
	Avós	Count	2	10	25	16	15	183	34	285
		% within Gerações	0,7%	3,5%	8,8%	5,6%	5,3%	64,2%	11,9%	100,0%
	Total	Count	81	140	239	137	34	389	72	1092
		% within Gerações	7,4%	12,8%	21,9%	12,5%	3,1%	35,6%	6,6%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	275,070 ^a	12	,000
Likelihood Ratio	301,918	12	,000
Linear-by-Linear Association	224,825	1	,000
N of Valid Cases	1092		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,87.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,502	,000
	Cramer's V	,355	,000
	N of Valid Cases	1092	

Gerações * Respondo a emails pessoais no trabalho

Crosstab

		Respondo a emails pessoais no trabalho							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Gerações	Count	29	75	136	88	11	73	18	430
	% within Gerações	6,7%	17,4%	31,6%	20,5%	2,6%	17,0%	4,2%	100,0%
	Pais	Count	11	60	69	53	7	154	21

Total	Avós	% within Gerações	2,9%	16,0%	18,4%	14,1%	1,9%	41,1%	5,6%	100,0%
		Count	6	5	21	17	14	187	35	285
		% within Gerações	2,1%	1,8%	7,4%	6,0%	4,9%	65,6%	12,3%	100,0%
		Count	46	140	226	158	32	414	74	1090
	Filhos	% within Gerações	4,2%	12,8%	20,7%	14,5%	2,9%	38,0%	6,8%	100,0%
		Count	46	140	226	158	32	414	74	1090
		% within Gerações	4,2%	12,8%	20,7%	14,5%	2,9%	38,0%	6,8%	100,0%
		Count	46	140	226	158	32	414	74	1090

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	254,700 ^a	12	,000
Likelihood Ratio	277,941	12	,000
Linear-by-Linear Association	204,467	1	,000
N of Valid Cases	1090		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 8,37.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal		
Phi	,483	,000
Cramer's V	,342	,000
N of Valid Cases	1090	

Gerações * Acedo a redes sociais no trabalho

Crosstab

			Acedo a redes sociais no trabalho							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Gerações	Filhos	Count	48	125	114	75	6	44	17	429
		% within Gerações	11,2%	29,1%	26,6%	17,5%	1,4%	10,3%	4,0%	100,0%
	Pais	Count	6	27	73	71	18	161	18	374
		% within Gerações	1,6%	7,2%	19,5%	19,0%	4,8%	43,0%	4,8%	100,0%
	Avós	Count	4	7	19	19	15	186	35	285
		% within Gerações	1,4%	2,5%	6,7%	6,7%	5,3%	65,3%	12,3%	100,0%
	Total	Count	58	159	206	165	39	391	70	1088
		% within Gerações	5,3%	14,6%	18,9%	15,2%	3,6%	35,9%	6,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	387,445 ^a	12	,000

Likelihood Ratio	418,499	12	,000
Linear-by-Linear Association	326,449	1	,000
N of Valid Cases	1088		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 10,22.

Symmetric Measures			
		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,597	,000
	Cramer's V	,422	,000
N of Valid Cases		1088	

Gerações * Vejo televisão no trabalho

Crosstab										
			Vejo televisão no trabalho						Total	
			CT	C	D	DT	NO	NA		NS/NR
Gerações	Filhos	Count	8	46	151	126	5	72	21	429
		% within Gerações	1,9%	10,7%	35,2%	29,4%	1,2%	16,8%	4,9%	100,0%
	Pais	Count	3	30	79	87	18	144	15	376
		% within Gerações	0,8%	8,0%	21,0%	23,1%	4,8%	38,3%	4,0%	100,0%
	Avós	Count	5	11	19	18	18	179	34	284
		% within Gerações	1,8%	3,9%	6,7%	6,3%	6,3%	63,0%	12,0%	100,0%
	Total	Count	16	87	249	231	41	395	70	1089
		% within Gerações	1,5%	8,0%	22,9%	21,2%	3,8%	36,3%	6,4%	100,0%

Chi-Square Tests			
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	250,912 ^a	12	,000
Likelihood Ratio	271,585	12	,000
Linear-by-Linear Association	177,994	1	,000
N of Valid Cases	1089		

a. 1 cells (4,8%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 4,17.

Symmetric Measures			
		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,480	,000
	Cramer's V	,339	,000

N of Valid Cases

1089

Gerações * Quando vou de férias vejo informação sobre o trabalho na internet

Crosstab

			Quando vou de férias vejo informação sobre o trabalho na internet							Total
			CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	
Gerações	Filhos	Count	43	133	102	86	10	45	14	433
		% within Gerações	9,9%	30,7%	23,6%	19,9%	2,3%	10,4%	3,2%	100,0%
	Pais	Count	16	63	70	57	14	142	15	377
		% within Gerações	4,2%	16,7%	18,6%	15,1%	3,7%	37,7%	4,0%	100,0%
	Avós	Count	7	6	18	17	17	185	35	285
		% within Gerações	2,5%	2,1%	6,3%	6,0%	6,0%	64,9%	12,3%	100,0%
Total	Count	66	202	190	160	41	372	64	1095	
	% within Gerações	6,0%	18,4%	17,4%	14,6%	3,7%	34,0%	5,8%	100,0%	

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	335,238 ^a	12	,000
Likelihood Ratio	370,029	12	,000
Linear-by-Linear Association	288,199	1	,000
N of Valid Cases	1095		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 10,67.

Symmetric Measures

		Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal	Phi	,553	,000
	Cramer's V	,391	,000
N of Valid Cases		1095	

Gerações * Quando estou a trabalhar interrompo o que estiver a fazer para atender o telemóvel

Crosstab

		Quando estou a trabalhar interrompo o que estiver a fazer para atender o telemóvel							Total
		CT	C	D	DT	NO	NA	NS/NR	

Gerações	Filhos	Count	19	57	140	140	11	46	18	431
		% within Gerações	4,4%	13,2%	32,5%	32,5%	2,6%	10,7%	4,2%	100,0%
	Pais	Count	20	80	89	59	18	92	17	375
		% within Gerações	5,3%	21,3%	23,7%	15,7%	4,8%	24,5%	4,5%	100,0%
	Avós	Count	5	30	18	18	14	165	35	285
		% within Gerações	1,8%	10,5%	6,3%	6,3%	4,9%	57,9%	12,3%	100,0%
	Total	Count	44	167	247	217	43	303	70	1091
		% within Gerações	4,0%	15,3%	22,6%	19,9%	3,9%	27,8%	6,4%	100,0%

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	300,089 ^a	12	,000
Likelihood Ratio	305,591	12	,000
Linear-by-Linear Association	138,159	1	,000
N of Valid Cases	1091		

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 11,23.

Symmetric Measures

	Value	Approx. Sig.
Nominal by Nominal		
Phi	,524	,000
Cramer's V	,371	,000
N of Valid Cases	1091	